

# INDICE

## DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXII PARTE PRIMEIRA.

### PRIMEIRO TRIMESTRE

	PAG.
DOCUMENTOS relativos á Colonia do Sacramento, Montevideo, Buenos-Ayres, e prisão de fabricantes de moeda falsa, etc. (Extrahidos do Archivo Publico).....	5
NOBILIARCHIA PAULISTANA. — Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligida pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme.....	173
BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc. D. Antonio Filippe Camarão, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.....	201

### SEGUNDO TRIMESTRE

NOBILIARCHIA PAULISTANA. — Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligida pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme (continuada da pag. 200).....	209
CORRESPONDENCIA official do vice-rei Luiz de Vasconcellos ácerca da conjuração que teve lugar na capitania de Minas Geraes no anno de 1789 (Extrahida do Archivo Publico)....	263
CORRESPONDENCIA official do vice-rei conde de Rezende com a corte de Lisboa ácerca de um projecto de revolução (Extrahida do Archivo Publico).....	283
CORRESPONDENCIA official do vice-rei conde de Rezende com a corte de Lisboa ácerca da deymassa que mandou proceder contra o bacharel Marianno José Pereira da Fonseca (marquez de Maricá), Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e outros (Extrahida do Archivo Publico).....	291
CORRESPONDENCIA official do vice-rei conde de Rezende com a corte de Portugal, ácerca da frequencia no porto do Rio	

# INDICE

## DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIII PARTE PRIMEIRA

### PRIMEIRO TRIMESTRE.

	Pag.
NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, (continuada da pag. 261 do 2º trimestre do tomo XXXII, parte primeira).....	5
MEMORIA sobre a questão: 1º se convém ao Brasil vender madeiras de construcção ás nações estrangeiras: 2º se no Brasil ha abundancia das suas madeiras preciosas de construcção, que possam vender-se sem damno, ou falta das mesmas para a nossa marinha real e mercante....	113
FUNDAÇÃO da casa da moeda da Bahia.....	123
MAPPA DA POPULAÇÃO da côrte e provincia do Rio de Janeiro em 1821.....	135
BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres, por armas, letras, virtudes, etc. Fr. Francisco de Monte-Alverne, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.....	143

### SEGUNDO TRIMESTRE.

NOBILIARCHIA, PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, (continuação da pag. 112 do 1º trimestre).....	157
---	-----



# INDICE

## DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIII PARTE SEGUNDA

### TERCEIRO TRIMESTRE

O COMBATE DA ILHA DO CABRITA. Memoria lida no Instituto Historico, em sessão de 8 de Outubro de 1869, pelo Dr. Moreira de Azevedo.....	5
NOTICIA acerca da introdução da arte lithographica e do estado de perfeição em que se acha a cartographia no Imperio do Brasil, lida no Instituto Historico e Geographico, em Setembro de 1869, pelo Bacharel Pedro Torquato Xavier de Brito.....	21
NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques da Almeida Paes Leme (continuada da pag. 157, 2º trimestre, tomo XXXIII, parte primeira).	
TITULO DOS ANTAS MORAES da capitania de S. Paulo...	27
COPIA FIEL DO TITULO DE LARAS.....	37
PRADOS.....	80
BREVES CONSIDERAÇÕES acerca de alguns documentos trazidos do Paraguay, pelo Dr. João Ribeiro de Almeida.....	186
BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.	
MANOEL DA CUNHA, pelo Dr. Moreira de Azevedo.....	206

### QUARTO TRIMESTRE

APONTAMENTOS DIPLOMATICOS sobre os limites do Brasil, por Ernesto Ferreira França Filho.....	213
OS PADRES DO PATROCINIO, ou o Porto Real de Itú. Estudo historico, lido em sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 9 de Outubro de 1868, pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.....	237
NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo ; colligidas pelas infatigaveis diligencias	

do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme (continuado da pag. 485).	
COSTAS CABRAES .....	449
MESQUITAS.....	465
PENTEADOS .....	270
ALVARENGAS MONTEIROS.....	291
BIOGRAPHIA dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc.	
JOÃO CAETANO DOS SANTOS, pelo Dr. Moreira de Azevedo	337
ACTAS DAS SESSÕES em 1870.....	359
PARECERES de comissões ou commissarios especiaes	
PARECERES de admissão de socios.....	403
PARECER acerca do plano para a formação do Diccio- nario historico e geographico da provincia do Ma- ranhão.....	408
PARECER da commissão de fundos e orçamento.....	410
SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA do Instituto Historico e Geographico Brasileiro no dia 15 de Dezembro de 1870	
discurso de presidente o Sr. visconde de Sapucahy...	415
RELATORIO do segundo secretario o Sr. Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.....	419
discurso do orador o Sr. Dr. Alfredo d'Escagnolle Taunay.....	437
MANUSCRITOS offerecidos ao Instituto durante o anno de 1870	461
RELATORIOS e documentos remetidos ao Instituto pelas se- cretarias de Estado durante o anno de 1870.....	462
OBRAS E DOCUMENTOS offerecidos por diversas pessoas ao Instituto durante o anno de 1870.....	468
MEMBROS admitidos ao gremio do Instituto durante o anno de 1870.....	481

### ERRATA

Da pag. 238 até 268 numerou-se por engano 138 até 168.

# **INDICE**

## **DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIV, PARTE PRIMEIRA**

### **PRIMEIRO TRIMESTRE**

	Pag.
NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme ( <i>continuada da pag. 335 do tomo XXXIII, parte segunda</i> ).	
PIRES.....	5
APFONSOS GATAS.....	67
O CONSELHEIRO DR. CLAUDIO LUIS DA COSTA. Esboço biographico lido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sessão de 5 de Maio de 1871 pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.....	117

### **SEGUNDO TRIMESTRE**

NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, ( <i>continuada do primeiro trimestre, pag. 115</i> ).	
CHASSINS.....	141
CAMPOS.....	182
MEMORIA sobre a capitania do Ceará, por Luiz Barba Alardo de Menezes. ( <i>Copia d'un documento existente no Archivo Publico</i> ).....	255
NOTICIA ETHNOLOGICA sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, hem como o seu interior antes do diluvio universal, pelo Dr. Carlos Rath.....	287
BIOGRAPHIA dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc.	
Fr. José da Costa Azevedo, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.....	293
Barão d'Ayuruoca, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.....	299

# INDICE

## DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIV PARTE SEGUNDA

### TERCEIRO TRIMESTRE

	PAG.
NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme (continuada do tomo XXXIV, parte primeira, pag. 253)...	5
APONTAMENTOS para a historia dos jesuitas, extrahidos dos chronistas da companhia de Jesus, pelo Dr. Antonio Henriques Leal.....	57
DISCUSSÃO HISTORICA. O que se deve pensar do systema de colonisação adoptado pelos portuguezes para povoar o Brasil? Ponto desenvolvido em sessão de 16 de Junho de 1874 pelo socio effectivo F. L. M. Homem de Mello.....	102
DISCUSSÃO HISTORICA. O que se deve pensar do systema de colonisação seguido pelos portuguezes no Brasil? Ponto desenvolvido em sessão de 14 de Julho de 1874 pelo socio effectivo J. C. Fernandes Pinheiro.....	113
BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.	
FR. JOSÉ DA COSTA AZEVEDO, por J. C. Fernandes Pinheiro.....	123

### QUARTO TRIMESTRE

NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme (continuada do terceiro trimestre, pag. 46).....	129
APONTAMENTOS para a historia dos jesuitas no Brasil, extrahidos dos chronistas da companhia de Jesus, pelo Dr. Antonio Henriques Leal (continuada do terceiro trimestre, pag. 101).....	195

# INDICE

## DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXV PARTE PRIMEIRA

### PRIMEIRO TRIMESTRE

NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques d'Almeida Paes Leme ( <i>continuada da pag. 194 do tomo XXXIV, parte segunda.</i> )	
LEMES. ....	5
REGISTRO dos autos da erecção da real villa de Montemór o Novo, da America, na capitania do Ceará Grande. ....	133
AVISO acompanhando uma copia da Promemoria feita ao conde da Ega, pelo padre Ignacio dos Santos Meirelles, sobre a abobada subterranea do collegio dos jesuitas no Rio de Janeiro, em 1801 ( <i>Copia do Archivo Publico</i> )...	198
RELAÇÃO das instrucções e ordens que se expediram ao Conde da Canha ( <i>Copia do Archivo Publico</i> ). ....	242

### SEGUNDO TRIMESTRE

NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques d'Almeida Paes Leme ( <i>Continuada do 1.º trimestre pag. 132</i> )	
Continuação da familia—PAES LEME. ....	243
ITINERARIO da provincia do Maranhão, por Antonio Bernardino Pereira do Lago, coronel do real corpo de Engenheiros. Começado em Janeiro de 1820. ....	385
ALGUNS APONTAMENTOS da viagem feita por terra d'esta corte á cidade do Cuyabá, por João Vito Vieira de Carvalho	423

# INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXV

## PARTE SEGUNDA

### TERCEIRO TRIMESTRE

NOBILIARCHIA PAULISTANA. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme (*continuada do 2º trimestre pag. 384. Conclusão*)

PÁG.

Bicudos, Carneiros, Mendonças.....	5
Pedrosos, Barros, Vazes.....	44
Primeira addenda á familia Rendon.....	69
Segunda addenda á familia Paes Leme.....	72

EXCURSÕES pelo Ceará, S. Pedro do Sul e S. Paulo. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em as sessões de 2 de Junho, 28 de Julho e 25 de Agosto de 1871, pelo autor o Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, socio effectivo do mesmo Instituto. (*Com 4 cartas e figuras*).

Ceará.....	80
Soure.....	88
Mecejana. Aquiraz.....	90
População da provincia. Resultado verificado pelo censo de 1865.....	94
Productos de exportação.....	97
Estradas.....	100
Rio Grande do Sul.....	102
Santo Antonio da Patrulha.....	104
Excursão ao Passo do Jacuhy.....	107
Viamão.....	117
Ilapuã.....	118

## NOBILIARCHIA PAULISTANA

### GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligida pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (\*)

NOTICIA. — Depois de longas e aturadas diligencias pude adquirir estes 42 quadernos de papel, e 2 folhas avulsas com o titulo de *Supplemento*, tudo escripto por letra do conselheiro Diogo de Toledo Lara Ordonhes, natural de S. Paulo, aposentado no conselho da fazenda, e fallecido no Rio de Janeiro pelos annos de 1826. Era cópia, como elle diz, de um exemplar authenticico, que possuia o distincto brasileiro desembargador do paço João Pereira Ramos, e que confiára em fasciculos, e por isso trasladava pela sua letra, e algumas paginas por mim, na época de 1800 a 1809, em que nos achámos em Lisboa, até que vim despachado.

N'esta compilação encontram-se faltas de folhas, ou porque ficassem em alguma das mãos por onde passava, ou por qualquer motivo.

Ilm. Sr. José Rodrigues de Oliveira. — Cooperando V. S. por sua valiosa intervenção para a aquisição de tanta cópia de manuscritos preciosos para a historia da nossa patria paulistana, a mim augmentou mais este aos innumerados obsequios de que já sou devedor, e á causa publica pro-

(\*) Este interessantissimo trabalho pertenceu, como se vê das cartas supra, ao Sr. visconde de S. Leopoldo, que o tinha em subido apreço, e foi doado ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro por seu digno filho, o Sr. bacharel José Feliciano Fernandes Pinheiro.

(Nota da redacção.)



porcionou os meios para obter mais uma historia, na qual haverá só o desconto de ser traçada por mim.

Cumpro agora segurar aos proprietarios dos ditos manuscritos a restituição fiel d'elles, no caso da minha morte, ou outro imprevisito accidente, não havendo feito antes; declaro, pois, que recebi 59 quadernos de papel manuscritos, a maior parte pela letra bem minha conhecida do meu prezado amigo o conselheiro Diogo de Toledo Ordóñez, e alguns copiados por mim, que constam de uma *noticia genealogica das mais illustres familias d'aquella provincia*, com os factos que tinham referencia; cópias de tres diarios de viagens do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas provincias do Pará e Mato-Grosso, com 7 quadernos de papel manuscritos, dentro de uma pasta de papelão pintado, já velho; separada, dentro de sobrescripto a V. S., uma memoria manuscrita, com este titulo: *Memoria dos limites da provincia de S. Paulo com as limitrophes*. Estes manuscritos protesto, e se eu fôr fallecido requeiro aos meus herdeiros, que pontualmente se restituam a quem apresentar esta carta de declaração ou de obrigação.

Resta-me ainda um grande favor a rogar, que, sendo constante, pelo menos a muita gente, que tenho entre mãos algumas emprezas a concluir, que não me deixariam saltar para esta; e que vou a entrar na minha tarefa parlamentar, para a qual costumo sempre olhar sisudamente, como é da minha consciencia, mal poderei distrahir-me com este trabalho na presente sessão; preciso, pois, a indulgencia de ampliação de espaço, porque ainda mesmo no caso de aproveitar-me do seu generoso offerecimento dos dois amanuenses para copiar, seria preciso notar antecipadamente o que era aproveitavel ao meu intento, deixando a parte genealogica, a qual não tenho em fito.



Eu ficaria de todo alliviado (e peço perdão se n'isto offendo) se a Exma. viúva do meu amigo o Sr. Arouche, ou herdeiros a quem tocassem, se dispuzessem a vender, como muitos sabios fazem, os seus manuscritos, e na legislatura passada se quiz comprar para a nação os do coronel Baumelle; e hoje tocam os de Joaquim de Oliveira ao conde de Lages, etc. Emfim, V. S. é que está mais ao alcance de ajuizar como nos comportaremos n'este negocio, no qual não tenho outro lucro mais do que a gloria da nossa patria, á qual me sacrifico assiduamente.

Reitero com prazer os antigos protestos da intima e invariavel estima, com que sou de V. S. companheiro affectuoso e muito obrigado.—*Visconde de S. Leopoldo.*

Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1839.

Parente e amigo.—S. Paulo, 7 de Outubro de 1839.—A Exma. Sra. D. Maria Benedicta de Toledo Arouche, filha e herdeira do nosso illustre patricio o Exm. general Arouche, á vista da carta do Exm. Sr. visconde de S. Leopoldo, pela qual este senhor declara que fica responsavel pelos manuscritos constantes da dita carta e que d'aqui envie, me autorizou a fazer-lhe devolver a dita carta, declarando que ficam pertencendo os referidos manuscritos ao mesmo Exm. Sr. visconde, o que muito estimei por lhe deparar mais esta occasião de servir ao seu Exm. amigo.

Recebi carta do nosso primo João Vicente Gomes, e já não me falla em vir.

Quando se avistar com o meu amigo e antigo general Sebastião Barreto dê-lhe minhas saudades, bem como aos Srs. Bastos, Machado de Oliveira, Santos e Sá.

Nossos respeitos á minha prima e annexos; entretanto que deve se convencer da ingenuidade com que sou seu primo e obrigadissimo amigo.—*Benedicto Antonio da Luz.*

## BUENOS DE RIBEIRA

A nobre família dos Buenos de Ribeira, da capitania de S. Paulo, teve origem em Bartholomeu Bueno de Ribeira, natural da cidade de Sevilha, no reino de Castella : passou-se para S. Paulo nos princípios da sua povoação em 1571, na companhia de seu pai Francisco Ramires de Pórrors (1). Este voltou para a patria pelos annos de 1599, outorgando em 20 de Maio do mesmo anno uma procuração bastante na nota do tabellião de S. Paulo, no quaderno do dito anno, pag. 13 v., na qual constituiu procurador a seu filho Bartholomeu Bueno de Ribeira, que já se achava casado com Maria Pires, filha de Salvador Pires e de sua mulher Maria Fernandes. Em título de Pires, cap. 1<sup>a</sup>. Foi este Bartholomeu Bueno de Ribeira pessoa de estimação e respeito em S. Paulo e da sua governança, e serviu repetidas vezes os cargos da republica, e no anno de 1622 era juiz ordinario e de orphãos (2). E teve do seu matrimonio, nascidos em S. Paulo, 7 filhos, que foram :

Amador Bueno.....	Cap. 4 <sup>a</sup>
Francisco Bueno.....	Cap. 2 <sup>a</sup>
Bartholomeu Bueno.....	Cap. 3 <sup>a</sup>
Hieronimo Bueno.....	Cap. 4 <sup>a</sup>
Maria de Ribeira.....	Cap. 5 <sup>a</sup>
Messia de Ribeira.....	Cap. 6 <sup>a</sup>
Isabel de Ribeira.....	Cap. 7 <sup>a</sup>

### CAPITULO I

1—1. Amador Bueno (glorioso desempenho da honra e nobreza dos seus ascendentes) foi um dos paulistas da maior estimação e respeito, assim na patria, como fóra d'ella.

(1) Carta da prov. da fazenda, liv. de reg. n. 2, lil. 1602 até 767, pag. 58.

(2) Faltta no manuscripto.

Teve grande tratamento e opulencia por dominar debaixo de sua administração muitos centos de índios, que de gentio barbaço do sertão se tinham convertido á nossa santa fé, pela industria, valor e força das armas, com que os conquistou Amador Bueno em seus reinos e alojamentos. Com o trabalho d'estes homens, occupados em dilatadas culturas, tinha todos os annos abundantes colheitas de trigo, milho, feijão e algodão. D'esta fartura ficava sendo igual a da criação dos porcos. Possuiu numero grande de gados vaccuns, animaes cavallares e rebanhos grandes de ovelhas, de que foi muito fertil o estabelecimento e povoação da cidade de S. Paulo, cujos habitantes não logram no presente tempo d'aquella abundancia antiga da criação das ovelhas, por cuja falta se extinguiram as fabricas de chapéos grossos, que, ainda no fim do seculo e anno de 1699, estavam estabelecidas. Da abundancia que possuia Amador Bueno sabia liberal empregar na utilidade publica, e despendar nas occasiões do real serviço, porque de S. Paulo costumava ir para a cidade da Bahia, em apertos de guerra, soccorros de farinhas de trigo, carnes de porco e feijão, que pediam os governadores geraes do Estado em diversos tempos.

Occupou Amador Bueno os honrosos empregos da república da sua patria, tendo as redeas do governo d'ella repetidas vezes; e sempre o primeiro voto nos accordãos do bem publico e do serviço do rei. Foi ouvidor da capitania de S. Vicente, e na camara d'esta villa, como cabeça de comarca, tomou posse a 11 de Fevereiro de 1627(3). E n'este mesmo anno pediu de sesmarias umas terras que se lhe concederam, e na supplica relata haver feito muitos serviços a Sua Magestade, e haver acudido com suas armas

(3) Archivo da camara de S. Vicente, liv. tit. 1616, pag. 70.

e escravos em todas as occasiões de inimigos á villa de Santos, sempre á sua custa (4). Foi provedor e contador da fazenda nacional da dita capitania por provisão de Diogo Luiz de Oliveira, datada na Bahia a 6 de Dezembro de 1633, de cuja occupação tomou posse em Santos, que lhe deu Pedro da Motta Leite, capitão-mór governador da dita capitania, a 27 de Abril de 1634 (5). Passou a governador da dita capitania de S. Vicente, com patente de capitão mór, com 80\$ de soldo, que sempre perceberam os capitães-móres governadores da capitania de S. Vicente e S. Paulo (6), até o ultimo, em quem se extinguiu este character, depois de possuir a sobredita capitania o seu 1.<sup>o</sup> governador e capitão-general na pessoa de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em 1710, achando-se governando então a capitania do Rio de Janeiro, até Novembro de 1709, em que teve ordem régia de 27 de Novembro do mesmo anno para passar ás Minas-Geraes, como governador de S. Paulo, e levantar em ditas Minas um terço, sendo officiaes d'elle paulistas e reinoses, como se vê na secretaria do conselho ultramarino no maço das consultas dos annos de 1709 e de 1711.

Foi Amador Bueno vassallo de tanta honra e fidelidade, que, achando-se na sua maior opulencia de cabedaes, respeito e estimação, com dois genros castelhanos, ambos irmãos e fidalgos ambos, que tinham poderoso sequito dos hespanhoes, casados e estabelecidos em S. Paulo, com alliança das familias mais principaes da capitania; não po-

(4) Cart. da prov. da fazenda, liv. de sesmarias n. 8, tit. 1633, pag. 48 e pag. 90 v.

(5) Cart. supra, liv. de reg. n. 6, tit. 1626, pag. 9 v., e dito liv. de reg., anno de 1639, pag. 9 e 48.

(6) Cart. supra, notas da cidade de S. Paulo, anno 1634, n. 59, pag. 58.

dendo estes castelhanos supportar a gloriosa e feliz acclamação do Sr. rei D. João IV de Portugal, e 2º do nome entre os serenissimos duques de Bragança, formaram um corpo tumultuoso, e á voz acclamavam por seu rei a Amador Bueno, intentando vencer com este barbero e sacrilego attentado a constancia do honrado vassallo Amador Bueno, para d'este modo evitarem a obediencia e o reconhecimento que se devia dar ao legitimo rei e natural senhor, ficando S. Paulo com a voz de Castella, assim como estiveram os moradores da ilha Terceira até o anno de 1583 com a do Sr. D. Antonio, prior do Crato, que se achava refugiado em França, e á favor de quem sustentava aquelles mares com armada de muitos vasos Philippe Strozi e Mr. de Brizay, que ficou desbaratada a 26 de Julho de 1582 por D. Gaspar de Bazan, marquez de Santa-Cruz, o qual voltou sómente á mesma ilha já em 1583 contra o poder de Mr. de Chatry, cavalleiro de Malta, e ficou rendida a armada franceza e as ilhas deram obediencia a el-rei de Castella em dito anno. Tinha o corpo da rebellião adquirido forças nos autores d'ella, os castelhanos, que por si e suas familias avultavam em grande numero. Eram os tres irmãos Rendons, da cidade de Coria; D. Francisco de Lemos, da cidade de Orense, com seus dois filhos D. Balthazar e D. Hieronimo de Lemos; D. Gabriel Ponce de Leon, da cidade real de Guairà da provincia do Paraguay; Bartholomeu de Torales, da Villa-Rica do mesmo Paraguay, com varios filhos que trouxe de sua mulher D. Anna Rodrigues Cabral, que falleceu em S. Paulo a 13 de Maio de 1639, natural da cidade real de Guairà; D. André de Zuniga e seu irmão D. Bartholomeu de Contreras e Torales; D. João de Espinola Gusmam, da dita provincia de Paraguay, e outros muitos hespanhoes da Europa, etc. Porém Amador Bueno, sem temer o perigo nem deixar prender-se

da indiscreta lisonja, com que lhe offereciam o titulo de rei para o governo dos povos da capitania de S. Paulo, sua patria, soube desprezar, e ao mesmo tempo reprehender a insolente acclamação, desembainhando a espada e gritando á vozes: — Real, real por D. João IV, rei de Portugal. — Salvou a vida do perigo em que se viu pelo corpo d'esta horrorosa sedição, recolhendo-se ao sagrado do mosteiro de S. Bento, acompanhado dos leaes portuguezes europêos e paulistas até ficar em socego o inquieto animo dos castelhanos que tinham fomentado o tumulto. N'esta acção deu inteiramente creditos de si a incontrastavel lealdade d'este vassallo paulista. Não occultou o segredo do tempo na officina do olvido esta briosa resolução de Amador Bueno, porque reinando o Sr. rei D. João V, de saudosa memoria, se dignou a sua real grandeza mandar lançar o habito de Christo a Manoel Bueno da Fonceca (d'este capitulo, § 7º n. 3—4), sem preceder as provanças pela mesa da consciencia e ordens; porque logo que lhe fez esta mercê o houve por habilitado, e na carta que lhe mandou passar, como governador e perpetuo administrador do mestrado da cavallaria e ordem de Christo, se contém esta expressão: — por ser neto do meu muito honrado e leal vassallo Amador Bueno. — Este facto da intentada acclamação de rei, que não aceitou Amador Bueno, se lê no *Archivo* da camara da villa capital de S. Vicente no livro grande de registros tit. 1684, fl. 125 até 125. No mesmo *Archivo*, liv. 1684 até 1702, fl. 125, se acha a patente de Arthur de Sá a Manoel Bueno da Fonceca, em que se declara a lealdade de Amador Bueno, sendo acclamado pelo povo; a qual patente confirmou el-rei D. Pedro II em 23 de Novembro de 1701, registrada em S. Vicente no liv. tit. 1702, fl. 1 v.

Foi tão conhecido o grande merecimento de Amador Bueno pelo zelo que teve do real serviço, que, represen-

tando os officiaes da camara de S. Paulo ao Sr. rei D. João IV varios factos dos jesuitas, depois que foram lançados do seu collegio para fóra da capitania no dia 13 de Julho de 1640, representando ao mesmo senhor o descobrimento de minas de ouro, fundição de ferro e construcção de náos de alto bordo, dizem o seguinte :

« Mas para isto é necessario encarregar Vossa Magestade da feitoria a pessoa de qualidade e experiencia antiga n'este Estado: bem e como devem, o fariam duas que nomeamos a Vossa Magestade: é uma Domingos da Fonceca Pinto, provedor que até aqui foi da fazenda de Vossa Magestade n'estas capitania, homem pratico e bem entendido, e grande servidor de Vossa Magestade, inteiro e verdadeiro ; e outra é Amador Bueno, natural d'estas partes, homem rico e poderoso, bem entendido, capaz e merecedor de todos os cargos, em que Vossa Magestade o occupar, porque, nos de que foi encarregado, deu sempre verdadeira conta e satisfação. »

Casou o capitão-mór governador Amador Bueno em S. Paulo com D. Bernarda Luiz, filha de Domingos Luiz, por alcunha o carvoeiro, natural de Marinhota, freguezia de Santa Maria da Carvoeira, cavalleiro professo da ordem de Christo, que falleceu em 1613, e de sua mulher D. Anna Camacho fundadores e primeiros padroeiros da capella de Nossa Senhora da Luz, do sítio de Guarê do rocio de S. Paulo. Em titulo de Carvoeiros, que temos escripto, e em titulo de Rendous cap. 1ª, que tambem temos escripto. E teve do seu matrimonio, nascidos em S. Paulo, 9 filhos :

CASADOS COM

- |                              |                                  |
|------------------------------|----------------------------------|
| 2—1. D. Catharina de Ribeira | § 1ª                             |
| 2—2. Amador Bueno.....       | § 2ª Margarida de Mendonça.      |
| 2—3. Antonio Bueno.....      | § 3ª Maria do Amaral de Sampaio. |



- 2—4. D. Isabel de Ribeira... § 4º Domingos da Silva dos  
Guimarães.  
2—5. D. Maria Bueno de Ri- § 5º D. João Matheus Rendon.  
beira.....  
2—6. D. Anna de Ribeira .. § 6º D. Francisco Matheus  
Rendon de Quevedo.  
2—7. Diogo Bueno..... § 7º Maria de Oliveira.  
2—8. D. Marianna Bueno... § 8º Sebastião Preto Moreira.  
2—9. Francisco Bueno Luiz.. § 9º

§ 1º

2—1. D. Catharina de Ribeira, casou duas vezes, e de ambas sem geração Primeira vez casou na matriz de S. Paulo a 22 de Fevereiro de 1632 com Antonio Preto, filho do afamado Manoel Preto, fundador e 1º padroeiro da capella de Nossa Senhora da Espectação, chamada do O', pouco distante do rio Ticté, villa de S. Paulo, e de sua mulher Agueda Rodrigues. Este paulista, fazendo varias entradas aos sertões do Rio-Grande, chamado Paraná pelos mappas castelhanos, e aos do rio Paraguay, conquistou tanta cópia de indios, que chegou a contar na sua fazenda da capella do O' 999 indios de arco e flexa. D'elle faz odiosa menção D. Francisco Xarque de Andeta no livro das vidas dos padres Simão Mazeta e Francisco Dias Tanho, missionarios da provincia do Paraguay, impresso em Pamplona no anno de 1687, no cap. XVI, descrevendo, com conhecida paixão, a entrada que fez Manoel Preto no sertão do Paraguay, assaltando a redução de S. Ignacio, que pelos annos de 1623 para 1624 era o superior o padre Simão Mazeta, e da do Loreto os padres Antonio Ruiz e José Cataldino. E depois de tocar o autor n'estes assaltos das povoações de S. Ignacio e Loreto, passa no cap. XXV do mesmo livro a relatar o successo da redução de Jesus, Maria e José; com



o mesmo padre Mazeta; e o caracter que dá aos paulistas é de *Mamelucos*, gente atrevida, bellicosa e sem lei, que só têm de christãos o baptismo e são mais carneiros, que os infieis. Encarece tanto, que affirma que a tropa dos paulistas se compunha de 800 *Mamelucos* (estes são os brancos) e de 3,000 *Tupys* (estes são os Indios administrados dos paulistas, que n'aquelle tempo tinham por seus administradores aos que no sertão os conquistavam, e do centro da gentildade os traziam ao gremio da igreja, ficando os seus descendentes tambem sendo administradores), com armas de fogo e outros instrumentos de guerra. E para uma pequena noção do odio castelhanó contra os paulistas, copiamos aqui uma breve expressão d'este autor D. Francisco Xarque de Andela no referido livro, cap. XXV, que diz assim :

« Como no pudo el enemigo por los hechizeros embarazar la salvacion de tantas almas, como se convertian a Dios, concitó los *Mamelucos* del Brasil, gente atrevida, belicosa y sin ley, que tienen solos de cristianos el bautismo, y son mas carniceros que los infieles. Estos, con otros aliados, formaron un esquadron y acometieron à la reducion de Jesus Maria. Quando oyeron que se hallaba el enemigo mas cerca, e que venia marchando a toda a priesa, resolvió el padre le saliesen al camino algunos indios de paz, deseando saber los intentos que à sus tierras les traian; y los alcaldes sin armas, solo con sus varas, encontraron el exercito que se formaba de 800 *Mamelucos* y 3,000 indios *Tupys*, con armas de fuego y otros instrumentos de guerra. Estos dieron como lobos en aquellos corderos que salian a su recibo, cargandolos de prisiones y cadenas, quitandoles los pobres vestidos, y con toda tirania y crueldad. Dieron aviso al padre Simon Mazeta algunos de los que quedaron en franquia de las tiranías

con que comenzaba su rabia: atravesole el compasivo coraçon una aguda flecha; y como ya se sentia el ruido y alboroto del exercito, juzgando que havia en ellos rastro de cristiandad y respetarian los sacerdotes, resolvió vestir la sobrepelliz y estola, y con una cruz en las manos salirles al encuentro: saludoles con singular mansedumbre, y por Jesu-Cristo Redentor del humano genero, que derramó su sangre por todos, les pidió no hiciesen agravio a aquellos recién convertidos, dando ocasion fuese el nombre de Dios blasfemado entre las gentes, con menosprecio de su santissima ley. A peticion tan justa respondieron horribles blasfemias, acompañadas con muchos y grandes testimonios para desacreditar su virtud con aquella sensible gente: reprehendiolos con santa libertad, amenazandoles con el castigo del cielo, quando con furor y rabia infernal uno dellos, que gobernaba un tercio, llamado Federico de Mello (7), de mala alma y rematada conciencia, levantó una cuchilla sobre la cabeça del venerable operario, pero de tuvo algun Angel, sin duda, la mano atrevida, pues aunque descargó el golpe, non llegó el acero a su cerviz, con admiracion de los que estaban presentes, que juzgaron milagro la evasion de aquel peligro. Esta temeridad no causó desmayo en el varon constante, antes, exponiendo su vida a nuevos peligros, instaba e hacia todo lo possible por la libertad de sus feligreses. En este triste conflicto llegó el cazique Cárubá, pidiendo favor y ayuda contra los *Tupys*, que le habian cativados sus hijos y vasallos; estaba presente el fiero Sayon que le habia tirado el golpe, y considerando embo-

(7) Este Federico de Mello foi natural da capitania do Espirito-Santo e muito fidalgo, filho de Vasco Fernandes Continho e de D. Antonia de Escobar, que falleceu sem testamento em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1633.

tados los filos de su acero, como si el cuello del padre fuera bronce y de alcorza ellos; cargó el mosquete, apuntó al indio que se querellaba: este cayó a sus pies atravesado; pero maior golpe recibió en su corazón el siervo de Dios, porque el herido era catecumeno, y aunque ya industriado, aunque no habia recibido el bautismo: fue a toda diligencia por agua, administrole el sacramento, y murió como hijo de Dios y de la iglesia. Mientras se ocupaba en esta obra, tan de su caridad, se dividieron por todo el pueblo en tropas, y a sangre y fuego en poco tiempo le saquearon, sin resistencia, cativando la gente desvalida y matando a todos cuantos hallaban con brio, en quien presumian resistencia. Hecho el padre un mar de lagrimas con el corazón de un Jeremias, discurria por unas y otras partes, de chiça en chiça, curando las heridas de unos y consolando a otros. Robaron la casa del padre, pillaron las pobres alhajas, que eran dos camisas, y estos hechos pedazos, y una sotana de algodón llena de remiendos. Entraron en la iglesia, saquearon lá sacristia, profanaron los altares, vertieron los santos óleos, haciendo escarnio de las cosas sagradas, con mais osadia que los herejes en Inglaterra; y habiendo aprisionado los pobres cativos y cargados de hierros, temiendo no veniese socorro de los pueblos vecinos, tomaron la leva y marcharon al amanecer; e aunque madrugó mucho el padre Francisco Dias Tanho, que de su pueblo venia al consuelo del padre Simon, que de sus afligidos feligreses, llegó ya tarde. Fueron visitando las rancherías abrasadas, y a cada passo se encontraban lastimosos espectáculos de mugeres, que porque se resistian en defensa de la honor, las degollaron, dejandolas desnudas, con grande indecencia, y estendidas en las puertas por trofeo de su barbara tirania, y en testimonio del aprecio que tenían de la virtud las nuevas cristianas. »

Suspendemos copiar os cap. 26, 27, 28 e 29, por não alargarmos tanto o que só deve ter lugar nos *Elementos da historia de Piratininga*, que intentamos escrever; porém os taes capitulos são dignos de serem relatados para se admirar a seguida serie de mentiras crassas do autor castelhano e conhecido odio aos paulistas. Este livro tem por titulo — *Insignes misioneros de la compañía de Jesus en la provincia del Paraguay*.

Casou segunda vez D. Catharina de Ribeira, estando viuva de seu 1º marido Antonio Preto, em S. Paulo, a 27 de Fevereiro de 1634, com Antonio Ribeiro de Moraes, que foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente, sem geração. Em titulo de Moraes cap. III, § 2º, n. 3 — 1. E falleceu a dita D. Catharina de Ribeira a 16 de Abril de 1677.

§ 2º

2—2. Amador Bueno (filho do capitão-mór governador Amador Bueno) casou na matriz de S. Paulo a 24 de Outubro de 1638 com Margarida de Mendonça, filha de Francisco de Mendonça, natural da ilha da Madeira, e de sua 2ª mulher Maria de Goes, que falleceu em Mogy das Cruzes (8), e seu marido falleceu em S. Paulo a 30 de Dezembro de 1630 (9). Neta pela parte paterna de Domingos de Goes e de sua mulher Catharina de Mendonça, ambos naturaes da Madeira, de onde veio este casal, trazendo já o filho Francisco de Mendonça e a filha Isabel de Goes. Em titulo de Goes Mendonças. E pela materna neta de Domingos de Goes, que falleceu em S. Paulo em 1672, e de sua mulher Joanna Nunes, que falleceu em S. Paulo a 14 de

(8) Cartorio de orphãos de Mogy. Maço de inventarios, letra M.

(9) Orphãos de S. Paulo. Inventarios, letra F, m. 1ª, n. 40.

Outubro de 1625(10). Falleceu Amador Bueno a 23 de Março de 1683. E teve do seu matrimonio 5 filhos (11). E Margarida de Mendonça falleceu em S. Paulo a 17 de Janeiro de 1668(12). E teve, como já dissemos, 5 filhos.

- 3—1. Maria Buena de Mendonça.
- 3—2. Bartholomeu Bueno de Mendonça.
- 3—3. Francisco Bueno de Mendonça.
- 3—4. Domingos Luiz Bueno.
- 3—5. Amador Bueno.

3—1. Maria Buena, que falleceu com testamento em 1709(13), casou na matriz de S. Paulo com Balthazar da Costa Veiga, natural e cidadão de S. Paulo, que falleceu a 24 de Agosto de 1700, filho de Hieronimo da Veiga e de sua mulher Maria da Cunha. Em titulo de Prados, cap. V, § 1º, n. 3—5, com sua descendencia.

3—2. Bartholomeu Bueno de Mendonça, que em 1683 se achava no sertão, e não sabemos se n'elle falleceu solteiro ou já casado.

3—3. Francisco Bueno de Mendonça casou com Anna de Siqueira de Albuquerque, de cujo matrimonio foi filha Anna Buena de Albuquerque, mulher de José da Costa de Camargo. Em titulo de Camargos cap. I, § 14, n. 3—6.

3—4. Domingos Luiz Bueno falleceu na sua fazenda de Candugá a 4 de Fevereiro de 1721, e foi sepultado na capella da ordem terceira do Carmo: foi casado com Josefa

(10) Orphãos de S. Paulo. Inventarios, letra D, m. 1º, e letra I, m. 3.

(11) Cart. de notas de S. Paulo. Maço de inventarios antigos, e de Amador Bueno.

(12) Orphãos de S. Paulo, m. 1º de inventarios, letra M, n. 27.

(13) Supra, m. 3, letra M, n. 46.

Paes (14). E teve 2 filhas, que foram Margarida Buena, mulher de João Rosado Pires, e Anna Buena, que em 1721, em que falleceu seu pai, era solteira.

3—5. Amador Bueno falleceu solteiro.

§ 3º

2—3. Antonio Bueno (filho do capitão-mór governador Amador Bueno, do cap. Iº) foi capitão e casou na matriz de S. Paulo a 6 de Fevereiro de 1639 com Maria de Amaral de S. Paio, filha de Paulo de Amaral, que foi ouvidor da capitania de S. Paulo, em cuja camara tomou posse a 11 de Dezembro de 1648 (15), e de sua mulher Magdalena Vidal. Falleceu Maria do Amaral de S. Paio a 8 de Dezembro de 1658 (16). E teve 13 filhos, que foram :

3— 1. Maria Buena.

3— 2. Anna Buena.

3— 3. Marianna Buena de Amaral.

3— 4. Bernarda Luiz.

3— 5. Antonio Bueno do Amaral.

3— 6. Miguel, baptizado a 11 de Outubro de 1648.

3— 7. Magdalena, baptizada a 30 de Dezembro de 1651.

3— 8. José, baptizado a 20 de Fevereiro de 1655.

3— 9. Anna Maria.

3—10. Isabel.

3—11. Maria Buena do Amaral.

3—12. Veronica.

3—13. Maria, falleceu de tenros annos.

3—1. Maria Buena foi casada com Gervasio da Motta da Victoria, e moradora no sitio de Canduguá, em cuja ca-

(14) Cart. da ouv. de S. Paulo. Maço de inventarios, letra D.

(15) Archivo da camara de S. Paulo, liv. de reg., capa de couro de vead, n. 3, fol. 1648, pag. 2.

(16) Cartoria de orphãos, de S. Paulo. M. 2 de inventarios, letra M.

pella, chamada de Belém, que ao presente tempo já não existe; foi sepultada a dita Maria Buena a 27 de Dezembro de 1673 (17). E teve 5 filhos: 4—1. Bernarde, baptizado na matriz de S. Paulo a 17 de Fevereiro de 1658. 4—2. Maria Buena do Amaral, que foi casada com João Baptista Carrilho. 4—3. Anna. 4—4. Marianna. 4—5. Anna Maria.

3—2. Anna Buena, baptizada na matriz de S. Paulo a 12 de Dezembro de 1640: foi casada com Luiz Freire de Macedo, e teve filha unica chamada Maria.

3—3. Mariana Buena do Amaral, baptisada na matriz de S. Paulo a 5 de Janeiro de 1642, foi casada com Balthazar de Godoy de Mendonça. Em titulo de Godoys cap. I, § 8.º

3—4. Bernarda Luiz, foi baptizada a 7 de Abril de 1643.

3—5. Antonio Bueno do Amaral, baptizado a 3 de Setembro de 1647, e falleceu com testamento a 23 de Maio de 1680, e foi casado com Maria Ribeira, filha de Antonio Ribeiro Bayão. sem geração (18).

3—11. Maria Buena do Amaral foi casada na matriz de S. Paulo a 15 de Junho de 1699 com Francisco Paes da Silva, filho de Bartholomeu Simões de Abreu e de D. Isabel Paes da Silva, irmã direita do governador Fernando Dias Paes. Em titulo de Lemes, cap. V, § 5º, n. 3—6.

#### § 4º

2—4. D. Isabel de Ribeira (filha do capitão-mór governador Amador Bueno, do cap. I.): casou na matriz de S. Paulo a 13 de Junho de 1642 com Domingos da Silva dos Guimarães, natural de Macieira, termo da villa de

(17) Orphãos de S. Paulo. M. 2 de inventarios, letra M, n. 25.

(18) Cart. 1º de notas de S. Paulo. Inventarios antigos, o de Antonio Bueno.



Fonte Arcada (irmão direito de Gaspar da Silva dos Guimarães, cavalleiro da ordem de Christo, senhor da casa e morgado chamado do Captivo, que foi avô por parte paterna do Illm. monsenhor Estevão de Magalhães e Castro, da patriarchal de Lisboa, onde o conhecemos pelos annos de 1736), filho de Gaspar Fernandes, senhor do morgado do Captivo, e de sua mulher D. Maria Francisca de Castro, que foi filha de Gonçalo de Maçoulas e Castro. Gaspar Fernandes, o captivo, foi filho de Luiz ou Agostinho Fernandes de Azavedo, capitão-mór de Fonte Arcada, do bispado de Lamego. Em S. Paulo falleceu Domingos da Silva dos Guimarães em 1681, e sua mulher D. Isabel de Ribeira no 1º de Outubro de 1698 (19). E teve 8 filhos nascidos em S. Paulo.

- 3—4. Amador. } Estes quatro falleceram em idade pueril,  
3—2. Gaspar.. } como consta do testamento de sua mãe  
3—3. Antonio. } D. Isabel de Ribeira acostado ao inven-  
3—4. João.... } tario, citado á margem.  
3—5. Domingos da Silva Bueno.  
3—6. D. Maria da Silva.  
3—7. D. Isabel da Silva.  
3—8. D. Bernarda da Silva, falleceu solteira.

3—5. Domingos da Silva Bueno, baptizado na matriz de S. Paulo a 9 de Fevereiro de 1660, seguiu os estudos de grammatica latina, e occupou todos os cargos da republica de S. Paulo. Quando passou a esta capitania, por ordem régia, Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro, datada em 16 de Dezembro de 1696, e depois por outra de 27 de Janeiro de 1697, com 600\$ de ajuda de custo em cada anno, além do

(19) Cart. de orphãos de S. Paulo. M. 1º de inventarios, letra D, n. 13, e m. 4º da letra L, n. 23.



soldo de general do Rio de Janeiro(20). Levantou dois terços de infantaria, um de ordenanças, do qual creou coronel a Domingos de Amores; e outro de auxiliares, do qual foi seu 1.<sup>o</sup> mestre de campo Domingos da Silva Bueno; e ambas as patentes do coronel e do mestre de campo foram confirmadas por Sua Magestade. D'estes dois terços creados em S. Paulo deu conta o general, que os levantou, em carta de 29 de Maio de 1698, e obteve a real approvação por carta, firmada do real punho, de 20 de Outubro do mesmo anno(21).

Foi o mestre de campo Domingos da Silva Bueno um paulista adornado de muitos merecimentos, que o souberam conhecer, para os estimar, todos os ministros regios e governadores capitães-generaes, que no seu tempo vieram a S. Paulo. Teve grande tratamento e igual respeito. Nas occasiões do real serviço soube sempre dar acreditadas mostras de honrado vassallo, e por isso mereceu que o Sr. rei D. Pedro II lhe escrevesse uma carta de agradecimento, datada em 20 de Outubro de 1698, que contém honrosissimas expressões(22). Governando a praça de Santos Manoel Gomes Barbosa, appareceram na costa do sul seis náos e uma balandra de francezes, que pretendiam invadir aquella villa: para defesa d'ella pediu soccorro ao mestre de campo Domingos da Silva Bueno, que com prompto ardor do seu zelo, e á custa totalmente da sua fazenda, marchou para a villa de Santos com todas as companhias auxiliares do seu terço, e alli se deteve desde 16 de Setembro até fins de Outubro de 1710, em que o ini-

(20) Secretaria do conselho ultramarino, livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673, pag. 160 e 163.

(21) Secret. supra, livro citado, pag. 195.

(22) Secret. supra, livro citado, pag. 198.

migo desapareceu. Quando de S. Paulo se ausentou para as Minas-Geraes em 8 de Agosto de 1710 o capitão-general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, deixou em seu lugar por governador interino da comissão ao mestre de campo Domingos da Silva Bueno (23).

Descobertas as Minas-Geraes em Sabarabuçú, passou a ellas, e foi o 1º guarda-mór que n'ellas concedeu e repartiu terras mineraes em 1701 (24). Voltou para a patria e tornou para as mesmas Minas em 1711, e alli se estabeleceu com numerosa escravatura, com cujos negros e fertilidade da sua lavra extrahiui muitas arrobas de ouro. Com esta opulencia se achava, quando a cidade do Rio de Janeiro foi invadida pelo poder de França. D'este reino sahíu a armada, composta de 16 náos de guerra e 2 de fogo, que conduziam mais de 4,000 homens, com o general Du-guay que vinha para emendar os erros do general Ducler, destruido em 1710, no dia 18 de Setembro, em que ficou prisioneiro; e depois de estar no collegio dos padres jesuitas foi passado para a fortaleza de S. Sebastião, e ultimamente se lhe facultou tomar uma casa, na qual, passado algum tempo, amanheceu morto, sem se averiguar por quem, e nem o souberam os mesmos soldados que o guardavam.

D'esta armada e seu apresto houve noticia em Portugal, e o Sr. rei D. João V mandou sahir com presteza a frota, que aquelle anno estava para vir para o Rio de Janeiro, dobrando-lhe as náos de comboi, a gente e os petrechos militares; e por cabo d'ella a Gaspar da Costa de Athayde,

(23) Archivo da camara de S. Paulo, liv. de reg., tit. 4710, pag. 37 v.

(24) Cart. de orphãos de S. Paulo. M. 3º de inventarios, letra F, o de Francisco Rodrigues Machado.

que exercia o posto de mestre de campo do mar. Ao Rio de Janeiro chegou com presteza esta frota com 4 poderosas náos de guerra, bons navios, escolhidos cabos e soldados para a defesa da praça. D'ella era governador Francisco de Castro de Moraes (irmão direito do mestre de campo Gregorio de Castro e Moraes, que deixou no Rio de Janeiro, onde perdeu valorosamente a vida no dia 18 de Setembro de 1710 de uma bala do inimigo francez, nobre descendencia, pelo casamento de seu filho o coronel Mathias de Castro e Moraes (em titulo de Rendons, cap. 1º, § 3º), a quem chegou aviso dos Goytacazes a 20 de Agosto de 1711 de que na bahia Formosa se viram passar muitas com o rumo para a barra da cidade. E no dia 10 de Setembro se ratificou o aviso mandado da cidade de Cabo-Frio. No dia seguinte, que se contavam 11 do dito mez, se cobriu o ar de densas nevoas, que cobriram os montes da Gavea, do Pão de Assucar, a ilha dos Paios, a barra e toda a circumferencia do golpho. E quando já depois do meio-dia foram divisadas as náos inimigas, estavam para dentro das fortalezas da barra. Entraram em seguida ordem, atravessando a enseada, dando uma e outra banda da sua artilheria ás nossas fortalezas, e ás 5 horas da tarde ficaram todas surtas na ponta das Baléas.

Devendo Gaspar da Costa de Atahyde metter as náos em linha, na defesa da marinha, as mandou marear para as livrar do inimigo; porém, achando mais prompto o perigo no baixo da Prainha e ponta da Misericordia, lhes mandou pôr fogo, com que arderam intempestiva e lastimosamente. N'aquella tarde, e nos tres seguintes dias, foram taes os echos da artilheria das náos inimigas e das nossas fortalezas, que em reciproco estrondo parecia arruinar-se o mundo, causando mais horroroso estampido o incendio da nossa casa da polvora na fortaleza de Villegaignon, em que

acabaram desastadamente alguns capitães alentados e muitos soldados valorosos.

Toda esta fatalidade não bastou a entibiar o animo ardente dos naturaes do Rio de Janeiro; antes lhes serviu de estímulo; porque, vendo que os francezes assentavam artilheria no monte de S. Diogo, acudiu a elle o capitão Felix Madeira, que, matando alguns, fez prisioneiros outros. Bento do Amaral Coutinho, indo a defender a fortaleza de S. João, perdeu a vida, tirando-a a muitos inimigos; porém a infelicidade que estava destinada áquella cidade superou ao valor dos seus naturaes e moradores d'ella, que, vendo desanimado a Gaspar da Costa de Athayde, e que o governador Francisco de Castro e Moraes mandára cravar a artilheria da fortaleza da ilha das Cobras (posto em que ancoraram os navios), foram entendendo que por falta de quem os governasse era irremediavel a sua perdição. Assim succedeu, porque na noite do 5.<sup>o</sup> dia da chegada dos inimigos lançaram estes tantos artificios de fogo, que, pegando no palacio e outras casas, infundiram nos moradores um panico terror tão intenso, que o governador e Gaspar da Costa assentaram retirar-se com a infantaria e deixarem a praça, e o fizeram assim elles, sem excepção de pessoa, tão confusamente, que, por salvarem as vidas, deixaram as riquezas que possuíam na cidade, sem lhes deter a fuga uma das mais horribes noites de chuva e tempestade que se havia visto n'aquella provincia, ajudando ao furor natural dos elementos do vento e agua, excitados pelo tempo, o artificial estrondo do elemento do fogo disposto pelos homens!

Senhores da cidade, os francezes, que quando a occuparam já estava deserta, fortificaram os postos que lhes pareceram mais importantes, e se deram ao roubo, achando um despojo mais rico do que imaginaram, porque impor-

tou em muitos milhões o saque; e vendo que não tinham mais que recolher, capitularam com o governador Francisco de Castro de deixarem a cidade sem a demolir, por uma grossa somma de ouro, que depois veio a ficar em 610,000 cruzados; e se abstiveram de obrar mais estragos, havendo experimentado n'elles a maior ruina o mosteiro de S. Bento, para cujo reparo gastaram os seus monges mais de 50,000 cruzados.

No mesmo dia de 11 de Setembro se expediu prompto aviso a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador e capitão geral de S. Paulo, que se achava em Minas-Geraes. Este, com o ardor militar, zelo, e com a ventura de se achar geralmente venerado de todos os povos d'aquellas Minas, onde então residiam, estabelecidos com firmeza de lavras mineraes ricas, e abundantes a maior parte dos paulistas, pôde para logo juntar 3,000 homens armados, em cujo troço teve grande mão o mestre de campo Domingos da Silva Bueno, que per si só soube convocar um grande corpo de armas, com que á sua custa acompanhou em pessoa ao general Albuquerque, obrando com esta mesma imitação Domingos Dias da Silva, nobre cidadão e natural de S. Paulo (irmão direito de Alexandre da Silva Corrêa, que foi lente em Coimbra, e acbrou conselheiro do Ultramar, substituindo o lugar de presidente d'elle depois da morte do conde de S. Vicente. Em título de Pires, cap. VI, § 4º, n. 3—2): a quem o general passára então patente de brigadeiro d'aquelle exercito, todo composto de paulistas e europeos. E supposto que este soccorro trouxe as marchas de sol a sol, quando chegou ao Rio de Janeiro já estava ganhada e vencida a cidade. D'ella sabiram os francezes em 28 de Outubro do mesmo anno de 1711, tendo-se passado um anno, um mez e oito dias, que n'ella tinham sido vencidos pelos portuguezes habita-

dores, e naturaes d'ella, que agora, desprezando o dominio de Francisco de Castro e Moraes, obrigaram a Antonio de Albuquerque a encarregar-se do governo até ordem de Sua Magestade.

Recolheu-se o exercito para Minas-Geraes, de d'onde sahira, levando o mestre de campo Domingos da Silva Bueno e o brigadeiro Domingos Dias da Silva a gloria de se acreditarem honrados vassallos, com uma muito consideravel despeza que cada um fez, para sustentar e armar os soldados que trouxeram, e com que se recolheram para as mesmas Minas; sem que de antes, nem depois houvesse da fazenda real a menor despeza para este tão relevante serviço, que até o consumiu o tempo na lima do esquecimento.

Foi o mestre de campo Domingos da Silva Bueno casado na cidade de S. Paulo com D. Isabel Barbosa de Aguiar e Silva, filha de Manoel Carvalho de Aguiar, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher D. Potencia Leite da Silva, irmã inteira do governador Fernão Dias Pães. Em titulo de Lemos, cap. V., § 5º, n. 3—7: Falleceu D. Isabel Barbosa em S. Paulo a 21 de Março de 1714 (25). E teve 3 filhos:

4—1. Manoel Carvalho da Silva Bueno.

4—2. Domingos da Silva Bueno.

4—3. D. Potencia Isabel de Aguiar e Silva.

4—1. Manoel Carvalho da Silva Bueno, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, 1º governador e capitão-general que teve a capitania de S. Paulo, trouxe ordem do Sr. rei D. João V para crear 4 companhias de infantaria pagas, elegendo para capitães d'ellas aos pau-

(25) Orphãos de S. Paulo, M. 4 de inventario letra I n. 40.

listas de qualificada nobreza e de merecimentos para se empregarem no real serviço ; e não esqueceu para capitão de uma das companhias Manoel Carvalho da Silva Bueno. Na patente que se lhe passou de capitão de infantaria, datada em S. Paulo, no 1º de Agosto de 1710, se expressa o seu merecimento como filho do mestre de campo Domingos da Silva Bueno, e neto de Amador Bueno (26). Depois passou a sargento-mór do terço dos auxiliares, do qua tinha sido seu pai o 1º mestre de campo, e n'este posto falleceu em 1723. Foi casado com D. Maria Barbosa Sotomaior, estando viuva do seu 1º marido, João Pires das Neves. (27) sem geração.

4—2. Domingos da Silva Bueno, cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica. Por fallecimento do seu irmão supra passou a sargento-mór do terço dos auxiliares, que serviu até se ausentar para a capitania de Goyazes ; e fez estabelecimento no arraial das Minas de Crixás, onde existe no estado de solteiro em que sempre quiz permanecer.

4—3. D. Potencia Isabel de Aguiar e Silva casou com João Freire de Almeida Castello Branco natural de Lisboa, filho de Sebastião de Freitas de Macedo, natural da villa de Almeirim, provedor e executor das contas do reino, e casa na corte de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Felicianna Josefa de Almeida Castello Branco, natural de Lisboa, neto de João Freire de Almeida Castello Branco, que foi sargento-mór da praça do Estado do Maranhão, que o governou 4 annos, senhor do morgado de Payan, junto a Carnide, e de sua mulher D. Brites de Almeida, natural de Lisboa, bisneto de Luiz Freire de Andrada natural de A brantes, e de sua mu-

(26) Arch. da camara de S. Paulo, L. de reg. 4708 pag. 36.

(27) Cart. de not. de S. Paulo, M. de inventario letra M.

lher D. Maria de Almeida Castello Branco senhora do morgado de Payan. Este João Freire de Almeida Castello Branco foi irmão de D. Maria de Almeida, D. Isabel Antonia de Almeida e D. Luzia de Almeida, religiosas no mosteiro de Santa Monica de Lisboa, e tambem de Martim Vaz de Almeida Castello-Branco, que foi o herdeiro da casa e morgado de Payan, e pai de José de Almeida Castello-Branco, que em 1737 passava de 40 annos de idade, com firme resolução de não tomar estado. Não tendo o dito successão, passava o morgado de Payan aos descendentes de seu tio direito João Freire de Almeida Castello-Branco, cuja descendencia em S. Paulo se extinguiu no anno de 1758. Falleceu João Freire de Almeida Castello-Branco em S. Paulo a 6 de Abril de 1723 (28). E teve filha unica D. Isabel Archangela do Pilar Almeida Castello-Branco, que falleceu na villa de Parnaguá, sem geração, estando casada com o Dr. Matheus da Costa França, natural da mesma villa.

(*Continúa*).

---

(28) Cart. de orphãos de S. Paulo. M. A.º de inventarios, letra I, n. 4, e ouv. testamento de João Freire de Almeida Castello-Branco.



# REVISTA TRIMENSAL

DO

## INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

2º TRIMESTRE DE 1869

---

### NOBILIARCHIA PAULISTANA

#### GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuado do 1º trimestre, pag. 200)

---

3-6. D. Maria da Silva (filha de D. Isabel de Ribeira, do § 4º) foi baptizada na matriz de S. Paulo a 23 de Dezembro de 1652, e falleceu em Santos a 11 de Fevereiro de 1682 (obitos de Santos, fl. 46). Foi casada com Gaspar Teixeira de Azevedo, natural do lugar do Adro, freguezia de Bayão, bispado do Porto. Foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, cujo posto occupava pelos annos de 1697, como se vê de uma carta do Sr. rei D. Pedro, datada em 8 de Novembro do dito anno, para Arthur de Sá e Menezes informar sobre a queixa que lhe havia feito o capitão-mór governador Gaspar Teixeira de Azevedo (29). Foi provedor dos reaes quintos do ouro das

(29) Secret. do conselho ultramarino, livro das cartas do Rio de Janeiro, 1673, pag. 476.

minas de Parnaguá e das de Iguape, que agora no presente tempo se denominam por minas da Ribeira. N'este emprego entrou no anno de 1689, e n'elle existiu até o de 1696, como se vê das honrosissimas cartas que lhe escreveu o Sr. rei D. Pedro, firmadas todas pelo seu real punho, que se acham registradas no lugar citado á margem (30), e datadas em 13 de Outubro de 1690, 26 de Setembro de 1691, 17 de Outubro de 1692 e 13 de Dezembro de 1696. Além d'estas cartas recebeu outras de 8 de Novembro de 1697, de 19 de Novembro de 1696 e de 6 de Novembro de 1700, que se acham registradas no livro novo de reg. 1.<sup>o</sup> das ordens reaes, no archivo da camara de S. Paulo. Teve o seu estabelecimento na villa de Parnaguá, onde falleceu, estando segunda vez casado com D. Catharina Ramos, natural de Parnaguá. E na villa de Santos teve do seu primeiro matrimonio com D. Maria da Silva 5 filhos.

4—1. D. Catharina da Silva Teixeira.

4—2. D. Francisca da Silva Teixeira.

4—3. D. Isabel da Silva.

4—4. D. Maria da Silva.

4—5. Domingos Teixeira de Azevedo.

4—1. D. Catharina da Silva Teixeira, nasceu em Santos a 30 de Outubro de 1672, onde foi casada com Gaspar Leite Cesar, natural de Santa Marinha de Zézere, filho de Gaspar Dias e de sua mulher Luzia Camêlla; esta natural da dita freguezia de Santa Marinha, e aquella da Torre de Souza, freguezia de S. Anrio, do concelho de Arengos, bispado de Lamego. Neto pela parte paterna de Antonio Dias e de sua mulher Maria da Costa, naturaes da Torre de Souza, e pela materna neto de Manoel Cardoso e de sua

(30) Secret. dit. livro supra, tit. 1673, pag. 77, 85, 97, 160 e 176.

mulher Maria Camella, naturaes de Zézere, concelho de Bayão, bispado do Porto. Estes quatro avós eram lavradores principaes e nobres, que se serviam com criados e criadas, e que occuparam os cargos da republica dos seus concelhos, o que tudo constava por instrumento de *purityte sanguinis*, justificado por India e Mina em Lisboa pelo Dr. Belchior do Rego de Andrade. Foi Gaspar Leite pessoa de boa estimação, morador na villa de Santos, e da governança da terra, familiar do santo officio, e foi sargento-mór da fortaleza do Itapema d'aquella praça, com 40\$ de soldo, e adornado de moraes virtudes, sendo a maior de todas o santo temor de Deus, com boa e ajustada consciencia, que o fizeram geralmente applaudido, estimado e venerado. E teve 12 filhos nascidos na praça de Santos.

- 5— 1. João Caetano Leite Cesar do Azevedo.
- 5— 2. Gaspar Leite.
- 5— 3. Fr. Caetano de Santa Gertrudes Leite { Monges de
- 5— 4. Fr. José de Jesus Maria Leite..... } S. Bento.
- 5— 5. O padre Ignacio Xavier. {
- 5— 6. O padre Hieronimo Leite. { Jesuitas.
- 5— 7. Francisco Xavier Julio.
- 5— 8. D. Maria Xavier. }
- 5— 9. D. Gertrudes Maria. } Religiosas em Santa Clara do
- 5—10. D. Escholastica de Jesus. } Porto.
- 5—11. D. Ursula, falleceu em tenra idade.
- 5—12. D. Isabel Caetana Leite de Azevedo.

5—1. João Caetano Leite Cesar de Azevedo, seguindo as letras, toma o grão de mestre em artes em S. Paulo. Foi presbytero secular, commissario do santo officio, e vigario da vara na sua patria. Passou com o caracter de vigario da igreja da vara real das Minas do Cuyabá, vigario da vara, e visitador das ditas Minas por eleição, que fez da sua capacidade o Exm. bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe. Alli falleceu, deixando uma bem merecida

saudade a todos os povos pela urbana civilidade de que foi naturalmente ornado.

5—2. Gaspar Leite, fallecido em Cuyabá, estando casado com D. Luzia Leme. Sem geração. Em titulo de Campos, cap. III, § 1º, n. 3—4.

5—3. Fr. Caetano de Santa Gertrudes Leite, foi monge benedictino, e occupou o lugar de presidente do hospício da villa de Santos, visitador, e D. abbade do mosteiro da cidade de S. Paulo, em cujas occupações deu acreditadas mostras do seu grande zelo e moraes virtudes. Passou ao reino de Portugal embarcado na frota que sahio do Rio de Janeiro em 4 de Maio de 1740, levando suas irmãs, que professaram no mosteiro de Santa Clara do Porto; e passando a tomar a benção a seu Revm. geral obteve honrosissimas estimações, e soube deixar bom nome entre os Revs. monges d'aquelle reino.

5—4. Fr. José de Jesus Maria Leite, foi monge benedictino. Occupou muitos annos o peso de prelado, sendo presidente dos mosteiros das villas de Santos, Parnaíba, Jundiáhy. Estando eleito D. abbade do mosteiro de S. Paulo, e tendo passado a elle com o caracter de visitador, falleceu no dito mosteiro a 4 de Novembro de 1759. Foi religioso de estimada virtude, que a soube acreditar nos empregos, que teve de prelado.

5—5. O padre Ignacio Xavier, da companhia de Jesus da provincia do Brasil, passou para Roma no exterminio geral dos da sua sociedade.

5—6. O padre Hieronimo Leite, da companhia de Jesus, estando collegial no Rio de Janeiro, falleceu.

5—7. Francisco Xavier Julio, assentou praça de soldado infante do presidio da praça de Santos. Passando a Lisboa com licença acompanhando a suas irmãs, que ião para freiras de Santa Clara do Porto em 1740; seguiu no reino

o real serviço; assentou praça no regimento da armada : voltou ao Brasil com licença para passar ás Minas do Cuyabá, falleceu em Mato-Grosso solteiro em Fevereiro de 1762.

5—8. D. Maria Xavier, foi religiosa no mosteiro de Santa Clara do Porto, onde tomou o habito em 1740. Foi de vida exemplar, praticando em grão a virtude da caridade, porque, vivendo enferma e como entevada, assim mesmo arrastando-se acudia ao côro e visitava as religiosas enfermas. Amou tanto a pobreza, que nunca teve casa propria. De tal sorte se entregou a Deus, que pôz em mortal esquecimento a comunicação de cartas com sua mãe, irmã e mais parentes, que tinha no Brasil. Em dia, que se celebrava no seu mosteiro as Dôres de Nossa Senhora teve tal meditação, que cahiu em um accidente mortal : chamados medicos, julgaram ser o accidente extranatural ; com elle passou 21 dias sem comer, nem beber. Estando n'este estado, purificando, como devemos suppôr, a sua alma, a entregou ao Nosso Redemptor, seu verdadeiro Esposo. Depois de morta se conservou o cadaver flexivele suave, inculcando signaes de que fôra predestinada. Ditosa creatura, se foi ao céu celebrar os desposorios com Jesus Christo.

5—9. D. Gertrudes Maria, entrou religiosa no mosteiro de Santa Clara do Porto em 1740.

5—10. D. Escholastica de Jesus, entrou religiosa no mesmo mosteiro e anno.

5—11. D. Ursula, falleceu em tenra idade.

5—12. D. Isabel Caetana Leite de Azevedo, casou a 16 de Novembro de 1748 com Manoel Angelo Figueira e Aguiar, seu parente, filho do capitão Antonio Gonçalves Figueira. Em titulo de Gayos, n. 2, cap. I, § 1º, e de sua mulher D. Isabel Ribeira. Em titulo de Lemes, cap. V, § 5º, n. 3—7. Falleceu D. Isabel Caetana Leite em Santos, a 2 de Janeiro de 1761 ; e tambem Manoel Angelo em

1770, e foi sargento-mór das ordenanças da dita villa de Santos por patente passada a 18 de . . . . . de 1763. Teve filha unica, que falleceu no berço. Sem geração.

4—2. D. Francisca da Silva Teixeira, baptizada a 11 de Setembro de 1674 (filha de D. Maria da Silva, do n. 3—6), foi casada com Manoel Carvalho de Aguiar, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Lemes, cap. V, § 5º, n. 37: e ahi a sua descendencia.

4—3. D. Isabel da Silva, baptizada em Santos a 26 de Maio de 1676, falleceu na dita villa estando casada com o capitão Francisco Tavares Cabral, filho do capitão-mór governador Cypriano Tavares e de sua mulher D. Anna de Siqueira e Mendonça. Em titulo de Lemes, cap. V, § 7º, n. 3—1: com sua descendencia.

4—4. D. Maria da Silva (filha de D. Maria da Silva e Gaspar Teixeira de Azevedo do n. 3—6), falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Junho de 1727, estando casada com Estevão Fernandes Carneiro, natural da villa de Vianna do Minho, e um dos homens de grande cabedal na praça de Santos (31). Mereceu a honra de que o Sr. rei D. João V o elegeisse para provedor da real casa da fundição do ouro, que o dito senhor mandava estabelecer na praça de Santos por carta sua de 4 de Outubro de 1704. Esta casa veio a ficar sem effeito, e conservando-se sempre a que já havia em S. Paulo. E teve filha unica nascida em Santos.

5 — D. Anna Maria da Silva, casou duas vezes: a primeira, a 23 de Abril de 1721 com Sebastião de Passos Dias, natural de Vianna do Minho, freguezia de Monserrate, que falleceu em Santos a 23 de Março de 1722. Era irmão direito de Miguel de Passos Dias, que casou na Bahia,

(31) Resíduos da ouv. de S. Paulo, maço de testamentos, o de D. Maria da Silva.

onde se estabeleceu com grosso negocio, e teve alli dois filhos, que ambos se doutoraram em Coimbra, e occuparam ambos a cadeira de deão d'aquella sé metropolitana, sendo successor um do outro. O 1º foi o Dr. José Ignacio de Passos, que tomou o capello em canones em Coimbra pelos annos de 1744, até 1745. O 2º foi o Dr. Custodio de Passos Dias. O dito Sebastião de Passos Dias, foi filho de Antonio de Passos e sua mulher Natalia Dias, naturaes da mesma villa de Vianna. E teve filha unica.

6—D. Maria Angela Eufrasia da Silva, nasceu na praça de Santos a 13 de Abril de 1722. (Falleceu em S. Paulo a...de...de 178., em bem differente estado do tempo passado, e fóra da companhia dos filhos que por justiça lhe tiraram a administração dos bens, que a sua prodigalidade ia dissipando). Casou a 25 de Agosto de 1739 com André Alves de Crasto, natural da freguezia de S. Cosme de Gondomar, bispado do Porto, filho de André Jorge de Crasto, e de sua mulher Catharina Jorge. Neto de Antonio Jorge de Crasto, e de sua mulher Maria Thomé da freguezia de S. Cosme, territorio da cidade do Porto. Poucos annos depois se passou André Alves a ser morador da cidade de S. Paulo, e no collegio dos padres jesuitas fez profissão de freire cavalleiro da ordem do Christo por alvará de 3 de Fevereiro de 1743, registrado na chancellaria da ordem no livro folhas 396 por Antonio do Canto Velho Mascarenhas. O breve depois alvará de escudeiro fidalgo com acrescentamento a cavalleiro fidalgo com moradia competente a este foro, e paga segundo a ordenança. Tirou brasão de armas assignado em Lisboa a 13 de Abril de 1747 por Manoel Pereira da Silva, rei de armas, sendo escrivão da nobreza Hilario da Costa Barreiros Telles, que o registrou no livro 11º dos brasões a folhas 68; se passou o dito brasão por sentença do Dr. Manoel Pereira Barreto, de-



sembargador da supplicação, corregedor do cível da côrte no mesmo anno de 1747. Falleceu a 31 de Abril de 1752. Depositado o cadaver na Santa Casa da Misericórdia, da qual tinha sido provedor, se trasladou com funeral pompa para a igreja do collegio dos jesuitas, onde jaz dentro do cruzeiro, sem campa. E teve dez filhos.

- 7— 1. Antonio Caetano.
- 7— 2. José Ignacio Alves de Carvalho e Silva de Ribeira.
- 7— 3. D. Maria Joaquina.
- 7— 4. D. Anna Maria.
- 7— 5. Joaquim Manoel.
- 7— 6. Manoel Joaquim.
- 7— 7. João Alves.
- 7— 8. D. Francisca Xavier.
- 7— 9. Maria Gertrudes.
- 7—10. André Alves.

7—7. Antonio Caetano Alves de Crasto. (32)

Segunda vez casou D. Anna Maria da Silva do n. 5, retro, estando viuva de seu primeiro marido Sebastião de Passos Dias, com o Dr. Bernardo Rodrigues do Valle, natural da villa de Tondella, provincia da Beira, comarca de Vizeu. Foi juiz de fóra da praça de Santos, e por se achar a cidade de S. Paulo sem ouvidor corregedor da comarca passou a servir este lugar, como juiz de fóra do lugar mais vizinho. Ficando viuvo se embarcou para Portugal com todos os seus filhos na frota que sahiu do Rio de Janeiro em 4 de Maio de 1740. E teve 4 filhos nascidos na praça de Santos.

6—1. O Dr. Ignacio José Caetano do Valle : foi ouvidor em Beja em 1766, e . . .

6—2. O Dr. Alexandre Lucino do Valle : foi juiz de fóra da Atouguia, e em 1782 foi despachado para ir crear o lugar de . . . . .

(32) O resto d'este parnographo falta no manuscripto.

6—3. O Dr. Francisco Thomé.....

6—4. D. Marianna Alexandrina Violante da Silva, que, ficando herdeira do grande cabedal que lhe deixou seu tio direito o Rev. Dr. Alexandre Marques do Valle, adquirido nas igrejas que occupou em Minas pelo bispado do Rio de Janeiro, casou em 1766 com Francisco de Abreu Castello-Branco de Figueiredo Pimentel, sargento-mór dos auxiliares da comarca de Vizeu.

4—5. Domingos Teixeira de Azevedo (filho de D. Maria da Silva do n. 3—6), baptizado na villa de Santos a 26 de Fevereiro de 1679, e casou na matriz da dita villa a 26 de Julho de 1712 com D. Anna de Siqueira e Mendonça, natural da mesma villa, filha de José Tavares de Siqueira. Em titulo de Lemes cap. V. § 7º, n. 3—4, seguindo ao n. 4—3, e ahi a sua descendencia.

3—7. D. Isabel da Silva (filha de D. Isabel de Ribeira do § 4º), foi baptizada na matriz de S. Paulo a 25 de Dezembro de 1634. Casou duas vezes: a primeira com Domingos da Silva Monteiro, sargento-mór que foi da fortaleza do Itapema, com 40\$ de soldo: segunda vez casou com Domingos de Crasto Corrêa, natural de Vianna do Minho, da nobre familia dos Pereiras, que falleceu em Santos a 10 de Julho de 1692 (obitos fl. 67). E teve do primeiro matrimonio filho unico, que foi Domingos da Silva Monteiro, que, estando provedor dos reaes quintos no Rio-Grande da navegação das minas do Cuyabá, falleceu sem geração, tendo sido casado com D. Margarida Carvalho da Silva, filha de Raphael Carvalho e de sua mulher D. Catharina de Siqueira de Mendonça. Em titulo de Lemes, cap. V., § 7º, n. 3—5. E do segundo matrimonio teve 4 filhos, que foram.

4—1. João Corrêa da Silva, casou nas Geraes com D. Maria de Moraes, natural de S. Paulo. Em titulo de Moraes cap. III, § 2º, n. 3—5 a n. 4—6 e seguintes.

4—2. D. Isabel de Ribeira da Silva Bueno, casou com Pedro Dias Raposo. Em titulo de Lemes, cap. V., § 5º, n. 3—6 a n. 4—3 e seguintes. Sem geração.

4—3. D. Ignez de Castro Corrêa, casou com Francisco Tavares Cabral, filho do capitão-mór governador Cypriano Tavares. Em titulo de Lemes, cap. V, § 7º, n. 3—1 a n. 4—5. Sem geração.

4—4. D. Maria da Silva, falleceu solteira em Santos.

§ 5

2—5. D. Maria Bueno de Ribeira (filha do capitão-mór governador Amador Bueno do cap. Iº), casou na matriz de S. Paulo a 17 de Novembro de 1731 com o fidalgo D. João Matheus Rendon, natural da cidade da Coria em Hespanha, filho de D. Pedro Matheus Rendon, e de sua mulher D. Maria Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca. Em titulo de Rendons n. 1º, cap. I., com sua descendencia.

§ 6º

2—6. D. Anna de Ribeira, casou com o fidalgo D. Francisco Rendon de Quebedo e Luna, irmão direito de D. João Matheus Rendon do paragrapho supra. Em titulo de Rendons, n. 2º, cap. II, com sua descendencia.

§ 7º

2—7. Diogo Bueno (filho do capitão-mór governador Amador Bueno), serviu os honrosos cargos da republica de S. Paulo, como cidadão d'ella, casou com Maria de Oliveira, natural de S. Paulo, filha do capitão Pedro Leme do Prado, e de sua segunda mulher D. Maria de Oliveira. Em titulo de Lemes, cap. I, § 4º, n. 3—1. Diogo Bueno falleceu em 1700, e sua mulher em Agosto de 1699 (33). E teve 12 filhos nascidos em S. Paulo.

(33) Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 4º de inventarios. letra D.

- 3—1. Manoel Bueno da Fonseca.
- 3—2. Diogo Bueno.
- 3—3. Paulo da Fonseca Bueno.
- 3—4. Francisco Bueno Luiz da Fonseca.
- 3—5. Bartholomeu Bueno Feio.
- 3—6. Antonio Bueno da Fonseca.
- 3—7. Hieronimo Bueno.
- 3—8. D. Bernarda Luiz.
- 3—9. D. Maria Bueno.
- 3—10. D. Anna de Ribeira.
- 3—11. D. Marianna Bueno.
- 3—12. D. Isabel Bueno.—Falleceu solteira.

3—1. Manoel Bueno da Fonseca, foi cidadão de S. Paulo, de cuja republica serviu os honrosos cargos, e sempre teve as redeas do governo no civil e militar. Foi professo da ordem do Christo, cujo padrão de tença selhe passou em 20 de Dezembro de 1704, por merecê do Sr. rei D. João V (34). O alvará para se armar cavalleiro d'esta ordem traz esta honrosissima expressão : — Por ser neto do meu muito honrado e leal vassallo Amador Bueno.— Teve as qualidades que dispoem as definições da ordem, porque, como pessoa nobre por seus quattros avós, não necessitou de ser dispensado por consulta da mesá da consciencia e ordens, como consta do mesmo alvará por que foi admittido. Falleceu em 1722, praticando-se no seu enterramento aquellas honras funeraes que são indispensaveis aos militares. Jaz na capella dos terceira do Carmo onde professou, e tinha sido prior d'ella.

Foi este paulista adornado de moraes virtudes, muita discrição, prudencia e affabilidade, com que conciliou uma total estimação e geral applauso não só dos seus nacionaes, como dos europeôs moradores de S. Paulo; soube com paixão de vassallo honrado amar o real serviço,

(34) Archivo da camará de S. Paulo L de Reg. 1708 pag. 45 v.

acreditando-se nas occasiões que teve para isso, fazendo-se glorioso desempenho, e fiel imitador do seu avô Amador Bueno, como foi no anno de 16. ., em que sendo juiz ordinario fez executar a real ordem sobre a baixa do dinheiro, que tanta opposição encontrou nos homens mercadores e taverneiros, que conseguiram por tres vezes formar um corpo tumultuoso com armas, e foram á camara e intentaram matar aos officiaes d'ella, requerendo se não executasse a real ordem sem segunda determinação de Sua Magestade, porque ficavam todos perdidos com a tal baixa no dinheiro, o que se vê no livro das vereações, titulos 1682 até 1713, fls. 139, 146 e 175. Teve bella presença com natural respeito, sem ares de soberba. Dos governadores e capitães-generaes que vieram governar a capitania de S. Paulo desde Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho até D. Pedro de Almeida conde de Assumar, teve de cada um d'elles por estimação e alto conceito; porque o reconheceram com os predicados para fiarem d'elle o governo interino da comarca de S. Paulo, quando d'ella se ausentavam para as Minas-Geraes, como consta no archivo da camara de S. Paulo no livro de registro, titulo 1710 pag. 78 e 176. Sendo necessario formar-se uma companhia dos reformados, teve patente de capitão e governador da dita companhia, de que abaixo daremos fiel cópia, passada por Arthur de Sá e Menezes (não deu a cópia). Já de antes tinha sido governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo (subordinada sómente aos governadores geraes do Estado e cidade da Bahia) com patente de capitão-mór por mercê do Sr. rei D. João V, de que tomou posse na camara capital de S. Vicente em 6 de Junho de 1711. Os merecimentos que adquiriu, com o zelo que teve no real serviço, fizeram echo nos ouvidos do Sr. rei D. Pedro II, que lhe mandou escrever uma carta firmada do seu

real punho, e datada em 20 de Outubro de 1698 (35), em que lhe louva as obrigações de honrado vassallo. Foi casado duas vezes, e de ambas sem geração. A primeira com D. Maria Leite irmã inteira do capitão Manoel de Carvalho de Aguiar. Em titulo de Lemes cap. V § 5º ns. 3—7 a n.4—4. A segunda com D. Anna Domingues, que era viuva de Manoel Cardoso de Almeida, filha do capitão Diogo Domingues e de sua mulher Maria Paes, naturaes de S. Paulo. Este segundo casamento foi em Sorocaba a 3 de Março de 1685, e ella falleceu a 17 de Maio de 1741 (36). Sem geração.

3—2. Diogo Bueno, foi religioso jesuita da provincia do Brasil, e professo do 4º voto, um dos maiores barretes que nas cadeiras de philosophia e theologia applaudiu a sua provincia, sendo maior que tudo a perfeição da vida religiosa pelas virtudes que soube praticar, que o constituiram objecto da consolação para a bem merecida saudade que a todos comprehendeu entre parentes e estranhos, quando chegou á patria a noticia do seu feliz transito pelos admiraveis signaes, que deu de predestinado.

3—3. Paulo da Fonseca Bueno, foi cidadão com as re-deas sempre do governo da republica. Muitos annos occupou o pezado officio de juiz de orphãos depois de casado com D. Maria da Silveira, viuva de Salvador Cardoso da Silveira, proprietaria do dito officio, como filha herdeira de Antonio Raposo da Silveira, cavalleiro professo da ordem de S. Thiago e cavalleiro fidalgo da casa real, que, tendo servido a el-rei no Estado da India, foi despachado para governar a capitania antiga de S. Vicente e S. Paulo com patente de capitão-mór, e foi tambem ouvidor da dita capitania. Em titulo de Raposos Silveiras. Falleceu o

(35) Secretaria do conselho ultramarino. L. das Cartas do Rio de Janeiro, titulo 1673, pag. 198, usq. pag. 199.

(36) Rezid. ecclesiastico testamentos letra A, maço 2º n. 23.

juiz de orphãos Paulo da Fonseca Bueno em S. Paulo em Junho de 1702 (37). E teve do seu matrimonio filha unica,

4— D. Maria da Silveira Bueno, que casou com José de Aguirre de Camargo, natural e cidadão de S. Paulo, onde repetidas vezes occupou os honrosos cargos da republica. Teve postos militares, e se acha em patente de tenente-coronel das ordenanças de S. Paulo, onde exerceu em 1767 com avançada idade de annos. Em titulo de Camargos, cap. IV, § 6º. Sem geração.

3—4. Francisco Bueno Luiz da Fonseca, cidadão de S. Paulo e da villa de Parnahyba onde foi muitos annos morador, até passar-se para o sitio do Vuturuna, territorio das Minas do Rio das Mortes (diz o autor em nota, que este foi o cabeça da expulsão do syndicante, que aqui se deve relatar: acha-se descripta em titulo de Freitas. Foi casado com D. Maria Jorge Velho, natural de Parnahyba, filha do sargento-mór de batalhas Salvador Jorge Velho. Em titulo de Lemes, cap. V, § 5º, n. 3—2 a n. 4—1. E teve nascidos em Parnahyba.

4—1. D. Isabel Bueno da Fonseca, casou com Bartholomeu Bueno do Prado, capitão-mór adjudante das Minas do Jucuy, Foi governador da expedição, que por ordem regia, que fez executar o governador José Antonio Freire de Andrade contra os foragidos e salteadores, que passavam de 1.000 pretos da costa de Guiné, que ficaram inteiramente destruidos. Foi filho do capitão-mór Domingos Rodrigues do Prado Em titulo de Prados. Falleceu em Janeiro de 1768; jaz sepultado na capella do Rosario, freguezia das Carrancas da comarca de S. João de El-Rei. E teve.

5—1. D. Maria Jorge Bueno, mulher de Manoel de Paiva e Silva, natural do Rio das Mortes.

(37) Cart. de orphãos de S. Paulo maço 2º de inventarios, letra P.



5—2. Alexandre de Gusmão Bueno.

5—3. Francisco Bueno do Prado.

9—4. D. Anna Gusmão Bueno.

4—2. Diogo Bueno da Fonseca, capitão de cavallos dos auxiliares e guarda-mór das Minas de Sant'Anna das Lavras do Funil. Casou com D. Joanna Baptista Bueno, filha do coronel Domingos Rodrigues da Fonseca e de D. Isabel Bueno de Moraes. Em titulo de..... (Consta de uma representação que fez em 1772 o guarda-mór Diogo Bueno, que havia 30 annos pouco mais ou menos que fôra em companhia de seu pai, com grande risco de vida e despezas, a descobrir e povoar o sertão do Rio-Grande, Francisco Bueno da Fonseca, Salvador Jorge Bueno, e mais seis companheiros e parentes, e descobrira com effeito o dito sertão do Rio Grande abaixo, e Capivari, comarca do Rio das Mortes, e freguezia das Carrancas, onde elle era morador com bastante familia junto com os referidos, que todos alli assistiam e tinham povoado o dito sertão; e pediram todos por sesmaria desde a serra das Carrancas pelo ribeirão dos Tabuões abaixo, atravessando pela parte do poente do morro do Barreiro, fechando ao norte, e ao lugar chamado o Palmital, onde um d'elles tinha as suas roças, o que tudo poderia ser tres leguas, e assim lh'o concedeu José Antonio Freire de Andrade, governador das Minas, em 30 de Janeiro de 1753. Veiu a confirmar em 1773. Esta nota é da letra do Sr. João Pereira ) E teve :

5— 1. Francisco Bueno da Fonseca.

5— 2. Diogo da Fonseca Bueno.

5— 3. João Raposo da Fonseca.

5— 4. D. Isabel Bueno de Moraes.

5— 5. Salvador Jorge Bueno.

- 5— 6. D. Joanna Baptista Bueno.
- 5— 7. D. Anna Maria Baptista Bueno.
- 5— 8. José Bueno da Fonseca.
- 5— 9. D. Maria Bueno da Fonseca.
- 5—10. Joaquim da Fonseca Bueno.
- 5—11. Valentim da Fonseca Bueno.
- 5—12. D. Agostinha Euleria Eufrasia Bueno.

4—3. Manoel Francisco Xavier Bueno, capitão de cavallos de auxiliares das Lavras do Funil. Casou primeira vez na freguezia de S. Roque, territorio da villa da Parnahyba com D. Lucrecia Leme da Fonseca, filha do coronel Domingos Rodrigues da Fonseca. Casou segunda vez com D. Maria de Almeida, filha de João de Almeida Pedroso, e de D. Gertrudes de Sampaio. Em titulo de Arrudas. E teve do primeiro matrimonio:

- 5— 1. Domingos Rodrigues da Fonseca.
- 5— 2. Bartholomeu Bueno da Fonseca.
- 5— 3. Estanislão da Fonseca Leme.
- 5— 4. José Corrêa Bueno.
- 5— 5. João da Fonseca Bueno.
- 5— 6. Amaro Bueno da Fonseca.
- 5— 7. Antonio Bueno da Fonseca.
- 5— 8. Francisco da Fonseca Bueno.
- 5— 9. Leandro Bueno da Fonseca.
- 5—10. D. Anna Corrêa Bueno de Moraes.
- 5—11. D. Ignacia da Fonseca Bueno.

E do segundo matrimonio teve:

- 5—12. Hieronimo.
- 5—13. D. Isabel.
- 5—14. D. Gertrudes.
- 5—15. Ignacio.
- 5—16. D. Joanna.
- 5—17. D. Francisca.

3—5. Bartholomeu Feio Bueno, falleceu solteiro na villa dos Campos de Guayatazes do Rio de Janeiro.

3—6. Antonio Bueno. }  
3—7. Hieronimo Bueno. } Falleceram solteiros.

3—8. D. Bernarda Luiz de Oliveira (filha de Diogo Bueno do § 7º), foi casada com João Franco Viegas, natural da villa de Portel, comarca de Evora (irmão inteiro de Lourenço Franco, de quem tratamos no § 8º, adiante), cidadão republicano de S. Paulo, que viuvando se retirou para o Rio de Janeiro, em cuja cidade se fez bem conhecido e recommendavel o seu nome pelos contratos que teve, sendo o de maior entidade o da pesca das baleas. Passou depois com avançada idade para Minas-Geraes, onde falleceu não ha muitos annos; e sua mulher falleceu em 1683 (38). E teve 4 filhos.

4—1. D. Ursula Franca Bueno, casou com Bartholomeu da Rocha Pimentel, natural e cidadão de S. Paulo, morador na freguezia de S. João da Atibaya, filho de Pedro da Rocha Pimentel, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Leonor Domingues de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. VIII, § 3º. Sem descendencia.

4—2. D. Maria Franca de Oliveira, nasceu no 1º de Novembro de 1659. Casou com João de Camargo Pimentel natural e cidadão de S. Paulo. Em Camargos, cap. IV, § 1º. Sem descendencia.

4—3. D. Anna Franca Bueno. }  
4—4. Diogo Bueno Viegas. } Falleceram solteiros.

3—9. D. Marianna Bueno (filha de Diogo Bueno, do § 7º), casou na matriz de S. Paulo a 15 de Abril de 1697 com João Carvalho da Silva, filho de Manoel Carvalho de Aguiar e D. Potencia Leite. Em titulo de Lemes, cap. V, § 5º, n. 3—7. Extinguiu-se-lhe a geração porque falleceram todos os filhos.

(38) Orph. de S. Paulo, maço 1º de invent., letra B. pag. 26.

3—10. D. Anna de Ribeira, casou com João de Moura Camello natural de .... falleceu em S. Paulo em 1699 (39). E teve 3 filhos.

4—1. Braz de Moura Bueno. }  
4—2. D. Isabel Mendes de Moura. } Falleceram solteiros.

4—3. D. Maria Bueno de Oliveira, casou duas vezes, primeiro com Francisco Bicudo Chassim, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Gonçalo Simões Chassim. Em título de Chassins, cap. VIII. Segunda vez casou com João de Siqueira Preto, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica. Em título de Camargos, cap. II, § 3º, n. 3—5. Sem geração. E do primeiro matrimonio tem geração, em dito Chassins.

3—11. D. Marianna Bueno de Oliveira, falleceu em 1765 estando viuva de seu marido o capitão João Dias da Silva, natural e cidadão de S. Paulo, juiz de orphãos e provedor da real casa da fundição do ouro dos Quintos, irmão direito de Alexandre Corrêa da Silva, que foi lente em Coimbra, e acabou no conselho ultramarino. Em título de Pires, cap. VI, § 4.º. Sem geração.

3—12. D. Isabel Bueno (filha ultima de Diogo Bueno do § 7º, retro), que, igualmente formosa, como discreta, foi uma das matronas do maior applauso e veneração no proprio ninho. Não quiz casar, e no estado celibato que elegu acabou a vida em avançados annos.

§ 8.º

2—9. D. Marianna Bueno (filha de Amador Bueno do cap. I), falleceu em S. Paulo a 24 de Março de 1687. Foi casada com Sebastião Preto Moreira, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos todos da republica : falleceu com testamento a 17 de Fevereiro de 1696, e foi se-

(39) Cart. supra, maço 5º de invent., letra I.

pultado na igreja do collegio dos padres jesuitas (40); foi filho de Innocencio Preto, natural de Portugal, cidadão de S. Paulo, onde tendo servido todos os cargos da republica foi ouvidor da capitania, de que tomou posse na camara capital da villa de S. Vicente no liv. tit. 1684, pag. 42, e de sua mulher Maria Moreira. Em titulo de Moreiras, n. 1, cap. V, onde tratamos d'este Innocencio Preto. E teve naturaes de S. Paulo 4 filhos :

3—1. Innocencio Preto Moreira.

3—2. Maria Bueno.

3—3. Anna de Ribeira da Luz.

3—4. Bartholomeu Preto Moreira.

3—1. Innocencio Preto Moreira nasceu a 16 de Fevereiro de 1653. Serviu os cargos da republica de S. Paulo como cidadão d'ella: falleceu com testamento em 1729 (41); e foi casado com Joanna Franca, filha de Lourenço Franco natural da villa de Portel, comarca da cidade de Evora, que falleceu em S. Paulo com testamento a 8 de Abril de 1700 (42), e de sua mulher Isabel da Costa Santa Maria, natural de S. Paulo, a qual foi filha de João da Costa, que falleceu com testamento a 22 de Abril de 1674 (43), e de sua mulher Joanna do Prado. O dito Lourenço Franco serviu os honrosos cargos da republica de S. Paulo e foi cidadão d'ella. Mereceu que o Sr. rei D. Pedro II lhe escrevesse uma carta firmada do seu real punho com data de 20 de Outubro de 1698, em que lhe agradece as demonstra-

(40) Cart. de notas de S. Paulo, maço de invent. antigos, o de D. Marianna Bueno, sem testamento, e o de Sebastião Preto Moreira, letra S.

(41) Cart. de Orph. de S. Paulo, maço de invent., letra L, o de Innocencio Preto Moreira.

(42) Cart. supra, maço 1°, n. 3°, letra L.

(43) Cart. 2º de notas de S. Paulo, invent. de João da Costa.

ções que teve de honrado e leal vassallo no seu real serviço em S. Paulo (Secretaria do conselho ultramarino, L. das cartas do Rio de Janeiro tit. 1673 pag. 199). O mesmo Lourenço Franco foi primo co-irmão, por parte de pai ou de mãe, de Manoel Lobo Franco, morador da villa de Santos de quem tratamos, adiante no n. 3—2; e foi irmão inteiro de João Franco Viegas, de quem temos tratado n'este cap. § 7º, n. 3—8. Passou Lourenço Franco ao Brasil servindo e seguindo o real serviço, cujos papeis deixou a seu filho João Franco Viegas para despachar com elles. No seu testamento supra indicado faz uma relação dos ditos serviços, os quaes conferem com as fés de officio e certidões d'elles, que são os seguintes : Em Mourão Villa Nova de Alfreño, em Monsaraz, serviu na companhia do capitão Luiz Espinolla : depois passou a Elvas com o capitão-general André de Albuquerque, e se achou na tomada do forte da Telena em a batalha que houve na Ribeira do Guadiana. Depois passou a soccorrer Campo Maior. Veiu ao Brasil á cidade da Bahia, onde serviu no terço do Estrater na companhia do capitão Fernão Telles de Menezes, de quem foi alferes. Voltou ao reino, e serviu na companhia geral em posto de alferes do capitão de mar e guerra André Ferreira. Em tempo do general Pedro Jaques de Magalhães, quando se tomou Pernambuco, foi mandado com um prego de Sua Magestade ao mestre de campo general Francisco Barreto. Servio n'esta guerra até se vencer a restauração de Pernambuco do poder do inimigo hollandez. Tornou a passar ao reino na companhia do mesmo capitão Fernão Telles de Menezes. Em Alemtejo serviu no posto de alferes do capitão João Gomes Catanha do terço de Manoel Velho da Fonseca ; e o mesmo Lourenço Franco governou a dita companhia de Catanha todo o tempo que o exercito esteve em Badajós. Achou-se na

batalha de S. Miguel sitio de Elvas com o general D. Sancho Manoel. Em Lisboa serviu no terço de Luiz Lourenço de Tavora. Voltou ao Brasil, e casou em S. Paulo, onde foi juiz ordinario, porém seu filho João Franco Viegas, a quem deixou por herdeiro de seus grandes serviços, deixou amortecer os merecimentos de seu pai; como paulista que era, contentando-se só com a gloria de ser filho de um pai que tanto se distinguio no real serviço. E teve nove filhos nascidos em S. Paulo, que foram :

- 4-1. Lourenço Franco, casou com Francisca Machado Cardoso, filha de Francisco Machado e de Domingas Cardoso. Em título de Alvares Sousas, cap. II, § 2º. Sem geração.
- 4-2. Ignacio Preto, que teve geração.
- 4-3. Sebastião Preto, existe solteiro em 1768 no bairro de Santa Anna.
- 4-4. João Bueno Caz.
- 4-5. Isabel Bueno, casou na matriz de S. Paulo a 23 de Abril de 1702 com Marcellino de Camargo e Aguirre, filho de Fernando de Aguirre e de sua mulher Isabel Ribeiro. Em título de Camargos, cap. IV, § 6º. Sem geração.
- 4-6. Luzia Bueno, casou com Pedro da Cunha Lobo, natural e cidadão de S. Paulo, irmão de Salvador da Cunha Lobo e de Francisco da Cunha Lobo, que é pai de Fr. Thomé Marcellino Horta. Em título de Cunhas Gages.
- 4-7. Francisca Bueno, falleceu a 8 de Agosto de 1750, casou duas vezes. A primeira com Henrique da Cunha Lobo, de quem teve um filho e duas filhas; a segunda com... Telles, de quem teve dois filhos e duas filhas.
- 4-8. Angela Bueno, falleceu com testamento em Jundiaby a 10 de Dezembro de 1727. Casou com José Ferreira, morador na dita villa, e teve dois filhos, João e Rita a qual falleceu solteira.
- 4-9. Maria Bueno foi casada com João de Mattos, natural de S. Paulo, e teve filho unico Domingos Franco Bueno, casado com Escholastica Cordeiro.



3—2. D. Maria Bueno (filha de D. Marianna Bueno do § 8º), nasceu a 9 de Fevereiro de 1635, e casou em S. Paulo com Manoel Lobo Franco, que fez assento na villa de Santos, e era primo co-irmão de Lourenço Francisco, de quem fallámos no n. 3—1, retro. Este Lobo foi filho de Francisco Franco, que teve o grão de licenciado, e de sua mulher Catharina Nunes, como se vê das sentenças *de genere* de seus filhos, netos e bisnetos na camara episcopal de S. Paulo, autos de Francisco Vilella, Francisco Bueno, Francisco Rodrigues Silva e outros. Foi morador de S. Paulo e seu nobre cidadão; e depois de ter conseguido por carta de sesmaria dezoito leguas de terras de cultura no rio Mogy, no caminho para os Batataes, que tinha sido alojamento dos gentios em 1678, para estabelecimento de fazendas, unido com seu primo João Franco Viegas: tomou nova resolução, e se passou depois para a villa de Santos, onde se estabeleceu e foi da governança d'aquella republica, e alli falleceu, tendo de antes dado estado a seus filhos, que foram nove:

- 4—1. Fr. Francisco Lobo, religioso franciscano, prégador e commissario dos terceiros na villa de Santos.
- 4—2. Fr. Sebastião dos Anjos, religioso franciscano, que falleceu na Bahia, indo alli tomar ordens.
- 4—3. O padre Diogo Bueno, clérigo, que foi coadjutor da igreja matriz de Santos.
- 4—4. Fr. Thomé Bueno, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro. Este religioso correu as Indias de Hespanha, viajando pelas provincias da Assumpção do Paraguay, Buenos-Ayres, Tucuman, cidade do Prata, Chuquizaça, reino do Perú, cidade de Lima e Chile. Embarcou para Europa, e esteve nas côrtes de Lisboa, Madrid, Florença, Milão, Napoles, Veneza e outras mais côrtes, e ultimamente em Roma, onde teve o gosto de beijar o pé do Summo Pontífice. Recolheu-se à patria, e elegeu

para seu descanso a aldea Maruhery do real padroado em S. Paulo, por ser da administração dos religiosos carmelitas do convento d'essa cidade, e na solidade d'este sitio, feito superior missionario dos indios, acabou a vida.

- 4—5. João Franco Viegas Bueno, casou em S. Paulo com D. Francisca de Lira de Moraes. Em titulo de Moraes, cap. II, § 6º, n. 3—2 a n. 4—7. Sem geração.
- 4—6. Catharina de Ribeira, casou com João Francisco Vilella, da governança da villa de Santos, onde falleceu. E teve, nascidos em Santos, 7 filhos, que foram :
- 5—1. O M. Rev. Dr. Manoel Vilella Bueno, que acabou conego thesoureiro-mór da cathedral da cidade de S. Paulo, e falleceu na villa de Santos, jaz sepultado na igreja do collegio que foi dos jesuitas.
- 5—2. O Rev. presentado Fr. Pedro Vilella, carmelita, que jaz no seu convento de Santos.
- 5—3. O padre Francisco Vilella, vigario da igreja da Ataguna, e depois da vara de Santos, sua patria.
- 5—4. Maria Francisca Vilella, foi casada com Gonçalo Borges Chaves, de quem teve um filho, João, que falleceu de 11 mezes.
- 5—5. Ignez de Ribeira Vilella, casou com Manoel Francisco Lustosa, e teve filho unico o Rev.... Vilella, vigario da vara em Santos e visitador da marinha do sul até Parnaguá em 1765.
- 5—6. O Rev. padre-mestre e Dr. Fr. Manoel Vilella, que, passando á Roma, alli tomou o gráo de doutor, e n'este anno de 1769 visitador dos conventos de Santos, S. Paulo, Itú e Mogy.
- 5—7. Francisca de Ribeira Vilella, solteira.
- 4—7. Ignez Franca, foi casada com Manoel Antunes Vianna. E teve 4 filhos nascidos em Santos.
- 5—1. O padre-mestre Fr. Francisco Antunes, carmelita calçado.
- 5—2. O padre presentado Fr. Diogo Antunes, carmelita calçado.
- 5—3. O padre presentado Fr. José Antunes, carmelita calçado.

- 5—4. Catharina Antunes, casada com Francisco Rodrigues Silva, da governança da praça de Santos, que ainda vive. E teve, nascidos em Santos :
- 6—1. O padre Francisco Rodrigues Silva, que falleceu estando com ordens de evangelho.
- 6—2. Marianna Rodrigues Silva, mulher de Francisco de Carvalho e Silva.
- 6—3. Maria Rodrigues, mulher de Francisco de Carvalho Guimarães.
- 6—4. Anna Rodrigues Silva.
- 6—5. O padre Diogo Rodrigues Silva, vigário da villa de S. Vicente.
- 4—8. Marianna Bueno (filha de Manoel Lobo Franco, do n. 3—2 retro), foi casada com Manoel Gonçalves de Araujo, e ambos falleceram na villa de Santos. E teve :
- 5—1. D. Antonio de Araujo, morador em Lisboa desde 1756 : foi carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro, e passando á Roma se transitou para clerigo do Santo Espirito. Existe na mesma cidade em 1784.
- 5—2. O padre Francisco Bueno.
- 5—3. D. Felícia de Araujo, que casou em 1737 com o sargento-mór Claro Francisco Nogueira, que falleceu em Lisboa, deixando filhos nascidos em Santos, que são :
- 6—1. Anna Maria de Araujo.
- 6—2. Francisca Nogueira Bueno.
- 6—3. Maria Nogueira de Araujo.
- 6—4. Antonio de Araujo, habilitado para clerigo.
- 5—4. Bernardo de Araujo, da governança da villa de Santos, onde casou com D.... filha de Fernando Leite Guimarães, capitão de infantaria da praça de Santos, e de sua mulher D.... natural da ilha de S. Sebastião.
- 4—9. Rosa Maria Bueno (filha ultima de Manoel Lobo Franco, do n. 3—2), foi casada com Manoel Gomes Palheiros, natural de..... Vide camara episcopal de S. Paulo : autos *de genere* do padre Pedro Palheiros. E teve 8 filhas.

5—4. Anna Gomes Palheiros, casou com Constantino da Costa, cuja naturalidade consta na camara episcopal de S. Paulo nos autos de *genere* de seu filho unico Manoel da Costa, clérigo de S. Pedro, que acabou vigário de Ubatuba.

5—2. Manoel Gomes Palheiros, falleceu em S. Paulo, estando estudando philosophia.

5—3. Maria Bueno. Esta casada com o sargento-mór João Ferreira de Oliveira (falleceu em....), natural de.... republicano da villa de Santos, onde se acha estabelecido com casa de grosso negocio, e é a maior que tem ao presente tempo aquella villa: foi creado sargento-mór das ordenanças de S. Paulo, cuja patente confirmou Sua Magestade, e tem repetidas vezes servido os cargos da república. Do seu matrimonio tem os filhos seguintes:

6—4. Maria Ferreira de Oliveira, casada com o sargento-mór Antonio Pereira.

6—2. Rita Maria Ferreira, casada com Francisco Xavier.

6—3. Gertrudes Maria Ferreira de Oliveira, casada com Manoel de Sousa.

6—4. Quiteria Ferreira de Oliveira.

6—5. O Rev. Dr. João Ferreira de Oliveira, bacharel formado em canones em 1770. Existe conego da Sé de S. Paulo.

5—4. Ursula Gomes Palheiros, casou com Antonio Martins.

5—5. João Gomes Palheiros.

5—6. Rosa Maria Bueno.

5—7. O padre Pedro Palheiros, clérigo de S. Pedro, falleceu estando vigário da villa de Ubatuba.

5—8. José Gomes Palheiros, foi soldado dragão de Goyazes.

3—3. Anna de Ribeira da Luz (filha de D. Marianna Bueno e de Sebastião Preto Moreira, § 8°), foi casada com Francisco Cubas de Mendonça, natural de S. Paulo e cidadão da

sua republica, da nobre familia dos seus appellidos. Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. I, em sua descendencia.

3—4. O capitão Bartholomeu Preto Moreira, falleceu em 1698 (44); casou com Isabel da Silva (sobrinha do capitão Estevão da Cunha de Abreu), filha de..... Em titulo de Pires, cap. VI, § 4º, n. 3—8, e falleceu com testamento a 23 de Junho de 1718, estando já segunda vez casada com José de Camargo Pires (45). E teve 4 filhos.

4—1. Sebastião Preto.

4—2. Maria ... } Falleceram solteiras.

4—3. Anna ... }

4—4. Marianna Bueno, casou com José de Camargo Neves, nobre da cidade de S. Paulo, filho de José de Camargo Ortiz e de sua mulher Maria das Neves. Em titulo de Pires, cap. VI, § 2º, n. 3—7.

### § 9.º

2—9. Francisco Bueno Luiz.

## CAPITULO II.

1—2. Francisco Bueno (filho do castelhano Bartholomeu Bueno de Ribeira), foi cidadão de S. Paulo, que serviu os honrosos cargos da republica, casou em S. Paulo a 21 de Janeiro de 1630 com Philippa Vaz, filha unica de Francisco João Branco e de sua mulher Anna de Cerqueira; falleceu Francisco Bueno em 1638 e sua mulher a 7 de Janeiro de 1647 (Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios,

(44) Orphãos de S. Paulo. maço 1º dos inventarios, letra B, n. 4.

(45) Cart. supra. maço 3º, letra I, n. 32, e ouvidoria, test. o de Isabel da Silva.

letra F). Esta Anna de Cerqueira quando casou com Francisco João Branco era viuva de fulano de Paiva, de quem teve o filho Francisco de Paiva. O dito Branco foi homem nobre, como se vê nos autos de seu inventario pag. 8, que se acha no cartorio do segundo tabellião de S. Paulo no tit. unico de inventarios antigos, o de Francisco João Branco. Foi natural da villa de Setubal, de onde se passou para S. Paulo, com seus irmãos padre Antonio João Branco, presbytero de S. Pedro, e Manoel João Branco, do qual tratamos em titulo de Lemes cap. V, § 4º; falleceu o dito João Francisco Branco em S. Paulo com testamento a 7 de Setembro de 1647, como consta dos autos do inventario já referidos. E teve dois filhos:

Anna de Cerqueira, § 1º  
Bartholomeu Bueno, § 2º

§ I.º

2—1. Anna de Cerqueira casou com Hieronimo de Camargo, de quem tratamos em titulo de Camargos, cap. V, com sua dependencia.

§ 2.º

2—2. Bartholomeu Bueno, chamado por alcunha —Anhanguera—. Em titulo de Lemes cap. V, § 5º, na descendencia do n. 3—2, etc.

CAPITULO III

1—3. Bartholomeu Bueno (filho do sevilhano) foi chamado o moço por differença de seu pai. Serviu os honrosos cargos da republica: casou duas vezes: a primeira com Agostinha Rodrigues, filha de Garcia Rodrigues Velho e de

sua mulher Catharina Dias, sem geração, porque falleceu Agostinha Rodrigues com testamento a 16 de Maio de 1630, declarando n'elle quem foram seus pais, e que tivéra um irmão religioso carmelita, e foi sua herdeira sua mãe Catharina Dias, que n'este anno de 1630 já estava viuva (cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inventarios antigos, o de Agostinha Rodrigues, mulher de Bartholomeu Bueno o moço). Casou segunda vez o dito Bartholomeu Bueno na matriz de S. Paulo a 8 de Janeiro de 1631 com Marianna de Camargo, a qual viuvando casou na mesma matriz no 1º de Agosto de 1638 com Francisco da Costa Valladares, capitão de infantaria, natural da freguezia de Quintos, territorio da cidade de Beja, e filho de Luiz de Mestre e Valladares, e de sua mulher Maria Lopes. Em titulo de Camargos, cap. VII, com sua descendencia.

#### CAPITULO IV

1—4. Hieronimo Bueno (filho do sevilhano, etc.), tendo servido os honrosos cargos da republica de S. Paulo, sua patria, penetrou o sertão do rio Paraguay dos dominios de Castella com o interesse de conquistar nações de gentios *Bakans*, etc.; sahio por capitão-mór d'esta tropa, e com toda ella pereceu ás mãos do inimigo em 1644, como se vê no cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letr. H. n. 5, o de Hieronimo Bueno, Estava casado com Clara Parenta, natural de S. Paulo, filha de Manoel Preto, natural de Portugal, e de sua mulher Agueda Rodrigues, fundadores da capella de Nossa Senhora do O'. Este dito Manoel Preto, e seus irmãos Innocencio Preto, Sebastião Preto, José Preto, vieram todos de Portugal com seus pais para S. Vicente (Cart. da prov. da fazenda real, L. 4º de Reg. de sesmar. n. 8, tit. 1633 até 1638,



pag. 23), d'onde se passaram para S. Paulo. Manoel Preto se fez um dos maiores sertanistas na conquista de indios gentios nos sertões do rio Paraná, Uvahú, e campanhas até o rio Uruguay e Tibagy. D'elle trata com odiosa penna D. Francisco Xarque de Andella no seu livro *Insignes Missioneros de la compania do Jesus de la provincia del Paraguay*, tom. 1.<sup>o</sup> e tom. 2.<sup>o</sup>. Agueda Rodrigues foi neta do leigo padre Dias, como tratámos na *Historia de Piratininga Paulistana*. E teve 5 filhos :

Maria Bueno.....	§ 1. <sup>o</sup>
Bartholomeu Bueno.....	§ 2. <sup>o</sup>
Hieronimo Bueno, o pé de pão....	§ 3. <sup>o</sup>
Isabel de Ribeira.....	§ 4. <sup>o</sup>
Messia Bueno de Ribeira.....	§ 5. <sup>o</sup> Falleceu solteira.

#### § 1.<sup>o</sup>

2—1. Maria Bueno, casou-se na matriz de S. Paulo a 23 de Janeiro de 1642 com Lourenço de Siqueira de Mendonça, filha de Lourenço de Siqueira e de sua mulher Margarida Rodrigues, que foi irmã direita de Messia Rodrigues, mulher de João Pires, em titulo de Pires, cap. VI, irmão também de Francisco Rodrigues Velho, de Garcia Rodrigues Velho, e de Miguel Rodrigues Garcia, que todos foram filhos de Garcia Rodrigues e Catharina Dias, e netos de Isabel Velho e Garcia Rodrigues, que da cidade do Porto vieram já casados, trazendo filhos e filhas, e foram nobres povoadores das villas de S. Vicente, S. André da Borda do Campo, e de S. Paulo do Campo de Piratininga. Falleceu Lourenço de Siqueira de Mendonça a 20 de Maio de 1667. Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. I.

§ 2.º

2—2. Bartholomeu Bueno.

§ 3.º

2—3. Hieronimo Bueno, o pé de pão de aleunha por haver perdido uma perna, e trazer outra formada de pão. Fez varias entradas ao sertão, conquistou muitos gentios, o foi opulento, etc., falleceu solteiro, com testamento a 14 de Outubro de 1693. Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de Inv. letra H., n. 2.

§ 4.º

2—4. Isabel de Ribeira, casou com José Ortiz de Camargo, cidadão de S. Paulo, filho de Claudio Forquim, natural de França, e de sua terceira mulher Anna Maria de Camargo. Em título de Camargos, cap. VIII, § 2º, e sua descendencia.

CAPITULO V

1—5. D. Maria de Ribeira (filha do sevilhano, etc.), foi casada com João Ferreira Pimentel de Tavora, natural da villa de Alverca, comarca de Torres Vedras, filho de Vicente da Rocha Pimentel, e de sua mulher D. Messia Ferreira de Tavora, como constou por instrumento de *puritate et nobilitate probanda*, processada em Lisboa no juizo das justificações em Janeiro de 1686, sendo juiz de India e Mina o desembargador Domingos Marques Giraldes, a favor de Pedro da Rocha Pimentel, natural e cidadão de S. Paulo, filho do dito João Ferreira Pimentel de Tavora, cuja nobreza, por si, seus pais, e avós paternos e maternós, era qualificada; e que a conservaram

sempre os ditos avós, tratando-se á lei da nobreza com criados, cavallos, armas, etc. Em instrumento de Pedro da Rocha Pimentel se acha acostado aos autos de justificação que fez sua irmã D. Messia Ferreira de Tavora de *nobilitate et puritate sanguinis*, na ouvidoria de S. Paulo, e obteve sentença, pela qual foi julgada por irmã direita de Pedro da Rocha Pimentel e por filha legítima, etc., em 22 de Fevereiro de 1702, pelo desembargador Antonio Luiz Peleja, ouvidor geral e corregedor da comarca de S. Paulo, e foi escrivão dos autos João Soares Ribeiro. João Ferreira Pimentel foi cidadão de S. Paulo, onde occupou todos os honrosos cargos da republica, com grande respeito, estimação e autoridade, que se diffundiu e derramou por todos os seus descendentes, que souberam sempre com honra e fidelidade acreditar este feliz destino, que se conserva inalteravel até o presente. E teve 2 filhos :

Pedro da Rocha Pimentel... § 1.<sup>o</sup>  
D. Messia Ferreira de Tavora § 2.<sup>o</sup>

§ 1.<sup>o</sup>

2—1. Pedro da Rocha Pimentel, casou na matriz de S. Paulo a 20 de Maio de 1663 com Leonor Domingues de Camargo, filha de Claudio Forquim, francez. Em titulo de Camargos, cap. VIII, § 3.<sup>o</sup>, sem descendencia.

§ 2.<sup>o</sup>

2—2. D. Messia Ferreira de Tavora, foi casada com o capitão Marcellino de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. IV, sem descendencia.

CAPITULO VI

1—6. Messia de Ribeira (filha do sevilhano Bartholomeu Bueno de Ribeira).

CAPITULO VII

1—7. Isabel de Ribeira (filha ultima do sevilhano, etc.), casou na matriz de S. Paulo a 3 de Agosto de 1637 com o capitão Francisco de Camargo. Sem geração. Em titulo de Camargos, cap. VII.

---

CÓPIA FIEL DO TÍTULO DE—TAQUES POMPEOS—QUE FEZ PEDRO  
TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME PELOS ANNOS DE 1763, E  
QUE SE ACHA EM PODER DO ILLM. SR. JOÃO PEREIRA RAMOS  
DE AZEREDO COUTINHO.

Francisco Taques Pompeo, natural de Brabante, dos Estados de Flandres, da nobilissima familia do seuellido, passou a Portugal por causa do commercio, e fez assento na villa de Setubal, onde casou com D. Ignez Rodrigues, natural da mesma villa, e foram moradores no çapal da freguezia de S. Julião. Assim se vê dos autos *de genere* na camara patriarchal de Lisboa, processados no anno de 1696 por parte de Pedro Taques de Almeida (Sendo juiz das justificações *de genere* o Dr. Manoel da Costa de Oliveira, prior da igreja de S. Christovão, desembargador da relação ecclesiastica, ouvidor da capella real em tempo do eminentissimo D. Luiz de Sousa, cardeal e arcebispo de Lisboa). E se passou commissão ao Rev. vigario-geral da villa de Setubal o Dr. Ventura de Frias da Frota, em cujo cumprimento, precedendo informação do parochio, o Dr. João de Brito e Mello, prior da freguezia de S. Julião, se inqueriram as testemunhas seguintes: Domingos Alvarés de Paiva, moço da camara de Sua Magestade; o capitão Antonio Borges Ferreira, Francisco da Cruz Vieira e Antonio Nogueira Homem, que todos depuzeram singularmente sobre a pureza e nobreza de sangue dos Taques Pompeos. D'estes autos se passou instrumento em 30 de Dezembro de 1697 pelo Dr. Manoel da Costa de Oliveira, sendo escrivão Bento Ferreira Feijó, que se remetteu á camara episcopal do Rio de Janeiro, por onde se tinha expedido a requisitoria para as diligencias *de genere* a fa-

vor de Pedro Taques de Almeida, natural da villa de S. Paulo (1).

Do matrimonio de Francisco Taques Pompeo e D. Iñez Rodrigues nasceram sómente 2 filhos: D. Francisca Taques e Pedro Taques. D'este faremos abaixo menção, porque n'elle principiou em S. Paulo esta familia de Taques. D. Francisca Taques em vida de seus pais foi casada em Setubal com Reinaldo João, fidalgo de Allemanha, que teve a honra de ser pagem do real estandarte de el-rei D. Sebastião. Achando-se em Setubal teve este allemão umas differenças com Fernão Velho, fidalgo da casa real, e temendo-se a morte ao dito allemão lhe seguiu a vida por decreto o mesmo monarcha. Porém Fernão Velho, que era cavalheiro portuguez, preocupado mais dos estímulos do brio que attento ao respeito do real decreto, tirou a vida ao fidalgo allemão, fazendo-o expirar com duas balas, que lhe metteu pelo postigo da camara em que se achava muito descansado em sua casa. Esta culpa foi commettida publicamente, de dia, em Setubal. Informada a Magestade pelos echos da viuva D. Francisca Taques (que logo se pôz em Lisboa para na piedade do monarcha achar a recta justiça contra o aggressor), o mandou prender; porém refugiou-se o réo no convento das freiras de Jesus da villa de Setubal. Procedeu a justiça com as costumadas providencias que em taes casos admite a immuniidade, porém sem effeito, porque as religiosas tinham occultado a Fernão Velho (explicamos pelo mesmo termo que se vê no instrumento d'este facto, processado em Setubal a favor de Pedro Taques, antes de vir para o Brasil) no inferno da atafona. Deu-se conta a el-rei, que, mandando as ordens com a potestade

(1) Cart. da ouvidoria de S. Paulo. Autos civeis, letra P: os autores Pedro Taques Pires e outros; réo Agostinho Nogueira da Costa; e n'estes autos a requisitoria da guarda.

de príncipe soberano, não tiveram as freiras outro remédio que lançar para fóra o delinquente, o qual, sendo preso e processado, foi finalmente na praça publica de Lisboa degolado em cadafalso, e depois esquartejado o cadáver. Em cumprimento da sentença lhe foram entulhadas de sal as suas casas em Setubal para memoria do caso. Com esta infelicidade não procreou D. Francisco Taques, como tudo consta do mesmo instrumento.

Pedro Taques (irmão unico de D. Francisco Taques) passou ao Brasil feito secretario d'este Estado, em companhia de D. Francisco de Sousa, setimo governador-geral do mesmo Estado em 1591. Depois de residir na cidade da Bahia até 1598, teve D. Francisco de Sousa ordem de el-rei Filippe de Castella para passar a S. Paulo a fazer entablar as novas minas de ouro, que já os paulistas Affonso Sardinha e Pedro Sardinha, seu filho, haviam descoberto em 1597 na serra de Jaguamimbaba (hoje se conhece pela nomenclatura de Mantiqueira), e na de Jaraguá e Vuturuna; e com effeito se achou D. Francisco de Sousa em S. Paulo em Novembro de 1599, e com elle o secretario Pedro Taques(2). Em Julho de 1602 se recolheu de S. Paulo D. Francisco para o reino, d'onde voltou em 1609 feito governador e administrador-geral das minas de ouro e prata, descobertas e por descobrir, das tres capitánias do Espirito-Santo, do Rio de Janeiro e de S. Paulo, as quaes ficaram separadas da jurisdição do governo geral da Bahia por provisão do rei Filippe, passada em Lerma aos 15 de Junho de 1608. E trouxe a merecê de marquez das Minas, com 30,000 cruzados de juro e herdade, que depois se verificou em seu neto D. Francisco de Sousa,

(2) Camara de S. Paulo nos quadernos, tit. 1598 e 1599 4 fl. .ed...



terceiro conde do Prado e primeiro marquez das Minas por carta de 7 de Janeiro de 1670.

Trouxe mais D. Francisco de Sousa o poder de dar o fôro de fidalgo da casa real e o dom para as mulheres a 4 pessoas, por alvará passado em Madrid a 2 de Janeiro de 1608; outro alvará para poder dar o fôro de cavalleiro fidalgo a 100 pessoas, datado em Madrid a 2 de Janeiro de 1608; outro também, com a mesma data, para conferir 18 habitos da ordem de Christo; 12 com tença de 20\$ e 6 com tença de 50\$; outro alvará para dar a serventia dos officios vitalicios em nome da Magestade. E outros mais alvarás de diversas regalias, os quaes todos se acham registrados na camara de S. Paulo, liv. tit. 1607, desde fl. 30 até fl. 37. E dos mesmos ou da maior parte d'elles faz menção D. Antonio Caetano de Sousa, clérigo regular da Divina Providencia, no seu livro *Titulo dos grandes de Portugal*, tratando do marquez das Minas.

Em S. Paulo casou Pedro Taques com D. Anna de Proença, natural de S. Paulo; filha de Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, entre 213 moços da camara que teve o dito infante, que foi duque de Beja por mercê de seu pai el-rei D. Manoel (Torre do Tombo, liv. 5 dos mysticos, fl. 8 e fl. 29), e senhor das villas de Salvaterra, Covilhã, Serpa e Almada, e da cidade de Ceuta, em Africa (liv. 3.º da chancellaria de el-rei D. João III, fl. 120). O dito Antonio de Proença occupou os empregos de que fazemos menção em titulo de Proenças, onde mostramos que fôra casado na villa de Santos com D. Maria Castanho, cuja qualidade veja-se em dito titulo Proenças.

Pedro Taques falleceu em S. Paulo com muito avançada idade, tendo occupado todo o tempo no real serviço; porque, acabando o de secretario de Estado do Brasil em 1602, em que se recolheu para o reino D. Francisco de

Sousa, serviu os cargos honrosos da republica. Voltando em 1609 D. Francisco de Sousa com os poderes de que já fizemos menção, deu a Pedro Taques o officio de juiz dos orphãos da villa de S. Paulo, vitalicio por provisão datada em 6 de Junho de 1609, que se acha registrada na camara de S. Paulo, liv. tit. registros de 1607 á fl. 22. Este, como fica dito, falleceu em S. Paulo com testamento a 26 de Outubro de 1644, como se vê nos autos de inventario de seus bens no cartorio 1º do tabellião de notas, maço de inventarios antigos, letra P, o de Pedro Taques, com testamento. N'elle declarou a sua naturalidade, seus empregos e os nomes de seus pais, e que fôra casado com D. Anna de Proença, de cujo matrimonio tivéra 8 filhos de um e outro sexo, e declarou tambem as pessoas com quem tinha casado suas duas filhas, e de todos iremos fazendo menção, e foram elles :

Pedro Taques. ....	Cap. 1º
Guilherme Pompeo de Almeida	Cap. 2º
Lourenço Castanho Taques....	Cap. 3º
D. Sebastiana Taques.....	Cap. 4º
D. Marianna Pompeo.....	Cap. 5º
Antonio Pompeo de Almeida...	Cap. 6º

## CAPITULO I

1—1. Pedro Taques, estando casado com D. Potencia Leite (irmã direita do governador Fernão Dias Paes, que depois foi mulher de Manoel de Carvalho de Aguiar), teve umas differenças em 1640 com Fernando de Camargo, o primeiro d'este nome na familia do seu appellido, chamado o Tigre de alcunha, e, desembainhando ambos as espadas e adagas no pateo da matriz da villa de S. Paulo, se travou tão rija contenda, que, acudindo numerozo concurso a favor de

um e outro partido, passou este desafio a combate de guerra viva. Baralhada a machina d'este tumulto, se offendiam uns aos outros, sem atinarem na tranquillidade, que em taes casos costuma ser todo o empenho dos que se poem na rua a atalhar qualquer pendencia. Esta teve principio á porta do templo, mas levados uns e outros do ardor da peleja, se continuou este estrondo, correndo as ruas até fechar-se esse vicioso circulo no mesmo lugar onde tivéra origem o primeiro furor da paixão dos dois primeiros contendores. Grande foi a providencia occulta de Deus n'este lance, porque, sendo muitos os mortos n'aquelle desordenado rompimento, não perigaram os dois principaes combatentes, Pedro Taques e Fernando de Camargo. Serenou-se esta primeira tempestade, em que se dispararam tambem tiros de escopeta, que causaram as mortes que houve n'este conflicto. Passados tempos e já convalescidos das feridas os dois contrarios, existia um temor de novo combate, para o qual se convidavam intrepidos os parentes, alliados e amigos de um e outro partido, já n'este tempo declarados inimigos, sem mais causa para tanto desacerto, vingança e odio, que o indesculpavel estimulo de uma cega paixão. Em o anno de 1644 estando Pedro Taques em conversação com um amigo e tendo as costas para a porta travessa da matriz de S. Paulo, veio á falsa fé Fernando de Camargo, e correu a adaga pelas costas de Pedro Taques, que para logo perdeu a vida a rigor do golpe, que abriu primeiro a vileza do animo, que a tyrannia do odio. Deixou do seu matrimonio um menino chamado Pedro, que em tenros annos voou para o céo. (3)

(3) Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra P. n. 23, o de Pedro Taques em 1644.

CAPITULO II

1—2. Guilherme Pompêo de Almeida viveu abastado no territorio de S. Paulo, sendo um dos primeiros cavalheiros que na propria patria desfructava o maior respeito. Retirou-se mudando de domicilio para o territorio da villa de Parnahyba. Esta mesma prudente resolução seguiram outros parentes. Foi muito zeloso do bem commum, e das utilidades do serviço do monarcha ; e tanto que as Magestades de el-rei D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II, sendo principe regente, o honraram com cartas firmadas do real pulso, não só quando vieram enviados a S. Paulo os administradores das Minas D. Rodrigo de Castello-Branco e Jorge Soares de Macedo em 1680, mas quando veio o governador D. Manoel Lobo em 1677 ; e é digna de memoria a que receberam o dito Guilherme Pompêo de Almeida datada em 2 de Maio de 1682, recommendando-lhe dêsse ajuda e favor a Fr. Pedro de Sousa, que vinha a examinar as pedras de prata da serra de Byraçoyaba no territorio da villa de Sorocaba (4). Foi Guilherme Pompêo de Almeida capitão-mór da villa de Parnahyba por el-rei D. Pedro, sendo regente (5). Viveu abundante de cabe-daes com grande tratamento e opulencia em sua casa. A copa de prata, que possuiu excedeu de 40 arrobas, porque, os antigos paulistas costumavam penetrar os vastissimos sertões do rio Paraguay, e atravessando suas serras, conquistando barbaros indios seus habitadores, chegavam ao reino do Perú e minas do Potosy, e se aproveitavam da riqueza de suas minas de prata, de que ennobreceram suas

(4) Secretaria do conselho ultramarino, liv. de cart. tit. 1673 a fl 2 e seg.

(5) Cart. da camara de S. Paulo, liv. de Reg. 1675 a fl 105 v.

casas, com copa de muitas arrobas, de cuja grandeza ao presente tempo nada existe pela ambição de mineradores e governadores, que no decurso de 63 annos attrahiram a si esta grandeza, porque nenhum se recolheu para o reino, que não levasse boas arrobas. Fundou no territorio da villa de Parnahyba a capella de Nossa Senhora da Conceição em Vuturuna, e a dotou com liberal mão, constituindo-lhe um copioso patrimonio em dinheiro amoedado, escravos officiaes de varios officios, e todos com rendas para o exercicio de suas occupaões. Adornou a capella com retabulo de talha toda dourada, e lhe deu ornamentos ricos para as festividades e outros de menos custo para semanarios com castiças de prata.

De tudo se lavrou escriptura pelo tabellião da villa da Parnahyba em 13 de Fevereiro de 1687; e que na sua descendencia se conservasse a administração da dita capella, sendo primeiro administrador o Rev. Dr. Guilherme, e por morte d'este Antonio de Godoy Moreira, seu genro, a quem succederia a sua descendencia. Instituiu por sua alma duas missas cada mez pelo patrimonio da dita capella, de que dariam conta os administradores d'ella.

Casou Guilherme Pompêo de Almeida em a matriz de S. Paulo a 21 de Agosto de 1639, com D. Maria de Lima Pedroso, filha de João Pedroso de Moraes e de sua mulher Maria de Lima. Em titulo de Moraes, cap. 3.<sup>o</sup>. Jaz sepultado na capella-mór da matriz da Parnahyba em sepultura propria que n'ella tinha, como declarou no seu testamento com que falleceu.

Deixou 3 filhos.

- |                                      |                   |
|--------------------------------------|-------------------|
| 2—1. Guilherme Pompêo d'Almeida. . . | § 1. <sup>o</sup> |
| 2—2. D. Maria de Lima e Moraes. . .  | § 2. <sup>o</sup> |
| 2—3. D. Anna de Lima e Moraes. . .   | § 3. <sup>o</sup> |

§ 1.<sup>o</sup>

2—1. Guilherme Pompêo d'Almeida foi o mmo de seus pais, como unico varão, e com os desejos de o verem bem instruido o mandaram para a cidade da Bahia aprender a lingua latina nos pateos do collegio dos jesuitas, onde se consummou excellente grammatico. Foi dotado de grande viveza de engenho e docilidade, sobre que sahia muito um natural respeito, que soube sempre conciliar dos estranhos, patricios e parentes. Abandonando ficar herdeiro do grande cabedal de seus pais, que intentaram n'este filho perpetuar a sua casa, teve vocação de ser religioso franciscano na provincia da Bahia, onde se achava, o que sendo communicado a seus pais, lhe atalharam com rogativas este religioso intento, e cedeu o filho ás supplicas paternaes, assentando ser presbytero secular. Estudou philosophia, e theologia, da qual teve o grão de doutor por bulla pontificia. Foi tão amante das letras, que da grandeza, e profusão de seu liberal animo tinham segura protecção os sujeitos bem instruidos na historia sacra e profana. Teve excellente livraria, que por sua morte encheram os seus livros as estantes do collegio de S. Paulo, a quem constituia herdeiro da maior parte dos seus grandes cabedaes. Nasceu elle na villa da Parashyba, em cuja matriz foi baptizado a 24 de Abril de 1636. Fez assento no sítio de Araçariguama, onde fundou a capella de N. S. da Conceição, a cujo mysterio teve cordial devoção, toda adornada de excellente talha dourada com muita magnificencia. Celebrava-se annualmente a festa da Senhora, a 8 de Dezembro, com um oitavario de festas de missas cantadas, Sacramento exposto, e sermão a varios santos da sua especial devoção, e se concluia o oitavario com um anniversario pelas almas do purgatorio com

o officio de nove lições, missa cantada, e sermão para excitar a devoção dos fieis ouvintes. De S. Paulo concorria a maior parte da nobreza com os religiosos de maior autoridade, das quatro communidades, companhia de Jesus, Carmo, S. Bento e S. Francisco, e os clérigos da maior graduação. Era a casa do Dr. Guilherme Pompêo n'aquelles dias uma populosa villa, ou côrte, pela assistencia e concurso dos hospedes. Para grandeza do tratamento da casa d'este heroe paulista basta saber-se, que fazia paramentar cem camas, cada uma com cortinado proprio, lençõs finos de bretonha guarnecidos de rendas, e com uma bacia de prata de baixo de cada uma das ditas cem camas, sem pedir nada emprestado. Tinha na entrada da sua fazenda da Araçariguama um portico, do qual até as casas mediava um plano de 500 passos, todo murado, cujo terreno servia de pateo á igreja ou capella da Conceição. N'este portão ficavam todos os criados dos hospedes, que alli se apeavam, largando esporas e outros trastes com que vinham de cavallo; e tudo ficava entregue a criados, escravos, que para este politico ministério os tinha bem disciplinados. Entrava o hospede, ou fosse um, ou muitos em numero, e nunca mais nos dias que se demoravam, ainda que fossem os de uma semana, ou de um mez, não tinha nenhum dos hospedes noticia alguma dos seus escravos, cavallos e trastes. Quando, porém, qualquer dos hospedes se despidia, ou fosse um, quinze, ou muitos ao mesmo tempo, chegando ao portão, cada um achava o seu cavallo com os mesmos jaezes, em que tinha vindo montado, as mesmas esporas, e os seus trastes todos, sem que a multidão da gente produzisse a menor confusão na advertencia d'aquelles criados, que para isto estavam destinados. Os cavallos recolhiam-se ás cavalharias, onde tinham tido o bom penso de herva e milho (que é o que se dá diariamente no Brasil aos cavallos,

*Tudo  
Segdo Mro*



principalmente na capital de S. Paulo; e tem feito vêr a experiencia a utilidade que recebem d'esse alimento, que os faz mui briosos, alentados e capazes de aturarem, como aturam, jornadas de 200 leguas, sem haver um só dia de descanso). Esta advertencia era uma das acções de que os hospedes se aturdião por observarem que nunca jámais entre a multidão de varias pessoas, que diariamente concorriam a visitar e obsequiar dias e dias ao Dr. Guilherme Pompêo de Almeida, se experimentava a menor falta, nem ainda uma só troca de trastes a trastes.

Foi tão profusa a mesa do Dr. Guilherme Pompêo, que n'ella as iguarias de varias viandas se praticava com tal advertencia, que se acabada a mesa, depois d'ella, passadas algumas horas, chegassem hospedes não houvesse para banqueteal-os a menor falta. Por esta razão estava a ucharia sempre prompta. A abundancia do trigo n'esta casa foi tanta, que todos os dias se cozia o pão, de sorte que para o seguinte já não servia o que tinha sobrado do antecedente. O vinho era primoroso, de uma grande vinha que com acerto se cultivava, e, supposto o consumo era sem miseria, sempre o vinho sobrava de anno a anno. Engrossou o seu copioso cabedal com a fertilidade das Minas-Geraes, para as quaes mandando numerosa escravatura debaixo da administração de zelosos feitores, recebia todos os annos avultadas remessas de ouro. Soube distribuir este grande cabedal, mandando á côrte de Lisboa reformar a prata, que em muitas arrobas herdou de seus pais, e posta em obra mais polida, teve a copa mais primorosa que nenhum outro seu nacional. Os moveis eram todos ricos e de primor. Distribuiu consideravel somma de dinheiro em esmolas, e sustentava com liberal grandeza os seus correspondentes. Na curia romana teve excellente accitação no honroso obsequio de alguns cardeaes, pelos quaes conseguiu

as letras de bispo missionario, que chegaram a tempo que já estava enfermo, de que acabou a vida, servindo-lhe só para o tratamento de illustrissima, que na oração funebre que se recitou no collegio de Jesus da cidade de S. Paulo deu o orador ao cadaver exposto no mausoléo, que com funeral pompa lhe erigiu o mesmo collegio agradecido á beneficencia com que lhe deixou muita parte dos bens. A escravatura toda, terras de cultura, encapellou a sua capella de Nossa Senhora da Conceição de Araçariguama, e deixou ao collegio de S. Paulo, para lhe aproveitar seus rendimentos, cumprindo-se annualmente com a festa da Senhora, em 8 de Dezembro.

Teve o Rev. Dr. Pompéo a gloria de hospedar por muitos mezes a um bispo grego, que das Indias de Hespanha veio ter a S. Paulo para na frota do Rio de Janeiro se passar para Lisboa. Depois hospedou ao padre Manoel de Sá, patriarcha da Ethiopia, que, vindo da India a Bahia, passou a S. Paulo em 1707, attrahido do nome do grande Guilherme Pompéo, a cuja conta correu, por noticias, que teve antecedentes da vinda do patriarcha, toda a despeza logo, que da Bahia chegou ao Rio de Janeiro onde o correspondente fez tratar ao patriarcha com toda a devida grandeza, com a qual embarcou para Santos, de onde passou a S. Paulo já conduzido pelo comboi de 100 indios, que todos carregados tinha mandado Pompéo para transitar dois dias da jornada até S. Paulo o dito patriarcha. Este prelado se confundiu de encontrar nas matas da villa de S. Paulo um varão tão bem instruido, que lhe não fazia falta a creação das côrtes que Pompeo não tinha conseguido. Emfim do Rev. Dr. Pompeo toda a noticia será sempre diminuta, e dudidosa a expressão que se fez verdadeira pela ocular experiencia dos que alcançaram tanta magnificencia. Só em um legado ao collegio de S. Paulo,

para moveis da sua igreja e de 5 altares, deixou de prata 14 arrobas em casliques, uns lisos para os dias semanarios, e outra ordem dos lavrados para os dias festivos, e 5 grandes alampadas todas de prata lavrada, além de pratos grandes de dar agua ás mãos, com jarros para o mesmo ministerio. Falleceu na villa de Parnahyba a 7 de Janeiro de 1713, e com marcha de 7 leguas foi conduzido o cadaver em um caixão coberto de velludo, que carregaram os seus parentes, com o acompanhamento de todo um povo d'aquella villa, onde elle tinha sido o verdadeiro pai da pobreza, o amparo dos necessitados e o objecto da maior estimação. Por esta comprida estrada vieram tochas accensas acompanhando o cadaver, que veio para o deposito do elevado mausolé, que já no collegio se tinha formado. Estas exequias se celebraram com pompa funeral pelo agradecimento da grande herança que elle recebeu depois da morte do Dr. Pompeo; não contente com a liberal grandeza com que em vida lhe fizera largos donativos. Não consumirá o tempo o grande nome, que soube conciliar a docilidade sem alteração, a grandeza de animo sem notas de diminuição, a prudencia, a affabilidade, o amor e a caridade, que praticou até o fim da vida o heroe dos paulistas, o famoso, o saudoso e appetecido Guilherme Pompeo de Almeida, porque a memoria do seu nome durará sempre na noticia que se estabelece nos vindouros de uns para os outros. Não quiz que a campa do seu sepulchro tivesse mais armas que o breve epitaphio que lhe declarasse o nome. Jaz sepultado ao pé do altar de S. Francisco Xavier, que elle fundou; porém os padres do collegio de S. Paulo lhe mandaram abrir no mesmo marmore, que lhe serve de campa, o seguinte epitaphio:

*Hoc jacet in tumultu Guilhelmus presbiter auro:  
Et genus, et magno nomine Pompejus.*

§ 2º

2—2. D. Maria de Lima e Moraes, casou tres vezes, e de nenhuma teve fructo. A primeira com Antonio Bicudo de Brito, na matriz de Parnaguá, a 31 de Janeiro de 1667, capitão da gente da dita villa, filho de João Bicudo de Brito e de D. Anna Ribeira de Alvarenga. Em titulo de Alvarengas, cap. III, § 1º, n. 3—1: sem geração, e falleceu dito capitão Antonio Bicudo com testamento a 11 de Janeiro de 1687 (6). Segunda vez casou ella com o capitão-mór Pedro Dias Paes, filho do governador Fernão Dias Paes e de sua mulher D. Maria Garcia (7): sem geração, e falleceu dito capitão-mór em 1700. Casou terceira vez com Thomé Monteiro de Faria, natural da Bahia, familiar do santo officio e capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, sem geração. Falleceu dita D. Maria de Lima em S. Paulo, com testamento, ao 1º de Fevereiro de 1711. Cart. do 2º tabellião de S. Paulo. Nota n. 16, tit. 1710 até 1713, pag. 37, testamento de D. Maria de Lima.

§ 3º,

2—3. D. Anna de Lima e Moraes,, que no mesmo dia 31 de Janeiro de 1667, em que casou sua irmã D. Maria, casou com Antonio de Godoy Moreira, cidadão de S. Paulo, filho de João de Godoy Moreira e de sua mulher Euphemia da Costa Motta (8). Falleceu Antonio de Godoy Moreira com testamento a 15 de Julho de 1721, e já muitos annos antes

(6) Cart. de orphãos de Parnaguá, letra A, n. 337. Inventario do capitão Antonio Bicudo de Brito.

(7) Em titulo de Lemes, cap. V, § 5.º

(8) Em titulo de Godoys, cap. IV, § 12.

tinha fallecido sua mulher D. Anna de Lima (9). E teve do seu matrimonio, como consta do testamento referido, 5 filhos, que são os que abaixo se seguem. Antonio de Godoy Moreira soube assignalar-se nas obrigações do seu nobre sangue. Vindo a S. Paulo em 1697 o Exm. Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro, para adiantar os novos descobrimentos de minas de ouro, descobertas pelos paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira pelos annos de 1695 no sertão de Sabarabuçú, que hoje se conhece por Minas-Geraes, ordenando-lhe Sua Magestade esta passagem, com 600\$ mais em cada um anno por ajuda de custo, por carta de 27 de Janeiro de 1697 (Secretaria do conselho ultramarino, liv. de registro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673 á fl. 163), encarregou o dito Exm. Arthur de Sá de varias diligencias do real serviço; e por desempenhar n'ellas as obrigações de honrado e leal vassallo Antonio de Godoy Moreira mereceu, que el-rei D. Pedro II lhe mandasse agradecer por carta de 20 de Outubro de 1698, firmada do seu real pulso do theor seguinte (Secretaria do conselho ultramarino, liv. de registro das cartas, tit. 1673, de fl. 198 e seg.):

« Antonio de Godoy Moreira. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Por haver sido informado pelo governador e capitão-general do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes, do zelo com que vos houvestes na expedição das ordens que tocavam ao meu serviço, que o dito governador para este effeito expediu, e a grande vontade com que vos achaveis em tudo o que vos recommendou, mostrando n'isto a boa lealdade de honrado vassallo: me pareceu por

(9) Cart. de orphãos de Parnaguá, letra A, n. 511. Inventario de Antonio de Godoy, e cart. 1.<sup>a</sup> de notas do tabellião de S. Paulo, maço de inventarios antigos, letra A, o de D. Anna de Lima.

esta mandar-vos agradecer, e segurar-vos que tudo o que n'este particular obrastes me fica em lembrança para folgar de vos fazer toda a mercê quando trateis de vossos requerimentos. Escripta em Lisboa, aos 20 de Outubro de 1698 (Com rubrica de Sua Magestade). »

E teve 5 filhos :

3—1. José de Godoy : falleceu solteiro.

3—2. D. Escholastica de Godoy.

3—3. João de Godoy de Almeida.

3—4. Guilherme de Godoy de Almeida.

3—5. Francisco de Godoy Moreira.

3—2. D. Escholastica de Godoy, casou duas vezes : a primeira com Bento do Amaral da Silva, a segunda com José Pinto Coelho de Mesquita. De ambos faremos distincta e clara menção.

#### 1º CASAMENTO

Foi Bento do Amaral da Silva, natural da cidade do Rio de Janeiro, da nobre familia dos Amaraes Gurgeis d'aquella capitania, onde a sua distincção e nobreza é assás conhecida, e continúa a sua descendencia em avultadas casas e senhores de engenho da dita cidade. Foi Bento do Amaral da Silva irmão inteiro de Fr. Antonio de Santa Clara, religioso franciscano, que na sua provincia do Rio de Janeiro não esquecêra o seu nome pelos empregos que occupou no serviço da sua religião ; e de Francisco do Amaral Gurgel, que foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, em cujo governo succedeu ao capitão-mór governador José de Goes e Moraes, e tendo feito pleito e homenagem da dita capitania nas mãos do governador e capitão-general do Rio de Janeiro, tomou posse na camara capital da villa de S. Vicente. Irmão tambem de D. Isidora

do Amaral, D. Martha do Amaral, D. Maria Josepha do Amaral, que todas tres foram freiras professas no convento de Santa Clara de Lisboa. Irmão tambem de D. Domingas do Amaral, que, casando no Rio de Janeiro, foi mãe de Fr. Luiz de Santa Rosa, que occupou o lugar de provincial dos franciscanos, em cujo emprego deixou bem estabelecido o seu nome na sua provincia, e foi tambem mãe de D. Antonia Maria do Amaral, mulher do tenente-coronel Salvador Vianna, de D. Helena de Jesus, mulher do sargento-mór Filippe Soares Lousada, senhor de engenho no Rio de Janeiro, de D. Maria Antonia, mulher do capitão André de Sousa, de cujo matrimonio é filho o capitão Felix de Sousa Castro, professo da ordem de Christo e senhor de engenho, onde possuia 190 escravos.

Foi o sargento-mór Bento do Amaral da Silva filho do coronel José Nunes do Amaral, morador que foi na cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Messia de Arão Gurgel (Vide se foi filha de Tacen Gurgel, o francez). Foi o dito Bento do Amaral sargento-mór no Rio de Janeiro, e foi ouvidor e corregedor da capitania de S. Paulo por ausencia do proprietario o desembargador João Saraiva de Carvalho. Teve grande tratamento igual ao fundo do seu cabedal. A sua casa foi servida com numerosa escravatura, criados mulatos, todos calçados, bons cavallos de estrebalaria, ricos jaezes, excellentes moveis de prata e ouro, sendo bastantemente avultadas as baixellas de prata, cuja copa foi de muitas arrobas. Tinha passado ás Minas-Geraes no principio da grandeza e fertilidade do seu descobrimento, e se recolheu a S. Paulo com grosso cabedal, que o soube empregar em fazendas de cultura para o tratamento que teve de pessoa tão distincta. A sua fazenda foi no sitio de Embôaçaba, margens entre o rio Tieté e o dos Pinheiros. Todo o grande cabedal d'esta casa veio a consumir-se com



o tempo depois da morte de Bento do Amaral, não só pelo meio da divisão entre os muitos herdeiros que deixou, mas também pelo segundo casamento da viúva D. Escholastica, que acertando nas qualidades do nobre sangue do segundo marido, não lhe pôde atalhar os desconcertos do ânimo, de que faremos menção. Casou, pois, segunda vez com José Pinto, de distincta qualidade, como ramo da illustre casa do Bom-Jardim, o qual falleceu em S. Paulo em bem contraria fortuna á opulencia que desfructou enquanto casado, porque, faltando-lhe a necessaria economia, consumiu o cabedal. Teve unico filho, que acabou de fallecer.

Teve D. Escholastica de Godoy do seu primeiro matrimonio com o sargento-mór Bento do Amaral da Silva (que falleceu a 21 de Junho de 1719. (Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra B), nascidos em S. Paulo, 11 filhos.

- 4— 1. José do Amaral.
- 4— 2. Antonio Nunes do Amaral.
- 4— 3. Francisco do Amaral.
- 4— 4. Guilherme do Amaral da Silva.
- 4— 5. Bento do Amaral Gurgel.
- 4— 6. João do Amaral: falleceu solteiro
- 4— 7. D. Anna Maria do Amaral.
- 4— 8. D. Messia Gurgel.
- 4— 9. D. Escholastica do Amaral.
- 4—10. D. Isidora do Amaral.
- 4—11. D. Ignacia.

4—1. José do Amaral Gurgel, morador na villa de Itá, onde existe em 1764, e tem servido os honrosos cargos da republica, da qual, extinguindo-se o caracter de juiz de fóra na pessoa do Dr. Theotonio da Silva Gusmão, foi José do Amaral o primeiro juiz ordinario. Está casado com

D. Escholastica de Arruda. Em titulo de Arrudas, cap. I, § 4º, n. 2—10.

4—2. Antonio Nunes do Amaral, falleceu em Jundiahy. Sem geração.

4—3. Francisco do Amaral, falleceu solteiro na sua fazenda de Emboacava.

4—4. Guilherme do Amaral da Silva, que existe na sua fazenda do rio Tieté, sítio de Piracicaba, e foi casado com Escholastica da Silva Missel, estando viuva do primeiro marido Alvaro Netto Bicudo. Em titulo de Pachecos Jorge, § 1º, n. 2—10.

4—5. Bento do Amaral Gurgel, que existe solteiro em 1764.

4—6. João do Amaral, que falleceu solteiro.

4—7. D. Anna Maria Gurgel do Amaral, que existe no estado de viuva de Ignacio Dias da Silva, de quem tratamos n'este titulo, cap. III, § 1º, n. 42. Com sua descendencia.

4—8. D. Messia Gurgel do Amaral, que existe casada com Manoel Bezerra Cavalcanti, natural da cidade de Olinda, filho de Miguel Bezerra de Vasconcellos e de Brísida de Figueiróa, e tem 2 filhos:

5—1. Jose Bezerra do Amaral Gurgel Cavalcanti, natural de S. Paulo.

5—2. D. Maria Josepha Bezerra do Amaral, que foi casada com José de Godoy Rohan.

4—9. D. Escholastica do Amaral, que falleceu nas minas do Maranhão, na capitania de Goyazes, para onde tinha passado com seu marido Paulo Carlos da França.

4—10. D. Isidora do Amaral, que foi casada com José Gonçalves Ribeiro, irmão inteiro de Sebastião do Prado Côrtes, que em 1724 por testemunhas de maior excepção

justificou a sua nobreza no cartorio do vigario da vara de S. Paulo, cujo lugar occupava o Rev. vigario João de Pontes, § 5.º

4—11. D. Ignacia, que falleceu sem geração, tendo sido casada com Aleixo Leme da Silva, que foi mestre de campo dos auxiliares do regimento de.....

3—3. João de Godoy de Almeida (§ 3º, n. 23), falleceu na Parnahyba a 26 de Julho de 1727 (Cart. de orphãos de parn., letra I, n. 333). Foi casado com D. Anna da Silva, natural da dita villa, viuva de Francisco Carvalho, capitão de infantaria pago. Em titulo de Godoys, cap. III, § 7º, n. 3—3. E teve filha unica:

4—1. Rita de Godoy de Almeida e Silva, que casou em Parnahyba com João de Mattos Raposo, natural da ilha de S. Miguel, villa de Agua de Páos. Protector e administrador da capella da Conceição de Vuturuna, filho de Domingos de Mattos Fernandes e sua mulher Maria Vieira. E teve em Parnahyba 10 filhos:

5—1. D. Anna da Silva. 5—2. D. Maria Paes.  
5—3. D. Francisca de Salles, casada com Pedro Frazão de Brito, filho de Guilherme Pompeo de Brito.—D. Marianna Paes.—D. Sebastiana Paes.—D. Maria, ainda menor em 1773.—Manoel Raposo.—José da Silva Paes.—Francisco de Godoy.—D. Eufemia, fallecida de tenros annos.

3—4. Guilherme de Godoy de Almeida (§ 3º), que um raio o matou no morro de Vuturuna, e acabou solteiro.

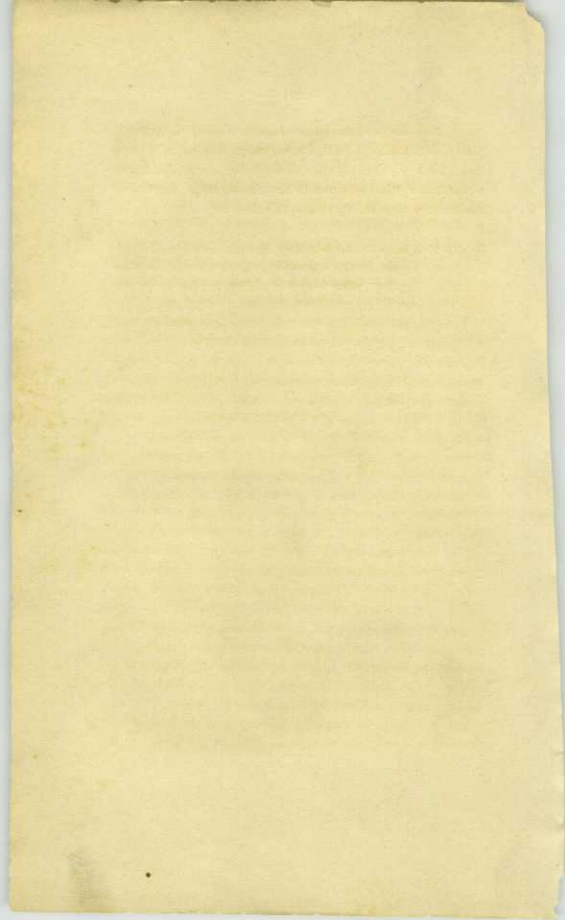
3—5. Francisco de Godoy Moreira. Foi capitão-mór nas Minas-Geraes, e foi morador da Casa-Branca, e tomou posse da administração dos bens da capella de Nossa Senhora da Conceição de Vuturuna, da qual foi fundador e padroeiro o capitão-mór Guilherme Pompeo de Almeida, em 22 de Novembro de 1727; e lhe passou esta administra-

ção por morte de seu irmão João de Godoy de Almeida.  
(Cart. da ouvidoria de S. Paulo, maço dos titulos do residuo, letra F, Francisco de Godoy). Recolhido das Minas-Geraes, fez estabelecimento na villa de Mogy das Cruzes, onde casou com D. Maria Jorge. E teve :

- 4-1. Antonio Jorge de Godoy, morador na villa de Jundiahy, onde occupa o posto de sargento-mór das ordenanças, a cujo cargo existem as tropas milicianas depois da morte do capitão-mór Martinho da Silva Prado.

*(Continúa)*

---



# REVISTA TRIMENSAL

DO

## INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

1.<sup>o</sup> TRIMESTRE DE 1870

---

### NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigavejs diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

*(Continuado da pag. 261, 2.<sup>o</sup> trimestre do tomo XXII parte primeira)*

---

#### CAPITULO III

1 — 3. Lourenço Castanho Taques, casou com D. Maria de Lara, filha de D. Diogo de Lara, e de sua mulher D. Magdalena Fernandes de Moraes Feijó (em titulo de Laras § 4.<sup>o</sup>) na matriz de S. Paulo a 24 de Novembro de 1631. Este paulista se conservou sempre na patria, sem que o infeliz successo de seu irmão Pedro Taques, morto a falsa fé por Fernando de Camargo (cap. II), o abrigasse a seguir a mudança, que fizeram outros irmãos, porque o seu grande respeito, e força de armas o promptificava para pôr em cerco aos inimigos do partido contrario. Teve assento na mesma fazenda da Ribeira do Ypiranga, que tinha sido de seu pai Pedro Taques. Não lhe foi adversa a fortuna nos cabedaes, com que se fez opulento para conservar o respeito e o tratamento de pessoa potentada. Nas occasiões do real

serviço sempre deu acreditadas mostras de honrado vas-  
sallo com liberal despeza da propria fazenda. Assim o pra-  
ticou quando Salvador Corrêa de Sá e Benavides passou a  
S. Paulo feito administrador geral das minas de ouro e  
prata no anno de 1659 com o governo das tres capitancias do  
Espírito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente e S. Paulo (ca-  
mara de S. Paulo liv. n. 4º, titulo 1658 a fls. 62 a 64), por  
ordem de el-rei D. João IV, datada em Lisboa a 7 de Junho  
de 1644 (archivo da camara de S. Paulo liv. de registros  
capa de couro de veado, n. 2, titulo 1642 a fl. 60 e seg.) e,  
se dilatou pela capitania do Espírito-Santo, para onde pas-  
sou primeiro a tratar do descobrimento das esmeraldas,  
tendo Lourenço Castanho a incomparavel honra de receber  
uma carta do monarcha firmada do seu real pulso, em que  
lhe recommendava dêsse ajuda e favor ao administrador e  
governador Salvador Corrêa de Sá e Benavides para ter ef-  
feito a diligencia, a que era enviado (1). Assim o fez; e  
conservando-se em S. Paulo até 1661 o dito governador e  
administrador geral dando execução ás diligencias, de que  
fôra encarregado, obraram os officiaes da camara do Rio  
de Janeiro e povo d'aquella cidade em 1660 um attentado  
contra as pessoas de Thomé Corrêa de Alvarenga, governador  
da praça, do sargento-mór Martim Corrêa Vasques, do prove-  
dor da fazenda real, Pedro de Sousa Pereira, prendendo a  
todos em uma fortaleza, e os depuzeram do governo, ne-  
gando tambem inteiramente a obediencia ao governador-  
geral Salvador Corrêa de Sá. Este em S. Paulo se achava  
quando chegaram as noticias do insulto; e muito mais  
quando os mesmos officiaes da camara escreveram aos da  
de S. Paulo uma carta, de que abaixo daremos uma fiel  
cópia para instrucção d'este attentado. Logo se dispóz o go-

(1) Secretaria do conselho ultramarino, no livro das cartas de  
el-rei D. João IV.



vernador geral a pôr-se a caminho e ir para o Rio de Janeiro soegar o tumulto e dar o merecido castigo aos cabeças e autores da sedição ; mas reconhecendo-se o grave perigo de vida a que ia exposto, ou ao menos de ficar desautorizado experimentando a violencia que costuma a produzir o desafogo da paixão, intentou Lourenço Castanho Taques com o seu grande respeito, a que se uniram gostosos os paulistas da primeira nobreza, atalhar este damno, supplicando com instancias de leal vassallo não quizesse sua senhoria pôr em tão evidente risco a vida e a autoridade. E porque o valor e constancia de Salvador Corrêa de Sá não admitiu a pratica, por julgar que não ficava bem deixando-se capacitar d'estas rogativas e residir em S. Paulo até a real resolução sobre materia de tanto peso, assentou Lourenço Castanho acompanhá-lo com forças de armas até o Rio de Janeiro ; mas nem este auxilio admitiu elle. Com este total desengano fomentou Lourenço Castanho que a nobreza se juntasse em corpo de união com o senado da camara para por carta e da parte de Sua Magestade se lhe ponderar a materia com esperanças de aceitar as ponderações que se lhe fizessem. Emfim aquelle cavalleiro reconheceu a lealdade dos paulistas, o seu animo, e o interesse que tinham da quietação publica em serviço do seu monarcha, e como já tinha mandado lançar bando a som de caixas no Rio de Janeiro, promettendo o perdão em nome de Sua Magestade aos delinquentes, assentou ir para Ilha Grande com o fundamento de ter alli em que occupar-se, e ser aquella villa uma das da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Conhecido esse intento sempre lhe quizeram atalhar a resolução para se evitar algum novo attentado contra um tal governador de tres capitánias, de cujo zelo fiára tanto Sua Magestade quanto se conhecia da sua provisão. Isto assim ponderado se tomou em camará um as-

sento, de que abaixo faremos menção. Passemos primeiro a ver o teor da carta dos officiaes da camara do Rio de Janeiro.

« São tantos os apertos, ou para melhor dizer as tyrannias, com que o máo governo de Salvador Corrêa de Sá e Benavides e seus parentes têm opprimido a toda esta capitania, que não podendo já supportal-os (por mais que o intentou), se resolveu a nobreza, clero, e povo, unanimes e conformes, a deitar de si a carga, com que já não podia, fiados na justificação ante os reaes pés de Sua Magestade das causas que tiveram e os moveram, em que se fundaram para depôr ao dito Salvador Corrêa de Sá e Benavides e a Thomé Corrêa de Alvarenga do governo em que, por sua ausência, o deixou, tirando tambem do seu posto ao sargento-mór Martim Corrêa Vasques e ao provedor da fazenda Pedro de Sousa Pereira (todos ficam presos na fortaleza d'esta cidade), pois a todos estes senhores reconhecia esta miseravel capitania, com outros parentes seus, por governadores d'ella, tratando só de seus accrescentamentos, e por muitas vias da nossa destruição, de que os moradores d'essa capitania, que a esta vêm com suas drogas, são bastantes testemunhas, pois experimentando o rigor com que se lhes tomavam e o máo pagamento que elles sostinham, acudindo-nos, como tão bons vizinhos, com o ordinario sustento que aqui necessitamos, devendo ser differentemente correspondidos ao beneficio que nos fazem, como será d'aquí em diante, sendo Deus servido.

« Supposto isto, queremos com toda a verdade representar a Sua Magestade, entre outras cousas, o procedimento com que o administrador geral Pedro de Sousa Pereira se tem havido n'ellas, em razão dos estanques que ha mandado fazer de aguas ardentes e vinho, e outras fa-

zendas, para com ellas comprar ouro e mandar a Sua Magestade, a titulo de que é rendimento dos quintos, afim de ir sustentando o muito que tem promettido a Sua Magestade pretende tirar das sobreditas Minas. E tambem o que n'essa capitania se tem alcançado sobre o mineiro Jayme Commere, do qual corre por cá fama que fôra violentamente morto, em respeito de haverem mandado a Sua Magestade, em nome do dito mineiro, alguns avisos fantasticos para se ir continnando com o engano sobredito. Pedimos a Vmcês. nos queiram mandar informação certa de todo sobredito, pois tambem vêm Vmcês. a fazer n'isto serviço a Sua Magestade, que tanto deseja saber com certeza o desengano d'estas Minas e de todo o procedimento d'ellas, fazendo tambem (e a nós se lhes parecer) aviso ao dito senhor, enviando-nos as cartas para por nossa via se lhe remetterem.

« Tambem pedimos nos queiram mandar informação certa, e, se puder ser, juridica, dos preços por que de 20 annos a esta parte se vende o sal n'essa capitania, e por cuja conta está carregado ou já todo ou parte d'elle: n'isto farão Vmcês. um grande serviço a este povo e a nós mercê, e com ella reconheceremos, para não faltarmos nunca com a mesma correspondencia, que com razão o devemos fazer, visto a chegada vizinhança com que estamos, não faltando a ella uns e outros.

« Guarde Deus a Vmcês. Rio de Janeiro, em camara, a 16 de Novembro de 1660 annos. Eu Jorge de Sousa, escrivão da camara, a fiz escrever e subscrevi.—*Clemente Nogueira.*—*Fernando Falleiro Homem.*—*Simão Botelho de Almeida.*—*Diogo Lobo Pereira.* »

RESPOSTA DOS CAMARISTAS DE S. PAULO

« De 16 de Novembro é a carta que aqui recebemos de Vmcês., cujo cuidado presente sentimos grandemente, e muito mais as causas d'elle. Deus Nosso Senhor, que nos maiores trabalhos costuma dar, por meios mui suaves, alegres fins, se sirva concedêl-o assim a este de Vmcês. para que lhe possamos dar o parabem, como agora o pezame dos seus enfados. A informação que Vmcês. nos pedem dos estancos, que o administrador das minas Pedro de Sousa Pereira mandou fazer, de vinhos e aguas ardentes, não podemos satisfazer, porque n'esta villa nunca os pôz, e se nas outras o fez por razão de que lhe ficavam ellas em via para a jornada das Minas é tão fóra de mão como esta. As camaras d'ellas devem informar a Vmcês. n'este caso da verdade, que nós ignoramos.

« Enquanto á morte do mineiro Jayme Commere, supposto que a principio a fama, como em outras cousas, publicou fóra violentado, todavia em contrario se praticou depois, e entre nós serve n'esta camara quem com curiosidade perguntou pelo successo a pessoas que foram presentes, as quaes lhe disseram que fóra a morte casualmente desastrada, porque, indo a mudar, com passo mais largo, o dito mineiro de uma para outra pedra, por haver antes o ruido, escorregára, e, cahindo, se despenhára na cata ou alta cova que se fazia; tambem d'isto podem ter mais plena noticia os que são vizinhos ao lugar, onde succedeu o caso. Acerca do sal não temos noticia por cuja conta tem vindo á villa de Santos; os preços têm sido varios: os moradores da tal villa avisarão a Vmcês. d'esta materia. Em razão do general o Sr. Salvador Corrêa de Sá e Benavides, experimentamos tanto pelo contrario as mal fundadas queixas d'esse povo, que, com todos os

d'estas capitánias juntas, lhe não devessem parte do muito, que a essa estranham a novidade do successo a que Vmcs. devem acudir com o remedio para que Sua Magestade fique melhor servido, e nós não faltaremos á obrigação que temos de seus leaes vassallos.

« Guarde Deus a Vmcs. S. Paulo, em camara, aos 18 de Dezembro de 1660 annos.—*Antonio de Madureira Moraes.*—*Manoel Alves Preto.*—*Antonio Paes Leme.*—*João Vieira da Silva.* »

Resposta do general Salvador Corrêa á carta que lhe escreveu a nobreza de S. Paulo, com os prelados das religiões o Rev. D. abbade de S. Bento Fr. Hieronimo do Rosario, o prior do Carmo Fr. André de Santa Maria, o guardião de S. Francisco Fr. Gaspar de S. Innocencio, o vigario da igreja Domingos Gomes Albernaz; os camaristas Estevão Bayão Parente, Constantino de Savedra, Franciseo Dias Leme, Manoel Cardoso e Paulo Gonçalves; os da primeira nobreza foram Lourenço Castanho Taques e seu filho Lourenço Castanho Taques, o moço, o capitão-mór Antonio Ribeiro de Moraes, D. Francisco de Lemos, João de Godoy Moreira, João Ortiz de Camargo, Hyeronimo de Camargo, Antonio Pires, D. Simão de Toledo Piza, Paulo da Fonceca Bueno, Antonio Lopes de Medeiros, Manoel Dias da Silva, Antonio do Canto de Mesquita, Antonio de Godoy Moreira, Estevão Fernandes Porto, Gabriel Barbosa de Lima, Estevão Gomes Cabral, Gaspar Maciel Aranha, Manoel Alves de Sousa, e outros muitos paulistas de veneração e respeito, que constam do mesmo accordão á fl. 117 do livro de registros n. 4, tit. 1658 do archivo da camara de S. Paulo, onde se contam 58 pessoas assignadas :

« Conheço o zelo com que Vmcês. e mais ministros, camara, cidadãos e povo, tratam do serviço de Sua Magestade, como tão leaes vassallos seus : eu lhe representarei em todas as occasiões que se offerecerem do augmento d'estas capitánias e moradores d'ellas, e da minha parte fico com o devido agradecimento da mercê que me fazem em abonar as minhas acções; supposto não sido com o desejo de acertar, as vezes não são agradecidas.

« A Vmcês. lhes é presente o que tenho obrado, e que me não fica que fazer por esta banda do sul ; e não é justo que estando no derradeiro quartel da vida me fique n'esta villa tratando de conveniencias proprias, quando posso occupar o tempo nas do serviço de Sua Magestade, indo-me chegando á cidade do Rio de Janeiro a dar calor á obra dos galeões que alli está começada, porque considero que os moradores, á vista do bando que já mandei lançar e lhes dava modo do bom governo, accomodando-me ás suas desconfianças, espero obrem como leaes vassallos, conhecendo que a minha tenção não é mais que conservar a jurisdicção real ; que, supposto com a ajuda de Vmcês. e d'esta capitania, e zelo dos moradores d'ella no serviço real, podia eu tratar do castigo, me conformo antes em obrar em materias de povo, com toda a prudencia, até resolução de Sua Magestade, para com ella obrar o que me mandar. Espero que n'esta occasião e em todas as mais que se offerecerem do serviço de Sua Magestade, e por me fazerem mercê, as ache com a mesma vontade que em esta occasião experimento. S. Paulo, 2 de Março de 1661.—  
*Salvador Corréa de Sá e Benavides.* »

Não se aquietou o ardor do zelo de Lourenço Castanho Taques, desejando sempre acreditar-o no real ser-



viço. Por este motivo, achando-se com disciplina militar na guerra contra barbaros indios e pratico conhecimento dos sertões, que havia penetrado na conquista de varias nações dos mesmos indios, tendo recebido uma carta do principe regente o infante D. Pedro, datada em 23 de Fevereiro de 1674 (2), sôbre o descobrimento de minas de ouro e prata, para cuja diligencia tinha já partido Fernando Dias Paes, com patente de governador da gente da sua leva ou tropa (de que no título de Dias Paes fazemos menção), tomou Lourenço Castanho a si, pelos seus cabedaes e força do corpo de armas, penetrar o sertão de barbaros indios *Cataguazes*, e entrou para esta conquista com patente de governador, com jurisdicção e poder correspondente ao character da sua patente (3), largando a serventia do officio de juiz de orphãos, que occupava por provisão de mercê vitalicia, como tinha sido seu pai Pedro Taques (4). E conseguiu o primeiro conhecimento, que depois veio a produzir a fertilidade das minas de ouro, chamadas no principio do seu descobrimento *Cataguazes*, e depois, estendendo-se em muitas leguas de distancia, mas no mesmo sertão, os novos descobrimentos, vieram estas Minas a ficar conhecidas com a nomenclatura de geraes, em que se conservam.

Recolhido das conquistas dos *Cataguazes* o governador Lourenço Castanho Taques, quebradas já as forças por avançada idade de annos, pouco tempo lhe durou a vida, que a perdeu a 3 de Março de 1677. No seu testa-

(2) Secret. do conc. ultramarino, livro de cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673, á fl. 2 v. e seg.

(3) Cart. da proved. da fazenda real de Santos, liv. 5º de registros, á fl.

(4) Cart. da cam. de S. Paulo, liv. de registros, capa de olandilha, n. 8, anno de 1662, á fl. 67 v.



mento determinou que no jazigo proprio, que seu pai Pedro Taques tinha na igreja dos Carmelitas, fosse sepultado: n'elle descansam as suas cinzas em sepultura rasa, sem campa que lhe declare o nome. Sua mulher D. Maria de Lara já era fallecida em 8 de Dezembro de 1670 (5). E teve 10 filhos, que foram nascidos e baptizados em S. Paulo.

2—	1. Lourenço Castanho Taques, o moço.	§ 1°
2—	2. Francisco de Almeida.....	§ 2°
2—	3. Pedro Taques de Almeida.....	§ 3°
2—	4. Thomé de Lara de Almeida.....	§ 4°
2—	5. Diogo de Lara e Moraes.....	§ 5°
2—	6. Antonio de Almeida.....	§ 6°
2—	7. José Pompeo de Almeida.....	§ 7°
2—	8. D. Anna de Proença.....	§ 8°
2—	9. D. Branca de Almeida.....	§ 9°
Bisavô-m.	2—10. D. Maria de Lara.....	§ 10

### § 1°

2—1. Lourenço Castanho Taques foi chamado moço por differença de seu pai do mesmo nome e appellidos, e igualmente com o sêr da natureza lhe herdou os espiritos de ardor e zelo pela utilidade publica da patria e do real serviço. Serviu os honrosos cargos da republica de S. Paulo, onde foi juiz ordinario e de orphãos, cujo pesado cargo occupou muitos annos com utilidade dos pupillos; porque aos que eram de inferior condição recolhia, quando desamparados, á sua paternal providencia, mandando-os ensinar a lêr e escrever, e officios mecanicos, para ficarem com elles estabelecidos. Foi muito estimado e respeitado geralmente de todos os moradores de S. Paulo, porque o seu grande respeito se adornava das virtudes da be-

(5) Cart. de orphãos de S. Paulo, massa 1°, letra I. Inventario de Lourenço Castanho Taques n. 6.

nificencia, docilidade e compaixão. Não havia differença ainda entre os mais poderosos que Lourenço Castanho não vencesse em harmonia e amizade. A sua casa era de numerosa escravatura, com lugar destinado para o lavor das officinas, em que trabalhavam os mestres e officiaes de varios officios, seus escravos, de que percebia os lucros dos salarios que ganhavam. Além das virtudes moraes praticava aquelles que adornam a um bom catholico teamente a Deus. Na educação dos filhos, que foram muitos, excedeo muito pelos dictames e maximas catholicas em que os instrua, não se esquecendo do tratamento de cavalheiros com que cada filho varão se portava, tendo cavallos de estribaria, distinctos uns dos outros, para cada filho, e os criados escravos mulatos (vulgo *pagens* no Brasil) que os serviam, reconhecendo estes o dominio do senhorio para a obediencia a cada um de seus senhores.

Quando se achou em S. Paulo o Exm. Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, de quem fizemos menção no cap. II d'este titulo, o hospedou Lourenço Castanho Taques, em cujo animo e zelo achou este general uma efficaz prova do amor, da honra e lealdade de bom vassallo; algumas ordens lhe incumbiu, e na execução d'ellas se fez elle merecedor de que Arthur de Sá informasse a Sua Magestade el-rei D. Pedro, que por carta de 20 de Outubro de 1698, firmada de seu real pulso, lhe escreveu o seguinte:

« Lourenço Castanho Taques. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Por ser informado pelo governador e capitão-general do Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes do zelo com que vos houvestes na expedição das ordens que tocavam a meu serviço, que o dito governador para este effeito expediu, e a grande vontade com que vos achaveis em tudo que vos recommendou, mostrando n'isto a boa leal-

dade de honrado vassallo, me pareceu por esta mandar-vos agradecer, e segurar-vos que tudo o que n'este particular obrastes me fica em lembrança, para folgar de vos fazer toda a mercê quando trateis de vossos requerimentos. Escripta em Lisboa aos 20 de Outubro de 1698.—Com rubrica de Sua Magestade. »

Esta mesma cópia fica lançada no cap. II, § 3.º d'este titulo, quando tratámos de Antonio de Godoy Moreira. O mesmo monarcha escreveu tambem esta mesma carta a outros paulistas, como veremos quem elles foram quando tratarmos de cada um d'elles, conforme o titulo a que pertencem; e se acham todas lançadas no registro da secretaria ultramarina no livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673, desde fl. 198 até fl. 199, sendo primeira a que se escreveu a Lourenço Castanho Taques.

Depois de ter casado os filhos e dotado as filhas, vendo-se já sem as pensões de os manter, como d'antes, quando juntos os conservava debaixo do patrio poder, de tal sorte praticou a virtude da caridade com a pobreza dos fieis, que durando-lhe a vida em avultada idade de annos, admiraram a sua decadencia os mesmos que reconheceram-lhe os cabedaes. Onde apurou o resto da sua grandeza foi na fundação e construcção do recolhimento de Santa Theresa, que empreheendeu por dictames do Exm. e Revm. D. José de Barros de Alarcão, primeiro bispo do Rio de Janeiro, passando de visita a S. Paulo, onde fez assento muitos annos e travou amizade com Lourenço Castanho, que lhe deveu honrosissimas demonstrações. O destino d'esta obra foi deixar para a posteridade um excellente commodo para as suas netas e mais descendentes, que quizessem abraçar o instituto da matriarcha Santa Theresa, cuja vocação se deu ao recolhimento, com a bem nascida esperanza de que a real grandeza o passasse a convento

professo ; e com este bem projectado intento se construiu já a obra com tal formalidade que não necessitasse de reforma para a sua apertada clausura. Mancommunou-se elle com seu irmão o capitão-mór e alcaide-mór Pedro Taques de Almeida, o qual, concorrendo com dinheiro, ficou sobre elle a despeza da erecção e formatura de todo o recolhimento, principiando-se a fundamentar os alicerces para as paredes ; para estas madeiras e ferragens concorreu só Lourenço Castanho e muito ; apenas o sitio, que se via occupado de duas moradas de casas pertencentes a Manoel Vieira Barros, não custou dinheiro, porque este, com liberal mão, entregou tudo para se fundar o dito recolhimento. Acabou-se este, com os dormitorios, cerca, igreja, côro e tudo o mais em sua ultima perfeição, com muito custo, correndo a direcção do risco pela idéa do Exm. bispo, a quem se deu a gloria de fundador e protector no anno de 168... em que entraram, com solemne festividade de missa cantada, sermão e sacramento exposto, para recolhidas do mesmo recolhimento tres filhas de Manoel Vieira Barros, tomando o habito de Santa Theres. Este recolhimento ainda existe sem profissão solemne (porque, mortos os fundadores, faltou o respeito que lhe solicitasse a graça de passar a convento), conservando-se, porém, n'elle algumas recolhidas, que, para chorar peccados e segurarem a salvação, de propria vocação se clausuraram, alimentadas do pequeno patrimonio que tem a casa, supprindo a de seus pais e parentes com muita parte do necessario sustento, para o qual resplandeceu sempre a caridade dos fieis. N'este estado o achou o primeiro bispo de S. Paulo em 7 de Dezembro de 1746, em que fez a sua publica entrada o Exm. e Revm. D. Bernardo Rodrigues Nogueira, cuja alta esphera, zelo, economia, actividade, rectidão e governo o farão sempre suspi-

rado objecto da saudade que nos deixou a sua exemplar vida, que acabou no dia 7 de Novembro de 1748, com irreparavel perda no augmento que se perpetuava nas direcções do seu pastoral governo. Este santo prelado dictou uma instrucção para servir como de regra ás suas amadas ovelhas, esposas de Jesus-Christo, no recolhimento de Santa Theresa, que ainda hoje se conserva tão inalteravel, como se fôra dado pelo summo pastor. Dando conta o Exm. bispo do Rio de Janeiro á camara de S. Paulo para se extinguir o recolhimento, visto não ser professo e não ter recolhidas em 1718, mandou Sua Magestade por ordem de 26 de Dezembro do mesmo anno, expedida ao dito bispo, fizesse conservar o dito recolhimento de Santa Theresa de S. Paulo. E por ordem de 3 de Setembro de 1745 tomou Sua Magestade debaixo da sua real protecção o dito recolhimento (Secret. ultramarina, liv. 1.<sup>a</sup> das cartas de S. Paulo, fl...). Não passamos a mais por nos termos já afastado muito da genealogia que seguimos.

Voltando o discurso a Lourenço Castanho Taques, foi este casado com D. Maria de Araujo, natural de S. Paulo, que na pia da sua igreja matriz a recebeu Deus a 20 de Agosto de 1643, filha de Luiz Pedroso de Barros, capitão que foi de infantaria paga na restauração de Pernambuco, e de sua mulher D. Leonor de Siqueira Goes Araujo, da cidade da Bahia, irmã inteira de João de Goes de Araujo, que foi desembargador da relação de sua patria, e n'ella juiz do civil, pelos annos de 1666. Em titulo de Pedrosos Barros, cap. III. Falleceu Lourenço Castanho Taques com evidentes signaes de predestinado e geral sentimento de todo um povo, em S. Paulo, sua patria, em Dezembro de 1708 (Cart. 1.<sup>a</sup> de notas de S. Paulo, masso de inventarios antigos, letra L, o de Lourenço Castanho Taques). E teve

do seu matrimonio 11 filhos, todos naturaes da mesma cidade, que foram :

- 3— 1. Lourenço Castanho Taques.
- 3— 2. Maximiano de Goes e Araujo.
- 3— 3. Luiz Pedroso de Barros.
- 3— 4. José Pompeo Castanho.
- 3— 5. D. Leonor de Siqueira.
- 3— 6. D. Angela de Siqueira.
- 3— 7. D. Maria de Araujo.
- 3— 8. D. Ignacia de Goes.
- 3— 9. D. Theresa de Goes.
- 3—10. Antonio Pompeo Taques.
- 3—11. D. Maria de Lara.

3—1. Lourenço Castanho Taques, que foi verdadeiro herdeiro das virtudes de seu pai do mesmo nome. Casou com D. Anna de Arruda (Em titulo de Arrudas, cap. I, § 1º e seg.), filha de Francisco de Arruda Sá, da Ribeira-Grande da ilha de S. Miguel, e de sua mulher D. Maria de Quadros. Em titulo de Arrudas com sua descendencia.

3—2. Maximiano de Goes e Araujo, casou com D. Maria de Arruda na villa de Parnahyba a 13 de Janeiro de 1693, filha de Sebastião de Arruda Botelho e de sua mulher D. Isabel de Quadros. Em titulo de Arrudas, cap. II, § 9º, com sua descendencia.

3—3. Luiz Pedroso de Barros, que falleceu a 30 de Abril de 1731, sargento-mór do regimento dos auxiliares da villa de Parnahyba ; teve mercê de el-rei D. João V de um habito de Christo, com tença effectiva de 50\$ pagos no almoxarifado da fazenda real da praça de Santos, o que se verificou por renuncia em seu sobrinho direito o mestre de campo Manoel Dias da Silva, de quem fazemos menção n'este cap. III, n. 2—3, de Pedro Taques de Almeida. Foi casado com D. Agostinha Rodrigues, sem geração. Em titulo de Jorges Velhos.

3—4. José Pompeo Castanho, que foi casado com D. Isabel de S. Paio, filha de André de S. Paio e Arruda e de sua mulher D. Anna de Quadros. Em titulo de Arrudas, cap. III, § 7. Sem geração. Fez assento na villa de Itú e estabelecimento de boas fazendas de cultura; e porque não tiveram filhos fizeram liberal doação dos seus bens (que foi de 6:000\$) ao convento do Carmo da mesma villa, por escriptura na nota do tabellião da dita villa, em 1740, tendo antes d'ella dotado a tres sobrinhas com 800\$ a cada uma e uma morada de casas.

3—5. D. Leonor de Siqueira, que foi casada com Domingos Dias da Silva, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica e foi juiz ordinario. Foi este paulista intrepido, liberal e muito amante do real serviço, á imitação de seu irmão direito Alexandre da Silva Corrêa, que, depois de lente da universidade de Coimbra, onde a sua grande litteratura será sempre applaudida pela sua *Postilla*, que dictou sôbre a lei Gallus, fl. de..... passou para a casa da supplicação e acabou conselheiro do Ultramar. Em titulo de Pires, cap. VI. Casou dito Domingos Dias da Silva na matriz de S. Paulo a 12 de Fevereiro de 1684. Estabeleceu-se na opulenta fazenda chamada Ajuhá, com grandes culturas, e passando para as Minas-Geraes, estando n'ellas muito opulento pela abundancia do ouro que extrahiam os seus escravos, chegando a noticia de que a cidade do Rio de Janeiro estava invadida pelo poder do inimigo francez, para soccorrer a esta praça marchou Domingos Dias da Silva com um troço de soldados á sua custa, em cujo serviço gastou avultado cabedal; porque tanto na sahida, como na residencia e regresso, sustentou sempre com liberalidade o troço todo; e então se lhe conferiu a patente de brigadeiro d'aquelle exercito por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador e capitão-ge-



neral do Rio de Janeiro e S. Paulo, e d'este cavalheiro recebeu distinctas estimações, porque, como zeloso do real serviço, sabia conhecer os cavalheiros de S. Paulo que n'elle se faziam distinctos. Deixando nas Minas-Geraes a sua numerosa escravatura entregue á administração de seu filho Manoel Dias da Silva, se recolheu a descansar de tantas fadigas a S. Paulo, sua patria, onde não gozou muitos annos da tranquillidade dos povoados, porque acabou a vida a 22 de Março de 1719 (Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 1º, letra D. Inventario do brigadeiro Domingos Dias da Silva). E teve do seu matrimonio 2 filhos, naturaes de S. Paulo.

h—1. Manoel Dias da Silva.

h—2. Ignacio Dias da Silva.

4—1. Manoel Dias da Silva, cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica e o de juiz ordinario e orphãos em 1729. Foi mestre de campo dos auxiliares das minas do Cuyabá por patente do Exm. Rodrigo Cesar de Menezes. A mercê do habito de Christo, com 50\$ de tença effectiva feita a seu tio o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros, n'elle se verificou com a grandeza que se nota no padrão da tença, em que Sua Magestade declarou que os venceria desde o dia que lhe tinha feito a mercê do habito, que antes de o pôr aos peitos tinha percebido mais de tres títulos de tença. Estando em minas de Goyazes estabelecido com lavras mineraes e numerosa escravatura em 1736 (achava-se n'este tempo a praça da Colonia do Sacramento posta em assedio pelas tropas castelhanas, debaixo do commando de D. Miguel de Salcedo, governador da provincia de Buenos-Ayres), se publicou a real ordem, pela qual a magestade de el-rei D. João V deu a conhecer o muito que seria do seu real agrado que os seus vassallos paulistas invadissem as Indias de Hespanha pelas povoa-

ções da provincia de Paraguay, em cima da serra. Bastou este leve aceno para que o mestre de campo Manoel Dias da Silva projectasse que, passando com um corpo de armas de soldados, escolhidos pela experiencia do valor da sua disciplina, a demandar as povoações da Vacaria, faria um particular serviço ao real agrado, destruindo as ditas povoações para evitar-se a que a força d'esta gente não emprehendesse dar subitamente sôbre as minas da Villa-Real do Cuyabá, sendo-lhes muito facil a resolução d'esta idéa por terem na abundancia dos gados vaccuns das campanhas chamadas Vacaria todo o sustento para qualquer grosso pé de exercito. Como para Manoel Dias da Silva pôr em execução este intento precisava atravessar o vasto sertão, que medêa entre o rio Camapoã, da navegação do Cuyabá, e Villa-Boa de Goyazes (todo habitado de innumeraveis aldêas dos bravos e barbaros indios da nação *Cayapó*), não foi a sua resolução apoiada dos melhores sertanistas, com os quaes conferiu a materia, porque demandava de uma força grande para sustentar na marcha os repetidos assaltos d'esta potencia *Cayapó*, que é formidavel no tal sertão. Porém Manoel Dias da Silva, que só media pelo valor proprio o dos estranhos, não desistiu da acção; e, reforçando mais o corpo com que se achava, que não passava então de 80 armas, intrepido se mettu a cortar rumo a demandar o sitio de Camapoã, atravessando o vasto sertão que tinha para passar. Consistia tambem a difficuldade no temor de não acertar com o sitio de Camapoã por falta de geographia, cuja sciencia totalmente ignorava, bem como todos os antigos paulistas, que sem outro adjutorio mais do que o rumo do nascente ao poente, a que lhes servia de verdadeira agulha o sol, penetraram a maior parte dos incultos sertões da America, conquistando nações barbaras, de cujos indios se serviam, como admi-

nistradores seus, pelo beneficio de os terem desentranhado do paganismo para o gremio da igreja. Assim succedeu a Manoel Dias, que, com tres mezes de jornada, chegou a salvamento ao sitio de Camapoã, que frexou tão direito que foi sahir afastado da sua tranqueira meio quarto de legua.

N'este sitio deu descanso á tropa, que nos tres mezes se sustentára da providencia da boca da arma; e conseguindo o necessario ocio, já bem guarnecidos os seus soldados de todo o necessario, se pôz em marcha para as campanhas da Vacaria. Chegou a estas, e, correndo-as até grande distancia, estranha a novidade de faltarem os gados, que n'ellas sempre existiram em numerosa multidão e inutilidade. Avizinhou-se mais á serra, e para logo descobriu a cautela dos castelhanos. Tinham estes retirado aquellas indiziveis manadas de gados e bestas cavallares para os fertéis campos de cima da serra, só para que os moradores das minas do Cuyabá se não viessem a utilizar de tão bellas manadas, quando fossemos atacados dos mesmos castelhanos e nos achassemos em qualquer aperto de sitio. Discorrendo ou penetrando mais as campanhas para a parte do Paraguay encontrou com uma franca estrada, e o abarracamento em que, haveria um mez (até pela figura dos ranchos e cinzas do fogão conheciam os sertanistas, pouco mais ou menos, o tempo que tinha passado depois que n'aquelle sitio ostivéra alguma tropa), tinham alli estado os castelhanos, e pela configuração do terreno que occupava o centro do abarracamento se conheceu que a barraca era de commandante de patente grande, como a de mestre de campo, de quem os castelhanos costumam fiar as suas tropas na provincia de Paraguay e outras. Pela estacaria, que circulava em grande peripherio o abarracamento, via-se que o numero dos cavallos que n'ella se

atavam excedia ao de 800. Este grande corpo na retirada tinha feito abrir a franca estrada que encontrou Manoel Dias da Silva.

Pôz este em consulta o movimento que lhe occorreu, e, approvando-lhe a temeridade os da sua comitiva, dispôz as escoltas, que fez emboscar em diversos postos da mata por onde seguia aquella estrada, ficando elle com o resto dos soldados em sitio, de d'onde, avançando de tropel, ficasse completa a victoria que esperava alcançar pela sua premeditada idéa. Era esta que, ganhando distancias certo numero de soldados bem montados e avistando aos castelhanos, voltassem costas, como fugindo, e d'este modo os trouxessem enganados para perecerem todos nas emboscadas referidas, e ficando nós senhores da cavallhada pudessemos dar com toda a força das nossas armas a acabar o inimigo. Foi Deus servido que já os castelhanos estavam totalmente recolhidos ás suas povoações, porque do contrario ou pereceria, ou ficaria prisioneira toda a tropa do mestre de campo Manoel Dias da Silva, e quando nada ficaria rôta uma guerra em tempo que a que na Colonia se sustentava por assedio era com o systema de carta coberta, que é a maxima que costuma praticar o gabinete de Castella sôbre a praça da Colonia, por algumas vezes posta já em sitio.

No regresso encontrou o mestre de campo Manoel Dias da Silva com o effeito d'aquelle grande corpo, que, não contente com a retirada dos gados e cavallos da Vacaria, deixou um padrão de pedra lavrada, em fórma de cruz, posta ao alto, a que servia de base outra pedra em figura triangular, de seis palmos de alto, com proporcionada grossura á altura do padrão; n'elle estavam abertas as letras do idioma castelhano, que diziam: « Viva el-rei de Castella, senhor dos dominios d'estas camponhas. » Não

tinha o mestre de campo instrumentos para deitar abaixo aquelle padrão, e por isso mandou cavar a terra á roda até que, faltando-lhe esta e perdendo a machina o equilibrio, veio abaixo, fazendo-se em tres pedaços. Conseguido com facilidade este intento fez elle conduzir aquelles pedaços para diversos sitios, e sepultar cada um d'elles em altas covas dentro das matas. Do madeiro mais grosso e menos corruptivel mandou lavar em quatro faces uma cruz, em que lhe gravou as letras no idioma portuguez, que diziam : « Viva o muito alto e muito poderoso rei de Portugal D. João V, senhor dos dominios d'este sertão da Vacaria. »

Recolheu-se o mestre de campo Manoel Dias da Silva pelo mesmo sertão ao Cuyabá, onde então era ouvidor d'aquellas minas o Dr. João Gonçalves Pereira, a quem, dando conta do successo, se juntou com officiaes da camara e os republicanos d'ella, em cuja presença deu elle conta do que tinha examinado e obrado. D'isto formou-se um assento nos livros d'aquelle senado, onde então se discorreu sôbre o evidente risco em que estavam as minas do Cuyabá de serem invadidas pelos castelhanos, ainda que já este mesmo temor tinha ponderado a Sua Magestade Vasco Fernandes Cesar, vice-rei do Estado da Bahia, em carta de 20 de Junho de 1721, avisando que os paulistas haviam descoberto minas de ouro no sertão do Cuyabá, o que dava grande ciume aos padres da companhia de Jesus dos dominios da Hespanha (Secretaria do conselho ultramarino, no maço das cartas de 1721). Expediram-se as cartas para o general da capitania, o conde de Sarzedas Antonio Luiz de Tavora, e para os camaristas da cidade de S. Paulo. Estes, recebendo as cartas e estando ausente o general em Goyazes, convocaram os cidadãos em acto de camara, e presidiu o ouvidor e corregedor o Dr. João Rodrigues Campello, e lidas as cartas dos cam-

ristas do Cuyabá, do ouvidor e do mestre de campo, ponderada a materia e attendidas as razões que expendeu o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, com a sua grande intelligencia, sobre a mesma materia, concordaram todos que se devia pôr em execução a abertura de um caminho de terra, pelo qual se pudesse a qualquer tempo socorrer o Cuyabá com tropas e gente de cavallo, o que não admittia a navegação dos rios, a qual podia ser impedida pelos castelhanos, subindo em lanchões desde a cidade do Paraguay até á barra do rio dos Porruados, que vai ter ao porto geral do desembarque, e d'elle por terra meia legua até o Cuyabá. Que para a factura d'este caminho havia uma fiança de 30 lt.<sup>rs</sup> (assim está escripto, que entendo ser 30,000 cruzados, como certamente é), celebrada por Manoel Gonçalves de Aguiar, Sebastião Fernandes do Rego e Antonio Gonçalves Tigre, cada um por si e um por todos, a favor de Manoel Homem Godinho, quando no anno de 1722 ajustou a factura d'este caminho com o governador e capitão-general o Exm. Rodrigo Cesar de Menezes, por cuja causa não vinha a gastar a fazenda real um só real pela factura d'este caminho(6). D'este accordão se lavrou termo em 17 de Agosto de 1737, que se remetteu ao mestre de campo João dos Santos Ala, governador da praça de Santos e interino da comarca pela ausencia do general d'ella o conde de Sarzedas. Nada teve effeito, porque o prejudicado Manoel Gonçalves de Aguiar soube atalhar o damno que lhe ameaçava a bolsa, repartindo liberal certos cartuxos de moedas por pessoa, que cala a prudencia o nome por lhes evitar a vileza da injuria. Deu-se conta a Sua Magestade pelo conselho ultramarino em 1733, e na secretaria d'elle se acham

(6) Esta determinação approvou Sua Magestade, como se vê da sua real ordem de 7 de Outubro de 1722, expedida ao dito Cesar. Secretaria ultramarina, liv. 4.<sup>a</sup> das cartas, tit. 1720, á fl...

estas representações no maço do dito anno, e tambem na camara de S. Paulo, no livro grande, capa de pasta negra, que serviu de registros, titulo de 1726 até 1740, fl. 118 até fl. 120, o que diffusamente trataremos no corpo da historia de S. Paulo, se Deus quizer dar-nos vida para este trabalho que intentamos tomar, sem forças de talento para a sua execução.

Sua Magestade mandou ao Dr. João Gonçalves Pereira, ouvidor de Cuyabá, que informasse, tirando um summario de testemunhas sobre a materia da representação, que se lhe tinha feito da acção que obrára na Vacaria Manoel Dias da Silva : assim executou aquelle activo mineiro. O certo é que em 1738 mereceu o mestre de campo os votos de alguns conselheiros do conselho ultramarino para governador de Cuyabá, com 4 tt.<sup>as</sup> de soldo, e vindo a informar sobre a materia e caminho, que Manoel Dias se offereceu a el-rei fazer á sua custa para o Cuyabá, a Gomes Freire de Andrada, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, por ordem que se lhe expediu pelo mesmo conselho de 9 de Setembro de 1739(7), não sabemos por que occulto destino se pôz silencio n'ella. Parece que os paulistas contrahiram um novo peccado original para não serem jámais bem vistos, e ser a fazenda real a prejudicada só para que elles não tenham o premio.

Nas minas do Cuyabá ficou existindo o mestre de campo Manoel Dias da Silva, querendo do jornal dos seus escravos emendar o estrago da grande despeza a que o obrigou o seu zelo e leal intento. N'ellas estava sendo juiz ordinario quando falleceu o Dr. ouvidor Manoel Antunes Nogueira (8), cujo lugar substituiu na fórma da ordenação do

(7) Secretaria ultramarina, liv. 1.<sup>o</sup> de cartas das Minas, 1726, á fl. 236.

(8) O Dr. ouvidor Manoel Antunes Nogueira falleceu em Abril em



reino. Das suas grandes providencias, logo que tomou posse, para vedar a extracção dos diamantes no rio Paraguay, descoberto pouco tempo antes da morte do antecessor, serão perpetuas testemunhas, que proclamem o seu ardente zelo, as cartas de agradecimento que lhe escreveu o governador e capitão-general, que então tinha em 1749 o governo da capitania de Cuyabá e Goyazes, o Exm. Gomes Freire de Andrada, que acabou digno conde de Bobadella, que se acham registradas todas nos livros da camara do Cuyabá. Succedeu-lhe o Dr. ouvidor João Antonio Vaz Morilhas (9), que, por se afastar da virtude de limpeza de mãos, como lhe deixava exemplos a distincta honra do seu antecessor, cahiu em desacordos taes, que, antes de lhe chegar successor, foi deposto do lugar pela *admiravel rectidão* do Exm. D. Antonio Rolim de Moura, primeiro governador e capitão-general d'aquella capitania (que depois foi conde de Azambuja, tenente-general, general da Estre-

quinta-feira santa de 1748, em cujo dia pegou na vara de ouvidor o mestre de campo Manoel Dias da Silva, como juiz mais velho, e contra o mesmo quiz fazer ouvidor ao segundo juiz o coronel Manoel Antunes Belem de Andrade uma maloca, que foi presa e ficou criminosa na devassa que tirou o mesmo ouvidor pela lei (*Historia do Cuyabá*, anno 1749).

(9) O Dr. João Antonio Vaz Morilhas chegou ao Cuyabá em 1749 e tomou posse a 30 de Novembro do dito anno. Para a deposição d'este ministro houve ordem expressa de el-rei, a quem déra parte D. Antonio Rolim de Moura, que lhe havia concebido entranhavel odio. E' certo que não exercitou o lugar desde certo tempo por ordem do dito general, que consultou esta materia aos generaes de Goyazes novo, e o que acabava, que resolveram em junta que, visto já ter vindo successor e syndicante, que falleceu em caminho, devia ser suspenso aquelle ministro. Elle não foi na verdade muito limpo de mãos; porém D. Antonio foi incansavel no seu odio e vingança por causas que ainda lembram aos antigos do Cuyabá. Vide a *Historia* d'estas minas que tenho.

madura na cõrte, presidente do conselho da fazenda e conselheiro do conselho de guerra, em cujos postos falleceu a... de... de 1782). E ficando esperando o dito Morilhas pela sua residencia, na qual entendia sabir canonisado, como é regra geral em todos os ministros da America, antes de lhe chegar este santelmo sahio preso, e, sequestrados os bens, foi conduzido do Cuyabá para Mato-Grosso, e d'alli para o Pará, e, finalmente, para o reino, onde mereceria o premio ou castigo, conforme os seus bons serviços. Em 1752 falleceu o mestre de campo Manoel Dias da Silva, distante da villa do Cuyabá dois dias de jornada, para cujo retiro o fez conduzir o estrondo de tantas injustiças, que via praticadas na dita villa em damno de todos. Foi casado na matriz de S. Paulo com sua prima em terceiro grão de consanguinidade duplicado (em cujo impedimento foram dispensados pelo Exm. bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe) D. Theresa Paes da Silva, filha do capitão Bartholomeu Paes de Abreu e de sua mulher D. Leonor de Siqueira Paes, de quem fazemos menção n'este mesmo § 2º, n. 23. E teve d'este matrimonio dois filhos naturaes de S. Paulo.

5—1. D. Anna Leonor, falleceu solteira

5—2. Alexandre da Silva Corrêa, falleceu na flôr dos seus annos.

4—2. Ignacio Dias da Silva (filho do brigadeiro Domingos Dias da Silva e D. Leonor de Siqueira, n. 35 retro) foi de gentil presença, docil e affavel genio, com cujas virtudes soube merecer geral estimação, não só dos parentes, mas dos estranhos. Na arte de andar a cavallo excedeu a todos os do seu tempo e ainda aos do passado, e sabia na ultima perfeição todo o manejo da cavallaria, e foi de tantas forças que com ella executava a cavallo algumas acções, em as quaes não achava quem o competisse. Na

violencia da carreira se debruçava pelo lado direito ou esquerdo a levantar do chão qualquer cousa que se lhe destinava em qualquer baliza, e n'isto mesmo era a execução do brinquedo com tanta destreza e airoso garbo, que sempre conseguia os applausos dos circumstantes. (O autor continúa a fazer varias descripções a este respeito.) Nas grandes e magnificas festas de escaramuças, sertilhas, canas e encontrôadas, que se executaram com liberal despeza em applauso de ter cantado missa nova o Rev. Eusebio de Barros Leite (filho da matrona D. Maria Leite de Mesquita, viuva de Pedro Vaz de Barros, um dos cavalheiros mais potentado entre os seus nacionaes paulistas, e de quem fazemos larga menção em título de Pedrosos Barros, § 2º, e no de Mesquitas). Levou Ignacio Dias da Silva em todas as tres tardes sempre os premios de louvor entre os muitos e destros cavalleiros d'aquella funcção, da qual foi elle o primeiro mantenedor e guia nas escaramuças. Sempre gozou Ignacio Dias das delicias e tranquillidade da patria, sem vêr a cara á asperiza dos sertões, porque quando seu pai Domingos Dias da Silva se ausentou para as Minas-Geraes ficou elle governando a casa, em companhia de sua mãe D. Leonor de Siqueira, que na educação dos filhos mereceu os applausos da matrona a mais advertida e ajuizada. Seus pais o casaram, com aquella discreta eleição de sua nobreza, com D. Anna Maria do Amaral Gurgel, e se receberam na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1719 (ainda vive ella em 1763), a qual era sua prima em quarto grão de consanguinidade, em que foram dispensados, filha do sargento-mór Bento do Amaral da Silva e de D. Escholastica de Godoy (fl... n. 2—3). Poucos annos se gozaram, porque na flôr d'elles falleceu Ignacio Dias da Silva, com geral sentimento dos que o conheciam, deixando d'este amoroso vinculo tres tenros filhos, para cuja educa-

ção não fez falta a vida do pai pelos cuidados de D. Anna Maria do Amaral, que rejeitou varios casamentos que se lhe propuzeram, não querendo dar padraсто a seus filhos, que foram :

5—1. Bento do Amaral da Silva.

5—2. Domingos Dias do Amaral da Silva, falleceu solteiro.

5—3. Ignacio Dias da Silva, casou nos Corraes da Bahia.

Falleceu com geração.

5—1. Bento do Amaral da Silva, cidadão de S. Paulo, que, não só na imagem, mas até nas prendas, foi verdadeiro retrato de seu pai. Exceedeu a todos do seu tempo na arte de audar a cavallo, obrando com airoso gentileza as mesmas destrezas, que seu defunto pai soube executar melhor que todos. Era tão destemido que passou a ser temerario, porque montava o mais manhoso cavallo sem perder o assento da sella, nem a recta positura do corpo, nem as estribeiras; e quando se apejava já o cavallo estava manso e sem os defeitos de corcovear. Foi tão destro n'esta arte, que, estando em S. Paulo D. Antonio Rolim de Moura esperando monção para embarcar para o Cuyabá, a tomar posse de governador e capitão-general d'aquellas minas, e hospedado no collegio dos jesuitas, confessou que lhe causava admiração vêr um tão excellente e airoso cavalleiro, que, sem as lições das picarias da Europa, merecia o louvor que muitos, dentro da mesma côrte de Lisboa, instruidos por excellentes mestres e muito peritos, não executavam o que Bento do Amaral fazia; e quando este sahia de passeio a cavallo occupava aquelle as janellas emquanto elle atravessava o pateo do dito collegio. Estando servindo de juiz ordinario de S. Paulo em 1752, que tinha sahido na eleição de Pellouro, andando de ronda com os officiaes de justiça na noite do dia 29 de Março, encontrou-se com Manoel Soares (era este um regulo facinoroso,

que, tendo culpas de graves delictos commettidos na comarca, havia vindo da villa de Guaratinguetá com o diabolico intento de matar ao Dr. José Luiz de Brito, que occupava o lugar de ouvidor-geral e corregedor da comarca de S. Paulo, de que, tendo avisos, o dito corregedor vivia acautelado, sem sahir á rua, e por terror panico lhe não applicava as providencias para prender-se este aggressor de mortes e outros insultos), o qual, sendo conhecido dos da ronda, em que, além dos officiaes de justiça, andavam quatro soldados inferiores e varios homens, se puzeram em vergonhosa retirada no mesmo ponto em que o juiz ordinario, sem mais armas que a temeridade do seu valor e ardor dos annos, que só eram 33, deu um accelerado passo a lançar a mão ao criminoso, o qual, tendo uma pistola debaixo do capote, lh'a disparou, penetrando-lhe o vasio, de cujo mortal golpe cahiu morto immediatamente, ficando assim livre o delinquente, que muito a seu salvo se pôde escapar pelo desamparo em que todos os da ronda deixaram ao juiz ordinario, e desapareceu da cidade, posto que logo se teve noticia do lugar onde vivia occulto, sem que o corregedor tivesse estimulo para lhe solicitar a prisão até pagar por sentença da justiça em uma forca os seus delictos. Foi esta morte tão sentida, como era estimada a vida de Bento do Amaral da Silva; porém morreu quem morreu, e a lima do tempo tudo consome, e só lamenta os estragos da ruina quem participa do golpe para chorar os effeitos d'elle, como até hoje, com viva dôr, ehora a viuva sua mulher o desamparo dos tenros filhos que lhe ficaram. Estava casado com D. Catharina Alvares Fidalgo, filha de José Alvares Fidalgo, cidadão de S. Paulo e natural da villa de Freixo de Espada á Cinta, e de sua mulher D. Maria Leite da Silva. Em titulo de Dias Paes. E teve seis filhos, naturaes de S. Paulo.

6-4. Fr. Ignacio do Amaral, carmelita calçado; e professou no convento de S. Paulo a 20 de Julho de 1760.

6-2. D. Anna Maria do Amaral e Silva.

6-3. João Leite do Amaral.

6-4. D. Brites Leonisa do Amaral.

6-5. D. Mathildes Policena do Amaral.

6-6. D. Maria Emilia do Amaral.

3-6. D. Angela de Siqueira (pag. 44 e 19). Foi casada com Manoel do Rego Cabral. Em título de Arrudas, cap. I, § 5º. Com sua descendencia.

3-7. D. Maria de Araujo (idem). Foi casada com José de Sá e Arruda. Em título de Arrudas, cap. I, § 7º. Com sua descendencia.

3-8. D. Ignacia de Godoy (idem). Foi casada na matriz de S. Paulo a 9 de Janeiro de 1695 com José de Barros Bicudo Leme, filho de Antonio Bicudo Leme e de sua segunda mulher Luzia Machado. Falleceu o dito José de Barros em Parnahyba a 20 de Agosto de 1714. Cart. de Parnahyba n. 466, inventario de José de Barros Bicudo. Em título de Bicudos, cap. I, § 1º, n. 4-11. E teve oito filhos.

4-1. Antonio Bicudo de Barros.

4-2. Lourenço Castanho de Barros.

4-3. Braz Teves Leme.

4-4. João de Almeida Pedroso, o ruivo.

4-5. Bento de Barros Bicudo.

4-6. D. Ignacia de Goes.

4-7. D. Maria de Araujo.

4-8. D. Escholastica Bicudo.

4-1. Antonio Bicudo de Barros, natural da Araçari-guama, casou na matriz de Itú com D. Josepha de Arruda, filha de Pedro Dias Leite e de sua mulher D. Antonia de Arruda. Em título de Botelhos, cap. I, § 4º, n. 2-9. Com sua descendencia.

4.—2. Lourenço Castanho de Barros. Falleceu solteiro no sertão dos Curraes da Bahia.

4.—3. Braz Teves Leine. Falleceu de tenra idade em Itú, sua patria.

4.—4. João de Almeida Pedroso, chamado o ruivo, natural de S. Paulo, casou na matriz da Penha de Araçariguama com D. Gertrudes Ribeiro, filha de André de São Paio Botelho, natural da villa de Parnahyba, e de sua mulher D. Maria Leite da Escada, filha de Manoel Corrêa Penteado e de D. Beatriz de Barros, acima já nomeados. E teve 12 filhos.

5— 1. Ignacio de Almeida Pedroso.

5— 2. João de Almeida.

5— 3. André de São Paio.

5— 4. Joaquim de Almeida.

5— 5. Alexandre de Almeida.

5— 6. Pedro de Almeida.

5— 7. D. Maria de Almeida, mulher de Manoel Francisco Bueno, filho de Francisco Bueno Luiz e de D. Maria Jorge, e natural de Parnahyba.

5— 8. D. Isabel de Almeida.

5— 9. D. Anna Maria, natural de Sorocaba, casou em Itú com Antonio Ribeiro da Silva, natural de Pitanguy, filho de Antonio Ribeiro da Silva, natural de Barcellos, e de sua mulher Catharina Bueno. E teve tres filhos: Manoel, Maria Josepha e Josepha Maria.

5—10. D. Maria...

5—11. D. Gertrudes...

5—12. D. Antonia... etc.

4.—5. Bento de Barros Bicudo, natural da Penha de Araçariguama, casou em Itú com Maria Garcia, natural d'esta villa, filha de Antonio Garcia Borba e de sua mulher Rosa de Campos. Em título de Campos, cap. VIII, § 5º, n. 3—5. E tem quatro filhos que são: José de Barros, Maria, Rosa, Ignacia.



4—6. D. Ignacia de Góes, natural de Araçariguama, em cuja freguezia casou com André de São Paio Botelho, estando viuvo de D. Maria Leite da Escada, já referida. E tem tres filhos.

5—1. José de São Paio Góes, casou com Anna de Campos, filha de Pedro Dias Ferraz e Maria Paes.

5—2. Bernardo de São Paio Barros, clérigo de S. Pedro.

5—3. Elias de São Paio Castanho, que falleceu em Sorocaba em 1765.

4—7. D. Maria de Araujo, natural da Penha de Araçariguama, onde casou com Paschoal Leite Paes, natural de Parnahyba, filho de Francisco Bueno Luiz e de Maria Jorge, já referidos em titulo de Buenos. E teve :

5—1. D. Maria Jorge, casou na Voturuna com o capitão-mór Domingos Rodrigues do Prado, filho de Domingos Rodrigues do Prado. Em titulo de Buenos, cap. VIII, na descendencia do capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva, descobridor das minas dos Goyazes.

4—8. D. Escholastica Bicudo, natural de Araçariguama, casou com José de Arruda Sá, natural da villa de Itú, filho de Francisco de Arruda Sá e de D. Anna de Proença. Em titulo de Botelhos, cap. II, § 1º. E teve dez filhos.

5— 1. Francisco de Arruda.

5— 2. José Bicudo.

5— 3. Matheus de Arruda.

5— 4. Antonio Bicudo.

5— 5. Ignacio Bicudo.

5— 6. Vito de Arruda.

5— 7. D. Maria Bicuda, casou em Itú com Francisco Xavier Ferraz, filha de Pedro Dias Ferraz e de Maria Paes de Campos.

5— 8. D. Ignacia Bicuda.

5— 9. D. Angela.

5—10. D. Isabel.

3—9. D. Theresa de Araujo (filha de Lourenço Castanho Taques e D. Maria de Araujo, pag. 14 e 19), foi casada com João Barbosa Pires, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Diogo Barbosa Rego e de sua mulher Maria Rodrigues. Em titulo de Pires, cap. VI, § 9°. Com suas ascendencias. E teve sete filhos, naturaes da cidade de S. Paulo.

4—1. João Barbosa Lara.

4—2. Diogo Barbosa Lara.

4—3. Francisco de Almeida Taques.

4—4. D. Maria de Araujo.

4—5. D. Gertrudes de Arango.

4—6. D. Leonor de Siqueira.

4—7. D. Angela de Siqueira.

4—1. João Barbosa Lara teve patente de sargento-mór. Falleceu na comarca de Villa-Boa de Goyazes, na sua lavra mineral do sitio da Anta : foi casado primeira vez com sua prima D. Isabel Ribeiro de Alvarenga. Sem geração. Segunda vez casou em S. Paulo com sua parenta D. Joanna de Toledo Canto, filha de João de Toledo e de sua segunda mulher D. Anna do Canto do Mesquita. Em titulo de Toledos, cap. I, segundo matrimonio. Em titulo de Pires, cap. VI, § 5°, n. 4—5. Deixou geração. E teve duas filhas.

5—1. D..... que casou na sé de S. Paulo em 1747 com seu parente José Jacintho Flores, filho de José de Góes Cardoso e D. Maria de Almeida (d'este capitulo e § 9°).

5—2. D. Rita de Toledo casou em Goyazes com Balthazar de Godoy Bueno e Gusmão, guarda-mór das minas de Villa-Boa, filho do capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva. E teve sete filhos, nascidos na freguezia do Senhor Bom-Jesus das Minas da Anta....

4—2. Diogo Barbosa Lara, está casado com...

4—3 Francisco de Almeida Taques, vulgarmente chamado o *gentil-homem*, casou e não deixou geração.

4—4. D. Maria de Araujo, casou com João Preto de Moraes, irmão inteiro de Antonio de Moraes, que foi protector e administrador por herança da capella de Nossa Senhora do O', filhos de....

4—5. D. Gertrudes, Falleceu solteira.

4—6. D. Leonor. Falleceu solteira.

4—7. D. Anna de Siqueira e Araujo, casou com Domingos Gomes Albernaz na sé de S. Paulo.

3—10. Antonio Pompeo Taques (pag. 14 e 19), ainda vive em 1763 no arraial e freguezia da Anta, termo de Villa-Boa de Goyazes. Foi verdadeiro herdeiro da liberalidade de seu pai Lourenço Castanho Taques, posto que praticada com contrario effeito, porque a sua total beneficencia tem servido de ruina á herança de seus filhos por se haver reduzido ao estado de pobreza, comparando-se o tempo passado ao presente. Na arte da cavallaria logrou a singularidade entre os da sua mesma idade, e basta saber-se que ainda nos avançados annos que conta (que já excedem aos de 80) não tem perdido a firmeza do assento da sella e estribos, conservando um airoso garbo, sem que a velhice lhe tenha roubado as forças para lhe destruir a compostura. Entre os irmãos foi o de mais gentil presença, a que se uniu a viveza; e com esta carta de recommendação encontrou sempre no paiz estranho as estimações de todos e amizade de seus iguaes. Estes merecimentos, com o concurso inseparavel do sêr da natureza, pela qualidade do nobre sangue que em muitos costados lhe anima as vês em grão de illustre, o adoptaram para o casamento de D. Maria das Neves, que então era o maior nos Curraes da Bahia. Esta senhora estava viuva do primeiro marido, que

por não ter filhos a deixou herdeira de um grosso cabedal, que formava o fundo d'aquelle monte, assim em dinheiro cunhado, como em moveis de ouro e copa de prata com muitas arrobas, sendo o patrimonio da mesma casa quatro fazendas de gados vaccuns e bestas cavallares, cujo rendimento annual era copioso. Os irmãos d'esta senhora, que igualmente eram ricos e abundantes como a mesma irmã, o capitão-mór Manoel Affonso Gaia, que foi casado na cidade da Bahia, Miguel Gonçalves Figueira e João Gonçalves Figueira, todos estabelecidos em grossas fazendas de gados e eguas, tratavam a Antonio Pompeo Taques com particular veneração e amizade, e unidos venceram a irmã, já então quinquagenaria, a despozar-o, o que com effeito se verificou. Passados alguns annos falleceu D. Maria das Neves sem geração e sem testamento, e com sua morte se pôz em divisão aquelle grande fundo, posto que já mais diminuido pela profusão com que elle se tratava e lustre que ostentava dentro do mesmo sertão dos Curraes da Bahia, chamado do Rio de S. Francisco.

Os Curraes da Bahia, ainda que era paiz fértil, de grande opulencia, concurso do negocio e de outras muitas utilidades, não perdia a natureza de sertão. Este dissabor estimulou a Antonio Pompeo Taques a deixar as grossas fazendas que possuia e retirar-se a S. Paulo, sua patria, vendendo indiscretamente as ditas fazendas fiadas. Porém passou-se d'alli a gozar do estrondoso concurso que havia attrahido a grandeza das Minas-Geraes no tempo do descobrimento da villa de Pitanguy, onde fez assento e ostentou os desperdícios do animo e do seu fidalgo tratamento. Casou sem mais conveniencia de dote que a eleição dos merecimentos, que adornavam a nobreza de D. Escolastica (filha de José Rodrigues Betimk e de sua mulher Marianna Bueno), uma das mais formosas senhoras

d'aquelle tempo em a villa de Pitanguy, onde residiam seus pais. Passados annos e enfraquecidas as minas da sua primeira opulencia, recolheu-se á sua patria com suas cunhadas e mais familia. Estas extraordinarias despezas estragaram o grande cabedal que possuiu Antonio Pompeo Taques, que hoje lamenta a sua falta por não poder exercitar o seu generoso animo, sempre costumado a não contentar-se com pouco. Agora, sim, pôde a differença dos tempos e a sua já muito avançada idade contê-lo para se accommodar aos limitados rendimentos, que percebe de uma lavra que tem no arraial da Anta, onde podemos dizer que vive sepultado aquelle mesmo que algum dia foi nas Minas-Geraes, Curraes da Bahia e na cidade, côrte do Estado do Brasil, muito applaudido. Do matrimonio de Antonio Pompeo Taques ha filhos, que ignoramos pela distancia em que residem.

3—11. D. Maria de Lara (filha de Lourenço Castanho Taques, pag. 14 e 19), foi casada com João Gonçalves Figueira (irmão do capitão-mór Manoel Affonso Gaia, de quem fallámos no numero antecedente), natural da villa de Santos e cidadão de S. Paulo, onde, occupando os cargos da republica, foi juiz ordinario e de orphãos em 17... e superintendente regente das minas de Parnapanema por provisão de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general de S. Paulo. Em titulo de Arrudas, cap. I, § 3º, n. 3—10. E teve cinco filhos, naturaes de S. Paulo.

4—1. João Gonçalves de Almeida, que existe. Casou com sua prima D. Maria de Almeida, e foram dispensados em terceiro grão de consanguinidade. Em titulo de Arrudas, cap. I, já referido.

4—2. Lourenço Castanho Figueira, que, estando nas suas fazendas do Rio de S. Francisco, falleceu solteiro.

- 4—3. O padre Manoel Affonso Gaia, do habito de S. Pedro. Faleceu na flôr dos seus annos, com igual sentimento dos que conheciã a sua capacidade, brandura, liberalidade e letras.
- 4—4. Antonio Gonçalves Lara, que, passando para as suas fazendas dos Curraes da Bahia, Rio de S. Francisco, alli casou com D. Maria de Lara, sua sobrinha. Em título de Arudas, cap. I, § 1°, n. 2—6 e seg.
- 4—5. D. Maria das Neves, nome que lhe puzeram seus pais em memoria de outra de quem fallámos no n. 3—10. Casou em S. Paulo com Agostinho da Costa Nogueira, cidadão de S. Paulo, de onde passaram para o Rio de S. Francisco e existem em 1763. Sem geração.

§ 2º

2—2. O padre Francisco da Almeida Lara (filho do governador Lourenço Castanho Taques e D. Maria de Lara, pag. 5 e 14) passou à côrte de Lisboa a tomar ordens, na falta de bispo no Rio de Janeiro, que ainda n'aquelle tempo o não tinha, por ter sido o primeiro D. José de Barros de Alarcão em 1681, como se vê na secretaria do conselho ultramarino no livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673, á fl. 28, na ordem de 18 de Novembro de 1681, expedida para a consignaço das congruas da cathedral do Rio de Janeiro. Foi o padre Almeida doutor e protonotario apostolico por bulla do SS. Papa Clemente.... com uso de habito prelaticio, e teve grão de doutor, como se vê da attestação que em 23 de Novembro de 1681 passou em S. Paulo, dos serviços que fez, o governador Fernão Dias Paes, a qual se acha no cartorio do tabellião do Rio de Janeiro, nos serviços do dito Fernão Dias, nas notas em 1703. Voltou para S. Paulo, sua patria, onde viveu com decente tratamento dos seus bens patrimoniaes. Jaz sepultado na capella-mór dos padres jesuitas, com quem teve

sempre boa amizade, e a cujo collegio deixou seus moveis e livreria.

§ 3º

2—3. Pedro Taques de Almeida (filho do governador Lourenço Castanho Taques, pag. 5 e 14), cidadão de S. Paulo, onde occupou todos os cargos da republica. Pelos grandes serviços feitos á corôa, á custa sempre da sua fazenda, el-rei D. Pedro o tomou por fidalgo da sua casa, com o fôro e moradia de cavalleiro fidalgo, que era o que tinha seu bisavô Antonio Rodrigues de Almeida, como temos referido em titulo de Proenças. Foi capitão da fortaleza da Vera-Cruz do sitio de Itapema da praça de Santos, com 40\$ de soldo por anno (almoxarifado da fazenda real de Santos, no quaderno dos filhos da folha até o anno de 1680), e passou a provedor e contador da fazenda real da capitania de S. Paulo, juiz da alfandega e vedor da gente de guerra da mesma praça, com 80\$ de ordenado (cartorio da provedoria da fazenda da praça de Santos). Foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo por patenta régia, com 80\$ de soldo, como se vê da folha secular da provedoria de Santos, dos annos 1684, 85, 86 e 87. E tendo tomado posse na camara da villa de S. Vicente, cabeça da comarca, e estando governando a capitania em que tinha succedido a Diogo Pinto do Rego, para continuar mais no dito governo houve segunda provisão, datada em 5 de Outubro de 1684. Camara de S. Paulo, livro de registros, 1675, fl. 130 v. Teve jurisdicção para prover postos militares, como se lê das suas patentes; e em seu nome se passaram as provisões seguintes: uma de provedor e contador da fazenda real da capitania, passada a Gaspar Gonçalves de Araujo, e outra de ouvidor e corregedor da comarca de S. Vicente e S. Paulo a D. Simão de



Toledo Piza, e outras muitas, que todas se acham registradas na camara de S. Paulo no livro de registros, tit. 1675, de fl. 137 v. até fl. 166. Foi alcaide-mór, administrador geral das aldéas do real padroado por mercê da rainha da Grã-Bretanha a Sra. D. Catharina, infanta de Portugal, estando regente d'este reino, por carta de 13 de Setembro de 1704 (10). Foi o capitão-mór Pedro Taques um dos paulistas do maior respeito e veneração; assim o conheceu a patria até o seu fallecimento. Dos seus grandes merecimentos foi informada a magestade de el-rei D. Pedro II, que se dignou honral-o com uma carta datada em 20 de Outubro de 1698, firmada do seu real pulso, cujo theor é o mesmo que deixámos na cópia da que recebeu seu irmão Lourenço Castanho Taques no n. 2—1, que por isso aqui não repetimos. Da sua honra e lealdade foi tanta a confiança e conceito, que mereceu ao Sr. rei D. João V, que bastou só uma conta que lhe deu Pedro Taques de Almeida sobre os procedimentos do desembargador João Saraiva de Carvalho, ouvidor-geral e corregedor da comarca de S. Paulo, para, sem mais outra informação, ordenar Sua Magestade se não reconhecesse o dito desembargador por ouvidor, de que para maior instrução pômos abaixo a cópia da real ordem (11).

Dando conta a Sua Magestade de que já estava muito velho, e tão cheio de achaques, que, por não poder montar a cavallo, não visitava as aldéas, e faltavam as necessarias providencias da sua presença para se conservar illeso o real serviço, foi o mesmo senhor servido mandar-lhe dizer, por carta firmada do seu real pulso, que ordenava nomeasse pessoa ou pessoas que entendesse eram capazes de

(10) Camara de S. Paulo, liv. 1.<sup>o</sup> das reaes ordens á fl. 15 v.

(11) Cartorio da camara de S. Paulo, liv. 1.<sup>o</sup> das reaes ordens, a fl. 17 v.

lhe succeder no governo e administração geral das aldêas do seu real padroado (12). Esta incomparavel honra soube alcançar o capitão-mór Pedro Taques de Almeida pelos merecimentos do grande zelo, que tinha acreditado sempre no serviço do principe soberano em uma seguida serie de annos, consumidos todos no real serviço, sem o menor descuido que arruinasse o bem merecido conceito que soube adquirir. Por isso não se aproveitou da liberdade de eleger pessoa ou pessoas para o pesado serviço de administrador das aldêas do real padroado, porque até soube cortar pelo interesse proprio, deixando de nomear a seu filho José de Góes e Moraes, que já n'este tempo tinha dado reconhecidas mostras do seu zelo em serviços do seu monarcha, quando occupára os empregos, dos quaes em seu lugar faremos menção no n. 3—3. Reconhecendo com larga experiencia, que as aldêas do real padroado só ficavam bem administradas tendo cada uma d'ellas superior missionario, que com jurisdicção parochial lhes administrasse os sacramentos, e para algumas disposições do economico e politico governo da mesma aldêa houvesse um capitão-mór, um sargento-mór e alguns capitães dos mesmos indios, ficando todos debaixo da jurisdicção dos ministros de justiça, que já então havia em S. Paulo ouvidor e corregedor, que era o desembargador Antonio Luiz Peleja, que foi o primeiro que creou ouvidoria separada da do Rio de Janeiro, conservando-se na provedoria da fazenda a mesma congrua destinada em 25\$ aos padres superiores para guizamento das igrejas, de vinho e hostias, que já se tinha conferido de antes por real ordem de 28 de Janeiro de 1701 (13).

(12) Secretaria do conselho ultramarino, no livro das cartas de 1701, á p...

(13) Secretaria ultramarina. Consultas, maço do anno 1701.

Deu conta do seu arbitrio, que, achando inteiramente a real approvação, mostrou o effeito esta verdade. Para logo mandou Sua Magestade expedir as suas reaes resoluções ; e ficaram as aldêas com a nova fórma de administração que havia apontado o seu administrador geral. Aos RRevs. monges de S. Bento se entregou a aldêa de Nossa Senhora do Monserrate do sitio dos Pinheiros, a de Maruyry aos RRevs. carmelitas calçados, a de S. Miguel aos RRevs. capuchinhos, a da Escada e a de S. João na marinha do sul aos mesmos capuchinhos ; os quaes põem na aldêa um religioso, que se chama superior e exercita todas as funções parochiaes, e são devassados nas visitas que fazem os seus prelados. Os capitães-móres, etc., são feitos pelos governadores, a quem estão sujeitas as mesmas aldêas ; e a estes officiaes recorrem os superiores, como auxilio secular, para serem castigados os indios que não obedecem ás admoestações catholicas do seu parcho, etc.

Cópia da carta de el-rei D. Pedro II, escripta aos officiaes da camara de S. Paulo sôbre a conta que lhe havia dado Pedro Taques de Almeida a respeito do ouvidor-geral o desembargador João Saraiva de Carvalho.

« Officiaes da camara da villa de S. Paulo. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Havendo visto a conta que me deu Pedro Taques de Almeida sôbre a incapacidade de Bento do Amaral da Silva, a quem o ouvidor-geral João Soares de Carvalho deixou em seu lugar, ausentando-se para o Rio de Janeiro por ser um homem criminoso ; me pareceu ordenar-vos, como por esta faço, lhe não obedeaís, nem ao mesmo ouvidor-geral proprietario se tornar a entrar na correição. E porque o mesmo Pedro Taques me representou a grande perturbação que causou n'esse povo as ino-

das falsas, que se acharam n'essa capitania, vos ordeno que n'este particular procedais com aquella diligencia e cuidado que pede materia tão importante. Escripta em Lisboa a 3 de Abril de 1709.—Com rubrica de Sua Magestade. »

Nunca a inveja soube conter-se nos limites do soffrimento sem romper no desafogo de alguma barbara tyrannia. Não tinham os inimigos do capitão-mór Pedro Tiques de Almeida liberdade para lhe não concederem a distincta qualidade de sua reconhecida nobreza hereditaria de uma seguida serie de avós paternos e maternos, entre os quaes se não descobria algum que tivesse claudicado com facto de mecanismo, porque todos, sem discrepancia, tinham tido os honrosos empregos do real serviço. Para os fazer persuadir melhor d'isto mesmo e lhes tirar a liberdade de poderem empregar as suas malevolencias na pureza do seu nobre sangue, requereu no juizo ecclesiastico as diligencias de genere pelos costados dos seus quatro avós, e por elle se expediram cartas requisitorias, uma ao Exm. e Revm. bispo da Guarda, que então era D. Rodrigo de Moura Telles, para se inquirir da pureza de sangue de Antonio de Proença, moço da camara que tinha sido do infante D. Luiz, e natural da villa de Belmonte, como temos mostrado em titulo de Proenças; outra para o Exm. e Revm. arcebispo de Lisboa sôbre a pureza de Pedro Tiques, natural da villa de Setubal, de que já fizemos menção no principio d'este titulo; outra para o Exm. bispo de Camora, no reino de Castella, a velha; para o exame da pureza de D. Diogo de Lara, de que temos feito menção no titulo d'este illustre appellido, e illustre avô materno do dito capitão-mór Pedro Tiques, e outra, finalmente, sôbre Balthazar de Moraes de Antas, fidalgo da casa real, natural da villa de Mogadouro. Depois foi julgado o dito capitão-

mór por varias sentenças proferidas pelos dignos vigários geraes e juizes das justificações de genere do bispado da cidade do Rio de Janeiro, em cuja camara episcopal, e hoje tambem na do bispado de S. Paulo, existem os autos originaes.

Foi fundador de um jazigo para si e seus herdeiros na capella da ordem terceira do Carmo da cidade de S. Paulo, em todo o pavimento da casa da via-sacra, que á custa da sua fazenda fez construir, collocando n'ella, em altar de talha, a sagrada imagem de um santo crucifixo, com o titulo do Senhor Bom Jesus da Boa-Morte. Emquanto sua vida, fazia celebrar n'este altar todas as sextas-feiras de cada semana uma missa, antes da qual se corria o véo que encobria a sagrada imagem, havendo n'este acto ductos de incenso e na missa o mesmo; e no dia 3 de Maio havia missa cantada com musica. Fundou mais no mosteiro de S. Bento da cidade de S. Paulo um altar adornado de talha, toda dourada, em que collocou uma excellente imagem da Senhora, com o titulo da Conceição; e a 8 de Dezembro se lhe fazia a festa de missa cantada, sermão e sacramento exposto no altar-mór da mesma igreja. Alguns annos antes de fallecer Pedro Taques de Almeida fez o seu testamento, em cujas pias disposições se está conhecendo o pio e religioso animo d'este cavalheiro, e as grandes virtudes de que foi adornado. Calculando o seu cabedal (já bastantemente diminuido em mais de 30... pelo emprestimo que havia feito á razão de juro, sem mais segurança que o conceito que lhe mereceram a verdade dos devedores, os quaes, cahindo em pobreza, com ella se perderam os dinheiros que deviam), soube dispôr e deixar pios legados, que ainda hoje se executam e se executaram, de oito capellas de missas de 320 réis, a festa de 3 de Maio acima referida, e da Senhora da Conceição no mosteiro de

S. Bento, com a mesma solemnidade com que em vida do fundador se praticava. (O pavimento todo d'este altar, que é colateral ao pé do arco da capella-mór da parte da epistola, ficou pertencendo por escriptura de transacção ao fundador, para seu jazigo e dos seus legitimos descendentes, *in perpetuum*.) Determina que a administração da sua terça ande sempre na sua descendencia depois da morte de seu filho José de Góas e Moraes, a quem instituiu testamenteiro, com o premio de 50\$ em cada anno, com a obrigação de fazer cumprir todas as mais pensões testamentarias, de que daria conta no residuo secular da correição da cidade de S. Paulo, a cujo ministro e seu escrivão destinou premio annual pelo trabalho annual de tomarem a conta ao administrador da sua terça, e até n'esta advertencia e politica economia quiz estabelecer uma firmeacção de justiça aos corregedores d'esta cidade, aos quaes servisse de estimulo, primeiro que a obrigação do seu ministerio, a lembrança do instituidor no premio que lhes destinou. Importou esta terça em 7:000\$, que, postos e estabelecidos em juros, sirvam os rendimentos d'estes para a satisfação das despesas determinadas, acantelando que os residuos d'este lucro se unissem sempre ao capital, para que, quando d'elle houvesse alguma quebra, não se experimentasse diminuição no todo. Antes de dispôr o seu testamento havia o capitão-mór governador Pedro Taques, de commum accordo com sua mulher, mandado estabelecer no reino de Portugal uma missa quotidiana. Falleceu a 4 de Agosto de 1724, e se mandou sepultar no seu jazigo ao pé do altar do Senhor Bom-Jesus da Boa-Morte, em cuja campa estavam abertas as armas dos Taques, Proenças Laras e Moraes, em quatro quarteis dentro de um escudo, na fórma que lhe foram illuminadas no brasão, que tirou em Lisboa por sentença do Dr. Gonçalo da Cunha Villas-

Boas, desembargador da casa da supplicação, em 5 de Julho de 1707(14).

Pelo desembargador Antonio Luiz Peleja, ouvidor-geral e corregedor da comarca de S. Paulo, obteve sentença em 16 de Maio de 1702 o capitão-mór governador Pedro Taques, proferida pelo merecimento dos autos semelhante á sua fidalguia hereditaria de seus ascendentes; e porque n'estes autos de *puritate et nobilitate probanda* juntou os instrumentos de Balthazar de Moraes de Antas, seu bisavô, processados em a villa de Mogadouro em 1567 (fazemos d'elle menção em titulo de Moraes), foi elle julgado por este costado de Moraes Antas por legitimo setimo neto de Mendo Affonso de Antas, senhor donatario e alcaide-mór da villa de Vimioso, como consta dos ditos instrumentos. E dos livros genealogicos, entre os quaes tem toda a primazia a obra do conde D. Pedro, consta o mesmo que se lê nos instrumentos de Balthazar de Moraes de Antas, que veio casar em S. Paulo em 1580, como temos reterido em titulo de Moraes. (Cartorio da ouvidoria geral de S. Paulo, maço... letra P, autos de justificação do capitão-mór Pedro Taques de Almeida em 1702.)

Casou o capitão-mór Pedro Taques de Almeida com D. Angela de Siqueira, que nasceu em S. Paulo e se baptizou na sua matriz no 1º de Junho de 1648, filha de Luiz Pedroso de Barros, capitão de infantaria de picas hespanholas na restauração de Pernambuco, e de sua mulher D. Leonor de Siqueira (em titulo de Pedrosos Barros, cap. III), a qual falleceu em S. Paulo a 9 de Outubro de 1703, e mandou sepultar na igreja dos jesuitas(15). Estava D. Angela de Siqueira, viuva de seu primeiro marido Se-

(14) Camara de S. Paulo, livro de registros, tit. 1721, á fl. 51.

(15) Ouvidoria de S. Paulo, testamento de D. Leonor de Siqueira. Cartorio de orphãos, inventario letra L, maço 1º, n. 31.



bastião Fernandes Corrêa, segundo provedor e contador proprietário da fazenda real da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Em titulo de Freitas, § 1.º Falleceu D. Angela de Siqueira com testamento em 1728 (16). E teve do seu matrimonio varios filhos, que, por fallecerem solteiros, já d'elles não fizeram menção os pais nos seus testamentos, e só dos que se criaram, que foram oito, todos naturaes de S. Paulo.

3—1. José de Góes e Moraes.

3—2. D. Appollonia de Araujo.

3—3. D. Branca de Almeida Taques.

Bisavô-m. 3—4. D. Maria de Araujo.

3—5. D. Leonor de Siqueira Paes.

3—6. D. Theresa de Araujo.

3—7. D. Catharina de Siqueira Taques.

3—8. D. Angela de Siqueira Taques.

3—1. José de Góes e Moraes, cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da sua republica e duas vezes de juiz ordinario. Foi creado sargento-mór da comarca de S. Paulo, com 80\$ de soldo por anno, pagos no almoxarifado da fazenda real da praça de Santos por mercê de el-rei D. João V, e succeden por fallecimento do sargento-mór Manoel Lopes de Medeiros (Cartorio da provedoria-mór da fazenda real do Estado do Brasil, livro de registros das patentes para os filhos da folha secular, e provedoria da fazenda real da praça de Santos nas folhas seculares desde 1704 para diante). Passou a capitão-mór governador da capitania de S. Paulo e de S. Vicente, em cuja camara, como de cabeça de comarca, tomou posse aos... de... de 17... e por ser esta patente o melhor documento da grande honra e zelo do real serviço de José de Góes e Moraes da-

(16) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, o do capitão-mór Pedro Taques, e appenso o de D. Angela de Siqueira.

mos a cópia d'ella no fim d'este numero. Passando a viver dos interesses que convidavam as grandezas do ouro, que extrahiam os escravos nas Minas-Geraes, n'ellas se fez tão opulento em cabedaes, que, recolhido á patria, não teve no seu tempo quem o igualasse no tratamento, porque de cavallos da melhor fama e bondade tinha muitos, e todos bons em actual cavalharice, e tão briosos que nem para beber agua sahiam para fóra sem antolhos e cabeções. Adornou a sua casa de ricos e excellentes moveis, e grande copa de prata. Teve muitos mulatos escravos, e tão claros na cor que competiam com os brancos n'este accidente, e todos bem vestidos da libré da casa o serviam, e acompanhavam de pé e de cavallo.

Discorrendo que para firme estabelecimento da sua casa era bem advertida idéa comprar ao Exm. marquez de Cascaes cincoenta leguas de costa das cem de que era senhor donatario na capitania de S. Vicente, que as possuia com todas as villas, que se achavam fundadas desde o tempo do primeiro donatario Martim Affonso de Sousa (a quem a real grandeza de el-rei D. João III havia feito doação por carta passada em Evora a 20 de Janeiro de 1535, sendo seu escrivão da puridade o bispo D. Miguel da Silva, pela qual se mostra esta liberal doação; e principiam as primeiras cincoenta e cinco leguas de treze leguas ao norte de Cabo-Frio, e acabam no rio de Curôparé; e as quarenta e cinco leguas começam do rio de S. Vicente e acabam doze leguas ao sul da ilha de Cananéa. Estas cem leguas de costas comprehendem todas as ilhas até dez leguas ao mar, com todo o sertão e terra firme que lhe ficar fazendo fundo, até onde fôr terras e conquistas da Magestade que fez esta doação a Martim Affonso de juro herdade para sempre), communicou este intento a seu pai o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, a quem sempre professou uma pro-

funda obediencia, e conseguindo a paternal approvação pôz em effeito o projectado interesse.

Por seus procuradores em Lisboa se ajustou a venda das cincoenta leguas com o marquez de Cascaes D. Luiz Alvares de Tayde Castro Noronha e Sousa, de que na primeira frota do Rio de Janeiro do anno de 1710 vieram os avisos; e, indo o dinheiro no regresso da mesma frota ao tempo de celebrar-se a venda, houve quem ponderasse a el-rei D. João V a utilidade que se seguia á sua real corôa ficarem a ella incorporadas as cincoenta leguas, que o marquez vendia a José de Góes. Esta advertencia veio a reduzir todo o ajuste a nenhum effeito, porque Sua Magestade mandou dar ao marquez de Cascaes 45,000 cruzados pelas cincoenta leguas, e ficou José de Góes mallogrando um intento o mais util e honroso, que podia lucrar para augmento e estabelecimento de uma das maiores casas no Brasil. Celebrou-se a escriptura com o procurador da corôa em 19 de Setembro de 1711 na nota de Manael Baracho, tabellião em Lisboa, e n'ella repetidas vezes se faz menção de que as ditas cincoenta leguas tinha elle marquez ajustado em titulo de venda com José de Góes e Moraes (Camara de S. Paulo, livro de registros, tit. 1708 á fl. 59 v., a escriptura de venda de cincoenta leguas que fez o marquez de Cascaes á real corôa). Mallogrou-se a compra, como temos referido, e perdeu-se tambem o grande cabedal que se tinha remettido á côrte para esta negociação, porque, empregando-se em fazendas para por negocio se distribuirem em partidas no Rio de Janeiro, e, embarcadas todas em um navio, foi este no mar roubado do francez Pexelingre; mas este infeliz successo não arruinou o fundo dos grandes cabedaes que então possuia José de Góes, que, no desengano da pretendida compra das cincoenta leguas da capitania de S. Vicente e S. Paulo, passou a fundamentar o patrimonio

de sua casa em fertes fazendas de gados vaccuns e manadas de eguas nos campos geraes, chamados da Corituba, para se utilisar dos seus grandes rendimentos na extracção das boiadas. Com effeito não lhe sahiu errada esta bem advertida resolução, por ter mostrado a experiencia que no Brasil são os curraes de gados e cavalgaduras o verdadeiro estabelecimento para a conservação das casas. Ficou senhor das fazendas, que se denominam e conhecem com os titulos de S. João, dos Carlos, e S. Bento.

Foi dotado de claro juizo, grande comprehensão e discrição. O conde de Assumar D. Pedro de Almeida, general de S. Paulo e Minas, lhe mandou passar em 1718 patente de guarda-mór das minas de Parnampanema, e foi o primeiro que teve as ditas minas (Secretaria de S. Paulo, na do Rio de Janeiro no registro de D. Pedro de 1718). Teve natural docilidade a que soube unir a urbanidade, sem diminuição do respeito que sempre gozou, ainda em avançados annos, porque chegou a 92, acabando a vida no de 1763, a 20 de Agosto, com testamento, no qual com humildade pediu que sem pompa funeral fosse sepultado na capella da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, onde, irmão professo, tinha jazigo proprio, em que descansam suas cinzas, sem campa nem epitaphio que aos fieis lembre o nome d'este cavalheiro, que na patria soube conservar, com applauso e geral obsequio, todo o louvor. Foi casado em 21 de Outubro de 1714 com D. Anna de Ribeira Leite, filha de sua prima co-irmã D. Maria de Lara Leite (tendo precedido a dispensa de tão apertado impedimento), de quem fazemos menção no n. 3—1 do § 6º d'este cap. III. E teve cinco filhos nacionaes de S. Paulo.

4—1. D. Angela Maria de Ribeira Góes e Moraes, falleceu solteira.

4—2. D. Leonor Theresa de Ribeira Góes e Moraes.

4—3. D. Maria de Lara Leite.

4—4. João Raposo da Fonseca e Moraes.

4—5 D. Escholastica Jacintha de Ribeira Góes e Moraes.

4—2. D. Leonor Theresa de Ribeira Góes e Moraes, que existe e foi casada aos... de... de 17... com Manoel Antunes Belem de Andrade, professo da ordem de Christo (irmão inteiro de Francisco Marques de Andrade e Silva, professo da ordem de Christo e proprietario do officio de secretario da universidade de Coimbra, que se conserva em seu sobrinho Miguel Carlos da Motta e Silva, doutor em leis, professo na ordem de Christo, etc., que é irmão inteiro do padre-mestre Dr. Fr.... D. abbade-geral da ordem de S. Bernardo, esmoler-mór de Sua Magestade, etc., em 1783), natural de Lisboa, freguezia de...

Quando chegou a S. Paulo Manoel Antunes Belem de Andrade, desfructando os applausos que lhe conciliavam os merecimentos de seu tio o eminentissimo cardeal D. João da Motta e Silva, como primo-irmão de sua mãe D. Filippa (sei que era parente remoto), foi com muita distincção estimado do Exm. conde de Sarzedas, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, e com este exemplo se adiantava a lisonja de todos para outros obsequios, a que fazia grande concurso a publica demonstração que se observava em o ouvidor-geral o Dr. João Rodrigues Campello, em cuja companhia tinha chegado a S. Paulo, e na mesma se conservava. Sempre a dependencia foi mãe que soube gerar na officina da lisonja os primeiros applausos, enquanto a sua productiva causa ou o tempo a não diminua, ou o desengano a não destrua. Realçava para o conceito as circumstancias das recommendações, que do Rio de Janeiro soube adiantar para S. Paulo o Exm. bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe. Estes merecimentos lavraram para logo na eleição dos estranhos um

perfeito genro do capitão-mór José de Góes; e tomaram as vozes tanta força que se effectuou o casamento. Foi Manoel Antunes Belem cidadão de S. Paulo, e, servindo os cargos da sua republica, foi juiz ordinario em 1738 e o segundo juiz de orphãos triennial da mesma cidade depois da lei de... de... de 173.. O conde general o constituiu regente e superintendente das minas de Apiahy, com patente de sargento-mór, em que se não conservou muito tempo por abandonar a vida do mato, que não soube soffrer. Passou a coronel do regimento das ordenanças da cidade de S. Paulo por patente de D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general, passada a... em cujo posto passou para as minas do Cuyabá, onde falleceu, deixando cinco filhos nacionaes de S. Paulo.

5—1. Fr. Manoel Joaquim, religioso de S. Francisco na provincia da Bahia. Existe em 1783.

5—2. Fr. Felisberto Antonio da Conceição Lara e Moraes, monge beneditino. Existe em 1783. Foi sempre estimado na sua religião em S. Paulo pelas qualidades de excellente orador, zelo em promover os interesses do seu convento e pelo respeito que todos lhe tributam. E' igualmente louvado e estimado dos seculares pelos seus talentos, civilidade, liberalidade e grandeza de animo, e pelas bellas obras poeticas com que mimosêa aos amigos, que a isso o obrigam com rogos.

5—3. Fr. Reginaldo Octavio Ribeiro e Andrade, religioso carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro. Existe em 1783 em Lisboa feito presidente do hospicio que tem a dita provincia n'esta cidade, e é procurador-geral d'ella, succedendo n'este cargo em Setembro do dito anno de 1783 ao padre-mestre Dr. Fr. Salvador de Santa Rosa Machado, natural de

Taubaté. Lêu theologia no convento de S. Paulo em 1772, e, vindo para o do Rio, n'elle existiu até vir para Lisboa em Março de 1782, e lá alcançou do pontífice o grão de doutor de *tibi quoque*, e é excellente orador, virtuoso, com uma rara habilidade para tudo, a que une uma natural graça, com que faz estimada a sua convivência.

5—4. D. Onistalda Mathildes da Penha de França, que existe solteira. E' dotada de excellentes dotes do espirito, tal como é sua mãe.

5—5. José de Góes e Moraes. Assistindo com os tios e primos-irmãos em Coimbra, formou-se em canones, e o Illm. Sr. João Pereira, em cuja casa esteve em Lisboa, o fez despachar ouvidor do Sabará, cousa que fez uma grande novidade, não só pela qualidade do lugar, mas por ser o primeiro que ia servir, cujo cargo occupou até 1775, em que por calumnias, que lhe excitou a inveja, veio preso, e foi solto e julgado innocente, restituídos os seus bens logo depois da morte d'el-rei D. José em 1777. Casou em 1779 no mez de... com...

4—3. D. Maria de Lara Leite, que existe casada com seu primo em terceiro grão de consanguineidade José de Góes e Siqueira (17), natural da villa de Itú, cidade de S. Paulo, onde serviu os cargos da sua republica. Foi juiz ordinario em 1760; foi fiscal da real casa da fundição da mesma cidade, e d'ella thesoureiro dos reaes quintos até o tempo que se aboliu a dita casa, por arbitrio do Exm. conde de Bobadella, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, a cuja capitania está sujeita a de S. Paulo desde 1749 (em 1765 foi para alli por governador e capi-

(17) Em titulo de Arrudas, cap. II, § 9º, e n'este de Taques, cap. III, § 1º, n. 3—2.



tão-general D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, a quem succedeu em 1775 Martim Lopes Lobo de Saldanha, fazendo a sua entrada a 13 de Junho do dito anno), em que se mandou recolher para o reino a D. Luiz Mascarenhas, que a governava; e se crearam duas distinctas capitánias, uma em Mato-Grosso do Cuyabá, outra em Villa-Boa de Goyazes, cujas minas descobriram á sua custa os paulistas: Paschoal Moreira Cabral as do Cuyabá em 1719, e as dos Goyazes Bartholomeu da Silva e seu genro João Leite da Silva Ortiz em 1725. Estando José de Góes servindo de guarda-mór das terras mineraes da cidade de S. Paulo e seu termo, passou de casa mudada para o patrio leito, onde se tem estabelecido senhor de engenho de assucares. Existe em 1783 feito mestre de campo do terceiro auxiliar de... em cujo posto o promoveu o general Martim Lopes na mesma occasião em que proveu outros postos de graduação nos paulistas benemeritos, para o que levou ordem expressa e grandes recommendações de emendar a pessima conducta que a este respeito tinha praticado o seu antecessor o morgado de Matheus, que por semelhantes causas e mais por esta estava no desagrado do ministerio. E tem um filho, natural de S. Paulo.

5—1. José de Góes e Moraes. Fazendo o pai toda a diligencia para que seguisse os estudos, o seu desinquieto e vivo genio, repugnante á applicação séria das sciencias, venceu o gosto paternal. Mas mostrou o seu engenho, acti vidade e industria no cuidado que pôz, ainda com poucos annos, em ajudar a seu pai em promover os interesses da sua casa.

4—4. João Raposo da Fonceca e Moraes, existe solteiro em minas de Mato-Grosso. Do posto de sargento-mór commandante das ordenanças de Villa-Bella, no qual se con-

servou bastantes annos, passou ao de capitão-mór do mesmo corpo em 1789.

4—5. D. Escholastica Jacintha de Ribeira Góes e Moraes. Casou em S. Paulo com Francisco Pinto do Rego, natural da praça de Santos, cidadão de S. Paulo, cavalleiro fidalgo da casa real por alvará de 16 de Fevereiro de 1750, registrado no livro 19 da matricula á fl. 224 em Lisboa. Foi coronel do regimento dos auxiliares das villas de Mogy e Jacarehy por patente de 15 de Outubro de 1737, registrada na secretaria do governo da capitania de S. Paulo, filho de André Cursino de Mattos, natural da villa de Cascaes (que acabou capitão de infantaria da guarnição da praça de Santos por patente de 16 de Fevereiro de 1720 de el-rei D. João V, registrada no livro 1º da vedoria da praça de Santos á fl. 93 v.), e de sua mulher D. Anna Pinto do Rego, natural da mesma praça, neto por parte paterna de José Monteiro de Mattos Cortez, cavalleiro fidalgo da casa real (filho de Antonio Monteiro de Mattos), que foi governador da praça de Santos, com patente de mestre de campo, passada pelos annos de 1703, e veio render a Jorge Soares de Macedo; e de sua primeira mulher D. V... Neto pela parte materna de Diogo Pinto do Rego, natural da cidade de Lisboa, freguezia da Magdalena, que, militando em Portugal, serviu nas fronteiras com grande reputação até o posto de capitão de infantaria, e foi despachado por el-rei D. Pedro II com patente (em 2 de Janeiro de 1677) de capitão-mór governador da capitania de S. Paulo e S. Vicente, em cuja camara tomou posse; e de sua mulher D. Maria de Brito e Silva, natural da praça de Santos (irmã inteira de Francisco de Brito Peixoto, capitão-mór, fundador e povoador da villa da Alaguna na costa do sul, á custa dos seus grandes cabedaes (Secretaria ultramarina, livro 3º das cartas, á fl... carta de 6 de Fevereiro de 1714),

e mereceu honrosissimas cartas firmadas pelo real pulso, que são dignas de ser lidas pelas expressões que contêm, e se acham na secretaria ultramarina, por cujo conselho correram os requerimentos para os premios d'estes admiraveis serviços do mestre de campo de auxiliares da cidade de S. Paulo Diogo Pinto do Rego, e proprietario de escrivão da ouvidoria geral e correição da mesma cidade, que é irmão inteiro do coronel Francisco Pinto do Rego). Por seu avô, o dito capitão-mór governador Diogo Pinto do Rego, é bisneto de Antonio Pinto do Rego, natural de Lisboa, freguezia da Magdalena (irmão inteiro de Luiz Pinto do Rego, que foi capitão dos privilegiados em Lisboa, das sete casas, almoxarife e juiz dos direitos reaes das tres casas), e de sua mulher D. Isabel do Rego, natural de Lisboa, freguezia de S. Christovão. Ter-neto de Manoel Paes da Costa, natural de Lisboa, freguezia da Magdalena, que foi capitão-mór governador no reino de Angola, e de sua mulher D. Francisca do Rego Pinto. Por sua bis-avó a dita Isabel do Rego ter-neto de Paulo Rodrigues Brandão e de sua mulher Catharina Paes, ambos de Lisboa, freguezia de S. Christovão. O capitão-mór governador Diogo Pinto do Rego tirou em Lisboa instrumento de sua qualificada nobreza pelos costados de seus avós paternos e maternos, dos quizes temos relatado os nomes, naturalidades e empregos; e se acha registrado na camara de S. Paulo em 5 de Outubro d'este anno de 1763 no livro dos registros das ordens reaes de fl. 99 v. até fl. 103 pelo escrivão João da Silva Machado. Por sua avó materna D. Maria de Brito Silva é bis-neto de Domingos de Brito Peixoto, natural da villa de Santos (irmão inteiro de Gaspar de Brito Peixoto, que fez assento na villa de Parnahyba, onde procreou familia por legitimo matrimonio de D. Maria da Silva, que foi mulher de Paschoal Leite Paes, irmão inteiro do governador das esme-

raldas e seu descobridor Fernão Dias Paes, e de Sebastião de Brito, que falleceu na Bahia, em casa do parente o senhor da Torre), que pelos seus grandes merecimentos e zelo do real serviço teve a honra de receber uma carta de el-rei D. Pedro, datada a 2 Maio de 1682 (18), recommendando-lhe ajudasse a Fr. Pedro de Sousa nas diligencias e exames das minas de prata a que era mandado, acompanhando ao dito religioso á serra de Hybirassoyaba, termo da villa de Sorocaba, e de sua mulher D. Anna da Guerra, que foi irmã inteira de Pedro da Guerra Leme, que, estabelecendo-se na fazenda do Cubatão, teve tal respeito, que o seu nome não consumirá a lima do tempo; e tambem ao mesmo Guerra escreveu el-rei D. Pedro no dito anno de 1682 para ajudar ao sobredito Fr. Pedro de Sousa, como se vê no livro acima citado do conselho ultramarino. Ter-neto de Francisco Rodrigues da Guerra, natural da villa de Castello de Vide, cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Lucrecia Leme. Em titulo de Guerras ou em titulo de Lemes, cap. I. Estando a praça da Colonia em assedio pelos castelhanos em 1737 se confiou de Francisco Pinto do Rego o conduzir uma recruta de soldados e mantimentos, que executou, embarcando-se em Santos com excessiva despeza da sua fazenda, entregando em Santa Catharina a recruta de soldados e o mais que levava. O coronel Francisco Pinto do Rego falleceu a 15 de Março de 1775, abreviando-lhe a morte o sentimento que lhe causou a morte de sua mulher, que tinha fallecido no antecedente anno de 1774 a... do mez de Maio. Esta senhora ainda conservou até sua morte o rosto talvez o mais bello que se achava na cidade de S. Paulo, a que unia uma grande discrição e juizo.

(18) Secretaria ultramarina, livro de cartas do Rio de Janeiro. Ill. 1673, fl. 36.

E teve (prescindindo dos que em tenra idade falleceram) seis filhos, todos nascidos em S. Paulo.

5—1. D. Anna Esmeria, casou em S. Paulo em 1770.

5—2. José Joaquim Monteiro de Mattos, clérigo de S. Pedro.

5—3. D. Maria da Annunciação, existe solteira. Casou.

5—4. Joaquim José Pinto do Rego. Foi promovido a capitão de cavallos dos voluntarios reaes, sendo um dos quatro capitães que por ordem régia, que para isso levou Martin Lopes Lobo de Saldanha, elegeu este, e que á sua custa pôz a companhia que lhe competia; e existe assim em 1783. Casou.

5—5. D. Joaquina Euphrasia. Recolhida no recolhimento de Santa Theresa.

5—6. D. Jacintha Angelica, existe solteira. Casou com...

3—2. D. Appollonia de Araujo (filha do capitão-mór Pedro Taques de Almeida), foi casada a 12 de Fevereiro de 1695 com Martinho de Oliveira Leitão, natural da villa de Santos. Em titulo de Oliveira Leitão. Sem geração.

3—3. D. Branca de Almeida (idem), foi casada a 13 de Fevereiro de 1695, um dia depois do casamento de sua irmã D. Appollonia de Araujo, com Antonio Pinto Guedes, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Pintos Guedes, § 1.º E teve unica filha, que foi

4—1. D. Isabel Ribeira de Alvarenga, que casou duas vezes, sem geração, a primeira com Sebastião Pinheiro (em titulo de Raposos Tavares, cap. III); a segunda com seu primo João Barbosa Lara, de quem fazemos menção n'este cap. III, § 1º, n. 3—9.

3—4. D. Maria de Araujo, que foi casada com D. Francisco Matheus Rendon, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Rendons, cap. I, § 1º, n. 3—5, com sua descendencia. E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

- 4-1. Pedro Taques de Almeida.
- 4-2. D. Francisco Taques Rendon.
- 4-3. D. Maria de Araujo da Ascensão.
- 4-4. D. Angelade Siqueira Rendon.
- 4-5. D. Igacia Francisca Rendon de Araujo.
- 4-6. D. Custodia Paes de Araujo Rendon.

4-1. Pedro Taques de Almeida, que, sendo oppositor muitos annos na universidade de Coimbra, n'ella soube estabelecer um perpetuo louvor pelo merecimento da litteratura, com que se fez estimado entre os oppositores do seu tempo. Nas ostentações de 1735 obteve honrosissimas informações dos vogaes; porém podendo mais que o merecimento proprio o respeito alheio ficou preterido, assim como muitos outros benemeritos oppositores que se seguiam depois d'elle, sendo Taques o mais antigo entre todos (O autor se estende muito nos seus elogios e nas circumstancias que houveram; a substancia do mais é o seguinte). Veio o Dr. Taques a Lisboa, fallou ao primeiro ministro de Estado o cardeal da Motta, que o recebeu benignamente e lhe deu boas esperanças. Sendo, porém, despachado outro para a cadeira que lhe pertencia por patrocínio de Fr. Gaspar Moscoso, representou esta injustiça ao dito cardeal, que, instruido da magoada queixa que lhe assistia, assegurou-lhe, que Sua Magestade lhe conferia a mercê de beca para a Bahia; que a aceitasse, beijando a mão a Sua Magestade pela mercê. Porém Pedro Taques, que já se achava com avançados annos, reflectindo bem n'esta materia, achou que era melhor o asylo de uma religião. Assim destinou o céo, porque no mesmo dia em que Sua Eminencia lhe havia segurado a mercê da beca recebeu pelo correio uma honrosissima carta do Revm. D. abbade-geral de Tibaens, em que lhe offerecia a illustre cogula do patriarcha S. Bento. Abraçou este acaso o Dr. Ta-

ques, e por não faltar á politica foi se despedir de Sua Eminencia, que, com apparencias de sentimento, lhe quiz voltar a resolução. Immediatamente partiu para Tibaens, onde recebeu o habito, e depois de professo e ordenado logo de presbytero foi mandado residir no mosteiro de S. Bento da Saude da côrte de Lisboa. N'elle passou alguns annos como sacrificio da sua obediencia, porque a sua austera e bem religiosa vida se não accommodava com o estrondo da grandeza d'aquelles claustros. Pediu e conseguiu o Rev. Dr. Fr. Pedro da Conceição Taques a mudança para Tibaens, onde se lhe conferiu o pesado ministerio de pedagogo dos noviços. No tempo de oppositor em Coimbra foi admittido para familiar da santa inquisição de Lisboa, na qual obteve sentença para se lhe passar a carta pelos annos de 1745 ou 46. Foi creado familiar a 8 de Março de 1748. Já n'este tempo estava religioso benedictino, e se duvidou n'aquelle tribunal passar-se carta de familiar a quem já estava clausurado, e devia ser esta a de commissario ou a de qualificador.

4—2. D. Francisco Taques Rendon, que, aproveitando os estudos de grammatica latina e phitosophia, em S. Paulo, no mesmo tempo de seu irmão Pedro Taques de Almeida, pôz em desprezo o progresso das letras por querer fazer fiel companhia a seu pai D. Francisco Matheus Rendon, que então assistia nas Minas-Geraes. Recolhido para S. Paulo, sua patria, desfructou n'ella as estimações que lhe conciliavam as qualidades não só do sangue, mas tambem as das suas prendas, entre as quaes mereceu os applausos na arte de andar a cavallo, além da bella figura que tinha. Foi destro no tirar das lanças e igualmente nas escaramuças, para cujo exercicio o convidava a naturalidade do genio, por força da qual nunca reparou em preço para deixar de possuir bons e excellentes cavallos. Trajou



sempre com luzimento, acompanhado de criados escravos, mulatos claros. Nunca admittiu pratica de casamento, até que, considerando com mais reflexão nos perigos da alma no estado de solteiro, o venceram as rogativas de sua mãe, que foi de uma vida escrupulosa e penitente. Casou, com acerto da eleição, com sua prima D. Maria de Almeida Lara, que n'aquelle tempo era uma das senhoras que na freguezia da Penha de Araçatiguama merecia os applausos de mais formosa e dotada de grandes virtudes, a que fazia para merecimento da pretendida, concurso grande e dote que seus pais lhe destinavam. Venceu-se D. Francisco, e, conseguida a dispensação do parentesco, casou com sua prima a dita D. Maria de Almeida Lara. Sem geração.

4—3. D. Maria de Araujo da Ascensão, que, elegendo o estado celibato, falleceu de bexigas com avançada idade de annos no de 1762.

4—4. D. Angela de Siqueira Rendon de Quevedo; foi casada com o capitão-mór regente das minas de Parnapnema Diogo de Toledo Lara; e para contrahir o matrimonio foram dispensados do impedimento de ser elle primo em segundo grão de consanguinidade com sua sogra D. Maria de Araujo. N'este cap. III, § 1º, trataremos com maior relação d'este cavalheiro, que falleceu a 20 de Janeiro de 1742, sobrevivendo-lhe muitos annos sua mulher D. Angela de Siqueira, que falleceu a 24 de Setembro de 1764, segunda-feira, pelas 6 horas da tarde, dia da Senhora das Mercês, de quem era summamente devota, quasi repentinamente de um ataque do peito, que tinha tido principio tres dias antes pelos excessos que obrára na assistencia sem interrupção, que fez de dia e de noite a sua amada filha D. Maria Theresa de Araujo e Lara em uma maligna que lhe atacou fortemente, da qual veio a fallecer tres dias depois de sua mãe, sem saber uma da outra, ainda

que as suspeitas que uma e outra teve do perigo ou da morte da que não via presente contribuíram muito para agravar-se mais a molestia, principalmente da mãe, que ouviu soar a campainha e as vozes dos que acompanhavam o Sagrado Viatico para a filha, e esta por lêr no semblante das irmãs, e mais parentes que a assistiam, a dôr que, a seu pesar, queriam disfarçar. Foi esta a scena a mais compungível que se pôde considerar, e que nunca esquecerá aos que foram d'ella testemunhas. Foi D. Angela de Siqueira tão virtuosa e tão esculpola em tudo o que podia prejudicar a sua pura consciencia, que passou a ser excessiva; basta dizer-se que dispndia tudo quanto tinha em esmolos, que procurava occultar com grande cuidado; e continuamente estava a mandar dizer missas pelas almas dos dizimeiros, a quem ella pagava os dizimos das suas fazendas (em S. Paulo andam por contratadores que os arre-matam á fazenda real, a quem pertence por direito de padroado) por lhe ficar o esculpulo de que haveria alguma falta, sendo aliás ella tão exacta; e por isso sempre occultava isto de seu filho o Rev. Dr. Antonio de Toledo, que procurava socegar-lhe ou tirar-lhe semelhantes esculpulos. E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo.

5—1. Antonio de Toledo Lara.

5—2. D. Maria Theresa de Arango Lara.

5—3. D. Anna de Toledo Lara Rendon.

5—4. D. Escholastica de Toledo Rendon de Alarcão e Luna.

5—5. D. Ursula Maria das Virgens de Toledo Rendon.

5—1. Antonio de Toledo Lara, que, aproveitando o seu bello engenho e viveza de discurso, sempre com prudente recolhimento, desde o estado da infancia, soube adiantar-se nos estudos de philosophia em que tomou o grão de mestre em artes, e passou a consummar-se na sagrada theologia, em que não reconheceu superioridade de conhe-

cimento d'ella em outro algum do seu tempo. Ordenou-se de presbytero.

5—2. D. Maria Theresa de Araujo e Lara, que falleceu a 27 de Setembro de 1764 em uma quinta-feira, ás Ave-Marias, e jaz sepultada na capella-mór da sua ordem terceira da Senhora do Carmo. Foi casada com Agostinho Delgado e Arouche, guarda-mór das minas de ouro da villa de Parnahyba, e que tem servido os cargos da republica de S. Paulo, filho de Francisco Nabo Freire, sargento-mór dos auxiliares da villa de Santo Antonio de Guaratinguetá, comarca de S. Paulo, e de D. Anna Pires Leite de Barros. Em titulo de Chassim, cap. VI, § 2.<sup>o</sup> E teve onze filhos naturaes de S. Paulo, exceptuando o primeiro que falleceu de tenros annos.

- 6— 1. D. Anna Theresa de Araujo Rendon.
- 6— 2. Francisco Leandro de Toledo Rendon.
- 6— 3. D. Caetana Antonia.
- 6— 4. Diogo de Toledo Lara Ordonbes.
- 6— 5. D. Pulcheria Leocadia de Toledo Rendon.
- 6— 6. José Arouche de Toledo.
- 6— 7. D. Maria Rosa.
- 6— 8. Francisco Joaquim de Toledo Arouche.
- 6— 9. D. Gertrudes Genebra.
- 6—10. D. Joaquina.
- 6—11. D. Rudezinda.

6—1. D. Anna Theresa de Araujo Rendon. Nasceu a...

6—2. Francisco Leandro de Toledo Rendon, baptizado a 29 de Março de 1750. Estudou em S. Paulo grammatica latina, philosophia e theologia, e foi para Coimbra com seus dois irmãos em 1774, e formou-se em leis em 1779. Habilitou-se pelo desembargo do paço em... de 1781 e teve a... de... Foi despachado para ouvidor-geral da comarca de Parnaguá a 2 de

Abril de 1783 pela consulta que fez o desembargo do paço em Novembro de 1782.

6—3. D. Caetana Antonia.

6—4. Diogo de Toledo Lara Ordonhes, cujo nome lhe puzeram seus pais em memoria de seu avô o capitão-mór Diogo de Toledo Lara, cuja saudosa memoria sempre foi e ha de ser respeitada de todos aquelles que, habitando por herança na mesma antiga casa em que elle e seus antepassados sempre viveram, devem por honra sustentar o mesmo lustre que antigamente tinha. Nasceu a 16 de Dezembro de 1732, e foi baptizado a 21 do dito mez e anno por seu tio o M. R. conego Antonio de Toledo Lara (19).

6—6. José Arouche de Toledo, baptizou-se na sé da cidade de S. Paulo a 22 de Março de 1756. Desde os seus primeiros annos mostrou uma excellente indole, viveza de ingenho e actividade em tudo que emprehendia fazer, não se embaraçando com inconvenientes de pouca entidade. Estudou com facilidade a grammatica latina, e já n'esse tempo tinha uma propensão natural para a poesia, que a cultivava com bom successo antes de vir para Coimbra, onde não lhe permittiram lembrasse mais d'ella os rigores dos estudos. Veiu para Coimbra em 1774 em companhia dos seus dois irmãos, e formou-se no anno de 1779 em leis, em cujo quinquennio foi exactissimo e assiduo no seu estudo em que fez progressos, tendo o dom de clareza nos seus argumentos, etc. Leu no desembargo do paço a... de Novembro de 1780. E conhecendo as demoras que têm os despachos, e que eram tres irmãos a gastar em Lisboa, não lhe soffrendo

(19) Livro dos baptismos da Sé de S. Paulo a fl. 6.

o seu genio estar ocioso, e sem augmentar, como elle dizia, os interesses da sua casa, embarcou para o Rio de Janeiro a 29 de Dezembro do dito anno. Chegou a S. Paulo, onde foi recebido com geral contentamento dos parentes e estranhos, e muito mais das tias, irmãos, pai e tio.

5—3. D. Anna de Toledo Lara Rendon (pag. 64).

5—4. D. Escholastica de Toledo Rendon.

5—5. D. Ursula Maria das Virgens de Toledo Rendon.

4—5. D. Ignacia Francisca Xavier Rendon, viveu no estado celibato que elegueu, e falleceu a... de... de 176., com bem avançados annos.

4—6. D. Custodia Paes de Araujo Rendon, que existe (em 1783). Foi casada com Simão de Toledo e Almeida, para o que foram dispensados por ser o contrahente sobrinho em terceiro grão de consanguinidade de sua esposa D. Custodia, porque elle era filho de Floriano de Toledo Piza e de sua mulher D. Antonia de Medeiros Cabral, a qual é prima directa em segundo grão com D. Custodia. Em titulo de Rendon ou em titulo de Toledos. Foi Simão de Toledo e Almeida natural e cidadão de S. Paulo, onde foi creado capitão de infantaria em Outubro de 1762 para marchar de soccorro (com mais tres companhias que se crearam no mesmo tempo, com o numero de duzentos soldados, todos paulistas, assim como eram os seus officiaes) para as fronteiras do Rio-Pardo, da parte do norte do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, que estavam expostas á invasão do inimigo castelhano pelas guerras que sustentava Portugal nas suas fronteiras contra o mesmo, que tinha invadido pela provincia de Traz os Montes, e já a praça da Colonia estava dominada por D. Pedro Cebalhos, general de Buenos-Ayres, por força da infidelidade com que se portou o governador da mesma praça Vicente da

Silva da Fonceca. Chegou ao Rio-Pardo o capitão Toledo com a sua e mais companhias, e acharam aos d'aquella fortaleza bastantemente receiosos por haverem os castelhanos em o espaço de seis dias construido uma fortaleza, em cuja bateria estavam cavalgadas seis peças de grosso calibre, e d'ella era governador D. Antonio Catani. Constatava o presidio de uma companhia de tropas regulares e de dois mil indios. Ponderando-se em uma facção gloriosa ás nossas armas e de grande credito ao valor paulistino, temerariamente, mas com feliz successo, se pôz em pratica a idéa projectada. Entre os quatro capitães paulistas mostrava-se o mais intrepido Miguel Pedroso Leite, porque antes de occupar o posto de capitão da infantaria, em que foi creado, havia resistido aos incommodos e aspereza do dilatado sertão do reino dos barbaros indios *Cayapós* na capitania de Goyazes, debaixo do commando de João de Godoy Pinto e Silveira, capitão-mór da conquista d'esta brava nação por successor de Antonio Pires de Campos, coronel d'ella, com quem se havia ajustado a dita conquista pelo premio de um habito de Christo, com 50\$ de tença, e de propriedade o officio de escrivão da ouvidoria e correição das minas de Goyazes por ordem de 8 de Maio de 1746, expedida pelo conselho ultramarino a D. Luiz Mascarenhas, capitão-general de S. Paulo e Minas. E como experimentado sertanista o capitão Miguel Pedroso, cingindo a patrona á cinta em lugar de banda, e empunhando um facão em lugar de bastão, se pôz na frente dos duzentos soldados paulistas a abrir picada por uma seguida mata, até vencer a sahida no lugar da fortaleza inimiga, deixando a estrada capaz para a retirada. Assentou-se que ella fosse acommettida por assalto, de madrugada, e que o capitão Francisco Pinto Bandeira, filho natural de Francisco de Brito Peixoto, natural de S. Paulo, capitão-mór

e povoador da villa da Alaguna, e seu filho Raphael Pinto Bandeira, que na guerra de 1775 e annos seguintes se fez tão celebre e bem fallado na côrte, merecendo de el-rei D. José I grandes honras de fôro, tenças e o posto de coronel, independente de subordinação aos governadores, etc., commandasse as companhias de cavallos, para este no mesmo ponto do assalto correr a companhia inimiga e fazer reconduzir para o Rio Pardo os gados vaccuns, bestas cavallares e muares, que com abundancia tinham os inimigos, e que o capitão Miguel Pedroso commandasse a infantaria. Chegada a hora premeditada, com valorosa resolução, no maior silencio da madrugada, avançaram por assalto a fortaleza, sendo os primeiros que a entram o dito capitão Pedroso e o capitão João de Siqueira Barbosa, e o seu tenente Cypriano Cardoso de Barros, e tambem Bento da Gama Chassim, natural da cidade de S. Paulo, que (sem ser praça) se introduziu como soldado particular, o qual então se achava no Rio-Pardo por conta de commercio. Não esperava o inimigo esta briosa resolução dos portuguezes, que em breve tempo conseguiram destruil-o com morte de muitos. A indiada não supportou muitas descargas dos nossos arcabuzes, vendo o estrago que elles faziam, e se pôz todo aquelle apparatuso corpo em vergonhosa fugida, á qual seguiu o governador Catani, com a unica camisa com que se levantára da cama ao estrondo e echo das armas, a tempo que já na fortaleza tudo era confusão e mortandade. Aprisionaram-se varios officiaes de graduação e entre elles dois padres jesuitas, que eram artilheiros, os quaes em breves dias falleceram, posto já no Rio-Pardo, por conta de uma bala que recebêra no conflicto. N'este foi tão grande a felicidade da nossa parte que não morreu um só soldado.

Conduzidos os prisioneiros ao Rio-Pardo (que foram



um mestre de campo, um tenente, um forriel e o tal jo-suita artilheiro de roupeta), também a elle chegou com igual successo de fortuna o capitão Francisco Pinto Bandeira, com mais de cinco mil cavallos e nove mil rezes. Rendida a fortaleza, não foi pequeno o saque, que constava de muita prata e alfaia, de que se aproveitaram inteiramente os soldados dragões do terceiro do capitão Francisco Pinto Bandeira, que chegaram depois de rendida a fortaleza. D'ella se conduziram as seis peças de artilheria, todos os arcabuzes, os barris grandes de polvora e as balas, que também foram muitas. Chegados ao Rio-Pardo foram recebidos do commandante governador com todas as demonstrações de contentamento que o feliz successo requeria, sendo reconhecido que o instrumento da victoria fôra a resolução e temeridade do capitão Miguel Pedroso Leite (20).

Do Rio-Pardo foram mandados conduzir os prisioneiros para a praça do Rio-Grande, que então governava o coronel governador Ignacio Eloy de Madureira, pelo capitão Simão de Toledo e Almeida, com toda a sua companhia. Chegando alli fez entrega dos prisioneiros, que depois foram mandados para o Rio de Janeiro, onde chegaram para padrão do valor de uns soldados bisonhos, sem arte nem disciplina militar, porque, apenas se formaram as companhias em S. Paulo em Outubro de 1762, logo no mesmo mez embarcaram para Santa Catharina, de onde marcharam a pé até o Rio-Pardo, e d'alliprehenderam e conseguiram a acção referida, quicá porque o mesmo ardor da lealdade do real serviço lhe deu toda a sciencia pratica e valor para a felicidade que conseguiram, sendo certo que

(20) Esta narração a fez depois muito prolixa e mais circumstancias pelas novas informações, que tirou em título de Rendons, pela qual emendo algumas coisas d'esta.

para se vencer o rompimento da dilatada meta trabalharam todos os soldados como robustos escravos, e se sustentaram de mel de abelhas e de raizes de páos de digestão (como sempre costumavam os antigos paulistas), a que chamam *guaribá*, por não terem levado o necessario sustento, e não lhes ser permittido matar caça para não serem sentidos pelo écho das armas.

No mesmo ponto que o capitão Simão de Toledo de Almeida fez entrega dos prisioneiros fôï mandado com sua companhia pelo governador Ignacio Eloy Madureira assistir ao coronel Thomaz Luiz Osorio, que guardava o passo da angustura de Castilhos, em cuja fortaleza se achava com o regimento dos dragões e muita infantaria, com que formava um pé de exercito de mais de novecentos soldados. Treme a mão para narrar a vileza de espirito que mostrou este grande corpo quando viu allucinado o seu governador Osorio, que, avistando o exercito inimigo e na sua frente o general D. Pedro Cebalhos, sem acção da menor resistencia, fielmente lhe entregou o passo, pelo qual entrou o inimigo, acompanhado já de trezentos dragões nossos, que se passaram para o seu campo, com o triumpho de não ser preciso o menor movimento das armas para a victoria. N'este desaccordo e infeliz lance se não foi entrega occulta, como receíamos, por ser difficullosa a crença para manchar a honra de um soldado tão distincto como Thomaz Luiz Osorio; porém se os effeitos costumam acreditar as suas causas não bastára a falta de credulidade a lavar a mancha de que se não livra aquelle coronel). Elle e todos os officaes e soldados ficaram prisioneiros, e por culpa da fraqueza do dito Osorio tambem fez companhia aos prisioneiros o capitão Simão de Toledo e Almeida, e com elle seu filho o alferes Francisco Xavier Matheus Rendon e o tenente Antonio Castanho de Moraes Antas, seu primo,

sendo maior a affronta e injuria do que este destino, a com que os seus nacionaes paulistas (por arbitrio nescio) lhe accusam a frouxidão de não terem, primeiro que o inimigo entrasse, morto ao seu coronel Osorio, e se defendesse á custa de todas as vidas aquella angustura; porque se assim dictasse o valor cabia no tempo que se disputasse a entrada, o serem soccorridos, e ficar em todo ou em parte destruido o inimigo, que apenas appareceu com novecentos homens de tropas regulares, e tudo o mais era apparato de um corpo de indiada, que não chega a supportar a segunda carga, que se não ponha logo em ligeira fuga, como de antes se verificou na fortaleza que renderam os paulistas, em que havia dois mil indios de guarnição. E d'esta entrada se seguiram os mais desastres, porque o governador Ignacio Eloy de Madureira foi o primeiro que se pôz em vergonhosa fugida, passando para a parte do norte logo que soube que o inimigo tinha penetrado a salvamento a angustura de Castilhos, deixando em total desamparo os povos habitadores do Rio-Grande da parte do sul, que inteiramente ficaram dominando os castelhanos, depois de terem assolado e destruido todas as grandes manadas de eguas, cavallos, mulas, machos e gados vaccuns, de que haviam ferteis estancias fundadas pelos portuguezes vassallos de Portugal (21). O dito coronel Thomaz Luiz Osorio foi enfor-

(21) Achava-se em Castilhos o capitão João Alves Ferreira, comandante da fortaleza de S. Miguel, por instancias d'este convocou a conselho o coronel Osorio todos os officiaes de patente que ali se achavam na fortaleza a tempo que o inimigo estava proximo do passo de Castilhos. Votando o capitão Simão de Toledo, rompeu dizendo que elle era um soldado bisonho, sem experiencia nem disciplina militar; que sahira de S. Paulo, sua patria, sem mais interesse que o real serviço, no qual se achava com seu filho alleres Rendon e o tenente Luiz Castanho Navarro de Moraes, seu primo; que se havia

cado em Lisboa, e o capitão Simão de Toledo e Almeida e seu filho estiveram presos no Limoeiro, e tendo-os o conselho de guerra julgado livres e innocentes em 1768, o pai morreu ainda antes de ser julgado innocente e de sair do Limoeiro no anno de 1766, e o filho morreu já andando solto no de 1768. E teve dois filhos naturaes de S. Paulo.

5—1. Francisco Xavier Matheus Rendon, que seu pai offereceu para o real serviço e foi seu alferes na expedição do Rio-Pardo, e teve o infeliz successo já referido.

5—2. D. Quiteria Rendon de Toledo. Existe casada com Francisco Felix Corrêa de Toledo, seu parente, com quem casou em 1769.

3—5. D. Leonor de Siqueira Paes (filha do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, pag. 41 e 49), que falleceu em 1774 no mez de... Foi casada a 17 de Setembro de 1701 com Bartholomeu Paes de Abreu, natural da ilha de S. Sebastião (irmão inteiro de João Leite da Silva Ortiz, conquistador e descobridor das minas de ouro no sertão dos barbaros indios da nação *Goyazes* em 1725. Em título de Lemes, cap. V, § 5º, n. 3—6 e seg.) e cidadão de S. Paulo, onde serviu os honrosos cargos da republica. Em 1705 foi juiz ordinario. Nesta occupação deu acreditadas provas do amor da justiça, zelo e honra d'ella, defendendo a jurisdicção real contravertida dos ministros ecclesiasticos, por cuja causa supportou adversidades entre povos ignorantes

de acabar, com injuria rendidos dentro de uma fortaleza, abrindo-se as portas d'ella ao inimigo, se sabbisse a disputar-lhe e entrada emquanto era tempo, e que havia forças para formar-se um luzido corpo de tropas; e que, morrendo na campanha elle, seu filho e seu primo com seus soldados patricios conseguiriam a gloria do real serviço. Estas expressões communicou em S. Paulo o dito capitão João Alves Ferreira, que, depois de es ar prisioneiro na cidade de Cordova, pôde livrar-se, retirando-se fugitivo a S. Paulo.

d'aquelles procedimentos, porque usando-se da formidavel espada da santa igreja (não deve ser desembainhada como effeito da paixão e capricho da teima, mas sim como producto da mesma rectidão e merecido castigo da contumacia do rebelde desobediente) foi excommungado pelo Dr. André de Baruel, vigario da vara da villa de S. Paulo. Teve origem a causa no caso seguinte. Estava presidindo em acto de camara o dito juiz ordinario, quando soou o estrondoso echo de um bacamarte, que junto á cadêa, para a parte do pateo do Carmo, tinha disparado um mameluco (assim chamam no Brasil e Indias de Hespanha aos filhos do homem branco com mulher *carijó*), chamado Mathias, e morto a um europeu. Acudiu promptamente o juiz ordinario com seus officiaes, e não desamparando o sitio e lugar do delicto o aggressor da morte, ou porque se fiava em uma pistola que tinha armada na mão, ou porque a mesma culpa lhe prendia os passos, chegou-se a elle primeiro que todos o juiz ordinario, contra quem não permitiu Deus que pegasse fogo na escorva a arma que o facinoroso quiz disparar; e lançando-lhe as mãos ao pescoço lhe arrancou a pistola a tempo que chegaram os officiaes de justiça. No mesmo lugar se lhe lançou uma corrente de ferro, na qual, sendo conduzido para a cadêa, ao passar o preso pela porta da igreja do recolhimento de Santa Theresa, pôde agarrar-se ao ferrolho da dita porta, clamando que lhe valesse a immunnidade da igreja. Observou o juiz ordinario, e com elle toda a mais gente que tinha concorrido, que a corrente não sahira das mãos dos officiaes de justiça; e mandou que conduzissem o preso á cadêa. D'esta resolução tomou grande escandalo o tal vigario da vara, e para logo declarou excommungado ao juiz ordinario, que, aconselhado que elle procedia *ad ulteriora*, não ceden aos dictames da sua paixão.

Augmentou-se o escandalo, e o Dr. Baruel soube representar o facto com tão diversas côres ao Exm. bispo D. Francisco de S. Hieronymo, segundo bispo da cidade do Rio de Janeiro, onde então se achava, que este se preoccupou inteiramente para apoiar ao vigario-geral um procedimento que a doutrina dos doutores e pratica do reino lhe não facultava. Aggravando-se-lhe mais as censuras pela constancia com que supportava os procedimentos; pretenderam que largasse a vara, procedendo-se de barrete a novo juiz; porém Bartholomeu Paes de Abreu tinha sequito grande de respeito que obviava a resolução de outros, que seguiam o partido contrario, e nunca jámais largou a vara, e com ella continuou na administração da justiça. Vista esta causa em largo processo na relação do Estado do Brasil, passaram-se as cartas rogatorias a favor da parte por quem se tinha tomado o assento; porém o Dr. vigario da vara, por ordem já do seu prelado, não quiz cumprir o assento. Não havia ministro regio a quem se recorresse, na fórma das ordens régias, para o procedimento que ellas em tal caso determinam. Corria o tempo e não cedia o ecclesiastico de fulminar censuras sôbre censuras, porque chegando a quaresma, e desobrigando-se do preceito o juiz censurado, apresentou a seu parochio certidão de se haver confessado e commungado na igreja dos padres jesuitas, que nunca lhe impediram o ingresso e o admittiam aos sacramentos da penitencia; porém esta doutrina foi declarada pelo mesmo prelado por erronea, como proposição condemnada pelo papa Innocencio... contra o padre Dianna.

Repetidas cartas escreveu do proprio pulso o Exm. bispo a Bartholomeu Paes de Abreu, e na ultima lhe declarou que emquanto não cedesse com humildade de filho obediente á santa madre igreja, pedindo absolvição, estivesse

certo que lhe não valeriam os recursos, em cujo direito fundava as esperanças de ser absolvido; dizia-lhe *per formalia*: « E empenharei a propria mitra até á Santa Sé Apostolica. » Porém o juiz ordinario, aconselhado de que os procedimentos eram uma seguida serie de attentados, resolveu-se a recorrer a Sua Magestade. Ao mesmo senhor deu tambem conta o capitão-mór Pedro Taques de Almeida dos excessos praticados contra seu genro Bartholomeu Paes, e mereceu n'esta occasião a incomparavel honra de que Sua Magestade lhe mandasse escrever carta firmada de seu real pulso, avisando-o de que pelo conselho ultramarino se expediam as vias ao Rev. bispo para mandar levantar as censuras a seu genro. Este foi o juiz que serenou a tempestade. Sua Magestade dizia na sua carta ao bispo que, tomado o assento a favor da parte e passadas as cartas, devia o ecclesiastico cumpril-as, e no entanto mandar ao reino se entendesse que na relação da Bahia fôra mal tomado o assento, o que tambem podia praticar a mesma parte, e que lhe estranhava não ter mandado logo cumprir, como era obrigado. Não menos de quatro vias se expediram; e o agente em Lisboa foi tão activo, que remetteu a terceira e quarta via ao capitão-mór Pedro Taques para atalhar que o bispo puzesse em silencio a primeira e segunda, tendo vindo ao dito capitão-mór as ditas cartas em termos de se lhe poder fechar á obrêa. Foi para logo restituído o juiz ordinario á sua tranquillidade, e conseguiu esta largou a vara, que passou aos que sahiram no Pellouro, que se não tinha aberto até então, sendo já passados dois annos. N'esta causa se consumiu bem cabedal, porque já tocava em pontos de honra e capricho pelos incidentes que foram occorrendo; porém valeu de muito o bom nome que estabeleceu entre naturaes e estranhos o



capitão-mór Pedro Taques de Almeida no tempo que foi governador das capitanias de S. Vicente e S. Paulo.

Estavam os moradores d'aquellas capitanias desejosos de serem governados por governador positivo, e não por capitães-móres governadores subordinados á capitania do Rio de Janeiro, e representando em 4 de Março de 1698 a Sua Magestade, os fundamentos não foram por então attendidos, como se vê da real resolução de 31 de Outubro do mesmo anno (Secretaria ultramarina livro de cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673, á fl. 206). Correu o tempo e vieram a conseguir o mesmo que se lhes tinha denegado. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (no anno de 1667 esteve governador e capitão-general do Maranhão, como se vê na secretaria ultramarina, livro das cartas e ordens, tit. 1673, á fl. 376) foi o primeiro governador e capitão-general que Sua Magestade concedeu a capitania de S. Paulo, mandando-o passar do Rio de Janeiro, onde era governador por ordem de 9 de Novembro de 1709. E por ordem de 28 de Outubro de 1712 teve o general permissão para crear duas companhias pagas de cincoenta soldados cada uma em pessoas da primeira nobreza de S. Paulo, conforme os seus merecimentos, de que teria assento na vedoria da praça de Santos, a que seriam sujeitas as ditas companhias em qualquer occasião de necessidade, conservando-se o mais tempo para respeito e guarda dos generaes de S. Paulo (dita secretaria, titulo 1712). E reconhecendo o dito general a qualidade da nobreza, e merecimentos adquiridos no real serviço de Bartholomeu Paes de Abreu, o creou, pela faculdade régia que para isso tinha, capitão de infantaria paga; e na sua patente se relatam as acções e serviços que o dito capitão tinha obrado á custa da sua fazenda, e riscos de vida em utilidade da real corôa.

Passados alguns annos deu Bartholomeu Paes baixa á praça de capitão, por querer a sua liberdade para intentar maior serviço para augmento da real fazenda e utilidade de sua casa. Da idéa que tinha concebido fez representação a Sua Magestade na carta seguinte :

« Senhor.—Do porto de Santos até o da Alaguna, ultima povoação da comarca d'esta cidade de S. Paulo, fazem ser cento e vinte leguas pela costa do mar, e se acham nove villas, que ha muitos annos estão povoadas, sendo entre todas a mais avultada a de Santos pelo commercio dos moradores de serra acima. Da povoação da Alaguna para a parte do sul serão sessenta leguas até o Rio-Grande todo o deserto e costa lavada, sem porto mais que o da barra do mesmo Rio-Grande, que é para sumacas e outras embarcações pequenas. Adiante da Alaguna buscam as serranias da costa o interior do sertão, e abeiram campos ás praias até o Rio-Grande, que se estendem a confinar com a cidade do Sacramento da nova Colonia, que ainda estão por povoar, e só habitadas estas terras de gentios barbaros ; e será a distancia de cento e cincoenta leguas da Alaguna até a Colonia. Toda esta campanha do Rio-Grande para diante produz gados vaccuns e cavalgaduras em muita quantidade, sem mais utilidade para a real corôa de Vossa Magestade que alguma coirama fabricada na mesma Colonia ; e se não pôde conseguir maiores conveniencias com a sahida d'estes animaes por falta de caminho de terra, que pela costa não permitem as serranias, matas e bahias de mar ; e só terá lugar esta extracção abrindo-se caminho pelo interior do sertão, vindo-se do Rio-Grande a demandar a comarca d'esta cidade, que poderão ser cento e oitenta leguas, mais ou menos. D'esta diligencia segue-se povoarem-se as terras e augmentar-se a real fazenda no contrato dos dizimos, no dos direitos dos mesmos animaes

extrahidos ; no das passagens dos rios que ficaram pelo sertão dentro; descobrirem-se minas de ouro ou prata, ou pedras preciosas, que todo este vão do sertão ainda em si occulta ; e a experiencia nos tem mostrado com as minas de ouro dos *Calaguazes*, que, em poucos annos do seu descobrimento, se acham tão augmentadas, como já di vididas em tres grandes comarcas, sem mais provimentos de gados e bestas que os que se extrahem dos curraes da Bahia, e sobretudo reduzir-se a multidão dos gentios barbaros ao gremio da igreja, e ter Vossa Magestade n'esta redução muitos milhares de novos vassallos. Acho-me com talentos e cabedaes para, com forças de um avultado corpo de armas, fazer entrada ao Rio-Grande sem a menor despeza da fazenda real, talar aquelle vasto sertão e abrir caminho pelo centro d'elle, demandando o rumo da comarca de S. Paulo, tendo por premio d'este particular serviço, á custa da minha fazenda e riscos de vida, as mercês seguintes : ser donatario de quarenta leguas de terra, abeirando o Rio-Grande, vinte para a parte do norte e vinte para a parte do sul, medidas por costa, com todo o sertão que se achar pertencer a Vossa Magestade, de juro herdada para sempre, com um padrão de 200\$, estabelecido na passagem do Rio-Grande, sendo capitão-mór d'aquellas campanhas. Os primeiros nove annos livres de direitos os animaes que extrahir por mim ou socios meus ; ser guarda-mór geral de quaesquer minas que se descobrirem nas vertentes do Rio-Grande e serras annexas, com os mesmos ordenados que se conferiu ao guarda-mór das Minas-Geraes de S. Paulo. Para poder merecer estas e as mais honras com que a grandeza de Vossa Magestade costuma engrandecer, honrar e premiar os seus vassallos, constará de meu zelo pelos papeis de serviços, que com esta offereço no conselho ultramarino, dos quaes se verifica o augmento que tenho dado

á fazenda real de Vossa Magestade n'esta capitania, com muitos mil cruzados nos contratos dos dizimos; e n'esta cidade, sendo juiz ordinario no anno de 1703, me oppuz a defender a jurisdicção real, contravertida pelos ministros ecclesiasticos, com muito risco da minha vida e despezas de fazenda; sustentei a causa perto de dois annos, vexado com censuras e exposto a motins entre povos ignorantes d'aquelles procedimentos, sendo o meu sempre interessado n'este, e nas mais occasiões ser vassallo zeloso do serviço de Vossa Magestade, que mandará o que fôr servido.

« A' real pessoa de Vossa Magestade guarde Deus, como todos os vassallos havemos mister. S. Paulo, 23 de Maio de 1720. Aos reaes pés de Vossa Magestade.—*Bartholomeu Paes de Abreu.* »

Chegou a frota ao Rio de Janeiro, e n'ella não teve o capitão Bartholomeu Paes a menor solução do seu requerimento. N'este tempo estavam já descobertas as minas de ouro do Cayabá por Pascoal Moreira Cabral, natural de S. Paulo, que foi áquelle inculto sertão, seguindo d'este povoado pelo rio Anhamby, hoje conhecido pela nomenclatura de Tieté até ás novas minas. O conde de Assumar D. Pedro de Almeida, então governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, que se achava nas Geraes, reconhecendo que as novas minas do Cuyabá não podiam ser dilatado estabelecimento, dependendo o commercio das monções de anno a anno pela navegação dos rios, e era utilissimo conseguir-se caminho de terra, não duvidou em nome de Sua Magestade ajustar a factura do caminho de terra com Gabriel Antunes Maciel, nacional de S. Paulo, com grande pratica d'aquelles sertões, conferindo-lhe por premio varias mercês, de que lhe mandou passar provisão; porém Gabriel Antunes n'esse mesmo anno de 1720 se-

guiu a navegação e se recolheu ao Cuyabá, deixando infructuosa a esperança do caminho ajustado á sua custa, porque para conseguil-o era necessario muito dinheiro. O capitão Bartholomeu Paes de Abreu, que sempre meditava em que fazer algum particular serviço á corôa e á utilidade publica, persuadido de que se puzera em desprezo a sua representação, que já referimos, propôz em camara (supposta a ausencia do general em Minas-Geraes) que queria á sua custa abrir o caminho de terra para o Cuyabá, dando-lhe principio pelo morro de Hybyticatú do termo da villa de Sorocaba; e, sendo-lhe approvada a resolução, se dispôz para o rompimento da campanha, para cujo serviço entrou com força de armas e bons trabalhadores, ajustando-se e taxando-se na mesma camara o salario de 48 por mez a cada indio dos que pediu para a factura do caminho. Sahiu de S. Paulo para o sertão do Cuyabá em 1721, e, tendo chegado com picada á altura do Rio-Grande, deixando tres feitorias de plantas de milho, feijão e outros legumes, e em uma d'ellas duzentos e cincoenta bois para se sustentar a tropa, voltou a S. Paulo com a noticia de ter chegado Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general (que tinha sido despachado em lugar de Pedro Alvares Cabral, que se havia escusado d'este governo ao tempo de fazer o pleito de homenagem pela capitania que vinha governar) da capitania de S. Paulo (Secretaria ultramarina, liv. 4.<sup>o</sup> das cartas, tit. 1720 usque 1723, nas ordens de 28 de Fevereiro, 31 de Março, 1.<sup>o</sup> e 10 de Abril, todas do anno de 1721). Trouxe o general Cesar ordem para ajustar com o capitão Bartholomeu Paes de Abreu a abertura do caminho do Rio-Grande de S. Pedro do Sul para que se tinha offerecido; e foi este serviço muito recommendado ao dito Cesar por haver o ministerio penetrado que este era o meio do estabelecimento das terras

desde o Rio-Grande até a Colonia do Sacramento, ficando d'esta sorte segura a corôa de Portugal d'estes dominios antes que os castelhanos se estabelecessem nas mesmas terras, que até então as defendia á custa de todas as forças o capitão-mór povoador e fundador da Alaguna Francisco de Brito Peixoto ( pag. 57 ). Porém Rodrigo Cesar, que, quando chegou a S. Paulo, achou ausente a Bartholomeu Paes no sertão do Cuyabá, teve tempo de palpar outros animos sobre a pretensão d'este, e achou disposto o orgulho de um Sebastião Fernandes do Rego, sujeito de diabolicos enredos (descubriu depois o tempo os venenosos effeitos d'este simulado vassallo, que, estando provedor da casa da fundição em 1728 por provimento do dito Cesar, teve o atrevimento de tirar o ouro e metter chumbo nos mesmos cunhetes, que do Cuyabá tinha remettido o dito Cesar com oito arrobas de ouro de quintos, cujos caixotes os recebeu e recolheu em sua casa o dito Sebastião Fernandes, de onde foram em conducta de guarda militar, na fórma do estylo, para o Rio de Janeiro, e d'ahi para Lisboa, onde se achou a troca do chumbo miudo por ouro, de cujo attentado devassando-se foi logo preso e confiscado o dito Sebastião Fernandes do Rego, que, passados annos foi mandado recolher á côrte, de onde com a lima dos mesmos annos e astucias diabolicas, de que era dominado, teve idéa para voltar a S. Paulo na frota de 1739, com um grosso commercio de fazendas seccas, que saccou aos estrangeiros Pedegache e Blan; mas quando em Lisboa se deu no engano, e se passaram as ordens para prisão e confiscação dos bens do dito Fernandes, já este estava morto, e só teve lugar a execução nos seus bens) para preoccupar a Rodrigo Cesar, de que podia conseguir o mesmo intento sem os avultados premios que Sua Magestade, por sua real grandeza, mandava conferir ao capitão

Bartholomeu Paes de Abreu. D'isto seguiu-se guardar o general silencio a este respeito, e tão sómente conferir a materia com o dito capitão, lendo-lhe a sua representação e perguntando-lhe se ainda estaria do mesmo animo, e achando-lhe o mesmo ardor não fallar-lhe mais n'isto. O capitão Bartholomeu Paes de Abreu não só ficou excluido da abertura do caminho do Rio-Grande do Sul, mas tambem da do sertão do Cuyabá, a que já lhe tinha dado principio tão adiantado; porque no anno de 1722 se ajustou a factura d'elle a Manoel Godinho, de quem era socio o dito Sebastião Fernandes do Rego e Manoel Gonçalves de Aguiar (tambem não teve effeito por occulta Providencia Divina; e Cesar, para emendar o erro da primeira eleição, de que já tinha dado conta a Sua Magestade, ajustou-o com o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros, com a mercê de um habito de Christo, com tença effectiva de 50\$ por anno, que depois se verificou em seu sobrinho o mestre de campo Manoel Dias da Silva, como referimos, pag. 21), de que se lavrou escriptura de obrigação e fiança pelo dito Godinho (Secretaria de S. Paulo, anno de 1722, e secretaria ultramarina, liv. 4.<sup>a</sup> das cartas, tit. 1720 usq. 1723, nas ordens expedidas a Pedro Alvares Cabral em 1721 e a Rodrigo Cesar de Menezes em 1722). Ficaram inuteis, finalmente, as grandes despesas que tinha feito o capitão Paes. Porém assim mesmo não se aquietou o ardor do seu zelo, porque, tendo mallogrado a maior parte dos seus cabedaes, sempre consumidos no real serviço, quiz de uma vez apurar o resto. Voltou-se para a empreza do novo descobrimento e conquista do inculto sertão dos barbaros indios da nação *Goyazes*, ficando igualmente socio nas despesas, como nos futuros premios, com seu irmão João Leite da Silva Ortiz e seu primo Bartholomeu Bueno da Silva, que, á custa de uma muito avultada somma de dinheiro, trabalhos, incom-



modos da vida e riscos d'ella, depois de tres annos e tres mezes de conquistas, conseguiram o descobrimento das opulentas e férteis minas de ouro, chamadas hoje de Villa-Boa de Goyazes (em que já Sua Magestade creou nova capitania por resolução de 9 de Maio de 1748, expedida aos officiaes da camara de S. Paulo, e com a mesma data a Gomes Freire de Andrada, governador e capitão-general do Rio de Janeiro; e foi o primeiro governador da Goyazes D. Marcos de Noronha, de que tomou posse em Setembro de 1749, e no seguinte teve a mercê de conde dos Arcos), de que temos succintamente tratado em titulo de Buenos, cap. II, § 2º, n. 3—1, Bartholomeu Bueno da Silva.

Desde 1727 em que principiou a perceber o real erario o dizimo dos quintos do ouro das ditas minas de Goyazes até o 1º de Janeiro de 1738, em que acabou a vida de enfermidade de bexigas em S. Paulo o capitão Bartholomeu Paes de Abreu (seguindo sempre na côrte o seu requerimento, por si e seus socios, para serem encartados no direito dos rios do caminho de Goyazes, de que Sua Magestade lhes tinha feito mercê por ajuste celebrado por ordem sua com Rodrigo Cesar de Menezes, por tres vidas sujeitas á lei mental), não chegou a vêr o premio dos seus serviços. (seu filho Pedro Taques conseguiu pouco antes da sua morte, que por isso ficou sem effeito em 1776, como logo veremos no n. 4—6). Os rios são o de Mogy e o de Sapucahy. Deixou do seu matrimonio oito filhos, naturaes da cidade de S. Paulo.

4—1. D. Maria Paes Leme da Silva.

4—2. D. Angela Maria Paes da Silva.

4—3. D. Theresa Paes da Silva.

4—4. D. Escholastica Paes da Silva.

4—5. Bento Paes da Silva.

4—6. Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

4—7. D. Leonor Caetana de Escobar e Silva.

4—8. Antonio Paes da Silva Lara e Abreu.

4—1. D. Maria Paes Leme da Silva. Falleceu solteira com avançada idade em 1750.

4—2. D. Angela Maria Paes da Silva. Existe solteira com mais de 76 annos em 1783.

4—3. D. Theresa Paes da Silva, que foi casada com seu primo em terceiro grão duplicado de consanguinidade o mestre de campo Manoel Dias da Silva, n. 4—1, § 1º d'este cap. III. Ella falleceu em 176...

4—4. D. Escholastica Paes da Silva. Existe em 1783 no recolhimento de Santa Theresa com o nome de D. Escholastica de Santa Theresa, e tem sido muitas vezes regente do dito recolhimento.

4—5. Bento Paes da Silva, que depois de formado pela universidade de Coimbra, e estando em Lisboa tratando do requerimento e encartamento dos rios, de que era donatario seu pai, falleceu a 22 de Outubro de 1738 afogado junto a Trafaria, porque, tendo sahido em um barco a despedir-se no mesmo dia na náó de guerra, que conduzia a D. Luiz Mascarenhas, que ia general para S. Paulo, no regresso espartou o vento, e fazendo vogar para a Trafaria não chegou á terra.

4—6. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, cidadão de S. Paulo, em cuja pia foi baptizado no 1º de Julho de 1714. Em 1737 foi creado sargento-mór do regimento da nobreza de S. Paulo, e em 1763 guarda-mór das minas de ouro da mesma cidade e seu termo. Tendo passado ás minas de Goyazes foi encarregado pelo governador e capitão-general D. Marcos de Noronha para crear a intendencia, com missão para a cobrança da real capitação no arraial do Pilar, comprehendendo o de Crixás, no anno de 1750, sem mais outro algum official que o ajudasse na dita intendencia. Nos dois annos que serviu a Sua Magestade por se abolir a real capitação n'aquellas minas em 1752 desem-

penhou o conceito que tinham formado do seu activo zelo, dando de augmento em dois annos acima de 20,000 oitavas, fazendo-se argumento do tempo em que de antes estava a cobrança da capitação a cargo dos juizes ordinarios e seu escriptão, o que consta melhor dos livros na provedoria e intendencia geral da Villa-Boa de Goyazes. No mesmo tempo serviu em ambos arraiaes das minas do Pilar e de Crixás de provedor commissario das fazendas dos defuntos e ausentes.

Casou na cidade de S. Paulo a 31 de Janeiro de 1735 com D. Maria Euphrasia de Castro Lomba, natural da mesma cidade, filha de Gregorio de Castro Esteves, natural da villa de Vianna do Minho, freguezia de Monserrate, capitão do regimento de cavallaria das minas de Villa-Boa, creado por D. Luiz Mascarenhas por ordem régia, e de sua mulher Catharina Velloso, natural da mesma cidade, irmã inteira do Rev. Manoel Velloso Vieira, clérigo secular; e do M. R. padre-mestre Fr. Bento da Annunciação, religioso do patriarcha S. Francisco da provincia do Rio de Janeiro. Em titulo de Alvares Sousas. E teve seis filhos, dos quaes falleceram tres em tenra idade, e dos mais faremos abaixo menção. Falleceu D. Maria Euphrasia a 20 de Agosto de 1757, e jaz sepultada debaixo do Arco da capella dos terceiros de S. Francisco da cidade de S. Paulo.

Casou segunda vez no Rio de Janeiro a 10 de Maio de 1761 com D. Anna Felizarda Xavier da Silva, que falleceu sem geração em S. Paulo a 25 de Dezembro de 1762, e jaz na capella-mór da igreja do convento do Carmo da dita cidade.

Os tres filhos que lhe ficaram do primeiro matrimonio foram:

5—1. Fr. Joaquim Antonio Taques, baptizado em S. Paulo a 5 de Setembro de 1747. Tomou o habito

de carmelita calçado a 4 de Dezembro de 1762 no convento de S. Paulo. Tinha tantos talentos, que foi eleito mestre de philosophia ainda em corista e a leu em S. Paulo, e falleceu no Rio de Janeiro, já presbytero, com grande sentimento dos seus religiosos, que n'elle esperavam um grande credito á religião.

3—2. Balduino Abagaro Taques de Moraes, nasceu em Villa-Boa de Goyazes, em cuja matriz foi baptizado a 27 de Outubro de 1749. Falleceu em S. Paulo em 1773. Foi bem instruido nas bellas-lettras e estudou philosophia no curso que leu seu irmão.

5—3. D. Emilia Flavia da Conceição Taques de Moraes, nasceu no arraial das minas do Pilar da comarca de Villa-Boa a 8 de Dezembro de 1750. Existe em 1783. Falleceu...

3—6. D. Theresa de Araujo (filha do capitão-mór governador Pedro Taques de Almeida, pag. 49). Foi senhora de grande juizo, respeito e formosura. Falleceu solteira com 72 annos de idade, de enfermidade de bexigas no de 1762.

3—7. D. Catharina de Siqueira Taques, falleceu solteira em 1745.

3—8. D. Angela de Siqueira, falleceu em 177...

2—4. Thomé de Lara de Almeida (pag. 14 e 15 filho do governador Lourenço Castanho Taques) cidadão de S. Paulo. Passados alguns annos deixou os lares patrios, e fez estabelecimento na villa de Sorocaba, da qual foi capitão-mór, e loco-tenente do donatario da capitania de Itanhaem da Conceição e conde da ilha do Principe. El-rei D. Pedro o honrou com uma carta firmada do seu real pulso, datado a 20 de Outubro de 1638, que contém as mesmas expressões da que receberam seus irmãos Pedro Taques de Almeida e Lourenço Castanho Taques, cuja cópia

vai n'este capitulo § 1.º Teve sempre um grande respeito igual aos merecimentos da sua distincta honra e louvaveis procedimentos. A sua casa foi abundante com grande tratamento. Praticou liberalmente a virtude da caridade com a pobreza de Sorocaba. Fugiu sempre, e conseguiu não ser occupado nos cargos da republica. Deveu grande veneração aos generaes Arthur de Sá e Menezes, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho e D. Braz Balthazar da Silveira, que a todos hospedou com muita profusão quando passaram áquella villa attrahidos das dependencias do real serviço. O mesmo praticou com os ministros que passaram á dita villa em correição.

Casou duas vezes : a primeira em S. Paulo com D. Maria de Almeida Pimentel, onde foi baptizada a 4 de Outubro de 1648, filha unica do capitão Antonio de Almeida Pimentel, e de sua mulher D. Lucrecia Pedrosa de Barros. Em titulo de Pedrosos Barros cap. 8.º A segunda vez casou com D. Maria de Campos, de quem fazemos menção em titulo de Campos.

Do primeiro matrimonio teve onze filhos naturaes da villa de Sorocaba.

- 3—1. Fernando Paes de Barros.
- 3—2. Antonio de Almeida Lara.
- 3—3. José Pompeo Ordonho.
- 3—4. D. Lucrecia Pedrosa de Barros.
- 3—5. D. Maria de Almeida Lara.
- 3—6. D. Sebastiana de Almeida.
- 3—7. D. Branca de Almeida.
- 3—8. D. Francisca de Almeida.
- 3—9. D. Ignacia de Almeida.
- 3—10. D. Luzia Leme.
- 3—11. D. Maria de Almeida Lara Pimentel.

E do segundo matrimonio teve mais cinco.

- 3—12. Lourenço Castanho de Campos.
- 3—13. Francisco Cardoso de Almeida Campos.
- 3—14. Thomé de Lara Campos.
- 3—15. D. Gertrudes de Campos.
- 3—16. D. Maria de Campos.

3—1. Fernando Paes de Barros foi casado com Joanna Garcia, filha de André Domingues Vidigal, e de sua mulher Anna Barbosa, natural da villa de Sorocaba. E teve tres filhos.

- 4—1. João Paes de Barros, existe solteiro em 1772 em Sorocaba.
- 4—2. Hieronimo Paes de Barros, foi para Viamão, onde casou.
- 4—3. Thomé de Almeida Paes, existe na villa da Faxina. Casou em Sorocaba com Bernarda Raposo da Silveira, sua parenta; filha de Estevão Raposo da Silveira, e de sua mulher D. Thomazia de Almeida, vide n.º 3—11 annexo 4—8.

3—2. Antonio de Almeida Lara, que com mulher e filhos passou a morar á Goyazes, casado com D. Custodia Paes, filha de José Rodrigues Betim, e de sua mulher Marianna Bueno, em que fallámos já no § 1.º d'este capitulo no n. 3—10, no segundo casamento de Antonio Pompéo Taques. E teve oito filhos.

- 4—4. José Betim.
- 4—2. Thomé de Lara.
- 4—3. Bento de Lara.
- 4—4. Luiz de Almeida.
- 4—5. D. Maria de Almeida.
- 4—6. D. Anna Maria,
- 4—7. D. Luzia de Almeida.
- 4—8. D. Gertrudes de Lara.

3—3. José Pompéo Ordonho, foi casado com D. Roza de S. Paio, filha de André de S. Paio de Arruda, e de sua mulher D. Anna de Quadros. Em titulo de Arrudas cap. 3.º § 6.º com sua descendencia.

3—4. D. Lucrecia Pedrosa de Barros, foi casada com Fernando Dias Falcão, natural da villa de Parnahyba. Este paulista com os honrosos estímulos do sangue que lhe animava as vênas soube desempenhar as obrigações da sua nobre qualidade. Fez-se muito distincto nas occasiões do real serviço, em que foi empregado até fallecer. Na villa de Sorocaba foi capitão da infantaria das ordenanças tres annos, e passou a sargento-mór do mesmo regimento por nomeação dos officiaes da camara onde tinha servido de juiz ordinario e de orphãos varias vezes. Depois passou a capitão-mór da dita villa, em que soube dar acreditadas mostras da sua grande capacidade nos nove annos que occupou o pesado cargo de capitão-mór, conseguindo um geral louvor pelas affectos de prudencia e affabilidade de que foi dotado. No fim d'elles se ausentou para as Minas Geraes, donde foi mandado por D. Braz Balthazar da Silveira, governador e capitão-general de S. Paulo, a crear a villa de Pitangui, cujo arraial se fornecia de criminosos, turbulentos e regulos. Fernando Dias Falcão com o grande respeito, e muita bondade, que tinha venceu com maximas prudentes, pôr em socego e quietação os sediciosos animos d'aquelles moradores. Levantou-se pelourinho, e creou-se a villa, da qual elle foi o primeiro juiz ordinario e de orphãos, e provedor da fazenda real, e dos defuntos e ausentes, que tudo executou com os seus costumados acertos. Tudo se vê melhor na sua patente de capitão-mór regente datada em 27 de Março de 1724, registrada no liv. 1.º de registro geral á fl. 145 da secretaria de S. Paulo.

Recolhido para desfrutar em companhia de sua esposa e filhos dos seus cabedaes e ferteis fazendas de lavoura, que fazia cultivar por numerosa escravatura na villa de Sorocaba, foi para o sertão do Cuyabá, cujas minas havia



descuberto o coronel Paschoal Moreira Cabral, natural de S. Paulo, pelos annos de 1720 (22). Os povos, que já se achavam n'ellas, sem fórma alguma de governo civil, ou militar, reconhecendo os venenosos effeitos que costumam produzir a falta de disciplina economica, todos a uma voz o elegeram para cabo maior d'aquellas novas minas por termo feito em 6 de Janeiro de 1721. Recolheu-se para S. Paulo em 1723 assim que ao Cuyabá chegou a noticia de que já havia governador e capitão-general na pessoa de Rodrigo Cesar de Menezes. Trouxe o primeiro ouro dos reaes quintos, que foi o numero de novecentas e quarenta e duas oitavas e meia, que o mesmo Falcão tinha cobrado. Foi recebido do general Cesar com os applausos, que adquiriam os seus grandes merecimentos, e que sabia o dito Cesar praticar com as pessoas benemeritas. O coronel Sebastião da Rocha Pitta no seu livro *America Portuguesa* pag. 643 faz menção honrosa dos merecimentos do capitão-mór Fernando Dias Falcão.

Como el-rei D. João V havia concedido ao general Cesar a mercê de nomear e conceder em seu real nome (até doze pessoas) um habito de Christo com 50\$ de tença effectiva, pagos no almoxarifado da provedoria da fazenda da mesma capitania de S. Paulo, foi Fernando Dias Falcão um dos dignos d'esta honra, que elle a não viu verificada, porque, sendo necessario tratar-se dos alvarás pela mesa da consciencia e ordens em Lisboa, cuidou mais em consumir as forças e os cabedaes no real serviço do que em adiantar a sua casa, e pôr corrente a mercê do habito. A rogos do mesmo general Cesar voltou Fernando Dias para as minas do Cuyabá com patente de capitão-mór regente d'ellas datada em S. Paulo a 27 de Março de 1724 (retro). Correndo os annos, quando foi no

(22) O descobrimento foi em 1719.

de 1726 passou para o Cuyabá o mesmo Cesar, e chegando em fins do dito anno logo occupou a Fernando Dias Falcão em provedor da fazenda real e quintos por provisão datada no Cuyabá a 5 de Dezembro de 1726, registrada no liv. 2.<sup>o</sup> de registro geral á fl. 103, e tomou posse e juramento a 6 do dito mez. D'esta patente de capitão-mór regente do Cuyabá, e da provisão de provedor da fazenda real e quintos se conhece e consta tudo quanto referimos dos merecimentos de Fernando Dias Falcão.

Foi este, como já dissemos, natural da villa de Parnahyba e filho de Antonio de Almeida Cabral, natural de S. Paulo (que falleceu na Parnahiba, em 1669), e de sua mulher D. Maria da Silva Falcão, natural de S. Paulo (que falleceu na Parnahiba com testamento a 6 de Outubro de 1674) (23). Neto por parte paterna de Luiz Leme, e de sua mulher Anna Cabral (24), e bis-neto de Antão de Leme (em titulo de Lemes cap. II § 5.<sup>o</sup>) : e pela materna foi neto de Francisco da Fonseca Falcão, natural da freguezia de Nossa Senhora das Neves, termo da cidade de Ponte Delgada da ilha de S. Miguel ; e de sua mulher D. Maria da Silva, com quem casou no 1.<sup>o</sup> de Maio de 1634 na matriz de S. Paulo. Este dito Francisco da Fonseca Falcão foi filho de Antonio Lopes da Fonseca, e de sua mulher Maria Alves ; e foi professo na ordem de Christo, e capitão-mór governador e alcaide-mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo (25) (Vide isto muito melhor em titulo de Proenças Abreus cap. III). E sua mulher D. Maria da Silva foi filha de Pedro da Silva, e de sua mulher Luzia Sardinha,

(23) Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 208.

(24) Livro dos baptizados da Sé de S. Paulo em 29 de Março de 1643, que se baptizou Antonio de Almeida Cabral.

(25) Camara de S. Paulo livro de registro n. 2.<sup>o</sup> capa de couro de veado titulo 1642 pag. 39 v.

a qual foi filha do affamado paulista Affonso Sardinha, primeiro descobridor das minas de ouro em todo o Estado do Brasil em S. Paulo nas serras de Jaguambaba, que agora se chama Mantaguya; na de Jaraguá, termo de S. Paulo; na de Vuturuna, termo da villa de Parnahiba; e na de Hybirapoyaba, termo de Sorocaba. Este Affonso Sardinha, teravô de Fernando Dias Falcão, fez muitos serviços á sua custa á real corôa, não só com os descobrimentos de minas de ouro já no anno de 1590, mas também quando foi capitão da gente de S. Paulo para a reger e governar, de que teve patente datada em 20 de Abril de 1592 por Jorge Corrêa, moço da camara, capitão-mór governador, e ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo em qual se vê os muitos e grandes serviços que havia feito a Sua Magestade (camara de S. Paulo liv. de registro tit. 1583 pag. : 6 v.). Este Affonso Sardinha fez fabricar dois engenhos de ferro, em que se fundia excellente ferro, e com muita abundancia, dos quaes ainda no presente tempo existe no serro de Hybirapoyaba uma muito grande bigorna, que a todos accusa e recorda a certeza d'aquella fabrica (falleceu no tempo do morgado de Matheus, e continuou por pouco tempo). Em 1606 era provedor e administrador d'estas minas Diogo de Quadros por ordem regia, como se vê na camara de S. Paulo no caderno de vereações tit. 1606 pag. 18.

N'esta mesma serra de minas de ferro descobriu Affonso Sardinha as de ouro e prata; de sorte que, tendo d'isto inteira informação D. Francisco de Sousa, governador e capitão-general do Estado do Brasil, passou em 1599 da cidade da Bahia por ordem regia para a villa de S. Paulo, onde constituiu capitão a Diogo Gonçalves Laço em Julho de 1601; e d'esta provisão se declara que o descobridor fôra Affonso Sardinha (camara de S. Paulo tit. 1600 pag. 36). Porém muito tempo antes havia o mesmo general provido ao dito

Laço em capitão das minas de ouro e prata com 500 cruzados de soldo por provisão do 1º de Outubro de 1599, como se vê na dita camara, e dito caderno tit. 1598 pag. 46. E já em 1602 era fallecido o dito capitão Laço, e os 200 g do seu ordenado conferiu o mesmo D. Francisco de Sousa ao neto do dito Laço, que tambem se chamava Diogo Gonçalves Laço, por provisão datada em S. Paulo a 8 de Maio de 1602. (Camara caderno tit. 1600 pag. 44.)

Affonso Sardinha contentou-se só com a gloria do real serviço, fazendo os descobrimentos dos tres metaes, ouro, prata e ferro, tudo á sua custa. Até os engenhos para se fundir o ferro entregou a Sua Magestade. Porém correndo os annos houveram mais engenhos; porque os d'el-rei administrava Diogo de Quadros como provedor. E em 1609 ainda existia o dit. Quadros com esta administração, como se vê na camara de S. Paulo no caderno de vereações do anno de 1607 pag. 23 e 23 v., d'onde consta que os ditos engenhos foram de Affonso Sardinha, que os déra a Sua Magestade por lhe fazer este serviço etc. Em 1629 falleceu em S. Paulo Francisco Lopes Pinto, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo; e no seu testamento declarou que era senhor de um engenho de ferro, cuja metade vendêra por preço de tres mil cruzados a D. Antonio de Sousa, filho de D. Francisco de Sousa, governador e capitão-general que fôra do Estado do Brasil (26). Porém ao presente tempo não existe mais certeza, que a do sítio onde as pedras de ferro são em grande abundancia. E por falta de quem anime o corpo da pobre capitania de S. Paulo (que foi a que deu tantas minas de ouro, e pedras preciosas á real corôa pelos seus nacionaes paulistas, que ainda continuam nos mesmos descobrimentos ao presente)

(26) Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventarios, letra F.

estão muitos haveres debaixo da terra, podendo existir patentes para augmento do real erario, etc.

Teve o capitão-mór Fernando Dias Falcão dez filhos naturaes todos da villa de Sorocaba.

4— 1. Antonio de Almeida Falcão.

4— 2. Francisco de Almeida Falcão.

4— 3. Thomé de Lara Falcão.

4— 4. José Paes Falcão.

4— 5. D. Thomazia de Almeida.

4— 6. D. Gertrudes de Almeida.

4— 7. Pedro Taques de Almeida. Falleceu solteiro no Cuyabá.

4— 8. Antonio.

4— 9. Raymundo. } Fallecidos em tenra idade.

4— 10. Fernando. }

4—1. Antonio de Almeida Falcão soube imitar o mesmo ardor de espirito de seu pai, acompanhando-o nas conquistas dos barbaros indios, fazendo muitas entradas ao sertão do Rio-Grande, e Pardo para a parte que confina com a provincia do Paraguay de Hespanha. Serviu na patria os honrosos cargos da sua republica; e passando ás minas de Cuyabá penetrou aquelles sertões em serviços da real corôa, com intento de novos descobrimentos de minas de ouro á sua custa. Com esta disciplina se fez bastante-mente experimenta-lo na agreste vida que soffrem os sertanistas. Teve patente de mestre de campo, em cujo posto foi creado por Rodrigo Cesar de Menezes general da capitania de S. Paulo e Minas em 1726, pelos grandes merecimentos que n'elle reconheceu. Em 1726 procedendo-se na cobrança dos reaes quintos pelo provedor da fazenda Jacintho Barbosa Lopes se ausentaram fugitivos do Cuyabá o capitão Bento Gomes de Oliveira com vinte e tantos escravos com seis homens brancos da sua comitiva, tomando o sertão dos Morros, distante d'alli mais de sessenta leguas. Para cobrança e segurança dos reaes quintos se valeu o

provedor do capitão-mór regente Fernando Dias Falcão, que reconhecendo as circumstancias honrosas e perigosas d'esta facção, nomeou para ella a seu filho Antonio de Almeida Falcão, que escoltado de 12 soldados e de seus proprios escravos, tudo á sua custa, e acompanhado do capitão Salvador Martins Bonilha com 6 escravos seus armados, se pôz em seguimento dos transgressores, que foram finalmente presos, estando já muito entranhados por aquelles incultos sertões, e foram conduzidos á cadeia d'aquellas minas.

Estando já bem avançado em annos, gozando da doce companhia de sua esposa e dos abundantes fructos que annualmente recolhia da sua fazenda de Sorocaba, foi inquietado para ainda empregar o resto dos annos no real serviço em 1753. Era preciso que os paulistas descobrissem navegação, que fosse dar ao sertão que medea entre o Rio-Grande e a villa do Carumatim da cidade do Paraguay, nas Indias de Hespanha, para que os marcos, que se haviam de conduzir para serem assentados no lugar chamado as *Sete Quedas* do mesmo Rio-Grande pudessem vir ao dito lugar. Para esta expedição havia Gomes Freire de Andrada, mestre de campo general, e commissario plenipotenciario da corôa fidelissima de Portugal (tendo por seu conferente para a divisão da America Meridional o marquez de Valdelirios) nomeado por cabo de uma partida ao sargento-mór José Custodio, que, sahindo das campanhas do Jacuhy, tinha chegado a salvamento á villa de Corumatim, e não podia penetrar o sertão, que lhe fazia frente, e se devia atravessar para seguir-se a navegação de alguns dos rios, que sepultam as suas aguas no Grande. Consistia toda a difficuldade na certeza de ser o dito sertão habitado de indios barbaros, entre os quaes eram os mais temidos por mais valorosos os da nação *Montezes*, de cujos

assaltos estavam os castelhanos bem castigados ; e se temia que o mesmo estrago experimentassem as armas dos nossos soldados, sem disciplina para pelejarem com semelhante inimigo. Mandou Gomes Freire recommendar esta expedição ao respeito do Exm. bispo D. Fr. Antonio da Madre de Deus Galvão quanto para vencer os animos dos paulistas, que se descobrissem com pratico conhecimento de taes sertões ; e para tambem formar o troço dos soldados paulistas para esta empreza ordenou ao coronel Ignacio Eloy de Madureira, que tambem era governador da praça de Santos, passasse a S. Paulo a tratar d'esta importantissima recruta, sem a qual ficava frustrada a passagem dos Maraes desde a cidade do Paraguay até o lugar das Sete Quedas no Rio-Grande.

Foi lembrado com igual informação de todos o mestre de campo Antonio de Almeida Falcão para desempenho d'esta facção; e sendo convidado por carta do real serviço promptamente veio a S. Paulo, onde o governador Eloy e o bispo souberam representar-lhe o muito que obrava em serviço de Sua Magestade accitando o commando da expedição. Não reparou elle nem nas indispensaveis despesas a que sem remedio o encaminhava esta empreza, nem nos muitos annos de idade, que já contava setenta e cinco, que devia ser o maior obstaculo para se eximir do convite ; porém reconhecendo a necessidade que havia de paulistas, com pratica de sertões, e de semelhantes guerras, se entregou ao sacrificio. Deu-se-lhe para adjunto a João Raposo da Fonseca Leme, tão cheio de honra, como de nobreza pelo sangue, que em diversos costados lhe animava os vãos com estímulos para o desempenho do real serviço, á imitação dos seus avós, que tanto se distinguiram na America pelos augmentos da real corôa. Com a presteza possivel se formou o corpo de oitenta soldados do escope-



tas, que entregues ao cabo principal da expedição, o mestre de campo Antonio de Almeida Falcão embarcaram todos em canôas no porto da freguezia de Nossa Senhora Mãe dos Homens do sitio de Araraitaguaba. Rodaram pelo rio Tieté, e chegando onde este se mette no Grande seguiram a corrente d'este até o lugar das Sete Quedas, onde se haviam pôr os marcos da divisão. Como observaram as barras de alguns rios que da parte do sertão do Corumatim, e cidade do Paraguay correm a metter-se no Rio-Grande, elegeu o mestre de campo um rio a que as antigos paulistas puzeram o nome de Camambaya. Por elle acima navegaram muitos dias, e dando em outros rios acertaram subir por um, que lhes deu porto para o desembarque no sitio chamado o Estreito dos Guaicurús. Saltaram para terra, e confiados no valor das armas, e na constancia de tolerar a fome por falta de mantimentos que não podiam conduzir pelo sertão dentro, o penetraram com tanta felicidade, que, fazendo picada por uma mata de quinze leguas, vencido isto deram em campanhas rasas, onde em poucas leguas existe a villa de Corumatim, em que se achava a partida do sargento-mór José Custodio. Celebrou-se esta chegada com muito contentamento de um e outro commandante. O sargento-mór fez conduzir os marcos, e todos em uma nova tropa vieram embarcar no mesmo passo, onde os paulistas tinham desembarcado. Chegaram ao lugar e sitio destinado para a divisão nos tratados, e firmados os marcos se despediram os commandantes seguindo em retrogrado para Corumatim o sargento-mór José Custodio, a quem acompanhou voluntario João Raposo da Fonseca, ambicioso de querer empregar-se na guerra contra os indios das missões do Uruguay, que disputavam a entrada dos dois commissarios das duas corôas catholica e fidelissima; e para S. Paulo se recolheu Fal-

ção, que chegou com feliz successo com todos os seus soldados. O premio d'esta acção foi o louvor, que então se lhe deu, e recolheu-se a sua casa na villa de Sorocaba, onde poucos annos durou, porque acabou a vida no de 1755. Foi casado com D. Gertrudes de Arruda, filha de Paschoal de Arruda Botelho. Em titulo de Arrudas cap. 2º § 4º e ahi a sua descendencia.

4—2. Francisco de Almeida Falcão, depois de servir os honrosos cargos da republica da villa de Sorocaba, acabou em patente de sargento-mór do regimento das ordenanças da mesma villa. Foi casado com D. Escholastica de Arruda, filha de Paschoal de Arruda Botelho. Em titulo de Arrudas cap. 2º § 6º com a sua descendencia.

4—3. Thomé de Lara Falcão. Foi sargento-mór, e foi casado com D. Joanna Garcia, filha de Gabriel Antunes Maciel, e de sua mulher Hieronima de Almeida. Em titulo de Carvoeiros cap. 1º do segundo matrimonio n. 2—8.

4—4. José Paes Falcão, que existe em 1764 nas minas do Cuyabá na sua opulenta fazenda chamada dos Cocaes com lavras mineraes, em que occupa duzentos escravos proprios. E' capitão das ordenanças, e um dos paulistas do maior merecimento pelas virtudes moraes, de que é adornado. A sua fazenda tem uma excellente capella com vocação de S. Jo-é, na qual se celebrão sacrificio da missa, e os Sacramentos á sua numerosa escravatura cujas casas formam uma formosa povoação, e tão grande que parece villa. E' verdadeiro imitador de seus nobilissimos ascendentes não só no ardor, estímulo do real serviço, como na caridade praticada com os pobres, que se valem do seu piedoso animo. Tem servido os cargos da republica d'aquellas minas sempre com geral louvor, que lhe adquirem a sua affabilidade, rectidão, etc.

O Exm. D. Antonio Rolim de Moura quando passou go-

vernador e capitão-general d'aquella nova capitania, já separada da antiga de S. Paulo em 1750, entre as pessoas de maior merecimento soube estimar a José Paes Falcão, de sorte que, estando ausente do Cuyabá, com actual residência na Villa Bella de Mato-Grosso, que o mesmo general fundou por ordem régia, mediando a distancia de mais de 12 dias de jornada, não perde o gosto, que tem de corresponder-se com José Paes Falcão por cartas, o qual foi o mais prompto em soccorrê-lo com um troço de trinta soldados armados á sua custa, e escravos seus, que eram mineiros (cujos jornaes perdidos se avaluam em mais de seis mil oitavas), quando o dito conde general no anno de 1762 se viu obrigado a desalojar o inimigo castelhano que se tinham fortificado em uma fortaleza, que construíram no rio Guaporé para impedirem o commercio que se fazia do Pará ao Mato-Grosso. Não obstante a grande despesa que fez quando promptificou o soccorro, e a cessão dos lucros que tem dos seus escravos, está actualmente n'este anno de 1764 guardando á sua custa um passo, no qual conserva gente armada com forças capazes de resistirem ao inimigo, no que tudo nenhum outro vassallo o tem igualado, por ser avaliada esta despesa em uma muito avultada somma de mil cruzados.

Está José Paes Falcão casado com D. Antonia Rodrigues das Neves, filha de Pedro Rodrigues Neves, natural de Lisboa (irmão inteiro de Francisco Rodrigues Neves, que foi coronel em um dos regimentos de Lisboa, e passou a governador de Angola, ou S. Thomé), e de sua mulher Antonia de Leme, a qual foi filha de José Barbosa Leme (filha de D. Lucrecia Pedrosa, mulher de Thomaz Mendes Barbosa; em titulo de Cerqueiras § 5º n. 3—3. E tambem irmão de D. Maria de Jesus, mulher de João Lourenço Corim, no mesmo titulo), e de sua mulher Francisca Corrêa, a qual

foi filha de Lourenço Corrêa de Araujo e de sua mulher Maria Pereira, moradores que foram da villa de Itú.

4—5. D. Thomazia de Almeida. Foi casada com Paschoal de Arruda Botelho, natural da villa de Itú, filho de Sebastião de Arruda Botelho. Em titulo de Arrudas, cap. 2º § 3º com sua descendencia.

4—6. D. Gertrudes de Almeida, que ainda vive (27). Foi casada com Mathias de Madureira Calheiros, natural de S. Paulo (irmão inteiro do R. Francisco Alves Calheiros clérigo secular), que serviu de capitão das ordenanças da villa de Sorocaba.

5—1. O padre Vito de Madureira Calheiros, clérigo secular, que passando para as minas do Cuyabá pereceu ás mãos do gentio *Payagud*, que a muitos annos costuma invadir de assalto aos que de S. Paulo passam para o Cuyabá, seguindo os rios da navegação.

5—2. Antonio de Madureira Calheiros, que existe casado com Isabel Maria do Espirito-Santo de Camargo, natural de Acuthia, filha de Matheus Lopes de Camargo, e de sua mulher Maria Paes da Silva. Este Matheus Lopes foi filho do coronel Estevão Lopes de Camargo e de sua mulher Isabel Paes de Siqueira, natural de S. Paulo, a qual foi filha de Matheus de Siqueira Mendonça, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Antonia Paes, natural da ilha de S. Sebastião, que era viuva de Salvador de Oliveira. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 1º n. 3—1 e seg.

5—3. Claudio de Madureira Calheiros. Existe casado com D. Angela de Siqueira, natural da villa de Itú, filha de João da Costa Aranha. Em titulo de Arrudas, § cap. 1º § 5º n. 2—10. ]E tem tres filhos.

(27) Cartorio da Ouvidoria da cidade de S. Paulo, autos cíveis D. Gertrudes d'Almeida e seus filhos, autores, contra João de Almeida Leite, réo, anno de 1757.

5—4. Gregorio Dias da Silva, existe solteiro em Cuyabá em 1761. Falleceu em Mato-Grosso solteiro.

5—5. Mathias de Madureira Calheiros, falleceu solteiro em 1766.

5—6. D. Gertrudes de Madureira, solteira.

5—7. D. Hieronima de Madureira, solteira.

5—8. D. Maria de Madureira, que foi casada com Salvador Domingues Barbosa por alcunha o Coimbra, natural de Sorocaba.

5—9. D. Isabel de Madureira, casou com José Pires de Arruda. Em título de Arrudas cap. . §...

5—10 D. Thomazia de Almeida. Existe casada com Francisco Rodrigues Penteado, natural e cidadão de S. Paulo. Em título de Penteados, cap. 7.º § 2.º com sua descendencia.

3—5. D. Maria de Almeida Lara (filha do capitão-mór Thomé de Lara pag 88). Foi casada com Antonio Rodrigues Penteado, natural da villa de Parnahyba. Em título de Penteados, cap. 2.º Do seu matrimonio n'asceram onze filhos naturais de Sorocaba.

4— 1. Francisco Rodrigues Penteado

4— 2. Thomé de Lara, que casou com Martha de Arruda, filha de Francisco de Arruda, e de sua mulher Anna de Proença. Em título de Arrudas, capitulo....

4— 3. Amaro Rodrigues Penteado, casou com Francisca de Arruda, natural de Itú. Em título de Arrudas.

4— 4. José Rodrigues Penteado, casou com Maria de Almeida. Em título de Arrudas, cap. 1.º § 8.º

4— 5 Clara de Miranda, casada com Sebastião de Arruda Botelho. Em título de Arrudas, capitulo....

4— 6. Maria de Almeida Pimentel casada com Miguel de Arruda Botelho. Arrudas, capitulo....

4— 7. Ignacia de Almeida, casou com Antonio de S. Paio. Em título de Arrudas, capitulo....



4— 8. Andreza Leite de Almeida, Casou com Fernando de Almeida Leme, natural da villa da ilha de S. Sebastião, filha de Francisco de Almeida Cabral, e de sua mulher D. Maria de Cassere (Em titulo de Moreiras, cap. 3' § 4º n. 3—4), natural da cidade do Rio de Janeiro, que foi irmã inteira de João da Veiga Coutinho, conego que foi da Sé da dita cidade, e fundador da capella do Senhor Bom Jesus do Perdão, que hoje é freguezia de S. José dos Pinhaes, termo da villa de Curitiba. Neto pela parte materna de Manoel Fernandes Cassere, e de sua mulher D. Maria de Sousa Coutinho, da nobre familia de Boiafogos do Rio de Janeiro. E pela paterna de Luiz Leme, e de sua mulher Anna Cabral, de quem temos tratado na ascendencia do capitão-mór Fernando Dias Falcão n. 3—4. E teve quatro filhos natures de Sorocaba.

5—1. José de Almeida Leme. Existe capitão-mór da villa de Sorocaba poreleição dos officiaes da camara, e carta patente do conde de Bobadella, general do Rio e S. Paulo, casado com D. Maria Egypciaca de Moura, irmã inteira do padre Pedro Domingues Paes, clérigo, e do Rev. Fr. João Paes, carmelita calçado. E teve dez filhos.

6—1. Fernando de Almeida Leme.

6—2. O padre Pedro Domingues Paes. Seguiu os estudos de philo-ophia e theologia em S. Paulo, em que se fez muito habil. Veiu ordenar-se a Lisboa em 1770, e em 1781 foi collado na igreja da villa de Parnaguá.

6—3. José de Almeida Leme.

6—4. D. Escolastica de Almeida Paes, mulher de Francisco Manoel Fiuza, natural da villa de Ponte de Lima, capitão de cavallos dos auxiliares da villa de Sorocaba, filho de José Luiz da Guerra e de sua mulher Rosa Maria Fiuza.

6—5. Antonio, Bartholomeu, João, Francisco, Luiz, Luciano.

5—2. João de Almeida Leite. Existe juiz ordinario por eleição de Pelouro em 1764, guarda-mór das terras mineraes da villa de Sorocaba.

5—3. D. Maria de Almeida Leite. Existe viuva de Luiz Teixeira da Silva, natural da cidade do Porto, freguezia de S. Ignez, irmã inteira do M. R. Fr. Ramiro da Predestinação, religioso beneditino, que foi presidente do mosteiro da villa de Sorocaba, filho de Paulo Teixeira de Andrade, e de sua mulher Maria de Vasconcellos. E teve unico filho (28).

6—1. O padre José Teixeira de Almeida Leme. Foi graduado em philosophia, falleceu Lazarino em 1771.

5—4. Francisco Paes de Almeida, existe casado com D. Antonia Pacheco de Arruda, filha de Antonio Ferraz de Arruda, e de sua mulher D. Maria Pacheco. Em titulo de Arrudas, n. 1 cap. 1º § 2.º

4—9. Potencia Leite de Almeida, casou com João de Arruda, natural da villa de Itú. Em titulo de Arrudas, capitulo § ..

4—10. Antonia de Almeida. Casou com João Pires de Arruda. Em titulo de Arrudas, capitulo...

4—11. Anna de Almeida. Casou com Bartholoméo Bueno da Silva, filho de Antonio Bicudo da Silva, natural da Parnahyba. e de sua mulher Bernarda Ortiz de Camargo, natural de S. Paulo. Neto paterno de Bartholoméo Buenô, natural de Parnahyba e de sua mulher. Em titulo de Lemes, capitulo... E teve nove filhos naturaes de Sorocaba.

Antonio, José, João, Amaro, Gonçalo, Maria, Isabel, Escholastica, Anna, todos com appellidos de Buenos.

3—6. D. Sebastiana de Almeida (filha do capitão mór

(28) Camara episcopal de S. Paulo, auto de genere de José Teixeira em 1755.



Thomé de Lara, pag. 88). Casou com João Bicudo de Proença, natural de Parnahyba, filho do capitão Paulo de Proença de Abreu, e de sua mulher Maria[Bicudo de Brito (29). Em título de Bicudos. E teve dez filhos naturaes de Sorocaba.

- 4— 1. Sebastião Bicudo de Almeida.
- 4— 2. Thomé de Lara Taques.
- 4— 3. José Pedroso. Falleceu casado com Maria Pontes.
- 4— 4. Francisco Paes de Barros.
- 4— 5. Antonio de Almeida.
- 4— 6. Maria de Almeida Pimentel.
- 4— 7. Maria de Almeida Taques.
- 4— 8. Joanna de Almeida.
- 4— 9. João de Almeida.
- 4—10. João Paes de Proença.

3—7. D. Branca de Almeida (pag. 88). Casou com Amaro Domingues Vidigal, natural de Sorocaba, filho de Braz Domingues Vidigal e de sua mulher Isabel Pedrosa (30). E teve dez filhos naturaes de Sorocaba.

- 4— 1. O padre Braz de Almeida. Falleceu afogado no rio dos Pinheiros.
- 4— 2. Thomé de Lara Vidigal, casou em Sorocaba. Sem geração.
- 4— 3. Lourenço Castanho Vidigal, casou em Sorocaba com filha de Gaspar Cubos Ferreira, de Itú. Sem geração.
- 4— 4. Giraldo Domingues Vidigal, casou em Sorocaba.
- 4— 5. Pedro Taques de Almeida.
- 4— 6. Miguel de Almeida.
- 4— 7. João de Almeida.
- 4— 8. Antonia de Almeida.
- 4— 9. Joanna de Almeida.
- 4—10. Maria de Almeida.

3—8. D. Francisca de Almeida (pag. 88). Casou com

(29) Cartorio de orphãos de Parnahyba. Inventario letra P. n. 261, o de Paulo de Proença.

(30) Camara episcopal de S. Paulo, auto de genere de Braz de Almeida.

Antonio de Proença de Abreu, natural de Parnahyba, filho do capitão Paulo de Proença de Abreu, e de sua mulher Maria Bicudo de Brito; de que tratámos já no numero 3—6. E teve naturaes de Sorocaba, oito filhos.

4—1. Thomé de Lara de Abreu, casado com D. Maria de Almeida, filha de Luiz Castanho de Almeida, e de sua mulher D. Isabel Paes. Em titulo de Laras, § 7.º

4—2. Antonio Pedroso. Casado com Isabel Soares, filha de Domingos Soares Paes, e de sua mulher Maria Leite da Silva.

4—3. Hieronimo de Almeida. Casado com Leonarda de Moura, filha de José Francisco, e de sua mulher Gertrudes de Moura.

4—4. Lourenço Castanho, casou com D. Theresa Diniz Ponce de Leon, irmã inteira do padre José Ponce Diniz, legitimos descendentes por linha recta sem quebra de bastardia de D. Gabriel Ponce de Leon, e de sua mulher D. Maria de Toralis; elle natural da cidade real de Guairá, provincia do Paraguay da corôa de Castella, filho legitimo do capitão Barnabé Contreras, e de sua mulher D. Violante de Gusmão; o que tudo consta do testamento com que falleceu em Parnahyba o dito D. Gabriel Ponce a 7 de Outubro de 1655, que se acha acostado aos autos de inventarios de orphãos da dita villa, letra G. n. 128. E camara episcopal de S. Paulo, auto de genere de José Ponce Diniz, letra I.

4—5. Anna de Proença de Almeida. Casou com Sebastião Monteiro de Carvalho, europeu.

4—6. Isabel de Proença. Casada em Sorocaba com Francisco Paes de Mendonça, natural do Algarve.

4—7. D. Luercia de Almeida. Casou com José de Barros Lima, que foi capitão-mór de Sorocaba, intendente e super-intendente, com jurisdicção no civil e

crime das minas de Parnampanema, natural da villa de Vianna, filho de Antonio Martins de Barros, e de sua mulher Francisca de Lima, ambos da dita villa. E teve dez filhos em Sorocaba.

5—1. João de Lima e Abreu, nobre cidadão de Sorocaba, onde tem servido de juiz ordinario, duas vezes até Janeiro de 1773, e foi juiz de orphãos triennial. Casado em Sorocaba com Antonia Paes de Camargo, filha de Matheus de Camargo e Siqueira. Em titulo de Camargos, cap. 1<sup>o</sup>. E tem até 1773 nove filhos que são :

José, Antonio, Francisco, Lucrecia, Maria, Maria, Maria, Anna e Eulabia? (Esta descendencia de D. Lucrecia é de letra estranha, mas emendada pelo autor).

5—2. Hieronimo José de Lima. Casou em Sorocaba com Maria Leite de S. Paio, sua parenta, filha de Antonio Rodrigues de S. Paio, descendente de D. Maria de Almeida Lara, retro em n. 3—5. Sem geração.

5—3. Vicente, que nasceu mudo e falleceu solteiro.

5—4. José de Lima Barros, solteiro em 1772.

5—5. Miguel de Lima Barros, idem.

5—6. Antonio de Lima Barros, idem.

5—7. D. Maria Bernarda de Lima. Casou em Sorocaba, com José de Camargo Paes, filho de Matheus de Camargo, supra n. 6—1.

5—8. D. Ursula de Almeida Lima. Casada com José Pereira da Silva, natural das Geraes, da familia do Dr. Salvador Pereira da Silva, ouvidor e corregedor da comarca de S. Paulo. Sem geração.

5—9. Anna de Almeida Lima, solteira.

5—10. Francisca de Almeida Lima, solteira.

4—8. Francisca de Almeida (filha ultima de D. Francisca de Almeida supra). Casou com Bento Soares.

3—9. D. Ignacia de Almeida (filha do capitão-mór Thomé de Lara pag. 88). Casou com Antonio Bicudo de Almeida, natural da Parnahyba. Em titulo de Bicudos. E teve quatro filhos.

4—1. Maria de Almeida Pimentel.

4—2. Thomaz de Almeida.

4—3. Anna de Almeida.

4—4. Escholastica de Almeida.

3—10. D. Luzia Leme (pag. 88). Foi casada com o coronel João Antunes Maciel, provedor que foi da real fazenda nas minas do Cuyabá. Dos grandes serviços que este paulista fez á real corôa, todos á custa da propria fazenda, e riscos da vida, constam no conselho ultramarino, por onde foram consultados em 1735, e subindo esta consultação á real presença sahiu despachada com a mercê de um habito de Christo com 40\$ de tença, e a propriedade dos officios de tabellião do judicial e notas da villa do Itú, e de escriptão da camara da mesma villa, além da tença de 100\$, durante a vida da viúva D. Maria Paes de Jesus, sua segunda mulher. O coronel João Antunes Maciel foi filho de João Antunes Maciel, e de sua mulher Joanna Garcia. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º do segundo matrimonio de Antonio Lourenço, n. 2—8 ao n. 3—1. E teve naturaes de Sorocaba dois filhos.

4—1. Miguel Antunes Carrasco, que teve o infeliz destino de perder a vida ás mãos do barbaro gentio *Payaguá*, na mesma occasião em que com muitos outros tambem pereceu o desembargador Antonio Alvares Lanha Peixoto, que de ouvidor do Cuyabá se recolhia para S. Paulo na mesma monção. E o gentio levou muitas arrobas de ouro, que, sem conhecer o seu valor,

as foi entregar aos castelhanos da cidade do Paraguay, com os quaes têm estes índios commercio.

4—2. D. Joanna Garcia, que foi casada com José Vieira Castanho, natural de S. Paulo, onde tem geração. Em título de Machados Castanhos.

3—11. D. Maria de Almeida Pimentel e Lara (pag. 88), que ainda existe n'este anno de 1764. Foi casada com Francisco Paes de Almeida, natural de S. Sebastião, filho de Francisco de Almeida Cabral, e de sua mulher D. Maria de Cacere, irmã direita do conego João da Veiga Coitinho, retro no n. 3—5, e teve naturaes de Sorocaba nove filhos.

4—1. Carlos Raphael de Almeida.

4—2. Francisco Paes de Almeida. Deixou o seu nome acreditado quando passou de soccorro a militar com as tropas de que era general o conde de Bobadella na divisão dos dominios portuguezes e hespanhóes, de que era commissario plenipotenciario. Está casado com Josepha de Moura, filha de Bernardino de Moura, tenente-coronel que foi do regimento de Sorocaba, provedor dos reaes quintos, super-intendente, e intendente da real capitação das minas de Paranapanema, e de sua mulher D. Gertrudes Paes. (Camara episcopal de S. Paulo, autos do genere do padre Francisco de Moura, 1760.)

4—3. D. Maria Paes de Almeida. Casou com Gabriel Antunes.

4—4. D. Isabel Maria de Almeida. Casou com João de Sousa Maciel. Sem geração.

4—5. D. Francisca Paes de Almeida. Casou com João de Macedo e Faro. Sem geração.

4—6. D. Bernarda de Almeida. Casou com João Vieira da Silva, natural da freguezia de S. Jorge de Lima de Selheiro, termo de Guimarães. Tomou juramento de familiar do santo officio em S. Paulo a 7 de Janeiro de

1766 por carta passada em Lisboa a 16 de Janeiro de 1764, registrada no livro 18 a 19 do dito mez pelo secretario André Cursino de Figueiredo. Foi capitão das ordenanças da freguezia de Ararituaba, do regimento de Itú, e provedor do registro do ouro das minas do Cuyabá na mesma Ararituaba; filho de Mathias Vaz e de sua mulher Antonia da Silva (auto de genere do padre Thomé Vieira e Fernando Vieira na camara episcopal de S. Paulo). E tem sete filhos, naturaes de Sorocaba.

5—1. O padre Thomé Vieira de Almeida Lara, que em 1764 estava vigário das minas de Apiahy. Existia em 1792 em um sitio rio abaixo da freguezia de Ararituaba.

5—2. O padre Fernando Vieira da Silva.

5—3. Francisco da Silva Guimarães.

5—4. João de Almeida da Silva.

5—5. D. Joanna da Silva e Almeida, casada com João Alves de Araujo, natural da freguezia de S. Payo de Moreira dos Conegos, termo da villa de Guimarães, filho de Domingos Alves e de sua mulher Marianna Vieira, ambos da mesma freguezia.

5—6. D. Marianna da Silva.

5—7. D. Anna da Silva Lara.

4—7. D. Isabel Maria da Annunciação. Está casada com Vicente dos Santos Chaves, natural da villa de Santos (irmão inteiro do M. R. Fr. Luiz do Nascimento, religioso franciscano, que foi guardião na ilha de S. Sebastião), filho de João Fernandes Chaves, natural da villa de Chaves, e de sua mulher Maria Machado, natural de S. Paulo; neto por parte materna de Thomaz Ferreira, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Hieronima Fernandes, natural de S. Paulo; e pela parte paterna neto de Domingos Fernandes e de sua mulher Isabel Gonçalves, ambos do lugar de Ciara-Velha, termo da villa de Chaves. Em titulo de Machados Castanhos, cap. IV, § 1.º. E teve onze filhos.

- 5— 1. Luiz dos Santos.
- 5— 2. José dos Santos.
- 5— 3. João dos Santos.
- 5— 4. Francisco.
- 5— 5. Maria.
- 5— 6. Joanna.
- 5— 7. Anna.
- 5— 8. Isabel.
- 5— 9. Escholastica.
- 5—10. Cordula.
- 5—11. Flora.

\* 4—8. D. Thomazia de Almeida Lara. Foi casada com Estevão Raposo da Silveira. Em título de Raposos Silveiras, cap. III. E teve duas filhas.

5—1. D. Bernarda Raposo da Silveira, que casou com Thomé de Alvarenga, e foram dispensados no impedimento de consanguinidade. Vide retro n. 3—1 a n. 4—3.

5—2. D. Maria Raposo da Silveira, casou em Sorocaba com Antonio...

4—9. D. Angela Paes de Almeida, casada com José Loureiro da Silva, natural de Valengo, freguezia de S. Mamede. Em título de Arrudas, cap. II, § 1°, n. 3—1, por ser irmão do sargento-mór Antonio Loureiro da Silva. E teve cinco filhos, naturaes de Sorocaba.

- 5—1. Francisco.
- 5—2. Maria.
- 5—3. Anna.
- 5—4. Isabel Maria.
- 5—5. Gertrudes.

SEGUNDO CASAMENTO DO CAPITÃO-MÓR THOMÉ DE LARA E  
ALMEIDA, PAG. 88

3—12. Lourenço Castanho de Campos, falleceu solteiro em Cuyabá.

3—13. Francisco Cardoso de Almeida Campos, falleceu solteiro em Sorocaba.



3—14. Thomé de Lara Campos. Existe na sua fazenda em Ararituaba, e tem servido os honrosos cargos da república de Itú, onde deu acreditadas mostras da sua rectidão, prudencia, etc. Está casado com D. Maria de Almeida, filha de João de.... e de sua mulher Maria Soares de Godoy.

3—15. D. Gertrudes de Almeida Campos. Casou duas vezes: a primeira com Lourenço Leme da Silva, que, por culpas que lhe accumulou a inveja de um Sebastião Fernandes do Rego, morreu degolado em alto cadafalso na Bahia. Sem geração. Segunda vez casou D. Gertrudes de Almeida Campos com Antonio João de Medeiros (irmão inteiro de D. Antonia de Medeiros Cabral, mulher de Floriano de Toledo Piza; n'este capitulo, § 3º, n. 3—9, e em titulo de Rendons, cap. I, § 1º, n. 3—6 a n. 4—2) que falleceu em Cuyabá. Sem geração.

3—16. D. Maria de Campos, foi casada com João de Godoy, natural de Itú. Sem geração.

*(Continúa)*

# REVISTA TRIMENSAL

DO

## INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

2º TRIMESTRE DE 1870

---

### NOBILIARCHIA PAULISTANA

#### GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuação da pag. 112 do 1º trimestre)

---

#### § 5.º

2—5. Diogo de Lara e Moraes, cidadão de S. Paulo, passou a viver na cidade do Rio de Janeiro a occupar o emprego de commissario da junta das fragatas de el-rei, em que soube estabelecer tal nome, que sendo passados muitos annos ainda existe plausivel memoria da sua recta administração, honra e zelo. Foi casado em S. Paulo com D. Isabel de Godoy, filha de João de Godoy Moreira e Eufemia da Costa Motta. Em titulo de Godoy cap. 4º § 11, com sua descendencia.

#### § 6.º

2—6. Antonio de Almeida (filho de Lourenço Castanho e D. Maria de Lara, pag. 14) cidadão de S. Paulo, fez estabelecimento e assento no sitio de Araraçariguama, termo

da villa da Paruahyba, em cuja republica serviu de juiz ordinario e orphãos, e n'ella teve grande respeito e igual veneração. Casou em S. Paulo com D. Potencia Leite do Prado, que depois foi casada com Sebastião Pinheiro Raposo, filha de Paschoal Leite de Miranda e D. Anna de Ribeira. Em titulo de Mirandas cap. 3º § 5º. Falleceu D. Potencia Leite com testamento a 30 de Outubro de 1709. ( Cartorio de orphãos de Parnahyba, maço de inventarios n. 446. ) E teve 2 filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. D. Maria de Lara.

3—2. D. Anna de Ribeira Leite.

3—1 D. Maria de Lara foi uma das matronas do maior respeito, que venerou a patria : teve claro juizo, excellente advertencia e affavel genio. Tolerou os contratempos da adversa fortuna nos ultimos annos da sua avançada idade com virtuosa resignação e soffrimento ; porque, tendo sido a sua casa uma das maiores na abundancia dos cabedaes de muito ouro, de muita prata, de muita escravatura, a falta dos bens em prazos, como na Europa, lhe roubou a grandeza em que se viu tão opulenta ; porque o mesmo tempo lhe foi consumindo os cabedaes na opulencia do tratamento. Foi casada com João Raposo da Fonseca Leme, irmão inteiro de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, que na ausencia de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e general de S. Paulo, para o Cuiabá em 1727, ficou governador interino da mesma capitania de S. Paulo. Em titulo de Raposos Tavares § 4º. João Raposo da Fonseca falleceu em 1703. ( Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 421. ) E D. Maria de Lara Leite falleceu em 1757, e jaz na capella dos terceiros do Carmo de S. Paulo dentro do arco ao pé do presbyterio da parte do Evangelho. E teve dois filhos.

4-1. D. Anna de Ribeira Leite, que foi casada com seu tio o capitão-mór José de Goes e Moraes, como temos tratado n'este capitulo 3º § 3º, com sua descendencia.

4-2. Antonio de Almeida Lara, que acompanhando a seu padraсто Sebastião Pinheiro, encontrou com elle no Rio das Contas tanta cópia de ouro em pó, e bruto de folhetas, que se avaliou a grandeza em muitos quintaes de arrobas. D'este descobrimento tratámos em titulo de Raposos Tavares § 2º, e seu infeliz successo, Antonio de Almeida Lara, por se apartar do padraсто na derrota que levava para a cidade da Bahia, só por querer vir a S. Paulo ver sua mãe, para depois ir encorporar-se com aquelle, embarcando para a Bahia: gozou da vida que havia de perder pela horrorosa conjuração que estava formada e se verificou na de Sebastião Pinheiro, que a perdeu no mesmo sertão da Bahia. Estando em S. Paulo Antonio de Almeida que tinha levado a sua mãe duas arrobas de ouro, e tinha deixado em poder do padraсто mais de oito arrobas, teve esta infausta noticia da mortandade que fizeram os aggressores, que levaram todo o grosso cabedal de quintaes de ouro. Foi isto um grande golpe para sua mãe, que viu cortadas as esperanças que tinha elle de passar com seu cabedal a Portugal, e alli tomar estado, e estabelecer-se.

Descobertas as minas do Cuyabá, foi para ellas Antonio de Almeida Lara, onde ainda encontrou propicia a fortuna, porque, estando na sua fazenda assás populosa da Chapada, n'ella viveu com o maior respeito, que outro algum nacional ou europeu o competiu. Gastou cabedaes grandes no serviço do rei, de que na camara d'aquella villa do Cuyabá existem os documentos. O seu tratamento foi sempre igual á sua distincta qualidade; porque em tempo que para ir ao Cuyabá um cavallo se conduzia embarcado em canôa, desde

o porto de Ararytaquara até as minas, e por isso se reputavam por preço exorbitantes, Antonio de Almeida os possuía muito bons. Foi prodigo: actualmente tinha a sua casa cheia de hospedes, amigos, parentes e estranhos, no que consumia grande somma de ouro; porque no Cuyabá sempre os viveres custaram excessivos preços; e basta para prova que houve anno, em que um frasco de vinho custava dez oitavas de ouro, que em dinheiro são 15\$000. Emfim, as grandes despezas que elle fazia, fez com que na decadencia das ditas minas viesse a reduzir-se a empenhos taes que, deparando-lhe a fortuna o acerto que encontrou por casualidade, lhe não utilisou tanta grandeza. Montado em um formoso bruto muito valente, indo de jornada para o novo descobrimento de Mato-Grosso, de repente tropeçou o cavallo, e se foi abaixo. Estranhou a novidade o cavalleiro por ter experiencia das forças d'aquelle animal, e, saccando-se da sella, e examinando em terra a causa da violenta quédá, achou um escondido thesouro de ouro bruto; porque o cavallo havia posto o casco de uma mão em cima de uma aguda folheta, que já estava na superficie da terra. N'aquelle mesmo lugar estava toda a grandeza de folhetas não pequenas; de sorte que alli logo chegaram os escravos, que vinham na marcha, e dentro da tarde d'aquelle dia se extrahiram algumas arrobas de ouro, de cujo Batatal (assim se ficou chamando, por serem as suas folhetas semelhantes a este legume) veio em breve tempo a extrahir acima de onze arrobas todo de folhetas.

Recolhido para o Cuyabá e fazenda da Chapada, mandou affixar cartazes, em que avisava a todos a quem fosse devedor viessem, ou mandassem receber as quantias de que eram credores. Assim se verificou admirando aos povos o animo d'este paulista, que, vivendo tão empenhado, gostosos lhe fiavam os commerciantes tudo quanto mandava bus-

car á suas cascas. Logrou de grande respeito, que lhe conciliaram, não só as suas bellas qualidades e tratamento, mas os importantes empregos que occupou, e acabou em patente de brigadeiro. Nunca casou, porque estando justo para casar com sua prima D. Leonor, filha de Thimoleo Corrêa de Góes, terceiro provedor e contador proprietario da fazenda real, se desvaneceu este intento pela demora que teve no Cuyabá, aonde falleceu.

O brigadeiro Antonio de Almeida Lara foi de muita autoridade no Cuyabá. Foi eleito juntamente com o capitão-mór Antonio José de Mello para almotacel na erecção da villa do Cuyabá ao 1º de Janeiro de 1727, tendo elle o posto de tenente-coronel. Em 1729 já era brigadeiro, e foi eleito juiz mais velho da mesma villa.

Foi-lhe passada patente de regente e governador militar d'aquellas minas, pelo general de S. Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, e n'esta qualidade mandou publicar muitos bandos em diversos tempos, como consta tudo do L. 2º de registros da camara do Cuyabá, fl. 14, fl. 36 e para diante. E tambem do L. 1.º de registros a fl. 21, e do das vereanças, fl. 2, etc.

3—2. D. Anna de Ribeira Leite (pag. 138). Foi casada com Antonio Pedroso de Barros. Em titulo de Mesquitas, § 8º. E teve filha unica.

4—1. D. Potencia Leite de Barros, que sendo casada com o sargento-mór Bento de Toledo Castelhanos falleceu sem geração. Em titulo de Toledos, cap. 1º, no 2º matrimonio de João de Toledo com D. Anna do Canto de Mesquita.

### § 7º

2—7. O padre José Pompêo de Almeida, (pag. 14) clérigo secular. Foi á côrte de Lisboa tomar ordens por falta

de bispo, que ainda então não havia no Rio de Janeiro. Esse padre se afastou inteiramente da urbana civilidade que praticavam seus irmãos. Teve genio desconfiado e altivo. vivia na opulencia dos bens patrimoniaes, e sempre retirado. N'este desconcerto lavrou o seu precipicio, posto que n'elle mereceu a contricção para alcançar a divina misericordia, como piamente cremos. Estando em S. Paulo o 1.<sup>o</sup> bispo do Rio de Janeiro D. José de Barros de Alarcão, capacitando-se o padre Pompêo que nem ao prelado devia tributar obediencia, até ao ponto de romper no temerario desafogo de que S. Ex. não era capaz de o ter por subdito, não aceitou as suas suaves admoestações; e finalmente nem attendeu ás fraternaes rogativas com que o mesmo piedoso prelado o chamava ao seu agrado, quando soube da tenção do padre Pompêo, que tambem desprezou os repetidos conselhos, e grandes instancias, que lhe faziam os seus dois irmãos Lourenço Castanho Taques e Pedro Taques de Almeida, e mais parentes, para o apartarem de tão errada e perigosa resolução. Porque intentava passar-se ás Indias de Hespanha, seguindo a navegação do rio Tietê até dar ao Rio Grande, e por elle abaixo até tomar a barra de outro rio, que vai acabar em terras do estreito do barbaro gentio *Cavalleiro*, e d'alli fazer tranzito até á cidade do Paraguay. Levado pois dos impulsos da sua arrogancia, foi promptificar canoas, mantimentos, polvora, bala, cães de caça, pilotos e praticos da navegação dos rios pelas difficultosas cachoeiras que tinha de passar; e embarcou finalmente na sua frota de canoas sem mais amigos, nem parente algum, e só com os seus escravos e alguns *Carijós*, seus administrados que serviam de pilotos, praticos e remeiros. Distante de S. Paulo, com viagem de mais de 60 dias, tomou uma ilha, das



muitas que tem o Rio Grande, e em cada uma das quaes habitam feras, como são onças pardas e tigres; posto que tambem têm muita caça, como são: porcos, antas e veados. N'ella se achava, quando por occulta Providencia Divina se uniu a gente de toda aquella comitiva em um só voto; e, dispostas as cousas para a funesta resolução, fugiram todos nas mesmas canoas, levando os cães; de sorte que, quando acordou o padre Pompeu, se achou só em uma ilha, da qual de nenhum modo podia sacar-se. Conjectura-se que viveu por muitos dias, por ter o sustento nas frutas agrestes de uma grande arvore chamada jatobá; e porque tambem quando, passados annos, se deu com o lugar de sua morte e ossos d'aquelle cadaver, se observou uma quasi valla na superficie da terra do comprimento de 40 palmos, que se entendeu a formára o continuo passeio, que tinha o dito padre todo o tempo que lhe durou a triste vida. O certo é que podemos considerar que o padre Pompêo, posto n'esta triste situação, perto de acabar ou ao rigor de alguma fera ou de fome, faria grandes actos de contricção para alcançar a divina misericordia, que lhe deporou ministro para o confessar na hora da morte. O caso refere o autor da *Vida do padre Belchior de Pontes* da companhia de Jesus, no cap. 29, fl. 181 e seguintes, que nós aqui contamos da mesma fórma. O veneravel padre Belchior de Pontes, que foi varão de candura innocente, adornado de heroicas virtudes, que constam do livro da sua vida, impresso em Lisboa em 1751, residia superior de uma das aldeas do collegio de S. Paulo. Em um dia vindo o dito padre para o collegio acompanhado de alguns indios, chegando a uma pequena mata ou bosque, junto ao rio de Pinheiros, se apeou do cavallo em que vinha montado, e disse aos seus indios que alli o esperassem. Metteu-se no bosque, e tar-

dando muito na sabida d'elle, temeram os índios não tivesse acontecido algum repentino accidente ao seu superior. Penetraram a espessura toda, e não encontrando n'ella o padre clamaram á vozes, chamando-o; e, depois de sahirem ao campo e não avistando a quem buscavam, capacitaram-se que o padre já vinha adiantado, porque muitas vezes para andar a pé fazia d'estas venidas. Chegaram os índios ao collegio, e não achando n'elle o padre Belchior de Pontes, informaram aos padres do acontecido. Não causou cuidado algum a relação dos índios, porque das virtudes de Pontes havia já grandes provas entre os seus religiosos e estranhos, e esperavam que logo chegasse. Assim succedeu: chegou o padre Pontes arrimado ao seu bordão e muito socegado. Perguntou-lhe o reitor de d'onde vinha, pois que os índios tanto se tinham adiantado. Respondeu sinceramente que tinha ido ao sertão do Rio Grande confessar ao padre José Pompêo; que, desamparado de todo a sua comitiva em uma ilha acabava sem confissão. Passaram-se alguns tempos, e correu a voz da morte do padre Pompêo; e o padre reitor mandou ao padre Pontes que fosse consolar aos irmãos do morto, que lamentavam semelhante infelicidade. Assim o fez o dito padre, procurando ao capitão-mór Pedro Taques de Almeida e a Lourenço Castanho Taques, aos quaes consolou com a certeza que lhes deu de que o padre Pompêo ainda que desamparado, morrêra confessado, e contrito de suas culpas. Depois chegando uma tropa a examinar aquella ilha (tinha sahido de S. Paulo a conquistar gentios), acharam ao pé de uma grossa e corpulenta arvore de jatobá um breviario sobre um altar feito de varas, e junto ao mesmo altar uma sepultura pouco funda, mas bem povoada de ossos. Registando-se mais aquelle lugar, viram na casca de um péo este letreiro: « Aqui jaz en-

terrado o padre José Pompêo, confessado pelo padre Pontes. » Este foi o infeliz ou venturoso fim que teve o soberbo e desconfiado genio do padre Pompêo pelos annos de 1681.

§ 8º

2—8. D. Anna de Proença (filha de Lourenço Castanho Taques e D. Maria de Lara). Casou duas vezes. Primeiro, com Pedro Dias Leite, irmão inteiro do governador Fernando Dias Paes. Em titulo de Lemes, cap. 5º. E segunda vez casou em Parnahyba, com Manoel de Brito Nogueira, natural da cidade de Lisboa (filho de Pedro Frazão de Brito, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Antonia Cabral) que falleceu em Parnahyba a 19 de Dezembro de 1693, com testamento em que declarou a sua naturalidade, e quem foram seus pais, e tambem expressou que o dito seu pai fôra commendador da ordem de Christo (Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 452). E Pedro Dias Leite falleceu em S. Paulo com testamento a 16 de Março de 1658 (Cartorio de orphãos de S. Paulo letra P, maço 1º de inventarios, n.13.) Do primeiro matrimonio teve quatro filhos, do segundo dois.

1.º MATRIMONIO

- 3—1. D. Maria Leite da Silva.
- 3—2. D. Anna de Proença.
- 3—3. D. Francisca Taques de Proença. Falleceu solteira.
- 3—4. Antonio. Falleceu menino.

2.º MATRIMONIO

- 3—5. Pedro Frazão de Brito.
- 3—6. D. Theresa de Brito Cabral.

3—1 D. Maria Leite da Silva, natural da villa de Parnahyba. Foi casada duas vezes: primeiro com Antonio Pedroso

de Barros, que no baptismo se lhe pôz o nome de Salvador; filho de Antonio Pedroso de Barros e de D. Maria Pires de Medeiros. Em titulo de Pedrosos Barros, Cap. 2.º § 2.º.—Segunda vez casou com o coronel Garcia Rodrigues Velho, que foi irmão inteiro de D. Maria Garcia, mulher do governador Fernando Dias Paes Leme. Em titulo de Betim, cap. 2.º Do 1.º matrimonio teve uma filha.

4—1. D. Maria Pires da Silva, casou com Nuno de Campos. Em titulo de Campos, cap. 7.º com sua descendencia.

E do 2.º matrimonio teve tres filhos naturaes da villa de S. João de Atibaya.

4—2. José Rodrigues da Silva, que falleceu nas Geraes. Sendo casado á força de armas por sér apanhado com certa menina, teve o cruel animo de afogal-a em um atoleiro.

4—3. D. Isabel de Proença, que foi casada com Francisco de Oliveira Vargas, natural do Rio de Janeiro, sem geração.

4—4. D. Maria Leite de Jesus. Existe beata no recolhimento de Santa Theresa, a quem fez doação dos seus bens, com mais de 84 annos de idade.

3—2. D. Anna de Proença. Foi moradora na sua fazenda chamada da Lapa, nas margens do rio Tieté, onde falleceu, e foi casada com Estevão Forquim Francez, natural de S. Paulo, filho de Estevão Forquim, e de sua mulher Maria da Luz. Em titulo de Forquim, cap. unico, § 2.º E teve sete filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. D. Maria Leite de Proença. Falleceu nas minas da Meia Ponte. Casou em S. Paulo com Braz Lopes de Miranda; e teve uma filha, D. . . . . que existe casada com Gregorio da Silva Bayão, nas mesmas minas.

4—2. D. Theresa Leite, que existe em 1763. Casou com João da Silva Leme.

4—3. Pedro Dias Leite, que foi casado com D. Isabel de Sá e Moraes, filha de Manoel de Sá, professo e commendador da ordem de Christo, e D. Anna de Moraes Navarro. Em titulo de Moraes. Sem geração.

4—4. Francisco Leite, que falleceu solteiro.

4—5. Claudio Forquim Leite, que falleceu em Sorocaba em Janeiro de 1764. Casou com Barbara de Arruda, filha de Paschoal de Arruda Botelho. Em titulo de Arrudas, cap. 2º § 5º com sua descendencia.

4—6. Antonio Leite de Proença.

4—7. Bernardo Forquim dos Santos. Falleceu em 1755 (Cartorio de Parnahyba, inventario n. 684 de Bernardo Forquim). Casou em Parnahyba com Maria do O de Lara, filha de Braz de Almeida Lara, e de sua mulher Paschoa do Rego que falleceu com testamento no 1º de Setembro de 1716, natural de Parnahyba, e filha de Bento do Rego Barregão, e de sua mulher Maria de Oliveira Diniz, como consta do testamento da dita Paschoa do Rego no cartorio da ouvidoria de S. Paulo, testamentos dos residuos, letra P. E teve sete filhos.

5—1. Paschoa Leite Forquim, casou com Carlos Pedroso de Araujo, natural de S. Vicente, filho do capitão José de Araujo Guimarães. Em titulo de Pedrosos Barros, cap. 6º § 1º n. 32.

5—2. D. Anna de Proença Leite.

5—3. Maria de Lara Leite.

5—4. Francisco Leite Forquim.

5—5. Claudio Forquim.

5—6. D. Escholastica Leite (Cega).

5—7. Bernardo Forquim Leite.

3—5. Pedro Frazão de Brito (pag. 165), que com patente de D. Braz Balthasar da Silveira, confirmada por el-rei, foi capitão-mór regente das minas do Ribeirão do Carmo,

para onde sahi de Parnahyba, onde teve sempre as redeas do governo, e fez assento na villa do Ribeirão do Carmo, onde pelo seu grande prestimo e tratamento de cavalheiro tão distincto logrou grande respeito. Foram-lhe propicias as ditas minas. N'ellas falleceu com testamento a 14 de Fevereiro de 1722. (Cartorio de orphãos de Parnahyba, maço de inventarios, o do capitão-mór Pedro Frazão de Brito, n. 537.) Foi casado com D. Isabel Bueno da Silva, filha de Simão Bueno da Silva e de sua mulher Catharina Pedrosa. Em titulo de Buenos, cap. 2.<sup>o</sup> § 2.<sup>o</sup> E teve sete filhos naturaes de Parnahyba.

4—1. Guilherme Pompêo de Brito, que existe em 1763, casado com Joanna de Marins, natural de Parnahyba, filha de Paulo de Aguiar Lara, natural da villa de S. Vicente, e de sua mulher Maria de Brito Silva. Neto por parte paterna de Manoel Aguiar de Marins, e de sua mulher Catharina de Lara. E pela materna de Gaspar de Brito Silva, natural da villa de Santos, e de sua segunda mulher Joanna de Almeida Neves. Em titulo de Almeidas Neves. (Cartorio de orphãos de Parnahyba, maço de inventarios n. 510. Paulo de Aguiar Lara. E n. 422, inventario de Gaspar de Brito Silva). Sem geração.

4—2. Francisco de Brito Xavier, falleceu solteiro.

4—3. Pedro Frazão de Brito. Casou na freguezia de Mogy-Guassú, em 1740, com Isabel da Fonseca, natural de Mogy das Cruzes, filha de Manoel Dias Delgado, e de Leonor Jorge Moreira, natural de Taubaté, e elle natural de Mogy das Cruzes. Neta materna de Juliana Antunes Cardoso, e de Sebastião da Fonseca Pinto, natural de Mogy. Em titulo do Godoy. E tem nove filhos naturaes de Mogy-Guassú.

4—4. Manoel de Brito Nogueira.

4—5. Simão Bueno da Silva, falleceu nas campanhas do Rio-Grande de S. Pedro do Sul.

4—6. D. Anna de Proença. Existe casada com Isidoro Pinto de Godoy. Em titulo de Godoy, cap....

4—7. D. Theresa Bueno da Silva, moradora na freguezia de Mogy-Mirim, casada com Antonio da Silva Fortes.

3—6. D. Theresa de Brito ( pag. 165. ) Foi casada com Manoel de Moraes Siqueira, irmão inteiro do padre João de Moraes Navarro. Em titulo de Moraes, cap. 2.º § 8º n. 3—5, com sua descendencia.

§ 9.º

2—9. D. Branca de Almeida (filha do Lourenço Castanho Taques, pag. 14) falleceu em S. Paulo com testamento a 7 de Janeiro de 1714. Foi casada com João Pires Rodrigues, cidadão e natural de S. Paulo, onde serviu todos os cargos da republica. Foi paulista de muita veneração, chamado por antonomazia — Pai da Patria — pelo grande zelo que mostrou sempre pelos interesses do bem publico d'ella. Foi filho de João Pires, protector dos padres jesuitas para serem restituídos aos seus collegios de S. Paulo e Santos pelos annos de 1653, que até então se conservaram fóra d'elles depois de expulsos em Junho de 1640, cuja noticia tratamos na *Historia de S. Paulo*. Falleceu João Pires Rodrigues com testamento a 20 de Agosto de 1708. Foi sepultado no seu jazigo da capella mór do collegio de S. Paulo, que foi concedido a seu pai João Pires para si e todos os seus descendentes pelo padre geral Hyeronimo Richt em Outubro de 1658. Em titulo de Pires, cap. 6.º E teve do seu matrimonio 12 filhos, como consta dos testamentos e inventarios que se acham no cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4º, letra I, inventario de João



Rodrigues, mago 1º, letra B. inventario de D. Branca de Almeida.

- 3—1. Lourenço Pires.
- 3—2. João Pires Rodrigues.
- 3—3. Francisco de Almeida Lara.
- 3—4. Pedro Taques Pires.
- 3—5. José Pires de Almeida.
- 3—6. Salvador Pires de Almeida.
- 3—7. D. Anna de Proença.
- 3—8. D. Maria de Lara.
- 3—9. D. Francisca de Almeida.
- 3—10. D. Mecia Rodrigues.
- 3—11. D. Isabel de Almeida.
- 3—12. D. Anna Maria de Almeida.

3—1. Lourenço Pires, falleceu solteiro.

3—2. João Pires Rodrigues, cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da sua republica. Foi adornado de virtudes moraes, sendo a da affabilidade e caridade a em que mais resplandecia. Foi muito temente a Deus, e soube praticar em todo o tempo da sua vida uma inteira verdade, sem a menor discrepancia nos seus negocios, porque a sua palavra sempre foi firme. Casou em S. Paulo a 17 de Fevereiro de 1700, com Isabel Bueno, natural de S. Paulo, filha de Bartholomeu Bueno, e de sua mulher Isabel de Freitas. Em titulo de Camargos, cap. 7º § 1º n.3—4. Falleceu em Goyazes. Teve oito filhos naturaes da freguezia do Juquary:

4—1. Francisco Pires. Existe em 1764, solteiro, no Serro do Frio.

- 4—2. Bento Pires. Falleceu e deixou uma filha.
- 4—3. João Pires. Solteiro.
- 4—4. Bartholomeu Bueno. Falleceu solteiro.
- 4—5. Manoel Bueno. Solteiro.
- 4—6. Antonio Bueno de Almeida. Solteiro.
- 4—7. D. Maria Bueno. Falleceu solteira.
- 4—8. D. Escholastica Bueno. Falleceu solteira.

3—3. Francisco de Almeida Lara, cidadão de S. Paulo e na villa de Itú, onde fez assento. Foi bem conhecido pelo ardor do genio em castigar os seus escravos e doutrinar os filhos, por cujo rigor foi tratado com a alcunha de *Caga-fogo*. Porém quanto foi aere para os castigos familiares, tanto mais foi docil para a civilidade do trato; conservou respeito sem a nota de soberbia, porque soube unir os dois extremos de soberania e affabilidade. Avançado já em annos passou para as minas de Paracatú, que foram as de maior grandeza que se descobriram no sertão que fica entre o de Goyazes e o das Geraes. Alli consumiu bom cabelal em exercitar muitos actos de caridade, e alli falleceu, estando casado em Itú com D. Maria Leme, natural da mesma villa, filha de Francisco Leme da Silva (31) e de sua mulher D. Isabel de Anhaya, ambos naturaes da dita villa, onde falleceu ella com testamento a 2 de Dezembro de 1712. Neta por parte paterna de Domingos Leme da Silva, que teve fazenda em Jagoapuraba, e de sua mulher Francisca Cardoso. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1.<sup>o</sup> § 2.<sup>o</sup> do 2.<sup>o</sup> matrimonio de Antonio Lourenço. E pela parte materna neta de Sebastião Pedroso Bayão, natural de S. Paulo, e de sua mulher Florencia Corrêa, a qual foi filha de Serafino Corrêa, natural da villa de Guimarães, e de sua mulher Isabel de Anhaya. Em titulo de Anhayas. E teve cinco filhos naturaes de Itú:

4—4. Francisco de Almeida Lara, que existe, casado na villa de Itú com Isabel de Arruda. Em titulo de Arrudas, cap. 2.<sup>o</sup> § 4.<sup>o</sup> n. 2—10.

4—2. João Pires de Almeida. Falleceu em Goyazes.

4—3. D. Branca de Almeida, existe viuva de Carlos de Araujo Gomes. Sem geração.

(31) Em titulo de Lemes, cap. 2.<sup>o</sup> § 6, n. 3—3

4—4. José Pires, que existe em 1767, morador no Serro do Frio, casado com D....

4—5. D. Isabel, que falleceu solteira em 1771.

3—4. Pedro Taques Pires, cidadão de S. Paulo, onde serviu repetidas vezes os cargos da republica. Falleceu com testamento em S. Paulo a 9 de Março de 1760. Foi verdadeiro herdeiro das moraes virtudes de seu pai, e avô João Pires Rodrigues; de tal sorte que até soube merecer com geral applauso dos moradores de S. Paulo o cognome de — Pai da Patria —, que inteiramente soube desempenhar em todas as occasiões do bem publico d'ella. Foi de animo constante para se não deixar vencer dos effeitos da lisonja ou do temor contra as materias do real serviço e do bem commum da patria, que na verdade muito lhe mereceu. Em 1737 soube com honrosa resolução desempenhar o conceito, que tinha adquirido de verdadeiro cidadão, quando á custa de um grande tropel, que lhe urdiu o odio e a injustiça, soffreu constante a injuria de uma prisão, albêa do seu grande merecimento pela iniquidade da sua causa. Teve esta origem no desaforo da vingança pela liberdade e desembaraço com que embargou no dito anno a posse dos officiaes que, para servirem na camara da mesma cidade, tinham sabido de barrete, contra toda a disposição do regio alvará, concedido por privilegio ás duas familias de Pires e Camargos da dita cidade, onde o dito alvará é a lei que se observa para a factura das eleições triennaes e as de barrete. Fundou-se o direito da causa de embargo (porém a repugnancia foi melindroso escrupulo, não sei de que accidente de mecanismo, contra um dos officiaes eleitos), pelo despotismo com que o Dr. João Rodrigues Campelo ouvidor e corregedor da comarca havia procedido na eleição de barrete com total atrevimento de não observar o regio alvará, que n'esta occasião foi posto em total desprezo;

porque o corregedor mancomunado com os da sua parcialidade fez corpo de união para que os votos superassem aos do partido da familia de Pires e Camargos. Com effeito sahiram por vereadores de barrete Bartholomêo de Freitas Esmeraldo, moço fidalgo e professo da ordem de Christo, André Alves de Crasto, cavalleiro fidalgo e professo da ordem de Christo, e Francisco Pinheiro e Cepeda. Como todos estes não eram das familias dos Pires ou dos Camargos, nem ainda por alliança de casamentos, pugnou pelo cumprimento do real alvará Pedro Taques Pires. Posta a questão da duvida em tela judiciaria, foram rejeitados os embargos, e Taques interpôz agravo para a relação do Estado. Antes de decidida a causa procedeu por meio extraordinario o mestre de campo João dos Santos Ala, governador da praça de Santos (então interino da comarca de S. Paulo, pela ausencia do general d'ella o conde de Sarzedas) a favor das duas familias prejudicadas, em observancia do mesmo alvará d'el-rei D. Pedro II. Confirmado por el-rei D. João V, que determina a todos os governadores e generaes o façam guardar inviolavelmente. Como o estrepito das armas jámais conseguiu boa harmonia, com a suavidade das letras, temeram os vereadores (que já tinham tomado posse) o effeito de uma prisão, no que já lhes não podia valer o corregedor, e por isso se refugiarão a lugar sagrado. Sustentava Pedro Taques Pires constantemente os embargos, porém, prevalecendo a vingança contra a razão, formaram-lhe taes culpas os parciaes do corregedor, que foi preso o inuocente Pedro Taques. D'ellas se livrou, e obteve sentença de absolvição quando já a lima do tempo tinha consumido as memorias que acenderam o fogo na officina da maldade. Porque chegado a S. Paulo Gomes Freire de Andrada em Novembro de 1737, que ia tomar posse d'aquelle governo por morte do conde de Sarzedas,

e informado da innocencia de Pedro Taques Pires, foi o instrumento para que se serenasse esta tempestade. No mesmo tempo chegou a sentença da remuneração do Estado que restituia aos seus cargos os tres vereadores, que ainda serviram os mezes de Novembro e Dezembro d'aquelle anno de 1737.

Pedro Taques serviu de juiz ordinario repetidas vezes, e sabia eleito pela uniformidade dos votos juiz de orphãos triennal da mesma cidade, sua patria; porém, pesando na balança da sua boa consciencia o onus d'este officio, achou que era menos o desprezo da vaidade que o desvanecimento da occupação; e com este conhecimento se eximia de ficar responsavel a tantos encargos. Casou com Maria de Arruda, que falleceu com testamento a 29 de Janeiro de 1721: (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 6º de inventarios, letra M.) filha de Francisco de Arruda Sá. Em titulo de Arrudas, exp. 1º § 8º, com sua descendencia.

3 — S. José Pires de Almeida (pag. 170), cidadão de S. Paulo, onde serviu os honrosos cargos da republica. Foi um dos capitães de cavallos do regimento auxiliar de minas de Villa-Boa de Goyazes, que creou D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general de S. Paulo, quando passou áquellas minas a fundar e levantar villa. Passou para a grandeza das minas de Paracatú, onde não lhe foi menos favoravel a fortuna. E por acompanhar a sua filha D. Branca, mulher do capitão Felisberto Caldeira Brant, passou para o Serro do Frio, cujos diamantes havia arrematado por contrato de Sexenio dito Caldeira (que depois de tanta grandeza e de fazer uma figura extraordinaria em Minas-Geraes acabou pobre em Lisboa, depois de uma dilatada prisão); falleceu no mesmo Serro, para onde tinha feito conduzir sua mulher D. Maria de Arruda, com quem casou na matriz de S. Paulo ao 1º de Julho de 1709; filha de João de Macedo.

Em título de Arrudas, cap. 1º § 6º n. 23, com sua descendência. Note-se porém que o assento d'este casamento nos livros da matriz de S. Paulo, se acha formado com erro conhecido por engano do Rev. parócho, que o formou; porque, devendo declarar a D. Maria de Arruda por filha de João de Macedo, e de sua mulher D. Francisca de Godoy e Gusmão, diz o assento ibi « filha de Balthasar de Godoy e de sua mulher D. Victoria Barbosa », o que foi e é erro que reconhecemos, porque estes não foram os pais de D. Maria de Arruda, mas sim seus avós por parte materna.

3—6. Salvador Pires de Almeida, cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica. Foi casado com D. Anna de Toledo Canto. Sem geração. Em título de Toledos, cap. 1º do 1º matrimonio.

3—7. D. Anna de Proença, que falleceu com testamento a 10 de Maio de 1712 (cartorio de orphãos de S. Paulo, maço, 4º de inventarios letra M.); foi casada com João Gago Paes, natural e cidadão de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 29 de Fevereiro de 1728 (32); filho de Antonio Paes (que serviu na comarca de S. Paulo em 1660, como se vê no livro de registros n. 4, tit. 1658, fl. 106 e seguintes) e de sua mulher Anna da Cunha, que falleceu em 1675. (Inventarios, letra A. n. 203.) Em título de Prados, cap. 5º § 9º. Em título de Cunha Gagos, cap. 5º § 9º n.3—1. O dito João Gago Paes se estabeleceu na sua fazenda com engenho de cannas, Arujá, junto a Bomsuccesso, cujo sitio passou a seu genro Vicente Pimenta de Abreu, que o vendeu a Manoel de Moraes Franco, que fallecendo em Guarulhos, se rematou em praça por Manoel Barbosa de Antas, em 1770. E teve 12 filhos.

(32) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 5º, letra I.

4—1. João Gago Paes.

4—2. João Pompéo Paes, casou em Itú.

4—3. Theodoro Paes, que falleceu leso do juizo.

4—4. Francisco Xavier Paes. Casou com D. Maria de Campos. Em titulo de Campos, cap. 3º § 1º n. 33.

4—5. Antonio Paes de Almeida.

4—6. D. Maria de Almeida, que casou na matriz de S. Paulo a 21 de Fevereiro de 1700 com José de Góes Cardoso, filho de Manoel de Góes, e de sua mulher Maria da Luz Cardoso. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 11 n.3—2. E teve 6 filhos.

5—1. Angelo de Góes Cardoso, que falleceu de bexigas indo para Coimbra.

5—2. José Jacintho Flôres. Casou em S. Paulo em 1747 com D. Anna do Couto de Toledo.

5—3. D. Anna de Almeida, que foi casada com Luiz Cardoso Osorio. Sem geração.

5—4. D. Joanna de Almeida Góes, mulher de Manoel de Araujo de S. Paio. E teve 6 filhos.

6—1. Manoel de Araujo de S. Paio.

6—2. D. Anna de Araujo.

6—3. D. Maria.

6—4. D. Joanna.

6—5. D. Genoveva.

6—6. D. Francisca.

5—5. D. Angela de Góes, foi casada com o capitão Pedro Bernardes Caminha, do lugar de Paredes do Rio de Traz os Montes, e filho de Gregorio Bernardes Caminha, e de sua mulher..... O dito capitão das ordenanças de S. João de El-Rei falleceu em S. José do Rio das Mortes, onde teve 8 filhos.

6—1. O padre José Bernardes de Góes.



6—2. Marçal Bernardes de Góes. Foi para Mato-Grosso em 1767.

6—3. Constantino Bernardes de Góes.

6—4. D. Anna Maria Bernardes de Góes. Esta casou com Francisco Pinto Rodrigues, morador em S. José do Rio das Mortes, e juiz ordinario em 1768, natural de....

6—5. D. Maria Bernardes de Almeida. Esta casou com Domingos Gonçalves de Góes, natural da villa de S. José do Rio das Mortes, filho de

6—6. D. Barbara Maria Bernardes.

6—7. D. Marianna Bernardes.

6—8. Pedro Bernardes de Góes.

5—6. D. Maria da Luz Cardoso. Casou com Caetano de Toledo Pisa, filho do capitão-mór Dr. Simão de Toledo, n'este cap. 3º § 9º n. 3—9 a n. 4—8. E teve dois filhos:

6—1. O Reverendo Simão de Toledo Rodovalho. Foi por visitador das minas de Mato-Grosso, vigario da vara e da igreja em 1768, em que tomou posse, e logo falleceu antes de se aproveitar d'aquelle muito rendoso ministerio.

6—2. José de Toledo Piza. Existia em Ararataguaba em 1792. Casou, e tinha filhos.

4—7. D. Maria Paes de Almeida, que foi casada com Vicente Pimenta de Abreu, natural da villa de Mogy das Cruzes, irmão do capitão Manoel Pimenta de Abreu. Ella falleceu com testamento na dita villa a 5 de Outubro de 1743, e teve quatro filhos. (Orphãos de Mogy, letra M).

5—1. Ignacia.

5—2. João.

5—3. Anna.

5—4. Vicente.

4—8. D. Branca de Almeida, que falleceu com testamento, sem geração; e foi casada com seu parente Lou-

renço Castanho. (Cartorio do 1º tabelião de S. Paulo, maço de inventários.)

4 — 9. D. Anna da Cunha.

4 — 10. D. Angela Paes.

4 — 11. D. Escholastica Paes.

3 — 8. D. Maria de Lara, falleceu solteira.

3 — 9. D. Francisca de Almeida. Foi casada com o Dr. Simão de Toledo. Em titulo de Toledos, (cap. 3º § 1.º) Foi natural e cidadão de S. Paulo, em 1687. (Camara de S. Paulo, livro de registos, tit. 1675 á fl. 164). e foi capitão-mór governador da mesma capitania de S. Paulo e S. Vicente, e muitos annos juiz de orphãos. Gozou um grande respeito e estimação como cavalheiro tão distincto. Falleceu em S. Paulo e sua mulher tambem, a qual foi sepultada na igreja dos jesuitas no jazigo que tinha proprio para seu pai João Pires Rodrigues. Do seu matrimonio nasceram em S. Paulo oito filhos.

4—1. Floriano de Toledo Piza.

4—2. Estanislao de Toledo Piza, casou com....

4—3. Bento de Toledo Castelhanos.

4—4. D. Marianna de Toledo Piza, casou com Antonio José de Camargo, filho do coronel Estevão Lopes de Camargo e de D. Isabel Paz de Siqueira (Titulo Camargos, cap. 1.º § 2.º. n. 3—1 a n. 4—8.)

4—5. D. Bernarda de Toledo Piza, solteira.

4—6. D. Branca de Toledo Piza, casou com Gregorio Garcez da Cunha, irmão de Aleixo Garcez da Cunha.

4—7. D. Anna de Toledo Piza, falleceu solteira.

4—8. Caetano de Toledo, no n.º 5—6. pag. 177.

4—9. D. Maria Pedroza de Toledo, casou com Gonçalo Simões Chassim, filho de Pedro Gonçalves Meira e D. Maria Simões Chassim, natural de Parrahyba.

4—1. Floriano de Toledo Pisa, existe em 1766, cidadão de S. Paulo, de cuja republica tem servido seus honrosos

cargos. Está casado com D. Antonia de Medeiros Cabral, filha de Manoel Lopes de Medeiros, cidadão de S. Paulo, de cuja comarca foi sargento-mór com 80\$000 réis de soldo, por carta patente de Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e S. Paulo, que dando conta a Sua Magestade d'este provimento na pessoa de Manoel Lopes de Medeiros, foi o dito senhor servido confirmar-lhe a patente por carta de 12 de Novembro de 1700, como se vê na secretaria do ultramar ( livro das cartas do Rio de Janeiro, anno de 1673, a fl. 270, e cartorio da provedoria da fazenda de Santos, livro de reg. a fl....). Este paulista foi cheio de tanta honra como de espiritos para o zelo da utilidade e bem commum da patria, sendo igualmente efficaç para o real serviço, por cujos merecimentos conseguiu a incomparavel honra de receber uma carta firmada pelo real pulso d'el-rei D. Pedro, com data de 20 de Outubro de 1698, na qual Sua Magestade lhe louva o zelo com que se houvera na expedição das ordens que lhe expedira o governador Arthur de Sá, que lhe manda agradecer por esta carta, segurando-lhe que tudo que tinha obrado lhe ficava em lembrança para folgar de lhe fazer toda a mercê, quando tratasse dos seus requerimentos e de sua mulher D. Maria Moreira Cabral, irmã inteira de D. Francisco Mathéos Rendon, de quem tratamos n'este capitulo. E em titulo de Rendon n. 1.<sup>o</sup>, cap. 4.<sup>o</sup> § 6.<sup>o</sup> E teve 8 filhos.

5—1. Simão de Toledo Almeida, casado com D. Custodia Paes, das quaes tratamos n'este capitulo § 3.<sup>o</sup> n. 4—6.

5—2. D. Maria Angela da Luz de Toledo. Existe viuva de seu marido Angelo Xavier do Prado, natural de Mogy das Cruzes, que falleceu em S. Paulo, em 1768. Irmão inteiro do M. R. Faustino Xavier do Prado, conego da Sé de S. Paulo, que pelas suas virtudes e outros merecimentos

passou sempre occupado nos empregos de pastor de almas em varias igrejas, e foi visitador de uma grande parte do bispado, filho de Francisco de Borja Xavier, que, nascendo no mar, foi baptizado no Rio de Janeiro, para onde vieram seus pais, e de sua mulher D. Maria do Prado, natural de Mogi das Cruzes. Neto por parte paterna de Pedro de Barros, sargento-mór do regimento de artilheria do presidio do Rio de Janeiro, que acabou governador da fortaleza de S. João do mesmo presidio, e de sua mulher D. Josepha Rodrigues, naturaes da villa da Gaya da cidade do Porto. E pela parte materna, neto de Salvador do Prado. (Em titulo de Prados, cap. 8º § 1º n. 3—1 e seguintes.) E teve filho unico.

6—1. José Joaquim Xavier de Toledo.

5—3. D. Anna Maria de Toledo. Em S. Paulo, casada com o sargento-mór Patricio da Silva Chaves, natural de Minas-Geraes, filho do sargento-mór João Gonçalves Chaves, e de sua mulher D. Michaela da Silva, uma das casas da maior opulencia e tratamento que teve a capitania das Geraes. Tem 2 filhos.

5—4. D. Ignacia Maria de Jesus, casou em S. Paulo com Antonio de Freitas Toledo, seu parente, cidadão de S. Paulo, filho de Francisco de Freitas de Toledo, (irmão inteiro do capitão-mór governador D. Simão de Toledo Pisa). Em titulo de Toledos, cap. 3º § 7.º E tem 10 filhos.

5—5. Manoel Joaquim de Toledo. Existe casado com D. Maria Forquim de Almeida, e se receberam na freguezia de Ararataguaba, filha de José de Almeida, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Maria Forquim da Luz, da cidade de S. Paulo. Em titulo de Forquins, cap. 1º. E tem 4 filhos.

5—6. José Floriano, que falleceu afogado no rio Tieté em 1763, solteiro.

5—7. Antonio João de Toledo, casado em a matriz de Mogy das Cruzes com D. Angela Maria de Jesus, filha do capitão de ordenanças Marcellino Corrêa de Mattos, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Froes, natural da mesma villa, e porella neta do coronel Pedro Rodrigues Froes, familiar do Santo Officio da inquisição de Lisboa, e de sua mulher D. Isabel Barbosa de Moraes, que falleceu na villa de Mogy a 20 de Abril de 1742. Em titulo de Moraes, cap 2º, § 6º n. 3—3 e seguintes.

5—8. D. Ursula Maria das Virgens ( filha ultima de Floriano de Toledo, n. 4—1 pag. 178), existe solteira.

3—10. D. Mecia Rodrigues, foi casada em S. Paulo a 31 de Julho de 1695 com Antonio de Godoy Moreira Mendonça, filha de Belchior de Godoy e de sua mulher Catharina de Mendonça. Em titulo de Godoy, cap. 1º. § 3. E teve 4 filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. João Pires de Godoy.

4—2. Antonio de Godoy, morador da villa de Mogy, onde serviu os cargos da republica, casou com Joanna Simões Rodrigues, natural de Mogy. E teve

5—1. Antonio de Godoy de Almeida.

5—2. Maria de Godoy de Almeida.

5—3. Isabel de Godoy de Almeida, mulher de Manoel Adorno, natural de Mogy.

5—4.....

4—3. José Pires de Godoy, alferes da companhia de Jacarehy.

4—4. Maria de Godoy, foi casada com Manoel Pimenta de Abreu, natural de Mogy, onde foi capitão, e com os seus soldados e officiaes subalternos sahiu de soccorro á sua

custa, sustentando a companhia toda, para a villa de Santos, em tempo que o francez tinha tomado o Rio de Janeiro. Foi da governança d'aquella republica, onde sempre teve o primeiro voto. Foi filho de.....

E teve 7 filhos naturaes de Mogy:

5—1. Antonio Pires.

5—2. Vicente Pimenta de Abreu.

5—3. Anna Paz de Almeida, natural de Jacarehy.

5—4. Maria de Godoy de Almeida.

5—5. Isabel de Almeida.

5—6. Anna Pires de Almeida.

5—7. Archangela Pimenta.

3—11. D. Isabel de Almeida, que na matriz de S. Paulo a 23 de Abril de 1702 casou com Manoel de Góes Cardoso, sem geração. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 11.

3—12. D. Anna Maria de Almeida (filha ultima de D. Branca de Almeida, pag. 170), casou na matriz de S. Paulo a 10 de Agosto de 1709 com Thomé Alvares, natural da cidade de Evora, e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, e foi juiz ordinario e de orphãos; filho de Miguel Alvares, de Evora, da freguezia de Nossa Senhora de Machado, e de sua mulher Anna Pereira, natural da villa de Evoramonte. Este Thomé Alvares foi capitão de infantaria da companhia do regimento dos auxiliares da nobreza de S. Paulo, que occupou pelos annos de 1707. Foi irmão inteiro do padre prégador Frei Francisco de S. Thomaz, religioso franciscano da provincia dos Algarves. Neto por parte paterna de João Gonçalves e de sua mulher Brites Visagre, naturaes da freguezia de Nossa Senhora de Machado, termo da cidade de Evora. E pela materna neto de Antonio Fernandes Ramalho e de sua mulher Isabel de Paiva, naturaes da villa de Evoramonte. Consta o referido de um instrumento de *puritate et nobilitate*

*probanda*, que por parte, e a requerimento do capitão Thomé Alvares, se processou em 1707 na cidade de Evora, sendo escrivão dos autos o tabellião Manoel Botelho de Mattos, que dos ditos autos passou instrumento que em Lisboa foi reconhecido em 24 de Março de 1707 pelos tabelliães Antonio da Costa Pereira e Manoel Gomes de Carvalho, e se passou por India e Mina pelo Dr. Manoel de Freitas Soares, juiz de India e Mina das justificações ultramarinas em Lisboa. E teve unica filha natural de S. Paulo.

4—1. D. Josepha de Almeida, que existe em 1783, viuva de seu marido João Gonçalves Figueira, de quem fizemos menção n'este cap. § 1º pag. 39. No gráo de impedimento de afinidade em que se achava João Gonçalves Figueira foi dispensado para contrahir o matrimonio, do qual nasceram em S. Paulo 3 filhos :

5—1. Pedro de Almeida Lara, falleceu solteiro em um naufragio que fez uma sumaca, em que ia embarcado do Rio de Janeiro para Santos.

5—2. Thomé de Almeida Lara, que em 1762 foi creado alferes da companhia do capitão João de Siqueira Barbosa, para o regimento de infantaria do Rio-Pardo, na mesma occasião, que se formou a recruta das quatro companhias paulistas com 200 homens. Vide n'este cap. § 3º n. 4—6: Passou a alferes de dragões pela promoção de 1764.

5—3. D. Anna do Pilar, que em S. Paulo casou com João de Godoy Pinto da Silveira, natural e cidadão da mesma cidade, filho de Francisco de Godoy Preto e de sua primeira mulher D.....

Descobrimdo no sertão inculto entre o rio das Almas e o de Calhamares as fertes minas, que tomaram o nome, que ainda hoje conservam, do Pilar, foi d'ellas guardamór; estando de antes capitão de cavallos do regimento



auxiliar das minas de Goyazes, por patente de D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo e Minas do Cuiabá e Goyazes em 1740. Existe em posto de capitão-mór conquistador dos barbaros indios *Cayapós*, em cujo emprego succedeu a Antonio Pires de Campos, debaixo das mesmas régias mercês de habito de Christo com tença de 50\$ réis, e officio de escrivão da ouvidoria da Villa Boa de Goyazes em propriedade. Tem-se feito bem conhecido pelo destemido animo de que se reveste para castigo dos gentios, que d'antes infecionavam o continente d'aquellas minas, e sua comprida estrada. Mas fez-se suspender esta conquista por nova ordem, o que bastou para os mesmos barbaros repetirem com maior excesso os insultos de tantos incendios e mortes que têm executado. Agora em 1763 tornou a vir ordem de Sua Magestade para se conquistar este inimigo á força de armas, visto serem incapazes de redução por meio da suavidade de paz, que como brutos indomitos não admitem.

§ 10

2—10. D. Maria de Lara (filha de Lourenço Castanho Taques e de D. Maria de Lara, pag. 14), foi casada com João de Toledo Castelhanos, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Toledos, cap. 1º, onde tratamos do illustre sangue d'este cavalheiro paulista pelos costados paternos, que vão acabar á casa de Alva de Tormes em Castella que são duques e condes de Oropeja. E teve nascidos em S. Paulo 7 filhos:

3—1. D. João de Toledo Piza e Castelhanos.

3—2. Lourenço de Toledo Taques.

3—3. Diogo de Toledo Lara.

3—4. Simão de Toledo Castelhanos.

4—5. D. Maria de Lara, falleceu solteira.

4—6. Ignacio, falleceu religioso carmelita calçado.

4—7. D. Theresa do Prado Castelhanos.

Cópia de alguns papeis avulsos da geração do capitão-mór D. João de Toledo Pisa, n. 3—1. (E' letra estranha e emendada por Pedro Taques).

4—1. Anna Ferreira de Toledo.

4—2. D. Branca de Toledo.

4—3. D. Joanna de Toledo.

4—4. D. Angela de Toledo.

4—5. D. Francisco de Pisa.

4—6. D. João de Pisa Toledo.

4—7. Antonio de Toledo.

4—8. D. Ignacia de Pisa.

4—9. D. Theresa de Toledo.

4—10. D. Maria de Lara de Toledo.

4—11. D. Maria Phenix.

4—1. D. Anna Ferreira de Toledo, casada com Salvador Corrêa Bocarro, natural de Taubaté, que fôí guarda-mór das minas da Campanha do Rio-Verde de Santo Antonio de Val de Piedade, filho de Serafino Corrêa e de Branca Raposo. E teve 10 filhos.

5—1. Salvador Corrêa de Toledo, que em 1749 tomou a medalha de familiar do Santo Officio: existe solteiro em 1773.

5—2. D. Branca Theresa de Toledo, existe viuva de Domingos Gonçalves Vianna, natural d'esta villa, filho de Domingos Alves Ferreira e de D. Serafina de..... E teve seis filhos nascidos na freguezia de Santo Antonio de Val de Piedade.

6—1. Domingos Gonçalves Vianna.

6—2. Antonio de Araujo de Toledo. Existe em S. Paulo.

- 6—3. Francisco Leonel Gonçalves. Falleceu em S. Paulo a 20 de Junho de 1773, e jaz em Santa Theresa.
- 6—4. D. Maria Theresa de Toledo, casada com Francisco Ignacio, natural da villa da Covilhã.
- 6—5. D. Luiza Joaquina de Toledo, casada com Francisco Lopes da Silva, natural do Rio de Janeiro.
- 6—6. D. Isabel Leonor de Toledo, solteira.
- 5—3. João de Toledo Castro.
- 5—4. D. Custodia do Sacramento, casada na freguezia de Santo Antonio com Manoel de Sousa da Silveira, natural da ilha do Fayal, primo direito do padre João de Mattos da Silveira. Elle falleceu em 1769, e teve 2 filhos.
- 6—1. Joaquim Eloy da Silveira.
- 6—2. José Manoel de Toledo.
- 5—5. D. Anna Joaquina de Toledo, casou na freguezia da Campanha com Mathias Ferreira de Sampaio, natural do Rio de Janeiro, que falleceu em 1772. E teve dez filhos.
- 6—1. Maria Ferreira de Toledo.
- 6—2. Theodora Rangel de Toledo.
- 6—3. Anna Ignacia.
- 6—4. Bernardo Ferreira.
- 6—5. Ursula.
- 6—6. Thomasia, falleceu menina.
- 6—7. Francisca.
- 6—8. Antonio.
- 6—9. José, falleceu menino.
- 6—10. Joaquina, falleceu menina.
- 5—6. Maria Nazareth, solteira.
- 5—7. Francisco Felix Corrêa. Depois de correr varias

fortunas por suas extravagancias, casou finalmente em S. Paulo com D. Quiteria Rendon, filha de Simão de Toledo e D. Custodia Paes. Assentou praça em tempo de Martim Lopes de Sousa.

5—8. Andraza de Castanho Moreira, solteira.

5—9. Branca Zeferina de Toledo, solteira.

5—10. Anna Ursula de Alvarenga, solteira, todas em 1773.

4—2. D. Branca de Toledo, casada com Francisco Xavier da Silva, natural de Portugal. E teve onze filhos :

5—1. D. Luiza de Toledo, solteira.

5—2. D. Maria Rosa, casada com Manoel Teixeira Ribeiro, natural de Portugal. Deixou geração.

5—3. Theresa Angelica, viuva de José Pedro da Silveira, natural de Portugal. Deixou geração.

5—4. Anna de Toledo, solteira.

5—5. Angela de Toledo, casada com João Francisco Grillo, natural de Portugal. Deixou geração.

5—6. Ursula Francisca de Toledo, solteira.

5—7. Joanna de Toledo, casou com Joaquim da Silva Povoas, filho de....

5—8. Francisco de Salles Xavier, solteiro.

5—9. Ignacio Xavier, solteiro.

5—10. José Xavier de Toledo, sacerdote do habito de S. Pedro.

5—11. Manoel Xavier, casado com Maria Theresa Rangel, natural de Pitangui. Deixou geração.

4—3. D. Joanna de Toledo, casou com Miguel Pires Barreto, irmão do guarda-mór Salvador Corrêa Bocarro. E teve doze filhos :

5—1. João de Pisa Castelhanos, casado com D. Maria do Monte-Claro, natural de Taubaté, filha do sargento-mór Manoel Pinto Barbosa. Deixou geração.

5—2. Anna Joanna de Toledo, solteira.

5—3. Manoel Joaquim de Alvarenga, solteiro, viveu na Bahia com D. João de Pisa : assentaram-lhe praça ; deu baixa , e veio a Lisboa em 1782, e voltou para Pernambuco.

5—4. Antonio Manoel de Alvarenga, clérigo de S. Pedro.

5—5. José Alberto de Toledo.

5—6. Alexandre Manoel.

5—7. Miguel Pires Barreto.

5—8. Francisco Moreira de Castanho.

5—9. Maria Sophia de Toledo.

5—10. Branca Raposo.

5—11. Joanna de Toledo.

5—12. Angela de Toledo : Todos solteiros.

4—4. D. Angela de Toledo, casou com José da Costa, natural de Portugal. E teve 5 filhos :

5—1. José da Costa de Toledo.

5—2. Maria da Costa de Toledo.

5—3. Rita de Cassia de Toledo.

5—4. Branca Benedicta de Toledo, casou com José Pereira Caixeta, natural de Villa-Rica.

5—5. Bento Ferreira de Toledo, casou com D. Maria.....

4—5. D. Francisco de Pisa. Casou em Ararituaba com D. Escholastica, em titulo de Lemes ( cap. 5°).

4—6. D. João de Pisa de Toledo, familiar do Santo Officio. Teve uma grande reputação na cidade da Bahia, onde viveu muitos annos. Teve um grande officio na alfandega, seu, e falleceu em 177..

4—7. Antonio de Toledo, solteiro.

4—8. D. Ignacio de Pisa, falleceu solteiro na campanha do Rio-Verde.

4—9. D. Theresa de Toledo, casada na Campanha com o alferes Manoel Corrêa Harnaut, natural de Portugal. E teve treze filhos:

5—1. Anna Josquina de Toledo, casou com Manoel Nunes de Mendonça, natural de Pindamonhangaba, filho de Domingos Nunes de Mendonça. Deixou geração.

5—2. Joaquim Corrêa Harnaut, solteiro.

5—3. José Corrêa Harnaut, solteiro.

5—4. D. Rita Maria de Toledo, solteira.

5—5. D. Francisca, casou com Antonio Leite de Mendonça, irmão de Manoel Nunes de Mendonça, acima.

5—6. D. Maria Phenix de Toledo, solteira.

5—7. D. Ursula Margarida de Toledo, solteira.

5—8. D. Genoveva da Trindade e Toledo, solteira.

5—9. D. Quiteria de Toledo, solteira.

5—10. D. Escholastica de Toledo, solteira.

5—11. D. Joaquina de Toledo, solteira.

5—12. Antonio Corrêa, solteiro.

5—13. Ignacio Corrêa Harnaut, solteiro.

4—10. D. Maria de Lara de Toledo, casou com Manoel Cavalheiro de Lombría.

4—11. D. Maria Phenix, casou com Pedro Vaz de Campos, em Ararituaba.

*Morte do capitão-mór D. João de Toledo Pisa*

Estando no lugar chamado da Rocinha, sitio da freguezia do Rio-Grande, em casa de sua filha, D. Branca de Toledo no decurso de cinco annos de assistencia, estando são e sem

a menor enfermidade, deu balanço a todos os papeis que possuia e foi reduzindo á cinzas todos os que não diziam respeito a utilidade do seu casal; e completa esta diligencia se despediu da filha para vir buscar a casa da outra filha D. Anna Ferreira de Toledo, affirmando que era chegado o tempo da sua morte. N'esta jornada procurou a seu bom amigo e compadre o padre Bento Ferreira Villanova, e o conduziu para seu confessor na hora da morte. Ambos chegaram á casa de D. Maria, onde foi recebido com os agasalhos do respeito e amor paternal. N'esta casa durou quatorze dias, dispondo sua alma com o pasto espiritual e sempre com saude e sem declinação no juizo. Chegou o dia da sua morte, e recolhendo-se á cama pediu a seu confessor que o não desamparasse, porque até ás 5 horas da tarde havia dar contas ao Creador: assim succedeu, e abraçado com o santo crucifixo acabou a vida pelas 5 horas da tarde com grande consolação de todo o concurso que lhe assistia. Tinha feito o seu testamento n'esta mesma casa, e n'elle pediu ser amortalhado no seu habito que tinha, de terceiro de S. Francisco, e que as ceroulas que havia vestir sobre a camisa depois de cadaver, fosse pedida pelo amor de Deus, a quem lhe dêsse essa esmola; e sepultado o seu corpo no lugar do cruzeiro do adro da igreja matriz de Santo Antonio de Val de Piedade da Campanha do Rio-Verde.

#### CAPITULO IV

1—4. D. Sebastiana Taques, (pag. 245, 2º trim. de 1869). Casou em S. Paulo a 16 de Fevereiro de 1632 com João Ferreira Coutinho, filho de João Ferreira e de sua mulher D. Branca, moradores da capitania do Espirito-Santo villa da Victoria; o que consta do Liv. 1º dos casamentos da matriz de S. Paulo, anno de 1632. Sem geração.



CAPITULO V



1—5. D. Maria Pompêo Taques, casou em S. Paulo com Manoel de Góes Raposo a 25 de Fevereiro de 1635, natural de S. Paulo, filho de Antonio Raposo e de sua mulher Isabel de Góes. Assim se vê no Liv. 1º dos Assentos dos casamentos da matriz de S. Paulo, anno 1635. D. Maria Pompêo falleceu com testamento em S. Paulo a 13 de Janeiro de 1647. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º d'inventarios, letra M); e seu marido em 1671 com testamento. (Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 222.) Antonio Raposo, pai do dito Manoel de Góes Raposo, foi natural da cidade de Beja, e falleceu em S. Paulo com testamento a 7 de Janeiro de 1633, cavalleiro armado. Em titulo de Raposos Boccarros. (Cartorio de orphãos de S. Paulo maço 2º de inventarios, letra A, o de Antonio Raposo.) E de sua segunda mulher Isabel de Góes, natural da ilha da Madeira, que falleceu em 1629. (Orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra I, o de Isabel de Góes); e foi filha de Domingos de Góes, natural da ilha da Madeira, e de sua primeira mulher Catharina de Mendonça com quem já veio casado da dita ilha para S. Vicente em 1545. Tudo se vê no archivo da camara de S. Paulo, no caderno titulo 1598. Provedoria da fazenda real, livro de sesmarias, titulo 1533 a fl. Este Domingos de Góes e sua primeira mulher Catharina de Mendonça vindos da ilha da Madeira foi um dos casaes dos primeiros povoadores de S. Paulo transmigrados da villa de S. Vicente, onde tiveram o primeiro estabelecimento para a fundação de S. Paulo. Foram pessoas de estimada nobreza, por cujo merecimento conseguiram casamentos de igualdade seus filhos, como se vê em titulos de Raposos Góes, nos §§ 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e seguintes.

Manoel de Góes Raposo fez assento junto á villa de Parnahyba, onde teve fazenda de grande cultura, porcos, muito gado vaccum e animaes cavallares. E teve só duas filhas, como se vê dos testamentos acima accusados, naturaes de S. Paulo.

2—1. D. Anna de Góes, § 1º

2—2. D. Isabel Pompéo, § 2º

§ 1º

2—1. D. Anna de Góes (chamava-se Anna de Proença quando falleceu sua mãe em 1647) que foi moradora da villa de Parnahyba, onde falleceu com testamento a 18 de Fevereiro de 1679, e foi casada com Aleixo Leme dos Reis (irmão de Sebastião Leme da Silva, filhos de Pedro Leme, e de sua mulher Helena do Prado. Em titulo de Lemes), que falleceu com testamento a 17 de Outubro de 1671. (Cartorio da villa de Parnahyba, maço de inventarios, letra A., n. 278, o de D. Anna de Góes; letra A., n. 221 o de Aleixo Leme dos Reis). E teve naturaes de Parnahyba quatro filhos:

3—1. Manoel de Góes Raposo.

3—2. Maria Leme da Silva.

3—3. Maria Pompéo.

3—4. Maria Leme do Prado.

3—1. Manoel de Góes Raposo. Casou com Ursula Pedrosa. E teve.

4—1. Manoel de Góes Raposo, que existe em 1665, morador no sitio do Taboão, caminho de Jundiaby, e casado com Isabel da Rocha, natural de Parnahyba, viuva do seu primeiro marido Antonio de Lemos Moraes. E tem tres filhos:

5—1. Manoel de Góes Raposo.

5—2. Escholastica.

5—3. Maria.

4—2. Maria Pompéo de Almeida. Casou em Parnahyba com José de Oliveira, que falleceu em 1725. E teve onze filhos como se vê do seu testamento. (Orphãos de S. Paulo, tra I, n. 311.)

4—3. Josefa. . . . . casou com Vicente Ferreira de Tavora, morador de Itú. E tem filhos.

3—2. Maria Leme da Silva. Foi casada com Antonio Gonçalves Ribeiro, natural de S. Paulo, que falleceu no sertão dos Curraes da Bahia, filho unico de Manoel Gonçalves Cadime, natural da ilha de S. Miguel, e cidadão da cidade de S. Paulo, e de sua mulher Mecia Ribeira, natural da mesma cidade, que teve terras no Itahim, e falleceu a 21 de Agosto de 1709 com testamento que se acha no residuo da ouvidoria de S. Paulo, letra M., pessoas nobres, como consta dos autos de *puritate et nobilitate probanda*, processados no juizo ecclesiastico em 1724, sendo escrivão o padre João Gonçalves da Costa, e vigario da vara o padre João de Pontes; e o justificante foi o alferes Sebastião do Prado Cortez pelos seus quatro avós; e sua mulher Maximiana de Mariz tambem pelos seus quatro avós. E teve seis filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. Sebastião do Prado Cortez. Nasceu a 21 de Setembro de 1689, e falleceu em S. Paulo com testamento a 11 de Dezembro de 1763. Foi alferes de infantaria da companhia das ordenanças do capitão Gaspar Cubas. Da sua justificação sobredita consta do seu zelo e honra nas diligencias que lho foram encarregadas; a qual se acha no juizo ordinario da cidade de S. Paulo (Aut. Civis de Justificações, letra S.) Foi casado em S. Paulo com Maximiana de Mariz,

a 2 de Novembro de 1687, sua prima em 3º grão de consanguinidade, filha de Francisco de Alvarenga Mariz, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Maria Pacheco Micel, natural de S. Paulo. Neta pela parte paterna de Salvador Antunes Lobo, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher Beatriz Pereira de Mariz, da nobre família do seu apellido da capitania do Rio de Janeiro. E pela parte materna neta de Antonio Pacheco Jorge e de sua mulher Maria Micel. Em titulo de Pachecos Jorges. E teve, naturaes de S. Paulo, nove filhos.

5—1. José Francisco Raymundo, que, desprezando os estudos, tratou de negocio, administrando os dizimos, que por contrato arrematou seu pai; e depois para Goyazes, e fez estabelecimento em fazendas de gados nos campos do rio Oruhu, perto de Villa-Boa, onde existe solteiro.

5—2. Sebastião de Almeida Taques, falleceu solteiro.

5—3. João Pedroso Leme, existe em S. Paulo solteiro.

5—4. Theresa de Jesus do Prado. Casou em Jacarehy com José da Silva Gonçalves, natural de Taubaté, filho de José da Silva Gonçalves, que foi morto por aleivozia de seus proprios escravos, estando senhor da fazenda e engenho da casa de telha da Borda do Mato, termo da villa de Goyazes; e de sua mulher Isabel Pedrosa de Freitas, natural de Taubaté. Em titulo de Freitas.

5—5. Maria José de Jesus, que casou em S. Paulo com José Pacheco Micel, e foram dispensados nos impedimentos dos grãos de parentesco de consanguinidade, em que por duas linhas prendiam; filho de Antonio Pacheco Micel, e de sua segunda mulher Maria Blanca da Silva. Em titulo de Pachecos Jorges, cap. 1.º

5—6. Maria do Nascimento de Jesus, existe, e casou em S. Paulo com José Pereira da Cunha, natural da fre-

guesia de Santo Amaro, termo da mesma cidade, filho de José Pereira Ebano e de sua mulher Joanna da Cunha. Elle é da nobre familia de Botafogos, da cidade do Rio de Janeiro. Em titulo de Botafogos.

5—7. Francisco José Raymundo Taques, que se acha habilitado para ordens, baptizado em S. Paulo a 3 de Setembro de 1726.

5—8. Sebastião do Prado Cortez, falleceu solteiro.

5—9. Maximiano Pereira de Mariz, existe solteiro.

4—2. Antonio Gonçalves Ribeiro, foi casado com Domingas da Rocha, natural de Parnahyba. Sem geração.

4—3. José Gonçalves Ribeiro, foi casado com D. Isidora do Amaral, filha de D. Escholastica de Godoy da Silva, e de seu primeiro marido o sargento-mór Bento do Amaral da Silva, de quem temos tratado n'este titulo. (Cap. 2º § 3º pag. 255, 2.º trim. de 1869).

4—4. Angela dos Reis. Existe viuva de seu marido Manoel Rodrigues. Sem geração.

4—5. Anna de Góes, que foi casada com Leandro Dias Cardoso, natural da villa de Sergipe del Rei, termo da cidade da Bahia, filho de Antonio Dias Cardoso, e de sua mulher Sebastiana de Azevedo. E teve seis filhos:

5—1. João Cardoso da Silva.

5—2. José Pedroso Leme.

5—3. Pedro Rodrigues da Silva. Casou com Marianna de Siqueira, filha de Alberto de Oliveira e Helena do Prado. Em titulo de Lemes, cap. 7º § 4º n. 3—1.

5—4. Bento Leme da Silva.

5—5. Antonio Cardoso da Silva.

5—6. Ignacio Dias Cardoso.

4—6. Theresa da Silva Leme. Existe viuva de Faustino

Pereira de Abreu, natural de Ponte de Lima. Sem geração. Falleceu em 1768.

3—3. Maria Pompêo. Falleceu com testamento em 1715. (Cartorio, Livro de notas de S. Paulo, inventario de Maria Pompêo). Foi casada com Manoel Corrêa de Carvalho. Sem geração.

3—4. Maria Lemedo Prado. Foi casada com Manoel Gonçalves de Aguiar, natural de Parnahyba, filho de João Gonçalves, natural do Rio de Janeiro e de sua mulher Luzia Bicudo. Em título de Bicudos, cap. 5º § 3º n. 3—7. E teve.

4—1. Alvaro Netto Bicudo, natural de Parnahyba, falleceu em S. Paulo (Orphãos de S. Paulo, letra A n. 196). Foi casado com Escholastica da Silva Micel, natural de S. Paulo, filha de Antonio Pacheco Micel, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua segunda mulher Maria Blanca da Silva, natural de S. Paulo, que foi filha de José da Silva Góes, por alcunha--Cabeça do Brasil—, por ser natural da villa de S. Vicente, que algum dia foi cabeça de comarca, e primeira villa que fundou o descobridor e senhor donatario da capitania Martin Affonso de Sousa, e de sua primeira mulher..... Blanca. Em título de Pachecos, cap. 1º § 10. E teve cinco filhos, que consta do testamento com que falleceu a 31 de Março de 1732 o dito Alvaro Netto.

5—1. João Bicudo, morador e casado em Parnahyba.

5—2. Antonio Bicudo, morador nas suas lavras de Jaraguá, casou com.....

5—3. Maria Blanca da Silva, casou com Miguel Garcia de Carvalho. Sem geração.

5—4. Escholastica Bicudo, casou com José Soares, morador de Jundiaby, tem filhos.

5—5. Maria.

4—2. Isabel....moradora e casada nas Geraes em Guarapitanga com.....

4—3. Joanna....idem.

4—4. Antonia....casou com André de Mello dos Santos, moradores no dito lugar das Geraes, e têm filhos, entre os quaes é o padre André de Mello dos Santos.

§ 2.º

2—2. Isabel Pompêo, (pag. 192) casou segunda vez com Manoel Chaves Leme, que passando de morada para a villa de Guaratinguetá n'ella falleceu a 28 de Maio de 1668. Sem geração.

CAPITULO VI

1—6. Antonio Pompêo de Almeida. Em vida de seu pai Pedro Taques, foi mandado por elle a Lisboa, de onde passou a Angola, e d'alli a S. Paulo sua patria. Passados alguns annos foi encarregado da administração das rendas reaes pela provedoria da fazenda da mesma capitania de S. Paulo e S. Vicente. Para dar as suas contas na provedoria-mór do Estado do Brasil, foi á cidade da Bahia, d'onde recolhendo-se, casou na cidade do Rio de Janeiro com os acertos da eleição da sua qualidade com D. Maria de Sousa Coutinho, da nobre familia de Botafogos, que se achava viuva de seu primeiro marido Manoel Fernandes Cacere, que dizem fôra natural da villa de Vianna, de conhecida nobreza. Tinha esta senhora do dito seu primeiro marido um casal de filhos, que ainda eram solteiros quando se casou segunda vez. Pouco tempo se lograram os desposados; porque tendo ella umas differenças com certa senhora da dita cidade, os do partido d'esta, temendo algum



excesso da parte de Antonio Pompêo, se anticiparam com a barbara resolução que tomaram. Bateram em uma noite á porta de Pompêo, que, acordando, a mandou abrir, e no mesmo instante lhe subiram as escadas uns rebuçados, que chegando de tropel á camara, onde pousavam marido e mulher, dispararam os bacamartes, e no mesmo leito ficaram ambos mortos. Acordaram estes echos e o pranto da familia aos vizinhos; fugiram os delinquentes; e pelas antecedentes logo se conheceu ou presumiu quem fôra o aggressor: prendeu-se este, que no processo da devassa ficou culpado, e manifesto o seu delicto. Foi sentenciado á morte, para cuja execução foi appellada a sentença para a relação do Estado. N'ella acharam os ministros que só com perdão das partes João da Veiga Coutinho e D. Maria de Cacerre, filhos e enteados dos mortos, poderia ser livre o delinquente, que por ser pessoa de cabedal tinha outras de respeito na Bahia a seu favor. Trabalhou-se muito sobre este ponto no Rio de Janeiro com dinheiros e respeitos, que tudo acabam; porém os dois offendidos não se deixaram vender; antes insistiram que pagasse o delicto quem o commettêra tão barbaramente. Com este desengano occorreu ao Rev. vigário da igreja da Candelaria solicitar o perdão em nome de Jesus Christo, discorrendo assim porque João da Veiga Coutinho se habilitava para o estado sacerdotal. Para isto levou uma imagem do Santo Crucifixo, que se venerava na dita igreja no altar-mór, e com ella lembrou a João da Veiga aquelle texto *non parco quia non peperuit*: Rendeu-se este como catholico e fez persuadir a sua irmã. Antes de se lavar a escriptura de perdão, declarou o offendido que havia de ficar possuindo a imagem do Senhor. Concedeu-se-lhe. E pelo tempo adiante, estando conego da Sé da sua patria, fundou uma capella no termo da villa de Coritiba (hoje freguezia de S. José dos Pinhaes), na qual collocou a mes-

ma imagem com o título de—Senhor Bom Jesus do Perdão, — querendo por este modo que jámais ficasse em esquecimento a causa por que déra o perdão. Casou a sua irmã D. Maria de Cacere com Francisco de Almeida Cabral, natural de S. Paulo, de reconhecida nobreza e assás conhecido no Rio de Janeiro; filho de Luiz Leme e de Anna Cabral, ambos oriundos das ilhas, aquelle por descendente do fidalgo Pedro Leme da ilha da Madeira, e esta pelos Cabraes da ilha de S. Miguel por seu ascendente Simão da Costa Cabral, que veiu a S. Paulo, onde propagou a nobre familia do seu appellido.

---

ALMEIDAS CASTANHOS

Esta nobre familia de *Almeidas Castanhos* da capitania de S. Paulo traz a sua origem da villa de Monte-mór o Novo em Portugal, de onde veio para S. Vicente pelos annos de 1547 Antonio Rodrigues de Almeida, e tinha o fôro de cavalleiro fidalgo da casa do Sr. rei D. João III, em cujo reinado foi este fôro de cavalleiro fidalgo o mais superior que constituia grão de fidalguia, até que alterou a ordem dos filhamentos o Sr. rei D. Sebastião, de cujo tempo até o presente ficou este fôro de cavalleiro fidalgo sendo infimo; de sorte que o mordomo-mór do reino o confere às pessoas mecánicas para passarem com elle ao primeiro grão de nobreza; e o fôro de fidalgo cavalleiro ficou sendo filhamento superior com 18800 de moradia, e constituindo grão de fidalguia, que por isso se chamam— fidalgos da casa de Sua Magestade. Esta materia tratou Moraes *De Executionibus*; e muito melhor o Rev. padre-mestre D. Antonio Caetano de Sousa no seu livro *Grandes de Portugal*, impresso em 1733.

Na villa, capital de S. Vicente, se estabeleceu Antonio Rodrigues de Almeida, e n'ella fez sempre por espaço de treze annos muitos serviços ao donatario d'ella, ao rei e a Deus, achando-se em todos os assaltos e guerras do barbaro genio *Tamoyos*, que habitavam a costa, desde a enseada do Rio de Janeiro até a barra de S. Vicente, braço do Norte, chamada Bertioga, e impediam o augmento da povoação da dita villa, que fundára pelos annos de 1531 até 1534 o fidalgo Martim Affonso de Sousa, que de Lisboa havia sahido para este effeito com armada de navios, gente, petrechos de guerra, e muita nobreza para a dita fundação, por ter-lhe feito mercê de juro herdade o Sr. rei D. João III de cem leguas de costa para fundar uma ou mais capitánias,

e lhe conferiu o character de seu capitão-mór da costa do Brasil por patente datada em a villa do Crato a 20 de Novembro de 1530, que se acha registrada no cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo no livro de registros das sesmarias, tit. 1534, pag. 42 e 102.

No anno de 1536 passou ao reino Antonio Rodrigues de Almeida, e pelos merecimentos proprios lhe fez mercê de propriedade o donatario Martim Affonso de Sousa, dos officios de escrivão da ouvidoria e das datas de sesmarias e de seu chanceller da capitania de S. Vicente. Estando a embarcar de regresso para esta villa, foi constituido em capitão-mór, ouvidor da capitania de Santo Amaro do defunto Pedro Lopes de Sousa, por sua mulher D. Isabel de Gambôa, como tutora e administradora de seu filho Martim Affonso de Sousa o Moço, e sobrinho direito de Martim Affonso de Sousa o Velho, senhor donatario da capitania de S. Vicente; e foi esta promoção por instrumento publico, celebrada na nota do tabellião Antonio do Amaral, em Lisboa, a 20 de Setembro de 1537, como se vê do mesmo instrumento, registrado na provedoria da fazenda real de S. Paulo, no livro das sesmarias, tit. 1562, pag. 16 e 17; e como capitão-mór e ouvidor concedeu terras dentro das dez leguas da capitania de Santo Amaro, que discorrem do rio Curupacê até a barra do rio de S. Vicente, braço do Norte, chamado da Bertioga, como se vê das sesmarias, que concedeu desde o anno de 1537 até 1568, que todas se acham registradas no cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo, no livro das sesmarias, tit. 1562 desde pag. 11 até 123.

A Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa real, foram concedidas tres datas de terra em sesmaria; e porque cada uma d'ellas é um grande documento para se perceber a qualidade e os serviços do dito Almeida,

os damos aqui fielmente copiados e extrahidos do cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo, dos livros em que ellas se acham, cujos lugares produzimos aqui na margem.

1ª *segmaria*

Francisco de Moraes, loco-tenente de capitão e ouvidor, com alçada n'esta capitania de S. Vicente pelo Sr. governador Martim Affonso de Sousa, capitão e governador d'esta capitania por el-rei nosso senhor e do seu conselho, etc. Faço saber que Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor, escrivão da ouvidoria d'esta capitania de S. Vicente, e n'ella morador, novamente, de tres annos a esta parte, pouco mais ou menos, na qual diz que tem feito muitos serviços a el-rei nosso senhor, e ao Sr. governador Martim Affonso de Sousa, assim com sua pessoa, andando elle supplicante com terra, pedra e madeira ás costas, por muitas vezes, na fortaleza da Bertioga, com suas armas por terra como na guarda do mar, tudo por bem, e guarda e vigia d'esta capitania, assim no bergantim e canôas, e na dita fortaleza; e que para nenhuma cousa d'estas se desculpava, mas para tudo se offerecia; e que sempre ajudára a sustentar; e que ora estava esperando que no primeiro navio que ora vinha de Portugal lhe vinha sua mulher para na terra viver, e por ora outro sim, nenhum capitão d'esta capitania lhe tem dado terra alguma para elle dito supplicante fazer fazenda, me pedia que, havendo respeito ás cousas acima allegadas, e que em nome do Sr. Martim Affonso de Sousa lhe dêsse um pedaço de terra no campo para fazer fazenda, conforme as confrontações seguintes: — Partindo por um regato que está a par do mosteiro de Piratininga, e que irá cortando pelo dito regato acima até entestar com roças de Fernão Alves, onde foi o

primeiro Tugipar ; e d'alli irá cortando ao longo do campo até partir com terras de Antonio Pinto, e irá partindo com elle até se findar no rio da Tapéra do Cacique, e d'alli irá por elle abaixo até chegar ao dito regato, onde começou primeiro a partir, que será onde se vê o dito regato metter no dito rio de Anhangavahy ; a qual terra que assim me pediu com sua petição contéda e declarada, com suas demarcações e confrontações em dita sua petição declaradas, a qual terra lhe dou pelos poderes que tenho do dito Sr. governador Martim Affonso de Sousa, e conforme o seu regimento e condições das sesmarias, conforme a ordenação d'el-rei nosso senhor ; e assim com dois mil réis de pena, que dentro em o dito tempo as aproveitará, sob pena de os pagar, os quaes serão para as obras da dita capitania, e entregues ao almoxarife do dito Sr. governador Martim Affonso de Sousa, a qual terra, que assim lhe dou com suas entradas e sahidas para elle dito supplicante e para seus descendentes e ascendentes fóra de todo o tributo, e sómente o dizimo a Nosso Senhor, a qual carta fará registrar no livro do tombo d'esta capitania ; e porquanto ora o dito supplicante é escrivão das datas, me requereu que mandasse a Rodrigo de Lucena, escrivão d'esta ouvidoria, que a fizesse ; e visto o seu pedir, mandei ao dito escrivão que esta carta de data da dita terra fizesse logo a carta por escrivão. Rodrigo de Lucena d'esta ouvidoria, fiz por seu mandado e a requerimento do dito supplicante. Dada n'esta villa do porto de Santos, sob meu signal e sello das armas do dito Sr. governador que n'esta capitania serve, aos 22 dias do mez de Janeiro. Rodrigo de Lucena, escrivão d'esta ouvidoria, a fez por meu mandado. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1560 annos (1). — *Francisco de Moraes.*

(1) Proved. da Faz. Real de S. Paulo, liv. 1.<sup>o</sup> de sesmarias, tit. 1555, fl. 158 v.

2ª sesmaria

Pedro Ferraz Barreto, capitão e ouvidor com alçada na capitania de S. Vicente, por Martim Affonso de Sousa, senhor da dita capitania, do conselho d'el-rei nosso senhor, e senhor das villas de Alcoentre, Tagarro e Rio Maior, etc. Faço saber que por Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor, almoxarife, chanceller, escrivão da ouvidoria e das datas pelo Sr. Martim Affonso de Sousa, capitão e governador d'ella, me foi feita petição em que diz:—Que elle ha 16 annos que em ella viva, e tem sua mulher e filhas, e uma casada, e me pedia terras no Rio de Janeiro a entestar com uma aldêa, que por nome dos indios se chama Itaoca, meia legua de terra, etc. E se lhe concedeu a 6 de Janeiro de 1565 (2).

3ª sesmaria

Jorge Ferreira, capitão e ouvidor de S. Vicente, por Martim Affonso de Sousa, etc. Faço saber como por Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor, almoxarife do dito senhor e escrivão da ouvidoria d'esta capitania, promotor da justiça, escrivão das datas de terra de sesmarias, e chanceller pelo dito governador, me foi feita uma petição, dizendo em ella que no anno de 1536 na cidade de Lisboa, pelo dito governador ser sabedor que havia muitos annos que elle supplicante era morador em esta sua capitania, e sempre com sua pessoa e fazenda ajudára a sustentar como os mais moradores faziam, e tambem por trazer para a dita capitania sua mulher e duas filhas para casar, e por outros muitos respeitoos lhe fizêra mercê de uma legua de terra com todas

(2) Proved. sup.; liv. de sesmarias, tit. 1562, fl. 74 v.



as águas que dentro d'ella estivessem, para fazer engenhos no Cubatão, e que, sendo caso que alli onde pedia fosse já dado, e não houvesse comprimento de tudo d'ella, que o que faltasse para o comprimento da dita legua lhe fosse dado pelo capitão que estivesse em seu lugar em o mais perto d'ella, e dado não fosse, a qual legua de terra que lhe assim deu e demarcou é da maneira seguinte: Indo d'esta villa de Santos pelo rio do Cubatão arriba, da borda do dito rio da banda do norte direito ao cume da serra mais alta, partindo com terras de Francisco Pinto, ou de quem forem, lhe irá correndo pelo cume da serra mais alta, uma legua em comprido para a banda do sudoeste; e d'alli d'onde se acabasse a dita legua desceria por ali abaixo ao rio do Cubatão, que vem ao longo da serra, em chãos d'ella correndo para a banda do nordeste, e d'ali virá correndo pelo dito rio abaixo até onde primeiro começou a partir com o dito Francisco Pinto; e assim lhe dava mais a agua grande, que chamam o Cubatão, que apparece d'esta villa de Santos, com todas as mais aguas que dentro de suas confrontações houvesse; da qual terra o capitão Francisco de Moraes lhe deu posse d'ella. E porque elle supplicante ao presente não pôde achar a dita carta e posse que nas costas d'ella andava; e porque tambem lhe era passado o tempo de sesmaria sem fazer nas ditas terras bemfeitorias; me pedia que pelos poderes que eu tenho do dito Sr. governador Martim Affonso de Sousa, para poder dar terras de sesmarias n'esta sua capitania, lhe dêsse a elle supplicante novamente em nome do dito senhor a dita legua de terra com as ditas aguas, e agua declarada, etc. Deu-se-lhe tudo a 18 de Agosto de 1567 pelo dito Jorge Ferreira, sendo tabellião de Santos Antonio Bicudo (3).

(3) Liv. supra de 1562, pag. 76.

Este Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa de el-rei D. João III, como fica referido, teve de sua mulher D. Maria Castanho, natural tambem de Monte-mór o Novo, duas filhas que vieram já de Portugal, e um filho que lhe nasceu na villa de Santos, sendo alli morador antes de se passar para S. Paulo, onde viveu e falleceu.

Foram os filhos os seguintes:

D. Catharina de Almeida, que falleceu solteira.

D. Maria Castanho, —cap. 1.º

André de Almeida, —cap. 2.º

## CAPITULO I

1—1. D. Maria Castanho, natural de Monte-mór o Novo, casou na villa de Santos pelos annos de 1564 até 65 com Antonio de Proença, natural da villa de Belmonte, moço da camara do infante D. Luiz, senhor de Belmonte, e duque da Guarda. D'este nobre matrimonio procedem os Proenças Castanhos da capitania de S. Paulo e da do Rio de Janeiro pelo ramo que a ella se passou, como veremos no § 4.º E estes Proenças são distinctos de outros Proenças Varellas, que são Cubas, da villa de Santos, d'onde passaram para S. Paulo e villa de Parnahyba, e propagaram já com os appellidos de Proenças Abrêos, de que temos escripto um titulo. Em S. Paulo se estabeleceu o dito Antonio de Proença, onde fez muitos serviços ao rei e á republica.

Quando Diogo Martins Cam, de quem trata o padre Vasconcellos na *Chronica da companhia de Jesus*, veiu a S. Paulo buscar soccorro para penetrar o sertão da capitania do Espirito-Santo a descobrimento de minas de ouro, prata ou esmeraldas, lhe fez todo o fornecimento o dito Proença, e lhe deu seu filho Francisco de Proença para o acompa-

nhar ao sertão com armas e escravos, tudo á sua custa; e por não conseguir descobrimento algum se recolheu á cidade da Bahia em tempo do governador geral D. Francisco de Sousa, d'onde voltou para S. Paulo, Francisco de Proença em 1598, acompanhando a Diogo Gonçalves Laço, que n'este anno veio para S. Paulo mandado pelo mesmo D. Francisco de Sousa, e feito capitão das minas de S. Paulo, que em 1597 foram descobertas pelos paulistas Affonso Sardinha e Clemente Alves nas serras de Jaguamimbava, de Jaraguá, de Outuruna e de Biracoyaba, com o ordenado de duzentos cruzados em cada um anno.

Depois quando chegou a S. Paulo, em fins de Abril de 1599, o mesmo D. Francisco de Sousa, e sahindo este em Outubro de 1599 para o sertão e serra de Biracoyaba, deixou em capitão da gente de cavallo da villa de S. Paulo a Antonio de Proença pela provisão do teor seguinte. — « D. Francisco de Sousa, do conselho d'el-rei nosso senhor, governador geral d'este Estado do Brasil, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem, e o conhecimento d'ella com direito pertencer, que pela confiança que faço de Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, o encarrego ora do cargo de capitão da gente de cavallo d'esta villa de S. Paulo e seu districto, e das entradas que d'ella se fizeram para fóra; e com o dito cargo haverá todos os proes e precalços que directamente lhe pertencerem; e esta se registrará, para a todo o tempo saber-se como lhe foi feita esta mercê; e mando a todas as pessoas d'esta capitania e seu districto lhe obedeçam e conheçam por tal; pelo que mando a todas as mais justiças e mais pessoas a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar esta minha provisão, como n'ella se contém e é declarado, pelo assim haver por bem, e serviço de Sua Magestade. Dada n'esta villa de S. Paulo, sob meu signal e sello. Pedro Taques a fez por

meu mandado, secretario da minha camara, aos 15 dias do mez de Outubro de 1599, o governador *D. Francisco de Sousa.*» (Archivo da camara de S. Paulo, Livro de Reg. tit. 1600, pag. 25 v.)

Foi Antonio de Proença ouvidor e auditor da capitania de S. Vicente, e querendo residir na villa de S. Paulo, onde era morador, obteve provisão de faculdade para isso do teor seguinte: — « D. Francisco de Sousa, do conselho d'el-rei Nosso Senhor, governador geral do Estado do Brasil, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem, e o conhecimento d'ella com direito pertencer, que Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, ouvidor e auditor n'esta capitania de S. Vicente, me fez a petição atraz escripta na outra meia folha d'esta, dizendo o conteúdo n'ella, e havendo respeito ao que n'ella diz e allega. — Hei por bem e serviço de Sua Magestade que o supplicante assista n'esta villa de S. Paulo com o dito cargo de ouvidor, e n'ella administre justiça e assista até eu tornar á dita capitania de S. Vicente, comtanto que visite as mais villas d'esta capitania e seu termo; e esta minha provisão se registre n'esta camara d'esta villa de S. Paulo para a todo o tempo se saber como o mandei passar; pelo que mando ás justiças de Sua Magestade d'este Estado cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar inteiramente esta minha provisão como n'ella se contém, e é declarado pelo assim haver por bem e serviço de Sua Magestade. Dada n'esta villa de S. Paulo, sob meu signal e sello, Pedro Taques a fez, meu secretario, por Antonio Coelho, aos 16 dias do mez de Junho de 1601 annos: Eu Pedro Taques a fiz escrever e subescrevi:— O governador *D. Francisco de Sousa* » (Livro sup. cit. pag. 33).

E no anno de 1602 estando ausente de S. Paulo o capitão d'ella Diogo Arias de Aguirre, foi nomeado o dito Antonio de

Proença, capitão da dita villa, pela provisão do teor seguinte: — « D. Francisco de Sousa, do conselho d'el-rei Nosso Senhor, governador geral do Estado do Brasil, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem e o conhecimento d'ella com direito pertencer, que pela confiança que tenho de Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, ouvidor e auditor n'esta capitania de S. Vicente ou de que fór encarregado, que o fará como d'elle confio, e o fez sempre, o encargo de capitão d'esta villa de S. Paulo e seu districto, até vir o capitão Diogo Arias de Aguirre, e em suas ausencias servirá o dito cargo o dito Antonio de Proença, e com elle haverá todos os proes e precalços que direitoamente lhe pertencerem, e haverá juramento dos santos na camara d'esta villa, para que bem e fielmente se sirva, guardando em tudo o serviço de Deus e de Sua Magestade e ás partes o seu direito; e mando que esta minha provisão se registre na camara d'esta villa, pelo que mando a todas as justiças e mais pessoas d'esta capitania de S. Vicente cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar inteiramente esta minha provisão, como n'ella se contém e é declarado pelo assim haver por bem e serviço de Sua Magestade. Dada n'esta villa de S. Paulo, sob meu signal e sello, Pedro Taques a fez secretario da minha camara, aos 15 dias do mez de Maio de 1602. — O governador *D. Francisco de Sousa*. (Livro supra. pag. 43 v).

Serviu da republica os seus honrosos cargos repetidas vezes. Em 1582 foi juiz ordinario e de orphãos de S. Paulo. (Cartorio 1.º de notas, maço de inventarios antigos, o de Lourenço Vaz). O capitão-mór Pedro Taques de Almeida, seu bisneto, provou em 1694 com testemunhas e documentos no juizo ecclesiastico, perante o vigario da Vara de S. Paulo o Dr. André de Barvel, a nobreza, qualidade e pureza de sangue de seu ter-avô Antonio Rodrigues de

Almeida, cavalleiro fidalgo, natural de Monte-mór o Novo, e a qualidade, nobreza e pureza de sangue de seu bisavô Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, e natural de Belmonte. Dos autos de Genere processados no bispado da Guarda na villa de Belmonte Teixoso, Carria, Lugar do Ferro, Aldêa do Mato e Covilhã, em virtude da requisitoria que se passou do bispado do Rio de Janeiro a favor do habilitado o mesmo capitão-mór Pedro Taques de Almeida. Consta d'elles pelo depoimento de treze testemunhas (sendo bispo da Guarda D. Rodrigo de Moura Telles, que acabou arcebispo de Braga), que o dito Antonio de Proença se ausentára para o Brasil pelo crime de haver tirado de certo mosteiro uma religiosa; e sendo preso por este sacrilego attentado, fôra preso no Castello e a freira recolhida no carcere do seu convento, de onde em vida do infante D. Luiz fugira; e que do dito Proença havia muita nobreza n'aquella comarca, e muitos conegos e sacerdotes seculares e regulares, como fôra Jorge de Proença, secretario que fôra do Santo Tribunal da Inquisição de Lisboa. Este instrumento veio por duas vias; uma ficou na camara episcopal do Rio de Janeiro, outra ficou em poder do mesmo capitão-mór Pedro Taques de Almeida, e se acha no cartorio da ouvidoria de S. Paulo, nos autos entre partes—Pedro Taques Pires e outros contra o réo Agostinho Nogueira da Costa.

*Armas dos Proenças*

O escudo partido em pala: na 1.<sup>a</sup> em campo verde uma aguia preta de duas cabeças, armada de ouro: na 2.<sup>a</sup> em campo azul cinco flores de liz de ouro em sautor. Assim se vêem illuminadas no brazão de armas que tirou o dito capitão-mór Pedro Taques de Almeida, em Lisboa, a 5

de Julho de 1707, sendo rei d'armas Antonio de Aguiar, e escrivão da nobreza, José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real; e obteve sentença o dito Taques pelo Dr. Gonçalo da Cunha Villas-Boas, desembargador da casa da supplicação e corregedor com alçada nos feitos e causas civeis da côrte, e se acha registrado no Archivo da camara de S. Paulo, no livro grande que principia em 30 de Outubro de 1721 a fl. 51.

Em S. Paulo fez Antonio de Proença o seu estabelecimento em uma fazenda de terras de cultura e campos creadores, na ribeira de Ityporanga, onde teve abundantes creações de gados vacuns, cavallares, porcos, etc., e grandes searas de trigo, de cujos rendimentos fornecia o tratamento de sua casa. Assim se vê do testamento com que falleceu em S. Paulo feito do proprio punho a 9 de Junho de 1603. Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4º de inventarios, letra A, n. 2, o de Antonio de Proença.

Do seu matrimonio com D. Maria Caſtanho, nasceram em S. Paulo cinco filhos:

- 2—1. Francisco de Proença, § 1º.
- 2—2. D. Anna de Proença, § 2º.
- 2—3. D. Catharina de Almeida, § 3º.
- 2—4. D. Isabel de Proença, § 4º.
- 2—5. D. Maria de Almeida, § 5º.

§ 1.º

2—1. Francisco de Proença, teve o fôro de cavalleiro fidalgo por seu avô Antonio Rodrigues de Almeida, que tinha o mesmo fôro, como se vê no cartorio 2º de Notas de S. Paulo, no maço d'inventarios antigos o de Francisco de Proença. Fez muitos serviços ao rei e ao donatario senhor da capitania de S. Vicente. Acompanhou de S. Paulo



a Diogo Martins Cam (vide pag. 206). Foi cidadão com voto nas assembléas do corpo politico da republica, cujos honrosos cargos occupou repetidas vezes. Teve estabelecimento de fazenda da mesma natureza da de seu pai, á qual estava contigua, cujos dilatados campos e ferteis terras se estendeu em grande distancia pelas faces da ribeira de Ityporanga, de uma parte pelo caminho de Santos até o sitio chamado *Borda do Campo*, e da outra pelo caminho dos Carros até o rio Jaraigbatiba, além da freguezia de Santo Amaro. Casou duas vezes : a 1ª com D. Isabel Ribeira, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 5 de Maio de 1627, declarando n'elle, que era filha de Estevão Ribeiro, o moço, e de sua mulher Maria Duarte. Em titulo de Bayão, cap. 5º § 1.º (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º de inventarios, letra I, n. 36, o de D. Isabel Ribeira). Casou segunda vez com D. Mecia Bicuda, filha de Vicente Bicudo, natural da ilha de S. Miguel, e de sua primeira mulher Anna Luiz. Em titulo de Bicudos, n. 2, cap. 5º. Em S. Paulo falleceu Francisco de Proença, com testamento a 17 de Junho de 1638, e se mandou sepultar na igreja dos padres jesuitas do collegio de S. Paulo, no jazigo proprio de seus pais. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra F, n. 27).

Do primeiro matrimonio com D. Isabel Ribeira teve :

3—1. João Ribeiro de Proença.

Do segundo, com D. Mecia Bicudo, teve :

3—2. D. Anna de Proença.

3—1. João Ribeiro de Proença, falleceu com testamento a 18 de Agosto de 1670 : foi nobre cidadão de S. Paulo, e herdou a mesma fazenda e estabelecimento de seu pai na ribeira do Ityporanga : Casou na matriz de S. Paulo a 23

de Agosto de 1639 com Paula Moreira, filha do capitão João Fernandes Saavedra, e de sua mulher Maria de Godoy, ambos naturaes de S. Paulo. Em titulo de Godoy, cap. 5º § 6º, com sua descendencia de dez filhos que teve.

3.—2. D. Anna de Proença. Casou com Salvador Pires. Em titulo de Pires, cap. 5º § 9º, sem geração, por lhe morrerem os quatro filhos que teve solteiros.

Francisco de Proença, teve, em solteiro, quatro filhos mamalucos ou bastardos, que foram:

1. Gines de Proença, que primeiro casou em S. Paulo a 25 de Novembro de 1631 com Magdalena Dias, natural de S. Sebastião de Bucucanga, filha de Balthazar Nunes e de sua mulher Isabel Dias: segunda vez casou com Catharina Moreira, de quem teve dez filhos, e tem geração tambem do primeiro matrimonio. (Vide geração 3—1.)

2. Maria.

3. Anna de Almeida, que casou em S. Paulo a 16 de Setembro de 1654. E tem geração.

4. Isabel.

Estes bastardos procrearam familia dilatada em S. Paulo, onde são conhecidos os seus descendentes.

§ 2.º

2.—2. D. Anna de Proença, casou com Pedro Taques, natural de Setubal, que veio ao Brasil em 1591 com D. Francisco de Sousa, setimo governador do Estado, feito secretario do mesmo Estado. Em titulo de Taques Pompêos, com sua descendencia.

§ 3.º

2.—3. D. Catharina de Almeida, casou em vida de seu pai com Antonio Castanho da Silva, natural da villa

de Thomar, e de nobreza qualificada. Seus pais tinham bens encapellados, cuja administração passava a elle. Fez assento na villa de Parnahyba, em cujo termo fundou uma fazenda de cultura com um pomar das frutas de Europa. N'ella teve grande numero de nogueiras, que foram as primeiras que houveram n'aquella capitania, as quaes excediam no tamanho as da Europa. Porém o tempo que tudo destróe, veio a deixar em decadencia esta grande fazenda com a morte de Antonio Castanho da Silva, tendo antes estado muitos annos ausente no reino do Perú e minas de Potosy, onde falleceu. Ainda pelos annos de 1735, existiam algumas nogueiras, das quaes colheu uns quatro alqueires o visitador dos monges benedictinos frei Antonio da Luz, passando para a villa de Sorocaba, como publicava o mesmo pela novidade que lhe causou. Tendo Antonio Castanho passado ao Perú, como então o faziam os antigos paulistas, penetrando o sertão do Paraguay, sem dependencia de buscarem o passo da cordilheira por Mendonça, e por innumeraveis nações de gentios barbaros chegavam ao Perú, d'onde traziam a prata, de que foi muito abundante a cidade de S. Paulo, e n'ella houveram casas com copa importante no peso, mais de 40 arrobas. Nas minas de Tatáci, provincia dos Chichas, no reino do Perú, falleceu com testamento Antonio Castanho da Silva, a 9 de Fevereiro de 1622; n'elle declarou pertencer-lhe a administração da capella do Alcochete em Thomar, que por elle administrava seu irmão mais moço. E teve dois filhos naturaes de S. Paulo. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º d'inventarios letra A. n. 17, o de Antonio Castanho da Silva.)

3—1. Antonio Castanho da Silva.

3—2. Luiz Castanho de Almeida.

3—1. Antonio Castanho da Silva, nobre cidadão da Parnahyba, onde ficou herdando a grande fazenda de seu pai; e alli casou com Felippa Gaga, filha de Paschoal Delgado Lobo, e de sua mulher Anna da Costa; neta pela parte paterna de Paschoal Delgado, o—Velho, e de sua mulher Felippa Gaga. Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 4º § 5º n. 3—1. Falleceu Antonio Castanho da Silva com testamento a 12 de Agosto de 1648, e n'elle declarou que lhe pertencia a administração da capella em Thomar, por seu pai, na fórma das Cartas de Aviso, vindas em vida de seu avô; e depois da morte d'elle, vindas do reino a seu pai Antonio Castanho da Silva. (Cartorio de orphãos da Parnahyba, inventario n. 86, o de Antonio Castanho da Silva.) E teve filha unica.

4. Isabel de Proença e Almeida, que falleceu com testamento a 4 de Abril de 1655, estando casada com Balthazar Fernandes. Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 2º, com sua descendencia de doze filhos que teve.

3—2. Luiz Castanho de Almeida. Deixou-se ficar na patria, e na matriz d'ella casou a 8 de Agosto de 1639 com D. Isabel de Lara, filha de D. Diogo de Lara, o da cidade da Camora. Em titulo de Laras, cap. 7º, com sua descendencia.

§ 4.º

2—4. D. Isabel de Almeida e Proença, casou em vida de seu pai Antonio de Proença, pag. 211, com Francisco Vaz Coelho natural do reino de Portugal: foi nobre cidadão de S. Paulo, onde serviu os honrosos cargos da republica. Falleceu com testamento a 31 de Agosto de 1624. E teve onze filhos nascidos em S. Paulo. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios letra F. n. 33, o de Francisco Vaz Coelho.) Que todos eram vivos ao tempo da

morte de seu pai, porque foram herdeiros nos bens inventariados.

- 3— 1. D. Maria Coelho.
- 3— 2. Antonio de Proença.
- 3— 3. Estevão de Proença.
- 3— 4. Manoel Vaz Coelho. Passou-se com a mulher a viver no Rio de Janeiro.
- 3— 5. D. Francisco de Almeida e Proença. Falleceu solteiro.
- 3— 6. D. Gracia de Abreu. Primeira vez casou com Simão Alves; segunda, com João Martins Esturiano.
- 3— 7. D. Isabel de Proença.
- 3— 8. D. Anna.
- 3— 9. D. Custodia Coelho.
- 3— 10. D. Natalia.
- 3— 11. Francisco Vaz Coelho.

3—1. D. Maria Coelho, casou em S. Paulo com Paulo de Anhaya, natural da cidade do Porto; d'ella foi natural tambem Pedro de Anhaya (filho de um cavalheiro castelhano N.... de Anhaya) o qual embarcou para a India com seu filho Francisco de Anhaya, sahindo de Lisboa depois de D. Francisco de Almeida, 1º vice-rei do Estado da India, e fundou o dito Pedro de Anhaya fortaleza em Çofala, depois que venceu ao rei Yçufut, que levantando-se depois contra os da fortaleza e seu capitão o tal Pedro de Anhaya, este só com trinta homens que tinha n'ella se defendeu do poder do rei; sahe a campo, obra proezas taes, que torna o rei a protestar pela amizade do capitão Pedro de Anhaya (Faria, *Asia Portuguesa*, tom. 1º parte 1ª, cap. 9º, n. 6, cap. 10 ns. 2 e 3, e no n. 6 se mostra que o capitão Anhaya falleceu em Sofala). Parece-me que Paulo de Anhaya, que casou em S. Paulo, foi filho ou neto do cavalheiro castelhano N.... de Anhaya, que casou na cidade do Porto. E teve nascidos em S. Paulo :

- 4— 1. D. Isabel de Anhaya.
- 4— 2. Antonio Rodrigues de Almeida.

- 4— 3. D. Maria Coelho.
- 4— 4. Paulo de Anhaya.
- 4— 5. João de Anhaya.
- 4— 6. . . . .

4—1. D. Isabel de Anhaya, casou na matriz de S. Paulo a 8 de Fevereiro de 1634, com Serafino Corrêa, natural de Guimarães, filho de Lourenço Corrêa e de sua mulher Margarida Bernardes. E teve :

- 5— 1. D. Florença Corrêa de Anhaya.
- 5— 2. D. Isabel de Anhaya.
- 5— 3. João de Anhaya de Araujo.
- 5— 4. Lourenço Corrêa Ribeiro.
- 5— 5. Serafino Corrêa Ribeiro.
- 5— 6. Antonio Corrêa.
- 5— 7. D. Anna Corrêa.

5—4. D. Florença Corrêa de Anhaya, casou com Sebastião Pedrosa Bayão, (Em título de Bayão, cap. 5º § 3º n. 3—7.) E teve :

6—1. D. Ignez Pedrosa, casou com João Rodrigues Pinto, que falleceu em Itá com testamento a 23 de Abril de 1680, natural de Guimarães, que veio feito soldado do Brasil (filho de Sebastião Rodrigues e de sua mulher Catharina Alves, da freguezia de S. Dame da villa de Guimarães), que se achava viuvo de sua segunda mulher D. Ursula de Gusmão, filha do fidalgo Gabriel Ponce de Leon e de sua mulher D. Maria de Torales. (Em título de Fernandes Povoadores, cap. 4.º) E teve d'este casamento dois filhos. (Cartorio dos residuos de S. Paulo, testamento de João Rodrigues Pinto.)

- 7—1. ....
- 7—2. ....

6—2. D. Isabel de Anhaya (filha do n. 3—4), falleceu em Itú com testamento a 27 de Dezembro de 1712, e n'elle declarou ser natural de Itú, e filha de Sebastião Pedroso Bayão, etc. Casou com Francisco Leme da Silva, filho de.... (Em titulo de Lemes, cap. 1º § 5º n. 3—2. (E teve sete filhos naturaes de Itú. (Resíduos de S. Paulo, testamento de D. Isabel de Anhaya.)

7—1. Francisco Leme, casou com D. Clara de Miranda. (Em titulo de Mirandas, cap. 11 § 1º e seguintes.)

7—2. Salvador Esteves Leme. Passou-se para os Campos de Goytacazes, tendo casado em Taubaté a 10 de Janeiro de 1705 com Luzia Rodrigues, filha de João Delgado de Escobar e de Antônia Furtado. (Em titulo de Prados, cap. 6.º)

7—3. Antonio Leme, casou com D. Anna Leite de Miranda. (Em titulo de Mirandas, cap. 11 § 1º e seguintes.)

7—4. Braz Leme, casou nos Pousos Altos, e foi o fundador e primeiro padroeiro da capella de.... em ditos Pousos Altos.

7—5. José Leme, casou em Pitanguy, com sua parenta; e lá existe com geração. Casou com D. Gertrudes de Siqueira e Moraes, filha de Manoel Preto e de sua mulher Anna de Moraes, natural de Jundiáhy.

7—6. D. Francisca Leme, casou com Balthazar de Quadros de Godoy. (Em titulo de Quadros, cap. 3º § 8º n. 3—, ou em titulo de Lemes, livro 1º, cap. 3º § 4.º). Com geração.

7—7. D. Maria Leme, foi casada com Francisco de Almeida Lara, cidadão de S. Paulo, filho de João Pires Rodrigues e D. Branca de Almeida. (Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 9º n. 3—2. Com geração.

6—3. Francisca Pedrosa, falleceu com testamento a 4



de Julho de 1725, natural de Itú, e declarou ser filha de Florença Corrêa e Sebastião Pedroso, que fôra casada com Bartholomêo Rodrigues Bezaranno, o qual logo depois de casado fôra para o sertão do rio Paraguay: até aquelle anno não havia noticia se era vivo ou morto. Sem geração.

6—4. Serafino, nasceu em Parnahyba a.... de Março de 1657.

6—5. Francisco, nasceu em Parnahyba a 20 de Abril de 1663.

5—2. D. Isabel de Aubaya (pag. 217, n. 4—1), natural de Parnahyba, falleceu em Itú com testamento a 9 de Junho de 1692. Casou na matriz de Parnahyba a 11 de Agosto de 1662 com Fernão Ribeiro, natural de Coimbra. E teve seis filhos naturaes de Itú. (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, no maço dos residuos, o testamento de D. Isabel de Aubaya.)

6—1. Fernão Soares de Almeida, nasceu em Parnahyba a 19 de Julho de 1664, e casou em Itú a 28 de Janeiro de 1697 com Thomazia Ribeiro, filha de Domingos Luiz e de sua mulher Isabel Corrêa. (Vide a fl. cas. de Itú n. 562.)

6—2. D. Maria Soares, casou a 10 de Janeiro de 1695 com João Barbosa, filho de Francisco Barbosa de Abreu e de sua mulher Sebastiana de Peralta.

6—3. D. Catharina Soares de Almeida, casou a 16 de Novembro de 1699 com Domingos Fernandes de Carvalho (filho de Manoel Fernandes de Carvalho e de D. Anna de Medina), de cujo matrimonio nasceram:

7—1. Maria Soares de Almeida, mulher de Nuno Mendes Torres, natural de S. Sebastião, que foram pais do padre Caetano José Soares. (Cam. Ep. de S. Paulo, letra C. n. 7.)

7—2. Rosa Maria José, casou em Itú a 12 de Setembro de 1718 com Diogo Mendes Torres, natural da villa de Santos, filho de Nuno Mendes e Potencia da Fonseca, natural da dita villa.

6—4. D. Margarida Soares de Almeida, casou em Itú. (Vide n. 34 A.)

6—5. Antonio Soares de Almeida, falleceu com testamento em Itú a 11 de Outubro de 1713. Casou com Isabel Dias em Itú a 12 de Janeiro de 1711. Sem geração.

6—6. Matheus Soares de Almeida, casou em Itú a 2 de Maio de 1707 com Maria Diniz, filha de Balthazar da Costa e de sua mulher Maria Diniz.

5—3. João de Anhaya de Araujo, natural de S. Sebastião, como declarou no testamento com que falleceu em Itú a 16 de Abril de 1725. Casou duas vezes: primeira na Parnahyba, com Anna da Costa, a 22 de Abril de 1664, filha de Anastacio da Costa, natural de S. Paulo. (Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 4º § 2º n. 3—4). Segunda vez em Itú, com Anna Bicuda, a 26 de Abril de 1682, filha de Francisco Diniz e de sua mulher Antonia Pedrosa, ambos naturaes de Itú, n. 365. (Cartorio de residuos de S. Paulo, testamento de João de Anhaya de Araujo.)

Do primeiro matrimonio teve unica filha em Parnahyba:

6—1. Isabel da Costa, casou com José de Barros, que foi morar a Taubaté.

Do segundo matrimonio teve oito filhos:

6—2. Manoel. Falleceu solteiro.

6—3. O padre Francisco Diniz Bicudo, clérigo de S. Pedro. (Camara episcopal de S. Paulo, Generes, letra F n. 17.)

6—4. Antonio Bicudo.

6—5. Luiz Corrêa.

6—6. Pedro de Araujo.

6—7. João de Araújo.

6—8. D. Maria de Araújo, mulher de Luiz Lopes.

6—9. D. Margarida Corrêa.

5—4. Lourenço Corrêa Ribeiro, natural de Itú. (Pag. 217 n. 4—1.) Foi casado com D. Maria Pereira de Azevedo, natural da villa de Parnahyba, filha de Antonio Pereira de Azevedo, professo da ordem de Christo, natural da cidade da Bahia, e de sua mulher D. Virginia Missel, natural de S. Paulo, com quem casou a 22 de Agosto de 1642 na matriz de S. Paulo. Neta por parte paterna de Manoel de Azevedo e de sua mulher Maria Pereira. E pela parte materna de João Missel, que foi capitão da villa de Parnahyba, onde falleceu com testamento a 28 de Junho de 1645; fundador e primeiro padroeiro da capella de Santo Antonio, e de sua mulher Constança de Oliveira. (Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 12 § 1.º)

Este Antonio Pereira de Azevedo estando morador em S. Paulo, sendo republicano, foi encarregado da conducta da gente de guerra para soccorrer a Bahia, porque em 30 de Junho de 1647, estando em acto de vereança os officiaes da camara de S. Paulo Antonio Ribeiro de Moraes, Belchior de Borba, Manoel Peres e o ouvidor da capitania Luiz da Costa, se offereceu elle a ir por capitão de uma companhia de cem homens, levando-os até a Bahia á sua custa, de todo o necessario bastimento, dando-se-lhe sómente no porto de Santos embarcação; só por fazer á sua custa este particular serviço a Sua Magestade, visto a oppressão em que se achava a Bahia, cujo governador geral, Antonio Telles da Silva, o havia representado aos camaristas de S. Paulo nas cartas de 8 de Novembro de 1646, e depois logo na de 21 do mesmo mez, e a ultima de 11 de Março de 1647; que todas fielmente copiadas do seu original, que actuaes pelo escrivão Domingos Ma-

chado se acham no archivo da camara de S. Paulo, com o titulo—*Cartas do governador geral do Estado sobre o socorro que pede para a Bahia*,—e são do teor seguinte :

1.<sup>a</sup> CARTA

« Chegou tão grande poder de Hollanda ao Recife, e fazem os holandezes tantas prevenções para tornar a continuar n'este Estado, tão injustamente, a guerra contra as pazes, que convém, que todos os vassallos, que Sua Magestade, que Deus guarde, tem n'elle o sirvam n'esta occasião com a demonstração que se deve esperar da sua lealdade ; e porque é grande a confiança que eu faço da dos moradores d'essa villa, e tenho entendido que, considerando elles estas mesmas razões, que estão com o animo mui anticipado para fazerem a Sua Magestade um grande donativo de mantimentos e levantar uma companhia de cem homens para a campanha de Pernambuco ; me pareceu dizer a Vmcês. que será este um dos particulares serviços, que estes moradores podem fazer n'este tempo a Sua Magestade e de que eu farei maior estimacão ; e assim para que a companhia se consiga e os mantimentos se contribuam, segurem Vmcês. da minha parte aos que melhor se animarem a uma cousa e outra, que lhes farei todo o favor no que de mim dependerem, e lhes procurarei de Sua Magestade toda a mercê e honra que da sua grandeza devem esperar. E ao capitão que vier o confirmarei e lhe mandarei passar patente de capitão de infantaria. E porque confio de Vmcês. que na disposição e effeito d'este socorro se haverão de maneira que se iguaem á brevidade a importancia de serem infalliveis, lhes não encarrego mais apertadamente. Ao ajudante Philippe de Proença, que esta ha de dar a Vmcês., mando a essas capitánias, e em

particular a essa villa, assim para fallar da minha parte ás pessoas que forem de mais cabedal e zelo do serviço de Sua Magestade, para que n'esta occasião se animem a merecer o favor com que me terão propicio para seus augmentos, como para ajudar a Vmcês. e fazer dar o calor e pressa que em todo o caso fôr possível, para que sem dilação alguma veja eu n'estes soccorros a certeza com que os devo esperar d'esses moradores e de Vmcês., como a quem mais publicamente tocam as obrigações do serviço de Sua Magestade, a quem representarei o bem que Vmcês. n'esta occasião procederem para lhes fazer a honra que eu sempre folgarei de lhes solicitar.

Guarde Deus a Vmcês. Bahia, 8 de Novembro de 1646.  
—Antonio Telles da Silva.—Para os officiaes da camara da villa de S. Paulo. »

2ª CARTA

« Depois de haver escripto a Vmcês. a carta que será com esta, sobre os cem soldados que essa villa offereceu para servirem na campanha de Pernambuco, vieram os holandezes com poder tão grande ao rio de S. Francisco, d'onde tenho mandado ao mestre de campo Francisco Rebello com um troço de infantaria acudir ao damno que alli podem fazer; e porque por muitas considerações de grande serviço de Sua Magestade e conservação dos moradores d'aquella capitania (a quem convém amparar na oppressão em que ao presente ficam, pelos grandes soccorros que têm vindo aos holandezes) me pareceu resolver que aos ditos cem soldados se aggreguem outros cem, e com dois mil indios (que é o menor numero que julgo que d'ahi se podem abalar das aldêas de Sua Magestade e das particulares que fôrem) marchem logo pelo sertão ao rio de

S. Francisco, e descendo por elle abaixo se incorporem ahi com o dito mestre de campo ; jornada que, segundo me dizem pessoas praticas, creio que ha de ser tão breve, como será particular o serviço que com ella se fará a Sua Magestade, além da utilidade que pôde resultar a esses moradores ; porque se fazem entradas ao sertão mais interior por caminhos tão dilatados em busca de indios, mais facilmente poderão, fazendo esta demonstração de bons vassallos, vir com a *mesma esperança de que quando se recolherem embora, façam a mesma preza de mais perto*; e assim me pareceu *pedir* e ordenar muito apertadamente a Vmcês., que tanto que esta receberem se animem a dispôr esta jornada, na fôrma que digo, com toda a brevidade ; confiando com muita certeza, que nos effeitos d'ella consistirá grande parte dos favores que desejo fazer a todo este povo. E para que a jornada se faça como confio, se formem quatro companhias de cincoenta homens cada uma, e se eleja um cabo, sujeito em quem concorram as qualidades que merece a importancia d'esta facção, que a todos mandarei passar patentes e confirmar as nomeações que Vmcês. fizerem junto com o capitão-mór d'essa capitania, a quem escrevo, e lhes farei a todos a mercê que n'esta occasião souberem merecer a Sua Magestade, de quem tenho poderes muito largos para que logo com effeito os tenham em satisfação do que servem : espero de Vmcês. que igualmente n'esta acção a confiança que posso ter do seu zêlo para ella, para que tenham Vmcês. muito que representar a Sua Magestade, e eu que lhes agradecer a todos e a cada um em particular, em tudo o que se offerecer do seu melhoramento.

Nosso Senhor guarde muitos annos. Bahia, 21 de Novembro de 1646.—*Antonio Telles da Silva*.—Para a camera de S. Paulo. »

3ª CARTA

« Um mez ha que Segismundo está sobre esta praça com trinta velas, com que tomou porto na ilha de Taparica, e nos têm sitiado por mar, com intento, segundo se infere de suas acções, de continuar o cerco por muito tempo; em cuja consideração me valho de todos os meios possiveis para metter aqui a maior quantidade de mantimentos e forças para sustentar o siúo e rechaçar o inimigo. Bem certo estou eu que, quando esta carta chegar a essa villa, já os seus moradores terão dado cumprimento ás ordens que lhes enviei, para que pelo sertão soccorressem o Rio de S. Francisco, com duzentos filhos d'essa terra e maior numero de dois mil arcos, que pudessem, como por sua parte se me havia offerecido, e pelo menos que, quando não hajam partido, estejam agora para o fazer; e assim pela confiança que faço do seu valor e lealdade, me pareceu escrever esta a Vmcês. para lhes ordenar, como por ella faço, que tanto que a receberem no mesmo ponto, se elles tiverem já partido, lhes mandem Vmcês. aviso a toda a pressa, que cortem o sertão e desçam a soccorrer esta praça; e quando se não tenham posto ainda a caminho, Vmcês. os disponham a que sem demora alguma venham fazer este soccorro; que tudo o que nas primeiras cartas lhes prometto de honras, mercês e accrescentamentos de suas pessoas, verão mais brevemente experimentados servindo á minha vista e acudindo a esta praça em occasião tão importante, e se elles se me offereceram para ir ao Rio de S. Francisco, a uma jornada tanto mais dilatada, rompendo sertões, com muito melhor animo se disporão a vir a esta, sendo tanto mais breve e por caminhos tão sabidos: a todos podem Vmcês. assegurar da minha parte que lhes hei de igualar o premio á demonstração de zelo com que se houverem, e á brevidade



com que partirem: e para que eu veja melhor a pontualidade com que essa capitania, e em particular essa villa, soccorra esta cidade por terra com seus naturaes e por mar com seus mantimentos, tendo eu para mim que já os barcos estarão feitos e prevenidos, encarrego e ordeno a Vmcês. os mandem logo carregar de mantimentos de todos os generos que essa terra produz; e quando não estejam feitos, se fretem os que n'esse porto se acharem, e os remetam de soccorro a esta praça seguindo o regimento, conforme a ordem que mando ao capitão-mór, que a todos se dará inteira e pontual satisfação; que, como as monções começam agora a entrar, facilmente virão a se poderão metter com segurança entre os fortes da barra d'esta cidade. Vmcês. trabalhem em uma cousa e outra com o calor e disposição que o tempo está pedindo e espero, para que sem dilação veja eu n'esta praça o effeito d'estas ordens, e sejam Vmcês. parte dos bons successos que n'ella confio ter, e mereçam Vmcês. n'este grande serviço que farão a Sua Magestade as honras e mercês que em seu nome lhes asseguro, e Vmcês. devem confiadamente esperar de Sua Real Grandeza e do animo com que eu lh'as procurarei.

Deus guarde muitos annos. Bahia, 11 de Março de 1647.— *Antonio Telles da Silva*. — Para os officiaes da camara da villa de S. Paulo. »

Este grande soccorro de duzentos paulistas soldados e dois mil indios flecheiros (não das aldéas do real padroado, sim da administração de paulistas particulares, que n'este tempo abundavam, de sorte que muitos havia, que possuíam debaixo da sua administração quinhentos, seiscientos e setecentos indios, que se occupavam no trabalho da agricultura em copiosas searas de trigo, plantas de milho, feijão, legumes e nos algodões), sahiu debaixo do commando do capitão de infantaria e cabo-maior Antonio Po-

reira de Azevedo em Julho de 1647. (Archivo da camara de S. Paulo, autos, titulo—*Cartas do governador geral Antonio Telles da Silva*).

Achava-se Segismundo Wandescop occupando a ilha de Taparica, desde Fevereiro de 1647, em que n'ella entrára com 30 vellas ( com engano grande affirmou o Pitta no seu livro 5.<sup>o</sup> n.º 70 que Segismundo entrára com 44 náos e 4,000 homens de guerra) até o tempo do infeliz successo das nossas armas, quando o governador geral Antonio Telles da Silva fez atacar ao inimigo com mais imprudencia de valor que com força das nossas armas, que formava o limitado corpo de 1,200 soldados, com muitos famosos e destemidos cabos. Investiram os nossos contra os inimigos, ainda antes de romper a alva do dia, e com tanta desordem, pelos impedimentos do terreno, que foram os mesmos portuguezes os verdugos uns dos outros, atirando aos proprios quando entendiam que empregavam os tiros no hollandez, até que conheceram a infelicidade, cahindo morto o mestre de campo Francisco Rebello, cabo principal da empreza: e conhecendo os mais que na porfia era infallivel a perdição, se retiraram com mais confusão que disciplina, cujo desaccordo deu ao inimigo, primeiro que ao seu valor, toda a victoria. Morreram n'esta infeliz fação 600 soldados infantes; muitos ficaram feridos, além de dois capitães, que tambem morreram, com o valoroso mestre de campo Francisco Rebello.

Jactancioso o belga da sua felicidade, lhe quebrou o orgulho a noticia de que vinha de Lisboa poderosa armada a libertar a Bahia da oppressão; e levantando o ferro e deixando Taparica foi acudir o futuro damno e restauração de Pernambuco. Assim se verificou, porque n'este mesmo anno de 1647 entrou na Bahia a armada portugueza, e n'ella veio o conde de Villa-Pouca, Antonio Telles de Me-

nezes, para governador geral do Estado, que logo tomou as redeas d'este governo. Então ficou Pernambuco sendo o theatro da maior guerra, na qual alcançaram incriveis batalhas os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros com os dois governadores D. Filipe Camarão, principal dos indios, e Henrique Dias, cabo maior dos pretos; até que fugindo livre do estado de prisioneiro o general Francisco Barreto e unido já aos victoriosos cabos, continuaram triumphantes as armas portuguezas, que ultimamente restauraram Pernambuco do poder dos holandezes, cuja primeira entrada e sua ultima destruição anda assaz escripta, e bem individuada nos livros *Catrioto Lusitano* e na *America Portuguesa*.

Ignoramos se o soccorro paulistano de que foi cabo-commandante em 1647 o dito capitão Antonio Pereira de Azevedo, ficou na Bahia, ou passou para Pernambuco, como conjecturamos, pela importancia ou natureza d'aquella guerra, para a qual fôra pedido este soccorro pelo governador geral Antonio Telles da Silva, mandando que de S. Paulo sahisse a demandar o sertão do Rio de S. Francisco, e descendo por elle se incorporasse ao mestre de campo Francisco Rebello; o que então se não executou pela novidade de haver occupado em Fevereiro do dito anno Segismundo Wandescop a ilha de Taparica, para cujo soccorro se fez baixar a recruta paulistana.

D'este serviço resultou ser o capitão Azevedo professo da ordem de Christo. Falleceu na villa de Parnahyba, onde, quando foi para a guerra, deixára sua mulher D. Virginia Missel, filha unica, e herdeira de seus pais, que lhe deixaram a administração da capella de Santo Antonio, como se vê do testamento, no 2º cartorio de notas de S. Paulo, maço d'inventarios antigos, o de João Missel Gigante, de quem era ella neta paterna, e de sua mulher Isabel Gonçal-

ves, como se vê do casamento da filha d'estes Isabel Gonçalves, na matriz de S. Paulo, com Pedro Gonçalves a 3 de Abril de 1636. E era neta materna da dita D. Virginia Missel e de Antonio de Oliveira (filho de Antonio de Oliveira e de Isabel Gonçalves) e de sua mulher Angela Fernandes, filha de..... (Em título de Fernandes Povoadores, cap. 12) Antonio de Oliveira falleceu com testamento em 1623. (Orphãos de S. Paulo, maço 3º d'inventarios letra A. n. 48, o de etc.) E D. Virginia Missel falleceu em Parnahyba em 1657; e sua filha unica D. Maria Pereira, que era menor no dito anno de 1657, casou, como já vimos com Lourenço Corrêa Ribeiro, n. 5—4, pag. 221. E d'estes nasceram em Parnahyba :

- 6— 1. D. Maria d'Almeida.
- 6— 2. Estanislão Corrêa Ribeiro.
- 6— 3. Antonio Pereira d'Azevedo.
- 6— 4. Francisco Corrêa Ribeiro.
- 6— 5. Margarida Ribeira.
- 6— 6. Maria d'Almeida.
- 6— 7. Catharina Corrêa d'Azevedo.
- 6— 8. Isabel.
- 6— 9. Florencia.
- 6—10. Veronica.
- 6—11. Lourenço.

6—1 D. Maria de Almeida, casou em Parnahyba a 2 de Maio de 1677 com Antonio de Oliveira Pedroso, cidadão de S. Paulo e sargento-mór por patente regia, da guerra de Pernambuco, filho de Fernão de Oliveira Pedroso e Anna Borges Cerqueira. Em título de Cerqueiras Lemes. E teve dois filhos.

7—1. José de Oliveira Pedroso, casou com Josepha Leite, irmã do P. Paulo de Anhaya Leite. Vide em Campos, cap. 3º. § 3º e seguintes.

7—2. D. Anna Pedrosa Cerqueira, mulher do sargento-mór Ignacio de Almeida Lara.

6—2. Estanislão Corrêa Ribeiro, baptizado a 30 de Maio de 1671. Casou com D. Ignez Pedrosa de Moraes. Em título de Moraes, cap. 2º § 7º, ou de Alvarengas cap. 5º § 1º n. 3—16 e seguintes. Deixou geração.

6—3. Antonio Pereira de Azevedo, baptizado a 26 de Julho de 1666. Falleceu com testamento a 4 de Abril de 1711, estando casado com Josepha de Moraes. Sem geração. (Resíduos de S. Paulo, o testamento de Antonio Pereira de Azevedo).

6—4. Francisco Corrêa Ribeiro, baptizado a 25 de Junho de 1673. Casou em Itú a 15 de Junho de 1694 com Maria de Moraes, natural de Parnahyba, filha de Carlos de Moraes Navarro e de D. Maria Raposo. (Cas. de Itú n. 283).

6—5. Margarida Ribeiro, baptizada a 27 de Setembro de 1674. Casou em Itú a 13 de Abril de 1687 com José Leme, filho do capitão Domingos Leme e Francisca Cardoso. Em título de Lemes, cap. 2º § 6º, n. 3—3 a n. 4—6.

6—6. Maria de Almeida (talvez seja a mesma do n. 6—1), casou com José de Campos, filho de Filippe de Campos e Margarida Bicuda de M.... a 5 de Abril de 1704.

6—7. Catharina Corrêa de Azevedo, casou a 13 de Janeiro de 1692 com Manoel Pinheiro Cerqueira, de S. Paulo, filho de João Rodrigues da Fonseca e de D. Antonia Pinheiro.

6—8. Isabel, nasceu a 26 de Maio de 1663.

6—9. Florencia, nasceu a 29 de Setembro de 1664.

6—10. Veronica, baptizou-se a 8 de Outubro de 1668.

6—11. Lourenço, baptizou-se a 24 de Dezembro de 1669.

5—5. Serafino Corrêa Ribeiro (filho de D. Isabel de Anhaya n. 4—1, pag. 217). Casou em Itú, com Maria Leme, natural de Itú, filha de Matheus Corrêa Leme, natural de S. Paulo, morador de Parnahyba e de sua mulher Maria Mendes Cabral. E teve nascidos em Itú :

6—1. D. Maria Corrêa Ribeiro, casou com Antão Leme da Silva, mestre de campo dos auxiliares das minas do Cuyabá e regente d'ellas. Em titulo de Lemes, livro 1º cap. 6º § 6.º

6—2. Serafino Corrêa Ribeiro Leme, casou primeira vez em Itú com Maria Borges Cerqueira (filha de Dionysio Fernandes Bicudo e de Maria Borges Cerqueira). E teve nascidos em Itú :

7—1. Dionysio Fernandes.

7—2. Serafino Corrêa.

7—3. Francisco Leme.

7—4. Mathias Corrêa.

7—5. Domingos Corrêa.

7—6. Ignacio Corrêa.

7—7. Bento Corrêa.

7—8. Maria Leme, casou com Francisco Cabral natural de Itú.

7—9. Isabel de Anhaya, casou com Antonio Gonçalves, natural de Itú.

7—10. Rosa Leme, casou com Antonio Affonso Rodrigues, natural de Itú, filho de Paulo Rodrigues Caraça, e de Theresa Affonso.

7—11. Maria Leme, casou com Paschoal Moreira Cabral, natural de Sorocaba, filho de D. Maria..... que foi filha do afamado paulista Paschoal Moreira Cabral, coronel e descobridor das minas de ouro do Cuyabá. Em titulo de Moreiras.

Segunda vez casou o dito Serafino Corrêa Ribeiro na

villa de Itú com Maria Rodrigues, filha de Gaspar Rodrigues Caraça e de Theresa Affonso, supra no n. 7—10. E teve filhos no Cuyabá, onde falleceram marido e mulher.

6—3. Maria Corrêa, filha do n.º 5—5. Casou em Itú a 11 de Outubro de 1694 com Antonio de Arruda, natural de Parnahyba, filho de Sebastião de Arruda Botelho e de sua mulher D. Isabel de Quadros. Em título de Arrudas.

5—6. Antonio Corrêa.

4—2. Antonio Rodrigues de Almeida (pag. 216, n. 3—1), casou com Maria Diniz. E teve em Parnahyba :

5—1. O capitão-mór João de Anhaya de Almeida, casou em Itú a 13 de Maio de 1696 com Anna de Onhate de Figueiredo, filha de Pedro Fernandes Monteiro e de Catharina Rodrigues.

5—2. Maria, baptizada na Parnahyba n. 7, em 1656.

5—3. Maria, baptizada na Parnahyba, n. 16, a 7 de Dezembro de 1658.

5—4. Francisco, baptizado na Parnahyba, n. 49, a 11 de Fevereiro de 1662.

5—5. Christovão, baptizado na Parnahyba, n. 109, a 7 de Março de 1667.

5—6. Francisca, n. 142, a 9 de Outubro de 1672.

5—7. Maria, n. 178, a 23 de Outubro de 1675.

4—3. D. Maria Coelho, casou com Manoel Velloso. E teve :

5—1. Isabel de Anhaya, casou em Itú, n. 371, com.....

5—2. Joanna de Almeida, casou em Itú, n. 63, com Antonio Borges (filho de Antonio Bicudo e de sua mulher Angela da Costa, natural de Biscaya, freguezia de Nossa Senhora das Candêas), a 3 de Fevereiro de 1707.



4—4. Paulo de Anhaya, casou com Isabel Castanho, moradores de Parnahyba. E teve

5—1 Felippa, baptizada na Parnahyba a 28 de Setembro de 1659.

4—5. João de Anhaya de Almeida, foi casado com Isabel Delgada, em Parnahyba, onde eram moradores, a 22 de Abril de 1664. E teve em Parnahyba

5—1. Isabel, baptizou-se a 10 de Fevereiro de 1660, n. 27.

5—2. Felippa, baptizou-se a 30 de Dezembro de 1661, n. 47.

5—3. João, baptizou-se a 3 de Fevereiro de 1666, n. 89.

4—6. Paulo de Anhaya de Almeida (filho do tronco) foi casado com Mecia Lobo de Siqueira. E teve em Itú.

5—1. Maria de Siqueira, casou em Itú, n. 5, a 7 de Fevereiro de 1683, com Antonio Rodrigues de Barros, natural de S. Paulo, filho de Francisco de Barros e de sua mulher Sebastiana Leite.

5—2. Anna Carneiro de Anhaya, casou em Itú, n. 28, a 10 de Novembro de 1694 com André de Zuniga, filho de Henrique da Cunha e de sua mulher Isabel de Proença.

5—3. Vicencia da Costa (filha de Paulo de Anhaya e Mecia Nunes de Siqueira ou Lobo), casou em Itú, n. 14, a 19 de Julho de 1689, com Antonio Leme de Miranda, filho de Sebastião Leme e de Marianna de Miranda. (Em titulo de Mirandas, cap....)

5—4. Luzia de Mendonça, casou em Itú, n. 32, a 19 de Novembro de 1696, com Antonio Bicudo Furtado, filho de Antonio Bicudo Furtado e de sua mulher Catharina Pedrosa.

3—2. Antonio de Proença (filho de D. Isabel de Proença, do § 4º pag. 215), ignoramos se falleceu solteiro.

3—3. Estevão de Proença, o mesmo.

3—4. Manoel Vaz Coelho (pag. 216), casou com sua prima direita Andreza de Almeida, filha de João Lopes de Ledesma e de sua mulher D. Maria de Almeida, os mesmos de quem tratámos no § 5º d'este capitulo. Passou-se para o Rio de Janeiro, e fez estabelecimento na freguezia de Nossa Senhora da Apresentação, do sitio de Irajá, termo da cidade. E teve os filhos de que temos noticia certa

4—1. Bernardo de Almeida, clérigo.

4—2. Manoel de Proença, franciscano ou capucho.

4—3. D. Francisca de Almeida.

4—4. D. Isabel de Proença e Almeida.

4—1. Bernardo de Almeida, foi clérigo de S. Pedro, cujos actos de genere, existem na camara episcopal do Rio de Janeiro, e foi vigario da freguezia de Irajá.

4—2. Manoel de Proença, foi religioso capucho, e guardião do convento de S. Paulo.

4—3. D. Francisca de Almeida, casou com Antonio de Sampaio (*Procossaque* de alcunha), natural do Rio de Janeiro, commendador de S. Bento de Aviz, por alvará passado em Lisboa a 21 de Março de 1647, pelo secretario Gaspar de Faria Severim, registrado na chancellaria da ordem a fl. 280; foi filho de Lourenço de S. Paio, natural do Rio de Janeiro, onde fez muitos e distinctos serviços ao rei e os doou ao filho; e de sua mulher Francisca da Cunha, que foi filha de João de Bastos e de sua mulher Maria de Oliveira, ambos naturaes de Vianna do Minho. Neto pela parte paterna de Antonio de S. Paio, que da Bahia veio em capitão de infantaria com o governador geral Mem de Sá a conquistar e fundar a cidade do Rio de Janeiro, que se venceu no dia 20 d'este mez do anno de

1567, e ficou no mesmo posto servindo n'aquelle presidio ; e de sua sua mulher Maria Coelho, natural de S. Vicente, filha de André Pires, nobre povoador de S. Vicente. O dito commendador Antonio de S. Paio foi irmão de D. Paula da Cunha, mulher de Antonio de Mariz, que foram pais do padre João de Mariz, que foi reitor do collegio de S. Paulo, ao qual nós alcançamos e conhecemos. Do matrimonio de D. Francisca de Almeida nasceram, de que temos certeza, seis filhos.

5—1. Antonio de S. Paio, sem geração.

5—2. Francisco de S. Paio, sem geração.

5—3. João de S. Paio, sem geração.

5—4. D. Maria de Oliveira e Almeida, casou duas vezes; primeira com Feliciano Coelho Madeira, natural de Pernambuco, e teve geração : segunda vez casou com o coronel Agostinho Pimenta de Moraes, natural de Lisboa, e irmão direito de Luiz Pimenta de Moraes, cidadão de Lisboa e capitão de infantaria ; e, passando em sargento-mór para o Pará, foi capitão-mór governador d'este Estado, por provimento do governador João Fernandes Vieira : tirou brazão de armas em Lisboa a 12 de Julho de 1631, sendo escrivão da nobreza Francisco Luiz Ferreira. Por este dito brazão se mostra que estes irmãos foram filhos de Antonio Pimenta de Moraes, cidadão de Lisboa, professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Ursula de Almeida, irmã de Romano de Almeida, que tirou brazão de armas. Netos pela parte paterna de Antonio Pimenta e de sua mulher Brazia de Moraes, natural da cidade de Bragança, filha de Christovão Tapia, natural de Castella, e de sua mulher Anna de Moraes, natural de Bragança. E pela materna, netos de Luiz Fernandes de Moura, cavalleiro fidalgo, e de sua mulher D. Francisca de Almeida, que foi filha de João

de Sá de Almeida, e de sua mulher Simôa Queimada. Tudo consta do brazão de Romano de Almeida.

5—5. Miguel de S. Paio e Almeida, nobre cidadão do Rio de Janeiro, casou com D. Barbara de Mariz, irmã do padre Ignacio Varella, presbytero de S. Pedro, e de Maria de Mariz, mulher de José Corrêa Ximenes, christão novo, de quem ha geração bem conhecida no Rio de Janeiro. Do matrimonio de Miguel de S. Paio nasceram no Rio de Janeiro tres filhos e algumas filhas que falleceram solteiras.

6—1. Antonio de S. Paio e Almeida. Sem geração.

6—2. Sebastião de S. Paio, casou com D. Brites de Oliveira, filha de João Pimenta de Moraes, herdeiro da casa de seus pais, e de sua mulher D. Margarida Madeira, natural do Rio de Janeiro. Neta por parte paterna do coronel Agostinho Pimenta de Moraes e de sua mulher D. Maria de Oliveira e Almeida, que primeiro tinha sido casada com Feliciano Coelho Madeira, natural de Pernambuco, como temos escripto na pag. 235, n. 5—4, e tem geração no Rio de Janeiro.

6—3. Ignacio de S. Paio e Almeida, nobre cidadão do Rio de Janeiro, casou com D. Ursula de Oliveira, irmã direita de D. Brites de Oliveira, supra; e foram netas pela parte paterna de Custodio Coelho Madeira, capitão de infantaria do presidio do Rio de Janeiro, e irmão direito do padre Francisco Madeira, que foi reitor do collegio do Rio de Janeiro em 1665, e de sua mulher D. Beatriz de Aguiar, natural do Rio de Janeiro, irmã inteira do Revd. Dr. João Leitão de Aguiar, que foi deão da Sé do reino de Angola, por alvará d'el-rei D. João IV de 1650, e filhos do Dr. Manoel Leitão, natural de Santarem, e de sua mulher Antonia de Aguiar, natural da mesma villa. E teve

7—1. Manoel Pimenta de S. Paio, nobre cidadão do Rio de Janeiro, que florescia em 1761, sendo capitão da

ordenação de Jacarepaguá, casado com D. Anna Joaquina de Menezes, filha de Francisco Moniz de Albuquerque e de sua mulher D. Maria Pimenta de Menezes. Neta de Pedro Moniz Tello, irmão de Manoel Pimenta Tello, que foi mestre de campo dos auxiliares do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Ignez de Andrade, todos naturaes do Rio de Janeiro. Bisneta de Egas Moniz Tello que teve o fôro de cavalleiro fidalgo, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Maria Pimenta de Carvalho, irmã direita do muito Rev. Dr. João Pimenta de Carvalho, que foi deão da Sé do Rio de Janeiro, vigario geral e provedor do mesmo bispado. E terna de Manoel Pimenta de Carvalho, natural de Villa-Viçosa de Alemtejo, e de sua mulher D. Maria de Andrade, natural do Rio de Janeiro, filha de Belchior de Andrade de Araujo, natural da villa dos Arcos de Valdevez.

5—6. D. Catharina de S. Paio, filha de 4—3, pag. 234, casou no Rio de Janeiro com Gonçalo Pedroso, que se passou para a villa de Santos, onde foi sempre morador e para cuja villa tinha vindo em 1588. Defendeu esta villa nos rebates que lhe deram os inimigos inglezes e flamengos. Foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente pelos annos de 1606; e pelos de 1608 era provedor da fazenda real da mesma capitania. Tudo referido consta no cartorio 1º de notas de S. Paulo, no caderno titulo.... Outubro de 1609, pag. 12. No cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo, no livro de sesmarias tit. 1602, pag. 14. E livro, tit. 1615, pag. 7 de Reg. das Ord. E teve em Santos quatro filhos que foram todos baptizados pelo padre Jorge Rodrigues, vigario geral da capitania de S. Vicente.

6—1. Gonçalo.

6—2. D. Maria.

TOMO XXXIII P. 1

6—3. Paulo.

6—4. D. Anna.

4—4. D. Isabel de Proença e Almeida (pag. 234), casou com Francisco Paes Corrêa. E teve seis filhos :

5—1. D. Anna de Almeida Paes.

5—2. D. Marianna Corrêa. Sem geração.

5—3. André de Almeida, casou na patria, e foi contratador das balêas no Rio.

5—4. João Paes d'Almeida, casou duas vezes em Itú.

5—5. D. Joanna Corrêa. Falleceu solteira em Santos, para onde fôra com os irmãos.

5—6. Frei Bernardino de. . . . capucho.

5—1. D. Anna de Almeida Paes ; foi de morada para Santos com os seus irmãos João Paes, D. Marianna Corrêa e D. Joanna Corrêa, e alli teve a grande fazenda de cultura e pesca chamada Monduba, dentro da ilha de Gusibê, e foi abastada de cabedades, com escravatura, moveis, prata e ouro. Falleceu na dita villa de Santos com muito avançada idade em 9 de Março de 1744, com testamento, no qual declarou a sua naturalidade, e que era filha de Francisco Paes Corrêa e de D. Isabel de Proença (cartorio ecclesiastico de S. Paulo, maço 3º de testamentos, letra A., o de D. Anna de Almeida). Foi casada com Manoel Antunes de Carvalho. E teve dois filhos.

6—1. D. Josepha de Almeida.

3—5. D. Francisca de Almeida Proença (pag. 216), supomos que falleceu solteira.

3—6. D. Gracia de Abrêo. Foi casada duas vezes : primeira com Simão Alves ; segunda com João Martins Esturiano: assim consta do testamento com que falleceu D. Gra-

cia de Abrão a 4 de Janeiro de 1670. (Cartorio de orphãos de Parnahyba inventario n. 251, letra G, o de D. Gracia de Abrão.) E teve do primeiro e segundo matrimonio tres filhos naturaes de S. Paulo:

*Do 1º matrimonio*

4—1. D. Maria de Abreu : casou em S. Paulo a 8 de Setembro de 1643 com Antonio Pereira, natural da ilha da Madeira, filho de Manoel Ribeiro e de sua mulher Barbara Pereira.

4—2. D. Isabel Coelho, foi casada com Pedro de Araujo.

*Do 2º matrimonio teve*

4—3. Maria.

3—7. D. Isabel de Proença (filha do § 4º), foi casada com Francisco Gonçalves, que falleceu sem geração em Parnahyba em 1663.

3—8. D. Anna.

3—9. D. Custodia Coelho, casou duas vezes : 1º com Antonio Barbosa Dantas ; 2º com Ignacio Gomes Vellez. Ella falleceu a 22 de Dezembro de 1662 (cartorio de orphãos de Parnahyba, letra F, inventario n. 167, o de D. Custodia Coelho). Sem geração.

3—10. D. Natalia.

3—11. Francisco Coelho, filho ultimo de D. Isabel de Almeida do § 4º, foi morador de Parnahyba, onde falleceu com testamento em 1669, tendo sido casado com Anna Maria da Luz, que falleceu em 1660. E teve quatro filhos (cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 205, o de Maria Fernandes). Em titulo de Fernandes Povos-dores, cap. 4º § 4.º Deixou geração de quatro filhos, que foram



- 4—1. D. Maria.
- 4—2. Domingos.
- 4—3. Estevão.
- 4—4. D. Isabel.

§ 5.º

2—5. D. Maria de Almeida (filha última de D. Maria Castanho e Antonio de Proença do cap. 1º). Foi casada em S. Paulo com João Lopes de Ledesma, que se passou para o Rio de Janeiro, onde casou sua filha D. Andreza de Almeida com Manoel Vaz Coelho, seu primo direito, como temos referido a pag. 234 n. 3—4 e ahí sua descendencia.

Porém se a dita D. Maria de Almeida teve mais filhos além de D. Andreza de Almeida, nós o ignoramos.

CAPITULO II

1—2. O padre André de Almeida, filho ultimo do tronco Antonio Rodrigues de Almeida, nasceu na villa de Santos em 1573. Aprendeu a lingua latina no collegio de Piratininga de S. Paulo. Tomou a roupeta de jesuita em 1589, com 16 annos de idade, e foi religioso 60. Falleceu de idade de 76 no collegio do Rio de Janeiro a 22 d'este mez do anno de 1649. Foi sua morte sentida de todos, acompanhadas suas exequias de grande concurso da cidade, e no mesmo collegio d'ella estão depositados seus ossos.

D'este varão faz menção o padre Simão de Vasconcellos, que foi provincial da provincia do Brasil, etc., que escrevendo a *Vida do padre João de Almeida*, no cap. 4º do liv. 11 fl. 36 v., impresso em Lisboa em 1658, um tomo infolio, diz *ibi*:

« Outro varão insigne foi o veneravel padre André de Al-

meida, de mui saudosa memoria em toda esta provincia, de cujas exemplares virtudes fizera de boa vontade uma larga relação; porém, como é meu intento sómente dar breves noticias dos varões que n'estas aldêas concorreram; de cujo exemplo o nosso irmão se aproveitou tanto, direi sómente, por ora, que foi em tal grão a santidade d'este padre, que o comparam ordinariamente hoje ao mesmo padre João de Almeida, e não é pequeno abono da sua virtude. Foi extremado em todas as virtudes, mas entre ellas floresceu n'elle particularmente uma caridade e zelo entranhavel da conversão e salvação dos indios, com o qual sessenta annos que esteve na companhia, quasi todos gastou entre elles; e d'estes mais de vinte nas aldêas do Espirito-Santo. Gastava muitas horas do dia e da noite em contemplação com Deus. Era notavelmente austero para comsigo mesmo, e sobremaneira affavel para com os outros. D'elle se contam muitos sentimentos de Deus e casos propheticos. Acabo em dizer que tinha tal conceito de sua santidade o nosso Almeida, sujeito principal d'esta historia, que trazia um dente seu por reliquia n'estes ultimos annos de sua idade, e que com este obrou alguns casos maravilhosos, applicando-o a alguns doentes. Se foi em virtude de um ou de outro Almeida, não é facil de averiguar; mas só sabemos que um Almeida os attribuia ao outro, e que o povo os attribuia a ambos: a certeza tem Deus escondida:—de Almeida a Almeida pouca differença vai; e, se ambos se equivocam nos nomes, não é muito se não distinguam nas virtudes.

« Faz porém muito n'aquelle varão o conceito grande que o padre João de Almeida, quando já velho, e tão experimentado em espirito, concebia d'elle, que chegou a dizer em seus escriptos as palavras seguintes:—O padre André de Almeida, unica podra preciosa, e de muita estima

de Deus, pelo qual o Senhor tem feito, faz e ha de fazer muitos bens de muita gloria sua, e honra d'esta provincia e de toda a companhia, como Deus Nosso Senhor irá descobrindo algum tempo. »

Até aqui o que deixou escripto o padre Vasconcellos. A effigie do padre André de Almeida conservou-se desde o tempo do seu transito no collegio do Rio de Janeiro até o da expulsão dos jesuitas d'este collegio, no qual se costumava lêr no refeitório a vida d'este padre no dia 22 de Outubro de cada anno. Este foi o venturoso filho e unico varão de Antonio Rodrigues de Almeida e de sua mulher D. Maria Castanho, que serve de maior braço, que as proprias armas pertencentes ao escudo de seus nobres progenitores; e de remate tambem a este titulo genealogico dos Almeidas Castanhos da capitania de S. Paulo.

*(Continúa).*

## NOBILIARCHIA PAULISTANA (\*)

### GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada da pag. 157 2º trimestre, tomo XXXIII parte primeira)

#### TITULO DOS ANTAS MORAES, DA CAPITANIA DE S. PAULO

Fielmente copiado do titulo dos Braganções, da livraria do insigne José Freire Monte Arroio Mascarenhas, em Lisboa, anno de 1757.

N. 1. —D. Mendo Alam foi um illustre cavalheiro, senhor da villa de Bragança, que depois foi cidade: vivia em tempo de el-rei D. Affonso VI de Leão, avô de D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal. Casou com uma priu-ceza de Armenia, que com el-rei seu pai veio em romaria a visitar o corpo do apostolo S. Thiago a Compostella. E teve, como diz o conde D. Pedro e o livro antigo das linha-gens, a

2. D. Fernando Mendes de Bragança, rico homem, chamado o Velho; succedeu a seu pai no senhorio de Bragança, e mais terras, que eram muitas, na provincia de Trás-os-Montes, entre Bragança e Miranda. Diz o livro antigo, que esteve na torre do Tombo, e mostra o chronista Brandão, P. 3º liv. 40 cap. 4º da *Monarchia Lusitana*, e liv. 8º cap. 27, que fôra casado com uma filha de el-rei

(\*) Para não interrompermos a publicação d'esta importantissima Memoria continuamos-a n'esta 2.ª parte, exclusivamente destinada aos trabalhos dos nossos consocios.

*Nota da Redacção*

D. Affonso VI de Leão, de quem tivéra a D. Mendo Fernandes, seu filho: e o conde D. Pedro, titulo 38 fl. 204, affirmou o mesmo. A *Genealogia da Casa Real de Portugal* fl. 39 v. faz casada a infanta D. Sancha Henriques com este D. Fernando Mendes, rico homem, senhor de Bragança e de grandes Estados (1). E teve

3. D. Mendo Fernandes de Bragança, succedeu na casa de seu pai: casou com D. Sancha Viegas de Bayão, filha de D. Egas Gozende, senhor de Bayão, e de sua mulher D. Gotina Nunes. E teve

4. D. Fernando Mendes, rico homem, senhor de Bragança e mais terras de seu pai: foi chamado o Braganção, e por outro nome o Bravo. Achou-se com el-rei D. Affonso Henriques em todas as guerras do seu tempo, e na batalha do campo de Ourique. Casou com D. Theresa Affonso, filha illegitima do mesmo rei, que o conde D. Pedro diz titulo 38 fl. 204 a tirára ao conde D. Sancho Nunes de Barbosa, de quem era mulher, para lhe applacar a ira de se rirem d'elle quando lhe cahiu a nata pelas barbas comendo com el-rei á mesa em Coimbra; o que Brandão tem por fabuloso, e convém em que foi casado com D. Sancha Henriques, irmã do mesmo rei D. Affonso Henriques, o que prova com a escriptura, que allega no liv. 8º cap. 27 parte 3.ª O mesmo conde D. Pedro e o chronista Brandão affirmam que não teve d'ella filhos, e que por lhe haver feito doação da cidade de Bragança ficára, por sua morte, incorporada na corôa; porém João Baptista Lavanha, allegando o livro antigo, diz que fôra casado com outra mulher, que Brandão no lugar já citado diz fôra D. Theresa Soares, filha de D. Sociro Mendes o Bom da Maia, e que d'elle

(1) Dos mais filhos não tratamos porque aqui só se segue rectamente até o primeiro Moraes, que veio a S. Paulo e fez geração.

tivéra a seu filho D. Pedro Fernandes o Braganção, que segue : D. Fernão Fernandes de Bragança, que foi alcaide-mór de Bragança no anno de 1193, em que el-rei de Leão a teve cercada, e o Sr. rei D. Sancho I a foi soccorrer, como consta da escriptura original do mosteiro de S. Salvador de Castro de Avellães, e a refere José Cardoso Borges nas noticias de Bragança (2).

5. D. Pedro Fernandes o Braganção, chama-lhe o chro-nista Brandão Pedro Fernandes de La Hadra, e diz que teve muita parte dos Estados de seu pai. E porque occupava algumas fazendas pertencentes á Sé de Braga, o arcebispo D. João de Peculiar passou carta de excommunhão contra elle, como consta do livro do cabido da Sé de Braga a fl. 118: e do livro das inquirições que mandou fazer das honras do reino o Sr. rei D. Affonso III, consta que este D. Pedro Fernandes o Braganção deu a ordem do hospital a villa e igreja de S. Pedro Velho, e a villa de Valmaior, que foram de seus avós. O livro antigo diz, que casou com D. Froile Sanches, filha do conde D. Sancho Nunes de Barbosa e de sua mulher D. Theresa Affonso, filha de el-rei D. Affonso Henriques: o que melhor se vê em titulo dos Barbosas. E teve

6. D. Vasco Peres o Beirão, casou com D. Urraca Esteves, filha de Estevão Annes, senhor do Passo de Antas, no concelho de Coura, e ficou herdando o mesmo Passo. E teve, como afirma o conde D. Pedro no titulo 57 § 1º e o livro antigo, em terceiro filho a

7. João Vasques de Antas, foi senhor da villa de Vi-

(2) N'isto mesmo concorda o academico D. Antonio Caetano de Sousa na *Genealogia da Casa Real Portuguesa*, tom. 1º liv. 1º fl. 49. E á fl. 64 diz que D. Theresa Affonso, filha illegítima de el-rei D. Affonso com effeito casára com o conde D. Sancho Nunes de Barbosa primeira vez, e segunda com D. Fernando o Bravo, seculor de Bragança e de Chaves.

mioso. Vivía pelos annos de 1242. Não se tem noticia do seu casamento, mas sabe-se que foi seu filho

8. Estevão Annes de Bragança: faz d'elle memoria o conde D. Pedro no titulo 34 § 2º do seu *Nobiliario* manuscrito. A sua filiação se prova de um documento que se conserva na camara da villa de Vimioso, divisado com o n. 16, que é uma demanda que teve seu neto direito João Mendes de Moraes com a camara de Vimioso, que lhe quiz impedir a tapagem de uma herdade que elle tinha junto ao rio Fervença por cima da ponte das Ferrarias; e provou n'estes autos que era filho de Mendo Esteves, neto de Estevão Annes de Bragança e bisneto de João Vasques de Antas, terceiro neto de D. Vasco Peres o Beirão, de cujos avós foram aquellas terras, etc. Teve este Estevão Annes a seu filho segundo

9. Mendo Esteves de Antas, que casou na casa dos Moraes com D. Ignez Rodrigues de Moraes, neta de Ruy Martins de Moraes. E teve a

10. Affonso Mendes de Antas, o qual succedeu no senhorio de Vimioso e de outras terras a seu tio direito (irmão de seu pai) Gonçalo Esteves, que foi senhor de Vimioso. Casou com D. Aldonsa Gonçalves de Moreira, de quem teve

11—Mendo Affonso de Antas, que segue

11—Estevão Mendes de Moraes, o qual passando a villa de Vimioso á corôa por morte de seu irmão Mendo Affonso, como abaixo diremos, pôz demanda a D. Francisco de Portugal, que correu muitos annos perante o corregedor da comarca de Vizêo, a quem el-rei deu commissão para ventilar este litigio; e por fallecer antes de decidida a causa ficou livremente possuindo Vimioso D. Francisco de Portugal, etc.



11. Mendo Affonso de Antas (filho primogenito do n. 10), succedeu a seu pai no senhorio de Vimioso, e foi padroeiro da igreja do concelho de Coura: falleceu sem filhos varões; por cuja razão ficou Vimioso na corôa, e el-rei a deu em titulo de condado a D. Francisco de Portugal. D'aqui teve origem a demanda, que correu Estevão Mendes de Moraes com o dito D. Francisco, como fica referido, e o tráz Monte Arroyo (3).

Tambem D. Antonio Caetano de Sousa no tomo 1º liv. 1º fl. 205 da *Genealogia da Casa Real Portugueza* traz que passára Vimioso á corôa, e que el-rei D. Manoel a déra a D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, por carta passada em Almerim a 2 de Fevereiro de 1515, que se acha no liv. 5º dos Misticos a fl. 152 na Torre do Tombo: assim o refere tambem o academico frei Fernando de Abrêo no tomo 4º das *Collecções da Real Academia de Historia Portugueza* em 22 de Outubro do anno de 1724, onde afirma que este Mendo Affonso de Antas (filho de Affonso Mendes de Antas, senhor de Vimioso, e padroeiro da igreja do concelho de Coura) fallecêra sem linha masculina; e passando Vimioso á corôa el-rei a déra em titulo de condado como fica dito. E que sómente na alcaidaria-mór de Vimioso ficára Gonçalo Vaz Rego, genro do dito Mendo Affonso; e não dizem os AA. com quem casára; mas sabe-se que teve filhos. Porque em 1575 na villa do Mogadouro, sendo juiz ordinario Luiz do Valle, perante elle justificou Belchior de Moraes de Antas (irmão inteiro de Balthazar de Moraes de Antas, que eram filhos, netos e bisnetos do dito Mendo Affonso de Antas, senhor de Vimioso, e seu ultimo possuidor; porque depois

(3) Esta narração vai afastada em parte das memorias do grande Monte Arroyo pelas achar Pedro Taques confirmadas estas noticias nos AA. que vão apontados, etc.

da sua morte passára para a corôa), sendo escrivão dos autos o tabellião Gaspar Rodrigues Pereira. E d'este instrumento faremos abaixo mais larga menção; e por elle sabemos que Mendo Affonso teve a

12. D. N.... mulher de Gonçalo Vaz Rego, que ficou na alcaidaria-mór da villa de Vimioso, como fica referido pelo academico frei Fernando acima citado, onde diz, que fôra vassallo de el-rei D. Fernando, e senhor, por mercê d'este principe, da colheita da villa de Arruda, e de uma quinta na Ribeira de Loures, etc. (Em titulo de Regos, com geração, etc.)

12. Isabel Mendes de Antas, casou com Nuno Navarro, como consta do instrumento de *nobilitate probanda* de Balthazar e Belchior de Moraes; pelo qual consta tambem que do seu matrimonio tiveram a

13. Ignez Navarro de Antas, que casou com Pedro de Moraes, cavalleiro fidalgo dos chefes Moraes do reino de Portugal da provincia de Trás-os-Montes, que era parente da mesma Ignez Navarro, sua mulher. Este dito Pedro de Moraes serviu a el-rei em varios empregos nas comarcas da Beira e de Trás-os-Montes; e foi mamposteiro-mór dos captivos; e do dito instrumento consta que teve uma irmã que no anno de 1375 estava casada com Pedro Homem Escudeiro, morador da villa de Mogadouro. E do mesino instrumento consta que teve do seu matrimonio dito Pedro de Moraes.

14. D. F.... que casou com o sargento-mór Jorge Alvares Meirelles, cavalleiro fidalgo da casa do Sr. D. Antonio, e morador no Mogadouro pelos annos de 1375.

14. Belchior de Moraes de Antas, que no anno de 1375 justificou a sua qualidade perante o juiz da villa de Mogadouro, Luiz do Valle, sendo escrivão dos autos o tabellião

Gaspar Rodrigues Pereira, e se ausentou pelos annos de 1579.

14. Balthazar de Moraes de Antas, que em 11 de Setembro de 1579, perante o juiz Amador do Valle da villa do Mogadouro, sendo escrivão dos autos o tabellião Gaspar Teixeira, justificou a sua fraternidade por pai e mãe com Belchior de Moraes de Antas, para se aproveitar do instrumento que a este se tinha passado. Com effeito assim se julgou, de que se deu ao dito Balthazar de Moraes o seu instrumento authenticico, o qual o fez reconhecer pelos escrivães todos de Mogadouro em 14 de Setembro de 1579 de Monxagate, da Torre de Moncorvo, de Mirandella, de Villa Pouca de Aguiar. E na cidade do Porto justificou por India e Mina dito instrumento em 15 de Dezembro de 1579. Na cidade do Funchal justificou o sobredito instrumento por India e Mina em 6 de Junho de 1580. Na cidade da Bahia justificou o instrumento, e fez reconhecer os signaes d'elle por Cosme Rangel de Macedo, ouvidor geral de toda a costa do Brasil, em 24 de Novembro de 1580 (4).

Passou este Balthazar de Moraes de Antas a S. Paulo, onde casou com Brites Rodrigues Annes, filha de Joanne Annes Sobrinho, a quem os antigos chamaram Joannienes, que de Portugal tinha vindo para esta capitania, e trouxe solteiras tres filhas, que todas casou com pessoas de conhecida nobreza. Do matrimonio de Balthazar de Moraes de Antas e Brites Rodrigues Annes houveram sómente dois filhos e duas filhas, porque no anno de 1600 já era fallecido como consta de uma provisão do governador geral do Estado D. Francisco de Sousa, passada a seu filho Pedro de Moraes de Antas, e a seu requerimento para em todo o Estado lhe serem guardados, e cumpridos os privilegios,

(4) Até aqui Monte Arroyo: agora segue-se a noticia que ha pelos documentos de S. Paulo.

honras, e liberdades que lhe competiam pelos instrumentos de seu defunto pai, os quaes foram reconhecidos n'esta capitania em Janeiro de 1600 pelos tabelliães de S. Paulo, Santos e S. Vicente; o que tudo consta do mesmo instrumento e provisão que anda junta aos mesmos autos. Os filhos de Balthazar de Moraes de Antas, como fica dito, foram quatro, dos quaes o primogenito foi

15. Pedro de Moraes de Antas, a quem o governador geral do Estado D. Francisco de Sousa passou em S. Paulo a provisão de que temos feito já menção: falleceu na villa de S. Vicente, em cujo cartorio de notas se acha o seu testamento, pelo qual consta que foi casado com Leonor Pedrosa, que falleceu em S. Paulo (com testamento que se acha junto aos autos de inventario dos seus bens no cartorio de orphãos de S. Paulo no maço 1.<sup>o</sup> letra L) aos 14 de Julho de 1636. Foi filha de Estevão Ribeiro Bayão, natural da cidade de Beja, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó, natural da cidade do Porto, de onde veio este casal para S. Paulo com duas filhas e dois filhos. D'este tronco procedem todos os religiosos da companhia de Jesus dos appellidos de Moraes, Pedroso e Ribeiro: e d'elle tem sahido varios familiares, e commissarios do santo officio, cavalleiros da ordem de Christo, fidalgos da casa real, governadores, e um donatario, que foi João Amaro Maciel Parente, irmão de Bento Maciel Parente, que foi governador do Estado do Maranhão, e ambos filhos do governador e conquistador dos gentios bravos do sertão da Bahia, Pernambuco e Ceará, que falleceu na cidade da Bahia Estevão Ribeiro Bayão; e por sua morte continuou no real serviço seu filho João Amaro Maciel Parente, natural da cidade de S. Paulo. Foi Pedro de Moraes de Antas fundador e primeiro padroeiro da capella de Nossa Senhora do Populo, sita no Rio-Grande, caminho de Santos, em cuja igreja

sendo padroeiro seu filho Pedro de Moraes Madureira, houve um tríduo com o Sacramento exposto, e prégou o grande barrete da companhia de Jesus o padre Manoel Pedroso, que era da familia dos Moraes, naturaes de S. Paulo. Do matrimonio de Pedro de Moraes de Antas (entre outros filhos) procedeu a filha

16. Magdalena Fernandes Feijó, que casou com D. Diogo de Lara, natural da cidade de Camóra, filho legitimo de D. Diogo Ordonhes de Lara, illustre cavalheiro de Camóra, como consta muito maior da inquirição *de genere* tirada em Camóra no anno de 1604 por requisitoria do Illm. D. José de Barros de Alarcão a requerimento do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, habilitando-se *de puritate sanguinis* por seu avô materno dito D. Diogo de Lara. Estes autos originaes se acham na camara episcopal de S. Paulo, e são mais para examinados com o desengano da lição, que para ouvidos pela verdade da noticia (5). E teve

17. D. Maria de Lara, que casou com Lourenço Castanho Taques (irmão do capitão-mór Guilherme Pompêo, que foi pai d'aquelle benemerito filho o afamado padre o Dr. Guilherme Pompêo de Almeida, clérigo secular) filho de Pedro Taques, natural da villa de Setubal, que veio a S. Paulo por secretario do Estado do Brasil com o governador geral D. Francisco de Sousa e de sua mulher D. Anna de Proença, filha de Antonio de Proença, natural de Belmonte, moço da camara do Sr. infante D. Luiz e de sua mulher D. Maria Castanho, natural de Santos, irmã inteira do veneravel padre André de Almeida da companhia de Jesus, que falleceu no collegio do Rio de Janeiro a 22 de Janeiro de 1649, varão de candura innocentissima, que conservou intacta a pureza virginal, como se lê no elogio

(5) Cartorio Ecclesiastico letra M, n. 11 no maço 1°.

de sua morte ; e eram filhos de Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa real do Sr. rei D. João III, a cujo serviço passou ao Brasil a crear as reaes rendas, que hoje são da provedoria de Santos, e de sua mulher D. Maria Castanho, que veio ao Brasil, ambos naturaes de Montemor. De tudo ha documentos nos cartorios da provedoria da fazenda real de Santos, etc. E teve

18. Pedro Taques de Almeida, que foi capitão da fortaleza do Itapema da praça de Santos com 40\$ de soldo; provedor da fazenda real da capitania de S. Paulo e d'ella capitão-mór governador com ordenado; alcaide-mór e administrador geral das alldas do real padroado da mesma capitania por mercê da Sra. D. Catharina, infanta de Portugal e regente d'este reino; cavalleiro fidalgo da casa real do Sr. rei D. Pedro II, que foi o mesmo fôro que teve seu bisavô dito Antonio Rodrigues de Almeida, que é fidalgo da casa de Sua Magestade. Vem, pois, a ser Pedro Taques de Almeida undecimo neto por linha direita de D. Pedro Fernandes o Braganção, e de sua mulher D. Froile Sanches; e por ella duodecimo neto do conde D. Sancho Nunes de Barbosa e de sua mulher D. Theresa Afonso; por cuja senhora é decimo terceiro neto dito capitão-mór Pedro Taques de Almeida d'el-rei D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal. *Deus fecit nos, et non.....* disse o psalmista.

---

COPIA FIEL DO TITULO DE LARAS

que fez Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e que se acha em poder do Illm.Sr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. (\*)

A alta qualidade da familia dos Laras da capitania de S. Paulo é mais para ser conhecida pelo merecimento dos documentos, que lhe acreditam a nobreza do sangue, do que para estimada pela informação que lhe publica a ascendencia. Este conceito se gerou depois que por certidão juridica recebemos uma fiel cópia dos autos de genere, processados na cidade de Çamòra do reino de Castella a Velha no anno de 1704, perante D. Bartholomêo Gonzales de Valdevia, provisor e vigario geral do bispado da dita cidade de Çamòra, em uma requisitoria, que por parte do capitão-mór Pedro Taques de Almeida se expediu pelo Dr. Jorge da Silveira Souto-Maior, vigario geral e provisor do bispado do Rio de Janeiro, aos 4 dias do mez de Setembro de 1703 annos; ao Revm. Dr. vigario geral e provisor da Çamòra, para effeito de se proceder (na forma do estylo e em segredo ecclesiastico, precedendo informação do Rvm. parochio, e nomeação das testemunhas) sobre a averiguação da pureza e limpeza de sangue de D. Diogo de Lara, natural da cidade de Çamòra da freguezia de Santo Antonio, e S. Estevão seu annexo, e filho legitimo de D. Diogo Ordonhez de Lara. Procedendo-se n'esta diligencia, como se mostra dos autos, informou o Revm. parochio da dita freguezia, na sua certidão jurada aos 27 de Abril de 1704, que D. Diogo de Lara fôra natural d'aquella cidade e morador da praça de Tordegrado da freguezia de Santo Antonio e S. Estevão, da qual era

(\*) As notas que levarem este signal são do copiador, em 1783.



paracho e cura tenente elle Dr. D. Gaspar Manoel de Tezeda, e filho de D. Diogo Ordonhez de Lara, tambem natural da mesma freguezia, e de sangue muito illustre, e um dos grandes e illustres cavalheiros da cidade de Camòra, e das mais esclarecidas casas da mesma cidade, onde fôra morador o dito D. Diogo Ordonhez de Lara, e seu filho D. Diogo de Lara, em umas casas proprias arri-madas junto á muralha da dita praça de Tordegrado, em cuja fachada ou fronteira se divisavam as armas dos seus illustres appellidos. Sobre esta mesma materia foram inquiridas sete testemunhas de grande excepção (como se vê da informação, que da qualidade de cada uma d'ellas deu no fim da dita inquirição o Revm. Dr. vigario geral e provisor), que todas depuzeram com a singularidade de conhecimento, tratamento que tiveram com o dito D. Diogo de Lara até o tempo que se passára para o reino de Portugal e embarcára para o Brasil. Os autos originaes d'este processo foram remettidos aos 30 dias de Abril de 1704 para a camara episcopal da cidade do Rio de Janeiro; e por elles obteve sentença de *puritate sanguinis* o habilitando o capitão-mór Pedro Taques de Almeida pelo costado de seu avô materno dito D. Diogo de Lara, filho de D. Diogo Ordonhez de Lara. Estes autos passaram da camara episcopal do Rio de Janeiro para a do bispado de S. Paulo no anno de 1746. Com a criação do primeiro bispo d'esta cidade o Exm. D. Bernardo Rodrigues Nogueira, que a 8 de Dezembro do dito anno fez a sua publica entrada na dita cidade. No cartório da camara episcopal d'ella no maço dos autos de *genere letra*—P—título o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, se acham estes autos de que temos feito menção para conhecimento e total sciencia do illustre sangue, e alta qualidade de D. Diogo de Lara. Este cavalheiro foi o progenitor da familia de Laras

na capitania de S. Paulo, em cuja cidade, sendo ainda villa, casou com D. Magdalena Fernandes de Moraes, filha de Pedro de Moraes de Antas, e de sua mulher D. Leonor Pedrosa. ( Em título de Moraes cap. 1.º. )

D. Diogo de Lara viveu em S. Paulo com grande estimação e respeito, que depois passou a uma geral e reverente veneração pelas suas grandes virtudes. Com ellas mereceu conseguir o character de varão santo. Vivia mais no templo de Nossa Senhora do Carmo, ao pé do altar-mór, onde estava o Santissimo Sacramento no sacario, do que em sua casa. Commungava com grande frequencia. Retirou-se do popular concurso para a soledade de uma quinta em distancia de um quarto de legua, que depois deixou aos religiosos carmelitas da S. Francisco com todo o gado, que n'ella tinha, por conta do que, com o decurso dos annos, se chamava esta quinta Ferraria e Curral dos carmelitas. Ao presente tempo só existe o sitio d'esta quinta, sem utilidade alguma ao convento dos religiosos, que a este estado se reduzem as casas pelo desprezo de quem lhes não cultiva as terras. D'esta quinta vinha D. Diogo de Lara todos os dias ao romper da alva vestido no habito de terceiro do Carmo, que foi a preciosa gala ( pelo sagrado escapulario do mesmo habito ) com que se adornou muitos annos até o da morte. Na sua quinta cultivava um jardim de varias flôres, que colhia sempre que vinha para o templo de Nossa Senhora do Carmo, e com ellas ornava o altar da mesma Senhora, na capella-mór. Estas flôres trazia o mesmo D. Diogo de Lara no regaço, ou ponta da capa do mesmo habito, que então era geralmente de estamenha parda. Depois de receber a sagrada communhão se deixava ficar no mesmo templo em profunda oração ; e, ainda que convidado da religiosa caridade para tomar uma pequena refeição, não aceitava, por se não apartar do sustento que

tinha em estar na presença do Senhor. No dia de sabbado estendia mais a sua oração até a hora em que os religiosos cantavam a Salve no fim das Completas: e só depois d'este acto se recolhia para a sua quinta, onde chegava já vizinha a noite. N'este santo exercício continuou, com tal fervor, e desapego das dependências do mundo, depois que Deus foi servido chamar ao seu tribunal divino a 18 de Julho de 1661 a D. Magdalena Fernandes de Moraes sua esposa, até 22 de Outubro de 1663, em que entregou a alma ao seu creador. O seu corpo, amortalhado no sagrado habito dos religiosos carmelitas, esteve depositado na igreja dos mesmos, que lhe officiaram honrosos funeraes, não só pela grande opinião, que tinham das suas virtudes, e exemplar vida, mas tambem como obrigados ao seu bemfeitor, além do concurso de ser este santo varão pai de religioso carmelita, qual foi seu filho frei Alberto do Nascimento. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventario letra—D—, o inventario de Diogo de Lara com testamento, e nos mesmos por appenso o inventario de Magdalena Fernandes de Moraes com testamento.) Teve sepultura este venerando cadaver na capella dos irmãos terceiros da mesma ordem, tendo estado flexivel e com semblante agradável; e o affecto popular aclamando-o de santo pela efficacia da opinião, que todos tinham formado da sua exemplar e penitente vida.

As armas dos Laras são em campo de prata, duas caldeiras pretas postas em pala, com as bocas e azas guarnecidas de ouro. Assim se illuminaram no brazão das armas passado em 5 de Julho de 1707 ao capitão-mór Pedro Taques de Almeida, neto do dito D. Diogo de Lara, como fazemos mais larga e expressa menção em titulo de Taques Pompéos cap. 3º.

Do matrimonio de D. Diogo de Lara, e de sua mulher

D. Magdalena Fernandes de Moraes, como consta dos testamentos e autos de inventario já referidos nasceram em S. Paulo oito filhos.

Joaquim de Lara Moraes .....	Cap. 1.º
Marianno de Lara .....	Cap. 2.º
João de Lara Moraes .....	Cap. 3.º
D. Maria de Lara .....	Cap. 4.º
D. Anna de Lara .....	Cap. 5.º
D. Maria Pedrosa .....	Cap. 6.º
D. Isabel de Lara .....	Cap. 7.º
Pedro Lara, clérigo.....	Cap. 8.º

### CAPITULO I

1—1. Joaquim de Lara Moraes passou de S. Paulo para a Ilha-Grande de Angra dos Reis em 1647, attrahido do irmão o padre Pedro de Lara, supra, que já estava estabelecido, e com quatro leguas de terras, que lhe foram concedidas de sesmaria. Na dita ilha casou Joaquim de Lara com D. Cicilia Gago de Oliveira, filha de Antonio de Oliveira Gago, natural da villa de Santos da nobre familia do seu appellido ( que teve principio em Antonio de Oliveira, cavalleiro fidalgo da casa real de el-rei D. João o 3º, e de sua mulher D. Genebra Leitão de Vasconcellos, que vieram de Portugal para a nova capitania de S. Vicente em 1538; e o dito Antonio de Oliveira feito capitão-mór governador e ouvidor, loco-tenente do donatario, e senhor da dita capitania Martim Affonso de Sousa (1) e de sua mulher segunda Custodia Moreira. E teve 4 filhos, nacionaes da Ilha Grande :

2—1. D. Maria de Lara.....	§. 1.º
2—2. D. Anna de Lara.....	§. 2.º
2—3. D. Josepha de Lara.....	§. 3.º
2—4. D. Magdalena de Lara.....	§. 4.º

(1) Cart. da Proved. da Fazenda, livro de sesm. n. 1º 1562, pag. 80.

§ 1º

2—1. D. Maria de Lara, casou com Manoel Antunes de Araujo, natural de Lisboa, da freguezia de Santa Justa. E teve tres filhos :

3—1. Manoel Antunes de Araujo, foi casado com uma filha de João Moreira e bisneto de Custodia Moreira, segunda mulher de Antonio de Oliveira Gago.

3—2. Joaquim de Lara Moraes.

3—3. D. Maria de Lara, foi casada com Antonio Lopes Leonardo, natural da villa de Vianna do Minho. E teve quatro filhos :

4—1. Antonio Lopes, casou com D. Luiza Pimenta, filha do capitão Manoel Soares Pereira e de sua mulher D. Magdalena Pimenta. (Em titulo de Rendons cap. 2.º)

4—2. João Antunes.....

4—3. D. Maria de Lara.....

4—4. D. Marianna de Lara, casou com Thomaz Fernandes Montanha, filho de Francisco de Oliveira Montanha, capitão de infantaria, e de sua mulher D. Thomazia de Moraes Cavalcanti, ambos naturaes da praça de Santos. Neto pela parte paterna de Thomaz Fernandes de Oliveira, que foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, de que tomou posse na camara de S. Vicente a 17 de Fevereiro de 1675, e de sua mulher D. Maria ou Marianna, que era irmã direita da mulher de Antonio Vaz Gago, capitão de infantaria da guarnição da praça da cidade do Rio de Janeiro, de cujo matrimonio foram filhas D. Maria, mulher do coronel Manoel Dias de Menezes, e D. Bernarda, que foi mulher de Paulo Pinto de Faria, cavalleiro professo da ordem de Christo e natural do Rio de Janeiro. (Em titulo de Moraes cap. 2º, na descendencia do capitão Pedro de Moraes Madureira, e de sua mulher D. Antonia de Sousa Cavalcanti.

§ 2º

2—2. D. Anna de Lara, casou com José de Barcellos. Sem geração.

§ 3º

2—3. D. Josepha de Lara, casou com Luiz Nogueira de Travassos, que viuvando se ordenou de clérigo e foi vigário da igreja da Ilha Grande, em cujo emprego falleceu. E teve :

3—1. Luiz Nogueira de Moraes Travassos, foi clérigo e depois tomou o habito de carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro.

3—2. D. Josepha de Lara, foi casada com Manoel Leal de Macedo, natural de Lisboa. E teve cinco filhos :

4—1. Joaquim de Lara.

4—2. Faustino Leal de Macedo.

4—3. D. Theresa de Jesus, casou com o alferes Francisco das Chagas, seu parente por consanguinidade.

4—4. D. Maria de Lara, casou com seu parente João Pimenta de Carvalho, capitão da infantaria da ordenança, filho do alferes Manoel Pimenta.

4—5. D. Antonia de Lara, que nunca casou, vivendo com grande opinião pelas suas virtudes.

§ 4º

2—4. D. Magdalena de Lara, casada com Hieronimo de Sousa. Sem geração.

CAPITULO II

1—2. Marianno de Lara, foi carmelita e mudou o nome de Marianno, chamando-se Fr. Alberto do Nascimento.

### CAPITULO III

1—3. João de Lara Moraes (filho de D. Diogo de Lara) casou com Maria de Góes de Medeiros que era irmã inteira do capitão Antonio Rodrigues de Medeiros, de alcunha o Tripohy, que foram filhos de Diogo Rodrigues, natural da villa Real, que fallecêra em S. Paulo com testamento a 20 de Junho de 1685, e de sua mulher Ignez de Góes (2). Netos pela parte paterna de Sebastião Pires e de sua mulher Brites Lourença, ambos de Villa Real. E pela parte materna de Sebastião Ramos e de Eugenia de Sousa (3). E teve cinco filhos :

2—1. Francisco Pedroso, foi morto a impulsos do odio sendo solteiro.

2—2. Diogo de Lara, teve o mesmo infeliz destino e falleceu solteiro.

2—3. D. Ignez de Góes, casou em S. Paulo a 17 de Abril de 1702 com João de Sousa Queiroga, natural da villa de Chaves, filho de João de Sousa Queiroga e de sua mulher Antonia da Costa de Amorim, ambos da dita villa. Sem geração.

2—4. D. Anna de Lara de Moraes, casou com Leonardo Raposo, e se lhe acabou a geração no filho Christovão de Moraes Raposo, que falleceu na comarca do Serro Frio, deixando grande cabedal, cuja meiação por parte da mulher herdaram os irmãos d'esta. (Em titulo de Bonilhas.)

2—5. D. Maria de Lara de Moraes, casou com Manoel de Oliveira, que foi de morada para Mogy-Guassú. Com geração.

(2) Casamentos de S. Paulo aos 13 de Abril de 1643.

(3) Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 1.<sup>o</sup> d'inventarios letra D. n. 15— inventario de Diogo Rodrigues, com testamento. Matriz de S. Paulo, nos assentos de casamento de Diogo Rodrigues, já referido.



## CAPÍTULO IV

1—4. D. Maria de Lara, casou na matriz de S. Paulo a 24 de Novembro de 1631 com Lourenço Castanho Taques, natural e cidadão da mesma cidade. N'ella serviu os cargos da republica. Foi juiz ordinario muitas vezes e de orphãos muitos annos de propriedade em sua vida. Em serviço do rei, penetrou o sertão do Caeté com uma grande tropa, que formou á sua custa, para descobrir minas de ouro, ou prata, por carta de recommendação que para isso recebera firmada pelo real pulso do serenissimo principe o Sr. D. Pedro, regente do reino de Portugal, com data de 23 de Fevereiro de 1674, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no livro das cartas do Rio de Janeiro que principia a 28 de Março de 1673 pag. 3 v. Para esta conquista e descobrimentos entrou com o caracter de governador da gente da sua tropa e leva, com ampla jurisdicção para conservar o respeito e a autoridade com a obediencia praticada pela disciplina militar, como consta da patente, que se lhe passou, registrada no cartorio da provedoria real no liv. 5º de registros a fl. D'este cavalheiro paulista e de sua nobreza qualificada por seus ascendentes tratamos com toda a sua descendencia em titulo de Taques Pompéo cap. 3.º

## CAPÍTULO V

1—5. D. Anna de Lara, casou na matriz da cidade de S. Paulo a 7 de Agosto de 1639 com Francisco Martins Bonilha, natural e cidadão da mesma cidade, filho de André Martins e de sua mulher Justa Maciel. (Em titulo de Bonilhos cap. 1º § 1º com sua descendencia). E teve :

## CAPITULO VI

1—6. D. Maria Pedrosa, casou com Tristão de Oliveira Lobo, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, filho de Manoel Francisco Pinto, natural da villa de Guimarães, e de sua mulher Juliana de Oliveira (em título de Cunhas Gagos, cap. 3º § 3º). Falleceu D. Maria Pedrosa com testamento a 28 de Julho de 1676 (4). E teve nove filhos naturaes de S. Paulo.

- 2—1. D. Juliana de Oliveira..... §. 1.º
- 2—2. D. Sebastiana de Moraes Pedrosa.... §. 2.º
- 2—3. D. Anna Pedrosa..... §. 3.º
- 2—4. D. Magdalena Fernandes de Moraes.. §. 4.º
- 2—5. D. Isabel de Lara..... §. 5.º
- 2—6. Guilherme de Oliveira Lara..... §. 6.º
- 2—7. Domingos de Oliveira Lara..... §. 7.º
- 2—8. D. Maria Pedrosa..... §. 8.º
- 2—9. D. Maria de Oliveira..... §. 9.º

### § 1º

2—1. D. Juliana de Oliveira, foi baptizada na matriz de S. Paulo a 15 de Agosto de 1647, e casou na mesma igreja com Simão Nunes de Siqueira. (Em título de Pires cap. 6º § 1º n. 3—1.) Teve filhos, entre os quaes foram Domingos de Oliveira, que falleceu solteiro, João de Lara Moraes, que falleceu solteiro, e..... que casou com Mathias Lopes.

### § 2º

2—2. D. Sebastiana de Moraes Pedrosa, foi baptizada na matriz de S. Paulo a 27 de Janeiro de 1650. Falleceu solteira.

(4) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios letra M. inventario de D. Maria Pedrosa com testamento

§ 3º

2—3. D. Anna Pedrosa, foi baptizada na matriz de S. Paulo a 3 de Agosto de 1655, onde casou com Albano de Aveiro Homem. Sem geração.

§ 4.º

2—4. D. Magdalena Fernandes de Moraes, casou com Hieronimo Machado Castanho, natural da cidade de S. Paulo, filho de Mathias Machado Castanho, da villa do Sardoal do reino de Portugal, e de sua mulher Hieronima Fernandes Preta, que foi irmã direita dos clérigos o padre Francisco Jorge, e o padre Antonio Paes Malio. E teve dois filhos. (Em titulo de Machados Castanhos cap. 2º § 1º.)

§ 5º

2—5. D. Isabel de Lara, casou com Miguel de Camargo, de cujo matrimonio não houve filhos, como consta do testamento com que falleceu D. Isabel de Lara a 14 de Abril de 1758, que se acha no cartorio do 1º tabellião de notas de S. Paulo no maço dos inventarios antigos, letra I.

§ 6º

2—6. Guilherme de Oliveira Lara, casou com Marianna de Leão, irmã direita do padre Mathêos de Leão, clérigo de S. Pedro. (Em titulo de Camargos cap. 5.º) E teve filhos que com seus pais foram de morada para as Minas-Geraes, dos quaes temos noticia de Guilherme de Oliveira, Angelo de Leão, Anna Maria de França, mulher de José de Sousa, Maria Pedrosa, que casou no Rio das Mortes com o sargento-mór João Alves Prato, que são pais de F. . . . clérigo de S. Pedro.

§ 7º

2—7. Domingos de Oliveira ; falleceu solteiro.

§ 8º

2—8. D. Maria Pedrosa, casou com seu primo co-irmão (em cujo impedimento foram dispensados em Roma) Luiz Castanho de Almeida, como se trata no cap. infra. § 1.º

§ 9º

2—9. D. Maria de Oliveira ; falleceu solteira com testamento a 16 de Agosto de 1723 (5).

CAPITULO VII

1—7. D. Isabel de Lara ; casou na matriz de S. Paulo a 8 de Agosto de 1639 com Luiz Castanho de Almeida, natural e cidadão de S. Paulo, de d'onde passou a estabelecer-se com fazendas de grande cultura no termo da villa de Sant'Anna da Parnahyba, onde fez testamento, e foi sepultado a 16 de Setembro de 1672. Falleceu no ribeirão dos Guanicuns do Mato-Grosso dos Goyazes de uma frechada, que lhe penetrou o vasio, e foi o successo que, como Luiz Castanho de Almeida era um grande sertanista, e havia tido varias entradas ao sertão a conquistar barbaros indios, fez ultima entrada em 1671, levando sómente dois filhos legitimos, e dois bastardos, com um corpo dos seus *Carijôs*, chamados n'aquelle tempo administrados, os quaes não se accomodando com a vida penosa de fomes, e outras necessidades, se uniram todos para matarem a seu administrador Luiz Castanho, e aos filhos. Para este ef-

(5) Carterio da ouvidoria de S. Paulo e residuos, maços dos testamentos letra N. o de D. Maria de Oliveira.

feito lhes lembrou roubarem as armas de fogo que tinham os brancos; e sendo presentido o ladrão com alguns companheiros, entraram a dar-lhe porretadas os filhos de Luiz Castanho, o qual ouvindo este estroudo abriu a porta do seu quarto, trazendo uma luz de candeia de cera na mão, quando de fóra lhe dispararam uma frecha, lhe penetrou o vasio e durou com vida 24 horas. Os filhos se fortificaram no mesmo arranchamento em que se achavam, para se defenderem dos seus administrados e inimigos domesticos, enquanto se consumiam as carnes do cadaver de seu pai, que, sepultado, lhe applicaram fogo continuado em cima da sepultura, e produziu, que em 20 dias podessem limpar e lavar os ossos do cadaver, que recolhidos em um limpo lençol, e mettidos em um caixote, se animaram os quatro irmãos, sem mais outra companhia, a penetrar tão vasto e inculto sertão, expostos ao furor dos inimigos domesticos, que no decurso dos 20 dias sempre se conservaram unidos para conseguirem o primeiro intento de acabar a vida a todos. Postos em marcha, e já nas vizinhanças do rio Meia-Ponte, se adiantou Antonio Castanho pelo interesse de fazer alguma caçada para d'ella terem o sustento certo n'aquelle dia; porém os inimigos, que lhes seguiam e observavam as marchas, se adiantaram primeiro e vieram fazer emboscada no mesmo rio Meia-Ponte, e chegando a este passo dito Antonio Castanho, ao entrar pela ponte, lhe dispararam uma frecha, que atravessando-lhe o papo, que tinha no pescoço, cahiu da ponte abaixo; mas com tal accordo que, não largando da arma, ainda com ella em acção de pontaria, se pôde defender dos inimigos, os quaes por providencia divina não souberam discernir que a arma estando molhada não podia dar fogo. Neste lance chegaram os outros irmãos, e se puzeram em retirada os indios inimigos. Continuaram

o destino da marcha para S. Paulo, curando-se ao enfermo com mechas de fumo e mel de abelhas, quando encontraram com a tropa do capitão-mór Antonio Soares Paes, que, lamentando o infeliz successo e morte do seu bom amigo Luiz Castanho de Almeida, fez com que os magoados filhos retrocedessem, para com o auxilio das suas armas serem conquistados os indios inimigos e rebellados. Aceitaram o conselho e o favor; e posto aquelle troço na trilha das veredas, que seguiam os taes inimigos, foram descobertos, e inteiramente destruidos todos sem escapar um só; e vingada por este modo a morte do pai se puzeram outra vez em marcha para S. Paulo; e chegando á villa de Parnahyba deram sepultura aos ossos de seu pai no jazigo proprio, que elle tinha na igreja matriz d'esta villa ao pé do altar de Nossa Senhora do Rosario, o que se executou com toda a decencia e funeral obsequio no dia 16 de Setembro de 1672. Sua mulher dita D. Isabel de Lara, com avançadissima idade, falleceu com testamento a 17 de Junho de 1711 (6). Foi Luiz Castanho de Almeida filho segundo de Antonio Castanho da Silva de conhecida nobreza na villa de Thomar, e de sua mulher D. Catharina de Almeida. (Em titulo de Proenças, § 3.º) E teve onze filhos, naturaes da Parnahyba, que são os que se seguem :

- 2—1. Luiz Castanho de Almeida..... §. 1.º
- 2—2. Joaquim de Lara Moraes..... §. 2.º
- 2—3. Diogo de Lara e Moraes..... §. 3.º
- 2—4. Antonio Castanho da Silva..... §. 4.º
- 2—5. José de Almeida Lara..... §. 5.º
- 2—6. D. Catharina de Almeida..... §. 6.º
- 2—7. D. Magdalena Fernandes de Moraes. . §. 7.º
- 2—8. Ignacio de Almeida Lara..... §. 8.º

(6) Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 235, o de Luiz Castanho de Almeida n. 453, o de D. Isabel de Lara.

- 2—9. D. Antonia de Almeida..... §. 9.<sup>o</sup>  
2—10. D. Maria de Almeida Lara..... §. 10.<sup>o</sup>  
2—11. João, que falleceu de tenra idade... §. 11.<sup>o</sup>

§ 1<sup>o</sup>

2—4. Luiz Castanho de Almeida (cap. 7<sup>o</sup>); foi muito venerado, e respeitado pelas moraes virtudes que soube praticar em todo o tempo de sua vida. Fez varias entradas pelo sertão a conquistar barbaros indios; e na disciplina militar contra elles adquiriu tão avultadas experiencias, que se fez entre os seus naturaes um grande cabo para semelhante guerra. Por isto foram sempre felizes as suas armas e com ellas venceu a redução de algumas nações, cujos indios gentios recolhidos aos povoados, depois de instruidos nos sagrados dogmas, abraçaram a fé catholica. Com o numerozo concurso dos novos convertidos adiantou muito os interesses da sua casa, pela grandeza da cultura das terras que possuia; e pôde com liberal animo amparar as suas irmãs, que todas casaram por eleição sua. Consequindo em Roma dispensa no impedimento de 2<sup>o</sup> gráo de consanguinidade, casou com sua prima co-irmã D. Maria Pedrosa do § 8<sup>o</sup> n. 2—8, que falleceu em Parnahyba com testamento a 5 de Dezembro de 1684 (7). D'esse matrimonio teve unico filho

3—1. Francisco Pedroso de Almeida, que, nascendo na villa de Parnahyba a 16 de Dezembro de 1674, passou para S. Paulo, e se creou em casa de seu avô Tristão de Oliveira Lobo. Casou com Agueda Machado, natural de S. Paulo, filha de Mathias Machado Castanho, natural da villa do Sardoal, e de sua mulher Hieronima Fernandes, que foi filha de Balthazar Gonçalves Malio, e de sua mu-

(7) Cartorio de orphãos de Parnahyba inventario 323, o de D. Maria Pedrosa.



Iher Hieronima Fernandes Preto. Foi Francisco Pedroso de Almeida o fundador da fazenda chamada Araraquára do sertão e estrada das minas dos Goyazes, onde se estabeleceu com grossas culturas, de cujos fructos pelas sementeiras de milho e feijão, e creação abundante de porcos, se aproveitavam os viandantes d'aquella comprida estrada, fornecendo-se de todo o necessario para sustento da jornada, com grandes utilidades d'elle, que com avançada idade falleceu na mesma fazenda, de onde se trasladaram os ossos para a matriz de Mogy-Guassú, termo da villa de Jundiaby. Teve do seu matrimonio dois filhos naturaes de S. Paulo :

4—1. Luiz Pedroso de Almeida Castanho.

4—2. D. Anna Pedrosa de Moraes.

Esquecido Francisco Pedroso de Almeida não só das obrigações da honra e qualidade do sangue, que lhe adornava as vêas, para imitar a seus pais e avós, e melhor do que estas imagens lembrar-se das obrigações de verdadeiro catholico, commetten estupro incestuoso com..... a irmã direita de sua mulher Agueda Machado ; e d'este desaccordo e delirios da inclinação nasceu uma filha, com as cautelas que pôde ministrar a necessidade d'esta miseria, que o tempo não soube conservar em seu segredo ; e foi exposta e entregue ao zelo, e cuidado de Maria Nunes de Siqueira, D. viuva de boa estimação, que soube dar-lhe toda a educação necessaria com os dictames da sua grande honra por ser senhora nobre. Esta menina foi :

4—3. Gertrudes Maria de Siqueira.

4—1. Luiz Pedroso de Almeida Castanho, foi cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, e foi juiz ordinario da mesma cidade por eleição de pelouro em 1746. Casou com D. Catharina de Medeiros, filha de

Antonio Pires de Avila, natural e cidadão de S. Paulo, que, occupando os postos do regimento dos auxiliares, passou a mestre de campo do dito regimento por patente de D. Braz Balthazar da Silveira governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, e de sua mulher D. Anna Moreira de Godoy, natural de S. Paulo, irmã direita de frei Francisco de S. José, religioso carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro que falleceu com evidentes signaes de santidade no rio Parahybuna, e se lhe trasladaram os ossos para o convento da cidade do Rio de Janeiro, com a decencia devida á sua exemplar vida. Neto por parte paterna de Manoel de Avila, chamado o Quatro-olhos, por ser com dois oculos, natural de Angola, que falleceu em S. Paulo com testamento a 2 de Julho de 1731, (Orphãos, maço 6º, letra M), e de sua mulher Anna Ribeira, natural de S. Paulo, bisneta de Braz Lopes Alcanforado, natural da praça de Elvas, e de sua mulher Maria Alves, natural de Lisboa, que falleceu em S. Paulo com testamento a 14 de Fevereiro de 1696, filha de Francisco Alves, e de sua mulher Catharina da Costa (cartorio 2º do tabellião de S. Paulo, livro de notas, o testamento de Maria Alves, mulher de Braz Lopes), e pela parte materna neta a dita D. Catharina de Medeiros de...

4—2. D. Anna Pedrosa de Moraes (filha de Francisco Pedroso de Almeida do n. 3), casou com Salvador Cardoso da Silveira, natural e cidadão da cidade de S. Paulo, filha de Salvador Cardoso de Almeida, e de sua mulher D. Anna Raposo da Silveira. (Em Raposos Silveiras cap. 1º § 9.º) Foi irmão direito de Mathias Cardoso de Almeida (em título de Prados cap. 6º § 3º n. 3—2. a n. 4—9, Salvador Cardoso de Almeida), que nos empregos que teve do real serviço se fez muito recommendavel entre os seus nacionaes paulistas, quando foi eleito para capitão-mór e adjunto

do governador Fernão Dias Paes, que foi encarregado da conquista dos barbaros indios *Mapaxos*, e descobrimento da esmeraldas, de que se lhe passou provisão datada em 13 de Março de 1673, na qual se relata que o mesmo governador Fernão Dias Paes havia pedido para seu adjunto ao capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida, que tinha grande experiencia d'aquelle sertão, e dos indios gentios d'elle nas entradas de importancia, que já tinha conseguido, em que procedêra com muito valor e boa disposição, conquistando o barbaro inimigo, que o deixára domado; o que tudo se lê na sua carta patente de capitão-mór registrada a fl. 99 do livro dos registros n. 4 anno de 1664, do archivo da camara de S. Paulo. Acabada esta conquista e descoberta a lagõa de Vupavuçu, e conseguido o descobrimento das esmeraldas, recolheu-se á patria o capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida; e antes de gozar do necessario descanso foi provido em 28 de Janeiro de 1681 em posto de tenente-general da gente da leva de D. Rodrigo da Castel Blanco governador e administrador geral das minas do sertão do Sabarábuçu, para onde foi servindo ao rei á sua custa com pessoa, fazenda e escravos armas, polvora e bala, como melhor consta do termo formado nos livros da camara de S. Paulo a 16 de Março do mesmo anno de 1681 a fl. 127 do livro de vereações, título 1673. Depois de vencer este grande serviço foi Mathias Cardoso encarregado da conquista dos barbaros indios do sertão e campanha do Rio-Grande do districto da capitania de Pernambuco, para cuja guerra por ordem de el-rei D. Pedro se levantou em S. Paulo um terço de infantaria, do qual foi mestre de campo dito Mathias Cardoso de Almeida em 1689. Nesta guerra e conquista dos inimigos gentios bravos existiu o mestre de campo desde 1689 até 1694, em que domou, conquistou e metteu de paz todas as nações dos barbaros

índios d'aquelle sertão até o Ceará, tendo obrado de sorte n'aquelles vastos sertões, que mereceu a el-rei D. Pedro honral-o com patente de governador absoluto da guerra contra os índios inimigos de todas aquellas campanhas, sem subordinação ao governador geral do Estado do Brasil. D'este paulista não occultará o segredo do tempo o seu grande nome pelas copiosas e abundantes fazendas de gados vaccuns e cavallares que se estabeleceram e fundaram nos sertões, cujos barbaros habitantes elle conquistou (8). Foi Salvador Cardoso de Almeida juiz de orphãos de propriedade da cidade de S. Paulo por cabeça de sua mulher D. Anna Maria Raposo da Silveira, proprietaria do dito officio e filha de Antonio Raposo da Silveira, proprietario do mesmo officio de juiz de orphãos e de sua mulher D. Maria Raposo de Siqueira, que foi irmã direita de João Raposo Bocarro, coronel dos regimentos de ordenanças de S. Paulo, de onde eram naturaes. Antonio Raposo da Silveira seguiu o real serviço no Estado da India, e achando-se no forte da Agueda em Góá, sendo capitão do dito forte Luiz Teixeira de Macedo, sendo atacado pelo inimigo, se portou Antonio Raposo na defesa de um baluarte do mesmo forte com tanto valor, que, destruido o inimigo, mereceu que o armassem cavalleiro de que se lhe passou alvará em Góá a 12 de Agosto de 1641, que se registrou no livro de matricula geral de India pelo contador Manoel de Figueiredo. Continuou o real serviço até Janeiro de 1645, em que embarcou na náó *Santa Margarida*, da qual era capitão-mór João Rodrigues de Eça, e se lhe passou provisão de mercê em nome de el-rei D. João o IV de escrivão da dita náó, por n'ella ter seus agasalhados, liberdades e privilegios, etc.

(8) Secretaria do governo da capitania de S. Paulo, livro 3º do Reg. Geral a fl. 120 v., na patente do capitão de infantaria Antonio Gonçalves Figueira.

Em Lisboa foi despachado com mercê do habito da ordem militar de S. Thiago, em que fez profissão. Passou ao Brasil com o caracter de capitão-mór, e ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e falleceu a 6 de Abril de 1663 e foi sepultado na igreja do mosteiro de S. Bento da cidade de S. Paulo ao pé do altar de Nossa Senhora dos Remedios que elle fundou. Falleceu D. Maria Raposo de Siqueira a 7 de Maio de 1707 (9). Salvador Cardoso de Almeida e seu irmão o governador Mathias Cardoso foram filhos de Mathias Cardoso, natural da ilha Terceira, e de sua mulher Isabel Furtado, natural de S. Paulo, como se vê do testamento com que falleceu no 1º de Fevereiro de 1690, Salvador Cardoso de Almeida; e tambem o testamento com que falleceu Isabel Furtado, mãe do dito juiz de orphãos, a 17 de Abril de 1683 (10). Do matrimonio de D. Anna Pedroso de Moraes com Salvador Cardoso da Silveira nasceram em S. Paulo oito filhos:

5—1 Luiz Cardoso da Silveira, existe em 1766.

5—2 Francisco Cardoso da Silveira, o mesmo.

5—3 Salvador Cardoso de Almeida, morador em Villa-Bôa de Goyazes.

5—4 João Cardoso de Almeida, existe em 1766.

5—5 D. Catharina Cardoso de Almeida, mulher de Simão de Siqueira Pires, sem geração.

5—6 D. Agueda Cardosos de Almeida, mulher de Francisco Rodrigues Barbosa, natural de S. Paulo, filho de Francisco Rodrigues Barbosa e de sua mulher Joanna Damasceno, ambos de S. Paulo. Neto par parte paterna do

(9) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º letra A, inventario de António Raposo da Silveira. Maço 3º letra M. inventario de D. Maria Raposo de Siqueira.

(10) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º, letra I. inventario de Isabel Furtado. Maço 2º, letra S, inventario de Salvador Cardoso de Almeida.

capitão Antonio Rodrigues de Medeiros cidadão de S. Paulo que por antonomasia foi chamado o Trepohy ; este alcunha deu o nome a um arraial de Minas Geraes onde este honrado paulista teve o seu estabelecimento; e de sua mulher Joanna Barbosa Maciel tambem de S. Paulo. E pela parte materna de Manoel Rodrigues Góes e de sua mulher Maria de Borba, irmã direita do tenente-general Manoel de Borba Gatto. Em titulo de Borbas, cap. 1º § 4º. Camara Episcopal de S. Paulo, autos de genere do P. Ignacio Rodrigues Barbosa, clérigo de S. Pedro, que é irmão direito do dito Francisco Rodrigues Barbosa acima. E tem até 1766, seis filhos de poucos annos.

5—7. D. Anna Maria Cardoso da Silveira casou em 1768 com Aleixo Corrêa da Cunha, natural e cidadão da villa de Mogy, onde é juiz ordinario em 1769. (Em titulo de Cunhas, cap. 1º § 1º n. 3—4 a n. 4—8.)

5—8. D. Isabel Cardoso de Almeida (falleceu em S. Paulo em 1775 de bexigas).

4—3. D. Gertrudes Maria de Siqueira (filha de Francisco Pedroso de Almeida havida em sua cunhada. ....). Maria Nunes de Siqueira, de quem ella tomou o appellido de Siqueira ; lhe deu um avultado dote, com o qual conseguiu casamento com José Monteiro da Fonseca, homem nobre natural de Freixo de Espada á Cinta, e foi republicano de S. Paulo, filho de....

§ 2º

2—2. Joaquim de Lara Moraes (filho de D. Isabel de Lara e de Luiz Castanho de Almeida do cap. 7º). Casou com Maria Gonçalves, natural de Pernahyba, filha de Alvaro Netto, e de sua mulher Luzia de Mendonça.



Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º § 7º n. 2—3.,  
E teve dois filhos.

3—1. Braz de Almeida Lara.

3—2. Francisca de Almeida.

3—1. Braz de Almeida Lara, casou com Paschoa do Rego, que falleceu no dia 1 de Setembro de 1716, natural de Parnahyba, filha de Bento do Rego Barregão, e de sua mulher Maria de Oliveira Diniz. (Em titulo de Taques § 3.º) Casou 2º vez com Maria Buena, filha de Balthazar de Lemos e Moraes, e de sua mulher Isabel Pires Monteiro. (Em titulo de Botelhos Arrudas já referido.) Falleceu Braz de Almeida Lara em 1734 (11). E teve do seu primeiro matrimonio tres filhos naturaes de Parnahyba (12).

4—1. D. Maria de Lara. Casou com Bernardino Forquim dos Santos, filho de Estevão Forquim Fernandes, e de sua mulher D. Anna de Proença (Em titulo de Taques, § 3º n. 2—8).

4—2. Joaquim de Lara Moraes. Casou na villa de Iguape, onde tem geração.

4—3. Bento do Rego de Almeida, falleceu na fazenda das Jaboticabas dos Curraes da Bahia, para onde fugira da justiça, por ter morto logo quem o insultou nas Minas de Itaverava.

E do seu segundo matrimonio teve cinco filhos :

4—4. D. Antonia de Almeida, casou com Ignacio de Sá, natural de Parnahyba, filho de José de Sá e Arruda, e sua mulher D. Maria de Araujo. (Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º § 7.º)

4—5. D. Agostinha. Casou com Ignacio Rodrigues de S. Payo.

(11) Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 583.

(12) Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos testamentos, o de Paschoa do Rego.



4—6. D. Escholastica Pedroso, que foi casada com Luiz Pedroso de Barros, seu parente. Em título de Taques Pompéos § 3º, nos netos de Lourenço Castanho e D. Maria de Araujo.

4—7. D. Maria, falleceu solteira.

4—8. D. Francisca, existe solteira em 1771.

3—2. D. Francisca de Almeida (filha de Joaquim de Lara Moraes, n. 2—2). Casou com Gaspar Leme do Prado, filho de João do Prado, e de sua mulher Anna Maria de Louvera (13). E teve seis filhos naturaes de Parnahyba.

4—1. O padre Bento Leme de Almeida, clérigo de S. Pedro, que falleceu na Villa-Real das minas de Cuyabá, estando coadjutor da igreja matriz das ditas minas.

4—2. D. Rosa de Almeida; casou com Manoel de Araujo.

4—3. D. Maria de Almeida.

4—4. D. Anna de Almeida.

4—5. Caetano Leme de Almeida, falleceu solteiro em Goyazes.

4—6. D. Escholastica de Almeida.

### § 3º

2—3. Diogo de Lara Moraes (filho de D. Isabel de Lara, e Luiz Castanho de Almeida do cap. 7º), foi baptizado em Parnahyba a 11 de Setembro de 1654. Casou em Parnahyba a 13 de Janeiro de 1675, com D. Anna Maria Leme, irmã direita do padre Pedro Leme do Prado presbítero de S. Pedro, filha do capitão Pedro Leme, e de sua mulher Maria Gonçalves Preto. (Em título de Botelhos Arrudas

(13) Cam. episcopal de S. Paulo.....de genere do P. Bento Leme de Miranda.

cap. 2º § 12) (14) Falleceu Diogo de Lara Moraes com testamento a 11 de Fevereiro de 1713. Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 462. E teve cinco filhos.

3—1. Luiz Castanho de Almeida.

3—2. Diogo de Lara Moraes.

3—3. Ignacio de Almeida Lara.

3—4. D. Francisca de Almeida.

3—5. D. Isabel de Lara Moraes.

3—1. Luiz Castanho de Almeida, foi sargento-mór do regimento dos auxiliares das minas do Cuyabá por patente de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general da capital de S. Paulo. Foi morador da villa de Sorocaba, onde possuiu uma grande fazenda de cultura no sitio chamado Tavovú do termo da dita villa. N'ella falleceu com testamento a 7 de Fevereiro de 1735; n'elle declarou a sua naturalidade, e os nomes de seus pais, e que fôra casado com D. Isabel Paes ( nota \* ) que ainda existe em 1771 na villa de Sorocaba na sua fazenda de Tavovú, filha do capitão Hieronimo Ferraz de Araujo (Em titulo de Ferrazes de Araujos, § 3.º) e de sua mulher D. Maria de Zuniga Rachel de Gusman (15) a qual foi filha de Gabriel Ponce de Leon, natural da cidade real de Guayrá da provincia da cidade do Paraguay, e de sua mulher D. Maria de Torales, que foi filha do capitão Balthazar Fernandes o povoador, e de sua primeira mulher D. Maria de Zuniga, irmã inteira de Bartholomêo de Torales, ambos vindos de Villa-Rica de Paraguay. E o dito Gabriel Ponce de Leon foi filho do capitão Barnabé de Contreras, e

(14) Em titulo de Lemes, cap. 1º § 2º n. 3—8.

(\*) Faltta no manuscripto.

(Nota da redacção).

(15) Cart. da Ouv. de S. Paulo, nos maços do Residuo, testamento de Luiz Castanho de Almeida.

de sua mulher D. Violante de Gusman (16). Este illustre cavalheiro da provincia de Paraguay se passou para a capitania de S. Paulo com outros fidalgos seus parentes, entre os quaes foi Bartholomêo de Torales (filho de Bartholomêo de Torales, e de sua mulher Violante de Zuniga, naturaes da Villa-Rica da cidade de Paraguay) que casou na matriz de S. Paulo a 12 de Setembro de 1636, com D. Maria de Góes, filha de Antonio Raposo e de sua mulher Isabel de Góes. E sua irmã D. Maria de Zuniga, mulher do capitão Balthazar Fernandes o povoador já referido. Barnabé de Contreras y Leon e sua mulher D. Beatriz de Espinoza, naturaes de Santiago de Xerez da provincia do Paraguay trouxeram a filha D. Violante de Gusman, que na matriz de S. Paulo a 12 de Agosto de 1637 casou com Domingos do Prado, filho de Martim do Prado. (Em título de Prados § 8º (nota\*) D. Anna Rodrigues Cabral, falleceu com testamento a 13 de Maio de 1634; natural da Cidade-Real de Guairá, filha de Antonio Rodrigues Cabral, e de D. Joanna de Escovar, casada com Bartholomêo de Torales. Parn. A. D.— Todos estes cavalheiros castelhanos se passaram da provincia de Paraguay com suas familias para a capitania de S. Paulo pelos annos de 1630 até 1634, tendo elles estado alguns annos na campanha chamada Vaccaria, cujos gados em copiosa abundancia deixaram totalmente, e se passaram, como fica dito, para S. Paulo, onde então se desconfiou, que estas familias estariam incursas em crimes de lesa magestade que as obrigou a semelhante transmigração.

Do matrimonio de Luiz Castanho e de D. Isabel Paes nasceram na villa de Sorocaba nove filhos.

(16) Cartorio de orphãos da Parnahyba, inventario n. 128, o de Gabriel Ponce e Leon, com testamento aberto a 7 de Outubro de 1655.

(\*) Faltava no manuscrito.

(Nota da redacção)

- 4—1. D. Anna de Moraes.
- 4—2. Hieronimo Ferraz de Moraes.
- 4—3. D. Maria de Almeida Lara.
- 4—4. Manoel Castanho de Almeida.
- 4—5. D. Isabel de Lara.
- 4—6. D. Francisca de Almeida.
- 4—7. D. Escholastica de Almeida.
- 4—8. Bento Paes de Almeida.
- 4—9. Luiz Castanho de Araujo.

4—1. D. Anna de Moraes, casou primeira vez com José de Faria Paes, natural de Sorocaba, onde foi sargento-mór das ordenanças; falleceu com testamento em 1723 : filho de Martinho de Faria Paes e de sua mulher Ignez Sanches Domingues de Pontes (17). E teve dois filhos. Casou segunda vez com o capitão Francisco Xavier de Moura, natural de S. Paulo, filho de Leonardo Rodrigues da cidade do Porto e de Catharina Corrêa Perestrello, natural de S. Paulo. Neto paterno de Manoel Rodrigues Setubal e de Maria de Almeida, naturaes da cidade do Porto. E pela materna de João de Moura Gavião da cidade de Lisboa, freguezia de S. Julião, e de Maria da Luz, de S. Paulo. Autos *de genere*, letra I n. 3. D'este segundo matrimonio teve mais filhos nascidos em Sorocaba. Do primeiro teve na mesma villa duas filhas.

5—1. D. Maria Paes; falleceu solteira.

5—2. D. Isabel Paes de Faria, casou com Francisco de Almeida Leme, irmão direito de José de Almeida Leme, capitão-maior da villa de Sorocaba. Em titulo de Taques § 3.º

4.—2 Jeronymo Ferraz de Moraes, falleceu solteiro nas minas do Cuiabá.

(17) Cartorio da ouvidor. de S. Paulo, maços dos testamentos, o de José de Faria, no residuo.

4.—3 D. Maria de Lara, casou com o capitão Thomé de Lara e Abrêo, filho de Antonio de Proença e Abrêo (Proenças Abrêos, cap....) e de sua mulher D. Francisca de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3º, nos filhos do capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. E teve naturaes de Sorocaba cinco filhos.

5—1. Luiz Castanho de Almeida e Abrêo.

5—2. José de Almeida e Abrêo.

5—3. Antonio de Proença e Abrêo.

5—4. Vicente Paes de Abrêo.

5—5. D. Francisca de Almeida.

4.—4 Manoel Castanho de Almeida (n. 3—1), existe solteiro em Villa-Boa de Goyazes em 1766.

4.—5. D. Isabel de Lara (idem), casou com Silvestre de S. Paio, que foi para o Cuiabá, filho de Antonio de S. Paio e de sua mulher D. Ignacia de Almeida. Sem geração. Em título de Botelhos Arrudas, cap. 3º § 2º.

4—6. D. Francisca de Almeida, casou com Antonio Rodrigues de S. Paio, filho dos mesmos acima n. 4—5. Tem geração.

4—7. D. Escholastica de Almeida, elegeu o estado celibato.

4—8. Bento Paes de Almeida, solteiro em 1766.

4—9. Luiz Castanho de Araujo, casou com D. Maria de Lara, filha de Thomé de Lara e Abrêo, e de sua mulher D. Maria de Lara (retro do n. 4—3), filha do sargento-mór Luiz Castanho de Almeida, e sua mulher D. Isabel Paes. Deixou geração.

3—2. Diogo de Lara Moraes(\*) (filho segundo de Diogo de

(\*) Este capitão-mór Diogo de Lara e Moraes falleceu no Cuiabá a 22 de Outubro de 1738 á noite no seu sitio do rio Cuiabá, onde até hoje se conserva um seu neto bastardo; com testamento em que de-

Lara Moraes § 3<sup>a</sup>), foi um dos paulistas que soube conciliar o respeito com a affabilidade, e a estimação com a integridade. Da patria passou para as Minas-Geraes no tempo da grandeza d'ellas, e fazendo-se bem conhecido pela sua qualidade e moraes virtudes, foi eleito capitão-mór e regente do arraial populoso das minas chamadas de Gurapiranga por carta-patente do governador e capitão general de S. Paulo e Minas, D. Braz Balthazar da Silveira. Depois de recolhido á patria, passados annos foi para as minas do Cuiabá, onde assás soube merecer uma geral veneração e estimação de todos, que lhe davam o character de *honrado paulista*. N'ellas falleceu com grande sentimento dos que lhe respeitavam as acções virtuosas, que praticava. Sem fazer differença aquella nescia e abominavel desaffeição introduzida nos europeós portuguezes contra os paulistas, sem que baste para desigual merecimento a demonstração de amor que os paulistas bem acreditam com estes inimigos, pois em casamentos, e com avultados dotes no contrato do matrimonio lhes entregam as filhas, as irmãs e as sobrinhas; e nada d'isto até agora tem sido Iris da paz entre estas indesculpaveis opposições tão geralmente praticadas, que têm sido por muitas vezes objecto para injustiças, não só na falta dos premios em relevantes serviços do rei, da igreja e do bem commum, mas até da attenção do agrado e da estimação. Foi casado o capitão-mór Diogo de

clarava mais dividas do que bens, por cuja razão se absteve o filho por si, e como procurador de sua mãe da herança, que foi arrecadada pelo juizo dos ausentes de Cuiabá, onde se acha o testamento e inventario. Elle foi o juiz ordinario mais velho no segundo anno da creação d'aquella vara, que foi erecta em..... no 1<sup>o</sup> de Janeiro de 1727 por Rodrigo Cesar de Menezes, general da capitania de S. Paulo.

O autor teve noticia d'isto mesmo, pois o escreveu em outro titulo que me não lembra; e no tempo em que escreveu o titulo de Laras não teria essa certeza, ou se esqueceu.

Lara Moraes na villa de Itú com D. Anna de Arruda (que falleceu em 1770), filha de Sebastião de Arruda Botelho e de sua mulher D. Isabel de Quadros. Em título de Bote-  
lhos Arrudas, cap. 2º § 12. E teve do seu matrimonio filho unico natural da villa de Itú

4. Francisco Ribeiro de Moraes, que existe solteiro nas minas do Cuyabá, acreditando com geral applauso as virtudes Moraes de seu honrado pai, que as sabe praticar com todos para conseguir o bom nome que tem adquirido. Tem briosos estímulos para qualquer empreza do real serviço, em que foi occupado. Conserva-se com necessaria decencia, sem superfluidades, que tanto têm destruido as casas pelos excessos do tratamento. E sendo assaz convidado para casamentos, com pretextos politicos, tem abandonado diversas eleições para não se sujeitar ao pesado jugo do matrimonio (\*).

3—3. Ignacio de Almeida Lara (filho 3º de Diogo de Lara Moraes, § 3º), foi sargento-mór das ordenanças da villa de Itú, onde casou a 22 de Novembro de 1716 com D. Anna Pedroso de Cerqueira, *filha de Antonio de Oliveira Pedroso, natural e cidadão da cidade de S. Paulo, sargento-mór por patente regia na guerra de Pernambuco contra os rebellados da conquista do sertão dos Palmares*, a que foram de soccorro os paulistas com um grande corpo de tropas milicianas, e os cabos vencendo soldo; e d'este exercito foi mestre de campo Domingos Jorge Velho, e de sua mulher D. Maria de Almeida, natural da villa de

(\*) Este Francisco Ribeiro de Moraes foi tenente da guerra ao gentio *Payaguá*. Foi muitas vezes juiz ordinario no Cuyabá, onde falleceu com testamento a 26 de Dezembro de 1780 (registrado no livro 8º dos residuos do Cuyabá a fl. 91 v. deixando por herdeiros a 3 filhos illegitimos que existem. Comprou o sitio e mais bens que foram do capitão-mór seu pai, de cuja herança se absteve.



Parnahyba. Neta pela parte paterna de Fernando de Oliveira Vargas, natural da cidade de Tavira, e cidadão de S. Paulo, onde occupou os honrosos cargos da republica (irmão direito de Ignacio de Oliveira Vargas, que casou no Rio de Janeiro, e de quem é neto o Revd. Ignacio de Oliveira Vargas, commissario do santo officio, e thesoureiro-mór da sé da mesma cidade, em que existe em 1766), que falleceu com testamento a 22 de Fevereiro de 1653 em S. Paulo, e de sua mulher D. Anna Borges de Cerqueira, natural da dita cidade de S. Paulo, que fôí irmã por parte de mãe de D. Antonia, mulher do mestre de campo Antonio Raposo Tavares, que são os avós de Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, etc. E teve naturaes da villa de Itú nove filhos.

4—1. Antonio de Oliveira Moraes, falleceu solteiro afo-gado no Rio Grande, indo a uma diligencia do real serviço, que lhe fôí recommendada por João Rodrigues Campello, ouvidor geral de S. Paulo e sua comarca.

4—2. Ignacio de Almeida Lara, solteiro em 1766.

4—3. José de Oliveira, que segue o real serviço em praça de soldado no Rio-Grande de S. Pedro do Sul.

4—4. Angelo de Almeida, morador na capitania de Goyazes, solteiro em 1766.

4—5. D. Maria de Almeida, que na matriz de Nossa Senhora do Pilar, sitio das minas da Papoã, da comarca da Villa-Boa de Goyazes, casou com Francisco de Campos Silva de conhecida nobreza na cidade do Porto, sua patria.

4—6. Francisco de Moraes Pedroso, sargento-mór das ordenanças da villa de Sorocaba por patente de D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, governardor e capitão-general da capitania de S. Paulo, passada em 1766, e confirmada depois. Casou com D. Maria de Belém, filha do sargento-mór Antonio Loureiro da Silva e de sua mulher D. Anna de Arruda. (Em título de Botelhos Arrudas,

cap. 2º § 1º n. 2—7.) E teve tres filhos, que são de tenra idade, naturaes de Sorocaba.

4—7. João de Almeida Lara, casou com D. Bernarda de Almeida Loureiro da Silva. (Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 2º § 1º n. 2—7.)

4—8. D. Maria de Almeida, casou no Pilar com..... Barbosa, sobrinho do sargento-mór João Barbosa de Lima.

4—9. D. Francisca de Almeida, casou com Antonio de Arruda Sá, filho de Francisco de Arruda e de D. Anna de Proença. (Em titulo de *supra*.)

3—4. D. Francisca de Almeida (filha de Diogo de Lara Moraes do § 3º), elegeu o estado de solteira por mais perfeito (nota \*). Falleceu em Janeiro de 1769 em Sorocaba.

3—5. D. Isabel de Lara (filha ultima do dito Diogo de Lara), fez estabelecimento no sitio de Araçariguama, freguezia da Senhora da Penha de França termo da villa de Parnahyba. Foi casada com João de Godoy Collaço, filho de Gaspar de Godoy Collaço, natural e cidadão de S. Paulo, tenente-general por patente e mercê de el-rei D. Pedro, da Conquista da Vaccaria, a que foi pelo mesmo rei encarregado, por ser este paulista um dos grandes soldados para qualquer acção na guerra dos barbaros indios; e de sua mulher D. Sebastiana Ribeira de Moraes. (Em titulo de Moraes, cap. 3º § 2º n. 3—5 e seguintes. E teve naturaes de Araçariguama sete filhos:

4—1. José de Godoy, casou sem eleição da sua distincta nobreza com Ignez Monteiro, filha de Antonio Pires Monteiro, e de sua mulher Maria Rodrigues, natural de Parnahyba (elle natural da villa de Jundiahy), da familia das mulheres dos Faons de Parnahyba.

(\*) Faltava no manuscrito.

(Nota da redacção.)

4—2. Luiz Castanho, que depois ficou chamando-se Luiz Pedroso de Almeida Lara. Casou em Parnahyba a 3 de Março de 1738 com Escholastica de Aguiar Lara, natural da mesma villa, filha de Paulo de Aguiar Lara, natural de S. Vicente, e de sua mulher Maria de Brito Silva, natural de Parnahyba, a qual foi filha de Gaspar de Brito, e de sua mulher Joanna de Almeida Naves. E teve quatro filhos.

5—1. Gaspar de Godoy Castanho, casou....

5—2. D. Isabel de Lara Leite, casou com João Barbosa do Rego.

5—3. D. Mecia de Almeida Lara, casou com José Frazão, filho de Pedro Frazão o dos Anhumas.

5—4. D. Maria Antonia de Godoy, casou com Bernardo Guedes Barreto, irmão de João Barbosa do Rego, supra 5—2.

4—3. Gaspar de Godoy de Almeida, casou primeira vez com Escholastica de Mariz, filha de Paulo de Aguiar Lara, e Maria de Brito Silva acima no n. 4—2, sem geração. E segunda vez casou em Araçariguama com Anna Maria, filha de Sebastião Soares de Camargo, e sua mulher Maria Pires, natural de Araçariguama, filha do capitão Rodrigo Biendo Chassim, etc. Neta paterna de Francisco Bueno de Camargo, e Maria da Silva. E teve um filho Francisco.

4—4. D. Mecia de Moraes, casou em 1747 com Marcos Leite, natural de Itú, filho de Pedro Vaz de Barros, e de sua mulher D. Gertrudes de Arrada. Em título de Botelhos Arradas, cap. 1º § 4º n. 3—4.)

4—5. D. Isabel de Lara, casou em 1747 na matriz de Nossa Senhora da Penha, com Mathias Leite de Barros, natural de Itú, irmão direito de Moraes Leite, supra.

4—6. D. Maria de Lara, casou em Goyazes com Domingos da Costa Guimarães, natural de Guimarães.

4—7. João de Godoy, falleceu solteiro em Araçariguama.

§ 4º

2—4. Antonio Castanho da Silva (filho de D. Isabel de Lara, do cap. 7º); acompanhou a seu pai Luiz Castanho de Almeida na ultima entrada que fez ao sertão dos Goyazes, e no ribeirão dos Guanicans foi o successo acontecido, que narrámos no cap. 7º. Recolhido do sertão tendo n'ella miraculosamente escapado com vida, quando no rio de Meia-Ponte lhe atravessaram o pescoço com uma frecha. Casou com Luzia de Mendonça, filha de Thimoteo Leme e de sua mulher Luzia de Mendonça, que foi filha de João Gonçalves de Aguiar, que falleceu em Parnahyba com testamento a 10 de Novembro de 1668, e de sua mulher Luzia de Mendonça. Estes foram tambem pais de frei Francisco do Rosario da ordem de S. Francisco. Falleceu Antonio Castanho da Silva com testamento a 23 de Abril de 1700 e foi sepultado no jazigo de seu pai, que o teve proprio na igreja matriz de Parnahyba (18). E teve, como consta do cartorio de orphãos de Parnahyba n. 407, duas filhas.

3—1. D. Isabel de Mendonça.

3—2. D. Luzia de Mendonça, que falleceu solteira.

3—1. D. Isabel de Mendonça, casou com Paschoal Leite de Miranda, que era irmão inteiro de José Corrêa Leite, familiar do santo officio, e de D. Anna Ribeira, que foi mãe do Revm. Dr. Lourenço Leite Penteado, conego penitenciario da sé de S. Paulo, que serviu de vigario capitular em sede vacante por morte do primeiro bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira. (Em titulo de Mirandas, cap. 3º § 1º com toda a descendencia de D. Isabel de Mendonça, e Paschoal Leite.)

(18) Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, nos maços do residuo, testamento de Antonio Castanho da Silva.

§ 5°.

2—5. José de Almeida Lara (cap. 7º), casou em Jundiáhy a 23 de Maio de 1694 com D. Marianna de Siqueira Moraes, irmã direita do padre João de Moraes Navarro, clérigo de S. Pedro, filho de Manoel Rodrigues de Moraes, e de sua mulher Francisca de Siqueira. (Em título de Moraes, cap. 2º § 8º.) E teve dez filhos naturaes de Parnahyba.

- 3—1. D. Isabel de Lara.
- 3—2. D. Francisca de Siqueira.
- 3—3. Manoel de Moraes Navarro.
- 3—4. D. Maria de Siqueira.
- 3—5. Luiz Castanho de Moraes Antas.
- 3—6. D. Marianna Paes de Siqueira.
- 3—7. Guilherme Pedroso de Moraes.
- 3—8. José de Almeida.
- 3—9. Antonio Castanho da Silva.
- 3—10. Pedro de Lara Moraes.

3—1. D. Isabel de Lara, nasceu a 20 de Fevereiro de 1695, e foi baptizada a 27 do mesmo mez na capella de sua tia D. Anna de Proença Taques, mulher do commendador Manoel de Brito Nogueira, casou com José Fernandes Paes, natural da freguezia de Santo Amaro, termo da cidade de S. Paulo, e filho de Francisco Fernandes, e de sua mulher Maria Paes, da mesma freguezia. Falleceu em Goyazes. E teve (19) 8 filhos naturaes de Parnahyba.

4—1. D. Marianna Paes de Siqueira, que foi casada com Manoel de Pinho. Sem geração.

4—2. João de Almeida Paes, falleceu solteiro.

4—3. José Paes de Almeida, casou com Maria Theresa de Jesus, filha de Pedro de Macedo Souto-Maior, que falleceu em Parnahyba com testamento a 7 de Fevereiro de 1748, que era natural da Villa Real (filho de D. Duarte de (19) Orphãos de Parnahyba, inventario n. 670, o de José Fernandes Paes.

Macedo Souto-Maior, e de D. Catharina Lourença, em que houve este filho), e de sua mulher Maria Ribeira(20).

4—4. D. Escholastica. Falleceu menina.

4—5. D. Rita. Falleceu menina.

4—6. D. Anna Pedroso de Moraes, casou com Rodrigo da Costa Santarém, e foram de morada para Goyazes.

4—7. Antonio Castanho Paes.

4—8. D. Maria Paes de Almeida, casou com o alferes Hieronimo da Rocha, natural de Parnahyba, filho do capitão Manoel de Oliveira e de sua mulher Maria da Rocha.

3—2. D. Francisca de Siqueira (§ 5º), nasceu a 27 de Fevereiro de 1696 e falleceu com testamento em Parnahyba a 30 de Julho de 1751. (Cartorio de orphãos de Parnahyba n. 666.) Foi casada duas vezes: a primeira com Paulo Fernandes Paes, de quem não teve filhos; a segunda com Francisco Gonçalves de Oliveira, natural da villa de Vianna do Minho e capitão das ordenanças da villa de Parnahyba, e teve unica filha, D. Rosa Maria de Siqueira.

3—3. Manoel de Moraes Navarro (§ 5º), nasceu a 14 de Abril de 1697; casou na villa de Sorocaba, onde se estabeleceu, com D. Escholastica Soares Leite, filha do capitão Domingos Soares Paes e de sua mulher Maria Leite da Silva. (Em titulo de Ferrazes Araujos.) Tem servido os cargos da republica e o de juiz ordinario muitas vezes, porque as suas Moraes virtudes dispertam sempre a lembrança dos eleitores dos pelouros para não deixarem descansar muitos annos a Manoel de Moraes Navarro, que como amigo da verdade, praticando o dom da sua innata prudencia e affabilidade, nunca jámais ficou culpado nas devassas dos corregedores, nem nas da Janeyrinha, a que

(20) Orphãos de Parnahyba n. 655, inventario de Pedro de Macedo Souto-Maior.

se procede na fórma da ordenação do reino. Porém quando acaba o pesado jugo da vara de juiz ordinario não fica livre de maior pezo com o encargo de juiz dos orphãos triennial, cujo officio, com grande utilidade dos pupillos, tem desempenhado nos tres triennios, que tem exercitado com geral applauso dos corregedores, que lhe têm tirado a residencia como dispõe a real ordem do 1731. Ainda existe em 1766, posto que já decabido de forças, na sua fazenda de cultura, engenho de assucar e aguardente. Do seu matrimonio teve dez filhos.

4—1. Domingos de Moraes Navarro serve a el-rei em praça de soldado no Rio Grande de S. Pedro do Sul.

4—2. José de Almeida Lara, que, resistindo por espaço de meio dia a um grosso troço de negros foragidos, a que no Brasil chamam calhambolas, sem mais forças que a de tres armas de fogo, que manejavam elle e dois mulatos seus escravos, de dentro de casa, e tendo boa pontaria, morreram muitos e ficaram feridos quasi todos; até que, acabada a polvora, avançaram os negros de pelotão e lhe acabaram a vida e a dos dois mulatos; e depois de morto lhe cortaram a cabeça e todos os membros, sem escapar da violencia d'estes barbaros as partes pudendas; de tal sorte, que ficou aquelle cadaver feito um crivo de chagas pelas muitas facadas com que o odio dos pretos empregou a sua furia. Este infeliz successo aconteceu nas minas do Pilar sitio da Papuã, da comarca da Villa-Boa de Goyazes, estando o pai do morto ausente de caza, que era construida nas suas lavras mineraes ao pé da estrada chamada dos Guarinos; e recolhendo-se a ella com os escravos que o acompanhavam achou o filho morto como fica referido, tendo escapado um mulato de 10 ou 12 annos, escondido no centro de uma cata profunda, e com escolta dos vizinhos trouxe o cadaver para o arraial para dar-



lhe sepultura, e a pedir soccorro á justiça para seguir a trilha dos aggressores de tão horroroso insulto, e dos roubos que fizeram na essa, levando tudo quanto poderam carregar. Porém não achou Manoel de Moraes Navarro o menor auxilio dos ministros de justiça, que eram dois juizes ordinarios, e, excitado da sua justificada dôr, formou com parentes e amigos um corpo de armas, que, governado mais pelo ardor do espirito que pelas forças dos seus annos, e desfallecimento das suas lagrimas, porque o filho morto era de grandes esperanças, penetrou as veredas do sertão, pois onde se entranharam os foragidos, porém sem effeito, por logo ao segundo dia choveu tanto que inteiramente não poderam descobrir mais a trilha para ser seguida. Porém antes de muitos dias em diversos sitios experimentaram outras vidas a tyrannia dos taes foragidos, que puzeram em consternação aos moradores d'aquelle continente, que deu occasião ao conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, governador e capitão-general da capitania de Goyazes em 1751, a passar em pessoa ao dito arraial, e com elle o Dr. ouvidor goral Sebastião José da Cunha Soares, que permittiram que livremente se atacassem aos quilombos, matando-se n'elles os negros que se puzessem em resistencia, como se pratica em Minas-Geraes; e ainda assim não cessam os roubos, mortes e insolencias; de sorte que, para se evitar um futuro levantamento dos pretos contra os brancos, se empenhou a actividade, ardor, zelo e desembaraço do coronel José Antonio Freire de Andrade (hoje conde de Bobadella), governador da capitania de Minas-Geraes, a vencer a Bartholoméo Bueno do Prado, natural de S. Paulo, por si e seus avós, para capitão-mór e conquistador de um quasi reino de pretos foragidos, que occupavam a campanha desde o rio das Mortes até o Grande, que se atravessava na estrada de S. Paulo

para Goyazes. Bartholomêo Bueno desempenhou tanto o conceito que se formava do seu valor e disciplina da guerra contra esta canalha, que se recolheu victorioso, apresentando 3,900 pares de orelhas dos negros, que destruiu em quilombos, sem mais premio, que a honra de ser occupado no real serviço, como consta dos accordãos tomados em camara de Villa-Rica sobre esta expedição, e o effeito d'ella para total segurança dos moradores d'aquella grande capitania.

4—3. Luiz Pedroso de Moraes Navarro.

4—4. Manoel Vicente de Moraes.

4—5. João Leite de Moraes.

4—6. D. Maria Leite de Moraes.

4—7. D. Marianna de Siqueira e Moraes.

4—8. D. Anna de Almeida Moraes.

4—9. D. Isabel de Lara Moraes.

4—10. D. Francisca de Almeida e Moraes.

3—4. D. Maria de Siqueira (filha de José de Almeida Lara do § 5º), nasceu a 13 de Outubro de 1699. Falleceu a 11 de Janeiro de 1710, solteira.

3—5. Luiz Castanho de Moraes (idem), nasceu a 23 de Maio de 1703. Está casado com D. Francisca Soares, filha do capitão Domingos Soares Paes, e de sua mulher D. Maria Leite da Silva. Tem servido os cargos honrosos da republica da villa de Sorocaba, onde fez o seu estabelecimento. E teve dez filhos.

4—1. D. Maria Leite de Anunciação, está casada com João Bicudo de Almeida, filho de Sebastião Bicudo de Proença, e de sua mulher Isabel Domingues do Prado.

4—2. D. Marianna de Siqueira e Moraes, está casada com Francisco de Camargo, filho do alferes José Munhos, e de sua mulher Catharina Domingues.

4—3. D. Isabel de Lara.

4—4. Salvador de Lara e Moraes.

4—5. Manoel de Almeida e Moraes, que está habilitado para sacerdote (nota \*). Se se assentou praça de soldado em Santos, e desertando para Minas-Geraes, alli assentou praça de dragão em que existe em 1771.

4—6. Alexandre Pedroso de Moraes.

4—7. Luiz Castanho de Moraes Leite.

4—8. Francisco de Almeida Moraes.

4—9. José Maria Leite de Moraes.

4—10. Joaquim Maria Leite de Moraes.

3—6. D. Marianna Paes de Siqueira (§ 5º), nasceu a 8 de Outubro de 1702. Casou a 15 de Fevereiro de 1733 com Francisco de Godoy da Silva, filho de Balthazar de Godoy, o Pucú de alcunha. E tiveram

4—1. Ignacio de Godoy Silva, que nasceu a 4 de Setembro de 1737.

4—2. D. Isabel de Godoy, que nasceu a 21 de Setembro de 1735. Casou com Antonio de Almeida e Abrêo.

3—7. Guilherme Pedroso de Moraes (§ 5º), nasceu a 21 de Julho de 1707. Casou com Maria da Cunha de Oliveira, filha de João da Cunha, natural da freguezia de S. Bartholomé de S. Gens, concelho de Monte-Longo, arcebispado de Braga, e de sua mulher Margarida de Oliveira de Brito. Neta pela parte paterna de João da Cunha e de sua mulher Catharina Gonçalves. E pela materna neta de João da Costa Homem e de sua mulher Anna Vieira de Barros, e por esta bisneta de Domingos Machado Jacome e de sua mulher Margarida de Oliveira. E teve em Parnahyba sete filhos:

(\*) Faltou no manuscrito.

(Nota da redacção).

- 4—1. José Pedroso de Moraes Lara.
- 4—2. João de Moraes Navarro de Antas.
- 4—3. Lourenço Castanho de Oliveira Barros.
- 4—4. Raymundo Vieira Baruel Machado.
- 4—5. Antonio da Cunha Gonçalves de Siqueira.
- 4—6. D. Anna Pedroso de Moraes Siqueira.
- 4—7. D. Catharina de Senna de Almeida Lara.

3—8. José de Almeida Lara, nasceu a 4 de Dezembro de 1711, existe solteiro.

3—9. Antonio Castanho da Silva (§ 5º), nasceu a 7 de Outubro de 1713. Está casado com D. Rosa Maria Teixeira, natural da cidade de S. Paulo, filha de Luiz Teixeira de Azevedo, e de sua mulher Isabel Colaço. (Em titulo de Alvarengas, cap. 5º.) E teve nascido em Parnahyba nove filhos.

4—1. João, que depois de baptizado voou para o ceu.

4—2. Luiz Castanho Navarro de Moraes e Antas, que na recruta que se fez em S. Paulo de 4 companhias para o Rio-Pardo, foi feito tenente da companhia do capitão Simão de Toledo de Almeida, em 17.... Foi prisioneiro para Buenos-Ayres, de d'onde passando para a cidade de Cordova, n'ella está casado e morador.

4—3. José Castanho de Azevedo.

4—4. Manoel Rodrigues de Moraes Antas. Director da aldêa de Maruyry do real padroado.

4—5. Antonio Castanho de Azevedo.

4—6. Feliciano, falleceu de 9 annos.

4—7. D. Anna Joaquina Castanho.

4—8. D. Custodia Maria.

4—9. D. Joaquina.

3—1º. Pedro de Lara e Moraes (§ 5º), nasceu a 6 de Novembro de 1713. Falleceu sem geração.

§ 6º

2—6. D. Catharina de Almeida (filha de D. Isabel de Lara e de Luiz Castanho de Almeida do cap. 7º), casou com Vicente Gonçalves de Aguiar, natural de Parnahyba, onde falleceu com testamento, em o qual declarou que era filho do capitão João Gonçalves de Aguiar, natural da cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher Luzia de Mendonça, natural da villa de Parnahyba (21), irmã direita de frei Francisco do Rosario, da ordem de S. Francisco. E teve dois filhos naturaes de Parnahyba :

3—1. Vicente Gonçalves de Almeida

3—2. D. Isabel de Lara.

3—1. Vicente Gonçalves de Almeida, falleceu com testamento a 12 de Novembro de 1731. Foi casado com D. Isabel da Silva Naves, filha de João de Almeida Naves, natural da villa de Algodre, bispado de Vizêo, e de sua mulher Maria da Silva (22). A dita D. Isabel da Silva Naves falleceu em 1735. (Cart. supra, inventario n. 581 de D. Isabel da Silva.) E teve dois filhos.

4—1. Vicente Ferreira de Almeida, falleceu em 1735 e foi casado com D. Escholastica da Silva Bueno, filha do capitão Francisco Bueno da Fonseca e de sua mulher Margarida da Silva. E teve uma filha, D. Ignacia de Loyola, que foi para Goyazes com seus pais.

4—2. D. Maria de Almeida Lara, que existe no estado de viuva de seu marido e primo D. Francisco Taques Rendon. ( Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º, nos netos do capitão-mór Pedro Taques de Almeida.)

(21) Em titulo de Bicudos, cap. 5º § 3.º Cart. de orph. de Parn., inv. 387 de Vicente Gonçalves de Aguiar. O do capitão João Gonçalves de Aguiar, n. 210.

(22) Cart. de orph. de Parnahyba n. 108, inv. de João de Almeida Naves. O testamento que se abriu a 11 de Março de 1715.

3—2. D. Isabel de Lara (§ 6º), casou com Pedro Leme Ferreira. (Em título de Lemes.)

§ 7º

2—7. D. Magdalena Fernandes de Moraes (cap. 7º), foi casada com João Gomes. Falleceu a 18 de Junho de 1682 com testamento. (Cart. de orph. de Parn. inv. n. 308.) Sem geração.

§ 8º

2—8. Ignacio de Almeida Lara (cap. 7º), falleceu com testamento a 31 de Agosto de 1699; foi casado com D. Isabel Domingues Paes, filha de Martim Garcia Lumbria, capitão-mór governador da capitania de Itanhaen em 1693, e de sua mulher D. Maria Domingues Paes. Sem geração.

§ 9º

2—9. D. Antonia de Almeida (cap. 7º), casou com Hieronimo Ferraz de Araujo. Sem geração.

§ 10

2—10. D. Maria de Almeida Lara (filha de D. Isabel de Lara do cap. 7º), casou com Jorge de Mattos, natural de S. Jorge em a ilha do Tópo, filho de João de Mattos, e de sua mulher Anna Francisca. Falleceu com testamento a 19 de Abril de 1659 (22). E teve filha unica, D. Susanna de Mattos, que falleceu menina.

§ 11

2—11. João (cap. 7º), falleceu de tenros annos.

(23) Cart. de orph. de Parnahyba, inv. n. 145, o de Jorge de Mattos.

CAPITULO VIII E ULTIMO

1—8. O P. Pedro de Lara e Moraes, clérigo de S. Pedro, passou-se para a Ilha Grande Angra dos Reis. N'ella descobriu pelos annos de 1647 os campos e terras de ge...na (\*) em Mambiccoba, e pediu de sesmaria 4 leguas, dizendo na supplica que esperava de S. Paulo a seus pais com 4 genros cunhados d'elle, que eram Lourenço Castanho Taques, Luiz Castanho de Almeida, Tristão de Oliveira Gago e Francisco Martins Bonilha ( Cart. da provedoria da fazenda real de S. Paulo, livro de sesmarias, n. 10, anno 1643, pag. 65), e lhe foram concedidas as ditas 4 leguas para o dito effeito. Porém nem os pais, nem os cunhados foram, e sómente seu irmão Joaquim de Lara foi ser morador da Ilha Grande, como já se disse no cap. 1.º

---

(\*) Em consequencia da traça acha-se esta palavra inintelligivel.

(Nota da redacção.)



## PRADOS

A nobre familia de Prados da capitania de S. Paulo é uma das mais antigas d'ella. O seu progenitor foi João do Prado, natural da praça de Olivença na provincia do Alentejo em Portugal, onde a nobreza d'esta familia é bem conhecida. Foi um dos nobres povoadores da villa de S. Vicente, a qual fundou pelos annos de 1531 o seu donatario Martim Affonso de Sousa, vindo em pessoa no dito anno, e trouxe para isso navios com todos os petrechos de guerra para a conquista dos gentios barbaros, e muitos e nobres povoadores por mercê do Sr. D. João III, e por este principe feito capitão-mór governador das terras do Brasil, para o dito Martim Affonso de Sousa as poder repartir de sesmarias com as pessoas que consigo trazia, para as povoarem, como se vê da sua carta patente datada na villa do Crato a 20 de Novembro de 1530 annos, registrada no cartorio da provedoria da fazenda real da capitania de S. Paulo, livro 1º de sesmarias, tit. 1534 pag. 42 e 102. Trouxe este fidalgo varios homens de fôro, e cavalleiros da ordem de Christo, sendo entre elles os mais estimados Luiz de Góes, casado com D. Catharina, e seus irmãos Pedro de Góes, que depois foi capitão-mór de armada pelos annos de 1553 e falleceu em S. Paulo, e Gabriel de Góes todos com fôro de fidalgos; Domingos Leitão, casado com uma filha do dito Luiz de Góes; Braz Cubas, cavalleiro fidalgo e primeiro alcaide-mór da villa de Santos, e seu povoador, que depois foi provedor da fazenda real, capitão-mór, governador e ouvidor da capitania de S. Vicente, e seu filho Pedro Cubas, moço da camara de el-rei, que tambem foi provedor da fazenda e capitão-mór governador, e ouvidor da dita capitania; e o dito Braz Cubas teve mais tres irmãos, que todos eram naturaes da cidade do Porto; e foram Gonçalo Nunes Cubas,

Antonio Cubas e Francisco Nunes Cubas, moradores da villa de Santos; Ruy Pinto, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, casado com D. Anna Pires Missel; e seus irmãos Antonio Pinto e Francisco Pinto; Nicoláo de Azevedo, fidalgo da casa real, casado com D. Isabel Pinto, irmã de Ruy Pinto, de Antonio Pinto e Francisco Pinto, que todos foram filhos de Francisco Pinto, fidalgo da casa real, que ainda existia em Lisboa no anno de 1550, quando por escriptura vendeu aos allemães Erasmo Esquert e João Visnet as terras que em S. Vicente tinham ficado por morte de seu filho Ruy Pinto, e eram as da fazenda e engenho de S. Jorge (que depois tomou o nome dos allemães, chamando-se S. Jorge dos Erasmos), que havia fundado com o governador Martin Affonso de Sousa. Vieram tambem com este fidalgo para S. Vicente João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro (fundador da povoação de Santo André de Borda do Campo, que depois se acclamou villa em 8 de Abril de 1553, sendo o dito Ramalho alcaide-mór e guarda-mór d'esta povoação), e sua irmã Joanna Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, cavalleiro fidalgo, que foi capitão-mór governador da capitania de S. Vicente pelos annos de 1556: Jorge Pires, cavalleiro fidalgo, João Pires, o Gago de alcunha, Pedro Vicente e sua mulher Maria de Faria, Pedro Colaço, e outros muitos, e nobres povoadores de S. Vicente; e João do Prado, em quem principiamos este titulo de Prados.

Na villa de S. Vicente casou João do Prado com Felippa Vicente, filha do povoador Pedro Vicente e de sua mulher Maria de Faria, os quaes em 1554 eram lavradores de grandes cannaviaes com partido no engenho de assucar de S. Jorge dos Erasmos, e no dito anno venderam umas terras e seus cannaviaes a Pedro Rodrigues, as quaes terras já as possuíam em 1546. (Cart. da provedoria da fazenda real,

livro da sesmarias, tit. 1.<sup>o</sup> pag. 122 v.) Passou-se o dito João de Prado com sua mulher Filippa Vicente para S. Paulo, onde se estabeleceram com muitos indios, que no sertão conquistou João do Prado. Foi da governança da república e serviu todos os honrosos cargos d'ella, e de juiz ordinario muitas vezes, como foi no anno de 1588, 1592, e consta dos livros da camara de S. Paulo e no caderno de registros, 1583 fl. 7.

Tendo feito o seu testamento no anno de 1594 entrou para o sertão interessado em maior numero de indios que queria conquistar n'este mesmo anno, em que contra os barbaros indios da nação *Carijó*, que tinham vindo pôr em cerco aos moradores da villa de S. Paulo, formou exercito, e foi em pessoa ao sertão contra estes inimigos Jorge Corrêa, moço da camara de el-rei, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente. Falleceu João do Prado no arraial do capitão-mór João Pereira de Sousa Botafogo, em Fevereiro de 1597. Em S. Paulo falleceu sua mulher Filippa Vicente com testamento a 27 de Junho de 1627; e no inventario feito dos bens para partilha dos filhos e herdeiros consta a fl. 18 que João do Prado e Filippa Vicente eram pessoas honradas e nobres. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2.<sup>o</sup> de inventarios, letra I, n. 13, o de João do Prado, etc. maço 2.<sup>o</sup> letra F, n. 50 o de Filippa Vicente). Este João do Prado teve no Rio de Janeiro uma prima, chamada Clara Martins, que deixou nobre descendencia. E teve, como consta dos inventarios supracitados onze filhos.

Cap. 1.<sup>o</sup>.— Isabel do Prado.

Cap. 2.<sup>o</sup>.— Helena do Prado.

Cap. 3.<sup>o</sup>.— Domingos do Prado.

Cap. 4.<sup>o</sup>.— João do Prado.

Cap. 5.<sup>o</sup>.— Catharina do Prado.

Cap. 6.<sup>o</sup>.— Filippa Vicente do Prado.

Cap. 7.º— Maria do Prado.

Cap. 8.º— Martin do Prado.

Cap. 9.º— Pedro do Prado.

Cap. 10.º— Anna Maria do Prado. Falleceu solteira.

Cap. 11.º— Clara. Falleceu solteira.

Teve fóra do matrimonio um filho mamaluco, chamado Domingos do Prado, que na matriz de S. Paulo casou em 1816 com Filippa Leme, filha bastarda do grande Pedro Vaz de Barros, chamado pelo idioma brasilico Pero Váguassú. E falleceu esta Filippa Leme com testamento em S. Paulo a 20 de Novembro de 1636. E teve cinco filhos, como se vê do inventario de orphãos, letra F, maço 3º n. 3.

#### CAPITULO I

1—1. Isabel do Prado, natural de S. Vicente, casou em S. Paulo com Paschoal Leite Furtado, natural da ilha de Santa Maria dos Açores, filho de Gonçalo Martins Leite, e de sua mulher D. Maria da Silva. Este Paschoal Leite veio em serviços da corôa as Minas de S. Vicente em 1599 com D. Francisco de Sousa, setimo governador geral do Estado do Brasil, que n'este anno veio da Bahia, e chegou a S. Paulo, onde residiu até 1602, em que chegou á Bahia o seu successor Diogo Botelho, oitavo governador geral do Estado, despachado por el-rei D. Philippe III de Castella, e II de Portugal. Depois em 1609 chegou a S. Paulo o mesmo D. Francisco de Sousa, feito governador administrador geral das minas das capitánias do Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, com mercê de marquez das minas com 30 ttº de juro e herdade. Se as minas, que descubrisse rendessem cada anno para o real erario 500 ttº, e nada conseguiu, porque em S. Paulo falleceu a 10 de Junho de 1611. Porém no anno de 1670 se verificou o titulo de mar-

quez das Minas em seu neto D. Francisco de Sousa 1º Marquez das Minas e terceiro conde do Prado por carta de el-rei D. Affonso VI passada em 7 de Janeiro do mesmo anno de 1670.

Este Paschoal Leite Furtado foi irmão direito de Catharina Furtado Leite, mulher de Sebastião de Andrade, o qual foi irmão de Francisco de Andrade, pai do Exm. bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de S. Jeronymo. E pelo brazão de armas passado aos padres Gaspar de Andrade Columbreiro e Francisco de Andrade a 23 de Janeiro de 1707 pelo rei d'armas principal Manoel Leal, sendo escrivão da nobreza José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, e registrado na camara de S. Paulo no liv. 5º de registro geral, se mostra que por seu pai Gonçalo Martins Leite foi o dito Paschoal Leite neto de Jorge Furtado de Sousa, fidalgo da casa real, e de sua mulher Catharina Nunes Velha; e por ella bisneta de Isabel Nunes Velha, e de seu marido Fernão Vaz Pacheco; terneto de Nuno Velho (irmão de Ruy de Mello, que foi estribeiro-mór de el-rei D. João II), e de sua mulher Africa Annes, que era viuva de Jorge Velho. Quarto neto de D. Violante Cabral, e de seu marido Diogo Gonçalves de Travassos, que foi vedor do infante D. Pedro, regente do reino de Portugal, com quem se achou na batalha e tomada de Ceuta; e foi do conselho de el-rei D. Affonso V e tanto seu privado, que na sua doença foi visitado de el-rei em pessoa; e jaz sepultado no convento da Batalha á porta da capella dos reis com a letra D sobre sua sepultura por ordem do mesmo rei. Quinto neto de D. Maria Alves Cabral, e de seu marido Fernão Velho, e sexto neto do Sr. de Belmonte. Todo o referido consta melhor do dito brazão supra indicado; e o mesmo contexto se lê com mais diffusa noticia no padre Cordeiro; *Historia Insulana*, impressa em Lisboa em 1717. Em S. Paulo falleceu Paschoal Leite Fur-

tado com testamento a 4 de Maio de 1644 na sua fazenda do sítio de Pinheiros. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1.<sup>o</sup> de inv. letra P, n. 3, o de Paschoal Leite.) E teve oito filhos naturaes de S. Paulo.

§ 1.<sup>o</sup>

2—1. Isabel do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 19 de Abril de 1635 com Francisco Leal, natural da Ilha Terceira, filho de Manoel Lopes Leal, e de sua mulher Catharina Neto. Sem geração.

§ 2.<sup>o</sup>

2—2. Paschoal Leite Furtado, casou na matriz de S. Paulo a 12 de Outubro de 1539 com Mecia da Cunha, filha de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher Maria de Freitas. Com geração. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup>

§ 3.<sup>o</sup>

2—3. Isabel do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Abril de 1640 com Pedro Dias de Castilho (filho de Manoel Lourenço Valença, e de sua mulher Anna de Castilho), natural da villa da Victoria da capitania do Espirito-Santo, e falleceu em Parnahyba com testamento no 1.<sup>o</sup> de Setembro de 1673. (Cart. de orph. de Parnahyba, letra P. n. 256.) E teve dois filhos:

3—1. Anna de Castilho, mulher de Pedro Lopes de Lima.

3—2. Maria de Jesus.

§ 4.<sup>o</sup>

2—4. Ursula Pedroso, casou tres vezes: primeira com João Nunes da Silva, que falleceu em S. Paulo em 1639; segunda

com Alberto Sobrinho, natural da villa de Santos (em titulo de Annes, cap. 2º § 2º : terceira vez casou aos 17 de Junho de 1643 com João Guerra Branco, natural da villa de Vianna, filho de Gonçalo da Guerra, e de sua mulher Branca Dias Maciel. Sem geração. Do primeiro matrimonio teve quatro filhos (1) e do segundo um filho.

3—1. Isabel Nunes da Silva, casou na matriz de S. Paulo a 2 de Março de 1642 com Estevão Ribeiro, filho de Baltazar Ribeiro, e de sua mulher Margarida Cançada.

3—2. Antonio.

3—3. João.

3—4. Maria.

3—5. Alberto Sobrinho.

§ 5º

2—5. Potencia Leite, casou com Antonio Rodrigues de Miranda, natural da cidade de Lamego e tronco da familia do seu appellido em S. Paulo. (Em titulo de Mirandas). Com geração.

§ 6º

2—6. Maria Leite, casou com Pedro Dias Paes Leme. (Em titulo de Lemes, cap. 5.º Com sua descendencia).

§ 7º

2—7. Paschoa Leite, falleceu sem geração em 14 de Junho de 1667, tendo sido casada com Gaspar Lopes Godim. (Cart. de orph. de Parn., inv. letra P. n. 185, o de Paschoa Leite.)

(1) Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º, letra L. n. 32.



§ 8º

2—8. João Leite, falleceu com testamento em 8 de Abril de 1616, e foi casado com Ignez Pedroso (em titulo de Moreira, n. 1 cap.3º § 7); a qual viuvando casou com Thomé Martins (em titulo de Bonilhas, cap. 1º § 4º); e falleceu a mesma com testamento a 4 de Novembro de 1634; e foi irmã de Maria Moreira, mulher de Innocencio Preto. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 3 letra I n. 24, e n. 160, invent. de Ignez Pedroso.) E teve dois filhos.

3—1. Sebastião Pedroso Leite, casou na matriz de S. Paulo a 29 de Janeiro de 1631, com Maria Gonçalves (a qual depois casou segunda vez com Sebastião Martins, e terceira vez com Sebastião da Gama), filha de André Martins Bonilha e de sua mulher Justa Maciel. (Em titulo de Bonilhas, cap. 1º). Falleceu Sebastião Pedroso com testamento a 18 de Maio de 1698. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra S, n. 7, e cart. 1º de notas, maço de inventarios antigos, o de Maria Gonçalves.) E teve dois filhos.

4—1. Antonio Pedroso Leite, falleceu com testamento a 30 de Junho de 1677, e foi casado com Catharina Dias (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 4º de inv. letra A, n. 29.) E teve cinco filhos :

5—1. José Pedroso Leite.

5—2. Maria.

5—3. Ignez Pedroso.

5—4. Timotheo.

5—5. Catharina.

4—2. Manoel Pedroso Leite, falleceu. Sem geração.

3—2. João Leite, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1636 com Antonia Gonçalves (depois foi viuva de João da Costa Leal), natural de S. Paulo, filha de Fran-

cisco Jorge, e de sua mulher Isabel Rodrigues. (Em título de Bonilhas, cap. 3.<sup>a</sup> no segundo casamento de Isabel Rodrigues com Francisco Jorge; e d'este Francisco Jorge, temos feito menção em título de Godoy, cap. 2.<sup>a</sup>.) E teve naturaes de S. Paulo quatro filhos.

4—1. Isabel Pedroso, casou com Manoel Vieira Barros, nobre cidadão e natural de S. Paulo, estando viuvo de sua primeira mulher Anna Dias, filho de Domingos Machado, natural da Ilha Terceira (filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, neto por parte paterna de Sebastião Vieira e de sua mulher Joanna Jacome, em título de Vieiras da Ilha Terceira. E pela materna neto de Gonçalo de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, a rica: em título de Machados Toledos da Ilha Terceira), e de Catharina de Barros, natural de S. Paulo. (Em título de Alvares de Sousa, de S. Paulo.) Falleceu dito Manoel Vieira de Barros com testamento a 21 de Abril de 1705, e se mandou sepultar no jazigo proprio, que como irmão da companhia lhe havia concedido por carta o Revm. padre provincial Alexandre de Gusmão, vindo de visita ao collegio de S. Paulo. Foi Manoel Vieira Barros quem com liberal piedade e devoção concorreu para a construção do recolhimento de Santa Theresa, que para accomodação da nobreza de S. Paulo idéou o Exm. D. José de Barros de Alarcão, 1.<sup>o</sup> bispo da cidade do Rio de Janeiro, achando-se de visita em S. Paulo, largando tres moradas de casas que tinha no sitio, que se elegeu para o dito recolhimento, cuja custosa obra supposto teve por fundador o dito prelado, foi Manoel Vieira quem concorreu com a dadia das suas tres moradas de casas; e para as mais despesas, que foram grandes e importaram cabedal. Soffreu Lourenço Castanho Taques, seu irmão o capitão-mór governador Pedro Taques, aos quaes fez concurso com uma certa porção de

dinheiro Diogo Rodrigues, que foi pai do honrado paulista Antonio Rodrigues de Medeiros, capitão dos cavalleiros de S. Paulo: n'este recolhimento entraram as filhas do dito Manoel Vieira Barros com grande consolação de seus pais, e applauso do fundador o Exm. bispo, havendo missa cantada e sermão no dia d'esta entrada com despeza grande pelos applausos d'este dia. E teve do seu matrimonio treze filhos (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra M. n. 34 o de Manoel Vieira Barros), naturaes de S. Pedro.

5—1. Frei José Vieira, carmelita; occupou os cargos de prior em varias conventos e de visitador, e falleceu em S. Paulo em 1758.

5—2. Bento Vieira, foi clérigo presbytero de S. Pedro.

5—3. Antonio Pedroso Leite, casou com D.....(Em título de Raposos Silveiras, cap...

5—4. Maria Leite

5—5. Theresa Vieira

} Estas duas tomaram o habito

no recolhimento de Santa Theresa, porém como com a morte do Exm.e Revm. fundador não passou a professo, veio o recolhimento por falta de rendas a decahir totalmente da elevação com que tivéra principio o ingresso das primeiras recolhidas, servindo muito para a tal decadencia o fallecimento do fervoroso fundador Lourenço Castanho, até que Maria Leite e Theresa Vieira voltaram para o seculo, tendo n'elle o patrimonio das legitimas que herdaram por morte de seus pais.

5—6. Jorge, falleceu menino.

5—7. Leonor de Barros Vieira, falleceu solteira.

5—8. Francisca Leite de Barros, falleceu solteira.

5—9. Cordula Vieira, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Setembro de 1695, com Simão Pereira do Faro, filho de Francisco Pereira do Faro, e de sua mulher Anna de Oliveira. Sem geração.

3—10. Antonia Pedroso Vieira, casou a 29 de Outubro de 1699 com Manoel Ribeiro Leal, natural de Lisboa, freguezia de S. Julião, filho de Silvestre Dias Ribeiro e de Maria de Jesus, sua mulher. E teve dois filhos :

6—1. Francisco Ribeiro Leal.

6—2. Ignacio Ribeiro Leal.

3—11. Ursula Pedroso, falleceu solteira.

3—12. Ignacia de Barros, casou com Felix Sanches Barreto, natural de Lisboa, filho de Pedro Sanches e de sua mulher Maria Barreto, ambos de Lisboa (Camara episcopal da cidade de Marianna, *autos de genere* do padre Felix Sanches Barreto). E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo:

6—1. O padre Felix Sanches Barreto, presbytero, morador no Serro do Frio em 1770.

6—2. Manoel Sanches Barreto, casou com D. Antonia Ignez de Almeida e Moura, filha do sargento-mór Domingos de Moura Miguel, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Beatriz Cardoso de Almeida natural da cidade da Bahia, com geração de quatro filhos ainda tenros.

6—3. Isabel Pedroso Leite casou em Taubaté a 20 de Janeiro de 1725 com João Paes Domingues, natural de Pindamonhangaba, filho de Manoel da Costa Leme, e de sua mulher Maria Paes Domingues e neto de Antonio Bicudo Leme, o Via-Sacra de alcunha. (Em titulo de Lemes, cap. 1º § 2º, ou em Bicudos, cap. 1º § 2º.) Com geração de dez filhos nascidos em Pindamonhangaba.

6—4. Pedro Sanches Barreto, falleceu solteiro.

5—13. Ignez Pedroso (ultima filha de Ignez Pedroso e Manoel Vieira Barros), casou a 5 de Novembro de 1695 com Thomé Rodrigues da Silva, que acabou em patente de sargento-mór dos auxiliares de S. Paulo, filho de Mathias Rodrigues Silva e de sua mulher Catharina d'Horta. (Em titulo

de Hortas, cap. 1º §.) Falleceu o sargento-mór Thomé Rodrigues com testamento a 26 de Setembro de 1743. E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo. (Orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra T. n. 11.)

6—1. O Revm. padre mestre frei Salvador Caetano de Horta, carmelita; falleceu em Lisboa.

6—2. O Revm. frei Bento Rodrigues de S. Angelo, carmelita, é presentado: ha muitos annos que existe feito descobridor de minas de ouro no sertão do Tibagy, onde descobriu perto da estrada dos Campos Geraes, faisqueiras de ouro de lavagem, e apparecendo diamantes, ficou prohibido o ingresso para estes descobrimentos, e se lhe pôz uma guarda de soldados infantes com um cabo commandante do presidio de Santos.

6—3. José Rodrigues da Silva Horta, casou por força de consciencia com Rita da Silva, de quem já tinha antes do matrimonio varios filhos.

6—4. Frei Francisco de Santa Ignéz, carmelita, foi repetidas vezes prior do convento de S. Paulo, onde deixou varias obras filhas do seu grande zelo e actividade. Estando definidor passou-se a residir na aldêa de Marubiry do real padroado, onde fez construir um novo templo com bem proporcionada architectura em comprimento, largura e altura, seguindo-se um convento de sobrado com commodidades grandes para os Revms. que se ajuntam no dia da festa do orago da dita aldêa, Nossa Senhora da Escada, e para os Rev. visitadores ou Revms. provinciaes; porém antes de adornar o templo, e fazer levantar casas de taipa para venda dos indios em ruas, que já tinha destinado, acabou na mesma aldêa, de repente, e com não pequenas conjecturas de que fôra veneno introduzido em um crystal que lhe administrou um seu escravo, que o servia com apparencias

de fidelidade havia muitos annos. Jaz sepultado na casa do capitulo do convento de S. Paulo.

6—5. Catharina da Silva d'Horta, que falleceu de be-xigas em 1769, foi casada com Francisco da Cunha Lobo, nobre cidadão de S. Paulo, que ainda existe em 1770, filho de. . . . (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—4 a n. 4—2, e seguintes.) Com doze filhos, que alli temos descriptos.

4—2. Paschoal Leite (filho do n. 3—2) : falleceu menino.

4—3. Antonio Pedroso Leite, casou com Maria de Oliveira, natural de S. Paulo, irmã direita do coronel Antonio de Oliveira Leitão, que falleceu degolado em alto cadafalso na praça da Bahia. (Em titulo de Alvarengas, cap. . . . .)

Falleceu Antonio Pedroso Leite com testamento nas Minas-Geraes no anno de 1719. E teve cinco filhos na turaes de S. Paulo. (Cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Antonio Pedroso Leite.)

5—1. Antonio Pedroso Leite, cidadão de S. Paulo, foi casado com Maria Paes Domingues, irmã de Manoel Cavalhero Lumbria, naturaes de S. Paulo, filho de Manoel Fernandes Cavalhero, natural de S. Paulo, morador no sitio de Tieté, que falleceu com testamento a 18 de Novembro de 1699, e de sua mulher Maria Paes Garcia, a qual casou segunda vez com João da Cunha Leme, neta por parte paterna de José Cavalhero, natural de Castella, reino de Toledo, villa de S. Olaya do senhorio do conde de Astorga, e de sua mulher Isabel Fernandes, natural de S. Amaro; e pela materna neta de Martim Garcia Lumbria, natural de S. Paulo, que foi capitão-mór da capitania de Itanhaen pelos annos de 1693, a quem o Sr. rei D. Pedro II mandou escrever uma carta firmada do seu real punho datada em Lisboa a 20 de Outubro de 1698, e de sua mulher D.

Maria Domingues das Candêas. ( Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 6º de inventarios, letra M. n. 58, o de Manoel Fernandes Cavalhero, casado com Maria Paes Garcia .) E teve nove filhos naturaes de S. Paulo.

6—1. João Leite de Oliveira, morador em Goyazes, e casado com D. Escholastica Bueno filha do mestre de campo Antonio de Camargo Ortiz e Albuquerque. Em titulo de Camargos, cap. 7º §.)

6—2. Manoel Cavalhero Leite, cidadão de S. Paulo; tem occupado os honrosos cargos da republica: foi juiz ordinario em 1765, e é capitão de infantaria da ordenança do bairro do Tieté. Está casado com Mecia da Cunha, filha de Estevão da Cunha Abreu. Em titulo de Pires, cap. 6º §.)

6—3. Miguel Pedroso Leite, sahio na recruta dos 200 soldados paulistas no anno de 1759 em capitão de infantaria, como temos referido em titulo de Rendons. Casou no Rio-Pardo com D. Innocencia Maria Pereira Pinto, filha do coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, e de D. Francisca Velloso de Fontoura. E tem quatro filhos:

7—1. Francisco de Paula Barreto Pereira Pinto.

7—2. Miguel Pinto Carneiro de Fontoura.

7—3. Antonio Pinto Carneiro de Fontoura.

7—4. Manoel Cavalhero Leite.

6—4. Maria Paes de Oliveira foi casada com Domingos Gomes Albernaz, natural de S. Amaro, filho de...

6—5. Antonio Pedroso de Oliveira, está casado com Anna Maria da Luz filha de Lourenço de Siqueira Preto, natural e cidadão de S. Paulo, e de Anna da Silva de Padilha.

6—6. José Paes, falleceu solteiro em Minas do Pilar em 1752.

6—7. Bento Paes, falleceu solteiro em Pilar.



6—8. Clara Domingues Pedroso, foi casada com José Innocencio de Aguirre. Sem geração.

6—9. Francisco, falleceu menino nas minas de Crixás da comarca de Villa Boa de Goyazes.

5—2. Antonia de Oliveira Leite, casou em S. Paulo no 1º de Maio de 1695 com Francisco Rodrigues de Freitas, natural de Mogy das Cruzes (filho de André Rodrigues de Freitas, e de sua mulher Maria da Luz), o qual falleceu a 20 de Julho de 1743. (Residuo ecclesiastico, testamentos, maço 7º letra F.) E teve

6—1. Francisco.

6—2. Josepha Rodrigues, mulher de Manoel da Cunha, e segunda vez de João Machado Castanho.

6—3. Maria . . . . . casada primeira vez com Antonio de Alcaçova, ou Alçovia, e segunda com Manoel da Maya.

5—3. Anna de Oliveira, casou em S. Paulo a 21 de Fevereiro de 1700 com Vasco da Motta Cavalcanti, natural da villa de Mogy das Cruzes, filho de Antonio da Motta Cavalcanti e de sua mulher Maria Fragozo de Mattos. Em Mogy falleceu Antonio da Motta Cavalcanti a 10 de Dezembro de 1696. (Orphãos de Mogy, inventario letra A. n. 16.) E teve

6—1. João Leite de Moraes, que foi casado com D. Maria de Lara em S. Paulo, filha do sargento-mór Simão de Toledo de Castelhanos.) Em titulo de Taques Pompêos cap. 3º §.

6—2. Manoel de Oliveira.

5—4. Francisca Leite casou com Manoel de Azambuja, natural do Rio de Janeiro, filho de Manoel de Azambuja, e de sua mulher N., que elle matou, e se passou para S. Paulo d'este homicidio; por cujo crime veio a ser preso pelo desembargador Antonio Luiz Peleja, 1º ouvidor geral

e corregedor de S. Paulo. E teve filhos naturaes de S. Paulo.

6—1. Manoel de Azambuja, falleceu solteiro no Rio Grande do Sul.

6—2. Francisco Xavier de Azambuja, falleceu no Rio-Pardo em 1769, estando alli casado com.... Foi capitão da cavallaria auxiliar do districto da freguezia nova do Bom-Jesus, em cujo posto fez muitos serviços a Sua Magestade com grande respeito e affecto do povo. Viveu abundante com a sua grande fazenda de gados, que tem no mesmo districto, e deixou numerosa successão.

5—5. Ignez Pedroso de Oliveira, foi casada com Domingos Coelho Barradas, natural e cidadão de S. Paulo. Foi capitão da ordenança do bairro de Cabaguassú, e falleceu com testamento em S. Paulo, e n'elle declarou a sua naturalidade, e que era filho de Domingos Coelho Barradas e de sua mulher Custodia Gonçalves. Em titulo de Alvares Sousas, cap. 7º). E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

6—1. Antonio Coelho, casou com Maria de Godoy Cardoso, irmã direita de João de Godoy Pinto e Silveira, filha de Francisco de Godoy Preto, cidadão de S. Paulo, guarda-mór das minas da Papuã, arraial do Pilar, e seu descobridor, na comarca de Villa-Boa de Goyazes, e de sua mulher D..... Cardoso.

6—2. Frei Manoel de S. Ignez, religioso franciscano, correu as Indias de Hespanha e foi vigario na cidade do Cusco: falleceu em S. Paulo.

6—3. José, falleceu solteiro nas Indias de Hespanha, indo de S. Paulo na companhia do irmão.

6—4. Philippa, casou com José Pereira de Oliveira, natural de S. Paulo, filho de Manoel João de Oliveira. Em titulo de Moraes.

6—5. Escholastica..... casada com Domingos de Almeida Ramos, natural da villa de Mogy das Cruzes, filho de Domingos de Almeida Ramos, que falleceu na mesma villa a 4 de Novembro de 1755, natural do lugar do Landoal, termo da villa de Obidos (filho de Manoel Ramos, e de sua mulher Catharina de Almeida), e de sua mulher Barbara Corrêa, natural de Mogy, que tambem são os pais do padre Marcello de Almeida Ramos, clérigo de S. Pedro.

6—6. Theresa de Jesus, foi casada com Philippe Corrêa Quintana, natural da villa de Santos e cidadão de S. Paulo, capitão da ordenança do bairro de S. Miguel, filho de Philippe Corrêa Quintana, alferes de infantaria do presidio de Santos. Falleceu do tiro que lhe deu por emboscada um N. de Avila, seu inimigo. Com geração.

4—4. Ignez Pedroso (filha última do n. 3—2, pag. 95) falleceu sem geração. Foi casada com Bartholomêo Fernandes de Faria, que, sendo preso quando já contava acima de 80 annos de idade, e remetido para a Bahia com o processo das culpas, que lhe resultaram de varias mortes, que mandou fazer por um *Carijó* da sua administração chamado Judêo de alcanha, antes da sentença acabou a vida na cadeia da Bahia, de bexigas. Este foi o Bartholomêo Fernandes de Faria, terror da villa de Jacarehy, em cujo termo foi morador muitos annos; e o que pôz aos moradores da villa de Santos cheios de um temor panico, quando baixou áquella villa com um troço de gente armada sem lhe embaraçar a resolução, que ia executar, como executou, o ser a villa de Santos um presidio fortificado de 4 companhias de infantaria paga, e ter n'aquella occasião por governador da praça e suas fortalezas ao mestre de campo José Monteiro de Mattos; porque o dito Faria posto em marcha chegou á villa de S. Vicente, e por ella se introduziu por terra em distancia de duas leguas com o seu troço,

valendo cada soldado, na estimação do seu commandante Bartholoméo Fernandes de Faria por muitos dos que na praça tinham o soldo do rei. Deu motivo para esta briosa, posto que indiscreta acção, o vexame, que soffriam, sem remedio, os moradores de serra acima; porque a ambição tinha convertido em negocio particular a venda do sal (que por estanco se dignou conceder a real piedade do Sr. rei D. João V em preço taxado de 1\$280 por alqueire, por supplica que lhe haviam feito os mesmos moradores de serra acima pela camara capital de S. Paulo), que tinha chegado ao excesso de pedir o contratador por cada um alqueire 20\$, affectando que do reino lhe tinha faltado a providencia annual d'este genero. Porém constando a Bartholoméo Fernandes que tudo era dissimulação no contratador, que, protegido dos magnates da villa de Santos, estava praticando com liberdade esta insolencia debaixo dos seguros de lhe não ser castigada a culpa, sendo tantas vezes requerida pelos da republica de S. Paulo, formou um corpo de armas, e baixou com elle na fórma referida á villa de Santos: chegado a ella tomou logo as casas dos armazens do sal; e mandando chamar o contratador do sal com o seguro da palavra de homem de bem de lhe não fazer minima offensa, e que só carecia da sua presença com os seus caixeiros para vêr a extracção do sal, e receber de cada um alqueire o seu taxado preço de 1\$280, e porque d'esta quantia tem a fazenda real 400 rs. por consignação, que prometteram os povos de S. Paulo e suas villas para subsidio da infantaria da praça, mandou aviso ao provedor da mesma fazenda Thimoteo Corrêa de Góes para mandar para os portos dos armazens do sal o fiel recebedor dos 400 rs. de cada alqueire. Estando tudo assim disposto com grande tranquillidade de espirito, occupou Bartholoméo Fernandes a rua onde existiam os ditos armazens, cujas

portas fez abrir, e por medida que tinham os mesmos fez extrahir e evacuar o sal, que entendeu necessario para fornecimento dos povos de serra acima, que havia mezes supportavam a barbaridade da ambição do dito contratador, pagando-se (dentro dos mesmos armazens), o sal que para fóra se tirava, e os 400 rs. de cada alqueire alli mesmo recebeu o fiel da fazenda real, sem que esta, ou o contratador recebesse prejuizo por diminuição de um só real. Para condução do genero que deu causa a esta liberdade e despotismo, havia Bartholomêo Fernandes de Faria disposto uma multidão de *Carijós*, a cujas costas se conduziu todo o sal, e com cavallos de cargas, que para o mesmo fim os fez ir em sua companhia, o que tudo augmentou tanto o troço da gente armada, que avultava a um pé de exercito, que para praça tão pequena; e seus nacionaes sem terem occasião de verem cavallos, que ainda então os não havia n'aquelle rocio, menos corpo sobrava para o temor, e para a admiração. Executado este lance sem outro algum procedimento de maldade, que costuma obrar qualquer corpo auxiliado do despotismo, se retirou Bartholomêo Fernandes de Faria pelo mesmo caminho de terra da villa de S. Vicente; e porque n'esta estrada ha uma ponte chamada de S. Jorge, tanto que teve toda a gente assim de armas, como de cargas e bestas, posta de outra parte da dita ponte com accordo de soldado esperto, mandou deitá-la abaixo, acautelando-se assim para passar a noite em socego, se na sua retaguarda tocasse alarma a infantaria da praça para o atacarem dentro da villa de S. Vicente, em marcha para S. Paulo até o sitio chamado do Cubatão. Não foi esta advertencia de pequena consequencia, porque, resolvendo-se os da praça a seguirem a Bartholomêo Fernandes para castigarem a ousadia, chegando as tropas ao passo de S. Jorge, o acharam sem ponte, a qual se não podia fabri-

car em breves horas; e por este impedimento retrocedeu para Santos sem mais acção, que haverem intentado o despique por desaforo. Socegados os animos do primeiro susto e horror, que causou a liberdade de Bartholoméo Fernandes entrando com corpo armado na praça de Santos, houve acção de graças por ficarem os moradores livres de um potentado, de quem receiaram hostilidades, roubos, e outras insolencias, que costuma praticar qualquer corpo tumultuoso, e sem disciplina regular. Foi a acção de graças celebrada na igreja do collegio dos PP. jesuitas da praça de Santos, e houve no fim do *Te-Deum* um sermão, que se dedicou, para o prélo, ao mestre de campo governador José Monteiro de Mattos. Nós tivemos o gosto de vêr este papel; porém como nos falta a lição para termos voto de o applaudir ou criticar, só fizemos conceito, que sahindo ao mundo pela publicidade da imprensa, não faltaria quem reputasse primeira satyra, que sermão adornado de textos sagrados, por uma acção, que mais accusava o terror panico dos moradores de Santos, que a força das armas do despótico Bartholoméo Fernandes de Faria. Deixou n'esta acção estampado o seu nome, que em todo o tempo seria recommendavel se o não manchára com a nota indesculpavel de tantas mortes, que se executaram por seu auxilio e consentimento. Porém ainda que as não pagou por sentença da recta justiça, sempre por ella foi preso quando já os annos lhe aconselhavam o retiro, em que se achava para chorar peccados em um quasi deserto da praia da villa da Conceição de Itanhaen, dentro de uma pequena cabana de palha; e conduzido em ferros para a cadeia de Santos, d'ella o embarcaram para a cidade da Bahia, onde, como temos referido, acabou de bexigas. Como a pobreza era summa, logo que expirou, sahiu o padre provedor dos presos, que sempre foi este emprego de religioso jesuita,

a pedir esmolas para a mortalha e bens da alma, e, não tendo passado de uma rua proxima á cadêa da relação, se achou com tão avultada esmola, que passou de 800\$, que todos lhe serviram para o enterramento e suffragios. Esta verdade se diffundiu em S. Paulo por cartas de alguns jesuitas escriptas a outros do collegio de S. Paulo.

## CAPITULO II

1—2. Helena do Prado, casou com Pedro Leme, natural da villa de S. Vicente. (Em titulo de Lemes, cap. 1º com sua descendencia.)

## CAPITULO III

1—3. Domingos do Prado, estudou no Rio de Janeiro em casa de sua tia Clara Martins. Foi jesuita; e, vindo para cantar missa no collegio de S. Paulo, falleceu entrevado. D'esta Clara Martins do Rio de Janeiro houve um jesuita N. Martins, que existia no collegio d'aquella cidade pelos annos de 1728.

## CAPITULO IV

1—4. João do Prado, falleceu no sertão em 1616, estando casado com Maria da Silva de S. Paio, filha de Domingos Martins, a qual casou segunda vez com Sebastião Soares, natural de Portugal, que falleceu em 1630, (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra l. n.... e s. maço 1º n. 23. (E teve tres filhos.)

### § 1º

2—1. Joanna do Prado, casou na matriz de S. Paulo a



25 de Janeiro de 1632 com Antonio de Lima, natural de Ponte de Lima (filho de Simão Nunes Homem, e de sua mulher Isabel Rodel), que falleceu em 1648. (Cartorio de orphãos, maço 4º de inventarios letra A, n. 39.) E teve sete filhos.

3—1. Antonio de Lima do Prado, se habilitou *de genere* no anno de 1661.

3—2. João de Lima do Prado, falleceu na Atibaia em 16 de Dezembro de 1716. Casou com Maria de Siqueira da Camargo. (Em titulo de Camargos, cap.....) Residuo da ouvidoria de S. Paulo, testamento de João de Lima do Prado, e cartorio de notas de S. Paulo, inventario de João de Lima do Prado.) E teve cinco filhos.

4—1. Antonio de Lima do Prado, que falleceu em S. Paulo com testamento em Julho de 1723 (Orphãos, maço 4º letra A, n. 27), casado com Maria Antunes. E teve tres filhos.

5—1. João de Lima do Prado.

5—2. Anna Maria.

5—3. Antonio de Lima do Prado, casou com Maria da Luz, filha de Gaspar Lopes de Medeiros, e de sua mulher Catharina Cortez.

4—2. João de Lima, que já era fallecido em 1706.

4—3. Pedro de Lima.

4—4. Joanna de Lima, mulher de Hyeronimo da Rocha Pimentel. (Em Camargos, cap. 8º § 3º n. 3—2.)

4—5. Mecia de Siqueira.

3—3. Pedro de Lima do Prado, que viuvando foi cle-rigo de S. Pedro; casou e teve a filha D. Anna de Lima do Prado, mulher do alcaide-mór José de Camargo Pimentel. (Em titulo de Camargos, cap. 4º § 2º.)

3—4. Manoel de Lima do Prado, casou com Anna Peres

Vidal de Siqueira, a qual falleceu a 12 de Março de 1719, e seu marido falleceu a 9 de Abril de 1715. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço n. 4 letra A. n. 26). E teve tres filhos.

4—1. João de Lima do Prado.

4—2. Maria de Lima do Prado, mulher de Bartholomeo Bueno de Azeredo (Em titulo de Camargos, cap. 7º § 1º n. 3—1.)

4—3. Maria de Lima do Prado, mulher de Luiz Barroso, natural e cidadão de S. Paulo, onde falleceu em 1693, e sua mulher falleceu a 16 de Abril de 1729. (Cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos o de Luiz Dias Barroso, e o de Maria de Lima do Prado; e tambem ouv. de S. Paulo maço dos residuos, o testamento de Maria de Lima); filho de João Barroso, natural de Portugal, e de sua mulher Catharina de Siqueira, irmã do Rev. Matheus Nunes de Siqueira; o que temos mostrado em titulo de Camargos, cap. 1º § 2º n. 3—9. E teve dois filhos :

5—1. Hyeronimo Dias Barroso, que falleceu em Mogy-Guassú, casado com . . . . . Forquim.

5—2. Maria de Lima do Prado, mulher do capitão Fernando Lopes de Camargo, com geração. (Em titulo de Camargos, cap. 1º § 2º n. 3—9 )

3—5. Domingos.

3—6. Maria.

3—7. Domingos.

## § 2º

2—2. Domingas da Silva, casou na matriz de S. Paulo a 25 de Janeiro de 1632 com André Bernaldes, filho de João Bernaldes e de sua mulher Helena Gonçalves. Sem geração.

§ 3º

2—3. João do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 20 de Outubro de 1633 com Maria de Chaves, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Marianna de Chaves. (Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 4º.) Com geração em dito titulo, e foram

3—1. João do Prado, que se passou para Taubaté, onde já morava em 1658.

3—2. Philippa do Prado, casou com João de Santa Maria, natural de Castella, que veio a S. Paulo em 1609 feito secretario de D. Francisco de Sousa, governador administrador geral das minas, que falleceu em S. Paulo em Junho de 1611. (Cam. de S. Paulo, cad. de residuos, titulo 1607 pag. 33, e Cam. Episcopal, aut. de *genere* de Domingos de Camargo, que foi clérigo.) E teve :

4—». Marianna do Prado, mulher de Fernando de Camargo, o Tigre de alcunha. (Em titulo de Camargos, cap. 1º.) Deixou geração.

CAPITULO V

1—5. Catharina do Prado, natural da villa de S. Vicente, falleceu em S. Paulo com testamento a 17 de Maio de 1649, e foi casada com João Gago da Cunha, natural e cidadão de S. Paulo, que falleceu com testamento a 4 de Setembro de 1636. (Cart de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra C n. 10, e letra I, maço 3º n. 20), filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher. . . . . (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 2º.) E teve doze filhos naturaes de S. Paulo.

§ 1º

2—1. Maria da Cunha, foi casada com Hyeronimo da Vei-

ga, nobre cidadão de S. Paulo, onde já era morador em 1638; irmão de Belchior da Veiga, que casando com Beatriz Camacho, falleceu sem filhos e sem testamento, por cuja razão ficou por seu herdeiro o dito Hyeronimo da Veiga (Cart. 2º de notas de S. Paulo, maço de justificação de Hyeronimo da Veiga), que falleceu a 2 de Dezembro de 1660, e sua mulher Maria da Cunha a 14 de Outubro de 1670. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra H. n. 10, e letra M. maço 1º n. 20.) Os ditos irmãos Veigas eram já moradores de S. Paulo em 1609. (Notas, liv. n. 27. 1609 fl. 10 v.) E teve quatorze filhos.

3—1. João da Veiga, falleceu solteiro.

3—2. Antonio da Veiga casou com Maria de Pinho, e teve tres filhos: João, Catharina e Ignez.

3—3. Balthazar da Costa da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo, onde serviu todos os cargos da republica, foi potentado em arcos, e abundante de suas lavouras de trigo e outros mantimentos, com grande eriação de gados vaccuns. Falleceu a 24 de Agosto de 1700 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra B. n. 5), e foi casado com Maria Bueno de Mendonça, que falleceu em 1709, filha de Amador Bueno e de sua mulher Margarida de Mendonça. (Em titulo de Buenos, cap. 1º § 2.º) E teve onze filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. Amador Bueno da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo onde, serviu todos os cargos da republica. Foi potentado em arcos, dos quaes teve numerosos indios da sua administração, e a sua fazenda era um populoso arraial. No anno de 1709 teve mercê de juiz de orphãos de S. Paulo pelo marquez de Cascaes, donatario da capitania de S. Vicente, de que tomou posse, e não exerceu o seu officio por fazer d'elle desistencia em camara, como abaixo fazemos menção. Foi casado com D. Martha de Miranda, filha de Bartholoméo da Cunha Gago (em titulo de Prados aqui, cap. 7º

§ 2º n. 3—3), nobre cidadão de S. Paulo que falleceu na villa de Taubaté com testamento a 31 de Janeiro de 1685 (Orph. de Taubaté, maço de inv. letra B. n. 10) e de sua mulher Maria Portes de El-Rei, natural da villa de Mogy Sant'Anna das Cruzes, filha do capitão João Portes de El-Rei, e de sua mulher Juliana Antunes (em titulo de Portes de El-Rei, cap 4.º) onde se verá a nobre ascendencia do capitão João Portes de El-Rei. Falleceu Amador Bueno no sertão do Rio-Pardo a 21 de Dezembro de 1719. E teve seis filhos, de que faremos menção no fim da digressão em que entramos por dar uma verdadeira noticia do levantamento que houve nas Minas-Geraes, que produziu ser em S. Paulo constituido este Amador Bueno em cabo-maior do exercito paulistano em 1709.

(O autor principiou a dar uma noção da origem da capitania de S. Vicente para entrar na historia dos descobrimentos das Minas do Brasil feitos pelos paulistas sem a menor despeza da fazenda real; porém não continuou e diz: « Aqui se ha de copiar o discurso chronologico, que tenho escripto dos descobrimentos do Brasil, desde o primeiro que se intentou em 1572 na Bahia sem effeito, até o ultimo de Goyazes em 1725 conseguido. » E, como o pouco que narra acha-se em outros titulos, deixei de copiar aqui por desnecessario.)

5—1. Bartholomeu Bueno da Cunha, falleceu nas minas do Pilar da Papuã, tendo gozado um grande respeito, estimação e cabedal grande, e foi casado em Taubaté a 11 de Agosto de 1726 com D. Francisca Barbosa de Lima, filha do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima. ( Em titulo de Moraes, cap. 3º § 1º n. 3—4; na descendencia de Gabriel Barbosa de Lima.) Com geração.

5—2. Balthazar da Cunha Bueno, foi coronel das ordenanças e guarda-mór das Minas, como temos tratado em

título de Camargos, cap. 8º § 3º n. 3—4 e seguintes até D. Maria Buena da Rocha, mulher do mesmo, com sua descendencia.

5—3. Francisco Homem de El-Rei.

5—4. Maria Portes de El-Rei, mulher de Pedro de Moraes da Cunha. (Em título de Moraes, cap. 1º § 5º n. 3—4 a n. 4—3 e seg. E em título de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 3—7 a n. 4—2, com sua descendencia.)

5—5. Maria Portes de El-Rei, foi casada com José Barbosa de Lima, irmão inteiro do brigadeiro Alexandre Barretode Lima, a cima n. 5—1. (Em título de Moraes, cap. 3º § 1º n. 3—4, na descendencia de Gabriel Barbosa.)

5—6. Maria de Miranda, casou com Estevão Raposo de Siqueira, d'este cap. 5º § 6º n. 3—2 a n. 4—2; adiante.)

4—2. Antonio Bueno (filho do n. 3—3) casou com....

4—3. Hyeronimo da Veiga. Vive. Se casou com Maria Moniz de Miranda: e teve a filha Catharina da Veiga de Onhate, que falleceu em Taubaté a 17 de Novembro de 1733, casada com Antonio Vieira da Cunha; e tiveram sete filhos. (Caz. 11 de Taubaté.)

4—4. Miguel Bueno da Veiga, casou com....

4—5. João da Veiga Bueno, casou com....

4—6. Balthasar da Veiga Bueno, foi casado com D. Anna Maria da Silveira, filha de D. Anna Maria da Silveira. (Em título de Raposos Silveiras, cap. 1º § 7º.) Deixou geração.

4—7. Catharina do Prado, casou com Lourenço Corrêa Paes.

4—8. Guilherme da Veiga, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu os cargos da republica, e na matriz de S. Paulo a 2 de Maio de 1706 casou com Isabel de Sousa, filha de José de Sousa de Araujo e de sua mulher Paschoa Domingues. Guilherme da Veiga falleceu em S. Paulo a 19 de

Novembro de 1734. (Residuo ecclesiastico, testamentos, letra G. n. 3.) E teve dez filhos naturaes de S. Paulo.

5—1. Maria Buena, que foi casada com Antonio Corrêa Pires Barradas, que ainda existe, republicano de S. Paulo, natural de.... E tem seis filhos, entre os quaes é o Rev.<sup>o</sup> Antonio Bueno da Veiga, clérigo de S. Pedro: existe em Goyazes.

5—2. Bento de Sousa Bueno.

5—3. Escholastica Buena, beata carmelita, que primeiro esteve no recolhimento de Santa Theresa.

5—4. Antonio Bueno de Sousa, casou com D. Luzia Martins Bonilha, irmã do capitão, Salvador Martins Bonilha em titulo de Laras, e são pais de (Bonilhas, cap. 1.<sup>a</sup> § 1.<sup>o</sup> n. 3—4 a n. 4—7).

6—D. Maria da Encarnação, mulher do coronel Bartholomêo Bueno da Silva, e casou em Meia-Ponte a 20 de Agosto de 1767. (Em titulo de Lemes, cap. 5.<sup>o</sup> § 5.<sup>o</sup> n. 3—2.)

5—5. Isabel Buena de Sousa, beata no recolhimento de Santa Theresa.

5—6. Antonia Buena, que existe solteira no estado de celibato, que elegeu.

5—7. Balthazar da Veiga Bueno.

5—8. Margarida Buena, falleceu solteira.

5—9. Marianna Buena, casou com João Rodrigues do Prado, e foi para Minas-Geraes, onde casando segunda vez, não teve filhos.

5—10. José de Sousa, foi para Minas do Cuyabá, onde existe.

4—9. Maria da Veiga (filha do n. 3—3), foi casada com Estevão Sanches de Pontes, natural de S. Paulo e seu cidadão, que falleceu a 16 de Abril de 1686; filho de Estevão Sanches e de sua mulher Mecia Soares Corrêa. (Cartori



de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios letra E. n. 14), neto de Geraldo Corrêa Sardinha, natural da cidade de Braga, da rua do Corno, que falleceu em S. Paulo a 24 de Abril de 1668, e de sua mulher Maria Soares, que falleceu em S. Paulo a 10 de Março de 1671 (Cartorio de orphãos, maço 1º de inventarios letra G. n. 21 e maço 1º letra M. n. 1); bisneto de Francisco Corrêa, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Atanásia Sardinha, natural da cidade de Braga; e por sua avó Maria Soares, bisneto de João Soares, e de sua mulher Mecia Rodrigues. Estevão Sanches foi sargento-mór da leva de D. Rodrigo de Castel Blanco em 1681. E Maria da Veiga tambem casou com Manoel Vieira, como consta do inventario de sua mãe, letra M. n. 141. E teve de seu matrimonio com o dito Estevão Sanches quatro filhos.

5—1. Maximiano.

5—2. João.

5—3. Estevão.

5—4. Catharina.

4—10. Maria da Cunha (filha do n. 3—3), casou com Luiz Corrêa de Lemos, o Alferes, e morador em S. Miguel. Em título de Moraes, cap. 3º § 2º n. 3—5 a n. 4—4, 5—3, com sete filhos.)

4—11. Margarida Buena da Veiga de Mendonça, casou na matriz de S. Paulo a 5 de Março de 1696 com Bartholomeu da Cunha Gago, natural da villa de Taubaté, que foi capitão-mór da tropa para o descobrimento de prata, ouro e pedras em 22 de Janeiro de 1680 (V. Taubaté fl. 2), filho de Bartholomeu da Cunha Gago, e de sua mulher Maria Portes d'El-Rei, os mesmos dos quaes notámos no n. 4—1. Falleceu Margarida Buena da Veiga em Taubaté com testamento a 27 de Setembro de 1741, sendo casada segunda vez com Manoel da Cruz, sem geração.

(Orphãos de Taubaté, inventarios, letra M. n. 2º e n. 35.)  
E Bartholoméo da Cunha Gago, falleceu em Taubaté a 9  
de Dezembro de 1710. (Orphãos de Taubaté, letra B. n. 7.)  
E teve tres filhos.

5—1 Maria Portes da Cunha.

5—2. Antonio.

5—3. Francisca.

3—4. Hyeronimo da Veiga (filho do § 1º), casou com  
Maria Moniz de Miranda, que foi filha de José Corrêa  
Moniz, natural do Espirito-Santo, que falleceu em Taubaté  
a 19 de Maio de 1692, e de sua mulher Maria Collaça (or-  
phãos de Taubaté, maço de inventarios letra I. n. 49),  
neta pela parte paterna de Christovão Moniz, e de Catha-  
rina Soares. Falleceu Hyeronimo da Veiga a 13 de Outubro  
de 1716. (Orphãos de Taubaté, letra H. n. 2.) E teve sete  
filhos.

4—1. Catharina de Onhatte, que em Taubaté casou a  
14 de Novembro de 1697 com Antonio Vieira da Cunha,  
filho de Matheus Vieira da Cunha e de Beatriz Gonçalves.

4—2. Garcia Rodrigues.

4—3. Pio da Veiga Corrêa.

4—4. João Corrêa da Veiga, falleceu a 2 de Abril  
de 1759, casado com Maria Bicuda. (Orphãos de Taubaté,  
inventarios letra I. n. 62.) E teve

5—1. Antonia, mulher de Antonio Pereira da Costa.

5—2. Miguel Corrêa.

5—3. Maria.

5—4. Anna. . . . mulher de Francisco da Costa.

5—5. Ignacia.

5—6. Francisca. . . . mulher de Antonio da Costa.

5—7. Catharina.

4—5. Francisco Corrêa da Veiga. V. se casou com  
Nartha de Miranda, pais de Maria Antunes, mulher de Pe-

dro Teixeira da Cunha. (Orphãos de Taubaté, letra M. n. 99).

4—6. Estacia da Veiga, mulher de Dyonisio Rodrigues do Prado.

4—7. Martha de Miranda, que era solteira em 1716 quando falleceu seu pai Hyeronimo da Veiga.

3—5. Belchior da Costa da Veiga (filho do § 1°).

3—6. Lourenço da Veiga, casou com Marianna Fragoso, e teve :

4—1. Maria Fragoso, que na matriz de Taubaté casou a 2 de Agosto de 1698 com Antonio Gonçalves, filho de Antonio Gonçalves e de sua mulher Maria Alves.

3—7. Gaspar, falleceu solteiro.

3—8. Estacia da Cunha (filha do § 1°), casou em S. Paulo a 16 de Janeiro de 1633 com Geraldo Corrêa, natural de S. Paulo, filho de Geraldo Corrêa Sardinha, natural da cidade de Braga da rua do Corno, e de sua mulher Maria Soares, os mesmos do n. retro 4—9. Falleceu Estacia da Veiga em S. Paulo com testamento a 19 de Outubro de 1674, e seu marido Geraldo Corrêa falleceu com testamento a 23 de Outubro de 1667. ( Cartorio de orphãos, maço 1° de inventarios letra E. n. 7 e letra G. maço 1° n. 34.) E teve 10 filhos.

4—1. Isabel Corrêa da Veiga.

4—2. Maria Antunes, casou com Mathias de Oliveira.

4—3. Anna Soares, casou com Manoel Dofouros.

4—4. Mecia Corrêa da Veiga, casou com Jorge Velho, e teve: 5—1 Maria da Costa da Veiga, que a 8 de Outubro de 1699 casou em S. Paulo com Manoel da Costa de Azevedo n. 471.

4—5. Hyeronimo da Veiga.

4—6. João Corrêa, casou.

4—7. Antonio Corrêa.

4—8. Francisco Corrêa.

4—9. Manoel Corrêa.

4—10. Salvador.

3—9. Maria da Cunha ( filha do § 1º ), foi casada com Alvaro Gonçalves.

3—10. Philippa da Veiga, foi casada com Clemente Alvares e teve a filha

4.—Anna do Prado, que na matriz de S. Paulo casou a 27 de Junho de 1643 com Pedro Ribeiro, natural do Rio de Janeiro ( filho de Pedro Ribeiro e de sua mulher Magdalena Fernandes ); falleceu a 7 de Junho de 1665, com geração de seis filhos. ( Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra P. n. 41.)

3—11. Catharina do Prado, casou duas vezes: a primeira com Manoel Borja, a segunda com Manoel Vareja.

3—12. Isabel da Cunha, foi casada com Pedro Gil. Ella falleceu em Taubaté com testamento a 4 de Abril de 1683. (Taubaté, inventarios letra I. n. 26.) E teve:

4—1. Domingas da Veiga, mulher do capitão Manoel Vieira Sarmiento. V. se foi alcaide-mór.

4—2. Maria da Cunha.

4—3. Hyeronimo da Veiga.

3—13. Apolonia da Veiga, foi casada com o capitão Antonio Bicudo Leme.

3—14. Luzia da Veiga, foi casada com João de Siqueira, morador na freguezia da Conceição dos Guarulhos. E teve naturaes da Conceição:

4—1. João de Siqueira da Veiga, falleceu em Taubaté a 28 de Abril de 1722, casado com Margarida Bicuda, viuva de Domingos Gil. E não teve filhos. ( Orphãos de Taubaté, inventarios, letra I. n. 57.)

§ 2º

2—2. Luzia da Cunha (filha do cap. 5º), foi casada com Domingos Rodrigues Velho, filho de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho. (Em título de Garcias Velhos, cap. 9º.) E teve:

3—1. Catharina do Prado, casou em S. Paulo a 9 de Junho de 1642 com Manoel Nunes de Siqueira, filho de Antonio Nunes de Siqueira e de Maria Maciel. (Em título de Nunes Siqueiras, cap. 3º § 6º com seis filhos alli declarados.)

§ 3º

2—3. Antonia da Cunha, foi casada na matriz de S. Paulo a 3 de Julho de 1631 com João Ribeiro, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Estevão Ribeiro e de sua mulher Maria Missel. (Em título de Alvarengas, cap. 5º § 5º.)

§ 4º

2—4. Catharina do Prado, foi casada com Mathias Lopes, natural de S. Paulo (irmão de Zuzarte Lopes, de Antonio Lopes Medeiros, de Maria de Medeiros, mulher de Gonçalo da Costa Ferreira morador no Rio de Janeiro), filho de Mathias Lopes, o Velho, que falleceu com testamento a 25 de Maio de 1651, e de sua primeira mulher Catharina de Medeiros, que falleceu com testamento em 1629. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra C. n. 27 e maço 2º letra M. n. 46.) E teve:

3—1. Catharina do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1682 com Estevão Ribeiro Martins, filho de Diogo Martins da Costa e de sua mulher D. Isabel Ribeira. (Em título de Alvarengas, cap. 5º § 1º n. 3—6.)

3—2. João Lopes de Medeiros, casou com Marianna da

Luz, sogros do capitão-mór Ligas Antonio Corrêa de Lemos, e foi João Lopes sargento-mór, e teve quatro filhos, e o filho....

§ 3º

2—5. Isabel da Cunha, casou primeira vez na matriz de S. Paulo a 30 de Março de 1636 com Gaspar Fernandes, filho de Gaspar Fernandes e de sua mulher Domingas Antunes, sem geração. Casou segunda vez com Manoel da Costa.

§ 6º

2—6. João do Prado da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu todos os honrosos cargos da republica, falleceu com testamento a 10 de Março de 1695, casado com Mecia Raposo, irmã direita do coronel João Raposo Boccarro e de D. Maria Raposo, mulher de Antonio Raposo da Silveira, cavalleiro fidalgo, professo da ordem de S. Thiago, que foi capitão-mór, governador e ouvidor da capitania de S. Vicente, proprietario do officio de juiz de orphãos, que deu em dote a seu genro Salvador Cardoso de Almeida, e foram filhos de João Raposo Boccarro, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Anna Maria de Siqueira, e netos de Antonio Raposo, natural da cidade de Beja, que foi armado cavalleiro em 1600 em S. Paulo por D. Francisco da Sousa pela sua nobre qualidade e serviços, e de sua mulher D. Antolinna de Peralta, natural de Castella, com quem veio a Santos na armada do general D. Diogo Flóres de Baldez. (Em titulo de Raposos Boccarros. Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra I. n. 14.) E teve naturaes de S. Paulo quatorze filhos.

3—1. Antonio do Prado da Cunha, foi nobre cidadão de S. Paulo com grande respeito e veneração. No real serviço acompanhou o governador Fernão Dias Paes ao descobrimento das esmeraldas, e obrando n'esta conquista, como se esperava da sua pessoa, se fez distincto entre os mais, de sorte que pelos seus assignalados serviços foi promovido em mestre de campo (por D. Braz Balthazar da Silveira, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo e Minas em 2 de Outubro de 1713) do terço das minas de Pitangui; e no contexto d'esta carta patente se deve notar ibi: « Tendo consideração aos merecimentos e assignalados serviços do capitão dos auxiliares d'esta comarca Antonio do Prado da Cunha, obrados no posto de alferes e capitão de uma das companhias das que creou o governador Fernão Dias Paes para o descobrimento das esmeraldas e mais pedraria, em cuja diligencia andou oito annos, como consta das suas certidões, sustentando-se e aos seus escravos á sua custa, tolerando sempre com grande constancia as calamidades e trabalhos, que d'aquella expedição experimentaram, arriscando-se varias vezes nos encontros e pelejas que teve com os barbaros, em que se distinguio sempre com singular valor e prudencia, com notorio e evidente perigo de sua vida, desprezando todos os que se lhe offereciam, só afim de que tivesse effeito o dito descobrimento. Sendo capitão dos auxiliares d'esta comarca acudiu promptamente á villa de Santos por andarem na costa seis navios francezes; e sendo mandado fornecer a fortaleza do Itapémã, assistiu n'ella quarenta dias fazendo fachinas. Voltou a Santos quando os francezes tomaram o Rio de Janeiro, guarnecendo com a sua companhia a praia do Crasto com excessiva despeza da sua fazenda, por haver sustentado a sua companhia todo o tempo que alli se deteve. Nas minas de Pitangui des-



empenhou no posto de mestre de campo do terço d'ellas o grande conceito que tinha merecido ao sobredito general, obrando muitas e repetidas acções no real serviço com despeza da propria fazenda, de que foi opulento em cabedaes e escravatura, com lavras mineraes muito rendosas, das quaes extrahiui muita cópia de ouro. Casou na matriz de S. Paulo a 8 de Setembro de 1698 (tendo-se recolhido do descobrimento das esmeraldas no anno de 1681, em que falleceu o governador Fernão Dias Paes) com D. Maria Pires de Camargo, filha do potentado paulista Hyeronimo de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap. 3º § 1º com sua descendencia do filho unico, João do Prado de Camargo, que ainda existe n'este anno de 1769 morador em S. João da Atibaia.)

3—2. João do Prado da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, que occupou os honrosos cargos da republica com estimação, respeito e applauso; casou com Maria Paes, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 22 de Março de 1701, e era irmã de Salvador de Oliveira (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4º de inventarios, letra M. n. 15), filha de Matheus de Siqueira de Mendonça, nobre cidadão e natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento em Junho de 1680 (irmão de Antonio de Siqueira de Mendonça) e de sua mulher D. Antonia Paes, que falleceu em 1688, natural da ilha de S. Sebastião (irmã direita de Estevão Raposo Boccarro, guarda-mór da marinha, e senhor do engenho chamado do Bairro, na dita ilha, de quem tratamos em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 3º n. 3—5. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 4º de inventarios, letra M. n. 39, e cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario, letra A. n. 339.) Este Matheus de Siqueira de Mendonça, marido de D. Antonia Paes, foi filho de Antonio de Siqueira de Mendonça, da nobre familia dos seus

appellidos. (Em título de Siqueiras Mendonças, cap. 1º § 2º n. 3—1.) E teve tres filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. Matheus de Siqueira de Mendonça, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu todos os cargos da republica; e foi juiz ordinario em 1746, em que no dia 8 de Dezembro feza sua publica entrada o Exm. e Revm. D. Bernardo Rodrigues Nogueira, primeiro bispo de S. Paulo, e n'este acto soube o juiz ordinario Mendonça, desempenhar as obrigações de sua nobreza e cargo. Casou com Maria Barbosa de Lima, que ainda existe n'este anno de 1769, com geração. (Em título de Annes, cap. 7º § 4º n. 3—1 e seg.)

4—2. Estevão Raposo de Siqueira, foi casado com Maria de Miranda, filha do capitão-mór Amador Bueno da Veiga, n'este cap. 5º § 1º n. 3—1 a n. 4—1.

4—3. Mecia Raposo, foi casada com João da Cunha Portes de El-Rei.

3—3. Thomaz Gago Raposo, morador de S. Miguel e nobre cidadão de S. Paulo, casou na sua matriz a 20 de Abril de 1700 com Margarida de Siqueira, filha do capitão Francisco Cubas de Mendonça e de sua mulher Isabel de Ribeira da Luz. (Em título de Siqueiras Mendonças, cap. 1º na sua descendencia, e em título de Buenos, cap. 1º § 8º n. 3—3.) Falleceu Thomaz Gago Raposo com testamento a 9 de Novembro de 1745. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios letra T. n. 10.) E teve quatro filhos:

4—1. Thomaz Gago de Siqueira, casou na Conceição.

4—2. José Cubas do Prado, casou na Acutia com Maria de Camargo.

4—3. Francisco Cubas do Prado, casou na Conceição com . . . filha de Gabriel Barbosa de Lima.

4—4. João do Prado de Siqueira, casou duas vezes.

3—4. Manoel do Prado de Siqueira, casou em S. Paulo

com Catharina Cubas de Siqueira, dispensados. E teve dois filhos.

4—1. João do Prado de Siqueira, casou em S. Paulo com Josepha Rodrigues Barbosa, filha de Antonio Rodrigues Lopes e Maria da Luz. (Em titulo de Rodrigues Lopes.) E teve cinco filhos :

5—1. Bartholomêo Rodrigues do Prado.

5—2. Catharina Rodrigues do Prado, falleceu solteira.

5—3. Escholastica Rodrigues do Prado, casada com Vicente Pimenta de Godoy.

5—4. Manoel de Siqueira Barbosa.

5—5. Margarida Rodrigues do Prado, casada com José Barbosa da Cunha.

4—2. Maria do Prado, que em 1773 existe no estado de celibato.

3—5. Francisco de Siqueira do Prado.

3—6. João Gago do Prado, casou em Mogy das Cruzes com.... filha do Berbozem, de alcunha. E teve filho unico :

4—1. João Domingues do Prado, fallecido em S. Miguel, casado com Maria de Siqueira, filha de Francisco de Barros Coelho.

3—7. Estevão Raposo Boccarro, falleceu solteiro com testamento a 30 de Março de 1748 (Residuo ecclesiastico, letra E.)

3—8. José do Prado, casou com Anna Barbosa de Lima. E teve quatro filhos.

4—1. José do Prado, existe casado na Conceição com.... filha de Rodrigo de Moraes.

4—2. Maria do Prado Barbosa, existe casada com Antonio de Camargo, natural de S. Paulo.

4—3. João do Prado, existe solteiro, soldado no Rio Pardo do Sul.

4—4. Domingos do Prado, existe solteiro, soldado como seu irmão.

3—9. Domingos do Prado.

3—10. Maria do Prado, casou com Estevão Gago da Camara.

3—11. Anna Maria de Siqueira, casou com Manoel da Motta.

3—12. Catharina do Prado, falleceu sem geração.

3—13. Mecia Raposo, foi beata franciscana.

3—14. Bartholoméo do Prado, casou com D. Lourença Corrêa de Araujo, natural de S. Paulo. E teve só filha unica D. Antonia.

§ 7º

2—7. João Gago, foi nobre cidadão de S. Paulo e occupou todos os cargos da republica. Casou com Anna Pires, filha de João Pires e de sua mulher Mecia Rodrigues. (Em titulo de Pires, cap. 6º § 3º.)

§ 8º

2—8. Paula da Cunha, casou na matriz de S. Paulo a 7 de Janeiro de 1642 com Bernardo Sanches de La Pimenta (cabeça de Vacca, filho de Balthazar de Almeida e de sua mulher Peironilha de Freitas. Falleceu Paula da Cunha em a villa de Taubaté a 20 de Setembro de 1683. (Cartorio de orphãos de Taubaté, letra P, n. 22.) Eteve filho unico:

3—1. Francisco de Almeida Gago, casou com Marianna do Prado, filha de Francisco Borges Rodrigues e de sua mulher Luzia Rodrigues do Prado, (Em o cap. 6º aqui, § 2º, n. 3—2, a n. 4—2 ) Falleceu em Taubaté Francisco

Borges com testamento a 9 de Setembro de 1685, natural de S. Paulo, filho de Francisco Borges e de Helena Rodrigues. (Cartorio de orphãos de Taubaté, letra F, n. 8.) E Marianna do Prado falleceu em Taubaté, e se lhe fez inventario dos bens no anno de 1743. (Orphãos, letra M, n. 49.) E teve:

4—1. Francisco de Almeida Gago.

4—2. Luzia Rodrigues de Almeida, mulher de Balthazar do Rego Calheiros. Vide pag. 24 adiante n. 4—2.

4—3. Maria de Almeida, casou em Taubaté em 1696 com Francisco de Goes da Costa, filho de Domingos Gomes e Ignez Gonçalves.

4—4. Marianna de Almeida do Prado, casou em Taubaté a 14 de Março de 1703 com João de Figueiredo Telles, natural de Villar Maior, filho de Francisco de Figueiredo Telles e de Antonia da Fonseca.

4—5. Catharina de Almeida, mulher de Antonio Raposo Lima.

### § 9º

2—9. Anna da Cunha, falleceu em S. Paulo com testamento a 28 de Março de 1675 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º, letra A, n. 18, inventario de Anna da Cunha, e nos mesmos autos appenso o de seu marido Antonio Paes); e foi casada com Antonio Paes, que falleceu no sertão no mesmo anno de 1675, natural de S. Paulo, filho de João Paes e de sua mulher Suzana Rodrigues, natural de S. Paulo, e por ella neto do capitão Martim Rodrigues Tenorio e de sua mulher Suzana Rodrigues, que primeiro tinha sido casada com Damião Simões. (Em título de Tenorios, cap. 1º.) E teve oito filhos.

3—1. João Gago Paes, paulista de muita veneração e

respeito; casado com D. Anna de Proença. (Em titulo de Taques Pompéos, cap. 3º, § 9º n. 3—7.) Com geração.

3—2. Martinho Paes.

3—3. Thomaz Rodrigues.

3—4. Catharina Rodrigues, mulher de João das Neves.

3—5. Suzana Rodrigues, mulher de José Domingues Pontes. (Em titulo de Pontes, cap. 1º, § 17.)

3—6. Maria Paes.

3—7. Paula da Cunha.

3—8. Josépha Paes. falleceu em S. Paulo com testamento a 29 de Abril de 1725. Casada com Domingos Luiz Bueno (Cartorio da Ouv. de S. Paulo, testamentos, o de Jasépha Paes). E teve dois filhos.

4—1. Anna da Cunha, mulher ou de João Rosado Pires, ou de João da Rocha de Mattos.

4—2. Margarida Bueno, mulher de um dos dois supra.

§ 10º

2—10. Joanna da Cunha, foi casada com....Rodrigues.

§ 11º

2—11. Philippa da Cunha, foi casada com Antonio Ferreira, que falleceu em S. Paulo com testamento em 1627, e sua mulher falleceu tambem no mesmo anno (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra A, n. 41). E teve unica filha:

3—1. Anna.

§ 12º

2—12. Thomaz, falleceu solteiro.

CAPITULO VI

1—6. Philippa Vicente do Prado, casou duas vezes; a primeira com Antonio Pereira de Avellar, que falleceu em 1602. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra A, n. 45.) E teve filho unico. Casou segunda vez com Luiz Furtado, irmão inteiro de Daniel Furtado, naturaes de Monsanto de Caminha, filhos de Simão Furtado e de sua mulher Catharina Luiz. Este Luiz Furtado, ficando viúvo de Philippa Vicente, que falleceu em 1615, casou com Cosma Mendes, e falleceu em S. Paulo com testamento a 22 de Maio de 1636, (Cartorio de orphãos, maço 1º de inventarios, letra L, n. 41.) E teve quatro filhos.

Primeiro matrimonio.

Paulo Pereira de Avellar... 1.

Segundo matrimonio.

Antonia Furtado ..... \$ 2.

Isabel Furtado..... \$ 3.

Luzia Furtado..... \$ 4.

§ 1º

2—1. Paulo Pereira de Avellar, casou na matriz de S. Paulo a 19 de Outubro de 1631 com Anna de Chaves, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Marianna de Chaves (Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º, § 3.º). Foi Paulo Pereira de Avellar cidadão de S. Paulo, e occupou todos os cargos da republica. Falleceu a 10 de Junho de 1647, e sua mulher falleceu em 14 de Agosto de 1655 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra P, n. 21; e nos mesmos autos o inventario de Anna de Chaves). E teve cinco filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Antonio Pereira de Avellar, cidadão de S.



Paulo, falleceu com testamento a 22 de Novembro de 1697. Foi casado duas vezes: primeira com Maria Pedroso, filha de Antonio Pedroso de Freitas e de Clara Parenta (Em titulo de Freitas, cap. 6º, § 2º, ou em titulo de Dias Teve-riças, cap. 2º, § 1º, n. 3—2.) Casou segunda vez dito Antonio Pereira com Isabel de Pontes. (Em titulo de Pontes); e falleceu sua primeira mulher Maria Pedroso a 22 de Janeiro de 1694. E teve do primeiro matrimonio oito filhos; e do segundo dois filhos.

4—1. Clara Pereira, casou duas vezes: primeira com Francisco Dias de Alvarenga, e segunda vez com José de Mongellos.

4—2. Catharina Pereira, casou duas vezes: primeira com Antonio Rodrigues; segunda ignoramos.

4—3. Isabel Pereira, casou com João de Siqueira.

4—4. Margarida Pereira, casou com João de Godoy Pires.

4—5. Antonio Pereira.

4—6. José Pereira.

4—7. Paulo Pereira.

4—8. Domingos Pereira.

Segundo matrimonio.

4—9. Roque Pereira Pontes.

4—10. Salvador Pereira Pontes.

3—2. Amador Pereira.

3—3. Paulo Pereira.

3—4. João Pereira de Avellar, foi casado com Maria Leme do Prado. (Em titulo de Lemes, cap. 2º, § 4º, n. 3—8.) Com geração alli.

3—5. Marianna de Chaves.

§ 2º

2—2. Antonia Furtado, casou com Francisco Rodrigues, que falleceu em 1652 (Orph. de S. Paulo, maço 1º de inv., letra F. n. 20), filho de Affonso Pires Rodrigues, e de sua mulher Anna Affonso, como consta na camara episcopal autos *de genere* de Antonio Rodrigues maço 1º letra. A. n. 2. Porém o certo é que o dito Francisco Rodrigues era nacional do Ameixial da freguezia de Lanhoso, termo da villa de Vianna, porque em S. Paulo na nota do 1º cartorio no cad. n. 50 titulo 1624 pag. 28 o dito Francisco Rodrigues com sua mulher Antonia Furtado fez doação por escriptura dos bens, que tinha herdado por morte de seu pai Affonso Pires a Beatriz Affonso, allí moradora, para os gozar em sua vida sómente, e por sua morte tornarem a elles doadores. Em Taubaté falleceu Antonia Furtado com testamento a 4 de Agosto de 1672 (Cartorio de orph. de Taubaté maço de inv. letra A. n. 63). E teve nascidos em S. Paulo doze filhos.

3—1. Antonio Rodrigues, presbytero secular, foi morador de Taubaté, onde falleceu a 10 de Agosto de 1672. (Orph. de Taubaté inv. letra A. n. 66; e residuo ecclesiastico de S. Paulo, testamentos A. maço 1º n. 25.) Tendo sido vigario da matriz da mesma villa, e foram herdeiros do seu cabedal seus irmãos.

3—2. Luzia Rodrigues do Prado, falleceu com testamento a 28 de Maio de 1728 (Orph., inv. letra L. n. 7; e orph. de Guaratinguetá, letra L. n. 5); casou com Francisco Borges Rodrigues, natural de S. Paulo, irmão de Manoel Borges Cousseiro, que falleceu solteiro em Taubaté em 1680 (filhos de Francisco Borges e de sua mulher Helena Rodrigues), que primeiro tinha sido casado com Mecia Vaz, sem geração. Como tudo declarou no testamento com que

falleceu em Taubaté, onde foi morador, a 9 de Setembro de 1685. (Orph. de Taubaté, inv. letra F. n. 8.) E teve treze filhos naturais de Taubaté.

4—1. Manoel Rodrigues do Prado, casou em Taubaté com Guiomar de Alvarenga em 1693, filha de Manoel Rodrigues Moreira e de sua mulher Maria Bicuda sem geração; falleceu Manoel Rodrigues do Prado em Guaratinguetá com testamento aos 24 de Dezembro de 1727, sem geração. (Guaratinguetá, inv. letra M. n. 25.)

4—2. Marianna do Prado, casou duas vezes; primeira com Francisco de Almeida Gago, de quem teve filhos; segunda, sendo já quinquagenaria, com Antonio Rodrigues sem geração. (Em Prados, cap. 5º, aqui § 8º n. 3—1, alli os seus filhos.) Mas, como no n. 4—2 de Luzia Rodrigues não se disse tudo, aqui se ampliará sua descendência com o n. 5—

5—». Luzia Rodrigues de Almeida, casou em Taubaté a 10 de Janeiro de 1694 com Balthazar do Rego Calheiros, natural de Guaratinguetá, filho de Antonio Raposo Barreto e de sua mulher Maria de Brito Leme. Falleceu o dito Balthazar em Taubaté com testamento a 2 de Novembro de 1735 (Orph. de Taubaté, inv. letra B. n. 9.) E Luzia Rodrigues falleceu com testamento a 8 de Março de 1756. (Orph., inv. letra L n. 8.) E teve.

6—1. Francisco Barbosa da Silva.

6—2. Marianna Barbosa, casou com Domingos Vaz Guedes.

6—3. Maria Barbosa, casou com Miguel Rodrigues de Faria ou com Garcia Rodrigues da Cunha.

6—4. Joanna Barbosa, casou com Ignacio Barbosa de Moraes.

6—5. Catharina da Silva, casou com José Corrêa Leme.

4—3. Domingos Rodrigues do Prado, falleceu com testamento a 28 de Fevereiro de 1717, e foi casado em

1706 com Maria de Todos os Santos, filha de Amaro Gil e Marianna de Freitas. ( Livro dos casamentos de Taubaté).

4—4. Antonio Rodrigues.

4—5. Matheus Rodrigues.

4—6. José Rodrigues do Prado, falleceu em Guaratinguetá a 14 de Junho de 1748 com testamento, casou em Taubaté, de onde era natural, com Maria Sobrinha Antunes, filha de Francisco Corrêa da Veiga e de Martha de Miranda Antunes, como declara no mesmo testamento. E teve

5—1. Francisco.

5—2. Manoel.

5—3. João.

5—4. Domingos.

5—5. Anna.

5—6. Maria.

5—7. Antonia.

5—8. Martha.

5—9. Luzia.

5—10. Maria.

4—7. Salvador Rodrigues.

4—8. Miguel Rodrigues do Prado, falleceu em Taubaté com testamento a 14 de Janeiro de 1719, e foi casado com Maria de Madureira, e de sua mulher Joanna Cordeira. (Orph. de Taubaté, inv. n. 45.) E teve

5—1. Francisco.

5—2. Antonio.

5—3. Joanna.

5—4. Luzia.

4—9. João Rodrigues do Prado, casou em Taubaté a 12 de Junho de 1724 com Sebastiana Leite de Miranda, filha de Paschoal Leite de Miranda e de sua mulher Maria Pires. (Em Leites Mirandas, cap. 9º § 1º n. 3—6.

4—10. Maria Rodrigues do Prado.

4—11. Antonia Furtado, falleceu em Taubaté com testamento a 30 de Dezembro de 1732; e foi casada duas vezes: primeira com João Delgado de Escobar, natural de S. Paulo, filho de Antonio Delgado de Escobar e de sua mulher Ignez Gonçalves, ambos naturaes de S. Paulo, o qual Antonio Delgado falleceu em Taubaté com testamento a 5 de Outubro de 1708. (Orph. de Taubaté, inv. letra A. n. 2 e n. 13.) E o dito João Delgado falleceu em Taubaté a 22 de Fevereiro de 1713. Neto por parte materna de Sebastião Gil o Velho, por alcunha o Villão, e de sua mulher Feliciania Dias. E pela paterna neto de Antonio Delgado de Escobar e de sua mulher Beatriz Ribeira; como tudo consta do testamento já citado a 5 de Outubro de 1708. Em titulo de Dias Teveriças, cap. 3º § 3º n. 3 -3.) E teve dez filhos. Casou segunda vez dita Antonia Furtado com Affonso de Barros, de quem não teve filhos.

5—1. Antonio Delgado de Escobar.

5—2. João Delgado de Escobar, casou na matriz de Taubaté ao 1º de Novembro de 1747 com Theresa de Moraes, natural de S. Paulo, filha de Christovão da Cunha e de Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 3 -7 em sua descendencia.)

5—3. Francisco de Siqueira Furtado, casou na matriz de Taubaté a 9 de Setembro de 1727 com Maria de Moraes da Cunha, filha de Christovão da Cunha e de sua mulher Maria de Moraes. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 3—7 em sua descendencia.)

5—4. Raymundo Furtado.

5—5. Lourenço Rodrigues do Prado.

5—6. Luzia Rodrigues do Prado, casou com Salvador Esteves Leme natural de Iju, a 10 de Janeiro de 1705, filho de Francisco Leme e de sua mulher Isabel de Anhaya. Em titulo de Lemes, cap...)

5—7. Ignez Gonçalves, casou com Cypriano Corrêa.

5—8. Maria das Neves, casou com Antonio Soares Ferreira.

5—9. Antonia Furtado do Prado, falleceu em Taubaté, e se lhe fez inv. letra A. n. 10, e foi casada com Geraldo Cubas Ferreira a 12 de Maio de 1717, filho de Francisco Corrêa e de sua mulher Martha de Miranda. E teve sete filhos, que foram

6—1. Joao.

6—2. Francisco.

6—3. Martha.

6—4. Quiteria.

6—5. Antonio.

6—6. Domingos.

6—7. Anna.

5—10. Helena do Prado, casou em Taubaté a 8 de Outubro de 1727 com Antonio da Cunha Barros, filho de Christovão da Cunha e Maria de Moraes. (Em título de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 3—7; em sua descendencia.)

4—12. Francisco Rodrigues do Prado, foi casado em S. Paulo com Catharina Dias, natural de S. Paulo, filha de Manoel Gonçalves Morgado e de sua mulher Catharina Dias, a qual tinha sido primeira vez casada com Antonio de Almeida de Miranda, como tratamos n'este título cap. 7º § 7º n. 3—2.

4—13. Francisco Borges Rodrigues, casou com Anna Vaz Bicudo, filha de Antonio de Alvarenga e de sua mulher Maria Moreira. Elle falleceu com testamento a 22 de Abril de 1746, ella falleceu a 27 de Março de 1703. (Orph. de Taubaté. inv. A. maço 1º n. 40, e letra F. n. 24.) E tiveram tres filhos.

5—1. Isabel Bicudo do Prado, mulher de Matheus Vieira da Cunha. (Em título de Cunhas, cap. 1º § 1º n. 3—6 a n. 4—2.)

5—2. Antonio, falleceu solteiro.

5—3. Luzia Bicudo, casou com Manoel da Motta Paes (Inventarios de Guaratinguetá, letra L. n. 13); casou segunda vez dito Francisco Borges Rodrigues com Francisca Cordeiro da Costa. E teve tres filhos:

5—4. Francisca, casada com José do Rego.

5—5. João Borges do Prado, casou com Margarida Nunes Bicudo em Taubaté em 1730 a 8 de Janeiro, filha de Miguel Garcia Bicudo e de sua mulher Margarida de Siqueira.

5—6. Maria, casou com Matheus Leme da Costa.

3—3. Domingos Rodrigues do Prado, o Longo de alcunha, que teve sempre as redeas do governo civil de S. Paulo com grande respeito e veneração, falleceu em Taubaté a 9 de Maio de 1715 com testamento que fez de mão commum com sua mulher Violante Cardoso de Siqueira, fallecida a 27 de Maio de 1721, natural também de S. Paulo, filha do capitão Pedro Gil, e de sua mulher Violante de Siqueira (2). Esta falleceu em Taubaté em 1656, e aquelle na mesma parte a 14 de Outubro de 1668, e foi filho de Sebastião Gil, chamado o Villão, natural de S. João da Foz, e de sua mulher Feliciano Dias, natural de S. Paulo, filha do leigo Pedro Dias e de sua mulher Antonia Gomes da Silva, natural de Braga, que a S. Paulo veio solteira com seus pais Pedro Gomes Affonso e Maria da Silva, ambos naturaes de Braga. (Em tit. de Dias.) E teve filhos.

4—1. Domingos Rodrigues do Prado, assistiu nas minas de Pitangui, onde se fez poderoso com o grosso cabedal que extrahiu de suas lavras mineraes com o numero grande de escravos que teve até o anno de 1720, em que se reti-

(2) Orphãos, inventarios, D. n. 14 e V. n. 2.



rou por não romper com o ouvidor de villa real do Sabará, o Dr. Bernardo Pereira de Gusmão, que havia sahido acompanhado de 20 soldados a prender ao dito Domingos Rodrigues, que sendo potentado em armas, temeu o ouvidor entrar em Pitangui; e Prado se retirou para dar a conhecer que não era regulo, para que com o poder e força das armas impedisse a entrada de um ministro regio, que vinha a devassar de varias mortes acontecidas no Pitangui por aquelles tempos, e o dito Dr. ouvidor para entrar n'esta diligencia se preveniu com contas que deu a Sua Magestade em 6 e 8 de Janeiro de 1720, dizendo ser o Pitangui da sua jurisdicção. Entrou Domingos Rodrigues do Prado para as minas dos Goyazes depois de descobertas por seu sogro e cunhado o capitão-mór Bartholoméo Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortiz em 1725. N'ellas tambem extrahi u grossô cabedal de oitavas de ouro. Retirou-se para a estrada geral de Goyazes a S. Paulo, e, fazendo assento em o sitio além do rio Parnahyba, succedeu chegar a esta fazenda (vinha de refirada de Goyazes para a praça de Santos) o capitão de infantaria. . . . . com a sua companhia de 50 soldados infantes do presidio da villa de Santos, e sendo o dito capitão arrogante por natureza e opposto por inclinação aos filhos do Brasil, descomedindo-se nas palavras e tratamento com Domingos Rodrigues do Prado sobre não ter este as farinhas promptas para o fornecimento do pão de munição da sua infantaria, e não admittindo a indispensavel escusa que lhe deu Prado de que na occasião não havia farinhas feitas, mas que se fariam á custa de todo o trabalho e presteza, visto que sua mercê lhe não tinha feito aviso adiantado de que vinha fazer pouso n'aquella fazenda, o tal capitão, preocupado de um furor fanático, capacitando-se que qualquer paulista se reputava por um indio neophito, se alterou em

vozes e com imperio, para ser maior a injuria ; e, tendo tolerado Domingos Rodrigues as primeiras arrogancias, não lhe pôde soffrer mais o descomedimento quando já este tocava em total desprezo e abatimento da sua pessoa ; e a estas alteradas vozes acudiu do interior da casa um filho seu chamado Bartholomêo Bueno do Prado, que considerando ao pai totalmente abandonado pelo furor, e descomedimento do capitão, lhe disparou uma arma de fogo, de cujo tiro cahiu morto no mesmo lugar do terreiro e pateo das casas. N'este sitio se deu á terra o cadaver do capitão com geral sentimento dos soldados de sua companhia, os quaes confessavam publicamente que esta morte fôra solicitada de seu capitão pelo excesso com que se demasiára com Domingos Rodrigues do Prado, pois este se tinha portado com attenção, urbanidade e agasalho com o dito capitão logo que chegára áquella fazenda. Com effeito os soldados foram fornecidos de todo o necessario com liberalidade para seguirem a marcha para S. Paulo por uma estrada falta de todos os viveres e mantimentos para a manutenção dos viandantes. Não faltaram pessoas da praça, que quizessem macular de fraco ao sargento d'esta companhia Francisco Aranha Barreto (hoje capitão de infantaria) por não haver despicado a morte do seu capitão, pois se achava com 50 homens paraprehender destruir a Prado ; porém a verdade é que o mesmo sargento e seus soldados reconheceram o despotismo do seu capitão para a fatalidade da sua morte, que não foi pensada do aggressor d'ella ; e quando contra os merecimentos da razão quizesse tomar despique o dito sargento, já não tinha partido algum contra as forças de Domingos Rodrigues do Prado, que, percebendo o mais minimo movimento, certamente seria aquella fazenda não Troya abrasada, mas abrasadora ; porque dos 50 soldados infantes não escaparia um só ao ferro de Domingos

Rodrigues ; e sobretudo nem a companhia vinha fornecida de pólvora e bala para em corpo de batalha cercar a fazenda. Este inopinado successo fez com que passados tempos se retirasse Domingos Rodrigues a buscar povoado para se encomendar a Deus com a tranquillidade e socego, que já lhe aconselhavam os annos ; e tendo-o assim feito, e posto em execução, não chegou a gozar a desejada paz de espirito, porque falleceu antes de chegar a povoado no anno de 1738. Estava casado com D. Leonor de Gusmão, filha do capitão-mór Bartholomêo Bueno da Silva, descobridor das minas de Goyazes. (Em titulo de Lemes, capitulo... com sua descendencia.)

4—2. Dionysio Rodrigues do Prado, casou com Estacia da Veiga, filha de Hyeronimo da Veiga e de sua mulher Maria Moniz de Miranda d'este titulo de Prados cap. 5º § 1º n. 3—4 ao n. 4—6 :

4—3. Salvador Rodrigues do Prado, casou em S. Paulo com D. Philippa de Siqueira de Albuquerque Camargo, que ainda existe em 1769. (Em titulo de Camargos, cap. 1º § 5º n. 3—7.

4—4. Eusebio Rodrigues do Prado totalmente degenerou do ser que lhe deu a natureza ; e, perdendo o santo temor de Deus, foi cruel por inclinação e matador por vicio : não falta quem affirme, que as mortes, que fez pelo proprio pulso excederam ao numero de vinte quatro : nós não podemos conseguir a verdade d'estes factos ; mas é certo, que como aggressor de tantos delictos chegou a ser preso, e nós o vimos no calabouço da fortaleza de S. Amaro da Barra de Santos, e não chegou a ser castigado pela justiça, porque fugindo do calabouço da fortaleza da Barra Grande falleceu nas Minas-Geraes em casa de seu irmão João Rodrigues do Prado, estando casado com uma irmã de Fr. Francisco de S. José, carmelita, que acabou com

opinião de santo no rio Parahybuna, e fazenda do guardamór geral Garcia Rodrigues Paes, de d'onde se trasladaram com muita decencia os seus ossos para o convento do Rio de Janeiro á custa da liberalidade de seu intimo amigo Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, etc.

4—5. João Rodrigues do Prado foi de morada para Minas Geraes, onde falleceu casado com Marianna Bueno da Veiga.

4—6. Manoel Rodrigues do Prado, falleceu em Taubaté a 3 de Junho de 1749 estando casado com Joanna de Oliveira em Taubaté em 1707, filha de Philippe Lobo, e Maria de Oliveira. E teve 8 filhos. (Orphãos, inventarios, letra M. n. 15.)

5—1. João Rodrigues, casou com Maria Moreira.

5—2. Verissimo de Siqueira do Prado, casou com Francisca Moreira Leme.

5—3. Joanna de Oliveira casou com Antonio Barreto Moreira.

5—4. Theodosia.

5—5. Anna.

5—6. Liberato.

5—7. Ignacio.

5—8. Agueda.

4—7. Catharina de Siqueira do Prado casou com Domingos Luiz Cabral natural da Ilha Grande (filho de Domingos Cabral, e de sua mulher Domingas Barbosa, como se vê do testamento com que falleceu o dito Domingos Luiz Cabral em Taubaté a 24 de Agosto de 1726; e sua mulher falleceu a 3 de Junho de 1736. (Orphãos de Taubaté, inventarios, C. n. 19 e inventarios, D. n. 30.) E teve:

5—1. Estevão Cabral,

5—2. Salvador Barbosa, casou em Taubaté a 2 de Se-

tembro de 1714 com Estacia da Veiga, filha do capitão Antonio Corrêa da Veiga e de sua mulher Maria de Miranda.

5—3. Lucindo Cabral, o Tangua de alcunha, foi para Buenos-Ayres.

5—4. Seraphino Barbosa do Prado, falleceu em Goyazes.

5—5. Raymundo Cabral.

5—6. Francisco Barbosa.

5—7. Claudio Barbosa, casou em S. Sebastião com uma irmã do reverendo vigario Domingos da Costa.

5—8. Domingas Barbosa casou com Miguel Antonio.

5—9. Barbara Cabral casou em Taubaté a 21 de Fevereiro de 1695 com André Leme, filho de Aleixo Leme e de sua mulher Anna da Costa.

4—8. Violante de Siqueira, casou em Taubaté em 1699 com Belchior Felix Corrêa, natural de Taubaté, filho do alcaide-mór Manoel Vieira Sarmento, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Marianna Moreira neto de Belchior Felix e de sua mulher Anna Sarmento. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra M. n. 46, o do alcaide-mór Miguel Vieira Sarmento.) E teve o filho:

5—4. João Corrêa Sarmento, que casou em Taubaté a 15 de Novembro de 1727 com Juliana Antunes do Prado, filha de Sebastião Fernandes Corrêa e de sua mulher Maria do Prado.

4—9. Josepha do Prado, foi casada com Gaspar Pereira de Castro em Taubaté a 16 de Agosto de 1708, natural de S. Julião, termo de Valença, filho de Antonio Pereira de Castro e de sua mulher Philippa Barbosa.

4—10. Francisco Rodrigues do Prado, casou em Taubaté a 31 de Janeiro de 1699 com Maria Antunes da Veiga, filha do capitão Manoel Corrêa da Veiga e de sua mulher

Juliana Antunes. Falleceu Francisco Rodrigues em Taubaté sem testamento, e se lhe fez inventario dos bens a 25 de Fevereiro de 1709. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra F. n. 25.) E teve:

5—1. José, falleceu solteiro.

5—2. Francisco Rodrigues do Prado.

5—3. Domingos Rodrigues do Prado, casou com Maria de Todos os Santos, filha de Amaro Gil Côrtes e de sua mulher Marianna de Freitas. (Taubaté, M. 65 vide retro n. 3—2 ao n. 4—3 pag. 123.)

5—4. Violante de Siqueira.

5—5. João, falleceu solteiro.

4—11. Antonia Furtado, casou com Miguel Gil, como se mostra do casamento de seu filho 51. Miguel Rodrigues de Siqueira que em Taubaté casou a 13 de Fevereiro de 1713 com Maria Vieira, filha de Domingos Vieira Cardoso e de sua mulher Martha de Miranda. (Em titulo de Vieiras Mayas, cap. 5º § 12.)

4—12. Philippa Rodrigues do Prado (filha ultima do n. 3—3. retro) casou em Taubaté a 29 de Outubro de 1704 com João Pinto de Queiroz, natural de Amarante, filho de Manoel Pinto Monteiro e de sua mulher Luzia da Silva.

3—4. Lourenço Antonio, falleceu solteiro.

3—5. Miguel Rodrigues do Prado, foi casado com Isabel da Rosa, que falleceu em Taubaté a 27 de Setembro de 1715 estando casada segunda vez com José Dias de Carvalho. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra I, n. 16.) E teve filha unica:

4—1. Antonia Furtado, mulher de Domingos de Goes.

3—6. Catharina Furtado Rodrigues, casou duas vezes, e falleceu em Taubaté, e se lhe fez inventario dos bens

em 1702, Casada segunda vez com Salvador de Freitas Albernaz: e d'este segundo matrimonio teve:

- 4—1. Sebastião Gil de Siqueira.
- 4—2. José Maria da Cruz.
- 4—3. Domingas Rodrigues.
- 4—4. Violante de Siqueira.

E da primeira vez casou a dita Catharina Furtado com Manoel Cardoso de Almeida, que falleceu em S. Paulo. (Orphãos de S. Paulo, letra M, n. 61.) Como consta do inventario de seu pai Francisco Rodrigues em S. Paulo em 1652. E teve oito filhos, entre os quaes foi:

4—5. João Vaz Cardoso, que casou em Itú a 20 de Abril de 1687 com Isabel da Costa, filha de João Diniz da Costa, e de sua mulher Cicilia Ribeiro. (Casamentos n. 380.)

3—7. Isabel Rodrigues, falleceu em S. Paulo com testamento a 6 de Dezembro de 1683, casada com Gaspar Vaz Cardoso. (Orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra I, n. 19.) E teve dois filhos.

4—1. Antonio Vaz, casou com . . . . E teve dois filhos.

5—1. Gaspar.

5—2. Maria.

4—2. Francisco Rodrigues.

3—8. Antonia Furtado, falleceu solteira como consta do inventario de seu pai.

3—9. Bernarda Rodrigues de Jesus, falleceu em Taubaté com testamento a 10 de Agosto de 1672, e foi casada com Luiz Coelho de Abrêo. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra B, n. 4.) E teve:

4—1 Francisco Coelho, falleceu em Taubaté em 1697, e foi casado com Violante de Siqueira, de quem teve



Francisco, Bernarda, Helena. (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra F, n. 18.)

4—2. Antonia.

4—3. Joanna.

4—4. Francisca.

3—10. Maria Furtado, ficou sendo moradora de S. Paulo, sua patria, onde havia casado com Belchior da Cunha Barregão, natural de Portugal, que falleceu em 1702, e ella em 1708. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra B. n. 6.) E teve sete filhos nascidos em S. Paulo.

4—1. Marianna da Cunha, casou duas vezes: primeira com Manoel Vicente Pereira, que falleceu a 5 de Junho de 1684. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, n. 6.) E teve dois filhos.

5—1. Francisco.

5—2. Catharina.

Casou segunda vez dita Marianna da Cunha com Ignacio Vieira Antunes, natural de S. Paulo (irmão inteiro de Ignacia Vieira, avó do M. R. conego José Rebello Pinto, do Revd. Antonio Rodrigues Villares, do Dr. Joaquim Marianno de Castro, auditor de um regimento do presidio do Rio de Janeiro desde 1764, e mãe do Revd. padre mestre frei Bento da Annunciação, religioso capucho da provincia do Rio de Janeiro, e do Revd. Dr. Manoel Velloso Vieira, clérigo de S. Pedro, que falleceu no Rio de Janeiro em 1763), filho de Francisco Vieira (em S. Paulo foi conhecido com o appellido de orador pela sua exemplar vida e virtudes), natural da freguezia de S. Martinho da Ventosa do conselho da Ribeira do Soares, e de sua mulher Isabel Manoel Alvares de Sousa, que nasceu a 16 de Junho de 1641, irmã inteira de frei Placido, que, sendo monge bene-

dictino no Brasil, passou ao reino de Portugal, e ficou monge de S. Bernardo, tomando o habito no real mosteiro de Alcobaça; e voltou a visitar os parentes pelos annos de 1681; e foi eminente na prenda de tanger viola, e tão destro que mereceu tanger na presença do Sr. rei D. Pedro II. Irmão tambem do padre Sebastião Coelho Barradas, que foi conego na Sé da Bahia, e tinha sido baptizado na matriz de S. Paulo a 26 de Agosto de 1651. Neto pela parte paterna de Adrião Vieira, e de sua mulher Agueda Dias, ambos da freguezia da Ventosa. (Cartorio do tabellião de S. Paulo na nota de 1755 de Antonio Moniz, o testamento de Francisco Vieira.) E pela parte materna neto de Manoel Alvares de Sousa, natural da ilha de S. Miguel, e nobre cidadão de S. Paulo (senhor do jazigo na quadra da igreja do mosteiro de S. Bento para si e seus descendentes, que conservam o seu direito pela campa de pedra que lhe accusa o dominio), e de sua mulher Maria Carneiro, natural de S. Paulo, por quem foi bisneto de Sebastião Coelho Barradas (irmão inteiro do padre mestre Manoel Coelho Barradas, jesuita, que falleceu no collegio da Bahia, e era natural de Portugal), que falleceu em S. Paulo em 1627, e de sua mulher D. Catharina de Barros, que falleceu em S. Paulo com testamento a 9 de Setembro de 1687 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventarios, letra S, maço 1º, n. 11; e letra C, maço 1º, n. 46), cuja naturalidade ao certo se não sabe; porque seus pais d'ella D. Jorge de Barros Fajardo, e sua mulher D. Anna Maciel, natural da villa de Vianna do Minho, vieram de Portugal para S. Paulo na companhia de João Maciel, que era pai da dita D. Anna, e o dito João Maciel trouxe mais uma filha já casada com Antonio Antunes, e trouxe tambem filhos. Este D. Jorge de Barros Fajardo, era natural da cidade de Ponta-Vedra do reino de Galliza, filho de

D. Belchior de Barros, e de sua mulher D. Catharina Vaz, como tudo se vê do testamento com que falleceu em S. Paulo o dito D. Jorge de Barros em 1615 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3°, letra I, n. 28). A passagem e nobre qualidade de João Maciel, de Vianna para o Brasil, consta no cartorio das justificações da corte de Lisboa nos autos de *nobilitate probanda* de Domingos Antunes Maciel, processados no anno de 1756 no juizo de India e Mina. Manoel Alvares de Sousa, natural de S. Miguel, veio ao Brasil á imitação do seu ascendente Gaspar Vaz de Sousa, que em serviço do Sr. rei D. João III tambem veio ao Brasil á capitania do Porto-Seguro em tempo do seu primeiro donatario Pedro de Campo Tourinho, a quem o mesmo monarcha a déra com 50 leguas de costa, que dito Tourinho, natural de Vianna, veio povoar com sua casa e algumas familias que trouxe; e ganhando varias victorias aos gentios, os afugentou para o interior d'aquelles sertões, que depois se voltaram contra os moradores de Porto-Seguro, que destruíram, matando a maior parte da gente européa. Em socorros vieram outros mandados pelo Sr. rei D. João III, e entre muitos veio da ilha de S. Miguel dito Gaspar Vaz de Sousa, João Lordello e outros da mesma ilha, porém todos pereceram flexados da multidão dos barbaros indios. Este infeliz successo toca succintamente no seu *Nobiliario* o grande e famoso genealogico o Revd. Dr. Gaspar Fractuoso (que falleceu sendo vigario da igreja da Estrella no anno de 1591), livro 4º, cap. 12, onde trata da nobre origem dos Alvares Sosas de S. Miguel, dizendo o seguinte: « Deixo de copiar, por brevidade. » Nós omittimos os mais irmãos, que teve Balthazar Vaz de Sousa, que foram sete, e de cada um d'elles trata o mesmo *Nobiliario*; porque para verdadeira noção de que d'este Balthazar Vaz de Sousa, e de sua mu-

Iher Leonor Manoel procedeu Manoel Alvares de Sousa, devemos ponderar, com advertida conexão, que, casando em S. Paulo dito Manoel Alvares de Sousa, e dando-lhe Deus primeira filha, Isabel, que nasceu em S. Paulo a 16 de Junho de 1641, para n'ella resplandecer o honroso appellido dos seus ascendentes paternos, ficou chamando-se *Isabel Manoel*, que depois casou com Francisco Vieira, de cujo matrimonio foi filho Ignacio Vieira Antunes, marido de Marianna da Cunha, como fica retro mostrado no n. 4—1. D'este segundo matrimonio nasceu em S. Paulo unica filha:

3—. Maria Vieira da Cunha, casou na matriz de S. Paulo a 16 de Fevereiro de 1706 com Gaspar de Mattos, que falleceu em 1734 em S. Paulo; natural da freguezia de Nozedo, arcebispado de Braga, filho de Sebastião de Mattos, e de sua mulher Isabel de Araujo da freguezia de Nozedo. (Camara episcopal de S. Paulo autos de *genere* do padre Antonio Xavier de Mattos em 1747.) E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

6—1. Frei Sebastião Maria Mattos, carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro, em cujo convento existe em 1769. Passou a Roma duas vezes, e foi procurador na sua provincia no hospicio da corte de Lisboa, cuja igreja elle fez construir no estado excellente de finas pinturas como existe. Quando segunda vez passou a Roma a negocios da religião na sua provincia, soube bem acreditar a actividade, zelo e desembaraço com que manejou os negocios n'aquella grande corte, merecendo honrosa aceitação do seu Revm. Geral, que lhe conferiu o character de mestre com as honras de provincial para as desfructar na sua religião e provincia.

6—2. Antonio Xavier de Mattos, passou de S. Paulo mandado por seu pai para a universidade de Coimbra, e

por força de destino infeliz, pela maledicencia de um seu criado, se viu consternado a largar os estudos, e fugitivo retirar-se para o reino de Castella. No serviço d'esta corôa teve praça de soldado e foi destacado para Barcelona.

6—3. Frei Francisco de Mattos, carmelita do Rio de Janeiro, em cujo convento existe em 1769. Foi prior do convento da villa de Santos, e tem servido de procurador do convento do Rio de Janeiro, que traz muito pensionado este cargo.

6—4. José Vieira, jesuita e professo do quarto voto, que não quiz merecer a honra de ficar gozando a naturalidade em que nasceu vassallo da corôa de Portugal, e seguiu a teima de acompanhar para a Italia aos mais padres que foram desnaturalizados. Tinha passado á capitania de Goyazes para missionario apostolico dos gentios *Acroás*, e *Xavantes* no districto das minas de Natividade, e foi recolhido ao tempo da expulsão dos jesuitas.

6—5. . . . . falleceu solteira, de bexigas.

6—6. Maria Josepha de Mattos, foi casada com Francisco de Salles Ribeiro, natural da cidade de Lisboa, e criado na villa de Setubal desde tenros annos, cidadão de S. Paulo, onde foi juiz ordinario no anno de 1763, e tinha sido muitos annos antes capitão de infantaria da ordenança da mesma cidade. (Camara episcopal de S. Paulo autos de *genere* de José Francisco de Salles.) E teve, fóra os que tenrinhos voaram para o céu, onze filhos nascidos em S. Paulo.

7—4. O padre Gaspar de Salles Ribeiro, que estando jesuita se deixou ficar no seculo quando da Bahia foram recolhidos á côrte os mais jesuitas; e elle em S. Paulo se ordenou de presbytero secular. Passou para Lisboa em 1769. Existe em S. Paulo cura da Sé em 1795.

7—5. Bento de Salles Ribeiro, casou em S. Amaro com Anna de Ibeyrós, natural de S. Amaro, filha de João Mo-

reira Garcia e de sua mulher Maria de Eyró, ambos de S. Amaro.

7—3. Anna de Salles, casou duas vezes: primeira com José Francisco de Andrade, de quem lhe ficaram tres filhos: segunda casou com José da Cruz de Almada, natural de Lisboa, de quem tem quatro filhos.

- 8—1. Gertrudes Maria de Andrade.
- 8—2. Anna Joaquina de Andrade.
- 8—3. Manoel Francisco de Andrade.
- 8—4. Joaquim Antonio.
- 8—5. Maria Francisca.
- 8—6. José Maria.
- 8—7. João.

7—4. O padre Antonio Xavier de Salles, presbytero secular. \* Acha-se despachado em Lisboa para vigario collado da igreja de S. José em Minas-Geraes, em 1795.

7—5. O padre João de Salles Ribeiro, presbytero secular.

7—6. O padre frei Ignacio de Salles, religioso franciscano, prégador.

7—7. Manoel Francisco de Salles.

7—8. Francisco Marianno de Salles.

7—9. José Francisco de Salles.

7—10. Theodora Maria de Salles. \* Depois de avançada em annos casou com . . . . .

7—11. O padre Joaquim de Salles, jesuita, que foi para Italia in *minoribus*.

4—2. Maria da Cunha do Prado, foi casada com Accenço Rodrigues Lopes, natural de S. Paulo, filho de João Rodrigues e de sua mulher Joanna Simoa, que falleceu em S. Paulo a 20 de Agosto de 1706, estando segunda vez casada com Pedro Vaz Moniz; e ella foi filha de Simão Lopes e de sua mulher Joanna Fernandes. (Cartorio de

orphãos de S. Paulo, maço 3º de inventários, letra I, n.º... o de Joanna Simoa.) Accenso Rodrigues falleceu a 12 de Janeiro de 1721, e sua mulher Maria da Cunha falleceu a 19 de Fevereiro de 1732. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventários, letra B, n.º 50. Em titulo de Rodrigues Lopes, cap. 2º, § 5º, com seis filhos alli, que foram os seguintes, nascidos na freguezia da Conceição dos Guarulhos.)

5—1. Catharina Rodrigues do Prado, mulher de Antonio Martins de Macedo.

5—2. Antonia Furtado, casou duas vezes: primeira com Francisco Rodrigues Fortes: segunda com Manoel Telles de Menezes.

5—3. Marianna Rodrigues da Cunha, mulher de Antonio de Siqueira Cubas.

5—4. Joanna da Cunha, mulher de Miguel de Siqueira.

5—5. Belchior da Cunha, falleceu nas Minas-Geraes em Itaverava em 1718, estando casado na freguezia da Conceição dos Guarulhos com Margarida Cardoso de Siqueira, de quem teve dois filhos.

6—1. João Rodrigues Antunes, morador da Conceição, casado com D. Joáanna Baptista.

6—2. Helena Maria de Jesus, mulher de Antonio Lopes Chaves, natural d'esta villa e fallecido no Sumidouro de Marianna. E teve filha unica.

5—6. João Rodrigues da Cunha, existe na Conceição, casou duas vezes: primeira com Josepha Pedroso, irmã de Bento de Siqueira Pedroso. (Em titulo de Camargos, cap. ...) Segunda vez está casado com Maria de Godoy Bueno, filha de Francisco de Godoy Pires com D. Josepha Bueno, filha. (Em titulo de Silveiras, cap. 1º, § 7º, n.º 3—1.)



4—3. Anna Maria da Cunha, foi casada com seu parente em quarto grão em S. Paulo a 20 de Novembro de 1686, o capitão João Vaz dos Reis, natural de Mogy das Cruzes, e cidadão de S. Paulo, onde falleceu em Janeiro de 1708; filha de Gaspar dos Reis e de sua mulher Maria Pedroso, moradores da villa de Mogy das Cruzes. E Anna Maria da Cunha tinha fallecido a 7 de Janeiro de 1705 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 5º de inventarios, letra A, n. 8.) E teve sete filhos nascidos em S. Paulo.

5—1. O padre Belchior Vaz dos Reis, clérigo de S. Pedro, que foi muito estimado pela excellencia da voz para as missas cantadas.

5—2. Frei Francisco Vaz, carmelita, que existe em 1769 conventual do Rio de Janeiro, ou Ilha-Grande.

5—3. Antonia Fortado, falleceu a 8 de Maio de 1731, estando casada com Hyeronimo de Faria Marinho, enteado do desembargador Roberto Car Ribeiro. Sem geração. Hyeronimo de Faria casou depois em Itú, onde falleceu. (Residuo ecclesiastico, testamento n. 28, letra E.)

5—4. João Vaz dos Reis.

5—5. Gaspar Vaz, falleceu em Outubro de 1769; foi morador no sitio da Borda do Campo e casado com Maria Dultra, filha de Manoel Dultra Machado, e de sua mulher Marianna Machado. Em titulo de Machados Castanhos, cap. 7º, ou em titulo de Dultras, cap. 1º, § 7º.)

5—6. Maria da Luz, moradora em 1769 na freguezia nova da Conceição de Jaguary, no estado de viuva de seu marido.

5—7. Catharina Pedroso, falleceu em Outubro de 1769 estando casada com o alferes Aleixo Garcez da Cunha, nobre cidadão de S. Paulo, filho de Christovão da Cunha Rodrigues. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º,

§ 4º, n. 3—12 e seg. a n. 4—1, com sua descendencia; ou em Rodrigues, cap....)

4—4. Catharina da Cunha, foi casada com o capitão Sebastião Borges da Silva, sem geração, e tinha sido primeiro casada com Mathias Rodrigues da Silva, o qual tinha casado primeira vez com Catharina de Horta: elle falleceu em S. Paulo em 1709. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, maço 6º, letra M, n. 15.) Sem geração.

4—5. Philippa da Cunha, foi senhora da quinta que hoje chamam dos *Torres* ao pé da quinta do alferes Aleixo Garcez da Cunha, no caminho que da cidade vai para a capella de N. S. da Penha, que passou a ser de D. Maria Angela Eufrasia da Silva. Casou duas vezes: primeira com Francisco Romeiro: segunda com Antonio Teixeira de Oliveira, que na noite de S. João lhe rebentou um foguete que traspassando-lhe a mão, lhe ficaram n'ella as buxas e acabou da gangrena a 2 de Julho de 1722, natural da cidade do Porto, filho de Simão Teixeira e de sua mulher Maria de Oliveira. (Residuo ecclesiastico de S. Paulo, testamento de Antonio Teixeira, n. 5, letra A.) Sem geração.

4—6. Antonio da Cunha, passou de S. Paulo para Pernambuco a visitar um tio irmão de seu pai, que alli era morador muito abastado e de grande nome e estimação: alli casou o dito Antonio da Cunha, e deixou geração.

4—7. João da Cunha, passou a Pernambuco, e voltando para S. Paulo falleceu solteiro.

3—11. Maria Rodrigues (filha ultima do § 2º), casou em S. Paulo a 16 de Abril de 1640 com Luiz Dias, filho de Gonçalo Ribeiro e Catharina Dias.

### § 3.º

2—3. Isabel Furtado (filha do cap. 6º), falleceu em S. Paulo com testamento a 17 de Abril de 1683, casada

com Mathias Cardoso de Almeida, natural da Ilha Terceira, e falleceu no sertão em 1656. (Orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra I, n. 28; e maço 4º, letra M, n. 41.) E teve naturaes de S. Paulo cinco filhos.

3—1. Barbara Cardoso, foi casada com Domingos Lopes Lima, natural de Pernambuco, que falleceu em S. Paulo com testamento a 18 de Novembro de 1667, filho de Francisco Pereira de Lemos. (Em titulo de Camargos, cap. 4º, § 4º, n. 3—7. Orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra D, n. 13, e camara episcopal autos de *genere* de Domingos Lopes de Godoy.) E teve cinco filhos.

4—1. O padre mestre Dr. frei Mathias do Espirito Santo, monge benedictino, cuja cogula tomou pelos annos de 1685, porque em 11 de Abril de 1684 lhe tiraram os inquisidores em S. Paulo.

4—2. João Lopes de Lima, casou com Gabriella Ortiz de Camargo (Em titulo de Camargos, cap. 4º, § 8.) Deixou geração.

4—3. Manoel Cardoso de Lima, clérigo de S. Pedro, fundador e padroeiro da capella do Senhor Bom Jesus de Nazareth.

4—4. Sebastião Lopes de Lima, casou com Maria Ribeiro de Camargo. (Em titulo de Camargos, cap. 4º, § 4º, n. 3—7.) Com geração.

4—5. Maria de Lima, casou com João de Godoy Moreira, filho de Balthazar de Godoy Moreira e de Maria Jorge. (Em titulo do Godoys, cap....) E teve filho unico:

5—. Domingos Lopes de Godoy, cidadão de S. Paulo, habilitado de *genere* em 1712. (Camara episcopal, autos de *genere*, letra D.)

3—2. Salvador Cardoso de Almeida, nobre cidadão de S. Paulo que serviu os cargos da republica, casou com D. Anna Maria da Silveira, levando em dote de pro-

priedade o officio de juiz de orphãos de S. Paulo. (Em titulo de Raposos Silveiras, cap. 1<sup>a</sup>.) Falleceu com testamento no 1<sup>o</sup> de Fevereiro de 1690. (Orphãos de S. Paulo, maço 2<sup>o</sup> de inventarios, letra S, n. 3.) E teve nove filhos:

4—1. José Raposo da Silveira.

4—2. Domingos Cardoso.

4—3. D. Isabel Cardoso, mulher de Francisco de Camargo Pimentel.

4—4. D. Maria Cardoso de Almeida, mulher de Ignacio Lopes Munhós. (Em titulo de Munhós, cap. 2<sup>o</sup>, § 2<sup>o</sup>.)

4—5. Mathias Cardoso de Almeida, falleceu solteiro com testamento a 29 de Março de 1732. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, maço 1<sup>o</sup>, n. 35.)

4—6. Antonio Cardoso da Silveira.

4—7. D. Anna Maria.

4—8. D. Marianna Cardoso, mulher de Bernardino de Moura.

4—9. Salvador Cardoso de Almeida, foi casado com D. Anna Pedroso de Moraes, que ainda existe em 1769, filha de Francisco Pedroso de Almeida e de sua mulher Agueda Machado. (Em titulo de Laras, cap. 7<sup>o</sup>, § 1<sup>o</sup>, n. 3—1.) Com sua descendência.

3—3. Mathias Cardoso de Almeida, nobre cidadão de S. Paulo, que serviu os cargos da republica. Este paulista fez varias entradas ao sertão, e conquistou grande numero de indios bravos, e no modo da guerra contra os gentios se fez um famoso soldado com grande disciplina; de sorte que entre os mais cabos do seu tempo teve applausos de excellente capitão.

Sendo encarregado ao governador Fernão Dias Paes Leme o descobrimento das esmeraldas (tão appetecidas desde o principio da povoação do Brasil, como nunca

jámais encontradas pelos que intentaram o descobrimento d'ellas, como foram no anno de 1372 Sebastião Fernandes e Tourinho, a quem succedeu Antonio Dias Adorno, ambos enviados da Bahia por Luiz de Brito de Almeida, 4.<sup>o</sup> governador geral do Estado; e, depois d'estes, Diogo Martins Cam, o Magnata de alcunha, e seus successores até Marcos de Azeredo Coitinho), no anno de 1672 por Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendouça, governador geral do Estado do Brasil, que lhe conferiu o caracter de governador por patente sua datada na Bahia a 30 de Outubro de 1672, estando já o governador Fernão Dias Paes prompto a sahir de S. Paulo para a conquista e descobrimento das minas de prata em Sabarábuçu, e esmeraldas no sertão dos barbaros indios *Mapáxós* e mais nações gentílicas e bravas; foi lembrado o capitão Mathias Cardoso de Almeida para o acompanhar. Para este effeito o mesmo governador Fernão Dias, representou a necessidade que havia da sua pessoa, expressando ser muito conveniente que fosse por seu adjunto por ter grande experiencia d'aquelle sertão e dos gentios d'elle, onde já havia conseguido entradas de importancia, procedendo com muito valor e boa disposição na conquista dos gentios que domára. O referido contexto se vê da carta patente que de capitão-mór se passou ao dito Mathias Cardoso de Almeida, datada em 13 de Março de 1673. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registro, n. 4, titulo 1662, pag. 98 e 99.) Para o sertão de Sabarábuçu (hoje se chama Sabará, que é Minas-Geraes) e Cataguaires entrou o governador Fernão Dias Paes com o seu adjunto o capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida no mesmo anno de 1673, e penetrando n'aquelles vastos sertões, n'elles não perderam os exploradores os mais efficazes exames para o descobrimento da prata; e sem jámais se enviar o mineiro para este fazer as experiencias para o

conhecimento e desengano de haver ou não a desejada prata que se procurava. Sendo passados 3 para 4 annos de constante trabalho, e vida laboriosa toda empregada em exames á custa dos maiores soffrimentos de calamidades de um sertão inculto, retrocedeu Mathias Cardoso com todos os mais da conducta que formávam o corpo militar, com que de S. Paulo sahira o governador Fernão Dias. Este, vendo-se só sem mais companhia que a do seu filho Garcia Rodrigues Paes, e seu genro Manoel de Borba Gatto, penetrou os vastos sertões até estabelecer feitoria na Tucumbira, e mais ao centro outra no Itamirindiba, de donde sulcando por diversas veredas, o mesmo sertão do reino dos *Mapdxós*, até o lugar da alagôa Vupavuçu, no laborioso desvelo de descobrir as appetecidas esmeraldas, no sitio em que as havia extrahido Marcos de Azoredo, que recolhido ao Rio de Janeiro quiz antes morrer em uma cadeia, e sequestrados todos os seus bens, do que declarar o sitio onde tinha achado as esmeraldas e prata. Com effeito foram descobertas em Fevereiro de 1681: e voltando o governador para S. Paulo no mesmo anno com as esmeraldas do seu descobrimento, chegando ao Rio das Velhas, alli falleceu; e quasi ao mesmo tempo chegou tambem áquelle sertão o administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco, a quem veio procurar Garcia Rodrigues Paes no arraial de S. Pedro da Parahyba, e lhe apresentou e entregou as esmeraldas que havia descoberto o governador seu pai, que de tudo se lavrou auto em 26 de Junho de 1681; pedindo ao dito administrador geral que as ditas pedras enviasse a Sua Magestade, pelo impedimento que elle dito Garcia Rodrigues Paes tinha de poder n'aquella occasião seguir marcha para S. Paulo por conta da epidemia, que tinha de cama gravemente enfermos a todos os indios da tropa de seu defunto pai. Recebidas as esmeraldas, foram

estas conduzidas para S. Paulo pelo ajudante Francisco João da Cunha, o qual no 1º de Setembro do dito anno de 1681 apresentou aos officiaes da camara um saccozinho cosido e lacrado, em que vinham as esmeraldas com uma carta para Sua Magestade para tudo remetterem os ditos officiaes camaristas ao Rio de Janeiro ao syndicante João da Rocha Pinto, ausente ao governador Pedro Gomes. Assim executaram os officiaes, que então eram Pedro Tiques de Almeida, Diogo Bueno, Manoel Vieira de Barros, Roque Furtado Simões, e José de Godoy Moreira (Archivo da Camara de S. Paulo, livro de registro, tit. 1675 pag. 71 v. e livro de Vereanças, tit. 1675 pag. 139.) Além d'estas esmeraldas veio depois a S. Paulo o mesmo Garcia Rodrigues Paes, e apresentou em camara a 11 de Setembro de 1681 quarenta e sete pedras grandes, e outras pequenas, que todas pesaram 133/8 e 1/2. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de Vereanças tit. 1675 pag. 149.) Estando em S. Paulo Mathias Cardoso de Almeida, chegou em 1680 o sobredito administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco a dispôr a sua jornada para o sertão da serra de Sabarabuçú, a que vinha mandado pelo serenissimo principe o Sr. D. Pedro. O mesmo senhor á custa da real fazenda tinha mandado a este D. Rodrigo (era natural do reino de Castella) no anno de 1673 com os honrosos empregos de governador administrador geral das minas com 600\$ de ordenado por anno, tendo-o tomado por fidalgo da sua real casa; e acompanhado de Jorge Soares de Macedo, capitão de infantaria (depois foi o primeiro governador da praça de Santos pelos annos de 1700, em patente de mestre de campo) para no sertão da Bahia na Taboiana fazer os descobrimentos de minas que se esperavam achar nelle. Com effeito chegou á Bahia dito D. Rodrigo e Jorge Soares em 1673, e apresentadas as ordens que trazia ao



governador geral do Estado Roque da Costa Barreto, fez a sua primeira entrada ao dito sertão de Taboiana em Julho de 1674, e em 1 do mesmo mez e anno principiou o primeiro exame com trabalhadores pagos por conta de Sua Magestade, e continuaram os ditos exames em diversas partes do mesmo sertão da Bahia até 1678 sem o menor effeito de descobrimento algum, com excessivas despezas de trabalhadores a jornal, que todos constam do caderno d'ellas, que se acha na provedoria da fazenda real de S. Paulo com o titulo — Caderno que ha de servir de rol do ponto dos officiaes que trabalharam nas minas, etc. — Além dos ordenados de 600\$ por anno que percebia D. Rodrigo, e 16\$ por mez o capitão Jorge Soares de Macedo, consimo das fabricas mineraes, e materiaes, que só de azongue trouxe de Lisboa 500 arrateis, e em Jinheiro 400\$ para os primeiros gastos; e depois recebeu tres ditos na Bahia; o que tudo se vê dos caps. 1º e 2º da instrucção que trouxe. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros 1675 pag. 57.) Da Bahia sahiram D. Rodrigo e Jorge Soares com uma companhia de 30 soldados de sua guarda para o acompanharem ao sertão, do presidio da mesma Bahia, sendo capitão dos ditos soldados Manoel de Sousa Pereira, e no Rio de Janeiro recebeu mais 20 soldados e 1 alferes d'aquella praça, Mauricio Pacheco Tavares, com que se encheu uma companhia de 50 homens com capitão e alferes Trouxe por capellão-mór o Rev. Felix Paes Nogueira, provido na Bahia a 3 de Setembro de 1678 com 83\$920 por anno. Um escrivão das minas, João da Maia, com 15\$ por mez, provido na Bahia em 3 de Abril de 1678. Um thesoureiro, Manoel Vieira da Silva, com 15\$ por mez, provido na Bahia em 15 de Abril de 1678. Um apontador do rol do ponto dos trabalhadores, Francisco João da Cunha, com 10\$ por mez, provido na Bahia

a 3 de Abril de 1678. Um mineiro com experiencia de minerar, João Alves Coutinho, natural de Sergipe d'el-Rei, com 20\$ por mez, provido na Bahia a 20 de Agosto de 1678. (Provedoria da fazenda real supra, caderno citado pag. 31 v., 32 v., 33, 34, 34 v. e 35 v.)

Com todo este corpo embarcou D. Rodrigo de Castel Blanco na Bahia, e chegou ao Rio de Janeiro em Novembro de 1678 acompanhado do mesmo Jorge Soares de Macedo, que já vinha com patente de tenente-general (bem se vê que esta patente não correspondia ao grão das que têm hoje este nome) por mercê de Sua Alteza (com exercicio e governo na infantaria que passasse aos descobrimentos das minas com D. Rodrigo de Castel Blanco com 26\$ de soldo por mez) datada em Lisboa a 30 de Outubro de 1677. (Camara de S. Paulo, livro de registos tit. 1675 pag. 25.) Enquanto se demorou no Rio de Janeiro mandou D. Rodrigo a João de Campos de Mattos, por provisão sua datada no Rio de Janeiro a 18 de Novembro de 1678, que fosse fazer descobrimentos n'aquelle sertão, onde o dito Mattos dizia haver sérras com pedrarias; porém não se conseguiu d'esta entrada e despezas d'ella o menor effeito de utilidade. (Carta da provedoria da fazenda real no caderno citado retro pag. 36 v.)

Este mesmo corpo militar, e officiaes que acompanhavam a D. Rodrigo, chegou á villa de Santos em Novembro de 1678. (Caderno supra citado pag. 37 v. e 38.) Trazia D. Rodrigo já disposto que o tenente de mestre de campo general Jorge Soares de Macedo fosse fazer os descobrimentos de minas de prata no sertão do sul até o Rio da Prata, e ilhas de S. Gabriel; e no emtanto passar elle ao sertão da villa de Parnaguá para depois se intentar a entrada para o sertão de Sabraruçú. E como com esta divisão se dividiam as forças, assentaram D. Rodrigo e Macedo

que este subisse para S. Paulo a formar gente para o acompanhar, e embarcar-se no porto de Santos a demandar o Rio da Prata; e elle D. Rodrigo seguir para a villa de Parnaguá; assim se executou. A S. Paulo chegou o tenente general Macedo, e aos officiaes da camara apresentou todas as ordens e carta de Sua Alteza para os ditos officiaes, que eram n'este anno juiz ordinario Lourenço Castanho Taques, vereadores Gaspar Cubas Ferreira, Manoel da Rosa de Azevedo e Manoel de Góes; procurador do conselho Matheus de Leão. N'esta carta lhes ordenava Sua Alteza que do dinheiro do donativo e paz de Hollanda se havia de fazer toda a despeza, e assistencias a D. Rodrigo e Macedo, como melhor se vê do teor d'ella:

«Officiaes da camara de S. Paulo. Eu o principe vos envio saudar. Viu-se a vossa carta de 22 de Dezembro do anno passado, e o que me representais sobre o imposto e donativo de Inglaterra, e paz de Hollanda, e serviços que esses moradores têm feito a esta corôa na conquista dos indios barbaros do reconcavo da Bahia, ao que em toda a occasião dos seus accrescentamentos lhes hei de mandar deferir, como merecem; e porque ora fui servido resolver fossem ao descobrimento das minas de prata e ouro de Parnaguá o administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco, e o tenente-general Jorge Soares de Macedo, para de uma vez se vir em conhecimento de que ha estas minas, ou de todo se colher o desengano de que não persistem, mandei applicar a este dispendio o dito imposto, e os mais d'essas villas da repartição do sul, por se achar a minha fazenda tão exausta, que não houve outros effeitos para lhe applicar, e satisfazer a Inglaterra e Hollanda, pelos d'este reino o que elles importam; e desvanecendo-se o intento das minas de Parnaguá, lhes ordeno passem a serra de Sabarábuçú; e porque não poderão fazer sem adjuto-

rio d'esses moradores, como levam por instrucção, communicando convosco o modo com que se pôde fazer este serviço, quando sejam em numero, em que se lhes haja de nomear capitão, que vá á ordem do dito tenente-general, o nomeareis; e o fio do vosso zelo, e do bem, que tendes assistido ao que toca em beneficio d'esta corôa, obreis n'isto, e na entrega do que se estiver devendo do donativo, e fôr cabindo, para supprir as despezas do que fica referido, de modo que tenha eu que vos agradecer, e deferir em vossos accrescentamentos, como merecem tão leaes vassallos. Escripta em Lisboa a 29 de Novembro de 1677.—*Principe.*—*Conde de Val dos Reis.*»

D. Rodrigo de Castel Blanco, por alvará de 29 de Novembro de 1677, veio feito administrador geral, como já o era quando viéra para as minas do sertão de Tabaiana com 600\$; e para as de Parnaguá e Sabarábuçú trouxe mais de propriedade o officio de provedor e administrador com 40\$ por mez de ordenado, vencidos desde o dia do seu embarque na Bahia; e quando as minas que descobrisse rendessem livres para a fazenda real 40 libs. (\* creio que este signal são mil cruzados) por anno, subiriam os 40\$ a 60\$ por anno; além de 700\$ de juro herdade para sempre. (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros tit. 1675 pag. 48 v.) Por outra ordem do mesmo senhor de 29 de Novembro de 1677 (livro supra citado pag. 23) trouxe D. Rodrigo faculdade para em nome de Sua Alteza prometter aos paulistas que o acompanhassem aos descobrimentos um habito de Christo, dois de Aviz e dois de S. Thiago, com 20\$ até 40\$ effectivos cada um dos ditos habitos. Manda tambem dar seis fóros de cavalleiros fidalgos; seis de moços da camara, e que se terá respeito a o serviço que fizerem, para haverem do mesmo senhor a mercê de fidalgos da sua casa.

Em cumprimento d'estas reaes ordens estiveram os camaristas pelo que pediu o tenente-general Jorge Soares de Macedo, o qual para a jornada do sertão do sul até o Rio da Prata recebeu em dinheiro 2:050\$000; além d'este dinheiro recebeu mais tres 3,000 alqueires de farinha de trigo, 300 arrobas de carne de porco, 100 alqueires de feijão, 98 arrobas de fio de algodão torcido em tres linhas, e de fio singelo 2 arrobas, 19 espingardas, 12 catanas, 15 arrobas de tabaco de rôlo, e 8,000 varas de panno de algodão. Para o acompanhar, foram nomeados os paulistas, que do sertão tinham a melhor pratica, e disciplina militar contra os indios bravos; e em patente de capitão-mór de toda a gente da leva e infantaria sahio Braz Rodrigues de Arzão, de quem temos tratado em titulo de Arzão, cap. 5<sup>a</sup>; em sargento-mór Antonio Affonso Vidal, e a um e outro se lhe passaram as patentes em S. Paulo a 15 de Janeiro do anno de 1679. (Camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1679, pag. 40. E cartorio da provedoria da fazenda real caderno de registros de rol do ponto de D. Rodrigo pag. 38 v. e 40.)

No porto da villa de Santos embarcou o tenente-general Macedo no mez de Março de 1679 com toda a gente da sua conducta, soldados infantes, officiaes, e um corpo de 200 indios bons flecheiros e arcabuzeiros. Compôz-se este transporte de sete embarcações grandes chamadas sumacas, entre as quaes ia um patacho, e n'ellas se accommodou toda a gente, fabricas e instrumentos mineraes, armamento, polvora e bala, mantimentos, viveres e fazendas seccas. Para capitão de mar com todo o governo maritimo teve patente Manoel Fernandes. Capitão da sumaca N. S. da Conceição e Almas teve patente Thomaz de Sousa Rios. Capitão da sumaca N. S. do Monte teve patente Vicente Pendão. Do patacho N. S. do Rosario teve patente de ca-

pitão João Jacques; e d'esta fórma cada embarcação levava seu capitão de patente, que todas foram passadas em Santos no fim de Janeiro de 1679. (Cartorio da provedoria da fazenda Real, caderno supra citado, pag. 39 v., 41, 42 e 43.)

Tendo esta pequena frota dado velas ao vento, em breves dias encontraram tormentas grandes, com contrarios ventos, que tendo obrigado a tres arribadas até a barra de Santos, da terceira vez foi maior o perigo, porque uma das sete sumacas se foi ao fundo destróçada; tres foram de arribada á ilha de Santa Catharina, e tres tomaram o porto de Santos com o tenente-general Macedo, capitão-mór Arzão, sargento-mór Vidal, capitão de infantaria Manoel de Sousa Pereira, e alferes Mauricio Pacheco Tavares com os soldados infantes. Do porto de Santos tomaram o caminho de terra a ir demandar Parnaguá e d'alli tomaram o sertão do Rio de S. Francisco até a ilha de Santa Catharina. N'ella postou este militar corpo a tempo, que D. Manoel Lodo governador do Rio de Janeiro que se achava na ilha de S. Gabriel fazendo construir uma fortaleza na nova povoação da Colonia e cidade do Sacramento em 1680, sabendo d'esta gente, mandou que o tenente-general com os officiaes de patente e soldados infantes o fossem buscar de soccorro contra o poder do castelhano, que já movia exercito para lançar d'aquelle sitio a D. Manoel Lobo: assim se executou, embarcando todos em um navio (ficou a gente da leva com 200 indios em S. Catharina debaixo do commando do vedor Manoel da Costa Duarte, de quem temos tratado em titulo de Camargos, cap. 1º, § 11) que na altura do Cabo de S. Maria deu á costa, e muito apenas, por conhecido milagre, salvaram as vidas 24 pessoas, cada uma arribada á sua taboa, que sahiram a terra em praia deserta; e foram o tenente-general Ma-

cedo, o capitão-mór Arzão e o sargento-mór Vidal, e não sabemos dos mais; e todos penetrando o sertão a demandar a ilha de S. Gabriel e nova cidade do Sacramento foram dar ás mãos do inimigo castelhano, que os fez a todos conduzir presos para Buenos-Ayres, que então com sua provincia era governada por D. José Garro. O que passou com estes presos até a rota, que tivemos no dia 6 de Agosto de 1680, em que os castelhanos ganharam a cidade do Sacramento com sua fortaleza pelo general D. Antonio de Vera Moxica, temos historiado em titulo de Rendons, n. 1º cap. 1º § 4º e em titulo de Arzão, cap. 5º.

Embarcado o tenente-general Macedo em Santos, como fica referido, passou D. Rodrigo de Castel Blanco para a villa de Parnaguá no mesmo anno de 1679. Em 14 de Março do dito anno teve principio o rol do ponto com cento e tantas pessoas de comboio para Parnaguá, que importou a fêria de 30 dias á salario dos conductores indios até 14 de Abril a dinheiro 186\$300 reis, que o conduziram por terra da villa de Santos até Parnaguá. Importou o rol do ponto de 123 indios de 14 de Março até 14 de Abril em Parnaguá a dinheiro 177\$000 réis. Importou o rol do ponto de 118 pessoas que andaram em varias diligencias de descobrimento de prata o ouro no sertão de Parnaguá até 14 de Maio a dinheiro 174\$000. Importou o rol do ponto até 14 de Junho a dinheiro aos trabalhadores das minas do Itambé com 118 pessoas, 455\$750. Importou o rol do ponto de 116 pessoas até 14 de Julho no Itambé a dinheiro, 432\$000. Rol do ponto com 88 pessoas em dito Itambé até 14 de Agosto importou a dinheiro, 71\$100. Rol do ponto com 79 pessoas até 14 de Agosto, até 14 de Setembro, 72\$000. Rol do ponto de 86 pessoas até 14 de Outubro, 71\$730. Rol do ponto de 80 pessoas até 14 de Novembro, 78\$300. Rol do ponto



com 87 pessoas até 14 de Dezembro, 78\$300. Rol do ponto com os índios até 14 de Janeiro de 1680 annos a dinheiro, importou 78\$300. Até 14 de Fevereiro 81\$100. Até 14 de Março, 79\$600. Até 14 de Abril 75\$600. Sommam estes roes dos pontos de 14 de Março de 1679 até 14 de Maio de 1680, a dinheiro, só com os índios, fóra as mais despezas, 1:055\$960 (\* n'esta conta entram 43\$350 de que faz menção abaixo, e mais 1\$530 não sei de que, e que o autor pôz á margem.)

Em 14 de Abril de 1680 sahiu de Parnaguá para Santos D. Rodrigo de Castel Blanco sem conseguir o mais minimo descobrimento em o sertão de Parnaguá; e n'elle as minas descobertas em Peruna, e no Itaembé o ribeirão de Nossa Senhora da Graça foram por paulistas: em Peruna pelo capitão-mór Gabriel de Lara, e no Itaembé por João de Araujo; e as ditas minas foram repartidas em Julho de 1679, e tão ricas que só uma data para el-rei foi rematada por João Rodrigues França em 153\$000. As minas de Nossa Senhora da Conceição, tambem descobertas no anno de 1679; e depois d'estas as minas descobertas por Salvador Jorge Velho, tambem paulista. E todos estes descobrimentos sem despeza da real fazenda a mais minima.

Da villa de Santos subiu para S. Paulo D. Rodrigo de Castel Blanco em 14 de Maio, e chegou a 30 do mesmo mez de 1680 com despeza de 43\$350 com os índios de seu transporte, que foram 85, e tocou a cada um 510 réis, como tudo se vê do caderno do rol dos pontos acima citado de pag. 8 até pag. 28. Em S. Paulo dispôz a sua entrada para o sertão de Sabarábuçú, para o que em 20 de Junho de 1680 propôz em camara D. Rodrigo aos officiaes d'ella, que eram juiz ordinario Antonio de Godoy Moreira; vereadores João Pinheiro, Francisco Corrêa de Lemos, Diogo Barbosa Rego; procurador do conselho Manoel Ro-

drizues Arzão, que carecia de ouvir aos melhores sertanistas para com elles consultar a sua entrada para o sertão de Sabarabucú; e sendo chamados Mathias Cardoso de Almeida, Hyeronimo de Camargo, Antonio de Siqueira de Mendonça, Pedro da Rocha Pimentel, e outros paulistas mais, todos foram de voto, que se devia mandar plantar os sitios, que nomeados e assignalados fossem, para quando chegasse a tropa terem mantimentos promptos para o necessario sustento no sertão, assim aceitou o conselho o dito D. Rodrigo. (Camara de S. Paulo, livro de registros titulo 1675 pag. 53 v.)

Reconhecendo D. Rodrigo que, sem levar paulistas sertanistas de valor e experiencia da guerra com os indios barbaros, não podia conseguir a sua entrada para Sabarabucú, ficou eleito Mathias Cardoso de Almeida com patente de tenente-general em lugar de Jorge Soares de Macedo, que se achava prisioneiro em Buenos-Ayres, e lhe passou patente em S. Paulo do teor seguinte:

« D. Rodrigo de Castel Blanco, fidalgo da casa de Sua Alteza, administrador e provedor-geral das minas da repartição do Sul, etc. Faço saber aos que esta carta patente virem, que por patente do capitão-mór Mathias Cardoso de Almeida, se me representou a nomeação, que em sua pessoa fez o senado da camara d'esta villa de S. Paulo para tenente-general pelas partes, sufficiencia, e disposição, que em sua pessoa concorrem, e pelo bom governo dos que a seu cargo forem, pela prudencia, com que em todas as materias se sabe haver, como tambem por ser visto no exercicio do sertão, para onde se ordena a presente jornada ao descobrimento das minas de prata á serra de Sabarabucú; e dá elle dito para ajuda da dita jornada sessenta negros seus, e sua pessoa, sem interesse algum mais, que por servir a Sua Alteza; e por todas as razões recontadas, partes

e merecimentos, e esperar de sua pessoa, me pareceu conveniente nomeá-lo como por esta nomeação o nomeio por tenente-general da gente, que fôr em minha companhia, para o que livremente exerça o dito cargo e com elle goze todas as honras, graças, franquezas, privilegios, poder, mando e autoridade, como os mais prós e precalços, que por razão do dito posto lhe pertencem. Pelo que por esta o hei por mettido de posse, dando juramento, de que se fará assento nas costas d'esta; e servirá o dito posto enquanto Sua Alteza não mandar o contrario, e houver assim por bem na forma das suas reaes ordens; para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal, e sello das minhas armas; a qual se registrará nos livros da minha administração, a que tocar; e se guardará e cumprirá tão pontual e inteiramente como n'ella se contém, sem duvida, embargo, nem contradicção alguma. João da Maia, escrivão da administração, a fiz n'esta villa de S. Paulo aos 28 de Janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1681. *D. Rodrigo de Cas el Blanco*, (Provedor da Fazenda Real, caderno do rol do ponto pag. 50 Camara de S. Paulo, livro de registros at. 1675 pag. 67 v.)

Além de Mathias Cardoso de Almeida em tenente general da leva foi constituido em sargento mór d'ella Estevão Sanches de Pontes, de que se lhe passou patente registrada no livro da camara supra, e no caderno do rol do ponto pag. 52, pag. 29. Formaram-se tres companhias de paulistas voluntarios sem soldo algum, cujos capitães por patentes de D. Rodrigo e nomeação da camara de S. Paulo foram Manoel Cardoso de Almeida (irmão do tenente-general); João Dias Mendes e André Furtado. Estando a tropa formada, para cujo augmento vieram os indios e alguns soldados que estavam em Santa Catharina, que se mandaram recolher depois que se soube da tomada da

nova Colonia, e ficar prisioneiro o governador D. Manoel Lobo, foram os paulistas notando uma total frouxidão em D. Rodrigo, e muito mais no mineiro João Alves Coutinho, para a entrada do sertão de Sabarábuçú, e se ia vencendo o melhor tempo de monção por estarem entrados já no mez de Março. Isto deu causa para que o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, estimulado do zelo e ardor do real serviço, apparecesse em camara no dia 16 de Março de 1681, e aos officiaes d'ella representasse com desafogo de vassallo leal e brioso, que elle observára uma grande repugnancia no mineiro João Coutinho, que por ordem de Sua Alteza, e carta, que o mesmo Senhor lhe escrevêra, viêra da Bahia para os exames das minas de prata, ouro e pedras preciosas; por cujo merecimento estava percebendo de soldo cada mez 20\$000 réis havia já 2 annos e meio: que n'estes termos devia ser constrangido a ir, sem que a escusa que dava de seus achaques, e idade avançada de 68 annos se lhe admittisse; e sendo chamado pelos officiaes camaristas no mesmo acto o dito João Alves Coutinho, e fazendo-se-lhe carga das suas escusas, disse que já não tinha dentes, e se achava muito impossibilitado para andar por sertão; porém que assim mesmo se sacrificaria a ir; ao que animou ao tenente-general Mathias Cardoso dizendo n'aquella assembléa, que elle não vencia soldo algum, e só tinha a honra de se empregar no real serviço por Sua Alteza querer d'esta vez ficar desenganado de haverem, ou não taes minas; que já na jornada do sertão das Esmeraldas, acompanhára muitos annos ao governador Fernão Dias Paes, a custa da sua propria fazenda, indo em pessoa com seus escravos armados, com polvora, chumbo e balas; fazendo as despesas de todo o necessario para semelhantes empresas, sem gastar um só real da fazenda de Sua Alteza; e que da mesma fórma obrava agora para esta jornada de

Sabarabuçú com o administrador e provedor geral D. Rodrigo de Castel Blanco : e que se obrigava a conduzir ao mineiro João Alves Coutinho em rede nos hombros de 60 indios seus administrados, que para isso os offerencia, e de lhe assistir com todo o necessario sustento no sertão, e que de tudo isto se lavrasse termo para todos assignarem ; e assim se executou. (Camara de S. Paulo, liv. tit. 1675 pag. 114, e pag. 127.)

Depois que chegou a S. Paulo D. Rodrigo achou nos officiaes camaristas de 1680 e de 1681 tanto zelo e promptidão para a expedição de Sabarabuçú, que o mesmo D. Rodrigo lhes passou uma certidão honrosa, que se acha registrada no liv. tit. 1675 pag. 61 v.

De S. Paulo sahio a tropa de D. Rodrigo em principios do mez de Maio de 1681 com 60 indios para o trem de sua pessoa ; e outros 60 da administração do tenente-general Mathias Cardoso de Almeida para a conducta do mineiro João Alves Coutinho, e 120 indios mais para o trabalho das minas.

Marchou D. Rodrigo á direitura ao sertão e aportou ao arraial de S. Pedro, onde o veiu encontrar Garcia Rodrigues Paes, e já o achou alli nas matas do rio Parahypeva no dia 26 de Junho do dito anno, no qual se formou o auto de apresentação e entrega que lhe fez das esmeraldas, que seu pai o governador Fernão Dias havia descoberto no reino dos *Mapaxós*, o que já fica referido, para que fossem remettidas á corte a Sua Alteza ; e emquanto não tinha a sua real determinação na materia d'este descobrimento, elle D. Rodrigo em nome do dito senhor tomasse posse de todos os arraiaes, feitorias, roupas e celeiros de mantimentos que tinha feito seu pai : o que assim se effectuou. E d'este lugar de S. Pedro de Parahypeva mandou D. Rodrigo ao ajudante das ordens Francisco João da Cunha com carta

datada a 28 de Junho do mesmo anno de 1681, aos officiaes da camara de S. Paulo um saquinho de chamalote amarello, cosido e lacrado, que trazia as esmeraldas para irem a Sua Alteza, mandando os ditos camaristas entregar o saquinho, e as vias no Rio de Janeiro ao desembargador syndicante João da Rocha Pita, ausente ao mestre de campo governador Pedro Gomes. (Archivo da Camara de S. Paulo, livro de registro, titulo 1673, pag. 71 v, 72 e 79.)

Depois que chegou D. Rodrigo voltou Garcia Rodrigues para o seu arraial do Sumidouro, ao qual chegou depois dito D. Rodrigo a tomar posse d'elle e dos mais arraiaes que lhe havia offerecido ; e tambem tomou posse em nome de Sua Alteza de todas as serras, das quaes o governador Fernão Dias havia extrahido as esmeraldas. Isto foi o que unicamente obrou D. Rodrigo todo o tempo que lhe durou a vida até o mez de Setembro ou Outubro do anno de 1682, com tantas, e tão avultadas despesas que já antes do seu fallecimento tinham chegado as noticias aos reaes ouvidos de Sua Alteza, que se dignou mandar recolher ao sobredito D. Rodrigo por se ter conhecido a sua inutilidade. Assim se vê do contesto da sua real ordem datada a 23 de Dezembro de 1682. (Secretaria do conselho ultramarino, livro de registro das cartas do Rio de Janeiro titulo 1673, pag. 35.)

Entre os paulistas, que se achavam no sertão das esmeraldas e arraial do Sumidouro, era Manoel de Borba Gatto (depois foi tenente-general do Matto em Minas Geraes pelos annos de 1708), que, observando a inacção de D. Rodrigo de Castel Blanco, sem se applicar a fazer entradas ao sertão, para com os exames se descobrir o desejado fim para que Sua Alteza o havia despachado com tantas honras e mercês, distribuindo-se e consumindo-se da sua real fazenda uma muito consideravel somma de dinheiro, com al-

guma liberdade lhe estranhou ao dito Borba o amortecimento em que se conservava desde que chegára áquelle sertão, applicando-se só a mandar fazer caçadas de aves e animaes terrestres para o regalo e grandeza da sua mesa, e travando-se de razões menos comedidas, o sobredito Borba se precipitou tão arrebatado de furor, que dando em D. Rodrigo um violento empuxão o deitou ao fundo de uma alta cata, na qual cahiu morto. E, chegando a S. Paulo esta noticia, os officiaes da camara deram conta a Sua Alteza em carta de 2 de Novembro de 1682. (Archivo da Camara de S. Paulo, 1675, pag. 92.)

Recolhido á patria o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida no anno de 1682, n'ella desfructou o socego da quietação em desconto dos trabalhos que havia curtido na expedição com D. Rodrigo de Castel Blanco: porém não gozou da patria mais do que até o anno de 1689, porque o seu merecimento foi lembrado na cidade da Bahia para se confiar do seu grande valor e disciplina o socego e a paz que não gozavam os moradores do Rio-Grande da capitania do Ceará, pelas hostilidades dos barbaros gentios habitadores d'aquelles asperos sertões.

Antes que passemos a individuar as acções de Mathias Cardoso na guerra contra os gentios do Rio-Grande devemos noticiar, que o coronel Sebastião da Rocha Pitta no seu livro *America Portuguesa*, pag. 437 do n. 52 até 54 affirma que o governador geral do Estado, Mathias da Cunha, ordenára ao governador de Pernambuco aos capitães-mores da Parahyba e Rio-Grande mandassem cabos, gente, petrechos e bastimentos para aquella empreza; o que assim se executára com tão bom successo, que d'elle resultára a quietação, que lograva aquella provincia, colhendo os fructos das culturas do seu reconcavo com menor perigo do que até aquelle tempo experimentára. Até aqui o dito



Pitta : porém este autor tem tantas faltas no corpo da historia, que passam a ser erros indesculpaveis; porque as materias de que trata, constando a verdade d'ellas e a sua época e a chronologia dos documentos que existem nos registros dos livros da secretaria do governo geral, provedoria-mór e camara da Bahia, não devia escrever os successos pertencentes á mesma historia sem a lição d'estes cartorios; e por esta falta escreveu mais por vaidade que por zelo; e em muitas materias só o fez por informação dos apaixonados; e por isso cahiu em faltas que temos mostrado em alguns titulos genealogicos que temos escripto. Não duvidamos que ao governador geral do Estado Mathias da Cunha recorressem os opprimidos moradores da capitania do Ceará do barbaro gentio do Rio-Grande, o que lhe fizesse applicar as forças de que trata o dito coronel Pitta no n. 53; porém é totalmente engano affirmar, que d'esta providencia resultára a conquista d'aquelles barbaros; porque o contrario se mostra de documentos de que faremos menção. E não será muito padecer este autor semelhante engano, quando no liv. 6º n. 79 até o n. 83 affirma que a conquista dos gentios barbaros, que offendiam as villas do Cairú, Camamú, Boypeva, fôra conseguida pelo capitão-mór João Amaro Maciel Parente, e que tivêra em premio do Sr. D. Pedro II o senhorio de uma villa que elle a fundára com vocação de Santo Antonio, que ficou sendo chamada vulgarmente de João Amaro; sendo certo que esta conquista foi do governador Estevão Ribeiro Baixo Parente, pai do dito João Amaro, como temos historiado em titulo de Camargos, cap. § 8º, § 3º n. 3—9. E até ignorou Pitta, que antes d'esta guerra do governador Estevão Ribeiro tinha já ido contra os mesmos gentios o capitão-mór Domingos Barbosa Calheiros com os seus adjuntos capitães de infantaria Fernando de Camargo e

Bernardino Sanches de Aguiar, que todos sahiram de S. Paulo no anno de 1658 convidados pelo governador geral do Estado Francisco Barreto, como temos historiado em titulo de Camargos, cap. 1.<sup>o</sup> § 2.<sup>o</sup>

Nos poucos mezes do governo de Mathias da Cunha, correram a elle os moradores da capitania do Ceará pelos annos de 1687 ou 1688, pedindo soccorro contra os gentios d'aquelles sertões, que tinham feito grandes damnos na cidade e seu reconcavo. E' certo que o governador geral convocou a palacio uma junta de theologos, missionarios e os cabos principaes, para se votar se era justa a guerra, que se havia de fazer áquelles gentios, e se ficavam legitimamente captivos os que n'ella fossem presos, como já se havia resolvido nas juntas dos governadores geraes Francisco Barreto em 1658 e Alexandre de Sousa Freire em 1671? E se resolveu da mesma fórma. Então mandaria o governador geral Cunha ao de Pernambuco, e aos capitães môres de Parahyba e do Rio-Grande o que affirma o coronel Pitta; porém que não produziu effeito algum vemos do que obrou o mesmo governador geral Cunha. Mandou a S. Paulo, e fez o mesmo o seu successor o Exm. arcebispo D. frei Manoel da Resurreição (que entrou no governo geral do Estado pela morte de Mathias da Cunha na Bahia a 24 de Outubro de 1688), ordenando por carta sua de 30 de Agosto de 1689, dirigida a Thomaz Fernandes de Oliveira, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, que applicasse o soccorro que tinha mandado ir dos paulistas a cargo do governador, o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, para a guerra dos barbaros gentios do Rio-Grande.

Com effeito em S. Paulo formou o seu terço o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida no anno de 1689. ( Secretaria do governo de S. Paulo, livro de registro geral

n. 3.<sup>o</sup> pag. 120 v.) E se pôz em marcha com mais de 500 leguas de sertão até o Rio de S. Francisco; porém, como a gente do seu terço não era sufficiente em numero para a guerra, deixou ordenado em S. Paulo a João Amaro Maciel Parente, capitão-mór do seu regimento, fosse formando os mais soldados da guerra e seus capitães, para todos sahirem em conducta com o dito capitão-mór, e irem incorporar-se com elle mestre de campo Mathias Cardoso no Rio de S. Francisco. Com effeito o capitão-mór João Amaro formou em S. Paulo as mais companhias de infantaria, que ainda faltavam para o terço do mestre de campo Cardoso; e entre os capitães foi João Pires de Brito, natural e nobre cidadão de S. Paulo, que á sua custa formou a companhia, da qual lhe passou patente de capitão de infantaria, que depois a confirmou o Exm. arcebispo como governador geral do Estado. Esta conducta do capitão-mór João Amaro Maciel Parente sahiu de S. Paulo a 18 de Junho de 1683, e marchou pelo sertão até o Rio de S. Francisco, onde se achava postado o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, a quem o sobredito governador geral do Estado constituiu governador absoluto da guerra contra os barbaros gentios do Rio-Grande e Ceará.

Incorporado o capitão-mór com o governador mestre de campo no Rio de S. Francisco, n'elle ainda se deteve o exercito paulistano quatro mezes emquanto chegava a ordem do arcebispo governador para marchar este corpo, e dar principio á guerra intentada. Destacou este militar corpos até á barra do Jaguaribe, cujo sitio foi destinado para arraial e acampamento. Deu-se principio á guerra no sertão do Rio-Grande, onde se matou e destruiu a maior parte do inimigo por espaço de sete annos, que em guerra viva andaram as armas dos paulistas debaixo sempre do commando e disposições militares do governador Mathias

Cardoso, que, aprisionando muita parte dos inimigos barbaros, e mettendo-se outros de paz, deixou totalmente livre a campanha do Rio-Grande e Ceará, de sorte que a 10 de Fevereiro de 1696 sahiu do Ceará Grande o sargento mór d'esta capitania, Domingos Ferreira Chaves (depois presbytero de S. Pedro, e missionario dos *Tapuias* e *Anacás* na capella de Nossa Senhora da Conceição, e estava morador no anno de 1701 na villa de S. José de Ribamar, capitania do Ceará Grande) com o capitão-maior Pedro Leliz a levantar um presidio na dita ribeira do Jaguaribe por conta dos *Tapuias* da nação *Pajocús*, *Janduhy* e *Javós*.

Com grande magoa lamentamos a falta das noticias dos capitães que tiveram a honra de servirem n'esta guerra, e conquista do Rio-Grande e Ceará com o governador mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e muito apenas encontramos os documentos que nos deram a certeza de ser capitão-mór d'este regimento o dito João Amaro, e um dos capitães de infantaria o dito João Pires de Brito, o qual, acabada a guerra do Rio-Grande e Ceará, passou para a do Piaguí, onde se achava quando Manoel Alvares de Moraes Navarro, natural de S. Paulo, mestre de campo de um terço de infantaria paga e governador da campanha do Rio-Grande por Sua Magestade em 1701, certificou que o governador geral D. João de Lencastro proveu no posto de sargento-mór do terço do dito mestre de campo Navarro ao dito capitão João Pires de Brito a tempo que assistia no Piaguí em mais de duzentas leguas de distancia, onde chegando-lhe a noticia d'esta promoção viéra tomar posse do dito posto; mas foi já a tempo que, por se julgar retirado já para S. Paulo dito capitão Pires, se havia provido o dito posto de sargento-mór em outro sargento; por cuja razão ficou servindo de capitão de uma

das companhias do referido terço para d'elle passar ao de sargento-mór na primeira vagante pelos seus grandes merecimentos e serviços assim na guerra do Rio-Grande e Ceará, como na guerra contra o gentio *Quiriri* das ribeiras de Itahim, e Piracuruca na capitania do Piauí. Todo o referido consta das certidões e fês de officio do capitão João Pires de Brito, que se acham lançadas na nota do tabellião da villa de Taubaté, e das quaes tivemos em nosso poder uma cópia authentica.

Tambem Antonio Gonçalves Figueira, natural da villa de Santos, foi alferes de infantaria do terço que formou o mestre de campo Mathias Cardoso em S. Paulo no anno de 1689, levando comsigo dito alferes doze escravos seus, bons escopeteiros. Ficou existindo no Ceará debaixo do commando do capitão-mór João Amaro Maciel Parente, até que se retirou para o Rio-Grande por ordem do seu mestre de campo para alli se continuar a guerra. Em 12 de Novembro de 1693 se fez uma entrada contra o barbaro inimigo, que, opprimido das nossas armas, pediu paz, que se lhe concedeu, tendo sido de antes sempre viva a guerra que durou n'esta campanha até 25 de Abril de 1694, em que o mestre de campo governador Mathias Cardoso se retirou para a sua casa por faltar já polvora e bala, e se haver ateado a epidemia, que já lhe havia morto muita parte da sua gente. Consta o referido na secretaria do governo de S. Paulo na carta patente de capitão passada a Antonio Alves Figueira datada na villa de Santos a 3 de Março de 1729, registrada no livro 3º do registro geral a fl. 120 v. pelo secretario do governo Gervasio Leite Rabello.

Com esta conquista ficaram totalmente livres e desinfestados os grandes sertões do Rio-Grande e Ceará, cujas campanhas depois d'esta guerra foram povoadas, como até hoje existem com grande augmento dos reaes direitos nos

gados vacuns e cavallares, de que abundam os estabelecimentos por todo o Rio de S. Francisco, Ceará e Piauí, nos districtos das capitánias da Bahia, Pernambuco e Maranhão. E os mesmos paulistas, que foram triumphantes n'esta custosa conquista, foram tambem os que abriram os transitos que até hoje se seguem com communicacão de todas estas tres capitánias. E dos mesmos cabos da conquista do Rio-Grande e Ceará se passaram para a conquista do Piauí, onde era capitão-mór o paulista Francisco Dias de Siqueira, o qual tendo penetrado o sertão de S. Paulo, sua patria, até o Maranhão, onde se achou pelos annos de.... d'alli tendo incorporado o seu partido com varios indios catholicos das missões d'aquelle Estado, penetrando o inculto sertão, veio continuar a guerra no Piauí contra os barbaros indios das nações *Précatez Cúpe-nharos, Curatéz e Canapuruz*, que todas ficaram conquistadas até o anno de 1701, em que se retirou o capitão João Pires de Brito; como tudo vimos nos serviços já referidos do mesmo capitão.

O mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida não voltou mais para S. Paulo, sua patria, porque, acabada totalmente a guerra, ficou estabelecido no sertão do Rio de S. Francisco, onde teve copiosas fazendas de gados vacuns e cavallares, que até hoje existem. Foi casado com D...

3—4. Manoel Cardoso de Almeida (filho do § 3º), foi cidadão de S. Paulo e teve igual respeito e veneração como seus irmãos Salvador Cardoso de Almeida e o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida. Foi tambem escolhido pela camara de S. Paulo para um dos capitães de infantaria da leva de Sabarábuçú, da qual tratamos no numero antecedente, de que lhe passou patente D. Rodrigo de Castel Blanco em 1681. Recolhido do sertão do reino dos *Mappázós*, passou no terço de seu irmão o mestre de campo gover-

nador para a conquista dos barbaros indios do sertão do Rio-Grande e Ceará. E como dito seu irmão ficou estabelecido nos curraes da Bahia, entendemos que elle tambem ficou alli de assento. Ignoramos com quem casou, e só sim que foi sua filha 4—: Marianna Cardoso, natural de Nazareth, onde casou com Francisco de Campos, em titulo de Campos, cap. 4º, com sua descendencia.

3—5. Catharina do Prado Cardoso, foi casada com Manoel Francisco de Oliveira. (Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 3º § 3º, n. 3—6.) E teve oito filhos que foram:

4—1. Frei Mathias....monge benedictino na Bahia.

4—2. Salvador Cardoso de Oliveira, casou na cidade da Bahia e tem geração no Rio de S. Francisco.

4—3. Domingos do Prado de Oliveira, familiar do S. Officio, falleceu solteiro no Rio de S. Francisco.

§ 4º.

2—4. Luzia Furtado, nasceu muda, falleceu solteira.

CAPITULO VII.

1—7. Maria do Prado, falleceu em S. Paulo com testamento a 9 de Julho de 1670 e foi casada com Miguel de Almeida de Miranda, natural da villa de Cascaes, que falleceu em S. Paulo com testamento a 15 de Junho de 1659, tendo e possuindo na sua administração 120 indios, conquistados no sertão d'onde os extrahiu para o gremio da Igreja. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º de inventarios, letra M, n. 7. E cartorio 2º de notas, maço de inventarios antigos o de Miguel de Almeida de Miranda.) Este foi pessoa de respeito e autoridade, e da governança da terra com grande estimação n'ella. Teve, abundancia dos effeitos da cultura da sua fazenda com grossas manadas de



gados vaccuns e cavallares. Com os seus arcs seguiu o partido dos Pires contra os Camargos, como sogro, que era dos tres genros Pires, que foram Henrique da Cunha, o moço, João da Cunha e Antonio da Cunha, todos irmãos. E teve do seu matrimonio, nascidos em S. Paulo, doze filhos:

Catharina de Almeida.....	§ 1.º
Martha de Miranda.....	§ 2.º
Anna de Almeida.....	§ 3.º
Fillippa de Almeida.....	§ 4.º
Ursula de Almeida.....	§ 5.º
Maria da Assumpção.....	§ 6.º
Salvador de Miranda.....	§ 7.º
Frei Miguel da Almeida..	§ 8.º
Diogo de Almeida.....	§ 9.º
Antonio de Almeida.....	§ 10
Francisco de Almeida....	§ 11
Anna, falleceu menina....	§ 12

§ 1.º

2—1. Catharina de Almeida, foi casada com Pedro Fernandes Aragonez, natural da cidade de Malaga da provincia de Andaluzia. Não tiveram filhos. Deixaram os seus bens ao mosteiro de S. Bento de S. Paulo, em cuja igreja constituiram um honroso jazigo com pensão de missas. Falleceu Pedro Fernandes Aragonez, depois de sua mulher, com testamento a 14 de Fevereiro de 1682. Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra C. n. 35.

§ 2.º

2—2. Martha de Miranda, casou na matriz de S. Paulo a 27 de Janeiro de 1630, com Antonio da Cunha Gago o Gambeta de alcunha, filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua segunda mulher Catharina de Onbatte, em titulo de Cu-

nhas, capitulo 1º § 5.º Foi este paulista potentado em arcas, com grande veneração e respeito, e igual voto no governo da republica; falleceu com testamento a 21 de Setembro de 1671, e sua mulher com testamento a 10 de Setembro de 1668 (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 2º de inv. letra M. n. 47. Cart. 2º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos o de Antonio da Cunha Gago.) E teve, nascidos em S. Paulo, onze filhos.

3—1. Antonio da Cunha Gago, alcaide-mór e descobridor da prata em 1680, casou na villa de Mogy das Cruzes com D. Anna Portes d'El-Rei, em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 2.º Com geração.

3—2. Simão da Cunha de Miranda, casou com Catharina Portes d'El-Rei, em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 3.º Com geração.

3—3. Bartholomeu da Cunha Gago, capitão-mór explorador em 1680, casou com Maria Portes d'El-Rei, de quem temos tratado no cap. 5º § 1º n. 3—3 a n. 4—1. Em titulo de Portes d'El-Rei, cap. 4º. Com geração.

3—4. Francisco de Almeida, falleceu solteiro.

3—5. Miguel de Almeida e Cunha, casou em Taubaté com Maria Vieira da Maia, filha de Antonio Vieira da Maia, natural da villa de Guimarães, que falleceu em Taubaté a 15 de Outubro de 1674, e de sua segunda mulher Maria Cardoso Cabral, com quem casou em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1642 (Cart. de orph. de Taubaté, inv. A n. 51.) Neta paterna do capitão Pedro Vieira da Maia, e de sua mulher Beatriz Lopes. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—6. E pela parte materna neta de Manoel da Costa Cabral, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher Francisca Cardoso, natural da villa de Mogy das Cruzes. Em titulo de Vaz Goedes, cap. 5.º E teve nascidos em Taubaté tres filhos.

4—1. Francisca Vieira d'Almeida, casou com Antonio de Godoy Pires, natural e cidadão de S. Paulo, filho do capitão Francisco de Godoy Moreira, em titulo de Pires, cap. 6.<sup>a</sup> § 7.<sup>o</sup> E teve filho unico

5—1. Francisco de Godoy de Almeida Pires, natural de Taubaté, dos primeiros da governança d'esta republica, onde tem servido repetidas vezes de vereador, juiz ordinario e dos orphãos por eleição triennal. Casou primeira vez com D. Isidora Portes d'El-Rei; segunda vez com D. Francisca das Chagas, filha do sargento-mór Manoel Pinto Barbosa, e de sua mulher Andreza de Castilhos, sem geração. Existe viuvo em 1774. E teve do primeiro matrimonio tres filhos naturaes de Taubaté.

6—1. José de Godoy Rodrigues, que indo com o coronel Christovão Pereira de Abreu no serviço de el-rei falleceu no Rio-Grande do Sul, solteiro.

6—2. Miguel de Godoy de Almeida Pires, casou em Itú com Maria do Prado, filha de... do Prado.

6—3. Maria Vieira da Maia, casou em Taubaté com João de Godoy Moraes, natural de S. Paulo, filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua mulher D. Anna Maria Pedroso, irmã de Christovão da Cunha de Moraes. Em Cunhas Gagos, cap. 1.<sup>o</sup> § 4.<sup>o</sup> n. 3—7.

4—2. Lourença Vieira, falleceu solteira.

4—3. Miguel de Almeida e Cunha, descobridor do ouro do arrayal de Itaverava nas Minas-Geraes, em cuja diligencia o barbaro gentio o matou. Foi casado em S. Paulo com.... filha de Manoel de Camargo. Esta viuva casou segunda vez com Francisco Pinto do Rego, coronel de Mogy e Jacarehy, a quem matou Domingos Nunes Paes.

3—6. Diogo de Almeida, falleceu...

3—7. Maria de Almeida, foi casada com José Preto, (irmão de Gaspar Cardoso, de Francisco Preto, e de Paulo

Preto), natural de S. Paulo, onde falleceu em 1665; e sua mulher falleceu em Taubaté a 9 de Dezembro de 1700 (Orph. de Taubaté, inv. letra M. n. 8). Sem geração.

3—8. Martha de Miranda, falleceu em Taubaté com testamento a 14 de Abril de 1689, e foi casada com Francisco Cubas Preto (Ouvidoria de S. Paulo e residuo, o testamento de Martha de Miranda). E teve cinco filhos.

4—1. Martha de Miranda Antunes, mulher de João Corrêa da Veiga.

4—2. Maria de Miranda Antunes, mulher de Francisco Corrêa da Veiga; falleceu em 1725 (Orph. de Taubaté, inv. letra M. n. 30.) E teve

5—1. Maria da Estrella, mulher de Matheus Rodrigues do Prado.

5—2. Anastacia da Veiga, mulher de Francisco de Godoy.

5—3. Margarida Sobrinha, mulher de José Rodrigues do Prado.

5—4. Martha de Miranda Antunes.

4—3. Isabel de Miranda, mulher de Domingos do Prado Martins.

4—4. Francisco Cubas Preto.

4—5. Antonio da Cunha Gago, casou em Taubaté a 28 de Novembro de 1691 com Marianna do Prado, filha de Antonio do Prado Martins, e de sua mulher Maria da Costa.

3—9. Catharina de Onhatte, falleceu em Taubaté a 11 de Novembro de 1691: casou em vida de seus pais com Garcia Rodrigues Moniz, e ella foi natural de S. Paulo, assim como os filhos que teve.

4—1. Antonio Garcia da Cunha, falleceu em Taubaté com testamento a 10 de Março de 1732, e foi casado ao 1º de Novembro de 1688 em Taubaté com Maria Antunes Car-

doso. (Em tit. de Portes d'El-Rei, cap...) E teve naturaes de Taubaté doze filhos.

5—1. Francisco Portes.

5—2. Juliana de Oliveira, mulher de Antonio Raposo.

5—3. Catharina de Onhatte, mulher de Alvaro Soares.

5—4. Margarida Antunes, mulher de Manoel Moreira.

5—5. Angela da Motta, mulher de João Fernandes Sousa.

5—6. Francisca Cardoso, mulher de Gaspar Vaz.

5—7. Antonia Portes, mulher de João Barbosa.

5—8. Maria Portes, mulher de Guilherme Moreira, capitão em Taubaté em 1769.

5—9. João Garcia.

5—10. Martha.

5—11. Gertrudes.

5—12. Luzia, (Orph. de Taubaté, inv. A. n. 24.)

4—2. Garcia Rodrigues Moniz.

4—3. Miguel Garcia Rodrigues.

4—4. Martha de Miranda, casada com Domingos Vieira Cardoso, natural da villa de Santos, que falleceu em Taubaté em 1700 (Orph. de Taubaté, letra D. n. 23.), filho do capitão Antonio Vieira da Maia e de sua mulher Maria Cardoso. E teve treze filhos; em titulo de Vieiras Maias, em 13 §§.

3—10. Filippa de Almeida, casou em vida de seus pais com Francisco de Aguiar..

3—11. Sebastiana de Onhatte, natural de S. Paulo, falleceu em Taubaté com testamento a 24 de Outubro de 1702, casada em S. Paulo com Jorge Dias Velho, natural de S. Paulo, fundador da capella de Nossa Senhora da Ajuda no sitio de Caçapava, cuja construcção e ornamentos accusam a grandeza do seu fundador. E' de talha levantada, toda

dourada, e dentro de uma tribuna na capella-mór se vê collocada a imagem de S. Jorge, de perfeita construcção, vinda do reino, e está o santo a cavallo. A igreja é da vocação de Nossa Senhora da Ajuda. Este Jorge Velho foi irmão de Manoel Garcia Velho, que casou em Taubaté em 1688 com Maria Fragoso, filha do coronel Sebastião de Freitas e Maria Fragoso. O dito Jorge Dias Velho falleceu com testamento em Taubaté a 18 de Junho de 1727, e n'elle declarou ser natural de S. Paulo, e filho de Manoel Garcia Velho, e de Maria Nunes da Costa, e que casára primeira vez com Sebastiana de Onhatts (Ouv. de S. Paulo, residuo, testamento de Jorge Velho.) E teve seis filhos (Cart. da orph. de Taubaté, inv. letra J. n. 11.)

4—1. Antonio da Cunha Gago, falleceu a 31 de Março de 1749, foi casado com Margarida Antunes Cardoso (filha do capitão Thomé Portes d'El-Rei e Juliana de Oliveira) a 17 de Fevereiro de 1697 em a matriz de Taubaté. E teve

- 5—1. Thomé Portes da Cunha.
- 5—2. João Portes da Cunha.
- 5—3. Antonio da Cunha Portes.
- 5—4. Ignacio Rodrigues da Cunha.
- 5—5. Francisca.
- 5—6. Bernardino Portes.
- 5—7. Juliana de Oliveira Cunha.

4—2. Miguel Garcia Velho, sargento-mór, casado com Leonor Homem d'El-Rei, que são os pais de D. Isidora Portes d'El-Rei, mulher que foi de Francisco de Godoy de Almeida Pires, e do padre Francisco Homem d'El-Rei, clérigo. Em Portes d'El-Rei, cap. 1º § ....

4—3. Jorge Dias Velho, casou em Taubaté em 1709 com Rosa de Moraes, filha de João Sobrinho de Moraes, e de Maria Gonçalves.

4—4. O padre Manoel Rodrigues Velho, clérigo.

4—5. Maria Velha, mulher do capitão Antonio Cabral da Silva.

4—6. Martha de Miranda, surda e muda, casou em Taubaté em 1688 com João Barbosa, que já era viúvo na cidade de S. Paulo.

§ 3.º

2—3. Anna de Almeida, casou na matriz de S. Paulo a 21 de Novembro de 1632 com Henrique da Cunha Gago, em título de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—1. Falleceu Anna de Almeida a 30 de Agosto de 1680 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra A. n. 14.) E teve tres filhos:

3—1. Miguel de Almeida, foi casado com Maria Soares, moradora na villa de Itú.

3—2. Henrique da Cunha.

3—3. Maria de Freitas, casou com Antonio Soares, irmão de Maria Soares, supra, morador em Itú.

§ 4.º

2—4. Filippa de Almeida, foi casada com João da Cunha Lobo, que falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Setembro de 1681, filho de Henrique da Cunha Gago, e de sua mulher Maria de Freitas, em título de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—2; (Cart. de orph., maço 1º letra J. n. 45.) E teve oito filhos.

3—1. João, falleceu menino.

3—2. Henrique, falleceu menino.

3—3. Miguel de Almeida.

3—4. Maria de Freitas, mulher de Lourenço de Lemos.

3—5. Anna da Cunha, casou com Baptista Maciel, o



qual falleceu no anno de 1682. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1.<sup>o</sup> de inv. letra B. n. 45.) E teve quatro filhos.

4—1. João da Cunha.

4—2. Baptista Maciel.

4—3. Maria Maciel.

4—4. Domingas.

3—6. Isabel da Cunha, mulher de Miguel Fernandes.

3—7. Catharina de Almeida, falleceu no Atibaia com testamento a 20 de Março de 1725, e jaz na capella-mór do Atibaia (Test. no eccles. de S. Paulo, letra C. n. 1.) Foi casada com Sebastião Machado de Lima, que falleceu nas Minas-Geraes em 1720. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 2.<sup>o</sup> letra S. n. 3.) E teve.

4—1. Domingos Machado de Almeida.

4—2. Sebastião Machado de Lima.

4—3. Henrique da Cunha, que casando deixou tres filhos, Joanna, João e Catharina.

4—4. Maria de Lima, que casou com Antonio Raposo Barbosa.

4—5. João da Cunha Lima, falleceu solteiro.

3—8. Filippa de Almeida, ignoramos o estado, que teve.

### § 5.<sup>o</sup>

2—5. Ursula de Almeida, foi casada com Lourenço de Amores de Siqueira, natural da villa de Santos (irmão inteiro de Domingos de Amores, primeiro coronel que teve o regimento das ordenanças, que levantou em S. Paulo pelos annos de 1698, Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, que veio a S. Paulo por ordem régia (como temos tratado em tit. de Camargos, cap. 8.<sup>o</sup> § 3.<sup>o</sup> n. 3—10.) Falleceu Lourenço de Amores em S. Paulo com testamento a 18 de Julho de 1685, filho de

Domingos de Amores, e de sua mulher Antonia de Siqueira, (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra L. n. 19.) E teve sete filhos, nascidos em S. Paulo.

3—1. Antonia de Siqueira, casada em vida de seus pais com Manoel da Cunha Gago.

3—2. Maria do Prado, casada em vida de seus pais com Gervasio Lobo de Oliveira.

3—3. Ignacia de Siqueira, casada em vida de seus pais com Antonio Vieira da Maia. Em tit. de Vieiras Maías, capº 6º. Com geração.

3—4. Catharina de Almeida, mulher de Paulo Vieira da Maia, filho de Antonio Vieira da Maia natural de Guimarães de quem tratamos no § 2º n. 3—5 retro. Em tit. de Vaz Guedes, cap. 5º. E em tit. de Vieiras Maías, cap... Com geração.

3—5. Domingos de Amores de Almeida.

3—6. Martha de Miranda, foi casada com o afamado paulista o capitão João Pires de Brito, que falleceu em Taubaté sem geração e de quem tratamos no cap. 6º § 3º n. 3—3.

3—7. Victoria de Siqueira....

§ 6.º

2—6. Maria da Assumpção, foi beata com habito de S. Francisco e falleceu solteira.

§ 7.º

2—7. Salvador de Miranda, cidadão de S. Paulo, onde casou com Antonia Ribeira (estando viuva do seu primeiro marido Gaspar Vaz Guedes (que era natural da villa de Mogy das Cruzes) e falleceu com testamento a 22 de Dezembro de 1668, e sua mulher falleceu com testamento a 14 de Março de 1681 (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1º

de inv. letra S. n. 46. E letra A, maço 1° n. 3. E teve tres filhos nascidos em S. Paulo.

3—1. Miguel de Almeida.

3—2. Antonio de Almeida de Miranda, cidadão de S. Paulo, falleceu com testamento a 20 de Maio de 1672, e foi casado com Catharina Dias (irmã de Antonio Garcia) que falleceu em 1714; e casou segunda vez com Manoel Gonçalves Morgado, de quem teve dois filhos, Miguel Gonçalves, e Catharina Dias mulher de Francisco Rodrigues do Prado (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço de inv. ant. o de Catharina Dias.) E teve cinco filhos (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 3° de inv. letra A. n. 2°.)

4—1. Salvador de Miranda, casou em S. Paulo a 19 de Agosto de 1697 com Joanna de Camargo Pires. Em tit. de Pires, cap. 6° § 6° n. 3—5.

4—2. Antonio de Miranda, casou.

4—3. Manoel de Miranda, casou.

4—4. Antonio de Miranda, casou, e teve tres filhos, João de Miranda, Isabel Garcez, mulher de Paulo Ribeiro, e Maria Garcez, mulher de Manoel da Costa.

4—5. Joanna de Miranda, casou.

3—3. Maria Ribeira, casou com Belchior de Godoy. Em tit. de Godoys, cap. 1° § 4°. Com geração.

§ 8.º

2—8. Fr. Miguel, religioso franciscano da provincia do Rio de Janeiro.

§ 9.º

2—9. Diogo de Almeida, falleceu solteiro.

§ 10.

2—10. Antonio de Almeida, falleceu solteiro.

§ 11.

2—11. Francisco de Almeida, falleceu solteiro.

§ 12 último.

2—12. Anna, falleceu menina. Tudo consta do testamento e inventario de sua mãe Maria do Prado, etc.

CAPITULO VIII

1—8. Martim do Prado, conforme o que declarou no testamento com que falleceu em S. Paulo a 19 de Abril do 1616, casou duas vezes : primeira com Paula de Fontes em a villa de S. Vicente ; segunda com Antonia de Sobral, que falleceu com testamento a 18 de Abril de 1616 (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 3º de inv. letra M. n. 17 o inv. de Martim do Prado.) E teve do primeiro matrimonio filho unico : do segundo teve sete filhos, cuja naturalidade ignoramos.

PRIMEIRO MATRIMONIO.

Domingos do Prado... § 1.º

SEGUNDO MATRIMONIO.

Manoel do Prado..... § 2.º

Antonio do Prado..... § 3.º

Pedro do Prado..... § 4.º

João do Prado..... § 5.º

Maria do Prado..... § 6.º

Sebastiana do Prado... § 7.º

Helena do Prado..... § 8.º

Do segundo matrimonio procedem os Prados da cidade do Rio de Janeiro ; entre cujos descendentes foi Christovão Lopes Leitão, que foi morador na freguezia de Irajá, de Nossa Senhora da Penha, onde teve uma quinta com capella de vocação S. Christovão ; e foi pai de Francisco Viagas Leitão, o qual casando em Lisboa teve um filho frade

da ordem de Christo no convento de Thomar. O dito Christovão Lopes Leitão foi irmão de Fr. Christovão de Christo, que foi beneditino, e D. abbade no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro. Estes Prados são os mesmos Prados e parentes dos descendentes de Clara Martins, a qual era prima de João do Prado, como referimos no principio d'este título.

§ 1.º

2—1. Domingos do Prado, casou na matriz de S. Paulo duas vezes: primeira com Philippe Leme; segunda vez a 12 de Agosto de 1637 (estando seus pais moradores na villa de S. Vicente) com D. Violante de Gusmão, filha de Barnabé de Contreras e Leon, e de sua mulher D. Beatriz de Spinosa, natural de Santiago de Xerez da provincia de Paraguay, cidade da Assumpção. Esta D. Violante foi sobrinha direita de Gabriel Ponce de Leon, em cuja companhia veio a S. Paulo, e dito Ponce casou na villa de Parnahyba com D. Maria de Torales, natural da mesma villa, e filha do fundador e povoador d'ella, Balthazar Fernandes, e de sua mulher D. Maria de Zuniga, natural de villa Rica de Paraguay, que tinha vindo a S. Paulo com seu irmão Bartholoméo de Torales; e eram filhos do capitão Bartholoméo de Torales, e de sua mulher D. Violante de Zuniga. O tal Gabriel Ponce de Leon, que casou na Parnahyba, falleceu na mesma villa com testamento a 7 de Outubro de 1655 (que se acha nos autos do seu inventario no cartorio de orphãos de Parnahyba, letra G, n. 128), em que declarou ser natural da provincia de Paraguay da cidade Real de Guairá, filho do capitão Barnabé de Contreras, e de sua mulher D. Violante de Gusmão. (Em titulo de Ponces Torales, cap. 1.º e 2.º.)

Domingos do Prado teve do primeiro matrimonio cinco

filhos: do segundo teve filho unico. Tudo consta do testamento com que falleceu em 1 de Agosto de 1639. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra D, n. 23.)

Filhos do primeiro matrimonio

- 3—1. Braz Leme.
- 3—2. Antonia Leme.
- 3—3. Alonça do Prado, mulher de Domingos Lamim.
- 3—4. Leonor Leme.
- 3—5. Domingos.

Filhos do segundo matrimonio

- 3—6. Antonio.

§ 2.º

2—2. Manoel do Prado, sabemos que casou, como consta do inventario de seu pai, mas ignoramos com quem e se teve geração.

§ 3.º

2—3. Antonio do Prado, como consta do inventario dos bens de seu pai feito em 1616, que era morador na villa de Mogy das Cruzes. Não sabemos com quem casou, e sómente que do seu matrimonio procedem os Prados d'esta villa e foram seus filhos:

3—1. Salvador do Prado, natural de Mogy, que falleceu a 2 de Junho de 1686, casado com Isabel da Silva, tambem natural da villa de Mogy. (Cartorio de orphãos de Mogy, inventarios, letra S, n. 7.) E teve filha unica:

4—. Maria do Prado, casou com Francisco de Borja Xavier (nasceu no mar, e se baptizou na igreja matriz do Rio de Janeiro, para onde vinham seus pais Pedro de Barros

sargento-mór do regimento da artilheria d'aquelle presidio, e foi governador da fortaleza de S. João, e de sua mulher D. Josepha Rodrigues, ambos naturaes da villa de Gaya da cidade do Porto) de cujo matrimonio nasceram na villa de Mogy seis filhos:

5—1. Faustino Xavier do Prado. \* Quando o A. escreveu já era este padre conego da Sé de S. Paulo, depois de ter sido vigario em mais de uma igreja do bispado. O A. tinha tenção de augmentar a sua narração, e esperava talvez por noticias que tinha pedido ao mesmo conego, como consta de uma exposição avulsa dos seus ascendentes; no fim da qual consultava sobre algumas cousas, que foram decididas umas e outras não. O mesmo conego existe em S. Paulo n'este anno de 1795.

5—2. Angelo Xavier do Prado, em titulo de Rendonç. (Com geração.)

5—3. D. Anna Xavier de Jesus, mulher de Francisco Pedroso Navarro, filho de Estanisláo Corrêa de Moraes. (Em titulo de Moraes, cap. 4º, § 7.) Com dois filhos:

6—1. O padre Faustino Xavier de Moraes.

6—2. Anna Maria do Espirito Santo, casada com José Lopes de Oliveira. (Em titulo de Siqueiras.)

5—4. Pedro de Barros, que, estando noviço jesuita, foi demittido com 23 companheiros por ordem regia intimada pelo desembargador Cyriaco Antonio de Moura Tavares.

5—5. D. Sebastiana...., mulher de José de Candia de Abreu.

5—6. D. Josepha.... mulher de Ignacio de Moraes Sarmiento, natural de Carracido Monte-Negro, da provincia de Traz os Montes.

3—2. Manoel do Prado, falleceu em Mogy em 1660,



casado com Maria de Siqueira. (Orphãos de Mogy, letra M, n. 48.) E teve filha unica:

4— Catharina.

§§ 4º, 5º, 6º, 7º, 8º. ultimo.

2—4. Pedro do Prado, falleceu solteiro.

2—5. João do Prado, se foi morador da villa de Mogy, em tal certeza sabemos que casou com Catharina Vaz, e que foi sua filha Antonia do Prado, que na matriz de Mogy casou com Antonio Delgado, filho de Francisco Delgado, e de sua mulher Maria Pedroso.

2—6. Maria do Prado...

2—7. Sebastiana do Prado...

2—8. Helena do Prado, casou, como consta do testamento e inventario de seu pai, e ignoramos com quem.

#### CAPITULO IX

1—9. Pedro do Prado, foi nobre cidadão de S. Paulo, e serviu os cargos de sua republica; foi casado com Antonia Leme, filha de Matheus Leme, e de sua mulher Antonia de Chaves. (Em titulo de Lemes, cap. 2º, § 4º.) Antonia Lemes falleceu com testamento em S. Paulo a 23 de Dezembro de 1682. (Cartorio de orphãos, maço 1º de inventarios, letra A, n. 31.) E teve nascidos em S. Paulo oito filhos, que se acham no dito titulo de Lemes, e no § 4º do cap. 2º acima indicado.

#### CAPITULO X E XI ULTIMO

1—10. Anna Maria do Prado, falleceu solteira.

1—11. Clara, falleceu solteira.

(Continúa.)

## NOBILIARCHIA PAULISTANA

### GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada da pag. 185, do tomo XXXIII parte segunda)

---

#### COSTAS CABRAES

A nobre familia dos Costas Cabraes procede da Ilha de São Miguel e Santa Maria, e São Romeiros e Arradas Costas. O progenitor na capitania de São Paulo foi Manoel da Costa Cabral, natural da ilha de Santa Maria, e parente do Exm. Rmo. Bispo D. Francisco de S. Hyeronimo, que tambem era Cabral Velho Mello, Romeiro, e Andrade. Da nobilissima familia dos Cabraes e Costas Arrudas trata o reverendo Dr. Gaspar Fructuoso no seu *Nobiliario*, manuscripto, livro 3.º, cap. 3.º; e muito melhor, o padre Cordeiro no livro *Historia Insulana*, impresso em Lisboa em 1717. Vide o que relatamos em titulo de Bicudos, cap. 1.º § 1.º n. 3.—2. Veio para S. Paulo Manoel da Costa Cabral, e casou na villa de Mogy das Cruzes com Francisca Cardoso, filha de Gaspar Vaz Guedes, e de sua mulher Francisca Cardoso: neta de Antonio Vaz Guedes natural de Mezamfrio, e de sua mulher Margarida Corrêa, moradores, que foram na capitania do Espirito-Santo onde falleceram. Em titulo de Vas Guedes, que temos escripto. E pela parte materna, neta de Braz Cardoso, natural de Mezamfrio, fundador da villa de Mogy das Cruzes onde era morador dito Cabral em 1618, em que lhe concederam de sesmaria terras na serra do Tapity defronte da dita villa. (Cart. da Provedoria da Faz. R. reg. de Sesm. n. 3.º 1618, pag. 3.º)

Depois de povoada a villa de Taibaté (*sic*) (foi acclamada em villa em 26 de Dezembro de 1645) pelo seu primeiro fundador e conquistador o capitão-mór Jacques Felix, que de São Paulo passou a penetrar este sertão pelos annos de 1636, conquistando os indios da nação *Puris* e *Geromimis*, que o habitavam (desinfestadas aquellas terras, para as povoaem sahio muita nobreza de São Paulo já pelos annos pe 1639) se passou a ser morador d'esta villa dito Manoel da Costa Cabral com sua mulher Francisca Cardoso. Alli teve respeito e veneração igual aos merecimentos de sua qualidade, que foi bem conhecida como estimada: e sempre teve as redeas do governo civil d'esta republica, que se diffundi pelos seus descendentes sem quebra de respeito e veneração. Falleceu em Taibaté Manoel da Costa Cabral em 3 de Abril de 1659, estando já casado segunda vez com Maria Vaz de quem teve um filho chamado Belchior. Sem geração. E sua primeira mulher Francisca Cardoso tinha fallecido a 26 de Novembro de 1654 (Cart. de Orph. de Taib. Inv. letr. F. n. 3, o de Francisca Cardoso e letr. M. n. 80, o de Manoel da Costa Cabral). E teve oito filhos, como consta dos testamentos que se acham nos autos dos inventarios referidos; e ignoramos a naturalidade d'estes filhos, que alguns nasceram em Mogy, e outros em S. Paulo, onde tinham sido moradores antes de se passarem para o villa de Taibaté. (\* O A. diz depois como accrescimo que esses oito filhos nasceram em S. Paulo.

Manoel da Costa Cabral.....	Cap. 1.º
Maria Cardoso.....	Cap. 2.º
Domingos Velho Cabral.....	Cap. 3.º
João de Arruda.....	Cap. 4.º
Francisca Romeiro Velho Cabral.....	Cap. 5.º
Gaspar Velho Cabral.....	Cap. 6.º
Lourenço Velho Cabral.....	Cap. 7.º
Anna Cabral.....	Cap. 8.º

CAPITULO I

Manoel da Costa Cabral, nasceu em S. Paulo e foi verdadeiro imitador de seu nobre pai, desempenhando em tudo o nome e appellidos, que tomou. Foi da republica de Taibaté um grande cidadão, sem ser natural d'ella. Viveu abundantemente e potentado, sem perder as moraes virtudes, de que soube ornar o caracter de pai da patria. Casou com Anna Ribeiro de Alvarenga, natural de S. Paulo, filha de Francisco Bieudo de Brito, e de sua mulher Thomazia de Alvarenga, ambos de S. Paulo. Em titulo de Alvarengas, cap. 3.º § 9. Anna Ribeiro falleceu em Taibaté a 30 de Junho de 1716. E seu marido Manoel da Costa falleceu a 8 de Abril de 1709 (Orph. de Taib. Inv. letr. M. e letr. A. n. 28: e Resid. da ouv. de S. Paulo, maço de testamentos, n. 29, o de Manoel da Costa Cabral.) E teve sete filhos.

Sebastião de Arruda Cabral.....	§ 1.º
Francisco de Arruda.....	§ 2.º
Victorio de Arruda.....	§ 3.º
João de Arruda.....	§ 4.º
Francisco de Arruda.....	§ 5.º
Anna Maria Cabral.....	§ 6.º
José de Arruda.....	§ 7.º

§ 1º

2—1. Sebastião de Arruda Cabral, falleceu em Taibaté a 18 de Março de 1703, natural da mesma villa, casado com Anna Moreira (Orph. de Taib. inv. letra S. n. 17). E teve quatro filhos. (\* O A. pôz junto ao nome d'este Sebastião de Arruda supra, que teve filho unico 3—1: Francisco de Arruda casado primeira vez com Leonor do Prado. Sem geração, segunda vez com Joanna Nardy de Arzão. Em titulo de Arzão, cap. 1º § 2º n. 3—6: Mas como tambem pôz diferente successão, isto é quatro filhos, segui esta ultima de-

claração por ser feita no lugar competente, como aqui vai. Estes §§ foram riscados, e emendados varias vezes). Os quatro filhos foram

- 3—1. Francisco.
- 3—2. Manoel.
- 3—3. José.
- 3—4. Salvador.

§§ 2º e 3º

2—2. Francisco de Arruda.

2—3. Victorio de Arruda Cabral, casou com Anna Cabral, como consta do inventario de seu pai Manoel da Costa Cabral, supra citado.

§ 4º

2—4. João de Arruda Cabral, falleceu em Taibaté de d'onde era natural, a 15 de Junho de 1726, casado com Andreza de Castilhos. Em titulo de Moreira de Castilhos. (Orph. de Taibaté, inventarios, let. J. n. 50). E teve onze filhos.

- 3—1. Mecia.
- 3—2. Manoel.
- 3—3. Anna.
- 3—4. Maria.
- 3—5. Francisco.
- 3—6. João.
- 3—7. Arnaldo.
- 3—8. Rosa.
- 3—9. Escholastica.
- 3—10. Maria.
- 3—11. Antonio.

§ 5º

2—5. Francisca de Arruda Cabral, casou com o capitão Pedro Leme do Prado. E teve, de que descobrimos documentos, os filhos seguintes:

- 3—1. Anna Ribeira Leme.
- 3—2. Thomazia Ribeira.
- 3—3. Manoel da Costa Cabral.
- 3—4. Beatriz Barbosa.
- 3—5. João de Arruda Leme.
- 3—6. Francisco Barreto.
- 3—7. Manoel da Costa Cabral.

3—1. Anna Ribeira Leme, casou na matriz de Taibaté a 30 de Agosto de 1699 com Manoel Rodrigues Moreira, filho de Manoel Rodrigues Moreira e de sua mulher Maria Bicudo.

3—2. Thomazia Ribeira casou na matriz de Taibaté a 30 de Setembro de 1713 com Manoel Nunes, filho de Gabriel Nunes e de sua mulher Isabel Pedroso, todos naturaes de Taibaté. E teve a filha 4—1 : Francisca de Arruda Cabral, que na mesma villa casou a 21 de Maio de 1729 com Carlos Paes da Fonseca, filho de Manoel Paes da Fonseca e de sua mulher Joanna do Prado de Siqueira.

3—3. Manoel da Costa Cabral, casou na matriz de Taibaté a 20 de Junho de 1716 com Eugenia Pedroso, filha de Pantaleão Pedroso de Toledo e de sua mulher Antonia da Rosa. Em titulo de Toledos, cap. 3º § 6º. A dita Eugenia Pedroso falleceu em Taibaté, onde se lhe fez inventario dos seus bens a 20 de Setembro de 1727. ( Orph. de Taibaté, inv. letra E. n. 3º, o de Eugenia Pedroso). E teve

- 4—1. Anna.
- 4—2. Antonia.
- 4—3. Josepha.
- 4—4. Ursula.

3—4. Beatriz Barbosa, casou na matriz de Taibaté a 6 de Fevereiro de 1718 com Manoel Nunes Gusmão, natural da villa de Paraty, filho de Matheus Nunes da Costa e de sua mulher D. Anna Zoria.

3—5. João de Arruda Leme, casou na matriz de Taibaté a 8 de Setembro de 1728 com Anna Moreira, filha de Manoel Ferreira de Castilhos, e de sua mulher Helena Rodrigues.

3—6. Francisco Barreto, casou na matriz de Taibaté a 8 de Janeiro de 1730 com Rosa Maria, filha de Miguel Garcia da Cunha e de sua mulher Maria de Gusmão.

3—7. Manoel da Costa Cabral, casou na matriz de Taibaté a 28 de Julho de 1727 com Suzana de Gusmão, filha de Manoel de Figueiredo e de sua mulher Catharina de Freitas.

§ 6º

2—6. Anna Maria Cabral, foi casada com Diogo Barbosa Rego, natural de S. Paulo, filho de Diogo Barbosa Rego, que falleceu em Guaratinguetá a 23 de Agosto de 1661, e de sua mulher Branca Raposo, ambos de S. Paulo. (Orph. de Guaratinguetá, inv. letra D. n. 1). Em titulo de Raposos Bocarros, cap.... Em Taibaté falleceu Diogo Barbosa Rego, marido de Anna Maria Cabral, a 13 de Novembro de 1747. (Orph. de Taibaté, inv. letra D. n. 17). E teve sete filhos.

3—1. Claudio Barbosa, casou na matriz de Taibaté a 14 de Maio de 1725 com Anna Maria Pedroso, filha de Gaspar Corrêa e de sua mulher Anna Pedroso de Moraes.

3—2. Diogo Barbosa, casou.

3—3. Antonio.

3—4. Francisco.

3—5. Quiteria.

3—6. Maria.



3-7. José da Silva, casou na matriz de Taibaté a 14 de Maio de 1723 com Catharina Pedroso de Moraes, filha de Gaspar Corrêa e de Anna Pedroso de Moraes.

§ 7º ultimo

2-7. José de Arruda, falleceu solteiro na Bahia, para onde foi em serviço de el-rei com seu tio Gaspar Velho Cabral, com o governador Estevão Ribeiro Baião Parente; cujo pé de exercito sabiu de S. Paulo em 1671, como temos historiado em titulo de Camargos, cap. 8º §.... tratando do capitão-mór João Amaro Maciel Parente.

CAPITULO II

Maria Cardoso, casou com o capitão Antonio Vieira da Maia. Em titulo de Vieiras Maías, com toda a sua descendencia.

CAPITULO III

Domingos Velho Cabral, falleceu em Guaratinguetá sem testamento; e se lhe fez inventario dos bens em 1662, e foi casado com Anna Leme da Silva. (Cart. de orph. de Guaratinguetá, inv. letra D. n. 2, o de Domingos Velho Cabral). E teve quatro filhos.

§ 1.º Domingos.

§ 2.º Antonio.

§ 3.º João Cabral da Silva, casou na matriz de Taibaté ao 1º de Fevereiro de 1693 com Maria da Veiga, filha de Antonio Corrêa da Veiga e de sua mulher Anna de Siqueira.

§ 4.º Maria.

CAPITULO IV

João de Arruda Cabral.

# CAPITULO V

Francisca Romeira Velho Cabral, natural de S. Paulo, casou com Antonio Bicudo Leme, denominado o Viasacra, irmão do alcaide-mór Braz Esteves Leme naturaes de S. Paulo. Em titulo de Bicudos, cap. 1º § 1º n. 3—2; (\* Onde se acha largamente descripto as qualidades d'este Antonio Bicudo Leme). E teve oito filhos :

Margarida Bicudo Romeira.....	§ 1º
Maria Bicudo Cabral.....	§ 2º
D. Francisca Romeira Velho Cabral .....	§ 3º
D. Helena do Prado Cabral .....	§ 4º
Isabel Bicudo.....	§ 5º
Fr. Seraphino de Santa Rosa.....	§ 6º
Antonio Bicudo de Brito.....	§ 7º
Manoel da Costa Leme.....	§ 8º

## § 1º

2—1. Margarida Bicudo Romeira, casou com Domingos Gil de Siqueira, natural de S. Paulo, fallecido em Taibaté a 6 de Julho de 1694, filho de Pedro Gil e de sua mulher Violante de Siqueira, ambos de S. Paulo. (Orph. de Taibaté, inv. letra D. n. 8). Em titulo de Dias Tevericás, cap. 3º § 8º n. 3—3; falleceu Margarida Bicudo em Taibaté em 1732: sendo já fallecido seu marido Domingos Gil. (Orph. de Taibaté, inv. letra M. n. 10). E teve sete filhos naturaes de Taibaté.

3—1. O padre Antonio Bicudo de Siqueira, clérigo que se habilitou de *genere* em 1707, cujos autos existem na camara episcopal de S. Paulo, maço 1º letra A. Foi visitador, vigario da igreja de Taibaté, de Pindamonhangava, de Guaratinguetá e do Caeté em Minas-Geraes.

3—2. O capitão Ignacio Bicudo de Siqueira, casou com Bernarda Rodrigues da Silva, filha de Domingos do

Prado da Costa, e de sua mulher Isabel Rodrigues do Prado. Em titulo de Prados, cap. 6.º

3—3. Francisca Romeira de Siqueira, casou com Manoel Pereira Villanova.

3—4. Violante de Siqueira Leme, natural de Pindamonhangava, falleceu no 1º de Outubro de 1756. (Orph. de Taibaté, inv. letra V. n. 7), e foi casada com Pantaleão Ferreira de Mendonça, natural da villa de Sorocaba, e falleceu em Taibaté a 22 de Setembro de 1761; filho de Julião Ferreira e de sua mulher Maria Bicudo (Orph. de Taibaté, letra P. n. 25). Este Pantaleão Ferreira era viuvo de sua primeira mulher Maria de Abreu, quando casou com Violante de Siqueira Leme. E teve tres filhos

4—1. Domingos Ferreira, que foi pai de Escholastica de..... mulher de Lucas de Freitas Fagundes.

4—2. Margarida Bicudo, mulher de Thomé Portes d'El-Rei em Taibaté a 18 de Junho de 1724, filho de Antonio da Cunha Gago e de sua mulher Martha de Miranda: em titulo de Portes d'El-Rei, cap.....

4—3. Maria da Conceição, mulher do capitão Francisco Vieira de Toledo, viuvo de Anna Fróes Corrêa, e casou em Taibaté a 5 de Fevereiro de 1731 com dita D. Maria da Conceição.

3—5. Maria Bicudo de Siqueira, casou com Estevão Mendes de Oliveira.

3—6. Margarida Bicudo, casou a 23 de Maio de 1721 com Manoel de Magalhães da Fonseca, natural da freguezia de Ferreira de Tendaes do bispado de Lamego, filho de Lourenço Corrêa Botelho e de sua mulher Marianna da Silva Magalhães. Este dito Manoel de Magalhães era sobrinho direito de João Corrêa de Magalhães e de Pedro da Fonseca Magalhães, dos quaes tratamos no § 2º infra n. 3—3 o 3—4.

3—7. Salvador Bicudo de Siqueira, casou com Theodosia Peres de Gusmão.

§ 2º

2—2. Maria Bicudo Cabral, foi casada com o capitão Sebastião de Siqueira Gil, filho de Pedro Gil e de sua mulher Violante de Siqueira, os mesmos de quem tratamos aqui no n. 3—1. E teve oito filhos naturaes de Taibaté.

3—4. Salvador de Siqueira Leme, casou com D. Joana de Toledo : com geração. Em título de Toledos, cap. 3º § 13.

3—2. Francisco de Siqueira Gil, falleceu nas minas de Santa Cruz do caminho de Goyazes. Casou com Anna Ribeira.

3—3. José de Siqueira. Casou com Maria do Pillar; foram de morada para o caminho de Goyazes.

3—4. Maria Bicudo de Siqueira, casou com Manoel da Silva Salgado.

3—5. Francisca Romeira, casou com Fernando Munhoz Garcia, filho de Manoel Garcia da Cunha, e de sua mulher Margarida Gago Bicudo. Em título de Munhoz, cap. 1.º § 7.º

3—6. Clara Bicudo de Siqueira, casou com Antonio de Siqueira Garcia, irmão de Fernando Munhoz Garcia.

3—7. Maria Bicuda da Conceição, casou com Gaspar Tavares.

3—8 Violante de Siqueira, casou com Domingos Fragoso, natural de Pindamonhangava, onde falleceu com testamento a 28 de Agosto de 1726 ( sendo primeira vez casada com Maria Ramos), filho de Gaspar de Campos Fragoso e de sua mulher Isabel de Freitas ( Ouv.de S. Paulo, testamento de Domingos Fragoso ). E teve só dois filhos.

4—1 Boaventura.

4—2 Sebastião.

§ 3°

2—3. D. Francisca Romeira Velho Cabral, casou em 1683 com João Corrêa Magalhães e Vasconcellos, natural do concelho de Tendaes da comarca de Lamego, da casa e morgado de Sifaens, filho de Lourenço da Silva e de sua mulher Beatriz Corrêa; das principaes familias de Lamego. Neto pela parte paterna da casa e senhor do morgado de Sifaens, do qual era senhor Manoel de Vasconcellos Pereira: (\*Isto não leva aquella ordem com que costumava escrever o A. por ser acrescentamentos e emendas). E pela materna neto de Pedro Fernandes Ruivo, e de sua mulher Leonor Corrêa. O referido consta da justificação que fizeram em Tendaes pelos annos de 1684 os dois irmãos ditos João Corrêa de Magalhães e Pedro da Fonseca Magalhães Maldonado; e foi Juiz da Inquisição Francisco de Resende, e escrivão Domingos de Resende Rego, tabellião do judicial e notas do concelho de Tendaes. Acha-se este instrumento registrado na camara de S. Vicente, no livro de registros que principia em 1684, e acaba em 1702 a fl.31, no qual se mostra a qualificada nobreza d'estes dois irmãos por seus paes e avós paternos e maternos. E teve seis filhos naturaes do Pindamonhangava.

2—1. O Padre Lourenço de Magalhães.

2—2. Antonio da Fonseca.

3—3. José da Silva Magalhães, casou com D. Escholastica Forquim, no arraial dos Forquins, irmã direita de D. Maria Forquim, que foi mulher do capitão-mór João Amaro Maciel Parente, senhor donatario da villa de Santo Antonio da conquista do rio Peroassu no sertão dos *Maracaz* da cidade da Bahia, que elle a vendeu ao coronel Manoel de Araujo de Aragão, como temos narrado em titulo de Camargos, cap. 8.º § 3.º n. 3—9. Foi D. Escholastica Forquim filha do

capitão Antonio Forquim da Luz. Em titulo de Forquins, cap. 1.º § 5.º n. 3—8.

3—4. Francisco Pereira Corrêa de Magalhães.

3—5. D. Francisca Romeira da Silva de Magalhães, casou em Pindamonhangava com Bernardo de Campos Bicudo. Em titulo de Campos, cap. 6º com sua descendencia.

3—6. D. Maria da Silva de Magalhães, casou em Pindamonhangava com o coronel Faustino Pereira da Silva, que se passou a viver nas Geraes, e se estabeleceu no seu engenho de Jesus Maria José, do Rio das Velhas abaixo, comarca do Sabará, onde falleceu a 20 de Janeiro de 1766, natural da villa de Vianna do Minho, irmão direito de Fernando Pereira de Castro, que acabou ajudante de infantaria do presidio e praça da villa de Santos, estando casado n'ella com D. Anna Tavares Cabral: sem geração. Filhos de...

E teve nascidos nas Geraes.

4—1. O Dr. de capello e desembargador Antonio Pereira da Silva, que falleceu na India.

4—2. O Dr. Salvador Pereira da Silva, que, tendo acabado de juiz de fóra em Penella, antes de se lhe tirar residencia do lugar foi despachado para ouvidor geral e corregedor da comarca de S. Paulo, em cuja camara tomou posse em Setembro de 1765 e reside até agora Novembro de 1771.

4—3. O padre Pedro Pereira da Silva, clérigo de S. Pedro, formado em Coimbra, vigario da Roça Grande.

4—4. Fernando Pereira da Silva, capitão da cavallaria auxiliar de Villa Rica. Solteiro.

4—5. Felix Pereira da Silva, tenente da companhia da nobreza auxiliar da villa do Caeté, casou com...

4—6. João Pereira da Silva, solteiro.

4—7. Fructuoso Pereira da Silva, falleceu solteiro.

4—8. D. Maria Pereira Maldonado, casou no sobredito

engenho de seu pai com Francisco Ferreira Velho, natural da Ilha Terceira, que foi alferes pago do presidio da Bahia, cidadão de Villa Rica, onde foi juiz ordinario. Existe em 1771 na sua fazenda do mesmo sitio de Jesus Maria José. E teve oito filhos.

5—1. D. Victoria Pereira de Magalhães, nasceu em Villa Rica e casou em a freguezia da Roça Grande com Manoel Gomes Pereira Jardim, natural da freguezia de Raposo.

5—2. D. Anna Pereira da Silva, nasceu em Villa Rica, solteira, em 1771.

5—3. D. Antonia Maria de Jesus. Recolhida no convento das Macaúbas.

5—4. D. Joanna Pereira da Silva, casou na freguezia da Roça Grande com Alexandre Pereira Montes (1).

5—5. Francisco Ferreira, solteiro.

5—6. Filippe Ferreira da Silva, solteiro.

5—7. Marianno Ferreira da Silva, segue o real serviço em praça de dragão.

5—8. Manoel Antonio Ferreira da Silva, segue estudos.

4—9. Francisca Pereira Maldonado, casou com Bento Barbosa da Silva, natural do Rio de Janeiro.

4—10. D. Ignacia Pereira da Silva, casou com José Martins de Araujo. E teve oito filhos nascidos em Paracatu.

5—1. João Martins de Araujo.

5—2. Antonio Martins de Araujo.

5—3. Salvador.

5—4. José.

5—5. D.....casada com Antonio Machado da Fonseca Velho, sobrinho direito de Francisco Ferreira Velho, acima n. 4—8; excellente grammatico.

(1) Os n. 5—4 a 5—8, nascidos na Roça Grande.



- 4—11. D. Thomazia .....Solteira.  
4—12. D. Theresa Maria de Jesus..Solteira.  
4—13. D. Marianna.....Solteira.  
4—14. D. Joanna.....Solteira.

§ 4°

2—4. D. Helena do Prado Cabral, casou em Pindamonhangava com Pedro da Fonseca Magalhães, irmão direito de João Corrêa Magalhães do § 3°. E teve

3—1. Pedro da Fonseca Magalhães, que casou em S. Paulo com D. .... de Serqueira Leite.

3—2. D. Francisca Romeira Velho Cabral, casou duas vezes; primeira com Manoel Pereira de Castro e Silva natural de Vianna, irmão do coronel Faustino Pereira da Silva retro no § 3°; segunda vez casou com o coronel Hyeronimo Pedroso de Barros, natural de S. Paulo : em título de Mesquitas, cap.... § 11.

§ 5°

2—5. Isabel Bicudo, casou com Domingos de Sousa.

§ 6.°

2—6. Frei Seraphino de Santa Rosa, franciscano (chamado Braz no seculo) da provincia da Conceição do Rio de Janeiro, o qual foi provincial e visitador geral, e acabou defnidor actual da mesma provincia, e falleceu no convento do Rio, onde o seu grande nome será sempre saudosamente lembrado.

§ 7°

2—7. Antonio Bicudo de Brito, foi sargento-mór nas Minas-Geraes, e casou com Marianna de Camargo. Em título de Camargos.

§ 8º

2—8. Manoel da Costa Leme, foi desempenho glorioso de seus nobres ascendentes pelas moraes virtudes de que se ornou. Teve um respeito igual aos seus grandes merecimentos, e sempre o primeiro voto nas materias da republica, tanto na villa de Taibaté, como depois na de Pindamonhangava, que elle foi o que, com grandes cabedaes, concorreu para esta erecção, e obteve da real clemencia do Sr. D. João o 5º a approvação, sem embargo de se ter acclamado a dita villa sem ordem sua, e só por ambição do desembargador João Saraiva de Carvalho, segundo ouvidor geral e corregedor de S. Paulo, que recebeu bons mil cruzados para acclamar villa o lugar e capella de Pindamonhangava, onde a maior parte da nobreza de Taibaté e S. Paulo se achava estabelecida; sendo n'aquelle tempo o dito Manoel da Costa Leme o mais potentado e venerado de todos. Casou na matriz de S. Paulo a 13 de Abril de 1693, com D. Maria Domingues, filha de João Paes Domingues e de sua mulher D. Custodia Dias. Em titulo de Betim, cap.... E teve dois filhos

3—1. João Paes Domingues, casou em Taibaté a 20 de Janeiro de 1725 com Isabel Pedroso, filha do padre Felix Sanches Barreto e de sua mulher (antes de sacerdote) .....Pedroso, natural de S. Paulo : em titulo de Prados, cap. 1º § 8º n. 3—2 a n. 4—1, e seg.

3—2. D. Francisca Romeira Velho, casou com Antonio da Cunha Portes d'El-Rei, tenente-coronel das ordenanças de Pindamonhangava e Taibaté. Em titulo de Portes d'El-Rei, cap....

CAPITULO VI

Gaspar Velho Cabral, sabendo avaliar a honra que têm os vassallos, que sem soldo se empregam no real serviço,

foi um dos paulistas, que teve o merecimento de ir a conquista dos barbaros indios do sertão da Bahia no soccorro que sahiu de S. Paulo em 1671, sendo governador d'esta leva Estevão Ribeiro Baião Parente, como narramos em titulo de Camargos, cap. 8º § 3º n. 3—9. Na Bahia falleceu Gaspar Velho Cabral, solteiro.

#### CAPITULO VII

Lourenço Velho Cabral, natural de Mogy. Parece que casou com Maria dos Reis Freire, natural de Guaratinguetá, de cujo matrimonio foi filho, natural de dito Guaratinguetá.

##### § 2º

Lourenço Velho Cabral, que casou na Atibaya com Marianna de Camargo, filha de Sebastião Preto Cubas e de sua mulher Leonor Domingues de Camargo naturaes de S. Paulo, de cujo matrimonio nasceu na Conceição dos Guaralhos

3—1. O padre João Velho Cabral, que se habilitou de *genere* em 1729 (Camara episcopal de S. Paulo).

#### CAPITULO VIII

1—8. Anna Cabral, casou na matriz de S. Paulo a 11 de Novembro de 1638 com Domingos Luiz Leme, filho de Antonio Lourenço e de Marianna de Chaves: em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 1º. Este Domingos Luiz Leme se estabeleceu em Guaratinguetá, de cuja villa foi elle um dos seus fundadores e povoadores. N'esta villa falleceu Domingos Luiz a 19 de Abril de 1674 com testamento estando casado segunda vez com Leocadia de Vasconcellos. E teve do primeiro matrimonio sete filhos. (Orph. de Guaratinguetá, inv. letra D. n. 4, o de Domingos Luiz Leme).

Anna Cabral.... § 1.º (\*)

(\*) Não tem mais no titulo original onde foi acrescentado depois este cap. 8º.

### MESQUITAS

(\* Este titulo foi escripto por outra letra e emendado pelo do A. E não deve ser um titulo separado, mas sim comprehendêr-se no de Barros, pois que, não procreando mais que uma filha Domingos Rodrigues Mesquita, e casando-se esta com Pedro Vaz de Barros, deve seguir-se a successão d'este no dito titulo de Barros: além de que este de Mesquitas ficou imperfeito, etc.)

O nobre appellido de Mesquita teve origem em Domingos Rodrigues de Mesquita, natural da Torre de Moncorvo, de d'onde veio para S. Paulo, filho de Jorge Rodrigues, e de sua mulher Beatriz Fernandes de Mesquita. Casou na matriz de S. Paulo aos 20 de Janeiro de 1636, com D. Maria Leite, estando viuva do seu primeiro marido Diniz Cardoso, e foi irmã inteira de Fernando Dias Paes, governador das minas das Esmeraldas. Em titulo de Lemes, cap. 5º §. E teve de seu matrimonio uma filha unica:

D. Maria Leite de Mesquita.

#### CAPITULO § unico

D. Maria Leite de Mesquita, foi casada com Pedro Vaz de Barros, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 22 de Março de 1693, filho de Antonio Pedroso de Barros e de sua mulher Maria Pires: em titulo de Barros Pedrosos, cap. 2º. (Vide este cavalheiro Pedro Vaz de Barros na *Vida do Padre Belchior de Pontes*, cap. 22 pag. 126 quem foi). Do matrimonio de D. Maria Leite de Mesquita nasceram em S. Paulo, 16 filhos:

D. Beatriz de Barros.....	§ 1º
D. Luzia Leme.....	§ 2º
D. Isabel Paes.....	§ 3º
D. Lucrecia Leme.....	§ 4º
D. Maria Pires.....	§ 5º

D. Maria Leite Pedroso.....	§ 6°
Domingos Rodrigues.....	§ 7°
Antonio Pedroso de Barros..	§ 8°
João Leite de Barros.....	§ 9°
Valentim Pedroso de Barros.	§ 10
Hyeronimo Pedroso de Barros.	§ 11
José de Barros.....	§ 12, casou com Anna de Campos: em titulo de Campos, cap. 8° § 5°
Pedro Vaz de Barros.....	§ 13, casou com Gertrudes de Arruda. Em titulo de Arrudas, cap. 2° § 5° Com geração.
Francisco.....	§ 14
Manoel Pedroso de Barros...	§ 15 solteiro.
O padre Euzebio Pedroso de Barros.....	§ 16

§ 1°

2—1. D. Beatriz de Barros, foi casada com Manoel Corrêa Penteado. Em titulo de Penteados, cap. 4°, com sua descendencia.

§ 2°

2—2. D. Luzia Leme de Barros, foi casada com Paschoal Leite Penteado. Em titulo de Penteados, cap 5°, com sua descendencia.

§ 3°

2—3. D. Isabel Paes, que foi casada com João Corrêa Penteado. Em titulo de Penteados, cap. 6°, com sua descendencia.

§ 4°

2—4. D. Lucrecia Leme, que foi casada com José Corrêa Penteado. Em titulo de Penteados, cap. 7°.

§ 5°

2—5. D. Maria Pires, que na matriz de S. Paulo aos 26 de Janeiro de 1698 foi casada com Rodrigo Bicudo Chassim. Em titulo de Chassim, cap. 3°, com sua descendencia.

§ 6º

2—6. D. Maria Leite Pedroso, que na matriz de S. Paulo em 2 de Março de 1705 casou com Gaspar Corrêa Leite, filho de Paschoal Leite de Miranda e de sua mulher D. Anna Ribeira. Em titulo de Mirandas, cap. 3º § 3º.

§ 7º

2—7. Domingos Rodrigues.....

§ 8º

2—8. Antonio Pedroso de Barros, casou com D. Anna Ribeiro Leite. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 6º n. 3—2. Com geração: teve filha unica

3—1. D. Potencia Leite Sabuvú, que foi casada com o sargento-mór Bento de Toledo Castelhanos, irmão inteiro do padre mestre Francisco de Toledo.

§ 9º

2—9. João Leite de Barros, que na matriz de S. Paulo em o 1.º de Junho de 1697 casou com Anna Lopes Moreira, filha de Gaspar de Godoy Collaço, e de sua mulher Sebastiana Ribeiro de Moraes. Em titulo de Moraes, cap 3º § 6º com sua descendencia. Em titulo de Godoy, cap. 4º § 10.

§ 10

2—10. Valentim Pedroso de Barros, cujo nome não extinguirá o tempo enquanto durar a villa de Pitangui das Minas Geraes, por ter sido ella o theatro, em que este cavalheiro deu acreditadas mostras do seu grande valor; porque, tendo a espada na mão, com ella fez frente a um numerozo tumulto, que formou a paixão ingrata de um cunhado seu, irmão da propria mulher, e para acabarem a vida de Valentim Pedroso lhe dispararam quasi ao mesmo tempo varios bacamartes. Este desgraçado fim deixou sem

geração ao dito Valentim Pedroso, que se achava casado com D. Escholastica Forquim, filha de Antonio Forquim da Luz e de sua mulher.....Pedrosa.Em titulo de Forquim.

§ 11

2—11. Hyeronimo Pedroso de Barros, que falleceu em S. Paulo em 1759. Foi um dos cavalheiros paulistas do maior respeito e opulencia de cabedae, que houve nas Minas Geraes. Com elle teve origem o desafio com Manoel Nunes Vianna, principio do levantamento das Minas no fim do anno de 1708. Nas mesmas Minas teve grandes estimações do conde de Assumar D. Pedro de Almeida, que as governava como governador capitão general que era da cidade de S. Paulo: porque, sendo acommettido em seu proprio palacio de residencia pelo corpo tumultuoso, que formou o partido do regulo Paschoal da Silva, se achou o dito conde general com Hyeronimo Pedroso, além de outros paulistas da primeira nobreza de S. Paulo para o defender; e depois de castigados os soberbos e levantados regulos, morto Paschoal da Silva e arrasadas com fogo as grandes casas da sua habitação, ainda ficaram reliquias que fomentavam alguns occultos sequazes da primeira sedição. E temendo o insulto contra a vida de Hyeronimo Pedroso, como tinha o posto de coronel, lhe mandou o conde general dar uma guarda de dois sargentos pagos, que sempre o acompanhavam sahindo á rua, fazendo-lhe costas os seus escravos mulatos, que o trazia armados, contra qualquer violento assalto. Falleceu na cidade de S. Paulo em 1759. Foi casado duas vezes; a primeira com D. Anna Peres Moreira irmã de Julio Cesar, de Ignacio Xavier Cesar, e outros; filha de Diogo Gonçalves Moreira e Catharina de Miranda. Segunda vez casou nas Minas-Geraes com D. Francisca Romeira Velho Cabral (estando viuva e muito



rica de seu primeiro marido Manoel Pereira de Castro e Silva, natural de Vianna, irmão do coronel Faustino Pereira da Silva) filha de Pedro da Fonseca Magalhães Maldonado, irmão de João Corrêa Magalhães, e de sua mulher D. Helena do Prado Cabral : em título de Costas Cabraes, cap. 5.º § 4.º. E no § 3.º se vê a qualidade dos ditos dois irmãos Magalhães.

E do 1.º matrimonio teve seis filhos.

3—4. D. Gertrudes.....casou com José Manoel.

3—2. D. Catharina de Miranda.

## PENTEADOS

A nobre familia de Penteados teve origem em S. Paulo em Francisco Rodrigues Penteado, natural de Pernambuco, para onde veio ser morador seu pai Manoel Corrêa com casa, sahindo de Lisboa, e em Pernambuco se estabeleceu com negocio grande. E tendo este filho Francisco Rodrigues Penteado, e já bem instruido em partes liberaes; sendo excellente e com muito mimo na de tanger viola, e destro na arte da musica; seu pai o mandou a Lisboa sobre dependencia de uma herança que alli tinha: o filho porém, vendo-se em uma côrte das mais nobres da Europa e com prendas para conciliar estimações, cuidou só no estrago, que fez do cabedal, que recebeu, consumindo em bom tratamento e amizades. Reflectindo depois, que não estava nos termos de dar satisfação da commissão com que passára de Pernambuco a Lisboa, embarcou na frota do Rio de Janeiro com Salvador Corrêa de Sá e Benavides em 1648, o qual tendo de passar a Angola, como passou para a restaurar dos hollandezes, o deixou na cidade do Rio muito recommendado pelo interesse de lhe instruir nos instrumentos musicos a suas filhas, e ao filho mais velho Martim Corrêa com quem estava unido pela igualdade dos annos. Do Rio de Janeiro, pela demora em Angola do dito Salvador Corrêa de Sá, que ficou feito general d'aquelle reino, passou para a villa de Santos Francisco Rodrigues Penteado; e já d'esta villa subia para S. Paulo contratado para casar com uma sobrinha de Fernando Dias Paes, que foi quem o ajustou para este contrato. Em S. Paulo casou Francisco Rodrigues Penteado com D. Clara de Miranda, que era filha de Antonio Rodrigues de Miranda, nobre cidadão de S. Paulo, natural de Lamego (irmão direito de Manoel Vieira, conego da Sé de Lamego, chamado de alcunha o Al-

mondega, e de Diogo de Madureira, que foi escrivão da relação da cidade do Porto; e todos foram sobrinhos de D. Clara de Miranda, mulher de Diogo Perdigão da Costa. (Em título de Mirandas, como temos escripto), e de sua mulher D. Potencia Leite, a qual era irmã inteira de D. Maria Leite, mãe do reverendo Dr. João Leite da Silva, e do governador Fernão Dias Paes Leme, de quem é neto o commendador Pedro Dias Paes Leme (\* Expõem todos os titulos d'este) : e foi filha D. Potencia Leite de Paschoal Leite Furtado, natural da ilha de Santa Maria; em título de Prados, cap. 1.º.

Francisco Rodrigues Penteado com sua mulher D. Clara de Miranda fez o seu estabelecimento em fazenda de cultura no termo da villa de Parnahyba. Falleceu dito Penteado com testamento a 13 de Novembro de 1673, e sua mulher D. Clara de Miranda falleceu com testamento a 5 de Julho de 1682 (Cartorio de orph. de Parnahyba, inv. n. 242, o de Francisco Rodrigues Penteado, e n. 310, o de D. Clara de Miranda.) E deixou sete filhos naturaes de S. Paulo.

Francisco Rodrigues Penteado.....	Cap. 1.º
Antonio Rodrigues Penteado.....	Cap. 2.º
D. Andreza... falleceu solteira.....	Cap. 3.º
Manoel Corrêa Penteado.....	Cap. 4.º
Paschoal Leite Penteado.....	Cap. 5.º
João Corrêa Penteado.....	Cap. 6.º
José Corrêa Penteado.....	Cap. 7.º

#### CAPITULO 1.º

1—1. Francisco Rodrigues Penteado, nobre e venerando cidadão de S. Paulo, tendo passado ás Minas Geraes nos primeiros annos depois de descobertas e estabelecidas, se recolheu com grosso cabedal de ouro em pó, que o

fundiou na real casa dos quintos de S. Paulo. Passou-se a ser morador na sua grande fazenda de cultura no sítio de Araçariguama: n'ella fundou a capella, com grandeza, de Nossa Senhora da Piedade, que, como tutelar d'aquella fazenda, ficou ella tomando-lhe o nome, com o qual é e será aquelle sítio sempre recommendavel. Esta igreja foi ornada de capella-mór e cruzeiro com dois altares collateraes: é toda forrada, e os altares com retabulo de excellente talha (por artífices de profissão vindos do reino) todos dourados. N'elles estão collocadas devotissimas imagens de vulto (\*O A. estende-se muito; e porisso eu n'este § diminuo aquellas cousas que não são essenciaes.) Enquanto durou a vida do fundador havia annualmente festa da mesma Senhora, que durava um oitavario de missas cantadas com tres distinctas festividades, em que havia sermão, conduzindo-se para ellas a musica da cidade em distancia de onze leguas, e sendo convidadas varias pessoas de autoridade que faziam uma côrte d'aquella opulenta fazenda, na qual em todos os dias reinava a profusão e bom gosto. Completava-se o oitavario com um anniversario pelas almas do purgatorio com officio de 9 lições, musica a canto de orgão, sermão etc. No regresso para a cidade eram conduzidos os hospedes com a mesma grandeza de tratamento, sendo além d'isso brindados com presentes de toucinho e mais pertences de grandes capados, por fórma de viatico para o caminho.

No presente tempo serve esta memoria para maior magoa, porque depois que falleceu o filho o conego Lourenço Leite Penteadó, que ficou com administração d'esta capella, e substituindo-lhe o irmão o sargento-mór João Leite Penteadó, que logo falleceu, veio do Cuyabá para a mesma administração o filho, o sargento-mór Francisco Xavier de Salles, que tambem logo falleceu, ficou

a dita capella sem protector zeloso para tratar d'ella (\* Nos annos de 1785 e 1792 em que na ida e volta para o Cuyabá me hospedei n'aquella fazenda, de que estava de posse D. Ignacia Buena de Brito do § 2º infra, e depois de sua morte a sua filha D. Maria Custodia por ausencia do irmão Francisco de Salles (porque o outro já era fallecido em Villa Bella, dizia-se missa na mesma capella; e, supposto que as casas da vivenda e hospedarias estavam muito damnificadas pelo tempo, comtudo respirava alli ainda um ar de grandeza, que accusava a do tempo preterito).

Foi Francisco Rodrigues Penteado cheio de moraes virtudes: criou-se abundante, viveu abundantissimo, e soube fazer instruir a todos os filhos nos estudos da grammatica, philosophia e theologia nas aulas dos jesuitas de S. Paulo á custa de muitas despezas. Foi casado com sua prima direita D. Anna Ribeira, filha do Paschoal Leite de Miranda e de sua mulher D. Anna Ribeira. Em titulo de Mirandas, cap. 1º § 1º, e em titulo de Freitas, cap. 2º § 2º. Falleceu dito Penteado na sua fazenda da Piedade em 1746 com testamento; (Cartorio ecclesiastico, maço 4º letra F.) e conduzido o cadaver para a cidade, jaz sepultado na capella da Ordem Terceira do Carmo, da qual tinha sido prior. Sua mulher D. Anna Ribeira sobreviveu muitos annos; e tendo-se passado a viver em S. Paulo em companhia de seu filho o conego Lourenço Leite, falleceu e jaz sepultada na mesma capella da Ordem Terceira, de que fôra priora. E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo.

§ 1º

2—1. Lourenço Leite Penteado, tomou o capello de mestre em artes no collegio dos jesuitas de S. Paulo: foi

creado conego pelo primeiro bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira em 1746 no mez de Dezembro, em que este prelado chegou a S. Paulo, e falleceu o mesmo em Novembro de 1758 (\* Parece-me haver engano n'esta data): foi o conego Lourenço Leite eleito em cabido em vigario capitular do bispado, que exerceu todo o tempo de Sé vacante com grande accitação, e falleceu no anno de 1752.

§ 2°

2—2. José Manoel Leite Penteado, tomou o capello de mestre em artes no collegio dos jesuitas de S. Paulo e foi presbytero de S. Pedro. Passou para as minas do Cuyabá, e depois se estabeleceu com numerosa escravatura nas do Mato-Grosso. Gozou sempre de um respeito igual ao seu merecimento, porque foi affavel, cortez, benigno, e muito zeloso dos pobres, e do real serviço, pelo qual não duvidou executar uma acção não só de credito, mas tambem de igual perigo e grossa despeza.

Achava-se o inimigo castelhano no anno de 1762 occupando já com mil e duzentas armas de soldados de tropas regladas do Perú e Buenos-Ayres, e grande corpo de indios, uma fortaleza constituida com grossa estacada na parte opposta da margem do rio Guaporé abaixo da barra do Rio Baures com artilheria grossa, e por commandante d'ella D. Alonço Verdugo. Esta fortaleza impedia totalmente o passo e curso das barcas (em Mato-Grosso chamam igarités a uns pequenos botes, que servem para a navegação d'estes rios, por onde tambem andam botes grandes, vindos nas monções do Pará) que deviam dar o soccorro de gente e de mantimentos ao nosso governador e capitão-general D. Antonio Rolim de Moura, depois conde de Azambuja, que apenas se achava com cem homens. Este fidalgo se achava muito



abaixo da fortaleza na barra do rio Mamoré, destituido totalmente de toda a esperança de ser soccorrido, por se achar cercado de incultos sertões, cortados de pantanaes atoladidos, que ainda não tinham sido penetrados dos sertanistas paulistas. Esta certeza fazia infallivel o triumpho ao castelhano para d'alli passar a conquistar a Villa Bella (\* Eu vou cortando o que é prolixo n'esta narração). Constando o aperto em que se achava o dito general, formou o padre José Manoel Leite um corpo de armas dos seus familiares e escravos, e unindo a si alguns parentes, como João Raposo da Fonseca filho do capitão-mór José de Góes e Moraes: em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 3º n. 3—1 (\* E' João Raposo da Fonseca Góes capitão-mór da Villa Bella desde o anno de 1788, o existe com grande estabelecimento de lavras e engenho. Pelos serviços que fez n'esse anno de 1763 lhe fez o conde mercê em nome de S. Magestade da mercê do habito de Christo, que não se tem verificado por não ter tido quem n'esta côrte lhe cuidasse n'isso); Sebastião Pinheiro Raposo, filho natural do brigadeiro Antonio de Almeida Lara; em titulo de Taques, cap. 3º § 6º n. 3—1 a n. 4—2., Bento Dias Botelho, natural da villa de Itú, filho de Paschoal de Arruda Botelho; em titulo de Arrudas. (\* Este Bento Dias falleceu em Mato Grosso capitão-mór de Villa Bella, casado), e o soccorro da 30 homens armados debaixo do commandante d'elles Domingos Moreira, enviados do Cuyabá em 1763 á sua custa pelo capitão José Paes Falcão; em titulo de Taques, cap. 3º § 4º n. 3—4 a n. 4—4 (\* Este grande soccorro do capitão José Paes consta de documentos que se acham em meu poder, pertencentes aos filhos o sargento-mór José Paes Falcão das Neves, e o capitão Salvador Paes Falcão; o primeiro dos quaes fez outro semelhante, porém maior serviço no anno de 1766, apresentando-se á sua custa, e sem premio nem estipendio algum com 40 homens armados na



fortaleza da Conceição, hoje chamada do Principe da Beira, nas margens do Guaporé, distante mais de 200 leguas do Cuyabá, na qual residiu no serviço militar com toda a sua gente pelo espaço de dois annos tres mezes e dezesete dias, que principiam em 29 de Maio de 1766, e findaram em 15 de Setembro de 1768, com grande despeza e perca de jornaes de 23 escravos, que entravam no numero dos 40 soldados; tudo em tempo que governava as capitánias de Mato-Grosso e Cuyabá João Pedro da Camara, sobrinho direito do conde de Azambuja, a quem succedeu no governo. E em contemplação a este grande serviço lhe fez mercê no real nome Luiz Pinto de Sousa Coutinho hoje secretario de Estado dos negocios estrangeiros e da guerra de um habito de Christo com 30\$000 de tença a 24 de Janeiro de 1769, por ter succedido no governo proximaemente, da qual mercê agora n'este anno de 1794 estou encarregado de requerer a confirmação; emprehendeu e conseguiu o dito padre José Manoel Leite soccorrer ao general Moura, para cuja facção de tanto credito e utilidade, como depois mostrou o successo, se animou a navegar o rio Guaporé (\* O A. escreve Vaporé) contra a força da artilheria do inimigo, que varejava da fortaleza o impedir o soccorro das barcas e canoas, e venceu difficuldades imponderaveis aos olhos dos que tinham conhecimento da natureza d'aquelles impedimentos. Este foi o total soccorro, com que se achou o general Moura, e constava só de homens armados, sem mais disciplina, que o ardor de baterem ao desigual poder do inimigo. O padre José Manoel foi o mestre de campo d'esta importantissima conducta, que comprehendia 40 escravos seus, armados de espingardas, cujos jornaes não duvidou perder nem arriscar as suas vidas, quando elle mesmo expunha a sua e de seus parentes, com tanto ardor e despeza. O estado em que se achava o general Moura,

antes de lhe chegar o inesperado soccorro do padre José Manoel e seus parentes, consta da carta que escreveu com data de 3 de Outubro de 1763, que damos fielmente copiada, em titulo de Taques, já referido (\* Alli não está copiada esta carta, talvez por esquecimento: acha-se em meu poder a original, assim como a certidão ou appellação que passou o conde de Azambuja, e outras muitas cartas, cujas cópias pela maior parte estão avulsas n'este titulo de Penteados do A.) D'ella consta tambem o § seguinte, que por indicar alguma parte do que fica dito o damos por cópia :

« Muito certo estou no seu affecto, e no cuidado em que haviam de pôr a Vm. as primeiras noticias que d'aqui foram: eu lhe agradeço todas as rogativas e deprecações, que fez a este respeito, e bem se vê que o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição e do Senhor S. José (\* O capitão José Paes Falcão era um extraordinario devoto de S. José, em cuja honra fundou uma igreja no seu estabelecimento de Cocaes e dispendeu grossas sommas nas suas festividades até a sua morte em avançada idade), e Santo Antonio é que nos valeu porque o poder do inimigo era muito desproporcionado ao nosso, quando nós nos achavamos apenas com cem armas de fogo, tinham elles algumas mil e duzentas com muitas peças de artilheria, sendo muita parte da gente de dentro do Perú e Buenos-Ayres. A vista d'isto parece que só o conservar-nos aqui era grande temeridade: mas Nossa Senhora da Conceição nos deu tal constancia, que com estes poucos os perseguimos, e lhes matamos em varios encontros bastante gente, e lhe conquistamos a aldêa de S. Miguel, de d'onde entre outras muitas cousas, temos tirado 800 cabeças de gado vaccum e 80 pouco mais ou menos de gado cavallar, muitos porcos, muitas gallinhas; e ainda que a estacada de Itunámás se não levou, fugiram os castelhanos d'aquelle

ataque tão aterrados e abatidos, que, quando chegou o tratado das pazes, estiveram por tudo o que nós quizermos.»

Nas minas de Mato-Grosso falleceu o padre José Manoel Leite Penteado a 20 de Setembro de 1768, deixando um sentimento geral áquelles moradores que o respeitavam como columna de toda a protecção. Na sua casa tinha hospital para curar aos pobres enfermos das carneiradas chamados sesões malignas; e liberalmente dispendia todos os annos grosso cabedal no curativo e sustento dos enfermos pobres, que a sua grande caridade amorosamente recolhia; e por isso não deixou ouro em pó, e sómente a sua fabrica de minerar. E importaram os seus bens por inventario em 17,400 oitavas de ouro (que n'aquelle tempo valia 1\$500 cada oitava) as quaes fazem a reaes 26:100\$000. E ordenou no seu testamento, que tres mil cruzados se empregassem em escravos no Rio de Janeiro para trabalharem no engenho de assucar, cujos rendimentos seriam para o patrimonio da sua capella de Nossa Senhora do Pillar, que elle havia fundado.

§ 3º

2—3. Francisco Xavier de Salles, tendo tomado o capello de mestre em artes, como seus irmãos, e sendo excellente estudante, não quiz seguir o estado sacerdotal, nem o de casado. Passou para as minas do Cuyabá, onde tendo occasiões repetidas para adquirir grande cabedal, nenhum lhe chegava a satisfazer o animo, que passou a ser prodigo com desperdicio. N'aquellas minas se fez amado e respeitado geralmente dos naturaes e estranhos. Teve sempre o primeiro voto em todas as assembléas da republica; e foi sargento-mór do regimento, que alli creou Rodrigo Cesar de Menezes passando a estas minas por ordem régia no anno de 1726, em

que estava governador e capitão general de S. Paulo, de d'onde sahiu deixando em seu lugar governador interino ao paulista o coronel Domingos Rodrigues da Fonseca; e no transito que fez para o porto de Araraty, <sup>a</sup> foi hospedado, na casa da piedade de Francisco Rodrigues Penteado, que o demorou, banquetesando-o tres dias com toda a sua comitiva, que era numerosa pelos muitos paulistas e européos, que por obsequio o iam acompanhando até o dito porto, onde embarcou para o Cuyabá no dia 16 de Julho do mesmo anno de 1726. Com a morte do conego Lourenço Leite sahiu de Cuyabá para S. Paulo Francisco Xavier de Salles, para tomar conta da casa e capella de Nossa Senhora da Piedade; porém durou tão pouco tempo, que só serviu a sua vinda para fazer mais sentida a sua morte aos parentes de S. Paulo, e falleceu em 1759 solteiro.

§ 4º ultimo

2—4. João Leite Penteado, foi o mimo dos pais que nunca lhe consentiram sahisse da sua companhia. Foi nobre cidadão de S. Paulo e da sua comarca, sargento-mór dos auxiliares do regimento d'ella (que havia vagado por morte do sargento-mór Manoel Carvalho da Silva e Aguiar), por patente do general Cesar datada em S. Paulo a 25 de Junho de 1726, (Archivo da camar. de S. Paulo, livro de registro, titulo 1721, pag. 196). Foi juiz ordinario de S. Paulo no anno de 1755, e falleceu no de 1756, estando casado com D. Ignacia Bueno de Brito, natural de Parnabyba, filha do capitão João Bicudo do Brito: em titulo de Bicudos, n. 1 cap. 1º § 4º e seg. E deixou tres filhos de tenros annos.

3—1. Francisco de Salles de Brito.

3—2. José Manoel Leite.

3—3. D. Maria Custodia Ribeira Leite.

CAPITULO 2º

1—2. Antonio Rodrigues Penteado, estabeleceu-se na villa de Sorocaba, onde teve sempre as redeas do governo da republica; e alli foi casado com D. Maria de Lara; em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.º § 4.º n. 3—5. Com sua descendencia.

CAPITULO 3º

1—3. D. Andreza Leite, falleceu solteira.

CAPITULO 4º

1—4. Manoel Corrêa Penteado, passou ás Minas-Geraes, e recolheu-se abundante, conservando-se sempre na sua grande fazenda do sitio de Araçariguama do termo da villa de Parnahyba, onde occupou os honrosos cargos da republica, gozando de um respeito igual ao merecimento em que soube ser attendido e venerado. Foi casado com D. Beatriz de Barros. Em titulo de Mesquitas, cap. 1.º. Falleceu Manoel Corrêa Penteado com testamento a 18 de Março de 1745, declarando a sua naturalidade a cidade de S. Paulo, e seus paes. (Cart. de orph. de Parnahyba, inv. n. 652). E teve seis filhos.

§ 1º

2—1. Anna Pires, casou com Antonio Dias da Silva, filha do capitão João Dias da Silva. Em titulo de Pires, cap. 6.º § 4.º n. 3—4. E tem geração.

§ 2º

2—2. Maria Dias de Barros, foi casada na Penha com

Francisco Gonçalves de Oliveira, natural da villa de Vianna do Minho, o qual depois casou com a filha de José de Almeida Lara. Falleceu Maria Dias em 1734 (Parnahyba, inv. n. 585). E teve seis filhos.

3—1. Francisco Xavier de Oliveira.

3—2. José.

3—3. Ignacio.

3—4. Antonio.

3—5. Maria Dias Leite, casou primeira vez com Manoel Dias Ferraz, segunda vez com... Lara Betimk.

3—6. Maria Leite, casada com Ignacio Barbosa de Araujo, natural de Parnahyba.

§ 3º

2—3. Maria Leite da Escada, foi casada com André de S. Payo. Em titulo de Arrudas, n. 3.º cap. 3.º: com sua geração. Falleceu Maria Leite em 1727 (Orph. de Parnahyba, inv. n. 550).

§ 4º

2—4. O padre José de Barros, do habito de S. Pedro, falleceu nas minas de Mato-Grosso, testando um grande cabedal, que o repartiu em legados pios, deixando a cada sobrinho quatro mil cruzados, e por seu testamenteiro para o cumprimento do testamento a Calisto do Rego de S. Payo.

§ 5º

2—5. Fernão Paes de Barros, nobre cidadão da república de Parnahyba, onde falleceu estando casado com D. Angela de Cerqueira Leite, filha de D. Maria de Cerqueira; em titulo de Moreiras, n. 1º cap. 4º § 1º n. 3—1 a n. 4—3. n. 5—4: com geração em Mirandas, cap. 3.º § 4.º n. 3—3.



§ 6º

2—6. Manoel Corrêa de Barros, casado com sua parenta Maria de Campos, filha de Manoel Ferraz de Campos. Em título de Campos, cap. 11 § 2º Com geração.

CAPITULO 5º

1—5. Paschoal Leite Penteado, foi nobre cidadão de S. Paulo, e da villa de Parnahyba, casado com D. Luzia Leme de Barros; em título de Mesquitas, cap. 2º. E teve oito filhos. Falleceu com testamento a 10 de Dezembro de 1707. Residuo da provedoria de S. Paulo, testamento de Paschoal (Leite Penteado, e Orph. de S. Paulo, inv. letra P. maço 1º n. 57.)

§ 1º

2—1. Pedro Vaz Justiniano, falleceu em Mato-Grosso; e foi casado com Isabel de Arruda, filha de Pedro Dias Leite; em título de Arrudas, n. 1º cap. 1º § 8º Com geração.

§ 2º

2—2. Francisco Leite Penteado, morador em Cuyabá, solteiro em 1763, em Mato-grosso.

§ 3º

2—3. Manoel Leite, falleceu solteiro em Mato-Grosso.

§ 4º

2—4. José Corrêa Penteado, falleceu solteiro em Cuyabá.

§ 5º

2—5. Antonio Leite Penteado, falleceu solteiro na cidade de S. Paulo.



§ 6°

2—6. D. Maria Pires de Barros, existe em 1769 no estado de viúva de seu marido Francisco Barbosa de Lima, natural e nobre cidadão de S. Paulo, filho do sargento-mór pago Francisco Barbosa de Lima e de D. Isabel Gonçalves Moreira sua mulher. Em título de Moreiras, n. 1º cap. 4º § 1º n. 3—1 a n. 4—6. E teve nascidos em S. Paulo cinco filhos.

3—1. O reverendo Ignacio Xavier Moreira Penteado, parochio recommendavel da freguezia de S. João da Atibaya, hoje villa em 1770, onde tendo sido conservado muitos annos, teve successor com a morte do Exm. bispo D. Frei Antonio da Madre de Deus Galvão; porém, ficando com o governo do bispado em 1769 o reverendo arcediogo Matheus Lourenço de Carvalho, fez logo restituir aquella saudosa igreja, ou povo d'ella ao reverendo Dr. Ignacio Xavier Moreira, que foi recebido dos seus já antigos freguezes com o alvoroço, que lhes dictava o amor, o respeito e a veneração. (\* Eu o vi com saude em S. Paulo em 1793).

3—2. Cosme Gonçalves Moreira, solteiro.

3—3. D. Luzia Leme de Barros, casou com Salvador Corrêa de Lemos, filho do capitão-mór governador Antonio Corrêa de Lemos. Em título de Quadros, cap. 4º § 1º n. 3—6. E teve....

3—4. D. Theresa Pires de Barros, solteira.

3—5. D. Isabel Gonçalves Moreira, mulher de José de Oliveira Bernardes, natural da villa de Parnahyba, filho do capitão Raphael de Oliveira, senhor da fazenda de Senanduva, natural de Jundiashy, e de Barbara Garcia sua mulher, natural de Parnahyba.

§ 7º

2—7. D. Maria Leite de Mesquita, solteira em 1763, mo-

radora da freguezia da Acutia. Falleceu avançada em annos a 22 de Outubro de 1773, e jaz no Carmo de S. Paulo.

§ 8º ultimo

2—8. D. Clara de Miranda, foi casada com Antonio Corrêa de Lemos, filho do capitão-mór governador Antonio Corrêa de Lemos; em titulo de Quadros, cap. 4º § 1º n. 3—2. E teve cinco filhos naturaes de Parnahyba.

3—1. O padre Paschoal Corrêa Leite, vigario da praça de S. Luiz de Guatemim.

3—2. João Corrêa de Lemos, existe solteiro no Cuyabá.

3—3. José Corrêa de Lemos, solteiro, morador na fazenda de Senanduva em 1770.

3—4. Francisco Corrêa, falleceu solteiro na villa de Parnahyba.

3—5. D. Maria Xavier, mulher do capitão José Galvão de França. Em titulo de Mirandas, cap. 3º § 3 n. 3—3 n. 4—1.

CAPITULO 6º

1—6. João Corrêa Penteadado, nobre cidadão de S. Paulo, foi casado com D. Isabel Paes de Barros; em titulo de Mesquitas, cap. 3º. E teve seis filhos naturaes de S. Paulo.

§ 1º

2—1. Pedro, que vóou para o céo em tenros annos.

§ 2º

2—2. Francisco Rodrigues Penteadado, nobre cidadão de

de Betimk cap. 7º § 2º n. 3—1; ou em título de Pires, cap. 3º § 1º n. 3—1.

3—2. Mathias de Madureira Calheiros.

3—3. Francisco Rodrigues Penteado, (\* Ordenou-se de presbytero ha muitos annos na cidade de Buenos-Ayres, e tem sido vigario, e existia em S. Paulo em 1793).

3—4. João Corrêa Penteado.

3—5. Antonio Pires Penteado.

3—6. Ignacio.

3—7. Manoel Joaquim Leite Penteado. (\* Depois de ter seguido os estudos em S. Paulo, foi para Mato-Grosso a arrecadar uma herança pertencente a sua avó materna por fallecimento de seu filho Gregorio de Madureira Calheiros; e existia em 1792 em Villa Bella).

3—8. Lourenço.

3—9. José.

3—10. Bento.

3—11. Bernardino.

3—12. Joaquim.

3—13. Luiz Pedroso de Barros.

§ 3º

2—3. Antonio Rodrigues Penteado, existe em 1769 no estado de viuvo de sua mulher D. Rosa Maria da Luz do Prado, filha do capitão-mór governador Antonio Corrêa de Lemos; em título de Quadros, cap. 4º § 1º n. 3—10. E teve doze filhos

3—1. João Corrêa de Lemos Penteado.

3—2. Francisco Xavier Leite, casou em S. Paulo com D. Isabel..... filha de Francisco Corrêa Guedes, e de D. Maria Pinto do Rego, natural de Santos.

3—3. Lourenço Penteado, solteiro.

3—4. Manoel Rodrigues Penteado, solteiro.

3—3. José Rodrigues Penteado, casou em Juquiry com Filippa da Silva, filha de João Bueno da Silva, nobre cidadão.

3—6. D. Maria Leite Penteado, casada com Pedro Ferraz Pacheco, natural de Itú, filho do capitão-mór Manoel de Sampaio Pacheco; em título de Arrudas.

3—7. D. Isabel Paes, casada com Manoel Rodrigues Fam, natural da Parnahyba, filha de Manoel Rodrigues Fam, natural de Portugal.

3—8. D. Barbara..... casada com Ignacio de Camargo, filha de Thomaz Lopes de Camargo, e de..... da Costa sua mulher. Em Camargos, cap. 1º §...n. 3—

3—9. D. Anna..... casada com José de Camargo, filho de Thomaz Lopes de Camargo o mesmo do n. 3—8 acima.

3—10. D. Rosa..... casada em Parnahyba com Antonio.....

3—11. D. Maria Leite de Mesquita, casou na Parnahyba com Lucas.....

3—12. D. Maria..... casou na Parnahyba com Estevão Franco, natural de S. Paulo.

§ 4º

2—4. Caetano, falleceu menino.

§ 5º

2—5. D. Maria Leite de Barros, falleceu em 1772, viuva de seu marido João Corrêa de Lemos, filho do capitão-mór governador Antonio Corrêa de Lemos; em título de Quadros, cap. 4º § 1º n. 3—2. E teve

3—1. Antonino Corrêa de Lemos Leite, capitão-mór da villa de Parnahyba, onde tomou posse no anno de 1761,

casado com D. Marianna Paes, irmã do reverendo Ignacio Paes de Oliveira. Em título de Lemos, cap. 5º §....

3—2. Francisco Corrêa de Lemos, nobre cidadão de S. Paulo, que foi juiz ordinario em 1763 e 1767, morador na sua fazenda de Cutahûna do rio Carapucuhya, e rio Riete; está casado com D. Maria Leite da Fonseca, filha do coronel Hyeronimo Pedroso de Barros, e de sua mulher D. Francisca Romeira Velho Cabral, natural de Taibatê. Em título de Costas Cabraes, cap. 5º § 3º e seg. E teve nascidos em S. Paulo doze filhos

- 4—1. D. Josepha.
- 4—2. D. Maria.
- 4—3. D. Anna.
- 4—4. D. Thereza.
- 4—5. D. Isabel.
- 4—6. D. Escholastica.
- 4—7. D. Thomazia.
- 4—8. D. Gertrudes.
- 4—9. D. Maria.
- 4—10. D. Francisca.
- 4—11. Vicente.
- 4—12. Ignacio.

3—3. João Corrêa Lemos, existe solteiro em 1769.

3—4. Ignacio Corrêa de Lemos, existe casado com sua prima D. Isabel Paes de Barros, natural de Parnahyba, filha de João da Rocha do Canto, e de Agueda Xavier de Barros do § 6º abaixo.

3—5. Lourenço Corrêa de Lemos, existe solteiro.

3—6. D. Joanna Xavier de Barros, foi casada com Gregorio Dias Paes, natural das minas de Guzarapiranga, filho de Bernardo de Chaves Cabral, e de D. Maria Garcia, irmã direita do guarda-mór Maximiano de Oliveira Leite, professo da Ordem de Christo. Em título de Lemos, cap. 5º §.... E teve uma filha que casou na Parnahyba.

3—7. D. Thereza Corrêa de Lemos, casou com Manoel de Chaves Cabral, irmão direito de Gregorio Dias Paes, acima n. 3—6; é morador em Minas-Geraes.

§ 6º ultimo

2—6. D. Agueda Xavier de Barros, casou com João da Rocha do Canto, natural de Parnahyba e seu nobre cidadão, filho de Domingos da Rocha do Canto, e de sua mulher Maria de Lima, natural de Parnahyba, e o dito Rocha Canto, sobrinho de Antonio da Rocha do Canto, o primeiro que procreou na Parnahyba a familia dos seus appellidos Rochas Cantos, e era natural da freguezia de S. Bartholomeu de S. Gens, conselho de Monte-Longo da comarca de Guimarães, filho de João Lopes de Oliveira e de sua mulher Maria da Rocha do Canto; e o dito Antonio da Rocha foi irmão dos Rochas Cantos, da villa de Santos. E teve

3—1. D. Isabel Paes de Barros, existe casada com seu primo Ignacio Corrêa de Lemos, filho de D. Maria Leite de Barros do § 5º d'este cap. 6º

3—2. D..... mulher que foi de Braz Rodrigues da Guerra, filho do capitão Francisco Rodrigues da Guerra; em titulo de Guerras, cap.....

3—3. D..... está casada com João Ferreira dos Santos, natural de Minas-Geraes.

CAPITULO 7º ultimo

1—7. José Corrêa Penteado, natural da villa de Parnahyba, casou com D. Lucrecia Leme de Barros; em titulo de Mesquitas, cap. 4º. Estabeleceu-se no termo da villa de Parnahyba, de cujo republica repetidas vezes occupou os seus honrosos cargos. Falleceu com testamento a 20 de Setembro de 1739 (Orph. de Parnahyba, inv. n. 622). E D. Lu-

crecia Leme falleceu com testamento a 29 de Dezembro de 1742 (Parnahyba, inv. n. 644). E teve seis filhos naturais de Parnahyba.

§ 1º

2—1. Pedro Vaz, falleceu solteiro.

§ 2º

2—2. Francisco Rodrigues Penteado, Dr. em artes, casou na Villa Boa de Goyazes, onde existe morador, com D..... filha do capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva: em titulo de Lemes, cap..

§ 3º

2—3. Manoel Dias Penteado, falleceu em Mato-Grosso, solteiro.

§ 4º

2—4. D. Anna Ribeira de Barros, foi casada com Manoel Ferraz de Campos; em titulo de Campos, cap. 11 § 2º. E teve quatro filhos.

3—1. José de Campos, falleceu solteiro.

3—2. Theodosio de Campos, falleceu em Mato-Grosso de morphéa.

3—3. D. Maria de Campos, casou com seu tio Manoel Corrêa de Barros. Em titulo de Campos, cap. 11.

3—4. D. Isabel de Campos, casou com Manoel de Góes de Andrade, filho de João de Brito de Andrade e de Isabel de Andrade, sua mulher.

§ 5º

2—5. Paschoal Leite Penteado, foi casado com..... filha de Antonio Soares Paes e de sua primeira mulher. E teve tres filhos



- 3-1. José.
- 3-2. Luiz.
- 3-3. Antonio.

§ 6º ultimo

2-6. José Corrêa Leme, foi casado com Maria Garcia Borba, filha de Antonio Garcia Borba.

---

### ALVARENGAS MONTEIROS

A nobre familia de Alvarengas Monteiro, da capitania de S. Paulo, teve por progenitor a Antonio Rodrigues de Alvarenga natural da cidade de Lamego, legitimos Alvarengas d'aquella comarca, filho de Balthazar de Alvarenga, e de Mecia Monteiro, fidalgos conhecidos de cota de armas, como abaixo fazemos menção. Este Antonio Rodrigues de Alvarenga foi um dos povoadores nobres da villa de S. Vicente de donde veio já casado para S. Paulo proprietario do officio de tabellião do judicial e notas, por mercê do donatario e senhor da capitania de S. Vicente Martin Affonso de Sousa, fundador do dita villa pelos annos de 1531 até 1534, em que se recolheu ao reino deixando a villa de S. Vicente nobremente povoada. Alli casou dito Alvarenga com D. Anna Ribeira natural da cidade do Porto (irmã direita de Cicilia Ribeira: em titulo de Quadros; de Leonor Pedrosa: em titulo de Moraes Antas, cap. 1.º de Pantaleão Pedrosa: em titulo de Moraes Antas, cap. 3.º) filha de Estevão Ribeiro Bayão Parente, natural da cidade de Béja, e de Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, da cidade do Porto, de d'onde veio este casal com filhos e filhas povoar a Villa de S. Vicente, o que temos já mostrado em titulo de Quadros. Em S. Paulo se estabeleceu Antonio Rodrigues de Alvarenga e como pessoa tão principal, foi da governança da terra com grande estimação e veneração pela qualidade de sua nobreza. Falleceu com testamento a 14 de Setembro de 1614; e sua mulher tambem com testamento a 23 de Outubro de 1647. (Orph. de S. Paulo maço 2.º de Inv. let. A. n. 3, o de Antonio Rodrigues de Alvarenga. Cart. 1.º de Notas de S. Paulo, maço de Inv. antigos, o de Anna Ribeira)

e foi sepultada na capella-mór da igreja do Carmo em jazigo proprio, no qual se havia enterrado seu filho o sargento-mór da comarca Antonio Pedroso de Alvarenga.

Entre os descendentes d'este Antonio Rodrigues de Alvarenga que nos claustros de Nossa Senhora do Carmo, S. Bento, e S. Francisco se fizeram recommendaveis pelos pulpitos, cadeiras, e prelazias, não foi de pequeno nome o padre mestre frei Luiz dos Anjos, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, o qual para desabusar alguns incredulos de S. Paulo, da grande nobreza e pureza de sangue de seu bisavô Antonio Rodrigues de Alvarenga, e para confundir a maledicencia d'aquelles cujo odio occulto fazia produzir vozes contra o seu nobre sangue, passou ja Lisboa, onde pediu o brasão de armas pertencente á sua familia. E porque este documento não é da natureza de muitos brasões de armas, passados pelo rei de armas do reino sem muita despesa nem exame, como sabemos se pratica no presente tempo, em que um villão ruim, conhecido por tal, vendo-se favorecido dos bens fortuna, se constitue nobre, e fidalgo antigo de cotta de armas; e basta só v. g., ter o appellido de Castro para tirar o brazão das armas dos illustres Castros, damos aqui a copia d'elle para verdadeiro conhecimento da nobreza de Antonio Rodrigues de Alvarenga extrahido do registro do archivo da camara de S. Paulo, livro, título 1675, pag. 97v. E tambem se acha registrado na camara da villa da Ilha Grande Angra dos Reis em Agosto de 1702, e na camara de Pindamonhangaba, e outras. (\* A copia já escrevi no título de Chassins, pag. 3.)

Do matrimonio de Antonio Rodrigues de Alvarenga, e de D. Anna Ribeira nasceram em S. Paulo dez filhos.

D. Maria Pedrosa.....Cap. 1°

Ignéz Monteiro.....Cap. 2°

Francisco de Alvarenga.....	Cap. 3°
Luz Monteiro.....	Cap. 4°
Estevão Ribeiro de Alvarenga.....	Cap. 5°
Anna de Alvarenga.....	Cap. 6°
Antonio Pedroso de Alvarenga.....	Cap. 7°
Fr. Bento da Trindade, carmelita.....	Cap. 8°
Thomazia de Alvarenga.....	Cap. 9°
Maria Rodrigues de Alvarenga.....	Cap. 10

#### CAPITULOS 1° E 2°

a 1—1. D. Maria Pedroso, foi casada como capitão Sebastião de Freitas, fidalgo cavalleiro, cuja nobre qualidade, naturalidade, sua passagem para o Brasil no serviço d'el-rei em 1594, em que chegou a Bahia. Seus empregos em S. Paulo, seu fallecimento e descendencia tratamos em titulo de Freitas.

b. 1—2. Ignez Monteiro, chamada a Matrona pelo merecimento de suas acções, grandeza do tratamento da sua casa, e capella de Santa Ignez: foi casada com o capitão Salvador Pires. Em titulo de Pires, com sua descendencia cap. 5.°

#### CAPITULO 3°

c 1—3. Francisco de Alvarenga, foi morador da villa de Parnahyba, e capitão da gente d'ella para a reger e governar, e teve um grande respeito como pessoa tão principal, e das primeiras do governo da republica, cujos honrosos cargos occupou repetidas vezes, tendo de antes sido nobre cidadão de S. Paulo sua patria. Foi casado com Luzia Leme em S. Paulo, filha de Aleixo Leme, e sua mulher Ignez Dias. Em titulo de Lemes, livro 3.° cap. 1.°. Falleceu com testamento a 10 de Agosto de 1675, e sua mulher Luzia Leme com testamento a 16 de Outubro de 1653 (Cart. de Orph. de Parnahyba, inv. 250, e n. 83). E teve dez filhos naturaes de S. Paulo.

2—1. Anna Ribeira.....	§ 1°
2—2. Francisca Leme.....	§ 2°
2—3. Luzia Leme de Alvarenga.....	§ 3°
2—4. Fr. Bento da Trindade.....	§ 4°
2—5. Antonio Pedroso de Alvarenga.....	§ 5°
2—6. Aleixo Leme de Alvarenga.....	§ 6°
2—7. Sebastião Leme Ribeiro.....	§ 7°
2—8. Maria Leme de Alvarenga.....	§ 8°
2—9. Thomazia Ribeira.....	§ 9°
2—10. Ignez Dias de Alvarenga.....	§ 10

§ 1°

2—1. Anna Ribeira, casou na matriz de S. Paulo a 11 de Outubro de 1632, com João Bicudo de Brito, filho de Antonio Bicudo e de Maria de Brito sua mulher, todos naturaes de S. Paulo. Em titulo de Bicudos, n. 1° cap. 1° § 3° E teve naturaes de S. Paulo, cinco filhos.

- 3—1. Antonio Bicudo de Brito.
- 3—2. Manoel Bicudo de Brito.
- 3—3. Thomazia de Almeida.
- 3—4. Sebastião Bicudo de Brito.
- 3—5. Maria Bicudo de Brito.

3—1. Antonio Bicudo de Brito, casou em Parnahyba a 31 de Janeiro de 1667, com D. Maria de Lima, filha do capitão-mór Guilherme Pompêo de Almeida; foi capitão da villa de Parnahyba, e uma das pessoas do maior respeito d'ella, que occupou sempre os cargos honrosos da sua republica: n'ella falleceu com testamento a 11 de Janeiro de 1687, sem geração. Em titulo de Taques, cap. 2° § 2°.

3—2. Manoel Bicudo de Brito, natural de Parnahyba, como consta do seu testamento com que falleceu na dita villa a 29 de Janeiro de 1718 (Orph. de Parnahyba, inv. n. 501): foi nobre cidadão d'esta villa: casou duas vezes; primeira com Thomazia de Almeida, que alli falleceu em 1717 (Orph. de Parnahyba, inv. n. 501). E teve onze filhos:

segunda vez casou com Maria Cordeiro de Almada, sem geração. Do 1º matrimonio são os onze filhos os seguintes.

4—1. Miguel Bicudo de Brito, casou.....

4—2. João Bicudo de Brito, casou com Margarida Bicudo, e falleceu em Itú a 19 de Dezembro de 1709 (Orph. de Parnahyba, inv. n. 435). E teve dois filhos. Em título de Campos, cap. 11 § 4.º

5—1. Pedro.

5—2. José.

4—3. José Bicudo de Brito, capitão-mór da villa de Parnahyba, falleceu com testamento a 14 de Setembro de 1753; e foi casado com D. Sebastiana da Silva, sem geração. Instituiu herdeiro de sua fazenda a Nossa Senhora do Carmo, collocada na matriz da Parnahyba;além dos dinheiros que já tinha dado em sua vida para patrimonio da festa annual da Senhora que se executa com salvas, etc.

4—4. Antonio Bicudo de Brito, foi casado com Ignacia de Almeida a qual falleceu com testamento a 29 de Setembro de 1713. (Orph. de Parnahyba, inv. n. 468). E teve quatro filhos.

5—1. Maria.

5—2. Thomazia.

5—3. Anna.

5—4. Escholastica.

4—5. Luzia Bicudo.

4—6. Fernão Bicudo de Brito.

4—7. Francisco Bicudo de Brito, falleceu com testamento a 8 de Junho de 1709; foi casado com Maria de Almeida. (Orph. de Parnahyba, inv. n. 459). E teve tres filhos.

5—1. João Bicudo de Brito.

5—2. Maria Bicudo.

5—3. Anna Ribeira, mulher do capitão Francisco Jorge da Silva.

4—8. Anna Ribeira, foi casada com o capitão Francisco Pires de Camargo. Em título de Pires, cap. 6º § 8º, e melhor em título de Camargos, cap. 2º § 3º n. 3—3.

4—9. Maria Bicudo, casou com o capitão Francisco Preto.

4—10. Isabel Bicudo de Brito.

4—11. Thomazia de Almeida.

3—3. Thomazia de Almeida. (filha do § 1º) Foi casada com Francisco Vieira Velho. Ella falleceu em Parnahyba a 15 de Julho de 1726 (Orph. de Parnahyba, inv. n. 541) F teve naturaes de Parnahyba dois filhos.

4—1. José Velho Bicudo.

4—2. Isabel,

3—4. Sebastião Bicudo de Brito.

3—5. Maria Bicudo, foi mulher de Paulo de Proença Abreu, natural da villa de Santos. Em título de Proenças Abreus, da Parnahyba com sua descendência.

#### § 2º

2—2. Francisca Leme de Alvarenga (pag 294); foi casada com Domingos Bicudo de Brito, filha de..... Em título de Bicudos, n. 1 cap. 1º § 7º, com geração.

#### § 3º

2—3. Luzia Leme de Alvarenga, se foi casada, ou falleceu solteira, não descobrimos documento, porém em 1675, em que falleceu seu pai Francisco de Alvarenga estava ainda solteira.

#### § 4º

2—4. Frei Bento da Trindade, foi religioso carmelita



na provincia do Rio de Janeiro, como consta dos testamentos de seus pais retro indicados.

§ 4º

2—5. Antonio Pedroso de Alvarenga, casou com Maria de Brito, filha de Antonio Bicudo de Brito. Em titulo de Bicudos, n. 1 cap. 1º § 3º. E teve 3—1. D. Isabel de Brito, mulher de João Tavares de Miranda; em titulo de Cerqueiras, cap. 8º § 3º, com geração.

§ 6º

2—6. Aleixo Leme de Alvarenga, natural de Parnahyba, foi casado com Anna de Proença, natural de Parnahyba, onde falleceu elle com testamento a 17 de Janeiro de 1673. (Orph. de Parnahyba, inv. n. 513). E teve filha unica.

3—1. Luiza Leme.

E teve mais dito Aleixo Leme, em Parnahyba cinco filhos bastardos mamalucos, João Leme, João Pedroso, Domingos Leme, Maria Ribeira mulher de Francisco Pares, Paula Leme.

§ 7º

2—7. Sebastião Leme Ribeiro, casou com D. Marianna de Miranda. Em titulo de Mirandas, cap. 1º, com sua descendencia.

§ 8º

2—8. Maria Leme de Alvarenga, natural de S. Paulo, onde casou a 19 de Abril de 1635, com Antonio Bicudo de Brito. Em titulo de Bicudos, n. 1 cap. 1º § 5º, o qual falleceu em Itú em 1662, e sua mulher já era fallecida na Parnahyba com testamento a 14 de Janeiro de 1654. (Orph. de Parnahyba, inv. n. 118, e n. 171). E teve dez filhos que foram.

3—1. Antonio, falleceu solteiro.

- 3—2. João, falleceu solteiro.
- 3—3. Bento Bicudo de Alvarenga, foi de morada para Itú, onde casou e falleceu.
- 3—4. Maria de Brito.
- 3—5. Maria Leme de Brito, casou com Gonçalo Simões Chassin. Em título de Chassin.
- 3—6. Thomazia.
- 3—7. Anna Bicudo.
- 3—8. Maria Bicudo.
- 3—9. Paschoal Bicudo.
- 3—10. Luzia Leme Bicudo, falleceu solteira; deixou testamento a 21 de Agosto de 1653. (Parnahyba, inv. n. 53).

§ 9.º

2—9. Thomazia Ribeira, (filha do cap. 3º pag 294) foi casada com Francisco Bicudo de Brito. Em título de Bicudos, n. 1 cap. 1º § 6º, o qual falleceu a 12 de Março de 1654. (Orph. de Parnahyba, inv. n. 4) E teve seis filhos naturais de S. Paulo.

3—1. Anna Ribeira, foi casada com Manoel da Costa Cabral, nobre cidadão de S. Paulo. Em título de Costas Cabraes, cap. 1º com sua descendencia.

3—2. Francisco Bicudo de Brito, falleceu em Taubaté com testamento a 8 de Dezembro de 1693, casado com Isabel Cabral de Quevedo. (Orph. de Taubaté inv. F. n. 7 do maço 1). E teve dois filhos.

4—1. Miguel.

4—2. Francisco.

3—3. Maria Leme Bicudo, mulher de Cornelio da Rocha, que era estrangeiro, e que falleceu em Taubaté, com testamento a 6 de Agosto de 1699, filho de Arthur Corte Bello e de sua mulher Magdalena Masuela. (Orph. de Taubaté, inv. C. n. 18). E teve nove filhos. Em título de Lemes.

4—1. Antonio da Rocha Leme, nasceu em Parnahyba a 3 de Maio de 1667, casou. Em titulo de Lemes, cap. 1.º § 7.º n. 3—5.

4—2. Francisco da Rocha, casou.

4—3. Arthur da Rocha, casou na familia dos Vieiras Maías, cap. 7.º § 4.º.

4—4. Cornelio da Rocha, nasceu em Parnahyba a 6 de Outubro de 1676.

4—5. Manoel da Rocha.

4—6. Thomazia Ribeiro, casou com Antonio de Góes: ella nasceu em Parnahyba a 22 de Novembro de 1665.

4—7. Anna da Rocha, casou com Sebastião de Freitas Cardoso. Em titulo de Toledos, cap. 3.º § ..... .

4—8. Maria da Rocha.

4—9. Isabel da Rocha.

3—4. Luzia Leme, falleceu solteira menina.

3—5. Francisca, falleceu solteira.

3—6. Maria Ribeiro, mulher de Manoel Antunes Barbosa, moradores de Taubaté.

#### § 10 ultimo

2—10. Ignez Dias de Alvarenga, (filha do cap. 3 pag. 294) falleceu em Parnahyba, com testamento a 3 de Março de 1642, estando casada com Antonio Corrêa da Silva ( que depois casou segunda vez com Andreza Dias, sem geração) natural da cidade de Lisboa, que falleceu em Parnahyba, com testamento a 24 de Julho de 1672, filho de Pedro Corrêa, e de sua mulher Guiomar da Silva. ( Parnahyba, inv. n. 32 e n. 228). E teve naturaes de Parnahyba oito filhos.

3—1. Francisco Corrêa de Alvarenga.

3—2. Pedro Corrêa de Alvarenga, foi casado com Benta Dias de Proença. Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 7.º § 4.º; com geração.

- 3—3. Luzia Leme.
- 3—4. Antonio Corrêa de Alvarenga.
- 3—5. Matheus Corrêa Leme.
- 3—6. João Corrêa.
- 3—7. Manoel de Chaves de Alvarenga.
- 3—8. Estevão Corrêa Ribeiro.

#### CAPITULO 4º

1—2. Luiz Monteiro, nobre cidadão de S. Paulo; foi casado com Merencia Vaz natural da capitania do Espírito-Santo, donde veio com seu irmão Gaspar Vaz Guedes, que foi marido de Francisca Cardoso, filhos de Antonio Vaz Guedes, natural de Mezamfrio, e de Margarida Corrêa. Em título de Guedes, Merencia Vaz falleceu em Santos em 1666 aos 19 de Julho, e foi sepultada no collegio dos jesuitas, por não estar a matriz nova ainda acabada (livro de obitos a fl. 16). Em S. Paulo falleceu Luiz Monteiro com testamento em 1609. (Orph. de S. Paulo, L... Inv. maço 1.º n. 24). E teve filho unico.

#### § unico.

2—a. Antonio Monteiro de Alvarenga: falleceu em Santos a 19 de Julho de 1666, sepultado no collegio (obitos fl. 77). Foi nobre cidadão de S. Paulo, em cuja matriz casou a 17 de Julho de 1639, com Violante de Siqueira filha de Antonio Alves Couceiro, e de sua mulher Maria Ramires (a qual fizeram os antigos ser natural de Portugal da d'onde viéra com seu pai Gongalo Vaz Pinto, sahindo da Bahia com o governador geral D. Francisco de Sousa, que chegou a S. Paulo em 1599; porém isto foi engano, porque quando Gongalo Vaz Pinto veio, era viuvo, e trouxe só o filho Francisco Pinto; e elle falleceu em Santos com testamento a 19 de Agosto de 1680). E o dito Couceiro,

foi natural de Portugal, irmão de Francisco Borjes, marido de Hilária, Rodrigues, e falleceu em S. Paulo com testamento a 12 de Setembro de 1644 (Orph. de S. Paulo, maço 3º de inv. letra A. n. 4.º). Este Antonio Monteiro se estabeleceu na villa de Mogy das Cruzes. E teve sete filhos que são os que descobrimos por documentos, e ignoramos se foram mais.

3—1. Antonio Pedroso de Alvarenga Pinto

3—2. Luiz Monteiro de Alvarenga

3—3. Anna Pedroso de Alvarenga

3—4. Maria Pinto de Alvarenga

3—5. Isabel de Siqueira

3—6. Maria Bamires

3—7. Ignez Monteiro

3—1. Antonio Pedroso de Alvarenga Pinto, natural de Mogy das Cruzes, onde casou a 29 de Setembro de 1671 com Maria do Rosario de Torres, natural da mesma villa onde falleceu com testamento a 10 de Dezembro de 1731 (Orph. de Mogy, inv. letra M. n. 11); filha de André Gonçalves de Freitas, e de sua mulher Maria da Luz. Esta Maria da Luz é descendente de Lazaro de Torres, um dos primeiros povoadores de S. Paulo, e já em 1604 estava casado com Maria de Macedo (era irmã de Francisco Ramalho senhor da aldeia de Guanga, chamado por alcunho o Tamárutaca, que falleceu em 1718, e no inventario feito dos bens de Francisco Ramalho consta que Lazaro de Torres era seu cunhado, casado com sua irmã Maria de Macedo) de cujo matrimonio foi filha Margarida de Torres, que na matriz de S. Paulo casou a 16 de Agosto de 1634 com Sebastião Fernandes Preto, filho de Sebastião Fernandes Preto. Francisco Ramalho e sua irmã Maria de Macedo mulher de Lazaro de Torres, foram netos de João Ramalho, o progenitor de muitas familias de S. Paulo que foi o fundador da povoação de S. André da Borda do Campo, que se acclamou

villa em 8 de Abril de 1553, sendo então o dito Ramalho guarda-mór, e alcaide-mór do campo, e tinha o foro de cavalleiro, (Archivo da camara de S. Paulo, livro 1.º de registros da villa S. André ffs e ffs. Este João Ramalho veio de Portugal (era natural de Barcellos comarca de Vizeu) na companhia de Martim Affonso de Sousa no fim do anno de 1530, que como governador das terras da costa do Brasil por carta do Sr. rei D. João 3.º dada na villa de Crato a 20 de Novembro de 1530 (Cart. da prov. da Fazenda livro de reg. de sesmarias, titulo 1554 pg. 42 e pg. 103) fundou a villa de S. Vicente que foi cabeça de capitania de 100 leguas da qual foi senhor donatario por mercê do mesmo rei passada em Evora a 20 de Janeiro de 1533 (Arch. da camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1620, pag. 43 e seg.); e o dito Ramalho foi pai de Joanna Ramalho mulher de Jorge Ferreira, que tinha o foro de cavalleiro fidalgo, e sendo povoador e morador de S. Vicente foi d'esta capitania capitão-mór governador, e ouvidor pelos annos de 1546 por mercê do donatario Martim Affonso de Sousa. (Cart. prov. da Fazenda, livro de sesmarias, titulo 1554 79, 1.º 1562 pag. 17). Para ser a povoação de S. André aclamada em villa, fez João Ramalho a sua custa construir uma cerca, e dentro d'ella formou 4 baluartes, em que se cavalgaram peças de artilheria para varejarem contra os repetidos assaltos com que o gentio *Tamoyo* da ribeira do Rio Parahyba costumava invadir aos moradores de Santo André, até que cessaram as hostilidades, e penetravam os PP. jesuitas em Janeiro de 1554 os campos de Piratininga, e celebrou-se a primeira missa no dia 25 de Janeiro de 1553, (*Vide que n'esta ultima epocha ha erro.*) que por ser dedicada á conversão do apostolo S. Paulo ficou a terra tomando o nome d'este grande santo. A Villa de S. André da Borda do Campo

transmigrou-se para Piratininga de S. Paulo pelos annos de 1567 (*Creio que ha erro n'esta epocha de 1567, e deve ser 1560.*) por ordem do governador geral do Estado Mem. de Sá, que vindo a S. Vicente triumphante do poder dos *Tamoyos*, e forças de Nicolão Villagailhon, na epseada do Rio de Janeiro, lhe pediram os jesuitas do collegio d'esta villa se mudassem os moradores da de S. André para o campo de Piratininga, visto que já o cacique Teviriçá estava feito christão (na sagrada fonte ficou chamando-se Martin Affonso Teviriçá em contemplação do donatario assim chamar-se, (e os P. P. conservando boa harmonia com todos os vassallos do dito Teviriçá; e com effeito logo se executou esta transmigração, ficando com ella sendo villa o campo de Piratininga de S. Paulo desde o anno de 1567. Do matrimonio de Antonio Pedroso de Alvarenga Pinto, e Maria do Rosario, pag. 391, nasceram na villa de Mogy seis filhos.

4—1. Rosa Pedroso de Alvarenga.

4—2. Joaquim Pedroso.

4—3. Maria Pedroso.

4—4. Ignez Pedroso.

4—5. Violante Pedroso.

4—6. Joanna Pedroso.

*Nota.* Deve-se examinar quem foi João de Torres de Macedo, que casou com Maria Pinto de Alvarenga, de cujo matrimonio foram filhos, naturais de Mogy, Antonio Pinto de Alvarenga, que falleceu a 7 de Junho de 1735, casado com Maria da Cunha Corrêa (Resid. eccles. A. n. 4) — Manoel Pinto de Alvarenga.

4—1. Rosa Pedroso de Alvarenga, falleceu com testamento no 1.<sup>o</sup> de Setembro de 1750, e foi casada com Antonio Coelho de Azevedo, natural da villa de Bastos, lugar de Adolfo, freguezia de S. Miguel de Gemiões (irmão direito de frei João Baptista, religioso leigo de S. Francisco da ci-



dade de Lisboa, onde falleceu adornado de letras e virtudes, deixando alguns livros que compôz com muita erudição e vastidão de noticias, entre as quaes tem muita aceitação o *Paraíso Serafico*, em tres tomos em fólio; e foi commissario da casa santa) que falleceu em 27 de Janeiro de 1735 (Orph. de Mogy, inv. letra A. n. 60 e R. n. 3). E teve sete filhos naturaes de Mogy.

\* 5—1. Frei Domingos Coelho de Santa Rosa, carmelita que existe em 1769 (\* Falleceu em 177.) no convento de S. Paulo, tendo acabado (por querer descansar além dos seus achaques) de commercio de terceiros, que exercitou muitos annos com grande zelo do bem espirital dos seus irmãos terceiros, e igual desinteresse] e fervor em utilidade do augmento e ornato da capella no estado completo, em que se acha; tinha já occupado os lugares graves da sua religião: foi prior trienal nos conventos de Mogy e Santos, visitador dos conventos de S. Paulo, Santos e Itá, e tambem diffinidor da provincia do Rio de Janeiro.

5—2. José Coelho de Azevedo, casou com Maria do Rosario.

5—3. Victorta Pedroso Coelho, casou com Francisco Leme.

5—4. Anna Pedroso, casou com o capitão Manoel da Fonseca Coelho.

5—5. Maria Pedroso Coelho, casou com Bento de Araujo Ferraz.

5—6. Catharina Pedroso Coelho, casou com Antonio Rodrigues Freire. Vide Godoy

5—7. Josepha Pedroso, casou com Antonio Francisco Franco.

4—2. Joaquim Pedroso, casou em Guaratinguetá, com Archangela de tal, e foram para a Iorruoca.

4—3. Maria Pedroso, casou com Miguel de Sampaio

Adorno, da villa de Santos, e falleceu no primeiro parto do qual teve filha.

5—1. Anna Pedroso de Alvarenga, que existe casada em Santos com João Martins: sem geração.

4—4. Ignez Pedroso, casou com Manoel Carvalho da Silva, do Porto, e tiveram filhos.

4—3. Violante Pedroso, casou com Antonio Garcia da Silva de Lisboa, e teve um filho unico.

4—6. Joanna Pedroso, casou com João Romeiro, natural de Jacarehy, filho de João Angelo, estrangeiro.

3—2. Luiz Monteiro de Alvarenga (filho de Antonio Monteiro de Alvarenga do § unico retro), falleceu na villa de Mogy, com testamento a 10 de Dezembro de 1713 (Orph. de Mogy, inv. letra L. n. 1, e Residuo da ouvidor. de S. Paulo, testamento de Luiz Monteiro de Alvarenga). Foi casado duas vezes; primeira com Anna Pedroso (legitima descendente de Manoel Affonso Gaia, e de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio, natural de Pennaioya. Em titulo de Affonsos Gayos, cap. 1.<sup>o</sup> do n. 3.) que falleceu repentinamente na praia da Bertioga em 1687, (Obitos de Santos, fl 61) de quem teve tres filhos; casou segunda vez com Catharina de Freitas, na villa de Mogy a 20 de Fevereiro de 1689, onde falleceu com testamento a 12 de Dezembro de 1726. (Orph. de Mogy, inv. letra C. n. 1, e Residuo da ouvidoria de S. Paulo o testamento de Catharina de Freitas), filha de André Gançaves de Freitas, de quem já fallámos no n. 3—1 retro *in princ.* E teve quatro filhos do segundo matrimonio.

1.<sup>o</sup> matrimonio com Anna Pedroso.

4—1. Violante de Siqueira, mulher de Manoel Pinto.

4—2. Catharina de Sampaio.

4—3. Diogo Adorno de Sampaio, que se suppoem casou na villa de Mogy das Cruzes.

2.<sup>o</sup> matrimonio com Catharina de Freitas.

4—4. João Monteiro.

4—5. Maria Monteiro, foi casada com Bento Ferreira de Queiroz.

4—6. Antonio Monteiro.

4—7. Timotheo.

3—3. Anna Pedroso de Alvarenga, pag. 301, casou em Mogy a 13 de Outubro de 1670, com Francisco Martins, filho de Domingos Martins de Sousa, e de sua mulher Maria de Gouvêa. (Livro 1º título 1670 dos casamentos de Mogy das Cruzes).

3—4. Maria Pinto de Alvarenga, casou em Mogy a 17 de Setembro de 1673, com João de Torres, filho de Lasaro de Torres, e de sua mulher Maria de Macedo.

3—5. Isabel de Siqueira, falleceu na villa de Mogy com testamento a 23 de Agosto de 1709, e foi casada com Nuno de Góes Meniz, natural da capitania do Espirito-Santo como consta do testamento e inv. de sua mulher Isabel de Siqueira. (Orph. de Mogy, inv. letra I. n. 20, e Residuo da ouvidoria de S. Paulo, testamento de Isabel de Siqueira. E teve seis filhos.

4—1. Mathias de Góes.

4—2. Leandro de Góes.

4—3. Thomé de Góes.

4—4. José de Góes.

4—5. Salvador de Góes.

4—6. Margarida Vaz, casou com Luiz de Candia.

3—6. Maria Ramires (filha de Antonio Monteiro de Alvarenga, pag. 301) primeira mulher de Balthazar Pinto de Menezes, de cujo matrimonio foi filha 4— Maria Ramires, que casou com... Caldeira, de cujo matrimonio foi filha 5— Margarida Corrêa mulher do capitão João Dias Mendes, de cujo matrimonio foi filho 6— Marcelino Corrêa que é

pai de Marcelino Corrêa de Mattos, casado com Maria Rodrigues Froes. Em título de Moraes, cap. 2º § 6º e seg.

3—7. Ignez Monteiro de Alvarenga, foi casada com Diogo Adorno de Sampaio, natural da villa de Santos (da nobre descendencia de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio) filho de João Thomé Adorno de Sampaio. Em título de Alfonso Gaios, n. 3 cap. 1º § 1º. E tiveram.

4—1. João Corrêa de Alvarenga, natural da villa de Santos, falleceu com testamento em Guaratinguetá a 9 de Março de 1719, casado com Maria da Silva Ferreira. (Orph. de Guaratinguetá, inv. letra J. maço 1º n. 13.) E teve dois filhos. Anna e Francisca.

#### CAPITULO V

1—5. Estevão Ribeiro de Alvarenga, foi nobre cidadão de S. Paulo, e teve estabelecimento de grandes culturas em Juquiry: foi casado com Maria Missel, natural de S. Paulo, onde ella falleceu com testamento a 11 de Maio de 1660, filha de João Missel, que era estrangeiro e progenitor d'este appellido na capitania de S. Paulo e de sua mulher Isabel Gonçalves. (Cart. do 2º tabellião de S. Paulo, maço de inv. antigos de Maria Missel com testamento, e caderno de notas 18 de Fevereiro de 1609 n. 27 fl. 14 na escriptura de dote feito no dito dia, mez e anno, á filha Isabel Gonçalves mulher de Rodrigo Alves). E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

- 2—1. Isabel Ribeira de Alvarenga..... § 1º
- 2—2. Maria Ribeira de Alvarenga..... § 2º
- 2—3. Catharina Rodrigues de Alvarenga..... § 3º
- 2—4. Antonio Rodrigues de Alvarenga..... § 4º
- 2—5. João Ribeiro Baiao..... § 5º
- 2—6. Sebastião Pedroso..... § 6º

2—1. Isabel Ribeira de Alvarenga, falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Outubro de 1687, tendo sido casada com Diogo Martins da Costa, natural de Evora, (filho de Belchior Martins da Costa, e de sua mulher Ignez Martins) que falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Abril de 1647. (Cart. de Orph. de S. Paulo, inv. letra L. maço 2º, n. 17, letra D. maço 2º n. 11). Foram senhores do sitio e fazenda do moinho velho em Buagava, que no anno de 1673 a vendeu Isabel Ribeira de Alvarenga a Appolonia da Costa por escriptura de 14 de Outubro do mesmo anno celebrada na nota do tabellião de S. Paulo Antonio Pardo. Tiveram para si e seus descendentes sepultura propria na igreja do Carmo de S. Paulo dentro da quadra ao pé do altar de Santo Christo, que ficava em altar collateral, junto ao arco da capella-mór, que hoje é porta, que da igreja sahe para a sacristia pela nova construcção em que ficou o templo depois de reformado, ficando toda a quadra em pavimento raso com o mesmo numero de jazigos, que de antes havia n'elle. E teve naturaes de S. Paulo dezeseis filhos.

- 3—1. Simão Ribeiro.
- 3—2. Manoel Martins da Costa.
- 3—3. Balthazar Martins.
- 3—4. Diogo Martins da Costa.
- 3—5. Antonio Pedroso de Alvarenga.
- 3—6. Estevão Ribeiro de Alvarenga.
- 3—7. Francisco de Alvarenga.
- 3—8. Bento de Alvarenga Guterres.
- 3—9. Frei João da Luz.
- 3—10. Frei Luiz dos Anjos.
- 3—11. Diogo Ribeiro.
- 3—12. Ignez Pedroso Martins.
- 3—13. Maria Missel.
- 3—14. Isabel da Costa.
- 3—15. Isabel Ribeira de Alvarenga.
- 3—16. Anna Ribeira de Alvarenga.

3—1. Simão Ribeiro, falleceu solteiro.

3—2. Manoel Martins da Costa, casou na matriz de S. Paulo a 20 de Abril de 1644 com Isabel da Cunha (irmã direita do padre Domingos da Cunha, que foi vigário da vara em S. Paulo, de Anna da Cunha, mulher de Domingos de Oliveira Leitão, filha de Manoel da Cunha, e de Catharina Pinto sua mulher, sem geração.

3—3. Balthazar Martins, falleceu sem geração.

3—4. Diogo Martins da Costa, penetrou o sertão em tropa pelo interesse de conquistar gentios bravos, e falleceu na jornada, estando casado com Isabel Ribeira. (Orph. de S. Paulo, inv. letra D. maço. 1.º n. 42 nos mesmos autos de Domingos Barbosa Calheiros). E teve tres filhos.

4—1. Diogo Martins.

4—2. Mathias.

4—3. Anna Ribeira.

3—5. Antonio Pedroso de Alvarenga, foi de morada para a Ilha Grande dos Reis onde teve a grande fazenda de Mambucava, com a nobre e bem ornada capella de Nossa Senhora do Rosario. Deixou nobre geração assis conhecida n'aquella villa, onde existem os descendentes de Antonio Pedroso, tão estimados como applaudidos pela sua qualidade, e são os que actualmente servem na republica da mesma ilha.

3—6. Estevão Ribeiro de Alvarenga, casou na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1682, com Catharina do Prado, filha de Mathias Lopes e de Catharina do Prado sua mulher. Em titulo de Prados, cap. 5.º § 4.º n. 3—1.

3—7. Francisco de Alvarenga, casou e teve filhos como consta nos inventarios de seus pais, e não descobrimos quem foi sua mulher, nem de que familia. Tambem ignoramos o numero dos filhos e como se chamaram, por que faltando-nos documentos que nos dêem a certeza, já se não

consegue noticia alguma, pela falta total, que ha no presente tempo de homens, ou mulheres da idade antiga.

3—8. Bento de Alvarenga Guterres, falleceu em 1670 sem geração, tendo sido casado com Maria Pacheco de Lima filha de Manoel Pacheco de Lima. (Cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Bento de Alvarenga Guterres.

3—9. Frei João da Luz, carmelita, da provincia do Rio de Janeiro, foi baptizado em S. Paulo a 16 de Abril de 1644. Na sua religião foi mestre lente, e occupou os lugares graves, posto que depois com o tempo pôde mais a desaffeição alheia de certo prelado, que o merecimento proprio das suas grandes letras e virtudes, por seguir o destino da grande perseguição em que fluctuou seu irmão o grande Frei Luiz dos Anjos, tambem carmelita, que é o que se segue.

3—10. Frei Luiz dos Anjos, carmelita da provincia do Rio de Janeiro. Foi baptizado na matriz de S. Paulo a 28 de Abril de 1646. Na religião foi lente, e um dos maiores capellos de toda a provincia, e n'ella se fez recomendavel não só pelo successo, que referimos, como pelas grandes letras e virtudes e excellencia igualmente na cadeira, como nos pulpitos. Perseguido da invejosa emulação de certo prelado provincial, que como grande tambem em letras e cábedal tinha actualmente as redeas de todo o governo da provincia, já como provincial em um trienio, já como commissario do Rvm. padre geral e reformador, e logo, successivamente como provincial em segundo trienio, cujo nome não esquecêra, saudosamente lembrado na provincia carmelitana do Rio de Janeiro. (Nós temos a honra de prender em parentesco de consanguinidade no 4º gráo mixto com o 3º e a gloria de que na sagrada fonte do baptismo em o 1º de Julho de 1714 fosse elle o ministro



d'este sacramento, executado na igreja do Carmo de S. Paulo, com faculdade do parcho Bento Curvello Maciel, sendo actualmente provincial, que então se achava em visita; e como as suas acções todas eram filhas da grandeza do seu animo e cabedões, fez executar este acto á sua eusta, com estrondo de instrumentos musicos, formada no corpo da igreja uma pia toda coberta de sedas, e a torre e janellas do dormitorio da frente da cidade com flamulas de tafetá de varias côres como galhardetes, com que se empavezam as náos nos dias festivos; e ficaram por moveis do mesmo convento para nos dias mais solemnes tremolarem nos sineiras da torre e janellas d'ella, e do dormitorio que se extinguiram com a morte do mesmo prelado pelos annos de 172.), embarcou o padre mestre frei Luiz dos Anjos para a cõrte de Lisboa, onde foi estimado pela qualidade de sua nobreza achando de Lamego muitos parentes na mesma cõrte. A Sra. rainha D. Maria Sofia Isabel de Neubourg, segunda mulher do Sr. rei D. Pedro II, lhe conferiu incomparaveis honras: fez gosto de ouvil-o nos púlpitos de sua capella-real pelas boas noticias, que lhe haviam dado de um excellente panegyrico, que tinha recitado no convento do Carmo de Lisboa. Foi ouvido o mestre frei Luiz dos Anjos com tanta aceitação dos grandes da cõrte, que n'ella conseguiu com felicidade as dependências, que o fizeram passar a ella. A Sra. rainha o honrou com a régia dadiva de uma cruz de ouro com a preciosa reliquia do sagrado Lenho, pendente de um cordão tambem de ouro. Ao tempo do seu regresso para o Rio de Janeiro estava acabando o trienio de provincial o mesmo prelado, que fôra a cãuse da sua passagem a Lisboa, e o mestre frei Luiz dos Anjos trazendo motu proprio para tomar posse de provincial, acabando o actual; depois que chegou ao Rio, se passou para o convento da Ilha-Grande a encher o tempo

que faltava para findar o trienio, e achando-se na fazenda e capella de Nossa Senhora do Rosario sitio de Mambucava de seu irmão, Antonio Pedroso de Alvarenga do n.º 3—5 retro, alli falleceu de repente com não pequenas suspeitas de veneno, mallogrando esta fatalidade e barbara tyrannia (se foi verdadeira a voz que então se espalhou) as bem fundadas esperanças, em que se achava toda a provincia. O seu nome até agora existe saudosamente lembrado e não occultará o segredo do tempo a memoria d'este grande varão na sua provincia carmelitana, emquanto durar na capella do Rosario de Mambucava a sagrada reliquia do S. Lenho que elle deixou para existir sempre n'aquelle templo, onde nos dizem que ainda se guarda esta reliquia na mesma cruz e cordão de ouro, com que a régia liberalidade da Sra. rainha D. Maria Sofia engrandeceu e honrou ao padre mestre frei Luiz dos Anjos.

3—11. Diogo Ribeiro, falleceu solteiro.

3—12. Ignez Pedroso Martins, falleceu com testamento em 1663 estando casada com Antonio de Azevedo Magalhães, o qual falleceu em 1680. (Orph. de S. Paulo, inv. letra A. maço 4 n.º 4.) E teve dois filhos.

4—1. Isabel de Aguiar.

4—2. Mathias de Azevedo.

3—13. Maria Missel, casou duas vezes: primeira em 7 de Janeiro de 1681 com Manoel da Cunha Pinto (irmão direito do padre Domingos da Cunha) natural de S. Paulo, filho de Manoel da Cunha, natural da ilha de S. Miguel (filho de Salvador Teixeira, e de sua mulher Maria Mendes) que falleceu em S. Paulo em 1674, e de sua mulher Catharina Pinto. (Orph. de S. Paulo, inv. da letra M. maço 3 n.º 21). Falleceu dito Manoel da Cunha Pinto a 29 de Novembro de 1693 (orph. de S. Paulo, inv. letra M. maço 4 n.º 32). E teve filho unico.

4—n. Manoel.

Casou segunda vez dita Maria Missel com Francisco Pinto Guedes Alcaforado, natural de Entre Douro e Minho, do conselho [de Pena-Guião, no lugar de Sernelha, freguezia de Nossa Senhora de Sadiellos, filho de João Pereira da Fonseca Ozorio e de sua mulher Catharina Guedes. Falleceu dito Francisco Pinto Guedes com testamento a 15 de Novembro de 1701. (Orph. de S. Paulo, inv. letra F, maço 1.º n. 6) E teve filho unico Antonio Pinto Guedes, que casando com D. Branca de Almeida filha do capitão-mór governador e alcaide-mór Pedro Taques de Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.º § 3.º. Se extinguiu a geração na filha D. Isabel Ribeira de Alvarenga.

3—14. Isabel da Costa, casou duas vezes, primeira com Amaro Rodrigues; segunda com André de Escudeiros. Sem geração.

3—15. D. Isabel Ribeira de Alvarenga, casou duas vezes; primeira com André de Goes de Siqueira, natural da Bahia, provedor da fazenda R. da capitania de S. Vicente e S. Paulo, irmão do Dr. João de Goes de Aranje, Ouvidor da relação da Bahia etc. Sem geração. Segunda vez com Francisco Furtado natural de S. Paulo onde falleceu com testamento a 12 de Maio de 1691. Em titulo de Furtados, cap. 1.º; com geração de doze filhos que teve.

3—16. Anna Ribeira de Alvarenga (ultima filha de Isabel Ribeira do § 1.º pag. 307), foi baptizada na matriz S. Paulo a 4 de Agosto de 1647. Foi casada com Francisco da Silva que tinha sido alferes de infantaria do presidio da cidade da Bahia, natural da villa de Alemquer, filho de Francisco Luiz, e de sua mulher Maria Ribeira, e falleceu em S. Paulo a 21 de Maio de 1713; e sua mulher falleceu com testamento a 9 de Junho de 1718, e ambos foram sepultados no jazigo proprio, que tinham dentro da quadra da

igreja do Carmo ao pé do altar do Santo Christo, onde ao presente tempo é porta da parte do Evangelho que sahe para a sacristia, ou antichoro. (Cart. de Orph. de S. Paulo, inv. letra F maço 2º n. 20; letra A; maço 5.º n. 16). E teve nove filhos nascidos em S. Paulo.

- 4-1. Manoel Martins Collaço
- 4-2. Henrique da Silva Collaço
- 4-3. Anna de Alvarenga
- 4-4. Francisco da Silva, falleceu solteiro
- 4-5. João Ribeiro, falleceu solteiro
- 4-6. Luiz Pedroso, falleceu solteiro
- 4-7. Maria Ribeiro da Silva
- 4-8. Isabel Collaço
- 4-9. Branca da Silva

4-1. Manoel Martins Collaço, foi casado com Isabel de Almeida, da familia dos Barretos de Cabeço de Vide. Falleceu em S. Paulo em 1726, e sua mulher tambem ; e ambos com testamento no residuo eclesiastico, maço 96. E teve 9 filhos nascidos em S. Paulo.

5-1. Anna Barreto de Almeida, mulher de Ignacio Moreira de Alvarenga, mulhier que foi dos Pinheiros. Em titulo de Godoy, cap. 3º § 4º n. 3-6. E teve sete filhos, o primeiro nascido em S. Paulo e os mais no arrayal de Gorapiranga em Minas Geraes.

6-1. Isabel Joanna Moreira de Almeida, casou com Luiz José Ferreira de Gouvêa coronel de Villa Rica. Sem geração.

6-2. João José Moreira, falleceu solteiro em Villa Rica.

6-3. Luiz Collaço Moreira, casou na Campanha do Rio Verde, freguezia de S. Antonio de Val de Piedade com Leonor Domingues de Camargo, natural de S. Paulo, filha de Antonio Cardoso Biendo, e de sua mulher Maria de Camargo de Almeida.

6—4. Thomé Moreira de Godoy, casou em Val de Piedade com Mecia Ferreira de Almeida, natural de S. Paulo, filho de Antonio Cardoso Bicudo supra, e da mesma mulher.

6—5. Joanna Felicia Moreira, casou em Val de Piedade com Bartholomeu Gomes da Costa.

6—6. Manoel Luiz Moreira, casou em Val de Piedade com Rita Angelica de Toledo Taques.

6—7. Escholastica Joaquina Moreira, solteira em 1765.

5—2. Bento de Alvarenga { falleceram em Go-  
5—3. Francisco da Silva Collaço } rapiranga.

5—4. José Moreira Collaço, casou em Gorapiranga, onde falleceu com geração de tres filhos.—João.—José.—e Isabel.

5—5. Gonçalo de Almeida Collaço, morador na villa de S. José do Rio das Mortes, onde falleceu, estando casado, e deixou filhos.

5—6. João de Almeida, estudante, falleceu solteiro.

5—7. Maria de Almeida, mulher de Manoel dos Santos.

5—8. Branca de Almeida.

5—9. Isabel de Almeida.

4—2. Henrique da Silva Collaço, falleceu com testamento a 13 de Maio de 1738 (Resid. Eccles. testamentos, letra E). Foi morador em Itaguacô, serra do Ajuha; e casou primeira vez com Maria de Siqueira da Rocha, filha de José de Camargo da Siqueira, e de sua mulher Domingas Franca (que segunda vez casou com João de Freitas Collaço). E foi neta dita Maria de Siqueira de Manoel Franco e de Maria da Rocha do Canto. (Orph. de S. Paulo, inv. letra D, maço 1<sup>a</sup> n. 46.) E teve dois filhos.

5—1. Sebastião.

5—2. Anna Ribeira, mulher de João de Oliveira Sousa.

4—3. Anna de Alvarenga, casou tres vezes: primeira com Domingos Cardoso Coutinho, excellente poeta, e autor da *Relação Panegyrica*, em oitava rima da vida e acções do governador Fernão Dias Paes, descobridor das esmeraldas no reino dos *Mapdzes*, em cujo sertão acompanhou sete annos ao dito governador Fernão Dias Paes; era natural da cidade de Lamego, filho de Simão Vaz e de sua mulher Maria Dias: e falleceu com testamento em S. Paulo a 23 de Setembro de 1683. Sem geração. (Cart. 2º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos.) Segunda vez casou com Gaspar Sardinha, de quem teve filha unica.

5—1. Catharina Sardinha.

Casou terceira vez dita Anna de Alvarenga em S. Paulo a 19 de Janeiro de 1698 com Braz Ferreira Cardoso, filho de Filippe Ferreira e de Francisca Cardoso. Sem geração.

4—4. 4—5. 4—6. Falleceram solteiros

4—7. Maria Ribeira foi casada com Joaquim Pedroso de Moraes, nobre cidadão de S. Paulo, onde occupou todos os honrosos cargos da republica, filho de João de Freitas e de Anna de Moraes. Em titulo de Moraes, cap. 2º § 7º n. 3—3: falleceu Maria Ribeira da Silva em S. Paulo com testamento a 16 de Maio de 1701. (Cart. de orph. inv. letra M, maço 6º n. 14, e seu marido Joaquim já era fallecido nas Geraes.) E teve onze filhos nascidos em S. Paulo.

5—1. Anna de Moraes, casou em S. Paulo a 29 de Agosto de 1700 com Duarte de Tavora Gambôa, natural de Alhos Vedros, filho de Antonio de Tavora e de sua mulher Catharina de Macedo. (Este Gambôa casou depois em Itú com Maria de Cerqueira Leme, filha de Antonio Pedroso de Oliveira e de sua mulher Maria de Almeida. Em titulo de Cerqueiras, cap. 5º § 6º n. 3—2 a n. 4—2, e se passou dito Gambôa a viver em Parnaguá.) E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

- 6—1. Antonio de Macedo, morador na Piedade.  
6—2. Duarte de Tavora Gambôa, que mudou o nome em Bernardino: casou em Sergipe d'El-Rei.  
6—3. Joaquim Pedroso de Moraes, morador em Parnaguá.  
6—4. Thomé de Mattos Netto, morador de Guaratinguetá.  
6—5. Anna, falleceu solteira.  
6—6. Emerenciana, falleceu solteira.  
5—2. Maria Ribeiro, falleceu solteira.  
5—3. Francisca de Moraes, casou com Gaspar João Barreto. Em titulo de Barbosas Limas.  
5—4. José de Freitas, foi morto pelos gentios Cataguanzes, solteiro.  
5—5. Lourenço Collaço, foi morto em S. Paulo pela tyrannia de Valentim Pedroso.  
5—6. Ignez Pedrosa, casou com Estanislão Corrêa Ribeiro, natural de Parnahyba, e cidadão de S. Paulo, de cuja camara foi escrivão, e falleceu em Parnaguá em 1732, filho de Lourenço Corrêa Ribeiro e de sua mulher Maria Pereira de Azevedo, esta natural de Parnahyba e aquelle da villa de Itú. Neto por parte paterna de Serafino Corrêa Ribeiro, natural de Guimarães (filho de Lourenço Corrêa e de sua mulher Margarida Bernardes) e de sua mulher Isabel de Anhaya (irmã de João de Anhaya de Almeida, capitão-mór da villa de Itú), natural de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 8 de Fevereiro de 1634, e ella era filha de Paulo de Anhaya, natural da cidade do Porto. Em titulo de Almeidas Castanhos cap. § n. E neto pela parte materna de Antonio Pereira de Azevedo, nobre cidadão de S. Paulo, de d'onde sahia em posto de capitão da leva para a Bahia em 1647 pedida por Antonio Telles da Silva, governador geral do Estado em tres cartas, etc. (\* As cópias d'ellas, e o



que passou, e premio que teve dito Antonio Pereira de Azevedo, achu-se em titulo de Almeidas Castanhos, pag. e seg. no n. 3—4). E teve onze filhos naturaes de S. Paulo.

6—1. Francisco Pedroso Navarro, nobre republicano da villa de Mogy das Cruzes, onde tem servido todos os honrosos cargos, e existe casado com D. Anna Xavier de Jesus, irmã direita do M. R. conego Faustino Xavier do Prado. Em titulo de Prados, cap. 8º § 3º n. 3—4 a n. 4—1. Com geração de quatro filhos, o padre Faustino Xaxier de Moraes, e Anna Maria do Espirito-Santo mulher de José Lopes de Oliveira. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 4—6: de Isabel da Cunha Lobo e de João Lopes de Miranda.

6—2. Maria Pereira de Azevedo, casou com João Cordeiro, natural de Parnahyba. Em titulo de Cordeiros: com geração.

6—3. Francisco Xavier de Moraes, foi casado: sem geração.

6—4. Lourenço Corrêa Ribeiro, natural de Itú, existe casado em Sorocaba na familia de Forquim: com geração.

6—5. Joaquim Pedroso de Moraes, casou em Mogy das Cruzes: sem geração.

6—6. Pedro Alexandrino de Moraes, natural de Parnahyba, existe nas minas da Ribeira, casou na familia de Forquim, com geração.

6—7. Josepha Ribeira da Silva, existe em Parnaguá, casou primeira vez com Antonio Pereira da Silva, natural de Parn. Segunda com Antonio da Costa Ramos, natural de Parnaguá: com geração de ambos matrimonios.

6—8. Maria Ribeira da Silva, existe em Parnaguá, casada com Vicente de Souza Pereira: com geração.

6—9. Estanisláo.

6—10. Escholastica, falleceu solteira.

6—11. Escholastica, falleceu solteira.

5—7. Isabel Ribeira (filha do n. 4—7 retro), casou com....

5—8. Josepha de Moraes, casou duas vezes: primeira com Antonio Pereira de Azevedo, irmão inteiro de Estanislão Corrêa Ribeiro do n. 5—6 retro: sem geração. Segunda vez com Salvador Nunes, natural de S. Sebastião, morador no Inficionado em Minas-Geraes: com geração.

5—9. João de Freitas Collaço, falleceu sem geração.

5—10. Anna de Moraes, casou com Antonio de França: sem geração.

5—11. Maria, falleceu solteira.

4—8. Isabel Collaço (filha de Anna Ribeira de Alvarenga, e Francisco da Silva do n. 3—16 retro, pag. 313), falleceu em 1688, estando casada com Jorge Lopes Ribeiro, natural de S. Paulo. (Orph. de S. Paulo, inv. letra I, maço 2º n. 27), filho de....

E teve:

5—1. Simão Ribeiro, foi casado com Catharina Guedes, irmã direita de José Pinto Guedes, natural de S. Paulo e cidadão d'ella. Em título de Pintos Guedes, cap. 2º: sem geração.

5—2. Isabel Collaço, foi casada com Luiz Teixeira de Azevedo, natural da cidade do Porto, freguezia de S. Nicolão, que foi ajudante das ordenanças de S. Paulo com exercicio na execução das ordens do governador e capitão-general Rodrigo, Cesar de Menezes: passou a ser morador de Parn. onde falleceu. E teve em S. Paulo sete filhos.

6—1. Rosa Teixeira, existe casada com Antonio Castanho da Silva morador e cidadão da Parnahyba: com geração. Em título de Laras, cap. 7º § 3º n. 3—9.

6—2. José Teixeira de Azevedo, falleceu solteiro.

6—3. Antonio Teixeira de Gusmão, falleceu solteiro, no Cuyabá.

6—4. Miguel Teixeira, falleceu solteiro.

6—5. Luzia de Gusmão, falleceu solteira, em Parn.

6—6. Martha Maria de Gusmão, casou em Parn. com Manoel da Costa Santos, morador em Parn. com geração.

6—7. Gertrudes de Gusmão, casou em Parn. com o guarda-mór José Francisco Paiva, e alli morador: com geração.

4—9. D. Branca da Silva (filha última do n. 3—16), foi casada com o coronel Antonio de Oliveira Leitão, natural e cidadão de S. Paulo, cuja nobre qualidade lhe revogou a sentença de força que lhe fôra dada pela relação da Bahia, e lavrou-lhe a segunda, que teve para morrer degolado em cadafalso alto. Produziu esta sentença o crime de morte que elle executou, levado de animo precipitado e arrebatado, que lhe gerou melindres de honra antes de haver exame na offensa d'ella: assim obra o ardor da nescia desconfiança quando se deixa vencer dos primeiros impulsos da colera; e, concebendo presumpções de offensa, tirou a vida a uma filha donzella. Da imaginada culpa, e nota de impureza estava inteiramente innocente a infeliz dama, e quiz a Divina Providencia patentear-lhe a virtude então e para o futuro, permitindo, que o sangue que rubricou a parede do lugar da tyrannia (na violencia do punhal, que lhe atravessou o peito, não se apagasse com o decurso do tempo; e sendo passados muitos annos ainda se conserva com viva côr para padrão da innocencia. Arrebatou-se o pai pelos estímulos da paixão do primeiro impulso, e preso o discurso ao grilhão da imprudencia faltou o exame, e teve lugar a barbaridade. Esta foi o agente para a execução: porque, encontrando com a filha á porta da entrada de um quarto que tinha sahida para o quintal das casas, e havendo n'elle

visto tremular um lenço que a mesma filha tinha levado para se enxugar ao sol, concebeu que era senha praticada de algum occulto offensor, que lhe manchava a honra; e descendo as escadas para examinar no quintal a imaginada senha encontrou no quarto baixo com a filha, que se recolhia da diligencia de haver posto ao sol aquelle lenço a enxugar: ficou tão cego da violenta paixão, que o dominava, que, sem mais averiguação nem assenso, sacou de uma faca de ponta, que actualmte trazia na algibeira do calção, cingindo-lhe a coxa direita (indesculpavel adorno nos moradores do Brasil, assim nacionaes como europêos) e com ella lhe atravessou o peito, e cahiu morta a filha. Esta mancha pôz em odio a todos os moradores, que na comarca de Ouro-Preto respeitavam com applauso e veneração ao coronel Antonio de Oliveira Leitão, que occupando o lugar de ouvidor-geral e corregedor da comarca, quando estando servindo de juiz ordinario mais velho da cabeça da comarca faltou d'ella o proprietario. Ainda antes d'este emprego desfructava grandes estimações por sua qualidade, liberalidade e prendas moraes, sendo muito destro no manejo da cavallaria, brandura de redeas, gentileza na figura, etc., Nas festas executadas em S. Paulo pela acclamação de cidade no anno de 1712, foi um dos mantenedores da escaramoga a dois fios, e no jogo das sertilhas teve applausos pela excellencia das sortes, cuja acclamação subiu a todo o auge, quando de um golpe separou com a espada o pescoço de um touro. Com estas prendas, grandeza de animo e cabedal estava o coronel Leitão muito estimado em Minas-Geraes, porém tudo cahiu da estimação dos povos pelo successo referido, e offendida a republica, pela virtude das leis, não lhe livrou o respeito para que o Dr. ouvidor e corregedor da comarca com o general o conde de Assumar D. Pedro de Almeida o não fizesse remetter preso para a cidade da Bahia,

por cuja relação teve sentença contra si, que se executou cortando-se-lhe a cabeça em publico e alto cadafalso no dia 16 de Junho de 1721 (Orph. de S. Paulo, inv. letra A, maço 4 n. 10). Foi filho de Domingos de Oliveira Leitão, natural de Santos, que falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Novembro de 1691, e de sua mulher Anna da Cunha, irmã direita do R. Domingos da Cunha, de quem fallámos no n. 3—1 d'este parrafo, e por seu pai foi o dito coronel Leitão legitimo descendente de Antonio de Oliveira, que veio a S. Vicente em 1538, feito capitão-mór, governador e ouvidor loco-tenente do donatario Martim Affonso, e tinha o fôro do cavalleiro fidalgo, e trouxe para S. Vicente sua mulher, D. Genebra Leitão de Vasconcellos, cuja qualificada nobreza se tem diffundido pelo Rio de Janeiro e Ilha Grande de Angra dos Reis. E teve cinco filhos, que foram os que se acharam vivos em 1721, nascidos em S. Paulo:

3—1. João de Oliveira e Vasconcellos, foi estudar grammatica latina no seminario de Belém da Bahia, e depois fez um tal estudo n'esta lingua, de sorte que no seu tempo não teria quem o excedesse. Depois de residir em Minas feito mestre de grammatica, passou a Coimbra já em idade maior. Alli, depois de alguns annos de matriculas, falleceu perdendo-se as bem fundadas esperanças que davam a sua excessiva applicação acompanhada de uma vida exemplar em costumes; falleceu em 1734 com testamento, no qual deixou a sua alma por herdeira e varios legados pios do cabedal em moeda com que se achava, além do que se lhe devia por assignados em Minas-Geraes, onde tambem constituiu testamenteiros, que com estragada consciencia têm mettido em si tudo quanto cobraram e apuraram dos bens que em ditas Minas tinha deixado o testador.

3—2. Apolinario de Oliveira Leitão, foi de morada para o Cuyabá com sua mulher Angela de Arruda, natural

de Itú, em 1763, filha de José de Arruda, e de D. Maria de Arango sua mulher. Em título de Arrudas, n. 1.<sup>a</sup> cap. 7.<sup>o</sup> § 5.<sup>o</sup>.

5—3. Simeão de Oliveira, foi na arte da cavallaria um dos mais excellentes cavalleiros do seu tempo; e tudo que n'esta arte ha de bom executava com a maior perfeição. Passou solteiro para o Cuyabá, onde casou.

5—4. Margarida de Oliveira, ainda existe em S. Paulo em 1769; casou tres vezes: primeira em vida de seus pais com Antonio Alves Rosa, que falleceu a 14 de Janeiro de 1722, e de quem teve duas filhas; segunda com Bernardino Antunes, que falleceu no Cuyabá, sem geração; terceira vez casou, estando já quinquagenaria, com José dos Santos Rosa, que existe.

Do primeiro matrimonio teve duas filhas:

6—1. Isabel de Rosa, mulher de Antonio Lopes Thomaz.

6—2. Maria de Oliveira, mulher de José de Figueiró da Silva.

5—5. Timothea de Oliveira (filha ultima do coronel Leitão), falleceu de bexigas, e foi sepultada na quadra da capella da Luz, sitio de Guarê do Rocio da cidade de S. Paulo, estando casada com José Pinto Guedes, nobre cidadão que occupou todos os honrosos cargos da republica, filho de Francisco Pinto Guedes Alcaforado, o mesmo de quem tratámos n'este § 1 n. 3—13, e de sua terceira mulher Marianna de Camargo, filha de D. Balthazar Lemos de Moraes. Em título de Moraes, cap. 2.<sup>o</sup> § 3.<sup>o</sup> n. 3—1. E teve sómente filhas, sem varão algum, e foram tantas que passaram de dez, das quaes umas são fallecidas solteiras, outras se passaram para Goyazes na companhia de uma irmã casada com Miguel de Passos da Silva, sendo soldado da companhia dos dragões das mesmas Minas; e outras passaram para a cidade do Rio de Janeiro, e entre todas merece particular

memória Joseph de Oliveira, que existe em 1769, moradora actualmente na sua fazenda de culturas e curral de gados vacunos e cavallares do rio Pirayossára, casada com Francisco Xavier Gonçalves, natural de S. Paulo, filho de Luiz Gonçalves Palmella, natural da villa d'este nome, freguezia de S. Pedro (filho de Luiz Gonçalves e de sua mulher Luzia Rodrigues), e de sua mulher Agueda Vieira, natural de S. Paulo, irmã direita de Ignacio Vieira Antunes, que foi casado com Maria da Cunha. Em título de Prados, cap. 6º § 2º n. 3—10 a 4—1: onde mostramos os pais e mães ascendentes d'este Ignacio Vieira Antunes e sua irmã Agueda Vieira.

§ 2º

2—2. Maria Ribeira (filha de Estevão Ribeiro de Alvaronga pag. 308). Foi casada duas vezes: primeira com Francisco Lourenço, da nobre familia de Carvoeiros, fundadores e padroeiros da capella de Nossa Senhora da Luz no sitio de Guarê de S. Paulo, onde falleceu em 1624 (Orph. de S. Paulo, inv. letra F maço 1º n. 3—3). E teve tres filhos. Casou segunda vez com Domingos da Silva, que falleceu no sertão (Orph. de S. Paulo, inv. letra D maço 2º n. 17). E teve dez filhos todos nascidos em S. Paulo.

Do primeiro matrimonio teve tres:

3—1. Pedro, falleceu solteiro.

3—2. Francisco, falleceu solteiro.

3—3. Anna Ribeira, mulher de Domingos Dias; o que consta do inv. de orph. letra D maço 2º n. 17.

Filhos do segundo matrimonio com Domingos da Silva, onze.

3—4. Maria Missel, casou segunda vez com Antonio Pacheco Jorge. Em título de Pachecos Jorges, com tres fi-



lhos. Antes d'este segundo casamento tinha sido casada dita Maria Missel com Gaspar Luiz Soares, como consta do testamento com que ella falleceu, da qual teve tres filhos :

4—1. Isabel Ribeira Soares.

4—2. Catharina de Moraes.

4—3. Domingos Luiz Soares.

4—1. Isabel Ribeira Soares casou duas vezes: primeira com Domingos de Almeida Viegas, de quem teve cinco filhos (Orph. de S. Paulo, inv. liv. 4 maço 1º n. 40); segunda com Antonio das Neves Moniz (irmão de Manoel Moniz das Neves, pai do conego Antonio Moniz), que falleceu em S. Paulo com testamento a 22 de Fevereiro de 1682, natural de S. Vicente, filho de Antonio Moniz de Gusmão e de sua mulher Maria das Neves (Orph de S. Paulo, inv. A maço 3º n. 41). E teve duas filhas.

Do 1º matrimonio cinco.

5—1. Anna de Moraes, casada com João [Lisbôa de Lima.

5—2. Maria das Neves, casada com Domingos Teixeira, com geração em Minas-Geraes, onde ainda existem os filhos seguintes. 6—1. Amaro das Neves Moraes, (que foi ou escrivão, ou guarda-mór das minas da Juruoca. 6—2. José Teixeira, que foi morador na Juruoca, de onde se passou com seus irmãos para Pitanguy.

5—3. Domingos Teixeira de Moraes, existe em S. Paulo em 1774, em casas proprias, e casou em....

5—4. Cosme de Almeida, casou duas vezes, e falleceu na campanha do Rio-Verde.

5—5. Francisco Xavier, falleceu solteiro, afogado, na Juruoca.

Do 2º matrimonio de Isabel Ribeira Soares com Antonio das Neves Moniz :

5—6. Anna.

3—7. Maria.

4—2. Catharina de Moraes, casou com Manoel Machado Barreto.

4—3. Domingos Luiz Soares, casou e teve três filhos, que foram :

5—1. Matheus Luiz Soares.

5—2. Antonia Soares, mulher de Sebastião Nunes do Passo.

5—3. Thomazia Ribeiro, mulher de Fernão Soares de Almeida.

3—5. Mecia Ribeiro (filha do § 2º retro). Casou duas vezes: primeira com Manoel Gonçalves Cadime, natural da ilha de S. Miguel e cidadão de S. Paulo, onde falleceu em 1638 (Orph. de S. Paulo, inv. M mago 5º n. 261). Viveram no sítio no Itahim para Jaraguá. A nobreza d'este Manoel Gonçalves Cadime consta por justificação de titulos de maior excepção em S. Paulo no juizo ecclesiastico anno de 1723, feita por seu neto Sebastião do Prado Cortez. Segunda vez casou com João Corrêa Marvão, natural da freguezia de Caçaraba do Rio de Janeiro, o qual falleceu com testamento a 3 de Novembro de 1684, filho de João Corrêa Marvão e de sua mulher Sebastiana Fernandes (Orph. de S. Paulo, inv. J, n. 44). A dita Mecia Ribeiro falleceu a 21 de Agosto de 1709 (Residuo da ouvidoria de S. Paulo, testamento de Mecia Ribeiro). E teve do 1º matrimonio um filho e do 2º outro.

Do 1.º matrimonio:

4—1. Antonio Gonçalves, casou com Maria Leme da Silva. Em titulo de Taques Pompêo, cap. 5º § 1º, com descendencia.

Do 2º matrimonio:

4—2. Thomaz Corrêa Marvão, sem geração.

3—6. Ignez Pedroso (filha do § 2º retro). Casou duas

vezes: primeira com Francisco Corrêa, e a segunda com Miguel da Costa Gil, que foi morador no seu sitio proprio no bairro de Jaraguá, no lugar que hoje é chamado Cachoeira das Lavras de Antonio Bicudo, que é cabecera do ribeirão Amaitinga, que comprou em 1678 a sua sogra Maria Ribeiro do § 2º retro, o qual sitio ficou depois possuindo uma filha mamaluca do dito Gil chamada Antonia Rodrigues, além da qual teve mais Gregorio da Costa Gil, que existe em Mogy Guassú e é avô da mulher de Pedro Vaz Pires. Estevão da Costa Gil, official de patronas, que falleceu em Parn. e Violante da Costa, que falleceu em Parn. todos mamalucos), que falleceram em 1700, sem geração.

Do 1º matrimonio houve filho unico:

4—v. Manoel Corrêa de Carvalho, chamado em estudante por alcunha Melquara, casou oito vezes. Sem geração.

3—7. Magdalena Ribeiro, pagnia, foi casada com Antonio da Silva, chamado capitão da polvora, que foi morador em Santo Amaro. E teve filho unico:

4—v. Assenso Ribeiro, natural de Santo Amaro.

3—8. Catharina Ribeiro, falleceu solteira.

3—9. Isabel Ribeiro, casou na matriz de S. Paulo a 20 de Novembro de 1639 com Francisco Furtado, filho de Leonel Furtado e de sua mulher Gracia Mendes: foram morar em Santo Amaro. Em título de Furtados, cap. 1º. Com geração.

3—10. Maria da Silva, casou com Manoel Gonçalves.

3—11. Anna Maria Ribeiro (filha do § 2º), falleceu em S. João da Atibaia com testamento a 19 de Novembro de 1684 (Orph. inv., letra A maço 1º n. 2º). Casou duas vezes: primeira com João Rodrigues Preto (que já era viuvo de Branca Cabral, irmã de Luiz da Costa Cabral) e que falle-

ceu com testamento a 27 de Março de 1656 (idem letra I maço 1º n. 8); segunda vez casou com Francisco da Fonseca (idem letra D maço 2º n. 17). E teve do 1º, matrimonio tres filhos e do 2º seis.

Do 1º matrimonio com João Rodrigues Preto:

- 4—1. Antonio Rodrigues Preto.
- 4—2. Estevão Ribeiro,—Cego.
- 4—3. Francisco Rodrigues Preto.

Do 2º matrimonio com Francisco da Fonseca:

- 4—4. Lucas da Fonseca.
- 4—5. Manoel da Fonseca.
- 4—6. Antonio da Fonseca.
- 4—7. Anna Ribeiro.
- 4—8. Maria da Fonseca.
- 4—9. Catharina da Fonseca.

3—12. Maria da Silva, filha do § 2º no 2º matrimonio foi casada com Manoel Gonçalves, como consta do inv. de seu pai retro citado.

3—13. Isabel Rodrigues.

3—14. Isabel da Silva (filha ultima do § 2º).

§ 3º

2—3. Catharina Rodrigues de Alvarenga (filha de Estevão Ribeiro do cap. 5º), falleceu solteira.

§ 4º

2—4. Antonio Rodrigues de Alvarenga, casou com Isabel Ribeiro, que falleceu com testamento a 7 de Julho de 1662 (Orph., inv. letra I n. 103), filha de Isabel Affonso, a qual tinha jazigo proprio para si e seus descendentes no Carmo de S. Paulo. E teve

3—1. Maria Rodrigues, que falleceu com testamento a 19 de Setembro de 1668, declarando o nome de seus pais,

e se mandou enterrar no jazigo de sua avó Isabel Affonso no Carmo, e foi casada com Domingos Affonso de Escudeiro, que falleceu em 1683 (D. 52 e M. 175). E teve dez filhos:

4—1. Pedro de Escudeiro, falleceu solteiro.

4—2. Eugenia Rodrigues, casou primeira vez com João Pinto Guedes. Em titulo de Pinto Guedes. Segunda vez com o alferes Diogo Alves Pestana.

4—3. Antonio Rodrigues de Escudeiro, casou com Maria de Siqueira Baruel D. viuva de Assenso de Moraes cap. 2º § 5º.

4—4. Domingas Rodrigues, casou com Manoel Pinto Guedes (irmã do supra). Em titulo dito Guedes.

4—5. Domingos Affonso de Escudeiro.

4—6. Leonor Rodrigues, casou com José Rodrigues de Faria.

4—7. André de Escudeiro.

4—8. Benta, falleceu solteira.

4—9. Cyriaco de Escudeiro, casou com Maria de Moraes. Em titulo de Moraes, cap. 2º § 5º

4—10. Martinho, falleceu solteiro.

§ 3º

2—5. João Ribeiro, casou na matriz de S. Paulo a 3 de Julho de 1631 com Antonia Gago, filha de João Gago e de sua mulher Catharina do Prado. Em titulo de Prados, cap. 5º § 3º. Vide seu testamento em lã letra I, n. 36. E teve sete filhos.

§ 6º

2—6. Sebastião Pedroso, ultimo filho de Estevão Ribeiro, do cap. 5º, foi casado com Maria Gonçalves, filha de Gonzalo Gil e de Catharina Gonçalves (irmã de Alvaro Rodrigues e de Maria Gonçalves), que falleceu com testamento em

S. Paulo a 9 de Janeiro de 1637 (Orph. de S. Paulo, inv. letra C, maço 1º n. 11). Neta materna de Clemente Alves e de sua mulher Maria Alves, o qual gastou 14 annos em exames de minas de ouro, prata e mais metaes, que com effeito descobriu o manifestou á camara de S. Paulo.

1—6. Anna de Alvarenga, falleceu em S. Paulo com testamento a 22 de Julho de 1644, foi casada tres vezes : primeira com Domingos Rodrigues; sem geração; segunda com Pedro de Araujo natural de Refoios de Ponte de Lima, parente de Sebastião Fernandes Corrêa, primeiro provedor e contador da fazenda real de S. Paulo, proprietario em 1644; filho de legitimo matrimonio de Catharina de Araujo, da mesma familia de que foi descendente o Rev. Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, deão da Sé do Rio de Janeiro, commissario do Santo Officio; o qual tambem é legitimo terno de Antonio Rodrigues de Alvarenga e de D. Anna Ribeira. Este Pedro de Araujo falleceu no sertão de Paraupava no arraial do capitão da tropa Antonio Pedroso de Alvarenga, seu cunhado, em 1616 a 25 de Abril (Orph. de S. Paulo, inv. letra A, maço 5º n. 6. e letra P n. 18); terceira vez casou dita Anna de Alvarenga com Pedro da Silva, nobre cidadão de S. Paulo, que se achava viuvo de Luzia Sardinha, filha do afamado paulista o capitão Affonso Sardinha, primeiro descobridor das minas de ouro, etc. Falleceu Pedro da Silva com testamento a 21 de Março de 1666 e foi sepultado na igreja do Carmo de S. Paulo em jazigo proprio que n'ella tinha (2º cart. de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Pedro da Silva). E teve dois filhos nascidos em S. Paulo.

Do 2º matrimonio com Pedro de Araujo, teve unico filho:

2 §—1. Pedro de Araujo, que casou com Isabel Vaz Coelho, de quem teve tres: Anna de Alvarenga, que casou na Parnahyba aos 16 de Abril de 1673 com Belchior Moreira,

filho de João Moreira e de Gregoria da Silva. Em titulo de G. Lopes.

Do 3º matrimonio com Pedro da Silva teve dois filhos :

§ 2º Anna de Alvarenga, casou em S. Paulo a 30 de Abril de 1634 com Gaspar de Godoy. Em titulo de Godoy, cap. 3º com sua descendencia.

§ 3º Isabel da Silva, casou em S. Paulo a 4 de Fevereiro de 1663 com Sebastião Gil de Godoy. Em titulo de Godoy, cap. 6º com sua descendencia.

#### CAPITULO 7º

1—7. Antonio Pedroso de Alvarenga, foi nobre cidadão de S. Paulo com grande respeito, e potentado em arcsos de indios, que conquistou no sertão, que penetrou em varias entradas. Depois que em 10 de Junho de 1611 falleceu em S. Paulo D. Francisco de Sousa, que havia chegado em 1609 feito governador administrador geral das minas das tres capitania do Rio de Janeiro, do Espirito Santo e de S. Paulo, trazendo a mercê de marquez das minas com trinta mil cruzados de juro herdade, e com os mais amplos poderes que até então se tinham concedido a vassallo algum sem subordinação ao governador-geral do Estado, e com alvarás do rei para dar habitos de Christo aos mineiros, dar o fôro de fidalgo da casa, o de cavalleiro fidalgo e o de moço da camara; e ultimamente para em sua ausencia deixar em seu lugar a quem entendesse, nada conseguiu, por que a morte atalhou o progresso dos descobrimentos a que tinha vindo; e nomeando em seu lugar ao filho D. Luiz de Sousa, este tomou posse na camara de S. Paulo no dia 11 do mesmo mez e anno de 1611. Animando aos paulistas mais poderosos, e experientes dos sertões para a empreza de intentarem descobrimentos de minas de ouro ou prata, se encarregou d'esta importantissima conducta Antonio Pedroso



de Alvarenga, que, formando uma grande tropa á sua custa, com ella penetrou distante de S. Paulo mais de 300 leguas, e se achou em 1616 postado no centro do sertão do grande rio Paraupava ao norte na capitania, que hoje de Goyazes, e encaminha o curso das suas aguas a sepulturas no caudaloso rio do Maranhão. No seu arraial falleceu o cunhado Pedro de Araujo, de quem tratámos no cap. retro. Recolhido d'esta diligencia, sendo constante o seu serviço, foi depois premiado com o posto de sargento-mór da comarca da capitania de S. Vicente e S. Paulo com o soldo de 80\$000, com que o dito posto tinha sido creado, e tomou posse na camara de S. Paulo a 27 de Março de 1638, (Arquivo da camara de S. Paulo, l. de Reg. titulo 1636 pag. 48 v.). Foi o sargento-mór Antonio Pedroso de Alvarenga casado com D. Anna Corrêa, natural da capitania do Espirito-Santo, irmã direita de Merencia Vaz, mulher de Luiz Monteiro de Alvarenga, irmão do dito sargento-mór (do cap. 4). Como de seu matrimonio não houve filhos, dispozeram do seu cabedal em obras pias, fazendo de mão comum o seu testamento, no qual se vê a grandeza do catholico animo do dito sargento-mór. Havia destinado para seu jazigo e de sua mulher D. Anna Corrêa o lugar da capella-mór da igreja dos RR carmelitas debaixo da lampada, como se vê do dito testamento, que se acha junto aos autos do inventario dos bens do dito sargento-mór, feito em 1643 (Cart. 1.<sup>o</sup> de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Antonio Pedroso de Alvarenga). Foi muito devoto de Nossa Senhora do Carmo, a cujo convento deixou o que consta do seu testamento. A viuva D. Anna Corrêa casou depois com o capitão Francisco Borges de Mesquita; ambos falleceram em Santos em 1673 (Obitos de Santos, fl 5 e fl 32).

CAPITULO 8º

1—8. Fr. Bento da Triunidade, foi religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, cujo sagrado habito tomou ainda em vida de seus pais; e não faça equivocação com outro frei Bento da Triunidade, sobrinho direito, de quem tratámos no cap. 3º § 4.º

CAPITULO 9º

1—9. Thomazia de Alvarenga, falleceu com testamento a 18 de Maio de 1631 (Orph. de S. Paulo, inventarios, letra T, maço 1º n. 9), e por elle consta que fôra casada duas vezes: primeira com Francisco de Almeida, que, acompanhando a seu cunhado Antonio Pedroso de Alvarenga ao sertão, falleceu no arraial do rio Paraupava com testamento que alli fez a 8 de Janeiro de 1616 (Orph. de S. Paulo, inv. letra F, maço 1º n. 8); segunda vez casou, como declara no seu testamento, com Manoel Rodrigues Mexilhão, sem geração. E teve do seu 1º matrimonio naturaes de S. Paulo tres filhos:

- 2—1. Isabel de Almeida.....§ 1º
- 2—2. Francisco de Almeida.....§ 2º
- 2—3. Anna Ribeira.....§ 3º

§ 1º

2—1. Isabel de Almeida, casou com Fernando Dias Borges, natural de S. Paulo, filho de Simão Borges Cerqueira, moço da camara de El-rei. Em titulo de Cerqueiras, cap. 1º. Com geração.

§ 2º

2—2. Francisco de Almeida, casou na matriz de S. Paulo a 13 de Fevereiro de 1634 com Maria de Albernaz, filha de

Luiz de Albernaz e de sua mulher Andreza Gonçalves. Ignoramos se teve filhos.

§ 3º e ultimo

2—3. Anna Ribeira, casou na matriz de S. Paulo a 8 de Abril de 1630: a primeira vez com Domingos Cordeiro (vinho de sua primeira mulher Antonia de Paiva, (em titulo de Cordeiros Paivas), natural da villa do Espinhel, filho de Domingos Fernandes e de sua mulher Maria Luiza Cordeiro: sem geração; casou segunda vez com Manoel Alves Claro, natural da villa de Vianna (filho de Domingos Alves Claro e de sua mulher Nataria de Amorim), que falleceu a 29 de Janeiro de 1650 (Cart. 2º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Manoel Alves Claro, com testamento). Sem geração.

CAPITULO 10 e ultimo

1—10. Maria Rodrigues de Alvarenga, falleceu com testamento a 20 de Abril do 1646 (Cart. 1º de notas de S. Paulo, maço de inv. antigos, o de Maria Rodrigues de Alvarenga, com testamento); e foi casada com Manoel Mourato Coelho. E teve filha unica nascida em S. Paulo:

§ unico

2—». Anna Mourato, casou em S. Paulo a 5 de Junho de 1634 com Valentim Cordeiro, natural da villa do Espinhel, sobrinho de Domingos Cordeiro, do cap. 9 § 3º retro, e filho de Gaspar Cordeiro e de sua mulher Anna Mathoso; o dito Valentim Cordeiro falleceu em 1643 (Orph. de S. Paulo, inv. letra V, maço 1º n. 4). E teve filha unica.

3—». Anna Mathoso Mourato, casou em S. Paulo com Manoel de Lemos Conde, natural da villa de Borba, que foi provedor dos reaes quintos da fazenda de Parnaguá

e que em 1681 se degolou por suas proprias mãos, estando preso e sequestrado. Em titulo de Cordeiros. Com geração. E vide aut. de *genealogia*, dos netos Ignácio e João. Com geração.

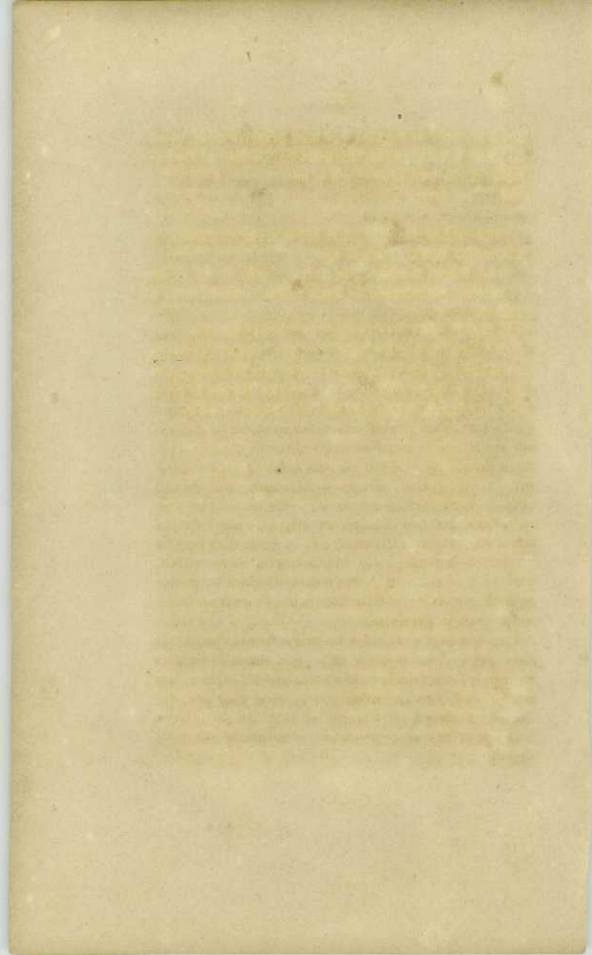
Entre muitos familiares que procederam da familia de Alvarengas foram tambem estes :

O Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo, deão da Sé do Rio de Janeiro, comissario do Santo Officio, terceiro neto do tronco.

O capitão João Vaz Cardoso de Toledo, familiar.

O R. José de Sousa Ribeiro e Araujo, doutor de capello, arcediogo, e depois thesoureiro-mór do Rio de Janeiro, comissario do Santo Officio. José de Góes Moreira 4º provedor proprietario da Fazenda Real de Santos, familiar.

*Continúa.*



# REVISTA TRIMENSAL

DO

## INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

1.<sup>o</sup> TRIMESTRE DE 1871

---

### NOBILIARCHIA PAULISTANA

#### GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUÉS DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada da pag. 335 do tomo XXXIII, parte segunda)

---

#### PIRES

Grande variedade encontramos sobre a origem dos Pires da capitania de S. Paulo. N'umas memorias introduzidas de pais a filhos fazem progenitor d'esta familia a Salvador Pires, que de Portugal trouxéra dois filhos, a saber, Salvador Pires, e Manoel Pires; porém no exame e lição dos cartorios viemos a descobrir a verdade d'este progenitor da maneira seguinte:

Entre os nobres povoadores da villa de S. Vicente, que a esta ilha chegaram com o fundador d'ella o fidalgo Martin Affonso de Sousa em principios do anno de 1531, foi João Pires, chamado o Gago, natural do Porto; o seu primo

Jorge Pires, que era cavalleiro fidalgo ( n'aquelle tempo era este fôro o melhor ), cujo alvará veio ao nosso poder para o lermos. Este João Pires trouxe consigo o filho Salvador Pires, da cidade do Porto, que, sendo casado com Maria Rodrigues, ignoramos se já de Portugal veio casado, ou se casou na villa de S. Vicente, como affirmam algumas memorias deixadas de pais a filhos. A dita Maria Rodrigues era natural do Porto, que veio para S. Vicente com seus irmãos e pais, que foram Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Em título de Garcias Velhos, cap. 6.º De S. Vicente passou para S. Paulo João Pires o Gage; e seu filho Salvador Pires com sua mulher Maria Rodrigues ficaram na povoação de Santo André da Borda do Campo, que foi aclamada em villa no dia 8 de Abril de 1553 em nome do donatario da capitania Martim Affonso de Sousa. João Pires foi o primeiro juiz ordinario d'esta villa. (Camara de S. Paulo, caderno 1.º título 1553 da villa de Santo André pag. 1.º e seguintes.)

Maria Rodrigues era já fallecida em 1579; porque em 20 de Janeiro de 1580 lhe passou quitação de haver cumprido com as disposições testamentarias da defunta sua mulher o prelado administrador, sendo escrivão da camara ecclesiastica e visita Francisco de Torres. Esta quitação nos tirou toda a duvida de que a familia dos Pires não tivêra principio em S. Paulo do Campo de Piratininga em Salvador Pires, e Messia Fernandes, por quanto o Salvador Pires, em que teve a origem, foi este de quem tratamos, casado com Maria Rodrigues, como temos mostrado. Esse tal Salvador Pires veio da cidade do Porto para a villa de S. Vicente, como temos dito; e consta de uma carta de sesmaria, que no anno de 1573 lhe conceden Hieronimo Leitão, capitão-mór governador loco-tenente do donatario Pedro Lopes de Sousa; e da mesma consta tambem que passára da villa de S. Vicente para a de Santo André da Borda do Campo no anno



de 1553, e lhe foi dada meia legua de terras na Tapera que tinha sido alojamento do indio *Baibebá*, partindo pelo campo de Piratininga direito á serra, por ser dito Pires lavrador potentado, que dava avultada somma de alqueires de trigo ao dizimo, além das colheitas de outros fructos todos os annos (1). Maria Rodrigues veio do Porto com seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velho. Em titulo de Garcias Velhos, cap. 6.<sup>a</sup> Teve Salvador Pires do seu matrimonio com Maria Rodrigues dois filhos que foram :

N.—1.<sup>o</sup> Manoel Pires

N.—2.<sup>o</sup> Salvador Pires

Manoel Pires casou com Maria Bicudo. Em titulo de Bicudos, n. 1.<sup>o</sup> cap. 3.<sup>o</sup>

N. 2.

Salvador Pires tambem viveu muito abundante, com grandes layouras, e numerosos trabalhadores d'ellas, quaes eram os indios catholicos da sua redução e administração. Foi do governo da republica como pessoa principal d'ella: falleceu em 1592 em S. Paulo na sua fazenda de cultura, sita no lugar acima da cachoeira chamada Pátuáhy, no rio Tieté (2), com uma legua de terras em quadro por sesmaria (3); e ficou por testamenteiro e curador dos filhos seu genro Bartholomeu Bueno de Ribeira.

Casou duas vezes: primeira com N..... da qual teve os filhos Diogo Pires, Amador Pires, e Domingos Pires de que tratamos no fim da descendencia do segundo matrimonio;

(1) Cart. da Prov. da Faz. R. Livro de reg. de sesmar. tit. n. 4, 1562, pag. 158.

(2) Cart. 1.<sup>o</sup> de Not. de S. Paulo, Cad. Maio de 1592, pag. 35.

(3) Cart. sup. Liv. n. 2 tit. 1002, pag. 41. E Cam. de S. Paulo, cad. de reg. tit. 1583, pag. 27.

segunda vez casou com Messia Fernandes, vulgarmente chamada pelo idioma brasilico *Messiuçu*, que quer dizer Messia grande, natural de S. Paulo, filha de Antonio Fernandes, e de sua mulher Antonia Rodrigues (a qual procede de Antonio Rodrigues e de Antonia Rodrigues, baptizada pelo padre Anchieta, e era ella filha do maioral de Hururaby, chamado Piquiroby. O qual Antonio Rodrigues genro de Piquiroby veio com Ramalho a S. Paulo 30 annos quasi antes de chegar em 1531 Martin Affonso de Sousa a S. Vicente ), povoadores de S. Paulo como consta do testamento com que em 1625 falleceu dita Messia Fernandes, que se acha junto aos autos de inventario dos bens para partilhas com seus herdeiros, no cartorio do 1º tabellião de S. Paulo no maço dos inventarios antigos, letra M. E foi irmã de Marcos Fernandes, a quem matou um Antonio Fernandes Aia, ao qual deu perdão dita Messia Fernandes por escriptura de 1º de Janeiro de 1612 (4).

E teve do seu segundo matrimonio nascidos em S. Paulo oito filhos :

- Cap.—1ª Maria Pires, mulher de Bartholomeu Bueno da Ribeira.
- Cap.—2ª Catharina de Medeiros, mulher de Mathias Lopes.
- Cap.—3ª Anna Pires, mulher de Francisco de Siqueira.
- Cap.—4ª Isabel Fernandes, mulher de Henrique da Cunha Gago.
- Cap.—5ª Salvador Pires, casado com D. Iguéz Monteiro.
- Cap.—6ª João Pires, casado com Messia Rodrigues.
- Cap.—7ª Custodia Fernandes, mulher de Domingos Gonçalves.
- Cap.—8ª Antonio Pires, falleceu solteiro.

#### CAPITULO 1.º

1—1. Maria Pires, casou com Bartholomeu Bueno da Ribeira natural da cidade de Sevilha, a 4 de Agosto de 1590,

(4) Primeiro Cart. de Not. de S. Paulo, caderno de Dezembro de 1611, pag. 20.

porque n'este dia e anno lhe fizeram escriptura de dote e casamento seus sogros, como se vê da dita escriptura no 1º cartorio de notas de S. Paulo, no caderno titulo 1390 fl. 65. Em título de Buenos, com sua descendencia.

#### CAPITULO 2.º

1—2. (\* O autor pôz como advertencia posterior e no principio d'este capitulo o seguinte : Esta Catharina de Medeiros a casaram seus pais com Domingos Fernandes, a quem fizeram escriptura de dote e casamento a 5 de Agosto de 1590, a qual se acha na nota do 1º cartorio de S. Paulo no caderno de notas, titulo Dezembro de 1590 fl. 68, onde se vê que a outorgante Messia Fernandes era irmã de Antonio Fernandes, o qual tendo passado ao reino de Angola, com negocio, no regresso para o Rio de Janeiro falleceu n'aquella cidade em 1599, como se vê da procuração que fez a viuva Catharina de Medeiros a 19 de Julho do dito anno de 1599, que se acha no 1º cartorio de notas de S. Paulo no caderno do tabellião Belchior da Costa, titulo 1599 fl. 8.)

Catharina de Medeiros (filha de Salvador Pires e Messia Fernandes) falleceu em S. Paulo com testamento no anno de 1629, casada com Mathias Lopes (irmão de Zuzarte Lopes), natural de Portugal e cidadão da villa de Santos, que falleceu em S. Paulo com testamento a 25 de Maio de 1651 (5). Foi mamposteiro-mór dos captivos pelos annos de 1608; e tambem sargento-mór do troço do descobrimento das minas de prata e esmeraldas em 1680 (6). E teve nascidos em S. Paulo quatro filhos.

(5) Cart. de Orph. de S. Paulo, maç. 1º de inv. let. C. o de Catharina de Medeiros. E maç. 2º let. M. o de Mathias Lopes.

(6) Cam. de S. Paulo, cad. de reg., 1607, pag. 11v.

- 2—1. Antonio Lopes de Medeiros §—1°  
2—2. Maria de Medeiros..... §—2°  
2—3. Mathias Lopes..... §—3°  
2—4. Zuzarte Lopes..... §—4°

§ 1.º

2—1. Antonio Lopes de Medeiros, foi ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e na camara da capital d'aquella villa tomou posse a 7 de Setembro de 1659 (7), e casou na matriz de S. Paulo a 29 de Junho de 1642 com Catharina de Onhatte, filha de Christovão da Cunha de Onhatte, e de sua mulher Messia Vaz Cardoso. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º n. 2—4: e ahi a sua descendencia.

§ 2.º

2—2. Maria de Medeiros, casou no Rio de Janeiro com Gonçalo da Costa Ferreira, e alli deixou geração nobre, que ainda se conserva.

§ 3.º

2—3. Mathias Lopes, casou com Catharina do Prado, filha de Catharina do Prado. Em titulo de Prados, cap. 53 § 8º sem descendencia.

§ 4.º

2—4. Zuzarte Lopes, falleceu com testamento em S. Paulo a 9 de Dezembro de 1635, e foi casado com Maria de Pontes, irmã de Pedro Nunes de Pontes, natural de S. Paulo (8), a qual Maria de Pontes e dito seu irmão foram filhos de Pedro Nunes e de sua terceira mulher Catharina

(7) Cam. de S. Paulo, Liv. de reg. 1658, pag. 65 v.

(8) Orph. de S. Paulo, maço de invent., let. I. n. 21.

de Pontes, a qual era viuva de Salvador de Lima, que tinha fallecido em 1612 no sertão, sendo soldado do capitão da tropa Martim Rodrigues Tenorio (9). Em título de Pontes, cap. 2°. E teve filha unica, 3—Catharina, que não lhe descobrimos nem o appellido nem o estado.

### CAPITULO 3.º

1—3. Anna Pires de Medeiros pag. 8: falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Maio de 1668 (10). Casou duas vezes: primeira na matriz de S. Paulo em 3 de Junho de 1629 com Antonio Bicudo, filho de Vicente Bicudo, e de sua mulher Anna Luiz. Em título de Bicudos, cap. 2º § 1º; sem geração: segunda vez casou, depois da morte de seu pai, com Francisco de Siqueira natural da villa de Caminha (11). E teve do segundo matrimonio cinco filhos:

2—1. Francisco Pires de Siqueira	§—1º
2—2. Antonio de Siqueira	§—2º
2—3. Messia de Siqueira	§—3º
2—4. Maria de Siqueira	§—4º
2—5. Anna Maria de Siqueira	§—5º

#### § 1º

2—1. Francisco Pires de Siqueira, cidadão de S. Paulo, que occupou os cargos da republica, falleceu com testamento a 8 de Abril da 1671, e foi casado na matriz de S. Paulo a 6 de Fevereiro de 1640 com Helena Dias, que falleceu com testamento em 1669 (12), filha de Francisco Dias,

(9) Orph. de S. Paulo, maço 1º let. S. n. 28.

(10) Orph. de S. Paulo, maço 3º de inv. let. A.

(11) Cam. episc. de S. Paulo, out. de genere do coronel João Raposo Bocarro. l. m. 1º n. 9.

(12) Orph. de S. Paulo, invent. maço 1º E. n. 2.

e de sua mulher Custodia Gonçalves, ambos de S. Paulo, sobrinha de Diogo Penedo e filha de Helena Gonçalves, e de seu marido N... Gonçalves Penedo, que era irmão do capitão Diogo Gonçalves Penedo, povoador de Parnaguá. Neta de Pedro Dias (que foi leigo jesuita) e de sua segunda mulher Antonia Gomes da Silva, natural de Braga, filha de Pedro Gomes, e de sua mulher Maria Affonso, ambos de Braga, cujo casal passou da villa de S. Vicente para o campo de Piratininga com os primeiros jesuitas, que subiram a serra de Paranã-piacaba em Janeiro de 1534. Em titulo de Dias, E teve tres filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Francisco Dias de Siqueira.

3—2. Anna Maria de Siqueira.

3—3. Anna Pires.

3—1. Francisco Dias de Siqueira, capitão-mór, chamado de alcunha Apuçá, que quer dizer surdo. Este paulista penetrou com a sua tropa o sertão até a cidade do Maranhão, e nas aldeas dos indios catholicos d'aquelle Estado fez varias extorsões, cujos impulsos se não atreveu a castigar o governador pelos annos de 1692 para 1693, e d'elles deu conta ao Sr. rei D. Pedro II. Este principe, usando da sua paternal clemencia, ordenou aos officiaes da camara de S. Paulo em carta de 2 de Novembro de 1693 que o castigassem com toda a demonstração, que ficasse servindo de exemplo para outros vassallos lhe não imitarem os procedimentos insultuosos, que havia commettido. Esta real ordem se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no livro das cartas do Rio de Janeiro, titulo 1673 pag. 111, e é do teor seguinte :

« Tenho por noticias certas, que d'essa capitania sahira por cabo de uma tropa Francisco Dias de Siqueira a penetrar os sertões do Maranhão com ordens suppostas, insi-



nuendo as levava para se fazer communicavel aquelle Estado com o do Brasil, de que se seguira que o governador Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho lhe dera os mantimentos e munições necessarias, entendendo que o seu animo seria de se empregar no meu real serviço e extincção do gentio de serco, o que obrára tudo pelo contrario, e que fizera grandes destruições, e hostilidade nas aldeas domesticas, valendo-se d'este engano para obrar esta maldade; e por esta acção se fez digno de todo o castigo; vos ordeno procedaes com toda a demonstração n'este caso contra este sujeito, para que sirva de exemplo para os mais se não animarem a commetter estes insultos. Espero de vós como bons vassallos assim obreis, etc. »

Casou este Francisco Dias de Siqueira com Joanna Corrêa, natural da villa de Santos (que falleceu em S. Paulo a 20 de Abril de 1714 com testamento em que declarou sua naturalidade e seus pais) (13) irmã de Antonia Corrêa, mulher de Francisco Corrêa de Figueiredo chamado o Pinxa, natural da Bahia, e de Catharina Corrêa de Faria, que casou na ilha de S. Sebastião, da qual procedeu o conego Antonio Nunes de Siqueira, que falleceu em S. Paulo em 1758, e filha de Simão Rodrigues Henriques, que falleceu em S. Paulo em 1656, e de sua mulher Joanna Corrêa natural da cidade da Bahia, onde casou, e veio a S. Paulo onde falleceu com testamento, em que declarou ser natural da Bahia, filha de Gaspar Soares, e Ignez de Azevedo, da Bahia, etc (14).

Francisco Dias falleceu na Bahia, para onde se tinha recolhido da conquista e guerra contra os barbaros gen-

(13) Resíduos da Ouvid. de S. Paulo, testamento do Joanna Corrêa.

(14) Orph. de S. Paulo, invent. let. 1.º maio 1.º n. 16. E Resid. da Ouv. de S. Paulo, testamento de Antonia Corrêa, em 1720.



tios do Rio Grande e Sicará, de que foi capitão João Amaro Maciel e mestre de campo governador Mathias Cardoso de Almeida, o que temos tratado em Prados, cap... e em Campos, cap... e Gayos, cap... e deixou na dita cidade da Bahia um grosso cabedal, que se apurou pelo juizo dos ausentes, e se remetteu a Lisboa ao tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Teve Francisco Dias do seu matrimonio com Joanna Corrêa, filha unica natural de S. Paulo:

4—» Joanna Corrêa, que casou com Garcia Rodrigues Betim. Em titulo de Betins, cap. 7º § 2.º

3—2. Anna Maria de Siqueira, foi casada com Manoel da Silva de Vasconcellos, como consta do testamento e inventario de seu pai Francisco Pires de Siqueira, que fica já indicado.

3—3. Anna Pires, filha ultima de Francisco Pires de Siqueira do § 1º, foi casada com Manoel Garcia Velho (como consta do testamento de seu pai já indicado), natural de S. Paulo, filho de Manoel Garcia Velho, que falleceu em S. Paulo com testamento a 6 de Abril de 1659, e de sua mulher Maria Moniz da Costa. (Orphãos de S. Paulo, inventario maço 3º letra M).

§ 2º

2—2. Antonio de Siqueira, casou na matriz de S. Paulo a 25 de Novembro de 1630 com Maria Affonso, filha de Paschoal Dias e de sua mulher Filippa Rodrigues. Falleceu Antonio de Siqueira sem testamento em S. Paulo a 20 de Fevereiro de 1648. E teve oito filhos:

3—1. Anna Pires, casou com Salvador Francisco de Oliveira Lobo, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Manoel Francisco Pinto, natural de Guimarães, e de sua mu-

Iher Juliana de Oliveira. Em título de Cunhas Gagos, cap. 3º § 3º com sua descendência.

3—2. Maria de Siqueira.

3—3. João Pires Affonso

3—4. Francisco.

3—5. Antonio de Siqueira Affonso, que falleceu solteiro em 11 de Junho de 1675 com testamento no cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º letra A.

3—6. Sebastião de Siqueira, fallecido com testamento a 16 de Maio de 1669, e foi casado com D. Maria Ribeiro Antunes, filha do governador Estevão Ribeiro Bayão (irmão de Antonio Ribeiro Bayão), natural de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria Antunes. Em título de Bayão, cap. 5º § 3º n. 3—2 a n. 4—2 (15); e teve filho unico:

4—1. Estevão Ribeiro Bayão.

3—7. Filippa.

3—8. Salvador.

§ 3º

2—3. Messia de Siqueira (filha de Anna de Medeiros do cap. 3º), fallecida em S. Paulo com testamento a 20 de Fevereiro de 1648, casada com Pedro Vidal, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 30 de Dezembro de 1658 (16), filho de Alonso Peres Canhamares, natural de Castella, e de sua mulher Maria Affonso. Em título de Canhamares. E teve oito filhos, que são:

(15) Orph. de S. Paulo, invent. let. S. maço 4º n. 12

(16) Cart. de Orph. de S. Paulo, invent. let. M. maço 1º n. ... Let. P. maço 4º n. 4.

3—1. Maria Vidal, fallecida em S. Paulo com testamento a 28 de Setembro de 1687, casou duas vezes : primeira na matriz de S. Paulo a 7 de Fevereiro de 1639 com Francisco Baldaya, filho de Miguel Sobrinho, e de sua mulher D. Maria da Veiga : (em título de Eannes, cap. 4º § 2º, n. 3—1) e segunda com Pedro Casado Villas Boas. Falleceu o dito Baldaya, natural de S. Paulo, com testamento a 8 de Abril de 1648 (17). E teve do primeiro matrimonio quatro filhos; e do segundo teve cinco.

1º matrimonio

- 4—1. Salvador Baldaya, falleceu solteiro.
- 4—2. Margarida.
- 4—3. Francisco Baldaya.
- 4—4. Anna Maria de Siqueira, mulher de João de Siqueira.

2º matrimonio

- 4—5. José Casado.
- 4—6. Antonio Casado Villas Boas.
- 4—7. Messia de Siqueira.
- 4—8. João Casado Villas Boas.
- 4—9. Catharina Casado Villas Boas.

3—2. Joanna de Siqueira, casou com Manoel Pedroso.

3—3. Maria de Siqueira, mulher de João de Lima do Prado. Em título de Prados, cap. 4º § 1º n. 3—2.

3—4. Anna Pires de Siqueira, mulher de Manoel de Lima do Prado. Em título de Prados, cap. 4º § 1º n. 3—4.

- 3—5. João Vidal.
- 3—6. Pedro Vidal.
- 3—7. Francisco de Siqueira.
- 3—8. Manoel de Siqueira.

(17) Orph. de S. Paulo, invent. let. M. maço 1º n. 8. Let. F. maço 1º n. 49.

§ 4º

2—4. Maria de Siqueira (filha do cap. 3º).

§ 5º

2—5. Anna Maria de Siqueira, casou com João Raposo Boccarro. Em título de Raposos Boccarros, cap. 4º: com sua descendência.

CAPITULO 4º

1—4. Isabel Fernandes (filha do capitão Salvador Pires e Messia Fernandes), foi casada com Henrique da Cunha Gago, de quem teve tres filhos. Em título de Cunhas Gagos, cap. 1.º e ali a sua descendência.

CAPITULO 5º

1—5. Salvador Pires de Medeiros foi capitão da gente de S. Paulo pelos annos de 1620 como pessoa das principaes da terra, que assim se declara na sua carta patente, registrada na camara de S. Paulo no livro de registro, título 1620, pag. 12. Foi grande paulista abundante em cabe-daes, estabelecido na serra, ou sitio do Ajubá, onde teve uma fazenda de grandes culturas, e uma dilatada vinha, da qual todos os annos recolhia excellente vinho malvazia com muita abundancia. Fundou a capella da gloriosa martyr Santa Ignez (18), cuja devoção tomou por ter este nome sua mulher. Foi casado com D. Ignez Monteiro de Alvarenga, cognominada a Matrona. Em título de Alvarengas, cap. 2.º Esse capitão Salvador Pires com sua mulher fez doação a Bartholomeu Bueno das terras que o

(18) Cart. da Prov. da Faz. da Cap. de S. Paulo, L. n. 8 de ses-marias, tit. 1633, pag. 52. E Liv. n. 3, tit. 1618, pag. 23.

dito Pires herdára de seus pais por escriptura de 1625(19).  
E teve de seu matrimonio, naturaes de S. Paulo, nove filhos.

- |                                      |       |
|--------------------------------------|-------|
| 2-1. Alberto Pires .....             | § 1.º |
| 2-2. Maria Fernandes Pires.....      | § 2.º |
| 2-3. Antonio Pires de Medeiros.....  | § 3.º |
| 2-4. Isabel Pires de Medeiros.....   | § 4.º |
| 2-5. D. Maria Pires de Medeiros..... | § 5.º |
| 2-6. Anna Pires de Medeiros.....     | § 6.º |
| 2-7. Bento Pires Ribeiro.....        | § 7.º |
| 2-8. Maria Pires.....                | § 8.º |
| 2-9. Salvador Pires de Medeiros..... | § 9.º |

§ 1º

2-1. Alberto Pires, casou na matriz de S. Paulo a 27 de Janeiro de 1682 com Leonor de Camargo, filha de Estevão Gomes Cabral, e de sua mulher Gabriela Ortiz de Camargo : em título de Camargos, cap. 6º. D'este matrimonio não teve fructo algum pela fatalidade que expomos. Foi Alberto Pires extremosamente amante de sua mulher, em um dos dias de carnes toleudas, como chamam em Castella, e de entrudo no Brasil, quando Alberto Pires em brinquedos dos que o inveterado costume d'estes dias introduziu, sem desculpa na maior parte dos reinos da Europa, succedeu receber Leonor de Camargo Cabral, do proprio marido uma limitada paucada na fonte da parte esquerda, e cahiu no mesmo instante morta. Esta casualidade não teve testemunhas de vista, que acreditassem a innocencia do successo, para ficar o marido livre da suspeita de homicida. Era Alberto Pires por natureza rustico (porque n'elle não lavrou o buril da discrição de seus pais com a policia em que criaram os filhos, civilisando-os com a doutrina das escolas dos pateos dos jesuitas do collegio de S. Paulo), e com o re-

(19) Cart. de Notes de S. Paulo, cad. Maio de 1625, pag. 68.

pente da desgraça acontecida, destituido de prudencial discurso, se encheu de funestas imagens, mais filhas da ignorancia, que do temor, (se é que no mesmo interim se não deixou penetrar de diabolicas suggestões), e concebeu executar uma barbaridade por desmentir uma suspeita, sem o reportar de tão maligno intento o acordo de que na execução d'elle primeiro maculava a propria honra, do que libertava a sua innocencia. Para cumprir a funesta idéa que tinha concebido, fingiu um convite simulado. Mandou chamar Antonio Pedroso, de Barros, seu cunhado (irmão de Fernão Paes de Barros, e Pedro Vaz de Barros, e outro da principal nobreza das familias de S. Paulo) para que viessem entrar; e, como é costume juntarem-se os parentes em uma casa, onde são banqueteados, se persuadiu que o convidado não faltava a esta rogativa, ainda quando não era distante o lugar de uma e outra casa. Fez Alberto Pires espera ao cunhado Antonio Pedroso em lugar occulto á entrada da fazenda, e emparelhando com o sitio da cilada, lhe fez tiro com um bacamarte, que o tinha preparado (com balas) para lhe não errar fogo, e conseguir effeito tão atroz insulto, o matou. Conseguida esta barbara tyrannia, juntou a este cadávero de sua mulher Leonor Cabral no mesmo sitio, onde executára o infame delicto. Mandou logo chamar aos seus parentes a toda pressa e accleração, e acudindo muitos, a estes publicou, que, em desagravo da sua honra, matára os adulteros que lhe offendiam a pureza do thalamo sacramental; cujos corpos estavam no mesmo lugar, onde tinham commettido a torpeza. Sem preceder o mais minimo accordo de reflexão se arrebataram os animos enfurecidos dos parentes do aggressor Alberto Pires, que lhe applaudiram a insolencia, como acção briosa, com que lavava a mancha da sua deshonra no proprio sangue d'aquelles adulteros.



Porém a Divina Providencia quiz que a innocencia não ficasse manchada, e se veio a descobrir a realidade do acontecido successo de Leonor Cabral, brincando com seu marido, e a suggestão, que n'elle produzira tanto desacordo. Então os irmãos dos mortos em numeroso corpo de armas (cada partido solicitava o despique pela dôr que lhe occupava) procuraram tambem lavar a offensa da sua magoa no mesmo sangue do autor d'ella, tirando-se-lhe a vida a ferro frio. A matrona D. Ignez Monteiro (já n'este tempo viuva), persuadida do seu grande respeito, se capacitou que segurava a vida de Alberto Pires, seu filho, recolhendo-o á sua casa e protecção, e com este conceito ficou a sua casa sendo sacrario, onde se julgava seguro, e bem occulto o insolente réo, a quem os magoados e offendidos da familia de Camargos e da familia dos Pedrosos Barros protestavam beber-lhe o sangue ou pelos fios do ferro, ou pelas bocas das espingardas. Este vingativo e tumultuoso corpo, tendo certeza de que Alberto Pires se homisiava nas casas da fazenda de sua mãe D. Ignez Monteiro, no silencio da noite encaminharam a sua diligencia para este sitio, e quebrando os foros do respeito d'esta matrona, lhe puzeram a casa em cerco; e á vozes pediam, que entregasse o filho, ou se lhe arrasava a casa á fogo e sangue; porém D. Ignez Monteiro com briosa resolução, e catholico accordo, abriu as portas apresentando aos que as occupavam uma sagrada imagem de Christo crucificado, por cujas divinas chagas pedia á vozes, e com lagrimas, que não tirassem a vida a seu desgraçado filho Alberto Pires; que, pois a justiça tinha devassado das suas culpas, fosse esta quem governada pelas leis do principe soberano, lhe lavrasse a sentença para o castigo. Esta rogativa e efficaz supplica fez socegar os primeiros impulsos da paixão obstinada, e attento aquelle tumulto a tão rele-



vante ponderação suspenderam as armas, que tinham estado dispostas para serem disparadas em carga cerrada contra Alberto Pires.

Este foi preso e conduzido para S. Paulo, onde d'elle tomou entrega a justiça : preparados os autos do processo, obteve sentença, que o fez conduzir ao porto de Santos para embarcar para a cidade do Rio de Janeiro, e de lá para a da Bahia, em cuja relação havia de o réo ser punido. D. Ignez Monteiro, logo que de S. Paulo descêra para a villa de Santos o desgraçado filho, se pôz em marcha por terra a demandar a villa de Paraty, e passar-se a cidade do Rio de Janeiro (onde por parte de seu pai tinha parentes da familia de Alvarengas de avultado merecimento), com firmes esperanças de libertar seu filho á custa de toda despesa de dinheiro. Com effeito a esta cidade chegou D. Ignez Monteiro de Alvarenga primeiro que o filho, porém a sumaca em que fôra embarcado do porto de Santos, experimentando no mar contrarios ventos, teve arribadas, e por fim tomou o porto da Ilha Graude. N'ella souberam os que ião tambem embarcados para maior segurança do réo, que sua mãe se achava na cidade, e esta certeza só bastou para os inimigos do infeliz preso Alberto Pires obrarem a barbara acção de que sahindo da Ilha Grande para o Rio de Janeiro, lhe puzeram ao pescoço uma grande pedra, e o lançaram vivo ao mar, em cujas aguas teve o seu sepulchro, e para logo fizeram com que a embarcação tomasse o rumo para a villa de Santos, o que executou o mestre da sumaca, ou porque o temor o venceu, ou o dinheiro o obrigou. D'esta catastrophe se originou a destruição da grande casa de D. Ignez Monteiro, uma das maiores d'aquelle tempo, da qual ainda hoje existem algumas cepas da sua grandiosa vinha, que occupava um campo com quasi meia legua em quadro, que annual-

mente brotam, depois que nos mezes de Agosto e Setembro costumam lançar fogo aos campos, para do verdor d'elles terem os gados vaccuns e cavallares abundancia de pastos, verificando-se o antigo rifão que diz: campo que já foi vinha. Este successo, que temos narrado, só tem por documento a memoria dos velhos, communicada de pais a filhos: é verdade que a prisão de Alberto Pires, sua funesta morte, ida de sua mãe á cidade do Rio de Janeiro, e rompimento de armas para a sua prisão, não padece duvida; e só não pôde ser que a causa productiva de tantos desconcertos fosse pela morte do cunhado Antonio Pedroso de Barros (seria outro o sujeito a quem tirou a vida Alberto Pires, quando viu morta sua mulher pela casualidade referida), porque este falleceu em 1651, e Alberto Pires seu cunhado cazou em 1682. Parece-nos que a morte de Leonor Cabral de Camargos teve alguma circumstancia na desconfiança de seus parentes, que preoccupados da dôr procuraram a vingança contra o cunhado Alberto Pires. Este não teve geração pela catastrophe referida.

2—2. Maria Fernandes Pires, casou na matriz de S. Paulo em 1644 com Gaspar Corrêa, (irmão inteiro de Sebastião Fernandes Corrêa 1º provedor e proprietario contador da fazenda real da capitania de S. Paulo), natural de Refoyos de Ponte de Lima, filho de Gaspar Fernandes Corrêa e de sua mulher Maria Gonçalves. Falleceu Gaspar Corrêa em S. Paulo a 9 de Outubro de 1686: sem geração (20).

§ 3º

2—3. Antonio Pires de Medeiros, casou na matriz de S. Paulo a 5 de Fevereiro de 1635 com Anna Luiza Grou,

(20) Cart. do 1º tabellião de S. Paulo, maço de invent. antig. o do Gaspar Corrêa com testamento.

filha do capitão Simão Alves, e de sua mulher Maria Luiza Grou. (Em título de Jorge Velhos). E teve dois filhos:

3—1. Ignez Monteiro, primeira mulher de Francisco Paes da Silva, natural de S. Sebastião, filho de... (Em título de Lemes, cap. 5º n. 3—6 a n. 4—1, sem geração.

3—2. João Pires, falleceu solteiro.

§ 4º

2—4. Isabel Pires de Medeiros, falleceu na villa da Parnahyba, onde foi moradora com seu marido Domingos Jorge Velho a 24 de Setembro de 1714. Em título de Jorge Velhos, cap. 1º § 2º. E a sua descendencia em Lemes, cap. 5º § 3º e seguintes.

§ 5º

2—3. D. Maria Pires de Medeiros, casou na matriz de S. Paulo a 3 de Outubro de 1639 com Antonio Pedroso de Barros, filho de Pedro Vaz de Barros, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e de sua mulher D. Luzia Leme. Em título de Barros, cap...E em Lemes, cap. 5º § 6º.

§ 6º

2—6. Anna Pires, casou na matriz de S. Paulo a 3 de Julho de 1629 com Antonio Bicudo de Mendonça, filho de Vicente Bicudo e de sua mulher Anna Luiz. Sem geração. Em título de Bicudos, n. 2, cap. 1º.

§ 7º

2—7. Bento Pires Ribeiro, cidadão de S. Paulo, serviu todos os cargos da republica, fez varias entradas ao sertão, feito capitão-mór da tropa; e não contente com o numero

grande que tinha já de índios reduzidos ao gremio da igreja, fez a ultima entrada no anno de 1669, e falleceu no sertão, estando casado com D. Sebastiana Leite, irmã-inleira do governador Fernão Paes Leme. Em titulo de Lemes, cap. 5<sup>a</sup> § 5<sup>o</sup> com sua descendencia (21).

§ 8<sup>o</sup>

2—8. Maria Pires Fernandes, casou na matriz de S. Paulo a 26 de Janeiro de 1667 com Francisco Dias Velho, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Francisco Dias e de sua mulher Custodia Gonçalves, dos quaes temos já tratado retro no cap. 3<sup>o</sup> § 1<sup>o</sup> de Francisco Pires. Este Francisco Dias Velho foi fundador e capitão-mór povoador da ilha de Santa Catharina, onde fez relevantes serviços á real corôa, porque em augmento d'ella conquistou os índios bravos d'aquelle sertão, e fundou a villa em dita ilha, que ao presente tempo é governada por um coronel governador com soldo de dois contos de réis pela entidade e natureza d'esta praça. Nesta ilha falleceu o dito capitão-mór povoador dentro da mesma igreja matriz, que á sua custa tinha feito construir de pedra e cal, e ornar com altar maior, e collateraes e imagens, quando os belgas, saltando n'aquella ilha para a roubarém, como fizeram, pondo fogo a tudo, se passaram para a igreja, para executarem o sacrilego attentado contra as sagradas imagens, que o dito capitão mór com resolução catholica e brioso animo quiz defender com a espada e broquel, até perder a vida dentro do mesmo sagrado templo, como martyr pela fé de Jesus-Christo, em 1692 (22).

(21) Orph. de S. Paulo, maço primeiro de inv. let. B. n. 2.

(22) Cart. de Orph. de S. Paulo, maço 1<sup>o</sup> let. F. n. 27. E sua mulher Maria Pires Fernandes falleceu em S. Paulo muito depois do marido.

Seu pai Francisco Dias se fez opulento de arcos, cujos índios conquistou com armas no sertão, e gostando d'esta guerra tornou para a mesma conquista, e no sertão dos Patos, e Rio de S. Francisco para o Sul até o Rio-Grande de S. Pedro : falleceu no anno de 1645. Sua mulher Custodia Gonçalves falleceu em S. Paulo a 5 de Fevereiro de 1681 (23).

Este capitão-mór povoador Francisco Dias Velho, tendo acompanhado a seu pai nas entradas que fez ao sertão dos gentios dos Patos, ficou-lhe herdando a disciplina e valor para conquistar gentios bravos do sertão da costa do Sul. No anno de 1673 mandou a este mesmo sertão a seu filho José Pires Monteiro, com cento e tantos homens de sua administração, com o intento de fazer povoação, onde melhor sitio descobrisse; e com effeito descobriu as excellentes terras da ilha de Santa Catharina o dito José Pires Monteiro, e logo n'ellas fez plantas.

Em 1675 foi em pessoa a esta sua povoação o capitão Francisco Dias Velho com novos gastos para se conseguir a dita povoação, onde esteve tres annos, e voltou no de 1679, em que tudo o referido expôz no requerimento, que então fez na villa de Santos ao governador da capitania, pedindo-lhe de sesmaria duas leguas de terra em quadra no districto da ilha de Santa Catharina, onde já tinha igreja de Nossa Senhora do Desterro, correndo costa brava, e mais meia legua de terras de uma alagôa, onde já tinha fazenda de culturas; e mais duas leguas de terra defronte do estreito ou terra firme, onde tambem já tinha uma feitoria com uma legua de sertão, e outra de testada nas cabeceiras, onde chamam Cabeça de Bogio; e duas leguas em quadra começando do Rio Araçatya. Tudo se lhe concedeu por sesmaria

(23) Cart. de Orph. de S. Paulo, let. C. n.34. E maço 1.<sup>a</sup> letra F. n.17.

em attenção ao grande serviço que fazia a Sua Magestade com a nova povoação e fundação das terras de Santa Catharina. Esta representação e sesmaria se acha registrada no cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo, no livro de registros das sesmarias n. 13, titulo 1673, pagina 781.

N'esta ilha fez o capitão-mór povoador muitos serviços á real corôa, impedindo aos castelhanos não se estabelecerem nas terras da costa do Sul. Conquistou os indios que infliccionavam o sertão. Dentro da mesma ilha em 1687 entrou um patacho inglez de arribada, cujo capitão era Thomaz Frins, e pirata: o capitão-mór Francisco Dias foi a bordo, prendeu a este capitão e os mais inglezes, e baldeou para a terra por inventario todo o cabedal que lhe achou, e os remetteu presos á sua custa á villa de Santos, onde se achava então de correição o Dr. ouvidor geral da repartição do Sul Thomé de Almeida e Oliveira. Procedeu este ministro a acto de perguntas com o capitão inglez por interprete Lourenço Pereira Venesiano, com a presença do procurador da corôa Diogo Aires de Aguirra, a 26 de Fevereiro de 1688. Constou, pela confissão do dito capitão inglez, que da Inglaterra tinha sahido em uma frota de navios pequenos para Panamá do Porto Bello com 900 homens, e andaram feito piratas em terras da corôa de Castella, sendo seu general Samoloy, ao qual perdêra de vista do porto de Calháo de Lima, e o não descobrira mais, nem a outros navios da sua conducta, por espaço de seis mezes, que o procurára: que na barra da ponta em altura de 5 grãos tivéra encontro com castelhanos, que lhe mataram muitos homens, por cujo destroço os inglezes em vingança da rota lhes deram varios assaltos de pilhagem, até que em um assalto de um lugar de Porto Santo ficaram destruidos os inglezes em altura de 9 grãos da costa do Sul, ficando só elle capitão com sete homens em o seu



navio, e já falto de agua, para cujo remedio, e concerto de sua embarcação destroçada tinha tomado o porto de Santa Catharina, onde fôra preso pelo capitão-mór Francisco Dias Velho, o qual lhe havia mandado inventariar toda a fazenda, que se achava em dito navio, que constava do mesmo inventario que havia remettido com elle capitão e seus companheiros.

Este grande cabedal ficou á R. F. devendo ao zelo do capitão-mór Francisco Dias Velho, cujo premio foi a morte que lhe deram os hereges quando em 1692 voltaram sobre a mesma ilha armados de força de gento, e lhe tiraram a vida dentro do proprio templo, como temos referido. Na mesma ilha de Santa Catharina com valor e animo rendeu um navio corsario, que tinha roubado, e saqueado a villa da Ilha Grande Angra dos Reis, de cujo assalto tinham recolhido grosso cabedal, assim dos moradores, como dos templos, tendo d'antes feito estes piratas varias prezas em embarcações da costa com grande cabedal, o que tudo assim melhor consta no cartorio da provedoria da F. R. de S. Paulo, no livro de registro n. 4º, titulo 1686, pag. 10.

Teve do seu matrimonio doze filhos, dos quaes só existiam, no anno de 1692, sete, que foram os herdeiros da fazenda inventariada em S. Paulo em dito anno de 1692, que foram :

3—1. Custodia Gonçalves, mulher do capitão Domingos Coelho Barradas, de cujo matrimonio foi filho o capitão Domingos Coelho Barradas, sogro do Quintana, e pai de Fr...

3—2. Anna Ribeiro (filha do § 8º), mulher de Hieronimo Pinheiro Lobato : ella falleceu em S. Paulo a 18 de Janeiro de 1727. (Residuo Eclesiastico, A. n. 24 maio 1º, testamento de Anna Ribeiro. ) E teve quatro filhos:



4—1. Francisco Dias Velho, nobre cidadão de S. Paulo, falleceu solteiro, deixando filhos mamalucos, havidos com Laura, mamaluca alva.

4—2. Hieronimo Pinheiro Lobato, cidadão de S. Paulo, falleceu estando casado com Francisca Xavier, filha de Antonio Lopes de Miranda e de sua mulher Marianna Rodrigues. Em titulo de Cunhas Gagos, cap... E deixou seis filhos nascidos em S. Paulo:

5—1. João Pinheiro, morador na Pary, existe solteiro em 1770.

5—2. Joaquim Pinheiro, morador em Santa Anna, idem.

5—3. Manoel Pinheiro, morador na freguezia de Jaguary, foi casado e existe viuvo. Sem geração.

5—4. Antonio Pinheiro, solteiro em 1770.

5—5. Rosa Maria, casou com Bento José de Figueiredo, filho do capitão Mathias da Costa de Figueiredo. Em titulo de Campos.

5—6. Manoela... casou com Ignacio Vaz, moradores em Jaguary.

4—3. Maria de Jesus, casou com Antonio Gomes Villas Boas ( \*O autor pôz Antonio Moreira Villas Boas, riscou e depois pôz o mesmo, e ficou em duvida), que falleceu em S. Paulo em 1726 (24); natural de Mogy das Cruzes, filho de Thomé Moreira Velho e de Nataria Gomes. Em titulo de Godoys, cap. 2º § 9º. E teve tres filhas, Escolastica, Maria, e Isabel casada com João Paes Xavier, irmão bastardo do padre Francisco Xavier de Garcia Forquim.

4—4. Anna Pinheiro, casou com Balthasar de Godoy Moreira, irmão direito de Antonio Gomes Villas Boas acima, que falleceu deixando seis filhos naturaes de S. Paulo.

(24) Orph. de S. Paulo, maço 3.º letra A n. 37.

5—1. Francisca de Godoy, está casada com João Mendes de Oliveira, irmão por parte do pai do M. R. P. M. Fr. Manoel Mendes de Oliveira.

5—2. Anna Maria Pires, foi raptada por Matheus Pinheiro Lobato, com quem casou, filho bastardo de Francisco Dias Velho, do n. supra 4—1, e por isso dispensados em segundo grão.

5—3. Marianna de Godoy, casada com Francisco Cardoso, natural de S. Paulo, filho bastardo de Antonio Cardoso, havido em uma mamaluca alva.

5—4. Thomé Dias da Silva, casou com...filha de Luiz Borges, do Bairro do O'.

5—5. Joaquim de Godoy, casado com Isabel de Zouros, filha de...

5—6. Salvador Pires, casado com uma mulata, chamada Isabel.

3—3. Ignez Monteiro (filha do § 8º), mulher de João Freire Farto, filho de Romão Freire, e de sua mulher Luzia Bicudo. Em Bicudos. Ignez Monteiro falleceu em 1685. (Orphãos de S. Paulo, maço 1º letra I n. 25.) E teve dois filhos, Salvador e Antonio.

3—4. João Pires Monteiro, casou com Isabel Vaz, de cujo matrimonio foi filha Maria Pires, que casou com Paschoal Leite de Miranda, que falleceu em Taibaté a 28 de Novembro de 1740. Em titulo de Mirandas, cap. 11 § 10. Sem geração.

3—5. José Pires Monteiro, que povoou Santa Catharina com seu pai; casou com... filha de Francisco Luiz, natural de Aljubarrota. E teve:

4—1. Salvador Pires Monteiro, falleceu no Pilar em 1753, cidadão de S. Paulo, e foi casado com Anna Buena de Camargo, filha do mestre de campo Antonio de Camargo Ortiz e Albuquerque. Em titulo de Camargos, cap. §

E teve cinco filhos, que são :

5—1. Victo Antonio.

5—2. José Pires Monteiro, soldado da recruta do Rio Pardo, e hoje soldado dragão do regimento do Rio Grande, onde existe.

5—3. Escholastica.

5—4. Josepha.

5—5. Gertrudes, casou em 1768 com Joaquim, filho de Antonio Corrêa Pires Barradas e de sua mulher Maria Buena. Em titulo de Buenos, Cap. . .

4—2. José Pires Monteiro, casou com Josepha... são sogros do alfaiate torto Antonio da Costa, que dirá o mais.

4—3. Francisco Pires, existe em 1769, morador em sua fazenda em S. Miguel, casado com Francisca...

4—4. Francisco.... existe em 1769, solteiro, morador em S. Miguel.

4—5. Isabel Pires, foi casada na Conceição com Estevão Forquim de Moraes, natural de S. Paulo (irmão de D. Maria da Luz Forquim, filho do capitão Antonio da Luz Forquim. Em titulo de Forquims, cap. unico § 4º.

3—6. Maria Pires ( filha do § 8º ), casou com Pedro de Mattos, da familia dos Alvares Sousas; são pais de Maria Pires, que existe viuva de Antonio Jorge Pereira, que falleceu sem geração. ( Residuo ecclesiastico, letra A n. 82.)

3—7. Bento Pires.

#### § 9º e ultimo

2—9. Salvador Pires de Medeiros ( filho ultimo do capitão Salvador Pires de Medeiros, do cap. 5º ), casou na matriz de S. Paulo a 27 de Junho do 1638. com D. Anna de Proença, filha de Francisco de Proença, e de sua mulher

D. Messia Bicudo. Em titulo de Proenças, cap. 1.<sup>o</sup> ou em titulo de Bicudos, n. 2.<sup>o</sup> cap. 5.<sup>o</sup>. E teve quatro filhos, que todos em tenros annos voaram para o céo.

#### CAPITULO 6.<sup>o</sup>

1—6. João Pires (filho de Salvador Pires do n. 2.<sup>o</sup>), foi nobre cidadão de S. Paulo, e teve grande voto nas assembléas do governo politico, como pessoa de muita autoridade, respeito e veneração. Foi abundante em cabedaes com estabelecimento de uma grandiosa fazenda de terras de cultura em uma legua de testada até o rio Macoroby, que lhe foi concedida de sesmaria em 1610 com o seu sertão para a serra de Juqueri (25). Teve grande cópia de gados vaccuns, cavallares, e de ovelhas; de sorte que, dotando a nove filhas, como veremos abaixo, cada uma levou duzentas cabeças de gado vaccum, ovelhas e cavalgadas. Tinha extraordinaria colheita de trigo todos os annos, e igualmente dos mais mantimentos e legumes. Com o seu grande respeito e forças sustentou, e teve de encontro o partido tambem grande da nobre familia de Camargos, quando em 1652 para 53 se puzeram em rompimento de armas estas duas oppostas familias, Pires e Camargos; e João Pires por si só teve maior sequito com os mais do seu appellido, e de muitos neutraes, que o auxiliaram com poder de gente armada, como foi Garcia Rodrigues Velho, Fernão Dias Paes, e outros paulistas potentados em arcs, que dominavam. Estes bellicosos movimentos, ou tumultuosos partos da ira e da paixão (por vezes chegaram a rompimento de

(25) Cart. da Proved. da Faz. Real de S. Paulo, liv. de sesmarias n. 3.<sup>o</sup>, titulo 1618, pag. 21 v.

batalha) temos narrado com pureza da verdade e fio chronologico em titulo de Camargos, cap. 2º de José Ortiz de Camargo, onde se pôde ler a causa e os effeitos d'estas antigas sedições e guerras civis entre Pires e Camargos.

Este João Pires, unico com seu amigo Fernão Dias Paes, pôde vencer a odiosa lembrança com que os moradores de S. Paulo repugnavam a instituição dos padres esuitas, que tinham sido lançados do seu collegio para fóra da capitania de S. Vicente em 13 de Junho do anno de 1640, e obtendo elles da paternal clemencia do Sr. rei D. João IV ordem para serem restituídos em 1647, ainda assim se não deram por seguros, e durou a sua expulsão até o anno de 1653, em que o respeito, amor e veneração de João Pires (declarado protector dos jesuitas) mereceu aos moradores de S. Paulo que recebessem aos padres com affabilidade, lavrando-se termo de transacção e amigavel composição entre todos; assim se conseguiu em 14 de Maio de 1653. Esta transacção, expulsão dos padres, requerimentos que houveram e foram apresentados ao Sr. rei D. João IV por uma e outra parte, com tudo quanto deu causa para os paulistas expulsarem aos jesuitas do collegio de S. Paulo e villa de Santos, temos historiado em titulo de Moraes, cap. 3º pag. 35, onde se pôde ler, visto que, havendo aqui ser lançada aquella narração, o não fazemos porque isto é apontamento que se ha de pôr em limpo.

Casou João Pires com Messia Rodrigues, da nobre familia de Garcias Velhos (teve origem em S. Paulo de Garcia Rodrigues e Isabel Velho, que da cidade do Porto vieram casados, para a villa de S. Vicente, muito no principio da sua fundação em 1534, de d'onde se passaram para a villa de Santo André da Borda do Campo, cujos moradores se transmigraram para o campo de Piratininga, de S. Paulo pelos annos de 1560, por ordem do governador

geral Mem de Sá, quando a primeira vez veio a S. Vicente n'este anno ). Ella foi filha de Garcia Rodrigues, e de sua mulher Catharina Dias, natural de S. Vicente, filha de Domingos Dias, natural de S. Miguel da Lourinhã em Vimieira e, de Antonia de Chaves, nobres povoadores da villa de S. Vicente em 1531.

Em S. Paulo falleceu João Pires em 8 de Julho do 1657, e foi sepultado na capella-mór da igreja do collegio dos jesuítas, cujo honroso jazigo lhe tinha concedido para si, e sua familia por linha recta o reverendissimo padre geral Hieronimo Richet, em agradecimento de ter sido protector dos padres para serem restituídos a S. Paulo; e no mesmô jazigo se sepultou sua mulher Messia Rodrigues, que falleceu a 18 de Outubro 1618 (26). E teve do seu matrimonio doze filhos nascidos em S. Paulo:

2-1. Maria Pires.....	§ 1º
2-2. Messia Pires.....	§ 2º
2-3. Anna Pires.....	§ 3º
2-4. D. Catharina Rodrigues.....	§ 4º
2-5. D. Margarida Rodrigues.....	§ 5º
2-6. Messia Rodrigues.....	§ 6º
2-7. Thomazia Rodrigues.....	§ 7º
2-8. Maria Pires.....	§ 8º
2-9. Maria Rodrigues.....	§ 9º
2-10. João Pires Rodrigues.....	§ 10º
2-11. Antonio Pires.....	§ 11º
2-12. Hieronimo Pires.....	§ 12º

§ 1º

2-1. Maria Pires, baptizou-se a 9 de Maio de 1641, e foi casada com Francisco Nunes de Siqueira, natural e nobre cidadão de S. Paulo, que acabou com o cognome de Redemptor da Patria. Deu-se aos estudos de grammatica

(26) Orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra I. n. 29 maço 2º, letra M. n. 32.



latina, e aproveitando-se d'esta lingua inclinou-se á lição dos livros forenses e ordenações do reino, em que teve bom applauso entre os doutos do seu tempo, o que lhe serviu para saber governar a republica, e administrar a justiça nas vezes que teve o pesado emprego de juiz ordinario. Nas civis guerras entre Pires e Camargos, sendo remettidas as devassas de tantas mortes e insultos, que havia tirado o Dr. ouvidor geral da repartição do sul, no anno de 1633, João Velho de Azevedo, para a relação da Bahia, foi eleito Francisco Nunes de Siqueira para passar a esta cidade com a commissão de agente e procurador bastante da familia dos Pires, e de tal sorte soube manejar a sua dependencia, que ao seu grande zelo, actividade e diligencia se deve o alvará que concedeu o conde da Atouguia, D. Hieronimo de Atayde, governador geral do Estado, em 24 de Outubro de 1635 a favor das duas oppostas familias de Pires e Camargos; e estes receberam maior beneficio pelo perdão geral em nome da magestade ás culpas que lhes resultavam das ditas devassas, pelas quaes estavam comprehendidos em pena capital; o que tudo se vê do contexto do mesmo alvará, que o temos copiado em titulo de Camargos no cap. 2.º Por este merecimento lhe tributou a patria quando se recolheu a ella (vindo da Bahia no dia 25 de Dezembro do mesmo anno de 1635) uma obsequiosa lembrança, fazendo-o retratar com verdadeira effigie, do mesmo modo com que fez a sua publica entrada, que foi a cavallo vestido de armas brancas, em Selle Hieronima, com lança ao hombro, bigodes á Fernandina, porque, sahindo da Bahia por caminho de serra e sertão, chegou em breve tempo á patria, como se vê da data do alvará em 24 de Novembro, na Bahia; e a sua entrada em S. Paulo foi a 25 de Dezembro, vencendo em 30 dias uma jornada, que só podia fazer em dois ou tres



mezes. A este retrato de Francisco Nunes de Siqueira se via a epigraphe, que dizia Redemptor da Patria. Nós ainda vimos esta cópia, que se conserva em casa dos filhos do alferes Sebastião do Prado n'este anno de 1769, tendo sido conservada na casa da camara, onde foi posta, e se conservou dentro da mesma casa até o anno, em que, sendo juiz ordinario o capitão Fernão Lopes da Camargo, este por advertencia do Dr. corregedor da comarca, o desembargador Manoel Godinho Manso, tirou da casa da camara o dito retrato, de cujo poder passou para o do alferes Sebastião do Prado Cortez.

Foi Francisco Nunes de Siqueira da antiga familia dos seus appellidos, tio direito de Maria de Siqueira, que foi mãe do reverendo o Licenciado Matheus Nunes de Siqueira, clérigo, que tanto soube honrar a patria, e não menos seus irmãos, Francisco Jorge e Jacintho Nunes, ambos também clérigos de S. Pedro; e também irmão de Antonio Nunes, que casou com Maria Maciel, de cujo matrimonio descendeu o honrado velho João Gonçalves da Costa, que acabou conego da Santa Sé cathedral da sua patria, com mais de noventa annos de idade. Foram estes irmãos filhos de Manoel de Siqueira e de sua mulher Messia Nunes. Em titulo de Nunes Siqueiras, cap. 1.º Em S. Paulo falleceu Francisco Nunes de Siqueira, Redemptor da Patria, com testamento a 8 de Setembro de 1681. (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra F. n. 36.) E teve tres filhos.

3—1. Simão Nunes de Siqueira, casou com D. Juliana de Oliveira. Em titulo de Laras, cap. 6.º § 1º

3—2. Maria Nunes de Siqueira, mulher de Paulo da Costa Pimentel, o qual falleceu em S. Paulo e teve seis filhos, Sebastiana, João, Maria, Miguel, Francisca e José (Orph. de S. Paulo, maço 1º de inv. letra P. n. 29).

3—3. Anna Maria de Siqueira, mulher de Luiz da Costa

Rodrigues (irmão de Braz da Costa), natural de S. Paulo, onde falleceu em 3 de Maio de 1714, e teve dois filhos: Gaspar, que falleceu solteiro, e Francisco Nunes de Siqueira que n'este anno de 1714 era morador em S. João do Atibaia (27).

§ 2º

2—2. Messia Pires Rodrigues, falleceu em S. Paulo com testamento a 26 de Fevereiro de 1678 (28). E foi casada duas vezes: primeira em 19 de Agosto de 1641 com Antonio das Neves, natural de Itanhaen, e nobre cidadão de S. Paulo, irmão inteiro de Gaspar Gonçalves Ordonho, marido de Anna Moreira, de quem tratámos em titulo de Godoy, cap. 3º e sua descendencia; filho de Diogo Gonçalves, e de sua mulher Anna Lopes: segunda vez cazou com Diogo Fragoso Souto-maior de quem não teve filhos: falleceu Antonio das Neves em S. Paulo a 20 de Outubro de 1658 (29). E teve oito filhos do primeiro matrimonio.

3—1. João das Neves, casou com. . .

3—2. Manoel das Neves Pires, casou com Anna Gil de Camargo, filha de Manoel das Neves Gil, e de sua mulher Maria de Camargo. Sem geração. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 10.

3—3. José das Neves, cazou com Marianna Gil de Camargo filha de Manoel das Neves Gil supra, em titulo de Camargos, cap. 1º § 1º E foram pais de Josepha das Neves mulher de Marcellino Lopes de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. 4º § 8º

(27) Cart. 1º de Notas de S. Paulo, maço antigo de invent., o de Luiz da Costa Rodrigues.

(28) Cart. de Orphãos, maço 3º de invent., letra M. n. 41.

(29) Idem, letra A. n. 29.

3—4. Diogo das Neves Pires, falleceu a 24 de Maio de 1728 em S. João do Atibaya (Resid. Eccles. testamentos, Letra D.); casou com D. Anna da Silva Leite de Miranda. Em titulo de Mirandas, cap. 4º § 6º E teve dois filhos : Anna... porque o filho Diogo das Neves Pires falleceu solteiro.

3—5. Antonio das Neves, nasceu em 1646.

3—6. João Pires das Neves, foi nobre cidadão de S. Paulo, muito abastado, e com grande tratamento. A sua fazenda era um como arraial pelas casas que tinha com numerosa escravatura pretos e mulatos, e estes officiaes de artes fabris e mecanicas, os quaes trajavam calçados. Casou na villa de Santos com D. Maria Barbara de Souto-maior, de qualificada nobreza por ser filha de Antonio Barbosa Souto-maior, natural de Lisboa (irmão de Francisco, cavalleiro da ordem de Christo, que veio a Santos), e de sua mulher D. Catharina de Mendonça natural da villa de Santos. Falleceu João Pires das Neves sem geração a 14 de Maio de 1720 (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 4º de inv. letra I. n. 23), e sua mulher D. Maria Barbosa, já quinquagenaria, casou com o sargento-mór Manoel Cardoso da Silva Bueno.

3—7. Maria das Neves, casou com José de Camargo Ortiz, nobre cidadão de S. Paulo (filho de Fernando de Camargo, e de sua mulher Marianna do Prado. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 3º). Elle falleceu a 2º de Junho de 1713 : ella com testamento a 2 de Julho de 1694 (30). E teve oito filhos.

4—1. Fernando de Camargo Pires, casou com Isabel Borges da Silva, filha de Sebastião Borges da Silva, que falleceu em 1719, e de sua mulher Maria da Silva filha de

(30) Cart. 1º de Notas de S. Paulo, maço de invent., o de Maria das Neves.

Gonçalo Lopes e Catharina da Silva : em titulo de Lopes, cap. 4<sup>o</sup>.

4—2. Antonio de Camargo Pires.

4—3. José de Camargo Neves, casou com Marianna Bueno, filha de Bartholomeu Preto Moreira : em titulo de Buenos, cap. 1<sup>o</sup> § 8<sup>o</sup> n. 3—4.

4—4. Anna Maria de Camargo, mulher de Fernando de Godoy Moreira.

4—5. Isabel de Camargo, falleceu a 16 de Agosto de 1726, casada com Pedro da Silva Borges, natural de S. Paulo, filho de Sebastião Borges da Silva, e de sua primeira mulher Maria da Silva, supra n. 4—1. E teve dois filhos.

5—1. Ignacio Borges da Silva.

5—2. Sebastião Borges da Silva, que falleceu solteiro, ambos de S. João do Atibaya e cidadãos de S. Paulo ; e Ignacio Borges casou com Maria Vaz da Silveira, filha de Miguel Gonçalves Morgado, e de Maria Vaz da Silveira sua mulher. E teve cinco filhos naturaes da Conceição, que foram :

6—1. José Ortiz da Silva.

6—2. Joaquim Borges da Silva.

6—3. Ignacio Borges da Silva.

6—4. Anna Maria de Camargo, casada com Manoel Rodrigues de Godoy, natural de Mogy, filho do sargento mór Domingos Rodrigues Freire. Em titulo de Godoys.

6—5. Rosa Maria, solteira, em 1769.

4—6. Messia, foi beata carmelita.

4—7. Marianna Idem.

4—8. Anna Maria de Camargo, falleceu solteira.

3—8. Maria das Neves, casou com José Domingues,  
§ 3<sup>o</sup>

2—3. Anna Pires, foi casada com João Gago da Cunha. Em titulo de Prados, cap. 5<sup>o</sup> § 7<sup>o</sup>.

2—4. D. Catharina Rodrigues (filha de João Pires, do cap. 6º). Casou com Manoel Dias da Silva, o Bixira de alcunha, natural da villa de Aveiro, e nobre cidadão de S. Paulo, onde serviu todos os cargos da republica. Faleceu em S. Paulo a 6 de Março de 1677 (31), e foi sepultado na igreja dos padres jesuitas, no jazigo concedido a seu sogro João Pires, como já referimos no cap. 6.º Ordena no seu testamento que se continuem com as missas que annualmente costumava mandar dizer a Nossa Senhora do Socorro da cidade de Santa Fé. Foi irmão inteiro de Pedro da Silva Castro, conego doutoral da Sé de Leiria, e de D. Sebastiana, mulher de... que foram pais de Roque Pereira de Macedo, fidalgo da casa de Sua Magestade, professo da ordem de Christo, senhor da casa e morgado de Verride, caudélmór da comarca de Coimbra, casado com D. Berarda, que são os pais de D. Francisca Joaquina de Horta Forjaz, primeira mulher de Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa de Sua Magestade, alcaide-mór da cidade da Bahia, commendador das commendas de Santa Maria de Alverca e de S. Fernando de Ayperera, ambas da ordem de Christo, guarda-mór geral, proprietario das minas do ouro e mestre de campo dos auxiliares de um terço do Rio de Janeiro. Este Manoel Dias da Silva, o Bixira, com seus irmãos, foi filho de Antonio André Pardamo, e de sua mulher D. Isabel João de Castro, de tanta nobreza, como constou no tribunal da mesa da consciencia em Lisboa nas provanças de seu neto o mestre de campo Manoel Dias da Silva para tomar o habito da ordem de Christo. Penetrou a provincia de Paraguay até a cidade de Santa Fé, e se re-

(31) Orph. de S. Paulo, maço 4º de invent. letra M. n. 10.

colheu rico e abundante de prata. Teve em S. Paulo grossa fazenda de culturas com excessivas colheitas de trigo e grande criação de ovelhas e gados vaccuns. E teve oito filhos.

3—1 Antonio da Silva de Medeiros.

3—2 Alexandre Corrêa da Silva.

3—3 Domingos Dias da Silva

3—4 João Dias da Silva.

3—5 Manoel Dias da Silva.

3—6 D. Messia da Silva e Castro.

3—7 D. Sebastiana da Silva.

3—8 D. Isabel da Silva.

3—1. Antonio da Silva de Medeiros, foi para Coimbra junto com seu irmão Alexandre Corrêa da Silva, e tendo tomado o capello, não seguiu as cadeiras d'aquella universidade, porque estando ordenado de clérigo, foi chamado para a cadeira doutoral da Sé de Leiria, que occupava seu tio direito o Rev. Dr. Pedro da Silva e Castro, que n'este sobrinho fez renuncia, estando já muito avançado em annos. N'esta cadeira acabou a vida o conego doutoral Antonio da Silva de Medeiros.

3—2. Alexandre Corrêa da Silva, tomou em Coimbra o capello e foi lente muitos annos. N'aquella republica de letras não esquecerá o nome d'este seu benemerito filho, porque dictando uma postilla á lei Gallas, até agora é applaudida sem alteração, e é citado muitas vezes o preceptor Corrêa (\* Isto foi antes da reforma, porque depois d'ella já não ha nem se citam semelhantes postillas). Das cadeiras passou para os tribunaes de Lisboa; e no da casa da supplicação o achamos no anno de 1709, corregedor do civel da côrte. Foi conselheiro do ultramar, e fallecendo em 14 de Novembro de 1726 o conde de S. Vicente, presidente



d'este tribunal, lhe substituiu o conselheiro Alexandre Corrêa da Silva até o seu fallecimento. As suas grandes letras e virtudes (foi de vida exemplar) o fizeram digno da real estimação do fidelissimo rei o Sr. D. João V, como abaixo veremos. Foi dotado de uma grande esphera e claridade de engenho, o que adornava com acções de um animo cheio de socego e tranquillidade. Tendo feito grandes serviços, nunca jámais pediu mercê alguma para si ou para outrem (condição de que se adornam os paulistas, que só fazem gloria de consumir as fazendas e as vidas no serviço de seu rei e natural senhor, sendo elles totalmente os que conquistaram os bravos gentios do sertão da Bahia em 1672 até 1674, como fica historiado em titulo de Camargos, cap. 8º: os do sertão do Rio de S. Francisco até o Ceará, como mostrámos em titulos de Prados, cap. 6º § 3º: os que penetraram o sertão desde S. Paulo até o Maranhão, como declarámos em titulo de Lemes, cap. 5º §... tratando de Sebastião Paes de Barros, os que acudiram por muitas vezes a soccorrer a praça de Santos, a do Rio de Janeiro e a de Pernambuco, como se mostra em titulo de Rendons: os que fizeram descobrimentos de minas de ouro e ferro em S. Paulo em 1597; e os mais descobrimentos de minas tambem de ouro em Parnaguá e Coritiba; em a ribeira de Iguaçu, chamadas *minas de Cananéa*, em Parnapanema e Apiahy, em Minas-Geraes de Cataguazes e Sabarábuçu em 1693 até 1700, as do Cuiabá em 1719 até 1720, as de Mato-Grosso em 1736, as de Goyazes com o dilatado tempo de tres annos e tres mezes, desde 1722 até 1725. E finalmente as minas das esmeraldas em 1681; e por causa d'este descobrimento se conheceram os diamantes do Serro do Frio, que primeiro os descobriu o mesmo descobridor das esmeraldas Fernão Dias Paes.

Chegou a ser tão isento, que nem ainda para seus



irmãos, moradores de S. Paulo, occupou jámais a lembrança, sendo elles dignos de ser premiados por seus grandes serviços, como foram os que fez o capitão-mór e brigadeiro Domingos Dias da Silva e João Dias da Silva. Foi cordialmente devoto do inefável mysterio da Conceição da Senhora, em cuja reverencia ouvia missa todos os dias com silenciosa religião e devoção catholica, todo o tempo que durava este innocente sacrificio. Nunca concebeu paixão, ou menor alteração entre o confuso tropel de pretendentes que o procuravam, de tal sorte, que quando sahia da casa para a do conselho lhe faziam parar a caruagem, pegando-lhe nos cordões, porque a sua sege nunca passou d'esta categoria, e lhe introduziam memoriaes, que recebia com affabilidade e compaixão; e por isso, quando apparecia dentro do tribunal, ia carregado de papeis, que os accommodava dentro da pobre béca (nunca ella passou de um crepe vulgar), e d'ella os ia sacando para os examinar em utilidade dos pretendentes. Dos rendimentos, que recebia annualmente, tinha feito applicação em obras pias, que executava o parcho da freguezia dos Anjos, seu vizinho, e por amigo confessor e director, e só reservava, com limitação, o que bastava para sua sustentação, e a de um criado, e uma ama velha, que era a cozinheira: rezava de joelhos todos os dias das duas horas da tarde para diante o officio divino, com tanta devoção, que, estando n'este santo exercicio, cerrada a porta do seu quarto interior, não dava assenso ao maior tropel de caruagens, que chegavam á porta da rua. Foi caso muito divulgado na corte de Lisboa, que, chegando o conde de S. Vicente, de quem já fizemos menção, á sua casa, e subindo as escadas d'ella para fallar ao conselheiro Alexandre Corrêa da Silva, lhe disse o criado que seu amo tinha cerrada a porta do seu quarto interior, porque estava

rezando o officio divino, e emquanto durava a sua devoção não fallava a pessoa alguma. Foi este cavalheiro tão benigno, que se dignou esperar que o conselheiro acabasse o seu devoto exercicio, e quando elle, tendo concluido este religioso costume, foi a buscar ao conde, foi já pedindo-lhe perdão de não acudir promptamente, e lhe disse estas palavras com muita humildade e reverencia: « Exm. senhor, quem está fallando com o Creador não se deve abstrahir para fallar com a creatura. » E o benigno conde, acreditando-se tambem bom catholico, lhe não estranhou a demora, antes louvando-lhe tão piedoso emprego contou muitas vezes este lance a outros cavalheiros, applaudindo a exemplar vida e virtudes do mesmo Alexandre Corrêa da Silva.

Em todo o tempo desde o em que vestiu a toga, que foram muitos annos, pois acabou de avançada idade, tendo nascido em S. Paulo no de 1658 (Cartorio de orphãos, maço 8º do inventarios, letra M. n. 10), nunca jámais vestiu seda, sendo a sua maior gala o crepe, e sendo tão pobre esta droga, ainda assim mesmo trazia a béca tão velha, que se lhe divisavam os fios do panno, e algumas pessoas de muita autoridade, bastando por todas o Exm. marquez de Alorná, D. Pedro de Almeida, que, sendo conde de Assumar, governou a capitania de S. Paulo até o anno de 1721, nos communicaram na côrte de Lisboa, nos annos de 1755 e 1757, que a béca do conselheiro Alexandre Corrêa da Silva sempre andava remendada; e para desculpar-se (contra os reparos dos que lhe podiam accusar de menos asseado, e decencia de um ministro tão caracterisado) costumava dizer, que queria meons adornado o corpo pelos vestidos, do que a sua alma pelas esmolas. Em um dia do mez, que ignoramos, do anno de 1728, contando de idade 70 mais ou menos, recolhendo-se do conselho ultramarino, logo que chegou a casa, mandou

chamar a seu parochio, amigo, confessor e director da freguezia dos Anjos, que vindo promptamente, disse que era chegado já o tempo de ir dar conta no tribunal divino, pois que ao do ultramar não voltaria mais no serviço do rei da terra; que para os bens da sua alma conservava certa porção de dinheiro, que logo lhe entregou, pedindo-lhe que no dia seguinte se dissessem as missas da freguezia por sua tenção com um officio de defuntos de tres nocturnos, e cantochão, o que se repetiria tambem do mesmo modo no segundo e terceiro dia, o qual havia de ser o de sua morte. Instou-lhe o Rev. parochio persuadindo-o, que da perfeita saude com que se achava sem novidade alguma, que lhe occupasse o socego e tranquillidade de espirito, que gozava, se não devia esperar o fim da vida em tão breve termo como o de tres dias; porém elle, constante no vaticinio, e como predizendo a sua morte, lhe rogou com efficacia, que se cumprisse o que lhe pedia, pois tinha já chegado o fim de seis dias; deitou-se na cama e dispondo-se como bom catholico confessou-se e recebeu o sagrado Viatico (prostrado já das forças no decurso de 24 horas), e no terceiro dia o sacramento da Extrema-Unção, com muita ternura, e actos de amor de Deus, apparellhando-se para apparecer no supremo tribunal, tendo feito o seu testamento. Acabou a vida no terceiro dia com grandes demonstrações de verdadeiro arrependimento. O Sr. D. João V, que na tarde do mesmo dia, em que foi chamado o parochio da freguezia dos Anjos, teve noticia do que havia disposto por sua alma o desembargador Alexandre Corrêa, e cheio de paternal clemencia, mandou que os medicos da sua real camara lhe fossem assistir, e se lhe provesse de todo o necessario para restaurar-se-lhe a vida á custa de todo o dispendio; porém os medicos reconheceram pela debilidade do pulso que com effeito a doença era mortal. D'isto mesmo se deu

conta a Sua Magestade, e depois tambem se lhe deu conta da sua morte, e summa pobreza em que acabára, como constava já pela abertura do testamento que tinha feito, no qual pedia pelo amor de Deus ao provedor da santa casa da Misericordia que lhe mandasse enterrar o cadaver, pois nada possuia, porque as casas eram alheias, em que vivia por aluguel, e sem moveis de valor, a sege velha, e sem prestimo para uso d'ella. Então a real grandeza d'aquelle principe fazendo vir á sua presença este testamento quiz dar a conhecer á sua côrte e reino o como sabia honrar a um ministro tão adornado de letras, e virtudes, que havia consumido os annos em seu actual serviço e nos de el-rei seu pai. Por determinação régia foi o cadaver depositado na igreja parochial dos Anjos, de d'onde foi conduzido para o jazigo, que lhe destinou a eleição do mesmo monarcha, que foi o em que descansavam as cinzas d'aquelle benemerito ministro o Guerreiros, passando o corpo por entre duas alas de tochas, que estavam formadas da porta da igreja dos Anjos até as do templo onde se lhe deu sepultura, acreditando-se n'esta extraordinaria despeza o paternal amor de Sua Magestade.

Por ordem do Rev. parochio dos Anjos, seu antigo confessor e director, foi o cadaver coberto de flôres, ornada a cabeça com capella das mesmas flôres, levando nas mãos uma palma como insigua da pureza, que soube conservar aquelle corpo nos muitos annos que teve de vida, e o não deixou manchar do commum estrago da natureza pelo ardor e estímulos da carne.

Declarou no seu testamento que era natural da cidade de S. Paulo, sem herdeiro algum ascendente, ou descendente. Deixou os seus serviços todos a seu primo co-irmão Roque Pereira de Macedo, morgado de Verride, em remuneração dos beneficios e amor que lhe era deverdor em

todo o tempo que residiu em Coimbra. Como seu pai Manoel Dias da Silva quando falleceu ainda tinha grandes cabedões, porque só em gados vaccuns se inventariaram 240 cabeças, muitos cavallares e ovelhas, das Indias de Hespanha, quando pela provincia do Paraguay penetrou o sertão trouxe muita prata quando se recolheu a S. Paulo e passou ao reino, levando consigo os filhos, mais para seguirem os estudos debaixo da doutrina do Rev. conego doutoral Pedro da Silva Castro, de sorte que, quando falleceu, como fica referido, em 1677, já aos filhos estavam em Coimbra, o então contava de idade o Alexandre 19 annos, e Antonio 24, como se vê do corpo do testamento e inventario do dito Manoel Dias da Silva supra citado.

3—3. Domingos Dias da Silva (filho de Manoel Dias da Silva do § 4º), casou a 12 de Fevereiro de 1684 na matriz de S. Paulo com D. Leonor de Siqueira. Em titulo de Taques Pompéos, cap. 3º § 1º n. 3—3, onde tratamos dos honrosos empregos que teve o brigadeiro Domingos Dias da Silva e descendencia que teve.

3—4. João Dias da Silva, foi nobre cidadão de S. Paulo, em cujo republica teve grande parte. e voto respeitoso nas materias do governo civil, ou do real serviço: tratando-se por assembléa. Foi juiz de orphãos por provisão de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, pela qual tomou posse em 16 de Julho de 1711, e estando servindo tave provisão régia para servir até haver proprietario, e n'ella se faz menção de ser o dito João Dias o que mandou fazer cofre de tres chaves para segurança dos orphãos; ser das primeiras familias de S. Paulo; haver sido provedor dos reaes quintos e procurador da corôa; e que entrando o francez no Rio de Janeiro em 1711, estando sendo juiz de orphãos, assim mesmo acudiu em pessoa de soccorro

a Santos com gente armada á sua custa (32). N'estes cargos e occupaões soube sempre acreditar aquelle honroso conceito, estimação e applauso que desfructou dos governadores e capitães generaes e ouvidores de S. Paulo, desde o tempo de Arthur de Sá e Menezes em 1698 até Rodrigo Cesar de Menezes, em tempo de quem falleceu o provedor dos reaes quintos João Dias da Silva em 9 de Abril de 1726 (33).

Foi casado duas vezes: primeira com D. Isabel da Silva, filha de João Leite de Miranda, que falleceu a 21 de Janeiro de 1715 (34), e de sua mulher Anna da Silva. Em titulo de Mirandas, cap. 4.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup>. Neta por parte materna do capitão-mór Francisco da Fonseca Falcão, cavalleiro da ordem de Christo (que falleceu na villa de Santos tendo sido capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e alcaide-mór d'ella pelos annos de 1644: em titulo de Proenças Abrêos), e de sua mulher D. Maria da Silva, natural de S. Paulo. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.<sup>o</sup> § 4.<sup>o</sup> n. 3—4. Fallecendo D. Isabel da Silva em 9 de Novembro de 1710 (35). Casou segunda vez João Dias da Silva com D. Marianna Bueno de Oliveira, sem geração: em titulo de Buenos, cap. 1.<sup>o</sup> § 8.<sup>o</sup> n. 3—11.

E teve do primeiro matrimonio cinco filhos naturaes de S. Paulo.

4—1. José da Silva.

4—2. Antonio da Silva.

4—3. Angelo da Silva Corrêa.

4—4. D. Maria da Silva.

4—5. D. Isabel da Silva.

(32) Cart. da Cam. de S. Paulo, liv. de registros, titulo 1708, pag. 239. E Livro de Vereanças, tit. 1704, pag. 165.

(33) Cart. de Orph., maço 3.<sup>o</sup> de invent. letra I. n. 46.

(34) Orph. de Parnahyba, invent. letra I. n. 475.

(35) Orph. de S. Paulo, maço 4.<sup>o</sup>, letra I. n. 17.



4—1. José da Silva, casou com D. Maria de Siqueira Paes, irmã direita de D. Antonia Paes, mulher de Clemente Carlos, e foi de morada para as Geraes, Rio das Mortes, deixando em S. Paulo sua filha unica Maria de Siqueira Paes em casa de sua avó materna, que depois em idade de 20 annos mais ou menos se passou para a companhia de seus pais moradores em S. João d'El-Rei, onde a casaram com Manoel Martins Gomes, por alcunha o Barra, natural de Portello, termo de Barcellos, freguezia de S. Virissimo. Falleceu em S. João d'El-Rei a 18 de Agosto de 1769, e teve nascidos n'aquella villa :

6—1. Manoel Felix de Siqueira Martins, demente.

6—2. Antonio Manoel de Siqueira Martins.

6—3. José Manoel de Siqueira Martins, tenente de cavalaria auxiliar.

6—4. Angelo Martins de Siqueira, alferes da cavallaria de Tamundá.

6—5. Francisco Xavier de Siqueira Martins.

6—6. Maria Antonia Felisberta Dias, casada com o alferes Januario Pereira Dias.

6—7. Antonia Maria; solteira.

6—8. Joaquim Antonio de Siqueira Martins.

A dita D. Maria Paes de Siqueira estando viuva de José da Silva casou segunda vez com José Ferreira Barreto, de quem teve naturaes de S. João d'El-Rei dois filhos ; Josepha Ferreira Barreto, casada com Paschoal Alves, de quem é filho entre outros o padre Antonio Alves Ferreira, clérigo de S. Pedro ; eu o conheci em Coimbra, onde tomou o grão de licenciado na faculdade de theologia pelos annos de 1782, e se recolheu para a patria, S. João d'El-Rei.

4—2. Antonio da Silva (filho de João Dias da Silva), o Papudo, senhor que foi da quinta que n'este anno de 1769 a possui o juiz ordinario Ignacio de Barros Rego, e tendo



occupado os honrosos cargos de cidadão de S. Paulo passou para a Villa Boa de Goyazes, onde foi o 1º juiz ordinario depois de acclamada a villa, pelas honradas informações que d'elle tiveram o general D. Luiz Mascarenhas e o desembargador superintendente geral Agostinho Pacheco Telles. Casou com D. Anna Pires, filha de Manoel Corrêa Penteado, nobre cidadão de S. Paulo e Parnahyba, e de sua mulher D. Beatriz de Barros. Em título de Lemes, cap. 5º §.. e em Penteados, cap. 4.º E teve tres filhos em S. Paulo :

5—1. João da Silva.

5—2. Ignacio Dias.

5—3. Alexandre Dias da Silva.

4—3. Angelo da Silva Corrêa, que, abandonando o progresso das letras, se passou para minas do Cuyabá, onde falleceu pobre de cabedaes.

4—4. D. Maria da Silva, mulher do capitão Pedro Fernandes de Avellar, nobre cidadão de S. Paulo, que era viuvo, e falleceu em Papoã. Em título de Lemes, cap. 1º §.. E teve:

5—1. Pedro...

5—2. José da Silva, soldado dragão em Goyaz...

5—3. Gertrudes...

5—4. D...

5—5. D...

5—6. D... mulher de Antonio Jorge Chassin...

4—5. D. Isabel da Silva, falleceu em 1763 tendo sido casada com Antonio Rodrigues de Zoutos, natural de S. Paulo, filho de Fabião Rodrigues. E deixou quatro filhos:

5—1. Isabel da Silva.

5—2. João Rodrigues Leite.

5—3. Maria da Silva, falleceu solteira.

5—4. Escholastica Pires da Silva Leite, está casada com Luiz Manoel do Rego, natural da Villa Nova da Cer-

veira, filho de Antonio da Silva, e de Maria do Rêgo da dita villa, freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

3—5. Manoel Dias da Silva (filho de Manoel Dias da Silva do § 4º retro), nasceu em 1653, e quando falleceu seu pai em 1677 ainda existia solteiro; entendemos que n'este estado falleceu.

3—6. D. Messia da Silva e Castro, falleceu a 21 de Janeiro de 1720, tendo nascido em 1634, e foi casada com Estevão da Cunha de Abreu, natural e nobre cidadão de S. Paulo, que nasceu em 6 de Novembro de 1641 e falleceu a 8 de Março de 1726 (36). Foi filho de Antonio da Cunha e Abreu, natural da freguezia de Tollães, termo da villa de Bastos, arcebispado de Braga, e de sua mulher Isabel da Silva, natural de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 7 de Julho de 1633, e ella falleceu a 11 de Setembro de 1664 (37). Em titulo de Forquins, cap. 2º: do segundo matrimonio de Claudio Forquim Francez, ou em de Lemes, cap. 2º §...

Este Antonio da Cunha e Abreu assentou praça de soldado da fortuna em 1623, que em Portugal se preparou uma armada para vir restaurar a cidade da Bahia, que se achava occupada pelos hollandezes, que a invadiram a 9 de Maio de 1624, como temos historiado em titulo de Rendons. Por occasião d'este real serviço veio em praça de soldado distincto da companhia do capitão-mór D. Francisco de Moura na dita armada. Restaurada a Bahia, não se quiz conservar ocioso, porque no fim do anno de 1630 embarcou na armada com o conde da Torre de Penambuco, quando para ella sahio de S. Paulo o soccorro dos capitães de infantaria de picas hespanholas, com soldo

(36) Cart. de Orph. de S. Paulo, maço 3º de invent. letra M. n. 12, nos autos de sua mulher D. Messia da Silva.

(37) Idem, maço 2º letra I. n. 29.

de quarenta escudos por mez por ordem do mesmo conde da Torre expedida a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que fôu esta recruta de paulistas do zelo e actividade do capitão D. Francisco Rendon da Quebedo, como já historiámos em dito título de Rendons, n. 2º. Neste soccorro foi Antonio da Cunha de Abreu (estava casado, como temos referido, em 7 de Julho de 1633), e na Bahia embarcou com o conde da Torre para Pernambuco; e voltando para a Bahia, pelo sertão dentro desde o porto de Touro com todos os paulistas que logo na Bahia foram aggregados ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra tornou para Pernambuco com D. Antonio Oquando, e se achou o dito Abreu em todos os assaltos assim em terra, como no mar, servindo sempre a Sua Magestade a sua custa. Todo o referido se vê no cartorio da provedoria da fazenda real de S. Paulo, no livro de registro n. 10, título 1643, pagina 83, quando o mesmo Abreu fez em S. Paulo relação dos seus muitos serviços e se achava sem terras para cultura, e se lhe concedeu em 1644, meia legua de terras de sesmaria, em terra de indios, começando da roça de Claudio Forquim, rio de Itaquera abaixo.

Foi Antonio da Cunha e Abreu cidadão de S. Paulo, que occupou os cargos honrosos da republica como pessoa que teve grande aceitação e veneração por sua nobreza e acções. Foi irmão inteiro de Belchior da Cunha, que tambem veio na armada á Bahia, e casou em S. Paulo a 8 de Outubro de 1636 com Suzanna de Goes, filha de Domingos de Goes. Em título de Goes Mendonças, cap. 1º § 2º n. 3 — 7. Em Portugal ficou o irmão mais velho Francisco Teixeira da Cunha, o qual em 1622 em Aquitan de Marcellos perante o juiz ordinario e o tabellião Sebastião Navarro, provou por titulos, que elle e seus irmãos Belchior e Antonio da Cunha de Abreu eram legi-

tinios descendentes dos verdadeiros Cunhas, Coutinhos, Abreus, e Carvalhos; e que seus avós e bis-avós foram parentes de Pedro da Cunha Coutinho, senhor da villa de Bastos e de outros conselhos, e que sempre se trataram todos nobremente com criados, cavallos, e armas. O instrumento trouxe Antonio da Cunha de Abreu, justificado por India e Mina, e bem authenticado no Brasil, e se acha em um dos cartorios dos tabelliães de S. Paulo em autos de justificação de seu neto o sargento-mór Claudio Forquim de Abreu, da qual foi escrivão o tabellião José de Barros em 1749.

Do matrimonio de D. Messia da Silva e Castro e Estevão da Cunha e Abreu nasceram em S. Paulo sete filhos.

4—1. Pedro Dias da Silva.

4—2. Claudio Forquim de Abreu.

4—3. Antonio da Cunha de Abreu.

4—4. D. Catharina da Silva.

4—5. Estevão da Cunha de Abreu.

4—6. Manoel Dias de Abreu

4—7. Francisco da Cunha.

4—1 Pedro Dias da Silva, foi nobre cidadão de S. Paulo, que occupou todos os cargos da republica.

4—2. Claudio Forquim de Abreu, nobre cidadão de S. Paulo, que occupou todos os cargos da republica, e foi sargento-mór dos auxiliares; casou com D. Leonor de Siqueira e Albuquerque, que ainda existe em 1769. Em titulo de Camargos, cap. 1<sup>a</sup> § 6<sup>o</sup> n. 5—6: com geração.

4—3. Antonio da Cunha de Abreu, nobre cidadão de S. Paulo, com grande voto nas assembléas do governo politico pelo seu respeito, veneração e inteireza de verdade, por sua acreditada e applaudida honra occupou todos os cargos da republica repetidas vezes; e os da milicia até o posto de coronel do regimento das ordenanças de S. Paulo.

em que acabou na freguezia de S. João do Atibaia, onde tinha sido casado com D. Maria Franco de Oliveira, de quem e seus nobres ascendentes tratamos em título de Camargos, cap. 4.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> n. 3—5. E teve seis filhos.

3—1. João da Cunha Franco, nobre cidadão de S. Paulo, que tem servido os cargos da republica, e no anno em que foi juiz ordinario tomou ao ardor do seu zelo e nobreza de animo a execução das reaes festas, celebradas em tres tardes na praça de S. Gonçalo Garcia com touros, escaramuças etc. com carros triumphaes, em que vinham diversas dansas nas figuras dos fingidos Deuses da cega gentilidade, rematando-se estas festas com tres noites de comedias para o publico, tudo com pompa, grandeza, alvoroço e liberalidade em applauso dos reaes desposorios do serenissimo infante o Sr. D. Pedro com a serenissima senhora princeza do Brasil, herdeira do reino. Ao mesmo João da Cunha Franco se deveu segunda vez os mesmos reaes applausos pelo feliz nascimento do serenissimo principe da Beira, o Sr. D. José, participada á camara de S. Paulo no anno de 1762. Está casado com D. Antonia Raposo Tavares, filha de Domingos Rodrigues da Fonseca, coronel das ordenanças, e governador interino que foi da capitania de S. Paulo por ausencia do governador e capitão general d'ella Rodrigo Cesar de Menezes, sahindo de S. Paulo para as minas do Cuyabá a embarcar no porto de Ararituaba a 26 de Julho de 1725. Em título de Lemes, cap. 5.<sup>o</sup> ou em título de Raposos Tavares, cap. 2.<sup>o</sup>

3—2. D. Messia da Silva, casou duas vezes : primeira com Pantaleão Pedroso da Silva, capitão-mór da villa da Parnahyba, e natural d'ella, da nobillissima familia de Buenos Anhangueras e Moraes Autas, em título de Lemes, cap. 2.<sup>o</sup> § 6.<sup>o</sup> na descendencia do n. 3—3. Deixou geração de dois filhos, Antonio, e D. Gertrudes. Casou segunda vez

em 1769 com Salvador Jorge Velho capitão da villa de Itú, e natural d'ella, em titulo de Lemes, cap. 5º §... na descendencia de Paschoal Leite Paes.

5—3. D. Maria Franco da Cunha, foi casada com João de Godoy dos Reis, natural de S. Paulo, filho de Aleixo Garcez da Cunha. Em titulo de Godoys, cap. 4º § 1º n. 3—7 ao n. 4—3. E teve tres filhos: José, Anna, Maria de Godoy, que na freguezia de Juquiri em 1761 casou com Antonio da Silva Ortiz, filho de José da Silva Ortiz e de sua primeira mulher Messia de Aguirre, filha do capitão Marcellino de Aguirre. Em titulo de Camargos, cap. 4º § 7º n. 3—1.

5—4. José da Cunha Franco, casou na freguezia da Piedade com D. Rosa Maria Violante de Vasconcellos, filha de Manoel de Siqueira Cardoso, e de sua mulher D. Marianna de Vasconcellos, bisneta por parte paterna de Manoel Cardoso de Almeida, terceiro padreeiro da capella da Luz (irmão direito do Feliciano Cardoso, que foi capitão de infantaria na guerra e conquista dos barbaros do sertão da Bahia, e que foram os paulistas em 1671 com o seu governador Estevão Ribeiro Bayão Parante,) e de sua mulher Catharina Rodrigues. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 5º E pela parte materna neta de Agostinho Machado Fagundes de Oliveira (irmão direito do Rev. José Machado de Oliveira, professo da ordem de Christo, clérigo de S. Pedro, que acabou religioso carmelita no convento de S. Paulo), e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos legitima neta (por sua mãe D. Marianna de Vasconcellos, natural de Santos) de Antonio de Aguiar Barriga, natural de Cascaes, d'onde veio feito capitão mór governador, alcaide mór, ouvidor da capitania de S. Vicente, de cujos empregos tomou posse na camara d'esta



villa capital a 24 de Outubro de 1637 (38), e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, natural de Santos : em título de Machados Fagundes, cap. 4º E melhor em título de Aguirres, n. 1º esp. 4º § 3º n. 3—2 a n. 4—2. e seg.

5—5. Pedro da Cunha Franco, casou na freguezia da Piedade com D. Rita Margarida Angelica, filha de Manoel de Siqueira Cardoso, do n. retro 5—4.

5—6. D. Maria Gertrudes da Cunha Franco, casou na freguezia de Juquary com seu parente José Pires de Arruda : com dispensação, filho do capitão José Pires de Almeida : em título de Taques Pompêos, cap. 3º e n'este título, cap. 6º § 1º infra.

4—4. D. Catharina da Silva (filha de D. Messia da Silva e Castro do n. 3—6 retro) foi casada com José de Lemos de Moraes. Em título de Camargos, cap. 2º § 4º n. 3—1. Deixou geração.

4—5. Estevão da Cunha de Abreu, cidadão de S. Paulo que falleceu nas minas do Pilar, sítio da Papuã e também alli mesmo sua mulher Maria Cardoso, filha de Estevão Ortiz de Camargo, nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Maria Cardoso. Em título de Camargos, cap. 8º § 2º n. 3—2. E teve oito filhos naturaes de S. Paulo.

5—1. O padre Ignacio da Cunha, clérigo do habito de S. Pedro, morador em Goyazes em 1769.

5—2. José Xavier Cardoso e Cunha, cidadão de S. Paulo, que serviu todos os cargos da republica : foi destrissimo na arte da cavallaria e gentil, garbo e figura em todos os exercicios d'esta arte. A vileza de um mameluco lhe tirou a vida com pontaria certa de arma de fogo, fa-

(38) Archivo da Cam. de S. Paulo, l. de regist., tit. 1636, pag. 35 e 37.



zendo-lhe cilada no lugar por onde havia de passar n'aquella infeliz hora. Foi a sua morte geralmente sentida, assim dos moradores da freguezia de Juquiry, onde morava, como dos da cidade de S. Paulo, que conservavam frescas as memorias do seu bom nome, dado á conhecer no anno que tinha sido juiz ordinario. Estava casado com Maria Ortiz de Camargo, filha de José da Silva Ortiz. Em titulo de Camargos, cap. 4.<sup>o</sup> § 5.<sup>o</sup> n. 3—1 a n. 4—2.

5—3. Messia da Silva, está casada com Manoel Cavalleiro Leite, natural e cidadão de S. Paulo, onde tem servido todos os cargos da republica, e actualmente é capitão de ordenanças do bairro do Tietê e Santa Anna, por patente de D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo e filho de Antonio Pedroso Leite natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Maria Paes Domingues, e por ella neto de Antonio Pedroso Leite (que falleceu nas Minas Geraes em 1719 (39) e de sua mulher Maria de Oliveira, ambos de S. Paulo, (irmão do coronel Antonio de Oliveira Leitão, que falleceu degolado em alto cadafalso por sua nobreza na praça da Bahia por sentença d'aquella relação, como temos historiado em titulo de Alvarengas, cap. 5.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> n. 3—17 e seguintes até n. 4—9), por quem é bisneto de Domingos de Oliveira Leitão, natural da villa de Santos (legítimo neto de Antonio da Oliveira Leitão, que no anno de 1538 veio provido em capitão-mór governador e alcaide-mór da capitania de S. Vicente (40), trazendo sua mulher D. Genebra Leitão de Vasconcellos, ambos de Lisboa), e de sua mulher Anna da Cunha, natural de S. Paulo, irmã

(39) Cartorio de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Pedroso Leite.

(40) Cart. da prov. da faz. real de S. Paulo, liv. de reg. de sesm. n. 1 tit. 1562, pag. 80.

inteira do padre Domingos da Cunha, clérigo do habito de S. Pedro, e por elle ter-neto de Manoel da Cunha, natural da ilha de S. Miguel, que falleceu em S. Paulo em Abril de 1674, e de sua mulher Catharina Pinto (41). Pela parte materna neto de Manoel Fernandes Cavalheiro, que falleceu em S. Paulo a 18 de Novembro de 1699 (42), e de sua mulher Maria Paes Domingues, bisneto de José Cavalheiro, natural do reino de Castella, e de sua mulher Isabel Fernandes, natural da freguezia de Santo Amaro : e este é o tronco da familia do appellido de Cavalheiros. Por sua avó dita Maria Paes Domingues é bisneto de Martim Garcia Lumbria, natural de S. Paulo, que foi capitão mór governador da capitania da Conceição de Itanhaen pelos annos de 1693 (43), e de sua mulher Maria Domingues das Candeias. Este paulista o capitão-mór governador Martim Garcia Lumbria soube acreditar-se com acções de honrado vassallo, pelo que mereceu que o Sr. rei D. Pedro II lhe mandasse escrever uma carta, firmada do seu real punho, de agradecimento, datada em 20 de Outubro de 1698, que se acha registrada com outras mais para diversos paulistas na secretaria do conselho ultramarino no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro titulo 1673, que acaba em 1700 á pag. 2 e seguintes, com o mesmo theor das cartas que temos copiado em titulo de Taques Pompêos, em titulo de Camargos, e em titulo de Godoys, etc.

Do matrimonio do capitão Manoel Cavalheiro Leite nasceram filhos. Em titulo de Prados, cap. 1º § 8º, n. 3—2 e seguintes.

(41) Orph. de S. Paulo, maç. 3º dos inv. letr. M. n. 28.

(42) Idem, maç. 6º letr. M n. 15.

(43) Cam. de S. Paulo, liv. de reg. capa de olandilha, tit. 1721 pag. 221.

3-4. Gertrudes da Cunha, casou em 1753 na freguezia do arraial do Pillar, sítio da Papuã com Anastacio Vieira, que tem sido n'aquellas minas juiz ordinario, e é mineiro de fabrica grande de escravatúra, natural de Portugal.

5-5.

5-6.

5-7.

5-8.

4-6. Manoel Dias de Abreu (filho de D. Messia da Silva e Castro do n. 3-6 retro), ainda existe em 1769, cidadão de S. Paulo, que occupou todos os honrosos cargos da republica, casado com Isabel Bueno. Em titulo de Buenos, cap. 2º § 2º n. 3-3 a n. 4-3. E teve seis filhos.

5-1. Firmiano Dias Xavier, mestre em artes, clérigo do habito de S. Pedro, e bem instruido na lição dos livros francezes, e excellente estudante em philosophia e theologia moral, etc. Foi vigario da vara em 1769 da villa de Guaratinguetá; foi vigario da igreja da mesma, e de outras mais igrejas, visitador geral de todo o bispado de S. Paulo em 1773, e n'este anno de 1784 consta-me que ainda existe cura da Sé de S. Paulo. As suas virtudes e talentos fazem que a sua reputação seja grande no conceito dos grandes e pequenos.

5-2. Manoel Dias de Abreu, cidadão que foi juiz ordinario por eleição de pelouro no anno de 1768, casado com... filha de Antonio Corrêa Pires Barradas e de sua mulher Maria Bueno. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 2º n. 3-1. Em sua descendencia.

5-3. Ignacio Dias da Silva, cidadão que foi juiz ordinario em 1764, casado com Messia de Camargo, filha de José da Costa de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 11 n. 3-6. Deixou geração.

5-4. Felix Nabor, clérigo do habito de S. Pedro.

5—5. Estevão Dias da Silva.

5—6. Antonio Bueno, falleceu solteiro.

4—7. Francisco da Cunha, clérigo de S. Pedro, e fallecido nas minas do Pillar da Papuã.

3—7. D. Sebastiana da Silva.

3—8. D. Isabel da Silva. Vive, se é certo que casou, primeira vez com Bernardino Pinto Moreira, e segunda com o capitão José de Camargo Ortiz.

§ 5º

2—5. D. Margarida Rodrigues (filha de João Pires, e Messia Rodrigues do cap. 6º retro), foi casada com o capitão Antonio do Canto de Mesquita, natural da Villa Real, de nobreza qualificada. Tinha servido a el-rei na capitania do Espirito-Santo, e teve mercê de habito de Christo com 40\$ de tença effectiva; e passando a S. Paulo casou com D. Margarida Rodrigues, e ficou estabelecido na terra. Serviu os honrosos cargos da republica, em cujo politico governo teve muita aceitação o seu voto como de pessoa de tanta veneração, autoridade e respeito. E teve do seu matrimonio duas filhas, que são as que descobrimos por documentos.

3—1. D. Anna do Canto de Mesquita.

3—2. D. Maria.

3—1. D. Anna do Canto de Mesquita, casou com João de Toledo Castelhanos. Em titulo de Toledos, cap. 1º; estando viuvo de sua primeira mulher D. Maria do Lara, irmã direita do capitão-mór, governador e alcaide-mór Pedro Taques de Almeida. E teve seis filhos nascidos em S. Paulo.

4—1. O padre mestre Francisco de Toledo, jesuita, que, tendo acabado de reitor do collegio da villa de Santos, passou para commissario do reverendissimo padre geral

a crear a provincia do Estado do Grão Pará e Maranhão, e ficou servindo de provincial d'ella até 1758, em que foi chamado por ordem régia á côrte de Lisboa.

4—2. Bento de Toledo Castelhanos, foi tenente de general, tendo casado em 22 de Agosto de 1719 com D. Potencia Leite de Barros. Falleceu sem geração em Minas, do Rio das Mortes (1.<sup>o</sup> cartorio de notas de S. Paulo, inventarios, letra B.

4—3. D. Escolastica de Toledo Canto, que ficando herdeira dos serviços de seu avô o capitão Antonio do Canto de Mesquita, e da mercê que teve do habito de Christo com 40\$ de tença, nunca jámais quiz admittir um dos muitos casamentos que lhe propuzeram, tendo sido pedida de pessoa de sua igualha, assim em vida de seus pais, como depois da morte d'elles, tendo-se resignado nos preceitos de seu irmão o padre mestre Francisco de Toledo nos muitos annos, que residiu no collegio de S. Paulo, até que no anno de 1752 estando seu irmão no Estado do Pará, falleceu solteira, repartindo o seu cabedal em obras pias, o que deixou para executar seu testamenteiro o coronel Francisco do Rego, como pessoa e parente de tanta autoridade, honra e zelo.

4—4. D. Joanna do Canto Castelhanos, casou com seu primo o sargento-mór João Barbosa Lara. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> e segintes. Deixou geração.

4—5. D. Anna do Canto de Toledo, foi casada com Salvador Pires de Almeida. Em titulo de Taques, cap. 3.<sup>o</sup> § 9.<sup>o</sup> n. 3—6. Sem geração.

4—6. Pedro Nolasco de Toledo Canto, falleceu solteiro.

3—2. D. Maria... ( filha do § 5.<sup>o</sup> ), foi baptizada a 24 de Maio de 1653 na matriz de S. Paulo.

§ 6º

2—6. Messia Rodrigues (filha de João Pires, e Messia Rodrigues do cap. 6º), casou com João de Camargo, nobre cidadão de S. Paulo. Em título de Camargos, cap. 1º § 4º e cinco filhos.

3—1. Fernando Pires de Camargo.

3—2. João de Camargo.

3—3. José Pires de Camargo.

3—4. Anna Maria de Camargo Pires, falleceu em Juquiry a 22 de Novembro de 1732.

3—5. Joanna Pires de Camargo, casou em S. Paulo a 19 de Agosto de 1697 com Salvador de Miranda do Prado, filho de Antonio de Miranda, e de sua mulher Catharina Dias, irmã de Antonio Garcia; neto de Salvador de Miranda, e de sua mulher Antonia Ribeiro. Em título de Prados, cap. 7º § 7º, a ascendencia d'este Salvador de Miranda.

§ 7º

2—7. Thomazia Rodrigues (filha de João Pires do cap. 6º), foi casada com o capitão Francisco de Godoy Moreira. Em título de Godoys, cap. 1º § 2º Em S. Paulo serviu todos os cargos da republica: foi morador no Alibaya, e capitão de Nazareth; passou-se para Taubaté, e alli falleceu com testamento e 91 annos de idade a 20 de Junho de 1728 (Orphãos de Taubaté, inventarios F. n. 20). E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Antonio de Godoy Pires, cidadão de S. Paulo, capitão dos auxiliares do bairro de Caçapava em Taubaté, casado com Francisca Vieira de Almeida. Em título de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º n. 3—6 e seguintes.

3—2. João Pires de Godoy, foi morador do Alibaya,



casado em Nazareth, com Margarida Pereira, filha de Antonio Pereira de Avellar de cujo matrimonio nasceram:

4—1. Maria Pires de Godoy, moradora de Taubaté, onde casou em 1713 com Antonio Jorge de Siqueira, filho do capitão Antonio Jorge Paes, e Florencia de Siqueira.

4—2. José de Godoy. Falleceu em Ayuruoca.

4—3. Antonio de Godoy. Falleceu solteiro em Taubaté.

4—4. Messia Rodrigues, mulher de João Dias do Prado, natural de Taubaté, filho de Domingos do Prado Gil.

4—5. Catharina de Godoy, mulher de José Dias, filho de Domingos Affonso.

4—6. Francisca..., mulher de João de Toledo, filho de João Vaz Cardoso. Em Toledos, cap. 3º: sem geração.

3—3. Francisco de Godoy Moreira, casou com Estacia da Veiga, filha de Francisco Corrêa da Veiga, e de Martha de Miranda. E teve filho unico natural de Taubaté.

4—1. Francisco Pires Ferreira, existe em 1771 em Taubaté casado com... filha de Placido dos Santos Vianna, e de sua mulher... que foi filha de Gaspar Martins. Deixou geração.

3—4. Pedro de Godoy, casou em Taubaté com Maria Pedroso, filha de Sebastião Fernandes Corrêa (irmã do capitão-mór D. Simão de Toledo). Em Toledos, cap. 3º § 4.º

§ 8º

2—8. Maria Pires Rodrigues (filha de João Pires do cap. 6º), casou com Miguel de Camargos Ortiz, nobre cidadão de S. Paulo e de grande respeito, e serviu muitas vezes os cargos da republica. Em título de Camargos, cap. 2º § 3º, com sete filhos que teve.



2—9. Maria Rodrigues, falleceu a 6 de Junho de 1723 (44) e foi casada com Diogo Barbosa Rego, cidadão de S. Paulo, tendo fallecido a 30 de Setembro de 1724, filho de João Moniz Bonilha, e de sua mulher Adriana Barreto (45). E teve sete filhos naturaes de S. Paulo.

3—1. Diogo Barbosa Rego, casou em S. Paulo a 6 de Outubro de 1699 com Maria da Rocha Pimentel, filha de Antonio Fernandes Camacho, e de Maria Ribeiro.

3—2. João Barbosa Pires, casou com D. Theresa de Araujo. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 1º n. 3—9. Com geração.

3—3. Francisco Barbosa Pires, morador junto a Santa Anna, foi casado com Hieronima de Arzão, sem geração. Em titulo de Arzão, cap. 1º § 2º n. 3—5.

3—4. Estevão Barbosa, falleceu com testamento em 1718 (46), foi casado com D. Antonia de Medeiros. E teve filho unico:

4.—Estevão Barbosa Rego, casou com Joanna Soares, na freguezia da Conceição, filha do capitão Gaspar Soares, e de sua mulher Barbara Ribeiro.

3—5. Branca Raposo, foi casada com Estevão Forquim de Camargo. Em titulo de Camargos, cap. 4º § 8º n. 3—1.

3—6. Isabel Barbosa, foi casada com João de Siqueira Preto, sem geração: ella falleceu em 1715.

3—7. José Barbosa Rego, casou com Isabel Ribeiro da Cunha, filha de Marianna de Camargo e de Paschoal Delgado. Em Camargos, cap. 2º § 4º. Deixou cinco filhos.

(44) Orphãos de S. Paulo, maço 6 de Inventarios, letra M. n. 11.

(45) Em titulo de Bonilhas, cap. 1º § 2º n. 3—2.

(46) Orphãos de S. Paulo, letra E, maço 1º, n. 15.

§ 10.

2—10. João Pires Rodrigues casou com D. Branca de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º § 9.º Com sua descendencia.

§§ 11 e 12.

2—11. Antonio Pires, casou com Cecilia Ribeiro, filha de Assenso de Quadros e Anna Pereira. Em título de Quadros, cap. 1.º Sem geração.

2—12. Hieronimo Pires (filho ultimo de João Pires e Messia Rodrigues do cap. 6º), falleceu solteiro e só deixou 4 filhos mamelucos, que não herdaram por ser seu pai homem nobre, e foi a mãe de Hieronimo Pires quem herdou: o que tudo consta do inventario que se fez por sua morte, que foi a 5 de Outubro de 1664, com testamento... (47).

CAPITULO 7.º

1—7. Custodia Fernandes (filha de Salvador Pires e Messia Fernandes), casou na matriz de S. Paulo a 10 de Maio de 1643 com Domingos Gonçalves, filho de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Christina Luiz, que falleceu em 1612, e elle em 14 de Abril de 1665. D'este matrimonio não descobrimos geração.

CAPITULO 8º E ULTIMO

1—8. Antonio Pires. Falleceu solteiro.

(47) Cart. 2º de not. de S. Paulo, maço de inv. ant. o de Hieronimo Pires.

Vem do N. 2.º

Salvador Pires do n. 2º, cuja descendencia do 2º matrimonio com Messia Fernandes temos tratado até aqui, casou a primeira vez com N... de Brito, de quem teve tres filhos, que em 1592 deram quitação a sua madrastra dita Messia Fernandes da legitima que lhe deixára seu pai, como se vê da mesma quitação junta ao testamento e autos de inventario de Messia Fernandes, que se acha no cartorio do 1º tabellião de S. Paulo, no maço dos inventarios antigos, letra M. Foram estes dois filhos

Diogo Pires..... Cap. 1.º

Amador Pires..... Cap. 2.º

Domingos Pires..... Cap. 3.º

1—Diogo Pires, casou com Isabel de Brito, que falleceu com testamento a 2 de Maio de 1650 (48). Tiveram roça em Juquiry. E teve sete filhos, que pelo dito inventario á margem citado consta com quem casaram, e foram

§ 1º Francisco Pires de Brito, casado com Maria Furtado.

§ 2º Salvador Pires. Falleceu solteiro.

§ 3º Manoel Pires de Brito, casado com Catharina Dias. E teve duas filhas, Maria de Brito e Filippa de Brito.

§ 4º Maria de Brito, casada com Antonio Bicudo. Em titulo de Bicudos, n. 1º cãp. 1.º

§ 5º Margarida de Brito, casada com Luiz Machado Sande. Sem geração.

§ 6º Beatriz Pires, casada com Custodio Nunes Pinto.

§ 7º Maria de Brito, casada com Manoel de Araujo de Azevedo.

(48) 2º cart. de not. de S. Paulo, maço de inv. ant. n. 7.

CAPITULO 2.º

2—Amador Pires, falleceu solteiro e ficou por seu herdeiro seu irmão Diogo Pires, como consta no inventario de sua madrastra Messia Fernandes acima indicado.

CAPITULO 3.º

3—Domingos Pires, falleceu sem geração, tendo sido casado com uma filha de Bestriz Camacho, a qual herdára de sua filha dita mulher de Domingos Pires umas terras que ella mesmo Camacho com seu marido Francisco Farel em 8 de Fevereiro de 1593 vendeu por escriptura a Antonio Rodrigues, como tudo se vê na nota, caderno titulo 1594 pag. 21 do 1.º cartorio do tabellião de S. Paulo.

---

## AFFONSOS GAYAS

A nobre familia dos Affonsos Gayas propagou na villa de Santos, primeira da antiga capitania de S. Vicente, em quatro irmãos, que do porto de Gaya, junto á cidade do Porto (que hoje se chama Miragaya, e é parte da mesma cidade), vieram para o Brasil no principio da povoação e fundação da villa de Santos, atrahidos e convidados, como outros muitos, pelo donatario da mesma capitania, o fidalgo Martim Affonso de Sousa, o qual quando veio em 1531 fundar a villa de S. Vicente (foi a primeira povoação que houve em todo o Brasil), trouxe á sua custa muitos navios, com gente de guerra para a conquista dos barbaros gentios, habitantes do serião de toda a costa da sua capitania, com muita nobreza de qualidade reconhecida e estimada para povoadores. Foi esta advertencia muito recommendada pelo Sr. rei D. João III, de suspirada memoria, que constituiu ao dito Martim Affonso de Sousa governador de toda a costa do Brasil por patente datada na villa do Crato a 20 de Novembro de 1530, com ampla jurisdicção para conceder de sesmaria as terras aos povoadores que trazia para isso, e aos mais que depois viessem vindo para o mesmo effeito (1). Por isso com Martim Affonso de Sousa vieram muitos sujeitos com o fóro de fidalgos da casa real, outros com o de cavalleiro fidalgo, e outros finalmente com o de moço da camara; muitas fa-

(1) Cart. da Prov. da Faz. Real L. de Reg. de Sesm. tit. 4554 pag. 42 e 103.

mílias da provincia do Minho, e das outras provincias vieram vindo pelos annos subsequentes ao de 1533, depois de recolhido ao reino no de 1534 Martim Affonso de Sousa, a quem o mesmo Sr. D. João III concedeu 100 leguas de costa para capitania da villa de S. Vicente com seu foral, de juro e herdade para sempre, por carta passada em Evora a 20 de Outubro 1534. E principiam as 100 leguas a 13 leguas ao norte de Cabo-frio, e correndo a costa com distancia de 55 leguas acabam no rio Curupacé, (agora se diz Juquityquerê), que fica quasi defronte da ilha dos Porcos, que é até onde chega o termo da villa de Ubatuba; e d'este rio Curupacé 10 leguas até o rio de S. Vicente braço do norte (que é o mesmo que a barra da Bertioga, que é da doação de Pedro Lopes de Sousa para fundar a sua capitania de Santo Amaro da ilha de Guaibê, que não chegou a povoar-se), continuam do dito rio de S. Vicente 45 leguas, que se terminam a 12 leguas ao sul da ilha de Cananéa, que é o que hoje se conhece por Parnaguá (2). Por esta fórma se completam as ditas 100 leguas da capitania de S. Vicente concedidas a Martim Affonso do Sousa em attenção aos relevantes serviços, que tinha feito na India como soldado aventureiro; e as suas proezas foram igualmente applaudidas pelos dois famosos historiadores Barros e Faria: e tornando á India no fim do anno de 1534, em que sahiu de Lisboa capitão-mór da armada, veio merecer aquelle superior governo, no qual succedeu a D. Estevão da Gama no anno de 1542.

Para fundar a villa de S. Vicente trouxe entre outros sujeitos abalisados a Luiz de Goes, casado com D. Catharina (3), e ao genro Domingos Leitão, que tinha o fóro de

(2.) Arch. da Cam. de S. Paulo, L. de Reg. tit. 1620 pag. 45 e seguintes.

(3.) Cart. da Prov. da Faz., L. de Reg. de Sesm. tit. 1554, pag. 91, 96, 103, 136 e seguintes em todo dito livro.



cavalleiro fidalgo, casado com D. Cecilia de Goes, e era irmão de Hieronimo Leitão, também casado (que depois ficou sendo capitão-mór governador da capitania de S. Vicente no tempo do segundo donatario d'ella, Pedro Lopes de Sousa, e de seu filho Lopo de Sousa, que foi neto do primeiro donatario Martin Affonso de Sousa) e seu irmão Balthasar Leitão, que todos tinham o fôro de cavalleiro fidalgo; e com Luiz de Goes vieram os dois irmãos Pedro de Goes, que foi capitão-mór da armada, e falleceu em S. Paulo, e Gabriel de Goes, todos com o fôro de fidalgos da casa real, Ruy Pinto, cavalleiro professo da ordem de Christo, com sua mulher D. Anna Pires Missel, que falleceu em S. Vicente; Antonio Pinto e Francisco Pinto, todos com o fôro de fidalgos da casa real, Nicolão de Azevedo, também fidalgo da casa real, e cunhado dos ditos Pintos por ser casado com D. Isabel Pinto, e eram filhos do fidalgo Francisco Pinto, que ainda no anno de 1550 existia em Lisboa, quando n'esta côrte por escriptura celebrada na nota de tabellião confirmou a venda das terras que sua nora D. Anna Pires Missel havia feito em S. Vicente, pertencentes ao engenho de assucar S. Jorge (foi o primeiro engenho em todo o Brasil), erecto em S. Vicente logo que fundou esta villa o dito donatario Martin Affonso, como dito Ruy Pinto), aos allemães Erasmo Schecer e João Visnat, por cuja razão tomou o dito engenho o nome de S. Jorge dos Erasmos. Vieram mais em 1531 Jorge Ferreira, cavalleiro fidalgo, casado com Joanna Ramalho, filha de João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro, e foi depois o fundador da villa de Santo André da Borda do Campo, de cuja povoação (antes de acclamada em villa no dia 8 de Abril de 1553) foi guarda-mór e alcaide-mór do Campo dito Ramalho. Enfim vieram outros muitos d'este mesmo character, como Jorge Corrêa, moço da camara; e



d'esta qualidade de nobreza vieram depois vindo para S. Vicente outros muitos, para onde tambem com o mesmo Martim Affonso de Sousa tinha vindo Braz Cubas, cidadão do Porto, e cavalleiro fidalgo, com seu filho bastardo, que foi legitimado por *alvará régio* (Vide que n'isto tenho alguma duvida até apparecer documento); Pedro Cubas, moço da camara, Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo, natural de Monte-Mór o Novo, que, recolhendo-se ao reino, voltou em 1556 com sua mulher D. Maria Castanho, com duas filhas, trazendo de propriedade os officios de chancelier, escrivão da ouvidoria e das datas, por mercê do donatario Martim Affonso: veio Antonio de Oliveira em 1538, cavalleiro fidalgo, e trouxe sua mulher, D. Genebra Leitão, que era irmã de Domingos Leitão, de Hieronimo e Balthasar Leitão, e foi capitão-mór governador da dita capitania de S. Vicente, de que tomou posse no anno de 1538; Simão Borges Cerqueira, natural de Mesamfrio, moço da camara; Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural de Lamego, cavalleiro fidalgo, e todas os mais, dos quaes fazemos maior individuação na noticia chronologica da fundação da capitania de S. Vicente e de todas as villas fundadas dentro da dita capitania, e os descobrimentos de minas de ouro, prata, ferro e aço, desde 1598 até as ultimas minas dos Goyazes em 1725, o que serve como apparato ao titulo *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*, que comprehende as familias nobres da capitania de S. Vicente, que hoje se diz S. Paulo, depois que passou a ser a capital desde o anno de 1681, por mercê do donatario o Marquez de Cascaes.

Fundada a villa de S. Vicente pelos annos de 1531 até 1543, e ficando n'ella os nobres povoadores, que deixou o seu fundador Martim Affonso de Sousa, dentro da mesma ilha de S. Vicente, em distancia de duas leguas por cami-

nho da terra, fundou Braz Cubas, cavalleiro fidalgo, a villa de Santos á custa da sua fazenda, e d'ella foi o 1.<sup>o</sup> alcaide-mór, e depois provedor da fazenda real, e capitão-mór governador, e ouvidor da capitania de S. Vicente, pelos annos de 1554, e seguintes. Nella se estabeloceram os tres irmãos Luiz, Pedro, e Gabriel de Goes, sendo Luiz de Goes e sua mulher D. Catharina os fundadores do segundo engenho de assucar com vocação Madre de Deus, no sitio a que no presente tempo se chama Nossa Senhora das Neves. Este engenho passou ao genro dos fundadores, Domingos Leitão, marido de D. Cecilia de Goes, filha dos mesmos, que ficando viuva se recolheu a Lisboa em 1580, de onde mandou procuração bastante por si, e seu filho João Gomes Leitão, a seu cunhado o ex-capitão-mór governador Hieronimo Leitão em 1538, para a venda do dito engenho, que teve effeito, vendendo-se ao Adelantado, cujo nome se não declara na escriptura da venda celebrada em Santos na nota do tabellião Athanasio da Motta, e a Diogo Rodrigues, com todas as terras, e aguas pertencentes ao dito engenho Madre de Deus. Este engenho passou aos filhos do dito Diogo Rodrigues, que era casado com uma sobrinha do vendedor Hieronimo Leitão, em Santos, e foram elles :

1.<sup>o</sup> O capitão Antonio Amaro Leitão, casado com D. Isabel da Fonseca Pinto ( que segunda vez casou com Diogo Ayres de Aguirre, ouvidor, que foi muitas vezes da capitania de S. Vicente, juiz ordinario e de orphãos, etc. ), filha de Domingos de Fonseca Pinto, cidadão da Bahia e provedor da fazenda real da capitania de S. Vicente em 1539. 2.<sup>o</sup> Custodio Leitão, que casou com Anna de Aguiar, de cujo matrimonio houve filhos, entre os quaes foi Ambrosia de Aguiar, que falleceu em Santos solteira em 1705, deixando no seu testamento, que se acha no residuo da ouvidoria de

S. Paulo, o quinhão das terras, que tinha, a Nossa Senhora das Neves. 3.º Agostinho Leitão, que existia em Santos em 1642.

Houve mais no termo da villa de Santos o engenho de S. João, do qual foi fundador José Adorno, natural de Genova; e o de Nossa Senhora da Apresentação, de que foi fundador Manoel de Oliveira Gago, que deixou nobre geração dos seus appellidos em Santos. Estes engenhos eram moentes e correntes ainda em 1577, como se vê dos direitos que pagavam á fazenda real, e consta do livro do dito anno na provedoria e cartorio da fazenda.

Estando por este modo em grande auge de augmentos e utilidades a villa de Santos, com o commercio frequentado em navios, que vinham a seu porto, e navegação para Portugal, sendo o principal o navio dos allemães os *Brasmos* e *Vinats*, vieram, como acima referimos, quatro irmãos estabelecer-se n'esta villa, e foram os que aqui representamos com os numeros seguintes :

Nº 1º	N... Affonso Gaya.
Nº 2º	Manoel Affonso Gaya.
Nº 3º	Domingos Affonso Gaya.
Nº 4º	Paschoal Affonso.

Nº 1º

N...Affonso Gaya, passou de Santos para a villa da Victoria, capitania do Espirito-Santo, onde se estabeleceu e deixou familia de sua nobre geração. D'elle procedeu o M. R. P. Fr. Manoel Gaya, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, da qual foi secretario e occupou o lugar de prior e visitador.

DE MANOEL AFFONSO GAYA

Manoel Affonso Gaya deixou em Santos honrosas memorias dos seus grandes merecimentos, porque soube conciliar um geral applauso, respeito e veneração de todos os moradores do seu tempo. Foi da governança da terra, tendo repetidas vezes as redeas do governo da republica; porque para officiaes da camara só eram admittidos os homens da maior honra, zelo e desinteresse, cujo venturoso tempo não se logra agora nas assembléas de todas as villas e cidade capital de S. Paulo, lamentando-se esta infeliz decadencia em todo o Estado do Brasil, onde já se não escolhem os sujeitos da primeira graduação para ornarem o corpo do senado, á imitação dos seculos de 1500 até 1700. Foi Manoel Affonso Gaya juiz ordinario em 1630, tendo por companheiro a Gonçalo Pires Pancas como consta do tombo do convento do Carmo de Santos, folhas 33 e 34; e foi capitão da gente da villa de Santos, como pessoa de nobreza e disciplina militar, que a exercitou em serviço do rei nos actuaes encontros a que obrigavam os barbaros indios, não só os da costa do Sul, mas tambem os *Tamoyos* do Rio de Janeiro, que armados em guerra com multidão de canôas vinham hostilisar aos moradores de S. Vicente e Santos, principalmente aos que se haviam estabelecido além do rio de S. Vicente braço do norte, Bertioga. (Archivo da camara da villa de Santos, livro 1º de registros pag. 82 v.). Foi a costa de Santos, e S. Vicente infliccionadas de piratas corsarios, para cuja defesa actualmente acudiam aos rebates, de sorte que, acabadas as guerras, depois de conquistados os indios *Carijós* e *Guainazes* os mais formidaveis da costa do sul, (e rendidos tambem

os *Tamoys* do Rio de Janeiro depois da segunda e ultima rota, que experimentaram dos soccorros de S. Vicente, Santos e S. Paulo, auxiliando em canoas de guerra, de cuja armada foi general Eliodoro Ebano Pereira ao governador geral Mem de Sá em 18 e 20 de Janeiro do anno 1567, em que fundou aquella cidade com o nome de S. Sebastião, que foi o protector e tutellar d'esta difficullosa empreza contra as forças de Nicoláo de Villagalhon, natural de França e cavalleiro do Hospital, que se havia fortificado n'aquella enseada e n'ella construido regular fortaleza que foi arrasada pelos europeos com o dito Mem de Sá, ficando para memoria do triumpho só o nome do sitio, que a corrupção portugueza ficou chamando Vergalhão) não tiveram os moradores da capitania de S. Vicente as armas ociosas.

No anno de 1599 occuparam a ilha de S. Sebastião tres náos de hollandezes inimigos, contra os quaes mandou D. Francisco de Sousa por sua provisão datada em S. Paulo a 7 de Junho do mesmo anno sahir de S. Paulo um soccorro de gente, que se incorporou em Santos ao capitão de infantaria Diogo Lopes de Castro com os moradores das villas de Santos e S. Vicente, para irem atacar ao inimigo hollandez. No anno de 1601 os mesmos hollandezes occuparam os mares da ilha de S. Sebastião com uma grande urca chamada o *Mundo Dourado* (Esta talvez seria a mesma assim chamada que em 1599 veio ao porto de Santos, e só dos direitos que pagou á fazenda real se carregou em receita ao almoxarife João de Abreu 6:129\$678 réis. (Prov. da fazenda real, livro 1º de registro tit. 1597 pag. 76); e navegando um religioso beneditino com varias pessoas em um barco, e outras em uma canoa, para o Rio de Janeiro, foram todos captivados pelos ditos inimigos. Acudiram os moradores de Santos e

S. Vicente por ordem de D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado, que n'este anno se achava em S. Paulo, que mandou ao capitão-mór da capitania Gaspar Barreto que sahisse com o corpo de mil homens e indios frecheiros em armada de canôas contra o pirata, para cujo effeito mandou o dito governador geral assistir com polvora e bala, e mantimentos necessarios, e ficaram victoriosas as nossas armas. Rendida a urca com todos os holandezes, cujo capitão era Lourenço Brear, artilheria, e mais munições de guerra e prezas, que tudo se conduziu para o porto de Santos, onde por espaço de 50 dias foi guardada a urca pelos moradores, fiando-se esta importante conducta da actividade e zelo de Manoel Pereira Lobo, moço da camara d'el-rei, de Manoel Fernandes Cavaco. Isto consta melhor no cartorio da fazenda real da provedoria, liv. de registros tit. 1597 pag. 37 97 v., 103 e 127 v. Finalmente desde o anno de 1641 até o de 1655 infestaram os holandezes a costa do sul o portos de Santos e S. Vicente, e no decurso d'estes 14 annos deram de perda mais de 100,000 cruzados nos navios, barcos, e fazendas que tomaram, navegando de Santos para o Rio de Janeiro (Cart. da prov. da faz. L. de reg. tit. 1634 pag. 90) Existindo o pirata holandez n'estes 14 annos, occupando a costa, e apparecendo sobre a barra de Santos um navio, sahio o capitão Manoel Affonso Gaya contra o inimigo sem mais embarcação que uma canôa armada em guerra, e n'esta facção o acompanhou seu genro Antonio Barbosa Sotto Maior, o qual em 1642 foi provido em capitão da gente de Santos, que de antes occupára seu sogro Manoel Affonso Gaya. (Cart. da Proved. da Faz. L. de reg. tit. 1616. pag. 41.)

Foi casado na villa de Santos com Maria Nunes de Si-  
queira, que falleceu em dita villa a 30 de Outubro de 1667



(Obitos, folhas 13), filha de Pedro Nunes de Siqueira, da nobre família dos Siqueiras Mendonças, uma das mais antigas da capitania de S. Vicente. Neta pela parte paterna de Antonio de Siqueira, morador de S. Vicente, e de sua mulher Messia Nunes, filha de Francisco Pinto (irmão de Ruy Pinto e Antonio Pinto), que eram cavalleiros fidalgos da casa real (como já dissemos atrás). Os descendentes d'este Antonio de Siqueira, que ainda era vivo em 1581, trazem o antigo e nobre appellido de Mendonças, e ignoramos se lhes provém do dito Antonio de Siqueira, se de sua mulher, filha do dito Francisco Pinto (\* No titulo do autor estão umas notas, que fez o ex-provincial frei Gaspar da Madre de Deus, em que refuta serem os do appellido Siqueira Mendonça descendentes d'este Antonio de Siqueira, que era proprietario dos officios de escrivão da camara, orphãos e tabellião da villa de Santos, e ainda que o autor provou com segundas notas, riscou as linhas, que diziam ter ido de Portugal com os taes officios, e por consequencia ficou indeciso). E só sabemos que do matrimonio de Antonio de Siqueira nasceram na villa de Santos (\* Vai na mesma duvida):

1.º Lourenço de Siqueira de Mendonça, que se passou para S. Paulo, onde ficou sendo o progenitor de seu appellido, e falleceu com testamento a 4 de Junho de 1633 (Orphãos de S. Paulo, n. 42).

2.º Beatriz de Siqueira de Mendonça, mulher de Antonio Gonçalves da Vide, que foi provido em capitão do forte do Pinhão da Vera-Cruz com 60\$000 de soldo por anno, por provisão do governador geral D. Francisco de Sousa, datada em Santos a 28 de Julho de 1601, que até então tinha occupado o dito posto Francisco Nunes Cubas (Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registro, titulo 1597 pag. 104 até pag. 105). O dito capitão Antonio Gonçalves



da Vide fez doação das terras que tinha até o rio de Santo Amaro (que lhe dera em casamento seu sogro Antonio de Siqueira, com sua filha Beatriz de Siqueira), casando com Antonio Zuzarte de Almeida por escriptura na nota do tabellião da villa de Santos em 3 de Janeiro de 1633.

3.º Luiza de Siqueira e Mendonça, mulher de Alonso Pelaes, que foram sogros do afamado Luiz Dias Leme, natural de S. Vicente, e tio direito do governador Fernam Dias Paes. E tambem dos mesmos é quarto neto por parte materna o muito reverendo padre-mestre o Dr. Frei Gaspar da *Madre de Deus*, monge beneditino, que acabando o lugar de D. abbade do Rio de Janeiro subiu a reverendissimo D. abbade provincial, cujo triennio acabou em Janeiro de 1769, recebendo ao mesmo tempo a patente de D. abbade do mosteiro da Bahia, cujo lugar renunciou attendendo ao estado de suas forças para descansar com tranquillidade de espirito no retiro de uma cella no mosteiro de Providencia da villa de Santos, feito subdito quem desprezava ser prelado.

4.º Manoel de Siqueira, que casou em S. Paulo com Messia Bicudo, e falleceu com testamento em 1614, declarando a sua naturalidade a villa de Santos. Em titulo de Bicudos, n. 2º cap. 8º.

5.º Luzia de Siqueira de Mendonça, que, casando com Manoel Corrêa de Lemos, natural da capitania de Espirito-Santo, foi morador em S. Paulo, onde seu marido falleceu em 1693 (Orphãos de S. Paulo, maço 4º letra M. n. 40).

6.º Antonio de Siqueira, que propagou na villa de S. Vicente e na de Santos. E outros mais irmãos filhos do progenitor Antonio de Siqueira, etc.

Do matrimonio pois do capitão Manoel Affonso Gaya de n. 2º houve filhos nascidos na villa de Santos; e os de

que descobrimos documentos, que nos informam d'esta verdadeira noticia, foram quatro, que são os seguintes :

Pedro Nunes de Siqueira.....	Cap. 1.º
Catharina de Mendonça.....	Cap. 2.º
Salvador Nunes.....	Cap. 3.º
Manoel Affonso Gaya.....	Cap. 4.º

## CAPITULO 1.º

1—1. O padre Pedro Nunes de Siqueira, presbytero secular, coadjutor na matriz de Santos em 1654, como consta dos autos de genere do padre Antonio Barbosa de Mendonça, do qual fazemos menção no cap. 2.º § 1.º

## CAPITULO 2º

1—2. Catharina de Mendonça, casou com Antonio Barbosa Sotto-Maior, natural de Lisboa, que falleceu em Santos em 1683 ( Obitos, folhas 53 ), irmão de Francisco Barbosa, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, que veio a Santos, e eram filhos de Estevão Barbosa Sotto-Maior, e de sua mulher D. Maria de Paiva, naturaes da côrte de Lisboa, como tudo assim consta dos autos de genere do padre Antonio Barbosa de Mendonça no § 1º infra. Este Antonio Barbosa de Sotto-Maior havia militado em Pernambuco e Rio de Janeiro antes de vir casar a Santos, onde pela autoridade e respeito de sua nobre pessoa foi eleito para capitão da ordenança ( que diferentes tempos d'aquelle seculo para o presente na eleição de semelhantes postos ! ) da villa de Santos, de que teve patente em 16 de Setembro de 1642 pelo general do sul

Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e no contexto d'ella se nota ibi. «E ao bem, que ha servido no dito cargo quando o hollandez por duas vezes veiu com armada de Pernambuco para esta costa, tomando a seu cargo a fortificação da dita villa de Santos, sendo o primeiro que carregava faxina para dar exemplo aos mais, occupando sempre o posto da vanguarda com a sua companhia, sustentando á sua custa quarenta indios; e se offereceu depois para levantar outra com dispendio seu para ir soccorrer a cidade do Rio de Janeiro, que se presumia estar cereada, tendo já no presidio d'ella servido de soldado da companhia de D. Antonio Ortiz de Mendonça tres annos; e haver sahido do porto de Santos em companhia do capitão Manoel Affonso com uma canôa de guerra a reconhecer um navio, que investiram, imaginando-se que era de inimigo, dando em tudo honradas mostras do zelo com que serve a Sua Magestade, o que tambem fez em outras occasiões de guerra viva, como foi no quartel de Pernambuco, quando o inimigo o sitiou em Agosto de 1633 com dois mil homens, e no encontro que com elle se teve em dito mez no rio Capivarybe, em que se lhe ganharam seis peças de artilheria de bronze, quatro roqueiras, algumas bandeiras, muitas munições e bastimento, com morte e prisão da maior parte da sua gente, obrigando-os a que levantassem o sitio que tinham posto; outrosim achando-se na conquista do Porto de Calvo, levando-o o general Mathias de Albuquerque, que ganhou aquella praça; e na defesa de Syrinháén a tempo que o inimigo a vinha investir com setecentos homens, e quantidade dos indios *Pitagaris*, de que ficaram muitos mortos na campanha, procedendo em todas as occasiões valorosamente, etc. »

Do matrimonio do capitão Antonio Barbosa Sotto-Maior h houve filhos naturaes de Santos, e dos que descobrimos cer-

teza total foram os que vão nos dois paragraphos seguintes. E' lamentavel a falta que ha de documentos, que sirvam de fio verdadeiro para a genealogia do nobiliario que pretendemos dar á luz; e até as noticias dos velhos não descobrimos; porque dependendo de exame, com zelo da verdade, o trabalho de procurar semelhantes memorias, não temos achado um só sujeito que nos queira ajudar n'esta empreza, que toda se dirige ao fim do bem publico e utilidade dos descendentes, que todos vivem amortecidos na ignorancia dos seus nobres progenitores, e das suas honrosas virtudes e acções, para lhes imitarem com credito do mesmo sangue, que lhes adorna as veias. Antes o sequito dos imprudentes, que já têm degenerado do mesmo esplendor dos seus antigos ascendentes, emprega todo o tempo na murmuração do nosso infatigavel trabalho, que até se tem acompanhado de despeza propria em muitos documentos, que temos feito extrahir de varios cartorios das villas e cidade capital de S. Paulo; porém esta mesma calunnia soffreram sempre aquelles que se applicaram a estudos genealogicos; talvez porque alguns sujeitos, aos quaes a lima do tempo consumiu em algum dos seus ascendentes qualquer facto de mecanismo, se persuadem qua nós faremos renascer pela imprensa aquelle silencio, que lhes apadrinha o antigo defeito.

2—1. O padre Antonio Barbosa de Mendonça § 1°.

2—2. D. Maria Barbosa Sotto-Maior § 2°.

§ 1°

2—1. O padre Antonio Barbosa de Mendonça, se habilitou de *puritate sanguinis* pela camara episcopal do Rio de Janeiro em 1672, em autos que existem na camara epis-

copal de S. Paulo. Foi vigario da igreja muitos annos da villa de Iguape, e falleceu em Santos.

§ 2º

2—2. D. Maria Barbosa Sotto-Maior, casou tres vezes : primeira com Manoel de Oliveira, sem geração; segunda com João Pires das Neves, nobre cidadão de S. Paulo, sem geração ; terceira com Manoel Carvalho da Silva, sargento-mór do terço dos auxiliares de seu pai, o mestre de campo Domingos da Silva Bueno: e como já era quinquagenaria antes de casar lhe fez doação do seu grande cabedal, e o perfilhou. Falleceu sem geração em S. Paulo com testamento a 24 de Abril de 1724 ( Resíduos da ouvidoria de S. Paulo, testamento de D. Maria Barbosa Sotto-Maior ).

D. Maria Barbosa no dito testamento com que falleceu falla assim: «Francisco Barbosa, meu sobrinho ». Este foi filho natural do padre Antonio Barbosa de Mendonça, e casou com Francisca Pires de Camargo, dos quaes foram filhos Francisco Barbosa Sotto-Maior, solteiro e morador em Santos ; João de Camargo, casado, e soldado da infantaria; José de Camargo, soldado, solteiro ; F.... casada com o alferes de infantaria Anacleto de Pontes, filho legitimo de Sebastião Nunes, e de sua mulher F...

CAPITULO 3º

1—3. Salvador Nunes de Siqueira ( filho do capitão Manoel Affonso, e Maria Nunes de Siqueira do n. 2º ), foi nobre cidadão da republica de Santos, sua patria. Teve estabelecimento, e com abundancia na sua fazenda de Guaratutá com terras de cultura até o rio dos Patos, como

consta do testamento com que falleceu em Santos a 9 de Dezembro de 1708, e n'elle declarou ser natural d'esta villa e filho dos pais acima. (Resíduos da ouvidoria de S. Paulo, testamento de Salvador Nunes de Siqueira.) Foi casado com Catharina da Costa natural de S. Vicente ou da Conceição de Itanhaen; legitima neta de Dionisio da Costa, que foi capitão-mór, governador e ouvidor da capitania de Itanhaen, por provisão datada em Lisboa a 20 de Novembro de 1648, e tomou posse na camara de Itanhaen a 3 de Abril de 1649 (Provedoria da fazenda, livro de registro n. 5º titulo 1645 pag. 67 verso), e de sua mulher Isabel da Motta, irmã inteira de Vasco da Motta. Em titulo de Go-doy's, cap. 4º. E teve quatro filhos, que seguem :

- 2—1. Pedro Nunes de Siqueira § 1.º
- 2—2. Dionisio da Costa. . . . . § 2.º
- 2—3. João Collaço de Siqueira . . § 3.º
- 2—4. Isabel da Motta. . . . . § 4.º

§ 1º (4)

2—1. Pedro Nunes de Siqueira, casou em Santos com Catharina de Oliveira, e teve tres filhos.

3—1. Francisco de Salles, que foi em praça de soldado para o Rio Grande da Colonia, a quem o conde de Bobadella estimava muito, sendo um dos que n'aquella terra fazia a primeira figura e talvez lá casou.

3—2. Margarida de Oliveira, casada com Antonio Baptista, que vivia de advogar.

3—3. Maria Nunes, que foi solteira de morada para S. Paulo, e casou com Francisco Xavier da Guerra, filho de Francisco Rodrigues Guerra.

(4) \* Estes paragraphos estão escriptos pela letra de Fr. Antonio da Penha de França, a quem pediu noticia o autor.



2—2. Dionisio da Costa, casou com Maria Villela de Menezes, natural da villa de Iguaape, e que falleceu na de Santos com 110 annos de idade. Foi capitão o juiz. Foi pessoa de muito respeito e eternizou o seu nome, porque no principio que se descobriram as Minas Geraes teve uma lavra mineral tão grandiosa, que d'ella se tirava um arratel de ouro em cada bateada, e deu-se esta lavra por descoberta, ficando aquelle lugar conservando o nome de Dionisio da Costa. Foi tão liberal e de animo tão generoso, que em uma festa das onze mil virgens em que seu filho Pedro, que depois foi carmelita, foi capitão na villa de Santos, gastou uma arroba de ouro na dita festa. Falleceu em Santos e jaz sepultado na ordem terceira do Carmo, e teve cinco filhos :

3—1. Fr. Pedro, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, onde falleceu de bexigas estando para ir cantar a sua primeira missa na sua patria, villa de Santos.

3—2. Dionisio da Costa, falleceu solteiro em Santos.

3—3. Francisca Villela, que casou com Francisco Rodrigues, natural de Lisboa. Sem geração.

3—4. Brizida Collaça de Menezes, casou duas vezes : primeira com Gabriel Alves, filho de Eusebio Alves Gaya, sendo dispensados para o matrimonio por serem parentes ; segunda vez casou com Antonio Henrique, natural de Portugal, sem geração.

3—5. Maria Villela de Menezes, existe solteira.

2—3. João Collaço de Siqueira, falleceu solteiro.



§ 4º

2—4. Isabel de Motta, casou com o capitão Manoel Ribeiro, de cujo matrimonio teve quatro filhos:

3—1. Maria Ribeiro, foi casada com Pedro da Silva Ferreira, e falleceu em Santos com testamento.

3—2. Francisco Ribeiro, passou-se para os Curraes da Bahia, solteiro.

3—3 e 3—4. Um falleceu no Rio de Janeiro, outro em Santos de menor idade, e ignoramos os nomes.

CAPITULO 4º

1—4. Manoel Affonso Gaya (filho do capitão Manoel Affonso Gaya do n. 2), foi de grande respeito e veneração assim dos moradores da villa de Santos, sua patria, como dos paulistas da primeira graduação. Teve o primeiro voto nas assembléas do corpo do senado como pessoa tão autorisada no governo da republica. Foi capitão de infantaria da ordenança dos moradores da villa de Santos (a), onde viveu muito abastado. Foi senhor de engenho para a fabrica dos assucares na sua oppulenta fazenda do Pirayqueguassú. Em serviço da real corôa fez varias entradas ao sertão do Parnaguá, onde se dizia haver prata, cujo descobrimento havia recommendado o Sr. rei D. Pedro II estando principe regente, e para cujo effeito mandou depois á custa da real fazenda a D. Rodrigo de Castel-Blanco (cavalleiro castelhano a quem o mesmo senhor tomou por fidalgo de sua casa), pelos annos de 1673, acompanhado do capitão de infantaria reformado Jorge Soares de Macedo,

(a) Cam. da villa de Santos, L. 1ª de Reg. ll. 82 v.

primeiro governador da praça Santos de 1700, que, dilatando-se em exames no sertão de Tabaiana, chegaram a S. Paulo em 1678, que se trata em titulo de Arzoens, cap. 5°; e vide Campos, cap. 5° § 2° n. 3—9.

No anno de 1640, em que os jesuitas do collegio de S. Paulo foram lançados pelos paulistas no dia 13 de Julho d'este anno (vêde este successo historiado em titulo de Pires, cap. 6°), se declarou protector dos ditos padres jesuitas o capitão Gaya, não só pelo grande respeito que tinha entre os moradores de Santos, mas pela igual veneração que desfructava dos da primeira nobreza de S. Paulo, e por isso concorrendo sempre com todas as forças para restituição dos mesmos padres, contra os quaes tinham concebido intranhavel odio a maior parte dos homens das villas de toda a capitania de S. Vicente e S. Paulo, obteve um padrão de agradecido reconhecimento dos padres do collegio de Santos, que por escripto lhe concederam honrosa sepultura para elle e sua descendencia na igreja do collegio d'aquella villa, com os suffragios praticados com os RR. quando fallecem.

Foi casado o capitão Manoel Affonso Gaya com Maria Gonçalves Figueira, natural da villa de Itanbaen, filha de Antonio Gonçalves Figueira e de Ignez Lamim, moradores da dita villa, os quaes foram sogros de Sebastião Velho de Lima, a qual Ignez Lamim falleceu em Santos, estando viuva em 10 de Maio de 1668 (Obitos de Santos, folhas 20). Neta por parte paterna de Antonio Gonçalves e de sua mulher Luciana, ou Antonia Tinoco, filha de Francisco Rodrigues Tinoco, morador em S. Vicente em 1534, irmão de Gonçalo Rodrigues Tinoco, para onde vieram estes dois irmãos no principio para povoadores da villa de S. Vicente (Cartorio da provedoria da fazenda real, livro 1° de registro de sesmarias, titulo 1554

pag. 106 verso e 108 verso). E de onde consta que Pedro de Figueiredo moço da camara de el-rei D. João III, fora genro dos ditos Antonio Gonçalves, e Luciana ou Antonia Tinoco, o qual nome Luciana, se lhe dá no livro 2º titulo 1602 até 1617 pag. 6 de sesmarias, de cujos lugares tambem consta o mais (5).

Do matrimonio do capitão Manoel Affonso Gaya nasceram.

2—1. Antonio Gonçalves Figueira.....	§ 1º
2—2. Manoel Affonso Gaya.....	§ 2º
2—3. Pedro Nunes de Siqueira.....	§ 3º
2—4. Miguel Gonçalves de Siqueira.....	§ 4º
2—5. João Gonçalves Figueira.....	§ 5º
2—6. D. Catharina de Siqueira e Mendonça....	§ 6º
2—7. Maria das Neves.....	§ 7º
2—8. D. Ignez.....	§ 8º
2—9. N.... Coga a nativitate, falleceu solteira..	§ 9º
2—10. Francisca.....	§ 10º

#### § 1º

2—3. Antonio Gonçalves Figueira, nasceu na villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen. Suas acções no real serviço á sua custa, em todo o tempo da campanha e guerra contra os barbaros indios do sertão do Rio-Grande do Norte em praça de soldado, e alferes do terço dos paulistas, de que foi mestre de campo e governador Mathias Cardoso de Almeida, seu cunhado, desde 1689 ; na campanha do Ceará debaixo do commando do capitão-mór governador João Amaro Maciel Parente : seu casamento em S. Paulo, filhos que teve o capitão Antonio Gon-

(5) \* Esta ascendência causou trabalho, e indicição do autor, por achar documentos que se contradiziam ; e eu segui o que parecia mais acerto, segundo o permittia a confusão das emendas e notas.

calves Figueira, e falleceu na villa de Santos. Vide em titulo de Lemes, cap. 5º e seguintes. D'elle foi principal filho herdeiro o sargento-mór Manoel Angelo Figueira de Aguiar.

§ 2º

2—2. Manoel Affonso Gaya, natural da villa de Santos, casou na villa da Cachoeira do bispado da Bahia com N... Foi capitão-mór da mesma villa, onde viveu alguns annos, e depois se recolheu com toda a sua familia ao sertão do Rio Verde de S. Francisco, onde possuiu grandes fazendas de gados, e teve grande respeito e alli falleceu de mais de 80 annos (6).

• • • • •

3—1. José Gonçalves Figueira.

3—2. D. Catharina Perpetua.

3—3. D. Maria.

3—4. Manoel Affonso Gaya.

3—5. D. Luzia.

3—6. D. Isabel Maria.

3—7. João Peres Ribeiro.

3—1. José Gonçalves de Siqueira, é capitão-mór da Ribeira do Rio Verde: foi casado com D. Anna de Campos Monteiro, irmã de D. Isabel Pires Monteiro. Em titulo

(6) \* Todos os paragraphos seguintes d'esta irmandade estão escriptos por letra do sargento-mór Manoel Angelo Figueira de Aguiar muito succintamente, a quem consultou o autor, por ser elle filho do § 1º e ter andado com os tios pelo sertão da Bahia; em accrescento o que sei por outros titulos.

de Campos, cap. 5º § 2º n. 3—8, estando viuva de Ignacio de Oliveira, seu primeiro marido. E teve dois filhos :

4—1. José.

4—2. D. N.

3—2. D. Catharina Perpetua da Fonseca, casou com o capitão de cavallos, natural da Bahia, Belchior dos Reis e Mello, e teve dois filhos, que vivem no Serro do Frio.

3—3. D. Maria. . . . . casou com o sargento-mór Antonio Alves Ferreira, natural de Bastos, e vivem na sua fazenda do Brejo das Almas, sertão da Bahia e tem :

4—1. D. Theresa... casou com José de Abreu Baccellar.

4—2. D. Escholastica, casou com . . . .

4—3. D. Antonia.

4—4. D. Clara.

4—5. Miguel.

4—6. D. Cordula.

3—4. Manoel Affonso Gaya, casou na villa da Cachoeira com Maria do Carmo, sua prima co-irmã : é bom latino, sabe musica, debuxa excellentemente, e existe na dita villa. Deixou geração.

3—5. D. Luzia, filha do capitão-mór Manoel Affonso Gaya : casou com o tenente de cavallos Carlos José Pereira, sobrinho do capitão Belchior dos Reis, do n. 3—2 retro. Tem a sua casa nas Minas-Novas do Fanado, e tem dois filhos, varão e femea.

3—6. D. Isabel Maria de Jesus, casou com o alferes José dos Santos Pereira, natural de S. Paulo. Em titulo de Pachecos Jorge, cap..., o qual falleceu em 1771. Existem bastantes filhos no Serro do Frio.

3—7. João Peres Ribeiro, casou com D. Escholastica de Araujo Paes, filha de João Martins da Fonseca. Em titulo de Arrudas, n. 1º cap. 4º § 6º n. 3—2.

§ 3º

2—3. Pedro Nunes de Siqueira, capitão da ordenança no Rio de S. Francisco, em cujo sertão foi casado, e tem numerosa successão.

§ 4º

2—4. Miguel Gonçalves de Siqueira (filho do capitão Manoel Affonso Gaya, cap. 4º pag. 84), nasceu e baptizou-se a 14 de Maio de 1672 na villa de Santos. Teve patente de capitão-mór do sertão e ribeira do Rio Verde, da qual nunca quiz usar, e foi intendente commissario de todo o sertão do districto do Serro Frio, enquanto durou a ultima capitação, e fazia as cobranças d'ella á sua custa com tanto zelo e desinteresse, que, sem elle pedir, o Exm. conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada, e o desembargador intendente dos diamantes lhe mandaram attestações muito honrosas. Estando em Minas-Geraes na sua opulenta lavra de minerar, no ouro bueno, no tempo do levante quiz antes deixal-a, e perder tudo quanto n'ella tinha, do que declarar-se parcial de algum dos dois bandos; e se recolheu para o sertão a fazer companhia a seus pais e irmãos, onde foi abundante de bens, pois possuiu seis fazendas numerosas de gados vaccuns e cavallares (bastava uma para um bom patrimonio) e muita escravatura. Foi tão esmoler, e tão favorecedor da pobreza, que sua casa sempre foi frequentada de pobres, os quaes sahiam d'ella bem remediados; porém com tanta recommendação a estes, e com tanto silencio seu, que nunca se soube a quantia de dinheiro com que os beneficiava, tanta era a sua modestia e virtude! No tempo em que a extracção dos diamantes era livre a cada um, que os quizesse procurar, deu elle a Fr. Hieronimo, missionario

barbadinho, para a fundação do recolhimento das Macaúbas em Minas-Geraes (segundo affirmaram-me), 20 oitavas de diamantes, de cuja grandeza admirado, o dito barbadinho perguntára ao Dr. o Rev. Manoel de Amorim que homem era aquelle, que dava uma tão grande esmola! E d'aqui resultou que o dito Amorim empenhou ao dito missionario, para que fizesse com que o dito Miguel Gonçalves de Siqueira casasse com sua sobrinha D. Leonor Maria de Amorim Pereira, filha do coronel Christovão Pereira de Abreu, com quem com effeito casou, e tiveram filhos. O dito Miguel Gonçalves, carregado de annos e virtudes, falleceu em 1751 na sua fazenda do Resfriado, com signaes de predestinado, e as suas cinzas descansam na capella do Inhay. E tiveram quatro filhos.

3—1. D. Antonia . . . casou com Antonio Thomaz Corrêa, primo do desembargador Brandão. Deixou geração.

3—2. Bento.

3—3. D. Clara de Amorim Siqueira de Abreu Bezerra, casou com João de Sá Fonseca, homem nobre. Deixou geração.

3—4. João.

§ 5º

2—5. João Gonçalves Figueira, baptisado na villa de Santos a 16 de Maio de 1675, e casou em S. Paulo com... Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 1º n. 3—11. Com sua descendencia.

§ 6º

2—6. D. Catharina de Siqueira e Mendonça.

3—1. Luiz de Cerqueira Brandão, natural de Santo Antonio da Manga dos Curraes da Bahia.

3—2. Jacob de Araujo.



3—3. Theodoro, foi jesuita no collegio da Bahia.

3—4. N. . . . falleceu no seminario de Belém.

3—5. D. . . .

3—1. Luiz de Cerqueira Brandão, cavalleiro professo da ordem de Christo e capitão-mór da villa de Pitangui, onde casou a 24 de Fevereiro de 1724 com D. Isabel Pires Monteiro, de cujo matrimonio nasceu filha unica a Exma. Sra. D. Caetana Maria Brandão, mulher de Alexandre Luiz de Sousa e Menezes, o que temos escripto em titulo de Campos, cap. 5º § 2º n. 3—6 a n. 4.

3—2 Jacob de Araujo, foi coronel no Rio de S. Francisco do sertão da Bahia e n'essa cidade casou com. . .

4—1. A.

§ 7º

2—7. D. Maria das Neves, casou tres vezes, da segunda casou com o coronel João Peixoto Viegas, natural de Vianna, e dos principaes d'aquella villa, terceira vez com Antonio Pompêo.

§ 8º

2—8. D. Ignez... casou com Manoel de Campos Mathias Cardoso de Almeida, aquelle grande heroe de quem tratámos em titulo de Prados, cap. 6º § 3º n. 1—9, e em Campos, cap. 5º § 2º n. 3—9. De cujo matrimonio nasceu filho unico:

3—1. Januario Cardoso de Almeida, que foi mestre de campo no Rio de S. Francisco, senhor do arrayal e igreja chamada de Januario Cardoso; e a construcção da dita igreja é de admiravel architectura, adornada com ricos paramentos, etc., etc., e em dito titulo de Campos, cap. 5º § 2º n. 3—9; casou com D. . . . sua prima coirmã, filha do mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão do § 6º E teve.

4—1. Caetano Cardoso de Almeida, coronel do Rio de S. Francisco, casou com D. Ignez de Campos Monteiro. Em titulo de Campos, cap. 5º § 2º n. 3—9. Com sua descendencia de 4 filhos, que são :

5—1. Caetano Cardoso de Almeida.

5—2. Francisco Cardoso de Almeida.

5—3. D. Maria Sapcha de Campos.

5—4. José Thomaz.

§ 9º

2—9. N. . . . cega a nativitate, e falleceu solteira.

§ 10

2—10. Francisco. . . baptizou-se em Santos em 1676.

N.º 3º

DE DOMINGOS AFFONSO GAYA

Domingos Affonso Gaya (7), estabeleceu-se na villa de Santos, onde casou com Barbara Pires Pancas (irmã do reverendo, padre frei Antonio dos Santos Pancas, carmelita, que foi prior do convento do Carmo da villa de Santos), filho de Gonçalo Pires Pancas, e de sua mulher Maria Gonçalves, os quaes são ascendentes de Alexandre de Gusmão, fidalgo da casa real (são conhecidos nas côrtes principaes da Europa em serviços do senhor rei D. João V, quando o mandou a Roma feito seu agente, como saudosamente lembrado na de Lisboa, e appetecido sempre de seus ir-

(7) Foi senhor do sítio do Ribeiro na enseada na praia de S. Lourenço e de outras muitas terras. Serviu os cargos honrosos da república : muito rico etc.

mãos e mais parentes, moradores da villa de Santos sua patria), e de seus irmãos o padre Ignacio Rodrigues, jesuita; o reverendo padre mestre Dr. João Alves de Gusmão; e do afamado padre Dr. Bartholomeu Lourenço, por alcunha o voador, e de outros, que todos foram filhos de D. Maria Alves, que era irmã inteira dos padres jesuitas Paschoal Gomes, Sebastião Alves e Claudio Gomes, os quaes todos eram filhos de Antonio Alves, e de sua mulher Maria Gomes, natural de Santos, filha de João Gomes Villas-Boas, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Jacome, que era filha ou neta do dito Gonçalo Pires Pancas (8). Foi este o progenitor da nobre familia do seu appellido Pancas na villa de Santos, onde foi juiz ordinario em 1630. Foi muito abastado em cabedades, e possuia muitas terras nos contornos da villa de Santos. Elle e sua mulher Maria Gonçalves (que falleceu em 1678 em Santos) deram parte das ditas terras aos religiosos capuxinhos para n'ellas fazerem o seu convento, que existe, e depois em 3 de Abril de 1652, querendo os religiosos com seu syndico mais terras para alargarem o convento, fizeram ajuste por escriptura, que se acha no livro do tombo do dito convento folhas 6 verso, e que foi lavrada a 9 do dito mez e anno, com os herdeiros de Gonçalo Pires Pancas, aos quaes deram em permutação outras terras, que eram menos em espaço. Pelas muitas esmolas que fez o dito Gonçalo Pires Pancas ao convento do Carmo, alcançou na sua igreja jazigo para si, e seus descendentes, onde jaz, e fica junto ao arco da capella-mór, e se diz na mesma igreja uma missa cada mez por sua tenção, e dos seus herdeiros, para o que deixou no seu testamento umas casas de sobrado. Sua mulher dita Maria Gonçalves foi filha de Alvaro Fernandes, e Isabel Gonçalves, os

(8) Falta no original.

quaes foram senhores de toda a terra desde a ponte e rio, que vai de S. Francisco até além do Valongo, no rio chamado Macharico, que coube em dote a duas filhas e dois filhos. Do matrimonio de Domingos Affonso Gaya com Barbara Pires Pancas procederam :

Manoel Affonso Gaya. . . . .	cap. 1°
Angelo da Gaya. . . . .	cap. 2°
Maria Gonçalves. . . . .	cap. 3°
Isabel Pires. . . . .	cap. 4°

#### CAPITULO 1°

1—1. Manoel Affonso Gaya, natural da villa de Santos, onde falleceu em 1702 (Óbitos, folhas 89), occupou os cargos honrosos da republica, onde foi juiz ordinario em 1646, e outras mais vezes. Foi abastado de bens tanto moveis como de raiz. Foi senhor do sitio chamado Ribeiro na praia de S. Lourenço, que herdou de seus pais, além de muitos chãos e casas proprias na villa de Santos. Casou com Maria Pinto da Rocha, natural da mesma villa, filha de Jorge Toscano Trágoso, natural da capitania do Espirito-Santo; e de sua mulher Isabel Adorno de Sampaio, irmã inteira de Fr. Antonio da Luz, religioso franciscano, natural de Santos. Neta por parte paterna de Jorge Toscano Frágoso, e de Maria Barbosa (irmã de Domingos Barbosa, capitão que foi na dita capitania do Espirito-Santo), os quaes Frágosos eram n'aquella capitania pessoas nobres. E pela parte materna neta de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio, natural de Pensgoya do termo da cidade de Lamego, que falleceu em Santos com testamento a 19 de Agosto de 1680, e de sua mulher Anna Maria Justiniana Adorno, natural de Santos, como se vê do dito testamento de Gonçalo

Vaz Pinto de Sampaio, o qual trouxe instrumento de nobilitate probanda processado em Lamego a 10 de Julho de 1629, cujo original conserva em seu poder seu ter-neto o Revd. Fr. Antonio França, carmelita, morador na villa de Santos no seu convento, a quem temos ponderado que por utilidade de sua familia faça registrar o dito instrumento na camara da villa de Santos (\* Diz uma nota á margem, da letra do dito religioso, que está registrado no liv. 6º de reg. fl. 118 e seguintes da camara de Santos). Pelo dito Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio é sua filha Isabel Adorno de Sampaio, neta de Francisco Pinto e bisneta de Gonçalo Ribeiro, morador da villa de S. Martinho de Macros, onde foi d'aquella governança tratado com armas e criados á lei da sua nobreza, e terneta de Diogo Pires de Miranda, cavalleiro fidalgo da casa real, como tudo consta do dito instrumento. O dito avô Francisco Pinto foi casado com Paula Pinto de Sampaio, irmã de Fr. Luiz Pinto, professo da ordem de Christo, e por ella foi Isabel Adorno de Sampaio bisneta de Ruy de Sampaio Pinto, homem fidalgo, morador que foi na villa de Mesamfrio, e alli vereador, juiz ordinario e provedor da Santa Casa da Misericordia, e terneta de Gastão Pinto, homem fidalgo descendente dos Pintos de Bayam ; tudo assim consta do instrumento referido, dado e passado a Gonçalo Vaz Pinto de S. Paio, que casou em Santos com Anna Maria Justiniana Adorno, a qual foi filha legitima de Francisco Nunes Cubas, e de sua mulher Isabel Justiniana Adorno, natural de Santos, a qual foi filha de Manoel Fernandes (9) e Maria Adorno, e esta filha de Raphael Adorno, irmão de José Adorno, nobres genovezes, e dos primeiros povoadores na

(9) \* Deu trabalho grande ao autor para refutar em parte o que escreveu o Rev. Fr. Antonio da Penha de França, cansa em ver o que seguiu o autor, que ás vezes parece que se contradiz ou fica indeciso.

villa de Santos, o qual José Adorno foi senhor do engenho de assucar com vocação S. João, que em 1567 tinha por seus lavradores partidistas a Antão Nunes, Jacome Lopes, Francisco Annes, e Christovão Diniz (Prov. da faz. real, liv. 1.<sup>o</sup> de reg. tit. 1567, pag. e pag), e tambem foi o que fundou na villa de Santos a capella de Nossa Senhora da Graça, que por escriptura fez d'ella doação aos reverendos carmelitas da dita villa, com as terras e escravos do patrimonio da dita capella. O padre Vasconcellos na *Chronica da Companhia do Brasil* diz que foram quatro os irmãos Adornos, José, Raphael, Francisco e Paulo Dias, todos com appellido de Adornos, e na pag. 41, n. 41 diz que Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, casára na Bahia com uma filha de Diogo Alves, e Catharina Alves, em tempo que Martim Affonso de Sousa ia para a India, e arribára á Bahia, e que o dito Adorno fôra da villa de S. Vicente para aquella cidade por causa de um homicidio. N'elle teve principio a casa da Torre da Bahia, de onde hoje ha grande fidalguia, etc. E de José Adorno o livro *Vida do padre José de Anchieta*, com o caracter de cavalleiro de Genova, talvez porque n'aquella republica têm sido os d'esta familia de Adornos os que subiram ao superior governo; assim como os da familia de Fragosos e Orias, como mostram as historias d'aquella republica.

Do matrimonio de Manoel Affonso Gaya e Maria Pinto da Rocha nasceram em Santos oito filhos:

- |                                      |                     |
|--------------------------------------|---------------------|
| 2-4. Isabel Adorno.....              | \$ 4 <sup>o</sup> . |
| 2-2. Domingos Affonso Gaya.....      | \$ 2 <sup>o</sup> . |
| 2-3. Martha Pinto Rocha.....         | \$ 3 <sup>o</sup> . |
| 2-4. Antonio Affonso Gaya.....       | \$ 4 <sup>o</sup> . |
| 2-5. O capitão Gonçalo Pinto Vaz.... | \$ 5 <sup>o</sup> . |
| 2-6. Anna Pinto da Rocha.....        | \$ 6 <sup>o</sup> . |
| 2-7. Archangela Pinto da Rocha....   | \$ 7 <sup>o</sup> . |
| 2-8. Francisca Pinto da Rocha....    | \$ 8 <sup>o</sup> . |

§ 1º

2—1. Isabel Adorno, casou duas vezes, primeira com Manoel Jorge Ribeiro, natural de Parnagó (filho do capitão Manoel Ribeiro), que foi abastado de bens com terras, e sítio na ilha de Santo Amaro de mar a mar, que lhe deixou no seu testamento Isabel Adorno de S. Paio por casar com sua neta Isabel Adorno, e d'este matrimonio procedeu 3.—4: o reverendo padre Frei Lopo Ribeiro da Conceição, religioso carmelita. Segunda vez casou com Manoel Gomes Vianna.

§ 2º

2—2. Domingos Affonso Gaya, natural da villa de Santos, que falleceu em 1770 a 11 de Abril com 93 annos e testamento. Foi abastado de bens e escravatura. Foi juiz ordinario muitas vezes na villa de S. Sebastião, e casou com Veronica Pires Bitaneur, natural da dita villa, descendentes da nobre familia dos Bitaneures das Ilhas: E teve:

3—1. Manoel Affonso Gaya, natural da villa de S. Sebastião, que casou com Liberata Paes de Amaral, filha de Antonio de Amaral, e de Maria de Escolcia.

3—2. Domingos Affonso Gaya. Foi juiz ordinario da villa de S. Sebastião e falleceu solteiro.

3—3. Antonio Pinto Gaya, casou com Maria Ribeiro, filha legitima de Antonio Ribeiro da Escovar, e de... E teve uma filha, que existe solteira em S. Sebastião, Margarida Pinto de Gaya.

3—4. Archangela da Motta, falleceu solteira.

3—5. José da Rocha, falleceu solteiro sendo soldado.

3—6. Francisco Xavier da Motta, casado com Maria Pe-



droso, filha de Jordão Homem Pedroso, e de Anna Pedroso, todos naturaes de S. Sebastião.

§ 3º

2—3. Martha Pinto da Rocha, casou com José de Sousa e Siqueira, natural do Rio de Janeiro, e tiveram tres filhos: primeiro o reverendo padre Frei Ignacio de Santa Theresa, religioso carmelita, que ainda existe, segundo Antonio Pinto de Sousa, que falleceu solteiro, terceiro Leonor de Sousa e Siqueira, que existe solteira.

§ 4º

2—4. Antonio Affonso Gaya, que casou com Clara Pinto da Rocha, e tiveram :

3—1. Maria Pinto.

3—2. Isabel Pinto, casou com Manoel da Costa Meira, natural de Portugal, senhor da fazenda do Camapoan no caminho de Cuyabá.

3—3. Brisida Pinto, casou com Diogo Peixoto, natural de Portugal e socio do dito Meira na mesma fazenda de Camapoan.

3—4. Valerio Pinto, solteiro, que tambem foi povoar as minas de Cuyabá.

§ 5º

2—5. O capitão Gonçalo Vaz Pinto, falleceu solteiro. Foi senhor do sitio chamado Ribeiro na Praia de S. Lourenço, e de muitas extensas terras (na mesma praia), cujos fundos até a serra exceedem de duas leguas, além de outras que tinha na villa de Santos, onde falleceu com testamento em 1769, e jaz na mesma sepultura hereditaria

de seu bisavô Gonçalo Pires Pancas. Foi capitão de infantaria dos moradores da Bertioiga até a sua morte.

§ 6º

2—6. Archangela Pinto da Rocha, natural da villa de Santos, que casou com Miguel Gonçalves Martins, natural de S. Sebastião, filho legítimo de Diogo Gonçalves, natural da villa de Santos, e de Violante Barbosa, natural da Bahia, a qual era prima co-irmã do vigário collado de S. Sebastião, José da Silva de Moraes. E o dito Miguel Gonçalves Martins foi juiz ordinario muitas vezes, e nobre republicano, bem afazendado na sua fazenda de Panamehúma, com muita escravatura. E teve:

3—1. Miguel Gonçalves Martins, natural da villa de S. Sebastião, de cuja republica serviu os honrosos cargos, foi bem afazendado, e casou com Josepha Nunes de Freitas, filha do capitão José Nunes da Fonseca e de Rosa Pires da Motta, naturaes de S. Sebastião. E tiveram cinco filhos, os quaes são menores, José Marcellino da Fonseca, Archangel Pires da Motta, Anna Pires da Motta, Maria Nunes de Freitas e Rosa Pires da Motta.

3—2. Maria Pinto, casada com o alferes de auxiliares Bento Luiz Pereira, filho legítimo do capitão Luiz Nunes de Freitas, e de Maria Gomes, que foi, e é dos da governança, tendo servido muitas vezes de juiz, vereador e procurador do conselho. Neto por parte paterna do capitão Miguel Gonçalves da Fonseca, e de Maria Nunes de Freitas; e por parte materna neto do sargento-mór Antonio Gomes Pereira e de Maria de Abreu; o qual Antonio Gomes Pereira, foi irmão inteiro dos Reys, Diogo Luiz Pereira, primeiro vigário collado que houve na villa do Taubaté, e Manoel Gomes Marzagam, também o pri-

meiro vigario collado que houve na villa de S. Sebastião, o qual fundou uma capella de Nossa Senhora da Ajuda da parte da Ilha, que ainda existe com grande culto divino, e lhe fez avultado patrimonio de tresentas braças de terras, escravaturas, ornamentos, imagens, etc. Do matrimonio, pois, de Maria Pinto com o alferes Bento Luiz Pereira nasceram cinco filhos naturaes de S. Sebastião: Antonio Luiz Pereira de S. Paio, Miguel Pinto de S. Paio, Anna Maria Justiniana Adorno, Manoel Pinto da Fonseca e Maria Eufrazia Pereira, todos menores em 1770.

§ 7º

2—7. Anna Pinto da Rocha, foi casada com Gregorio Furtado de Siqueira, e já é fallecido.

§ 8º

2—8. Francisca Pinto da Rocha, falleceu em 29 de Maio de 1753 com 53 annos de idade, e jaz na capella-mór da igreja do Carmo da villa de Santos. Casou com René Le Roux, natural do reino de França, bispado de Angé, como consta das inquirições de genere, que existem na camara de S. Paulo na lingua latina, que se tiraram n'aquelle bispado por parte dos filhos do dito René Le Roux, cirurgião aprovado, que se tratou bem na villa de Santos, e onde possuiu casas e fazendas, que são tres, e mais terras, etc. (\* O filho que escreveu n. 3—1 se estende mais). E teve nascidos na villa de Santos 13 filhos:

3—1. O padre frei Antonio da Penha de França, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, nasceu a 4 de Setembro de 1719. (\* Falleceu na villa de Itú em fins de 1792, estando presidente d'aquelle convento).

3—2. Margarida Pinto do Nascimento, solteira.

3—3. Maria Theresa de Jesus França, casou com Simão de Siqueira Gayno, natural da villa de Santos, filho de Claudio Gayno, francez de nação, e de sua mulher Isabel de Siqueira, irmã inteira do Rev. Fr. Luiz Vareiro, religioso carmelita, que foi prior na capitania do Espirito-Santo, naturaes de Santos, e filhos de Manoel Dias Vareiro (irmão das tres que foram de casa mudada para a capitania do Espirito-Santo, Isabel de Siqueira, solteira, Leonor de Siqueira, solteira, e Catharina de Siqueira, que casou com Manoel da Silva de Vasconcellos, escrivão proprietario de tabellião do publico judicial e notas de Santos, por mercê do donatario marquez de Cascaes), e de sua mulher Maria de Oliveira, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira, irmã inteira do muito Rev. Fr. Angelo.... religioso carmelita, que foi prior muitas vezes, e falleceu no convento de Mogy das Cruzes com 100 annos de idade.

Foi irmão de Siqueira Gayno, nobre republicano da villa de Santos, onde serviu de vereador mais velho muitas vezes, fazendo as vezes dos juizes de fóra, todas as vezes que faltavam estes, e tratou-se sempre á lei da nobreza. E teve do seu matrimonio oito filhos: José Xavier Pinto de Siqueira, Francisco Pinto Adorno e França, Anna Maria Pinto de Siqueira, Antonio Cubas Adorno de Siqueira, Francisca Pinto de Siqueira, Maria Gertrudes Pinto, Joaquim Gayno de S. Paio — Thomaz Pinto de S. Paio Gayno, todos naturaes de Santos.

3—4. O padre Fr. José Rodrigues do Rosario França, religioso carmelita.

3—5. Manoel Rodrigues Adorno França, existe solteiro: tem occupado os cargos honrosos da republica, etc.

3—6. Francisca Maria Pinto de França, solteira.

3—7. O padre Francisco Xavier Pinto Adorno França, presbytero secular, foi coadjutor no arraial de Nossa Senhora do Pilar nas minas de Goyazes (esteve em Lisboa em 1781), baptizado a 12 de Fevereiro de 1730.

3—8. O padre João Rodrigues França, presbytero secular, que foi o primeiro capellão ou vigario do collegio dos jesuitas depois da expulsão geral d'elles da villa de Santos, com 120\$ de congrua annual, e é hoje coadjutor da matriz da dita villa, sua patria.

3—9. Anna Maria Justiniana Adorno e França, solteira.

3—10. Luiza Leonor Pinto de S. Paio, solteira.

3—11. Thomaz José Pinto Adorno França, que existe solteiro, e foi o primeiro provedor commissario do registro das minas do Desemboque, e sempre se tratou á lei da nobreza, tendo antes exercitado os pateos classicos.

3—12. Gertrudes do Sacramento França, falleceu na villa de S. João d'El-Rei, e jaz na capella dos terceiros do Carmo, de onde era ella terceira. Casou com João Francisco Ravim, do reino de França, e tiveram tres filhos: Ignacio Alexandre Pinto de S. Paio, natural de Santos, Francisca Emilia Pinto Ravim, natural de S. Paulo, João Francisco Pinto Ribeiro, natural de S. João d'El-Rei.

3—13. Catharina Justiniano Adorno e França, solteira, baptizada a 14 de Maio de 1741.

## CAPITULO 2º

1—2. Angela da Gaya (filha de Domingos Affonso Gaya do n. 3º), natural da villa de Santos, casou com Manoel da Motta (dos Mottas de S. Vicente, gente muito nobre e distincta, e dizem que forada), que estabeleceu-se em S. Sebastião, e n'esta villa foi dos primeiros em tudo, com respeito,

cabedades, fazenda postos, e cargos da republica. E teve seis filhos.

- 2—1. Barbara Moreira..... § 1\*
- 2—2. Sebastião da Motta..... § 2\*
- 2—3. João da Motta ..... § 3\*
- 2—4. Antonio da Motta..... § 4\*
- 2—5. Maria Moreira ..... § 5\*
- 2—6. Veronica da Gaya Moreira..... § 6\*

§ 4º

2—1. Barbara Moreira, casou com o sargento-mór Manoel Gomes Marzagão, o qual foi o homem de maior respeito d'aquella terra, e o que a governava, muito rico, com fazendas, escravaturas, etc. E teve cinco filhos :

3—1. Thomé Gomes Marzagão, solteiro. Foi juiz ordinario, muitas vezes, falleceu em Goyazes.

3—2. O capitão Duarte Gomes Marzagão, falleceu solteiro em S. Sebastião.

3—3. Maria Gomes Moreira, casada com o coronel Manoel Alves de Moraes, natural de S. Paulo.

3—4. Rosa Gomes Moreira, casada com Pedro Dias Raposo, natural de S. Sebastião.

3—5. O capitão Domingos Gomes Marzagão, casou duas vezes, primeira com Francisca Leite, filha de Diogo de Escovar Ortiz, e de Catharina Nunes de Freitas ; e segunda com F... filha de João de Oliveira Basto.

§ 2º e 3º

2—2. Sebastião da Motta. Foi de muito respeito e do governo da republica, casou com Isabel Corrêa, sem geração.

2—3. João da Motta, casou com Maria Corrêa, e foi do governo da republica. E teve:

3—1. Diogo Corrêa. Foi juiz ordinario tres vezes: bem afazendado, e casou com Ignez de Andrade sobrinha direita do mestre de campo João Ayres de Aguirre, natural do Rio de Janeiro, que por sua morte deixou á dita sobrinha parte dos seus cabedaes; e tambem era ella da familia do capitão Martinho de Oliveira Leitão.

3—2. Anna da Gaya, casada com João da Silva Torres, natural de S. Sebastião, que foi juiz ordinario, etc.

3—3. Veronica da Gaya, casada com Estanislão Rodrigues, natural do Rio de Janeiro.

3—4. O alferes João Corrêa, casado com Maria Manoel, filha de Amaro Alves da Cruz, e de Maria Nunes Moreira.

3—5. Maria Corrêa, casada com Lucas Dias Sobral, natural da villa de Itanhaen.

3—6. Sebastião da Motta, solteiro.

§ 4º

2—4. Antonio da Motta, casou com Anna de Sousa, natural de Santos. Tiveram os filhos seguintes:

3—1. D. Joanna da Motta, casou com o capitão de infantaria paga Fernando Leite Guimarães, bem afazendado com engenho de assucar, que este anno de 1770 fez 17 caixas d'elle, com muita escrávatura na ilha de Santo Amaro de Guaiabé, no seu sitio chamado Mundôba, etc.

3—2. Francisco da Motta, falleceu solteiro.

3—3. Manoel da Motta.

3—4. Bento da Motta.

3—5. Ursula da Motta, foi casada com Sebastião Dias, natural de S. Vicente.

3—6. Helena da Motta, falleceu solteira.

3—7. Maria da Motta, casada com Manoel Filippe, natural de Portugal.



§ 5º

2—5. Maria Moreira, casou com Bernardo de Goes, natural de Portugal, que foi juiz ordinario n'aquella villa de S. Sebastião 17 vezes. E teve sete filhos:

3—1. Manoel de Goes, falleceu solteiro.

3—2. Sebastião de Goes, casado com Maria Corrêa, filha do capitão Luiz Nunes de Freitas, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Maria Gomes. E teve cinco filhos: Luiz Nunes, casado, Manoel Nunes, casado, Maria Eufrazia Moreira, solteira, Rosa Maria de Aguirre, casada, e Carlos Nunes, casado em Ubatuba.

3—3. Simão Ayres de Aguirre, casado com Maria de Abreu Pedroso.

3—4. Theresa de Goes, que falleceu com testamento, em Novembro de 1770, e foi casada com o sargento-mór Manoel João Marins.

3—5. João de Goes, casado com Theresa de tal.

3—6. Bernardo de Goes, casado com Anna Coelho da Luz, natural da Conceição de Itanhaen.

3—7. Bartholoméo de Goes, casado com Brisida Ribeiro, natural de S. Sebastião,

§ 6º e ultimo

2—6. Veronica da Gaya, casada com Antonio de Faria Sodré, natural de S. Sebastião. E teve:

3—1. João de Faria Sodré, casado duas vezes, primeira com Catharina Mendes das Neves, e segunda com Anna Moreira.

3—2. Maria da Gaya, falleceu solteira.

3—3. Angela da Gaya Moreira, casada com Antonio Corrêa Marzagão.

3—4. Miguel de Faria, casado com Catharina de tal.

3—5. Catharina da Gaya, falleceu de menor idade.

3—6. Leonardo de Faria Sodré, casado com Maria Josepha da Conceição, filha de Antonio Homem Coutinho e de Domingas de Freitas Ramos.

3—7. Ignez de Oliveira Ortiz, falleceu, e foi casada com o alferes Manoel Dias Cardoso.

3—8. Barbara Moreira, e 3—9. Manoel, de idade de um mez, falleceram.

São tantos os descendentes de Angela da Gaya, e Manoel da Motta na villa de S. Sebastião, que seria enfadonho, e difficil pôr todos os seus bisnetos, e ternetos; já na dita villa não se casa alguém sem dispensa, porque todos estão aparentados com Gayas e Mottas.

### CAPITULO 3º

1—3. Maria Gonçalves (filha de Domingos Affonso Gaya do n. 3º), natural da villa de Santos. Casou com Antonio de S. Paio, natural de Portugal, o qual logrou grande estimação e respeito; occupou os cargos da república, e foi abundante de cabedaes, e senhor do sitio da Enseada na praia da Bertioga. Deixou um morrete (\* Não sei o que é) no canto da dita enseada para a parte da praia de S. Lourenço, para patrimonio de uma capella, que se havia de fazer a Nossa Senhora da Conceição. E teve:

2—1. João Thomé Adorno de S. Paio..... § 1º

2—2. Miguel de S. Paio..... § 2º

2—3. Domingas de S. Paio..... § 3º

2—4. Diogo Adorno..... § 4º

2—5. Anna de S. Paio..... § 5º

§ 1º

2—1. João Thomé Adorno de S. Paio, natural de Santos, casou duas vezes : primeira com Maria da Silva, e da segunda vez com Theresa de Oliveira, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira. Foi homem nobre dos do governo da republica, senhor de muita escravatura, terras, casas de sobrado, e do sitio das Canaveiras na praia da Bertioga. E teve do primeiro matrimonio :

3—1. Diogo Adorno de S. Paio, casou na villa de Mogy, com geração.

3—2. Helena da Silva, falleceu sem descendencia.

3—3. Frei Sebastião dos Anjos, falleceu religioso de Nossa Senhora do Carmo.

3—4. Joanna da Silva, casada com João Rosado, natural de S. Sebastião.

E do segundo matrimonio teve tres filhos :

3—5. Gregorio Adorno de S. Paio, natural de Santos, falleceu solteiro.

3—6. Catharina Ribeiro de Sene, casada com Thomaz Rosado, natural de S. Sebastião.

3—7. Eufrazia de Oliveira, falleceu solteira.

§ 2º

2—2. Miguel de S. Paio, casou duas vezes : primeira na villa de Mogy, com Maria Pedroso, filha de Antonio Pedroso de Alvarenga, e de Maria do Rosario : segunda vez casou com Isabel Ribeiro, natural de Santos, filha de Antonio Furtado, e de sua mulher Domingas de Oliveira, sem geração. E teve do primeiro matrimonio filha unica, que existe. Foi dito Domingos Miguel de S. Paio abastado de

bens, escravos, terras, casas, e senhor do sitio da Enseada, praia da Bertioga, que herdou dos seus pais. Foi do governo da republica, e logrou grande respeito. Falleceu com testamento e jaz na capella dos terceiros do Carmo. A filha é :

3—Anna Pedroso de Alvarenga, que casou com João Martins, filho de Portugal e senhor do sitio da Enseada, que herdaram do dito Miguel de S. Paio. E tiveram varios filhos, que são : José Martins, falleceu. Miguel de S. Paio, João Ribeiro, Antonio Pedroso.

§ 3º

2—3. Domingas de Sampaio, casou com Manoel Gonçalves Leça, e não sei (\*Diz Fr. Antonio da Penha de França) se este Leça foi natural de Portugal, ou da Conceição de Itanhaen, já filho de outro F... Leça : sim sei, que foi de muita estimação, bem afazendado e de respeito. etc. E teve tres filhos :

3—1. Rosa Maria, casada com o alferes de infantaria Manoel Gonçalves Sardinha, filho de Portugal, e entre muitos filhos teve um, que foi o padre Fr. Thomaz Gonçalves, religioso carmelita : e outra filha mais, que casou com Damião da Costa, de quem é filho o padre Fr. João Marianno, religioso carmelita.

3—2. Francisca de S. Paio, casou com Manoel Alves Pedroso.

3—3. Angelo Gonçalves Leça, casou com Lourença da Silva, natural de S. Vicente, filha de Alexandre da Silva, sem geração.

§ 4º

2—4. Diogo Adorno, estabeleceu-se na villa de Mogy das Cruzes, e não se sabe se deixou descendencia, só sim

que em 1705 José Adorno e João Baptista Adorno fizeram preparação para se trasladarem as sesmarias, e titulos de terras concedidas a Raphael Adorno, genovez nobre, etc., e como este Diogo Adorno, com os seus irmãos dos §§ supra e infra, são descendentes do dito Raphael Adorno, de quem se trata no cap. 1.<sup>o</sup> d'este n. 3.<sup>o</sup>, provavelmente serão José Adorno, e João Baptista Adorno, descendentes e herdeiros do dito José Adorno, porque aquelles eram de Mogy, etc.

§ 5.<sup>o</sup>

2 - 5. Anna de S. Paio, falleceu solteira.

CAPITULO 4.<sup>o</sup>

1—4. Isabel Pires, natural de Santos (filha do n. 3.<sup>o</sup>), casou com João Alves, natural de Portugal, o qual teve muita estimação, bens, e foi do governo da republica, com casas em Santos e fazenda na praia de Bertioga. E teve :

2—1. Eusebio Alves Gaya, natural da villa de Santos, casou com Francisca de Aguiar, filha de Custodio Leitão, e de sua mulher Anna de Aguiar. E tiveram unico filho

3—1. Gabriel Alves Gaya, que casou com Brizida Colassa de Menezes, filha de Dionisio da Costa, e de sua mulher Maria Vilella de Menezes, sem geração, e todos falleceram.

2—2. João Alves, estabeleceu-se em Parnaguá, onde casou.

2—3. Domingos Alves, natural de Santos, falleceu solteiro.

DE PASCHOAL AFFONSO

Paschoal Affonso fez estabelecimento na villa de Santos, onde teve sempre as redeas do governo civil da republica como pessoa de muita autoridade, veneração e respeito. Pelos annos de 1656 em 2 de Outubro tomou posse, e fez juramento de preito e homenagem de sargento-mór da capitania de S. Vicente nas mãos do capitão-mór governador da dita capitania Manoel de Quebedo e Vasconcellos; e foi provido n'este posto por ausencia do sargento-mór proprietario, Francisco Garcez Barreto, para o Rio de Janeiro, que era sogro d'este Paschoal Affonso. (Cart. da Prov. da Faz. R. liv. de Reg., capa de Olandilha, tit. 1637 pag. 113), e casando com D. Maria Garcez Barreto, levou em dote o officio de propriedade de provedor da real casa da fundição dos quintos do ouro da mesma capitania, e casando sua filha D. Helena Garcez com Manoel Rodrigues de Oliveira, ficou este sendo provedor da real fundição por carta de propriedade datada em Lisboa a 23 de Fevereiro de 1673 (Arch. da cam. de S. Paulo, liv. de Reg. tit. 1675 pag. 17). O lugar de provedor com 400 cruzados por anno de ordenado occupou o dito Paschoal Affonso mais de 20 annos até fallecer em Santos em 1672 (Obitos fl. 30), e lhe succedeu no mesmo officio de propriedade seu genro Manoel Rodrigues de Oliveira em 1673, como fica referido. Foi D. Maria Garcez Barreto mulher do provedor Paschoal Affonso filha de Francisco Garcez Barreto, a quem o Sr. Rei D. João IV fez mercê de propriedade do posto de sargento-mór da capitania de S. Vicente com 80\$000 de soldo por anno: e n'esta carta patente diz o mesmo senhor o seguinte: « Tendo consideração aos serviços a que Fran-

cisco Garcez Barreto, natural da villa de Almeida (filho de Manoel Garcez Barreto), tem feito nas guerras do Brasil por espaço de 13 annos, desde o de 1630, até o de 1643 em praça de soldado, capitão e sargento-mór, e com sua pessoa, e escravos se achar nas baterias, que o inimigo deu por vezes na ilha de Itamaracá, dispendendo muito da sua fazenda na defensão d'aquella praça, largando tudo o mais, que no districto d'ella possuia, quando se retirou com sua mulher e quatro filhas donzellas para o arraial de Pernambuco; e nas brigas, que depois houve na Parahyba, Porto Calvo, sitio da cidade do Salvador de Todos os Santos da Bahia, posto pelo conde de Nassáu em 1638, proceder como bom soldado, e na mesma fórma haver-se ultimamente na disposição das cousas da milicia, e fortificações da companhia de S. Vicente, servindo de sargento-mór d'ella provido pelo marquez de Montalvão em o dito posto: hei por bem de lhe fazer mercê de propriedade do cargo de sargento-mór da mesma capitania de S. Vicente, etc. E tomou posse na camara capital d'esta villa em 13 de Dezembro de 1644 pelo capitão-mór governador e alcaide-mór da dita capitania, Francisco da Fonseca Falcão (Cart. da Prov. da Faz., liv. de Reg. tit. 1637 pag. 40. Arch. da camara da cidade de S. Paulo, liv. de Reg. n. 2º tit. 1642 pag. 44).

Quando o conde de Castello Novo, o marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas proveu ao dito Garcez em sargento-mór da capitania de S. Vicente por patente datada na Bahia a 22 de Novembro de 1640, e pela qual tomou posse no 1º de Fevereiro de 1641, lhe relata os serviços feitos em Pernambuco, em Itamaracá e em Parahyba, que vêm a ser os mesmos já referidos acima (10). Estando

(10) Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registro, tit. 1641 pag. 26 v.



servindo de sargento-mór, veio a Santos Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e confirmando-o no mesmo posto que occupava pela patente do marquez de Montalvão lhe relata os serviços com maior individuação *ibi*. « Na capitania de Itamaracá, quando o inimigo hollandez a intentou tomar com armada de 14 náos e 23 lanchas, em Abril de 1631, onde procedeu muito honradamente por espaço de um mez, que durou o cerco, mettendo soccorros e mantimentos n'ella para remedio da infantaria : e quando o inimigo entrou pela barra do Catuhama com dois patachos e sete lanchas, trabalhou e assistiu em uma plataforma, que fez para jogar a artilheria, que obrigou ao inimigo a retirar-se com muito damno : assistiu e pelejou na bateria real feita ao forte, que o hollandez tinha na entrada da barra. Achou-se outra vez na dita capitania quando a ella veio o inimigo com 10 náos e 14 lanchas em 3 de Fevereiro de 1632, onde se houve com conhecido valor. Este mostrou tambem no grande assalto, que de noite deu o inimigo terceira vez contra aquella praça, lançando em terra 2,500 homens de guerra, não havendo na praça mais de 60 pessoas, entre as quaes foi o dito sargento-mór, que então retirou sua casa com quatro filhas donzellas para a Parahyba, onde se achava, quando a ella foi o inimigo a render essa cidade com 4,000 homens em 4 de Dezembro de 1634, servindo o cargo de ajudante, em que procedeu com muito valor ; e então lhe matou o inimigo na fortaleza a seu sobrinho Antonio Telles Barreto. Achou-se tambem no Porto Calvo ; depois se achou na cidade da Bahia do Salvador, quando o conde de Nassáu a sitiou, e então occupou o posto de capitão de infantaria do 3º de Portugal, em que se portou com valor ; e perdeu o inimigo n'esses assaltos acima de 2,000 homens. Achou-se segunda vez na mesma cidade quando a ella voltou o inimigo com

grossa armada, etc. — Dada no porto da villa de Santos a 16 de Setembro de 1642.

Da Bahia veio o sargento-mór Francisco Garcez Barreto para a villa de Santos (no estado de viuvo), com quatro filhas donzellas, nos fins do mez de Janeiro de 1641, e tomou posse do emprego de sargento-mór da capitania de S. Vicente em que vinha provido pelo dito marquez de Montalvão: fez o seu estabelecimento na villa de Santos. O Sr. rei D. João IV lhe fez mercê do lugar de provedor da casa da fundição dos reaes quintos do ouro da capitania de S. Paulo, com alvará de poder com este officio dotar a uma de suas quatro filhas, no anno de 1645 (Arch. da Camara de S. Paulo, liv. de Reg. n. 2º tit. 1642 pag. 58 e 60); e n'este mesmo anno em 2 de Abril se estabeleceu em S. Paulo a real casa de fundição pelos administradores geraes das minas da capitania de S. Vicente e S. Paulo, Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e seu tio Duarte Corrêa Vasques Annes, aos quaes creou administradores geraes das Minas o Sr. rei D. João IV, com instrucção que lhes deu para observarem n'esta administração, datada em Lisboa a 7 de Junho de 1644. (Arch. da Cam. de S. Paulo, L. de Reg. n. 2º tit. 1642 pag. 50 v.) Em 1650 foi o sargento-mór Francisco Garcez Barreto provido em provedor dos defuntos e ausentes, capellas e residuos da capitania de S. Vicente, de que tomou posse a 15 de Agosto do mesmo anno. (Arch. da Cam. de S. Paulo, L. de Reg. n. 3º, tit. 1648, pag. 24 v.) Era morador da cidade do Porto Francisco Garcez Barreto, e cidadão d'aquella camara e casado na dita cidade com D. Martha da Fonseca, com a qual, e quatro filhos se passou para a capitania de Itamaracá em Pernambuco, e sua mulher falleceu na Bahia. Entre as suas quatro filhas que donzellas chegaram a Santos, foi D. Maria Garcez Barreto, que casou com Pas-

choal Affonso, que levou em dote o officio de provedor da real casa da fundição dos quintos de S. Paulo, como fica referido.

Do matrimonio do provedor Paschoal Affonso nasceram dois filhos :

D. Helena Garcez . . . . cap. 1º

D. Clara Garcez . . . . cap. 2º

## CAPITULO 1º

1—1 D. Helena Garcez, falleceu em Santos a 20 de Dezembro de 1702, com testamento, declarando n'elle ser natural da villa de Santos, filha de Paschoal Affonso, provedor da casa da fundição, e de sua mulher D. Maria Garcez, que fôra casada primeira vez com o capitão Bartholomêo Rodrigues de Aguiar e segunda vez com Manoel Rodrigues de Oliveira, provedor da casa da fundição dos reaes quintos, de quem tivêra dois filhos, que ambos falleceram solteiros ( um fôz Paulo Rodrigues de Oliveira, que falleceu em 1700); e que do seu primeiro matrimonio tivêra filha unica D. Sebastiana Rodrigues de Aguiar, mulher do capitão Antonio da Rocha do Canto ( Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos residuos, testamento de D. Helena Garcez, letra E ).

### § unico

2.— D. Sebastiana Rodrigues de Aguiar, casou em Santos com o capitão Antonio da Rocha do Canto ( irmão de Hieronimo da Rocha do Canto, que falleceu solteiro em Santos a 3 de Dezembro de 1696), como se vê do seu testamento no residuo da ouvidoria de S. Paulo, letra I ), natural da freguezia de S. Bartholomêo de S. Gans, con-

selho de Monte-Longo da comarca de Guimarães, arcebispo de Braga, filho de João Lopes de Oliveira, e de sua mulher Maria da Rocha do Canto. E teve nascidos e baptizados em Santos tres filhos:

3—1. Frei João da Rocha, que existe ainda em 1769, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, e d'ella tem sido definidor, e occupado os lugares de prior e visitador, e está apresentado no convento de Santos sua patria, com 77 annos de idade.

3—2. Frei Miguel da Rocha, carmelita, que, estando morando no convento da villa de Santos, n'elle falleceu a 26 de Julho de 1761. Era definidor actual da sua provincia do Rio de Janeiro, padre presentado, e tinha occupado o lugar de prior nos conventos da ilha Grande e da villa de Santos, e foi visitador commissario do provincial, etc.

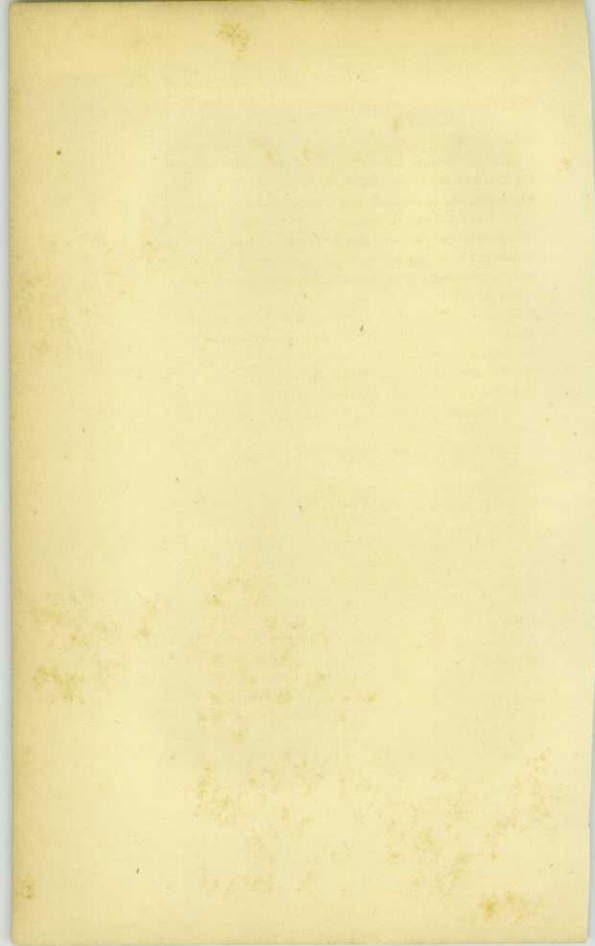
3—3. José da Rocha, falleceu solteiro em Santos.

#### CAPITULO 2º

1—2. D. Clara Garcez, falleceu em Santos em 1667, estando casada com José Nunes Figueira, e consta do assento do livro dos obitos da matriz de Santos á folhas 23, que dita D. Clara Garcez fôra filha do provedor Paschoal Affonso.

(Continúa.)

---



# REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO  
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

2º TRIMESTRE DE 1871

---

## NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

*Continuada do 1º trimestre, pag. 115*

### CHASSINS

Foi progenitor d'esta nobre familia, na capitania de S. Paulo, Gonçalo Simões Chassim, natural da villa, hoje cidade do Portimão, no reino do Algarve, e baptizado na matriz da mesma. Foi filho legitimo de Rodrigo Simões e de sua mulher Joanna Jorge Chassim, moradores que foram em casas proprias na rua da Carianna. Consta o referido do testamento com que falleceu em S. Paulo o dito Gonçalo Simões Chassim a 25 de Maio de 1720 (1). A nobreza d'este Gonçalo Simões Chassim consta melhor dos autos de justificação de *puritate et nobilitate probanda*, processados em Portimão a requerimento de Rodrigo

(1) Cart. 1º de not. de S. Paulo no maç. 2º dos inv. o de Gonçalo Simões Chassim com testamento.

Bicudo Chassim, seu filho, estando morador em S. Paulo, onde recebeu por instrumento extrahido do processo original uma via authentica.

Estabeleceu-se em S. Paulo, e depois na villa de Parnahyba, com grande fazenda de cultura, e da republica d'esta villa teve repetidas vezes as redeas do governo. Foi fundador da capella de Nossa Senhora de Nazareth, construida na mesma fazenda junto ao rio Tieté. Para a festa annual da Senhora a 8 de Setembro deixou 200\$000 para de seus redditos sahirem as despezas d'ella. Este legado consta do dito testamento, que foi feito de mão commum com sua mulher D. Maria Leme de Brito, em que tambem determinaram fossem sepultados na capella da ordem terceira de S. Francisco da cidade de S. Paulo, onde eram professores. N'esta cidade casou-se com a dita D. Maria Leme de Brito, natural d'ella, e onde falleceu a 24 de Março de 1788. Foi filha de Antonio Bicudo de Brito, natural e nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria Leme de Alvarenga, com quem casou em S. Paulo a 19 de Abril de 1635. Elle falleceu em Itú em 1662, e ella em Parnahyba com testamento a 14 de Janeiro de 1654 (2). Neta pela parte paterna de Antonio Bicudo, natural e nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria de Brito, que foi filha de Diogo Pires, e de sua mulher Isabel de Brito, que falleceu com testamento a 2 de Maio de 1650 (3). Este Diogo Pires foi filho de Salvador Pires, e de sua primeira mulher F..... Em titulo de Pires, da capitania de S. Paulo n. 2.º Antonio Bicudo, marido de Maria de Brito, falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Dezembro de 1650,

(2) Cart. de orphãos da Parnahyba, nos inv. n. 118 e 171.

(3) Cart. 2.º de notas de S. Paulo, Maç. de inv. antigos o de Isabel de Brito com testamento.



declarando n'elle a sua naturalidade, e o nome de seus pais, sua mulher e filhos (4). Este Antonio Bicudo fez o seu estabelecimento na mesma fazenda que fôra de seus pais, no sitio de Carapicuhiba, fez varias entradas ao sertão, e conquistando muitos indios gentios de diversas nações, depois de instruidos nos sagrados dogmas, se fizeram catholicos, e d'elles desfructava o serviço na cultura das terras e da extracção do ouro da serra de Jaraguá e Ribeira de Santa Fé, com o character de administrador. Foi filho de Antonio Bicudo Carneiro, natural da ilha de S. Miguel, de onde passou a estabelecer-se em S. Paulo com seu irmão Vicente Bicudo.

Estes foram dos primeiros povoadores de S. Paulo, onde fizeram muitos serviços a Deus e ao rei, porque sempre com suas pessoas e armas ajudaram a defender a terra nas repetidas guerras que contra os portuguezes moviam os barbaros gentios do sertão, que tambem com assaltos repentinos infestavam a terra. Esta verdade consta de um requerimento, que estes irmãos fizeram aos officiaes da camara de S. Paulo em 9 de Outubro de 1610, relatando n'elle que havia muitos annos tinham vindo para S. Paulo, que eram casados e tinham filhos, e por conclusão da supplica pediram por carta de data 300 braças de terra, partindo pelo rio Carapacuhiba (5).

Antonio Bicudo Carneiro, como pessoa de qualificada nobreza pela familia dos seus appellidos na ilha de S. Miguel, sua patria, como nos ensinam os nobiliarios das familias nobres e illustres das ilhas dos Açores, foi muito res-

(4) Cart. de orphãos de Parnabyba, inv. n. 93, de Antonio Bicudo com testamento.

(5) Archivo da camara de S. Paulo, no caderno de Reg. titulo Maio de 1607, pag. 44 e 44 v.

peitado em S. Paulo, de cuja republica serviu os honrosos cargos d'ella. Pelos annos de 1585 era ouvidor da comarca da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e em Janeiro d'este mesmo anno mandou levantar pelourinho na villa de S. Paulo (6). Foi casado com D. Isabel Rodrigues, de quem teve dois filhos varões e quatro fêmeas, como elle declarou em uma supplica, que em 1598 fez aos camaristas de S. Paulo para effeito de fazer casas de morada com quintal (7). Este casamento tambem se prova do testamento já citado de seu filho Antonio Bicudo, que n'elle declarou que era filho de Antonio Bicudo Carneiro, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues, natural da villa de S. Paulo. Em titulo de Bicudos Carneiros.

Neta pela parte materna dita D. Maria Leme de Brito, mulher de Gonçalo Simões Chassim, de Francisco de Alvarenga, natural e nobre cidadão de S. Paulo, de d'onde se passou de casa mudada para Parnahyba, onde foi capitão dos seus moradores para os reger e governar, e de sua mulher D. Luzia Leme, natural da villa de S. Vicente, com quem casou na matriz de S. Paulo, a qual foi filha de Aleixo Leme (irmão inteiro de D. Lucrecia Leme, mulher de seu tio direito Fernando Dias Paes, que são os ascendentes rectos do governador Fernão Dias Paes, que foi avô paterno de Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, etc., do Rio de Janeiro), e de sua mulher Ignez Dias, natural da villa de S. Vicente, filha de...em titulo de Lemes, liv. 3º cap. 1.º Este capitão Francisco de Alvarenga falleceu com testamento a 10 de Agosto de 1675; e sua mulher D. Luzia Leme falleceu com testamento a 16 de Ou-

(6) Archivo supra, no caderno, titulo 1585, fl. 31 e seg.

(7) Archivo supra, caderno titulo 1598, pag. 16.

tubro de 1653 (8). Bisneta de Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, cavalleiro fidalgo da casa d'El-Rei D. João III (filho de Balthazar de Alvarenga, e de sua mulher D. Messia Monteiro, fidalgos de conhecida nobreza, e de cota de armas, como abaixo melhor mostraremos na cópia do brasão de armas, que tiraram os seus descendentes em 22 de Junho de 1688.)

Este Antonio Rodrigues de Alvarenga passou em serviço do Rei a ser um dos primeiros povoadores da villa de S. Vicente, que em 1531 fundou o donatario e senhor d'ella Martim Affonso de Sousa por concessão d'El-Rei D. João III, etc. Esta foi a primeira povoação que houve em todo o Brasil, e tambem n'esta villa o primeiro engenho de assucar, com vocação S. Jorge, que fundou o mesmo donatario pelos annos de 1531 até 34, em que este fidalgo se embarcou de S. Vicente para Portugal, deixando nobremente povoada a sua capital villa de S. Vicente, para a qual attrahiu, e levou comsigo muitos sujeitos de conhecida nobreza, que se fez acreditada pelos alvarás dos seus filhamentos de moços da camara, moços fidalgos, etc.

N'esta villa de S. Vicente casou Antonio Rodrigues de Alvarenga com D. Anna Ribeiro, natural da cidade do Porto, de d'onde passou com duas irmãs e varios irmãos, na companhia de seus pais, Estevão Ribeiro Bayão Parente, natural da cidade de Beja, o qual era parente em grão propinquo de Estevão Liz, morgado bem conhecido em Villa Real, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, natural da cidade do Porto. De S. Vicente passou para S. Paulo Antonio Rodrigues de Alvarenga com sua mulher, e como pessoa tão distincta soube conseguir respeito e veneração, e foi senhor proprietario por mercê do dona-

(8) Cart. de orphãos da Parnahyba, inv. n. 250 e n. 83.

tario do officio de tabellião do judicial e notas de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 14 de Setembro de 1614 (9). E D. Anna Ribeiro falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Outubro de 1647, e foi sepultada na capella-mór da igreja dos religiosos carmelitas em jazigo proprio (10), no qual já descansavam as cinzas de seu filho Antonio Pedroso de Alvarenga, sargento-maior da comarca de S. Paulo com 80\$ de soldo.

### BRASÃO DE ARMAS DOS ALVARENGAS

D. Pedro por graça de Deus principe de Portugal, etc. Faço saber aos que esta minha carta de brasão de armas virem que o capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, e seus irmãos Antonio Pedroso de Alvarenga, o padre-mestre Fr. Luiz dos Anjos, e o padre-mestre Fr. João da Luz, carmelitas calçados, naturaes da villa de S. Paulo, filhos legitimos de Diogo Martins da Costa, e de sua mulher Isabel Ribeiro, netos por parte paterna de Belchior Martins da Costa, e de sua mulher Ignez Martins, naturaes da cidade de Evora, e pela materna de Estevão Ribeiro de Alvarenga, e de sua mulher Maria Missel, naturaes da villa de S. Paulo, o qual Estevão Ribeiro de Alvarenga é filho de Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, filho de Balthazar de Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro, e o dito Antonio Rodrigues de Alvarenga teve outro irmão chamado Manoel Monteiro, filho do mesmo pai e mãe, o qual foi familiar do santo officio, os quaes filhos de Diogo

(9) Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 2º de invent. letra A, o de Antonio Rodrigues de Alvarenga.

(10) Cart. 1º de not. de S. Paulo, maço unico de inv. antigos o de D. Anna Ribeiro.

Martins da Costa me fizeram uma petição, na qual me pediam que por viverem na villa de S. Paulo nunca puderam tirar seu brasão de armas por lhes competir, e que queriam fazer certo e notório em juizo contencioso, e mostrar por testemunhas fidedignas como eram os mesmos descendentes do dito Antonio Rodrigues de Alvarenga, o qual era fidalgo de geração, e elles successores eram herdeiros, e lhes competiam as armas e nobreza dos seus antepassados, pais, e avós dos sobreditos; que outrosim queriam justificar como descendiam da muito illustre familia dos Alvarengas, tão conhecida n'este reino; e assim queriam renovar esta memoria e honra, para lograrem elles supplicantes e seus descendentes, e se conservar em suas casas para as não consumir o tempo, e para que possam lograr d'aquellas liberdades e fóros concedidos a taes familias, e gerações pelos senhores reis d'este reino, meus antecessores. E sendo esta petição apresentada ao meu corregedor do civil da côrte d'esta minha muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, n'ella pôz que justificassem o que relatavam perante elle, e fizessem certo o que diziam; e sendo apresentadas sete testemunhas de todo o credito, fóra de suspeita e de toda a excepção maiores, e as mais d'ellas cavalleiros do habito de Christo, naturaes da cidade de Lamego, que depuzeram de facto proprio; sendo-lhe os autos conclusos, n'elles proferiu a sentença seguinte: «Sentença.—Vistos estes autos dos justificantes a fl. 2, o capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, e seus irmãos Antonio Pedroso de Alvarenga, e os padres-mestres Fr. João da Luz e Fr. Luiz dos Anjos, carmelitas calçados; ditos das testemunhas a fl. 7 que eu inqueri, e certidões que se juntaram de fl. 18 em diante, se mostra serem os justificantes filhos legítimos de Diogo Martins da Costa, e de sua mulher Isabel Ribeiro, netos pela parte masculina de Belchior Mar-

tins da Costa, e de sua mulher Ignez Martins, naturaes que foram da cidade de Evora, e pela parte feminina de Estevão Ribeiro de Alvarenga, e de sua mulher Maria Missel, naturaes da villa de S. Paulo; mostrá-se outrosim ser o dito Estevão Ribeiro de Alvarenga filho de Antonio Rodrigues de Alvarenga, que foi natural da cidade de Lamego, filho de Balthazar de Alvarenga e de Messia Monteiro, sua mulher; e o dito Antonio Rodrigues de Alvarenga teve outro irmão inteiro chamado Manoel Monteiro de Alvarenga, o qual foi familiar da Santa Inquisição: e como se mostra legalmente serem os justificantes descendentes da illustre familia dos Alvarengas, tão conhecida e esclarecida n'este reino, o que tudo visto com o mais dos autos, julgo aos sobreditos justificantes por filhos legitimos do dito Diogo Martins da Costa, e por descendentes da muito illustre geração e familia dos Alvarengas e Costas, e os julgo tambem por christãos velhos sem raça de mouro ou judeu, nem de outra alguma infecta nação, e poderão tirar as suas sentenças de processo, e paguem as custas dos autos. Lisboa, 2 de Junho de 1681. — *João Xan- cecem.* » E sendo a dita sentença assignada e publicada pelo dito meu corregedor, da minha côrte e casa da supplicação, tirada do processo, e passada pela minha chancellaria, a qual sendo apresentada a meu rei de armas Portugal, porque a minha tenção é honrar aos meus vassallos, ainda aquelles que mais remotos vivem, para que se não extingam as nobrezas e fidalguias, que seus avós adquiriram e alcançaram: Hei por bem, e me praz de lhes conceder todas as honras, liberdades e isenções que as taes familias de Alvarengas têm, e logram n'este meu reino, e senhorios de Portugal, e poderão trazer as ditas armas que lhes competem, que são as dos Alvarengas, que, visto no livro de armaria, lhes são dadas e conservadas as armas

seguintes : um escudo direito com suas orlas e folhagem com um elmo em cima, e sobre o dito elmo um leão rapante com uma espada dourada na mão direita, e na outra mão esquerda uma estrella de prata, e o dito escudo orlado com filetes dourados, e terá no meio cinco estrellas prateadas em campo azul, e as pontas das folhagens serão também douradas. Com estas armas, que são as que se vem, poderão usar d'ellas como suas por lhes competir; e com ellas poderão entrar em festas, carros, justas e torneios, levando-as em seus escudos e rodela e pondo-as nas portas de suas casas e quintas, e mais partes que lhes bem parecer, e quizerem; e gozarão de toda a nobreza e fidalguia, que têm os fidalgos de geração por lhes competir, e assim estar julgado no juizo da correição do cível da minha côrte, por cujo effeito lhes mandei passar esta carta de brasão de armas e geração, para que constemas que lhes pertencem, e são as mesmas, que estão no dito livro da armaria, que está em mão e poder do meu rei de armas Portugal, por lhes competir por assim passar por fé o escrivão do seu cargo, que esta subscreveu, a qual vai assignada pelo meu rei de armas Portugal. O principe nosso senhor o mandou por Manoel Soares, seu rei de armas Portugal e arautos e passavantes a 22 de Julho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de 1681. E eu Francisco de Moraes Coutinho, escrivão das gerações, o subscrevi.—Rei de armas Portugal. Cumpra-se, e registre-se em camara. S Paulo, 17 de Abril de 1683 annos.—Jorge Moreira, Miguel de Camargo, Manoel de Lima do Prado, Antonio Garcia Carrasco, Thomé Mendes Raposo. E eu Jeronymo Pedroso de Oliveira o trasladei bem e fielmente, sem cousa que duvida faça, reportando-me ao original em palavras mais ou menos, e o tornei a seu dono aos 29 dias do mez de Abril de 1683 annos.



Eu Jeronymo Pedroso de Oliveira, escrivão da camara o corri e concertei com o proprio Jeronymo Pedroso de Oliveira.

Do matrimonio de Gonçalo Simões Chassim (tronco) com D. Maria Leme de Brito nasceram em Parnahyba 9 filhos:

Antonio Pedroso.....	Cap. 1 <sup>o</sup> , falleceu solteiro, baptizado a 28 de Setembro de 1664.
D. Joanna Leme de Brito.....	Cap. 2 <sup>o</sup>
João Bicudo Chassim.....	Cap. 3 <sup>o</sup>
Manoel Monteiro Chassim.....	Cap. 4 <sup>o</sup>
D. Maria Simões.....	Cap. 5 <sup>o</sup>
Rodrigo Bicudo Chassim.....	Cap. 6 <sup>o</sup>
José Simões.....	Cap. 7 <sup>o</sup>
Francisco Bicudo Chassim.....	Cap. 8 <sup>o</sup>
D. Anna Leme de Brito.....	Cap. 9 <sup>o</sup>

## CAPITULO 2<sup>o</sup>

1—2. D. Joanna Leme de Brito, foi baptizada a 26 de Junho de 1667, e casada em S. Paulo com Francisco de Siqueira e Mendonça, natural e nobre cidadão de S. Paulo, filho de Antonio de Siqueira de Mendonça que falleceu com testamento a 11 de Dezembro de 1686, e de sua mulher D. Anna Vidal, natural de S. Paulo, onde casou a 30 de Janeiro de 1634. Neto pela parte paterna de Lourenço de Siqueira e Mendonça, natural da villa de Santos, da distincta familia de seus appellidos, e nobre cidadão de S. Paulo, onde falleceu. Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. E neto pela parte materna de Alonso Pires Canhamares, nobre castelhano da provincia da cidade da Assumpção do Rio Paraguay, vindo para S. Paulo com outras muitas familias da mesma provincia, entre as quaes foram algumas de sangue illustre; e de sua mulher Maria

Afonso, filha de Gaspar Afonso e de sua mulher Magdalena Afonso, como consta do testamento com que ella falleceu em S. Paulo a 18 de Março de 1662, e já era fallecido seu marido Alonso Pires no 1º de Outubro de 1628 com testamento, no qual declarou que tinha jazigo proprio na igreja dos religiosos carmelitas, no qual mandou sepultar o seu cadaver; ordenando tambem que por sua alma, entre outros suffragios, se lhe fizessem dois officios de defuntos de 9 lições com missa cantada (11). Falleceu D. Anna Vidal com testamento a 12 de Outubro de 1680, e seu marido Antonio de Siqueira falleceu com testamento a 11 de Dezembro de 1686 (12).

E teve nascidos em S. Paulo :

- 2—1. D. Catharina Bicudo..... § 1º
- 2—2. D. Anna Vidal de Siqueira..... § 2º
- 2—3. D. Maria Leme de Brito..... § 3º
- 2—4. Antonio Jorge Chassim..... § 4º
- 2—5. D. Isabel Bicudo..... § 5º falleceu solteira.
- 2—6. D. Luzia Leme de Siqueira..... § 6º falleceu solteira.
- 2—7. Gonçalo Simões Chassim..... § 7º falleceu solteiro.
- 2—8. Francisco de Siqueira..... § 8º falleceu solteiro.

§ 1º

2—1. D. Catharina Bicudo, foi casada com Antonio Alexandre de Siqueira Bitancourt, que falleceu em Cuyabá,

(11) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios letra M, o de Maria Afonso, idem o da letra A, o de Alonso Pires, e cartorio 1º de notas de S. Paulo, no caderno titulo maço de 1628 pag. 59, o testamento de Alonso Pires Canhamares.

(12) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios letra A, o de Antonio de Siqueira, e nos mesmos por appenso o de Anna Vidal.

natural da Victoria de Santa-Cruz da Ilha Graciosa, pessoa de reconhecida nobreza pelos costados dos seus quatro avós, como vimos em um instrumento de *nobilitate probanda* processado na Graciosa, em Agosto de 1731, a favor do justificante dito Antonio Alexandre de Siqueira, tempo em que se achava já em S. Paulo. Este instrumento veio authenticado pela certidão de India e Mina, e se conserva no poder dos seus herdeiros, aos quaes aconselhámos no anno de 1766 que o fizessem registrar nos livros da camara de S. Paulo. Por elle sabemos que foi filho legitimo de Theodosio de Bitancourt (irmão do padre Antonio Alexandre de Bitancourt), e de sua mulher D. Maria da Silveira. Neto pela parte paterna de Mathias de Miranda de Bitancourt, nobre cidadão da Graciosa, e de sua mulher Maria Furtado de Mendonça. Por seu avô bisneto de Manoel Gonçalves Maduro, nobre cidadão da Graciosa (filho de Gaspar Gonçalves Maduro, e de Ignez de Avila de Bitancourt), e de sua mulher Ignez da Avila de Bitancourt. Por sua avó paterna bisneto de Pedro Furtado de Mendonça, nobre cidadão da Graciosa, onde sempre teve o tratamento de armas, cavallos e criados, e de sua mulher Catharina Alvares. E pela parte materna neto de Simão da Cunha Frazão, nobre cidadão da Graciosa (irmão do padre Antonio Frazão, beneficiado, e do padre prégador Fr. Pedro da Victoria, franciscano), e de sua mulher D. Maria de Mendonça. Bisneto de Pedro da Cunha de Avila, nobre cidadão da Graciosa, capitão da ordenança d'ella com tratamento de armas, cavallos e criados (filho de Melchior Gonçalves de Avila, capitão da ordenança da Graciosa, e de sua mulher D. Catharina da Veiga Espinola Doria, que foi filha de Manoel Pires de Figueiredo, capitão-mór da Graciosa, e de sua mulher D. Anna Espinola da Veiga Doria), e de sua mulher Brigida de Bobadillo Frazão, que foi filha de Francisco de

Bobadilho Frazão, cidadão da Graciosa, e de sua mulher Anna Lopes Lobão. Por sua avó dita D. Maria de Mendonça bisneto de João Espinola Netto, cidadão e capitão da ordenança da Graciosa, e de sua mulher Catharina de Alvarenga Lobão, que foi filha de Sebastião Luiz Lobão e de sua mulher Maria Garcia de Mendonça.

E teve :

- 3—1. Antonio Alexandre de Siqueira.
- 3—2. O padre Francisco Bicudo de Siqueira.
- 3—3. O padre Theodosio Alexandre de Bitancourt.
- 3—4. D. Anna Maria Leme.
- 3—5. D. Francisca Leme de Siqueira.

3—1. Antonio Alexandre de Siqueira, casou com Maria Bueno, filha do capitão Antonio Corrêa Pires Barradas, e de sua mulher D. Maria Bueno da Veiga. Em titulo de Buenos, cap... E teve filhos.

3—2. O padre Francisco Bicudo de Siqueira, presbytero de S. Pedro, sujeito de um admiravel genio e docilidade, muito liberal, e digno das occupações parochiaes, de que tem sido encarregado em varias igrejas do bispado de S. Paulo.

3—3. O padre Theodosio Alexandre de Bitancourt, presbytero de S. Pedro.

3—4. D. Anna Maria Leme, solteira.

3—5. D. Francisca Leme de Siqueira, solteira.

§ 2º

2—2. D. Anna Vidal de Siqueira; existe em 1773 em S. Paulo, na sua fazenda e sitio da Emboaçava; e foi casada com Francisco Alexandre da Cunha, que nasceu na villa de Santos, indo seus pais de morada para a ilha de S. Sebastião, onde se criou, e foi filho de Sebastião Alexandre

de Figueiredo, e de sua mulher Catharina de Unhate de Medeiros, ambos naturaes de S. Paulo, e ella foi da nobre familia e parente muito propinquo de Manoel Lopes de Medeiros, sargento-mór da comarca de S. Paulo por patente regia com 80\$000 de soldo, e de seu irmão o padre Antonio Lopes de Medeiros, presbytero de S. Pedro ; o dito Sebastião Alvares de Figueiredo em titulo de Cunhas Gagos. E teve nascidos em S. Paulo dez filhos.

3—1. Valentim Alexandre.

3—2. Lourenço Leme de Siqueira, existe na sua fazenda de engenho de estillar aguardente de cama, junto ao rio Tieté, onde lhe chamam a Ponte ; está casado com D. Maria do Amaral Grugel, filha de Antonio Gonçalves do Prado, cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Isidora do Amaral Grugel, que foi filha do sargento-mór Bento do Amaral da Silva, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Escolastica de Godoy. Em titulo de Taques Pompéos, cap. 2.º E tem em 1773 cinco filhos.

§ 3.º

2—3. D. Maria Leme de Brito pag. 151, casou em S. Paulo com Antonio Guedes Pinto, e foi de morada para a villa de Jundiaby. E teve :

3—1. Nicoláo Guedes Pinto.

3—2. Antonio Guedes Pinto.

3—3. Francisco Guedes Pinto.

3—4. Lourenço Guedes Pinto.

3—5. D. Maria Ribeiro Pinto.

§§ 4º, 5º, 6º, 7º e 8º

2—4. Antonio Jorge Chassin, falleceu em S. João de Atubaya, e foi casado com uma filha do capitão Pedro Fer-

nandes de Avelar. Sem geração. Os dos §§ supra falleceram solteiros.

### CAPITULO III

1—3. João Bicudo Chassim (filho de Gonçalo Simões Chassim e de D. Maria Lemo de Brito), baptizado em Parnahyba a 29 de Setembro de 1672, passou a estabelecer-se na villa de Itú, onde casou a 4 de Setembro de 1694 com Isabel Cubas, natural da mesma villa, e filha de Hieronimo Gonçalves Meira, e de sua mulher Francisca Cubas; esta natural de S. Paulo; aquelle da villa de S. Vicente. Neta pela parte paterna de Pedro Gonçalves Meira da villa Franca de Vianna, e de sua mulher Maria Vieira, natural de S. Vicente, e pela materna neta de Gaspar João Barreto, da villa de Freixo de Espada á Cinta, e de sua mulher Francisca Cubas, de S. Paulo. Tudo se prova assim nos autos de *genere* do padre Joaquim Gonçalves Meira, processados em 1684, que existem na camara episcopal de S. Paulo no maço 1º de letra L. Por sua avó D. Francisca Cubas. Em titulo de Annes Sobrinhos. E teve em Itú dois filhos.

2—1. Gonçalo Cúbas Chassim. . . . § 1º

2—2. Francisca Cubas . . . . § 2º casou em Parnahyba com João Pinto Guedes.

2—1. Gonçalo Cubas Chassim, casou na villa de Jundiahy com...

### CAPITULO IV

1—2. Manoel Monteiro Chassim, casou em S. Paulo com Catharina de Godoy Moreira, irmã inteira dos carmelitas Fr. Gaspar e Fr. Jorge, e de D. Anna Moreira, mulher do capitão-mór Pedro de Moraes Raposo. Em titulo de Godoys. Passou para Minas-Geraes, onde teve o seu estabelecimento

e falleceu na capella de Santo Antonio do Porto-Real, freguezia de S. Miguel, termo da villa de Caethé. (Em titulo de Godoys, cap. 3º § 1º n. 3—8). E teve:

- 2—1. Gonçalo Monteiro Chassim..... § 1º falleceu solteiro em S. Miguel.
- 2—2. Maria Leme de Brito..... § 2º
- 2—3. Antonio Bicudo..... § 3º
- 2—4. Custodia Moreira..... § 4º
- 2—5. Ignez Monteiro de Godoy..... § 5º
- 2—6. Joaquim de Godoy Moreira..... § 6º
- 2—7. João Bicudo de Brito Leme..... § 7º
- 2—8. Manoel Monteiro Chassim..... § 8º

§ 2º

2—2. Maria Leme de Brito, natural de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama. Casou em Minas-Geraes na freguezia de S. João do Morro Grande, termo de Caethé, comarca de Sabará, com Romão de Oliveira Gago, natural da villa de Paraty do bispado do Rio de Janeiro, filho legitimo de Domingos de Paiva Ledo, natural da villa de Guaratinguetá, e de sua mulher Isabel Nogueira de Freitas, natural da Ilha Grande. Teve o seu estabelecimento no seu engenho da Cachoeira do Rio de S. Francisco da freguezia de Catas Altas do Mato Dentro, onde falleceu com testamento e onde teve nove filhos:

- 3—1. Manoel de Oliveira Leme.
- 3—2. João de Oliveira Leme.
- 3—3. Thomé Monteiro de Oliveira.
- 3—4. Maria Leme de Brito.
- 3—5. Theodora Leme de Oliveira.
- 3—6. O padre Agostinho Monteiro de Oliveira
- 3—7. José de Godoy Moreira.



3—8. O padre Joaquim de Oliveira Gago.

3—9. Anna Maria de Oliveira.

3—1. Manoel de Oliveira Leme, natural de Catas Altas do Mato Dentro, onde falleceu solteiro.

3—2. Joaquim de Oliveira Leme, natural da freguezia do Surgidouro, falleceu solteiro em Catas Altas com testamento.

3—3. Thomé Monteiro de Oliveira, natural de Catas Altas; aprendeu grammatica no seminario de Belém e philosophia no collegio do Rio de Janeiro, e recolhendo-se a Minas, depois da morte de seus pais, administrou os bens do casal, criou, educou e ensinou grammatica a seus irmãos, que fez ordenar, Agostinho Monteiro e Joaquim de Oliveira; deu estado ás suas tres irmãs, e se conserva hoje estabelecido na mesma fazenda que foi de seus pais; e casou em 1763 em Catas Altas com D. Anna Joaquina Valentina, natural da freguezia de Santo Antonio da Casa Branca, irmã inteira do vigario de Catas Altas, Manoel Moreira, filha legitima do capitão Luiz de Figueiredo Leitão, natural do reino do Algarve, e de sua mulher D. Antonia Maria Caetana, irmã do padre Ignacio de Souza, natural d'esta cidade de Lisboa. E teve :

4—1. Thomé.

4—2. Paulo.

4—3. José.

3—4. Maria Leme de Brito, casou com Bartholomeu Godinho da Costa, natural da ilha de Santa Maria, estabelecido no lugar de Antonio Dias, abaixo da freguezia de S. Miguel. E teve no dito lugar, excepto a primeira filha.

4—1. Genoveva Vieira de Oliveira, natural da freguezia de S. José da Barra Longa.

4—2. Romão de Oliveira Gago.

4—3. Anna Theodora.

4—4. José Vieira Godinho.

4—5. Ignacio de Oliveira, falleceu de 10 annos.

4—6. João de Oliveira Leme.

3—5. Theodora Leme de Oliveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara com o capitão Luiz Fernandes de Oliveira, natural de Guimarães que na sua fazenda de Itajurú da mesma freguezia fundou e paramentou a capella de S. José e Santa Anna, tendo-lhe feito patrimonio na propria fazenda, e que muitas vezes á sua custa por serviço d'el-rei e utilidade publica, concertou a estrada do Serro do Frio, fazendo de novo e concertando pontes, ainda nas testadas alheias, em distancia de oito leguas, que vão do Arraial de Santa Barbara ao Tanque; homem muito honrado, e amigo da paz, qualidade que o costumou fazer louvado na maior parte das duvidas do seu tempo, em cuja composição nunca ficava sem effeito a sua actividade: falleceu ella na mesma freguezia, assim como seu esposo, ao qual não sobreviveu mais de 16 dias com testamento a 19 de Fevereiro de 1764. E teve naturaes de Santo Antonio do Ribeirão seis filhos:

4—1. Luiz Fernandes de Oliveira.

4—2. Maria de Godoy Moreira.

4—3. Manoel Fernandes de Oliveira.

4—4. José d'Oliveira Gago.

4—5. Anna.

4—6. Joaquina.

3—6. O padre Agostinho Monteiro de Oliveira, ordenou-se em S. Paulo com reverendas do bispado de Mariana em 1763, foi dois annos capellão na capella de Santo Antonio do Porto Real, filial da freguezia de S. Miguel, e dois annos coadjuutor na freguezia de S. João do Morro Grande. Em 5 de Dezembro de 1770 fez em Mariana opposição ás igrejas de Antonio Dias, da Villa Rica, da villa de Caethé, e

de Santo Antonio do Rio das Velhas, acompanhou a Lisboa a consulta das mesmas igrejas ás quaes fez segunda opposição na mesa da consciencia; e finalmente oppôz-se ás igrejas de Nossa Senhora de Nazareth do Inflicionado e de S. José da Barra Longa, que todas ainda pendem até Maio de 1775. Este padre e seu irmão foram em 76 para o Brasil sem as igrejas que esperavam e só com recommendações do bispo que ia para lá, e que depois desistiu, que foi antes de Macão.

3—7. José de Godoy Moreira, falleceu em Paracatú de idade de 13 annos.

3—8. O padre Joaquim de Oliveira Gago, ordenou-se de presbytero em Mariana em 1762. Veiu a 9 de Março de 1771 com seu irmão o padre Agostinho Monteiro de Oliveira, e correu a mesma fortuna que este, e ainda ficou em Lisboa depois da ida do irmão, esperando pelas consultas.

3—9. Anna Maria de Oliveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara com o alferes João Martins Couto, natural da mesma freguezia, filho legitimo de Nuno Moniz Couto, natural de Portugal, e de sua mulher Luzia Rodrigues, natural da villa de Itú, estabelecido no Itajurú da mesma freguezia com lavra, em que é socio dos orphãos do defunto capitão Luiz Fernandes de Oliveira, a quem em sua vida comprára a terça parte da lavra, que possui com seu irmão Manoel Martins Couto por haver comprado outra terça parte. E teve naturaes da dita freguezia :

4—1. Maria Martins.

4—2. João Martins Couto.

§§ 3º e 4º

2—3. Antonio Bicudo, casou em Taubaté com . . .

e passando para Minas falleceu em Embatiú ; foi natural de Araçariguama.

2—4. Custodia Moreira, falleceu solteira em S. Paulo ; natural de Araçariguama.

§ 5°

2—5. Ignez Monteiro de Godoy, natural de Araçariguama casou em Minas-Geraes com João Lucas da Silva, natural de Portugal, e teve estabelecimento na freguezia de S. José da Barra Longa. E teve quatro filhos, naturaes da mesma freguezia.

3—1. Maria de Godoy Moreira, casou na dita freguezia com Manoel Antunes da Silva, natural de Portugal, que falleceu na mesma freguezia, onde alguns annos antes de sua morte teve estabelecimento em uma fazenda de roça e lavras, que havia comprado, depois entregou a seu tio, o tenente Silvestre da Silva. E teve :

4—1. Joaquim.

4—2.

4—3.

3—2. Manoel Monteiro de Godoy, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara com Agueda Maria, natural da mesma freguezia, filha de Domingos da Costa Lage, e de sua mulher Luzia Rodrigues, natural de Itô, viuva que ficou de Nuno Martins Couto. E teve :

4—1.

4—2.

§ 6°

2—6. Joaquim de Godoy Moreira, falleceu solteiro na freguezia de S. Miguel termo da villa de Caethé, no seu engenho da Cachoeira Comprida, em companhia de seus irmãos e socios João Bicudo de Brito e Manoel Monteiro Chassin.

§ 7º

2—7. João Bicudo de Brito, natural do Sumidouro (filho de Manoel Monteiro Chassim, do cap. 4º pag. 156), casou na capella de Santo Antonio do Porto Real da freguezia de S. Miguel com Catharina Josepha, natural da mesma freguezia, filha de Manoel Teixeira, natural de Portugal, e de sua mulher.

E teve na dita freguezia :

3—1. Catharina de Godoy Moreira.

3—2. João Bicudo de Brito.

§ 8º

2—8. Manoel Monteiro Chassim (filho ultimo do cap. 4º), casou na freguezia de S. Caetano com D. Maria Thomazia, natural da Mariana, filha de João Vieira Aranha, natural de S. Romão de Paredes, sargento-mór de milicias em Mariana, e de sua mulher D. Caetana Josepha da Trindade, filha do capitão João Antonio Rodrigues, hespanhol, e de D. Maria Moreira Candida, e irmã direita do padre Manoel Caetano, vigário collado da Campanha do Rio Verde, do capitão João Rodrigues Moreira, do carmelita Fr. Matheus (que falleceu em Lisboa em 1780, mudado o habito carmelita no de S. Pedro), do desembargador do Porto Gaspar Gonçalves dos Reis (que existe na villa de Ega, estrada do Porto, aposentado), natural da cidade de Mariana; elle natural do Sumidouro. E teve naturaes da freguezia de S. Miguel :

3—1. Gaspar do Godoy Moreira.

3—2. Manoel Monteiro Chassim.

3—3. João Vieira de Godoy Alvarenga.

3—4. Joaquim Simplicio de Godoy Alvarenga.

3—5. Maria Crescencia de Alvarenga.

- 3—6. Caetana Ernestina de Alvarenga.
- 3—7. Anna Luiza de Alvarenga.
- 3—8. Antonia Balbina de Godoy.
- 3—9. José Wenceslão Monteiro.
- 3—10. Francisco Procopio da Silva Monteiro.
- 3—11. D. Catharina de Godoy Moreira.

## CAPITULO V

1—5. D. Maria Simões ( filha de Gonçalo Simões Chas-sim ), natural de Parnahyba, casou com Pedro Gonçalves de Meira, natural de S. Paulo, filho de Jeronymo Gonçalves de Meira, da villa de S. Vicente, e de sua mulher Francisca Cubas, natural de S. Paulo, dos quaes já tratámos no cap. 3.º Esta foi filha de outra Francisca Cubas (mulher de João Gaspar Barreto), a qual foi filha de Gaspar Cubas, natural da villa do Santos e nobre cidadão de S. Paulo, onde falleceu com testamento em 6 de Agosto de 1648, e de sua mulher Isabel Sobrinha, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 22 de Julho de 1619 (13). E' este Gaspar Cubas, filho de Diogo Gonçalves Ferreira, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Francisca Cubas, a quem fez doação em dote de casamento por escriptura de 15 de Abril de 1371 seu tio Antonio Cubas ( este era irmão direito de Gonçalo Nunes Cubas, que foi pai da dita Francisca Cubas, mulher de Diogo Gonçalves Ferreira), que toda a fazenda, que na cidade do Porto pertencia a elle doador Antonio Cubas por seus pais João Pires Cubas e Isabel Nunes, e tambem por seu avô Nuno Rodrigues, cidadãos e natu-

(13) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios letra I, o de Isabel Sobrinha.

E nes mesmo autos por appenso o de seu marido Gaspar Cubas.

raes do Porto, comprehendendo n'esta doação bens moveis, de raiz, casaes, arrendamentos, alugueres e fóros, como tudo se vê melhor da dita escriptura, que se acha no primeiro cartorio de notas de S. Paulo, no caderno titulo 1571 pag. 3. Este Antonio Cubas, seus irmãos Gonçalo Nunes Cubas e Braz Cubas vieram todos ao Brasil, com o donatario de S. Vicente, que foi fundada em 1531. O Braz Cubas foi cavalleiro fidalgo, e o fundador e povoador da villa de Santos, da qual foi sempre alcaide-mór e provedor da fazenda real. A dita Isabel Sobrinha, mulher de Gaspar Cubas, filho e filha de Joanne Annes Sobrinho, e de sua segunda mulher Isabel Duarte. Este Joanne Annes foi pessoa de conhecida nobreza, e um dos primeiros povoadores de S. Vicente, vindo de Portugal para ella com sua primeira mulher Maria Gonçalves, com tres filhas e um filho. De S. Vicente passou para S. Paulo, onde em 1572 falleceu dita Maria Gonçalves, e seu marido falleceu com testamento a 17 de Setembro de 1580. (14)

E teve nascidos em S. Paulo:

2—1. Antonio Simões Chassim.....	§ 1°
2—2. Francisco Bicudo.....	§ 2°
2—3. D. Maria Leme da Assumpção.....	§ 3°
2—4. Guilherme Bicudo.....	§ 4°
2—5. D. Maria Pedrosa.....	§ 5°
2—6. D. Francisca Cubas.....	§ 6°
2—7. Hieronimo Gonçalves Meira.....	§ 7°
2—8. Manoel Bicudo.....	§ 8°
2—9. Pedro Gonçalves Meira.....	§ 9°
2—10. Gonçalo Simões de Meira.....	§ 10°

2—1. O padre Antonio Simões Chassim, habilitado *de genere* em 1720, foi para o Cuyabá, onde falleceu.

(14) 1° cartorio de notas de S. Paulo, titulo Abril de 1580 pag. 23, o testamento de Joanne Annes no caderno.



§ 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º e 10º

2—2. Francisco Bicudo, casou na villa de Itú a 27 de Maio de 1724 com D. Angela de Siqueira, filha do capitão Maximiano de Goes e Siqueira, e de sua mulher D. Maria de Arruda. Em titulo de Taques Pompéos, cap. 3º Com sua descendencia.

2—3. D. Maria da Assumpção, casou em Itú a 10 de Maio de 1704 com Gabriel Gonçalves Penna, natural da Ribeira de Penna, arcebispo de Braga, filho de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Domingas Francisca. E teve filho único Francisco.

2—4. Guilherme Bicudo, casou em Itú duas vezes, a primeira a 28 de Maio de 1708 com Maria Nunes, filha de Manoel da Costa, e de sua mulher Faustina Aranha, sem geração; segunda vez, casou a 6 de Julho de 1718 com Maria de Chaves, filha de Pedro de Chaves, e de sua mulher D. Lucrecia Leme, sem geração.

2—5. D. Maria Pedroso, casou em Itú a 4 de Fevereiro de 1706 com Hieronimo da Veiga Monteiro, filho de Antonio Bicudo, e de sua mulher Apollonia da Veiga. Em titulo de Bicudos Castanhos, cap.

2—6. D. Francisca Cubas, casou em Itú a 16 de Junho de 1716 com Ignacio Alves de Lima, natural da villa da Ilha de S. Sebastião, filho de José Alves, e de sua mulher Anna Maria : deixou geração em Itú.

2—7. Hieronimo Gonçalves de Meira, casou em Itú com Leonor de, ... e com ella foi de morada para o Cuyabá, onde falleceu, sem geração.

2—8. Manoel Bicudo, no estado de solteiro o mata-ram nas Minas Geraes.

2—9. Pedro Gonçalves de Meira, passou para Itú, onde existe e casou com....

2—10. Gonçalo Simões de Meira, casou com filha ou irmã do capitão-mór D. Simão de Toledo Piza; ambos falleceram de veneno na villa de Itú, sem geração.

## CAPITULO VI

1—6. Rodrigo Bicudo Chassim (filho de Gonçalo Simões Chassim, e de D. Maria Leme de Brito), foi baptizado na villa de Parnahyba a 27 de Julho de 1676, com o nome de Gonçalo, que no sagrado chrisma mudou, tomando o de Rodrigo; casou na matriz de S. Paulo a 26 de Janeiro de 1698 com D. Maria Pires de Barros, filha do capitão Pedro Vaz de Barros, e de sua mulher D. Maria Leite de Mesquita, ambos naturaes de S. Paulo. Em titulo de Mesquitas, ou em titulo de Pedrosos Barros, cap... §... Foi Rodrigo Bicudo nobre cidadão da Parnahyba, onde sempre teve as redeas do governo d'aquella republica; e onde falleceu com testamento a 30 de Março de 1742 (15). Estabeleceu-se na freguezia de Nossa Senhora da Penha de França no bairro de Araçariguama com uma nobre e opulenta fazenda, da qual percebia avultados rendimentos com numerosa escravatura. Estando nas Minas-Geraes, invadiu a praça do Rio de Janeiro o inimigo francez no anno de 1711, no qual tempo era Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, e se achava residindo em Minas-Geraes; e com a noticia d'aquella invasão dispóz-se a ir soccorrer a cidade do Rio de Janeiro, com os paulistas mais potentados d'aquellas Minas, entre os quaes se fez distincto n'este particular ser-

(15) \* Este testamento acha-se no cartorio de orphãos de Parnahyba, maço de inventarios letra B n. 64t, como tem o autor nos seus apontamentos.

viço o capitão Rodrigo Bicudo Chassim, que abalou com 200 homens de armas á sua custa, no que gastou grosso cabedal. Tambem se achou nas minas do Cuyabá nos primeiros annos do seu descobrimento; e d'ella se recolheu para Araçariguama bastantemente opulento; e viveu sempre abastado com grande copa de prata, e ricos moveis de casa. Sua mulher D. Maria Pires de Barros falleceu em Parnahyba com testamento a 26 de Maio de 1751 (16).  
Veja-se a nota.

E teve sete filhos:

2—1. D. Maria Leite do Rosario.....	§ 1°
2—2. D. Anna Pires de Barros.....	§ 2°
2—3. Bento da Gama de Alvarenga Chassim	§ 3°
2—4. D. Escolastica Leite.....	§ 4°
2—5. Bernardo Bicudo Chassim.....	§ 5°
2—6. D. Maria Pires de Barros.....	§ 6°
2—7. Ignacio Xavier Bicudo de Barros....	§ 7°

(16) \* Acha-se este testamento no juizo ordinario de Parnahyba, e n'elle se declararam os nomes de seu marido e dos filhos e genros, com os seus cargos, etc. que está escripto nos apontamentos do autor caderno letra M de Parnahyba.

E tambem se ach. no cartorio Ecclesiastico de S. Paulo com as mesmas circumstancias.

#### NOTA

O capitão Rodrigo Bicudo, achando-se nas minas do Cuyabá quando para ellas passou o general Rodrigo Cesar de Menezes, foi terceiro juiz ordinario mais velho da creação da villa, que foi erigida no 1° de Janeiro de 1727, e foi seu companheiro o tenente-coronel João de Queiroz Mascarenhas Sarmento, como consta de um termo tirado dos livros da secretaria do governo, e registrado no livro 1° dos registos a folhas 21 verso, e do 4° das vereanças a folhas 2 do archivo da camara de Cuyabá. E do mesmo livro de registro consta a folhas 28 e 28 verso servir o mesmo capitão Chassim de ouvidor geral por carta do dito general de 8 de Abril de 1729, muito honrosa, em lugar do desembargador Antonio Alves Lanhas Peixoto, que se escusou por carta do mesmo dia por motivos de molestia. E o mesmo ouvidor Chassim se ausen-

§ 1º

2—1. D. Maria Leite do Rosario, casou em Araçariguama com o capitão Fernão Bicudo de Andrade, por procuração por este se achar ausente em Minas-Geraes; natural ou morador da Ilha Grande de Angra dos Reis, filho de Melchior de Andrade de Araujo, e de sua mulher Maria Bicudo de Brito; esta falleceu no Rio das Mortes em 1711, e aquelle falleceu na villa de Angra dos Reis, com testamento, a 3 de Abril de 1700 (Cartorio de orpbãos de Parnahyba, inventario de Maria Bicudo de Brito n. 523). E em titulo de Bicudos Carneiros, cap... Este capitão Fernão Bicudo de Andrade passou de S. Paulo com sua mulher para as minas de Goyazes, estando estabelecido com lavras mineiras de grande rendimento no arraial da Meia-Ponte, alli falleceu e sua mulher. E teve naturaes de Araçariguama, que foram com seus pais para Goyazes, quatro filhos:

3—1 D. Maria Joanna.

3—2. D. Gertrudes de Andrade.

3—3. Rodrigo Bicudo de Andrade.

3—4. Athanasio Leite de Andrade.

3—1. D. Maria Joanna, casou em villa Bôa de Goyazes em 1749 com Antonio Luiz Lisboa, fiscal da real capitação desde o anno do seu estabelecimento n'aquellas minas; e depois foi intendente da casa da fundição do arraial de

tou para S. Paulo encarregado de varias ordens do general, como consta da que se acha á folhas 34 verso datada a 2 de Junho de 1727; e em seu lugar foi eleito de barrete o mestre de campo Antão Leme da Silva a 18 de Junho do mesmo anno, como consta do livro 1º das vereanças a folhas 18 e 18 verso. Foi depois capitão-mór, e fundou a igreja de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama, que parentou, e dotou com bastante dinheiro posto a juro, que até o presente é o patrimonio da dita igreja, que serve de matriz d'aquella freguezia

S. Felix, Chapada, e outros, que foi creada em 1753 por D. Marcos de Noronha, governador e capitão-general da capitania de Goyaz, a quem mandou el-rei D. José que, vista a representação d'aquelles povos, e neccessidade que havia d'aquella casa de fundição, passasse elle governador erigil-a no arraial de S. Felix, creando todos os officiaes d'ella, e até intendente, que queria que fosse homem letrado, visto dever ter os mesmos emolumentos, jurisdicção, privilegios e mais prerogativas, que são concedidas aos mais intendentes pela lei de 3 de Dezembro de 1750, e visto deverem julgar, sentenciar, etc. Porém o general dando conta a Sua Magestade que não havia sargento graduado capaz, e que tinha achado todas as boas qualidades em Antonio Luiz Lisboa, foi Sua Magestade servido approvar a dita nomeação; e ficou este existindo não só no titulo do conde dos Arcos, e depois no titulo do conde de S. Miguel D. Alvaro José Xavier Botelho, mas no titulo do successor d'este, em que falleceu dito Antonio Luiz, que foi em 1765. Depois d'elle succedeu-lhe no lugar de intendente Manoel Gomes de... lavrador que alli existiu mais de 20 annos, e que foi preterido na criação da dita casa de fundição.

E teve:

3—2. D. Gertrudes de Andrade, casou em Meia Ponte com André Corrêa de Toledo, natural e cidadão de Taubaté, filho do capitão João Vaz Cardoso. Em titulo de Toledos.

3—3. Rodrigo Bicudo de Andrade, casou na Meia-Ponte com filha de Francisco de Siqueira Gil, natural e cidadão de Taubaté, e de sua mulher D. Anna Ribeiro Leite, a qual foi filha de Gaspar Corrêa Leite. Em titulo de Mirandas. E Francisco de Siqueira Gil, em titulo de Tevericás, cap...

3—4. Athanasio Leite de Andrade, casou na Meia-Ponte com D....., filha de Salvador Jorge Luiz. Em titulo de Buenos de Ribeira, cap... §... e de sua mulher D..... filha de Antonio Ferraz de Araujo, natural de Parahyba, em titulo de Ferrazes Araujos, cap... §...

§ 2º

2—2. D. Anna Pires de Barros Leite, natural da freguezia de Araçariguama, em cuja matriz casou com Francisco Nabo Freire, sargento-mór dos auxiliares da villa de Guaratinguetá, onde teve o seu estabelecimento, e falleceu com testamento a 8 de Janeiro de 1765, natural da cidade de Lagos no Algarve, filho de João Netto Delgado Arouche, e de D. Maria Freire, nascido em Lagos a 20 de Julho de 1642, e casou na mesma cidade a 26 de Janeiro de 1660. Neto pela parte paterna de Domingos Netto, natural da villa de Setubal, capitão e governador da antiga fortaleza do Azeval na barra de Lagos, onde foi morto com sua mulher em uma invasão, que fizeram os mouros em um domingo, estando todos á missa e descuidados (filho de João Alves e Joanna Netto), e de sua mulher Francisca Amado, filha de João Netto Delgado, e de sua mulher Maria Rodrigues, naturaes ambos de Lagos. Neto pela parte materna de Balthasar Nabo (filho de Gaspar Nabo, e de Maria Freire, naturaes de Lagos), e de sua mulher Anna Dias, filha de João Dias Ribeiro, e Leonor Dias, todos naturaes de Lagos. Isto consta do instrumento que se processou na cidade de Lagos por parte de Agostinho Delgado e Arouche, em que depuzeram as pessoas mais distinctas da dita cidade; e se acha nos autos de *genere* de seus filhos na camara episcopal de S. Paulo L. F.

E teve dois filhos:

3—1. Agostinho Delgado e Arouche, natural da freguezia de Araçariguama, nobre cidadão de S. Paulo, casou a 23 de Janeiro de 1746 na igreja de Nossa Senhora do Carmo da mesma cidade com D...

3—2. D. Maria Freire (filha do sargento-mór Francisco Nabo Freire), casou com José Soares, natural da villa de Sorocaba, filho do capitão Domingos Soares Paes, de Curitiba, e de sua mulher Maria Leite da Silva, de Sorocaba.

§ 3º

2—3. Bento da Gama de Alvarenga Chassim, natural de Araçariguama, nobre cidadão de S. Paulo, em cujo termo fez o seu estabelecimento com excellente fazenda de cultura, e moenda de espremer a canna, e estillar aguas-ardentes. Passando á provincia do Rio-Grande de S. Pedro do sul, e achando-se na campanha do Rio Pardo em posto de capitão de soldados milicianos, levado do ardor natural, que herdou dos nobres ascendentes, que no serviço do rei foram sempre soldados aventureiros sem soldo, nem interesse de premios, não duvidou acompanhar para uma facção de credito, mais temeraria que valorosa, aos capitães João de Siqueira Barbosa e Miguel Pedroso Leite, ambos naturaes de S. Paulo, que com o limitado corpo de 200 paulistas, todos bisonhos, sem menor disciplina militar, atacaram em 1762 uma fortaleza, que por todos os lados tinha artilheria de grosso calibre, e por governador d'ella a D. Antonio Catane, havendo dentro do presidio varios officiaes de patente com soldados de tropas regulares, além de um corpo de 2,000 indios, destros em atirar flechas e no fogo dos arcabuzes. E foi Bento da Gama um dos soldados que venceu a muralha da dita fortaleza, tendo por companheiros d'esta grande acção a



um mesmo tempo os dois capitães paulistas acima, e o tenente de infantaria Cypriano Cardoso de Barros Leme, natural também de S. Paulo, e foi tal a confusão dos do presidio, que o primeiro que fugiu foi o governador D. Antonio Catane, em camisa, para não ser conhecido pela farda, ficando prisioneiros um mestre de campo, o sargento-mór, tres tenentes e dois artilheiros, que ambos eram jesuitas, que, tendo por fardas as roupetas, se fizeram bem conhecidos. Ficaram senhores da artilheria grossa e miuda, grande numero de espingardas, catanas, dardos, etc., grande numero de barris de polvora, e tudo que estava dentro da fortaleza, e se deu este despojo aos 200 soldados paulistas, de que pouco se aproveitaram, porque toda a ambição de interesse se apoderou dos soldados dragões. Desenfestada a campanha, recolheram-se os nossos para a praça do Rio Pardo com 21,000 vaccas, e 16,000 cavallos; e devendo este despojo ser repartido pelos 200 paulistas, não se praticou assim, porém sempre tiveram a honra do real serviço n'esta grande acção.— Bento da Gama recolheu-se a salvamento á sua casa, onde existe. Está casado com D. Escholastica de Camargo, natural de S. Paulo, filha de José de Camargo e Siqueira, o qual falleceu com testamento a 19 de Setembro de 1716, e de sua mulher Domingos Franca de Brito, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 26 de Junho de 1734, e foi filha de Manoel Franco, e de sua mulher Maria da Rocha Canto (17).

E teve:

(17) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra D n. 46 o de Domingas Francisca de Brito. Camara episcopal de S. Paulo autos *de genere* de Antonio Pedroso de Barros.

3—1. O padre Antonio Pedroso de Barros, tem sido vigário de algumas igrejas do bispado de S. Paulo.

3—2. Rodrigo Bicudo Chassim.

3—3. Francisco Pedroso de Barros Leite.

3—4. Felisberto Antonio.

3—5. Manoel Francisco.

3—6. D. Antonia Pires de Barros, casou na Sé de S. Paulo com Valentim Corrêa Leme, natural da villa de Pindamonhangaba, filha de Matheus Corrêa Leme, e de sua mulher Monica Leite.

3—7. D. Maria Pires de Barros, casou na Sé com Manoel Soares do Valle, natural de Curitiba, e filho de João Soares do Valle, natural de Portugal.

3—8. D. Anna Maria de Camargo.

§ 4.º

2—4. D. Escholastica Leite (filha do capitão Rodrigo Bicudo Chassim, pag. 163). Casou em Araçariguama com Francisco da Rocha Lima, da cidade do Porto, e cidadão de S. Paulo, filho do capitão-mór Francisco da Rocha Lima, e de sua mulher D. ....

Passaram de casa mudada para a Villa Boa de Goyazes.

3—1. D. Eufrasia Leite.

3—2. D. Joanna.

3—3. D. Maria.

3—4. D. Rosa.

§ 5.º

2—5. Bernardo Bicudo Chassim (filho do capitão Rodrigo Bicudo Chassim, pag. 163), é capitão da infantaria auxiliar da freguezia de Araçariguama. E' homem magnânimo, de grandes forças, e muito veloz na carreira, o que

muito admira, por ser muito gordo, ainda que grosso por igual. Está bem estabelecido na mesma freguezia. Casou com D. Veronica Dias Paes Leite, de Sorocaba, filha do capitão Domingos Soares Paes, e de sua mulher Maria Leite da Silva, de quem fallámos n'este cap., § 2º, n. 3—2. E tem

3—1. Rodrigo Pedroso Leite.

3—2. Domingos.

3—3. José.

3—4. Ignacio.

3—5. Hieronimo.

3—6. Salvador.

3—7. D. Gertrudes Bicudo. Casou em Araçariguama com José de Siqueira de Camargo, capitão das ordenanças da freguezia de Juquiri, natural de S. Paulo, filho de João de Elrios Furtado e de sua mulher Maria do Nascimento de Camargo. Em titulo de Camargos, cap... §... D. Gertrudes Bicudo falleceu em Araçariguama no primeiro parto.

3—8. D. Anna.

§ 6º

2—6. D. Maria Pires de Barros. Casou em Araçariguama com Sebastião Soares de Camargo, natural e cidadão de Parnahyba, filho de Francisco Bueno de Camargo. Em titulo de Camargos, cap... §... E tem

3—1. Ignacio Xavier Bueno.

3—2. D. Maria.

3—3. D...

3—4. D...

§ 7º e ultimo

2—7. Ignacio Xavier Bicudo de Barros, casou em Sorocaba.  
TOMO XXXIV, P. I.

caba com D. Maria Paes de Araujo, filha do capitão Domingos Soares Paes, do § 3º retro. E teve

3—1. Miguel.

3—2. D. Maria... casou em Araçariguama com Bento Medella, filho do capitão Francisco Soares Medella, natural e nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Escholastica Leite. Neto pela parte paterna do sargento-mór Roque Soares Medella, natural da villa do Conde, na provincia do Minho, que foi leigo jesuita no collegio de S. Paulo (filho de Luiz Soares de Anvers, e de Benta de Medella da dita villa do Conde) e de sua mulher Anna de Barros, natural da freguezia de A cotia. E pela parte materna neto do coronel Pedro Vaz de Campos, e de sua mulher D. Escholastica Leite de Oliveira. Em titulo de Campos, cap... §... ou de Lemes, liv. 4.

#### CAPITULO VII

1—7. José Simões, baptizado em Parnahyba a 27 de Março de 1678. Falleceu solteiro de um lobinho que do hombro lhe descia até os peitos, fazendo horrorosa figura.

#### CAPITULO VIII

1—8. Francisco Bicudo Chassim (filho do tronco), nobre cidadão de S. Paulo, onde casou (e falleceu), com D. Maria Bueno de Oliveira, irmã inteira de Braz de Moura, filhos de João de Moura Camello, de reconhecida nobreza, e cunhado do capitão-mór governador Manoel Bueno da Fonseca. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 7.º E teve só duas filhas naturaes de S. Paulo.

2—1. D. Maria Leme de Oliveira... § 1.º

2—2. D. Anna Bueno de Oliveira... § 2.º

§ 1º

2—1. D. Maria Leme de Oliveira, casou com Francisco Xavier Garcia, natural e nobre cidadão de S. Paulo, filho de Garcia Rodrigues Betim, e de Joanna Corrêa de Siqueira, que falleceu em S. Paulo, e aquelle Betim nas Minas-Geraes. Neto pela parte paterna de João Paes Rodrigues, natural e nobre cidadão de S. Paulo (filho de João Paes, o Velho, um dos nobres povoadores de S. Paulo e maior que foi na sua fazenda do sítio de Santo Amaro, onde depois de muitos annos se erigiu a igreja d'esta capella em freguezia, e de sua mulher Suzana Rodrigues, natural de S. Paulo), e de sua mulher Anna Maria Rodrigues Garcia, natural de S. Paulo, e por ella bisneto de Garcia Rodrigues Velho, nobre cidadão de S. Paulo, potentado em arcos, e abundante em cabedaes; protector da nobre família dos Pires contra a dos Camargos nas guerras civis, que reinavam entre estas duas oppostas famílias; e foi este paulista muito recommendavel com igual respeito e veneração. Falleceu a 13 de Abril de 1671, e de sua mulher Maria Betim, que falleceu em S. Paulo com a idade de 115 annos. Terneto de Garcia Rodrigues Velho, natural da villa de S. Vicente (filho de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho, ambos da cidade do Porto, e primeiros e nobres povoadores de S. Vicente, para onde foram com filhas e filhos, e entre os quaes foram dois clerigos de S. Pedro, o padre Gabriel Garcia e o padre Jorge Rodrigues, que acabou vigario collado da matriz da villa de Santos, e vigario geral da capitania de S. Vicente, que ainda florescia em 1591), e de sua mulher Catharina Dias, natural de S. Vicente, que passou para S. Paulo, onde florescia pelos annos de 1629, filha de Domingos Dias, natural da freguezia de S. Miguel da Lourinhã, termo de

Vimieiro, e de sua mulher Antonia de Chaves, que foi para S. Vicente com seu irmão Manoel de Chaves, um dos primeiros e nobres povoadores de S. Vicente, o qual estando potentado e tendo feito muitos serviços a a Deus, ao rei e ao donatario d'aquella capitania, tomou a roupeta de jesuita em 1549 das mãos do padre superior Leonardo Nunes, como melhor se lê todo o referido na *Chronica do Brasil*, liv. 1º fl. 62.— Por Maria Betimk— Terneto de Giraldo Betimk, da cidade de Drusburch, do ducado de Geldres, e de Custodia Dias, filha de Manoel Fernandes Ramos da villa e praça de Moura, e de sua mulher Suzana Dias, que era prima direita do padre Lourenço Dias, vigario collado da matriz de S. Paulo, e foram os fundadores padroeiros da capella de Sant'Anna de Parnahyba, a qual ficou sendo matriz depois de erigida em villa de Parnahyba, e na capella-mór d'ella foram sepultados os ditos fundadores. Esta Suzana Dias foi irmã do capitão-mór Belchior Carneiro, que penetrou o sertão da Parnahyba em 1608 a descobrimento de minas de ouro, ou de prata, que ficaram sem effeito por fallecer no mesmo anno a 29 de Setembro, como consta no cartorio de orphãos de S. Paulo, m. 1º de inventarios da letra B. Sua irmã dita Suzana Dias falleceu em Parnahyba com testamento a 2 de Setembro de 1634, que se acha no cartorio de orphãos de Parnahyba letra S. n. 8. Foi filha de Lopo Dias e de sua primeira mulher Beatriz Dias, a qual foi filha do rei de Piratininga Tevericá, o qual depois da sagrada fonte se chamou Martim Affonso Tevericá, cujas moraes virtudes, seu ardente zelo, e amor da religião catholica romana se conhece melhor da expressão que faz d'esse memoravel rei o padre Vasconcellos na *Chronica da companhia do Brasil*. E teve :

3—1. D. Gertrudes..... Casou em S. Paulo com Vi-

cente Luiz, natural da mesma cidade, em cujos pateos tinha estudado grammatica latina; filho de Antonio da Silva Brito natural de..... e cidadão de S. Paulo, de cuja companhia de ordenanças foi capitão, e de sua mulher Maria de Lima, natural da villa de Santos, irmã inteira de frei Francisco, religioso capucho da provincia do Rio de Janeiro, chamado por antenomasia o Pachequinho, varão de espirito verdadeiramente humilde, vida exemplar e penitente, e de conhecida virtude, e filho do capitão Manoel Pacheco Lima, natural da villa de Ponte de Lima (filho de Domingos Esteves, e de Joanna Pacheco de Amorim), nobre republicano da villa de Santos, onde serviu de procurador da corôa e fazenda, familiar do Santo Officio.

3—2. D. Maria Caetana.

3—3. D. Anna Maria.

3—4. D. Anna Catharina.

3—5. D. Ursula.

3—6. D. Escholastica.

3—7. D. Theresa. Falleceu de bexigas.

§ 1º

2—2 D. Anna Bueno de Oliveira foi casada com José Cesar Moreira, filho de Francisco Cesar Moreira, e de Isabel Maciel, natural de S. Amaro. Neto por parte paterna de Diogo Gonçalves Moreira, e de Catharina de Miranda. Em titulo de Moreiras cap. 8º § 1º. nº. 1. E pela materna neto de João Maciel, e de Clara Domingues do Passo, ambos de S. Paulo e moradores que foram de S. Amaro. E teve dois filhos.

3—1 Francisca

3—2 Francisco de Paula



CAPITULO IX

1—9 D. Anna Leme de Brito, foi casada com José Martins Cesar, natural de S. Paulo, morador que foi de Araçariguama, onde teve uma opulenta fazenda. Foi sargento-mór das tropas melicianas da villa de Parnahyba, de cuja republica teve repetidas vezes as redeas do governo. Falleceu com testamento a 13 de Novembro de 1757(18). Filho de Francisco Cesar de Miranda e de sua mulher Anna Peres Leme, ambos naturaes de S. Paulo. Neto de Francisco Cesar de Miranda Tavares, proprietario do officio de escrivão de orphãos de S. Paulo e de sua mulher Anna Peres Leme (19). Neto de Francisco de Miranda Tavares, natural da cidade de Beja, que falleceu em S. Paulo com testamento a 7 de Junho de 1642, e escrivão proprietario de orphãos de S. Paulo por mercê de D. Alvaro Pires de Castro e Sousa, marquez de Cascaes, e capitão donatario da capitania de S. Vicente e S. Paulo e de sua mulher D. Isabel Paes, com quem casou em S. Paulo a 8 de Janeiro de 1631, filha de Simão Borges Cerqueira, natural de Mezamfrio, moço da camara d'El-rei D. Henrique, e de sua mulher D. Leonor Leme. Em titulo de Lemes, ou de Cerqueiras, cap...

E teve oito filhos naturaes da freguezia de Nossa Senhora da Penha de França de Araçariguama.

- |                                |       |                                       |
|--------------------------------|-------|---------------------------------------|
| 2—1. João Martins Pedroso..... | § 1.º | Casou com viuva.                      |
| 2—2. José Martins Leme.....    | § 2.º | Falleceu solteiro.                    |
| 2—3. Antonio Pedroso.....      | § 3.º | } Casaram em Itã e foram para Cuyabã. |
| 2—4. Lourenço Leme Cesar.....  | § 4.º |                                       |

(18) Cart. de notas de Parnahyba, invent. do sargento-mór José Martins Cesar.

(19) Vide que parece-me está errado isto.

- 2—5. Bento Leme..... § 5.º Casou em Itú com  
filha de José Mendes, sargento-mór em Meia Ponte, onde o mataram  
seus escravos : e foi para o Cuyabá.
- 2—6. D. Maria Leme de Brito... § 6.º
- 2—7. D. Joanna Leme de Brito.. § 7.º
- 2—8. D. Gertrudes Pedroso Leme § 8.º

§ 5º

2—5. Bento Leme, casou em Araçariguama, ou na villa  
de Itú, com D. Isabel de Mello, natural da dita villa, filha de  
João de Mello do Rego, capitão-mór da mesma, e provedor  
dos reaes quintos no registro de Piracicaba, natural da  
Ilha de S. Miguel da villa da Ribeira-Grande, de distincta e  
qualificada nobreza, e de sua mulher D. Bernards de Ar-  
ruda. Em titulo de Arrudas, titulo 2º cap. 10 § 6º

§ 6º

2—6. D. Maria Leme de Brito, casou com o sargento-  
mór Antonio de Moraes e Siqueira, natural de Jundiashy,  
filho de Manoel Rodrigues de Moraes, e de Francisca de  
Siqueira. Em titulo de Moraes, cap. 2º § 8.º E teve nas-  
cidos em Jundiashy sete filhos.

3—1. Ignacio, falleceu menino em Parnahyba.

3—2. Antonio de Moraes Pedroso, nobre cidadão de  
Jundiashy, sua patria, onde vive abundante e com cabedal  
de dinheiro amoedado ; foi sargento-mór das ordenanças  
da mesma villa por patente d'el-rei o Sr. D. José I, e no  
mez de Julho de 1772 tomou posse na camara da dita  
villa de capitão-mór d'ella ; alli casou com D. Leonor Leme  
da Costa, filha de José Dias Ferreira, natural da freguezia de  
Matozinhos, que foi capitão-mór de Jundiashy, e de sua  
mulher D. Maria Leme do Prado, natural de Jundiashy, a qual

foi filha do capitão-mór d'esta villa Antonio da Costa Reis, natural de Lisboa, freguezia de Santa Justa, e de sua mulher D. Paschoa Leme do Prado, natural de Jundiaby, filha de Lucas Fernandes de Mattos, natural de Vianna do Minho, e de sua mulher D....Leme do Prado, que foi filha de Pedro Leme do Prado, e de sua mulher Maria Gonçalves Preto. Em titulo de Lemes, cap... E teve filho unico herdeiro de sua casa :

4—1. José de Moraes Leme, existe solteiro.

3—3. D. Escholastica de Moraes Leme, casou em Jundiaby com João Gomes dos Santos. Sem geração.

3—4. D. Maria de Moraes Leme, casou a primeira vez com Francisco Leme de Mattos, natural de Jundiaby, filho do capitão-mór d'ella Antonio da Costa Reis. Tem geração. Casou segunda vez dita D. Maria de Moraes com Manoel Leitão Villas Boas. Sem geração.

3—5. D. Gertrudes de Moraes Leme Pedroso, casou com José de Siqueira Pinto, natural de Taubaté, filho de Thomé Nunes Paes, e de sua mulher Violante Cardoso, que foi irmã de D. Maria de Siqueira Cardoso, mulher do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima, filhos de Domingos Vaz de Siqueira, e de sua mulher Maria de Gusmão. O dito Domingos Vaz de Siqueira foi filho de Gaspar Vaz da Cunha, o *Jagueteté* de alcunha (filho de Christovão da Cunha de Onhate, em titulo de Cunhas Gagos, e de sua mulher Mecia Vaz Cardoso. Em titulo de Vaz Guedes), e de sua mulher Victoria de Siqueira, da nobre familia dos Siqueiras Mendonças, da villa de Santos. Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. . . § . . . A dita Maria de Gusmão foi filha de Luiz de Gusmão, natural de S. Sebastião, que casou em S. Paulo a 30 de Julho de 1643 (filho de Agostinho de Gusmão, natural da villa de S. Vicente, e de Suzana Peres, natural de Santos), e de sua mulher Violante Cardoso, que

foi filha de Balthasar Lopes Fragoso, natural de Lisboa, da freguezia dos Martyres, e falleceu em S. Paulo com testamento a 2 de Junho de 1636, e de sua mulher Marianna Cardoso, filha de Pedro Madeira, e de sua primeira mulher Violante Cardoso, ambos naturaes de S. Paulo. E tem geração.

§ 7º

2—7. D. Joanna Leme de Brito, casou com Estevão Forquim Pedroso, natural da Parnahyba, filho de Claudio Forquim da Luz, e de sua mulher Isabel Pedroso, ambos naturaes de S. Paulo. Neto pela parte paterna de Estevão Forquim e de sua mulher Maria da Luz. Em titulo de Forquins: e pela materna de Francisco Pedroso Xavier e de sua mulher Maria Cardoso. Em titulo de Moraes, cap. 3º § 1º. Estevão Forquim Pedroso é irmão do capitão Estanislão Forquim, pai do padre Antonio Antunes de Campos. E teve :

3—1. José Forquim.

3—2. Anna Forquim.

§ 8º

2—8. D. Gertrudes Pedroso Leme (filha de D. Anna Leme de Brito e do sargento-mór José Martins Cesar), casou com Antonio de Mello do Rego (filho do capitão-mór João de Mello do Rego.) Em titulo de Arrudas, titulo 2º cap. 10 § 3º.

## CAMPOS

A familia de Campos da capitania de S. Paulo teve origem em Filippe de Campos, natural da côrte de Lisboa, da freguezia do Loreto (filho de Francisco de Wanderburg, natural de Anvers do Estado de Flandres, e de sua mulher Antonia de Campos, natural de Lisboa, como consta dos autos *de genere* de Filippe de Campos, que foi clérigo, processados em 1671 (Camara episcopal de S. Paulo, autos, letra F. n. 1.<sup>o</sup> do maço 1.<sup>o</sup>). Este Filippe de Campos era pessoa de nobreza, e tendo acabado os estudos de grammatica no collegio de S. Antão o mandaram seus pais para a universidade de Coimbra: tinha feito algumas matriculas, quando por accidentes do tempo e extravagancias de estudantes fez uma morte, cujo successo o fez sahir de Coimbra; e porque ainda na côrte, e casa de seus pais não podia viver seguro, gozando a liberdade de passeiar publico; tomou a resolução de se passar ao Brasil a metter tempo em meio. Veiu para a cidade da Bahia onde então o provincial jesuita era sujeito de seu conhecimento, e com o mesmo passou a S. Paulo attrahido já de amizade que tinha conciliado com religioso natural de S. Paulo o padre Vicente Rodrigues, que o recommendava aos parentes, e muito mais a seus pais, para que o casassem com sua irmã Margarida Bicudo, por ser pessoa de conhecida nobreza e homem estudante e de boa capacidade.

Com effeito chegou a S. Paulo Filippe de Campos, onde foi tratado com agasalho urbano dos paulistas da primeira nobreza, e entre elles o capitão Manoel Pires, para quem vinha recommendação da cidade da Bahia do filho

o padre Vicente Rodrigues. Agradou-se tanto o capitão Manoel Pires do dito Filippe de Campos, que veio a tomal-o por genro. Casou na matriz de S. Paulo a 9 de Agosto de 1643 com Margarida Bicudo, filha do capitão Manoel Pires, e de sua mulher Maria Bicuda, ambos naturaes de S. Paulo. Em titulo de Bicudos, Cap. 1º § 3º. Foi Filippe de Campos, cidadão de S. Paulo, em cuja republica serviu repetidas vezes os cargos honrosos d'ella, e muito mais sendo adornado de muita civilidade, cortez politica, e boa insrução, com lição da historia, por cujas prendas se fazia estimado e applaudido geralmente. Falleceu com testamento a 18 de Dezembro de 1681. (Cart. da villa de Parnahyba, Inventarios da letra F, n. 307 o de Filippe de Campos.) E Margarida Bicudo falleceu em Itú a 24 de Fevereiro de 1708. (Cartorio de residuos da ouvidoria de S. Paulo, testamentos, letra M, o de Margarida Bicudo) E teve doze filhos naturaes de S. Paulo uns, e outros de Itú.

Filippe de Campos.....	Cap. 1º
Estanislão de Campos.....	Cap. 2º
Manoel de Campos.....	Cap. 3º
Francisco de Campos.....	Cap. 4º
José de Campos Bicudo.....	Cap. 5º
Bernardo de Campos Bicudo..	Cap. 6º
Nuno de Campos Bicudo.....	Cap. 7º
Anna de Campos.....	Cap. 8º
Maria de Campos Bicudo.....	Cap. 9º
D. Antonia de Campos.....	Cap. 10
Isabel de Campos.....	Cap. 11
Margarida Bicudo.....	Cap. 12

## CAPITULO I

1—1. Filippe de Campos, seguiu os estudos de grammatica latina, philosophia, e theologia moral: sahio bom estu-

dante, e ordenou-se de presbytero em 1671. Foi o primeiro vigario collado pela mesa da Consciencia e Ordens que teve a igreja matriz da villa de Itú por mercê do Sr. rei D. Pedro II, de 20 de Fevereiro de 1694. (Cartorio da Provedoria da fazenda real, liv. de registros n. 5.º 1693 até 1701 pag. 44.

## CAPITULO II

1—2. Estanisláo de Campos, tomou a roupeta da companhia no noviciado do collegio da Bahia. Seguiu os estudos com tanto aproveitamento que foi um dos maiores barretes que teve a provincia do Brasil: foi lente de artes, e depois de theologia no collegio da Bahia, onde professou o 4.º voto. Foi reitor d'este collegio e provincial do Brasil duas vezes: a segunda foi no triennio de 1713. Teve tão grande aceitação, que o seu nome era o mais conhecido em Roma dos seus Revms padres geraes, principalmente do padre proposito geral Miguel Angelo Tamborino, de tal sorte, que quando do Brasil lão remettidas as pautas dos collegios com os nomeados para occuparem as reitorias, infallivelmente havia de ir conta particular do padre Estanisláo de Campos; e por esta se governava o Revm. geral para remetter as letras aos religiosos que vinham nomeados para reitores, e para provincial do triennio. Teve um respeito e veneração tão grande, não só dentro dos claustros da sua provincia, como das pessoas particulares da primeira nobreza das cidades da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, e S. Paulo, que outro algum religioso não chegou a merecer tanto. Já em avançados annos de idade decrepita se aposentou no collegio de S. Paulo, sua patria, para com tranquillidade do espirito se entregar todo á oração com Deus; e das suas virtudes havia uma grande opinião. Governando a capitania de S. Paulo Rodrigo Cesar



de Menezes em 1722, em que tomou posse, não resolvia negocio algum, por mais arduo que fosse, sem consultar a Estanisláo de Campos, cujos assertos venerava como de oraculo : teve muito particular amizade com este; e quando passou por ordem régia para as minas de Cuyabá, deixando em seu lugar governando a capitania ao coronel Domingos Rodrigues da Fonseca, ficou este advertido a consultar sempre toda e qualquer materia pertencente ao mesmo governo, ao Revm. Estanisláo de Campos, a quem sempre escrevia do Cuyabá nas monções das canoas de cada anno. Tinha tão presentes os tratados de philosophia paripatetica, que estando em idade de mais de 80 annos quando leu o Curso de Artes o Rev. padre mestre Nicoláo Tavares no triennio 1730, que os estudantes filhos de pessoas principaes da cidade o procuravam para lhes explicar a postilla, elle se não negava a este trabalho em todos os dias de classe n'aquella meia hora que corria das 10 e meia em que sahiam os estudantes do pateo até as 11 em que tocavam o silencio ; e era tal a clareza e os exemplos com que se explicava, que o mais insufficiente dos que concorriam á sua doutrina sahia d'esta lição com perfeito conhecimento da questão, em que padecia a falta de percepção. Tinha por costume inalteravel, porque tinha saude, celebrar o santo sacrificio da missa ao romper do dia, na hora das 5, e depois de tomada no seu cubiculo uma pequena refeição que ordinariamente era uma chicara de chocolate, assentava-se no confissionario, até que não houvesse mais penitentes que se quizessem confessar; e as tardes passava, depois de 4 horas em oração, em uma tribuna da capellamór, em que sempre estava o Santissimo Sacramento no Sacario. Para tão singular vida ainda foram os annos que durou, muito poucos, chegando á idade de 90. N'esta epoca falleceu mais debilitado das forças, pela austeridade da

vida, que enfraquecido da mesma enfermidade. Conheceu a hora da sua morte, e depois de haver recebido o sagrado Viatico com o sacramento da Extrema-unção, com semblante alegre e sereno, cheio sempre de toda a humildade, que praticou em todo o tempo, ainda quando prelado, agradeceu a assistencia religiosa, que lhe tinham feito, e estavam fazendo : pediu com suave brandura que se recolhessem a descansar, e o deixassem só na companhia do seu santo Crucifixo, que tinha nas mãos, e á cabeceira uma lamina de preciosa pintura que lhe tinha mandado de Roma o seu reverendissimo geral de Nossa Senhora da Encarnação ; porém que dando o relógio do mesmo collegio as 5 horas da manhã viessem promptamente, porque esta era a hora ultima da sua vida. Com saudosa repugnancia obedeceram os religiosos, e, como tinham em muita opinião a santidade do reverendo Estanisláo de Campos, se persuadiram que n'aquella noite não acabava a vida, visto que elle segurava que a final hora era a das 3 da manhã. Antes d'este tempo sempre o amor dictava nos reverendos alguma inquietação, e costumavam vir até a porta do cubiculo, e applicando os ouvidos achavam um tal socego, que se persuadiam que estava repousando ; e assim passaram a noite toda, até que dando o relógio as 5 horas acudiram todos ; e abrindo-se-lhe a porta do cubiculo acharam o servo de Deus de joelhos em cima da cama, com as mãos postas sobre o peito, e n'ellas o santo Crucifixo, e os olhos abertos, mas já defunto, porque n'aquelles poucos minutos tinha expirado e entregue a sua ditosa alma ao Creador. O' que pasmo ! E saudosa alegria de lagrimas dos reverendissimos, que para logo passaram aquelle venerando cadaver a um esquite forrado de um panno de velludo preto ; e revestido com os paramentos sacerdotaes foi depositado na sachristia, como costume

praticado em todos os collegios. Já os signos tinham feito o primeiro signal quando os officiaes do senado da camara e o Dr. ouvidor geral, e o corpo politico de toda a nobreza e plebe tinha concorrido a beijar-lhe a mão, e o acharam com o semblante alegre, e o corpo todo flexivel conservando a côr natural. Ornaram e cobriram aquelle venerando cadaver com flôres, sendo tão grande o concurso, que para se não estragar a decencia veio para logo uma guarda de soldados dos que estavam á porta do general, que era o conde de Sarzedas, D. Antonio Luiz de Tavora, que tambem era particular amigo do reverendissimo Estandislaô de Campos. Todos lhe assistiram ao officio de corpo presente até se lhe dar sepultura dentro da capella-mór. Nós lhe assistimos tambem como amante discipulo dos seus santos conselhos, e doutrina de mestre espiritual no Sacramento da Penitencia; e tambem da sua lição sobre a postilla do padre mestre Nicoláo Tavares, de quem temos referido este trabalho, que com suavidade nos praticou sempre o Rvm. padre-mestre Estandislaô de Campos, cujo nome e amorosa saudade vive sempre, e viverá nos corações de todos os que tiveram a ventura de o conhecer e tratar.

### CAPITULO III

1—3. Manoel de Campos Bicudo, cidadão de S. Paulo, de cuja republica teve sempre o primeiro voto, foi pessoa de muita estimação e respeito. Possuiu grandes cabedaes com numerosa escravatura, e muitos indios de sua redução e administração, casou duas vezes: primeira com D. Luzia Leme de Barros, filha de Antonio Pedroso de Barros e de Maria Pires Monteiro. Em titulo de Pedrosos Barros, cap. 2º § 4º; segunda vez casou com D. Antonia Paes de Oliveira, sem geração, e ella passou a segundas

nupcias com o grande cabedal que lhe ficou de meiação, com Clemente Carlos de Azevedo Cotrim. Falleceu Manoel de Campos Bicudo em S. Paulo a 16 de Maio de 1722, e se mandou enterrar na capella dos terceiros de S. Francisco, em cuja ordem tinha sido irmão ministro. Nós o conhecemos, e nos não acordamos de outrem que com elle competisse na corpulencia. Este paulista foi intrepido contra os barbaros gentios dos sertões do Rio-Grande, e Rio Paraguay, que os penetrou vinte e quatro vezes, a saber : tres como soldado e vinte um como capitão-mór da tropa, para as partes da provincia de Paraguay das Indias de Hespanha na America Meridional. Fez a ultima entrada em 1653 (\*Duvido d'esta data) pelo sertão da Vaccaria, levando na companhia do seu troço ao sobrinho Gabriel Antunes de Campos, do cap. 8º § 1º. Avizinhou-se á redução dos indios do Rio de Paraguay acima dos padres jesuitas, e denominada..... conforme ao Dr. D. Francisco Xarque de Andela, liv... cap.... E para socegar os animos dos padres jesuitas, declarados inimigos dos paulistas pelos successos antecedentes com as tropas do capitão-mór Manoel Preto e Frederico de Mello com os padres superiores Simão Mazetta, Antonio Rodrigues e José Cataldino, mandou o capitão-mór Manoel de Campos Bicudo por carta segurar ao superior d'aquella redução, que elle vinha de paz, e só pretendia penetrar os sertões a conquistar a barbara nação do gentio..... Porém teve por resposta de tão cortez como civil aviso ao terceiro dia um pé de exercito formado de mais de dois mil indios guerreiros com armas de fogo, de arco e flechas, fundas e outros instrumentos bellicos ao seu uso. Marchava diante de todo este corpo como seu mestre de campo general o padre superior da dita redução (é lastima não sabermos o nome), montado em um famoso cavallo ; chegando ao nosso campo adiantou os pas-

nos o capitão-mór Manoel de Campos Bicudo para ter-lhe mão no estribo. A este obsequioso cortejo correspondeu o padre superior com o furor de lhe dar com a estribeira nos narizes, que para logo lançaram sangue, o injuriado Campos sem mais accordo que a resolução que lhe ministrou a offensa, fez pé atraz e tomando a sua arma de fogo fez tiro ao tal mestre de campo jesuita, que ainda estava montado; e quando o corpo cahiu do cavallo em terra, já a alma o tinha deixado. Ao echo d'este tiro se pôz o campo todo em descargas e se travou uma quasi batalha; porém os indios não sustentaram o ardor das nossas repetições, porque, desanimados da cabeça, que lhes infundia o valor, se puzeram em retirada; e os nossos o fizeram a melhorar de sitio, procurando o receptaculo de uma matta espessa vizinha. N'este lance ainda ficaram prisioneiros nove paulistas, sendo por todos o de maior apreço Gabriel Antunes de Campos, sobrinho do dito capitão-mór Manoel de Campos Bicudo. Este, como já dissemos, falleceu em S. Paulo a 16 de Maio de 1722 (Cart. 1.<sup>a</sup> de notas de S. Paulo, maço de inv. let. M, o de Manoel de Campos Bicudo). E teve do seu primeiro matrimonio sete filhos.

- 2—1. Antonio Pires de Campos... § 1.<sup>a</sup>
- 2—2. Philippe de campos Bicudo... § 2.<sup>a</sup>
- 2—3. Pedro Vaz de Campos..... § 3.<sup>a</sup>
- 2—4. Estanislão de Campos..... § 4.<sup>a</sup>
- 2—5. Manoel de Campos..... § 5.<sup>a</sup>
- 2—6. Margarida de Campos Bicudo. § 6.<sup>a</sup>
- 2—7. Maria Pires Monteiro..... § 7.<sup>a</sup>

§ 1.<sup>a</sup>

- 2—1. Antonio Pires de Campos, casou com D. Sebastiana Leite da Silva, filha de Salvador Jorge Velho, e de D. Margarida da Silva. Em título de Lemes, cap. 5.<sup>a</sup> § 5.<sup>a</sup>,

n. 3—2. Em sua descendencia n. 4—1. E teve quatro filhos:

3—1. Manoel de Campos Bicudo.

3—2. Antonio Pires de Campos.

3—3. Salvador Jorge Pires.

3—4. D. Luzia Leme.

3—1. Manoel de Campos Bicudo, falleceu solteiro na aldêa do Rio das Pedras da conquista de seu irmão o coronel Antonio Pires de Campos, que segue. Por resolução do conselho ultramarino de 22 de Maio de 1753 mandava El-rei D. José ao conde dos Arcos, governador e capitão-general da capitania de Goyazes, que, visto ter fallecido o coronel Antonio Pires de Campos sem herdeiros, e o ser seu irmão Manoel de Campos Bicudo seu unico herdeiro, e querer continuar nos mesmos serviços a que se offerecêra seu irmão, se ajustasse com elle debaixo das mesmas condições e mercês promettidas ao dito coronel Antonio Pires de Campos, que ja tinha desinfestado os caminhos, etc. Porém ficaram sem se verificarem estas mercês por fallecer antes d'isso e sem herdeiros o dito Manoel de Campos Bicudo.

3—2. Antonio Pires de Campos foi na praça Adonis, e no sertão Marte. Foi açoute do barbaro gentio *Cayapó*, que infestava a estrada toda das minas de Goyazes em comprimento de mais de 200 leguas desde o rio Urucanga, até Villa Boa. Impedida por estes barbaros a dita estrada com total ruina do commercio e dos direitos reaes, depois de terem conseguido em repetidos assaltos muitas mortes com horror da humanidade, mandou D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo (achando-se em Villa Boa, para onde tinha passado a crear villa o arraial de Sant'Anna) ao Dr. Agostinho Pacheco Telles, superintendente geral das mesmas minas, que pro-



cedesse á devassa dos repetidos insultos e mortes que havia executado a potencia do barbaro gentio *Cayapó*, e obrando-se assim, deu conta com este horroroso processo a El-rei D. João V, cujo real animo com paternal amor dos seus vassallos ordenou que se ajustasse com Antonio Pires de Campos (já se achava em posto de coronel da conquista contra a mesma nação bellicosa dos *Cayapós*), desinfestar a estrada fazendo guerra viva aos inimigos, que por natural fereza sabiam armados de mão commum a matar aos vassallos portuguezes (sem que estes tivessem ido a acommettê-los em suas aldêas, ou reinos em vez alguma) com a mercê do habito de Christo, com tença effectiva de 50\$, e o officio de escrivão da superintendencia geral de minas de Villa Boa, de propriedade para si e seus descendentes. Chegada esta real determinação celebrou-se o ajuste d'estas mercês com o coronel Antonio Pires de Campos, pelo general D. Luiz Mascarenhas, residente ainda em Villa-Boa de Goyazes. Para cumprir com a obrigação do contrato fez assento o coronel Pires no Rio das Pedras do caminho de Goyazes, além do Rio das Velhas, onde aldêou-se o gentio domestico da nação *Bororós*, extrahido dos sertões do Cuyabá em redução de amigavel paz. (Já hoje está todo este gentio no gremio da igreja, e dos seus filhos e netos se vê a aldêa adornada de muito luxo e bizarrias no sexo feminino). Fez varias entradas contra o inimigo *Cayapó*, destruindo aldêas inteiras, com o que pôz a estrada desinfestada por alguns annos. Como porém esta nação tem muitos reinos e copiosas aldêas em circumferencia de mais de 800 leguas, não passaram muitos annos que não repetissem os seus primeiros insultos, mortes e acommettimentos até chegarem ao Rocio de Villa Boa de Goyazes, onde em 1753 mataram a muitas pessoas, o que deu occasião ao general D. Marcos de Noronha, conde dos



Arcos, para fazer chamar ao coronel Antonio Pires de Campos, que no mesmo ponto, em que lhe chegou o aviso ao seu estabelecimento do Rio das Pedras se pôz em marcha, e chegando a Villa Boa seguiu o trilho da retirada do inimigo, e a poucos dias o teve de encontro com grande mortandade; mas sabiu-lhe caro o triumpho por ser n'esta occasião accommettido de um atrevido indio (na occasião do maior aperto em que se viu mettido entre os barbaros), que lhe introduziu uma flecha pelo peito direito, abaixo do hombro, e não bastou esta infelicidade para que assim mesmo atravessado da flecha lhe não tirasse a vida com o alfange. Recolheu-se d'esta facção com muitos applausos do general D. Marcos de Noronha, e para convalescer da ferida da flecha tomou o regresso para o seu estabelecimento e aldêa do Rio das Pedras, esperando alli o tempo para formar corpo de armas e penetrar o sertão, e destruir quantas aldêas descobrisse do barbaro inimigo. Porém outro foi o destino; porque, estando prompta a escolta dos soldados dragões para a conducta das arrobas de ouro do real quinto até Villa Rica, foi avisado o conde que só devia temer um corpo de conspiração traidora, que se occultava para roubar os quintos d'esta conducta, para cuja segurança devia reforçar o corpo de guarda, pelo que temeroso o conde resolveu mandar convidar para esta facção ao coronel Antonio Pires de Campos, que puxando por um troço da sua maior estimação dos seus soldados *Bororós*, excellentes arcabuzeiros, se veio incorporar com a conducta dos quintos encarregada ao cabo dos dragões. Com felicidade chegaram ao arraial de Paracatú; mas, como o coronel não estava de todo ainda são da ferida quando pôz em execução esta jornada, augmentando-se-lhe a febre diariamente, veio a cahir enfermo de todo n'estas minas de Paracatú, onde assistido de todos os medicamentos, nada

aproveitou a suspender-lhe o golpe da morte, que o alcançou nos arraiaes, onde depois de se confortar com os sacramentos, tendo sempre á cabeceira o medico espirital, deu a alma a Deus; e o seu cada ver foi dado á terra com todas as honras militares, que as soube executar o amor e boa sociedade do capitão de dragões Antonio Pereira de Sá, tão perfeito capitão como distincto pela nobreza do seu sangue. Foi sentida geralmente de todos a morte d'este varão na idade a mais vigorosa, em que se achava. Acabou solteiro, ficando herdeiro de seus grandes serviços e mercês régias seu irmão mais velho Manoel de Campos Bicudo, que veio a acabar tambem solteiro, como fica referido, sem que no curso de tantos annos se verificasse a menor mercê das promettidas ao coronel Antonio Pires de Campos.

3—3. Salvador Jorge Pires, falleceu solteiro.

3—4. D. Luzia Leme ( filha ultima de Antonio Pires de Campos, do § 1º retro ), foi casada com Gaspar Leite Cesar de Azevedo, natural da praça de Santos, sem geração. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 5º n. 3—6 a n. 4—1, em sua descendencia.

§ 2º

2—2. Filippe de Campos Bicudo, baptizado na Parnahyba a 4 de Abril de 1673 ( filho do capitulo 3º ), casou com D. Margarida da Silva, filha de Salvador Jorge Velho, e de D. Margarida da Silva. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—2, a n. 4—1, em sua descendencia. (\* O autor escreveu n'este numero que este Filippe de Campos fôra o coronel do regimento que se formou na villa de Itú por ordem régia commettida ao conde de Sarzedas, que em pessoa fez expedir uma armada de canoas de guerra contra o gentio *Payaguás*, cujo successo referimos no cap. 5º

§ 3º como pertencente a outro Philippe de Campos Bicudo do dito §., no que temos alguma duvida. )

E teve tres filhos:

3—1. Francisco Xavier de Campos, falleceu solteiro.

3—2. Ignacio Jorge de Campos, falleceu solteiro.

3—3. Maria de Campos, casou com Francisco Xavier Paes, filho de João Gago Paes, cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Anna de Proença. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 9º n. 3—7.

E teve filho unico:

4—1. João Gago Paes de Campos, que existe solteiro. Falleceu solteiro.

§ 3º

2—3. Pedro Vaz de Campos, baptizado na Parnahyba a 5 de Novembro de 1674, foi tenente-coronel de Philippe de Campos Bicudo, do cap. 5º § 3º, seu primo co-irmão, por ser potentado em cabedães e armas, com que podia servir de muito na guerra do gentio *Payagud*, como se refere no dito § 3º. Foi casado com D. Escholastica de Oliveira Paes, filha de Francisco Paes de Oliveira, e de sua mulher D. Marianna Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—1, em sua descendencia.

E teve oito filhos:

3—1. Francisco Xavier de Campos, casou duas vezes; primeira em Itú com filha de Josepha Leite, irmã do padre Paulo de Anhaya, e segunda vez casou em Cuyabá com... filha de José de Oliveira Pedroso, e de sua mulher Josepha Leite. Neta por parte paterna do sargento-mór Antonio de Oliveira Pedroso e de D. Maria de Almeida. Em titulo de Cerqueiras, cap. 5º § 6º n. 3—2, e melhor em titulo de Almeida Castanhos, cap...

3—2. Manoel de Campos Bicudo, casou com D. Maria Fenix de Toledo, filha do capitão-mór D. João de Toledo Piza e Castelhanos. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.<sup>o</sup> § 10 n. 3—1, em sua descendencia.

3—3. Estanislão de Campos Paes, casou com D. Luzia do Rego, filha do capitão-mór João de Mello do Rego, e de D. Bernarda de Arruda. Em título de Botelhos Arrudas, cap. 2.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup>

3—4. Maximiano de Oliveira Paes, casou no Cuyabá com.... filha de José de Oliveira Pedroso, e de sua mulher Josepha Leite, irmã do padre Paulo de Anhaya Leite; os mesmos do numero retro 3—1.

3—5. Pedro Vaz de Campos, casou com Ursula Bueno da Camara, filha de José do Prado da Camara, e de Rosa Bueno de Camargo. Em título de Camargos.

3—6. José Paes de Campos, casou em Itú com Anna do Amaral, filha de José do Amaral Grugel, e de D. Escholastica de Arruda. Em título de Botelhos Arrudas, cap. 1.<sup>o</sup> § 10.

3—7. Bernardo José de Campos, casou com Isabel Bueno, filha de Simão Corrêa Moraes, e de sua mulher Anna Pinto, sem geração.

3—8. D. Luzia Leme de Barros, casou com Francisco Soares Medella, cidadão de S. Paulo, filho de Roque Soares Medella, sargento-mór das ordenanças, cidadão de S. Paulo, onde serviu muitas vezes os honrosos cargos da republica, e de juiz ordinario, e falleceu a 29 de Janeiro de 1742, e de sua mulher Anna de Barros, que falleceu em S. Paulo a 7 de Setembro de 1746. O sargento-mór Roque Soares foi natural da villa do Conde, filho de Luiz Soares Anvers, e de sua mulher Benta de Medella. Anna de Barros foi filha de...

§ 4º

2—4. Estanislão de Campos Bicudo, baptizado na Parahyba a 10 de Junho de 1677. Falleceu solteiro.

§ 5º

2—5. Manoel de Campos, foi clérigo do habito de S. Pedro.

§ 6º

2—6. D. Margarida de Campos, casou com o sargento-mór de batalha Domingos Jorge da Silva. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—2, com sete filhos que aqui se repetem.

3—1. Salvador Jorge Velho, capitão-mór da villa de Itú, vitalicio por patente régia, e existe casado com D. Genebra Maria Machado e Vasconcellos, filha de Manoel Machado de Oliveira Fagundes, e de sua mulher Anna das Neves Gil. Em titulo de Machados Fagundes, cap. . . § . . . E tem sete filhos que são :

4—1. Domingos Jorge Velho, capitão de infantaria auxiliar da villa de Itú.

4—2. Manoel Jorge Velho Machado.

4—3. D. Margarida Maria de Campos, que foi casada com Francisco de Campos Pires, filho de Mathias de Campos, e de Margarida da Silva de Moraes, e deixou dois filhos Salvador e Margarida.

4—4. D. Anna Gertrudes Maria das Neves.

4—5. D. Escholastica Francisca Xavier de Campos, está casada com Gonçalo de Arruda Leite, capitão de infantaria auxiliar de Itú por promoção de D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão em 1763, filho de Miguel de Arruda Botelho, e de Maria de Almeida Penteada. Em titulo de Arrudas.

4—6. D. Maria Luzia Leme de Barros.

4—7. D. Maria Paula de Campos.

3—2. José de Campos, casou com D. Maria do Rego, filha de Pedro de Mello e Sousa. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 2º § 10. Sem geração.

3—3. Domingos Jorge da Silva. Falleceu solteiro

3—4. Paschoal Leite Paes. » »

3—5. Manoel de Campos Bicudo. » »

3—6. Francisco Xavier de Campos. » »

3—7. D. Maria Theresa Isabel Paes, foi contratada para casar com o capitão-mór Fernando Dias Paes, filho primogenito do capitão-mór e guarda-mór geral das minas do ouro Garcia Rodrigues Paes. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º; e não teve effeito a consummação do matrimonio, porque mandando a sua procuração contrahente, por ella foi recebido, e vindo em marcha para S. Paulo falleceu antes de ver sua esposa. Esta casou muitos annos depois com Bartholoméo Bueno da Silva, natural da villa de Parnahyba, coronel da cavallaria auxiliar de minas de de villa Boa de Goyazes por patente régia, e senhor donatario em tres vidas sujeitas á lei mental, dos direitos dos rios do caminho de Goyazes, o Atibaya, Jaguary, Grande, das Velhas, e Corumbá, cujos rendimentos excedem cada anno a dois contos de réis; filho do capitão-mór descobridor e povoador das minas de Goyazes Bartholoméo Bueno da Silva, por alcunha Anhanguêra. Em titulo de Lemes, cap. 2º § 6º n. 3—3. e seg. n. 4—1.

§ 7º ultimo

2—7. Maria Pires Monteiro, falleceu solteira.

TOMO XXXIV, P. 1.

CAPITULO IV

1—4. Francisco de Campos, casou na Parnahyba a 14 de Novembro de 1677 com Marianna Cardoso, natural da freguezia de Nazareth, termo da cidade de S. Paulo, filho de Manoel Cardoso de Almeida e Catharina Rodrigues, natural de S. Paulo (Camara episcopal de S. Paulo, *generes* de Filippe de Campos, let. F. n. 10, anno de 1710) Em titulo de Prados, cap. 6º § 3º. 3—4. E teve seis filhos.

- 2—1 Mathias de Campos..... § 1º
- 2—2 Filippe de Campos..... § 2º
- 2—3 Francisco de Campos..... § 3º
- 2—4 Estanislão Cardoso de Campos. § 4º
- 2—5 Anna de Campos..... § 5º
- 2—6 Appolonia de Campos..... § 6º

§ 1º

2—1. Mathias de Campos, casou com Margarida da Silva e Moraes, filha de Balthazar de Lemos e Moraes, e de Isabel Pires de Medeiros, em titulo de Moraes. E teve seis filhos :

3—1. Francisco de Campos Pires, casou duas vezes : primeira com D. Margarida Maria de Campos, filha do capitão-mór Salvador Jorge Velho, do cap. 3º § 6º n.º 3—1. E teve dois filhos. Casou segunda vez com D. Maria de Campos, filha de Filippe de Campos Bicudo, do cap. 5º § 3º. E teve do primeiro matrimonio dois filhos :

4—1. Salvador.

4—2. D. Margarida.

3—2. Mathias de Campos, falleceu solteiro.

3—3. Marianna Cardose de Campos, casou com Amador Bueno de Camargo, filho de Francisco Bueno de Camargo, natural de Parnahyba, e de sua mulher Maria da Silva.



Em titulo de Camargos, cap. 7º § 2º n. 3—2. E teve dois filhos :

4—1. Francisco.

4—2. Bartholomeu.

3—4. Maria Bueno de Campos, casou com João Leite de Almeida, filho de Paschoal Leite Penteado, e de Maria de Almeida. Em titulo de Penteados, cap. . . § . . .

E teve filho unico :

4—3. José Joaquim Leite.

3—5. Margarida da Silva Campos, solteira.

3—6. Rita de Campos Bicudo, solteira.

§ 2º

2—2. O padre Filippe de Campos, ordenou-se de presbytero de S. Pedro em 1710, e occupou o peso de pastor de algumas igrejas, e falleceu na villa de Itú.

§ 3º

2—3. O padre Francisco de Campos, ordenou-se de presbytero de S. Pedro em 1716, em que obteve sentença de *genere*, cujos autos existem na camara episcopal de S. Paulo, let. F n. 14 : foi morador da villa de Itú.

§ 4º

2—4. Estanislão Cardoso de Campos: foi jesuita professo do 4º voto : tendo occupado alguns reitorados se passou para Roma.

§ 5º

2—5 Anna de Campos (\*).

§ 6º

2—6. Appolonia de Campos (filha ultima de Francisco de Campos, do cap. 4º pag. 19<sup>2</sup>), casou duas vezes: primeira

(\*) Faltta no manuscrito.

(Nota da redacção.)

com Domingos Machado Lima (irmão de Sebastião Machado de Lima) tenente-coronel, natural de Nazareth, e morador em Itú, onde falleceu com testamento a 22 de Agosto de 1726 (Resíduos da ouvidoria de S. Paulo, testamentos, let. D, o de Domingos Machado Lima) : filho de Sebastião Machado de Lima, e de sua mulher Catharina Ribeiro, que falleceu em S. Paulo em 1665. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, let. C. maço 1º o de Catharina Ribeiro). Casou segunda vez em Itú a 10 de Setembro de 1727 com Diogo de Castilho, filho de Diogo de Castilho, e de sua mulher Agostinha Rodrigues. E teve do primeiro matrimonio filho unico :

3 — » Sebastião Machado de Lima, capitão de infantaria da freguezia de Araritaguaba da ordenança da villa de Itú : está casado com Rita Pinto do Rego, filha de João do Prado da Camara e de Paula Pinto do Rego.

#### CAPITULO V

1 — 5. José de Campos Bicudo, nasceu na Parnahyba a 26 de Junho de 1657, e falleceu em Itú a 13 de Junho de 1731, testando 12:186§209. Casou duas vezes : primeira, com D. Ignez Monteiro (filha de Bento Pires Ribeiro, e D. Sebastiana Leite da Silva, irmã do governador Fernão Dias Paes). Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—9 ; segunda vez casou com D. Maria de Almeida a 5 de Abril de 1704, que era viuva do sargento-mór Antonio d'Oliveira Pedroso (Em titulo de Arrudas, cap. 2º), e filha de Lourenço Corrêa Ribeiro, e de sua mulher D. Maria Pereira. Em titulo de...

Do primeiro matrimonio com D. Ignez Monteiro teve nove filhos e cresceram só dois :

2—1 José de Campos Monteiro... § 1°

2—2 Margarida de Campos..... § 2°

Do segundo matrimonio com D. Maria de Almeida teve  
filho unico :

2—3 Filippe de Campos Bicudo.. § 3°

§ 1°

2—1. José de Campos Monteiro, casou na villa de Itú a 20 de Abril de 1726 com Archangela Paes de Campos, natural da mesma villa filha de João Paes Rodrigues e de Margarida Bicudo. Neta paterna de João Paes Rodrigues, e de Anna Maria Garcia. Em titulo de Betimk, cap... §... e bisneta de João Paes Rodrigues, e Suzana Rodrigues. E pela materna neta de Anna de Campos, do cap. 8° no § 4°. José de Campos Monteiro foi morador em Itú, onde falleceu em 1766, e republicano que muitas vezes serviu os honrosos cargos da republica. Em 1733 por patente passada a 10 de Agosto do dito anno o creou o conde de Sarzedas capitão de infantaria do regimento de Filippe de Campos Bicudo, seu irmão, para a guerra que se ia fazer ao gentio *Payaguay*, para o que foi José de Campos Monteiro com uma canôa armada em guerra com armas e gente á sua custa ( \* Isto melhor consta da dita patente, e uma certidão do sargento-mór Antonio de Moraes Navarro, que foi com este posto á dita guerra, passada a favor do capitão José de Campos Monteiro, os quaes papeis se acham avulsos no testamento que fez o autor.) E teve seis filhos.

3—1. Estanislão de Campos Monteiro, casou com Maria Martins, filha de Antonio Martins de Freitas, e de Maria de Lima Cardoso. Falleceu no Cuyabá sem geração

3—2. Antonio de Campos Monteiro, foi casado com Maria Leite, filha de Antonio Bicudo de Barros, e de D. Josepha de Arrada. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> n. 3—8. Falleceu em Itú e ahí teve duas filhas.

4—1. Ignacia Maria de Campos.

4—2. Anna de Campos.

3—3. Ignez Monteiro de Campos, foi casada com Francisco Xavier do Rego Cabral, filho de Manoel do Rego Cabral. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1.<sup>o</sup> § 5.<sup>o</sup> (\* Este Francisco Xavier do Rego Cabral estando juiz ordinario da villa de Itú em 1771 fez duas petições ao vigario da vara, para o parochio e o coadjutor da dita villa passarem certidão, a respeito dos filhos e netos do capitão José de Campos Monteiro que existiam, e da sua pobreza; os quaes juraram que existiam um unico filho Ignacio de Campos, e alguns netos em grande pobreza, assim tambem uns tres netos de Filippe de Campos Bicudo. Estas certidões se acham avulsas no titulo do autor).

3—4. Ignacio de Campos Pires, falleceu na povoação de Guaytemy.

3—5. José de Campos, falleceu solteiro.

3—6. Ignacio de Campos Monteiro, existe solteiro em Itú.

§ 2.<sup>o</sup>

2—2. D. Margarida de Campos, casou em Itú a 26 de Novembro de 1705, com Antonio Rodrigues Velho, natural de Coritiba, filho de Garcia Rodrigues Velho, natural de S. Paulo e morador de Parnaguá, e de Isabel Bicudo, natural de Itú. Neto por parte paterna de Garcia Rodrigues Velho (irmão inteiro de D. Maria Garcia, mulher do governador Fernão Dias Paes. Em titulo de Betimk, cap. 2.<sup>o</sup> Foi Antonio Rodrigues Velho capitão-mór da villa e minas

de Pitangui onde fez estabelecimento, e foi morador com fabrica grande de mineraes, e alli falleceu em 1766.

E teve nove filhos naturaes de Pitangui.

- 3—1. Garcia Rodrigues Velho.
- 3—2. José de Campos Monteiro.
- 3—3. Antonio Rodrigues Velho.
- 3—4. D. Gertrudes de Campos.
- 3—5. Gonçalo Rodrigues Velho.
- 3—6. D. Isabel Pires Monteiro.
- 3—7. D. Josepha de Campos Monteiro.
- 3—8. D. Anna de Campos.
- 3—9. Ignez de Campos Monteiro.

3—1. Garcia Rodrigues Velho, foi mandado por seus pais para a cidade de S. Paulo, com outro irmão José de Campos a estudar grammatica latina. Estudaram philosophia no curso do reverendo padre mestre Nicoláo Tavares, jesuita, e tomaram o gráo de mestre em artes, e se recolheram para a patria. O dito Garcia Rodrigues, estando habilitado com sentença *de genere*, e patrimonio para o estado clerical, falleceu antes de conseguir este feliz destino.

3—2. José de Campos Monteiro, depois de seguir os estudos em S. Paulo, como fica referido, casou no sertão e bispado da Bahia.

3—3. Antonio Rodrigues Velho, falleceu solteiro.

3—4. D. Gertrudes de Campos, casou na villa de Pitangui, com João Velloso de Carvalho capitão-mór da mesma villa por patente régia, natural de Villa Nova de Famelicão, filho de Thomé Velloso de Carvalho, e de Maria Velloso Rebello. E teve naturaes de Pitangui, dez filhos. (\* Casou segunda vez já em annos avançados, com João Pedro de Carvalho, capitão-mór actual de Pitangui, por patente régia).

- 4—1. Manoel Velloso de Carvalho.
- 4—2. Fr. José de Santa Maria Velloso.
- 4—3. D. Paschoa Velloso Rebello.
- 4—4. Gertrudes de Campos.
- 4—5. D. Maria Thereza Joaquina.
- 4—6. D. Antonia Velho de Campos.
- 4—7. D. Quitéria de Campos.
- 4—8. D. Izabel Pires de Campos.
- 4—9. D. Rosa Maria de Campos.

4—1. Manoel Velloso de Carvalho, foi sargento-mór da ordenança de Pitangui, onde casou com D. Anna Maria de Barros, natural da cidade da Bahia, que estava viuva do primeiro marido João da Rocha Gandavo, filha do capitão-mór Francisco de Barros, e de D. Antonia de... pessoa muito distincta.

4—2. Frei José de Santa Maria Velloso, tomou o habito de carmelita calçado no convento da cidade de Evora. Nós o tratámos em 1756, em que nos achámos na côrte de Lisboa, hospedado do liberal e magnanimo coração d'aquelle grande vassallo, e assás conhecido e applaudido o seu nome não só no Brasil, mas em todo o reino de Portugal, o sargento-mór João Fernandes de Oliveira, contratador dos diamantes do Serro do Frio ha muitos annos, e de sua mulher D. Isabel Pires Monteiro, a quem a innata caridade, a excellencia do animo, com o concurso das linhas do sangue em 4º gráo, foi um brioso estímulo para a grandeza com que fomos tratado todo o tempo que tivemos a honra da sua casa depois do dia do formidavel terremoto do 1º de Novembro de 1755, no qual ficaram reduzidas á cinzas as casas da nossa habitação ao pé do cemiterio de S. Francisco da cidade, com todos os moveis e dinheirº com que nos achavamos para seguir requerimentos pedindo o premio a relevantes serviços, até o dia 12 de Março

de 1757, em que sahi a tropa de que foi commandante para o Rio de Janeiro o capitão de mar e guerra Mendonça, e n'ella viemos embarcado. Esta expressão sirva de um pequeno reconhecimento da nossa gratidão áqueles nobres animos do sargento-mór João Fernandes de Oliveira e de sua consorte a Sra. D. Isabel Pires Monteiro, cujas felicidades augmente o céu para amparo d'aquelles que recebem o beneficio da sua hospitalidade. Falleceu no convento de Evora.

4—3. D. Paschoa Velloso Rebello, casou na matriz de Pitangui, e foi para S. Felix de Carlos Marinho, minas da capitania de Goyazes, com o sargento-mór Lopo Bernardo Rebello, que nas ditas minas tem sempre as redes do governo da republica com o caracter de juiz ordinario, como pessoa tão distincta e abundante de cabedaes, com fazenda de minas de ouro, em que occupa grande numero de escravos, e na mesma fundou uma excellente capella que tem bem ornada com perfeitas imagens, e paramentos ricos; filho de Francisco Rebello de Bouro, que foi alferes de infantaria em Pernambuco, e de sua mulher Maria Vieira de Bouro, senhora da casa da Possa em Villa Pouca de Lanhoso. Neto de Francisco Rebello de Bouro, capitão da ordenança no concelho de Vieira, freguezia de S. Payo de Eyravedra, e senhora da casa de Ameã, e de sua mulher Catharina Vieira Martins. Bisneto de Francisco Martins Ribeiro, senhor que foi da mesma casa de Ameã, e pessoa de muito respeito.

E teve tres filhos:

5—1. João Bernardo Vieira Rebello.

5—2. D. Maria Theresa Vieira.

5—3. D. Anna Raymundo de Campos.

4—4. D. Gertrudes de Campos, casou em Pitangui duas vezes: primeira com Pedro Fialho do Bego; segunda com



Antonio Dias Teixeira das Neves, capitão-mór da mesma villa por patente de Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general, que acabou conde de Bobadella, no Rio de Janeiro, com geral saudade de todo o Brasil.

Do primeiro matrimonio teve dois filhos.

5—1. João Fialho do Rego.

5—2. Antonia.

Do segundo matrimonio teve quatro :

5—3. D. Maria Magdalena da Cruz.

5—4. Antonio Dias.

5—5. José.

5—6. Luiz.

4—5. D. Maria Theresa Joaquina (filha de D. Gertrudes de Campos, e do capitão-mór João Velloso de Carvalho do n. 3—4), casou com João Cordeiro, sargento-mór da villa de Pintangui, natural da villa de Cintra do patriarchado de Lisboa. Falleceu em Pitangui; foi filho de Manoel Cordeiro, natural de Lisboa, que foi capitão de infantaria auxilliar, e occupou o posto de capitão do seu terço em Cintra, e seguiu a guerra no Alemtejo e na Praça de Cascaes; e de D. Maria Antunes Michaela, natural de Lisboa, de d'onde se passaram para Cintra, e foram senhores da quinta da Sanfanha no termo da mesma villa.

E teve oito filhos naturaes de Pitangui :

5—1. D. Rita Maria de S. José, casou em Pitangui com José Fernandes Valladares.

5—2. João Cordeiro de..... existe em 1784 na sua quinta de Sanfanha em companhia de uma tia, irmã de seu pai, por cuja morte fica elle senhor de tudo.

5—3. Pedro Nolasco Cordeiro de Campos.

5—4. D. Maria, falleceu de tenros annos.

5—5. Antonio Cordeiro de Campos.

5—6. Sebastião José Cordeiro de Campos.

5—7. José Joaquim Cordeiro.

5—8. Manoel Cordeiro de Campos.

4—6. D. Antonia Velho de Campos, casou com Antonio Velho Cabral, natural da ilha de S. Jorge (irmão de José Velho Cabral, presbytero secular, capellão da capella de Santo Amaro do Brumado, da freguezia de Santo Antonio de Santa Barbara em Minas-Geraes, em 1760), e procede da de S. Miguel, ou Santa Maria, da nobre familia dos Velhos Cabraes, que alli tiveram seu principio no seu famoso descobridor Fr. Gonçalo Velho Cabral, commendador do capello de Almural e senhor das villas das Pias, Bezelgas e Cardiga, etc., o que tudo temos mostrado em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º no brazão de armas alli copiado. E teve tres filhos:

5—1. Vicente de Campos Velho.

5—2. D. Anna de Campos.

5—3. Antonio Velho Cabral.

4—7. D. Quiteria de Campos, falleceu religiosa professa no mosteiro de S. Bento da cidade de Evora pelo rigor da sua penitente vida, e por isso com boa opinião de santidade.

4—8. D. Isabel Pires de Campos, falleceu religiosa no mesmo mosteiro.

4—9. D. Rosa Maria de Campos (filha ultima de D. Gertrudes de Campos, do n. 3—4), existe em 1784, tambem religiosa professa no mesmo mosteiro de S. Bento de Evora). Este venturoso estado conseguiram estas tres irmãs e seu irmão Fr. José o de religioso carmelita na mesma cidade, e uma prima co-irmã, D. Margarida de Campos, filha de D. Anna de Campos do n. 3—8 adiante, tambem o de religiosa do mesmo mosteiro, por terem vindo de sua patria na companhia de sua tia D. Isabel Pires Monteiro que com seu marido o sargento-mór João Fernandes

de Oliveira desembarcou na cidade de Lisboa no dia 24 de Agosto de 1751.

3—5. Gonçalo Pires de Campos, falleceu solteiro.

3—6. D. Isabel Pires Monteiro teve a sorte de ficar com os mesmos appellidos de sua terceira avó a matrona D. Ignez Monteiro, porque lhe herdou em tudo a grandeza do animo, ardor da caridade, liberalidade e affabilidade. Em titulo de Alvarengas, cap. 2º. Existe moradora na côrte de Lisboa, onde fez construir depois do anno de 1757 uma nôbre e famosa quinta, com magnifico palacio no sitio de Buenos-Ayres, na qual tem excellente pomar até de fructas do Brasil. O seu nome é bem conhecido não só n'aquella côrte, mas em todo o reino, principalmente na provincia do Minho, por onde transitou quando a sua cordeal devoção, sem attender ao excesso da despeza, passou no anno de 1756 a visitar o corpo do apostolo Santiago á Compostella, dispendendo n'esta romagem copiosa somma de moedas em esmolas a tanta pobreza que encontrou, acompanhada sempre do magnanimo e liberal beneplacito de seu marido o sargento-mór João Fernandes de Oliveira. Nós perdêmos o gosto de lhe fazermos companhia n'esta jornada, porque havia já seis mezes que curtiámos a grande enfermidade de um defluxo hepatico, e nos achavamos na convalescença d'esta molestia quando no mez de Junho teve effeito a dita jornada. Expressarmos o zelo, o amor e a grandeza com que fomos tratados no decurso de toda a enfermidade não acha o nosso reconhecimento palavras pelo temor de não ficarmos diminutos á tanta obrigação. (\* O autor se alarga em narrar os periodos da sua enfermidade, medicos que lhe assistiram, e o tratamento que teve, e finalmente o agasalho que achou n'aquella casa desde o 1º de Novembro de 1755 até 12 de Março de 1757, em que embarcou para o Brasil, no

mesmo tempo em que tambem embarcou Alexandre Luiz de Sousa e Menezes, que ia governar a praça de Santos). Casou D. Isabel Pires Monteiro duas vezes, primeira com Luiz de Cerqueira Brandão, cavalleiro professo da ordem de Christo, capitão-mór da villa de Pitangui, pessoa de muito grande respeito, senhor da Carunhanha, e de outras grandes e rendosas fazendas estendidas pelos rios Paraná e S. Francisco, cujos rendimentos passavam de vinte mil cruzados, *deductis expensis*, e facilmente chegaria ao dobro, se a morte não tirasse d'esta vida na flôr dos seus annos ao capitão-mór Luiz de Cerqueira Brandão, que foi no dia... de... de... Foi filho d'aquelle grande cavalleiro e mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão, natural de Ponte de Lima, capitão-mór da villa de Pitangui, e senhor da casa da Carunhanha, e de sua mulher D. Catharina de Siqueira e Mendonça, irmã direita do capitão-mór Manoel Affonso Gaya (Vide em titulo de Gayas, n. 1º cap. 4º § 6º), Miguel Gonçalves Figueira, João Gonçalves Figueira e Antonio Gonçalves Figueira, que foram senhores da maior parte das grossas fazendas de gados vaccuns e cavallares do sertão do Rio Verde de S. Francisco, Curraes da Bahia. Casou segunda vez com o sargento-mór João Fernandes de Oliveira. Sem geração. (\* Gomes Freire de Andrade, que protegia a João Fernandes, foi empenhado n'este casamento damnoso a D. Caetana Maria Brandão, unica herdeira da casa de seus pais).

\* D. Isabel Pires Monteiro existe n'este anno de 1784 em Lisboa em casas alugadas, labutando com renhidas demandas com os herdeiros de seu enteado o desembagador João Fernandes de Oliveira, depois de metter-se de posse dos bens que ficaram no casal por morte de seu marido João Fernandes de Oliveira, dos quaes tinha sido desapossada pela sentença dada contra ella e contra todo o direito a...

de Dezembro de 1772, e foi restituída pela sentença de revista dada por nove ministros a 26 de Junho de 1781 e tomou a posse a... de Setembro de 1783, retardada primeiro com embargos, sobre os quaes se deu a sobre sentença a 22 de Fevereiro de 1783, e depois pela razão de trabalhar-se em pôr fóra de ser juiz das causas e negocios da casa o desembargador dos aggravos José Fernandes Nunes, em cujo lugar finalmente foi nomeado pela rainha o desembargador Constantino Antonio Alves do Valle, tambem da supplicação, e até hoje se vê perseguida D. Isabel Pires por aquelle dito ministro, que teima em não querer despejar umas magnificas casas, pertencentes ao casal, onde assiste ha muitos annos por prego muito commodo, e para onde quer ir habitar dita D. Isabel Pires, que tem ido muitas vezes á presença da rainha, a qual significando-lhe estar o seu real animo disposto a favorecê-la não tem mandado proceder contra aquelle ministro, por ter este colorado as suas injustiças com dizer se lhe dever muitos contos de mil réis, o que deseja elle que se ponha em provas para a dilação, que deseja.

Tantos trabalhos, que tem padecido D. Isabel Pires Monteiro desde o fallecimento de seu marido João Fernandes de Oliveira ( que acabou os seus dias no de 7 de Setembro de 1770 ) provieram da ambição e do dolo com que este quiz prejudicar aos herdeiros d'ella, posto que o peso da consciencia fez emendar depois o erro. O caso foi que João Fernandes de Oliveira, passado um anno do seu casamento, fez lavrar uma escriptura sem sua mulher ser sabedora, e em cujo nome assignou um clérigo, por ella não saber ler nem escrever. Era uma escriptura dotal, pela qual declarava D. Isabel Pires que entrava para o casal com o prego das fazendas de gados, que segundo a sua avaliação, que era de trinta e quatro contos, ficava elle João Fernan-

des, a quem traspassava o dominio d'ellas, obrigado a dar o dito preço aos herdeiros d'ella no caso de fallecimento sem prole, ou morrendo elle primeiro sahira ella com aquella quantia, ficando o mais para os herdeiros d'elle dito João Fernandes, etc. Esta escriptura era nulla por direito por ser feita depois de contrahido o matrimonio, e tambem pela lesão enorme, quasi da metade, que havia na tal fantastica venda. Estando porém João Fernandes de Oliveira para dar contas a Deus, e sendo dirigido nos casos de consciencia por um sujeito tão sabio, qual é frei José do Menino Deus, hoje bispo de Vizeu, que teve a consolação de ver os effeitos da sua diligencia e de presenciar todos os signaes de um verdadeiro arrependimento, mandou vir tabellião e fez uma revocação e declaração de que aquella escriptura dotal fôra sem consentimento de sua mulher, etc.

Passado pouco tempo da morte de João Fernandes de Oliveira, veio do Brasil seu filho o desembargador João Fernandes de Oliveira, que tinha estado administrando o contrato dos diamantes, como socio de seu pai, e em cujo tempo teve o contrato um muito grande lucro. O immenso cabedal que se suppunha possuir o desembargador, e o saber elle distribuir com mão larga, fez com que conseguisse tudo que quiz contra sua madrastra. Esta recebeu do marquez de Pombal incriveis honras : mandou descrever os bens do casal por um escripturário, que se disse chegavam a perto de dois milhões ( pois João Fernandes era tido pelo vassallo mais rico de Portugal ); mandou por um decreto assistir-lhe com trezentos mil réis por mez enquanto não se justavam, ou faziam as partilhas, o que se faria quando chegasse seu enteado, etc. Porém não só o marquez, mas muito principalmente José de Seabra, amigo de cama e mesa do desembargador, protegeram muito a



este, que pediu ministros á sua satisfação, os quaes deram uma iniqua sentença, fazendo valida a primeira escriptura dotal, e dando de nenhum vigor a annullação, ou declaração posterior, porquanto, segundo uma attestação do marquez de Pombal, elle já estava como pateta por causa da sua molestia quando fez aquella declaração, não obstante attestarem tres medicos e um cirurgião o contrario, e os padres assistentes, e todos os que o viram n'aquelles ultimos dias: e querendo vir com embargos á sentença não foi admittida; e foi tal a sua consternação que, procurando por toda Lisboa letrado para a sua defesa, que respondesse no limitado tempo que se lhe concedeu, não achava nenhum, porque todos respeitavam a alta protecção da parte contraria, até que houve um, o qual, movido mais de piedade, do que de interesse, fez a defesa que se pretendia.

Desempossada de tudo, e sem esperanças de remedio, porque a julgaram por paga d'aquella porção com que entrou para o casal, pelos dotes que tinha feito a seus netos, e pelos profusos gastos que tinha feito durante o matrimonio, sahiu unicamente com algum fato do seu uso para a casa do seu neto Luiz de Sousa; e passados alguns mezes, estando ella na quinta da Sapataria do mesmo neto, em Setembro de 1773, foi conduzida por um ministro por ordem régia, até a recolher no convento de Via-longa, ... leguas distante de Lisboa, a cuja abbadessa foi muito recommendado o não deixar-se fallar com pessoas de fóra a D. Isabel Pires, a quem se mandava assistir com uma pequena mezada, que em pouco tempo se suspendeu.

Alli soffreu miserias, porque os seus a não podiam socorrer francamente, até a morte de el-rei D. José, que foi a 24 de Fevereiro de 1777, em cujo tempo sahiu do convento. Recorreu á rainha, que, admirada de tão grande



injustiça, mandou o desembargo do paço conceder a revista de nove ministros, cuja ultima sentença foi a. de Fevereiro de 1783. O desembargador João Fernandes já tinha fallecido a 21 de Dezembro de 1779; mas este com os seus procuradores puzeram todas as cousas tanto a seu geito, como quem preveniam o que havia de acontecer para o futuro, que, pensando D. Isabel que ia tomar posse de tudo que se descreveu no inventario, ou descrição dos bens, achou-se com menos da quarta parte dos bens, e esses com bem embaraços, para o que concorreu muito o desembargador José Fernandes Nunes, que tem uma grande ascendencia sobre o espirito do filho bastardo e herdeiro do desembargador João Fernandes de Oliveira. E até que se conclua o inventario, se pròvem que aquelles bens de que o herdeiro está de posse (que rendem muitos mil cruzados) são do casal, e finalmente se façam partilhas, e se ajustem as contas dos rendimentos, e das dividas, que elles cobraram, que foram muitas, passarão muitos annos. E se não se entregar essa grande somma, que se acha no erario na arca do contrato, talvez não cheguem os bens de João Fernandes, que existem, pela muita dissipação que tem havido, e isto principalmente se o cura da Lapa e os mais interessados conseguirem a confirmação do codicillo que fez o desembargador João Fernandes, pelos grandes legados de dinheiros que n'elle faz. \* D. Isabel Pires falleceu de apoplexia a 12 de Novembro de 1788.

Do matrimonio de D. Isabel Pires Monteiro com o capitão-mór Luiz de Cerqueira Brandão nasceu filha unica:

4— D. Caetana Maria Brandão, baptizou-se na capella de Nossa Senhora da Penha da villa de Pitangui a 13 de Janeiro de 1726. Livro de baptismos fl. 44v. Esta senhora como unica herdeira da casa de seus pais, foi pretendida

de muitos, que a pediam para esposa ; porém entre tantos teve lugar na eleição de seu pai Alexandre Luiz de Sousa e Menezes, em quem além das qualidades do sangue e do espirito, e figura insinuante, concorriam as circumstancias de ser pessoa por quem tanto se interessava Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e Minas, o qual de proposito tinha passado a Pitangui a ajustar aquelle casamento, appellidando ao pretendente seu parente, e manifestando ser primo direito de Alexandre Metello de Sousa Menezes, cujo nome se fez tão recommendavel no imperio da China pela embaixada que o levou a ella, e na côrte de Lisboa, onde existia conselheiro ultramarino até o anno de 1766, em que falleceu, e de quem era o mesmo Gomes Freire particular amigo ; e se celebrou o casamento na villa de Pitangui a 4 de Fevereiro de 1742. E' Alexandre Luiz de Sousa e Menezes natural de Marialva, na provincia da Beira, filho de Luiz de Sousa e Menezes, que foi capitão-mór da dita villa de Marialva, e de sua mulher D. ....

Passou Alexandre Luiz ao Brasil na frota de 1740 em praça de tenente de dragões das Minas-Geraes da companhia do capitão Domingos da Luz, que fallecendo, ficou o tenente provido na mesma companhia ; e com este posto passou ao reino de casa mudada, por acompanhar a sua sogra D. Isabel Pires, a cujo marido, o sargento-mór João Fernandes d'Oliveira, vendeu fiado todas as bellissimas fazendas de gados, que lhe tinham cabido pela legitima de sua mulher, depois da morte de seu sogro ; e tem mostrado a experiencia o erro que houve n'aquella venda, por muitas razões, e pela lesão quasi enorme que n'ella houve, pois foi pelo preço de...valendo ao menos mais um terço. Em Lisboa obteve patente de coronel sem corpo e passou na frota de 1757 para governador da praça de Santos, com

todo o governo militar das comarcas de S. Paulo e Parna-  
guá, por patente do Sr. rei D. José I de 9 de Janeiro de  
1757, e na camara da villa de Santos tomou posse na  
tarde do dia 29 de Junho do mesmo anno de 57. (El-rei D.  
João V pela resolução de 1748 extinguiu de S. Paulo o  
caracter de capitão-general, quando creou os novos gover-  
nadores da capitania do Matto-Grosso, e dos Goyazes, su-  
jeitando a antiga capitania de S. Paulo ao Rio de Janeiro.)

Para logo visitou o coronel governador Alexandre Luiz de  
Sousa e Menezes as fortalezas, e fez n'ellas prover o neces-  
sario de que as achou faltas; e na da Barra Grande, chamada  
de S. Amaro, achou que não podia a sua artilheria impedir  
desembarque a qualquer inimigo por uma eminencia le-  
vantada da praia chamada do Goes, que lhe servia de pa-  
drasto; e para evitar este futuro contingente fez levantar, e  
construir na dita eminencia um reducto triangular capaz de  
cavalgar algumas peças de artilheria. Foi continuando o seu  
governo com boa aceitação, e bom agasalhado dos soldados  
e officiaes d'aquelle presidio, até que por ordem do capi-  
tão-general do Rio de Janeiro, o Exm. conde de Bobadella,  
passou a S. Paulo a formar quatro companhias de 50 solda-  
dos paulistas cada uma, para a guarnição do Rio Pardo na  
comarca do Rio-Grande de S. Pedro do Sul; e sem oppressão  
dos moradores conseguiu esta recruta, que a fez embarcar  
no porto de Santos a demandar o de Santa Catharina. Fo-  
ram capitães das companhias: Simão de Toledo e Al-  
meida, da primeira e mais qualificada nobreza de S. Paulo;  
João de Siqueira Barbosa, tambem de conhecida nobreza;  
Miguel Pedroso Leite e André Pereira da Silva, que já era  
capitão da ordenança da freguezia de S. Amaro. Segunda  
vez voltou a S. Paulo, sahindo de Santos com accelerada  
resolução, e no mesmo ponto em que lhe chegaram as or-  
dens para com a necessaria cautela, vigilancia e segredo vir

pôr em cerco aos padres jesuitas d'este collegio, para cujo fim entrou na hora das 10 da noite, sem transpirar a sua vinda; e quando os padres sentiram os echos dos soldados pagos e da ordenança, já estava formado o cordão que cingia toda a cerca do dito collegio, e n'esta noite, como nas seguintes, sempre em pessoa rondava o mesmo governador todos os postos. Era a estação da maior força das aguas, que tinham posto a estrada de Santos impraticavel; de sorte que, anoitecendo antes que chegasse, porque a conducta dos padres era grande, ao porto do Cubatão, o coronel governador tomou este caminho a pé com o detrimento que qualquer deve considerar, descendo uma serra, que do cume até as fraldas tem uma légua de declive, toda de pedraria aspera, com lodos a que vulgarmente chamam caldeirões. Terceira vez subiu a S. Paulo por ordem do conde da Cunha, vico-rei do estado, com residencia no Rio de Janeiro, a formar quatro companhias de paulistas para o presidio do Rio Pardo; e supposto que os animos não estavam muito dispostos pelo conhecimento do primeiro engano que se praticou em materias de soldo com os soldados e officiaes da primeira recruta, venceu o coronel governador estes temores, segurando a certeza infallivel do soldo que haviam de perceber. Ao tempo de se achar prompto este corpo para embarcar, chegou em fins de Julho de 1763 D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão para governador e capitão-general da antiga capitania de S. Paulo. Estava ainda n'esta cidade o coronel governador, onde esperando as ordens, recebeu a que Sua Magestade lhe mandou por carta firmada do seu real punho de 17 de Janeiro de 1763, em que o havia por desobrigado da homenagem que nas suas reaes mãos fizera pelo governo da praça de Santos, tanto que D. Luiz tomasse posse do seu governo, a quem era servido Sua Magestade que

elle dêsse todas as noticias que lhe fossem necessarias. Logo baixou para a villa de Santos a avistar-se com o novo governador o qual, ou porque tivesse com effeito precisão de existir mais tempo n'aquella villa, ou porque achasse que valeria a posse tomada na camara d'aquella villa, supposto que Sua Magestade mandava que a tomasse na capital, que era a de S. Paulo, entrou logo a exercitar o seu governo na villa de Santos a 5 de Setembro de 1765, e para perceber os seus soldos mandou dar baixa nos do coronel governador, que todavia não se quiz dar por desobrigado da homenagem, até se não verificar a posse na camara de S. Paulo que foi a 7 de Abril de 1766, a que se deu nome de ratificação. E d'aqui se suscitou a duvida se se deviam os soldos ao dito coronel ou não, o qual instruido com documentos a respeito da injustiça, que suppunha se lhe tinha feito, embarcou para o Rio de Janeiro em fins do anno de 1766 e d'alli para a Bahia, d'onde passou a Lisboa com aquella grande despesa que o havia de obrigar uma viagem por escalas. (\* Alexandre Luiz não cuidou no requerimento de seus soldos quando chegou; e se cuida n'elles n'este anno da 1784, em que é difficil o mandar-se pagar pela razão de não se dever no erario ao morgado de Matheus, como n'aquelle tempo, em que se lhe havia de abater o que injustamente levou.) Em todo o tempo do seu governo, que passou de oito annos, não teve mais lucro, que o limitado soldo de tres mil cruzados, taxados aos governadores da praça de Santos, e com os mesmos, sem a menor ajuda de custo, fez sempre as passagens para S. Paulo, e residência n'esta cidade por tres vezes, dilatando-se em cada uma d'ellas muitos mezes; e sempre praticou dar mesa ao capitão de infantaria e officiaes que o acompanhavam. Observou a limpeza de mãos em tal grão, que esta vir-

tude não occultára a paixão mais allucinada. Foi muito affavel com os subditos por innata bondade, e tratava a todo o corpo do presidio com amor de pai, sem jámais alterar-se para romper com palavras menos prudentes : virtudes estas que o fizeram muito amado, e o farão ainda hoje appetecido.

(\* O coronel Alexandre Luiz...

3—7. D. Josepha de Campos (filha do capitão-mór Antonio Rodrigues Velho, do § 2º), casou com Antonio Ferreira da Silva, por cujo fallecimento casou com....

E teve do primeiro matrimonio tres filhos :

4—1. O Dr. Manoel Ferreira da Silva.

4—2. O padre Antonio Ferreira da Silva, presbytero secular.

4—3. João de Campos, que falleceu no noviciado do convento de.....

3—8. D. Anna de Campos Monteiro (filha do § 2º retro), casou duas vezes: primeira com Ignacio de Oliveira, natural da cidade da Bahia (de uma candura, e genio excellente); segunda com José Gonçalves de Siqueira, filho do capitão-mór Manoel Affonso Gaya (irmão de Miguel Gonçalves de Siqueira, Antonio Gonçalves, D. Catharina de Mendonça, mulher do mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão, etc.) E d'este segundo matrimonio houveram dois filhos cujos nomes vão em título de Gayas n. 2º cap. 4º § 2º n. 3—1.

Os filhos do primeiro matrimonio foram tres:

4—1. Antonio de Oliveira Campos.

4—2. Ignacio de Oliveira Campos.

4—3. D. Margarida de Campos. Freira no mosteiro de S. Bento, de Evora.

3—9. D. Ignez de Campos Monteiro (filha ultima do capitão-mór Antonio Rodrigues Velho), casou com Cae-



tano Cardoso de Almeida, coronel do sertão do Rio de S. Francisco, filho do mestre de campo Januario Cardoso de Almeida e de sua mulher D. .... sua prima co-irmã (irmã do capitão-mór Luiz Cerqueira Brandão), o qual Januario Cardoso era senhor do arraial e igreja chamada de Januario Cardoso no Rio de S. Francisco, para cuja sustentação tem a dita igreja seguro e rendoso patrimonio em varias fazendas de gados, que são da administração do filho primogenito da descendencia do fundador, e primeiro padroeiro dito mestre de campo. Em titulo de Gayas, n. 9 cap. 4º § 8º n. 3—1. A construção d'esta obra é de excellente architectura, formadas as paredes de tijolo e cal, com altura proporcionada ao corpo da igreja e sua capella-mór: é toda circulada de nobres tribunas, com altares collateraes, adornados de ricos paramentos, e banquetas com castiças de prata feitos á moderna, e da mesma fórma as lampadas. Esta obra serve de admiração aos viandantes, que seguem aquella estrada com o commercio, que gyra actualmente de numerosos comboios de escravos e fazendas suas (vem tudo da cidade da Bahia não só para a capitania de Minas-Geraes, mas tambem para a dos Goyazes), e a causa do reparo consiste pela distancia em que se acha estabelecido este arraial, que sem um grosso dispendio se não podia conseguir semelhante obra. E' tão grande o arraial de Januario Cardoso, que hem merecia o character de villa, porque o interesse do negocio faz conservar n'elle muitas casas de lojas de fazendas seccas e outras de viveres, além de muitos officiaes de artes fabris, o que tudo fórma maior augmento para a vista e para a communicção. Foi o mestre de campo Januario Cardoso verdadeiro imitador do espirito, ardor e zelo do seu defunto pai, o governador e conquistador dos barbaros indios, habita-



dores que foram d'aquelle vasto sertão, Mathias Cardoso de Almeida, natural de S. Paulo, em titulo de Prados, cap. 6º § 3º, que ensaiando-se dos annos da juventude para o serviço do rei e da patria, soube conseguir um nome, que o deixou estabelecido para a posteridade.

Estando muito recommendado pelo principe regente o Sr. D. Pedro II o descobrimento das esmeraldas, tão appetecidas, como já mais descobertas(1), e em cujo sertão havia fallecido Marcos de Azeredo, deixando um roteiro da jornada que seguira, figura da serra, e altura dos grãos d'este sitio no inculco sertão e reino dos barbaros gentios *Mappazós*, entrou na pretensão d'esta difficullosa empreza (por se não achar já pessoa alguma das que tinham acompanhado ao dito Marcos de Azeredo, que no mesmo sertão perdeu a vida com todos os do seu troço, e alguns, que escapando se recolheram á villa da Victoria da capitania do Espirito-Santo, de onde tinha sahido o dito Azeredo, eram tambem fallecidos) Affonso Furtado de Castro do Rio e Mendonça, governador geral do Estado do Brasil, pelos annos de 1674, em que chegou á Bahia, convidar a S. Paulo ao afamado Fernão Dias Paes, que ambicioso do real serviço se não escusou da conquista, como temos escripto em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—1. Mandou-lhe patente de governador da dita conquista, e da gente que levasse e a elle se unisse no mesmo sertão, datada na Bahia a 30 de Outubro de 1672. Era n'este triennio capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo Agostinho de Figueiredo, a quem o governador geral havia dado commissão com todos os seus poderes para fazer providenciar tudo quanto para esta desejada expedição entendesse necessario por evitar maio-

(1) Vide esta relação em titulo de Prados, cap. 6º §....

res demoras, supposta a grande distancia que ha da Bahia a S. Paulo por mar, e com a contingencia de ventos contrarios.

Reconhecendo o governador Fernão Dias Paes os grandes merecimentos de Mathias Cardoso de Almeida, que já n'este tempo tinha dado acreditadas mostras de valor e disciplina militar contra os barbaros gentios do sertão do Rio de S. Francisco o convidou para seu capitão-mór, e seu futuro successor no pretendido descobrimento e conquista; assim representou o mesmo governador a Agostinho de Figueiredo, que mandou para logo passar patente de capitão-mór ao capitão Mathias Cardoso de Almeida em 13 de Março de 1673 (Archivo da camara de S. Paulo, liv. de reg. n. 4º tit. 1664 pag. 99). N'ella se vê o contexto seguinte : «Levar por seu adjunto ao capitão Mathias Cardoso de Almeida por ter grande experiencia d'aquelle sertão, e gentios d'elle, onde havia feito jornadas de importancia, nas quaes procedêra com muito valor e boa disposição na conquista do gentio que tinha domado, ficando com elle poderoso para ter de encontro a outro qualquer que queira impedir a dita jornada, etc.» O effeito d'este descobrimento fica referido em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—1: tratando-se do governador Fernão Dias Paes, que, recolhendo-se para a patria tão avançado em annos como cheio de contentamento de haver conseguido o destino a que fôra enviado, falleceu no mesmo sertão pelos annos de 1681, quando já Cardoso se achava em S. Paulo em 1679.

Pouco descanso teve este, porque chegando a S. Paulo D. Rodrigo de Castel-Blanco em 1680, feito administrador geral das minas por patente do principe regente o Sr. D. Pedro II (com a mercê do officio de provedor e administrador geral das ditas minas de propriedade com

40\$ por mez, desde o dia que sahisse da Bahia para S. Paulo, além do soldo de 600\$ por anno e um padrão de 700\$ de juro herdade), datada em Lisboa a 29 de Novembro de 1677 ; foi preciso ao dito Castel-Blanco, para pôr em effeito a jornada do sertão do Sabarabuçu( hoje Sabará) valer-se de Mathias Cardoso de Almeida ; e porque o tenente-general Jorge Soares de Macedo, que do reino vinha acompanhando a Castel-Blanco por ordem régia, n'este mesmo tempo tinha passado com um soccorro de gente de guerra de S. Paulo para a Ilha de Santa Catharina a incorporar-se com o governador D. Manoel Lobo, que se achava construindo a fortaleza da povoação da nova Colonia do Sacramento, do que viéra já da côrte encarregado em 1678, e se achava na Colonia em 1680, para onde tinha embarcado em Dezembro de 1679, elegeu Castel-Blanco a Mathias Cardoso de Almeida, a quem passou patente de tenente-general, datada em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1681. E d'esta patente consta que dito Cardoso só tomára para si a honra do real serviço, indo com este posto para a jornada do sertão de Sabarabuçu, sem soldo algum, e á sua custa levando para ella sessenta negros seus para o trabalho. No arraial de S. Pedro, e matos de Parâûpéba, se achou o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, com D. Rodrigo de Castel-Blanco, já em 26 de Junho de 1681, quando Garcia Rodrigues Paes deu ao manifesto as pedras de esmeraldas, que o defunto seu pai o governador Fernão Dias Paes havia descoberto e extrahido da serra d'ellas no reino dos *Mappaxós*, no mesmo sitio, por onde andára Marcos de Azeredo, requerendo ao dito governador e administrador geral Castel-Blanco que as ditas pedras, que pezavam 128 oitavas, fossem remettidas a Sua Alteza. De tudo se lavrou termo, em que assignou Garcia Rodrigues Paes, com o gover-

nador e administrador, e o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, e do mesmo arraial de S. Pedro escreveu D. Rodrigo de Castel-Blanco aos officiaes da camara de S. Paulo pelo ajudante das ordens Francisco João da Cunha, com data de 18 de Julho do mesmo anno de 1681 (2), remettendo em um saquinho de chamalote as esmeraldas para serem enviadas á cidade do Rio de Janeiro ao syndicante João da Rocha Pitta, ausente ao governador da mesma cidade o mestre de campo Pedro Gomes.

Porém como D. Rodrigo de Castel-Blanco era um castelhano pataratão, que tinha passado a Portugal procurando o real serviço d'esta monarchia, inculcando-se um grande pratico no conhecimento dos metaes, e pedrarias finas, e mereceu os despachos de que temos feito menção; sabindo já do reino para a Bahia a descobrimento de minas no sertão de Tabayana, onde chegou em 1678 com as mercês de fóro de fidalgo, e habitos das tres ordens militares, para poder em nome de S. Alteza conferir aos paulistas e mais pessoas, que nos taes descobrimentos o acompanhassem, por alvará datado em Lisboa a 29 de Novembro do anno de 1677, e resolução de 12 de Maio em consulta do conselho ultramarino de 3 do dito mez do dito anno de 77, e nada conseguiu no sertão da Bahia, succedeu-lhe o mesmo no sertão de Sabarabuçu (estava esta gloria destinada, sem a menor despeza da real fazenda para os paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomêo de Siqueira, que em 1695 apresentaram as primeiras mostras de ouro ao governador Sebastião de Castro e Caldas, que se achava com o governo do Rio de Janeiro por morte de An-

(2) Archivo da Camara de S. Paulo, liv. de reg., tit. 1675 pag. 71 v. e pag. 139.

tonio Paes de Sande em o dito anno, como temos referido este descobrimento em titulo de Toledos, cap. 2º § 1º, tratando de Carlos Pedroso da Silveira), porque recolhido actualmente ao seu quartel (bem lhe podemos chamar quartel da saude), d'elle jámais fez a menor sahida a penetrar o sertão com o grande corpo de gente da sua conducta, querendo por este modo aproveitar-se do soldo que percebia cada anno de 600\$.

Reconhecendo o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida a inutilidade de D. Rodrigo, e a importantissima despeza que tinha feito o real erario, não só com soldos vencidos, ajudas de custo, mantimentos na Bahia, transportes, armas, polvora e bala, mantimentos em S. Paulo, conducção de cem indios a salario certo por mez, tudo á custa da fazenda real, e com um mineiro, de quem se acompanhava, chamado João Alves Coutinho, que vencia por mez 20\$ desde que sahira da Bahia, deu conta a Sua Alteza, que informado de toda a verdade mandou logo recolher ao reino ao dito D. Rodrigo de Castel-Blanco, por ordem datada em 23 de Dezembro de 1682, como melhor temos referido em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—1.

Grande, sem duvida, foi o ardor e zelo que teve do real serviço Mathias Cardoso de Almeida; por isso, vendo em S. Paulo que já D. Rodrigo vacillava sobre a entrada para o sertão de Sabarabuçú, tomando por escusa achar-se sem mineiro, pois João Alves Coutinho, a quem Sua Alteza tinha mandado dar para esta jornada, dizia que se achava cheio de achaques, velho e sem dentes para entrar para um sertão inculto sem sustento para seus annos, e a estas frivolas escusas acudiu Mathias Cardoso de Almeida, dizendo: Que elle acompanhava ao governador administrador geral D. Rodrigo, com sua pessoa, negros de seu serviço

e homens brancos á sua custa, só por fazer serviço a Sua Alteza, como já tinha feito na jornada do governador Fernão Dias Paes, sem em nenhuma d'estas diligencias fazer dispendio algum a Sua Alteza, assim de espingardas, pólvora, chumbo, como do mais que se leva para semelhantes diligencias; e para que de uma vez se acabasse com o desengano d'estas minas, requeria e representava a elles officiaes da camara, que em todos os casos fosse o mineiro João Alves Coutinho, e que lhe assistiria com todo o necessario sustento para sua pessoa; e que havia redes, e indios para o carregarem ás costas por todo o sertão, etc: que tudo se vê assim no livro das vereanças da camara de S. Paulo, titulo 1675, pag. 127.

Emquanto ao reino foi a conta, que se deu a Sua Alteza, e o dito senhor fez expedir a ordem de 23 de Dezembro de 1682, que temos referido, ao paulista Manoel de Borba Gatto, tomando-se de razões com D. Rodrigo, a quem accusava o engano, que fizera á Sua Alteza, mais zeloso do serviço do príncipe, do que catholico, o matou em Novembro do mesmo anno de 1682, no sitio do Sumidouro.

Depois d'esta grande jornada, recolhido Mathias Cardoso de Almeida para S. Paulo, sua patria, foram tão grandes as hostilidades do bravo gentio do sertão do Rio Grande, districto de Pernambuco, que El-rei D. Pedro mandou levantar um terço de paulistas, sendo d'elle mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida; assim se executou, e se formou o dito terço em S. Paulo, no anno de 1689, com o qual marchou a castigar o inimigo, penetrando com suas armas todo o sertão, e companhia do dito Rio Grande, onde conquistado o barbaro poder á força de repetidos encontros, passou o dito mestre de campo o rio Jaguariba, onde o gentio era muito formidavel em numero, e fazia repetidas hostilidades com grave damno dos moradores

do Ceará; e supposto que o terço recebeu a ferida de varios soldados mortos, foi tal a resolução do ataque, que o gentio experimentou um grande estrago. Em guerra effectiva se occuparam as armas paulistas debaixo do commando do seu mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, muitos annos; porque no de 1693 ainda durava a guerra, e em 25 de Abril de 1694 se retirou o mestre de campo tendo conseguido na campanha do Rio Grande obrigar ao inimigo gentio até entrar de paz.

Foi este sertão o theatro do valor de Mathias Cardoso de Almeida, cujas acções fizeram echo nos reaes ouvidos do Sr. D. Pedro, que lhe conferiu patente de governador da mesma guerra, para executar a seu arbitrio, sem subordinação ás ordens que n'esta materia davam os capitães generaes de Pernambuco, ou os geraes do Estado.

No Rio de S. Francisco fundou e estabeleceu copiosas e rendosas fazendas de gados vaccuns e cavallares, com as quaes segurou abundante patrimonio a seus herdeiros. Foi natural da cidade de S. Paulo, filho de Mathias Cardoso, natural da Ilha Terceira, que falleceu no sertão no anno de 1656, e de sua mulher Isabel Furtado, natural de S. Paulo da nobre familia dos Prados, que falleceu em S. Paulo, a 17 de Abril de 1683. Em titulo de Prados, cap. 6º § 3º n. 3—3. Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º de inventarios letra M, maço 2º letra I n. 31.

Do matrimonio de D. Ignez de Campos Monteiro com o coronel Caetano Cardoso de Almeida, do numero 3—9, retro, houve filhos, dos quaes temos noticia certa de quatro:

- 4—1. Caetano Cardoso de Almeida.
- 4—2. Francisco Cardoso de Almeida.
- 4—3. D. Maria Sancha de Campos.
- 4—4. José Thomaz.



§ 3º e último

2—3. Filippe de Campos Bicudo (filho do segundo matrimonio de José de Campos Bicudo com D. Maria de Almeida do cap. 5º pag. 200), casou na villa de Itú aos 12 de Março de 1728 com Isabel de Quadros, filha de Miguel de Arruda Sá, e de Maria de Almeida. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap.... § .... No anno de 1733 achando-se o conde de Sarzedas, governador e capitão-general de S. Paulo na villa de Itú, por ordem de Sua Magestade de 5 de Março de 1732, e resolução do mesmo senhor do 1º do dito mez tomada em consulta do conselho ultramarino, formou na dita villa um regimento para servir na guerra e conquista dos *Payagods*; e para coronel d'elle foi escolhido Filippe de Campos Bicudo, como pessoa em quem concorriam todas as boas qualidades conducentes ao grande empenho que havia para o bom exito d'esta empreza, para a qual tambem foi promovido a sargento-mór do dito regimento Antonio de Moraes Navarro, e para capitão de uma das companhias de infantaria José de Campos Monteiro, d'este cap. § 1º, a quem se passou patente em Itú a 10 de Agosto de 1733; e foi o cabo d'esta guerra Gabriel Antunes Maciel, e commandante de todo o exercito Manoel Rodrigues de Carvalho, tenente de mestre de campo general do governo da capitania de S. Paulo. Em pessoa foi a Itú, como já dissemos, o general conde de Sarzedas até fazer expedir as canoas e gente de guerra, No 1º de Agosto de 1734 sahiu do porto geral de Cuyabá, onde se achava parte da armada, o sargento-mór Antonio de Moraes Navarro, e no districto de Carandá se incorporou com o tenente de mestre de campo general Manoel Rodrigues de Carvalho, commandante da armada, a qual já formada completamente com todos os officiaes, e sol-

dados d'ella , seguiram viagem até o rio Paraguay , com todas as canôas de guerra, sem descobrirem vestígios do inimigo, até que foi este descoberto, e fugiu com accele-  
ração, deixando mais de sessenta canôas, que foram entre-  
gues ao fogo por ordem do commandante Carvalho. Escol-  
lhido sitio defensavel para acampar o corpo da bagagem,  
formar paioes para recolher e guardar os mantimentos,  
e deixando ficar as tres barcas, que se mandaram cons-  
truir na villã real de Cuyabá com artilheria e pedreiros, e  
com cento e cincoenta soldados armados, e por cabo d'este  
acampamento o coronel Innocencio Martins de Almeida,  
sahiu a tropa e corpo militar a demandar os alojamentos  
do inimigo *Payagod*, rio abaixo de Paraguay, seguindo-os  
pelo dito rio, onde sendo alcançados lhes tomaram as  
suas canôas de guerra e espias, cujos prisioneiros ser-  
viram de guia para darmos nos seus alojamentos, os  
quaes foram totalmente destruidos e arrasados, ficando  
prisioneiros mais de duzentos dos inimigos, resgatando-se  
do poder dos mesmos mais de vinte e tantas pessoas, que  
alli se achavam em prisão, e se lhe tomaram todas as  
canôas que nos seus portos se acharam. Triumpantes  
as nossas armas d'esta canalha barbara, que tantas mortes  
e roubos tinham commettido contra os que iam e vi-  
nham do Cuyabá, e que agora ficavam destruidos, se re-  
colheu o troço militar ao lugar do acampamento, onde  
tinha ficado o corpo de reserva dos cento e cincoenta sol-  
dados com a bagagem, seguiu a armada viagem para o  
Cuyabá, onde foi recebida com as demonstrações de  
alegria d'aquelles moradores (\*Tudo isto consta de uma  
attestação jurada), e tambem assignada pelo conde de  
Sarzedas, e o tenente de mestre de campo general), que  
passou o sargento-mór Antonio de Moraes Navarro a  
favor do capitão José de Campos Monteiro, que era do seu

regimento, a qual existe avulsa dentro do título que fez o autor) E teve oito filhos :

3—1. D. Rita de Campos, mulher de Antonio Pompêo, filho de José Pompêo Paes e de Francisca de Arruda.

3—2. José de Campos.

3—3. Miguel de Campos, jesuita, que foi para as Italias.

3—4. Estanisláo de Campos, casado com Antonia de Arruda, filha de Antonio Bicudo de Barros e de Josepha de Arruda.

3—5. Antonio de Campos, falleceu em Itú, onde foi casado com D. Rosa de Almeida, filha de Francisco de Almeida Lara Taques e de sua mulher..... Arruda, com trez filhos.

3—6. D. Maria de Campos, casada com Francisco de Campos, filho de Mathias de Campos e de sua mulher Margarida da Silva.

3—7. Ignacio de Campos.

3—8. Filippe de Campos.

#### CAPITULO VI

1—6. Bernardo de Campos Bicudo, casou duas vezes : primeira em Itú a 18 de Abril de 1689 com Benta Dias, natural de Itú, filha do capitão Balthasar de Godoy Bicudo e de Ignez Dias de Alvarenga. Falleceu o dito capitão Balthasar de Godoy na villa de Parnahyba a 8 de Novembro de 1718; natural da cidade de S. Paulo e filho de Nuno Bicudo de Mendonça, e de Antonia Preto (Cart. de orphãos de Parnahyba, Inv. l. B n. 506, o do capitão Balthasar de Godoy Bicudo); sua mulher Ignez Dias de Alvarenga, natural da Parnahyba, alli falleceu a 19 de Agosto de 1733, filha de Pedro Corrêa de Alva-

renga, e de sua mulher Benta Dias de Proença Varella. Esta Ignez Dias foi a fundadora do altar de Nossa Senhora da Conceição na igreja do mosteiro de S. Bento na dita villa de Parnahyba, para cujo patrimonio deixou da sua terça 400\$000 em dinheiro para se pôrem a juros, e dos redditos fazer-se annualmente a festa da Senhora; e para mais segurança deixou tambem 200\$000 em dinheiro, e um escravo por nome Adão, ao dito mosteiro (Orphãos de Parnahyba, inventario, letra I n. 576, o de Ignez Dias de Alvarenga). Benta Dias de Proença foi filha de Balthazar Fernandes. Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 1º § 4.º Em titulo de Godoys, cap. 2º § 1º n. 3—1.

Segunda vez casou dito Bernardo de Campos Bicudo, na villa de Pindamonhangaba, com D. Francisca Romeira da Silva, filha de João Corrêa Magalhães, da nobre casa e morgado de Sifans, na comarca de Lamego, a qual depois foi mulher de Martim Affonso de Mello. Em titulo de Bicudos, cap. 1º § 1º n. 3—2 (em sua descendencia). Foi morador e capitão em Pitangui. E

Do primeiro matrimonio teve dois filhos.

- |  |           |
|--|-----------|
| 2—1. Balthazar de Godoy Bicudo, presbytero<br>secular..... | § 1.º (3) |
| 2—2. Filipe de Campos, falleceu sem geração                | § 2.º     |

Do segundo matrimonio teve oito filhos.

- |  |       |
|--|-------|
| 2—3. João Romeiro de Campos, falleceu solteiro     | § 3.º |
| 2—4. Bento da Silva Campos, falleceu solteiro....  | § 4.º |
| 2—5. José de Campos da Silva, casou. Sem geração   | § 5.º |
| 2—6. D. Margarida de Campos .....                  | § 6.º |
| 2—7. D. Francisca Romeiro da Silva .....           | § 7.º |
| 2—8. D. Josepha Romeiro de Campos .....            | § 8.º |
| 2—9. D. Maria Romeiro de Campos .....              | § 9.º |
| 2—10. Escholastica Maria, que falleceu solteira .. | § 10. |

(3) Cam. Episc. de S. Paulo, maç. 4º da lei. B, anno de 1718.

§ 6º

2—6. D. Margarida de Campos, casou com João Ribeiro de Vasconcellos, e tiveram cinco filhos:

- 3—1. André.
- 3—2. Simão.
- 3—3. Victorino.
- 3—4. Maria.
- 3—5. Quiteria.

§ 7º

2—7. D. Francisca Romeiro da Silva, casou com Manoel Ferreira do Valle, capitão da ordenança de Pitangui, natural de Requião, arcebisado de Braga. E tiveram quatro filhos:

- 3—1. Maria.
- 3—2. Ignez.
- 3—3. Francisca.
- 3—4. Margarida.

§ 8º

2—8. D. Josepha Romeiro de Campos, casou com Manoel de Castro Ferreira na matriz de Pitangui, irmão dos Veigas, o capitão Domingos Ferreira da Veiga Castro, professo da ordem de Christo, naturaes da freguezia de S. Vicente de Penço, termo da cidade de Braga, os quaes Veigas foram bem conhecidos na côrte de Lisboa pelos seus cabedaes.

E teve naturaes de Pitangui tres filhos:

3—1. O padre João Romeiro da Silva, foi jesuita, e falleceu em Lisboa, em casa de seu tio, feito presbytero secular.

- 3—2. D. Catharina de Castro Ferreira.
- 3—3. D. Joanua Rosaura de Castro Ferreira.

Estas duas senhoras passaram de Pitangui na companhia de seus pais para Lisboa, e entraram religiosas no convento de Santa Clara da villa de Santarem, onde professaram. E no mesmo convento existe em habitos seculares, depois do fallecimento de seu marido, D. Josepha Romeiro de Campos, que tem a consolação de ver a sepultura do seu esposo, cujos ossos descansam dentro da capella-mór da mesma igreja, além do grande respeito e veneração com que é tratada de toda aquella religiosa communidade.

§ 9º

2—9. D. Maria Romeiro de Campos, casada com Lopo Bernardo Rebello, sem geração.

§ 10

2—10. Escholastica Maria, que falleceu solteira.

CAPITULO VII

1—7. Nuno de Campos Bicudo, natural de Itú, casou n'esta villa no 1º de Fevereiro de 1693 (liv. 1º de casamentos fl. 20) com Maria Pires da Silva, natural de S. João da Atibaya, filha de Antonio Pedroso de Barros, e de sua mulher Maria Leite de Proença, naturaes ambos de S. Paulo. Em titulo de Pedrosos de Barros, cap. 2º § 2º n. 3—1, ou em titulo de Taques, cap. 3º § 8º n. 3—1. E teve nascidos em Itú.

- |                                      |      |
|--------------------------------------|------|
| 2—1. Angelo Pires de Campos .....    | § 1º |
| 2—2. Filippe de Campos Leite .....   | § 2º |
| 2—3. Bernardo de Campos Bicudo ..... | § 3º |
| 2—4. Nuno de Campos Bicudo .....     | § 4º |
| 2—5. João Pires de Campos .....      | § 5º |

2-6. Isabel de Campos.....	§ 6º
2-7. Rosa de Campos.....	§ 7º
2-8. Anna de Campos.....	§ 8º

§§ 1º e 2º

2-1. Angelo Pires de Campos, falleceu solteiro.

2-2. Filippe de Campos Leite, casou com D. Jacintha de Sampaio, filha do capitão-mór Manoel de Sampaio Pacheco e de D. Veronica Dias Leite. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º § 4º n. 3-6. E teve tres filhos:

3-1. Antonio Pires.

3-2. Manoel Leite.

3-3. D. Maria Leite, mulher de Antonio do Amaral Grugel, filha de José do Amaral Grugel e de D. Escholastica de Arruda. Em titulo de Botelhos Arrudas, n. 1º cap. 4º § 2-10.

§ 3º

2-3. Bernardo de Campos Bicudo, casou com Maria Leite, filha de Francisco Gonçalves Leite, irmão do capitão Francisco Leite, da villa de Pindamonhangaba.

§ 4º

2-4. Nuno de Campos Bicudo, casou com Anna de Arruda, filha de Francisco de Arruda, e de Anna de Proença. Em titulo de Botelhos Arrudas, n. 2º cap. 1º § 2-11, com sua descendencia.

§ 5º

2-5. João Pires de Campos, levado só do indosculpavel appetite, e infeliz destino da sua sorte, esquecido das obrigações do seu nobre sangue, se desposou com uma mameluca, causando um geral luto de sentimento aos seus pa-



rentes, que, lamentando a injuria, lhe não poderam atalhar o damno.

§ 6º

2—6. D. Isabel de Campos, falleceu em Itú a 10 de Agosto de 1722, e o seu testamento existe no residuo da ouvidoria letra 1. Foi casada com Pedro Corrêa de Godoy, filho de Balthasar de Godoy Bicudo, e de Ignez Dias de Alvarenga, dos quaes já se tratou no cap. 6º retro. E teve cinco filhos :

3—1. Nuno de Campos, falleceu solteiro.

3—2. .... foi casada no Cuyabá com Antonio do Prado, natural de Santa Maria de S. Vicente onde foi capitão das ordenanças. Sem geração.

3—3. .... casou no Cuyabá com João Coelho da Fonseca natural de S. Vicente, filho do capitão José de Araujo Guimarães. Em titulo de Pedrosos Barros, cap. 6º § 1.º Em Barros n. 3—2.

3—4. João, e 3—5 Maria, falleceram meninos.

§ 7º

2—7. Rosa de Campos, casou com João Baptista Machado (filho de Manoel Machado Lima), que falleceu no Cuyabá, e ignoramos se deixou filhos.

§ 8º

2—8. Anna de Campos (filha ultima do Nuno de Campos), foi baptizada em S. Paulo a 4 de Agosto de 1653. Casou com José de Sá e Arruda, filho de José de Sá Arruda e de D. Maria de Araujo. Em titulo de Botelhos Arrudas, tit. 2º cap. 7º § 2—2. E teve duas filhas naturaes de Itú :

3—1. Anna de Campos, mulher de José do Amaral

Grugel, filho de José do Amaral Grugel, e D. Escholastica de Arruda Leite, dos quaes temos ja feito menção. Em titulo de Arrudas, cap. 1º § 4º n. 2—10.

3—2. N.

## CAPITULO VIII

1—8. Anna de Campos, falleceu em Itú com testamento a 24 de Agosto de 1713. Casou com Antonio Antunes Maciel (que segunda vez casou em Itú a 29 de Outubro de 1713), que falleceu em Itú com testamento a 13 de Outubro de 1725 (Resid. da ouvidoria de S. Paulo, letra A, testamentos de Anna de Campos e Antonio Antunes Maciel) filho de Gabriel Antunes Maciel, e de Messia Cardoso, (Camara episcopal de S. Paulo, *generes* I, maço 1, nº 41 de João Antunes Maciel). Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º

8º n. 3—4. E teve oito filhos naturaes de Parnahyba :

2—1. Gabriel Antunes Maciel .....	§ 1º
2—2. O Padre João Antunes Maciel.....	§ 2º
2—3. José Antunes Maciel.....	§ 3º
2—4. Margarida Bicudo .....	§ 4º
2—5. Rosa de Campos .....	§ 5º
2—6. Messia Cardoso de Campos.....	§ 6º
2—7. Maria Antunes .....	§ 7º
2—8. Filippe, falleceu solteiro .....	§ 8º

### § 4º

2—1. Gabriel Antunes Maciel. Acompanhou a seu tio Manoel de Campos Bicudo quando este por capitão-mór de uma tropa penetrou o sertão de Caãrapaguaçu acima da cidade da Assumpção do Paraguay; em cuja cadêa ficou preso Gabriel Antunes e mais oito paulistas, curtindo o rigor dos ferros nove annos. Este successo fica referido

no cap. 3º, e vide isto na *Historia do Paraguay*, em francez no anno de 1639 tomo 2º fl. 392. Casou Gabriel Antunes Maciel com Isabel Ribeira, natural de S. Paulo, filha do capitão Estevão Ortiz de Camargo, e de sua mulher Maria Cardoso, que falleceu a 18 de Julho de 1737; e elle falleceu a 27 de Março de 1731 (Orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, let. M. n. 42, e let. E, maço 1º n. 18), o qual Estevão Ortiz foi cidadão que sempre occupou os cargos da republica com bom tratamento, veneração e respeito, e foi morador no sitio de Nossa Senhora do O, onde possuiu os bens de fortuna com grande numero de gados vaccuns e cavallares. Em titulo de Camargos, cap. 8º § 2º Maria Cardoso foi filha de Francisco Xavier Pedroso e de Maria Cardoso. Em titulo de Moraes, cap. 3º § 1º n. 3—5.

§ 2º

2—2. João Antunes Maciel, presbytero secular, habilitado em 1710, mas casou-se.

§ 3º

2—3. José Antunes Maciel, casou com Maria Soares, filha de Paschoal Delgado Lobo, e de Isabel Cubas Ferreira, que foi filha do sargento-mór Antonio Soares Ferreira natural de S. Paulo, e o dito Paschoal Delgado foi filho de João de Anhaya de Almeida capitão-mór da villa de Itú, e de Isabel Delgado. Em titulo de Anhayas, cap...§...

E teve uma filha, que foi Rita de Campos, mulher de Francisco João Botelho, filho de Luiz Soares Botelho; existem moradores no Cuyabá.

§ 4º

2—4. Margarida Antunes Bicudo, baptizada em Parahyba a 20 de Novembro de 1676, casou em Itú a 11 de Setembro de 1695, com João Paes Rodrigues, natural de S. Paulo, filho de João Paes Rodrigues, natural de S. Paulo, e de Maria Rodrigues. E teve nove filhos :

3—1. João Paes Rodrigues.

3—2. Antonio Antunes Maciel, casou no Cuyabá com.....filha de Antonio Pedroso Borralho, e neto de João Borralho e de Maria Leme de Alvarenga, a qual falleceu em Itú a 19 de Dezembro de 1722, com testamento, que está na ouvidoria geral, let. 1.

3—3. Garcia Rodrigues Paes, casou com D. Gertrudes de Arruda, filha do mestre de campo Antonio de Almeida Falcão, e de sua mulher D. Gertrudes de Arruda. Em titulo de Arrudas, cap. 2º § 3º n. 2—4.

3—4. Anna de Campos, casou com Luiz Soares Paes. Sêm geração.

3—5. Archangela Paes de Campos, casou com José de Campos Monteiro, do cap. 5º § 1º

3—6. Maria Paes, casou com Pedro Dias Ferraz. Em titulo de Botelhos, cap. 1º § 4º n. 2. E teve dez filhos :

4—1. Manoel Dias Ferraz, casou com Maria Dias, filha de Francisco Gonçalves, natural de Vianna do Minho, e de sua mulher Maria Dias de Barros.

4—2. João Ferraz de Campos, casou com Rosa Maria Leite, filha de Francisco Gonçalves, e de Maria Dias de Barros, os mesmos supra.

4—3. Francisco Xavier Ferraz, casou com D. Maria Bicudo, filha de José de Arruda Sá, e de D. Escholastica Bicudo.

4—4. Antonio Ferraz.

4—5. Ignacio

TOMO XXXIV, P. I.

4—6. Maria Leite, foi casada com Filippe do Rego Castanho, e teve unico filho chamado Manoel do Rego.

4—7. Antonia de Arruda, casou com Francisco Paes, filho de Francisco de Godoy Moreira e de D. Barbara Paes.

4—8.....casada com Claudio de Godoy, filho dos supra.

4—9. Anna de Campos, casou com José de Sampaio Castanho, filho de André de Sampaio Botelho, e de D. Ignacia de Goes.

4—10. Margarida Bicudo.

3—7. Gertrudes Bicudo (filha de Margarida Antunes Bicudo do § 4º retro), casou com Pedro Dias Bicudo, filho de João Bicudo, e de Margarida Bicudo. E teve tres filhos :

4—1. Anna de Campos.

4—2. Manoel Dias Bicudo, casou com Faustina Aranha, filha de Xisto de Quadros e de Francisca de Godoy.

4—3. Maria Bicudo, casou com Antonio Pacheco da Silva, sargento-mór da ordenança da villa de Itú, filho de Manoel Pacheco Gatto, e de sua mulher.....

3—8. Josepha Paes de Campos, casou com João Bicudo de Campos, filho de João Bicudo, e de Margarida Bicudo. E teve quatro filhos, que foram :

4—1. Antonio Paes.

4—2. Miguel Paes.

4—3. Margarida Bicudo.

4—4. Francisco Bicudo de Campos, existe no Cuyabá.

3—9. Rosa de Campos.

#### § 5º

2—5. Rosa de Campos (filha de Anna de Campos, e Antonio Antunes Maciel, do cap. 8º, casou em Itú a 7 de Fevereiro de 1701 com Antonio Garcia Borba natural de

Santo Amaro, filho de Jorge Velho, e de sua mulher Maria de Borba, naturaes de S. Paulo.

E teve cinco filhos:

3—1. Anna de Campos, casou com Jozé de Barros, filho de Pedro Vaz de Barros e de D. Maria Leite de Mesquita, Em título de Mesquitas, cap. 12. E teve dois filhos, que falleceram no Cuyabá.

3—2. Maria de Borba, casou com José Corrêa Penteadó, filho de.....

E teve quatro filhos: José Correia Paes, e as mais femeas.

3—3. Custodia Paes, casou com Timotheo de Goes, filho de Lourenço Castanho de Araujo e de Anna de Arruda. Em título de Botelhos, cap. 1º § 1º n. 2—4.

3—4. Josepha de Borba, casou com José Pompêo Castanho, filho de Lourenço Castanho, e Anna de Arruda supra.

3—5. Maria Garcia, casada com Bento de Barros natural de Araçariguama, filho de José de Barros Bicudo, e D. Ignacia de Goes. Em título de Taques Pompêos, cap. 3º § 1º n. 3—8.

§ 6º

2—6. Messia Cardoso de Campos (filha de Anna de Campos, do cap. 8º), casou com Lourenço Cardoso de Negreiros, filho unico de Estevão Cardoso de Negreiros, natural da freguezia da Acuthia, que falleceu em Itú a 11 de Abril de 1719 (Ouvidoria de S. Paulo, maço de testamentos do residuo letra E), e de sua mulher Magdalena de Miranda, natural de S. Paulo. Neto por parte paterna de Lourenço Cardoso de Negreiros, natural da cidade de Lisboa, freguezia do Loreto, morador que foi na rua da Rosa das Partilhas, e de sua mulher D. Antonia Borges de Cerqueira, natural de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 25 de Agosto de 1629.

Em titulo de Cerqueiras, cap. 5º § 4.º E em titulo de Mirandas, cap. 8º § unico. E teve dois filhos naturaes de Itú :

3—1. Estevão Cardoso de Negreiros.

3—2. Antonio Cardoso de Campos.

3—1. Estevão Cardoso de Negreiros, tem occupado todos os cargos da republica da villa de Itú. Tem sido muitas vezes juiz ordinario, e por triennio juiz de orphãos, e sempre com grande aceitação nas correições dos corregedores. Casou com Maria de Almeida. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 3º § 6º n. 2—2.

3—2. Antonio Cardoso de Campos, passou para as minas de Goyazes, onde fez estabelecimento no arraial de Crixas de lavras mineraes, em que occupa numerosa escravatura. Tem excellente docilidade, muita honra e verdade. Vive com estimação, e igual respeito, muito attendido dos ministros que passam em correição, e não menos dos governadores generaes d'aquella capitania. Repetidas vezes tem tido sobre si o pesado jugo da republica, porque, como nos arraiaes de Crixas e do Pilar, que um do outro dista dez leguas, ou talvez mais, não ha conselho, servem os juizes ordinarios com jurisdicção para todas as providencias do bem publico.

2—7. Luiz Soares Ferreira, foi filho de Antonio Soares Ferreira, sargento-mór com 600\$ de soldo, conquistador dos *Tupinambás* no sertão da Bahia; recebeu honrosissima carta de Sr. Pedro II. com promessa de dois habitos de Christo.

3—1. Miguel Paes de Campos (que é o que me dá estas noticias em Cocaes com idade de 67 annos, rijo e cheio ainda de vivacidade, que nasceu a 21 de Setembro de 1718 em Itú: passou-se para Cuyabá em 1737, onde casou em Maio de 1753 com sua prima irmã (para o que alcançou dispensa de Roma, procurando a seu tio Pedro



Dias Paes Leme, em cuja companhia esteve á espera d'ella muitos annos no Rio de Janeiro), D. Antonia de Arruda de Campos (que ainda existe com a mesma idade do marido com avanço de dois mezes mais) filha de João Antunes Maciel, capitão na guerra dos *Payaguayes*, de que era chefe seu primo irmão o coronel Philippe de Campos, o qual João Antunes foi estudante, e é o do § 2º d'este cap. 8º, filho de Anna de Campos, e irmão por consequencia de Maria Antunes, mãe de Miguel Paes de Campos d'este numero. Foi capitão da leva das esmeraldas por patente de Gomes Freire de Andrade, quando a ella foi mandado Ignacio Dias Velho, irmão mais moço do guarda-mór general Pedro Dias Paes. No Cuyabá sempre teve estimação, e foi republicano; vive de minerar no seu sitio de Campo Verde do Ribeirão de Santo Antonio e tem tres filhos: D. Quitéria Paes de Arruda, D. Maria Garcia de Sá e Fernando Dias Paes Leme, todos solteiros. Miguel Paes, falleceu no seu sitio a.....  
E' capitão do dito arraial de Crixas, e juntamente guarda-mór da repartição das terras e aguas mineraes do mesmo arraial. Foi casado em a matriz da Villa-Boa de Goyazes com D. Quitéria Leite da Silva, natural da villa de Parahyba, filha de João Leite, da Silva Ortiz, descobridor e conquistador das minas dos Goyazes, e seu primeiro guarda-mór geral. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º no n. 3—6 ao n. 4—3, e d'elle ao n. 5—3 de João Leite da Silva Ortiz, com sua descendencia.

§ 7º

2—7. Maria Antunes (filha de Anna de Campos pag. 242), foi casada em Itú aos 5 de Novembro de 1707 com Antonio Soares Paes, filho de Luiz Soares Ferreira e de

D. Catharina Dias Paes, irmã do guarda-mór geral Garcia Rodrigues Paes. Em título de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3. E teve cinco filhos naturaes de Itú :

3—1. Miguel Paes de Campos, casou no Cuyabá com sua prima-irmã D. Antonia de Arruda de Campos, filha de João Antunes Maciel.

3—2. Antonio Soares Ferreira, morador em Goyazes, solteiro.

3—3. Hieronimo Soares, idem.

3—4. Catharina Dias Paes, casou em Villa-Boa com Manoel Lopes, natural da ilha de S. Miguel.

3—5. Margarida Soares, casou duas vezes : primeira com Paschoal Leite: deixou geração : segunda com José de Sousa, natural da Conceição dos Guarulhos, morador no sítio das Anhumas, caminho de Jundiáhy para a villa de Mogy-Mirim, estrada para Goyazes.

#### CAPITULO IX

1—9. Maria Bicudo de Campos, foi baptizada na Parnahyba aos 3 de Dezembro de 1664, e alli casou aos 6 de Maio de 1677 com Francisco Cardoso, natural da cidade de S. Paulo, filho de Manoel Cardoso de Almeida, terceiro padroeiro da igreja de Nossa Senhora da Luz, e de sua mulher Catharina Rodrigues. Em título de Carvoeiros, cap. 1º § 5º n. 3—3. E teve nove filhos, naturaes de Parnahyba.

2—1. Filippe Cardoso de Campos.....	2º 1º
2—2. Francisco Cardoso de Campos.....	2º 2º
2—3. Desiderio Cardoso.....	2º 3º
2—4. Angelo Cardoso.....	2º 4º
2—5. Estanisláo Cardoso de Campos.....	2º 5º

2—6. Maria de Campos .....	§ 6°
2—7. Anna de Campos .....	§ 7°
2—8. Catharina de Campos.....	§ 8°
2—9. Maria de Campos.....	§ 9°

§ 1°

2—1. Filippe Cardoso de Campos, viveu muito abastado em minas de Goyazes nas suas lavras mineraes no sitio do Ferreiro. Foi prodigo vendo-se em prosperidades da fortuna; e como não attendeu aos futuros contingentes pela variedade dos tempos acabou pobre, procurando com resignação catholica (depois de viuvo, e sem filhos para educar) servir a Nossa Senhora da Luz como legitimo neto do terceiro protector Manoel Cardoso de Almeida, tomando o habito de hermitão. Empossado dos moveis da capella da Senhora da Luz, entrou em obras, cercando aquelle sitio com muros, e fez casas para os romeiros, com uma horta, para a qual introduziu uma levada de agua para a regar, conduzida do Anhangababy, que banha o declivio da cidade de S. Paulo abaixo da cerca do convento dos religiosos de S. Francisco. Levantou o frontispicio da capella, e fez outras muitas obras, filhas do seu cordial affecto, zelo e acertos. Foi casado com Maria Bueno, filha do capitão João Pedroso Xavier, que falleceu a 14 de Agosto de 1707, e se lhe acabou a geração. (Orphãos de Parnahyba, Inv. n. 442, let. I.)

§ 2°

2—2. Francisco Cardoso de Campos, casou na villa de Itú aos 17 de Junbo de 1715, com Joanna de Almeida, natural da dita villa, filha do capitão Jordão Homem Albernaz, e de Joanna de Almeida, da nobre familia dos Anhays, e da de Jordão Homem Albernaz, que em 1645 governava a

villa de Ubatuba na marinha do Norte, como capitão-mór da dita villa, que ainda então era povoação. Em titulo de Anhayas. E teve filho unico Francisco Cardoso de Campos, que casou com.....filha de Raymundo de Godoy.

§ 3º e 4º

2—3. Desiderio Cardoso, ainda vive morador da villa de Jacarehy.

2—4. Angelo Cardoso de Campos, casou em Itú a 11 de Julho de 1723 com Apolonia Cabral de Tavora, filha de João Cabral e de sua mulher Maria Biendo. Sem geração.

§ 5º

2—5. Estanislão Cardoso de Campos, casou com Anna de Moraes, natural de Santo Amaro, filha de Balthasar de Borba Gatto, e de sua mulher Leonor de Lemos de Moraes. Em titulo de Moraes, cap. 2º § 3º n. 3—1 a n. 4—7. E teve uma filha que está casada com Ignacio da Rocha Pimentel, filho do capitão Bartholoméo da Rocha, e de Ursula Franca. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 2º n. 3—8 a n. 4—1.

§ 6º

2—6. Maria de Campos, nasceu na Parnahyba, em cuja matriz foi baptizada a 15 de Fevereiro de 1678. Casou duas vezes : primeira na matriz de S. Paulo a 11 de Junho de 1696 com Pedro Ortiz de Camargo, que, sendo paulista potentado pelo dominio que tinha de numero grande de arcos do gentio do sertão, já catholico, seguiu o partido da alteração, que houve em S. Paulo no anno de 1698, em que obrou varias insolencias com a vara de juiz ordinario que empunhava no dito anno. N'elle

acabou a vida, e o matou o tenente-general Gaspar de Godoy Colaço. No conceito de Arthur de Sá e Menezes foi caracterisado por homem regulo, sendo que este general soube fazer grande estimação dos paulistas benemeritos como se vê das vinte e cinco cartas, que o Sr. rei D. Pedro II escreveu no anno de 1699 aos vinte e cinco paulistas, dos quaes havia dado particular informação ao mesmo senhor(4) dito Arthur de Sá, e tambem lh'a deu sobre a alteração, que havia causado no povo de S. Paulo, e villas da capitania o augmento da moeda, e da morte do regulo Pedro de Camargo; como tudo se vê melhor da resposta que teve em carta firmada do real punho, e datada em Lisboa a 22 de Outubro do anno de 1698, que se acha registrada no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro tit. 1673 a fl. 196, na secretaria do conselho ultramarino. Com a morte de Pedro Ortiz de Camargo não houve successão. Em titulo de Camargos, cap. 1.<sup>o</sup> § 9.<sup>o</sup> Segunda vez casou Maria de Campos com o capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.<sup>o</sup> § 4.<sup>o</sup> com sua descendencia, no segundo matrimonio do dito capitão-mór.

§ 7.<sup>o</sup>

2—7. Anna de Campos, casou em Itú a 20 de Agosto de 1708 com Valerio de Siqueira Caldeira, filho de João de Siqueira Caldeira, e de sua mulher Maria Ribeiro naturaes de Nazareth. E teve um filho chamado João de Siqueira Caldeira, que falleceu solteiro.

§ 8.<sup>o</sup>

2—8. Catharina de Campos, casou em Itú a 20 de Ja-

(4) Secret. do conselho ultramarino, liv. de reg. das cart. do Rio de Janeiro, tit. 1673 fl. 198 e seg.

neiro de 1705 com o capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes, provedor dos reaes quintos nas minas do Cuyabá, natural de S. Paulo, irmão direito de Fr. Urbano Barbosa, religioso capucho, e de Catharina Barbosa, mulher de João Vidal de Siqueira, filhos de Francisco Barbosa Rebello, natural de Vianna (viuvo de Catharina Moniz da villa de S. Vicente), e de sua segunda mulher Francisca da Silva, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 24 de Maio de 1694 (Orphãos de S. Paulo, maço segundo de inv. let. F). Netos por parte paterna de Thomé Rebello Carneiro e de sua mulher Catharina Barbosa, naturaes de Vianna, como consta do testamento com que falleceu em S. Paulo Francisco Barbosa Rebello a 31 de Julho de 1685. E pela parte materna netos de Gonçalo Lopes, natural da villa de Sardoura do conselho de Paiva, freguezia de Santa Marinha, e de sua mulher Catharina da Silva, natural de S. Paulo, em cuja matriz havia casado a 3 de Junho de 1640, filho de Pedro Lopes, e de sua mulher Joanna da Costa; e bisnetos de Cosme da Silva, e de sua mulher Joanna Gonçalves, que foi irmã de Maria da Silva, mulher de Luiz Hyánes. Em título de Camargos, cap. 1.<sup>o</sup> § 2.<sup>o</sup> Este Paulista Jacintho Barbosa Lopes, estando com o pesado officio de provedor dos reaes quintos das minas do Cuyabá pelos annos de 1728, determinou Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general de S. Paulo (então se achava nas ditas minas, para onde tinha passado por ordem régia) que o ouro dos quintos que eram oito arrobas, introduzido em cunhetes de madeira grossa, chapeados de ferro, na fórma que se costuma para virem embarcados em canôa até o porto de Araritaguaba, se entregasse na cidade de S. Paulo ao provedor da casa da real fundição de ouro, que então era um Sebastião Fernandes do Rego, natural do reino de Portugal. A este se determinou que os taes

cunhetes se não abrissem, e que do mesmo modo em que sahiram do Cuyabá se remetterssem para o Rio de Janeiro para irem a El-rei na náó do comboi da frota.

§ 9º e ultimo

2—9. Maria de Campos, filha de Maria de Campos, e Francisco Cardoso, do cap. 9º), casou em Itú a 18 de Agosto de 1726 com Gaspar de Godoy Moreira, natural de S. Paulo, filho de Ignacio Moreira, e de sua mulher Catharina de Onhate. Em título de Hortas, cap. . .

CAPITULO X

1—10. D. Antonia de Campos, nasceu em Parnahyba a 29 de Março de 1660 e falleceu em Itú com testamento a 22 de Agosto de 1728. Casou com o sargento-mór João Falcão de Sousa, natural da ilha de S. Miguel, de nobreza conhecida, irmão de Ignacio de Sousa Falcão, o Morgado. Foi primo direito dos tres irmãos Arrudas, que casaram em S. Paulo na casa de Quadros. Em título de Botelhos Arrudas, cap. 1º 2º e 3.º E teve filha unica.

§ unico

2—1. D. Barbara de Sousa e Menezes, natural da villa de Itú, casou com Manoel de Sampaio Pacheco, natural da ilha de S. Miguel da villa da Ribeira Grande, e capitão-mór que foi da villa de Itú, onde falleceu em 1762, filho do capitão Manoel Pacheco Botelho, e de D. Maria de Arruda, ambos da villa da Ribeira Grande. Neto pela parte paterna de Sebastião Botelho da Fonseca, natural de Calhetas, e de Catharina de Viveyro, tambem de



Calhetas. E pela materno neto do capitão Nicoláo da Costa de Arruda, irmão dos tres Arrudas referidos no capitulo supra, e de sua mulher Ignez Tavares, da ilha de S. Miguel. E teve dois filhos :

3—1. Francisco Pacheco de Menezes.

3—2. D. Maria Pacheco de Menezes.

3—1. Francisco Pacheco de Menezes, casou tres vezes : primeira com D. . . . filha do tenente-coronel Antonio Borralho Pedroso, nas minas do Cuyabá, sem geração; segunda vez em ditas minas com D. . . . Flores Bonilha, sobrinha direita do capitão Salvador Martins Bonilha. Em titulo de Bonilhas, sem geração ; terceira vez casou no Mato Grosso na Villa Bella com D. Maria de Oliveira, natural de Itú, filha de. . . . .

3—2. D. Maria Pacheco de Menezes, falleceu em Itú em 1766 : foi casada com Antonio Ferraz de Arruda, nobre cidadão de Itú, onde actualmente tem as reideas do governo civil d'aquella republica e tem sido por duas vezes juiz de orphãos triennial com acreditada utilidade dos pupillos desamparados. Existe em 1767, bem afazendado no seu engenho de assucares, e capella de. . . . . com nove filhos naturaes de Itú. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º § 4º n. 2 -2, com sua descendencia.

## CAPITULO XI

1—11. Isabel de Campos, nasceu e baptizou-se em Parnahyba a 11 de Dezembro de 1661, e foi casada com Pedro Dias Leite, filho de Manoel Ferraz de Araujo, cidadão da cidade do Porto. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—8. E teve quatro filhos naturaes de Itú :

2—1. Theodosio Ferraz.....	§ 1º	falleceu solteiro.
2—2. Manoel Ferraz de Campos..	§ 2º	
2—3. José Ferraz.....	§ 3º	
2—4. Margarida Bicudo de Campos	§ 4º	

§ 2º

2—2. Manoel Ferraz de Campos, casou com Anna Ribeiro, filha de José Corrêa Penteado. Em título de Penteados, cap. 6º § 6.º E teve quatro filhos :

3—1. Maria de Campos, casou com seu parente Manoel Corrêa de Barros. Em título de Penteados, cap. 6º § 6.º E teve nove filhos :

4—1. José Manoel de Campos, casou na Acuthia com Paulina, filha do capitão Pedro da Rocha Machado. Em título de Camargos.

4—2. João Corrêa de Campos, casou na Acuthia com Helena Machado, filha do capitão Pedro da Rocha, supra.

4—3. Anna de Campos, casou em Penha de França com Manoel João de Athaide, natural de Parnahyba, filho de Manoel João de Athaide.

4—4. Agostinha Rodrigues de Barros, casou em S. Roque com Joaquim de Araujo Paes, filho de João Martins da Fonseca. Em título de Arrudas ou Lemes, L. 5.º

4—5. Estanislão de Campos, solteiro em 1773.

4—6. João Antonio, solteiro.

4—7. Maria Ferraz, casou na Penha com Bento de Camargo Paes, filho de Matheus Lopes de Camargo.

4—8. Francisco.

4—9. Salvador.

§ 3º

2—3. José Ferraz, foi jesuita na provincia da Bahia, onde tomou a roupeta. Este homem foi de marca maior

na subtiliza com que penetrou a sagrada theologia. As suas letras o elevaram tanto, que cahiu no desacordo de se constituir soberbo e ingrato ao doce leite com que se creára na companhia; porque, faltando-se-lhe com a cadeira de theologia na Bahia, para logo entrou a abandonar aquella rectidão de justiça distributiva com que esta religião costuma praticar os seus preceitos com os subditos, publicando que com elle se tinha alterado esta virtude, porquanto as cadeiras se devem conferir aos mais benemeritos em letras, e não em antiguidade de estudos. Intentou largar a roupeta; mas os jesuitas, conhecendo que em José Ferraz se ia creando o maior barrete da provincia do Brasil, lhe faziam repetidas rogativas com admiraveis e prudentes advertencias, lembrando-lhe a virtude da santa humildade, a honra da religião pelo seu illustre patriarcha, o desgosto dos seus nobres pais, a gloria da patria; e ultimamente que o defeito, que lavrava o primeiro descuido com a falta da cadeira n'aquella occasião, se emendaria com o mesmo contentamento com que todos lhe aspiravam o credito das suas letras. Enquanto se foi contendo pelas admoestações dos reverendos amigos chegaram as noticias a Roma, e não duvidou o reverendissimo padre geral honrar a José Ferraz com carta cheia de paternal benignidade, mandando se lhe conferisse a cadeira de prima no collegio da Bahia. Não bastou esta ternura e obsequio sem exemplo, para abrandar o genio aspero, ou desconfiado do padre José Ferraz, que, preocupado da sua teima e allucinação, largou a roupeta, e, como já era presbytero, veio para S. Paulo em habito de clérigo de S. Pedro. Não tardou muito o castigo, porque de repente ensurdeceu, de sorte que, ainda que aos ouvidos lhe disparassem uma peça de artilheria não ouvia este grande echo. Viveu

pobre, e acabou na miseria ; porque até por fim da carreira da triste vida cahiu no vicio de se embriagar com aguardente. Jaz sepultado na villa de Itú sem mais campa, que a saudade do seu nome, não pelo que foi, mas pelo que deixou de ser. Foi bem instruido na historia sacra e profana, á que se applicou por allivio da sua surdez. Nas humanidades foi eminente ; e na poesia latina transcendeu a todos os do seu tempo, e ainda até hoje sem igual. Davam-lhe o assumpto, e no mesmo ponto pegando na penna entregava para logo um epigramma de um até dois disticós, que serviam igualmente para o applauso, como para a estimação. Emfim do padre José Ferraz (o infeliz n'esta vida) todo o encarecimento será minuto louvor ao seu grande e elevado engenho.

§ 4\*

2—4. Margarida Bicudo Leite de Campos, casou em Itú a 12 de Janeiro de 1761, com João Bicudo, natural da Parnahyba (irmão do capitão-mór da Parnahyba José Bicudo de Brito), filho de Manoel Bicudo de Brito, e de sua mulher Thomasia de Almeida. Em titulo de Alvarengas, cap. 3º § 1º n. 3 — 2 a 4 — 2. E teve dois filhos :

3—1. Pedro Dias Bicudo.

3—2. João Bicudo de Campos.

3—1. Pedro Dias Bicudo, casou duas vezes : primeira com . . . filha de João Paes Rodrigues, sua prima segunda; segunda vez casou com. . . filha de José Pompêo de Almeida, filha do capitão-mór Thomé de Lara. Em titulo de Taques, cap. 3º § 3º n. 3—.

Do primeiro matrimonio teve :

4—1. Manoel Dias.

4—2. . . . . mulher do sargento-mór Antonio Pacheco da Silva, Em titulo de Borbas Gattos.

4—3. Anna de Campos, falleceu solteira.

Do segundo matrimonio :

4 4. Maria.

4—5. Theresa : falleceu solteira.

4—6. Isabel de Sampaio, solteira.

3—2. João Bicudo de Campos, casou em Itú com Josepha Paes de Campos, filha de João Paes Rodrigues, e de Margarida Antunes Bicudo, do cap. 8º § 2º n. 3—8, e alli com quatro filhos.

## CAPITULO XII (5)

1—12. Maria Bicudo de Campos, casou duas vezes, primeira com Mauricio Machado Barreto, natural de S. Paulo, na villa de Itú, aos 29 de Janeiro de 1688, filho de Manoel Machado e de sua mulher Cecilia Ribeiro, como consta no livro 1º dos casamentos da matriz de Itú. E segunda vez casou com Lourenço Corrêa Ribeiro. E teve :

Do primeiro matrimonio :

2—1. O padre Filippe Machado de Campos, habilitou-se em S. Paulo ; foi vigario da vara e igreja em Itú.

2—2. Cecilia Ribeiro de Campos, casou com Antonio Corrêa da Silva, natural de Itú, a 13 de Junho de 1706 (liv. 2º dos casamentos de Itú), filho de Antonio Corrêa da Silva, e de sua mulher Margarida Bernarda.

2—3. Maria de Campos, casou primeira vez com Salvador de Espinha Silva, natural do Rio de Janeiro e foram para o Cuyabá. Deixou geração.

(5) \*Este capitulo parece que o autor o fez em duvida pelas emendas, e variedade do nome do capitulo, e porque no principio do titulo diz que falleceu solteira e aqui porém casada com descendencia.

§ 4º

Do segundo matrimonio (\* Em duvida):

2—4. Lourenço Corrêa Ribeiro, casou com Rosa de Arruda. Em titulo de Arrudas, cap.... E teve:

3—1. Frei Salvador, capucho.

3—2. Lourenço Corrêa Ribeiro, casou em Sorocaba. Sem geração.

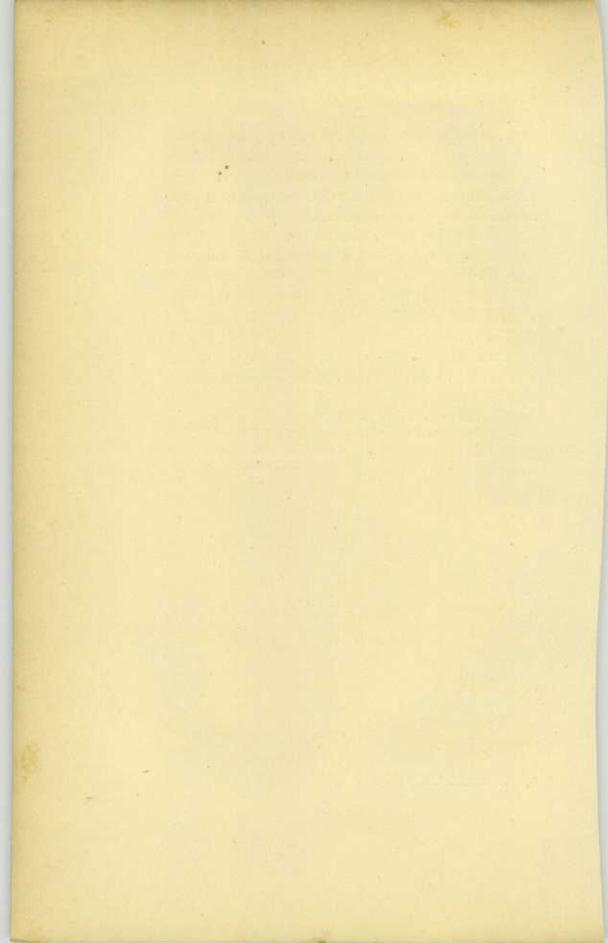
3—3. Anna Ribeiro de Araujo, casou com João Pires de Arruda, filha do capitão Pedro Taques Pires. Em titulo de Taques, cap. 3º §.

3—4. Maria de Arruda, casou com Francisco Mendes de Almeida, natural de Acuthia, filho de Luiz Mendes de Almeida. Deixou geração.

2—5. Pedro Corrêa de Campos. {

2—6. José Corrêa de Campos. } falleceram solteiros.

(Continúa)





# REVISTA TRIMENSAL

DO

## INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

---

3.<sup>o</sup> TRIMESTRE DE 1871

---

### NOBILIARCHIA PAULISTANA

#### GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada da 2.<sup>a</sup> trimestre, pag. 253)

Copia fiel do Titulo de — TOLEDOS PIZAS — que fez Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e que se acha em poder do Illm. Sr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. (\*)

A nobilissima qualidade dos Toledos Pizas, castelhanos da capitania de S. Paulo, é mais para ser conhecida pelos documentos que a acreditam, do que pela nossa informação que a patentêa. Quiz a sorte isentar-nos da participação d'este illustre sangue para não ficarmos suspeitos na publicação d'elle. Em nosso poder tivemos um volume de originaes documentos pertencentes a D. Simão de Toledo Piza, que foi em S. Paulo o tronco da familia do seu ap-

(\*) As notas que levarem este signal (\*), são do copiador em 1783.

pellido. E porque estes papeis eram certidões de varios officiaes, com os quaes tinha militado o dito D. Simão de Toledo Piza, e seu pai, o sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, alvarás de mercês de el-rei Philippe de Castella; com consentimento do herdeiro o R. Dr. Antonio de Toledo Lara, que hoje é dignissimo conego da cathedral da cidade de S. Paulo, levámos todo o processo em nossa companhia para Lisboa no anno de 1755, com o destino de se fazer por elles em Castella instrumentos de *puritate et nobilitate probanda*, para assim se manifestar sem a menor duvida a alta qualidade do progenitor d'esta familia, na capitania de S. Paulo, D. Simão de Toledo Piza. A sorte porém não permittiu se conseguisse este acertado intento, porque, chegando nós a Lisboa em Setembro do mesmo anno de 1755, succedeu no 1º de Novembro o formidavel terremoto, que destruiu aquella grande cidade em o limitado espaço de tres minutos, seguindo-se logo um incendio, que ateando-se na maior parte das casas, entre ellas se abrazaram as da nossa assistencia junto á igreja e collegiada de Nossa Senhora dos Martyres, reduzindo-se á cinzas todos os moveis, que n'ella tinhamos, sem escapar nem ainda o dinheiro, que tambem se consumiu debaixo das mesmas ruinas d'aquella morada, e suas annexas. Com este infeliz acontecimento perderam os Toledos de S. Paulo os excellentes papeis que lhes acreditavam a qualidade de seu nobilissimo sangue; porém ainda a advertida cautela do seu primeiro possuidor D. Simão de Toledo Piza deixou o remedio contra este damno; porque no cartorio da vedoria de guerra da Ilha Terceira, cidade de Angra, se acham todos os documentos registrados. Por elles sabemos com total certeza a origem de D. Simão de Toledo Piza, que é a seguinte.

Da illustrissima casa dos condes de Oropeja e duques de Alva de Tormes foi legitimo descendente, sem quebra de

bastardia D. João de Toledo Piza, que nasceu na villa de Alva de Tormes, e casou na côrte de Madrid com D. Anna de Castelhanos. D'este matrimonio nasceu—

D. Simão de Toledo Piza, que, seguindo o real serviço, se achou em posto de capitão, militando com D. João de Austria na celebre batalha naval de Lepanto contra o turco no anno de 1571, em que foram mettidas ao fundo duzentas galeras ottomanas, e pereceram vinte e cinco mil turcos, e foram postos em liberdade outros tantos escravos christãos. Tudo melhor consta da *Vida de Alexandre Farnezi*, príncipe de Parma, que se achou presente n'esta batalha, governando as armas de Castella. Do posto de capitão passou o dito D. Simão de Toledo Piza ao de sargento-mór, com cujo character embarcou na armada com o general d'ella D. Alvaro Bazan, marquez de Santa Cruz, no anno de 1583 contra Monsieur de Chatres, cavalleiro de Malta, que a favor do Sr. D. Antonio Prior do Crato se achava sustentando o partido dos moradores da Ilha Terceira, que seguiam a voz do dito Sr. D. Antonio, que acclamando-se rei de Portugal na villa de Santarem a 24 de Junho de 1580, foi roto e desbaratado por um corpo de vinte mil homens de tropas veteranas de el-rei Philippe II de Castella, que governava o general D. Fernando Alvares de Toledo duque de Aliva de Tormes; e posto em fugida no dia 26 de Agosto se retirou a França, de onde conseguiu o soccorro para sustentar as ilhas no seu partido, que trouxe áquelles mares Monsieur de Chatres, que desbaratados ficaram os ilhéos dando obediencia a Castella. N'esta batalha naval, que durou cinco horas de activo e violento fogo, perdeu um olho o sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, com cuja enfermidade ficou em terra na cidade de Angra. N'ella casou depois com D. Gracia da Fonseca Rodovalho, irmã direita do deão d'aquella sé chamado o Rabãoço, que insti.

tuíu o morgado no Pico Redondo; eram filhos de Vasco Fernandes Rodovalho, porque trazem os appellidos de Ozorios, Fonsecas e Alfáros. El-Rei o aposentou com o mesmo soldo, que tinha do posto de sargento-mór, accrescentando-lhe por nova mercê mais duzentos cruzados cada um anno. A provisão régia d'esta graça, nós a lêmos, e se acha registrada na vedoria geral da Ilha Terceira.

A quinta ou morgado sito no Pico Redondo, possuiu D. Pedro de Lombreiros, que deixou ao padre Lucas Garcia, e por sua morte foi arrematada em 1:600\$. (Talvez foi esta venda pelos annos de 1710 até 1712.) E foi avisado por este mesmo tempo meu avô João de Toledo, a quem pertencia tambem 4\$000 de fóro nas casas de Antonio da Fonseca Carvão. O dito morgado com uma pensão de 500 réis para um nocturno na Sé. O padre D. Pedro, primo de meu tio, dispóz de tudo, cuidando não havia herdeiros.

Teve o sargento-mór D. Simão de Toledo do seu matrimonio com D. Gracia da Fonseca Rodovalho quatro filhos; dois varões e duas fêmeas. El-Rei de Castella mandou ir estas duas senhoras para Madrid, onde as fez recolher em um mosteiro, com grande tença á cada uma d'ellas. Aos dois varões, que eram D. Gabriel de Toledo e D. Simão de Toledo, fez a cada um mercê de uma praça ordinaria de soldado na Ilha Terceira, e diz o alvará d'esta graça, *ibi* :

« E attendendo ao seu illustre sangue: Hei por bem fazer mercê aos ditos D. Gabriel e D. Simão, filhos do sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, a cada um de uma praça ordinaria com tres escudos de mais, além da praça ordinaria, até terem idade de tomar armas, etc. »

D. Gabriel, seguindo o real serviço, se passou a Madrid por alvará que para isso teve de El-Rei Filippe. D. Simão continuou o serviço na mesma patria. Chegou ao posto de

capitão de infantaria e passou á côrte de Madrid, d'ella sahiu despachado, e voltou para a Ilha Terceira sua patria. O que n'ella lhe aconteceu, ignoramos; porém, pela expressão que fez no testamento com que falleceu em S. Paulo em 1668, discorremos que teve revêz de fortuna; porque diz, *ibi*:

« Declaro que sou natural da Ilha Terceira, cidade de Angra, filho legitimo e de legitimo matrimonio do Sr. sargento-môr D. Simão de Toledo Piza e da Sra. D. Gracia da Fonseca Rodovalho, cujas qualidades não declaro, porque sendo minha patria tão perto quem se importar saber, procure.

« Idem, declaro que, vindo de Madrid despachado com os alvarás, que se acham na provedoria da fazenda, por secretos juizos do meu destino, fui preso no castello, de d'onde fugi, e vim dar a esta villa de S. Paulo, onde casei, e sempre cuidei em me não dar a conhecer, consentindo que o morgado, que por morte de minha mãe passava a mim, o tenha desfrutado, e se ache de posse d'elle, meu primo D. Pedro de Lombreiros, conego da sé de Angra, cujas cartas estão no meu contador com todos os mais papeis meus, e de meu pai e irmãos. Meu filho João de Toledo, habilitando-se por meu filho, irá á minha patria para tomar posse do morgado, que lhe pertence; cobrar da fazenda real o que consta das provisões que lá se acham em processo, e tambem a minha legitima materna, que ficou em casas de sobrado. »

D'estas expressões inferimos, que algum accidente do tempo pôz em desordem a sorte de D. Simão de Toledo, e o obrigou a fugir da patria, e do castello em que se achava preso. Do anno, em que passou para a capitania de S. Vicente e veio para S. Paulo, não descobrimos documento algum, que nos informe d'esta época; sabemos só, que na matriz de S. Paulo, em 12 de Fevereiro de 1640, casou com

D. Maria Pedroso, filha de Sebastião Fernandes Corrêa, 1.<sup>o</sup> provedor proprietário, e contador da fazenda real da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e de sua mulher D. Anna Ribeira. Em título de Freitas, cap. 2.<sup>o</sup> § 6.<sup>o</sup> E na camara episcopal de S. Paulo nos autos *de genere* de João de Toledo Castelhanos, processados em 1658, prova-se bem a qualidade de Sebastião de Freitas, sogro de Sebastião Fernandes Corrêa, aqui nomeado; e também se prova bem a nobre qualidade de sangue, e os empregos que teve na Ilha Terceira, onde foi governador muitos annos do castello de S. Filippe, o dito sargento-mór D. Simão de Toledo Piza e seu filho D. Simão, de quem foi filho o dito D. João de Toledo Castelhanos.

D. Simão de Toledo Piza foi cidadão de S. Paulo, onde teve sempre o primeiro voto no governo da republica. Os seus merecimentos lhe adquiriram a mercê da propriedade de juiz de orphãos de S. Paulo (1) que exercitou (com os acertos, que se reconhecem nos inventarios e partilhas dos orphãos, que residem no cartorio) até 24 de Abril de 1661 em que lhe succedeu Antonio Raposo da Silveira, a quem o donatario da capitania marquez de Cascaes, D. Alvaro Pires de Castro e Sousa fez mercê da propriedade d'este officio por provisão datada no castello de S. Jorge de Lisboa no 1.<sup>o</sup> dia de Agosto de 1660, e tomou o dito Silveira posse d'este officio na camara de S. Paulo a 24 de Abril de 1661 (2). N'esta provisão diz o marquez donatario, que elle tinha feito mercê d'este officio a D. Simão de Toledo Piza de propriedade; porém que, tendo commettido crime

(1) Archivo da camara de S. Paulo, no caderno de registros, titulo 1643, pag. 5 v.

(2) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registro, titulo 1658 pag. 129.

de desafio contra o ouvidor da capitania d'elle marquez, e concorria tambem ser o dito D. Simão oriundo de Castella, que o inhabilitava para officios no reino de Portugal; que por estas causas fazia mercê d'este officio de juiz de orphãos da sua villa de S. Paulo a Antonio Raposo da Silveira, casado e morador na dita villa, e com as partes necessarias, e haver com muita satisfação servido ao rei no Estado da India, e do Brasil, para o servir, ou para a pessoa que casasse com filha sua, levando em dote o sobredito officio de juiz de orphãos da villa de S. Paulo, etc.

Foi tambem ouvidor da capitania, e tomou posse d'este pesado cargo a 16 de Julho de 1666. Dos seus serviços obrados pelo rei e pela republica consta no archivo da camara de S. Paulo, no livro n. 4 titulo 1664 pag. 30 v., pela certidão, que em 3 de Julho de 1666 lhe passaram os officiaes da camara de S. Paulo, cujo teor é o seguinte: « Os officiaes da camara, que servimos este presente anno, juizes, vereadores e procuradores do conselho, juntos em vereação certificamos, e é verdade, que conhecemos a D. Simão de Toledo, natural da cidade de Angra, Ilha Terceira, ser casado n'esta villa ha melhor de 27 annos, dentro dos quaes tem servido todos os cargos honrosos da republica, sendo procurador geral d'estas capitancias, e haver sido 19 annos juiz de orphãos e vereador, e as mais vezes eleito procurador d'esta villa, descendo d'ella a de S. Vicente a ajustar a finta geral com dispendio de sua fazenda. Por sua muita capacidade, prudencia e entendimento foi eleito juiz ordinario, com o qual cargo fez particular serviço a Sua Magestade, ajudando em tudo ao ouvidor geral Sebastião Cardoso de S. Payo, tanto em comboiar a elle e aos seus mineiros e aos do cunho real a esta villa, como em prender aos homisiados, e mandal-os levar á villa de Santos, ajudando a romper a casa forte, vindo d'ella a esta villa a enviar mantimen-



tos e munições ás justiças para sujeitarem os criminosos, e no mesmo tempo trabalhando na cobrança do donativo geral, sendo muito zeloso do serviço de Sua Magestade e do bem commum, quieto, pacifico e fóra de todas as dissensões que ha succedido, sem nunca se achar n'ellas, mas antes ser um dos que principalmente tratava da paz. E sabemos que em todas as occasiões de rebate tem acudido com sua pessoa e gente do seu serviço á sua custa á villa de Santos, e nas occasiões, que da cidade da Bahia se pediram mantimentos, elle, além do que de sua casa dava, applicava aos mais moradores a que fizessem o mesmo, etc.»

Tambem no cartorio da provedoria da fazenda real, no livro de registros das sesmarias n. 9, titulo 1638 pag. 106 v. consta que D. Simão de Toledo Piza havia servido a Sua Magestade assim nas armadas, como nos presidios, o que mostrava pelas suas certidões e fés de officios e alvarás régios, quando o dito Toledo fez de tudo relação representando que era morador na villa de S. Paulo e casado n'ella, pedindo de sesmaria uma legua de terra para suas lavouras.

Teve D. Simão de Toledo Piza do seu matrimonio quatro filhos nascidos em S. Paulo, que foram Sebastião, que voou para o céo, tendo sido baptizado a 25 de Novembro de 1640, e

João de Toledo Castelhanos.....Cap. 1.  
D. Gracia da Fonseca Rodvalho.....Cap. 2.  
D. Anna Ribeiro.....Cap. 3.

## CAPITULO I

4—1. João de Toledo Castelhanos, baptizado a 5 de Maio de 1642, foi cidadão de S. Paulo, e serviu repetidas vezes

os cargos da republica. Habilitou-se com sentença *de genere* em 1658 para o estado sacerdotal, de que se arrependeu e casou. Em 1680 foi juiz ordinario e de orphãos, de que tomou posse em camará a 21 de Abril do dito anno. Teve cordial devoção ao serviço da purificação de Nossa Senhora; e para ser todos os annos applaudida esta sagrada imagem collocada na igreja do collegio dos jesuitas em altar collateral, ficou sendo seu padroeiro, com o concurso de seu cunhado o capitão-mór governador e alcaide mór Pedro Taques de Almeida, e ambos por alternativa annual faziam esta festa com missa cantada, sermão e o sacramento exposto no throno; e para o refeitório dos religiosos n'este dia, mandavam com grandeza e abundancia varias iguarias de massas e conservas. Foi muito dado ao uso da oração mental, praticando sempre as virtudes moraes em beneficio do proximo e perfeita educação de seus filhos. Vivia no retiro de uma quinta, vulgarmente chamada chacara, situada no alto plano, que faz o rio Tamanduatibhy, unido já com a ribeira Anhangabahy (por detrás do mosteiro dos monges do patriacha S. Bento em tiro de peça) da campina do sitio da capella de Nossa Senhora da Luz de Guarê. N'esta quinta se recreava com a cultura de varias flôres de um jardim, que era o total emprego dos seus cuidados (único até aquelle tempo, em que os moradores de S. Paulo só tinham por interesse ou as minas de ouro, ou as grandes searas de trigo, com a abundancia da creação dos poreos, de que faziam provimentos para as cidades do Rio de Janeiro e Bahia de todos os Santos). Com essas flôres fazia adornar os altares dos templos, principalmente de Nossa Senhora do Carmo, de cuja terceira ordem era irmão professo. As suas virtudes e exemplar vida mereceram conseguir uma ditosa morte; porque enfermado, e conhecendo o perigo da vida se dispôs com todos os sacramentos, tendo actual-

mente a assistencia dos reverendos, que gostosos lhe faziam tão pio obsequio, assim o reverendo commissario de terceiros, como os de S. Francisco, de S. Bento e da companhia de Jesus, conservando uma tranquillidade de espirito e catholica resignação, expirou no mesmo ponto, em que se elevava a Sagrada Hostia pelo celebrante da missa cantada na festa da Purificação, que a elle tocou no dia 2 de Fevereiro de 1727.

Com o nascimento e criação da patria, nunca quiz sahir para fóra d'ella, e por isso até deixou perder o morgado do Pico Redondo na Ilha Terceira, consentido que os seus parentes o desfructassem. Muito apenas por duas vezes aproveitou parte dos rendimentos que lhes foram enviados por intervenção dos PP. jesuitas dos collegios da Bahia e Rio de Janeiro que recebeu em S. Paulo em avultada somma de pannos de linho, e aguas ardentes. E com a imitação da inercia do pai, seguiu a mesma inutilidade o filho primogenito o capitão-mór D. João de Toledo Piza Castelhanos; e veio esta casa a perder aquelle morgado sem mais causa, que a de uma total e indesculpavel omissão, que se foi diffundindo aos mais herdeiros até o presente tempo.

Casou João de Toledo Castelhanos duas vezes. A primeira com D. Maria de Lara. Em titulo de Taques, cap. 3º § 10 com toda a sua descendencia. A segunda com D. Anna do Canto de Mesquita. Em titulo de Pires, cap. 6º § 5.º E d'este segundo matrimonio teve seis filhos nascidos em S. Paulo, que foram:

§ 1— Bento de Toledo Castelhanos, tenente-general, falleceu sem geração.

§ 2— Francisco de Toledo, jesuita e provincial no Maranhão em 1756.

§ 3— D. Anna do Canto de Toledo, sem geração.

§ 4— Pedro Nolasco de Toledo, falleceu solteiro.

§ 5— D. Escholastica de Toledo, falleceu solteira.

§ 6— D. Joanna de Toledo Canto e Mesquita. Casou com seu parente o sargento-mór João Barbosa Lara, com geração. Em título de Taques Pompêos, cap. 3º § 1º n. 3—9 a n. 4—1, ou em título de Pires, cap. 6º § 5º n. 3—4, etc.

## CAPITULO II

1—2. D. Gracia da Fonseca Rodovalho, foi baptizada a 21 de Novembro de 1644. Casou com Gaspar Cardoso Gutherres, natural de Lisboa e baptizado na freguezia da Senhora das Mercês do Bairro alto, irmão direito de Luiz Nunes da Silveira que florescia em 1705, morador na capinhia do Espirito Santo, filhos de Luiz Nunes Gutherres, natural de Lisboa e de sua mulher D. Maria Miguel da Silveira, natural da Ilha Terceira, cidade de Angra. Esta D. Maria Miguel era de conhecida nobreza e foi tia direita do Dr. Jorge da Silveira, vigario geral e provisor do bispado do Rio de Janeiro, pelos annos de 1694. E teve nascidos em S. Paulo tres filhos :

§ 1.º—Henrique Cardoso Gutherres.

§ 2.º—Carlos Pedroso da Silveira.

§ 3.º—D. Aurelia Gracia da Silveira.

### § 1.º

2—1. Henrique, que no sacramento da confirmação mudou o nome em José e ficou chamando-se José Cardoso Gutherres, viveu na villa de Taubaté, onde foi capitão de cavallos dos auxiliares, e ahi falleceu no 1º de Maio de 1723 com testamento (3), e jaz sepultado no convento de Santa Clara dos capuchos da mesma villa. Não casou, mas teve dois filhos naturaes, Ricardo e Maria.

(3) Cart. da villa da Taubaté, invent. letra I n. 28.

2—2. Carlos Pedroso da Silveira, herdou com desvelado empenho o serviço do rei; e vendo tão empenhado por Portugal o descobrimento de minas de ouro, ou prata, para que tinha sido mandado com o apparato de extraordinárias despesas a S. Paulo D. Rodrigo de Castello Branco, como temos tratado no titulo de Lemes, cap. 3º § 5º n. 3—1. E em titulo de Prados, cap. 6º § 3º n. 3—3; se animou (à custa da sua fazenda, sem a menor ajuda de custo, nem interesse de futuras mercês, que por alvarás de lembrança com elle se praticassem): a fazer penetrar o vasto sertão dos barbaros indios *Cataguazes*, que já Fernando Dias Paes o havia trilhado em demanda do serro de Sabarabuçú; e quasi pelo mesmo tempo o penetrou tambem Lourenço Castanho Tiques com patente de governador do seu troço, e de toda a mais gente, que a elle se incorporasse. Teve a felicidade de ser o primeiro que com o cabo da tropa Bartholomêo Bueno de Siqueira nacional de S. Paulo conseguisse o descobrimento das minas de ouro. D'ellas entregou as primeiras mostras á Sebastião de Castro Caldas, que se achava com o governo da capitania do Rio de Janeiro por fallecimento de Antonio Paes de Sande, que remettidas ao Sr. rei D. Pedro em 16 de Junho de 1695, foi o mesmo senhor servido, mandar escrever ao governador da dita capitania queu já era Arthur de Sá e Menezes, a carta seguinte, datada a 16 de Dezembro do mesmo anno: *ibi*:

« Governador da capitania do Rio de Janeiro. Amigo, Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se a carta que escreveu Sebastião de Castro Caldas, a cujo cargo estava esse governo, a 16 de Junho d'este anno; em que me deu conta de umas novas minas, que se haviam descoberto no sertão da villa de Taubaté, e de que lhe haviam trazido cinco oitavas

de amostras, que remetteu, com as noticias de que ainda se haviam descobrido mais ribeiras, como lhe haviam representado em suas petições os descobridores Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira a quem proveu nos officios d'ellas, por ficar duzentas leguas distante das de Parnaguá, e não poderem os officiaes d'ellas acudir ás novas minas chamadas de Cataguazes etc. Me pareceu dizer-vos, que obrou bem Sebastião de Castro Caldas n'estes provimentos, etc. Assim se vê na secretaria do conselho ultramarino no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro, que principia em 28 de Março de 1673, e acaba em 15 de Dezembro de 1700, n'elle a fl. 143, e no mesmo livro a fl. 166 e fl. 197». Se seguem outras cartas a respeito de Carlos Pedroso da Silveira, e seus descobrimentos com honrosas expressões de Sua Magestade.

Descobertas assim por Carlos Pedroso da Silveira e Bartholoméo Bueno de Siqueira as novas minas de Cataguazes, que estendidas depois do anno de 1695 a muitos descobrimentos, ficaram conhecidas por minas de Sabarabuçú, que hoje se diz Sabará de Minas-Geraes. Para o seu estabelecimento foi encarregado, como fica referido, o mesmo Carlos Pedroso. E para que estas minas chegassem ao seu maior augmento (já era fallecido Antonio Paes de Sande no mesmo anno de 1695) ordenou Sua Magestade ao governador Arthur de Sá e Menezes, que havia succedido no governo da capitania do Rio de Janeiro ao dito Sande no dito anno, que passasse ás minas do Sul a executar o mesmo, que se tinha encarregado a Antonio Paes de Sande, e praticasse com os paulistas em seu real nome todas as honras e mercês, que pela secretaria de Estado se lhe mandára declarar, para que assim animados obrassem, e conseguissem maiores descobrimentos de minas de prata e de ouro. Esta carta é datada em 17 de Dezembro de 1696 a

fl. 160 do livro referido. Depois por outra carta de 27 de Janeiro de 1697 a fl. 163 foi o mesmo senhor servido mandar ao dito Arthur de Sá e Menezes, que sahisse para as capitâneas de S. Vicente e S. Paulo a examinar as minas de Sabarabuçú com 600\$000 de ajuda de custo em cada um anno, além do soldo de governador do Rio de Janeiro.

Em execução d'estas reaes ordens veio a S. Paulo o dito Arthur de Sá; e n'esta capitania creou dois terços, em que no de auxiliares proveu de mestre de campo ao paulista Domingos da Silva Bueno, que depois acabou clérigo de S. Pedro, em Minas-Geraes; e no das ordenanças proveu de coronel ao paulista Domingos de Amores, de que dando conta a Sua Magestade, foi o dito senhor servido approvar-lhe a criação das tropas e os cabos d'ellas, por carta sua de 20 de Outubro de 1698 a fl. 195; e por outra de 6 do mesmo mez e anno a fl. 19v ordenou Sua Magestade que os privilegios, que gozam no reino as tropas auxiliares gozassem as do Brasil. E tendo Arthur de Sá e Menezes executado em S. Paulo o que entendeu necessario ao serviço do rei e dos vassallos do mesmo senhor da repartição do Sul passou ás novas minas, onde se deteve até lhe chegar successor no governo do Rio de Janeiro.

Pelo contexto de toda esta verdade fica conhecido o erro em que o coronel Sebastião da Rocha Pita, natural da cidade da Bahia, no seu livro *America Portug.* Livro 8º n. 62, afirma que estes descobrimentos foram no anno de 1698. Não cabiu só n'este engano, porque levado da sua fantasia e credulidade sem exame necessario em materias pertencentes á historia, traz muitos e pessimos erros, afastando-se inteiramente da alma da historia, que é a verdade. D'esta falta resultou afirmar este autor em dito livro 8º n. 67 *ibi*:



« Quando se descobriram estas minas governava a provincia do Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes ; e convidado das riquezas e abundancia de ouro tão subido, foi a ellas mais como particular, que como governador, pois não exerceu actos do seu poder e jurisdicção n'aquellas partes, fazendo-se companheiro d'aquelles, de quem era superior, e se recolheu para o seu governo, levando mostras, que o podiam enriquecer, posto que da bondade de seu animo, e do seu desinteresse se póde presumir, que foi a ellas menos por cobiça, que pela informação, que havia de dar a El-Rei da qualidade das minas, e da fórma, que seus descobridores os lavravam.

Foi tal a abundancia do ouro das novas minas, que para pagamento do real quinto, e boa expedição das partes, se estabeleceu na villa de Taubaté a real casa da fundição, da qual foi provedor o mesmo Carlos Pedroso da Silveira, que exerceu o lugar todo o tempo que durou o lavor da dita casa. E no primeiro anno de sua creação no de 1698 foi tal o rendimento do real quinto, que o mesmo provedor Carlos Pedroso da Silveira em pessoa e á sua custa os levou á cidade do Rio de Janeiro, merecendo que El-Rei em carta firmada com real punho lhe agradecesse, não só o augmento dado á corôa pelos quintos, mas o conduzil-os em pessoa ao Rio de Janeiro. Esta carta é datada em 19 de Outubro de 1699 a fl. 244 do livro já referido. E a fl. 276 outra carta do mesmo senhor datada em 6 de Novembro de 1700, na qual Sua Magestade, com honrosas expressões agradece ao provedor Carlos Pedroso da Silveira o muito que tem desempenhado as obrigações do provedor dos seus reaes quintos, e o grande augmento a que tinham chegado. Advirtimos, que a primeira construcção de casa de fundição foi na villa de Paraty, para a qual teve Carlos Pedroso da Silveira de Sua Magestade a provisão de provedor dos reaes

quintos; porém não sendo útil existir esta casa n'aquella villa por arbitrio do mesmo provedor facultou Sua Magestade a construcção de nova casa na villa de Taubaté, onde o dito Silveira tinha o seu antigo estabelecimento, e se conservou até o fim da sua extincção no mesmo cargo de provedor, porque os reaes quintos foram cobrados nas mesmas minas, onde se construíram casas para este effeito.

As moraes virtudes de Carlos Pedroso da Silveira thes conciliaram sempre todo o bom conceito; por isso muitos annos antes do descobrimento de Minas-Geraes tinha tido o cargo de ouvidor pelo donatario da capitania de S. Paulo e S. Vicente, em cuja capital Camara tomou posse; e depois a tomou de capitão-mór por provimento tambem do donatario.

Quando D. Braz Balthasar da Silveira, segundo governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, que succedeu a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, quarto capitão-general positivo d'esta capitania, passou pelas villas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, indo para as Minas-Geraes, deu melhor fórma aos terços das tropas milicianas, reduzindo o posto de capitão-mór d'ellas no de mestre de campo na pessoa de Carlos Pedroso da Silveira. Estando já em Minas elle dito general D. Braz, e achando ser necessario um regente, que governasse as tres villas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, mandou carta patente ao mestre de campo Carlos Pedroso, datada em Nossa Senhora do Carmo (hoje cidade da Marianna) a 27 de Setembro de 1714, sendo secretario do governo Manoel da Fonseca. Falleceu Carlos Pedroso com testamento a 17 de Agosto de 1719 (4) e jaz na quadra da capella dos terceiros de S. Francisco do convento de Taubaté.

(4) Cartorio de orphãos de Taubaté, inventarios, letra C. n. 13.

Casou o mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira na villa de S. Vicente com D. Isabel de Sousa Evanos Pereira, baptizada na freguezia da Candelaria do Rio de Janeiro, filha de Gibaldo Evanos Pereira, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Ignez de Moura Lopes, natural da villa de S. Vicente. Neta pela parte paterna de Elio-doro Evanos Pereira, natural da villa de Vianna do Minho ( primo-irmão de Estacio de Sá, em cuja companhia viéra para o Rio de Janeiro em 1568, em que falleceu Estacio de Sá), e de sua mulher D. Maria de Sousa de Brito, natural do Rio de Janeiro, e por ella bisneta de João de Sousa Pereira de Botafogo, natural da cidade de Elvas, e de sua mulher D. Maria da Luz Escorcio Drumond, filha de Manoel da Luz Escorcio Drumond, natural da Ilha da Madeira, de onde viéra para S. Vicente com sua mulher, tres filhas e um filho, e enviuvando em S. Vicente casou segunda vez o dito Drumond, e se recolheu para o Rio de Janeiro com seu genro João de Sousa Pereira de Botafogo. Era este natural de Elvas, como fica dito; e n'esta cidade seus pais e avós tiveram casa, que se perdeu, e confiscou por ordem régia, por causa de suas insistentes, soberbas e resistencias ás justicas e outros motivos. A causa principal da ruina foram alguns privilegios e isenções, com que os senhores reis de Portugal lhes permittiram o fabricar um mosteiro de freiraz, para recolhimento de suas filhas e parentas, em um pateo que tinha a dita casa (ainda hoje se chama o pateo e rua dos Botafogos), e não pôde livrar-se d'essa ruina um filho da mesma casa que n'aquelle tempo lograva a graça do cardeal D. Henrique, a quem servia de escrivão da sua camara, com um escudo de vantagens no seu fóro, porque os crimes e desobediencias dos seus parentes foram taes que foram perseguidos, e confiscados os bens; de sorte que uns fugiram para Castella,

outros para onde os guiou a sua boa ou má sorte. O dito pateo com tudo o que continha em si de casas foi dado aos jesuitas, que n'elle fundaram o seu collegio. Este João de Sousa Pereira de Botafogo foi participante com seus parentes dos crimes e resistencias, e por elles igualmente perseguido; mas como a este tempo a senhora rainha D. Catharina deixava passar em paz aos criminosos, que vinham á conquista dos indios barbaros do Brasil, passou elle a esta empreza, e a tratar da vida no que a fortuna lhe offerecesse. Chegou ao Rio de Janeiro quando já a cidade velha estava principiada, e d'ella se fazia guerra ao gentio *Tamoyo*: e como este Botafogo era destemido, e se tinha noticia da sua nobreza, o fizeram capitão de uma das canoas de guerra, e o mandaram para Cabo-Frio a impedir o contracto do pão Brasil, em que os francezes estavam commerciando. Foi tão feliz n'esta conducta, que pelejando com valor e ousadia com os francezes, em varios encontros rendeu a muitos, que aprisionou, entre os quaes foi Tucen Grugal, nobre e valoroso francez, cabo de toda a armada, e os trouxe prisioneiros á cidade do Rio. D'este Tucen procedem os Grugeis Amaraes d'aquella cidade. D'ella veio para a villa de S. Vicente, onde tambem a guerra contra os barbaros gentios andava ateadá; e mostrando n'ella o seu valor e destreza militar, o casou com sua filha o capitão do presidio Manoel da Luz Escorcio Drumond, como fica referido. E pela parte materna foi D. Isabel de Sousa Evanos neta de Manoel Lopes de Moura, que outros dizem Moreira de Moura, natural de S. Vicente, e de sua mulher Ignez Gonçalves, natural da mesma villa.

As honrosas cartas que teve Carlos Pedroso da Silveira, de que atrás fizemos menção, dos senhores reis D. Pedro II e D. João V, se desenhinharam com a sua

morte, que as não podemos descobrir para d'ellas aqui darmos as cópias. A patente que teve de mestre de campo lhe confirmou D. João V. Aos seus grandes serviços tinha premiado D. Pedro II com a mercê do habito de Christo, com tença effectiva de 80\$000 pagos no almoxarifado da provedoria da villa de Santos, e o posto de capitão de infantaria do presidio da cidade do Rio de Janeiro; e fallecendo o senhor rei D. Pedro, seu filho o senhor D. João V confirmou as ditas mercês. Ao tempo, que se tratavam das provanças pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, para tomar o habito, succedeu a sua morte; porém no seu testamento deixou todos os seus serviços a seu filho Leopoldo da Silveira e Sousa, que fiando-se de José da Silva Valença, que de S. Paulo passava a Lisboa, lhe entregou dinheiro bastante, e os papeis para tratar dos requerimentos, porém o dito Valença nunca mais deu satisfação alguma d'esta conducta; e deixando em si o dinheiro e papeis recebidos, passados muitos annos appareceu em S. Paulo armado cavalleiro da ordem de Christo vindo na companhia de D. Luiz Antonio de Tavora, conde de Sarzedas, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo em 1731 com o caracter de seu secretario do gabinete, ostentando uma vaidade de personagem por haver amortecido no conhecimento proprio os habitos humildes da natureza, estado com que de antes tinha sido morador na villa de Taubaté, onde só teve por maior emprego ser tabelião e escrivão da camara. Passou á villa Boa de Goyazes na companhia do mesmo conde, e lá falleceu sem se lembrar da obrigação com que a propria consciencia lhe havia de arguir pela fazenda alheia. D'esta fórma veio a mallograr-se em tudo e por tudo o grande merecimento do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira.

Do matrimonio do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira nasceram seis filhos :

- 3—1. Gaspar Gutterres da Silveira.
- 3—2. Leopoldo da Silveira e Sousa.
- 3—3. Leonel Pedroso da Silveira.
- 3—4. D. Maria Pedroso da Silveira.
- 3—5. D. Bernarda Pedroso da Silveira.
- 3—6. D. Thomazia Pedroso da Silveira.

3—1. Gaspar Gutterres da Silveira obteve sentença de *genre* em 1703 para ser sacerdote. D'estes autos, que existem na camara episcopal de S. Paulo, se prova bem, que os seus avós são os que ficam já nomeados. Casou na villa de Pitanguy com Feliciano dos Santos ; em titulo de Barbosas Limas, cap. 11 § 1.º E teve tres filhos.

- 4—1. Ignacio Carlos Barbosa.
- 4—2. Antonio Barbosa da Silveira.

4—3. Floriano de Toledo Piza. Falleceu Gaspar Gutterres da Silveira em posto de sargento-mór, e na freguezia de S. Antonio de Valpiedade da Campanha do Rio Verde, e jaz sepultado na capella de S. Gonçalo, filial da mesma matriz.

3—2. Leopoldo da Silveira e Sousa, casou na villa de Guaratinguetá com Helena da Silva Rosa, natural de Taubaté, filha de Miguel de Sousa Silva, nascido no mar e baptizado na Bahia, e criado no Rio de Janeiro, e de sua mulher Barbara Maria de Castilho e Cruz. Neta pela parte paterna de Manoel Francisco de Moura e de sua mulher Maria da Silva, que ambos vieram de Alemquer para o Rio de Janeiro, e são os avós maternos d'aquelle grande barrete frei Antonio da Santa Maria, o Passante de al-cunha, religioso capucho, e pela materna neta de Domingos Alves Ferreira e de Andreza de Castilho, da villa de Taubaté. E teve nove filhos :

4—1. Leopoldo Carlos Leonel da Silveira. Casou nas Minas de Paracatú.

4—2. Julio Carlos da Silveira. Casou com D. Bernarda de Sousa Ekanos, sua prima, filha de Antonio Ferraz de Araujo e D. Bernardina Pedroso da Silveira do n. 3—5 d'este § 2.<sup>o</sup>

4—3. José da Silva Reis, foi casado, não teve filhos e existe viuvo.

4—4. D. Rosalia, falleceu solteira, jaz na capella de I. M. I. filial do Facão.

4—5. D. Leovigilda, casou com João de Sande Nabo, natural da Ilha Grande, Angra dos Reis, sem geração.

4—6. D. Maria, casou com José Borges.

4—7. D. Helena Angelica de Cassis, solteira.

4—8. D. Antonia de Sousa, casou no Facão com João Monteiro Ferraz, filho de João Monteiro Ferraz, que teve fazenda na encruzilhada, e D. Anna de Sousa.

4—9. D. Anna de Sousa, foi casada com Agostinho Gago da Fonseca, filho de Luiz da Fonseca, e de sua mulher Filippa Gago, natural da villa de Itú. Deixou geração.

3—3. Leonel Pedroso da Silveira, clérigo de S. Pedro, existe em Minas Geraes.

3—4. D. Maria Pedroso da Silveira, casou com o capitão Francisco Alves Corrêa, natural da Ilha Grande, filho de Francisco Alves Corrêa, e de Maria Bicudo, moradores de Taubaté, e teve nove filhos, naturaes de Taubaté.

4—1. Estanislão da Silveira e Sousa, casou na freguezia de S. Caetano com Clara Maria Leite, filha de Fernando Leite, e de Maria de..... E tem nove filhos.

5—1. José.

5—2. Fernando

5—3. Bento.

5—4. Maria.



5—6. Anna.

5—7. Gertrudes.

5—8. Leonarda.

5—9. Rosa.

4—2. Floriano de Toledo Piza, falleceu na freguezia de S. Caetano, onde jaz, e era subchante da Sé de Marianna.

4—3. Patricio Corrêa da Silveira, casou na freguezia de Santa Barbara com Rita Maria da Conceição, filha de nobres pais. Falleceu na dita freguezia e jaz na capella da Senhora da Conceição da Barra do Caetê. E teve duas filhas

5—1. Antonia.

5—2. Anna.

4—4. José Bento da Silveira, é clérigo.

4—5. Carlos Pedroso da Silveira, é clérigo.

4—6. Givaldo, falleceu de tenros annos.

4—7. D. Leonor, falleceu, de tenros annos.

4—8. D. Isabel de Sousa Castelhanos, casou na freguezia de S. Caetano com Manoel Monteiro da Veiga. E teve onze filhos.

5—1. Estanislão da Silveira Evanos, clérigo.

5—2. Brigida, recolhida no recolhimento da Mocimbuca, onde falleceu.

5—3. Anna, recolhida no mesmo.

5—4. João.

5—6. Francisco. (\*)

5—7. Manoel.

5—8. Floriano.

5—9. Antonio José.

5—10. Joaquim.

5—11. Thomaz.

4—9. D. Graciana da Fonseca Rodvalho, casou na freguezia de S. Caetano com Antonio Gomes Ferreira natural de Pernambuco, filho do capitão Manoel Gomes Fer-

(\*) O numero 5—5 falta no manuscripto.

reira e de sua mulher D. Thomazia Luiza da Cruz. Sem geração.

3—5. D. Bernarda Pedroso da Silveira (filha do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira, do § 2º) falleceu em Taubaté com testamento a 28 de Setembro de 1710: foi casada com João Pedroso de Alvarenga, que passando para as minas do Cayabá depois de viuvo, n'ellas falleceu estando segunda vez casado. E teve filho unico natural de Taubaté (5).

—4. Carlos Pedroso da Silveira, casou na freguezia da Penha de França do sitio de Araçariguama termo da villa de Santa Anna de Parnahyba, com Maria Pedroso de Almeida filha de Paschoal Leite de Miranda e de sua mulher D. Isabel de Lara de Mendonça, em titulo de Laras, cap. 7º § 4.º Em titulo de Mirandas, cap. 3.º Falleceu na villa de Pindamonhangaba. E teve quatro filhos.

5—1. José Corrêa da Silveira.

5—2. Manoel Carlos da Silveira.

5—3. D. Izabel.

5—4. D. Maria.

3—6. D. Thomazia Pedroso da Silveira (filha do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira, do § 2º). Casou na villa de Taubaté com o capitão Domingos Alves Ferreira, filho de Domingos Alves Ferreira, que falleceu em Minas-Geraes em 1709 (6), e de sua mulher primeira D. Andreza de Castilho, natural da villa de Mogy, a qual foi filha de Francisco Alves Corrêa natural de Villa Real, de nobilissima familia, provedor da fazenda real da capitania de S. Vicente, que passando á cidade da Bahia, foi hospedado do governador geral do Estado no seu palacio; e de sua segunda

(5) Cart. de orph. de Taubaté, inv. letra B. n. 8.

(6) Cart. de orph. de Taubaté, inv. letra D. n. 25.

mulher D. Guiomar de Alvarenga, natural do Rio de Janeiro, filha de Manoel Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, de nobre familia de seu appellido tão conhecido, como examinada pelo brazão de armas d'ella. Em titulo de Alvarengas, da capitania de S. Paulo. E teve treze filhos.

4—1. Venceslão da Silveira Evanos Pereira, casou na villa de Itú em 1764 com D. Escholastica Forquim Arruda, filha de Claudio Forquim Leite. Em titulo de Taques, cap. 3º § 8º n. 3—2. Arrudas, cap. 2º § 5º n. 3

4—2. Eduardo José Caetano, casado na freguezia do Facão.

4—3. José Pires Corrêa, existe solteiro.

4—4. Domingos Alves Ferreira, existe solteiro.

4—5. D. Bernardina Pedroso da Silveira, existe casada com Antonio Ferraz de Araujo, natural da Parnahyba, filho de Antonio Rodrigues de Miranda, (em titulo de Mirandas) natural da mesma villa, e de Maria Pires de Araujo, filha de Antonio Ferraz de Araujo, e de Maria Pires Bueno, irmã do capitão-mór Bartholomêo Bueno da Silva. Em titulo de Ferrazes, ou Buenos. Com geração.

4—6. D. Maria Zeferina da Silveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Rio Verde, com Manoel Tavares.

4—7. D. Amatildes Alves Jacintha, casou com Francisco do Rego Barros, filho do sargento-mór Francisco do Rego Barros e de D. Arcangela Forquim da Luz (7).

4—8. D. Leonor Domingues da Cunha, casou com Antonio de Faria Sodré, natural da villa de Pitanguy : filho de Miguel de Faria Sodré, e de sua mulher Veronica Dias Leite. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—6, na descendencia do n. 4—3 ao n. 5.

(7) Em titulo de Forquins, da capitania de S. Paulo, cap. unico § 5º n. 3—7.

4—9. D. Genoveva da Trindade, casou com José Ferraz de Araujo, filho de Miguel de Faria Sodré e de D. Veronica Dias Leite, já nomeados.

4—10. D. Jutgardis, existe solteira.

4—11. D. Isabel de Sousa Evanos, existe solteira.

4—12. D. Emiliana Francisca de Moura, casou em Guaratinguetá com Francisco Leite, filho de Miguel de Faria Sodré e D. Veronica Dias já nomeados.

4—13. D. Barbara Moreira de Castilho, casou com o coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça (8) filho do coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e de sua mulher D. Maria Cardoso de Siqueira.

### § 3.º

2—3. D. Aurelia Gracia da Silveira (filha ultima de D. Gracia da Fonseca Rodovalho, do cap. 2º), falleceu solteira na villa de Taubaté, e jaz no convento de Santa Clara dos capuchos da dita villa no mesmo jazigo de sua mãe.

## CAPITULO III

1—3. D. Anna Ribeiro Rodovalho, baptizada a 16 de Setembro de 1643 (filha terceira e ultima de D. Simão de Toledo Piza, e de D. Maria Pedroso), casou com o capitão João Vaz da Cunha, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Christovão da Cunha Onbate, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Messia Vaz Cardoso. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 4º com suas ascendencias. E teve quatorze filhos :

(8) Archivo da camara de Taubaté, livro 2º de registros, pag. 51, a patente de 1º coronel das tres villas.

2—1. D. Simão de Toledo Piza.....	§ 1°
2—2. João Vaz Cardoso.....	§ 2°
2—3. Christovão da Cunha.....	§ 3°
2—4. Vasco Fernandes Rodovalho.....	§ 4°
2—5. Sebastião Fernandes Corrêa.....	§ 5°
2—6. Pantaleão Pedrosa de Toledo.....	§ 6°
2—7. Francisco de Freitas de Toledo.....	§ 7°
2—8. D. Maria Vaz Cardoso.....	§ 8°
2—9. D. Maria Pedrosa.....	§ 9°
2—10. D. Anna Ribeiro.....	§ 10.
2—11. D. Catharina de Freitas.....	§ 11.
2—12. D. Andreza de Toledo.....	§ 12.
2—13. D. Joanna Maria de Toledo.....	§ 13.
2—14. Manoel de Toledo.....	§ 14.

### § 1°

2—1. D. Simão de Toledo Piza, natural e cidadão de S. Paulo, onde teve sempre as redeas do governo da república: foi muitas vezes juiz ordinario, e muitos annos de orphãos. Foi ouvidor e corregedor da mesma capitania, e d'ella tambem foi capitão-mór governador; casou com D. Francisca de Almeida Taques, filha de D. Branca de Almeida. Em titulo de Taques Pompéos, cap. 3° § 9 n. 3—9 com toda sua descendencia.

### § 2°

2—2. João Vaz Cardoso, foi morador da villa de Taubaté e n'ella seu republicano, e uma das pessoas de maior estimação e respeito. Foi familiar do santo officio, e um dos do numero da inquisição de Lisboa por carta de Janeiro de 1711; falleceu na mesma villa de Taubaté; e n'ella foi casado com Francisca de Freitas natural da mesma villa onde falleceu com testamento a 8 de Abril de 1753 (9), filha do capitão

(9) Cartorio de orphãos de Taubaté, letra F. n. 33.

Amaro Gil Cortez, e de sua mulher Marianna de Freitas, ambos naturaes de S. Paulo, e ella falleceu em Taubaté com testamento a 10 de Junho de 1710 (10), filha de Manoel Fernandes Giga, e de sua mulher Maria Cubas; elle dito capitão Amaro Gil falleceu tambem em Taubaté, e foi filho de Sebastião Gil o velho chamado o villão, natural de S. João da Foz, (11) um dos povoadores de S. Paulo, para onde veiu com mais irmãos, todos com o appellido de *Gil*, e de sua mulher Feliciano Dias natural de S. Paulo, filha de Pedro Dias (que tinha vindo a S. Paulo feito leigo da companhia com os primeiros P. P. jesuitas em 1534, em cujo anno no dia 25 de Janeiro se celebrou a primeira missa, que por isso a terra e o collegio tomou o nome de S. Paulo); e de sua segunda mulher Antonia Gomes da Silva natural de Braga (casou esta segunda vez, morto o primeiro marido Pedro Dias, com Gaspar Nunes), de onde tinha vindo para S. Paulo com seus irmãos, que foram Simão Alves, Maria Affonso, mulher de João Peres Canhamares natural de Castella; Francisca Fernandes mulher do estrangeiro João Barmel e Isabel Gomes; e todos na companhia de seus pais, que foram Pedro Gomes e sua mulher Maria Affonso, todos de Braga. As circumstancias, que occorreram para Santo Ignacio, sendo geral em Roma, permittir relaxação de voto ao leigo Pedro Dias para o primeiro casamento com Maria da Grã filha do rei ou cacique dos gentios *Piratiningas*, chamado Teviricá, que depois de catholico foi chamado Martin Affonso Teviricá, temos escripto em titulo de Lemes, cap. 3º § 5º n. 3—6 em sua descendencia n. 4—3 e seg.

(10) Cart. de orph. de Taubaté, letra M. n. 65, e n'elle appenso o inventario letra A. de Amaro Gil Cortez.

(11) Camara Episcopal de S. Paulo, *actos do genere* de Timotheo Corréa de Toledo.

Do matrimonio de João Vaz Cardoso nasceram em Taubaté nove filhos :

- 3—1. Amaro de Toledo Cortez.
- 3—2. Timotheo Corrêa de Toledo.
- 3—3. João de Toledo Piza.
- 3—4. André Corrêa de Toledo.
- 3—5. D. Anna de Toledo.
- 3—6. D. Marianna de Freitas.
- 3—7. Simão de Toledo Piza.
- 3—8. D. Maria de Toledo.

3—1. Amaro de Toledo Cortez, ainda existe em 1767, morador de Taubaté, onde repetidas vezes tem sido juiz ordinario, e o foi de orphãos triennial: foi casado com Martha Rodrigues de Miranda, que falleceu em 1743 em Taubaté, filha de..... E teve nove filhos (12).

4—1. Manuel, casou em S. Paulo.

4—2. João, casou em Baependy.

4—3. D. Agueda, casou com João de Sousa, filho do coronel Antonio de Sousa, em Pindamonhangaba.

4—4. D. Luiza, casou com o capitão Domingos Vieira da Silva, em Pindamonhangaba.

4—5. D. Thereza, casou com Jeronymo de Campos Reinol.

4—6. D. Ignez, casou com Manoel Antonio de Carvalho Reinol.

4—7. Xisto, solteiro.

4—8. Lourenço, solteiro.

4—9. D. Marianna, casou com João Gomes Sardinha, no Rio de Janeiro. Todos com filhos e filhas.

3—2. Timotheo Corrêa de Toledo, existe clérigo do habito de S. Pedro e vigario da villa de Pindamonhangaba. Foi

(12) Cart. de orph. de Taubaté, letra M. n. 69.



casado a 18 de Abril de 1735 com Ursula Isabel de Mello natural de Taubaté, onde falleceu no 1º de Janeiro de 1752, filha de Manoel Vieira de Amores, que ainda existe, e de sua mulher Ignacia Ferreira, ambos naturaes de Taubaté. Neta pela parte materna de Sebastião Ferreira Albernaz, natural da villa de Taubaté, da qual foi juiz de orphãos, capitão mór d'ella, e acabou em mestre de campo das ordenanças das tres villas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá (13), que falleceu a 18 de Julho de 1726, e de sua mulher Isabel de Castilho natural da mesma villa, onde falleceu a 16 de Abril de 1731, que foi filha de José de Castilho, que falleceu a 13 de Agosto de 1684 em Taubaté (filho de Francisco Alves Corrêa de Villa Real e de sua mulher Guiomar de Alvarenga), e de sua mulher Isabel Fragoso, natural de Mogy, filha do coronel Sebastião de Freitas e de sua mulher Maria Fragoso. Bisneta de Sebastião de Freitas Cardoso, natural da ilha de S. Sebastião, e de sua mulher Isabel de Faria Albernaz, natural de Taubaté, que foi filha do capitão Salvador de Freitas Albernaz, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Francisca Ribeiro, natural de S. Paulo, e ternaeta de Antonio de Faria Albernaz, que falleceu em Taubaté em 1663, e de sua mulher Catharina Sysmeira. E pela parte paterna neta de Paulo Vieira da Maia, natural de Taubaté (filho de Antonio Vieira da Maia, e de sua mulher Maria Cardoso Cabral), e de Catharina de Almeida, natural de S. Paulo, filha de Domingos de Amores, e de sua mulher Ursula de Almeida. Em titulo de Vieiras Maías (14). E teve oito filhos.

4—1. Carlos Corrêa de Toledo, clérigo de S. Paulo,

(13) Archivo da camara de Taubaté, livro 2º de registros, pag. 71 v e 118.

(14) Camara Episcopal de S. Paulo, autos *de genere* de Carlos Corrêa de Toledo.

hoje está vigário collado da igreja de S. José, comarca do Rio das Mortes, o que alcançou estando em Lisboa em 1776.

4—2. Luiz Vaz de Toledo, casou na freguezia da Acuthia com Gertrudes Maria de Camargo, filha de João Antunes, natural da villa de Itú (filho de Antonio Antunes Maciel, que serviu na dita villa todos os cargos da republica, e de Josepha Paes de Siqueira), e de Rita Maria de Camargo, natural da Acuthia, filha de Thomaz Lopes de Camargo, que serviu os cargos honrosos na cidade de S. Paulo, e de Paula da Costa, natural da dita freguezia.

4—3. D. Marianna de Toledo, está casada com Antonio José da Motta, capitão de ordenanças em Taubaté, natural da freguezia de Sampaio de Favões, conselho de Bem-viver, filho de Martinho Soares, e de sua mulher Clara da Motta Teixeira, dos verdadeiros e legitimos Teixeiras, a qual era filha de Manoel da Motta Teixeira, da freguezia de S. Miguel de Papinhos, que tirou instrumento de sua abonação, processado no conselho de Penafiel da Arrifana de Sousa, termo da cidade do Porto em 1690; pelo qual se mostra, que era filho legitimo de Antonio da Motta Teixeira morador da Quinta das Vargeas, e neto de Gaspar Teixeira da Motta, morador no lugar de Lageas freguezia de Couto de Villa Boa. Este instrumento authenticó tivemos em nosso poder, que ficou de nós o capitão Antonio José da Motta para o vermos.

4—4. Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, religioso capucho, que professou no convento de S. Francisco de S. Paulo, hoje é mestre na sua religião.

4—5. Bento Cortez de Toledo, solteiro.

4—6. D. Anna Maria de Toledo, casou com Felix Corrêa Leme, natural de Pindamonhangaba, filho de Salvador Corrêa Leme, e de Maria de Faria Ribeiro, ambos de Pin-

damonhangaba. Neto paterno de Braz Esteves Leme, filho do alcaide mór do mesmo nome. E pela parte materna neto de Francisco Jorge Paes e de Marianna de Faria, ambos de Pindamonhangaba. Tem filhos, Felix e Francisca, menores.

4—7. D. Angela Marianna de Toledo, casada com João Leite do Prado, natural de Pindamonhangaba, filho de Manoel Leite do Prado, e de sua mulher Francisca Vieira; neta por parte paterna de Francisco Leite de Miranda, e de Maria do Prado; e pela parte materna neto de José Vieira Fajardo, e de Maria da Rocha.

4—8. Joaquim José Osorio de Toledo, falleceu em 1780.

3—3. João de Toledo Piza, tem servido todos os cargos da republica na villa de Taubaté, onde tem sido juiz ordinario e de orphãos triennial. Está casado com Leonor Corrêa Leme, natural de Pindamonhangaba; irmã inteira de Felix Corrêa Leme, acima do n. 4—6, filha de Salvador Corrêa Leme, e de sua mulher Maria de Faria Ribeiro: neta por parte paterna do alcaide mór Braz Esteves Leme (difere de cima) e de sua segunda mulher D. Maria da Luz Corrêa. Em titulo de Bicudos, § 1º n. 2 e 1 em sua des. cendencia n. 3—3: e pela parte materna neta de Francisco Jorge Paes, natural da Ilha Grande, Angra dos Reis, e de sua mulher Marianna de Faria, parente muito chegada do mestre de campo Sebastião Ferreira de Albernaz. Tem filhos.

3 4. André Corrêa de Toledo, casou nas minas de Meia Ponte com.....

3—5. D. Anna de Toledo Piza, casou com Bartholomeu Fialho de Azevedo, natural de Lisboa. Teve sete filhos.

- 4—1. Bartholomeu, solteiro.
- 4—2. Manoel, solteiro.
- 4—3. Bento, solteiro.
- 4—4. Maria, solteira.
- 4—5. Antonia, solteira.
- 4—6. Thereza, casada.
- 4—7. D. Luzia, viuva do capitão mór Domingos Moreira, em Minas, dos quaes o filho o padr Domingos Moreira de Toledo.
- 4—8. Anna Moreira de Toledo, casou com Mance Pereira Guimarães e teve filhos Floriano Margarida, Ubaldo, Maria e Francisco.
- 4—9. Anna, casou com Bernardino de Sousa, natural de Portugal e familiar do santo officio, e tem sete filhos.

- 5—1. Bento.
- 5—2. José.
- 5—3. Bernarda.
- 5—4. Thereza.
- 5—5. Luzia.
- 5—6. Anna.
- 5—7. Luzia: todos solteiros.

3—6. Marianna de Toledo, casou em Taubaté a 25 de Julho de 1724 com Domingos Pacheco Mascarenhas, natural de Taubaté, filho de Athanasio de Figueiredo Castello Branco e Joanna do Prado sua mulher, natural de Taubaté, e teve alli cinco filhos.

- 4—1. Ricardo Mascarenhas Castello Branco, existe solteiro em 1767.
- 4—2. Norberto Cardoso, solteiro.
- 4—3. Genebra.
- 4—4.
- 4—5.

3—7. Simão de Toledo, foi religioso capucho, chamado frei Simão de Jesus.

3—8. D. Maria de Toledo, foi casado com Luiz da Silva Porto, fundador e primeiro padroeiro da capella de Jesus Maria José, na sua fazenda de cultura no sitio da Boa Vista freguezia do Pacão, do termo da villa de Guaratinguetá, natural da cidade do Porto (15). E teve dez filhos.

4—1. O padre Timotheo Corrêa de Toledo, morador do Rio de Janeiro onde se ordenou por compatriota.

4—2. O padre Floriano da Silva Toledo, vigario da freguezia das minas de Itajubá, termo da villa de Guaratinguetá.

4—3. O padre Bonifacio da Silva Toledo

4—4. Luiz da Silva Porto, casou.

4—5. José, solteiro.

4—6. Genoveva, solteira.

4—7. Francisca, casada com Antonio Ramos da Silva, com uma filha, Maria Francisca.

4—8. Margarida, solteira.

4—9. Francisca, solteira.

4—10. Maria, solteira.

4—11. Catharina, casou com José Monteiro, todos com appellidos de Toledo.

§ 3.<sup>o</sup>

2—3. Christovão da Cunha.

§ 4.<sup>o</sup>

2—4. Vasco Fernandes Rodovalho, foi morador da villa de Taubaté e do governo da republica d'ella : alli falleceu com testamento a 6 de Setembro de 1733; (16) foi casado

(15) Camara episcopal do Rio de Janeiro, autos *dê genere* de Timotheo de Toledo. E camara episcopal de S. Paulo, *de genere* de Floriano de Toledo e de Bonifacio da Silva Toledo.

(16) Cart. de orph. de Taubaté, leir. V. n. 1

na mesma villa com Maria Moreira, irmã do sargento mór Ignacio Moreira de Castilho, filha de Gaspar Martins, (filho de Gaspar da Costa Vianna), e de sua mulher Anna Moreira de Castilho, natural de Taubaté, onde falleceu a 16 de Junho de 1721 (17), filha de Francisco Alves Moreira de Castilho. Em titulo de Castilhos, capitulo... E teve quatro filhos.

3—1. D. Rosa Maria de Toledo, falleceu em Taubaté com testamento a 5 de Outubro de 1761 (18), e alli casou em 29 de Outubro de 1726 com Antonio da Silveira Goulart que falleceu nas Geraes em 1756, natural da ilha do Faial, filho de João da Silveira Goulart e de Maria de Almança. E teve

4—1. Antonio José de Toledo.

4—2. Salvador Thomaz da Silveira.

4—3. D. Anna Ferreira que foi mulher de Fillipe do Rego Pimentel.

4—4. João.

4—5. D. Anna.

3—2. Clemente de Toledo, casou com Marianna do Prado Leme, filha de Manoel Garcia de Peralta, natural de S. Paulo, que falleceu em Taubaté com testamento a 10 de Fevereiro de 1732 (19) e de sua mulher Maria Leme, nota paterna de Sebastião da Costa Garcia e de sua mulher Joanna de Peralta.

3—3. Manoel de Toledo.

3—4. D. Gertrudes de Toledo.

#### § 5.º

2—5. Sebastião Fernandes Corrêa, republicano, que sempre andou na governança da villa de Taubaté, onde fal-

(17) Cart. de orph. de Taubaté, letr. A. n. 34

(18) Idem, letr. B. n. 4, letr. A. n. 83

(19) Faltta esta nota no manuscrito.

leceu. Foi ca-ado com Maria do Prado (irmã de D. Maria da Luz, mulher do capitão mór governador Antonio Corrêa de Lemos. Em titulo de Quadros, cap. 4.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup>) filha de João Lopes Medeiros, e de sua mulher Marianna da Luz, como consta do livro dos casamentos da matriz de Taubaté nos annos de 1719 e 1727. E teve

3—1. D. Catharina Cortez, que casou em Taubaté a 4 de Outubro de 1719 com José Pinto dos Santos, natural da villa de S. João da Fox, filho de Pedro Simões e de sua mulher Maria dos Santos, com filhos, Manoel, Mathêos, Francisco, Maria, Isabel e Rosa.

3—2. D. Juliana Antunes, casou em Taubaté a 15 de Novembro de 1727 com João Corrêa Sarmento, filho de Belchior Felix Corrêa, e de sua mulher Violante de Siqueira todos naturaes de Taubaté, neto de Manoel Vieira Sarmento, o alcaide mór, natural do Rio de Janeiro, que falleceu em Taubaté com testamento a 16 de Março de 1720 (20), e de sua mulher Anna Moreira, bisneta de Belchior Felix e de sua mulher Anna Sarmento, naturaes do Rio de Janeiro. Este Manoel Vieira Sarmento o alcaide mór de Taubaté, foi á Bahia em praça de capitão do soccorro, que sahio de S. Paulo para a conquista do barbaro gentio no anno de 1671, na conducta do governador d'esta guerra Estevão Ribeiro Baião Parente.

§ 6.<sup>o</sup>

2—6. Pantaleão Pedroso de Toledo, foi morador da villa de Taubaté e do governo da republica d'ella, onde casou a 30 de Julho de 1692 com Antonia da Rosa Guedes, que

(20) Cartorio de orphãos de Taubaté, inventarios, letra M. n. 46.



falleceu a 7 de Maio de 1735: e elle falleceu a 9 de Janeiro de 1731, (21) filha de João Ribeiro da Rosa natural da Bahia e de sua mulher Maria Corrêa. E teve oito filhos naturaes de Taubaté.

- 3—1. Pantaleão de Toledo.
- 3—2. Bernardo Guedes de Toledo.
- 3—3. José Pedroso.
- 3—4. Lourenço Guedes de Toledo.
- 3—5. Francisco de Freitas.
- 3—6. Manoel Pedroso.
- 3—7. D. Felícia Pedroso.
- 3—8. D. Eugénia Pedroso.

3—1. Pantaleão de Toledo, casou com Maria Bicudo filha de Francisco Rodrigues Moreira, que falleceu com testamento em Taubaté a 27 de Dezembro de 1715, e de sua mulher Maria de Góes da Costa, natural de Taubaté e filha de Domingos Gomes da Costa e de sua mulher Ignez Gonçalves. O dito Francisco Rodrigues foi natural da villa de Nossa Senhora da Conceição do Parahyba, que é Jacarehy, filho de Manoel Rodrigues Moreira e de sua mulher Maria Bicudo. Tudo consta do testamento do sobredito Francisco Rodrigues Moreira no cartorio de orphãos de Taubaté, inventarios letra F. n. 29.

3—2. Bernardino Guedes de Toledo, falleceu em S. Paulo estando servindo de juiz ordinario em 1763, natural de Taubaté, em cuja matriz casou em 31 de Julho de 1728 com Maria Antunes de Miranda, viuva de Antonio do Prado, e filha de Pedro Teixeira, e de sua mulher Maria Antunes da Estrella, todos naturaes de Taubaté; e ella era já viuva do seu primeiro marido. E teve.

4—1. O padre Ivo José Gordiano de Taubaté, vigario encomendado da igreja de Nossa Senhora do Desterro de

(21) Cartorio de orphãos de Taubaté, inventarios, letra A n. 19, let. P n. 48.

Juquiry, termo da cidade de S. Paulo (22). (\* Em 1773 esteve vigario de S. João da Atybaia).

3—3. José Pedroso, existe solteiro.

3—4. Lourenço Guedes, casou a 16 de Julho de 1731 com Maria Moreira de Castilho natural de Pindamonhangaba, filha de Manoel Ferreira de Castilho e de sua mulher Helena Garcia, ambos naturaes de Taubaté.

3—5. Francisco de Freitas, casou em S. Paulo com.....

3—6. Manoel Pedroso de Toledo, casou em Taubaté, e teve sete filhos.

4—1. Francisco Xavier de Toledo.

4—2. Antonio Alves de Toledo.

4—3. Reginaldo de Toledo, casou com D. Margarida da Silva, filha de Salvador Jorge de Moraes e de Maria Bueno da Silva. Em titulo de Buenos, Anhangueras.

4—4. Theobaldo de Toledo.

4—5. D. Isabel Pedroso, mulher de José Rodrigues do Prado.

4—6. D. Rosa de Toledo, casou com David do Prado.

4—7. D. Leocadia de Toledo, mulher de Lourenço da Cunha Prado.

3—7. D. Felicia Pedroso da Rosa, casou com Francisco de Albuquerque.

3—8. D. Eugenia Pedroso, falleceu em Taubaté em 1727 (23), onde casou a 20 de Junho de 1716 com Manoel da Costa Cabral (24), filho de Pedro Leme do Prado e de Francisca de Arruda Cabral; neto de Manoel da Costa Cabral

(22) Camara episcopal de S. Paulo, autos *de genere* de Ivo Gordiano.

(23) Cartorio de Taubaté, letra E n. 5.

(24) Costas Cabraes da ilha de S. Miguel.

e de sua mulher Anna Ribeiro. Em título de Vaz Guedes, cap...., §. . E teve quatro filhos.

- 4—1. D. Anna.
- 4—2. D. Antonia.
- 4—3. D. Ursula.
- 4—4. José.

§ 7º

2—7. Francisco de Freitas de Toledo, casou em S. Paulo com Anna da Rocha, natural de S. Paulo, filha de Francisco da Fonseca Leitão, natural da villa de Santos, que falleceu em S. Paulo com testamento a 5 de Janeiro de 1706 (filho do capitão Antonio Amaro Leitão, e D. Isabel da Fonseca, naturaes de Santos (25), e de sua mulher D. Marianna de Sá, filha do capitão Manoel de Sá, natural da villa de Chaves, que foi cavalleiro da ordem de Christo, e commendador d'ella (Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventarios, letra F maço 1º n. 56, o de Francisco da Fonseca Leitão com testamento); e de sua mulher Anna da Rocha, natural de S. Paulo, irmã direita do padre Ma-

(25) Esta D. Isabel da Fonseca foi filha de Domingos da Fonseca Pinto, cujos merecimentos representaram os officiaes da camara de S. Paulo ao senhor rei D. João o IV, como tratamos em Buenos, cap. 1º. Obteve sentença de *nobilitate probanda* na villa de Santos a 24 de Outubro de 1651 por Paulo do Amaral, ouvidor da capitania de S. Vicente. Foi na Bahia vereador, juiz ordinario, guarda-mór da relação, procurador do fisco da inquisição de Lisboa. Da Bahia passou para S. Vicente feito provedor e contador da fazenda real por provisão do governador geral do Estado D. Fernando Mascarenhas. Depois foi provido em provedor dos ausentes, capellas e residuos, e ouvidor da capitania por Antonio Telles da Silva, governador geral do Estado. Consta isto da sentença 1ª e da provedoria da fazenda liv. n. 4 liv. de Registros, tit. 1641 pag. 35 v e 54.

thões Nunes de Siqueira. Em titulo de Nunes Siqueiras, cap. .. Este capitão Manoel de Sá casou segunda vez com D. Anna de Moraes, de quem teve tres filhos. Em titulo de Moraes, cap. .. Falleceu D. Anna da Rocha, mulher do capitão Manoel de Sá, com testamento em S. Paulo a 15 de Outubro de 1734. E teve Francisco de Freitas do seu matrimonio..... filhos, e entre elles a Antonio de Freitas de Toledo, que casou com..... Em titulo de Taques, cap. 3º § 9º n. 3—9, 4—1 e 5—4.

§ 8º

2—8. D. Messia Vaz Cardoso.

§ 9º

2—9. D. Maria Pedroso, casou em Taubaté em 7 de Janeiro de 1692 com João Lopes Cortez, natural de S. Paulo, filho de João Lopes de Medeiros, e de sua mulher Marianna da Luz, ambos naturaes de S. Paulo. Foram os contrahentes dispensados em quarto grão de consanguinidade pelo prelado vigario geral João Pimenta de Carvalho. E teve tres filhos :

3—1. Innocencio da Fonseca.

3—2. João Lopes, casou em S. Paulo.

3—3. . . . .

§ 10

2—10. D. Anna Ribeiro.

§ 11

2—11. D. Catharina de Freitas.

§ 12

2—12. D. Andreza de Toledo.

§ 13

2—13. D. Joanna Maria de Toledo, casou com Salvador de Siqueira Leme, natural de Pindamonhangaba, filho de Sebastião de Siqueira Gil, e de sua mulher Maria Bicudo Cabral. Em título de Costas Cabraes, cap. 5º § 2º. E teve cinco filhos :

3—1. Luciano Leme de Toledo, casou duas vezes : a primeira, na freguezia da Piedade com Maria da ..... viuva : segunda vez em Jacarehy, com ..... Do primeiro matrimonio sem geração. Do segundo tem geração.

3—2. Romualdo de Toledo Leme, casou na Piedade com Maria da Conceição, na familia dos Moreiras Castilhos, de Taubaté. Passou-se para a campanha do Rio-Verde, e falleceu na freguezia de Sapucahy deixando cinco filhos :

4—1. Salvador.

4—2. Venancio.

4—3. Gertrudes.

4—4. Julia.

4—5. Joanna.

3—3. Salvador da Silva de Toledo, casou em Pindamonhangaba com .....

3—4. D. Anna ..... casou-se em Mogy Guassú com João Martins de Carvalho, natural de Portugal, e ahí falleceu deixando dois filhos.

4—1. Antonio Carvalho de Toledo.

4—2. Miguel Martins de Carvalho.

3—5. D. Joanna de Toledo Silva, casou em Mogy Guassú com Ignacio Pedroso Barros, filho de Fernão Bicudo Leme e de sua mulher Luzia Machado. Em título de Machados Barros. E teve quatro filhos.

4—1. José de Toledo Barros, nasceu na freguezia da Piedade, casou na freguezia das Lavras do Funil, sitio dos Buenos, com Maria Caetana da Silva, natural das minas de Paranampama, filha do sargento-mór Salvador Pires Monteiro, e de sua mulher Margarida de Escobar, natural da Piedade, filha de Domingos Ribeiro de Escobar da ilha de S. Sebastião, e de sua mulher Maria do Prado, da familia de Machados Barros acima. E tem tres filhos.

5—1. José, nascido nas Lavras do Funil.

5—2. Manoel, em Villa Rica.

5—3. Rosalia, em Pitanguy.

4—2. Aleixo de Toledo, passou-se para o Rio Pardo do Sul.

4—3. Maria de Freitas de Toledo, casou em Pindamonhangaba com Thimoteo Corrêa, filho de Carlos Cardoso, que é pai tambem do capitão Domingos Vieira da Silva, em que fallamos retro n'este cap... § ... Deixou geração.

4—4. Rita Margarida Angelica de Toledo, casou primeira vez na campanha do Rio Verde com Miguel Luiz Moreira, filho do sargento-mór Ignacio Moreira, morador em Garapiranga. Em titulo de Moreiras Castilhos. Casou segunda vez com Salvador Jorge da Silva, filho do capitão Salvador Jorge de Moraes. Em titulo de Jorges Velhos ou de Buenos Anhangueras. E teve do primeiro matrimonio filha unica Anna, e do segundo sem geração.

#### § 14

2—14. Manoel de Toledo (filho ultimo de João Vaz da Cunha e D. Anna Ribeiro), casou em Taubaté a 17 de Junho de 1710 com Maria da Conceição do Prado, filha

de Gaspar Martins, e de sua mulher Anna Moreira, e neta paterna de Gaspar da Costa Vianna, de quem já tratámos no § 4º d'este cap. 3.º Falleceu em Taubaté com testamento á 17 de Maio de 1728. E teve

3—1. D. Anna Ribeiro, casou com Baptista Pinto.

3—2. D. Francisca de Toledo, casou com José Pinto dos Santos.

3—3. D. Catharina Cortez, casou com José Preto dos Santos.

3—4. D. Maria Pedroso, casou com Pedro Guedes.

3—5. D. Juliana Antunes, casou com João Corrêa.

3—6. Sebastião Fernandes Corrêa, casou com . . . . .  
. . . . . filha de Alberto Pires, filho de Francisco Alves de Castilho.

3—7. Joaquim Fernandes Corrêa ou Pedroso de Alvarenga, casou com . . . . .

3—8. D. Marianna da Luz.

3—9. D. Andreza Cardoso.

3—10. D. Luzia do Prado.

3—11. D. Potencia da Prado.

(*Continúa.*)



# REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

4.<sup>o</sup> TRIMESTRE DE 1874

---

## NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista  
PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada do 3.<sup>o</sup> trimestre, pag. 56)

---

### RENDONS

Titulo historico e genealogico da familia de Rendons das capitania de S. Paulo e da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que escreveu no anno de 1769, na cidade de S. Paulo Pedro Taques de Almeida Paes Leme. E fielmente copiada em Lisboa em 1784.

A illustre familia de Rendons, Quebêdos, Lunas, Alarcões, Cabeças de Vacca (que por varonia são Sarmentos) da capitania da cidade de S. Paulo, e da de S. Sebastião do Rio de Janeiro, traz a sua propagação da cidade de Coria no reino de Leão em Hespanha, e d'onde eram naturaes os Rendons, filhos do fidalgo D. Pedro Matheus Rendon, que foi regedor das justiças na villa de Ocanha, pelo estado

dos fidalgos, e de sua mulher D. Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca, que se passaram ao Brasil, seguindo o real serviço na armada que veio á Bahia do Salvador de Todos os Santos com o general d'ella D. Fradique de Toledo Ozorio, marquez de Uvaldêça no anno de 1625, pelo motivo seguinte :

Via-se o reino de Portugal subido a maior magestade na reputação, no imperio e nas riquezas, quando tudo viu sepultado nos campos de Africa, chorando a perda de um principe mais bellicoso, que advertido, sendo-lhe successor um monarcha menos aconselhado, que remisso; este foi o Sr. cardeal D. Henrique, o qual tomou a corôa mais para a levar a sepultura, que para a subir ao throno; porque com anno e meio de reinado, o alcançou a morte no seu paço de Almerim em 31 de Janeiro de 1580 annos com 78 de idade.

Apoderou-se do reino pelo direito das armas, el-rei D. Filippe II, de Castella, e 1º em Portugal, tão favorecido do seu poder, do tempo e da fortuna, como desamparado de justiça e da razão. D'esta sorte, unido o reino de Portugal á corôa de Castella, ficou sujeito ao odio com que todas as nações da Europa se oppunham á grandeza da monarchia hespanhola, tanto mais aborrecida, quanto mais dilatada.

Ardia n'este tempo a guerra nos Estados de Flandres entre hollandezes e hespanhoes: aquelles por defenderem a rebeldia, estes por castigarem a rebellião. No anno de 1581 se rebellaram as oito provincias unidas, formando uma republica democratica; e negando a obediencia ao seu natural senhor, lhe disputaram as armas com a maior constancia e com o valor mais intrepido, ganhando insignes victorias contra numerosos exercitos. Achava-se com a posse e governo de dois mundos d'esde 1621 el-rei D. Fi-

lippe IV de Castella e terceiro em Portugal, quando os holandezes dispunham uma grande armada para invadirem a cidade do Salvador de Todos os Santos, capital então do Estado do Brasil. Esta se achava n'aquelle tempo no descuido e grandeza que costuma resultar da longa paz; e esquecidos os seus moradores das frechas dos inimigos naturaes, não cuidavam das ballas dos estranhos; porque nos animos que invilescer o ocio, ou a opulencia entorpece, não fazem consternação os perigos no ameaço, se não na ruina. Tinha por este tempo as redeas do governo geral do Estado, Diogo Furtado de Mendonça, quando em 9 de Maio de 1624 chegou á barra da Bahia a armada holandeza, composta de 25 vasos, com 3,400 homens de guerra trazendo por seu general a Jacob Vilhe Khens, por almirante a Petre Petrid, inglez de nação, e por mestre de campo de toda a infantaria a João Dorth. Por interpresa foi occupada a cidade, aproveitando-se o inimigo do nosso descuido, primeiro que a presteza da sua diligencia. Quem não sabe temer, não sabe prevenir, e no repente dos assaltos obra mais a confusão dos invadidos, que o valor dos invasores.

Chegou a noticia do successo a Lisboa, que mediu o damno pela perda, e sentiu com excesso a desgraça. A Madrid chegou tambem a noticia da ruina, que despertou o letargo em que jazia aquella côrte no descuido das conquistas. Dispôz logo o conde duque de Olivares duas poderosas armadas; uma em Castella, e em Portugal outra. Escreveu el-rei D. Filippe IV de sua real mão aos governadores do reino de Portugal, os condes de Portalegre e de Basto, e a outros muitos grandes, com encarecidos termos, o muito que esperava do valor e lealdade portugueza n'aquelle empenho, que tocava a toda a monarchia. Em uma e outra, se previniram armadas: na de Portugal se alistou grande numero de fidalgos da maior esphera, uns com praça

de soldados, outros com nome de aventureiros, sendo general d'ella D. Manoel de Menezes, tão célebre então pelo nascimento, valor e mais moraes virtudes, como depois pelas desgraças. A de Castella não era de menor apparato, antes superior em náos, gente e experiencia: n'ella vinham varios titulos e fidalgos de elevada grandeza; uns já famosos na profissão da guerra, e outros que escolheram esta occasião para ensaio do seu novo militar emprego. Entre estes soldados vieram tres filhos do fidalgo D. Pedro Matheus Rendon, que foram D. João Matheus Rendon, D. Francisco Rendon de Quebêdo e D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca. Depois já no anno de 1640 veio outro irmão D. José Rendon de Quebêdo com instrumento da sua fidalguia, e d'ella fazemos menção em n. 3º d'este titulo.

Estas duas armadas com o numero de 66 vasos, 12,000 homens e 1,015 peças de artilheria, entraram pela barra da Bahia na sexta-feira da semana santa, 28 de Março de 1625. Desembarcou a nossa infantaria, sahio á terra, escolheu sitio, formou quartéis, levantou trincheiras, dispóz plataformas, accommodou artilheria e bateu as fortificações do inimigo, vigilante em se defender, até que desenganado e opprimido, entregou a cidade salvas as vidas, e sahio em 2º de Abril do mesmo anno, corrido e castigado o mesmo orgulho que a 9 de Maio do anno antecedente tinha entrado triumphante e atrevido; deixando-nos a cidade tão abastecida e municionada, como se só entrára n'ella a deixar fortalecida. Esta guerra anda diffuzamente narrada na *Nova Lusitania*; no *Castrioto Lusitano*; no *Portugal Restaurado* e na *America Portuguesa*. Nós aqui sómente tocamos n'ella por conta da passagem, que na armada castelhana fizeram os tres irmãos Rendons, já referidos, como assumpto d'este genealogico e historico titulo de Rendons.

A cada um d'estes tres irmãos fez el-rei D. Filippe IV, por seu alvará mercê de 3 escudos de mais por mez, além da praça ordinaria que venciam (1). Acabada a guerra da Bahia e lançado d'ella os belgas, se retiraram as armadas, largando as vellas no dia 4 de Agosto do mesmo anno de 1625. Ficaram continuando o real serviço os tres fidalgos Rendons, até que se passaram para S. Paulo, como iremos mostrando no decurso d'este titulo, no qual veremos a cada um d'elles em seu distincto numero para melhor percepção dos ramos que propagaram.

N. 1. D. João Matheus Rendon.

N. 2. D. Francisco Rendon de Quebêdo.

N. 3. D. José Rendon de Quebêdo.

N. 4. D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca.

D. João Matheus Rendon veio da Bahia para a cidade de S. Paulo onde fez assento. N'ella levantou uma companhia de infantaria á sua custa para a restauração de Pernambuco, que se achava possuido do inimigo hollandez, desde 4 de Fevereiro de 1630, em que tinha entrado a sua armada composta de 70 vélas, contando-se entre ellas poderosas náos com 8,000 homens de guerra, que governavam dois generaes, Henrique Long, no mar, e Theodoro de Wandenburg, na terra. Em a matriz de S. Paulo a 17 de Novembro de 1631 casou D. João Matheus Rendon; e no assento d'este casamento se declarou, que era natural da cidade de Coria, filho de D. Pedro Matheus Rendon e de sua mulher D. Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca, com D. Maria Buono de Ribeira, filha de Amador

(1) Cart. da provedoria da fazenda real de S. Paulo, liv. de registros das sesmarias, n. 8, anno de 1633 até o de 1638 pag. 53.

N. 12 anno de 1636 até 1696 pag. 87 v.

Vid. liv. de datas, tit. 1637 fls. 89, e tit. 1633 fls. 42 e seguintes.

Bueno e de sua mulher D. Bernarda Luiz, todos naturaes de S. Paulo (2). D'este grande paulista Amador Bueno e das suas acções, cargos e illustre ascendencia tratamos em titulo de Buenos, cap. 1.º

Do matrimonio de D. João Matheus Rendon e D. Maria Bueno de Ribeira (que falleceu em S. Paulo a 7 de Novembro de 1646) (3) nasceram em S. Paulo cinco filhos que foram :

- D. Pedro Matheus Rendon e Luna..... cap. 1.º
- D. João Matheus Rendon..... cap. 2.º
- D. José Rendon..... cap. 3.º
- D. Ignex de Ribeira..... cap. 4.º
- D. Anna de Alarcão e Luna..... cap. 5.º

## CAPITULO I

1—1. D. Pedro Matheus Rendon e Luna, casou na matriz de S. Paulo com D. Maria Moreira Cabral, filha de Luiz da Costa Cabral e de sua mulher Luzia Moreira, ambos naturaes de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 21 de Abril de 1652. Este Luiz da Costa Cabral foi mandado por parte dos camaristas de S. Paulo beijar a mão ao Sr. rei D. João o IV, restituído ao throno de Portugal, levando por adjunto a Balthazar de Borba Gato, e ambos fôram recebidos com benigno agasalhado do soberano monarcha, que se dignou agradecer esta obediencia por carta firmada do seu real punho, datada em Lisboa a 24 de Setembro de 1643 (4). Neta pela parte paterna de Simão da Costa, natural da cidade

(2) Livro 1.º de assentos dos casamentos da matriz de S. Paulo, no anno de 1634, o de D. João Matheus Rendon.

(3) Orphãos de S. Paulo, masso 1.º de inventarios, letra M n. 11.

(4) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros, capa de couro, n. 2. tit. 1642, pag. 13 v.

de Beja, (filho de Luiz da Costa Cabral, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Antonia Gomes Froes, ambos da cidade de Beja) e de sua mulher Branca Cabral, natural de S. Paulo, irmã direita de Pedro Alves Moreira, que foi pai dos honrados paulistas, o alcaide mór Jacintho Moreira Cabral, que falleceu na villa de Sorocaba, e do coronel Pascoal Moreira Cabral, aos quaes dois irmãos elegueu o Sr. D. Pedro II, para penetrarem o sertão das serras de Cahativa e Biraçoyaba, e n'ellas fazerem os exames das pedras de prata e descobrimentos de minas de ouro com fr. Pedro de Sousa, a quem o mesmo senhor enviára para este effeito com cartas firmadas do seu real punho datadas em Maio de 1682 (5), nas quaes trata sua magestade a Jacintho Moreira Cabral com o caracter de alcaide mór, e a Pascoal Moreira com o de coronel.

Por sua avó Branca Cabral, foi bisneta de Pedro Alvares Cabral, natural da ilha de S. Miguel (traz a sua origem da casa de Belmonte, como escreve o rev. Dr. Gaspar Fructuoso, a quem seguiu o padre Antonio Cordeiro do collegio da cidade da Ponte Delgada, no seu livro *Historia Insulana* impresso em Lisboa em 1717), e de sua mulher Susana Moreira, natural de S. Paulo, irmã direita de Maria Moreira que foi mulher de Innocencio Preto, natural de Portugal, ouvidor da capitania de S. Paulo e S. Vicente, em cuja camara tomou posse no livro tit. 1684, pag. 49, e foi um dos primeiros e nobres povoadores d'esta villa com mais irmãos, José Preto, Manoel Preto e Sebastião Preto, que todos vieram pelos annos de 1562 na companhia de seu pai Antonio Preto, que depois de ter feito muitos serviços a Deus, a el-rei e ao donatario da capitania Martim Affonso

(5) Secretaria do conselho ultram. livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673 até 45 de Dezembro de 1700 pag. 30.



de Sousa, voltou para o reino, e trazendo sua mulher se estabeleceu em S. Paulo em 1574, onde já se achavam os quatro filhos (6). Ternaeta de Jorge Moreira, natural do Rio Tinto da cidade do Porto, pessoa de estimada nobreza, que veio em 1545 para a villa de S. Vicente, da qual foi capitão mór governador, e onde casou com Isabel Velho, natural da cidade do Porto, de d'onde com seus irmãos os padres Gabriel Rodrigues e Antonio Rodrigues, ambos presbyteros do habito de S. Pedro, Garcia Rodrigues, Francisco Rodrigues Velho, Jorge Rodrigues e as irmãs Maria Rodrigues, mulher de Salvador Pires, Mecia Rodrigues, mulher de Domingos Gonçalves de Mendonça; e outras mais que tinham vindo para S. Vicente na companhia de seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velha, ambos da cidade do Porto.

Foi D. Maria Moreira Cabral, mulher de D. Pedro Matheus Rendon e Luna, pela parte materna, neta de Innocencio Preto e de sua mulher Maria Moreira, os mesmos de que fallamos supra. (\*) D. Pedro Matheus Rendon, segundo uma nota do major Pedro Taques, se passou de S. Paulo para a Ilha Grande com seu sogro Luiz da Costa Cabral em 1631, e descobriu os matos do rio Pirahy, em cujas terras teve sesmaria em 1636. Seu pai foi tambem para a Ilha Grande, vide fl. 33. E se é certo que D. Pedro foi para a Ilha Grande em 1631, não é provavel que casasse em 1632 em S. Paulo, em cujos livros da matriz se não acha tal casamento; certamente casaria na dita Ilha). Teve D. Pedro Matheus Rendon e Luna seis filhos, que são os seguintes:

Filhos de D. Pedro Matheus Rendon e Luna.

2—1: D. João Matheus Rendon. . . . . § 1."

(6) Cartorio da provedoria da fazenda, livro de registros das sesmarias, n. 3, tit. 1618 até 1620 pag. 1. Livro n. 1, tit. 1562 pag. 159.

- 2—2: D. Pedro Matheus Rendon..... § 2.<sup>o</sup>  
2—3: D. José Rendon de Quebêdo..... § 3.<sup>o</sup>  
2—4: D. Luiz Rendon de Quebêdo..... § 4.<sup>o</sup>  
2—5: D. Francisco Matheus Rendon.... § 5.<sup>o</sup>  
2—6: D. Maria Cabral Rendon..... § 6.<sup>o</sup>

§ 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup>

2—1. D. João Matheus Rendon : falleceu solteiro nas minas de Parnaguá.

2—2. D. Pedro Matheus Rendon : falleceu solteiro nas Minas-Geraes na occasião do levantamento dos europeus contra os paulistas.

§ 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup>

2—3 } D. José Rendon de Quebêdo, e D. Luiz Rendon  
2—4 } de Quebêdo seguiram o real serviço, sabindo de S. Paulo em 1679 com o governador D. Manoel Lobo, que foi fundar na ilha de S. Gabriel do Rio da Prata uma fortaleza, e nova colonia, a que deu o nome de cidade do Sacramento. Para esta acção sahio de Lisboa D. Manoel Lobo com patente de governador e capitão-general do Rio de Janeiro, com ordem de que logo que tomasse posse do dito governo, passasse ao Rio da Prata a formar as fortificações necessarias para uma nova colonia por carta datada em Lisboa a 12 de Novembro de 1678 (7). Subiu a S. Paulo a tratar a materia de sua commissão com os paulistas Fernão Paes de Barros e Fernando Dias Paes Leme, para os quaes trazia cartas do principe regente o Sr. D. Pedro para darem toda a ajuda e soccorro a D. Manoel Lobo, para se conseguir a pretensão, a que vinha dirigido : assim se vê

(7) Carta da provedoria da fazenda da praça de Santos. Livro de registros das ordeus n. 3, til. 1678 até 1684 pag. 26 v.

da carta para Fernão Paes de Barros, cuja fiel copia é do theor seguinte :

« Fernão Paes de Barros. Eu o principe vos envio saudar. O governador D. Manoel Lobo vos ha de dar conta de um negocio de meu serviço, que pondo-se em effeito redundará em augmento dos meus vassallos, principalmente dos que vivem n'essa repartição do Sul. E porque estou inteirado do zelo, com que vos haveis em varios particulares de meu serviço, espero, que n'este ajudeis a D. Manoel Lobo com vossa pessoa, escravos e o mais que vossa possibilidade der lugar, para que se consiga o que se pretende, e me ficará em lembrança, para vos fazer mercê.

Escripta em Lisboa a 12 de Novembro de 1678. «Principe.»

Para Fernão Paes de Barros.

D'este mesmo theor foi a carta para Fernando Dias Paes Leme, como temos escripto em titulo de Lemes, cap. 3º § 5º n. 3.

Chegando a S. Paulo o fidalgo D. Manoel Lobo foi hospedado com grandeza e abundancia por Fernão Paes de Barros todo o tempo que precisou demorar-se, dispondo o necessario para a viagem, que tinha de fazer para a ilha de S. Gabriel. Deu-lhe em dinheiro cem mil réis, e tres cavallos dos melhores que tinha em sua cavalherice; e porque no almoxarifado da praça de Santos não havia dinheiro para supprir as despezas que tinha de fazer D. Manoel Lobo, appareceu no senado da camara de S. Paulo Fernão Paes de Barros, e representou aos officiaes d'ella, que para o serviço de sua alteza tinha quarenta arrobas de prata nas baixellas de sua copa; que todas offerencia para que ou se fundissem, ou se empenhassem, ou se vendessem, com tanto, que se effectuasse o real serviço, de que vinha encarregado o governador D. Manoel Lobo. Tudo

consta do termo de vereança em um dos livros do anno de 1679; e tambem dos papeis de serviços do dito Barros, processados em S. Paulo em 1683 perante o juiz ordinario Diogo Barbosa Rego, sendo escrivão dos autos o tabellião Roque Mendes da Silva.

D. Manoel Lobo retirou-se de S. Paulo a embarcar-se no porto de Santos para a cidade do Rio de Janeiro, levando em sua companhia como soldados aventureiros, aos dois irmãos D. José e D. Luiz Rendon de Quebêdo, os quaes em companhia do mesmo D. Manoel Lobo embarcaram no Rio de Janeiro a demandar a ilha de S. Gabriel, onde chegaram a salvamento com o corpo militar de infantaria do prezidio d'aquella praça, e da que veio da Bahia com todos os petrechos de guerra e artilheria grossa, capaz de cavalgar nas carretas da nova fortaleza, que iam fazer construir.

Esleu D. Manoel Lobo o sitio, e n'elle fundou a cidade da Nova Colonia do Sacramento e a sua fortaleza, de d'onde escreveu aos officiaes da camara de S. Paulo em Fevereiro de 1680, pedindo mantimentos de carnes de porco e tresentos alqueires de feijão, e que tudo mandariam entregar no porto de Santos a Diogo Pinto do Rego capitão-mór governador da capitania de S. Vicente, a quem escrevia para fazer promptificar embarcação que conduzisse estes generos para o Rio da Prata. Enviou por agente d'esta expedição a João Martins Claro, á quem Fernão Paes de Barros entregou 150 arrobas de carne de porco, mil alqueires de farinha de trigo e cem de feijão, sem mais interesse que a honra d'esta serventia.

Achava-se em S. Paulo o tenente de mestre de campo general Jorge Soares de Macedo, mandado por sua alteza para acompanhar para as minas de Parnaguá e para o sertão de Sabarábuçú ao administrador geral D. Rodrigo

de Castel-Blanco, natural do reino de Castella (V. em titulo de Lemes, cap. 5. § 3<sup>o</sup>, n. 3), que da cidade da Bahia tinham vindo, trazendo uma companhia de sessenta soldados infantas da qual era capitão Manoel de Sousa Pereira e alferes Mauricio Pacheco Tavares; e se dispôz por determinação do dito administrador geral á passar o Rio da Prata, e d'alli principiar a examinar todo o sertão da costa pelo interesse de descobrir minas de prata e ouro. Para este effeito preparou-se em S. Paulo de todo o necessario elegendo ao paulista Braz Rodrigues Arzão para capitão-mór de toda a gente da leva, de que lhe passou patente o dito tenente-general em S. Paulo em 15 de Janeiro de 1679; ao paulista Antonio Affonso Vidal para sargento-mór da dita leva por patente com a mesma data; com outros muitos paulistas, que então seguiram este real serviço, como foram Manoel da Fonseca, Manoel da Costa Duarte, João Carvalho, João de Goes Raposo e seu irmão Manoel de Goes Raposo, Francisco Dias Velho e seu irmão José Dias Velho, além de outros, dos quaes não descobrimos documento algum, que nos declarasse quem elles foram; e com duzentos indios bons sertanistas. Para esta jornada recebeu Jorge Soares de Macedo dos officiaes da camara de S. Paulo dois contos e cincoenta mil réis em dinheiro, doze catanas, dezenove espingardas, quinze arrobas de tabaco de rolo, tres mil alqueires de farinha de trigo, tresentas arrobas de carne de porco, cem alqueires de feijão, oito mil varas de panno de algodão, trinta e oito arrobas de fio de algodão torcido em tres linhas e duas arrobas de fio singelo (8). Todos estes generos fizeram conduzir para o porto de Santos os officiaes da camara de S. Paulo a

(8) Arquivo da Cam. da S. Paulo. liv. de vacações, tit. 1675 pag. 62 usq. 75 v.

entregar ao dito tenente-general Macedo. Este alli embarcou em fins de Março de 1679 com sete sumacas, das quaes era capitão de mar Manoel Fernandes por patente do mesmo Macedo datada em Santos a 29 de Janeiro de 1679, levando n'ellas toda a gente da sua conducta, indios, fabricas mineraes de sua alteza, fazendas, mantimentos, e tudo o mais necessario. Teve tres arribadas por contrarios ventos e temporaes grandes, que levaram ao fundo uma sumaca, sem escapar do naufragio, viva creatura; e tres foram de arribada tomar o porto da ilha de Santa Catharina; e Macedo, com outras tres, tomou a barra de Santos. D'esta villa penetrou por terra a costa do Sul, e pelo sertão chegou a ilha de Santa Catharina: Estando n'ella recebeu ordem do governador D. Manoel Lobo para alli postar com a infantaria e mais gente da sua conducta applicando-a á manobra de serrar madeiras e taboados, fazer cal de ostras e fazer carvão, para tudo servir na povoação da Nova Colonia: tudo fez assim executar o dito Macedo. Depois teve segunda ordem do mesmo governador D. Manoel Lobo para embarcar nm uma sumaca, e n'ella ir para a ilha de S. Gabriel (9), a qual ordem é do theor seguinte:

« Ordeno ao capitão Manoel da Costa Duarte, que ficou por cabo da gente e indios que assistem na ilha de Santa Catharina, conserve a dita gente e indios, não lhes permitindo saíam da ilha senão aquellas pessoas de que muito se fiar, principalmente aquelles indios, que tiverem algum prestimo, assim de officiaes mecanicos, como os que tiverem capacidade para acompanharem os brancos nas jor-

(9) Carta da provedoria da praça de Santos, livro de registros das ordens, n. 5, título 1693 até 1701 pag. 81 v. na carta patente do mestre de campo Jorge Soares do Macedo, governador da praça de Santos, datada em Lisboa a 26 de Janeiro de 1700.

nadas dos sertões, por assim convir ao serviço do príncipe nosso senhor, e esta se cumprirá tão inteiramente como n'ella se contém. Dada n'esta cidade do Sacramento aos 8 de Abril de 68.»—D. Manoel Lobo.

Embarcado o tenente-general Jorge Soares de Macedo com algumas pessoas de avultado nome, deu vélas a sumaca á demandar o Rio da Prata; porém na altura do cabo de Santa Maria, deu a embarcação á costa com uma grande tempestade. Salvou-se miraculosamente o dito tenente-general e 24 companheiros, cada um arrimado a sua taboa, perecendo todos os mais comtudo quanto ia na dita sumaca. Os naufragos que sahiram á terra, se puzeram em marcha a demandar a Nova Colonia. Já por então haviam os jesuitas da missão de Yapejú despedido uma grande tropa de índios armados a occupar o sertão da costa do Sul, assim como outra tropa de canoas tinha occupado a navegação do rio Paranãa, pelo justo temor de que de S. Paulo sahia grande soccorro a unir-se com D. Manoel Lobo; assim o declara o livro intitulado *Insignes Missioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay*. Livro 3.<sup>o</sup> cap. 10 até o cap. 13; posto que é obra jesuitica, como se conhece do estylo d'ella e da accommodação dos textos sagrados ao seu intento e com o nome de D. Francisco Xarque de Andela. O tenente-general Jorge Soares de Macedo e seus 24 companheiros foram encontrados da tropa d'estes índios, que a todos prisionaram e conduziram até a missão de Yapejú, da qual foram mandados para Buenos-Ayres, onde foram presos no carcere da fortaleza, com sentinellas á vista, como consta da carta patente do mesmo Jorge Soares, citada na margem retro; e entre elles o capitão-mór Braz Rodrigues Arzão e o sargento-mór Antonio Affonso Vidal, ambos paulistas.

Tendo já o governador D. Manoel Lobo completa a obra



da fortaleza da Nova Colonia e cidade do Sacramento teve d'ella noticias D. José de Garro, cavalleiro da ordem de S. Thiago, governador e capitão-general da provincia de Buenos-Ayres, que por prevenção tinha pedido soccorros a D. Philippe Rege Corbalan, governador da provincia de Paraguay, e ao tenente-general Martim de Garayar, que governava a cidade de Cordova. Por este tempo, se achava na cidade de Salta, D. João Dias Andino, governador da provincia de Tucuman; porém os avisos contra D. Manoel Lobo chegaram até ao vice-rei do Perú, que então era o Exm. arcebispo de Lima o Dr. D. Melchior de Linban. Escreveu tambem ao superior de todos os jesuitas das missões dos indios o padre Christovam Altamirano; e só a redução de Yapejú, que fica no rio Uruguay 20 léguas antes de Buenos-Ayres, promptificou tres mil e trescentos indios de armas, distribuidos em companhias de cem homens, dois mil cavallos em pello, quinhentas mulas de cargas para a condução do trem e duzentos bois de carretas para puxarem a artilheria, que o general Garro quizesse encaminhar ao campo inimigo.

Estando prompto um pé de exercito capaz de qualquer acção de batalha, enviou Garro varios protestos ao governador D. Manoel Lobo, requerendo-lhe desamparasse o sitio que occupava, por serem as terras d'elle, do el-rei de Castella; e que lhe concederia todos os partidos que propuzesse, contanto, que lhe evitasse o rompimento da guerra, pelo que lhe offerecia todas as embarcações e viveres necessarios para se restituir ao Rio de Janeiro; e que lhe mandaria entregar livres os prisioneiros que já se achavam na cidade de Buenos-Ayres com o tenente-general Jorge Soares de Macedo. Constante porém o valor de D. Manoel Lobo, se não deixou vencer do terror, com que

o castelhano lhe representava o seu direito e força de suas armas no corpo do exercito com que o ameaçava.

Desenganado o castelhano de que o portuguez não cedia da constancia do seu valor, fez pôr em marcha o seu exercito á disposição do mestre de campo D. Antonio de Vera Moxica, a cujo valor e pericia militar fiou Garro todas as operações da batalha. No dia 6 de Agosto de 1680 se moveu o exercito do campo inimigo pela fórma seguinte: Quatro mil cavallos em pello sem serem montados de pessoa alguma vinham adiante em um só corpo montuoso: Logo atraz tres mil indios de armas divididos em tres batalhões, que governavam os mestres de campo tambem indios João de Aguilera, João de Frutos e Alexandre de Aguirre. A retaguarda occupavam os soldados hespanhoes de tropas pagas do 3º do mestre de campo D. Francisco de Gusmão e Tejeda, da cidade de Cordova, ficando na de Buenos-Ayres dois mil homens de armas para a defender no caso de ficar o exercito derrotado e de intentarem os portuguezes surprezar a dita cidade, considerando-a menos presidiada. Todos marchavam a pé, porque discorria o mestre de campo Moxica, que empregada a artilheria da fortaleza, no corpo montuoso e dilatado, que formava o numero de quatro mil cavallos avulsos, podiam os indios e os soldados hespanhoes com presteza militar levar por assalto a dita fortaleza, antes que a artilheria d'ella repelisse a sua segunda descarga. Esse discreto, ou nescio discurso, que não é da nossa intelligencia applaudil-o, ou condemnal-o, se distraiu para logo, quando os mestres de campo Aguilera, Frutos e Aguirre, com os tres mil indios dos seus terços, começaram a murmurar e a queixar-se de que os levavam a morrer, e não a pelear. E perguntados porque causa aprehendiam tão infausto successo, responderam que sentindo os cavallos o écho da artilheria e as ballas

d'ella, haviam de voltar atraz com tão furioso impeto, que atropelariam e poriam em desordem os esquadrões. Julgou Muxica prudentissimo este temor, e mandou que, retirados os cavallos, marchasse o exercito. Chegou este a fortaleza, pouco antes de romper a alva, quando a sentinella de um baluarte fez signal com um tiro de canhão a cujo estrondo foi entrada a fortaleza pelos soldados de D. Ignacio. Amandiu pelo mesmo baluarte, onde primeiro mataram a sentinella d'elle; e acudindo todo o corpo militar da praça, avançaram pela parte da cidade os tres mil indios dos terços dos mestres de campo já referidos. Travou-se entre portuguezes e inimigos uma rigorosa disputa de armas assim de fogo, como de ballas em funda, maças e outros instrumentos de guerra, de que vinham petrexados os indios. Neste dia estava enfermo de cama e purgado o governador D. Manoel Lobo, porém as forças do corpo lhe não diminuíram o valor do animo. Em viva peleja sustentamos 3 horas largas este assalto com valor e obstinação portugueza. Entre muitos se fez bem distincto Manoel Galvão, capitão de infantaria da praça do Rio de Janeiro, que montado á cavallo com a espada na mão, feria e matava animando a todos, e reforçando por muitas partes os batalhões, até perder a vida. Imitou a seus altos espiritos sua mulher D. N.... que ao lado do marido movia a espada tão ligeira, que parecia raio, e continuou assim ainda depois de o ver morto até que teve a mesma sorte que a de seu esposo. E' lastima não declarar-se o nome d'esta matrona.

Perdemos a batalha e a praça, ficando muitos prisioneiros, entre os quaes sabemos de D. Francisco Naper de Lancastre, o capitão Simão Farto com 12 soldados da sua companhia, os dois irmãos D. José e D. Luiz Rendon de Quebêdo, que até no destino de serem prisioneiros tiveram a sorte de fazer fiel companhia ao governador D. Manoel

Lobo, a quem acompanhavam d'esde a sahida de S. Paulo, porque tambem ficou prisioneiro e foi conduzido para a cidade de Buenos-Ayres, e mettido na mesma prisão, em que se achava o tenente-general Jorge Soares de Macedo, e ambos foram mandados passar para a cidade de Cordova, onde se conservaram presos até 9 de Novembro do anno de 1681, em que foram soltos para assistirem a entrega e restituição da Nova Colonia; porém Macedo querendo passar a Portugal, foi para a cidade de Lima, onde se embarcou nos galeões de Hespanha, como tudo consta da sua carta patente de mestre de campo e governador da praça de Santos, da qual já temos feito menção.

D. José e D. Luiz Rendon de Quebêdo se deixaram ficar em Buenos-Ayres, depois que conseguiram a liberdade pelo tratado provisional celebrado entre as duas corôas de Portugal e Castella, a respeito da restituição da cidade do Sacramento da Nova Colonia, que se assignou em Lisboa a 7 de Maio de 1681 por parte do Sr. D. Pedro principe regente, sendo seus plenipotenciarios o duque de Cadaval, o marquez de Fronteira e o bispo D. Fr. Manoel Pereira, secretario d'Estado; e por parte d'el-rei D. Carlos II, o duque de Jovenasso seu embaixador extraordinario na côrte de Lisboa com pleno poder para este negocio. E teve effeito esta restituição, entregando-se a dita cidade a Duarte Teixeira de Chaves que veio de Lisboa em Janeiro de 1682 com ordem régia para que, logo que tomasse posse do governo da capitania do Rio de Janeiro, passasse á Nova Colonia para tomar entrega d'ella na fórma do dito tratado. (Camara de S. Paulo, livro de registros, tit. 1675 pag. 84 v.)

Em Buenos-Ayres, com eleição igual ás suas qualidades, casaram os dois irmãos Rendons, e se corresponderam com seu irmão D. Francisco Matheus Rendon em S. Paulo, cujas filhas foram pedidas para passarem áquella cidade á

custa dos grandes cabedaeas que os tios possuíam, se as sobrinhas quizessem abraçar o estado de religiosas em um dos mosteiros d'aquella cidade. Se n'ella deixaram descendencia, ignoramos.

§ 5º

2—5. D. Francisco Matheus Rendon (filho de D. Pedro Matheus Rendon, do cap. 1º), casou em S. Paulo com D. Maria de Araujo, filha do capitão-mór governador e alcaide-mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo, Pedro Taques de Almeida e de sua mulher D. Angela de Siqueira. (\*Falleceu a 14 de Março de 1733. Orph. de S. Paulo, mag. 3º n. 11, let. F.) Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 3.º E do seu matrimonio nasceram em S. Paulo 6 filhos.

3—1. Pedro Taques de Almeida.

3—2. D. Francisco Taques Rendon.

3—3. D. Maria da Assumpção e Araujo.

3—4. D. Angela de Siqueira Rendon.

3—5. D. Ignacia Francisca Xavier Rendon.

3—6. D. Custodia Paes Rendon.

3—1. Pedro Taques de Almeida, nasceu a 8 de Março de 1701.

3—2. D. Francisco Taques Rendon, nasceu ao 1º de Novembro de 1699. (\*Acho outro assento a fl. 104 v. de 4 de Janeiro de 1698 de nome de Francisco, filho dos mesmos pais.)

3—3. D. Maria d'Assumpção.

3—5. D. Ignacia Francisca Xavier Rendon, nasceu a 3 de Julho de 1696, (fl. 122) e falleceu.

3—6. D. Custodia Paes Rendon, filha ultima, nasceu a 15 de Julho de 1708, (fl. 192) e falleceu.

3—4. D. Angela de Siqueira Rendon de Quebêdo, primogenita, nasceu a 20 de Março de 1625, fl. 113, (filha

de D. Francisco Matheus Rendon do § 5º), casou com Diogo de Toledo Lara seu tio em 3º grão de consanguinidade mixto com o 2º, em cujo impedimento foram dispensados pelo Exm. bispo. Foi natural de S. Paulo e cidadão da sua republica, cujos honrosos cargos serviu sempre, e de juiz ordinario e orphãos. Por eleição de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, minas do Cuyabá e dos Guayazes, governou muitos annos as minas de Parnampanema e as de Apiahy, com patente de capitão-mór e regente d'ellas. Datada em 26 de Agosto de 1725 (10).

Foi segundo padroeiro do altar de Nossa Senhora da Purificação da igreja do collegio dos jesuitas de S. Paulo onde todos os annos fazia a festa no dia 2 de Fevereiro com muita solemnidade; e por seu fallecimento deixou em dinheiro estabelecido um reddito para as despezas d'esta festa a que se obrigou o reitor por si e seus successores. Foi filho de João de Toledo Castelhanos (\* Falleceu a 2 de Fevereiro de 1726, e nasceu a 5 de Março de 1642. Liv. de bapt. e obit. da cidade de S. Paulo)\* natural e cidadão de S. Paulo; e de sua primeira mulher D. Maria de Lara, que foi irmã inteira do capitão-mór governador e alcaide-mór Pedro Taques de Almeida, de quem já tratamos n'este § 5.º Neto pela parte paterna de D. Simão de Toledo Piza, natural da cidade de Angra da Ilha Terceira e de sua mulher D. Maria Pedroso, com quem casou na matriz de S. Paulo a 12 de Fevereiro de 1640. Este D. Simão de Toledo Piza tinha militado assim nos presidios como nas armadas de Castella (11). Em S. Paulo falleceu no anno

(10) Arch. da cam. de S. Paulo, liv. de registros, tit. 1721 pag. 185 v. E secretaria do governo de S. Paulo, liv. 2º do registro geral a fl. 38 v.

(11) Cartorio da provedoria da fazenda, liv. de registros das sesmarias, n. 9 tit. 1638, até 1642 pag. 106 v.

de 1668, tendo occupado repetidas vezes os honrosos cargos da republica ; e foi juiz de orphãos proprietario por mercê do marquez de Cascaes, donatario da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Os grandes serviços que fez a el-rei e a republica n'esta capitania constam no livro 4º de registros, tit. 1664 pag. 30 v. do archivo da camara de S. Paulo, de cuja capitania e da de S. Vicente tinha sido ouvidor de que tomou posse a 16 de Julho de 1666 na camara capital de S. Vicente. Foi este D. Simão de Toledo Piza filho de D. Simão de Toledo Piza, natural de Madrid, que falleceu na Ilha Terceira em posto de sargento-mór de infantaria, com o qual tinha vindo na armada, de que foi general D. Alvaro de Bazan, marquez de Santa Cruz no anno de 1588 contra Mr. de Chatres, cavalleiro de Malta, que se achava occupando aquelles mares a favor do Sr D. Antonio Prior do Crato (cuja voz seguiam os moradores das ilhas), refugiado em França contra o poder d'el-rei D. Filippe II de Castella e 1º em Portugal. Na batalha naval, que durou 5 horas perdeu um olho o sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, e ficando morador na Ilha Terceira n'ella casou com D. Gracia da Fonseca Rodovalho, irmã direita do deão d'aquella sé, chamado o Rabaço, que instituiu o morgado da ilha do Pico Redondo, e el-rei o aposentou com o mesmo soldo de sargento-mór, fazendo-lhe mercê de mais 200 cruzados cada anno alem de sua praça, em attenção a qualidade do seu illustre sangue, como consta do alvará d'esta mercê, registrada na vedoria da Ilha Terceira, tendo-se consumido o original em nosso poder em 1755, em que nos achavamos em Lisboa quando foi o terremoto e incendio das casas, onde moravamos junto a igreja dos Martyres, abaixo do cemiterio de S. Francisco da cidade. Teve o dito sargento-mór duas filhas, que el-rei D. Filippe as mandou recolher para Madrid, e as accommodou em religiosas em



um dos mosteiros d'esta côrte; e dois filhos que foram D. Gabriel e D. Simão, e a ambos concedeu uma praça de soldo com 3 escudos de vantagem, até terem idade de tomar armas, como consta do real alvará, registrado na vedoria da Ilha Terceira, cujos originaes tambem se consumiram, reduzidos em cinzas em nosso poder em Lisboa com outros muitos papeis e certidões de serviços do sargento-mór D. Simão de Toledo Pisa, e de seu filho do mesmo nome, que antes de vir para S. Paulo tinha estado em Madrid já em patente de capitão de infantaria do presidio da Ilha Terceira, para onde recolhendo-se teve não sei que successo, pelo qual foi preso no castello d'aquella ilha, do qual fugitivo se passou ao Brasil e casou em S. Paulo no anno de 1640, como fica declarado. Elle assim o expressou no seu testamento constituindo n'elle herdeiro dos seus serviços ao filho João de Toledo Castelhanos, e dos serviços de seu pai o sargento-mór D. Simão de Toledo Pisa; o qual antes de vir na armada com o general d'ella o marquez de Santa Cruz tinha militado com D. João de Austria, com quem se achára na batalha de Lepanto, ganhada aos turcos em 7 de Outubro de 1571, e na recuperação de Tunes e Bizerta em 1576 com o mesmo D. João de Austria; e com elle se achou tambem na famosa batalha de Glembours; o que tudo constava das certidões passadas ao dito sargento-mór, que se reduziram á cinzas em Lisboa e que se acham registradas na Ilha Terceira. Por estes papeis de serviços se via que o dito sargento-mór D. Simão de Toledo Pisa, era de qualidade illustre, como filho de D. João de Toledo Pisa, natural da villa de Alva de Tormes, legitimo descendente sem quebra de bastardia da illma. casa de Arva de Tormes, que são os condes de Oropeja e duques de Alva e de sua mulher D. Anna de Castelhanos, natural de Madrid. E pela parte de sua avó D. Maria Pedroso foi o capitão-

mór Diogo de Toledo Lara bisneto de Sebastião Fernandes Corrêa, natural de Refoios de Ponte de Lima, freguezia de Santa Eulália, primeiro provedor e contador da fazenda real da capitania de S. Vicente, proprietario por mercê do Sr. rei D. João IV de 3 de Janeiro de 1642 (12), e de sua mulher D. Anna Ribeira, natural de S. Paulo, filha de Sebastião de Freitas, natural da cidade de Silves, e de sua mulher D. Maria Pedroso de Alvarenga, natural de S. Paulo, onde falleceu a 17 de Julho de 1666, e foi sepultada em jazigo proprio que tinha na igreja dos religiosos carmelitas (13). Este Sebastião de Freitas nasceu no lugar da Alagoa da cidade de Silves do Algarve em 1565, filho de Manoel Pires, pessoa nobre, que foi provedor da santa casa da misericórdia da dita cidade de Silves, e de sua mulher N.... que depois casou segunda vez com Diogo Mendes da Motta, cavalleiro professo da ordem de Christo e almoxarife da real fazenda na mesma cidade. Passou ao Brasil em praça de soldado da companhia do capitão Gabriel Soares, que veio a Bahia no anno de 1591 com o governador geral D. Francisco de Sousa para o acompanhar ao sertão ao descobrimento das minas de prata, que tinha ido offerecer a el-rei D. Filippe um Riberio Dias, natural da mesma cidade da Bahia, assegurando, que havia mais prata no Brasil do que Bilbão dava ferro em Biscaya, e pedindo, por premio d'este grande descobrimento a mercê de marquez das Minas, que se lhe não conferiu, posto que, por alvará de lembrança foi despachado com outras mercês, e de administrador geral das ditas minas, se deu a D. Francisco de Sousa a de marquez das minas, que depois no anno

(12) Cartorio da provedoria da fazenda real, livro de registros n. 1, tit. 1637 até 1658, pag. 16.

(13) Cartorio do 1.º tabellião de S. Paulo, mag. de titulos antigos, inventario de D. Maria Pedroso com testamento, letra M.

de 1670 se verificou em seu neto do mesmo nome, terceiro conde do Prado por mercê de 7 de Janeiro do dito anno do Sr. rei D. Alfonso VI. Na jornada falleceu o capitão Gabriel Soares e o simulado Riberio Dias não mostrou as minas promettidas, depois de fazer penetrar o sertão mais de 200 leguas a D. Francisco de Sousa, que por fim se recolheu a cidade, tendo-se consumido uma grande somma de dinheiro em aprestos, instrumentos, mineraes, gente e corpo militar da sua conducta. Este engano porém ou se julgasse cometido na promessa, ou na execução, dissimulou o governador geral D. Francisco de Sousa, e sem duvida experimentaria Riberio Dias o merecido castigo se não houvesse fallecido logo, deixando aquellas esperadas minas occultas até aos seus proprios herdeiros; sendo certo que elle era um dos moradores principaes e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, e tinha uma baixella e todo o serviço da sua capella de finissima prata tirada em minas, que achára em suas terras. Esta opinião se verificou depois com a resolução de passar a Madrid, e offerecel-as com a indiscreta ambição de aspirar por premio a desmarcada mercê de marquez d'ellas. O general D. Francisco de Sousa passou da Bahia para S. Paulo onde chegou em Novembro de 1599, e fazendo entablar as minas de Jaguamimbaba, Jaraguá, Vaturuna e Biraçoyaba, se recolheu ao reino em 1602, em que lhe chegou successor. Voltou do reino para S. Paulo em 1609 com administração geral das minas, e a mercê de marquez d'ellas. Falleceu em S. Paulo em 10 de Junho de 1611, deixando com o governo a seu filho D. Luiz de Sousa, que em 11 do mesmo mez e anno tomou posse na camara de S. Paulo.

Da cidade da Bahia passou para S. Paulo Sebastião de Freitas, onde fez muitos serviços, porque no anno de 1594 accompanhou ao capitão Jorge Corrêa ao sertão a dar guerra

ao barbaro gentio, inimigo que havia vindo pôr em cerco a villa de S. Paulo. Depois no anno de 1593 acompanhou ao capitão Hieronimo Pereira de Sousa ao mesmo sertão, levando seus escravos a dar guerra ao inimigo gentio, em bem e utilidade da capitania. Em 1599 sahiu de soccorro para a villa do porto de Santos acompanhando o capitão Diogo Gonçalves Lopo pelo rebate que houve de 4 velas inimigas, e assistiu todo o tempo, que foi preciso alli demorar-se o capitão Lopo. Por estes e outros serviços foi armado cavalleiro em S. Paulo em 1600 por D. Francisco de Sousa, que para isso tinha faculdade régia. Tudo consta da provisão que lhe passou para sua guarda e título dada em S. Paulo a 22 de Junho de 1600 (14). Em S. Paulo teve sempre as redeas do governo civil e militar, Sebastião de Freitas, que como pessoa distincta e caracterisada lograva respeito, autoridade e estimação. Estes merecimentos bem os reconheceu Hieronimo Corrêa Souto-Mayor capitão-mór governador da capitania, loco-tenente do donatário d'ella Lopo de Sousa, quando em 22 de Julho de 1606 lhe passou patente de capitão da gente da villa de Piratininga do campo de S. Paulo, para com ella poder acudir em todas as occasiões de rebate por haverem inimigos na costa, o que diffusamente narramos em título de Freitas.

Por sua bis-avó D. Maria Pedroso foi terno de Antonio Rodrigues de Alvarenga fidalgo da casa real, natural da cidade de Lamego (filho de Balthazar de Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro, fidalgos de geração, como se expressa na sentença proferida no juizo do cível da côrte de Lisboa por virtude da qual se passou brazão de armas, cuja copia existe em título de Alvarengas, em 22 de Julho

(14) Archivo da camara de S. Paulo, Livro de reg; tit. 1600 pag. 22.

de 1681) (15), e de sua mulher D. Anna Ribeira, que falleceu em S. Paulo a 23 de Outubro de 1647, e seu marido Antonio Rodrigues de Alvarenga falleceu a 19 de Setembro de 1614, e foram sepultados na capella-mór da igreja do Carmo em S. Paulo.

Por sua ter-avó dita D. Anna Ribeira foi quarto neto de Estevão Ribeiro Bayão, natural da cidade de Beja, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, da cidade do Porto, de onde vieram com filhos e filhas, para a capitania de S. Vicente a povoar de sua nobre geração aquella villa, da qual se passaram para a de S. Paulo do campo de Piratininga, onde se estabeleceram e casaram suas filhas com acertos da eleição, porque D. Anna Ribeiro foi mulher de Antonio Rodrigues de Alvarenga, como temos escripto ; D. Leonor Pedroso foi mulher de Pedro de Moraes de Antas, filho de Balthazar de Moraes de Antas, natural da villa de Monxagale, fidalgo da casa real ; Cicilia Ribeiro foi mulher de Bernardo de Quadro, nobre sevilhano, provedor e administrador das minas de S. Paulo e juiz de orphãos, proprietario, senhor do engenho de fundir ferro e aço, na serra de Biracoyaba etc, porque de Estevão Ribeiro Bayão, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira procede a primeira e mais qualificada nobreza da capitania de S. Paulo, que sempre no real serviço deram a conhecer o sangue que lhes adornava as véas.

O capitão-mór Diogo de Toledo Lara falleceu a 20 de Janeiro de 1743, e havia nascido ao 1.º de Fevereiro de 1680, e baptizado por seu tio o padre José Pompêo ; e sua mulher D. Angela de Sequeira Rendon falleceu a 24 de Setembro de 1764 (16).

(15) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros tit. 1675 pag. 97.

(16) Orph. de S. Paulo, maço 2.º n. 90, inventario e testamento do capitão-mór Diogo de Toledo.

- 4—1 Antonio de Toledo Lara.
- 4—2 D. Maria Thereza de Araujo e Lara.
- 4—3 D. Anna de Toledo, nasceu a 28 de Dezembro de 1724.
- 4—4 D. Escholastica Maria Rendon de Toledo, nasceu a 13 de Janeiro de 1727.
- 4—5 D. Ursula Maria das Virgens de Toledo Rendon, nasceu a 24 de Março de 1729.

4—1 Antonio de Toledo Lara (filho do capitão-mór Diogo de Toledo Lara), baptizou-se a 11 de Julho de 1723, sendo seus padrinhos seus avós maternos D. Francisco Rendon e D. Maria de Araujo (17).

§ 6."

2—6. D. Maria Cabral Rendon (filha ultima de D. Pedro Matheus Rendon, do cap. 1<sup>o</sup>), foi casada com Manoel Lopes de Medeiros, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os honrosos cargos da republica e n'ella teve tanta autoridade, que sempre conservou as redeas do governo politico e militar : Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão general do Rio de Janeiro com o governo de S. Paulo, teve d'este paulista muito honrosas informações pelo bom procedimento que havia acreditado nas occasiões do real serviço. Em 22 de Setembro de 1699 o proveu no posto de sargento-mor da comarca de S. Paulo com 80\$000 de soldo, que tanto tiveram sempre os d'esta patente : n'ella diz o general Arthur ibi—«morador da villa de S. Paulo e estar exercitando o posto de sargento-mór dos auxiliares do terço do mestre de campo Domingos da Silva Bueno, e ser uma das principaes pessoas d'aquella villa, onde serviu por

(17) Livro de baptizamentos fl. 106 v. da matriz de S. Paulo.

espaço de 14 annos o posto de capitão da infantaria da ordenança; e pela boa informação que teve d'elle o governador geral do Estado, Antonio Luiz Martins de Castro Coutinho, o proveu no cargo de provedor dos defuntos e ausentes, capellas e residuos das capitancias de S. Vicente e de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen. Apresentando em a camara de S. Paulo o capitão-mór Manoel Peixoto da Motta a real ordem para correr o dinheiro a peso, foi o primeiro que obedeceu á dita ordem, expondo por isso a vida ao odio do povo, que não queria aceitar a dita ordem.» (18)

Do posto de sargento-mór da comarca tomou posse na camara capital de S. Vicente a 18 de Outubro de 1699. Foi confirmada esta patente pelo Sr. rei D. Pedro II, assim como a provisão com que serviu de provedor dos ausentes, capellas e residuos pelos annos de 1694 (19). Teve a incomparavel honra de receber do mesmo senhor uma carta firmada pelo seu real punho, com data de 20 de Outubro de 1698, registrada na secretaria do conselho ultramarino, entre outras mais escriptas á diversos paulistas no livro das cartas do Rio de Janeiro que principia a 28 de Março de 1673 pag. 198 até 199. O theor da dita carta é o seguinte :

« Manoel Lopes de Medeiros. Eu el-rei vos envio muito saudar. Por haver sido informado pelo governador e capitão general do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes do zelo com que vos houvestes na expedição das ordens que tocavam á meu serviço, que o dito governador para este effeito expediu, e a grande vontade com que vos haveis em tudo o que vos recommendou, mostrando n'isto a boa lealdade de honrado vassallo : Me pareceu por esta, mandar-vos agradecer, e segurar-vos, que tudo o que n'este particular obrastes, me fica em lembrança, para folgar de vos fazer toda a mercê quando tratareis de vossos requerimentos. Escripita em Lisboa a 20 de Outubro de 1698. Rei, »



Quando Arthur de Sá e Menezes passou por ordem régia do Rio de Janeiro para S. Paulo, com 600\$000 de ajuda de custo em cada um anno, além do seu soldo de capitão general, sendo preciso dar providencias ás desordens que experimentavam os povos das novas minas dos Cataguazes, que com o tempo ficaram conhecidas pelo caracter de Geraes, só confiou esta importantissima commissão do sargento-mór Manoel Lopes de Medeiros, a quem enviou com ampla jurisdicção e regimento datado em S. Paulo a 10 de Fevereiro de 1700, em serviço de sua magestade, e bem dos vassallos do mesmo senhor, fazendo atalhar qualquer perturbação que houvesse em ditas minas e repartir as terras mineraes, não só as que já estavam descobertas, mas tambem as que de novo se fossem descobrindo, e tambem para examinar com João Carvalho da Silva um dos principaes paulistas por sangue e procedimento de honrado vassallo, as minas de prata, que se suspeitava haver n'aquellas serras para de tudo se dar conta ao monarcha (20).

Este honrado paulista Manoel Lopes de Medeiros foi irmão direito do muito reverendo padre Antonio Lopes de Medeiros, presbytero do habito de S. Pedro, de grande veneração e respeito, não só dentro do bispado, mas fóra d'elle; e ambos filhos de Antonio Lopes de Medeiros, natural e cidadão de S. Paulo, onde sempre teve as redeas do governo civil, e pela sua distincta qualidade, foi eleito em ouvidor da capitania, de que tomou posse na camara ca-

(18) Cart. da provedoria da fazenda real, livro capa de holandilba de registros n. 5. Liv. 8.º de 1693 pag. 63 v.

(19) Livro supra-citado pag. 16 v. Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros n. 4, tit. 1658 pag. 56 v.

(20) Cart. da Prov. da Faz. real, liv. de reg. n. 5, anno de 1693 pag. 68.

pital da villa de S. Vicente a 7 de Dezembro de 1659 (21) : e de sua mulher Catharina de Onhate, com quem casou na matriz de S. Paulo a 10 de Junho de 1642. (22) Neto pela parte paterna de Mathias Lopes, que foi mamposteiro-mór dos captivos pelos annos de 1608 (23), e de sua mulher Catharina de Medeiros, filha de Amador de Medeiros, um dos nobres povoadores da villa de S. Vicente pelos annos de 1538, e casou na villa de Santos, onde se achava morador pelos annos de 1568, e passando para a de S. Paulo lhe foram concedidas por sesmaria todos os pontos devolutos, pelo caminho velho da antiga villa de S. André, rio Jarobátiba, continuados ao longo do Tamanduátihy, até o Tejucupã, como se vê no cartorio da provedoria da fazenda real no livro de registros das datas de sesmarias, tit. 1562, n. 1º pag. 161. Este Amador de Medeiros sahio de S. Vicente com o soccorro para a conquista do Rio de Janeiro em 1560, em que o governador geral Mem de Sá tomou a fortaleza aos francezes : segunda vez sahio com soccorro de S. Vicente para Cabo-Frio, quando o governador Antonio Salema foi contra os barbaros gentios do Cabo-Frio (24). E pela parte materna, neto de Christovão da Cunha d'Onhate, natural e cidadão de S. Paulo, onde falleceu a 26 de Junho de 1664 (25), e de sua mulher Mecia Vaz

(21) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros n. 4. tit. 1658 pag. 65 v.

(22) Cartorio de orphãos de S. Paulo, massa 1º de inventarios, letra C. n. 39. F. massa 1º, letra M. n. 25.

(23) Arch. da camara de S. Paulo, livro de registros, tit. 1607 pag. 44 v.

(24) Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro das sesmarias, titulo 1562 pag. 115 v.

(25) Cartorio de orphãos de S. Paulo, massa 1º d'inventarios, letra C. n. 2

Cardoso. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup>; e em titulo de Vaz Guedes, cap. 9.<sup>o</sup>

Em S. Paulo falleceu D. Maria Cabral Rendon a 23 de Novembro de 1699 (26). E teve do seu matrimonio 2 filhos que foram :

3—1. D. Antonia de Medeiros Cabral.

3—2 Antonio João de Medeiros.

3—1. D. Antonia de Medeiros Cabral, foi casada com Floriano de Toledo Piza, natural e cidadão de S. Paulo filho do capitão-mór governador D. Simão de Toledo Piza. Em titulo de Toledos, cap. 3.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> E em titulo de Taques, cap. 3.<sup>o</sup> § 9.<sup>o</sup> n. 3—9, e 4—1, e ahí a descendencia de Floriano de Toledo.

3—2. Antonio João de Medeiros, ficou herdeiro do cabedal e bens encapellados de seu tio o rev. Antonio Lopes de Medeiros, e abandonando a administração d'estes bens e dos rendimentos das moradas de casas em S. Paulo, passou solteiro para o Cuyabá, onde casou com D. Gertrudes de Almeida Campos, natural da villa de Sorocaba e filha do capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.<sup>o</sup> § 4.<sup>o</sup> n. 3—15; falleceu no Cuyabá. Com geração.

## CAPITULO II

1—2. D. João Malheus Rendon (filho de D. João Malheus Rendon e de D. Maria Bueno, do n. 1.<sup>o</sup>), casou na cidade do Rio de Janeiro com D. N.... de Azeredo Coutinho, da mais qualificada nobreza d'aquella capitania, por trazer a sua origem do illustre fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que tendo servido na India aos Srs. reis D. Manoel e D. João III, d'esde o anno de 1511 este monarcha

(26) Idem supra, massa 5.<sup>a</sup> letra M.

lhe fez mercê de juro herdade de 50 leguas de terra na costa do Brasil para fundar uma capitania, por carta de doação passada no anno de 1525, que com effeito a fundou, e é chamada do Espirito-Santo, e sua capital a villa da Victoria, com mais duas, que são a de Nossa Senhora da Conceição e a do Espirito-Santo. Vasco Fernandes Coutinho veio em pessoa fundar a sua capitania trazendo do reino muitos navios e gente, aprestos de guerra, e familias nobres para povoadores. Tomou terra no porto do Espirito-Santo onde fundou com esta vocação a primeira villa, e conquistando as terras da sua demarcação, teve com os gentios barbaros d'aquelle sertão muitas batalhas, e contra o poder das armas d'estes inimigos alcançou uma muito particular victoria: Por ella edificou no mesmo lugar a villa d'este nome como trophéo, e triumpho alli conseguido. Nesta capitania teve o donatario e senhor d'ella dito Vasco Fernandes Coutinho em uma Sra. N.... de Alameda o filho Vasco Fernandes Coutinho chamado o moço, que casou com. . . . . e d'este matrimonio procedem os Coutinhos do Rio de Janeiro já com alliança de Azeredos, porque da capitania do Espirito-Santo passou para a do Rio de Janeiro Marcos de Azeredo Coutinho, primeiro tronco da familia dos seus appellidos n'esta cidade de S. Sebastião, na qual é esta nobilissima familia bem conhecida. A sua illustre ascendencia é patente nos autos, e demanda que correu sobre a decisão de um morgado na Ouvidoria da mesma cidade, sendo autor na causa Sebastião da Cunha Rangel de Azeredo Coutinho. Ignoramos se do matrimonio de D. João Matheus Rendon houve filhos. Sabemos porém que ficando viuvo se habilitou para o estado sacerdotal, e passou para Lisboa a tomar ordens, e tendo já conseguido as de presbytero do habito de S. Pedro, falleceu de bexigas n'aquella côrte.

1—3. D. Ignez de Ribeira casou em S. Paulo com Vicente da Siqueira e Mendonça, irmão direito de Antonio de Siqueira e Mendonça, chamados de alcunha—Capuheiros—naturaes e cidadãos de S. Paulo, onde sempre tiveram o primeiro voto no governo da republica. Foram filhos de Lourenço de Siqueira que falleceu a 4 de Junho de 1633, e de sua mulher Margarida Rodrigues, que falleceu a 29 de Dezembro de 1634 (27), o qual Lourenço de Siqueira foi natural da villa de Santos, e irmão de Beatriz de Siqueira mulher de Antonio Gonçalves David, capitão do forte do Pinhão da Vera-Cruz, da praça de Santos com soldo e outros, que todos foram filhos de Antonio de Siqueira que veio de Lisboa para a villa de S. Vicente no anno de mil quinhentos e tantos, proprietario dos officios de tabellião e escrivão da camara e orphãos da villa de Santos por mercê do Sr. donatario Martin Affonso de Sousa; e casou na villa de Santos com uma filha de Antonio Pinto, irmão de Rui Pinto e de Francisco Pinto, todos fidalgos da casa de sua magestade, que tinham vindo em 1530 para o de 1531 com o dito Martin Affonso.

Foi Vicente de Siqueira e Mendonça, o Capuheiro, neto pela parte materna de Garcia Rodrigues, um dos primeiros povoadores da villa de S. Vicente, e de sua mulher Catharina Dias, filha de Lopo Dias, que veio povoar S. Vicente atrahido do donatario em 1531, e o dito Garcia Rodrigues era natural de S. Vicente, e por elle bisneto de Domingos Gonçalves, que falleceu em S. a 30 de Abril de 1627, e de sua segunda mulher Messia Rodrigues, natural da cidade do Porto (28), e por esta terneto de Garcia Rodrigues e de sua

(28) Cartoriode orphãos de S. Paulo, mas. 1.º de inventarios, letra L n. 42.

(28) Idem: masso 2.º de inventarios, letra D, o testamento de Domingos Gonçalves.

mulher Isabel Velho, primeiros e nobres povoadores de S. Vicente para onde vieram da cidade do Porto com varios filhos. Em titulo de Garcias Velhos....

Do matrimonio de D. Ignez de Ribeira nasceram 8 filhos, que foram :

- |   |       |
|---|-------|
| 2—1. D. Innocencia.....                           | § 1.º |
| 2—2. D. Joanna.....                               | § 2.º |
| 2—3. D. Maria.....                                | § 3.º |
| 2—4. Manoel de Siqueira Rendon.....               | § 4.º |
| 2—5. José de Siqueira Rendon.....                 | § 5.º |
| 2—6. Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça.... | § 6.º |
| 2—7. Antonio de Siqueira de Mendonça.....         | § 7.º |
| 2—8. João Matheus Rendon.....                     | § 8.º |

§ 1.º

2—1. D. Innocencia.... casou nas Minas-Geraes, e ignoramos se teve descendencia.

§ 2.º

2—2. D. Joanna.... casou nas Minas-Geraes, e ignoramos se teve geração.

§ 3.º

2—3. D. Maria.... falleceu solteira no Rio de Janeiro.

§ 4.º

2—4. Manoel de Siqueira Rendon, casou no Rio de Janeiro com D. Brites da Fonseca Doria, e teve 3 filhos, que foram :

3—1. D. Joanna, mulher de Manoel Alves Fragoso, dos campos de Guaitacazes.

3—2. D. Brites da Fonseca Doria, mulher de Gregorio Nazianzeno.

3—3. D. Antonia, casou nas Minas-Geraes.

Porém no livro dos casamentos da igreja da villa de Taubaté achamos que Manoel de Siqueira Rendon (filho de Vicente de Siqueira Mendonça e de sua mulher D. Ignez Navarro de Alva), casára a 22 de Novembro de 1693 com Maria Vieira Cardoso, filha de Antonio Vieira da Maia e de sua mulher Maria Cardoso. Supponho que este Manoel de Siqueira, do § 4º, casou primeira, ou segunda vez no Rio de Janeiro com D. Brites da Fonseca Doria. Em título de Vieiras Maías, cap. 4.º

§ 5.º

2—5. José de Siqueira Rendon, casou no Rio de Janeiro com D. Maria da Fonseca Doria, irmã direita de D. Brites da Fonseca Doria, do § 4º supra, e teve 3 filhos que foram:

3—1. D. Maria, mulher de Ignacio Ferreira Funchal.

3—2. D. Marianna, mulher de João da Fonseca Coutinho.

3—3. Ignacio de Siqueira Rendon, que falleceu solteiro.

§ 6.º

2—6. Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça, foi capitão-mór da barra de Guaritiba do Rio de Janeiro, e casou com D. Barbara da Fonseca Doria, e teve 4 filhos que foram:

3—1. Salvador de Siqueira Rendon, casou com D. Rosa Maria de Caldas.

3—2. Fradique Rendon de Quebêdo, capitão-mór da barra de Guaritiba, que existia pelos annos de 1759, em que nos hospedamos em sua casa, e d'elle recebemos estas noticias da geração que teve D. Ignez de Ribeira, d'este cap. 4.º



3—3. D. Margarida de Luna, casou com José Corrêa Soares, natural do Rio de Janeiro, filho de Gaspar Corrêa e de sua mulher D. Luzia de Aguiar, que foi filha de Martim Rodrigues Tenorio e de D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca, que foi filha do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, do n. 2º d'este titulo.

3—4. D. Leonor de Siqueira Rendon, casou com Gaspar de Asedias Machado.

§ 7.º

2—7. Antonio de Siqueira e Mendonça, casou com D. N.... sobrinha do capitão-mór Manoel Pereira Ramos, senhor do engenho e freguezia de Marapicú.

§ 8.º

2—8. João Matheus Rendon (ultimo filho de D. Ignez de Ribeira), existia solteiro no Rio de Janeiro em 1759.

CAPITULO IV

1—4. D. José Rendon (filho de D. João Matheus Rendon do n. 1º), nasceu gêmeo com sua irmã D. Anna, e ambos se baptizaram na matriz de S. Paulo a 4 de Agosto de 1641, como consta do liv. 1º dos assentos dos baptismos d'esta igreja em dito mez e anno. Casou na cidade do Rio de Janeiro (tendo passado a ella na companhia de seu pai D. João Matheus Rendon, que segunda vez estava casado em S. Paulo com D. Catharina de Goes e Siqueira, como adiante fazemos menção) com uma irmã dos padres Francisco Frazão e Antonio de Alvarenga Mariz, ambos da companhia de Jesus do collegio d'aquella cidade. Não teve filhos.

CAPITULO V e ultimo.

1—5. D. Anna de Alarcão e Luna, nasceu em S. Paulo e de um mesmo parto com seu irmão D. José Rendon, supra. Na companhia de seu pai D. João Mathews Rendon pelos annos de 1635, se recolheu ao Rio de Janeiro. Este fidalgo viuuvou pelos annos de 1646 em S. Paulo, onde segunda vez casou com D. Catharina Goes de Siqueira, como adiante mostramos, e com ella se passou para a capitania do Rio de Janeiro, onde já era morador desde 1651 seu irmão D. José Rendon de Quebedo do n. 3º adiante, como alli tratamos. No Rio de Janeiro casou D. Anna de Alarcão e Luna com Ignacio de Andrade Souto Maior (\* D'aquí por diante vai esta descendencia copiada de um titulo de Rendons feita pelo Illm. Sr. João Siqueira Ramos em 1746, que me foi confiado depois da sua morte) senhor da casa de Jerecino com sete engenhos, capitão e muitas vezes vereador da mesma cidade, filho de Ignacio de Andrada Machado, natural da Ilha Terceira, d'onde passou ao Rio de Janeiro, o qual era legitimo descendente das familias dos seus appellidos, de cuja origem se trata em titulo de Machados, das ilhas, e de sua mulher Helena de Souto-Maior, chamada a viuva da Pedra, sua parenta e filha de Belchior da Ponte Maciel, da familia dos Pontes Cardosos, da mesma ilha, como se vê em titulo de Pontes.

Teve :

§ 1º José de Andrada Souto-Maior.

§ 2º D. Helena de Andrada Souto-Maior.

2—1. José de Andrada Souto-Maior, nasceu no Rio de Janeiro, onde vive n'este anno de 1746 senhor da casa de Jerecinó, que fôra de seus pais. Casou com sua prima D. Anna de Araujo e Andrada, filha de Francisco de Araujo

de Andrada e de sua mulher D. Maria de Souro, filha de João de Souro, e neta pela parte paterna de Belchior de Andrada e Araujo, natural da villa dos Arcos e capitão no Rio de Janeiro, e de sua mulher Maria Cardoso de Souto-Maior, irmã inteira de Helena de Souto-Maior, de quem fallamos acima, cap. 5.<sup>o</sup>

Teve :

- 3—1. Ignacio de Andrada Souto-Maior.
- 3—2. D. Maria de Andrada Souto-Maior.
- 3—3. D. Anna de Alarcão e Luna.
- 3—4. D. Josepha, solteira.
- 3—5. D. Luzia, solteira.
- 3—6. Francisco de Araujo e Andrada.

3—2. D. Maria de Andrada Souto-Maior, casou no Rio de Janeiro com Mathias de Castro Moraes, que é hoje coronel de cavallaria da mesma cidade onde vive, fidalgo da casa real, e filho de Gregorio de Castro Moraes, mestre de campo da mesma cidade, onde falleceu na occasião, em que os francezes a invadiram, de cuja ascendencia se trata em titulo de Pimentes Moraes.

Teve :

4—1. José de Moraes Castro Pimentel, falleceu solteiro indo das minas de Paracatú para a Bahia onde foi sepultado na igreja do mosteiro de S. Bento : sem geração.

4—2. Gregorio de Moraes Castro Pimentel, que serve a sua magestade no posto de ajudante de infantaria de um dos regimentos da guarnição do Rio de Janeiro.

3—3. D. Anna de Alarcão e Luna, filha de José de Andrada Souto-Maior, casou no Rio de Janeiro com Francisco Fernando Camello Pinto de Miranda, moço fidalgo da casa real, natural da cidade do Porto, filho de Ayres Pinto de Miranda, moço fidalgo da casa real e neto de Fernão Camello de Miranda, senhor da casa de Villar do Pa-

raiso, de cuja ascendencia se trata em titulo de Pintos, senhores de Ferreiros e Tendaes, de quem é a sua varonia.

Teve :

4—1. Ayres Pinto Camello de Miranda, moço fidalgo da casa real, tenente de cavallaria.

4—2. D. Joanna de Miranda, ajustada para casar com seu primo co-irmão Gregorio de Moraes Castro Pimentel, acima.

4—3. D.

§ 2.º

2—2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, filha de D. Anna de Alarcão e Luna, cap.3.º Casou no Rio de Janeiro com Clemente Pereira de Azeredo Coutinho, natural da mesma cidade, senhor dos engenhos de Itaúna e Guaxindiba, capitão-mór e vereador da camara da mesma cidade, filho de Domingos Pereira da Silva, capitão de infantaria paga na mesma praça e de sua mulher D. Paula Rangel, em titulo de Azeredos Coutinhos e Mellos, do Rio de Janeiro, o qual falleceu em 1739 a tempo que já era viuvo e tinha os filhos seguintes :

3—1. D. Anna de Alarcão e Luna, mulher do sargento-mór Bento Rodrigues de Andrada de quem ficou viúva em 1746, sem geração.

3—2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, que segue.

3—3. Carlos de Azeredo Coutinho de Mello, que falleceu solteiro em 1739: sem geração.

3—4. D. Ignacia de Andrada Souto-Maior, que vive em companhia de sua irmã D. Helena, sem haver tomado estado.

3—2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, filha segunda de D. Helena e de Clemente Pereira, nasceu no engenho de Itaúna, em que viviam seus pais, e foi baptizada na fregue-

zia de Nossa Senhora da Piedade de Magé a 3 de Novembro de 1700. Casou no Rio de Janeiro com Manoel Pereira Ramos, em cuja casa foram recebidos a 16 de Agosto de 1721, e vivem ambos no seu engenho de Marapicú em 1746. E' Manoel Pereira Ramos natural do Rio de Janeiro, capitão-mór de um dos districtos da mesma cidade, vereador da camara d'ella e senhor dos engenhos de Marapicú, Cabuçú, Itaúna, do Gama, etc., filho de Thomé Alvares do Couto Moreira e de sua mulher D. Michaela Pereira de Faria e Lemos, neto pela parte paterna de Thomé Alves Moreira do Couto, que havendo nascido na villa de Moreira bispado do Porto, na quinta da Azenha, que era de seus pais, casou no balliado de Lessa, d'onde passou ao Brasil por uma morte que fez; e da sua ascendencia se acham memorias nos titulos de Coutos Moreiras, do Porto; e pela parte que toca a sua mãe, neto de Francisco de Lemos de Faria, natural da Ilha do Faial, d'onde passou ao Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Isabel Pereira de Carvalho, filha de Gaspar Pereira de Carvalho e Jardim, senhor do engenho de Pindituba; o qual Francisco de Lemos era legitimo descendente das familias dos Lemos e Farias, bem conhecida no Faial.

Tem:

4—1. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, que nasceu a 2 de Julho de 1722, e foi baptizado em casa de seus pais a 31 de Agosto. E' cavalleiro da ordem de Christo e oppositor em canones na universidade de Coimbra.

---

PROSSEGUIMENTO DO TITULO DE RENDONS, QUE ESCREVEU O  
SR. JOÃO PEREIRA PARA DEPOIS SER POSTO EM MELHOR  
ORDEM

*Seguem-se seus irmãos*

4—2. D. Michaela Joaquina Pereira de Faria e Lemos, baptizada a 22 de Março de 1726, religiosa no convento de Narvilla junto a Lisboa com o nome de soror Michaela Joaquina Archangela de Sant'Anna.

4—3. Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria, baptizado a 16 de Julho de 1728. E' cavalleiro da ordem de Christo, que recebeu no Rio de Janeiro no convento de S. Bento no anno de 1746.

4—4. D. Helena Josepha de Andrada Souto-Maior Coutinho, baptizada a 12 de Novembro de 1729, religiosa no mesmo convento de sua irmã com o nome de soror Helena Josepha Angelica da Gloria. Fizeram as suas profissões em 1746.

4—5. Clemente Pereira de Azeredo Coutinho de Mello, baptizado a 31 de Outubro de 1731.

4—6. Ignacio de Andrada Souto-Maior, baptizado a 10 de Agosto de 1733.

4—7. Francisco de Lemos de Faria Pereira, baptizado a 22 de Abril de 1735.

4—8. Thomé Alves Pereira do Couto Moreira, falleceu de poucos dias.

4—9. D. Anna Rosaura Rita de Alarcão e Luna, baptizada na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro a 10 de Junho de 1737.

4—10. Thomé Alves do Couto Moreira, fallecido de poucos dias.

4—11. D. Maria de Mello Coutinho e Azeredo, baptizada a 18 de Junho de 1739.

4—12. José Rendon de Luna Quebedo Alarcão, baptizado a 20 de Junho de 1743.

O fidalgo D. João Matheus Rendon pag. 133, casou segunda vez em S. Paulo pelos annos de 1654 com D. Catharina de Goes e Siqueira. Esta senhora estava viuva d'esde 18 de Janeiro de 1651 de seu primeiro marido Valentim de Barros, natural de S. Paulo capitão de infantaria na restauração de Pernambuco contra os hollandezes, cujo irmão Luiz Pedroso de Barros casou tambem na Sé da cidade da Bahia com D. Leonor de Siqueira irmã da dita D. Catharina de Goes e Siqueira que eram naturaes da Bahia, de onde se passaram com seus maridos para S. Paulo, cortando pelas saudades da patria e dos irmãos João de Goes de Araujo, que foi desembargador juiz do civil da relação da sua patria pelos annos de 1666, em que o Sr. rei D. Affonso VI, lhe tinha encarregado varios negocios do seu real serviço, de que mandou fazer avizo aos officiaes da camara de S. Paulo (29) de que tratamos, e da nobre ascendencia do dito desembargador em titulo de Goes.

D. João Matheus Rendon fez assento no seu engenho de assucar de Itacuruçá, onde já se achava pelos annos de 1656. Levou de S. Paulo os dois enteados Fernando e João, o qual se baptizára em S. Paulo a 13 de Julho de 1645. Ignoramos se D. João Matheus Rendon teve filhos

(29) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros n. 4, tit. 1664 pag. 52.



d'este segundo matrimonio na capitania do Rio de Janeiro, Nós entendemos, que os não teve, e que os enteados Fernando ou João, se enlaçaram por casamentos na mesma nobre familia de Rendons do Rio de Janeiro.

FIM DO N. 1.º

N. 2.º

DE

D. FRANCISCO RENDON DE QUEBEDO

D. Francisco Rendon de Quebêdo, acabada a guerra contra os hollandezes na Bahia, passou para S. Paulo onde casou com D. Anna de Ribeira, irmã direita de D. Maria Bueno de Ribeira, mulher de seu irmão D. João Matheus Rendon. Foi este fidalgo D. Francisco Rendon, juiz de orphãos proprietario em S. Paulo, onde sempre teve as redeas do governo da republica e da milicia. Pelo seu grande respeito, actividade e zelo do real serviço, foi encarregado para levantar em S. Paulo companhias de picas hespanholas com 40 escudos de soldo por mez os capitães para restauração de Pernambuco, e armada que na Bahia preparava o conde da Torre para passar com ella contra os hollandezes. Havia encarregado as dependencias todas d'esta guerra nas capitancias do sul ao governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, o qual logo se lembrou para desempenho da acção de D. Francisco Rendon de Quebêdo, a quem concedeu todos os poderes, que se notam do contexto das pteutes que para isto lhe mandou passar, que se acham registradas no lugar a margem citada (30). A 1ª datada a 23 de Maio de 1639; e a 2ª em 2 de Agosto

(30) Cart. da Prov. da Faz. real de Santos, liv. do reg. n. 3º, 1638 Pag. 23 v. e liv. n. 6º. 1626 pag. 46.

do dito anno. De ambas daremos aqui fiel copia. As ordens do conde da Torre foram expedidas da Bahia com data de 3 de Fevereiro, 8 de Junho e 2 de Agosto do anno de 1639, que todas se acham registradas no archivo da camara de S. Paulo, no livro de registros, tit. 1636, n. 3, pag. 82, 96 e 99. Caderno de registro n. 1 capa de couro de veado, tit. 1640 pag. 3 e 18. Livro de registros n. 5 tit. 1636 com capa de carneira, pag. 96.

Deu causas para esta recruta de soldados paulistas o máo successo, que teve o conde da Torre, quando com poderosa armada sahiu de Lisboa para restaurar Pernambuco, e se recolheu á Bahia, onde então tinha as redeas do governo geral do Estado Pedro da Silva. Havia o conde da Torre sabido de Lisboa nos ultimos de Outubro de 1638 com armada para restaurar Pernambuco, do poder dos hollandezes e do seu general o conde de Nassau, tão poderosa nos vasos como crescida no portante dos navios, galeões, fragatas de guerra, náos grossas, copia grande de embarcações ordinarias, com instrumentos bellicos, artilharia, etc. Era a frota mais poderosa, que até aquelle tempo sulcára os mares da America. Em 10 de Janeiro de 1639 se avistou do Arrecife esta pomposa armada com assombro dos inimigos e alvoroço dos pernambucanos, que vendo aquelle poder pelo vulto dos vasos, encheram de discreta confiança a sua expectação. O hollandez parecendo-lhe que o desengano do golpe lhe chegava sem tempo para o reparo, olhava para o que temia, e para o que necessitava. Via as suas praças desmantelladas, suas fortificações cahidas, e sustentados só na confiança da paz, em lembrança das victorias. Considerava-se sitiado no Arrecife, e sem aquella provisão de mantimentos e munições precisas para sustentar um cerco. Os soldados tão poucos por suas fortificações, que reconduzidos do sertão, e chamados das forta-

lezas, não faziam corpo, que pudesse avultar á vista do nosso poder. Olhava para o que tinha no mar, e só via 3 náos que estavam á carga. Cotejava o seu estado, e nossa injuria, e não achava em que pudesse fundar a menor confiança para se oppôr á resistencia, e assentava comsigo o ser chegado o fim do imperio hollandez em aquella porção da America. Porém quando o conde de Nassau se considerava perdido, se viu respirar desabafado ; porque sem tomar panno foi navegando a armada até dobrar o cabo de Santo Agostinho, e ancorar na enseada da Bahia. Emquanto n'ella se deteve quasi um anno, se preveniu o conde de Nassau e o da Torre D. Fernando Mascarenhas de capitães mais destros nos caminhos e veredas dos reconcados de Pernambuco, para que com a gente da sua disciplina penetrassem os matos e d'elles assaltassem com subitas armas os quartéis e habitações hollandezas. Para segurança d'este premeditado projecto mandou o conde da Torre ordem a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador alcaide-mór do Rio de Janeiro para fazer levantar na capitania de S. Paulo, companhias de infantaria de picas hespanholas, cada uma de 80 paulistas, como já dissemos, cujos cabos e officiaes lhe seriam confirmadas as patentes pelos ditos conde, chegados que fossem á Bahia para se passarem na armada, em que havia ir restaurar Pernambuco. Esta importante recruta se fiou de D. Francisco Rendon de Quebêdo, que com actividade e zelo do real serviço, conseguiu elegendo capitães e mais officiaes as pessoas de maior confiança e valor. E' lastima não descobrirmos documentos, que nos certifiquem de todos os capitães que n'esta importante occasião tiveram a honra do real serviço ! Apenas encontramos a certeza de que do corpo militar paulistano foram capitães de infantaria Valentim de Barros e seu irmão Luiz Pedroso de Barros, An-

tonio Raposo Tavares e seu irmão Diogo da Costa Tavares, Manoel Fernandes de Abreu e João Paes Florião. No porto da villa de Santos debaixo do commando do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo embarcaram os capitães, seus officiaes e soldados, com grande numero de indios frecheiros e arcabuzeiros para a Bahia, onde foram recebidos os capitães com benigno agasalho pelo conde da Torre, que lhes mandou passar suas patentes, pagando-se a todos, os soldos d'esde o dia que tinham destacado de S. Paulo. Do Rio de Janeiro fez regresso o capitão Rendon para S. Paulo, ficando entregue de todo o corpo militar o governador Salvador Corrêa de Sá. Estas companhias foram encorporadas na Bahia no terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra.

COPIA DA ORDEM DO GOVERNADOR SALVADOR CORRÊA PASSADA  
A D. FRANCISCO RENDON DE QUEBÊDO (31)

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, alcaide-mór da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, commendador da commenda de S. Salvador da Alagôa, almirante da costa do Sul e Rio da Prata, superintendente em todas as materias de guerra da dita costa, capitão-mór e governador d'esta capitania do Rio de Janeiro, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem, que dando-me o Sr. conde da Torre, governador e capitão general de mar e terra d'este Estado, parte de haver chegado á cidade da Bahia com a armada, que o dito senhor foi servido mandar a ella para restauração de Pernambuco, e que necessitava de infantaria para refazer a que no decurso da viagem havia mor-

(31) Cartorio da provedoria da fazenda real da villa de Santos, livro de registros n. 6, título 1626, pag. 40.

rido, pedindo-me o soccorresse com toda a que podesse d'esta capitania, e das de S. Vicente e S. Paulo, e dispondo a dita leva n'esta cidade por minha pessoa; e tendo satisfação da do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, morador em S. Paulo, lhe cometti a que na dita capitania se havia de fazer, o que elle fez com tanto cuidado e zelo do serviço de sua magestade, que juntou muitos infantes e 54 indios frecheiros e arcabuzeiros, os quaes me trouxe a esta cidade para o effeito de ir ao dito soccorro, gastando de sua fazenda muito até os trazer a ella, de d'onde com a mais gente, que lhe aggreguei de infantaria o nomeei por capitão d'ella, e cabo de todo o dito soccorro, para partir para a dita cidade da Bahia. E tendo n'esta occasião segundo aviso do dito Sr. conde da Torre governador geral de que fosse o soccorro com toda a vantagem de infantaria e indios quanto fosse possivel, para cujo effeito lhe pareceu serviço de sua magestade enviar-me a provisão, que irá trasladada com esta, para que possa perdoar crimes, que me parecer, e em particular os commettidos nas entradas dos sertões, com o que ficaria a dita leva mais augmentada, e o dito soccorro mais consideravel. E havendo respeito ás partes, qualidade, sufficiencia, zelo e desvelo, com que se tem havido no serviço de sua magestade em muitas occasiões, como me consta, e em especial n'esta presente da dita leva o dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, e que sendo morador na villa de S. Paulo, fica mais suave o consequimento da dita leva, hei por bem, e serviço do dito senhor, de lhe encarregar que torne á dita capitania, e n'ella faça e solicite a leva de toda a infantaria e gente que lhe fôr possivel, declarando e manifestando a mercê que o dito Sr. conde em nome de sua magestade, concede por meio da sua provisão em cumprimento da qual eu lhes darei o dito perdão dos

crimes que haviam commettido, em especial dos commettidos nas entradas do sertão, sendo que venham para ir ao dito soccorro, ou mandem em seu lugar estando impedidos outras pessoas, filhos, parentes, ou familiares da sua, e a todas as pessoas, que para o dito effeito o dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo offerecer o perdão em nome de sua magestade, e debaixo d'estaminha ordem, eu lhes concedo na fórma que se me ha concedido: E bem assim a todas as pessoas que particularmente fizerem gente e o ajudarem na dita leva, o dito capitão prometterá a companhia da mesma infantaria que alistarem, o que eu confirmarei em virtude da dita provisão, para cujo effeito lhe concedo todo o meu poder da mesma maneira que eu o tenho. E ao dito D. Francisco Rendon de Quebêdo nomêio por capitão de infantaria de picas hespanholas com 40 escudos de soldo em cada mez, os quaes gozarão de hoje em diante, visto estar actualmente em serviço de sua magestade n'esta leva, e commissão d'ella: e ordeno ao capitão-mór, ouvidor, officiaes de justiça e fazenda da dita capitania dêem ao dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo todo o favor e ajuda, que para effeito da dita leva lhe for necessaria, e embarcações para trazer a gente de guerra, que assim alistar, com comminação de se haver por elles, suas fazendas e bens, toda a omissão que n'isto houver, e possa prejudicar ao serviço de sua magestade, deligencia e brevidade, que o caso requer: E mando a todas as pessoas, que assim alistar lhe obedeçam e sigam suas ordens de palavra, ou por assento; e as justças de sua magestade da dita capitania de S. Paulo, as guardem sendo caso que para o dito effeito se passe alguma cedula de confiança para poder algum criminoso assistir livremente na dita leva, até chegar a esta cidade, onde eu lhe confirmarei o perdão; E havendo alguma pessoa, official de justiça ou



fazenda, que impida ou não favoreça ao dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo em dita leva ou ordem que para ella der, para que com melhor effeito se corrija o serviço de sua magestade, poderá o dito capitão emprazar a tal pessoa para que pareça ante mim ; e sendo pessoa que vença ordenado da fazenda de sua magestade, se lhe porá verba no assento, até eu determinar o dito emprazamento : E outro sim ordeno, que a primeira provisão, que passei ao dito capitão para effeito da dita leva, fique em sua força e vigor, como n'ella se contem ; e que o dito capitão proceda contra todas as pessoas, que livremente se alistaram na primeira leva que fez, e depois sem impedimento algum se ausentaram por não irem no dito socorro, pelo que lhe mandei passar a presente minha provisão, que mando se cumpra e guarde como n'ella se contem e se registrará nas camaras das villas, onde parecer que convem. Dada n'esta cidade do Rio de Janeiro sob meu signal e sello das minhas armas a 2 do mez do Agosto de 1639 annos.—*Salvador Corrêa de Sá e Benevides.*—

No fim do anno de 1639 sahiu da Bahia o conde da Torre, deixando entregue o governo a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos (depois vice-rei da India e o 2º do Estado do Brasil em 1663) e com vento em popa navegou a armada até avistar a barra grande distante de Pernambuco para a parte do Sul 25 leguas : alli se advertiu a conveniencia do porto para o intento de lançar-se a gente em terra debaixo do commando do seu mestre de campo o Barbalho, como tinha premeditado na Bahia o conde da Torre, general d'esta armada, e feito antecedentes avisos d'este seu projecto aos de Pernambuco ; porém não se admittiu o conselho pela distancia. A vista de Tamandaré 17 leguas do Arrecife se fez o mesmo requerimento e foi reprovado, não sabemos se por desprezo. Já n'esta altura



experimentava a frota a vehemencia com que corriam as aguas, que ajudadas da furia dos ventos fizeram inutil todo o governo do leme e do panno. O inimigo hollandez, que com destreza se sabia aproveitar das occasiões, que lhe offerecia a fortuna, mandou largar panno a 20 fragatas e alguns patachos, (já de antes prevenidos para este fim) que sahiram do porto com a vantagem de navegarem a barlavento dos nossos, cahiram sobre a capitania com ousada resolução 3 fragatas, intentando abalroal-a, brevemente sahiram da empresa ao mesmo tempo castigados e arrependidos. A primeira tragaram as ondas despedaçada; e as duas desarvoradas e desfeitas, de sorte que apezar da memoria as desconhecia a vista. Abonançou o vento por espaço de 3 horas, em cujo tempo poderam os nossos navios ordenar-se para a batalha, que a temeu o contrario e valeu-se do desvio, servido da furia, com que se repetiu a tempestade, que a uns e a outros, não deixou mais salvação que a de obedecer aos mares. Levado das ondas desgarrou a frota portugueza para Indias de Hespanha, onde primeiro a levou o destino do que a ordem que el-rei tinha dado ao conde da Torre, para que concluida a empresa de Pernambuco tomasse as Indias e comboiasse os galeões da frota de S. Lucar. As náos hollandezas favorecidas do vento voltaram para o Arrecife, embandeirada de negro entrou a sua capitânia, em cujo luto se amortallhou toda a alegria da ventura tão custosa pela perda, como pela magoa, com que d'ella se tiraram os corpos dos mortos, entre os quaes vinha o do seu general.

Este infeliz successo da nossa armada, fez acordar aos capitães do terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra a vigilante cautella, com que agora o conde de Nassau poderia intentar ir sobre a Bahia, reconhecendo a falta das forças militares, que se desgarrava na armada, que

seguia para Indias de Castella e propozeram ao conde da Torre a necessaria providencia e soccorro, que devia deixar em terra em qualquer dos portos d'aquella costa de onde podessem marchar pelo sertão para a Bahia. Instava a importancia d'esta resolução; e no porto do Touro 14 leguas do Rio-Grande para o Norte deixou a armada ao mestre de campo Barbalho com mil e tresentos infantes, em que entravam os capitães, officiaes e soldados paulistas, e os governadores D. Antonio Filippe Camarão e Henrique Dias com seus pretos; este dos crioulos e minas, e aquelle dos indios. Havia de ser a marcha pelo interior do mato e em parte por entre a barbaridade dos indios do sertão, topando em muitas com armas dos inimigos hollandezes, e em todas sem provisão nem esperanças de soccorro humano com distancia de quasi 300 leguas até a cidade da Bahia, cujas difficuldades eram superiores aos mais ousados corações, e só o de cabos tão destimidos e que já tinham o caracter de bons sertanistas, havendo conquistado muitas e diversas nações barbaras dos sertões de S. Paulo e Indias de Hespanhas nas provincias do Paraguay até o reino do Perú poderam intentar e vencer semelhante empresa, que ainda depois de conseguida se fez duvidosa. Os transes d'esta jornada vimos compendiados no cartorio da provedoria da fazenda de Santos, no livro de registros n. 4 tit. 1641 pag. 154 v. na patente de ajudante de João Martins Esturiano, um dos soldados paulistas, que teve a honra de servir em uma das companhias da leva de S. Paulo, e d'esta patente consta o seguinte successo :

Parte de um deserto era o porto de Aguassú junto ao do Touro, onde a armada deixou ao mestre de campo Barbalho com a gente já referida no dia 7 de Fevereiro de 1640, sem mais viveres, que os que cada um dos soldados pôde tirar na sua moxilla, falta que, considerada em semelhante

lugar está accusando a determinação não só de temeraria, se não de louca, fiando a livrança dos perigos a contingencia de milagres ; porém aquelle valor de portuguezes sempre igual nos despresos da vida pelas melhoras da patria nada mais lhe deixava vêr, que a constancia, a lealdade e o serviço do rei. Todos se alentavam por estes briosos estímulos e alentado coração do seu mestre de campo Barbalho, que então lhes fez uma discreta e advertida ponderação, lembrando-lhes : « Que o motivo que os tirára a uns da Bahia, e a outros de S. Paulo, deixando todos a patria, os lançára agora n'aquella praia, por ficar infructuosa a restauração de Pernambuco, e se voltavam para a defesa da Bahia, que no máo successo da armada tiveram parte os elementos, e não os inimigos, e que n'esta jornada tinham de pelejar com os inimigos e com os elementos : estes armados dos rigores do tempo, e aquelles revestidos da colera do odio : que tudo se venceria se es-tribados na causa alentassem a confiança, por ser certo, que não falta Deus com auxilios a quem lhe dedica obsequios : que os poderia acobardar a falta dos mantimentos, se já não estivessem bem costumados com as agrestes fructas dos sertões incultos, com o mel silvestre de suas abelhas, com as amendoas das variedades dos cocos dos matos, com os palmitos doces e amargosos, e com as raizes das plantas conhecidas capazes de digestão ; e porque onde se contrasta o maior perigo se alcança a maior gloria, era de parecer, que na marcha se buscasse o povoado, no qual poderiam conseguir remedio para a fome e augmento para a fama, que sempre foi mais grata a quem venceia homens, que a quem mata feras : e que quando o hollandez os procurasse poderoso, então se aproveitariam da retirada com a vantagem do conhecimento de penetrar sertões, que se fazia superior ás forças e numero dos soldados inimigos.

Com esta bem advertida ponderação formou o mestre de campo Barbalho a sua gente e começou a marcha, levando diante do seu esquadrão descobridores para as cilladas, e guias para as veredas, com ordem que todos os cavallos e bois que descobrissem, os recolhessem para o sustento e para o serviço. Com saudosa magoa perderam de vista as ultimas vozes da armada, que navegava arrazada em popa. Dos moradores que encontravam, recebiam os soldados de Barbalho o sustento, que voluntariamente davam compadecidos de sua necessidade. Das fazendas do inimigo mandava Barbalho tomar o necessario e queimar o restante, sem que a espada deixasse vida, que podesse chorar a perda. No districto do Rio-Grande acharam ao seu governador chamado Gusmão, e destruidas as suas armas, o levaram captivo com muitos flamengos e indios, seus confederados, até a Bahia. Na villa de Guayana, onde chegaram pelas 2 horas depois da meia-noite, deram um assalto ao inimigo e lhe degollaram 530 hollandezes, que tinha o presidio, entrando o seu governador Alexandre Ricardo e outros officiaes de estimação; e os que d'este conflicto escaparam foram perseguidos ao romper da alva, e todos acabaram na casa forte, onde se haviam refugiado. Chegando á mata do Brasil, onde se alojaram, e tocando na retaguarda o inimigo arma, foi investido de uma companhia volante, que matando a muitos, escaparam outros com vergonhosa fugida, largando armas, munições e petrechos, de que os nossos se aproveitaram. Em outras muitas partes encontraram inimigos em desigual numero que em todas destruíram com igual sorte. Em nada era dissimilhante a dos indios rebellados, em os quaes a entidade da culpa não deixava vér a distincção da natureza.

Chegou ao Arrecife primeiro a noticia da perda, que a da marcha, e o impaciente Nassau, fez sahir ao general

Marfez com 3,000 soldados em tres terços, com instrucção de que a todo o risco seguisse e perseguisse a Barbalho, até o destruir e sua gente. A este tempo já o mestre de campo deixava atraz o districto de Pernambuco, e d'elle tinha aggregado a si, não poucos moradores com suas familias, que receiosos da vingança, que em sua innocencia havia executar a tyrannia, trocavam o captivo da patria, pela liberdade do desterro. Informado o valoroso Barbalho do poder com que o seguia o hollandez, lhe escondeu a marcha : por muitos dias penetrou o interior do mato com tanta molestia, que a força de braço se hia abrindo caminho. Passou o rio de S. Francisco, e da parte do Sul, fez alto para descanso e allivio de tão dilatada jornada. A nossa vista parou o inimigo que o seguia, temendo na passagem o destroço. Passados alguns dias, continuou Barbalho a marcha ; e cheia de espanto a cidade da Bahia quando entraram n'ella, não cessou em muitos dias de encarecer o muito que o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra com seus capitães ganharam de gloria, e adquiriram de fama. O esquadrão inimigo voltou a marcha para o Arrecife, e a colera contra os pobres moradores, matando e destruindo tudo quanto topou até Pernambuco.

D'esta armada e do que obraram os soldados das companhias do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, trata o livro *Castrioto Lusitano*, p. 1.<sup>a</sup> liv. 3.<sup>a</sup> de n. 140 até 154, e muito melhor os autos de justificação de serviços do capitão Valentim de Barros e de seu irmão o capitão Luiz Pedroso de Barros, processados na villa de S. Vicente em 1643, sendo escrivão Antonio Madureira Salvadores, tabellião da dita villa, sendo juiz ordinario d'ella Pedro de Sousa Muniz. No serviço do grande João Paes Florião, decretados e registrados na nota do tabellião da villa de Mogy das Cruzes, e na patente já referida de ajudante

João Martins Esturiano, na provedoria da fazenda da villa de Santos, datada em 14 de outubro de 1645 annos, e passada pelo capitão mór governador e alcaide mór da capitania de S. Vicente, Francisco da Fonseca Falcão.

O capitão D. Francisco Rendon depois de ser morador em S. Paulo muitos annos, tendo já seus irmãos na capitania do Rio de Janeiro, se passou a ella, e fez assento na Ilha Grande de Angra dos Reis, aonde no anno de 1665 pediu terras por sesmaria. N'este requerimento allegou parte dos seus serviços pela petição seguinte:—Diz o capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, que passou de 40 annos que veio a este Estado do Brasil, servindo de soldado com 3 escudós de vantagem cada mez de mais de sua praça ordinaria na armada, da qual foi general D. Fradique de Toledo Ozorio, que restaurou a cidade da Bahia occupada pelo hollandez, em cuja restauração se achou; depois se passou para S. Paulo, em cuja villa casou, e como soldado e capitão da ordenança, que foi alguns annos, procedeu com inteira satisfação dos seus maiores, e ultimamente levantou uma companhia de infantaria á sua custa para soccorro da guerra de Pernambuco, em que gastou quantidade consideravel de sua fazenda, como dos seus papeis largamente consta; e ao presente é morador n'esta villa de Nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reis, onde tem sua casa e familia sem ter terras algumas, em que se agasalhar e plantar mantimentos, e ora estão devolutas e desaproveitadas as terras, que ficam detraz da serra, em cujas fraldas fica o engenho de Itacuruçá, que foi do governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que ao presente é de seu irmão D. José Rendon de Quebêdo; e as terras que o supplicante pede hão de começar de um rio, que está no fim da praia de Moriquecariná da banda do dito engenho, e acabará sua testada no rio Itiriga, que

poderá ter uma legua de rio a rio, botando-se o rumo pelo nor-nordeste da banda do rio Ilinga para o sertão até chegar as cabeceiras do rio Guandú ; e passando este pede mais uma legua em quadra etc. Foram-lhe concedidas as terras que pediu em 7 de Setembro de 1663 por João Blau, capitão-mór, loco-tenente da condessa de Vimieiro donataria da capitania de S. Vicente e S. Paulo.

Do matrimonio do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo nasceram em S. Paulo 4 filhas, que foram :

D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca	Cap. 1.º
D. Bernarda de Alarcão e Luna.....	Cap. 2.º
D. Catharina.....	Cap. 3.º
D. Francisca.....	Cap. 4.º

## CAPITULO PRIMEIRO

1—1 D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca, casou na igreja matriz de S. Paulo a 20 de Outubro de 1642 com Martim Rodrigues Tenorio e Aguilar, natural de S. Paulo, filho de João Paes e de sua mulher Suzana Rodrigues, e neto de Martim Tenorio e Aguilar, e de sua mulher Suzana Rodrigues, estando viuva de seu primeiro marido Damião Simões ; e o dito Tenorio tendo passado ao sertão por capitão-mór da tropa, n'elle falleceu no anno de 1603. Do matrimonio de D. Magdalena casou no Rio de Janeiro a filha D. Luzia de Aguilar com Gaspar Corrêa, e teve a José Corrêa Soares, que casou com D. Margarida de Luna filha de Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça, e de sua mulher D. Barbara da Fonseca Doria, como temos mostrado n'este titulo N. 1º cap. 4 § 6º.



Não sabemos se D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca teve mais filhos na capitania do Rio de Janeiro além de D. Luzia de Aguilár; nem também se acabaram em tenros annos, ou solteiras as duas filhas, que teve em S. Paulo, que foram D. Isabel, baptizada em S. Paulo no 1.º de Julho de 1652, e D. Maria, baptizada a 30 de Outubro de 1653; porque como se ausentou com seu pai o capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo para a capitania do Rio de Janeiro, como temos referido no anno de 1665, ignoramos a descendencia d'esta senhora.

## CAPITULO II

1—2 D. Bernarda de Alarcão e Luna, ficou em S. Paulo sua patria, onde falleceu a 20 de Março de 1683, e foi casada com Fructuoso do Rego e Castro, natural e nobre cidadão de Pernambuco, da familia de seu appellido (32). E teve tres filhos nascidos em S. Paulo.

- 2—1 D. Angela de Castro do Rego. . . . . § 1.º
- 2—2 D. Anna de Castro e Quebêdo . . . . . § 2.º
- 2—3 Cosme do Rego e Castro d'Alarcão . . . . . § 3.º

### § 1º

2—1 D. Angela de Castro do Rego, foi casada com o capitão Antonio Pacheco Gatto: sem geração e falleceu em S. Paulo a 21 de Agosto de 1706 (33).

(32) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra B n. 30.

(33) Cartorio supra, maço 4º de inventarios, letra A.

§ 2º

2—2 D. Anna de Castro e Quebêdo, foi casada com Salvador Bicudo de Mendonça, natural de S. Paulo, onde falleceu a 15 de Junho de 1697, e foi sepultado na igreja dos reverendos religiosos carmelitas no jazigo de seus avós não consumou o matrimonio por achaques que tinha, como declarou no seu testamento (34).

§ 3

2—3 Cosme do Rego e Castro de Alarcão, seguiu os estudos, e tomou o grão de mestre em artes no fim do curso que leu no collegio de S. Paulo o padre José de Mascarenhas, da companhia de Jesus. Nós o tratamos pelos annos de 1731, em que falleceu de bexigas, estando habilitado para o estado clerical.

CAPITULO III e IV

D. Catharina e D. Francisca, nasceram em S. Paulo em cuja matriz se baptizaram : esta a 12 de Outubro de 1654 e aquella a 10 de Julho de 1650. Ignoramos se falleceram de tenros annos ou, se acompanharam a seu pai o capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo para a capitania do Rio de Janeiro.

---

(34) Cartorio 1º de notas de S. Paulo, maço de inventarios antigos, letra S.

D. JOSE' RENDON DE QUEBÊDO

D. José Rendon de Quebêdo sahio de Madrid para o Brasil em 1640, e veiu para o Rio de Janeiro, onde fez o seu estabelecimento; por qnanto em 1639 tirou instrumento de abonação em Madrid, o qual foi authenticado em Lisboa em 25 de Maio de 1640. E no anno de 1651 estava situado em Juhari, e pediu mais terras nas serras de Jericinó e Marapicú, que lhe foram concedidas pelo capitão-mór João Blau, loco-tenente da condessa de Vimieiro D. Marianna de Sousa da Guerra, donataria da capitania de S. Vicente e S. Paulo (35).

No Rio de Janeiro casou D. José Rendon com uma viuva D. Suzana Peixoto, senhora do engenho chamado de Fumaça em Hirajá, que o trocou por outro que possuia em Itacuruçá o governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides : a qual senhora foi mãe de Francisco de Lemos, que falleceu em 1680. Parece que a mesma D. Suzana Peixoto foi irmã do D. Maria Peixoto, mulher de D. Luiz de Quixada Reinoso, hespanhol, e ascendente de Hierônimo Carneiro de Albuquerque, e do morgado de Paramos ; e tambem parece que foi irmã de Francisco de Lemos Peixoto, cavalleiro de Aviz, e filha de Pedro Peixoto Castelam, natural de Guimarães, o provedor da Fazenda do Rio de Janeiro, e de D. Antonia de Azevedo de Lemos, filha de Francisco de Lemos de Azevedo, alcaide-mór do Rio de Janeiro, e de D. Branca do Porto, filha de

(35) Cartorio da provedoria da fazenda real da villa de Santos, livro de registros das sesmarias n. 12, título 1656 pag. 87 v.

Ruy Dias Bravo, e de Antonia Rodrigues ; neta paterna de Gonçalo Gomes Peixoto de Freitas, e de D. Suzana Mendes de Brito, filha de João Mendes de Brito. No dito engenho de Itacuruçá se estabeleceu o fidalgo D. José Rendon de Quebêdo, e ficou o dito engenho tomando o nome do seu possuidor dito Rendon.

Do seu matrimonio teve nascidos na Ilha Grande de Angra dos Reis, cinco filhas, e um filho, que foram :

D. Theodora .....	cap. 1º
D. Anna .....	cap. 2º
D. Francisca .....	cap. 3º
D. N.....	cap. 4º
D. Maria de Alarcão.....	cap. 5º
D. Pedro Rendon e Luna.....	cap. 6º

### CAPITULOS I, II e III

D. Theodora, D. Anna, e D. Francisca. Estas tres irmãs elegeram o estado celibato, e vestiram o habito de carmelitas, e assim falleceram e foram sepultadas na casa do capitulo do convento dos carmelitas da Ilha Grande. Essas memorias nos communicou Fradique Rendon de Quebêdo, capitão-mór da barra de Guaritiba no anno de 1759, estando já em avançada idade, e de quem fazemos menção n'este titulo n. 1º cap. 4.º § 6.º

### CAPITULO IV

1—4. D. N. . . . casou com N. . . . Lobo, de cujo matrimonio nasceu unico filho que foi Antonio Lobo de Alarcão, que casou com D. Ignacia Telles, filha de Francisco Telles com geração.

CAPITULO V

1—3. D. Maria de Alarcão, casou com Damaso Pimenta Gago de Oliveira, natural da Ilha Grande, onde a sua distincta qualidade é assás bem conhecida pelo seu ascendente João Pimenta de Carvalho, fidalgo da casa real e morador na Ilha Grande em 1629, capitão-mór e ouvidor locotenente da condessa de Vimieiro D. Marianna de Sousa da Guerra, que casou na nobre família dos Oliveiras Gagos, transplantada da villa de Santos em 1... com dois irmãos naturaes da dita villa. E teve do seu matrimonio tres filhos.

- |  |       |
|--|-------|
| 2—1. José Pimenta Rendon.....          | § 1.º |
| 2—2. João Pimenta Gago de Alarcão..... | § 2.º |
| 2—3. D. Maria Pimenta.....             | § 3.º |

§§ 1º e 2º

2—1. José Pimenta Rendon, acabou solteiro, morto a facadas em Itacuruçá.

2—2. João Pimenta Gago de Alarcão, falleceu solteiro de hexigas.

§ 3º

2—3. D. Maria Pimenta, foi casada com o capitão Jacintho de Sá Barbosa, que teve lavras mineraes no arraial velho, junto ao Sabará. Foi irmão do coronel Antonio de Sá Barbosa, que teve grandes lavras na Roça Grande, freguezia de Santo Antonio, e que falleceu sem geração. Irmão tambem de D. Maria Coutinho, que casou no Rio de Janeiro a furto com o capitão João Ferreira Coutinho com quem se passou para Minas Geraes, e tiveram filhos, o padre Boaventura Ferreira Coutinho, clerigo de boa vida, o padre Francisco Ferreira Coutinho, D. Gertrudes Coutinho,

casada com José Tavares Pereira, capitão em Sabará, natural das Ilhas: com geração.

D. Maria Pimenta e o capitão Jacintho de Sá Barbosa são paes de D. Antonia de Sá Barbosa, mulher de José Pacheco Viegas, que em 1759 existia na Ilha Grande no seu engenho de assucar: de Bento de Sá Barbosa, que viveu e falleceu no Sabará, e casou com D. N. . . filha do coronel Faustino Ferreira da Silva, e de sua mulher D. Maria da Fonseca Romeira Velho Cabral, natural de Pindamonhangaba, onde casou com dito coronel Faustino Ferreira da Silva, natural de Vianna, irmão direito de Fernando Ferreira de Castro, ajudante da praça de Santos, onde falleceu, e de Felix Ferreira capitão-mór do Caeté.

#### CAPITULO VI

1—6. D. Pedro Rendon e Luna, ordenou-se de clérigo de S. Pedro. O Exm. bispo do Rio de Janeiro D. José de Barros e Alarcão o fez seu visitador das igrejas das villas da capitania de S. Vicente, e S. Paulo (36).

FIM DO N. 3.

---

(36) Livro dos casamentos da igreja de Taubaté e Guaratinguetá.— Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de registros n. 4, fl. 1686 pag. 45.

N. 4

DE

D. PEDRO MATHEUS RENDON CABEÇA DE VACCA.

D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca, também se achou na Bahia do Salvador de Todos os Santos, e acabada a guerra contra os holandezes passou a S. Paulo com seus irmãos (37). Não casou este fidalgo, e, ou se recolheu ao reino de Castella, ou falleceu solteiro. E' certo, que depois de estar em S. Paulo muito annos se passou para a capitania do Rio de Janeiro, onde todos os irmãos se ajuntaram ; e se casou, foi n'esta capitania ; e não temos certeza alguma do seu estado. A noticia diffundida dos antigos, que se conserva na memoria dos modernos, assevera que se recolhêra para a patria, a cidade de Coria, por ter cessado a causa que a elle e a seus irmãos tinha obrigado a embarcarem para o Brasil, na armada com o general D. Fradique de Toledo Osorio, pelo crime de haverem morto á facadas a um geral dos franciscanos em Castella, estando todos em uma quinta divertindo-se ; e fôra acto primo primus este sacrilego attentado contra o padre geral. Não encontramos documento algum, que verifique esta constante noticia, que a communicou em S. Paulo o rev. padre mestre José de Mascarenhas, da companhia de Jesus, que foi um grande indagador de memorias antigas, e unico genealogico das familias da capitania do Rio de Janeiro, S. Vicente e S. Paulo.

FIM

(37) Cartorio 2.º de notas de S. Paulo, livro de notas, titulo 1684, pag. 55.



(\*A respeito de D. João Matheus Rendon, pag. 459, irmão segundo de D. Pedro Matheus Rendon, e filho de D. João Matheus Rendon, do n. 1, é preciso advertir, que em Janeiro de 1793 achei no cartorio ecclesiastico de S. Paulo no maço 1º da letra I, n. 15 uns autos *de genere* processados em 1680 no Rio de Janeiro a favor do sobredito D. João Matheus Rendon, pelos quaes consta ser filho de D. João Matheus Rendon e de sua mulher D. Maria Bueno : neto por parte paterna de D. Pedro Matheus Rendon, e sua mulher D. Magdalena de Alarcão ; e pela materna neto de Amador Bueno, e de sua mulher Bernarda Luiz. Na petição declara sómente a sua naturalidade, e não a de seus pais e avós. Do dito das testemunhas consta mais alguma cousa. Consta mais dos autos, que era viuvo e passava de 30 annos de idade, e que tinha sido casado com D. Ignez de Oliveira, a qual tinha sido casada com o capitão-mór da Ilha Grande João Bláo (este foi capitão-mór loco-tenente da condessa donataria, como consta de muitos documentos) : e porque a mulher dita D. Ignez era viuva quando com elle casou, foi dispensado por um missionario apostolico capuchinho da irregularidade que contrahiui de bigamia interpretativa. Por um requerimento que fez, allega ser tutor dos seus sobrinhos, filhos de seu irmão D. Matheus Rendon, e que como, estando para partir os navios em que elle devia embarcar para Lisboa dentro de dois dias, não cabia no tempo o dar contas da tutoria na Ilha Grande onde se fizera o inventario, pedia dispensa d'aquella irregularidade, etc. Mas eu creio que houve erro na citação do nome do defunto seu irmão, pai de seus pupillos, porque além de que o nome de Matheus era o appellido proprio d'aquella familia, não consta por outra parte que tivesse outros irmãos varões mais do que D. Pedro Matheus Rendon, o qual falleceu na Ilha

Grande, e D. José Rendon de Quebêdo. D'este se faz menção como testemunha na escriptura de doação de bens para patrimonio que lhe faz Luiz de Vilhena Peixoto. Creio pois com toda a probabilidade que em vez de D. Pedro Matheus Rendon, escreveu-se na petição D. Matheus Rendon, omittindo-se o primeiro nome ; e isto com maior razão, porque em uma certidão, que o mesmo ordenando ajuntou aos ditos autos para mostrar que se livrara de um crime de morte feito na ilha Grande, se declara, que estando João Vaz da Conceição na Ilha Grande e fazenda de D. Maria, cunhado do réo, onde assistia, tendo o réo suspeitas que o dito João Vaz havia de casar com a dita D. Maria, tratou de o matar ; e que sendo na occasião da festa, que se fez em o anno de 670 da dita villa. . . . . E como D. Pedro Matheus Rendon foi casado com D. Maria Moreira Cabral, não pôde ser certamente outra D. Maria a que se trata por sua cunhada já viuva, e por consequencia nem outro o irmão fallecido senão o mesmo D. Pedro. A ultima testemunha da sobredita inquirição diz, que conhecêra a D. José e D. Francisco Rendon, filhos do justificante e irmãos de seu pai.

Ora em um livro de notas velho, que se acha em poder do Dr. José Arouche a fl. 16 v., se acha uma procuração bastante lavrada a 27 de Junho de 1690, na qual o capitão Domingos da Silva Bueno, alem de outros procuradores que constitue em diversas partes, tambem constitue ; — e na ilha Grande a D. José Rendon. — Este não era outro certamente, como creio, senão o irmão de D. Pedro Matheus e de D. João Matheus, que se habilitou.

No mesmo sobredito livro de notas a fl. 63, acha-se uma escriptura lavrada a 11 de Julho de 1691 pelo qual toma — o capitão D. João Matheus Rendon — cem mil reis a juros de 8 por cento, dos quaes foi seu fiador o sargen-

to-mór Manoel Bueno da Fonseca. Creio que este foi filho de D. Pedro Matheus Rendon e irmão de D. Francisco Matheus Rendon, e que foi o que falleceu solteiro nas minas de Parnaguá, como se diz a fl. 6 v. d'este titulo ; muito principalmente porque logo na seguinte folha do dito livro de notas se acha uma procuração bastante em nome do mesmo capitão D. João Matheus Rendon, o qual constituia (a 16 de Julho de 1691) na villa de S. Paulo (em que se passava a procuração) por seus procuradores ao major Manoel Bueno da Fonseca, o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, a *D. Francisco Rendon* e *D. Pedro Rendon de Alarcão* ; o qual tambem era irmão do dito D. Francisco Rendon ou D. Francisco Matheus Rendon (as vezes deixavam de pôr o Matheus), e falleceu nas Minas Geraes, como diz a fl. 6 v. d'este mesmo titulo.)

(Continúa)

---

# REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO  
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

1.º TRIMESTRE DE 1872

---

## NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada da pag. 194 do tomo XXXIV parte segunda)

---

### LEMES

D'esta familia, e dos grandes varões, que ella produziu por espaço da 500 annos falla Manoel Soeiro nos seus *Annaes de Flandres*, que escreveu em 2 tomos em varias partes. Nós continuaremos sómente a successão do ramo, que passou ao reino de Portugal, segundo o que o mesmo A. diz no tomo 1.º liv. 7.º, 8.º, 9.º: e no tomo 2.º liv. 15, 16 e 18. E bastará, que digamos, que a familia dos Lemes foi muito antiga, e muito conhecida no Paiz-Baixo pela sua nobreza. Passou a Portugal no tempo do Sr. rei D. Afonso V, com a occasião, que logo diremos, e allí corrompendo-se com a pronunciação portugueza a verdadeira voz do seu appellido, se chamou *Lemes* o que era *Lems*, mudando totalmente de significação, porque Lemes,

como todos sabemos é nome proprio de instrumento, que serve para o governo das et<sup>as</sup> arcações, e *Lems*, que na lingua flamenga se exprime prolongando nos beiços a pronunciação do *m*, significa o mesmo que na lingua latina, argilla, e no nosso idioma grêda, que é uma especie de barro, mais mimoso e mais selecto; distinctivo, com que a soberba d'esta linhagem quiz fazer conhecida a sua nobreza entre os seus naturaes.

São as suas armas em campo de ouro, cinco merlos de preto, postos em aspa, sem pés, nem bicos; e por timbre um dos merlos entre uma aspa de ouro. Assim se acham illuminadas na torre do Tombo de Lisboa no livro da Armeria a fl. 24; e assim o refere o Dr. Antonio de Villas-Boas e S. Payo na sua *Nobiliarchia portugueza*, cap. 37 fl. 293.

Martim Lems era um cavalleiro nobre e rico, senhor de muitos feudos na cidade de Bruges, uma das principaes do condado de Flandres. Casou e teve entre outros filhos, a Carlos Lems, que foi almirante de França; e Martim Lems, que succedeu na casa e feudos de seu pai, como escreve Montarroyo, a quem seguimos, em titulo de Lemes. Era tão devoto das cousas de Portugal, e de animo tão grande, que desejando contribuir para a pia e magnanima expedição do Sr. rei D. Affonso V contra os infieis, apparelhou uma urca (hoje chamamos charrua) á sua custa e n'ella mandou a seu filho Antonio Leme, com varios homens de lança e espingardas, para servirem com elle. Assim se acha em algumas memorias d'esta familia. Porém o mais seguro é que este Martim Lems foi o mesmo que de Flandres passou a Portugal por causa do commercio, e se estabeleceu em Lisboa. O Sr. rei D. Affonso V o tomou por fidalgo de sua casa. Não casou, mas teve em Leonor Rodrigues, mulher solteira, varios filhos

dos quaes só ha noticia dos que veremos nos numeros seguintes ;

- N. 1.—Luiz Leme.
- N. 2.—Martim Leme.
- N. 3.—Rodrigo Leme.
- N. 4.—Catharina Leme.
- N. 5.—Maria Leme.
- N. 6.—Antonio Leme.

N.º 1.º

1—1. Luiz Leme foi legitimado pelo Sr. rei D. Affonso V, e todos os seus irmãos, a instancia de seu pai Martim Lems no anno de 1464, como consta da torre do Tombo de Lisboa no liv. 2.º das legitimações a fl. 131. Não sabemos mais noticias d'elle, nem de outros seus irmãos varões, que ou se recolheram ao paiz de onde eram oriundos, ou falleceram em Portugal sem geração, como dizem alguns nobiliarios, conforme Montarroyo.

N.º 2.º

1—2. Martim Leme, diz D. Antonio Soares de Alarcão nas *Memorias genealogicas* da casa de Trocifal, liv. 4.º cap. 7.º n. 8 fl. 415, que foi gentil-homem da camara do Imperador Maximiliano I, que foi juntamente conde de Flandres por sua mulher. Assim traz Montarroyo em titulo de Lemes.

N. 3.º

1—3. Rodrigo Leme ; falleceu sem geração. Como traz Montarroyo em titulo de Lemes.

N. 4.º

1—4 Catharina Leme, foi casada primeira vez com Fernão Gomes da Mina, a quem se deu este appellido por

haver tido cinco annos o contrato da mina do ouro de S. Jorge, como escreve Garcia de Rezende (1). E teve :

Nuno Fernandes da Mina e outros dos quaes ha geração com appellidos de Britos em titulo de Minas.

Segunda vez casou dita Catharina Leme com João Rodrigues Paes, contador-mór do reino : em titulo de Paes, por José Freire de Montarroyo (2). E teve ;

2—> D. Maria Paes, que foi mulher de D. Antonio de Almeida, filho segundo de D. João de Almeida, 2.<sup>o</sup> conde de Abrantes, que levou em dote os officios de contador-mór do reino e provedor dos armazens que ficou a seus filhos, como se vê em titulo de Almeidas, po Montarroyo, onde mostra, que d'aqui procedem D. João de Sotto-Maior, D. Philippe do Alarcão, D. Henrique Henriques de Almeida e outros fidalgos, que existem com geração. Por esta razão allegou Pedro Leme na villa de S. Vicente no anno de 1564 que seu pai e tios eram parentes em grão mui propinquo de D. Diniz de Almeida contador-mór ; de D. Diogo de Almeida, armeiro-mór e de Tristão Gomes da Mina etc. como tratamos mais expressamente no ..... d'este titulo. Seguindo a geração de Antão Leme em seu filho Pedro Leme, vindo da ilha da Madeira antes dos annos de 1550 para a villa de S. Vicente, capitania, que hoje é de S. Paulo. —D. Antonio Caetano de Sousa na *Historia genealogica da casa real portugueza* no liv. 4.<sup>o</sup> pag. 443 mostra que de D. Antonio de Almeida contador-mór do reino e de sua mulher D. Maria Paes nasceram a filha (3).

3—> D. Joanna de Almeida, segunda mulher de D. Fernando Coutinho o qual era primo com irmão da infan-

(1) Montarroyo em titulo de Lemes.

(2) Montarroyo em titulo de Lemes.

(3) Montarroyo em titulo de Lemes.



ta D. Guiomar Coutinho, mulher do infante D. Fernando, duque da Guarda e Trancozo e senhor de Abrantes, e filho do Sr. rei D. Manoel e da rainha D. Maria, sua segunda mulher. Este D. Fernando Coutinho era filho de D. Diogo Coutinho, irmão inteiro de D. Fernando Coutinho, conde de Marialva e Loulé, senhor de Castello Rodrigo, alcaide-mór de Lamego e meirinho-mór do reino, que falleceu em 1532 (liv. 4.<sup>o</sup> referido pag. 403 e seg. usque, pag. 413. Arvore de costado do conde de Marialva D. Fernando Coutinho na pag. 215 do mesmo liv. 4.<sup>o</sup> da *Historia genealogica da casa real portugueza*). Do matrimonio pois de D. Joanna de Almeida com D. Fernando Coutinho mostra-se na pag. 413 do dito liv. 4.<sup>o</sup> que nasceu :

4—». D. Francisco Coutinho senhor da Torre do Bispo e do couto de Leomil, e mais casas que possuiu seu pai, e foi pretendente á casa de Marialva : morreu no anno de 1578 na batalha de Alcacer. Casou com D. Hieronima de Carvalho, filha de Pedro de Carvalho, provedor das obras do paço, e de D. Maria Brandão Potalim senhora dos morgados de Patalim de Evora. E teve entre outros filhos :

5—». D. Manoel Coutinho, senhor da Torre do Bispo e do couto de Leomil, que seguiu a mesma pretensão da casa de Marialva: casou primeira vez com D. Maria de Faro, filha de D. Fernando de Faro, senhor de Barbacena. Sem geração. Casou segunda vez com D. Guiomar de Castro, filha de D. Duarte de Castello Branco, primeiro conde de Sabugal, e meirinho-mór do reino, vedor da fazenda e do conselho do Estado, e da condessa D. Catharina de Menezes. E teve :

6—». D. Catharina Coutinho, que casou com Antonio Luiz de Menezes, primeiro marquez de Marialva, terceiro conde de Cantanhede, cujo grande character se vê mëlhor no liv. *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, fl. 145, impresso em Lisboa na régia

officina silviana, e da academia real, em Março de 1755.  
E teve sete filhos :

7—1. D. Pedro Antonio de Menezes, segundo marquez de Marialva, quarto conde de Cantanhede, nasceu a 31 de Março de 1638, e falleceu a 19 de Janeiro de 1711. Foi gentil-homem da camara dos reis D. Pedro II e D. João V, do seu conselho de Estado e despacho, presidente da junta do commercio, mestre de campo do terço da praça de Cascaes. Casou em 1676 com sua sobrinha e prima co-irmã D. Catharina Coutinho, que falleceu a 21 de Novembro de 1722, filha de seu tio D. Rodrigo de Menezes e de sua irmã D. Guiomar de Menezes. D'esta união nascer filha unica.

7—2. D. Manoel Coutinho, foi conde de Redondo por mercê do Sr. rei D. Pedro II em 1693. Sem geração.

7—3. D. Guiomar de Menezes, que casou com seu tio, irmão de seu pai, D. Rodrigo de Menezes, commendador da Idanha na ordem de Christo, e de Jurumenha na de Aviz, gentil-homem da camara do principe D. Pedro, e seu estribeiro-mór, e do seu conselho de Estado, regedor das justiças, presidente do desembargo do paço, que falleceu em 30 de Junho de 1675. Com geração, que se vê no mesmo liv. *Grandes de Portugal*, fl. 127, e seg.

7—4. D. Maria Coutinho, casou com D. Luiz Alvares de Castro, segundo marquez de Cascaes, com geração, em dito liv. fl. 101.

7—5. D. Isabel de Menezes, casou com D. Lourenço de Lencastre, commendador e alcaide-mór de Coruche. Com geração.

7—6. D. Antonia de Menezes, freira no mosteiro da Esperança de Lisboa.

7—7. D. Hieronima Coutinho, freira no dito mosteiro da Esperança.

8— D. Joaquina Maria Magdalena da Conceição de Menezes, nasceu a 22 de Julho de 1691, terceira marquesa de Marialva, quinta condessa de Cantanheda, 12.<sup>a</sup> senhora d'esta villa e das de Merles, Mondim, serra de Atem, Hermelo, Bilhalvaz, de Ferreiras, Avellâas de Caminha, Leomil, Penella e Vallonga de Azeite na comarca de Pinhel, e sendo herdeira d'esta grande casa, falleceu a 8 de Maio de 1740. Casou a 6 de Julho de 1712 com D. Diogo de Noronha, filho 3.<sup>o</sup> dos primeiros marqueses de Angeja; e foi coronel de um dos regimentos da rainha Anna de Grão-Bretanha, e brigadeiro da cavallaria; na paz foi general de batalha na provincia de Estremadura; e ultimamente mestre de campo general junto á pessoa de S. Magestade, e seu estribeiro-mór, feito a 30 de Maio de 1749, gentil homem da camara por mercê do senhor rei D. João V feita a 15 de Janeiro de 1714. Do seu matrimonio nasceram oito filhos.

9—1 D. Pedro de Menezes, (filho de D. Joaquina Maria Magdalena do N...), nasceu a 9 de Novembro de 1713, 6.<sup>a</sup> conde de Cantanheda, e 4.<sup>o</sup> marquez de Marialva gentil homem da camara d'El-rei Fidelissimo o senhor D. José I, feito a 3 de Agosto de 1750, deputado da junta dos 3 Estados. Casou a 8 de Janeiro de 1737 com D. Eugenia Mascarenhas, filha primeira dos terceiros condes de Obidos, que falleceu a 27 de Fevereiro de 1752. Teve do seu matrimonio doze filhos, e é o herdeiro da casa.

9—2. D. José de Menezes falleceu em Março de 1732.

9—3. D. Thereza José de Menezes, nasceu a 31 de Janeiro de 1718, Casou com D. João da Costa, quinto conde de Soure. Com geração.

9—4. D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes, nasceu a 5 de Setembro de 1720, governador e capitão general do Algarve nomeado a 19 de Janeiro de 1754,

casou a 26 de Junho de 1735 com D. Maria Antonia Soares e Noronha, filha herdeira de João Pedro Soares, senhor do officio de provedor da alfandega de Lisboa, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Menezes, nasceu a 19

9—5 D. Maria Josepha de Menezes, nasceu a 19 de Outubro de 1725, falleceu em Mantilhos.

9—6 D. Francisca Rita de Noronha, nasceu a 8 de Maio de 1728.

9—7 D. Isabel Anna de Noronha, nasceu a 5 de Julho de 1729, falleceu em tenra idade.

9—8 D. Francisco José de Noronha e Menezes, nasceu a 23 de Outubro de 1731, e falleceu a 20 de Novembro de 1734.

10—» D. Diogo de Menezes, que nasceu a 15 de Junho de 1739, setimo conde de Cantanhede (gentil-homem da camara da rainha nossa senhora) está casado com D. Luiza Caetana de Lorena, que nasceu a 15 de Dezembro de 1747, e foi baptizada a 18 de Julho no paço pelo cardeal patriarcha, na fórma de seus irmãos, sendo seus padrinhos os reis nossos senhores então príncipes do Brasil, filha de D. Jaime de Mello, terceiro duque do Cadaval, quinto marquês de Ferreira, sexto conde de Tentugal e de sua segunda mulher a princeza Henriqueta Julia Gabriella de Lorena, sua sobrinha e filha de Luiz de Lorena, príncipe de Lambere, conde de Brione e de Braine, grão senescal hereditario de Borgonha, etc.

#### N. 5.

1 - 5 Maria Leme (pag. 7), casou com Martim Diniz, de conhecida nobreza em Lisboa (4). E teve

(4) Montarroyo traz toda esta descendencia como aqui escrevemos. Em título de Lemes.

2—« Henrique Leme, que foi servir á Índia, e se achou em muitas occasiões honradas nas guerras d'aquelle Estado em 1518, como consta do livro—*Ázia Portuguesa*. Tom. 1º, parte 3ª, cap. 3ª, pag. 188, e teve

3—1 Luzia Leme, mulher de Vasco Fernandes Caraca, que foi capitão de mar e guerra da não S. Pedro á Índia em 1555.

3—2 Violante Gonçalves Leme, casou com João Dias Garcez Moutinho. E teve dois filhos.

4—1. Diogo Dias Leme

4—2. Francisco Leme

4—3. Henrique Dias Leme de Azevedo.

4—4. Nuno Dias Leme

4—3. Henrique dias Leme de Azevedo, foi senhor de um morgado, chamado dos Loivos, que tem apresentação de uma igreja em Mezamfrio, e de outro morgado, que chamam da Macieira, que apresenta duas igrejas: casou com D. Anna do Prado, filha de Francisco do Prado e de D. Anna de Alvarenga Monteiro. Em titulo de Prados, por José Freire Montarroyo Mascarenhas. Este morgado da Macieira vieram a possuir os descendentes d'este Henrique Dias Leme de Azevedo; mas elle não administrou tal morgado, porque entrou n'esta casa pela mãe de Martim de Tavora, que era da família dos Cernaches, casada com Manoel Fayo de Mello, senhor do morgado do Botão (5). E teve

5—« D. Maria Leme, que casou com Martim de Tavora e Noronha, senhor de Campo Bello, o qual foi quarto neto de Pedro Lourenço de Tavora, senhor do morgado de Ca-

(5) Alvarengas Mouteiros de Lamego, d'onde são os Alvarengas Mouteiros da capitania de S. Paulo.

parica, de quem descendem illustres casas da cõrte de Lisboa. E teve além de outros filhos

6—« D. Helena de Tavora, mulher de Diogo Leite Pereira commendador de S. João de Alegrete, filho de Alvaro Leite Pereira, senhor da casa de Quebrantoens, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Antonia de Vasconcellos, filha de Manoel Mendes de Vasconcellos, da casa de Frontellas, e de sua mulher D. Paula de Moraes. E teve

7—« Alvaro Leite Pereira, fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Quebrantoens, e casa de Campo Bello, que casou com D. Lourença de Azevedo, filha de Lourenço de Azevedo fidalgo da casa real e capitão-mór de Mezamfrio, e de sua mulher D. Isabel de Mello, cujas nobres ascendencias se vê melhor na dedicatoria do liv. 3º titulo *Anatomico jocoso*, impresso em Lisboa, anno de 1753, feita a D. Maria Preciosa de Lima e Mello, mulher de Pedro Antonio Virgolino, fidalgo da casa real, e guarda joias de S. M. Fidelissima o Sr. rei D. José. E teve

8—« Diogo Francisco Leite Pereira, fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Quebrantoens, Gaya Pequena, e Campo-Bello, que casou com D. Anna Cazimira de Lima e Mello, filha de Pedro da Costa Lima, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Mello. E teve

9—« D. Maria Preciosa de Lima e Mello, mulher de Pedro Antonio Virgolino, já referidos e moradores em Lisboa. Com geração.

4—4. Nuno Dias Leme (filho quarto de Violante Gonçalves, e de João Dias Garcez Moutinho do n. 3-2 retro) casou com Beatriz Pinto, irmã de Ruy Borges, de Gabriel Borges e de João Pinto. E teve

5—« Balthazar Leme Pinto, foi moço da camara do



Sr. rei D. Sebastião, e ficou captivo na infeliz batalha de Alcacer, de 4 de Agosto do anno de 1578. Voltando a Lisboa, seguiu as partes de el-rei D. Filippe, por cuja causa padecceu alguns trabalhos ; porém depois foi muito estimado, e se lhe encarregavam diligencias de muita importancia. Justificou por instrumento de titulos tirados na villa de Mezamfrio em 30 de Junho de 1581, pelo Dr. Francisco Teixeira que servia de corregedor com o escrivão Luiz Gonçalves toda a sua ascendencia na forma aqui deduzida. Casou este Balthazar Leme Pinto com Francisca de Frias Cardoso : outros dizem que casou com Violante de Lemos da casa da Trofa, e que d'ella teve filhos : seria esta senhora sua segunda mulher, por que da primeira D. Francisca de Frias Cardoso teve dois filhos

6—1. Balthazar Leme Pinto

6—2. Henrique de Leme de Tavora.

6—1. Balthazar Leme Pinto, casou com Luíza Monteiro Coutinho, filha de Marcos Barbosa Coutinho, e de sua mulher Sebastiana da Fonseca Castro. E teve

7 — « Manoel Leme Coutinho, herdeiro das casas de seus pais, e casou na villa de Britiando com D. Maria Rebello (irmã do bispo de Miranda D. frei Antonio de Santa Maria) filha de Antonio Borges de Cerqueira e de sua mulher Maria Cardoso Rebello. Neta pela parte paterna de Pedro Borges Cerqueira (filho de Paschoal Borges Cerqueira) e de sua mulher Martha Coelho Pinto ; e pela parte materna, neta de Luiz Cardoso Coutinho, e de sua mulher Feliciano Rebello de Britiande. E teve

8 — « Manoel Leme de Magalhães, herdeiro das casas de seus pais, cavalleiro da ordem de Christo ; casou na villa de S. João da Pesqueira com D. Martha Pereira de Sousa, filha de Manoel Pereira de Sousa e de sua mulher e prima



D. Maria de Azevedo. Neta pela parte paterna de Gaspar Pereira de Sousa Pinto, e de sua mulher e prima em terceiro grão, Maria de Sousa. E pela parte materna de Antonio de Azevedo Pinto e de sua mulher D. Brites de Azevedo sua prima, irmã de Thomé de Azevedo da Veiga, senhor da quinta de Azevedo e Paredes, e capitão de infantaria. E teve dois filhos.

9—1. Antonio Leme de Sousa, mestre de campo dos auxiliares da comarca de Lamego, succedeu nos morgados de seus pais: foi cavalleiro da ordem de Christo. Justificou a sua ascendencia até seu terceiro avô Balthazar Leme Pinto, moço da camara de el-rei D. Sebastião por instrumento de testemunhas, tiradas na villa de Mezamfrio, pelo juiz Balthazar Pinto de Oliveira, escrivão dos autos João da Piedade em 10 de Dezembro de 1704. Estando solteiro foi morto desgraçadamente com um tiro, que se disparava contra outrem em 8 de Junho de 1711.

9—2. D. Luiza Michaela de Sousa, casou com Nicoláo Pereira de Castro, commendador da ordem de Christo. E teve

10—1. Manoel Leme de Castro e Sande, moço fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, morador em S. João da Pesqueira, casou com uma filha herdeira do mestre de campo da comarca de Lamego Manoel de Carvalho de Vasconcellos e de sua mulher filha de Manoel de Mello de S. Payo, moço fidalgo da casa real e senhor da Riba-Longa.

10—2. Bento José da Gama, moço fidalgo da casa real.

6—2. Henrique de Lemes de Tavora (filho segundo de Balthazar Leme Pinto do n. 5º), casou com Guiomar Ribeiro, natural de Lamego. E teve duas filhas.

7—1. Innocencia Ribeiro de Lemos, que foi amiga

do conego Jacome da Fonseca, de quem teve varios filhos, que vieram homiziados para o Brasil.

7—2. N... Ribeiro de Lemos, foi amiga do Deão Antonio de Faria, natural de Barcellos, de quem teve o filho Antonio Tinôco de Faria.

N. 6.

1—6. Antonio Leme, como escreve Montarroyo em titulo de Lemes, depois de haver servido em Africa, para onde foi mandado por seu pai Martim Leme, em uma urca com varia gente de guerra, a sua custa como fica referido, se achou na tomada de Arzila, e na de Tangere no anno de 1463. El-rei obrigado d'este serviço, o fez fidalgo da sua casa, com o fôro de cavalleiro e o deu ao principe D. João seu filho, que depois foi rei, quando lhe pôz casa separada. Tambem lhe fez mercê de lhe conceder, que podesse usar das armas dos Lems sem differença, e como chefe da familia, e todos os que d'elle descendessem por legitimo matrimonio, mandando ao primeiro rei de armas lh'as registrasse assim nos seus livros, por carta dada em Lisboa a 12 de Novembro de 1471, a qual se acha registrada na Torre do Tombo no liv. 3º dos Misticos; do que se segue, que o pai d'este Antonio Leme, não era o chefe; porque na dita carta declara el-rei, que ainda que sabia certamente que elle podia usar das mesmas armas, que lhe pertenciam por seu pai, com differença, lhe fazia esta mercê para que as podesse trazer direitas. Casou. E teve

2—«Martim Leme (6), foi chamado o moço por differença de seu tio, que tinha o mesmo nome. Passou para a ilha da Madeira no anno de 1483, com carta de recommendação do infante o duque D. Fernando, senhor da dita ilha,

(6) Tronco dos Lemes da Ilha da Madeira.

de quem era muito estimado, para á camara da cidade do Funchal, escripta no mesmo anno, a qual se acha registrada no archivo da mesma camara no liv. 1.º fls, 158. Falleceu na dita ilha, e jaz sepultado na capella-mór de S. Francisco da cidade do Funchal, da parte direita. Casou. E teve dois filhos.

3—1. João Leme—S. G.

3—2. Antonio Leme, viveu na Ilha da Madeira muito abastado na sua quinta que depois se chamou dos Lemes na freguezia de Santo Antonio do Campo, junto á cidade do Funchal. Casou com Catharina de Barros, a qual instituiu o morgado na villa da Ponta do Sol na dita ilha, filha de Pedro Gonçalves da Camara e de sua mulher Isabel de Barros. Em titulo de Barros, da ilha da Madeira. E teve seis filhos.

4—1. Antão Leme

4—2. Pedro Leme

4—3. Aleixo Leme

4—4. Ruy Leme

4—5. D. Antonia Leme

4—6. D. Leonor Leme.

4—1. Antão Leme. (*Segue na pag. 19.*)

4—2. Pedro Leme, instituiu o morgado na Ilha da Madeira com a obrigação do appellido de Leme, falleceu em Lisboa em 1556. Não casou, porém deixou filhos bastardos, que todos acabaram sem geração.

4—3. Aleixo Leme, viveu tambem na Ilha da Madeira, onde casou com D. Messia de Mello, filha de Diogo Homem de Sousa, e de sua mulher D. Catharina de Berredo, e teve geração, que descreve Henrique Henriques de Noronha, e outros nobiliarios das familias das Ilhas.

4—4. Ruy Leme, viveu na Ilha da Madeira, onde fal-

leceu a 4 de Novembro de 1566. Casou com Leonor Vieira, e teve geração.

4—5. D. Antonia Leme, casou com Pedro Affonso de Aguiar; que passou em posto de capitão a servir na India, na armada, que sahiu de Lisboa em 1502 com o capitão-mór Vicente Sodré. E tem geração em titulo de Aguiares da Ilha da Madeira.

4—6. D. Leonor Leme, mulher de André de Aguiar da Camara, irmão de Pedro Affonso de Aguiar, com geração no mesmo titulo de Aguiares.

Antão Leme, casou, e teve

TRONCO, E ORIGEM DOS LEMES DE S. PAULO.

Pedro Leme embarcou na Ilha da Madeira; e pelos annos de 1550 já estava em S. Vicente com sua mulher Luzia Fernandes, e a filha Leonor Leme, mulher de Braz Esteves, e veio fazer assento na villa, capital de S. Vicente; onde desembarcou com varios criados do seu serviço, e alli foi estimado, e reconhecido com o character de fidalgo. Foi pessoa da maior autoridade na dita villa; e com a mesma se conservaram seus netos. Alli justificou Pedro Leme a sua filiação e fidalguia em 2 de Outubro de 1564 perante o Dr. desembargador Braz Fragoso, provedor mór da fazenda, e ouvidor geral de toda a costa do Brasil; e foi escrivão dos autos Antonio Rodrigues de Almeida cavalleiro fidalgo da casa real; e obteve sentença extrahida do processo, e passada em nome do senhor rei D. Sebastião, assignada pelo dito desembargador Braz Fragoso.— A petição para esta justificação foi do theor seguinte:

Diz Pedro Leme, que elle quer justificar, que é filho de

legítimo matrimonio de Antão Leme, natural da cidade do Funchal da Ilha da Madeira, o qual Antão Leme é irmão direito de Aleixo Leme, e de Pedro Leme, os quaes todos são fidalgos nos livros d'El-rei, e por taes são tidos e havidos, e conhecidos de todas as pessoas, que razão tem de o saber; e outro sim são irmãos de Antonia Leme, mulher de Pedro Affonso de Aguiar, e de D. Leonor Leme, mulher de André de Aguiar, os quaes outro sim são fidalgos, primos do capitão donatario da Ilha da Madeira; os quaes Lemes outro sim, são parentes em grão mui propínquo de Dom Diniz de Almeida, contador mór, e de D. Diogo de Almeida armador mór; e de D. Diogo de Cablêra, filho de D. Henrique de Sousa; e de Tristão Gomes da Mina; e de Nuno Fernandes, veador do Mestrado de Santiago; e dos filhos de Claveiro, pela mãe d'elles ser outro sim sobrinha dos ditos Lemes, tios, e pai delle supplicante, os quaes são tidos e havidos, e conhecidos em o reino de Portugal por fidalgos: Pede a Vm. lhe pergunte suas testemunhas, e por sua sentença julgue ao supplicante por fidalgo, e lhe mande guardar todas as honras, privilegios, e liberdade que ás pessoas de tal qualidade são concedidas. E. R. M.

Pelo contexto d'esta supplica, e justificação d'ella, obteve Pedro Leme a sentença, que temos referido, a qual foi depois confirmada na villa de S. Paulo por Simão Alves de Lapenha, ouvidor geral com alçada, provedor mór das fazendas dos defuntos e ausentes, orphãos, capellas, e residuos, auditor geral do exercito de Pernambuco, em 3 de Março de 1640 pela causa, que correu em juizo contradictorio, entre partes D. Lucrecia Leme, e seu irmão Pedro Leme, netos de Pedro Leme contra os orphãos filhos bastardos de Braz Esteves Leme, irmão dos ditos D. Lucrecia e Pedro Leme, que foram herdeiros por fallecer seu irmão

solteiro, e sem testamento, e aos autos d'esta demanda, juntaram os autores para prova da sua qualidade a sentença proferida a favor de seu avô por parte materna do dito Pedro Leme (7).

Estabelecido na villa de S. Vicente Pedro Leme, e sua mulher Luzia Fernandes, falleceu esta n'aquella villa pelos annos de 1560 e tantos; e foi sepultada na capella mór da igreja dos padres jesuitas, o que tudo consta do testamento de Pedro Leme, approvado na dita villa pelo tabellião d'ella Francisco de Torres a 21 de Setembro de 1592, o qual em a dita approvação diz que fôra á casa de Pedro Leme fidalgo da casa de S. Magestade, e no dito testamento declarou Pedro Leme que fôra casado primeira vez com Luzia Fernandes, de quem tivéra unica filha por nome Leonor; e que casára segunda vez na villa de S. Vicente com Gracia Rodrigues de Moura, filha de Gaspar Rodrigues de Moura, a qual era já fallecida quando Pedro Leme fez codicillo em S. Paulo approvado a 7 de Junho de 1596 pelo tabellião Antonio Rodrigues. Falleceu em S. Vicente Gracia Rodrigues com testamento a 5 de Agosto de 1593, e n'elle declara ser casada com Pedro Leme fidalgo cavalleiro, a quem deixava o remanescente da sua terça; e que do seu matrimonio tivéra filha unica, Antonia.

Em S. Paulo falleceu Pedro Leme, em Março de 1600, em casa de seu genro Braz Esteves, marido de sua filha Leonor Leme, que foi inventariante dos bens de seu sogro. Tudo consta melhor dos autos de inventario de

(7) Cartorio 1.º do tabellião de S. Paulo, maç. de inventarios, o de Braz Esteves Leme, com a sentença mencionada a fl. 32 v. Cartorio da ouvidoria da cidade do Rio de Janeiro. Autos de justificação de Garcia Rodrigues Paes Leme; e tambem autos de justificação de Pedro Dias Paes Leme.



Pedro Leme, onde se acha o seu testamento e codicillo ; e tambem por traslado o testamento e codicillo de sua segunda mulher Gracia Rodrigues de Moura no cartorio de orphãos de S. Paulo no masso 1.º dos inventarios da letra P. n. 40 o de Pedro Leme. Do seu primeiro matrimonio pois como fica referido, teve

6—« Leonor Leme, que veio em companhia de seus pais da Ilha da Madeira, e já era casada em 1550 com Braz Esteves morador da villa de S. Vicente (como se vê da escriptura da venda de umas terras, que o dito Pedro Leme e sua mulher Luzia Fernandes venderam a Pedro Rozar, allemão, a 23 de Novembro de 1551, e assignou Braz Esteves genro dos vendedores (8) E na mesma villa viveram muitos annos, abastados com lucros do engenho de assucar chamado de S. Jorge dos Erasmos, (9) que ficou dando este nome ao mesmo sitio, que ainda hoje se conserva com a nomenclatura dos Erasmos. Depois se passou com seus filhos para a villa de S. Paulo onde fez o seu estabelecimento, e foi uma das primeiras pessoas da governança d'esta republica. Falleceu Leonor Leme com testamento a 13 de Janeiro de 1633 (10). E teve cinco filhos nascidos na villa de S. Vicente que são os dos capitulos seguintes :

Pedro Leme.....	Cap. 1.º
Matheus Leme.....	Cap. 2.º
Aleixo Leme.....	Cap. 3.º
Braz Esteves Leme.	Cap. 4.º
D. Lucrecia Leme.	Cap. 5.º

(8) Provedoria da Fazenda Real, liv. 1.º tit. 1555, fls. 93.

(9) Cartorio sup. de Santos, caderno das cargas do almoxarife Jorge Pires, a fls.

(10) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maç. 1.º de inventarios let. L. n. 14, o de Leonor Leme.



## CAPITULO I.

1—1. Pedro Leme, natural de S. Vicente, foi cidadão de S. Paulo, da sua governança, que occupou todos os cargos da republica. Casou com Helena do Prado, filha de João do Prado, natural da praça de Olivença em Alemtejo. Em titulo de Prados, da capitania de S. Paulo, cap. 2º. E teve filhos dos quaes descobrimos a certeza só de oito, que são :

2—1. Lucrecia Leme.....	§ 1.º
2—2. Braz Esteves Leme.....	§ 2.º
2—3. Matheus Leme do Prado.	§ 3.º
2—4. Pedro Leme do Prado....	§ 4.º
2—5. Domingos Leme da Silva.	§ 5.º
2—6. Aleixo Leme dos Reis...	§ 6.º
2—7. João Leme do Prado.....	§ 7.º
2—8. Helena do Prado.....	§ 8.º
2—9. Filippa do Prado.....	§ 9.º

### § 1.º

2—1. Lucrecia Leme, casou com Francisco Rodrigues da Guerra. Em titulo de Guerras, que temos escripto com sua descendencia.

### § 2.º

2—2. Braz Esteves Leme, casou com Margarida Bicudo de Brito, filha de Antonio Bicudo, e de sua mulher Maria de Brito. Em titulo de Bicudos, cap. 1.º § 2.º com sua descendencia.

### § 3.º

2—3. Matheus Leme do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 24 de Agosto de 1642 com Beatriz do Rego Barbosa, filha de Diogo Barbosa Rego, que falleceu em Gua-

ratinguetá em 1661, e de sua mulher Branca Raposo, todos naturaes de S. Paulo, excepto Diogo Barbosa Rego, que era do reino de Portugal. Em titulo de Raposos Boccarros, cap. 11.º

§ 4.º

2—4. O capitão Pedro Leme do Prado, foi morador da villa de Jundiahy, onde falleceu, tendo sido antes em S. Paulo sua patria, onde foi das primeiras pessoas do governo da sua republica, cujos cargos occupou. Foi abastado de bens e de estimação. Fundou a capella de Nossa Senhora da Estrella na sua fazenda do termo de S. Paulo, para cujo dote depois em Janeiro de 1645 pediu por sesmarias uma legua de terras no rio Jundiahy ao capitão-mór governador alcaide-mór Francisco da Fonseca Falcão; e depois em Janeiro de 1651 pediu ao capitão-mór e ouvidor de Itanhaen Dionyzio da Costa uma sesmaria de terras em Taubaté, para onde queria ir e lá fundar outra capella da mesma Senhora da Estrella. Tudo se vê no liv. 10º das sesmarias, n. 11, tit. 1645 até 1636, pag. 7v e fls. 77. Casou com Maria Gonçalves Preto, natural de S. Paulo, irmã do capitão Paulo Preto, que falleceu em Jundiahy a 29 de Agosto de 1695, irmã tambem de um religioso da companhia, e filha de Sebastião Preto, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Gonçalves, gente nobre, como consta dos autos de inquirição de genere processados em 1657 por parte do filho Pedro Leme do Prado, que depois foi clérigo; e n'elles se mostra que os avós maternos eram pessoas de nobreza, e que sua mãe dita D. Maria Gonçalves Preto tinha um irmão jesuita, e outro carmelita calçado (11). Falleceu Pe-

(11) Camara Episcopal de S. Paulo, autos de genere, letr. P. anno de 1657.

dro Leme em Jundiaby com testamento a 5 de Março de 1658, em que declarou a sua naturalidade a villa de S. Paulo, e que fôra casado com Maria Gonçalves, filha de Sebastião Preto, e de sua mulher Maria Gonçalves. E que tivêra do seu matrimonio dez filhos. (\* O autor escreveu, que diziam, e não havia duvida que o dito Pedro Leme casára segunda vez com Maria de Oliveira, de quem tivêra uma filha—Maria de Oliveira, que casou com Diogo Bueno: em titulo de Buenos, cap. 1.º § 7.º, (como com effeito escreveu em 1768 no dito titulo) mas n'este de Lemes riscou a linha que dizia que casára segunda vez, e deixou em aberto o nome da filha Maria de Oliveira. Talvez a causa da emenda seja não declarar no seu testamento Pedro Leme, se não o que fica referido a respeito da primeira mulher e dez filhos; pois isto acrescentou depois o autor, como cousa que achára de novo.) Teve pois do seu matrimonio com Maria Gonçalves Preto dez filhos.

3—1. Pedro Leme, que se baptizou em S. Paulo a 13 de Junho de 1632. Ordenou-se de presbytero secular em Lisboa para onde o mandaram seus pais, porque eram abastados de cabedaes.

3—2. Frei João de... foi franciscano, e nasceu a 27 de Abril de 1641.

3—3. Frei Sebastião de Santa Maria, foi religioso carmelita calçado.

3—4. Maria, foi baptizada em 1643 e falleceu em tenra idade.

3—5. Maria Leme, foi baptizada a 10 de Junho de 1646 na matriz de S. Paulo, e casou com o capitão João do Prado Martins, que se passou para Taubaté, e teve o filho João do Prado Martins, que como procurador de sua mãe dita

Maria Leme vendeu as terras d'esta em 1657 (esta data implica com a do nascimento da mãe (12).

3—6. Helena do Prado, foi baptizada a 11 de Julho de 1653.

3—7. João Leme do Prado, casou com Anna Maria Ribeiro, natural de S. Paulo, filha de Gaspar de Louvera. Foi João Leme do Prado ministro em Santa Fé, onde teve datas em 1625.

3—8. Anna Maria Leme, mulher de Diogo de Lara e Moraes, filha de D. Isabel de Lara, e Luiz Castanho de Almeida. Em título de Laras, cap. 7.º § 3.º e casamentos de Parnahyba n. 36.

3—9. Maria do Prado, casada com Lucas Fernandes Mattos, natural de Vianna do Minho. Vide arvore do filho do capitão-mór Antonio de Moraes.

3—10. Thimoteo Leme, casou em Parnahyba. Casamentos n. 48.

§ 5.º

2—5. Domingos Leme da Silva, casou duas vezes a primeira com Francisca Cardoso, natural de S. Paulo, e falleceu com testamento a 8 de Janeiro de 1678, onde declarou ser filha de Antonio Lourenço e Isabel Cardoso, e teve sete filhos. Casou segunda vez com Maria de Abreu, de quem

(12) N'estes numeros e nos §§ seguintes se acham tantas emendas, notas, entrelinhas, riscos, e tal confusão, que não obstante toda a minha diligencia de examinar tantos papellinhos que se acham avulsos dentro do titulo, necessariamente ha de haver engano, pois o autor mostra em muitos lugares ficar na incerteza se é assim ou não o que escreve, e com effeito as datas contradizem o que se acha em alguns numeros.

teve unico filho. Domingos Leme da Silva que falleceu solteiro no Cuyabá. Domingos Leme da Silva foi capitão e falleceu em Sorocaba com testamento que foi aberto a 5 de Julho de 1684. Foi republicano da villa de S. Paulo e Sorocaba, onde logrou grande estimação e respeito. O seu primeiro casamento foi a 19 de Outubro de 1630, e seu sogro Antonio Lourenço segundo padroeiro da capella de Nossa Senhora da Luz; em titulo de Carvoeiros, cap. 1.º § 6.º E teve do seu primeiro matrimonio sete filhos.

3—1. Isabel Cardoso

3—2. Francisco Leme da Silva

3—3. Domingos Leme da Silva

3—4. Pedro Leme, o Torto

3—5. D. Maria Leme da Silva, mulher do alcaide mór Jacintho Moreira.

3—6. Helena de Prado da Silva

3—7. José Leme.

3—1. Isabel Cardoso, filha do § 5.º, casou com Bartholomeu Bueno, chamado Anhanguera. Em titulo de Buenos, cap. 2.º § 2.º

3—2. Francisco Leme da Silva, casou na villa de Itú com D. Isabel de Anhaya, que n'ella falleceu com testamento a 27 de Dezembro de 1712, natural da mesma villa, filha de Sebastião Pedroso Bayão e de sua mulher D. Florencia Corrêa de Anhaya, que foi filha de Serafino Corrêa, natural da villa de Guimarães (filho de Lourenço Corrêa e de Margarida Bernardes) e de sua mulher Isabel de Anhaya, natural de S. Paulo, onde casou a 8 de Fevereiro de 1634, filha de Paulo de Anhaya, natural da cidade do Porto, e de Maria Coelho. Em titulo de Almeidas, cap. 1.º § 4.º n.

3—1 a n. 4—1 e em n. 6—2 já e nos seguintes a sua descendencia. E teve sete filhos naturaes de Itú.

4—1. Francisco Leme da Silva

4—2. Salvador Leme

4—3. Antonio Leme da Silva

4—4. Braz Esteves Leme,

4—5. José Leme da Silva

4—6. Maria Leme

4—7. Francisca Leme (13).

4—5. José Leme da Silva, casou no Pitanguy com D. Gertrudes de Siqueira e Moraes sua parente, filha de Manoel Preto e de sua mulher D. Francisca de Siqueira de Moraes, natural de Jundiaby. Em titulo de Moraes, cap. §... Foi capitão dos auxiliares em Villa-Rica, d'onde se passou para o Pitanguy onde serviu os honrosos cargos da republica, e viveu em grande opulencia, que já não possuia no tempo da sua morte que foi em 177...

4—7. Francisca Leme, casou com o capitão Balthazar Velho de Godoy, que tange excellentemente harpa, filho de Manoel Velho de Godoy e de sua mulher Estefania de Quadros. Em titulo de Quadros, cap. 3.º § 8.º. E teve dez filhos, naturaes de Itú, que casaram em Parnahyba.

5—1. Manoel Velho de Godoy, clérigo, falleceu vindo embarcado do Castello da Mina.

5—2. Maria de Godoy, casou com Paulo Barbosa, falleceram no Serro do Frio, no arrayal do Gouvêa. Deixou geração.

5—3. Francisca de Godoy, casou com Francisco Rodrigues Pimentel, natural de S. Paulo, e falleceu em Goyazes, para onde tinham ido. Deixou geração.

(13) Vid. em titulo de Almeidas, cap. 1.º, § 4.º, n. 3—1 usq. n. 62.

5—4. Bernardo da Silva, casou no Cuyabá com neta de Serafino Corrêa. Deixou geração.

5—5. Miguel de Godoy Leme, casou em Santo Amaro. Deixou geração.

5—6. Balthazar de Godoy, falleceu solteiro.

5—7. Antonio Leme de Godoy, casou em Ararituaba com Maria Pedroso, da familia dos Aranhas Sardinhas. Deixou geração.

5—8. José Leme de Godoy, foi de vida exemplar, falleceu em Ararituaba com opinião de varão santo.

5—9. Alexandre de Godoy Moreira, casou em Ararituaba com Catharina Pedroso, filha de Francisco Pedroso que foi filho de Urbano Pedroso natural de Parnahyba. Deixou geração.

5—10. D. Gertrudes de Godoy Leme, casou com Pedro da Silva Chaves, capitão-mór povoador do sertão de Vião em cima da serra do Rio Grande de S. Pedro do Sul, onde se acha estabelecido com fazendas de gados vaccuns, cavallares e muares, cujo rendimento excede cada anno a mais de quatro contos de réis. Alli existe executando as ordens do real serviço a custa da sua fazenda, com grande utilidade do mesmo senhor, como o mostrou na occasião das recrutas que expediu de soccorro contra o castelhano, quando este pretendeu adiantar o passo depois de ter vencido o das barrancas do norte, onde foi impedido, e alli ficou postado e em cujo sitio se tem conservado até o presente anno de 1767. O dito capitão-mór Pedro da Silva Chaves é natural da cidade de Lisboa, freguezia de Nossa Senhora da Penna, filho de Antonio Dias e de sua mulher Maria da Conceição Leal, ambos naturaes de Alcabidek em Penha Longa termo de Cintra. (Cam. episcopal de S. Paulo, autos de genere do padre José da Silva Leal Leme). E teve cinco filhos.



6—1. O padre José da Silva Leal Leme, estudou grammatica no seminario do Rio de Janeiro, tomou o grão de mestre em artes e ordenou-se de presbytero secular.

6—2. Pedro da Silva Chaves, estando solteiro, foi morto por pessoa a quem hospedava em sua casa para roubar o seu dinheiro, a 27 de Fevereiro de 1767 na villa de Jundiaby. Foi o fundador da fazenda de gados vacuns e cavalares no sitio chamado Capão-Alto nos campos de Itapitininga, estrada seguida de Sorocaba para Coritiba.

6—3. D. Maria Francisca de Godoy, casou com Philippe de Oliveira Fogaça da villa de Sorocaba, filho de Philippe Fogaça de Almeida (14). Deixou geração.

6—4. Manoel da Silva Chaves, casou com Maria da Anunciação Fogaça, natural de Sorocaba, filha de Philippe Fogaça de Almeida supra. E' (ou foi) thesoureiro da infantaria do presidio de S. Luiz de Guatamin, para onde foi com este posto.

6—5. Joaquim da Silva Chaves, solteiro em 1767, é tenente de infantaria, em cujo posto foi fundar a colonia de S. Luiz de Guatamin.

3—3 Domingos Leme da Silva (filho de Domingos Leme da Silva e Francisca Cardoso, do § 3.<sup>o</sup>), casou com Maria Cordeiro de Almada, natural de Jundiaby, filha de Domingos Cordeiro de Poiva, que foi capitão da villa de Jundiaby e de sua mulher Susana de Almada, que era irmã direita de João Borralho de Almada. Em titulo de Cordeiros Pai-

(14) Parnahyba, bapt. n. 151 a José Fogaça de Almeida e sua mulher Isabel de Aguiar em 1673, mais o n. 207, e melhor vide o casamento de José Fogaça em Parnahyba n. 25.

vas, cap. 1.º, § 2.º, a n.º 3—2 e seg. E teve quatro filhos naturaes de Jundiáhy.

4—1 Domingos Leme da Silva, chamado o *Butuca*.

4—2 D. Maria Leme da Silva.

4—3 D. Maria Leme do Prado.

4—4 Pedro.

4—1. Domingos Leme da Silva, chamado por alcunha o *Butuca*, baptizado em Jundiáhy a 16 de Abril de 1681, casou em Itú a 12 de Novembro de 1703 com Maria de Abreu, filha do capitão Antonio Fernandes de Abreu e de Anna Maria Soares, naturaes de Itú. Sem geração.

4—2. D. Maria Leme da Silva, natural de Itú, casou com José Martins de Araujo, que foi coronel nas minas do Caeté por patente de D. Lourenço de Almeida, governador e capitão-general de Minas-Geraes, natural de cabeceiras de Basto, filho de. . . . E teve quatro filhos.

5—1. O reverendo frei José Martins da Candelaria, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, da qual é padre presentado. Pelos seus merecimentos foi conservado muitos annos na prelatura de presidente do convento da villa de Itú, ao qual causou muito grande utilidade, não só nas rendas, que lhe augmentou pelo cuidado que teve em adiantar as fazendas do patrimonio do convento, mas em levantar os dormitorios d'este em sobrado; cujo augmento logo cessou quando indiscretamente lhe deram successor, não experimentando a religiosa comunidade aquellas commodidades que antes gozava no tempo que era seu prelado o reverendo frei José Martins da Candelaria.

5—2. Domingos Leme da Silva, falleceu solteiro.

5—3. Antonio Leme de Araujo, assentou praça de soldado infante do presidio da villa de Santos, e passou-se para o da Bahia, onde falleceu em posto de alferes e solteiro.

5—4. João Martins Barros, seguiu os estudos com destino de estado sacerdotal, que com o tempo pôz em olvido. Herdou a grande casa de seus pais, cujos bens com o mesmo tempo cahiram em decadencia. Conservou-se sempre na resolução de não tomar estado conjugal. As suas prendas de affabilidade, candura, obsequio e de indifferença nos partidos nocivos, que se alteram em muitas povoações sobre o governo da republica o tem feito objecto applaudido e estimado entre os proprios naturaes e extranhos. Para se livrar de entrar muitas vezes em roda de couces, com disposições e governo do senado de sua patria, pelo despotismo que praticam, como propriedade de quarto modo, muitos ministros corregedores da comarca de S. Paulo, sacrificou-se a ser guarda-mór das terras e aguas mincraes, de que teve provisão pela secretaria do Rio de Janeiro, para gozar da liberdade e quietação fóra do onus de republicano.

Poucos annos desfructou esta tranquillidade augmentando o seu patrimonio com o engenho de assucar, que fez construir na sua fazenda; porque solicitando D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, que em fins de Julho de 1765 desembarcou em Santos, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo em 1766 um paulista com as prendas que o fizesse digno da importante expedição ao sertão do rio *Uvahy* que desagua no rio grande chamado *Puranã* como Sua Magestade Fidelissima lhe determinava, logo foi lembrado João Martins Barros pela sua grande prudencia, zelo e desembaraço. Com o concurso de ser geralmente amado de seus nacionaes e dos seus vizinhos moradores da villa de Sorocaba, cujos paulistas baviam de formar o corpo de tresentos soldados escolhidos para a dita expedição. Não pôde João Martins isentar-se d'esta eleição, e ficou encarregado de todo o trabalho do com-

mando d'esta expedição, que formou um corpo de tresentos e vinte soldados, e no dia 28 de Julho de 1767 voltou com as canoas do seu transporte pelo rio Anhamby, que em S. Paulo se chama Tiété, e os castelhanos da provincia do Paraguay nos seus mappas o nomeiam Piquiri. Levou patente de capitão-mór. Esta expedição foi feita a custa da fazenda real, conforme as reaes determinações, e chegou a sua despeza a 30\$ cruzados, sem embargo da grande cautela e accommodados preços porque foram compradas as canoas, com todo o trem necessario a ellas, e mantimentos de milho, feijão, toucinho e farinha de milho, e alguns viveres para servirem a necessidade, mas não ao regalo. N'esta expedição teve muita parte o agente d'ella o paulista Salvador Jorge Velho, capitão-mór da villa de Itú pelo activo zelo e grande desembaraço de que é dotado, com que actualmente sabe no real serviço desempenhar as obrigações do seu character de tudo quanto lhe é encarregado.

(\* O autor, como até então se ignorava o fim d'esta expedição, entrou a fazer uma descripção do sertão do Uvahy; e depois, pôz como nota, que a expedição tomou diverso rio; porque subindo pelo Guatamim da parte da provincia do Paraguay saltou a gente no lugar junto ao paço do cavalleiro gentio *Guaicuru*, distante da villa Caruatim da cidade de Paraguay, onde se ia formando uma nova colonia portugueza.

Esta colonia, depois de ter consummido muito cabedal da fazenda real para a sua subsistencia, foi desfeita e destrahida a sua população por nova ordem régia, que levou Martim Lopes Lobo de Saldanha, governador e capitão-general que succedeu no governo ao dito morgado de Matheus D. Luiz Antonio de Sousa Botelho; visto que não se tiravam as utilidades que se esperavam, por não

conseguir-se um caminho por terra, por onde se extrahissem as famosas bestas muares, de que abunda aquelle paiz, não obstante terem intentado muitos romper o sertão em que acharam infinitos obstaculos, que causaram a morte a muitas pessoas; e pela razão de terem morrido muitos centos de pessoas n'aquella nova povoação de Guatemim onde tambem falleceu o dito capitão-mór João Martins de Barros; e viu-se a capitania de S. Paulo livre de um jugo pesadissimo com a extinção da dita povoação, etc.)

4—3. D. Maria Leme do Prado (filha de Domingos Leme da Silva e de Maria Cordeiro de Almada, do n. 3—3), nasceu na villa de Jundiaby e foi casada com Antonio de Oliveira Pedroso, que passando a ser morador da villa de Itú, d'ella se passou para Cuyabá onde ambos viveram e morreram ha mais de 40 annos; e elle filho de... em titulo de Cerqueiras, cap. 5.º § 6.º n. 3—3. a n. 4—3: E teve tres filhos dos quaes o primeiro Domingos Leme da Silva passou-se para o Cuyabá, estando casado, etc.

4—4. Pedro, baptizado em Jundiaby a 26 de Fevereiro de 1689. Liv. de bapt. n. 428.

3—4. Pedro Leme da Silva (filho do § 5.º pag. 15), foi torto e coxo, e falleceu em Itú. Este paulista soube desempenhar os nobres espiritos do sangue que lhe adornava as veas como mostrará a acção de valor e fidelidade, que praticou na campanha e sertão da Vaccaria, no successo seguinte. Costumavam os antigos paulistas, ainda antes de ser fundada a cidade do Paraguay penetrar os sertões incultos com interesse de reduzir ou conquistar os indios de diversas nações, para que aproveitando-se estes da felicidade do sagrado baptismo ficassem depois servindo com o caracter de administrados aos seus conquistadores, a cujos descendentes passava esta administração, que se praticou sempre em todo o Estado do Brasil até

prohibir-se pelos annos proximos de 1752. Uns se entranhavam aos sertões dos Goyazes até o rio das Amazonas no Estado do Pará; outros aos da costa do mar d'esde o Rio dos Patos até o rio da Prata, entranhando-se pelo centro até o rio Uruguay e Tibagy; e subindo pelo Paraguay até o Paraná, onde desagua o rio Tieté ou Anhamby. Atravessaram muitas vezes o sertão vastissimo além do rio de Paraguay e cortando a sua cordilheira se achavam no reino do Perú. Debaixo do commando de Pedro Domingues ou Braz Mendes capitão-mór do seu troço, natural de Sorocaba. Sahiu Pedro Leme da Silva que era destemido e grande soldado de arcabuz e capaz para qualquer facção de temeridade, quanto mais de valor. Postou o corpo da tropa nas campanhas da Vaccaria, cujo sitio fica acima da cidade da Assumpção de Paraguay muitas leguas. Formaram um arraial, sendo as tendas da campanha, casas construidas de madeira, cobertas de palhas, a que no Brasil chamam ranchos. Aproveitava-se a gente d'este corpo da abundancia dos gados que inutilmente multiplicam n'estas campanhas sem haver algum senhor possuidor de tanta grandeza, que não só é dos gados vaccuns, mas tambem dos animaes cavallares. Este sertão discorre acima do nosso sitio de Camapuã, onde ha varadouro que navegam a demandar as minas da villa real de Cuyabá e Villa Bella do Mato-Grosso; porque do dito Camapuã seguem diversas vertentes para o Cuyabá, e este sertão é habitado do gentio *Guaicurú*, vulgarmente chamado *cavalleiro*, por andarem sempre a cavallo, e é gente, por natureza bellicosa e briosa com grande ardor e valor para a guerra. N'este sertão pois se achava a tropa, como em arraial, esperando monção para seguirem o destino, a que os conduzira o interesse de conquistar gentios, quando appareceu um mestre de campo, castelhano, da provincia do Paraguay com o seu



troço de cavallaria até tresentos soldados. Com cortez urbanidade e occulta politica comprimontou aos paulistas, presenteando ao capitão-mór da tropa com a excellente herva chamada Congonha, por ser a da villa de Cururú-atim a mais mimosa que no gosto e seus effeitos excede a dos outras partes d'aquelles continentes. Deteve-se alli o tal mestre de campo com o seu terço de cavallaria alguns dias, tendo feito o seu abarracamento em distancia de peça de artilheria do nosso arraial. Entre soldados castelhanos e paulistas, se tratava uma sociedade urbana e civil; porque de parte dos portuguezes se não tinha penetrado o occulto fundo do dito mestre de campo (é lastima que a inercia dos paulistas deixasse sepultar com o tempo o nome d'este cabo, o dia do mez e anno do successo acontecido, e que só se conservasse na memoria seguida de pais a filhos a verdade do facto d'aquelle lance, em que teve todo o louvor Pedro Leme o torto, cujo nome, procedimento e a inveja da sua heroica resolução existe até agora), até que elle em uma manhã veio ao nosso campo com um sufficiente corpo de soldados de pé, que lhe serviam de guarda e procurando ao capitão-mór da tropa paulistana, travaram pratica sobre a vastidão d'aquelles sertões e seus habitadores gentios bravos, contra cujas forças triumphavam sempre os portuguezes da villa de S. Paulo em suas entradas e reduções. Subtilmente foi o tal castelhano dispondo o material discursu do capitão-mór, de alguns de seus officiaes e soldados que se achavam na pratica, entre os quaes, assistia Pedro Leme, sem mais caracter que o desoldado raso d'aquelle corpo. Persuadiu o dito mestre de campo que aquelle sertão da Vaccaria era todo de conquista de el-rei seu amo, como primeiro senhor da provincia do Paraguay, por cuja razão não deviam os paulistas duvidar d'esta preferencia, e que para



o todo o tempo assim constar era muito justo (visto se achar n'aquella occasião, um e outro corpo pastando em dito sertão) que assignasse o capitão-mór por si, com seus officiaes e soldados um termo d'este reconhecimento. Para este effeito trazia já o mestre de campo lavrado um termo em folha de papel, que logo o apresentou para o determinado fim de ser assignado. Sem a menor repugnancia pegou na penna o simples e material capitão-mór e assignando-se, foram fazendo o mesmo outras pessoas, que chegaram ao numero de cinco, quando repentinamente enfurecido Pedro Leme pelo accordo, que lhe ministrára o discurso, o valor e a fidelidade, pegou na sua arma de fogo e levantando-lhe as mollas, rompeu brioso n'estas palavras, que se conservam constantes na tradição dos moradores da villa de Itú, sua patria.

« Vossa senhoria, pelo poder com que se acha n'este  
« lugar, será senhor da minha vida, mas não da minha  
« lealdade. Estas campanhas são e sempre foram de el-  
« rei de Portugal meu senhor, e por nós e nossos avós pe-  
« netradas, seguidas e trilhadas quasi todos os annos a  
« conquistar barbaros gentios seus habitadores. O Sr. ca-  
« pitão-mór e mais senhores, que tem assignado sem ad-  
« vertencia o contrario d'esta verdade, ou estão abando-  
« nados como lezos ou como temerosos; eu não, nem os  
« mais que aqui nos achamos em toda esta tropa, porque  
« não havemos de assignar este papel, etc »

A estas vozes e a este exemplo já todo o corpo paulistano tinha pegado em armas, com cujo brioso movimento foi tão prudente o mestre de campo castelhano, que sem articular vozes, nem obrar acção alguma, se tirou para fóra da barraca, ficando seu intento sem effeito; e adiantando os primeiros passos articulou este seguinte desafago: Mirem el tuerto! E Pedro Leme ouvindo-lhe o

vituperio, lhe deu em alta voz esta resposta : E coxo também.

Recolheu-se o castelhano ao seu quartel, e na manhã seguinte levantou o campo e d'elle se ausentou sem acção alguma de despedida, depois de tantas urbanidades praticadas. Ficaram os paulistas envergonhados da facilidade com que o seu capitão-mór e quatro officiaes tinham assignnado aquelle termo, sem recordarem que haviam obrado uma acção indecorosa á nação e a seu rei, e natural senhor ; e que só Pedro Leme fôra capaz d'este accordo, e briosa resolução, que evitou o maligno intento do castelhano. Continuou o troço o seu destino quando foi tempo de monção, e se recolheu a salvamento. Applaudiu-se muito em S. Paulo a acção de Pedro Leme tanto quanto se estranhou a materialidade do capitão-mór e seus quatro companheiros. E como estas vozes chegaram a Portugal a informar do lance acontecido ao Sr. rei D. Pedro, nós não descobrimos : sabemos só com toda a pureza da verdade, que chegando em 1698 a S. Paulo Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e capitania do Sul, confessou ao capitão Bartholomeu Paes de Abreu, pai do autor d'estas memorias, e ao reverendo Dr. João Leite da Silva e a outras pessoas que tinham vindo á comprimental-o e dar-lhe as boas vindas, que Sua Magestade lhe ordenava, que da sua parte agradecesse a Pedro Leme a acção do honrado vassallo, que praticára na campanha da Vaccaria com o mestre de campo castelhano D. Fulano de tal, em tal anno, etc. Esta expressão ouvimos muitas vezes communicada a varias pessoas pelo dito capitão Bartholomeu Paes ; porém foi em tempo que nós não soubemos aproveitar d'ella, indagando então todas as circumstancias ainda as mais miudas que aconteceram n'aquella acção. Agora porém que

fizemos pelas villas de Itú e Sorocaba desvelado exame a indagar esta materia, não descobriu o nosso zelo mais noticia, que a que existe e existirá sempre n'esta comarca de S. Paulo, que Pedro Leme se portára com as vozes que temos referido, ignorando-se ao presente tempo quem eram os paulistas que formaram o corpo da tropa, a que o autor D. Francisco Xarque de Andella, chama *Malóca* e por isso em muitas partes dos seus dois livros das *Vidas dos quatro missionarios*, já algumas vezes nomeados, costuma dizer: Los maloqueros da villa de S. Paulo. Penetrou Pedro Leme os sertões que hoje são minas do Cuyabá, vencendo a navegação de rios caudalosos, com o precipicio de altas caxoeiras, em cujas viagens deixou o seu valor por herança aos dois filhos os perseguidos e infelizes João e Lourenço Leme, dos quaes fazemos menção com a narração do tragico successo que lhe ministrou a ambição de um Sebastião Fernandes do Rego, que até venceu que contra a pureza da verdade corresse desenfreada a penna de Sebastião da Rocha Pitta no seu livro *America Portuguesa*, impresso em Lisboa em 1727.

Casou Pedro Leme da Silva em Itú com Domingas Gonçalves. E teve quatro filhos.

4—1. João Leme da Silva.

4—2. Lourenço Leme da Silva.

4—3. Antônio Leme da Silva.

4—4. Helena do Prado.

4—1. e 4—2. Estes dois irmãos fizeram varias entradas ao sertão a conquistar barbaros gentios de diversas nações: com este exercicio adquiriram grande pratica da disciplina militar e conhecimento dos incultos sertões dos rios grandes chamado Paranã, do Uvaby, do Paraguay e outros; e dos que hoje são navegados pelos que vão

em canoas para as minas do Cuyabá. Eram temidos dos mesmos barbaros principalmente dos indios *Payaguazes*; e capazes ambos da maior facção de guerra, se algum movimento então se intentasse contra os castelhanos d'aquellas regiões. porém degenerou este merecimento do valor em algumas extorções e insolencias que executaram em diversas occasiões.

O coronel Sebastião da Rocha Pitta, levado de informações erradas e conduzido do natural genio de lisongeiro claudicou muito da verdade dos factos, que relata no liv. 10 n. 83, e seg. até o n. 97, da sua *America Portuguesa*. Além de muitos outros discuidos em que cahiu, que são erros grandes para a verdade que é a alma da historia. Nós agora referiremos com toda a pureza o successo dos dois irmãos João e Lourenço Leme, visto que Pitta se affastou muito da chronologia dos tempos, da verdade dos acontecimentos e da época do descobrimento das minas do Cuyabá que tudo comprehendeu nos referidos ns. de 83 até 97.

Diz elle no n. 83, « que o Sr. rei D. João V havia no anno de 1710 separado o paiz das Minas-Geraes da obediencia do Rio de Janeiro e em que 1721 creára novo governo na região de S. Paulo, condecorando a sua antiga villa com os privilegios e título de cidade do mesmo nome, cujo beneficio fôra tão grato, como util aos naturaes, que sendo contrarios aos outros povos por natureza, estimaram verem-se agora separados por jurisdição, etc.»

Grande erro foi este do coronel Pitta, porque nunca a capitania de S. Paulo (em outro tempo chamada de S. Vicente desde a fundação d'esta villa pelo seu primeiro donatario Martim Affonso de Sousa pelos annos de 1532 a quem a real grandeza do Sr. rei D. João III havia con-

cedido cem leguas de costa para fundar uma capitania por carta de doação datada em Evora a 20 de Janeiro de 1535, registrada no archivo da camara de S. Paulo no caderno de registros, titulo 1620 fl. 45) foi subordinada ao Rio de Janeiro, porque fundada a dita capitania e a villa de S. Vicente sua capital se conservou (depois de se ausentar d'ella para o reino o dito seu primeiro donatario pelos annos de 1534, em que deixou por seu loco-tenente a Gonçalo Monteiro com o caracter de capitão-mór governador e ouvidor) sempre separada do Rio de Janeiro, e só subordinada aos governadores geraes do Estado os seus capitães-móres governadores.

E' certo porém, que descobrindo minas de ouro no sertão dos Cataguazes os dois paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira, moradores então na villa de Taubaté pelos annos de 1695 deram conta d'este novo descobrimento ao governador do Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, que se achava encarregado de fazer penetrar os sertões de Sabarábuçú para os desejados descobrimentos de minas de prata e ouro, a que tinha vindo encarregado o castelhaño D. Rodrigo de Castel Blanco (vide que sobre elle se faz maior menção em titulo de Campos, cap. § n. .E n'este; cap. 5.º § 5.º n. 3-4 : tratando-se do governador Fernão Dias Paes) a S. Paulo pelos annos de 1681, em que fez a sua entrada com uma consideravel despeza da fazenda real sem o menor fructo. E fallecendo ao mesmo tempo Antonio Paes de Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remettendo ao reino as primeiras mostras com conta data-da a 16 de Junho de 1695, foi Sua Magestade servido ordenar por carta de 16 de Dezembro de 1696 a Arthur de Sá e Menezes governador e capitão-general do Rio de Janeiro passasse aos descobrimentos das minas do Sul a exe-

cutar o que se havia encarregado a Antonio Paes de Sande e praticar com os paulistas benemeritos as mesmas honras e mercês de habitos e lóros de fidalgo, concedidos na real instrucção que pela secretaria de Estado se havia expedido ao dito Sande. Depois, por outra ordem de 27 de Janeiro de 1697, se mandou sahir ao general Arthur de Sá, com 600\$ de ajuda de custo em cada anno, além do seu soldo. Tudo se vê melhor na secretaria do conselho ultramarino, livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673, nas fls. 160 e 163.

Em cumprimento d'estas reaes ordens veio a S. Paulo Arthur de Sá e Menezes, e passou ás minas dos Cataguanzes e Sabarábuçã (hoje chamadas Geraes), estando governador do Rio de Janeiro. Pitta, porém, falto d'estas noticias, até cahiu no indesculpavel erro de affirmar no liv. 8, n. 67, que dito Arthur de Sá passára a estas minas, sendo governador do Rio de Janeiro, convidado das riquezas e abundancia de ouro tão subido, mais como particular que como governador, pois não exercêra acto algum de jurisdicção, fazendo-se companheiro d'aquelles de quem era superior, e que se recolhêra para o seu governo levando mostras que o podiam enriquecer, etc.

Recolhido ao Rio de Janeiro dito Arthur de Sá lhe succedeu no governo D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro. E como nas Geraes entre reínoes e paulistas se tinha ateado o fogo da discórdia, e com ella executado algumas tyrannias contra os nacionaes de S. Paulo, que em numero eram menos poderosos que os da Europa, se fomentou um rompimento de armas entre uns e outros. Por parte dos nacionaes de Portugal (chamados então vulgarmente *embodbas*) foi aclamado em governador das Minas Manoel Nunes Vianna, que gostoso aceitou o caracter que lhe conferia o corpo da sedição. Por que no Rio das Mor-



tes residia a maior parte dos paulistas, que tinham reduzido aos *embodbas* a um reducto de faxina e terra, que haviam feito para se defenderem n'elle do desigual partido em caso de serem acommettidos, lhes enviou Manoel Nunes Vianna em soccorro mais de mil homens valorosos e bem armados, debaixo do commando de Bento de Amaral Coutinho, natural da cidade do Rio de Janeiro. Era este alentado, porém tyranno, com maior crueldade que valor, com que havia feito na sua patria muitos homicidios e insolencias grandes, cujos crimes o tinham feito marchar para Minas, onde a falta de governador e de ministros lhe segurava a liberdade. Sabendo que um trôço grande de paulistas tinha já destacado do Rio das Mortes e caminhava para S. Paulo, o seguiu, com marcha de cinco leguas, até uma pequena mata, dentro da qual se achavam os paulistas caçando, quando se viram postos em cerco, e sendo faceis na crença do engano com que Amaral occultava o animo perfido e traidor, lhe renderam as armas, fiados no seguro da palavra de que, largando-as, os deixariam ir em paz seguindo a jornada para a patria; mas, logo que a sinceridade fez obsequio do rendimento, mandou Amaral dar fogo contra os desarmados paulistas, de sorte que pôde a crueldade conseguir o vil triumpho de deixar aquelle infeliz campo coberto de corpos, uns já cadaveres e outros meios mortos, ficando abatido e funebre o sitio pela memoria da traição, que o largo curso dos annos ainda lhe não consumiu o nome da tyrannia, para que a posteridade sempre lhe accuse a perfidia pelo horror do estrago, que lhe deu o nome até agora constante de *campo da Traição*.

Tendo noticia d'esta atrocidade e de outras insolencias, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, posto que sem real ordem que lhe permittisse passar a Minas, se pôz



a caminho. Como leal servidor pôz com a sua presença em socego os tumultos dos moradores das Minas. Com quatro companhias de soldados e outros officiaes da sua guarda chegou ao arraial do Rio das Mortes, onde se deteve algumas semanas exercendo actos de jurisdição, e com semblante affável aos paulistas. Este benigno agasalhado lavrou no animo dos reinos uma nescia desconfiança contra o seu partido, e fizeram aviso aos povos dos outros lugares, segurando-lhes que D. Fernando só vinha a castigar e prender, como inculcavam os instrumentos de algemãs e correntes de que se achava fornecido, e que a liberdade consistia na desobediencia, expulsando-se de Minas ao dito D. Fernando. Eram estas suggestões todas faltas de verdade, e que se encaminhavam a fazer tal consternação nos povos, que, não só lhe desobedecessem, mas o fizessem sahir de todos os limites das Minas, sem advertirem que, se temiam os castigos dos crimes entre si commettidos, com mais causa deviam receiar a sublevação contra a regalia do monarcha na pessoa do governador, seu loco tenente. Em corpo de união os forasteiros, com o seu aclamado governador Vianna, vieram apresentar-se no alto de uma collina, em fôrma de batalha, á vista da casa em que se achava D. Fernando; a infantaria no centro e a cavallaria aos lados. Mandou o governador por um capitão de infantaria e outras pessoas saber a determinação de Manoel Nunes Vianna, que estava na frente do exercito, o qual, depois de algumas conferencias, foi acompanhado da sua guarda a fallar-lhe, e com pouco mais de uma hora de pratica se retirou. O governador D. Fernando não teve mais acção na marcha que intentava, e deixando as Minas no mesmo estado em que as achára se retirou para o Rio de Janeiro.

A D. Fernando succedeu no governo Antonio de Albu-

querque Coelho de Carvalho, que chegando ao Rio de Janeiro, e achando frescas as memorias dos successos revoltosos dos povos das Minas e a inação com que n'ellas se portára o seu antecessor, passou a ellas sem mais companhia que a de dois capitães, dois ajudantes e dez soldados. Foi recebido com demonstrações de amor e obediencia por vêrem que entrava desarmado. Compôz as dissensões, proveu postos, elegeu officiaes para administrarem justiça, e se recolheu pelo caminho da serra de Mantiqueira a demandar a villa de Guaratinguetá, e descendo á villa de Paraty embarcar para a cidade do Rio Janeiro.

Na villa de Guaratinguetá encontrou Albuquerque o exercito, que de S. Paulo tinha sahido, e caminhava para Minas aos seus nacionaes, que n'ellas experimentavam extorções, mortes e roubos, e outras insolencias, e a castigar a atrocidade do capam da traição, sendo cabo-maior d'esta conducta Amador Bueno da Veiga, (foi filho de Balthazar da Costa Veiga e de Maria Bueno de Almeida, em titulo de Buenos, cap. 1º § 2º n. 3 — 1) : paulista de conhecida nobreza, a quem o corpo de cento e dezesete republicanos tinham em acto da camara escolhido para cabo-maior e defensor da patria contra qualquer invasão de inimigos, passando as Minas só a introduzir n'ellas aos paulistas que se achavam expulsos procurando com todo o esforço a paz, e o socego publico em serviço de Sua Magestade, e bem dos seus reaes quintos do que tudo se lavrou termo no dia 22 de Agosto de 1709 no livro das vereanças da cidade de S. Paulo, titulo 1701 a fl. 129 usq. fl. 135. O autor da *America Portuguesa* afirma no liv. 9 n. 43, que «n'este encontro querendo o governador Albuquerque persuadir aos mais poderosos, que desistissem da marcha e intento, em que comettiliam grande offensa contra Deus e delicto contra el-rei, lhe deram tão pouca attenção

e mostraram tal porfia, que quando o governador intentava reprimir-lhes com palavras o furor, se viu obrigado inopinadamente a tomar o caminho para a villa de Paraty» é lastima grande que o coronel Sebastião da Rocha Pitta, sem mais exame da verdade, que umas falsas informações que talvez lhe daria o mesmo Manoel Nunes Vianna, quando corrido e homiziado pelos seus delictos fugia pelo reoncavo da Bahia, escrevesse affastado de toda a verdade uns factos de tanta ponderação como de graves circumstancias, sem o verdadeiro conhecimento da natureza d'ellos ! O governador Albuquerque que vinha de retirada para o Rio de Janeiro, de cuja capitania era capitão-general, e mal podia vir a S. Paulo quando d'ella não era governador, como erradamente se persuadiu Pitta. E' certo que encontrando o exercito que de S. Paulo tinha sahido, logo o cabo-maior d'elle Amador Bueno da Veiga foi comprimentar a Albuquerque, e n'esta primeira visita foi larga a conferencia que ambos tiveram com tanta particularidade, que os segredos d'ella não transpirou nem ainda aos officiaes de gradação de que se compunha o corpo das tropas ; e com reciprocas urbanidades se despediram ambos, tomando cada um o curso da marcha que tinha destinado. Isto foi como fica dito em 1709, e em 1710 foi Sua Magestade servido crear na pessoa do mesmo Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho o primeiro governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, em cuja camara tomou posse, tendo avisado por carta sua, que se acha registrada no archivo da camara de S. Paulo no liv. de registros, titulo 1708 pag. 26. ( diz o autor que a copia se acha no seu caderno fl. 109 ).

Tendo o dito governador Albuquerque formado quatro companhias de infantaria paga por ordem régia, elegeu para capitães aos paulistas benemeritos em serviços o qua-

lidades de nobreza, sujeitos ao presidio de Santos em qualquer occasião de necessidade ; e satisfeito de observar os animos tão promptos e liberaes para o real serviço, saudoso se ausentou para as Minas de sua jurisdicção, e a estabelecer e a fundar as providencias necessarias em bem dos povos e utilidade do rei. Deixou em seu lugar para governador interino de S. Paulo ao paulista Domingos da Silva Bueno.

Succedeu-lhe no governo D. Braz Balthazar da Silveira, que tomando posse na camara capital de S. Paulo, passou a Minas e lhe succedeu o conde de Assumar D. Pedro de Almeida Portugal, que acabou marquez de Alorna, o qual obrou o mesmo que seus antecessores, até lhe chegar o successor Rodrigo Cesar de Menezes em 1721, e em quem se extinguiu a jurisdicção de general de Minas, porque para ellas creou Sua Magestade no mesmo tempo a D. Lourenço de Almeida primeiro governador e capitão-general positivo de Minas-Geraes da capitania de Villa-Rica, que é Ouro-Preto.

Por esta fórma reparamos os erros, em que cahiu o coronel Pitta, affirmando o contrario do que temos aqui referido. E tambem que a villa de S. Paulo foi aclamada em cidade a 8 de Abril de 1712 em tempo do general Antonio de Albuquerque Coelho, e não no anno de 1721, como affirmo o mesmo Pitta no n. 83 do L. 10, fazendo a Rodrigo Cesar de Menezes primeiro governador de S. Paulo separado do Rio de Janeiro. No n. 84 do mesmo L. 10 descreve o grande alvoroço com que os paulistas receberam o seu novo general Cesar com as maiores expressões de amor e obediencia ; porque vendo-se sublimados com a dignidade de proprio governador, depuzeram todos a natural inconstancia e frieza em reconhecimento da honra, que recebiam e do beneficio que esperavam na mudança

de uma vida inquieta ao socego de uma suave sujeição : que recompensavam em obediencias as repugnancias com que em outro tempo mostraram á jurisdicção das leis, cuja liberdade causava então não só a distancia ou influencia do clima, mas da falta de governador etc., até aqui o Pitta. Não ha mais expressar ! Tudo acontece aos que tomam por fio da historia qualquer informação sem mais exame para a credulidade do que o nescio conceito de serem verdadeiros todos os factos que lhe communica ou a paixão odiosa ou a facilidade lisongeira. Poderiam ter os paulistas estas demonstrações de recompensa se no general Rodrigo Cesar de Menezes, vissem o primeiro governador, como Pitta se persuadiu ; porém antes d'este cavalheiro tinham applaudido em successiva chronologia de annos, como fica referido, a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho ; D. Braz Balthazar da Silveira e o conde de Assumar D. Pedro de Almeida Portugal.

Affirma mais no n. 85 do mesmo liv. 10 que esta acertada resolução dos moradores da cidade de S. Paulo não comprehendeu a alguns de animos mais ferózes, que se achavam apartados da cidade no seu dilatadissimo reconcavo, vivendo poderosos affectavam a liberdade que não podiam ter na natureza de subditos. Aqui relata o autor a respeito dos dois irmãos Lourenço Leme e João Leme da Silva, uma hecatombe de injuriosos e horrosos factos, os brados nas minas de Cuyabá, e que sendo elles das pessoas principaes de S. Paulo por nascimento, e poder, quizeram escurecer a sua nobreza, e perder os seus cabedaes na acção mais indigna que podem obrar os vassallos, e fabricaram a sua ruina, e a dos seus sequazes nos delictos, que commetteram. Descreve no n. 86 acontecimentos não verificados com erros grandes da verdade dos successos, o que nós agora repararemos por não deixarmos a

historia sem a alma, que a adorna, qual é a pureza da verdade, e darmos um inteiro conhecimento do descobrimento das minas de Cuyabá, sobre cuja materia o autor Pitta não expressou clausula, que não fosse um engano, confundindo umas acções com outras e os sitios, onde ellas aconteceram, porque até affirma, que os dois irmãos Lemes tinham ido para Cuyabá com honorificos empregos no real serviço por eleição do general Cezar mas, que trocaram n'aquellas minas este beneficio em horror com tyrannias contra os povos d'ellas; sendo certo que Lourenço Leme e João Leme estavam no Cuyabá no anno de 1721, para onde tinham ido logo depois, que ellas foram descubertas em 1719; e voltando a S. Paulo em 1722 com a noticia da chegada do general Cezar, foram por elle recebidos com urbanidade e grande agasalhado, de sorte, que elegeu para provedor dos reaes quintos do Cuyabá a Lourenço Leme da Silva, e ao irmão João Leme da Silva para mestre de campo regente em Maio do mesmo anno; e com effeito se expediram as cartas patentes, que lhes foram remettidas á villa de Itú, onde os ditos Lemes se preparavam para embarcarem para o Cuyabá, o que ficou sem effeito pela morte de Lourenço Leme, e prisão de João Leme, que remettido á Bahia, perdeu a vida degolado em alto cadafalso, levantado na praça publica d'aquella cidade. Estes successos referiremos agora como na verdade passaram e aconteceram; e com o que se obrou no Cuyabá depois do seu descobrimento, restituindo d'esta forma á historia o fio, que não soube seguir o coronel Pitta por falta de melhor averiguação.

Governando a capitania de S. Paulo o general d'ella D. Pedro de Almeida, conde de Assumar pelos annos de 1718, fez uma entrada ao sertão do Cuyabá para conquistar o gentio *Aripocóné* Paschoal Moreira Cabral, filho do



coronel do mesmo nome, que era irmão do alcaide-mór Jacintho Moreira Cabral, naturaes da cidade de S. Paulo, das principaes familias d'ella, como filhos do capitão Pedro Alvares Cabral e de sua mulher Sebastiana Fernandes, filha do capitão-mór povoador André Fernandes, primeiro padroeiro da igreja matriz da Parnahyba etc. Levando por fiéis companheiros do seu valor e disciplina a Antonio Antunes Maciel, Francisco Velho Moreira e outros de igual nobreza e experiencia, com os soldados que compunham o corpo da tropa em numero sufficiente para a intentada conquista do valoroso gentio *Aripocônê*. Estabeleceram arraial no sitio, que ao presente tempo é conhecido com o nome de arraial Velho, ou casa de Telha, distante da villa do Cuyabá quatorze dias. D'elle se embarcou a gente da tropa, subindo o rio Cuyabá até a barra do rio Cuxipó-mirim. Aqui largaram as canoas, e penetrando o sertão por terra, toparam trilha do gentio *Aripocônê*, que se encaminhava para as serranias e cordilheiras de S. Hieronimo. Seguindo este trilho passou a tropa o rio Cuxipó-mirim ao pé da barra do rio do Peixe, onde toparam as rancharias do dito gentio, que alli havia conseguido uma muito grande pesca, que beneficiavam, seccando os peixes ao sol, dos quaes se aproveitou toda a tropa, que por esta fartura o denominaram rio do Peixe.

D'este lugar continuaram a marcha até a barra do rio Butuca, que tomou este nome de umas moscas grandes assim chamadas, que ferem não só aos homens, mas aos animaes, que sem grande martyrio lhe não resistem a tyrannia no tempo do verão em que ellas existem em todo e qualquer sertão da nossa America. Nesta paragem, sem os instrumentos de minerar, e só com um prato de pão, no espaço de duas horas, se extrahiu de ouro  $3/8$  e  $3/4$ . Este descobrimento não impediu por então o curso da marcha



intentada. Moveu-se a tropa toda, seguindo a trilha, que lhes facilitava o encontro para a empreza. Na madrugada do seguinte dia deram nos alojamentos do bravo gentio *Aripocóné*, e n'esta avançada ficaram as nossas armas sem o triumpho, que esperavam, porque a força do gentio fez muito desigual o nosso partido, ficando cinco dos nossos mortos e quatorze feridos e tão maltratados, que foram conduzidos em redes para o nosso arraial.

Com es e infeliz successo se encheu de grande dissabor o cabo da tropa Paschoal Moreira Cabral, estranhando n'esta occasião o revez da fortuna contra o valor da sua disciplina, sempre triumphante em outras conquistas, e não quiz continuar com os exames para maior descobrimento, contentando-se só por então com as 3/8 e 3/4 de ouro da primeira mostra. Do arraial, onde tinha postado a tropa aviou para S. Paulo a Antonio Antunes Maciel, dando por elle conta com a dita mostra ao general o conde de Assumar. Segurando-lhe que estava a fazer vigoroso exame para descobrir minas de ouro. Assim o fez (já depois de partido Antonio Antunes) e não só achou ouro com abundancia na passagem do primeiro descobrimento, mas tambem em todo o rio Cuxipó.

Foi Antonio Antunes Maciel recebido com alvoroço de contentamento do general conde de Assumar, com jubilos de alegria dos moradores de S. Paulo e villas de sua comarca, pelos quaes se derramou logo a noticia da sua chegada, e do novo descobrimento de ouro. Sem demora o general applicou os meios para o regresso de Antonio Antunes Maciel, por quem escreveu ao cabo Paschoal Moreira Cabral, remettendo-lhe provisão de guarda-mór para as partilhas das terras mineraes na forma do regimento d'ellas. Porém quando chegou Antonio Antunes já as minas do Cuyabá estavam descubertas, e dando ouro com

muita abundancia, concorreu logo muita gente para as novas minas pela navegação dos rios Anhebú, Grande, Parão e Tieté (por falta de caminho de terra, que com manifesto erro, descuido ou falsidade, affirmou Pitta no n. 89, que o general Rodrigo Cesar de Menezes mandára abrir caminho por terra por Manoel Godinho de Lara, que conseguiu o transito com felicidade) que até agora são seguidos em canoas sem temor do perigo das grandes caxoeiras, que tem os rios, que se navegam até o Cuyabá.

Vendo-se os moradores das novas minas que já formavam um numeroso concurso de pessoas em arraial dilatado, trataram de eleger um cabo maior que os regêsse, e ordenasse a conquista do gentio barbaro para explorarem melhor o paiz, e poderem tirar ouro com menor receio d'aquelles inimigos, que, em repentinos assaltos, com mortes e roubos, lhes perturbavam o emprego da sua nova povoação, que não podia permanecer segura sem se afugentarem ou conquistarem os mesmos, elegêram de common accordo ao capitão-mór Fernando Dias Falcão, natural de S. Paulo e das principaes familias da sua capitania, para seu cabo maior, para os reger, e determinar as causas particulares e publicas, promettendo todos obedecer-lhe nas materias politicas e militares, até que tivessem outro governador ou ministro por ordem régia. Este voluntario accordo foi em 1719, e quando ainda no Cuyabá não se achavam os dois irmãos Lemes, que, supposto alli chegaram em fins do dito anno, já acharam governando-o o capitão-mór regente Fernando Dias Falcão, o qual governou aquellas minas por cinco annos com os acertos da sua acreditada capacidade; e, chegando a gostosa noticia de que era general da capitania Rodrigo Cesar de Menezes, se recolheu a S. Paulo na monção do anno de 1723, trazendo o ouro dos reaes quintos. O general Cesar lhe pas-

sou patente em 27 de Abril de 1724 de capitão-mór regente das ditas minas, para onde voltou com este emprego n'este mesmo anno. Pitta, porém, se enganou no n. 88 do liv. 10, em que afirma que em 6 de Janeiro de 1721 se lavrara termo da eleição feita pelos povos na pessoa do capitão Fernando Dias Falcão, quando isto foi em 1719, como fica dito.

Tendo, pois, chegado, como já dissemos, os dois irmãos Lemes em fins do dito anno de 1719 ao Cuyabá, se recolheram ambos a S. Paulo no de 1722, abundantes e ricos de arrobas de ouro. Foram recebidos do general Cesar com todas as demonstrações de honras, que, liberal, sabia praticar com os seus subditos benemeritos. Era por este tempo muito estimado e privado do dito Cesar um Sebastião Fernandes do Rego, homem de negocio e de grandes maximas para saber conservar a sua introdução. Elle foi quem hospedou com grandeza aos Lemes na sua chegada a S. Paulo, contrahindo por este modo com elles uma muito particular amizade. Com este trato de hospedagem praticaram ditos Lemes muitas acções de liberalidade ou de desperdicio, repartindo grandes folhetas de ouro bruto com alguns magnatas da terra, e arbitrio simulado do fingido amigo Sebastião Fernandes do Rego. Aos dictames d'este se entregaram totalmente os dois irmãos Lemes, que, supposto eram pessoas de principal nobreza, contudo não tinham adorno algum de policia e tratamento civil, e por isso faltos de agudeza para penetrarem o orgulho alheio. Viram-se em S. Paulo estes Lemes applaudidos e obsequiados, cobrindo por então o segredo do tempo os crimes que tinham de algumas acções de despotismo, que haviam obrado na villa de Itú, sua patria, por cujos delictos se haviam retirado para o sertão antes de chegarem ao Cuyabá.

O general Cesar, levado do conceito que formava do tal Sebastião Fernandes do Rego, elegeu no cargo de provedor dos quintos das minas do Cuyabá a Lourenço Leme da Silva, e em mestre de campo regente a João Leme da Silva. Para a resolução d'estes empregos, que toda foi filha do gosto do general, não teve parte nem voto algum o senado da camara, como com total erro affirmou Pitta no n. 91 do liv. 10º, onde diz que o senado da camara tivera ordem do general Cesar para lhe propôr pessoa mais idonea para a cobrança dos reaes quintos, e que por termo de 7 de Maio de 1723 fora proposto Lourenço Leme. Tudo isto é falso, porque nada d'isto passou assim, e examinámos ocalarmente os livros do archivo do senado.

Recolhêram-se os Lemes para a villa de Itú, onde lhes chegaram as patentes que o Cesar, por via de Sebastião Fernandes do Rego, lhes remettera, de provedor a Lourenço Leme, e a João Leme de mestre de campo. Estes irmãos tinham entregue o seu grande cabedal ao tal Sebastião Fernandes, de cujas fingidas palavras e simulada amizade se tinham capacitado para esperarem d'elle que mandasse vir um numerozco comboio de pretos, e carregação de fazendas séccas e generos comestiveis, para com este negocio embarcarem para o Cuyabá. Correu o tempo, e o Rego, premeditando o meio da ruina dos dois irmãos para se aproveitar melhor do grande cabedal que d'elles tinha recebido, concorrendo para a sua diabolica suggestão a occulta e intrinseca amizade que tinha com o desembargador Manoel de Mello Godinho Manso, ouvidor-geral e corregedor da comarca de S. Paulo, fez resuscitar para o castigo e confisco de bens os delictos que tinham commetido os dois irmãos João e Lourenço Leme.

Estes, antes de passarem ao Cuyabá, tinham obrado na villa de Itú o barbaro attentado de tirarem com violencia

da casa de seus pais, para suas concubinas, a tres donzelas, filhas bastardas de João Cabral, e d'ellas entregaram uma para o estupro a Domingos Leme, amigo e parente dos insultores. Não satisfeitos d'esta cruel violencia roubaram ao mesmo Cabral uma filha de legitimo matrimonio para casar com Angelo Cardoso, a quem deram em dote os mesmos bens do aggravado velho Cabral, tirados do seu poder contra a vontade e por força de armas. D'este desgosto enloqueceu Cabral e perdeu logo a vida. Entre outras mortes que tinham executado foi a de Antonio Fernandes de Abreu, pessoa nobre, e descendente do honrado e famoso paulista o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu, que com este posto tinha obrado milagres de valor no terço do seu mestre de campo Domingos Jorge, no sitio e conquista dos Palmares de Pernambuco em 1695, e destruição de 20,000 almas que dentro em si continha o sitio de Palmares, que governava o principe Zumbi, sendo governador e capitão-general de Pernambuco Caetano de Mello e Castro. E já de antes tinha dado provas do seu valor na guerra e conquista dos barbaros indios do sertão da cidade da Bahia, em companhia de Estevão Ribeiro Bayão Parente, governador da dita guerra, com o exercito de paulistas, com que embarcou no porto de Santos em Junho de 1671, conseguindo estas armas uma completa victoria contra os inimigos em 1672, e continuou a campanha até 1674, como temos tratado em título de Moraes, cap. I.

Do morto Antonio Fernandes de Abreu ficou um filho do mesmo nome e appellido, que se retirou para as Minas Geraes, onde lhe chegaram as cartas de convite de Sebastião Fernandes do Rego, de quem aceitando os conselhos e a protecção, se pôz a caminho e chegou a S. Paulo a tempo que os dois irmãos Lemes se achavam em Itú esperando a carregação e o comboio dos pretos de que temos

fallado. O dito Antonio Fernandes de Abreu denunciou perante o Dr. corregedor Mello contra os Lemes, não só da morte feita a seu pai, mas também de todos os crimes que tinham, pelas suas insolências, executado na villa de Itú, antes de se retirarem para os sertões do Cuyabá. N'esta denuncia entrou também a morte, que no sitio do Camapuan tinha feito João Leme a um *Carijó* da sua administração por desconfianças de que tinha tratos illicitos com uma sua concubina da mesma administração, a qual também foi morta; e com estes dois complices, pela desconfiança de João Leme perdeu a vida um rapaz pelos indícios de ser o terceiro n'este illicito trato. Antes de executadas estas tres mortes, mandou ao padre Antonio Gil, presbytero secular de S. Pedro, que confessasse aos tres desgraçados *Carijós*, o que feito, foram mortos com tanta deshumanidade, que o varão incurso na culpa do crime, foi primeiramente castrado e depois morto e esquartejado pelas proprias mãos de João Leme.

Tambem no sitio do Rio Pardo da navegação do Cuyabá obrigaram ao padre André dos Santos a que fosse ministro do Sacramento do matrimonio, recebendo uma filha bastarda de Lourenço Leme com Domingos Fernandes, sem ser para esta acção legitimo pastor o dito padre, a quem seguravam, que tinham para isso permissão do reverendo vigario Manoel de Campos. Achando-se em Cuyabá o padre Francisco Justo, feito vigario por provisão do cabido, séde vacante do Rio de Janeiro, chegando a esta cidade o Exm. bispo D. Frei Antonio de Guadalupe, proveu ao padre Manoel de Campos, natural da villa de Itú, em vigario da igreja e da vara do Cuyabá, porém chegando a estas minas, não lhe quiz dar posse o seu antecessor padre Francisco Justo, com o nescio fundamento de que ainda não era findo o tempo da sua provisão, que lhe



fôra conferida em séde vacante; e o mesmo tambem annulou o matrimonio celebrado no rio Pardo; e o approvava o novo vigario Manoel de Campos. Este tinha em seu partido a amizade dos Lemes; e aquelle a de alguns freguezes antigos moradores do Cuyabá. Seguiram-se discordias entre os de um, e outro sequito: os Lemes porém com o respeito de serem temidos e respeitados, decidiram a contenda com o estrondo das armas. Mandaram dar um tiro na casa do vigario o padre Francisco Justo, do qual ficou morto um camarada ou familiar, e elle, attendendo ao seu socego, para logo largou a igreja, embarcou, e se retirou para S. Paulo. O novo vigario Manoel de Campos com a jurisdicção que tinha de vigario da vara, proveu á instancias dos Lemes, a frei Florencio dos Anjos, carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro em cura de almas dos moradores de arraial Velho (hoje se chama Casa de Telha) distante do Cuyabá quatorze dias. Esta verdade consta dos autos e processo das culpas de João, e Lourenço Leme, em que podendo instruir-se o coronel Sebastião da Rocha Pitta, aceitou com facil crença tudo quanto lhe introduziu a informação falsa de Sebastião Fernandes do Rego, e com ella escreveu erros contrarios a mesma verdade nos ns. 92 e 93 do liv. 10 da sua *America Portuguesa*, onde accumulou aos Lemes varios factos não obrados; sendo certo que para o caracter que mereceram de insolentes e matadores, sobram os casos e os delictos aqui relatados.

Estas culpas havia perdoado a clemencia do senhor rei D. João V.

Provadas as culpas pela denuncia do queixoso Antonio Fernandes de Abreu, ordenou o desembargador Manoel de Mello Godinho Manso a prisão dos dois criminosos Lemes, que se achavam na villa de Itú, descansando nos



seguros, que lhes tinha ministrado a lima do tempo. Como Sebastião Fernandes do Rego sargento-mór das ordenanças de S. Paulo tinha sido movel para o castigo dos Lemes, concebendo na sua idéa, que na destruição d'elles se podia aproveitar dos grandes cabedaes de ouro que em si retinha, foi encarregado para cabo da conducta do corpo de uma multidão de soldados que da villa da Parnahyba o Sorocaba se lhe mandaram aggregar para segurança da diligencia. Chegou o Rego a villa de Itú (fica disposta a balroada para a madrugada da noite d'aquelle dia, com tanta cautela que emboscadas as tropas, não transpirou o movimento d'ellas aos moradores da villa de Itú, muito menos aos dois Lemes) e apeando-se á porta dos seus, na apparencia amigos, João e Lourenço Leme, foi d'elles recebido com as demonstrações de alegria que costuma produzir a verdadeira amizade. Tratou-se do banquete para regalo do novo hospede, e chegada a hora se puzeram á meza em que havia muita diversidade de iguarias e abundancia de vinho. O fingido amigo para segurar a diligencia, quebrando as forças aos Lemes, repetia os brindes para os embriagar; mas elles não se deixáram vencer das demazias. Acabada a cêa, convidou o somno ao repouso; e quando o Rego reconheceu o silencio, d'elle se aproveitou para ir ao cabide das armas e descarregar-as, como tinha promettido aos officiaes e soldados da sua conducta para com maior animo darem o cerco na hora destinada. Chegou esta já quando a noite declinava para a madrugada, e o corpo das tropas pôz em cerco a casa cingida de diversos cordões pelo grande numero de soldados. Ao estrondo de se arrombarem as portas acordaram os Lemes; e conhecendo a traição, animosos com intrepida resolução, apagaram as luzes, ficando a casa totalmente ás escuras. N'ella estavam varios escravos e alguns familiares

dos Lemes; e havendo lutas entre os que avançavam, e que resistiam, rompeu João Leme saltando os muros do quintal, o cerco que estava d'esta parte; e Lourenço Leme pela porta da rua rompeu também por entre a multidão dos que se achavam n'ella e ambos conseguiram a liberdade sem damno contra tantas cargas de espingardas, que a um mesmo tempo se dispararam da parte do quintal e da rua; e só Lourenço Leme ficou levemente ferido em uma mão. Como se tinham levantado da cama em ceroulas e mangas de camisa, d'esta mesma fórma conseguiram a liberdade e marchando a pé e descalços, tomaram o rumo para o sitio de Araraitaguaba, onde chegaram ao romper do dia, vencendo uma marcha de cinco leguas. Ficaram mortos cinco escravos e prisioneiros sete, e por despojo todas as armas, moveis e alfaias da casa.

Em Araraitaguaba se puzeram em armas os dois irmãos, e já constituídos regulos, mandaram tocar caixas e clarins. N'esta acção se deliveram dois dias; e passados estes, se metteram ao matto com todos os sequases, que lhe formavam corpo de armas. Fizeram picada pelo interior do sertão com tanta petulancia, que deixaram um loteiro na entrada d'ella, que dizia: — Se o ouvidor aqui vier, este é o caminho. — Tendo penetrado pela picada referida distancia de meia legua de sertão, postaram alli com o corpo da comitiva, conservando sentinella avançada para que o aviso d'ella desse lugar para se occultarem pelo centro do mesmo sertão. N'este estado se achavam quando chegou em pessoa o desembargador Mello com um grande troço de valorosos soldados, pelos quaes mandou seguir a mesma trilha e n'esta diligencia ficou morta a sentinella avançada que ainda teve tempo de dar vozes, a cujos cechos escaparam de ficar presos os dois irmãos, fugindo cada um por diverso rumo e só se aprisionaram vinte e tantas pes-

soas e se recolheram por despojo as armas, que alli ficaram.

Passados alguns dias procurou João Leme o sitio e casa de sua madrinha, a viuva Maria de Chaves, a qual preocupada do temor de ficar incursa nas penas, que por edital se tinha publicado para que pessoa alguma de qualquer qualidade ou sexo, não desse agasalho aos facinorosos e regulos João e Lourenço Leme da Silva, mandou aviso ao desembargador corregedor, que não ficava muito distante do sitio e conservava ainda o corpo da tropa auxiliar com que tinha accomettido ao matto. N'este intermedio tinha a pobre velha feito guisar o jantar para o descuidado afilhado, que ao tempo de principiar a comer foi a casa posta em cerco, porém João Leme tirando forças da propria fraqueza, e ainda voloroso rompeu o cerco e se lançou ao caudaloso rio Anhebu, em cujas margens existia o sitio de Maria de Chaves. Ao romper do cerco lhe dispararam uma carga de tiros de escopetas; e por occulta providencia do céo não perdeu alli a vida porque todo traspassado de balas passou a nado o dito rio, e saltou em terra da opposta margem, tão esgotado em sangue e desfallecido de forças, que alli mesmo o prenderam e foi conduzido com um grande corpo de guarda para a villa de Itú.

Depois d'isto e passados trinta dias estando Lourenço Leme da Silva, occulto em uma casa deserta de José Cardoso, fundador e protector da capella de Nossa Senhora da Penha de Ararataguaba, foi descoberto por peritos trilhadores, que batiam os matos na diligencia da prisão que solicitavam, até que descobriram a Lourenço Leme que estava dormindo em a dita casa velha; e disparando-se a um tempo as escopetas, na mesma cama ficou morto; e o seu cadaver foi conduzido a villa de Itú, onde na igre-

ja do convento dos carmelitas se lhe deu sepultura. Seu irmão João Leme da Silva foi remettido para a Bahia, onde mandou a relação do Estado fazer-lhe os autos summarios e estando as culpas provadas, e não allegando elle réo cousa relevante em sua defese, o condemnou a morte; e foi degollado em alto cadafalço no anno de 1723; e foi condemnado em seis mil cruzados para as despezas da relação os quaes logo se cobraram em S. Paulo pelo desembargador e ouvidor geral Manoel de Mello Godinho Manso. Acabou João Leme da Silva com demonstrações de um verdadeiro catholico, e com muita consolação dos padres jesuitas, que lhe assistiram. O grande cabedal de arrobas de ouro, com que do Cuyabá chegaram a S. Paulo os dois infelizes irmãos João e Lourenço Leme até agora se não sabe o seu consummo; porque estando entregue a Sebastião Fernandes do Rego, como temos referi lo, depois da prisão de um e morte de outro, se procedeu a sequestro, porém já mais se descubriu o consummo d'elle. Este foi na verdade o fim dos dois tão affamados, como temidos irmãos Lemes, cuja catastrophe pôz em contentamento aos moradores da villa do Cuyabá pela noticia que o capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, na monção do anno de 1723 participou em carta sua ao capitão-mór regente Fernando Dias Falcão e ao brigadeiro Antonio de Almeida Lara.

Enganou-se o coronel Pitta no n. 92 do liv. 10, de que os Lemes vendo-se com os cargos de provedor dos quintos e de mestre de campo regente do Cuyabá, nos seus animos desleaes servira o beneficio de fazer mais escandalosa a ingratição; porque com o poder trataram só de executar insolencias etc. por quanto os ditos Lemes depois de providos nos cargos referidos em 1723, n'este mesmo anno ficou morto Lourenço Leme e o irmão João Leme da Silva

foi remettido para a Bahia onde como temos referido foi degollado.

Este foi casado com Maria Bicudo, filha de Manoel Fernandes e de sua mulher Luzia de Abreu, em titulo de Godoy, cap. § . E teve.

5—1 João Leme da Silva.

5—2 Pedro Leme da Silva, que falleceram no Cuyabá.

5—3 Quiteria Leme, que casou primeira vez com João Diniz, sem geração, e segunda vez no Rio do Janeiro com Antonio de Miranda. Sem geração.

Lourenço Leme da Silva, foi casado com D. Gestrudes de Almeida Campos, filha de Thomé de Lera e de sua segunda mulher D. Maria de Campos. Em titulo de Taques, cap. 3º § 4º, sem geração. E só teve um filho bastardo Gaspar Leme da Silva, morador em Jundiaby.

4—3. Antônio Leme da Silva (filho terceiro de Pedro Leme, o Torto) não foi comprehendido no infeliz destino de seus dois irmãos: fez assento nas minas do Cuyabá, para onde passando o governador e capitão-general Rodrigo Cesar de Menezes o tratou com honrosas demonstrações de amizade, e o proveu no posto de mestre de campo do regimento dos auxiliares d'aquellas minas e regente d'ellas, onde tambem foi ouvidor pela ordenação. Alli falleceu, tendo sido casado na villa de Itú com Maria Corrêa Ribeiro, natural de Itú e viuva de Antonio de Arruda Botelho, filha de Serafino Corrêa Ribeiro e de sua mulher Maria Leme. Em titulo de Almeidas Castanhos, cap. 1º, § 4º, a n. 3—1 usq. n. 4—1 e 5—3. E teve cinco filhos:

5—4. D. Domingas Leme da Silva, mulher do capitão Salvador Martins Bonilha. Sem geração.

5—2. Francisco Leme, falleceu no Cuyabá, solteiro.

5—3. D. Maria Leme, casou com Francisco Bueno de Sá e falleceu em Itú. Sem geração.

5—4. Pedro Leme da Silva, casou com filha de Manoel Fernandes, irmão de Maria Bicudo, que foi mulher de João Leme, do n. 4—1: falleceu no Cuyabá. Sem geração.

5—5. Serafino Corrêa, falleceu solteiro no Cuyabá.

3—3. D. Maria Leme da Silva (filha de Domingos Leme da Silva e Francisca Cardoso, pag. 26) foi casada com o alcaide-mór Jacintho Moreira Cabral, irmão do coronel Paschoal Moreira Cabral, naturaes de S. Paulo. Em titulo de Moreiras, cap. III, § 2º, a ascendencia do alcaide-mór Jacintho Moreira Cabral, que falleceu em Sorocaba a 3 de Fevereiro de 1690, e foi sepultado na capella-mór da igreja de S. Bento d'aquella villa, como consta do livro dos obitos da matriz de Sorocaba. E teve dois filhos:

4—1. Maria Leme do Prado, casou em Itú (n. 404) com José Nogueira Homem.

4—2. Pedro Alvares Moreira (casamentos de Sorocaba 45).

Estes filhos estão em duvida, porque nos apontamentos avulsos diz o contrario: que foram Josepha Leme, casada com José da Costa Homem, o Tapexi, de alcunha, e Catharina Leme, mulher de Manoel da Costa, natural de Sorocaba.

3—6. Helena do Prado Cardoso (filha de Domingos Leme da Silva, do § 5, pag. 26), casou na villa de Itú com Pedro Vaz Ratão, natural da cidade de Evora, que falleceu na villa de Itú, filho de Belchior Vaz Ratão e de sua mulher Maria de(15)... E teve naturaes de Itú seis filhos:

(15) Camara episcopal de S. Paulo, autos de genero de Ignacio da Costa Cintra, maço 3º, letra I.

4—1. Anna Leme, falleceu em Mogy das Cruzes com testamento a 9 de Julho de 1724, e declarou ter sido baptizada em Sorocaba, e que era filha de Pedro Vaz Ratão, etc., e que fôra casada com Manoel Martins da Cunha, natural da freguezia de Villa-Cova do termo de Barcellos, o qual foi filho de Pedro Martins e de Maria Gonçalves, naturaes da mesma freguezia de Villa-Cova. Anna Leme casou a 18 de Julho de 1709 (16). (Vide casamentos de Itú, n. 640.)

4—2. Maria Vaz, falleceu em Araraitaguaba, onde foi casada com Antonio Lobo, que, indo embarcado para o Cuyabá, foi morto pelo gentio *Payagud*. E teve tres filhos que acabaram sem geração, e só a filha 3—Appolonia Vaz Cardoso, casada com Clemente Alves, natural de Sorocaba, que tiveram dois filhos, naturaes de Araraitaguaba :

6—1. Antonio.

6—2. Clemente, que existem em Itú solteiros.

4—3. Francisca Vaz Cardoso, casou a 23 de Abril de 1701, em Itú, com Miguel Coelho de Sousa, natural de Portugal, e foi quem em Itú se achava com os dois infelizes irmãos.

4—4. Isabel Lopes do Prado, casou em Itú a 2 de Agosto de 1708 com Antonio da Costa Cintra, natural de Lisboa, freguezia de S. José, filho de Antonio da Costa, da freguezia de S. João das Lampas, termo da villa de Cintra, do lugar de Gouvêa, e de sua mulher Maria Gonçalves, da freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, em Lisboa, como consta dos autos de genere retro, citado á margem. E teve :

5—1. Ignacio da Costa Cintra, que, tendo sentença

(16) D'aqui até o n. 4—6 vai muita cousa em duvida.



de genere, e com ella vindo a S. Paulo para ordenar-se de clérigo, casou com... Leme, natural de S. Paulo, filha de Antonio Vaz Pinto e de sua mulher D... Em titulo de Moraes, cap. III, §... Tem filhos nascidos em S. Paulo.

5—2. N...

4—5. Pedro Vaz Ratão, casou a 25 de Abril de 1708 com Maria Antunes, filha de Manoel Antunes Lobo e de Maria Pedroso. Casamentos de Itú, n... letra P.

4—6. Josepha do Prado, casou em Itú (Casamentos n. 501) a 24 de Julho de 1717 com João Antunes Lobo, filho de Manoel Antunes Lobo, do numero supra.

§ 6.º

2—6. Aleixo Leme dos Reis, casou com Anna de Góes Pompeu, filha de Maria Pompeu Taques e de Manoel de Góes Raposo. Em titulo de Taques, cap. V, § 1.º Com geração.

§ 7.º

2—7. João Leme do Prado (filho de Pedro Leme e Helena do Prado, do cap. I), casou com Anna Maria Ribeiro (Vide *Memorias de Jundiahy*). E teve quatro filhos e tres filhas, todos naturaes de S. Paulo, em 1651, que queriam ir povoar Guaratinguetá (ou Taubaté), como eu entendo, fl. 67, n. 40 v. dos *Apontamentos*.

3—1. Sebastião Preto Leme.

3—2. João do Prado Leme.

3—3. Braz Esteves Leme.

3—4. João do Prado Leme.

3—5. Antonia do Prado Leme, casou com Antonio da Rocha Leme. Em titulo de Alvarengas, cap. 3.º § 9.º n.

TOMO XXXV, P. I.

3—3 e 4—4, filho de Maria Leme Bicudo e Cornelio da Rocha, estrangeiro. E teve nove filhos, tres varões e seis femeas.

- 4—1. Miguel de Quebedo
- 4—2. Arthur da Rocha
- 4—3. Lourenço Leme
- 4—4. D. Maria Leme do Prado
- 4—5. D. Rosa Leme do Prado
- 4—6. D. Margarida do Prado Leme
- 4—7. D. Catharina de Senne Leme
- 4—8. D. Francisca Leme do Prado
- 4—9. D. N....

4—1. Miguel de Quebedo, casou em Itú.

4—2. Arthur da Rocha, casou em Carrancas das Gerais com Maria das Neves, e falleceu louco em Baependy. E teve seis filhos.

- 5—1. Francisco da Rocha
- 5—2. Bento da Rocha
- 5—3. Anna

5—4. Ignez Clara, casou com Luiz Gomes Ferreira, natural de Chaves, e tiveram sete filhos :—Luiz, Manoel, Francisco, Joaquim, Anna, Maria, Ignez : e a dita Anna casou com Francisco Gomes da Cunha.

- 5—5. Gertrudes
- 5—6. Maria

4—3. Lourenço Leme, casou na freguezia dos Pouzos-Altos com Maria Martins, filha de Domingos Martins. E tiveram varios filhos.

4—4. D. Maria Leme do Prado, casou com Thomé Rodrigues Nogueira do O, natural da Ilha da Madeira, que falleceu em Baependy e foi sepultado na capella-mór que elle fundou de Nossa Senhora do Montserrate, que depois

ficou em freguezia que hoje existe chamada de Baependy. E teve nove filhos.

5—1. Nicoláo Antonio Nogueira, republicano da villa de S. João de El-Rei, em cuja camara tem servido muitas vezes os nobres cargos; é alferes das ordenanças da dita villa em que exercia a occupação de escriptão da ouvidoria geral em 1771, é dotado de muitas prendas, e toca varios instrumentos, e é bastantemente instruido nas artes liberaes. Casou na dita villa (17) com D. Anna Joaquina da Gama, filha de Manoel Gomes Villas-Boas, natural de Portugal, e de sua mulher D. Ignacia Quiteria da Gama, natural da colonia do Rio-Grande. E teve quatro filhos.

- 6—1. Antonio
- 6—2. Joaquim
- 6—3. Manoel
- 6—4. Maria

5—2. D. Joanna Nogueira, casou duas vezes, primeira com José de Sá, de quem teve quatro filhos, segunda com João Gomes de Lemós, natural de Villa-Nova de Famelicao, que falleceu de um raio em Baependy, e d'estematrimonio teve seis filhos.

Os do primeiro matrimonio são :

6—1. Manoel Nogueira, casou com Ignacia de....  
Deixou geração.

6—2. José Nogueira, é capitão da nobreza em Baependy.

6—3. Pedro Nogueira, falleceu.

6—4. D. Maria Joaquina, casou com Manoel do Monte Gato, natural de Portugal. Sem geração.

Os do segundo matrimonio são :

(17) Isto é de um papel avulso, e letra de outro, emendado pelo autor.

6—5. O tenente Albino Gomes

6—6. O alferes Theodoro Gomes Nogueira

6—7. Hilario Gomes

6—8. Francisco.

6—9. Amaro.

6—10. Caetana.

5—3. D. Maria Nogueira (filha do capitão-mór Thomé Rodrigues Nogueira do n. 4—4 retro), casou com Luiz Pereira Dias, natural da Ilha Terceira. E teve quatro filhos.

6—1. José Joaquim Nogueira Dias, bom estudante e poeta, e boa penna, casou com D. Maria Thereza de Jesus, filha do capitão Antonio Fernandes, natural de Portugal, e de D. Rita Maciel, natural das Geraes.

6—2. Januario Pereira Dias, alferes da ordenança em S. João d'El-Rei, está casado com Maria Martins, filha de Manoel Martins da Barra, natural de Portugal. Deixou geração.

6—3. Anna.

6—4. Maria.

5—4. D. Angela Isabel Nogueira do Prado, mulher de Domingos Teixeira Vilella, natural de Chaves, e capitão de Baependy.

5—5. D. Anna.... mulher de Antonio de Sousa Ferreira.

5—6. D. N... mulher de José Rodrigues da Fonseca.

5—7. D. Clara.... mulher de...

5—8. D. N....

5—9. D. N....

4—5. D. Rosa Leme do Prado (filha de Antonia do Prado Leme e Antonio da Rocha, do n. 3—5), casou com o sargento-mór Manoel Nunes de Gouvêa.

4—6. D. Margarida do Prado Leme, mulher de José de Carvalho.

4—7. D. Catharina de Senne Leme, mulher de Pedro da Silva Góes.

4—8. D. Francisca Leme do Prado, mulher de José Machado da Silva.

4—9. D. N...., mulher de....

§ 8.º

2—8. Helena do Prado, casou na matriz de S. Paulo a 8 de Agosto de 1638 com Pedro de Góes Raposo, filho de Antonio Raposo, natural de Lisboa, que falleceu a 7 de Janeiro de 1633 (irmão inteiro de Estevão Raposo, que falleceu em Santos e jaz na capella-mór da matriz d'aquella villa com campa de pedra, na qual se declara o seu nome e qualidade) e de sua mulher Isabel de Góes, que falleceu em S. Paulo em 1629, que foi filha de Domingos de Góes e de sua mulher Catharina de Mendonça, vindos da Ilha da Madeira com a filha Isabel e o filho Francisco de Mendonça. Em titulo de Góes Mendonças, que temos escripto. E teve.... Vide supplemento (A). (\*)

§ IX e último.

2—9. Filippa do Prado (filha de Pedro Leme e Helena do Prado, do cap. 1º), casou em S. Paulo com João de S. Maria, que veio por secretario de D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado do Brasil, no fim do anno de 1609, e falleceu em 1674: assim consta no caderno de registros da camara de S. Paulo, titulo 1607 a fl. 33. E teve sete filhos.

3—1 Marianna do Prado. Em titulo de Camargos.

3—2 Helena do Prado, mulher de João Gonçalves Meira, que floreciam em S. Vicente em 1655.

(\*) Não existe no manuscrito.

(Nota da Redacção.)

3—3 Pedro de Leão S. Maria, que em 1635 assignou em S. Vicente uma escriptura de seu cunhado Meira.

3—4 Antonio do Prado S. Maria (Not. de S. Vicente, procuração de Filippa D. viuva etc.)

3—5 Domingos Leme da Silva (Not. de S. Vicente, fl. 30 v.)

3—6 João de S. Maria o moço (Not. de S. Vicente, 1641 fl. 3).

3—7 V. . . . . mulher de Antonio Pellaes, como diz o ex-provincial (frei Gaspar).

## CAPITULO II

1—2 Matheus Leme, cidadão de S. Paulo, que serviu os cargos da republica e deixando sua patria a villa de S. Vicente, acompanhou para S. Paulo a seus pais : falleceu com testamento em S. Paulo a 30 de Agosto de 1633. Casou duas vezes : primeira, com Antonia de Chaves, natural de S. Vicente (irmã inteira de Ignez Dias, mulher de Aleixo Leme, do cap. 3º adiante : de Manoel de Chaves, de que consta no seu inventario que era homem nobre, cujos autos se acham no cartorio de orphãos de S. Paulo no maço 2º de inventarios letra M : de Catharina Dias mulher de Garcia Rodrigues (em titulo de Garcias Velhos, cap. 10, onde se trata dos Chaves, povoadores de S. Vicente) : de Maria de Chaves, que falleceu com testamento em Mogy das Cruzes a 8 de Novembro de 1693, e mulher de Manoel Godinho, natural da villa do Espirito-Santo, filho de Francisco Godinho de Lara e de Joanna Fernandes) e filha de Domingos Dias, natural da freguezia de S. Miguel, termo de Lourinhãa em Vimieiro, nobre povoador da villa de S. Vicente, e de sua mulher Marianna de Chaves : e falleceu em S. Paulo dita Antonia de Chaves, com



testamento a 3 de Março de 1610. — Segunda vez casou Matheus Leme com Antonia Gaga, de quem não teve filhos. Assim consta no cartorio de orphãos de S. Paulo no maço 5º dos inventarios letra M, o de Matheus Leme. E maço 2º letra A, o de Antonia Chaves. E teve do seu primeiro matrimonio com Antonia Chaves, sete filhos naturais de S. Paulo.

2—1. Marianna de Chaves	§ 1.º.
2—2. Leonor Leme	§ 2.º.
2—3. Maria da Silva	§ 3.º.
2—4. Antonia Leme	§ 4.º.
2—5. Antão Leme	§ 5.º.
2—6. Francisco Leme da Silva	§ 6.º.
2—7. Domingos Leme	§ 7.º.

§ 1.º

2—1 Marianna Chaves, casou com Antonio Lourenço. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º, deixou geração, de cujo casamento vide a escriptura no caderno das notas, fl. 18, n. 13.

§ 2.º

2—2 Leonor Leme, casou com Thomé Martins, filho de Francisco Martins Bonilha, natural de Castella e de sua mulher Antonia Gonçalves : falleceu Thomé Martins em S. Paulo com testamento a 24 de Julho de 1659 (18). E teve filho unico.

3—» Matheus Martins Leme : casou e foi de morada para a villa de Corityba, onde teve o filho Antonio Martins Leme, que casou com Margarida Fernandes, que foram pais do capitão José Martins Leme.

(18) Orphãos de S. Paulo, maço 1º, letra T. n. 8, inventario de Thomé Martins.



§ 3.º

2—3 Maria da Silva, casou com Claudio Forquim. Em título de Forquins. Deixou geração.

§ 4.º

2—4 Antonia Leme, casou com Pedro do Prado, cidadão de S. Paulo. Em título de Prados, cap. 9º. Falleceu Antonia Leme em S. Paulo com testamento a 23 de Dezembro de 1683 (19). E teve oito filhos naturaes de S. Paulo.

3—1 Ignacio do Prado.

3—2 Francisco do Prado.

3—3 Isabel do Prado. Louca, falleceu solteira.

3—4 Maria do Prado, baptizada a 6 de Agosto de 1651. Casou com André Rodrigues Saraiva, o qual casou segunda vez com Agueda Soares, que falleceu a 10 de Fevereiro de 1681. E teve :

4—1 Anna Saraiva, que falleceu a 14 de Novembro de 1674, mulher de Francisco Leme.

4—2 João Saraiva.....

3—5 Leonor Leme, mulher de João Gomes Coelho.

3—6 Catharina Leme, nasceu a 2 de Novembro de 1647, mulher de Gaspar Ribeiro.

3—7 Filippa do Prado, casou com Manoel Preto de Moraes, morador da villa de Mogy das Cruzes. Com geração em dita villa.

3—8 Maria Leme do Prado, casou com João Pereira de Avellar, filho de.... em título de Prados, cap. 6º § 1º n. 3—4. E teve

(19) Orphãos de S. Paulo, maço 4º de inventarios, letra A, n. 34 o de Antonia Leme.

4—1 Pedro Fernandes de Avellar, falleceu nas Minas do Pilar, casou duas vezes ; primeira, na matriz de S. Paulo a 22 de Fevereiro de 1700 com Sebastiana Ribeiro, filha de João Paes Rodrigues e de Messia Ferreira de Tavora. Sem geração. Em titulo de Camargos, cap. 4°. Casou segunda vez com a filha de João Dias da Silva. Em titulo de Pires, cap. 6° §...

4—2 Bartholomeu Pereira Leme, falleceu com testamento a 3 de Setembro de 1726, e foi casado com D. Isabel da Silveira, filha de Antonio Raposo da Silveira, mestre de campo dos auxiliares de S. Paulo. Em titulo de Raposos Silveiras, cap. 2° § 4°. Com geração de quatro filhos. Maria—Antonio João—José Nicolão—Bartholomeu Pereira da Silva.

4—3 Paulo Pereira Leme, falleceu.

4—4 Luiz Pereira Leme.

### § 5.º

2—5 Antão Leme, falleceu ainda em vida de seu pai e já casado com..... e teve o filho Luiz Dias Leme, que herdou no inventario do avô Matheus Leme.

3—» Luiz Leme, cidadão de S. Paulo, casou com Anna Cabral, irmã inteira de João Moreira, que casou na matriz de S. Paulo a 4 de Fevereiro de 1632 com Gregorio da Silva; de Pedro Alvares Cabral, que casou com Sebastiana Fernandes, de cujo matrimonio foram filhos o alcaide-mór Jacintho Moreira Cabral e o coronel Paschoal Moreira Cabral : e de Branca Cabral, mulher de Simão da Costa, natural da cidade de Beja, filho de Luiz Cabral de Tavora e de sua mulher Antonia Gomes Froes, como se vê na

matriz de S. Paulo no casamento de Luiz da Costa, irmão do dito Simão da Costa a 24 de Abril de 1632. E teve dois filhos naturaes de S. Paulo.

4—1 Antonio de Almeida Cabral.

4—2 Francisco de Almeida Cabral.

4—1 Antonio de Almeida Cabral, baptizado na matriz de S. Paulo a 29 de Março de 1643; casou com D. Maria da Silva Falcão, filha de Francisco da Fonseca Falcão, professo da ordem de Christo, capitão-mór governador e alcaide-mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e de sua mulher D. Maria da Silva. Em titulo de Falcão. Falleceu Antonio de Almeida Cabral, em 1669 e sua mulher falleceu com testamento a 6 de Outubro de 1674. (Cartorio de orphãos de Parnahyba, maço de inventarios n. 208, o de Antonio de Almeida Cabral; e o de D. Maria Falcão). E teve tres filhos, naturaes da Parnahyba.

5—1 Thomazia de Almeida, mulher de Manoel Bicudo de Brito. Em titulo de Bicudos.

5—2 Isabel de Almeida Falcão, mulher de Paulo de Proença Abreu. Em titulo de Falcão, com geração.

5—3 Fernando Dias Falcão. Em titulo de Taques Pompéos, cap. 3º § 4º n. 3—4 de D. Lucrecia de Barros, filha do capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. Com geração. (Deve pôr-se aqui a varonia).

4—2 Francisco de Almeida Cabral: casou no Rio de Janeiro, com D. Maria de Cassera, que foi irmã inteira do conego João da Veiga Coutinho. Em titulo de Taques, cap. 3º § 4º, n. 3—5.

§ 6.º.

2—6 Francisco Leme da Silva (filho de Matheus Leme e Antonia de Chaves, do cap. 2º), occupou os cargos da re-

publica de S. Paulo, e foi morador na sua fazenda de Juaguapéruba : falleceu em 1657 como consta no cartorio segundo de notas de S. Paulo, liv. de inventarios antigos o de Francisco Leme. Foi casado com Isabel de Goes, filha de Domingos de Goes, o qual falleceu em 1672, e de sua mulher Joanna Nunes. Em titulo de Goes Mendonças, cap. 1º § 2º. E teve duas filhas.

3—1 Maria das Neves.

3—2 Maria Leme.

3—1 Maria das Neves, casou em S. Paulo a 24 de Janeiro de 1644 com Antonio Lourenço Cardoso, filho de Antonio Lourenço, segundo padroeiro da capella de Nossa Senhora da Luz, e de sua segunda mulher Isabel Cardoso. Com geração. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 7º.

3—2 Maria Leme, casou com Antonio Ribeiro Bayão (20) (irmão inteiro de Estevão Ribeiro Bayão Parente, governador da guerra contra os barbaros gentios do sertão da Bahia, que conquistou, cujas memorias e relevantes serviços temos tratado em titulo de Moraes, cap. 1º.) que foi de morada para a villa de Corityba, onde teve quatro filhos.

4—1 Antonio Ribeiro Bayão, casou com Maria de Siqueira. Deixou geração.

4—2 O padre Francisco Ribeiro Bayão, clérigo.

4—3 Maria Ribeiro da Silva, que falleceu a 4 de Janeiro de 1696. Sem geração. Casou com André Mendes Ribeiro.

4—4 Domingos Ribeiro.

De Maria Leme e Antonio Ribeiro Bayão, supra, é neta Antonia Ribeiro da Silva, mulher de José Martins Leme, natural de Corityba.

(20) Em titulo de Bayões, cap. 5º § 1º n. 3—3.

2—7. Domingos Leme (filho ultimo de Matheus Leme, do cap. II), falleceu em S. Paulo com testamento a 27 de Setembro de 1673 (21), e foi casado com Maria da Costa, que falleceu com testamento a 3 de Março de 1680, filha de João da Costa e de Ignez Camacho. Em titulo de Carvoeiros, cap. 8.º E teve seis filhos. Vide em Bicudos, cap. 2º, § 3º, onde estão.

### CAPITULO III

1—3. Aleixo Leme, veio da villa de S. Vicente para S. Paulo, onde fez o seu estabelecimento e occupou os honrosos cargos da sua republica, da qual foi uma das primeiras pessoas do governo d'ella. Falleceu com testamento a 16 de Novembro de 1629, e foi casado na villa de S. Vicente com Ignez Dias, natural d'esta villa (irmã inteira de Antonia de Chaves, mulher de Matheus Leme, do cap. II retro); e ella falleceu em S. Paulo com testamento a 15 de Julho de 1655 (22). E teve dez filhos :

2— 1. Luzia Leme.....	§ 1.º
2— 2. Braz Leme.....	§ 2.º
2— 3. Aleixo Leme.....	§ 3.º
2— 4. Francisco Dias Leme.	§ 4.º
2— 5. Francisco Leme....	§ 5.º
2— 6. Ignez Dias.....	§ 6.º
2— 7. Leonor Leme.....	§ 7.º
2— 8. Maria da Silva.....	§ 8.º
2— 9. Manoel de Chaves...	§ 9.º
2—10. Maria Leme da Silva.	§ 10

(21) Orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra D, n. 4.

(22) Orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra A, n. 4', o de Aleixo Leme, e maço 5º, letra I, n. 2, o de Ignez Dias.

§§ 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup>

2—1. Luzia Leme, casou com Francisco de Alvarenga. Em título de Alvarengas, cap. 3.<sup>o</sup>, § 9.<sup>o</sup>, n. 3—3. Deixou geração.

2—2. Braz Leme, casou com Isabel de Freitas. Em título de Freitas.

2—3. Aleixo Leme, casou com Catharina Gomes, e ignoramos se teve geração.

2—4. Francisco Dias Leme, casou na matriz de S. Paulo a 10 de Fevereiro de 1640 com Anna do Amaral, filha de Paulo da Costa e de Paschoa do Amaral, e ignoramos-lhe a descendencia.

2—5. Francisca Leme, mulher de Miguel Gonçalves Corrêa, também lhe ignoramos a descendencia, se é que a teve.

§ 6.<sup>o</sup>

2—6. Ignez Dias, foi casada com Jorge Rodrigues de Niza, que foi morador na villa de Santos, e n'ella pessoa de respeito e autoridade, que do reino veio provido em feitor da fazenda real, cujo officio exerceu com muita accitação do governador geral do Estado, indo á cidade da Bahia dar contas da sua administração na provedoria-mór do mesmo Estado, como era costume n'aquelles tempos. Foi proprietario do officio de... E teve filhos, cuja geração existe na villa de Mogy, entre os quaes foram, nascidos todos na villa de Santos :

3—1. Domingos Rodrigues de Niza.

3—2. Mecia Leme.

3—3. Aleixo Rodrigues de Niza.

3—4. Ignez Dias.

3—5. Jorge Rodrigues de Niza.

3—6. Anna Rodrigues de Niza.

3—1. Domingos Rodrigues de Niza, casou na matriz de S. Paulo a 29 de Junho de 1643 com Beatriz da Silva, filha de Paulo da Costa e de sua mulher Paschoa do Amaral. E teve duas filhas: Maria e Ignez, que se baptizaram na matriz de S. Paulo a 18 de Setembro de 1643. Casou segunda vez com Francisca de Andrade, em Mogy, onde foi morador.

3—2. Mecia Leme, casou na matriz de S. Paulo a 24 de Agosto de 1643 com Estevão de Brito Cassão, filho de João de Brito Cassão e de sua mulher Mecia de Freitas. Em título de Freitas, cap. I, § 2º, n. 2—2. Deixou geração.

3—3. Aleixo Rodrigues de Niza, casou na villa de Mogy, onde falleceu com testamento a 10 de Novembro de 1691, casado com Catharina de Siqueira. E teve nove filhos, como consta (e também dos casamentos dos filhos) do cartorio de orphãos da dita villa, maço de inventarios, letra A, o de Aleixo Rodrigues de Niza, e na ouvidoria de S. Paulo, residuos, testamento do mesmo. E foram:

4—1. Maria Rodrigues, mulher de Paschoal Fernandes Lamim.

4—2. Ignez Rodrigues, mulher de João Pereira de Bulhões.

4—3. Maria Rodrigues, mulher de João Fernandes.

4—4. Isabel de Siqueira, mulher de Domingos Rodrigues.

4—5. Anna Rodrigues, mulher de Manoel de Oliveira.

4—6. Mecia Rodrigues de Niza, mulher de Manoel Delgado da Silva.

4—7. Catharina de Siqueira.

4—8. Jorge Rodrigues de Niza, casou com Ignez da Cunha Pinto, irmã do mestre de campo Aleixo Leme, filhos da Maria da Silva, do § 8º adiante: foi morador da villa de Mogy. E teve nove filhos:



5—1. João Leme da Silva, com geração na família dos Lemos dos Ligas.

5—2. Aleixo Leme da Silva, capitão da villa de Jacarehy. Casou em Pindamonhangaba com Martha Antunes de Miranda, natural de Pindamonhangaba, filha de Domingos do Prado Martins e de sua mulher N... de Miranda, ou Isabel Antunes de Miranda. E teve :

- 6— 1. José Leme da Silva.
- 6— 2. Lourenço Leme da Silva.
- 6— 3. Domingos do Prado Martins.
- 6— 4. Aleixo Leme da Silva.
- 6— 5. Isabel Antunes de Miranda.
- 6— 6. Maria Leme.
- 6— 7. Catharina da Silva.
- 6— 8. Ignez da Silva ou da Cunha.
- 6— 9. Rita da Cunha.
- 6—10. Martha Antunes de Miranda.

5—3. José Leme da Silva, morador nas Minas-Geraes.

5—4. Antonio da Silva Leme, existe em 1767 em Jacarehy, casado com filha de José Moreira.

5—5. Sebastião de Siqueira, existe em Goyazes, tendo casado na Conceição dos Guarulhos com filha de Antonio Cardoso.

5—6. Jorge Rodrigues Leme, existe em Jacarehy, casado com a filha de João Lopes do Prado.

5—7. Maria da Silva, falleceu em Jundiaby em 1729. Casou com Manoel de Lemos Bicudo em Jacarehy. E teve quatro filhos.

5—8. Catharina da Silva, casou duas vezes : primeira com João Gonçalves S. Thiago; segunda com Miguel Delgado. Deixou geração de ambos.

5—9. Isabel da Silva, casou em Jacarehy com An-

tonio de Brum da Silveira, da nobre familia do seu appellido na ilha de S. Miguel, com duas filhas: Maria e Gertrudes.

4—9. Manoel Rodrigues de Niza (filho de Aleixo Rodrigues de Niza, do n. 3—3), casou com Maria Francisca, natural de Santos. E teve a filha

5—» Joanna Barbosa, que casou com Manoel Rodrigues Barbosa, natural do Rio de Janeiro. E teve filha unica.

6—» Victoria de Jesus, que casou com Antonio José Machado, natural de Nazareth, termo de Lisboa, moradores de Magé, no Rio de Janeiro. E teve filho unico.

7—» Manoel José Machado, o Manco, que casou com Maria das Chagas de Jesus.

3—4. Ignez Dias (filha de Ignez Dias do § 6º), falleceu em Santos em 1682 (Livro de obitos, fl. 49). Casou na dita villa com o capitão Bento Nunes de Siqueira, natural da mesma villa. Em titulo de Aguirres, n. 1, cap. I, § 1º. E teve filho unico:

4—» Bento Nunes de Siqueira, capitão de infantaria da Bahia, casou duas vezes: primeira com D. Maria de Barros de Araujo, natural de Santos, onde falleceu em 1686 (Obitos, fl. 59), filha de Duarte de Barros de Araujo, cavalleiro fidalgo, senhor do engenho de assucar, e de sua mulher D. Isabel Garcez, filha do sargento-mór Francisco Garcez Barreto. Em titulo de Garcez Barreto, cap. 2º.

3—5. Jorge Rodrigues de Niza, falleceu no sertão em 1659 (Livro de obitos de Santos, a fls. 3) e era alferes em 1655, em que vendeu o seu quinhão das terras que herdára de seu pai, a seu cunhado Antonio Alvares Pedroso infra.

3—6. Anna Rodrigues de Niza, mulher de Antonio Alvares Pedroso, (da arvore 25).

§ 7.º

2—7. Leonor Leme casou duas vezes: primeira com Daniel de Juésto, natural da cidade de Napoles, filho de Simão de Juésto e de sua mulher Justa Delius a 30 de Junho de 1630: segunda vez com João Homem da Costa, ouvidor da capitania de S. Vicente em 1653, e de ambas sem geração, que se extinguiu no filho Manoel de Chaves de Juésto.

§ 8.

2—8. Maria da Silva, casou na matriz de S. Paulo a 6 de Junho de 1633 com Manoel Delgado de Tavora, natural da villa da Atouguia do arcebispado de Braga (Vide sem estes são pais ou avós dos que se seguem). E teve

3—1. Aleixo Leme da Silva, foi promovido ao posto de mestre de campo por D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general de S. Paulo, casou duas vezes: primeira com D. Ignacia do Amaral Gurgel, sem geração: segunda vez em Taubaté a 21 de Agosto de 1729 com D. Maria Pedroso da Fonseca (Livro de casamentos de Taubaté, n. 38) a qual falleceu sem geração em Mogy. (Letra M. n. 81) Vide o dito mestre de campo Aleixo Leme, casado com Isabel Pereira do Faro. (Inventarios, letr. I n. 169) de quem teve dois filhos que foram:

4—1. Manoel da Silva, casou com D. Maria Machado de Moraes. Sem geração.

4—2. José Percira de Faro, que casou e foi viver no Cuyabá, onde falleceu deixando em S. Paulo o filho Aleixo Leme de Faro, morador da Conceição, onde casou com... filha de Moraes.

3—2. João da Cunha Pinto, capitão da ordenança de Araçatiguama.

3—3. Francisco Delgado de Tavora, casou em Jacarehy.

3—4. N. . da Silva, pai de Bernardo da Silva e Valerio da Silva.

3—5. Isabel da Silva Pinto, casou duas vezes : primeira com Sebastião de Siqueira Caldeira, de quem teve dois filhos.

4—1. Sebastião de Siqueira Caldeira, tenente-coronel e depois coronel, que foi pai de

5—1 José Corrêa de Siqueira.

5—2 João Corrêa de Siqueira.

5—3 Sebastião de Siqueira Caldeira, que é o director da aldeinha de Nossa Senhora da Escada.

4—2. N. . casada com Manoel Mendes de Oliveira, filho de Antonio Alvares e Rufina de Moraes; e falleceu de parto, deixando dois filhos que são : José Mendes e João Mendes. Casou segunda vez dita Isabel da Silva Pinto com Simão Corrêa de Lemos Moraes (irmão do capitão Francisco Corrêa de Lemos. Em título de Moraes) e teve filhos, e entre elles a

4—4. Francisco Corrêa de Moraes, que casou em Jundiaby em 1724.

3—6. Ignez da Cunha Pinto, casou com Jorge Rodrigues de Niza, do n. 4—8 do § 6.º retro.

#### § 9.º

2—9. Manoel de Chaves, casou na matriz de S. Paulo a 12 de Agosto de 1641, com Simoa de Siqueira (esta, vivendo d'este matrimonio, foi mulher de Duarte Pacheco de Albuquerque, capitão de infantaria do prezidio da cidade do Rio de Janeiro) irmã directa do reverendo padre Matheus Nunes de Siqueira, protogretario apostolico, que foi visitador do bispado em 1677, fundador da capella do Se-

nhor Bom Jesus na matriz de S. Paulo. Foi paulista adornado de letras e virtudes, com as quaes soube conciliar um grande respeito. Por se fazer distincto nas occasiões que teve do real serviço, mereceu que Sua Magestade lhe agradecesse por carta firmada do seu real punho datada em Lisboa a 23 de Fevereiro de 1674, que se acha registrada no livro de cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673 a fl. 2 v. da secretaria conselho ultramarino; filhos de Aleixo Jorge, natural da Arvifana de Sousa, e de sua mulher Maria de Siqueira. Falleceu D. Simoa de Siqueira, estando já casada com o capitão Duarte Pacheco a 16 de Agosto de 1709 (23). E teve tres filhos que todos falleceram sem deixar geração, que foram: João de Chaves, Antonio de Chaves e Salvador de Chaves.

§ 10 e ultimo.

2—10. Maria da Silva Leme, filha ultima do cap. 3.º, casou na matriz de S. Paulo a 28 de Maio de 1633, com Thomaz Dias Mainardi, natural do reino de Piza da cidade de Florença, filho de Bartholomeu Dias e de Isabel Mainardi. Falleceu em 1678, como consta no segundo cartorio de notas de S. Paulo, inventario de Thomaz Dias Mainardi. E teve

3—1. João Dias Mainardi, casou com Margarida Esteves. E teve

4—1. Lucrecia Leme, que falleceu em 1701.

4—2. Francisco Dias Leme, casou em Itú a 20 de Abril de 1690, com Maria dos Santos, natural do Itú, filho de Manoel Fernandes de Carvalho e de sua mulher Anna de Medina. Casamento n. 279.

(23) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maç. 2.ª de inventari-ç, letra S. e de Simoa de Siqueira.

3—2. Isabel Dias, casou com João Viegas Xortes, ou Xortes; ella falleceu em S. Paulo em 1691. Inventarios 105. E teve cinco filhos.

4—1. Luzia Leme, mulher de José Alvares Pestana. Deixou geração.

4—2. Maria Leme, falleceu solteira.

4—3. Antonio Viegas Xortes, casou com Catharina de... natural de Santo Amaro. E teve cinco filhos.

5—1. André Viegas, casou em Sorocaba. Sem geração.

5—2. Antonio Viegas, casou em Sorocaba.

5—3. Domingas Viegas, falleceu solteira.

5—4. Maria Viegas, casou com José Baptista.

5—5. Francisco Viegas, falleceu solteiro ás mãos do gentio, indo conquistal-o.

4—4. Francisco Viegas.

4—5. Thomaz Viegas.

3—3. Ignez Dias, casou com Gaspar de Sousa. E teve a filha Luzia de Sousa, que falleceu solteira em Santo Amaro com boa opinião por suas virtudes.

3—4 Francisco Dias Mainardi, casou em Itú com... Vide casamento n. 689—seu filho, em Sorocaba n. 128.

3—5 José Dias Mainardi, casou em Itú com Maria Rodrigues. E teve o filho 4—1 Antonio Dias Mainardi, que casou em Itú. Vide casamento 85.

#### CAPITULO IV

1—4 Braz Esteves Leme: não casou, porém teve quatorze filhos bastardos, havidos em diversas mulheres oriundas do gentio da terra, a que no Brasil se diz mamelucos. Foi muito abastado de bens, com grosso cabedal de dinheiro amodado, do muito ouro que extrahiu no tempo da

grandeza da serra de Juataguá, cujas minas foram descobertas por Affonso Sardinha em 1597. Falleceu Braz Esteves abintestado no sertão da Jaguará. O juizo de orphãos procedeu a inventario dos seus bens por partilhas dos quatorze filhos mamelucos, que deixou, os quaes não devendo ser herdeiros pela nobre qualidade de seu pai, foram excluidos da herança por sentença proferida a favor dos irmãos de Braz Esteves, que então se achavam vivos Pedro Leme e Lucrecia Leme, por Simão Alvares de La Penha, do theor seguinte :

SENTENÇA A FAVOR DOS LEMES

D. Philippe, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e de além mar, em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Etiopia, Arabia, Persia e da India, etc. A todos os corregedores, ouvidores, provedores, juizes, justiçaes e pessoas de meus reinos e senhorios, a que esta minha carta de sentença, e confirmação de outra fôr apresentada e o conhecimento e direito d'ella haja de pertencer e seu comprimento de pedir e requerer, saude, faço-vos a saber, que n'esta villa de S. Paulo, da capitania de S. Vicente, a mim e ao meu ouvidor geral, com alçada em toda a repartição e districto do Sul enviáram a dizer por sua parte Pedro Leme o velho e Lucrecia Leme, sua irmã, D. Viuva, que elles alcançaram sentença no juizo d'esta capitania, por bem da qual os julgaram por nobres, e como taes só pudessem herdar, sendo, como são legitimos e não os naturaes; e porque para que a todo o tempo constasse de sua nobreza, lhe era necessario que eu lhe confirmasse a dita sentença por estar passada em meu nome, me pediam lhe mandasse passar para sua guarda, titulo e brasão de sua



linhagem no que receberiam mercê segundo que tudo isto assim e tão cumpridamente era conteúdo, e declarado na dita petição dos supplicantes a qual sendo-me apresentada e vista por mim com o dito meu ouvidor geral, n'ella puzêra por despacho, que, como pedia, e em cumprimento da qual, e para bem d'ella fôra apresentada pelos ditos supplicantes uma sentença dada pelo Sr. rei D. Sebastião, a qual sendo primeiramente apresentada ao juiz ordinario d'esta dita villa de S. Paulo a confirmou, havendo e julgando aos ditos por nobres e limpos de geração, e que como taes pudessem gozar de todos os privilegios e liberdades, que por bem de sua nobreza e fidalguia lhes é concedido; e outro sim por legítimos e universaes herdeiros, e que como a taes lhes pertencia herdarem e não os filhos naturaes, conforme a lei: e sendo julgados por legítimos herdeiros em razão da sua nobreza, o ouvidor d'esta capitania de S. Vicente lhe confirmára, e mandára passar sua sentença pela qual os havia por nobres e fidalgos, e legítimos herdeiros de Braz Esteves Leme, e que só elles em razão da dita nobreza fossem os herdeiros de seus bens, sem na dita herança poderem entrar os filhos naturaes e bastardos de menor condição: E vista por mim a dita sentença como dito meu ouvidor geral pronunciara, que lhe confirmava e havia por confirmada a dita sentença, assim a do juiz como a do ouvidor e em confirmação de ambos lhe mandei passar a presente, que mando se cumpra e guarde como n'ella se contém, e em cumprimento julgo e confirmo aos ditos supplicantes por nobres e fidalgos, limpos de toda a raça de macula, judeu ou outra qualquer macula, e de nobre e limpo sangue, e por taes mando sejam havidos, tidos e conhecidos, e lhe sejam guardadas todas as honras, privilegios, liberdade e preeminencias, de que gozam e podem gozar em razão

da dita nobreza, como tambem em virtude d'ella e na  
fôrma da sentença do ouvidor, que confirmo, os hei por  
legítimos herdeiros de Braz Esteves Leme, e como direi-  
tos universaes poderão e devem só herdar em seus bens e  
nos mais de quem directamente forem herdeiros, em cuja  
herança não poderão herdar os naturaes e bastardos por  
ser assim conforme a mesma lei : Cumpri-o assim, e al não  
façais. Dada n'esta villa de S. Paulo e passada pela  
minha chancellaria aos 3 dias do mez de Março. El-rei  
Nosso Senhor o mandou pelo licenciado Simão Alvares de  
Lapenha, ouvidor geral com alçada, provedor-mór das  
fazendas dos defuntos e ausentes, orphãos e residuos e ca-  
pellas, juiz das justificações e auditor geral do exercito de  
Pernambuco, e de toda a repartição e districto do Sul.  
Manoel Coelho, escrivão da correição e ouvidoria geral  
d'esta repartição do Sul a fez anno do Nascimento de  
Nosso Senhor Jesus Christo de 1640 annos.—Manoel  
Coelho.—Cumpra-se como n'ella se contem —S. Paulo  
6 de Março de 1640—Camargo. Esta sentença se acha  
junto aos autos de inventario de Braz Esteves Leme, no  
primeiro cartorio do judicial e notas da cidade de S. Paulo  
como já temos referido n'este titulo.

#### CAPITULO V ULTIMO.

1—5. Lucrecia Leme, casou em S. Vicente com Fer-  
nando Dias Paes, natural da villa de Abrantes, onde teve  
uma irmã, que foi mulher de João Gameiro, de cujo ma-  
trimonio foi filho João Pinheiro, desembargador do paço,  
o qual foi pai do desembargador José Pinheiro, morador  
às Portas do Sol em Lisboa, em casas proprias, que foi  
conselheiro do conselho e junta da fazenda pelos annos  
de 1667, e casado com D. Luiza Palha, de quem não teve

filhos, e ella vivia pelos annos de 1720 nas suas casas ás Portas do Sol. Este José Pinheiro foi chamado pelo infante D. Pedro quando tomou posse de regente do reino para dar o seu parecer sobre esta materia, como se vê no *Portugal Restaurado*, segunda parte a fl. 699. Este Fernando Dias Paes tinha sido casado na villa de S. Vicente com Helena Teixeira, de quem tivéra tres filhos: Francisco Teixeira, Vicente Teixeira e Antonio Teixeira, que todos foram para a Bahia, chamados de um parente que tinham n'esta cidade de grande respeito e tratamento, n'ella casou Antonio Teixeira, o qual teve uma filha que casou na mesma cidade, onde tem nobre geração.

Foi Fernando Dias assim em Santo André como em S. Paulo uma das pessoas de maior respeito, e das primeiras do governo da republica, cujos cargos occupou repetidas vezes, como se vê dos livros da camara da cidade de S. Paulo, e no anno de 1590 era juiz ordinario, sendo seu companheiro Antonio de SAVEDRA (Cartorio do primeiro tabellião, livro de notas, título, 22 de Fevereiro de 1590). Fez o seu estabelecimento no sitio dos Pinheiros onde teve uma grande fazenda de cultura, cujas terras de matos e campos chegavam até a ribeira do Iporanga, comprehendendo a distancia de uma legua. Falleceu com testamento e codicillo em S. Paulo a 5 de Outubro de 1605, e n'elle declarou os filhos que tivéra na villa de S. Vicente de Helena Teixeira sua primeira mulher, como temos referido. Procedeu na factura do inventario dos seus bens o Dr. desembargador e provedor-mór do Estado Francisco Subtil de Siqueira. Falleceu Lucrecia Leme com testamento em S. Paulo no 1.º de Julho de 1641 (24). E teve sete filhos.

(24) Orphãos de S. Paulo, maç. 1.ª de inventarios, letra F. n. 11 o de Fernando Dias. E letra L. maç. 1.ª n. 30, inventario de Lucrecia Leme.

1—1. Isabel Paes.....	\$ 1.º
2—2. Leonor Leme.....	\$ 2.º
2—3. Fernão Dias Paes.....	\$ 3.º
2—4. Maria Leme.....	\$ 4.º
2—5. Pedro Dias Paes Leme...	\$ 5.º
2—6. Luiza Leme.....	\$ 6.º
2—7. Luiz Dias Leme.....	\$ 7.º

§ 1.º

2—1. Isabel Paes, casou em S. Paulo, e passando-se de morada para Portugal com o marido, viuou na cidade do Rio de Janeiro em 1599, em cujo anno passou a segundas nupcias com José Serrão, com quem embarcou para Lisboa, onde se estabeleceu, e viuvando, escreveu a seu sobrinho Paschoal Leite Paes, que a fosse conduzir para a patria, a villa de S. Paulo, para onde com effeito se recolhe, e falleceu sem geração.

§ 2.º

2—2. D. Leonor Leme, casou com Simão Borges de Cerqueira, moço da camara de El-rei D. Henrique, natural de Mezamfrio. Com geração. Em titulo de Cerqueiras, cap. §.

§ 3.º

2—3. Fernão Dias Paes, casou com Catharina Camacho, filha de João Maciel e de sua mulher Paula Camacho, o qual casal veio da villa da ... do Minho para S. Paulo com filhos e filhas; e foi esta familia uma das primeiras, que povôou a villa de S. Paulo. Foi Fernão Dias potentado pelo dominio, que teve em um grande numero de indios, que fez baixar do sertão com o poder das suas armas; e fundou a populosa aldêa chamada do Imbohô, que

depois por escriptura de doação entre marido e mulher cederam aos padres jesuitas do collegio de S. Paulo, em cujo instituto era religioso um filho unico, que tiveram chamado o padre Francisco de Moraes, chamado de alcunha *Malagueta*, que é uma pimenta muito forte e acre e na côr encarnada, que ha no Brasil. Depois deixáram herdeiro dos seus bens ao mesmo collegio com a pensão de uma festa annual á imagem de Nossa Senhora do Desterro, que tinham collocado em um altar, que fundáram na igreja do mesmo collegio, e estabeleceram jazigo para serem sepultados n'elle, como assim se verificou.

§ 4.º

2—4. Maria Leme, casou com Manoel João Branco, natural da villa de Setubal, d'onde se passou com seus irmãos, Francisco João Branco, que casou com Anna de Cerqueira, em titulo de Buenos, cap. 2.º, e o padre Antonio João, clérigo de S. Pedro, que voltou para a patria Setubal. Este Manoel João Branco no anno de 1624 foi administrador geral das minas de S. Paulo, provido por Diogo de Mendonça Furtado, governador geral do Estado do Brasil, como se vê no archivo da camara de S. Paulo, caderno de vereanças, tit. 1625 a fls. 16. Adquiriu um grande cabedal extrahido das minas de ouro de S. Paulo. pretendeu estabelecer casa em seu filho Francisco João<sup>o</sup> Leme, ao qual mandou para a villa da Victoria da capitania do Espirito-Santo para se instruir na grammatica latina, e porque casou na dita villa, concebeu o pai um grande dissabor, porque destinava o filho para maiores estudos em Portugal. Estando já em avançados annos entrou nos pensamentos de querer conhecer ao seu rei e natural senhor. Com effeito pôz em execução esta nobre idéa. Foi

embarcar á Bahia, onde mandou fazer umas bollas de ouro, palhetas, e aro, e tambem um pequeno cacho de bananas, tudo de ouro, e chegando á côrte, beijou a mão a Sua Magestade o senhor rei D. Affonso VI, a quem com sinceridade de pureza de animo offereceu o presente, e mereceu a honra de lhe ser aceito. Appareceu com as mesmas cãs brancas da cabeça, e el-reilhe fez um grande agasalhado, vendo na sua presença um vassallo que de tão longe ia procurar a honra de beijar-lhe a mão. Era tão velho que temendo os balanços de uma carruagem, levou de S. Paulo ou da Bahia, uma rêde de fio de algodão e lã de varias côres, que ainda hoje se tecem na capitania de S. Paulo com perfeição, n'ella andava embarcado na côrte de Lisboa, e em lugar de mariolas, carregavam a rede mulatos calçados seus escravos, que já os conduziu para este ministerio. Seria objecto de grande riso esta nova carruagem em Lisboa, e na verdade só a Providencia o faria escapar das pedradas dos rapazes da Cotovia. A real grandeza lhe franqueou as portas para que pedisse, e foi tão material este caduco velho, que não quiz mais mercês do que a de uma data de 11 leguas de terra em quadra no sertão (hoje villa de Guaratinguetá) no rio Guaipacaré, que existe inutilmente. Sem chegar a cultura d'ellas aos seus descendentes, que por moradores de S. Paulo desprezaram aquellas terras. De Portugal voltou Manoel João Branco, suppondo que n'esta data trazia o maior morgado e chegou a S. Paulo, onde falleceu. E teve tres filhos

3—1. Francisco João Leme

3—2. Anna Leme

3—3. Isabel Paes.

3—1. Francisco João Leme, foi mandado por seus pais para a capitania do Espirito-Santo a estudar grammatica latina, e seguindo os estímulos da sua inclinação, casou

na villa da Victoria com Barbara Mouzinho de Vasconcellos, e se recolheu a S. Paulo onde falleceu em 1679. (Orphãos de S. Paulo, m. 2.º de inventarios, letra F, o de Francisco João Leme). Teve muitos indios do seu serviço, e com elles intentou ir povoar Guaratinguetá pelos annos de 1652, e obteve data de oito leguas em quadra por sesmaria de 4 de Março de 1652, como consta da provedoria da fazenda real de S. Paulo, livro de sesmarias n. 10, a fls. 113 e fls. 114. Os filhos nomeados na petição e para cada um dos quaes teve 1/2 legua são os seguintes :

- 1.— Manoel João.
- 2.— Jorge de Mealheiro de Vasconcellos.
- 3.— Sebastião Leme.
- 4.— Miguel de Quebedo.
- 5.— Salvador João.
- 6.— Joanna Brandão de Vasconcellos.
- 7.— Isabel Paes.
- 8.— Maria Leme.
- 9.— Angela de Quebedos (25). E teve treze filhos.

4—1. Manoel João de Quebedo, casou com Maria de Faria, natural de S. Paulo, filha do capitão Manoel Themudo, cidadão de S. Paulo, natural de Chande Couto, freguezia de Nossa Senhora do Rosario, (filho de Pedro Themudo e de Maria Simões Bernardes) que falleceu com testamento em S. Paulo a 7 de Dezembro de 1670 e de sua mulher Maria Pedroso, como se vê do testamento de Manoel Themudo no cartorio de orphãos de S. Paulo, m. 2.º de inventarios, letra M, o de Manoel Themudo e de sua mulher Maria Pedroso, que foi filha de Diogo Penedo que

(25) Isto a respeito da data que pediu Francisco João Leme, e os filhos que nomeou, pôz depois em nota o autor, por isso eu sigo a ordem que elle escreveu antes, e não riscou.



falleceu em S. Paulo com testamento a 7 de Janeiro de 1646, e de sua mulher Simão Fernandes que falleceu em 1676 (26). O dito Manoel João de Quebedo em 1693, e foi senhor e morador da fazenda do Tamanduatihy, que ainda hoje possui sua filha Maria de Quebedos, e existe este anno de 1766, viuva de Sebastião Henriques, como dizamos infra. E teve sete fillos.

5—1. Manoel Themudo, que casou com Maria Cardoso.

5—2. Isabel de Faria.

5—3. Bento.

5—4. Francisco Paes.

5—5. Domingos.

5—6. José Dias Paes.

5—7. Maria de Quebedos, viuva de Sebastião Henriques, natural de... que ainda existe. E teve. Vide supplemento.

6—1. Frei Francisco de Quebedo, que existe commissario provincial dos religiosos do convento do Carmo de S. Paulo.

6—2. Frei Marcello, que falleceu carmelita no convento da Ilha Grande.

6—3. Antonio Antunes.

6—4. Sebastião Henriques do Nascimento.

6—5. Rosa Maria, mulher de Antonio Corrêa Ribeiro, de cujo matrimonio houveram dois fillos.

7—1. Frei Leandro Manoel Ribeiro, carmelita.

7—2. Ricarda... mulher de João da Silva Machado, natural da villa de Freixo de Espada a cinta, que foi soldado dragão.

(26) Orphãos de S. Paulo, maç. 2.º de inventarios, letra D. n. 6, e maç. 7.º, letra S, etc.

4—2. Jorge de Mealheiros de Vasconcellos, baptizou-se em S. Paulo a 19 de Agosto de 1646.

4—3. Sebastião Paes Leme.

4—4. Miguel de Quebedo Leme.

4—5. José de Quebedo, falleceu solteiro.

4—6. Domingos de Quebedo, falleceu solteiro.

4—7. Frei Antonio da Trindade, franciscano, o trapihá de alcunha.

4—8. Isabel Paes, mulher de Antonio de Macedo, que foram paes de Miguel de Quebedo Leme, que casou na matriz de S. Paulo a 2 de Maio de 1700, com Antonio Rodrigues, filho de Paulo Nunes de Siqueira e de sua mulher Joanna de Castilho.

4—9. Maria Leme, mulher de Thomé Freire.

4—10. Angela Mouzinho de Quebedo, casou com Roberto Nunes de Sousa Coutinho bisavós do capitão Ignacio Francisco da Nobrega e Silva da Ilha Grande, governador de S. Thomé.

4—11. Filippa Vaz, falleceu solteira de bexigas em 1731.

4—12. Barbara Moizinho de Vasconcellos, casou com Francisco Nunes de Siqueira, filho de Paulo Nunes de Siqueira e de Joanna de Castilho, acima, e foram paes de frei Euzebio . . . . carmelita, e de André de Oliveira, que foi genro de José da Silva Góes, por alcunha Cabeça do Brasil, e de sua mulher Anna de Moraes, que ainda existe.

4—13. Nataria de Vasconcellos, casou na matriz de S. Paulo a 4 de Janeiro de 1700 com Antonio de Lemos, filho de José de Lemos e de sua mulher Anna de Lara.

3—2. Anna Leme (filha de Maria Leme e Manoel João Branco, do § 4.), casou com David Ventura, que se passou para a cidade da Bahia, onde falleceu testando grande capital, com o qual dotou a uma sobrinha de sua mulher,

filha de Francisco da Cunha, de que na Bahia ha geração, chamada dos Lemes de David Ventura. Em S. Paulo falleceu Anna Leme com testamento a 3 de Setembro de 1668, e se mandou sepultar no jazigo que sua mãe tinha na igreja do convento do Carmo de S. Paulo. Sem geração.

3—3. Isabel Paes, falleceu a 18 de Abril de 1632 com testamento (27) e foi casada com Marcos Mendes de Oliveira, que viuvando se ordenou e foi clérigo de S. Pedro e vigário da igreja matriz de S. Paulo. E teve dois filhos.

4—1. Maria Leme, mulher de Francisco da Cunha, de cujo matrimonio houve a filha, que David Ventura casou na cidade da Bahia, como fica referido.

4—2. Manoel João de Oliveira, cidadão de S. Paulo, falleceu em 1689, e foi casado com Francisca de Lira, filha de Lourenço Corrêa de Lemos, com geração om titulo de Moraes, cap. 2.º, § 5.º

§ 5.º

2—5 Pedro Dias Paes Leme (filho de Fernando Dias Paes e de Lucrecia Leme, do cap. 5º), occupou os cargos da republica muitas vezes : foi paulista de uma grande estimação e respeito : falleceu a 16 de Julho de 1633, sepultado na capella mór da igreja do Carmo de S. Paulo em jazigo proprio. Foi casado com Maria Leite, que falleceu a 13 de Maio de 1667 e se sepultou no seu jazigo da capella mór da igreja dos carmelitas (28) : foi natural de S. Paulo, filha de Paschoal Leite Furtado, natural da ilha de S. Maria, dos Açores, e de sua mulher Isabel do Prado, irmã do padre Domingos do Prado, jesuita, que falleceu entrevado no collegio de S. Paulo. Em titulo de Prados, cap. 1º. Este Paschoal Leite Furtado, foi irmão direito

(27) Orphãos de S. Paulo, maç. 2.º, letra I, n. 100.

(28) Orph. de S. Paulo, maç. 1º de invent. letra P, n. 32, o de Pedro Dias Paes, e maç. 3º, letra M., o de Maria Leite.

de Catharina Furtado Leite, mulher de Sebastião de Fontes Velho; irmão do capitão Francisco de Andrade, o qual foi pai de D. Francisco de S. Hieronimo, segundo bispo da cidade do Rio de Janeiro, e passou dito Paschoal Leite Furtado em serviços da corôa ás minas de S. Paulo, chamadas de S. Vicente, o que tudo melhor consta do brazão de armas passado em Lisboa a 23 de Janeiro de 1709 pelo rei de armas Manoel Leal, sendo escrivão da nobreza José Duarte Salvado, cavalleiro fidalgo da casa real por sentença proferida pelo desembargador Alexandre Corrêa da Silva, a favor de Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de S. Maria, que se acha registrada no liv. 5º de registros da camara de S. Paulo, a fl. 65 pelo esrivão d'ella João Ferreira dos Santos no anno de 1762 a requerimento nosso. O conteúdo em dito brazão de armas se lê tambem no livro da *Historia insulana*, do padre mestre Antonio Cordeiro, da companhia de Jesus, impresso em Lisboa anno de 1717. Tambem se vê o mesmo no *Nobiliario* do reverendo Dr. Gaspar Fructuoso, liv. 3º cap. 3º. Por estes nobiliarios e pelo dito brazão consta a qualificada nobreza de Paschoal Leite Furtado, que foi filho de Gonçalo Martins Leite, neto de Jorge Furtado de Sousa, que teve o foro de fidalgo da casa real (filho de Roy Martins Furtado e de sua mulher Maria Martins, irmã direita de João de Arruda da Costa, filhos de João Gonçalves Botelho e de sua mulher Isabel Dias, o qual João Gonçalves Botelho, foi filho de Gonçalo Vaz Botelho em titulo de Botelhos Arrudas, onde temos mostrado a ascendencia toda d'este Gonçalo Vaz Botelho, povoador da ilha de S. Miguel; e o dito Ruy Martins Furtado foi filho de Martin Annes Furtado de Sousa, fidalgo principal da ilha da Madeira, dos Corrêas que depois passaram para a Graciosa, como traz o reverendo Dr. Gaspar Fructuoso, liv. 4º cap.

16) e de sua mulher Catharina Nunes Velho, como se vê do dito braço, que para clareza d'estes ascendentes de Paschoal Leite Furtado, o damos aqui copiado fielmente para instrução do leitor; e seguindo-o agora foi dita Catharina Nunes Velho, filha de Fernão Vaz Pacheco, como escreve dito Fructuoso liv. 4º cap. 10, e de sua mulher Isabel Nunes Velho, filha de Nuno Velho, irmão de Ruy de Mello, estribeiro-mór d'el-rei D. João II, e de sua mulher Africa Annes, viuva de Jorge Velho. Nuno Velho, foi filho de Diogo Gonçalves de Travassos, que foi vedor do infante D. Pedro, regente de Portugal, padrinho e aio dos filhos do dito infante, com quem se achou na tomada de Ceuta; foi do conselho d'el-rei D. Affonso V, e tanto seu privado que na sua doença foi visitado d'el-rei em pessoa: jaz sepultado no convento da Batalha a porta da capella dos reis, com a letra D sobre a sua sepultura (d'este Diogo Gonçalves de Travassos, faz menção José Soares da Silva, academico da real academia da historia portugueza nas *Memorias d'el-rei D. João I*, tomo 3º § 1664 e 1690) e de sua mulher D. Violante Cabral, irmã de frei Gonçalo Velho Cabral, descobridor e donatario das ilhas de S. Maria e S. Miguel, commendador do castello do Almuroel e senhor das villas das Pias, Becelga e Cardiga, e foram filhos do fidalgo Fernão Velho e de sua mulher D. Maria Alvares Cabral, que foi filha do Sr. de Belmonte.

BRAZÃO DE ARMAS DOS VELHOS, MELLOS, CABRAES, TRAVASSOS.

Portugal, rei de armas principal do muito alto e poderoso rei D. João V, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, da conquista, navegação, commercio da Etiopia, Arabia, Persia e India, etc. Faço saber a quantos esta

minha carta de certidão e brazão de armas e fidalguia, nobreza, digna de fé, e crença virem que por parte de Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de S. Maria, ilha dos Açores, me foi feita petição por escripto, dizendo que pela sentença junta, que offerocia passada em nome de Sua Magestade e pela chancellaria da côrte e promulgada pelo Dr. Alexandre da Silva Corrêa, do desembargo do dito Sr. desembargador da casa da supplicação e corregedor com alçada dos feitos e causas civeis, constava ser elle supplicante descendente das nobres e illustres familias dos Mellos, Velhos, Cabraes e Travassos, que d'este reino são fidalgos antigos de solar conhecido e cota de armas, por ser irmão dos padres José de Andrade e Manoel Martins Columbreiro, filhos de Sebastião de Fontes Velho e de sua mulher Catharina Furtado Leite, irmã de Paschoal Leite Furtado, que em serviços d'esta corôa passou ás minas da capitania de S. Vicente : neta por seu pai Gonçalo Martins Leite, de Jorge Furtado de Sousa, que teve o fôro de fidalgo, e de sua mulher Catharina Nunes Velho, filha de Isabel Nunes Velho, que foi filha de Nuno Velho, filho de Diogo Gonçalves Travassos e de D. Violante Alvares Cabral, neta do Sr. de Belmonte : e o dito Sebastião de Fontes Velho, com seu irmão Francisco de Andrade, pai do Sr. D. Francisco, bispo do Rio de Janeiro, eram filhos do capitão Sebastião de Fontes Velho e de sua mulher Maria Velho Mello, o qual capitão era filho do capitão Sebastião de Fontes Velho e de sua mulher Maria Romeiro Velho, o qual segundo avô do supplicante era filho de Adão de Fontes e de sua mulher Beatriz Affonso, fidalga da ilha da Madeira ; e o dito Adão de Fontes e Jorge de Fontes, fidalgo cavalleiro do habito de Christo, eram filhos de João Fontes das Cortes e de sua mulher Ignez Affonso ; e a dita Ignez Affonso sua quarta avó, era filha

de Africa Annes, e de seu primeiro marido Jorge Velho, fidalgo africano ; a qual era filha de Gonçalo Annes e de sua mulher Simão de Sá, fidalgos d'esta côrte : E Maria Velho de Mello, avó do supplicante, era filha de Diogo Velho de Mello e de sua mulher Anna de Andrade, filha de Balthazar Velho de Andrade, que teve o foro de fidalgo e de sua mulher Marqueza Fernandes, de quem elle é terceiro neto : e Diogo Velho de Mello, era filho de Domingos Fernandes e de sua mulher Margarida Affonso, filha de Duarte Nunes Velho ; fidalgo cavalleiro do habito de Santiago : e a dita Marqueza Fernandes era filha de Domingos Fernandes e de sua mulher Margarida Affonso, filha do dito Duarte Nunes Velho : e a dita Maria Romeiro, segunda avó do supplicante era filha do capitão Manoel Romeiro Velho, neta de Breolania Nunes, filha de Lourenço Annes, fidalgo da villa de S. Sebastião da ilha Terceira, e sua mulher Grimaneza Affonso de Mello, irmã do dito Duarte Nunes Velho, filhos da dita Africa Annes e de seu segundo marido Nuno Velho, irmão de Pedro Velho e de Ruy Velho de Mello, estribeiro-mór d'el-rei D. João II, que eram irmãos de D. Catharina Velho Cabral, avó de Manoel da Silveira, senhor de Terina, e da mulher de Nuno da Cunha, vice-rei da Índia ; o qual Nuno Velho, quarto avó do supplicante com os ditos seus irmãos, são filhos de Diogo Gonçalves Travassos e de sua mulher D. Violante Alvares Cabral, irmã de D. Thereza, mãe de João Soares de Albergaria, donatario das ilhas de S. Miguel e S. Maria, a de frei Gonçalo Velho Cabral, commendador do castello do Almurol, senhor das villas das Pias, Bezelga e Cardiga, descobridor das ilhas e seu primeiro donatario, os quaes são filhos do fidalgo Fernão Velho e de sua mulher D. Maria Alvares Cabral, filha do Sr. de Belmonte, Por cujas razões largamente se mostra por sentenças, lhe



pertencem as armas das nobres familias referidas, das quaes quer usar, que são as dos Mellos, por seu quarto avô o sobredito Nuno Velho, irmão de Ruy Velho de Mello, estribeiro-mór d'el-rei D. João II. E as armas dos Velhos pela casa dos commendadores do Almurol o dito frei Gonçalo Velho Cabral: e das armas dos Cabraes pela casa de Belmonte, de quem era filha a dita D. Maria Alvares Cabral: e a dos Travassos pelo seu quinto avô Diogo Gonçalves de Travassos, vedor do infante D. Pedro, regente d'este reino, e seu escrivão da puridade, com o qual se achou na tomada de Ceuta, e foi aio e padrinho dos filhos do dito infante, e do conselho d'el-rei D. Affonso V, e tanto seu privado que na sua doença foi visitado d'el-rei em pessoa, e está sepultado no convento da Batalha à porta da capella dos reis com esta letra D sobre sua sepultura de mandado do dito rei: dos quaes todos elle supplicante descendia por linha direita, sem quebra de bastardia o serem christãos velhos, e limpos de toda a raça de nação infecta, e se tratar elle supplicante a lei da nobreza, como todos seus avós, com armas, cavallos e escravos, o por tal estava julgado na dita sentença; e por se não perder a memoria de seus progenitores, de sua antiga fidalguia, e nobreza, queria elle supplicante para conservação d'ella um brazão de armas pertencentes às ditas gerações; pelo que me pedia lhe mandasse passar carta e certidão de brazão em forma com as ditas armas illuminadas assim como elle supplicante as havia de trazer e d'ellas usar, e receberia mercê. E visto por mim a dita sua petição e sentença, que fica em poder do escrivão da nobreza, e por ella consta estar elle supplicante julgado por legitimo descendente das ditas gerações, que n'este reino são fidalgos de solar, pelo haver assim provado na dita sentença, na qual achei o conteúdo na dita petição, em virtude da

qual revi os livros da fidalguia e nobreza do reino, e n'elles achei registradas as armas que ás ditas linhagens pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas e illuminadas. Um escudo posto ao balão esquartelado. No primeiro as armas dos Mellos em campo vermelho, seis bezantes de prata entre doble cruz e uma bordadura de ouro. No segundo a dos Velhos em campo vermelho cinco vieiras de ouro em aspa. No terceiro as dos Cabraes em campo de prata duas cabras pastantes de purpura. No quarto as dos Travassos em campo vermelho cinco rosas de trevo de ouro em aspa: timbre o das armas dos Mellos que é uma aguiã preta com besantes de prata, paquife dos metaes e côres das armas e por differença uma estrella vermelha. E porque estas são as armas que ás ditas linhagens pertencem, eu Manoel Leal, rei de armas Portugal e principal com o poder de meu muito nobre e real officio lh'as dou, e assigno assim como vão no dito escudo; das quaes armas poderá usar, como acto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gozar de todas as graças, liberdades, honras, isenções e privilegios, que pelos Srs. reis d'estes reinos foram concedidos aos fidalgos e nobres d'elles, e em especial aos das ditas gerações, e com ellas poderá entrar em batalhas e em todas as mais emprezas assim de paz como de guerra, e em tudo o mais, que licito fôr, e ás poderá fazer pintar e bordar em seus reposteiros, bandeiras, estandartes, e abrir em suas baixelas, aneis sinetes, e nas portas das suas casas e quintas; e finalmente as poderá esculpir e deixar sobre sua propria sepultura, servindo-se e honrando-se d'ellas como a sua nobreza e fidalguia convém, e como o fazem os mais fidalgos e nobres d'este reino: pelo que requieiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e mais justiças de Sua Magestade da parte do dito senhor e da mesma por vir-

tude do officio, que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, rei de armas, arautos e passavantes, a cumpiram e façam inteiramente cumprir e guardar assim como por mim é determinado e julgado; e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do meu officio. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa, aos 23 dias do mez de Janeiro de 1709, Francisco de Almeida a fez por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real e escrivão da nobreza d'estes reinos e senhórios de Portugal, e eu José Duarte Salvado a fiz escrever e subscrevi— Rei de armas — Cumpra-se e registre-se como n'ella se contém. Em camara aos 23 de Outubro de 1762 —Piza—Buena—Campos—Sá. Fica registrado no liv. 5º do registro geral de fl. 65v. até fl. 67. S. Paulo 26 de Outubro de 1762.—João Ferreira dos Santos.

Do matrimonio de Pedro Dias Paes Leme, do § 5º e de sua mulher Maria Leite, nasceram em S. Paulo, nove filhos.

3—1 Fernando Dias Paes, governador das Esmeraldas.

3—2 Pascoal Leite Paes.

3—3 Pedro Dias Leite.

3—4 João Leite da Silva.

3—5 Maria Dias.

3—6 D. Isabel Paes da Silva.

3—7 Potencia Leite.

3—8 Veronica Dias Leite.

3—9 Sebastião Leite da Silva.

3—1 Fernando Dias Paes (filho de Pedro Dias Paes Leme, do § 5º), occupou repetidas vezes os honrosos cargos da republica de S. Paulo. Foi capitão de infantaria das ordenanças e capitão-mór do mesmo regimento. Este paulista soube conciliar um grande nome e igual respeito com grande paixão ao real serviço em todas as occasiões que se offeceram d'elle, e o seu nome depois de encher as praças do Brasil, passou aos ouvidos dos Srs. reis D. Af-

fonso VI e D. Pedro II, porque de ambos merecea honrosas cartas de agradecimento firmadas pelo real punho, as quaes, com os mais papeis que são as patentes da capitão, de governador da leva e descobrimento, atestações das camaras de S. Paulo e outras villas da capitania de S. Vicente e de outras pessoas taes como D. Rodrigo de Castel Blanco, capitães-môres, vigario da vara e igreja, e finalmente todos os papeis de seus grandes serviços se acham na secretaria do conselho ultramarino na consulta que se formou por este tribunal a favor de Pedro Dias Paes Leme, neto do dito Fernando Dias Paes. E tambem se acham lançados em um dos livros de registros que serviu em 1703, que se acha em um dos cartorios de notas da cidade d. Rio de Janeiro, em o qual era tabellião pelos annos de 1744 Francisco Xavier da Silva. Damos aqui n'este lugar sómente as copias das cartas régias fielmente extrahidas dos seus originaes.

*Carta do Sr. rei D. Affonso VI de 27 de Setembro de 1664*

Capitão Fernão Dias Paes. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Bem sei que não é necessario persuadir-vos a que concorrais da vossa parte com o que fôr necessario para o descobrimento das minas, a que envio a Agostinho Barbalho Bezerra, considerando ser natural d'esse Estado, e que como tal mostre particular desejo dos augmentos d'elle, confiando pela experiencia, que tenho do bem que até agora me serviu, que assim o fará em tudo o que lhe encarregar; porque pela noticia que me tem chegado do vosso zelo, e de como vos houvestes em muitas occasiões do meu serviço me faz certo vos dispoereis á me fazer esta: elle vos dira o que convier para este effeito: encommendo-vos lhe façais toda a assistencia para que se consiga com

o bom fim, que ha tanto se deseja, o que eu quizêra ver conseguido no tempo e posse do governo d'estes meus reinos, entendendo, que hei de ter muita particular lembrança de tudo o que obrardes n'esta materia para vos fazer a mercê e honra que espero me saibais merecer. Escrip'ta em Lisboa a 27 de Setembro de 1664. Rei.—O conde de Castello Melhor. Para o capitão Fernão Dias Paes.

*Carta de Sua Alteza de 30 de Novembro de 1674*

Fernão Dias Paes.—Eu o principe vos envio muito saudar. Pela copia de vossa carta de 21 de Julho d'este anno, que me remetteu o governador Affonso Furtado de Mendonça, me foi presente como n'aquelle dia parias ao descobrimento das minas do sertão de S. Paulo e terra das Esmeraldas, e o dispendio que para este effeito fizestes, o que vos agradeço muito e o zelo que tendes do meu serviço, e espero que com a vossa diligencia se obre o que tanto se deseja, e fico com lembrança para que assim a vós, como aos que vos acompanham mande fazer as mercês que merecem por tal serviço, tendo consideração ao que representastes ao governador na vossa carta e ao empenho com que fazeis essa jornada, de que me dareis conta do successo d'ella para com effeito vos mandar deferir como houver por bem. Escrip'ta em Lisboa a 30 de Novembro de 1674.—Principe—O conde de Val dos Reis—Para Fernão Paes de Barros. (\* Talvez haja engano na copia.)

*Carta de Sua Alteza, de 25 de Fevereiro de 1674.*

Fernão Dias Paes.—Eu o principe, vos envio muito saudar. Pela vossa carta de 12 de Agosto de 1672 me foi presente o grande zelo do meu serviço, com que vos dispuñheis ao descobrimento das minas de esmeraldas, que

se diz haver n'esse sertão, de que mandaste um papel sobre esta materia ao governador do Estado, por cuja causa e ordem trataveis este descobrimento e de outros, que querará Deus que por vosso meio se effectuem para melhoramento d'esta corôa, e suas conquistas; e como para este effeito tenhaes preparado gente, e feito despeza consideravel, o que me pareceu agradecer-vos; e que com aviso vosso do que n'este negocio obrardes quando tenha effeito, que se deseja, podeis esperar de mim toda a mercê e acrescentamento, como tambem as pessoas que vos acompanharem. Escripta em Lisboa, a 25 de Fevereiro de 1674.—Principe. — O Conde de Val dos Reis. — Para Fernão Dias Paes.

*Carta de Sua Alteza, de 4 de Dezembro de 1677.*

Fernão Dias Paes. —Eu o principe, vos envio muito saudar. Pelas cartas que me escrevestes fiquei entendendo o zelo que tendes do meu serviço, e como tratavas do descobrimento da serra de Sabarábuçú e outras minas d'este sertão, de que enviastes as mostras de crystaes e outras pedras; e porque fio do vosso zelo, que ora novamente continuaes esse serviço com assistencia do administrador geral D. Rodrigo de Castel Blanco, e do thesoureiro geral Jorge Soares de Macedo, a quem ordeno, que depois de desvanecido o negocio a que os mando das minas de prata e ouro de Parnaguá, passem a Sabarábuçú por ultima diligencia dos descobrimentos das minas d'essa repartição, em que ha tanto tempo se continúa sem effeito; espero que com a vossa industria e advertencias que fizerdes ao administrador tenha o bom successo que se procura, e vós a mercê que podeis esperar de mim quando se consiga. Escripta em Lisboa, a 4 de Dezembro de 1677. —Principe.—O Conde de Val dos Reis. —Para Fernão Dias Paes.



*Carta de Sua Alteza, de 12 de Novembro de 1678.*

Fernão Dias Paes. — Eu o principe, vos envio muito saudar. O governador Manoel Lobo vos ha de dar conta de um negocio do meu serviço, que pondo-se em effeito, redundará em augmento dos meus vassallos, principalmente dos que vivem n'essa repartição do sul, e porque estou inteirado do zelo com que vos haveis em varios particulares do meu serviço, espero que n'este ajudeis a D. Manoel Lobo com vossa pessoa, escravos e o mais a que vossa possibilidade der lugar porque se consiga o bom effeito d'este negocio, e me fica em lembrança para com a informação do que obraste vos fazer a mercê que houver por bem. Escripta em Lisboa, a 12 de Novembro de 1678. — Principe. — Para Fernão Dias Paes.

Penetrou Fernando Dias Paes o sertão do sul até o centro da serra da Apucarána no reino dos indios da nação *Guayanãa*, pelos annos de 1661; n'elle existiu alguns annos, tendo estabelecido arraial com o troço das suas armas, para poder vencer a redução d'aquelle reino que se dividia em tres differentes reis, vulgarmente chamados *Caciques*, e cada um d'elles se tratava como soberano, com leis ao seu reinado gentílico, que praticavam contra os vassallos culpados até o supplicio de garrote. Tinham tratamento e uso pratico de cultura, com economia de recolherem os fructos aos selleiros. Eram estes tres reis confinantes uns dos outros; e havia muitos annos que existiam inimigos com actuaes guerras, em cujas batalhas tinha perecido a maior parte da multidão dos seus vassallos; e se achavam já debilitados de forças quando Fernando Dias Paes postou n'aquelles serções. Eram estes tres reis os seguintes: *Tombá*, que usava de armas sobre o portico do seu palacio, e eram ellas um ramo secco com tres ara-



ras vivas, de sorte que morrendo uma d'estas aves, lhe substituiu para logo outra, porque d'ellas se animava a empreza d'este barbaro gentio. Era este *Tombil* o mais poderoso entre os dois reis da sua nação e o mais observante do cumprimento das suas gentilicas leis: usava de official como mestre de ceremonias, e este era o actual camarista que lhe assistia no paço e fazia dar entrada n'elle aos vassallos, que tinham necessidade da audiencia do seu rei. Depois de admittidos á sua presença lhe fallavam com os joelhos em terra, sem jamais levantarem os olhos para ver a face do rei. Quando sahia fóra se fazia carregar como em andor em que ia sentado, e este fingido throno era sobre os hombros de quatro homens dos mais principaes do reino. Os vassallos logo que viam ao rei, se prostravam com os joelhos em terra com tanta reverencia e submissão, que inclinando a cabeça, beijavam a terra, em cuja positura se conservavam até passar o dito rei. Este foi o que mereceu a felicidade de chegar a S. Paulo, como logo diremos.

O outro rei se chamava *Sonda*, e o outro *Gravittay*. A estes tres reis pôz em cerco Fernando Dias Paes, tomando-lhes as feitorias e plantas das suas sementeiras; e fazendo-lhes ver, que o seu intento não era distrahir os com as armas, mas sim estabelecer com todos uma firme amizade, e conduzil-os para o gremio da igreja. A este intento não faltou a providencia do Senhor, porque sem os estrondos das armas e tyrannias das mortes, conseguiu Fernando Dias a ventura d'esta redução. Estando já dispostos os animos dos tres reis para com seus vassallos deixarem os reinos e acompanharem para S. Paulo a Fernando Dias, cuja amizade já estava muito adiantada na estimação d'estes gentios; falleceu o rei *Gravittay*, o que deu causa para se apressar a resolução de deixarem aquelles sertões e patria do seu

gentilismo. Pôz-se em marcha o grande corpo d'aquelles reinos, e todos seguiam gostosos esta transmigração, debaixo do commando, inteiramente do seu conquistador o amigo Fernando Dias. N'esta marcha falleceu o rei *Sondá* e os vassallos d'este e os de *Gravilay* se uniram todos ao agazalho do rei *Tombú*, que chegou a S. Paulo com cinco mil almas de um e outro sexo, Fernão Dias fez estabelecer este reino nas margens do rio Tieté, abaixo da villa de S. Anna de Parnahiba, para se aproveitar este grande numero de gente da fertilidade do dito rio pela abundancia dos seus peixes e da grande mataria para a cultura das sementeiras de milho, feijão e trigo. *Tombú* observando a desordem dos catholicos, quebrantando os preceitos da divina lei, repugnava o baptismo, argumentando com diabolica teima, de que não era boa a lei, que o senhor d'ella não castigava para logo ao culpado transgressor. Todos os mais vassallos se foram instruido nos sagrados dogmas para merecerem regenerar-se pela fonte do baptismo. *Tombú* praticava sempre as virtudes moraes, tendo por norte o lume natural, porque jamais se apartou d'esta virtude. Teve grande amor ou inclinação sobrenatural aos religiosos de S. Francisco, os quaes eram actualmente hospedados do agazalhado d'este gentílico rei, que com grandeza os fornecia da abundancia do trigo e mais fartura das suas sementeiras. Passados alguns annos, enfermou *Tombú*, e sendo sempre assistido do seu capitão e amigo Fernando Dias, que para este obsequio convidava aos parentes para ser maior o concurso da assistencia, chegando a hora da morte clamou *Tombú*, dizendo a Fernando Dias que se queria baptizar; porque o padre que alli tinha a cabeceira lhe persuadia que assim fizesse para ir gozar da vista do pai Tupã (quer dizer na versão portugueza—Deus, Nosso Senhor). Não havia na casa religioso algum,

por cuja razão assentaram todos n'aquella hora que Deus fora servido, que aos olhos do gentio estivesse patente ou S. Francisco ou S. Antonio em figura de religioso para conversão d'este venturoso rei. Promptamente se chamou o parcho da freguezia que ministrando-lhe os sacramentos do baptismo, recebeu Deus em sua igreja ao rei *Tombô* com o nome de Antonio, e conseguida esta dita, expirou. E' indizível o excesso gentílico que obraram os vassallos já catholicos na morte de seu rei; e a faltar Fernando Dias Paes, a quem muito amavam, certamente se tornariam para os centros de onde, por elle, tinham sido desentranhados. Foram repartidos pelos parentes do mesmo Fernando Dias, dos quaes frou o bom trato, a doutrina e o agasalho, como administradores d'esta gente. Assim se foram conservando até o anno em que obrigado do real serviço fez Fernando Dias, já enfraquecido com avançada idade, aceitação da empreza para que era convidado.

Governava o Estado do Brasil Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, a quem o Sr. D. Pedro, princepe regente do reino recommendava muito o descobrimento das Esmeraldas. Estas foram sempre appetecidas do principio do descobrimento do Brasil. Diogo Martins Cam, o *magnate* de aleunha, foi o primeiro que intentou o descobrimento d'estas pedras e das minas de ouro, para cujo fim fez entrada ao sertão pela capitania do Espirito-Santo, mas sem effeito. Seguiu-lhe os rumos o capitão Diogo Gonçalves Laço, que de S. Paulo levou alguns companheiros para esta empreza, como foi Francisco de Proença, cavalleiro fidalgo, filho de Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, como consta dos livros do archivo do senado de S. Paulo, e d'esta historia faz menção o padre Simão de Vasconcellos nas *Noticias do Brasil*. Não esqueciam na côrte estas noticias porque o Sr. rei D. João IV

por carta sua datada em 9 de Janeiro de 1646 ordenou a Duarte Corrêa Vasques Annes, que então era governador do Rio de Janeiro, e tio de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, alcaide do Sul, que fizesse entradas para o descobrimento das Esmeraldas no sertão da capitania do Espírito-Santo. Dispozeram-se os Azeredos, sendo cabo da tropa Marcos de Azeredo Continho para esta entrada e descobrimento, como se vê da carta do mesmo Sr. datada a 8 de Dezembro de 1646; e uma e outra se acham registradas no conselho ultramarino no liv. de registros das cartas geraes de todas as conquistas, titulo 4644 a fl. 76 e fl. 87 e fl. 96.

Todas estas despesas se mallograram, porque não foi Deus servido que d'ellas resultasse o appetecido effeito. Foi lembrado Fernando Dias Paes; e confiando-se do seu valor e experiencias militares da guerra contra o bravo gentio dos sertões de S. Paulo se lhe recommendou muito esta expedição e descobrimento das Esmeraldas, e conquista dos inimigos indios do reino Mappaxô. Já elle não estava em idade de penetrar sertões, porém ás suas enfraquecidas forças deu briosos alentos o amor e zelo do real serviço. Dispóz-se para a jornada, levando a seu filho legitimo Garcia Rodrigues Paes, e um bastardo José Dias Paes, e por cabo seu futuro successor Mathias Cardoso de Almeida, um dos grandes paulistas com valor e experiencia dos sertões; e com outros mais paulistas amigos e parentes formou o seu troço de avultado numero de soldados com o concurso dos indios *Gurayanãas* da sua redução, já catholicos.

Foi grande o alvoroço com que o governador geral Affonso Furtado de Castro recebeu a resposta de Fernando Dias Paes, em que lhe segurava a sua resolução. Todas as despesas que a prudencia de qualquer deve conjecturar quaes

seriam, foram á custa do mesmo Fernando Dias, sem que a fazenda real lhe assistisse com cousa alguma para esta tão grande como assás recommendada expedição. Para ella entrou no anno de 1673, com o caracter de governador da leva, de que se lhe passou a carta patente do theor seguinte :

« Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, commendador das commendas de S. Julião de Bragança da ordem de Christo, alcaide-mór da villa da Covilhã, senhor de Barbacena, do conselho de guerra de Sua Alteza, governador geral do mar e terra, do Estado do Brasil, etc. Por quanto tenho encarregado ao capitão Fernão Dias Paes o descobrimento das minas de prata e esmeraldas, a que ora está para partir da capitania de S. Vicente, e sendo a importancia d'este negocio de tanta consideração e de tão grandes conveniencias para o serviço de Sua Alteza, augmentos de sua real fazenda, e conservação d'este Estado, convém, que para melhor poder obrar n'elle vá com posto, authoridade e poder que melhor faça conservar a obediencia de todas as pessoas que o acompanharem ; respeitando eu as qualidades que na sua concorrem, e esperando d'elle, que em tudo o que tocar as suas obrigações, e as disposições do fim a que o envio, se haverá muito conforme a confiança que faço do seu merecimento. Hei por bem de eleger e nomear, como em virtude da presente faço, governador de toda a gente que tiver mandado adiante para o dito descobrimento, levar comsigo ou fôr depois a encorporar-se com elle, assim de guerra como de outra qual-quer condição ; e com este posto uzará da insignia que lhe toca, e gozará de todas as honras, graças, privilegios, preeminencias, franquezas, isenções e liberdades, que lhe tocam, podem e devem tocar aos que n'este Estado tiverem semelhante occupação ; pelo que o hei

por mettido de posse, dando juramento nas mãos do capitão-mór da dita capitania de S. Vicente. E ordeno ao mesmo capitão-mór e aos de outros quaesquer por onde fôr e aos efficiaes maiores e menores da milicia, fazenda e justiça d'ella, e camaras de quaesquer villas d'aquellas capitánias, e em particular as de S. Vicente e S. Paulo, e mais pessoas de todas ellas, o hajam, honrem, estimem e respeitem por tal governador da dita gente; e mando aos officiaes maiores e capitães, que da dita gente o acompanhar, tiver ido ou se fôr incorporar com ella, façam o mesmo, e obedeçam, cumpram e guardem todas as suas ordens, de palavra ou por escripto, tão pontual e inteiramente como devem e são obrigados; para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal e sello de minhas armas, a qual se registrará nos livros da secretaria do Estado, e nos da camara das referidas villas de S. Vicente e S. Paulo, Antonio Garcia fez n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos em os 30 dias do mez de Outubro do anno de 1672. — Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, etc. (29)

No anno de 1673 entrou para o sertão Fernando Dias Paes a demandar primeiramente a serra de Sabarábuçú, de que resultou descobrirem-se depois as ferteis minas de ouro, e chamadas vulgarmente Geraes ou de Sabará, e Cataguazes por Carlos Pedroso da Silveira, e seu socio Bartholomeu Bueno de Siqueira; os quaes paulistas animados da entrada que tinha feito o governador Fernando Dias Paes, penetraram o dito sertão seguindo os vestígios que n'elle deixava o dito governador, e descobriram ouro, de que por mostras d'elle apresentaram 5/8<sup>as</sup> em 1695 a

(29) Archivo da camara de S. Paulo, liv. de registros, n. 4, titulo 1664, fl. 98 e 99.



Antonio Paes de Sande, governador do Rio de Janeiro (Vide em Toledos, cap. § ).

Não achando minas de prata na serra de Sabarabuçu, continuou o governador Fernão Dias o destino da sua comissão, entranhando-se por aquelles vastos e incultos sertões até chegar ao desejado dos barbaros indios *Mapparos*, patria da appetecida serra das Esmeraldas. Assentou arraial no sitio de Itamerindiba; e depois d'este outros mais, estabelecendo plantas e celleiros para n'elles recolher os fructos das sementeiras, sendo mais populoso o arraial de S. João do Sitio do Sumidouro.

Com constancia e igual valor se conservou Fernando Dias sete annos até conseguir a custa dos seus grandes cabedaes, e ultimamente da propria vida o feliz, posto que laborioso, descobrimento das Esmeraldas. Nesta empreza acreditou a sua constancia e amor do real serviço, sem lhe fazer vacillar contra a propria resolução os muitos e varios contratempos que experimentou da fortuna. Consummidos com o tempo o fornecimento de polvora e bala, ferro e aço, sendo já morto um grande numero de soldados exploradores, e a maior parte dos seus escravos e dos indios já catholicos *Guayanãas* da sua redução, lamentando tambem a morte dos parentes e amigos, que gostosos tinham deixado a tranquillidade da patria para o acompanhar e supportarem com elle os trabalhos, incommodos, e aspereza do sertão, com pestes, fomes e guerras dos barbaros inimigos seus habitadores; mandou á S. Paulo enviados buscar a sua custa novo fornecimento do necessario, ordenando com briosa e liberal resolução á sua esposa D. Maria Garcia Belim, que depois de vender toda a prata e ouro de sua casa, não perdoasse as joias do adorno de suas proprias filhas. Assim o executou esta matrona, que igualmente liberal como discreta, não



davidou estragar o seu cabedal, para que seu marido conseguisse uma acção em que estava toda empenhada a honra, o credito e nome de seu marido.

Emquanto os enviados penetraram os sertões, demandando o rumo para S. Paulo se introduziu uma diabolica suggestão contra a vida do governador Fernão Dias, que a ter effeito ficava o descobrimento infructuoso. Foi autor d'este sacrilego e barbaro attentado o mameluco José Paes, filho bastardo dos dilirios da mocidade do governador Fernando Dias, que por muitas vezes pôz em desconfianças de que o seu amor excedia para com este bastardo aos grandes merecimentos de seu legitimo filho e primogenito Garcia Rodrigues Paes, que com os brios do sangue que lhe animava as veas sabia constante soffrer as calamidades e misérias do sertão para acompanhar n'elle sempre gostoso a seu proprio pai. Querendo pois o mameluco José retirar-se para o povoado, temendo perder a vida ao rigor de taantas causas, a que viviam sujeitos todos os que restavam do grande numero de pessoas, de que se tinha composto o troço, e discorrendo que esta acção não podia verificar-se sem primeiro tirar-se a vida ao governador Fernão Dias, seu pai, fez conciliabulo dos seus parciaes, que sujeitando-se ao infernal arbitrio consentiram na proposição de tirar-se a vida ao dito governador para se retirarem livremente com todas as armas e a limitada porção de polvora e bala, que ainda havia, e deixarem em total desamparo aos poucos brancos que ainda restavam do numeroso corpo que se formava dos que sahiram de S. Paulo.

Foi Deus servido, que estando em uma noite nas diabolicas' assembléas em consulta da resolução, que tinham tomado, transpirassem algumas vozes aos ouvidos de uma mulher Guayanã já velha e casada, que por occul-

ta Providencia de Deus tinha sabido n'aquella hora da sua cabana, e sentindo rumor na casa do conciliabulo, applicou os ouvidos ás paredes d'ella, que eram de tabique, e esfuracadas ao rigor dos invernos. Percebeu ella muito bem a crueldade do assumpto tornado na assembléa, e no mesmo ponto com discretas cautelas veio informar de todo o facto ao governador. Este promptamente se armou, e sem mais companhia veio examinar as vozes dos aggressores, que ainda existiam no seu ajuntamento; retirou-se para logo, e com as cautelas e silencio, que pedia o caso, passou o restante da noite. Amanheceu o dia, e communicando a gravidade da materia a seu filho legitimo e aos officiaes parentes e amigos, procedeu na prisão dos culpados, que fazendo-os separar uns dos outros, se averiguou a verdade da capital culpa, que toda recahiu no filho mameluco; porém como o caso pedia um exemplar castigo para evitar outra futura raina, negou-se ao amor, e piedade de pai, e todo cheio de recta justiça, fez levantar ao réo ao alto, e depois de confessado e desenganado de que não escapava, o fez enforcar a vista de todo o arraial com horror e temor dos mais compauheiros.

Com este indispensavel castigo, evitou o governador Fernão Dias Paes outra conjuração, e ficou seguro de que se intentasse qualquer outra retirada por fuga. Chegaram os seus enviados com feliz regresso, providos do necessario que tinham vindo conduzir de S. Paulo, e continuando a examinar os centros e serras do sertão dos *Mappazos*, descobriu a celebre alagôa do Uvupabuçu, e em uma espessa motta a serra das esmeraldas. Dos socavões que fez dar, extrahiui ditas esmeraldas nos mesmos buracos, onde, Marcos de Azeredo antes de fallecer tinha achado estas pedras, de que havia deixado uma pequena relação da figura da serra e a lagôa de Uvupabuçu, e os grãos de

altura em que tudo isto ficava, se pôz em retirada o governador Fernão Dias quando já os seus annos eram muito avançados.

Das carneiradas que produzem os rios d'aquelle sertão, enfermou o governador Fernão dias Paes, e deu a vida ao Creador no mesmo anno do seu feliz descobrimento, que foi no de 1681, no sitio do Sumidouro, onde tambem da mesma peste acabaram outras muitas pessoas e a maior parte ou quasi todas do gentio *Guayanã* do dito governador, (como se vê da relação d'este facto no termo que se lavrou no livro da camara de S. Paulo das vereações, tit. 1675 a fls. 139, entregando as esmeraldas o ajudante Francisco João da Cunha, enviado por D. Rodrigo de Castel Blanco). Garcia Rodrigues Paes seu filho primogenito teve a lembrança de fazer embalsamar o cadaver de seu pai, para effeito de o vir sepultar no seu jazigo na capellamór da igreja do mosteiro de S. Bento da cidade de S. Paulo, deixou ficar uma guarda nos socavões das esmeraldas para serem defendidas e por cabo d'ella José de Castilho. Porém antes que cheguemos ao fim d'esta relação devemos instruir aos leitores no facto seguinte :

Veu de Castella ao reino de Portugal um D. Rodrigo de Castel Blanco, a quem Sua Magestade tomou por fidalgo da sua casa, o qual senhor persuadido das grandes expressões do tal castelhano, que assezurava ter um pratico conhecimento de minas de ouro, prata e de pedras preciosas, conseguiu o vir para o Brasil encarregado da administração das minas com o character de governador e administrador d'ellas, vencendo de soldo 600\$, de que se-lhe passou provisão firmada por Sua Alteza a 25 de Novembro de 1677. Deu-se-lhe para tenente-general a Jorge Soares de Macedo, a quem se passou carta patente d'este emprego em Lisboa em 30 de Outubro do dito anno com soldo de

26\$ por mez desde o seu embarque até a cidade da Bahia; e no tempo que n'ella se detivesse até tornar a embarcar para vir para S. Paulo vencia a 16\$ por mez. (Archivo de S. Paulo, livro de registros, tit. 1643, a fls. 24 e fls. 25).

Sahiram de Lisboa D. Rodrigo, e Jorge Soares, tendo aquelle recebido uma instrucção, que para effeito de conhecer-se as liberalidades da real grandeza, pomos aqui fielmente a copia da dita instrucção; para que se veja, que os descobrimentos das minas de prata, de que vinha encaregado fizeram uma despesa consideravel, que toda veio a ficar infructuosa, como irá mostrando o contexto d'esta relação, quando se tem visto que Fernão Dias Paes não teve um só real de ajuda de custo, como do mesmo modo não tiveram os mais paulistas descobridores das Minas Geraes, do Cuyabá e dos Goyazes, e nem ainda os primeiros que descobriram as minas das serras de Jaguamimbaba, Jaraguá, Voturuna e Hybiraçoyaba no fim do seculo XV, em S. Paulo e seu termo, que então era tudo um sertão inculto; nem tambem tiveram ajuda de custo os que no seculo de 1600 depois da feliz aclamação do Senhor D. João IV descobriram as minas de ouro chamadas de Canarica, Iguape e Parnaguá; e as da Ribeira, Paranampnemema e Apisby, que todas ellas deram e ainda hoje dão augmentos ao real erario..

*Instrucção que se deu a D. Rodrigo de Castel-Blanco.*

Eu o principe, como regento e governador dos reinos de Portugal e Algarves, faço saber a vós D. Rodrigo de Castel-Blanco, fidalgo de minha casa, que ora envio ao entabolamento das minas de prata de Tabayana do Estado do Brasil, que eu hei por bem que no entabolamento d'ellas guardeis o regimento seguinte, por convir assim ao

meu serviço e augmentos d'estes reinos e de meus vassallos :

1.º Partireis d'esta cidade de Lisboa em direitura a da Bahia de Todos os Santos, onde entregareis as ordens que levas minhas ao governador geral do Estado, Affonso Furtado de Mendonça, e em sua ausencia a quem seu cargo tiver; e depois de lhe apresentardes este regimento e communicardes com elle o negocio a que ides, vos despachará com toda a brevidade d'aquillo de que necessitardes e do que lhe faço aviso. Partireis com as pessoas que levas em vossa companhia que são as que trouxeram as amostras das ditas minas e outras, e indo ao sitio d'ellas vol-as mostrarão e em seu beneficio seguireis aquelle estylo, pratica e intelligencia que tendes d'este ministerio, e por ser elle da qualidade que tereis entendido e convir, que sem dilação se ponha em effeito, hei por bem que no entabollamento d'estas minas e diligencias que sobre ellas haveis de fazer em sua administração, vos dê o governador geral Affonso Furtado todo o poder e jurisdicção que para este beneficio pretenderdes e for mister, e no tocante as cousas e diligencias que ordenardes para o ensaio e averiguação d'estas minas guardarão vossas ordens os capitães-móres e officiaes da minha fazenda, justiça e guerra do districto das ditas minas sem contradição alguma, assim de palavra como por escripto, e tereis jurisdicção sobre todos os naturaes moradores estantes n'ellas, os quaes todos para o dito effeito serão obrigados a guardar as ditas ordens e mandados, confiando de vós usareis da maneira, que fazendo-se o que ao bem das ditas minas e meu serviço, não haja causa de desavença como espero de vossa prudencia; e para o que vos for necessario das mais capitancias do dito Estado, mando ordenar ao governador geral d'elle e aos governadores e capitães-móres, ministros da fazenda,

justiça e guerra, vos acudam com aquillo que lhes pedirdes e for mister para bem das ditas minas e sua administração ; e quando o não façam (o que de uns e outros não espero) então protestareis contra elles, e dareis conta ao governador geral para mandar proceder contra os que não o fizerem, como houver por meu serviço.

2.º Para o ministerio d'estas minas levais na vossa companhia aquelles materiaes que pedistes, e juntamente para o primeiro serviço 400\$—de emprego ; e para que d'aqui vá logo na arrecadação, que convém tudo ; hei por bem, que das pessoas que levais, nomeeis logo thesoureiro e escrivão, a quem dareis juramento para que sirvam como convém : e ao thesoureiro carregará o escrivão em receita em um livro que para isso se lhe entrega (rubricado por um dos ministros do meu conselho ultramarino) todas as ditas cousas que aqui se vos entregaram, e as mais que pelo tempo adiante mandardes receber e vos derem no Brasil ; e das entregas passarão os ditos conhecimentos em forma para os officiaes da minha fazenda a que tocar, que serão vistos por vós e rubricado, para constar em todo o tempo de que entrou em vossa administração.

3.º Para o primeiro ensaio e gastos d'elle vos mandarei entregar n'este reino 400\$ de emprego, 500 arrateis de azougue e o mais que pedistes, e constará do livro da receita do thesoureiro que nomeastes para dar conta de tudo, e se despende tudo por ordem e instrucção vossa. Tambem ordeno ao governador geral do Estado vos mande dar de minha fazenda e rendimento das baléas da Bahia até tres mil cruzados para vos irdes valendo d'este dinheiro, despendidos os 400\$ reis, que levais de emprego, por se entender que com estas quantias se poderá continuar este despendio enquanto me daes conta com as amostras da prata, que tirardes d'estas minas ; e a quantia que o go-



vernador geral mandar entregar, ordenareis se carregue em receita ao thesoureiro, e d'ella dê conhecimento em fôrma para despesa do thesoureiro geral do Estado na fôrma que se declára no cap. 2.<sup>o</sup> d'este regimento.

4.<sup>o</sup> E porque para averiguação e beneficio d'estas minas vos haveis de valer dos indios, e mais gentio domesticado dos meus vassallos, e das aldêas da minha administração, os obrigareis que vos dêem por distribuição aquelles que vos forem necessarios, com que igualmente trabalhem todos, aos quaes mandareis pagar o seu trabalho na fôrma que n'aquella parte se pratica.

5.<sup>o</sup> E dado caso que vos seja necessario valer-vos dos indios, que ainda não estão domesticados mandareis pessoa que vos parecer a ter pratica com elles para que com bom modo, os persuada a virem trabalhar nas minas; e a estes mandareis fazer seus pagameetos na fôrma que ao cap. 4.<sup>o</sup>, se vos ordena e declára: e a uns e a outros gentios tratareis com bom modo, não consentindo se lhes faça vexação alguma, antes que pontualmente se lhe assista com seus pagamentos.

6.<sup>o</sup> E no pagamento que mandardes fazer aos ditos indios, usareis da fôrma seguinte: o escrivão que nomeardes, que ha de servir com o thesoureiro será juntamente apontador o qual em um caderno separado, que vós rubricareis, assentará por dias todos os indios que trabalharem; e quando se lhes houver de fazer pagamentos se tirará um rol do dito caderno do ponto feito e assignado pelo dito escrivão o qual mandareis contar pela pessoa que vos parecer, e com certidão da dita pessoa mandareis fazer o dito pagamento por vosso dispendio; e porque os indios não sabem assignar de como receberam, assistireis vós ao tal pagamento, e com outra certidão de como assim se fez e



venha posto no caderno do ponto, será levado em conta ao thesoureiro que fizer.

7.º E porquanto os soldos que vós e os officiaes da vossa administração hão de vencer vão por provisão aparte, e se vos ha de pagar pelos effeitos da minha fazenda na Bahia de Todos os Santos, n'ella se declarará o que cada um ha de vencer por mez, e se lhe ha de pagar, pelo thesoureiro geral do Estado na consignação, que a provisão apontar e de que mando fazer aviso ao governador geral e ao provedor da minha fazenda, e de como estes soldos hão de correr do dia que chegardes á Bahia de Todos os Santos, n'ella se fará folha particular pelos officiaes da minha fazenda, e com alvará de correr do dito governador geral, e n'esta fórma se vos continuará o pagamento, e aos ditos officiaes com certidão vossa de sua assistencia e traslado da dita folha, e n'ella recibos feitos pelo escrivão do thesoureiro da vossa administração do que cada um recebeu para satisfação do thesoureiro geral do Estado; pela qual se lhe levará em conta o que assim despende com o traslado d'este cap. que se lhe trasladará na folha.

8.º E porque se tem noticia que demais das minas a que ides, ha outras no sertão, hei por bem que depois de teres averiguado e entablado as do districto, a que agora vos mando, fareis toda a diligencia para averiguação d'ellas, de que fareis aviso ao governador geral, e por sua via me dareis conta com o termo da diligencia que n'ellas fizerdes, e sitios em que estiverem, e vosso informe e parecer para dispôr o que mais conveniente fôr ao meu serviço.

9.º Outrossim hei por bem que sejais administrador geral das ditas minas enquanto ellas durarem, e n'ellas tereis poder e jurisdicção para seguir o que mais conveniente fôr a meu serviço, tendo juntamente com a mesma dura-

ção o cargo de provedor geral d'ellas para pôrdes em arrecadação o que tocar á minha fazenda, mandando carregar em receita ao thesoureiro tudo o que me pertencer das ditas minas, pondo na fórma que se pratica em os reinos de Castella para nomear os officiaes. E porquanto estas minas se abrem de novo e se não sabe seu certo rendimento, mostrando a experiencia que ellas o tem por seu beneficio não poder correr por conta da minha fazenda, com as amostras da prata que tirardes e beneficiardes, me dareis conta do que tiverdes obrado e estado d'ellas, e seu rendimento muito por menor com vosso parecer e informação do que se deve seguir, de que me fareis aviso e ao governador geral para que o envie na primeira embarcação que vier para este reino, de que mando advertir ao governador geral do Estado, para que não haja detença em me vir o dito aviso e amostras.

10 As cartas que levais minhas para as pessoas particulares, que pareceu convinha mandar-lhes escrever, lh'as entregareis e vos valereis d'ellas no que fôr necessario para execução d'este regimento e beneficio das ditas minas; e de todos confio, que pelo zelo que têm do meu serviço, não faltarão ao que a elle tocar, e lhes saber gratificar. E sendo-vos necessario guarnição de soldados, para defensa do sitio das minas, por causa do gentio bravo intentar descer a elle, vos valereis do governador geral como lhe escrevo e da capitania que ficar mais visinha ao lugar, que fôr necessario defender-se, dando conta ao governador geral.

11 Emquanto me fazeis aviso e ao governador geral do que executais no entabolamento d'estas minas o metal que tirardes, ireis pondo n'aquella fórma que é estilo, e estando em sua perfeição, o mandareis carregar em receita ao thesoureiro que com vosco servir, sem advertirdes a outro effeito; e emquanto vos não fôr ordem minha para o

modo em que se ha de dispôr e repartir, tereis entendido que tudo o que derem de lucro as ditas minas, é para a minha fazenda, e me ireis dando conta nas embarcações, que depois do primeiro aviso e amostras, que mandardes, vierem para o reino com relação do que tendes em ser, e seu rendimento para eu ordenar o que fôr servido.

Esta instrução e regimento pela maneira, que n'elle se contém seguireis e cumprireis, e mando ao governador geral do Estado do Brasil, e aos mais governadores e capitães-móres d'elle, officiaes de guerra e justiça, e officiaes de minha fazenda, e mais ministros, officiaes e pessoas do dito Estado a quem pertencer, que assim o cumpram e façam em tudo cumprir e guardar sem duvida, nem embargo algum, e sem embargo de seus regimentos e de quaesquer outras provisões e instruções, que em contrario haja, porque assim o hei por meu serviço, e este valerá como carta e não passará pela chancellaria sem embargo da ordenação do liv. 2º titulo 39 e 40 em contrario, e se registrará nos livros do conselho ultramarino, e no do Estado do Brasil, fazenda e camaras, onde for necessario e mais partes a quem tocar para a todos ser notorio. Antonio Serrão de Carvalho o fez em Lisboa a 28 de Junho de 1673. O secretario Manoel Barreto de S. Payo a fez escrever—Princepe.

Não obrou cousa alguma este D. Rodrigo no sertão de Tabayana. Foi mandado passar para S. Paulo e seguir os futuros descobrimentos nas serras de Parnaguá e Sabará-buçú. Para este effeito se lhe destinou por mineiro experiente a João Alvares Coutinho, morador em Sergipe d'El-rei, a quem Sua Alteza escreveu carta firmada do seu real punho em 7 de Dezembro de 1677, que se acha registrada no archivo da camara de S. Paulo, no liv. titulo 1675, a fl. 53, e damos aqui fielmente a copia.

*Carta de Sua Alteza a João Alvares Coutinho.*

João Alvares Coutinho.—Eu o principe vos envio muito saudar. Por ser informado do prestimo da vossa pessoa na pratica e intelligencia das minas, me pareceu convinha a meu serviço ires em companhia do administrador D. Rodrigo de Castel Blanco, e do tenente-general Jorge Soares de Macedo, a diligencia d'estas a que o envio ás capitánias da repartição do Sul; e ao mestre de campo general Roque da Costa Barreto, mando escrever, vos chame e vos nomee o soldo e ajuda de custo, que haveis de levar pago na mesma parte, em que o de D. Rodrigo, e espero que n'esta jornada me façais tal serviço que por elle vos faça a mercê que couber em vossa pessoa. Escripta em Lisboa a 7 de Dezembro de 1677.—Principe. Conde do Val de Reis. Para João Alvares Coutinho.—E a fl. 53 v do referido liv. consta, que em 20 de Agosto de 1678 passou Roque da Costa Barreto provisão consignando n'ella 20\$000 de soldo em cada mez a João Alvares Coutinho do dia que sahisse da Bahia para S. Paulo.

A esta cidade chegaram D. Rodrigo, Jorge Soares e João Alvares Coutinho, e aos officiaes da camara d'ella, escreveu Sua Alteza carta que se acha registrada no liv. já referido a fl. 27v, cujo theor é o seguinte :

Officiaes da camara de S. Paulo. Eu o Principe vos invio saudar. Viu-se a vossa carta de 22 de Dezembro do anno passado, e o que me representaes sobre o imposto do donativo de Inglaterra, e paz de Hollanda, e serviços, que esses moradores têm feito a esta corôa, na conquista dos indios barbaros do reconcavo da Bahia, a que em toda a occasião de seus acrescentamentos lhes hei de mandar deferir, como merecem. E porque ora fui servido resolver fossem ao descobrimento das minas de prata, e ouro de Parnaguá o administrador geral D. Rodrigo

de Castel Blanco, e o tenente general Jorge Soares de Macedo, para de uma vez se vir no conhecimento de que ha estas minas, ou de todo se colher o desengano, de que não persistem, mandei applicar a este despendio o dito imposto, e os mais d'essas villas da repartição do Sul por se achar minha fazenda tão exausta, que não houve outros effeitos para lhe applicar; e satisfazer a Inglaterra, e Hollanda pela d'este reino o que elles importam; e desvanecendo-se o intento das minas de Parnaguá, lhes ordeno passem a serra de Sabarábuçú; e porque não poderão fazer sem adjutorio d'esses moradores, como levam para instrucção, communicando convosco o modo com que se pôde fazer esta jornada, a disporer; e os moradores, que me houverem de fazer este serviço, quando sejam em numero, em que se lhes haja de nomear capitão que vá a ordem do dito tenente general, o nomeareis; e fio de vosso zêlo, e do bem que tendes assistido ao que toca em beneficio d'esta corôa, obreis n'isto, e na entrega do que se estiver devendo do donativo, e for cahindo para supprir a despeza do que fica referido de modo que tenha eu que vos agradecer, e deferir em vossos acrescentamentos, como merecem tão leaes vassallos. Escripita em Lisboa a 29 de Novembro de 1677.— PRINCIPE — conde de Val de Reis.

Eram officiaes da camara n'este anno Lourenço Castanho Taques, juiz ordinario, Gaspar Cubas Ferreira, Manoel da Roza, e Manoel de Góes, vereadores; e procurador do conselho Matheus de Leão. Recebida esta carta, e conferida a matricula do seu contexto com o administrador D. Rodrigo e o tenente-general Jorge Soares de Macedo, se assentou chamar-se para uma assembléa aos paulistas da maior experiencia, e melhores sertanistas, para com o voto d'elles determinar-se a entrada do enviado descobridor D. Rodrigo de Castel Blanco.

Procedeu-se a esta junta na casa do senado da camara, como se vê do liv. já referido a fl. 54 a 20 de Junho de 1680, sendo juiz ordinario Antonio de Godoy Moreira; e vereadores João Pinheiro, Francisco Corrêa de Lemos, Diogo Barbosa Rego, e procurador do conselho Manoel Rodrigues de Arzão. Foram consultados os paulistas Jeronymo de Camargo, Mathias Cardoso de Almeida, Braz Rodrigues de Arzão, Antonio de Siqueira de Mendonça, Pedro da Rocha Pimentel, e outros. Todos assentaram que convinha mandar primeiro plantar as paragens nomeadas, e assignaladas para em Fevereiro de 1681 fazerem a sua jornada o administrador D. Rodrigo com todas as mais pessoas, paulistas praticos e de conhecido valor que gostosos se offereceram para fazerem a sua custa este particular serviço a sua alteza; e fôram ellas, como se vê do livro já referido, Antonio Affonso Vidal, Estevão Sanches de Pontes, o capitão-mór Braz Rodrigues Arzão, Manoel Cardoso de Almeida, Mathias Cardoso de Almeida e André Furtado.

Em Março do anno de 1781 sahiu de S. Paulo D. Rodrigo para o sertão de Sabarabuçu a ir demandar o em que se achava o governador Fernão Dias Paes. Para maior apparato do grande corpo de que se compunha a sua leva, o troço de soldados escolheu por patentes suas, officiaes militares; e porque o tenente-general Jorge Soares de Macedo tinha ido de antes para a ilha de Santa Catharina com um corpo de 500 indios escôpeteiros, de cujo exercito foi vedor geral Manoel da Costa Duarte, a encorporar-se na ilha de S. Gabriel com D. Manoel Lobo, que foi encarregado da construcção da fortaleza e povoação da Nova Colonia do Sacramento, elegeu dito D. Rodrigo para lhe substituir no posto de tenente-general ao grande sertanista Mathias Cardoso de Almeida, sem mais soldo que o amor com que este



paulista empregou sempre todas as forças no real serviço. Para sargentos-móres Antonio Affonso Vidal, e Estevão Sanches de Pontes; para capitão-mór Braz Rodrigues Arzão, que já tinha este caracter quando foi adjunto ao governador Estevão Ribeiro Bayão Parente na guerra contra os barbaros indios do sertão da Bahia. Dividiu o corpo em companhias, e por este modo dispôz D. Rodrigo a sua entrada. Para o fornecimento d'ella fez a despeza que consta no livro das vereanças tit. 1675 de fls. 62 até fls. 75, a saber : em dinheiro 2:000\$000; de farinha de trigo tres mil alqueires; de carne de porco tres mil arrobas; de feijão cem alqueires; de panno de algodão oito mil varas; fio de algodão torcido de tres, trinta e oito arrobas; de fio de algodão singello duas arrobas. Para conductores das cargas duzentos indios.

De S. Paulo sahio D. Rodrigo com a sua grande tropa, e chegando ao arraial de S. Pedro nos matos de Paraúpeva, lhe apresentou a 26 de Junho de 1631 Garcia Rodrigues Paes as esmeraldas que seu defunto pai o governador Fernão Dias Paes tinha extrahido da serra, da qual os Azevedos em os reinos dos *Maparos* tinham tirado esmeraldas. Estas recebeu D. Rodrigo para d'ellas fazer remessa para o reino; ao mesmo fez dito Garcia Rodrigues Paes entrega de todas as plantas, feitorias e arraiaes que a sua custa tinha feito seu pai em nome de Sua Magestade a quem offerecia para de tudo se aproveitar elle D. Rodrigo em utilidade do real serviço em que se achava. De tudo se lavrou termo que assignaram elle Garcia Rodrigues Paes, D. Rodrigo de Castel Blanco, o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida e outras pessoas. Assim se vê a fls. 74 do referido livro de registros, tit. 1675 do archivo da camara de S. Paulo. A real grandeza de Sua Magestade liberal fez spender somma grande de dinheiro, espe-



rando que D. Rodrigo verificasse tantas promessas. Para os descobrimentos a que veio mandado trouxe o soldo de 600\$000 que deixámos referido; além d'esta mercê trouxe alvará do mesmo senhor datado a 29 de Novembro de 1677 porque Sua Magestade lhe confere 60\$000 por mez, e um padrão de juro e herdade de 700\$000 por anno, se o rendimento das novas minas importasse no primeiro anno depois de descobertas, quatro mil cruzados livres para a real fazenda; e de propriedade o officio de provedor e administrador das ditas minas. Por outro alvará datado a 29 de Novembro do mesmo anno de 1677 lhe foi conferida a honra de poder nomear aos sujeitos benemeritos que o acompanhassem ao descobrimento das minas seis habitos das ordens militares, com tença effectiva a cada um d'elles até 40\$000, cujas mercês seriam confirmadas pelo dito senhor; seis fôros de cavalleiros fidalgos e seis de moços da camara, e que se haveria respeito a qualidade dos serviços das taes pessoas para merecerem o fôro de fidalgos da casa.

O effeito d'estas grandes esperanças só ficou infallivel no consumo das grossas despezas da real fazenda, porque o tal D. Rodrigo foi um patarata que só entreteu o tempo aproveitando-se das honras que destructou e dos dinheiros que com liberalidade consumiu.

Esta verdade fez écho nos ouvidos de Sua Magestade a quem informáram alguns paulistas como leaes vassallos, sendo o primeiro o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, e o dito senhor reconhecendo este zelo, averiguada a materia da informação mandou recolher para o reino ao dito D. Rodrigo por ordem de 23 de Dezembro de 1682 registrada na secretaria do conselho ultramarino no livro de cartas régias do Rio de Janeiro, tit. 1673 a fls. 35 e se não verificou esta real ordem por chegar a tempo que já

era morto D. Rodrigo de Castel Blanco no sítio do Sumidouro.

Garcia Rodrigues Paes tendo entregue as esmeraldas a D. Rodrigo como deixámos referido (foram mandadas por elle aos officiaes da camara de S. Paulo pelo paulista Francisco João da Cunha com carta escripta a 18 de Junho de 1681 do sítio de Paraupeva, arraial de S. Pedro em um saquinho de chamalote para os ditos officiaes continuarem esta remessa para o Rio de Janeiro ao desembargador syndicante João da Rocha Pita, ausente ao mestre de campo governador Pedro Gomes), continuou a marcha do seu regresso para S. Paulo e fez dar sepultura ao cadaver de seu pai no seu jazigo proprio da capella-mór da igreja do mosteiro de S. Bento da qual tinha sido fundador e seu primeiro padroeiro dito Fernão Dias. As acções e moraes virtudes d'este cavalheiro paulista constam da oração fúnebre que recitou o padre Antonio Rodrigues na occasião d'estas exequias, que então era reitor do collegio dos padres jesuitas de S. Paulo.

Ainda era solteiro Fernão Dias Paes quando tomou a virtuosa resolução de despendar os seus cabedaes fundando, como fundou o mosteiro, que ainda hoje existe do patriarcha S. Bento da cidade de S. Paulo, cujos monges existiam d'antes em uma limitada casa e igreja; construiu-se esta obra com tres grandes dormitorios e igreja, que a fez acabar com côro, pulpito e altares, e dotou esta casa com cem indios para cultura das terras dos religiosos. Estabeleceu patrimonio para sustentação do azeite da alampada do altar-mór, onde está o sacrario em uma rendosa fazenda chamada de S. Caetano, com fabrica de olaria para cozer telha e tijôlo; e ao presente tempo é o rendimento mais certo que tem este mosteiro. Ornou a capella-mór com alampada de prata e castiças do mesmo metal para a

banqueta do altar-mór, cujos moveis ainda existem recordando nos monges a memoria d'este bemfeitor e fundador.

Em agradecimento da construcção e fundação d'este convento cederam os religiosos monges (por escriptura celebrada na nota do tabellião de S. Paulo João Dias de Moura o pavimento da capella-mór para jazigo do fundador e seus descendentes por linha recta, tendo-os, e os das linhas obliquas. Esta escriptura foi outorgada pelo reverendo D. abbade provincial o Dr. frei Gregorio de Magalhães (acabou D. abbade geral no mosteiro de Tibães) sendo presidente do mosteiro de S. Paulo o padre prégador frei Feliciano de Sant'Iago. Quem teve a gloria e o contentamento de ver acabada com perfeição toda a obra que se havia traçado e ajustado com o fundador Fernão Dias Paes foi o D. abbade do mesmo mosteiro o padre prégador frei Hyeronimo do Rosario que sahio eleito no triennio do reverendissimo padre geral frei Vicente Rangel no anno de 1659 como tudo assim melhor consta no tomo 3.º dos livros que se chamam Bezerros, que existem na secretaria do mosteiro de Tibães, d'onde se nos communicaram as noticias que pedimos sobre esta materia.

Casou Fernão Dias Paes com D. Maria Garcia Betimk, que nasceu a 16 de Dezembro de 1642, natural de S. Paulo, filha de Garcia Rodrigues Velho, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher Maria Betimk. Em titulo de Betimk, cap. 1.º Falleceu D. Maria Garcia em 1691 (Cartorio de orphãos da villa de Parnabyba n. 359, inventario de D. Maria Garcia). E teve oito filhos.

4—1. Garcia Rodrigues Paes.

4—2. Pedro Dias Leite.

4—3. D. Custodia Paes, mulher de Gaspar Gonçalves Moreira.  
Sem geração.

- 4—4. D. Isabel Paes, mulher do coronel Jorge Moreira.
- 4—5. D. Marianna Paes Leme, mulher de Francisco Paes de Oliveira.
- 4—6. D. Catharina Paes, mulher de Luiz Soares Ferreira.
- 4—7. D. Maria Leite, mulher do tenente-general do mato Manoel de Borba Gato,
- 4—8. D. Anna Maria Leme, mulher de João Henriques de Siqueira Baruel.

4—1. Garcia Rodrigues Paes, acompanhou a seu pai ao sertão dos índios *Tapaxos* ao descobrimento das esmeraldas. Recolhido a S. Paulo teve ordem de Sua Magestade para entrar ao mesmo sertão e fazer profundar as catas, a buscar no centro d'ellas as esmeraldas por se ter entendido que estas seriam mais finas e transparentes como não eram as extrahidas na superficie da terra, que se tinham remettido ao reino e descobertas por seu pai. Para esta diligencia constituiu Sua Magestade a Garcia Rodrigues Paes com o character de capitão-mór por provisão de 3 de Dezembro de 1683. Por outra provisão o constituiu administrador geral das minas (\* O que se segue está em nota, porque o autor não continuou, deixando espaço para depois escrever). Falleceu aos 7 de Março de 1738. Serviu de guarda-mór trinta e oito annos desde o principio do anno de 1701 até Março de 1738. Em carta de 10 de Julho de 1701 deu conta a el-rei do novo caminho do Rio para Minas Geraes, que já tinha principiado. El-rei lhe respondeu em carta de 7 de Dezembro de 1701, que do seu zelo esperava concluida a abertura do dito caminho tão util como conveniente. Em 6 de Janeiro de 1708 deu conta do miseravel estado em que se achavam as Minas Geraes por falta de observancia do regimento, apontando os meios para se evitarem as desordens e se acrescentarem as minas; e se-lhe respondeu em carta de 14 de Julho de 1709

que se-lhe reconhecia o zelo com que se empregava no real serviço, e que mostrava não faltar da sua parte cumprir com o que estava da sua obrigação, com o que merecia estar muito na real lembrança de Sua Magestade. (Padrão dos 5\$ cruzados).

(Continúa.)

---

REVISTA TRIMENSAL  
DO  
INSTITUTO HISTORICO  
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

---

2.º TRIMESTRE DE 1872

---

NOBILIARCHIA PAULISTANA  
GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada do 1.º trimestre pag. 132)

---

CONTINUAÇÃO DA FAMILIA—LEMES.

3—2 Paschoal Leite Paes (filho de Pedro Dias e Maria Leite, § 5º) passou a côrte de Lisboa d'onde se recolheu com sua tia Isabel Paes, como temos referido no § 1º. Casou duas vezes, a primeira na villa de Santos com D. Maria da Silva, natural d'aquella villa, da nobre familia dos Britos, e irmã direita de Gaspar de Brito Peixoto, o qual foi pai de João de Brito, de Gaspar de Brito, de Domingos de Brito, que eram parentes muito chegados de André de Brito, morador na Bshia, e senhor da casa da Torre; e tambem irmã da sogra de Diogo Pinto do Rego, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, por patente d'el-rei D. Pedro II, de 2 de Janeiro de 1677. Falleceu ella em S. Paulo com testamento a 14 de Outubro

do 1654 (Cartorio de Orphãos de S. Paulo, maço 1º do inventarios, letra M. n. 14 o de D. Maria da Silva) E teve filha unica de que abaixo faremos menção. Casou segunda vez com D. Agostinha Rodrigues estando viuva do seu segundo marido Francisco Couraça de Mesquita, que tinha sido capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Sem geração. D. Agostinha Rodrigues falleceu aos 7 de Janeiro de 1684, e era natural de S. Paulo. (Cartorio de Orphãos de Parnahyba, n. 318, inventario de D. Agostinha Rodrigues. Falleceu Paschoal Leite Paes em 1674. (Cartorio da Parnahyba n. 243, inventario de Paschoal Leite). E teve do seu primeiro matrimonio filha unica.

4—1 D. Margarida da Silva, casou com Salvador Jorge Velho, natural e cidadão de S. Paulo onde se baptizou a 14 de Novembro de 1643; filho de Domingos Jorge Velho e de sua mulher Isabel Pires de Medeiros; em titulo de Jorges Velhos. Foi descobridor das minas de ouro, chamadas de Salvador Jorge que são minas da Corityba. Foi senhor da capella do sitio de Iaribahyva, termo da villa de Parnahyba, que lhe ficou por herança de D. Agostinha Rodrigues. Este paulista se fez distincto nas occasiões do real serviço, e Sua Magestade lh'o agradeceu com a honra de uma carta firmada pela sua real mão, datada a 20 de Outubro de 1698, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no liv. de registros de cartas do Rio de Janeiro, titulo 1673 fl. 198. Por parte de sua mulher D. Margarida da Silva ou de sua tia D. Isabel Paes herdou uma grande quinta em Lisboa sobre a qual correu litigio, cuja causa estando defendendo por parte de Salvador Jorge Velho por cabeça de sua mulher, o reverendo Dr. João Leite da Silva, irmão do dito Paschoal Leite, pelos annos de 1682; desamparou a causa, e se recolheu a S. Paulo em 1683, temendo grande opposição



que encontrou de pessoas poderosas, e deixando a quinta, que vieram a possuir os que d'ella não podiam ser senhores; porém um terror panico fez com que o reverendo Dr. João Leite desamparasse a demanda depois de consumir n'ella avultada somma de dinheiro. Em S. Paulo teve grande estabelecimento de fazendas de cultura, porque ficou herdeiro dos grandes cabedaes de D. Agostinha Rodrigues, assim de moveis de ouro, como de prata, além de 560 *Carijós* catholicos, que lhe ficaram á titulo de administrador d'elles. Falleceu Salvador Jorge a 27 de Outubro de 1705, e sua mulher D. Margarida falleceu a 24 de Junho de 1726 (Cartorio de orphãos de Parnahyba n. 441, inventario de Salvador Jorge Velho. E n. 539, o inventario de Margarida da Silva).

E teve baptizados na igreja matriz da villa de Parnahyba nove filhos.

- 5— 1 D. Maria Jorge Velho.
- 5— 2 D. Isabel Pires Monteiro.
- 5— 3 Domingos Jorge da Silva.
- 5— 4 D. Agostinha Rodrigues.
- 5— 5 D. Sebastiana da Silva.
- 5— 6 D. Margarida da Silva.
- 5— 7 D. Maria da Silva.
- 5— 8 D. Anna Pires.
- 5— 9 Francisco Jorge da Silva.
- 5—10 D. Igueuz, que falleceu solteira.

5—1 D. Maria Jorge Velho, casou com Francisco Bueno Luiz. Com geração. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 7 n. 3—4.

5—2 D. Isabel Pires Monteiro, casou com Balthazar de Lemos de Moraes. Com geração. Em titulo de Moraes, cap. 2º § 3º n. 3—1 á n. 4—2.

5—3 Domingos Jorge da Silva, familiar do santo offi-

cio : foi sargento-mór de batalha, cuja patente se lhe conferiu na occasião do inimigo francez apoderado do Rio de Janeiro em 1711. Sahiu de soccorro com um grande troço de soldados a sua custa, e com elles residiu tres mezes na guarnição da fortaleza de S. Amaro da Barra Grande da villa de Santos, para impedir a entrada do sobredito inimigo ; e gastou quatro mil cruzados sustentando o troço a sua custa. Falleceu no sertão do Rio Pardo, que banha a estrada de Mogy-Guaçu para Villa Boa de Goyazes. Foi casado na villa de Itú aos 10 de Janeiro de 1708 com D. Margarida de Campos Bicudo, filha de Manoel de Campos Bicudo e de sua mulher D. Luzia Leme de Barros : em titulo de Campos, cap. 3º § 6º. E teve oito filhos.

6—1 Salvador Jorge Velho, que existe capitão-mór da villa de Itú, casado com D. Genebra Maria Machado, filha de Manoel Machado Fagundes de Oliveira. Em titulo de Machados Fagundes. (\* o capitão-mór Salvador Jorge Velho passou-se ha muitos annos para a capitania do Cuyabá : depois do descobrimento das minas do Beripocuna foi minerar n'ellas, e eu o deixei estabelecido no arraial de S. Pedro d'El-rei das mesmas minas em 1791, e falleceu em 1792). E teve nove filhos.

7—1 D. Margarida Maria de Campos, já fallecida, tendo sido casada com Francisco de Campos Pires ; e teve dois filhos.

7—2 D. Escholastica Francisca Xavier de Campos, baptizada em Mogy-Guaçu, e casada com Gonçalo de Aruda Leite.

7—3 Bento, falleceu menino.

7—4 D. Anna Gertrudes Maria das Neves, baptizada na freguezia de Juquiry.

7—5 Domingos Jorge Velho, baptizado na freguezia de Araraytaguaba, capitão de infantaria auxiliar.

7—6 Manoel José Velho Machado, natural da freguezia de Araraytaguaba.

7—7 Antonio Pires, falleceu menino.

7—8 D. Maria Luzia Leme de Barros, natural de Araraytaguaba.

7—9 D. Maria Paula Machado, natural de Araraytaguaba.

6—2 Manoel de Campos Biendo, falleceu solteiro.

6—3 Paschoal Leite Paes, idem.

6—4 Domingos Jorge Velho, idem.

6—5 José de Campos Brandenburg, casou com Maria do Rego, filha de Pedro de Mello do Rego. Sem geração. Em título de Botelhos Arrudas, cap. . .

6—6 D. Maria Theresa Isabel Paes, que casando por procuração com o capitão-mór Fernão Dias Paes, antes de consummar o matrimonio, ficou viuva como fica referido nos filhos do capitão-mór guarda-mór geral Garcia Rodrigues Paes. Segunda vez casou com Bartholomeu Bueno da Silva, coronel do regimento da cavallaria de Villa Boa de Goyazes, filho de Bartholomeu Bueno da Silva, Anhanguera de alcunha, descobridor das minas de Goyazes, das quaes foi capitão-mór regente e superintendente com alçada no crime e civil : em título de Buenos, cap. 2º §. na descendencia do n. 2—2. E teve quatro filhos.

7—1 Bartholomeu Bueno de Campos Leme Gusmão.

7—2 José Joaquim de Gusmão.

7—3 Alexandre de Gusmão.

7—4 D. Margarida de Campos Bueno, casou com seu tio em terceiro grão Lourenço Cardoso de Negreiros, filho do capitão Antonio Cardoso de Campos, e neto de João Leite da Silva, guarda mór e descobridor das minas dos Goyazes, n'este título, cap. 5º § 6º n. 3—6.

6—7 D. Francisca, falleceu menina.

6—8 D. Luiza, idem.

5—4 D. Agostinha Rodrigues (filha de Salvador Jorge Velho e D. Margarida da Silva, pag. 244), foi casada com o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros. Sem geração. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º §.

5—5 D. Sebastiana da Silva, foi casada com o coronel Antonio Pires de Campos. Com geração. Em titulo de Campos, cap. 3º § 1º.

5—6 D. Margarida da Silva, foi casada com Filippe de Campos Bicudo. Com geração. Em titulo de Campos, cap. 3º § 2º.

5—7 D. Maria da Silva, foi casada com José Pompêo Leite, filho de Estevão Forquim Francez, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Anna de Proença. Em titulo de Taques Pompêos.

5—8 D. Anna Pires Ribeiro, foi casada com José de Godoy Roá, filho do tenente-general Gaspar de Godoy Colaço, e de sua mulher D. Sebastiana Ribeiro de Moraes; em titulo de Moraes, cap. 3º § 2º, na sua descendencia. E teve sete filhos, nacionaes da villa de Parnahyba.

6—1 Margarida da Silva.

6—2 Ignacio Pires de Godoy.

6—3 Rita Pires de Godoy.

6—4 Domingos Jorge Velho.

6—5 Paschoal Leite Paes, falleceu solteiro.

6—6 José de Godoy Pires.

6—7 Sebastiana Ribeiro de Moraes.

5—9 Francisco Jorge da Silva, foi casado com Anna Ribeiro, filha de Francisco Bicudo de Brito e de sua mulher Maria de Almeida Neves, que foi filha de João de Almeida Neves, natural da villa de Algodres da Serra da Estrella, bispado de Viseu, que falleceu a 11 de Março de

1715, e de sua mulher Maria da Silva ; em titulo de Almeida Neves (Cartorio de orphãos de Parnahyba n. 473, inventario de João de Almeida Neves). E teve filha unica.

6—: Maria Jorge, mulher de Ignacio Gonçalves da Silva, natural de Lisboa.

5—10 D. Ignez, falleceu solteira.

3—3. Pedro Dias Leite (pag. 102) falleceu a 19 de Março de 1658, casado com D. Anna de Proença, com geração em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.º § 8.º

3—4. João Leite da Silva. Foi clerigo do habito de S. Pedro, e passou á côrte de Lisboa a ordenar-se. Tomou o grão de doutor em theologia. Foi sujeito de bom nome entre os seus naturaes, dos quaes e dos estranhos adquiriu grande respeito e applausos de estimação. O serenissimo Sr. D. Pedro 2.º lhe mandou escrever uma carta, firmada do seu real punho, com data de 28 de Fevereiro de 1674, cheia de expressões muito honrosas, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no liv. de registros das cartas do Rio de Janeiro, titulo 1673 a fl. 2 v. Pelas suas letras e virtudes, e como pessoa de grande autoridade foi visitador do bispado pelas villas da marinha do Sul, e as do centro da capitania de S. Paulo, que ao seu zelo goza da concessão pontificia para o uso do pingó, a que chamam banha de porco nos dias de vigilia e tempo de quaresma. Falleceu deixando uma saudosa lembrança. Repartiu o seu cabedal em obras pias, e deixou legados grandes a varios parentes pobres. Jaz sepultado na capella dos terceiros de S. Francisco da cidade de S. Paulo, do qual foi irmão professo, e havia sido ministro da mesma ordem.

3—5. Maria Dias, casou duas vezes: a primeira aos 9 de Janeiro de 1633 com Diniz Cardoso, natural de S. Antonio do Tojal de Lisboa; sem geração. Segunda vez casou aos 20

de Janeiro de 1636 com Domingos Rodrigues de Mesquita, natural de Torre de Moncorvo, com a sua descendencia, em titulo de Mesquitas.

3—6. D. Isabel Paes da Silva, falleceu na Ilha de S. Sebastião a 8 de Abril de 1666 (Cartorio de orph. da Ilha de S. Sebastião maç. 6.º de inventarios, letra I, o de D. Maria Paes da Silva com testamento), e casou duas vezes : primeira, na matriz de S. Paulo, a 29 de Janeiro de 1636 com Bartholomeu Simões de Abreu, natural da villa de Santos, filho de João de Abreu, nobre cidadão da villa de Santos, almoxarife que foi da fazenda real em 1591, e de sua mulher Isabel de Proença Varella, natural da villa de Santos, filha de Paulo de Proença, natural da villa de Alemquer, e de sua mulher Isabel Cubas, filha de Braz Cubas, cavalleiro fidalgo da casa real. Segunda vez casou D. Isabel Paes na matriz da Ilha de S. Sebastião com Simão Ferreira Delgado, natural da cidade da Bahia, e professo da ordem de Christo, de cuja praça era capitão de infantaria da companhia de seu pai o mestre de campo Sebastião Fernandes Tourinho, de quem era filho, e de sua mulher D. Maria Braz Reis, que foram senhores de engenho, e de grandes cabedaes na Bahia. Fallecendo o dito mestre de campo Sebastião Fernandes Tourinho, passou á Bahia seu filho e unico herdeiro d'esta grande casa, o capitão Simão Ferreira Delgado, e d'alli embarcou para o reino a tratar dos seus serviços com o concurso dos que lhe ficaram por morte de seu pai. Teve a infelicidade de ficar o navio do seu transporte captivo dos mouros, e para o poder d'estes barbaros foi tambem captivo o capitão Simão Ferreira Delgado, e encontrando o seu destino rigores e crueldades não lhe durou muito tempo o tormento, porque aos effeitos d'elle perdeu a vida. Não bastou o desvelo e liberalidade com que se portou sua mãe a matrona D. Maria

Braz Reis, fazendo enviar logo ao reino de Portugal dinheiro bastante para resgate do seu infeliz filho ; e acabando n'elle o herdeiro da casa vieram a herdar as tres netas, filhas do dito seu filho, das quaes fazemos menção abaixo.

Teve D. Isabel Paes da Silva do seu primeiro matrimonio com Bartholomeu Simões de Abreu tres filhos : E do segundo matrimonio com o capitão Simão Ferreira Delgado tres filhas.

1.<sup>o</sup> matrimonio.

- 4—1 Francisco Paes da Silva.
- 4—2 D. Potencia Leite da Silva.
- 4—3 D. Maria de Abreu Pedroso Leme.

2.<sup>o</sup> matrimonio.

- 4—4 D. Lucrecia Leme.
- 4—5 D. Sebastiana Paes Leme.
- 4—6 D. Anna Ferreira Tourinho.

4—1. Francisco Paes da Silva, casou segunda vez em S. Paulo aos 15 de Junho de 1699 com Maria Bueno do Amaral, filho de Antonio Bueno, e Maria do Amaral.

4—2. D. Potencia Leite da Silva, casou com o capitão Diogo de Escobar Ortiz, natural da Ilha de S. Sebastião, irmão de Estevão Raposo Bocarro, abaixo. E teve duas filhas.

5—1. D. Maria Leite, casou com Manoel Lopes Pereira, capitão das ordenanças, natural da villa de S. Sebastião filho de Gonçalo Lopes, natural da villa de Vianna, e de sua mulher Helena de Onbate, filha de Manoel Pires Escache. E Manoel Lopes Pereira foi primo direito do



padre Manoel Gomes Pereira, vigário collado de S. Sebastião. Sem geração.

5—2. D. Catharina Paes Leite, casou com João da Silva Rebello, natural do reino de Portugal, homem nobre em sua terra. Falleceu em Pitanguy. E teve doze filhos.

6—1. D. Potencia Leite da Silva, casou nas Minas Geraes, em Pitanguy com o coronel Manoel Cabral Teixeira, natural de Portugal. E teve filha unica.

7—3 D. Cordula Cabral Tiexeira, casou com o capitão Serafim Vieira de Vasconcellos, natural de Portugal: este casal passou-se para Paracatã, onde ambos falleceram.

6—2. D. Maria Leite da Silva, casou em S. Sebastião com Amaro Dias Torres, natural de Massarellos, da nobre familia dos Torres. Falleceu em S. Sebastião e teve n'esta ilha oito filhos.

7—1 Manoel Leite Pereira, casou em S. Sebastião com Maria Nunes Corrêa, filha de Francisco Gonçalves Souto, natural de Portugal, e de sua mulher Isabel Nunes Corrêa, natural de S. Sebastião, que foi filho de Diogo Corrêa, Mazgão e de sua mulher Isabel Nunes Corrêa, ambos da dita villa de S. Sebastião. Com geração.

7—2 João da Silva Torres. Foi escrivão da camara da villa de Santos, casado com Anna Corrêa da Gaya, em S. Sebastião, filha de João da Motta Moreira e de sua mulher Maria Corrêa Nunes, filha de Diogo Corrêa Mazagão e de Isabel Nunes Corrêa, acima. Com geração.

7—3 D. Maria, falleceu menina.

7—4 D. Maria Leite da Silva, casou em S. Sebastião com José Dias Martins, filho de André Gonçalves Martins e de sua mulher Josepha Gomes, ambos de S. Sebastião. Com geração.

7—5 D. Rosa, falleceu menina.

7—6 D. Anna Leite da Silva, casou em S. Sebastião

com Sebastião Homem de Oliveira Coutinho, natural de S. Sebastião, filho de João Homem Coutinho, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Joanna de Oliveira, da mesma ilha. O dito Coutinho foi filho de Sebastião Homem Coutinho, do Couto de Alcobaça, e de sua mulher Isabel Rosada das Neves, natural de S. Sebastião. Esta D. Anna Leite existe no Rio de Janeiro em 1774. E teve em S. Sebastião sete filhos.

8—1 D. Maria Theresa de Oliveira, casou em S. Sebastião com Lino Lopes de Oliveira, filho do capitão Antonio Lopes de Siqueira e de sua mulher D. Maria da Alleluya, natural elle da villá de Santos e ella de S. Sebastião, neto paterno de Mathias Lopes de Siqueira e de D. Apolonia Garcez. Vide em titulo de Garcez Barreto.

8—2 D. Anna Leite da Silva, casou em S. Sebastião com Thomé Ayres Garcez, filho do capitão Diogo Ayres de Aguirre, e de sua mulher Anna Nunes de Freitas, irmã de Catharina Nunes de Freitas, que foi mulher do capitão Diogo de Escobar Ortiz.

8—3 D. Catharina Leite da Silva, casou em S. Sebastião com Domingos Ayres de Aguirre, filho do ajudante da ordenança José Rodrigues de Abreu, natural da cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Cecilia de Aguirre, natural de S. Sebastião. Em titulo de Aguirres.

8—4 D. Emerenciana Rita Leite, existe solteira na companhia de sua mãe no Rio de Janeiro.

8—5 João Amaro da Silva Leite, seminarista do seminario da Lapa em 1774.

8—6 Manoel, falleceu menino.

8—7 Joaquim Manoel Francisco da Gloria, com idade de dez annos n'este de 1774.

7—7 Amaro Dias, falleceu menino.

7—8 Manoel, idem.

6—3 D. Catharina Maria da Silva, casou no Rio de Janeiro com o capitão Paulo Baptista, natural da cidade de Genova, que se passou para Minas Geraes, e se estabeleceu no Sabará, onde lhe nasceram dois filhos que lhe ficaram.

7—1 João Baptista.

7—2 D. Catharina. Estes dois filhos passaram para Lisboa na companhia de sua mãe, estando já viuva, com destino de recolher a filha D. Catharina a um mosteiro de freiras, e o filho para o estado clerical. E no 1.º de Novembro de 1753, que foi o terremoto, ainda estavam em Lisboa, e escaparam da morte n'aquelle dia.

6—4 D. Marianna Leite, casou em Pitanguy com o capitão de mar e guerra de fragata real Bartholomeu Farto, natural de Portugal. E teve cinco filhos.

7—1 D. Mathilde.

7—2 D. Anna.

7—3 Felix.

7—4 Antonio.

7—5 João.

Estes tres irmãos passaram-se para Portugal com seu pai: um é religioso bruno, e outro carmelita descalço, em Lisboa.

6—5 D. Anna Maria, casou em Pitanguy com José Rodrigues S. Thiago, natural de Portugal. E teve dois filhos.

7—1 D. Anna.

7—2 Joaquim.

6—6 D. Rosa da Silva, casou em Pitanguy com Domingos Pereira. Sem geração.

6—7 D. Custodia Leite da Silva, casou em Pitanguy com Manoel Pinto Pereira, grande estudante e examinador synodal do bispo Guadalupe. E teve quatro filhos.

7—1 D. Francisca.

7—2 D. Catharina.

7—3 D. Rosa.

7—4 Vicente.

6—8 Manoel Leite da Silva. Foi completo na lingua latina, e excellente poeta com grande instrucção da historia; e abandonando o progresso das letras, falleceu solteiro em Minas Geraes.

6—9 D. Rosa Leite da Silva. Embarcou na companhia de sua tia D. Sebastiana Paes da Silva, mulher de Antonio do Rego de Sá, que ia para a Bahia, e d'alli se recolheu a sua patria a Ilha de S. Miguel; e D. Rosa para religiosa em um dos conventos da dita Ilha: porém D. Sebastiana falleceu no mar, constituindo para seu testamenteiro e herdeiro a seu marido Antonio do Rego de Sá, e deixou oito mil cruzados para dote de sua sobrinha dita D. Rosa em 1709, como consta da provisão do desembargo do paço de 5 de Junho de 1723 a favor de Anna Ferreira Delgado contra Antonio do Rego, para effeito de dar partilhas da meação de sua mulher D. Sebastiana, o qual passava de cincoenta mil cruzados em ouro e moeda. Antonio do Rego recolhido a sua patria com mais de cem mil cruzados casou com D. Rosa Leite da Silva, de cujo matrimonio existe na ilha de S. Miguel no bre geração com varios morgados.

6—10 D. Josepha, falleceu menina nas Geraes.

6—11 D. Maria, falleceu em S. Paulo, solteira.

6—12 João, falleceu menino, em S. Sebastião.

4—3 D. Maria de Abreu Pedroso Leme, casou com Estevão Raposo Bocarro (irmão inteiro de Diogo de Escobar Ortiz do n. 4—2 acima) da governança da republica da villa de S. Sebastião e natural d'ella, onde foi pessoa de tratamento e grandes cabedaes de numerosa escravatura e senhor do engenho chamado da Praia do Barro, que tinha sido de seus avós, primeiros fundadores e povoadores da

ilha de S. Sebastião, como iremos mostrando. Foi este Estevão Raposo Bocarro, guarda-mór da marinha d'esta ilha dos Porcos até a barra da fortaleza da Bertioga no tempo que o inimigo e pirata francez andava roubando as embarcações, que navegavam para aquella costa. Foi filho do capitão Gaspar Picão, natural da villa de Santos, morador da ilha de S. Sebastião e senhor do sobredito engenho da Praia do Barro, e da governança da republica, onde occupou os cargos d'ella repetidas vezes, e de sua mulher Catharina de Oliveira como consta do cartorio de orphãos, nos maços de inventarios da dita villa de S. Sebastião. Catharina de Oliveira foi irmã inteira de Antonia de Escobar, mulher de Manoel Pinto, chamado o Passarilho, de cujo matrimonio nasceu Domingos Thomaz da Silva, que foi pai do padre mestre frei Bernardino de Jesus, natural do Rio de Janeiro, religioso franciscano e commissario do Santo Officio, um dos grandes talentos em letras e virtudes na sua provincia. Foi Estevão Raposo Bocarro neto por parte paterna de Gaspar Fernandes Palha, natural da cidade de Funchal da ilha da Madeira, descendente de Ruy Vaz de Almada, a quem el-rei D. João o I deu o appellido de Palha com as armas, como consta de muitos nobiliarios. Foi da governança da villa de Santos. Foi provedor de orphãos, dos defuntos e ausentes, capellas e residuos da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e casou na dita villa de Santos com D. Antonia Acqueixa de Peralta, filha de Antonio Raposo, natural da cidade de Beja, e de sua mulher D. Antolina Acqueixa de Peralta, natural de Hespanha, de onde veio com seu marido Antonio Raposo, para a capitania de S. Vicente na armada real, de que foi general D. Diogo de Flores Baldez, como tudo melhor consta do alvará, que se passou ao dito Antonio Raposo quando em S. Paulo foi armado cavalleiro no anno de

1601 por D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado do Brasil, que para o fazer tinha decreto d'el-rei D. Filippe, em premio de serviços feitos á corôa, o qual alvará se acha registrado no archivo da camara de S. Paulo no caderno de registros, titulo 1600, de fls. 31 a 38.

E pela materna foi o guarda-mór Estevão Raposo Bocarro neto de Francisco de Escobar Ortiz, que foi o primeiro povoador da ilha de S. Sebastião, a qual lhe concedeu para si e seus descendentes o donatario da capitania de cem leguas Pedro Lopes de Sousa para elle com sua nobre geração a povoar, como fez sabindo da capitania do Espirito-Santo com sua mulher Ignez de Oliveira Cotrim, e com filhas já casadas. Dentro das sete leguas da dita ilha que lhe foi concedida se estabeleceu Francisco de Escobar Ortiz e seu ennhado Nuno Cavalleiro. Foi senhor de dois engenhos de assucar, os primeiros que houve n'aquella ilha, onde foi pessoa de grandes cabedaes com um navio de duas cobertas, que navegava para Angola. Na capitania do Espirito-Santo teve uma irmã chamada Antonia de Escobar, casada com o fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que era filho natural do fidalgo do mesmo nome, capitão e senhor donatario da dita capitania por mereç d'el-rei D. João III. Antonio de Escobar fez procuração na dita capitania no anno de 1633 para se receber em S. Paulo a herança, que lhe tocou por morte de seu filho o capitão Frederico de Mello Coutinho, que falleceu sem geração em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1633 estando casado com D. Maria a qual depois foi mulher de João Barreto, como tudo se vê do testamento do capitão Frederico de Mello nos autos de inventario de seus bens, no primeiro cartorio do judicial e notas de S. Paulo, maço de inventarios antigos, letra F. Este Frederico de Mello foi conhecido e estimado em S. Paulo por homem-fidalgo, como consta as-

sim no archivo da camara no caderno de registros capa de couro de veado n. 1.º titulo 1623 a fl. 22. Das entradas, que elle fez contra os castelhanos da provincia do Paraguay falla com petulante expressão e conhecido odio D. Francisco Xarque de Andella, no 1.º e 2.º tomo da sua obra.

Francisco de Escobar, falleceu na ilha de S. Sebastião com testamento no anno de 1652, e sua mulher Ignez de Oliveira a 3 de Agosto de 1675 tambem com testamento, onde se mostra que do seu matrimonio fôra filha Catharina de Oliveira, mulher do capitão Gaspar Picão, senhor do engenho da Praia do Barro (Cartorio da ilha de S. Sebastião, maço 4.º de inventarios o de José de Oliveira, appenso a elles o de seu marido Francisco de Escobar Ortiz). Do matrimonio do guarda-mór Estevão Raposo Bocarro e de D. Maria de Abreu Pedroso Leme, nasceram na villa da ilha de S. Sebastião doze filhos que foram :

- 5— 1 Pedro Dias Raposo.
- 5— 2 Estevão Raposo Bocarro,
- 5— 3 João Leite da Silva Ortiz.
- 5— 4 Diogo de Escobar Ortiz.
- 5— 5 Bartholomeu Paes de Abreu.
- 5— 6 Bento Paes da Silva.
- 5— 7 D. Ignez de Oliveira Cotrim.
- 5— 8 D. Veronica Dias Raposo.
- 5— 9 D. Isabel Paes da Silva.
- 5—10 D. Catharina de Oliveira Cotrim.
- 5—11 D. Antonia Requeixa de Peralta.
- 5—12 D. Leonor Corrêa de Abreu.

5—1. Pedro Dias Raposo, casou duas vezes : a primeira com D. Isabel Ribeiro da Silva Bueno, natural da villa de Santos, filha de D. Isabel da Silva, e de seu segundo marido Domingos de Castro Corrêa ; em titulo de Buenos, cap. 1.º § 4.º n.º 3—7 : e teve :

6—1. Domingos da Silva Bueno.



6—2. D. Maria Theresa.

6—3. D. Isabel.

Segunda vez casou com D. Rosa da Appresentação, filha do sargento-môr das ordenanças de S. Sebastião Manoel Gomes Mazagão, bem conhecido pela sua nobreza e cabe-daes em a dita Ilha, e d'este segundo matrimonio teve filho unico, que foi :

6. José Dias Paes, que em Villa Boa de S. Anna de Goyaz, casou com sua sobrinha D. Anna Luiz Pereira Leite, tendo sido dispensado no impedimento do terceiro gráo de consanguinidade mixto com o segundo, filha de sua propria irmã D. Maria de Escobar, e de seu marido Gaspar Luiz Pereira ; falleceu sem geração.

5—2. Estevão Raposo Bocarro, passou da patria ao sertão dos Curraes da Bahia, Rio de S. Francisco, onde se estabeleceu com grossas fazendas de gados vaccuns, e foi um dos mais potentados d'aquelle sertão ; d'elle abriu estrada franca pelo sertão e do Hurucuya para as minas de Villa Boa de Goyaz. Foi um dos grandes sertanistas do seu tempo, cujo valor acreditou por espaço de alguns annos, conquistando e domando o barbaro gentio, n'aquella, que se lhe fez pelo governador d'ella Mathias Cardoso de Almeida. Deixou do seu matrimonio duas filhas, e um filho que foram :

6—1. D. Francisca Leite, que falleceu sem geração pelo infeliz successo que lhe aconteceu por ser bastantemente resoluta em montar qualquer generoso cavallo, que o sabia mandar com excellencia de qualquer perfeito cavalleiro. Ao vadear uma grande Ribeira, para avançar o alto barranco d'ella, picou com esporas de pua ao bruto, que carregando a grande corpulencia d'esta senhora, avançou a ganhar o barranco com impeto, que lhe tinha estimulado o castigo do ferro ; e desbroando-se a terra em que já

tinha as mãos, voltou-se de costas, e no precipício da queda recebeu D. Francisca o damno de se lhe imprimir no estomago o arção da sella, que era á Jeronima, e para logo perdeu a vida, que parece procurou ella esta fatalidade, pelo atrevimento com que se metten no perigo. Não teve filhos do matrimonio, que tinha contrahido com Pedro Cardoso, aquelle que passando para a India, obrou acções de valor em uma pequena fortaleza do Rio de Senna. O grande cabedal de D. Francisca estabelecido em rendosas fazendas de gado herdaram seus irmãos.

6—2. D. Rita, que existe casada com Thomaz da Costa Ferreira de Alquimi, natural da villa de Vianna, fidalgo da casa real, bem conhecido pela sua distincta qualidade da casa e morgado de Alquimi, irmão direito de João da Costa Ferreira, que foi mestre de campo e governador da praça de Santos, e de Antonio Ferreira de Brito, fidalgo da casa real, que casou na villa de Santos na nobre casa de S. Anna, e de quem n'este titulo fazemos menção na descendencia de Luiz Dias Leme, do § 5.º n.º 2—7. E foi filho de André da Costa, fidalgo da casa real, e Morgado de Alcami em Vianna.

6—3. N... que mataram no sertão dos Curraes da Bahia seus proprios cunhados, os filhos do Roboredo.

5—3. João Leite da Silva Ortiz, casou com D. Isabel Bueno da Silva, filha de Bartholomeu Bueno da Silva, descobridor das minas de Goyaz, em titulo de Buenos, cap. 2.º § 2.º n.º 3—1 e seguintes, e a quem acompanhou o dito João Leite, que igualmente foi socio e descobridor das ditas minas com seu sogro Bartholomeu Bueno da Silva, cujos serviços de conquista, descobrimento e estabelecimento d'ellas temos tratado no epitome, que fizemos ao caracter do descobridor Bartholomeu Bueno da Silva.

De Villa Boa de Goyaz passou João Leite da Silva para

S. Paulo no anno de 1730, com a resolução de ir a real presença a dar conta do que tinha obrado em serviços da Magestade. Chegando ao Rio de Janeiro embarcou para a cidade da Bahia a demandar a frota, que já não alcançou. Alli foi recebido com grandes applausos e publicas demonstrações de cortejos, que fez praticar o vice-rei do Estado o conde de Sabugoza Vasco Francisco Cesar de Menezes, sabendo conhecer este cavalheiro os relevantes serviços do descobridor João Leite da Silva, que á persuasões do grande zelo de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general da capitania de S. Paulo, aceitou a commissão de penetrar o inculto e vasto sertão dos Goyaz na mesma conducta do cabo principal d'ella Bartholomeu Bueno da Silva. Venceu o Cesar a João Leite da Silva para esta grande empreza, porquanto aceitando Bartholomeu Bueno da Silva o ser explorador d'aquelles sertões, foi com a clausula de ser seu adjunto e futuro successor na campanha seu genro João Leite da Silva Ortiz, no anno de 1722. Então se achava João Leite da Silva rico e abastado, com numerosa escravidão, e bem estabelecido de lavras mineraes no sítio chamado o Curral d'el-rei. A' persuasões de seu irmão o capitão de infantaria Bartholomeu Paes de Abreu, e das promessas do governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, aceitou o convite; e fazendo vender por um o que valia dez, se recolheu a S. Paulo, onde a custa dos seus grandes cabedaes se formou o troço de 300 homens, com cujo corpo penetrou o inculto sertão de Goyaz, soffrendo no decurso de tres annos e oito mezes, as perdas, os trabalhos, e as misérias, que temos tocado nas acções do descobridor Bartholomeu Bueno da Silva, em titulo de Buenos, § 2.º

Tinha-se empenhado á emulação de Antonio da Silva Caldeira (filho esurio de um conego da Sé de Lamego)

sendo governador da capitania de S. Paulo sem o caracter de capitão general, a que Rodrigo Cesar de Menezes não ficasse com a gloria de fazer dar a luz um descobrimento tão appetecido, e para o qual o Cesar se tinha muito empenhado, e se achava este particular serviço muito na lembrança da Magestade d'el-rei o Sr. D. João V. Da capitania de S. Paulo se tinha recolhido, depois de acabar o seu governo Rodrigo Cesar de Menezes, que passando por ordem d'el-rei ás minas de Cuyabá, e achando-se n'ellas no anno de 1728, chegou a S. Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, que tomou posse do governo da capitania na camara d'esta cidade a . . . de . . . . . E paralogo entrou publicamente a desprezar todos os acertos de seu antecessor, que até concebeu a barbara blasphemia de affirmar (entre o vil sequito do seu partido) que o Cesar tinha no Cuyabá feito introduzir chumbo em lugar d'ouro, pelas oito arrobas, que dos reaes quintos tinha cobrado n'aquellas minas : querendo que este sacrilego atentado não recahisse em Sebastião Fernandes do Rego, particular amigo do dito Caldeira, que o tempo, pelas suas circumstancias e exactas devassas a que se procedeu pela insolencia d'este roubo, não pôde eximir a Sebastião Fernandes do Rego de ficar conhecido por autor d'este horrendo delicto: bem o publicou depois o geral confisco, que se lhe seguiu em S. Paulo em todos os seus bens, porque ainda, que amparado das subtilissimas maximas do seu protector, e amigo Antonio da Silva Caldeira pôde Sebastião Fernandes passar da prisão, em que residia no calabouço da fortaleza de S. Amaro da Barra Grande da villa de Santos para o Limoeiro da cidade de Lisboa, onde depois de alguns annos venceu a astucia do mesmo Rego o recolher-se a S. Paulo livre e desembaraçado, onde chegou no anno de 1739 ; comtudo descobrindo-se na côrte

os effeitos da sua habilitade, se passaram para logo com todas as forças decretos do Sr. D. João V para a prisão do dito Rego, remettendo-se os mesmos caixotes, e o chumbo que n'elle se tinha introduzido ao ouvidor de S. Paulo e corregedor da comarca, o doutor Domingos Luiz da Rocha, para formar a vista de tudo um novo auto de corpo de delicto, e proceder a devassa. N'este tempo já era fallecido Sebastião Fernandes do Rego, cuja morte o livrou da injuria das rigorosas prisões, que a sua culpa tinha lavrado. Procedeu-se pela ouvidoria de S. Paulo na devassa, e n'ella ficou assás manifesta a sacrilega culpa do autor d'ella, e segunda vez se verificou um geral confisco nos bens de Sebastião Fernandes do Rego, pelo doutor Domingos Luiz da Rocha, cujos autos a todo o tempo publicarão esta verdade para horror e confusão dos vindouros.

Antonio da Silva Caldeira descobriu na sua má intenção o meio de abandonar as novas minas de Goyaz, onde se achavam por segunda entrada para o seu estabelecimento, e repartimento das terras mineraes aos vassallos do rei, observada as reaes ordens, os descobridores d'ellas Bartholomeu Bueno da Silva, com o caracter de capitão-mór regente, e superintendente com jurisdicção no crime e civil; e João Leite da Silva feito guarda-mór geral da repartição das terras mineraes das mesmas. Em S. Paulo porem ficou residindo o terceiro socio o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, para d'esta cidade fornecer do necessario aos descobridores, que se achavam residindo em Minas; a este entrou a perseguir Antonio da Silva Caldeira Pimentel, do que resultou pôr na real presença estes procedimentos o queixoso Bartholomeu Paes de Abreu, em tres distinctas cartas, que se acham na secretaria do conselho ultramarino; e resultando ellas as providencias das ordens datadas em 12 de Maio de 1730, que se acham tambem registradas na mesma

secretaria no livro 1.<sup>o</sup> das cartas de S. Paulo, titulo 1726 de fl. 63 até fl. 96, produziu o desafogo de Caldeira o excesso de mandar prender potenciosamente o capitão Bartholomeu Paes de Abreu no calabouço da fortaleza da Barra de Santos, onde então se achava o preso Sebastião Fernandes do Rego. Alli o conservou sem lhe admittir recurso, e prohibido o desafogo de escrever e receber cartas, e não fallar, nem ainda com seus proprios filhos se alli apparecessem; porque tinha concebido o conceito de que ao compasso d'estas violentas tyrannias, perderia a constancia a innocencia do preso, a quem por este modo desejava Caldeira tirar a vida.

Os echos d'esta influencia chegaram ás minas de Goyaz; e lamentando-se alli estes procedimentos contra um vassallo de tão relevantes serviços; precipitadamente se resolveu o guarda-mór João Leite da Silva Ortiz passar á S. Paulo, seguindo derrota até a real presença. Nada bastou a mover o endurecido odio de Antonio Caldeira da Silva Pimentel. A este requereu João Leite da Silva da parte do real serviço, que quera ter audiencia com o preso seu irmão Bartholomeu Paes de Abreu, na presença dos officiaes, que para este acto fossem nomeados, sem que para a pratica se precisasse de alliviar ao preso extrahindo-se do mesmo calabouço em que residia, porque nas grades da janella d'elle podia João Leite conseguir a pretendida pratica com seu irmão, de quem só interessava informar-se como seu procurador e socio, o estado em que se achavam os serviços feitos com o descobrimento das minas de Goyaz. A nada se moveu o governador Caldeira.

Desceu João Leite para Santos; e na noite antes de embarcar para o Rio de Janeiro, pernoitou na mesma fortaleza de S. Amaro, cujo commandante era então o capitão de infantaria André Curcino de Mattos, que com o desem-

baraço do sangue que lhe adornava as véas por todos o costados, recebeu e agasalhou a João Leite da Silva com as honras que merecia um vassallo, que a custa da sua fazenda deixava descobertas minas para enriquecerem o real erario. Como obediente soldado não se affastou de cumprir as ordens do seu governador, em observancia das quaes não se chegaram a avistar os dois irmãos. Na madrugada porém do dia do embarque mandou o capitão commandante, a sua custa, salvar com algumas peças de artilheria da fortaleza, quando se fez á vela a embarcação do guarda-mór João Leite, e bastou esta obsequiosa acção, executada em contemplação de um vassallo tão benemerito, para ficar no desagrado do governador Caldeira, que por isto não perdeu occasião de perseguir ao capitão André Curcino de Mattos.

Da Bahia embarcou João Leite da Silva para Pernambuco; e com as cartas de aviso do conde vice-rei foi n'aquella cidade recebido com semelhantes demonstrações de applausos, as que se tinham com elle praticado na Bahia. O governador capitão-general, e o Exm. bispo de Pernambuco honraram muito aos merecimentos de João Leite da Silva Ortiz, que detendo-se a espera da partida da frota, enfermou de bexigas, e foi feliz n'esta enfermidade. Eram passados quarenta dias, e ainda o enfermo se conservava recolhido. Na tarde do dia 8 de Dezembro de 1730 foi visitado do bispo diocesano, e na despedida d'este prelado o acompanharam Bartholomeu Bueno da Silva e Bento Paes da Silva; aquelle era cunhado, e este sobrinho do guarda-mór João Leite, e com ambos tambem o padre José de Almeida e o filho do dito guarda mór acompanharam ao Exm. bispo. N'este intermedio quiz o enfermo beber um copo d'agua do cosimento das sementes de cidra, cuja potagem mandavam os



medicos que usasse para temperar a massa do sangue, ainda exaltada da enfermidade das bexigas. Ministrou-lhe a bebida o padre Mathias Pinto, clérigo de S. Pedro, que esquecido do seu caracter tinha obrado alguns excessos de desenvoltura nas minas do Cuyabá, das quaes mandando-o vir preso com as culpas o Exm. bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, se refugiou, e escapando da justiça para as minas de Goyaz. D'ellas se aproveitou do affavel genio e caridoso animo do guarda-mór João Leite, que liberal recebeu em sua companhia para o conduzir ao reino sem a menor despeza. Logo em S. Paulo descobrindo-se, que todas as noites debaixo do rebuço de um capote, costumava ter praticas com o governador Caldeira, foi advertido por parentes e ainda por pessoas religiosas, que despedisse ao dito clérigo; porém João Leite sem valor para o fazer, desprezou os avisos e o foi conduzindo com os detrimentos das necessarias cautelas para não ser descoberto e preso pelas culpas graves que tinha no Rio de Janeiro; e por este acto de virtude veio João Leite a tragar a morte, porque ministrada a bebida pelo dito padre Mathias Pinto, actuado no corpo o veneno que lhe tinha introduzido, antes de completas duas horas, entrou o enfermo em mortaes ancias. Acudiram os medicos, e observada a novidade, se conheceu que eram effeitos de veneno. O clérigo desapareceu da casa, deixando com a retirada mais suspeitosa a culpa da sua estragada consciencia e indesculpavel ingratidão contra o seu amigo, protector e bemfeitor. Como o veneno se introduziu no sangue, perdeu a vida quem era merecedor de a possuir mais larga; e perdeu o rei um muito distincto e benemerito vassallo, porque elle bastava para conseguir, como pretendia, os maiores descobrimentos em todo o sertão de Goyaz, que até hoje por esta falta se lamenta a morte de

João Leite da Silva, que na madrugada do dia 9 de Dezembro de 1730 entregou a alma ao Creador na villa de S. Antonio de Recife de Pernambuco. Tinha feito d'antes o seu testamento, em que declarou o cabedal proprio e alheio, que levava consigo; e como as barras d'ouro avultavam em grande somma de mil cruzados, despertou esta grandeza a ambição dos officiaes do juizo dos ausentes, que sem attenção a ter o testador testamenteiros promptos, e filho herdeiro em sua companhia, se procedeu na arrecadação e rematação de tudo. Porém examinada a causa pelos deputados da mesa da consciencia e ordens, lavraram sentença de nullidade a todo o processo, declarando-se n'ella, que com mão rapida tinha sido este procedimento. Porém não havendo quem viesse a Pernambuco fazer executar esta sentença, no poder d'aquelles officiaes ficou o lucro, que tiveram a titulo de dividas, commissões. Do matrimonio do guarda-mór João Leite da Silva Ortiz nasceram quatro filhos.

6—1 Bartholomeu Bueno da Silva, que acompanhando a seu pai para seguir os estudos na universidade de Coimbra, antes de chegar a Lisboa falleceu de bexigas no mar.

6—2 Estevão Raposo Bocarro, falleceu solteiro na Villa Boa de Goyazes.

6—3 D. Theresa Leite da Silva, casou na matriz da freguezia de Nossa Senhora da Penha de França do sítio de Araçariguama com Januario de Godoy Moreira, em titulo de Godoy, cap. 5º § 5º, com geração, filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua segunda mulher Maria Barbara.

6—4 D. Quiteria Leite da Silva, casou na matriz de Villa Boa de Goyazes, com Antonio Cardoso de Campos, capitão de cavallos do regimento auxiliar das ditas minas,

e guarda-mór das terras e aguas mineiras do arraial de Cuixas, onde tem servido de juiz ordinario algumas vezes: é natural da villa de Itú, filho de Lourenço Cardoso de Negreiros e de sua mulher Mecia de Campos; em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 3º § 6 n. 2—2. E teve filhos.

7—1 Lourenço Cardoso de Negreiros, que se acha casado com sua tia em terceiro gráo de consanguinidade D. Margarida de Campos, filha do coronel Bartholomeu Bueno da Silva e de sua mulher D. Maria Theresa Isabel Paes, de quem temos tratado n'este titulo no cap. 5º § 5º descendente de Paschoal Leite Paes, do n. 3—2.

7—2 João Leite da Silva Gusmão.

7—3

7—4

5—4 Diogo de Escobar Ortiz, falleceu na villa da ilha de S. Sebastião tendo repetidas vezes occupado os cargos d'aquella republica; e n'ella foi casado com Catharina Nunes de Freitas, natural da mesma ilha, irmã de Luiz Nunes de Freitas, que falleceu em 1734; filhos do capitão Miguel Gonçalves da Fonseca, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Maria de Freitas, com quem casou em Santos a 17 de Outubro de 1668: era filha de Gonçalo de Freitas, natural de Vianna, e de sua mulher Maria Fariinha, natural da villa de Coimbra; e elle filho de Bartholomeu Gonçalves e de Maria de Onhate. E teve cinco filhos.

6—1 D. Maria de Escobar, que se acha moradora na capitania de Goyazes, viuva de Gaspar Luiz Pereira que são os pais de D. Anna Luiz Pereira Leite, mulher de José Dias Paes, filho de Pedro Dias Raposo e de sua mulher do n. retro 5—1.

6—2 D. Francisca Leite da Silva, mulher de Domingos Gomes Mazagão, filho do sargento-mór Manoel Gomes

Mazagão, natural d'esta praça, e de sua mulher Barbara Moreira, E teve tres filhos.

7—1 Diogo.

7—2 Manoel.

7—3 Anna.

6—3 D. Catharina Paes, mulher de Bento de Sousa Coutinho, natural da Ilha Grande, filho de Francisco de Bittancourt ; sem geração.

6—4 D. Josepha Luiza de Freitas, mulher de Clemente Paes Pereira, que existe morador em S. Sebastião, onde tem servido os cargos da republica e algumas vezes o de juiz ordinario d'ella. Tomou o grão de mestre em artes no collegio dos padres jesuitas do Rio de Janeiro no anno de 1744. E' natural de Oeyras, de onde já em praça de soldado com matricula na vedoria da côrte, da fortaleza de S. Gião, veio para soldado da praça do Rio de Janeiro com seu pai o mestre de campo do terço de artilharia da mesma praça, onde falleceu, tendo sido casado com D. Joanna Maria das Chagas, natural de Oeyras, e o dito mestre de campo foi natural da Torre de Moncorvo. Com 19 annos de serviço deu baixa Clemente Paes Pereira. E teve naturaes da ilha de S. Sebastião tres filhos.

7—1 Luciano Paes Pereira.

7—2 Manoel José de Jesus Pereira.

7—3 D. Emerenciana Paes Pereira Leite de Escobar.

6—5 Manoel Hieronimo Leite, foi casado com D. Maria Alves de Moraes Tavares, filha de Manoel Alves de Moraes, que foi coronel das ordenanças, da ilha de S. Sebastião. Em titulo de Moraes, cap. 1.<sup>o</sup> § 3.<sup>o</sup> na descendencia do n. 3—1 ; sem geração.

5—5 Bartholomeu Paes de Abreu, cidadão da cidade de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, e foi juiz

ordinario o capitão de infantaria paga, do novo terço, que por ordem régia levantou Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho primeiro governador e capitão general da capitania de S. Paulo, como temos tratado em titulo de Taques Pompêos, pelo casamento do dito capitão Bartholomeu Paes com D. Leonor de Siqueira Paes sua prima em quarto grão de consanguinidade.

5—6. Bento Paes da Silva, casou com filha de Urbano de Castro Pereira, e falleceu nas Minas Geraes, tendo dois fillos chamados João Paes, e Gregorio de Castro Pereira, que falleceram sem geração.

5—7 D. Ignez de Oliveira Cotrim, foi mulher de Antonio de Faria Sodré, irmão inteiro do P. João de Faria Fialho, fundador da villa de Pindamonhangaba, e da igreja matriz d'ella, a quem deixou patrimonio para dos rendimentos ter a sua congrua de 80\$000 por anno o vigario da dita igreja. E teve.

6—1 Miguel de Faria Sodré, que casou com sua parenta Veronica Dias Leite Ferraz, e foi morador das Minas de Pitanguy, onde soube estabelecer um grande nome pelas moaes virtudes, e igual honra no procedimento das suas acções, e governo da sua casa, com grandes lavras de terras mineraes, e excellente educação dos seus fillos. Falleceu em ditas minas em 1754, importando o monte do seu casal 56 contos de reis. E teve.

7—1 Antonio de Faria Sodré, casado com D. Leonor Moreira Domingues da Cunha, filha de D. Thomasia Pedroso: em titulo de Toledos, cap. 2.<sup>o</sup> § 2.<sup>o</sup> n. 3—6.

7—2 Miguel de Faria Fialho, casou com Maria de Moraes de Siqueira, natural de Pitanguy, filha de Manoel Preto Rodrigues, e de D. Francisca de Siqueira de Moraes, natural de Jundiay, do padre João de Moraes. Com geração.

7—3 José Ferraz de Araujo, casou com D. Genoveva da Trindade, filha de D. Thomazia Pedroso, acima. Com geração.

7—4 Francisco Leite, casou segunda vez com D. Emiliana Francisca de Moura, filha de D. Thomazia Pedroso, acima. Com geração d'este segundo casamento.

7—5 Antonio Ferraz de Araujo, casou com Leonor de Siqueira de Moraes, natural de Pitanguy, filha de Manoel Preto Rodrigues, acima. E teve sete filhos.

8—1 Helena de Moraes de Araujo, mulher de Francisco Lourenço Cintra, natural do Algarve.

8—2 Maria Leite de Araujo, mulher de Amaro das Neves de Moraes, natural de S. Paulo, e casou em Pitanguy, filho de Domingos Teixeira de Moraes, que foi mercador em S. Paulo e de sua mulher Maria Soares das Neves, prima irmã da freira Anastacia, etc.

8—3 Andreza de Araujo, mulher de José Felix Cintra, irmão de Francisco Lourenço, acima.

8—4 Lucrecia Leite de Araujo, primeira vez casou com Rafael Soares, de Oliveira, de Jundiay, filho de Gonçalo Ribeiro, e de sua mulher Anna Cordeiro, de Jundiay.

8—5 Manoel Ferraz de Araujo, casou em Mogy com Isabel Pedroso Leite, filha de Antonio Leite de Barros, e de sua mulher Josepha Cardoso de Almeida.

8—6 Antonio Ferraz de Araujo, casou na freguezia do Nazareth com Gertrudes de . . . filha de Gaspar Vaz da Cunha e de Joanna Gonçalves.

8—7. Luiz José de Faria, casou em Pitanguy.

6—2. João Leite da Silva Sodré, casou em S. Sebastião com D. Beatriz da Silva, filha de Jordão Homem, e de sua mulher D. Paschoa Pinheiro. Esta familia é da de Botafogo do Rio de Janeiro, e o padre Alexandre Pinheiro foi



irmão d'esta Beatriz da Silva. E teve nascidos em S. Sebastião, sete filhos.

7—1. D. Ignez de Oliveira Leite, casou com o capitão Julião de Moura Negrão que existe em 1774 actualmente capitão-mór por patente régia, filho do coronel Salvador Ferreira de Moraes, natural do Rio de Janeiro, e de D. Maria Gomes da Costa, sobrinha direita do padro Manoel Gomes Pereira. E teve tres filhos.

8—1. D. Ignacia Gomes de Moraes, mulher do sargento-mór Manoel Dias Barbosa.

8—2. D. Maria Pinheiro de Oliveira, foi casada com o capitão de infantaria Francisco Aranha Barreto, commandante da praça de Igaitemi em 1773. Sem geração. (\*Falleceu em major commandante da praça de Santos em 1794.)

8—3. Julião de Moura Negrão, casou com D. Ignez Gomes de Moraes, filha do coronel Manoel Alves de Moraes de Navarro.

7—2. D. Ignacia Pinheiro, mulher do capitão Domingos Borges da Silva, natural de S. Sebastião, filho de Antonio da Silva Borges, morador do Rio de Janeiro, e de Fabiana Ortiz, de S. Sebastião. Com geração.

7—3. D. Monica Pinheiro, foi casada com Matheus Barbosa de Carvalho, natural da Nova Colonia. Com geração.

7—4. D. Maria Leite, mulher de Domingos Lopes de Azevedo, filho do sargento-mór João Nunes de Freitas, e de sua mulher D. Catharina Pedroso de Moraes, irmã do coronel Manoel Alves de Moraes. Com geração.

7—5. Jordão Homem Pedroso, casou em S. Sebastião com Anna Pedroso de Moraes, filha do sargento-mór João Nunes de Freitas, e de sua mulher D. Catharina Pedroso, acima. Com geração entre os quaes :

8—1. D. Beatriz.



8—2. D. Maria.

8—3. Daniel.

8—4. D. Catharina.

8—5. D.

7—6. Sebastião Pinheiro Leite, casou em S. Sebastião com D. Barbara Moreira, filha do coronel Manoel Alves de Moraes, e teve :

8—1. João.

8—2. Ezequiel.

8—3. D. Maria.

7—7. João Pinheiro Leite. Falleceu estudante.

6—3. Antonio de Faria Sodré, casou com Veronica da Gaya Moreira, filha de Antonio da Motta Moreira: em titulo de Gays. E teve :

7—1. João de Faria Sodré, casou com D. Anna Maria Furtado de Jesus, filha do capitão Pedro Furtado, e de sua mulher . . . . ., natural de Taubaté, moradores de Ubatuba. Com geração.

7—2. Leonardo de Faria Sodré, casou com Maria Josepha, filha de Antonio Homem Continho, e de Domingas de Freitas. Com geração.

7—3. D. Angela de Gaya, casou com Antonio Corrêa Mazagão, filho de Francisco Gonçalves Souto, e de Isabel Nunes Corrêa. Com geração.

7—4. D. Ignez de Oliveira, casou com Manoel Dias Cardoso, filho de Antonio Fernandes e de sua mulher Paula Dias. Sem geração.

7—5 e 7—6. D. Barbara e D. Catharina, falleceram solteiras.

5—8. D. Veronica Dias Raposo, casou com Miguel Gonçalves Martins, como consta do testamento da dita Veronica Dias, que falleceu a 21 de Fevereiro de 1723, o qual

se acha no cartorio de S. Sebastião no maço segundo dos inventarios. E teve tres filhos :

6—1. D. Francisca Leite de Escobar, casou com... (\* Aqui diz Taques que se veja o seu liv. E' de notar que desde o n.º 57 foi escrito nas margens, e em supplemento, e por isso vai succintamente.)

E teve :

7—1. D. Martha Leite, casada com Sebastião Ribeiro, filho de Pedro Homem Coutinho, e de Senhorinha Ribeiro, da familia do Deão Gonçalves de Araujo por Freitas, que era tio da dita Senhorinha Ribeiro.

7—2. D. Maria de Abreu Pedroso, casou com Simão de Goes, filho de Bernardino de Goes, e de Maria da Motta Moreira. Com geração.

7—3. João de Moura, casou com Theresã Cardoso, filha de Antonio Homem Coutinho, e Domingas de Freitas, acima. Com geração.

5—9 D. Isabel Paes da Silva. Falleceu no anno de 1736, e foi casada com Manoel André Vianna, o qual falleceu com testamento a 20 de Fevereiro de 1739, e era natural da Villa do Rio de S. Francisco, filho de Pedro Gonçalves Vianna, e de sua mulher Francisca André. (Cartorio da Ilha de S. Sebastião, maço 1.º de Inventarios.) E teve duas filhas.

6—1. D. Maria de Abreu Pedroso, que foi casada com Gaspar Ferreira de Moraes, irmão direito do capitão-mór Julião de Moura Negrão. Com geração.

6—2. D. Francisca Leite de Escobar, que foi casada com Bento de Oliveira Souto, irmão direito de Francisco Gonçalves Souto, e do P. M. Fr. Antonio Godinho, que foi provincial dos capuchos da provincia do Rio de Janeiro. Sem geração, porem adulterando teve nascido no Rio de Janeiro o filho João Leite da Silva de Escobar,

que está casado com D. Anna Gabriel de Menezes Camara e Vasconcellos. Sem geração.

5—10. D. Catharina de Oliveira Cotrim, que foi casada com o capitão Marcos Soares de Faria, natural da villa de Barcellos. E teve :

6—1. Lopo Soares de Faria.

6—2. Marthias Soares de Faria.

6—3. Jorge Soares de Faria.

6—4. José Soares de Faria.

6—5. Diogo Soares de Faria.

6—6. D. Leonor Soares, casou com João Nunes das Neves.

6—7. D. Maria, casada com José Barbosa da Silva, capitão da ordenança de Ubutuba em 1768.

5—11. D. Antonia Requeixa de Peralta, foi casada com Salvador Nunes, e falleceram e S. Paulo. Sem geração.

5—12. D. Leonor Corrêa de Abreu, que foi casada na cidade de S. Paulo com José Dias da Silva, natural e cidadão da mesma, onde serviu os cargos da sua republica; irmão direito de Pedro Jacome Vieira, que obteve sentença de puritate et nobilitate em 1694, proferida em S. Paulo pelo bispo D. José de Barros de Alarcão; filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Maria da Silva, ambos naturaes de S. Paulo; e ella irmã direita do capitão-mór povoador, e fundador da villa da ilha de Santa Catharina, Francisco Dias Velho, para onde sahiu de S. Paulo a fundar esta villa a 18 de Abril de 1662. Neto por parte paterna de Domingos Machado Jacome, natural da Ilha Terceira (filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, da dita Ilha Terceira; filha de Ignacio de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, chamada a rica. Em titulo de Machados, da Ilha Terceira), e de sua primeira mulher D. Catharina de

Barros, natural de S. Paulo, filha de D. Jorge de Barros Fajardo, natural de Ponte Vedra do reino de Galiza, que falleceu em S. Paulo com testamento em 1615, e de sua mulher D. Anna Maciel, natural da Villa de Vianna do Minho, donde já veio casada para S. Paulo, em companhia de seus irmãos e irmãs com seus pais João Maciel, e Paula Camacho. Da transmigração d'este João Maciel para o Brasil e da qualidade de sua nobreza consta por documentos e certidões genealogicas, no juizo do cível da cõrte de Lisboa, em uns autos de justificação de Domingos Antunes Maciel, processados no anno de 1756 no cartorio das habilitações do reino (Cartorio de orph. da cidade de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra C. n.º 46 o de Catharina de Barros, que falleceu com testamento a 9 de Setembro de 1667. E maço 2.º da letra I, inventario de D. Jorge de Barros Fajardo.) E pela parte paterna é neto o dito José Dias da Silva de Francisco Dias, que falleceu no sertão em 1645; filho de Pedro Dias, que foi leigo jesuita, vindo para S. Paulo no principio da sua fundação; e lhe foi relaxado o voto pelo P. geral S. Ignacio para effeito de poder casar com a filha do cacique Tevericá que depois se chamou Martin Affonso de Sousa, e sua filha tomou o nome de Maria da Grã em obsequio do P. Luiz da Grã, jesuita, que a baptizou. Por morte d'esta, casou segunda vez Pedro Dias com Antonia Gomes da Silva, natural da cidade de Braga, d'onde tinha vindo solteira com seus irmãos Simão Alves, Maria Affonso, Francisco Fernandes, e Isabel Gomes, na companhia de seus paes Pedro Gomes, e Maria Affonso, ambos naturaes de Braga, e um dos caesoes, que subiu a serra de Paranãapiacaba. E d'este segundo matrimonio teve Pedro Dias a Francisco Dias, que falleceu no sertão no anno de 1645 estando casado com Custodia Gonçalves, que falleceu em S. Paulo

com testamento a 5 de Fevereiro de 1681, a qual foi filha de Helena Gonçalves e de seu primeiro marido N. Penida; e esta Helena Gonçalves casou segunda vez com..... que estava viuvo de sua primeira mulher Antonia Gomes da Silva, a qual tambem estava viuva do seu primeiro marido dito Pedro Dias. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra F. n.º 17 o de Francisco Dias. E maço 1.º letra C. n.º 34 o de Custodia Gonçalves;) Foi este Pedro Dias da governança da terra, servindo repetidas vezes os cargos d'ella, e de juiz ordinario, como se vê nos livros e cadernos antigos do archivo da camara de S. Paulo, e falleceu com testamento a 10 de Novembro de 1590, declarando n'elle, que primeiro casára com Maria da Grã, filha do cacique Tavericá, e segunda vez com Antonia Gomes, filha de Pedro Gomes, e de sua mulher Maria Affonso, (Cartorio 1.º de notas de S. Paulo, caderno de notas, titulo Dezembro de 1590, fl. 10.)

Do matrimonio de D. Leonor Corrêa de Abreu, e José Dias da Silva nasceram em S. Paulo nove filhos.

6—1. Estevão Raposo da Silva, que occupou os cargos da republica como cidadão de S. Paulo, e tendo sido casado com sua parenta Joanna Corrêa da Silva, não teve filhos: ella falleceu em Pindamonhangaba sua patria, e elle em Villa Boa de Goyazes.

6—2. Pedro Dias Leite, falleceu solteiro.

6—3. Francisco Dias, falleceu solteiro nas minas do Maranhão, capitania de Goyazes.

6—4. João Leite da Silva, falleceu no passo do rio Iguatemy, no assalto que lhe deu o formidavel corpo do gentio montêz, estando elle esperando conducta para passar á villa de Curamatim para d'ella ir a cidade do Paraguay com uma carregação de ouros lacrados, e peças de

diamantes e topasios, em cujo negocio interessava D. Francisco Sanches Franco, castelhano europeu, que residia na dita cidade, e tinha para o ingresso d'este contrahendo as circumstancias do vinculo da alliança com o secretario d'aquelle governo, que era seu cunhado, e com esta infelicidade se mallogrou a negociação, que a ser felizmente introduzida, ficaria por este modo facilitado o meio de correspondencia entre os moradores de S. Paulo e da cidade do Paraguay. Foi João Leite da Silva muito estimado pelas suas excellentes qualidades, e foi cidadão de S. Paulo e fiscal da real casa da fundição.

6—5 Ignacio Dias Paes. Foi sargento-mór da comarca de Villa Boa de Goyazes, onde foi um dos seus primeiros juizes ordinarios. Falleceu nas minas novas de Thesouras, indo a ellas fazer partilha das terras mineraes. Foi casado com D. Joanna de Gusmão, natural da villa de Parnahyba: filha de Bartholomeu Bueno da Silva, capitão-mór regente e superintendente com jurisdicção no crime e civil das minas de Goyazes, das quaes tinha sido o seu descobridor com concurso de seu genro o guarda-mór João Leite da Silva, e de sua mulher D. Joanna de Gusmão; em titulo de Buenos; e n'este de Lemes, cap. 5º § 5º n. . E teve dez filhos.

7—1 José Dias Paes. (\*Passou-se de Villa Boa de Goyazes para o Cuyabá onde vivia até o anno de 1792 e alli tinha casado com D. Anna Theresa de. . . . .)

7—2 Alexandre de Gusmão da Silva Leite, soldado dragão de Villa Boa. Passou-se para o Cuyabá no anno de 1786 ou 87, casado, e situou-se com roça, e tem geração.

7—3 Ignacio Dias Paes, soldado dragão de Villa Boa.

7—4 Antonio Bueno de Gusmão, soldado dragão da mesma capitania.

7—5 Manoel Dias Paes, solteiro.

7—6 João Leite da Silva, solteiro.

7—7 Francisco Dias Paes. Vivia em companhia de seu irmão José Dias Paes, no Cuyabá, d'onde passou em mesma companhia para o Rio de Janeiro a concluir os seus estudos e ordenar-se ; o que com effeito conseguiu, e retirou-se presbytero para o Cuyabá em 1798.

7—8 D. Leonor Corrêa de Abreu, existe solteira no Cuyabá em companhia de seu irmão José Dias Paes.

7—9 D. Anna de Gusmão, casada com João Gaude Ley, alferes da companhia de soldados venturoiros da Villa Boa, natural da villa de Paraty.

7—10 D. Violante Barbosa de Gusmão, casou com Manoel Nunes de Brito Leme, filho do capitão Manoel Nunes Barbosa, natural da villa de Guaratinguetá, republicano de Villa Boa onde tem servido os cargos da republica e foi d'ella juiz ordinario. Manoel Nunes de Brito Lemes, tenente de auxiliares da villa do Cuyabá falleceu alli no anno de 1794, casado segunda vez com D. Custodia.

6—7 D. Theresa Corrêa da Silva Leite, foi casada com seu parente Bento de Barros Fajardo, natural de S. Paulo, e na matriz d'ella a 26 de Agosto de 1702 ; filho de Ignacio Vieira, e de sua mulher Maria Rebello. E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo.

7—1 Ignacio Vieira Barros, existe na villa de Pitanguy.

7—2 José Manoel Vieira Barros, casou com..... filha de José de Aguirre.

7—3 Bento Vieira de Barros Fajardo, solteiro.

7—4 D. Anna Theresa de Barros, solteira em Villa Boa.

6—8 D. Maria Leite da Silva, que existe n'este anno de 1766, viuva de José Alvares Fidalgo, natural da villa de Freixo de Espada a Cinta, em cuja matriz foi baptizado



a 22 de Fevereiro de 1677, filho de João Fernandes Fidalgo e de sua mulher Catharina Alvares, como vimos da certidão de banhos em fórma passada pelo reverendo Dr. Francisco Pereira Lima, capellão fidalgo de Sua Magestade, vigario geral, juiz dos casamentos, etc. da comarca da Torre de Moncorvo a 11 de Novembro de 1733. O dito José Alvares Fidalgo, foi irmão inteiro do padre José de Faria, capellão da collegiada da villa de Freixo, onde justificou e provou o seguinte, de que se lhe passou instrumento de nobilitate, que se acha registrado na camara da cidade de S. Paulo, no livro de registro geral pelo escrivão João da Silva Machado no anno de 1764: Que era filho de João Fernandes Fidalgo, pessoa da governança da villa de Freixo por si e seus avós, e de sua mulher Catharina Alvares, ambos naturaes da dita villa. Neto por parte paterna de Manoel Rodrigues, pessoa da governança da terra, e de sua mulher Maria Fernandes Fidalgo, ambos de Freixo. E pela materna, neto de Francisco Alvares, natural da villa de Almendra, pessoa de tratamento e nobreza, com fazendas proprias e moradas de casas de sobrado; e de sua mulher Leonor Foão, natural da villa de Freixo. O que tudo consta melhor do instrumento de abonação mencionado, cujos autos foram processados em 1730 pelo escrivão da villa de Freixo Valentim Varejão Pimentel, sendo juiz de fóra o Dr. Diogo Guedes de Siqueira, que proferiu a sua sentença a 9 de Dezembro do anno de 1730, de que se passou instrumento em 12 de Abril de 1734, justificado em Lisboa por India e Mina pelo Dr. Gonçalo José da Silveira Preto. Falleceu o dito José Alvares Fidalgo, em Villa Boa de Goyazes, tendo sido cidadão da cidade de S. Paulo, em cuja camara tinha servido os cargos d'ella. E teve nascidos em S. Paulo nove filhos.

7—1 João Leito Alvares Fidalgo, casou na matriz de

Villa Boa de Goyazes com D. Brites Leonor do Amaral Coutinho, filha do coronel Francisco do Amaral Coutinho e de sua mulher D. Catharina Leonor de Aguiar, de quem fazemos mais larga menção n'este mesmo titulo e § 5º nos filhos do n. 2—5 ao n. 3—7. D. Potencia Leite, mulher de Manoel Carvalho de Aguiar.

7—2 José Alvares da Silva, que mallogrando os estudos que teve de grammatica latina e philosophia, em que tomou o grão de mestre em artes, não quiz seguir o estado de sacerdote, e se conservou solteiro n'este anno de 1766 em Villa Boa de Goyazes para onde passou.

7—3 D. Quiteria Bellisarda da Silva Leite, foi casada na matriz de S. Paulo com Francisco Angelo Xavier de Aguirre, natural e cidadão de S. Paulo, onde tomou o grão de mestre em artes, e depois por letras apostolicas o de doutor em theologia e em direito canonico e civil. Viuvando se ordenou de clérigo, e existe vigario da villa de Paraty este anno de 1766: filho de Fernando de Aguirre do Amaral e de sua mulher Maria de Lima de Siqueira; em titulo de Aguirres, e em titulo de Moraes, ou em titulo de Barbosas Limas. E tem varios filhos varões e filhas já casadas na matriz de Villa Boa de Goyazes.

7—4 D. Leonor Jacintha Alvares Fidalgo, falleceu solteira em 1744.

7—5 D. Catharina Alvares Fidalgo, que existe viuva de Bento do Amaral da Silva, cidadão de S. Paulo, que foi morto por um facinoroso homisiado a quem ia prender, sendo juiz ordinario da cidade de S. Paulo, como temos referido em titulo de Taques Pompéos, § 3º do n. 2—1 a n. 3—5 ao n. 4—2.

7—6 D. Maria Violante, casou em Villa Boa de Goyaz com Fernando José Leal, sargento-mór das ordenanças

da cidade de S. Paulo, por patente de D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general da capitania de S. Paulo.

7—7 D. Anna do O' da Silva Leite, casou na matriz de Villa Boa de Goyaz com Belchior da Silva, natural da villa de Vianna do Minho.

7—8 Francisco Xavier Alves, fidalgo, existe solteiro.

7—9 D. Escolastica Maria da Silva Leite, existe em S. Paulo, solteira, na companhia de sua mãe, este anno de 1766.

6—9 D. Roza Maria da Silva, casou na matriz de S. Paulo com José Bonifacio de Andrade, natural da villa de Santos, que passando para a universidade de Coimbra, estudou medicina, e n'esta faculdade se formou, foi medico de grande nota, e do presidio da praça de Santos, filho de José Ribeiro de Andrade, coronel das ordenanças das villas de S. Vicente e Santos, e de sua mulher D. Anna da Silva Borges, natural de Santos, irmã direita do padre mestre Fr. Boaventura, que sendo religioso franciscano, se passou para carmelita, e de fr. Manoel da Purificação, tambem carmelita, e outros. Foi o dito Dr. José Bonifacio, irmão direito do reverendo Dr. Thobias Ribeiro de Andrade, que acabou thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo, no anno de 1747, um dos maiores theologos, que teve o bispado todo, ainda comprehendendo as religiões que ha n'elle. Viuvando, se ordenou de clérigo o dito Dr. José Bonifacio de Andrade, e falleceu na villa de Santos sua patria com geral sentimento dos que ficaram experimentando a sua falta, por se ter constituido um medico de grande experiencia e igual sciencia. E teve do seu matrimonio filha unica.

7— D. Maria, que tendo bexigas em tenros annos, perdeu os olhos a effeitos do veneno d'esta maligna enfermidade : existe.

4—4 D. Lucrecia Leme, (filha de D. Isabel Paes da Silva do n. 3—7, e de seu segundo marido o capitão Simão Ferreira Delgado), casou com José de Godoy, natural de S. Paulo, e nasceu a 14 de Abril de 1753, que depois de viuvo se ordenou na cidade da Bahia de presbytero de S. Pedro, e ficou morando na mesma Bahia, onde na villa da Cachoeira teve oppulentas fazendas de fabricas de tabaco, de qua testou um grande cabedal; foi filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua segunda mulher Anna Lopes; em titulo de Godoy § 3.º D. Lucrecia Leme falleceu em S. Paulo no anno de 1681, como se vê no cartorio de orphãos d'esta cidade no maço 1.º de inventarios, letra L n. 32, o de D. Lucrecia Leme. E teve filha unica nascida em S. Paulo.

5— D. Maria Leme das Neves, casou na matriz de S. Paulo, aos 8 de Abril de 1698, com Timotheo Corrêa de Góes, terceiro provedor proprietario, e contador da F. R. da capitania, que serviu por espaço de mais de 40 annos, sendo tambem juiz da altandega da praça de Santos, e vedor da gente de guerra do presidio d'ella. Este paulista foi um dos grandes provedores, que teve a real fazenda no estado do Brasil, porque o zelo, e a inteireza foram virtudes inseparaveis da sua grande capacidade. Soube praticar a rectidão com a benignidade, sem jámais admitir alteração no animo, nem corruptibilidade á sua assás reconhecida limpeza de mãos, cujos relevantes serviços foram bem aceitos em todo o tempo do seu ministerio pelos superiores ministros da provedoria mór do Estado do Brasil, seus vice-reis, e pelos conselheiros do conselho ultramarino, a cujo tribunal enviava todos os annos relação da receita e despesa da sua provedoria. Foi bem instruido na grammatica latina, com claro discernimento, e igual esphera para toda a comprehensão. A capacidade

TOMO XXXV, P. I. 37

se lhe adiantou aos annos, de sorte que, antes de completar os 14 de idade, tomou posse do officio de provedor contador, e juiz da alfandega, que na sua menor idade serviram alguns sujeitos de bom nome, nomeados por sua mãe D. Angela de Siqueira, a quem a magestade do Sr. rei D. Affonso VI concedeu o honroso privilegio por seu alvará (Consta do registro da provedoria de Santos) datado a . . . . de 16. . . . de que durante a menor idade de seu filho Timotheo, herdeiro do officio de provedor, e contador da F. R., fosse ella D. Angela de Siqueira, quem nomeasse a pessoa, que houvesse de servir o dito officio, como se vê do mesmo alvará.

Mereceu Timotheo Corrêa de Goes conseguir um geral conceito, de que casára conservando ainda a virtude da continencia, que d'antes a não estragára para agora chegar ao thalamo sacramental com esta limpeza e pureza de costumes, contra o commum flagello a que se arrebatava pelo ardor dos annos a concupiscencia. Ficou viuvo quando ainda o vigor dos mesmos annos o podiam conduzir ao aceitar um de tantos casamentos que se lhe propuzeram; porém a sua grande capacidade fez obviar todos os interesses de avultados dotes para não aceitar o jugo de segundas nupcias, que sempre foi errado lance aos que como Timotheo Corrêa tinha tantos filhos para educar sem o disabor de terem por mãe uma madrastra. Com santa doutrina e perfeitas imagens de honra, e santo temor de Deus, creou e educou seus filhos de um e outro sexo, que por isso todos elles acreditaram ao depois estes documentos.

Entre algumas acções memoraveis acontecidas na capitania de S. Paulo no seculo decimo sexto, em que ainda a capitania se chamava de S. Vicente, por ser esta villa a primeira que fundou o donatario d'ella Martim Affonso de Sousa pelos annos de 1531, e era governada por capitães-

móres, subordinados ao governador geral da Bahia com plena jurisdição para proverem todos os officiaes de justiça e fazenda, e postos militares até o de mestre de campo, e ainda o de ouvidor da comarca; foi celebre o rompimento acontecido na villa de Santos poucos dias depois de haver tomado posse Timotheo Corrêa de Góes, e foi o caso.

Estava D. Angela de Siqueira, mãe do provedor Timotheo Corrêa, já casada com Pedro Taques de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa real, que tinha occupado o mesmo cargo de provedor contador, e juiz da alfandega por nomeação da propria mulher pelo privilegio que a ella tinha para isto concedido o Sr. D. Affonso VI; e d'antes tinha sido o sargento-mór pago da fortaleza da Vera Cruz da Itapêmma da praça de Santos, de cujo emprego passou a capitão-mór governador da capitania com soldo: em titulo de Taques § 3.º Foram de S. Paulo com grande roda de parentes acompanhar a Timotheo Corrêa, que ia tomar posse na villa de Santos da propriedade do seu officio de provedor e contador da F. real, e juiz da alfandega do porto d'aquella villa. Este acto teve effeito..... E por que estava chegada a festa da paschoa da ressurreição, se recolheram a S. Paulo; e o provedor deixou ao seu escrivão, que era..... com commissão para despachar as cargas, que viessem para a casa da alfandega, na forma do regimento da fazenda. Estando já todos em S. Paulo, entrou no porto de Santos uma embarcação, vinda da cidade do Rio de Janeiro, e os moveis, que entram para o despacho da alfandega, pagam por marco 480, que se distribuem com igualdade pelo juiz, escrivão e meirinho da dita alfandega. Pertencia a um José Pinheiro, homem casado e morador da villa de Santos. (Este veio a ser sogro de Manoel Gonçalves



de Aguiar, que sendo sargento-mór da comarca com 80\$ de ordenado, conseguiu ter jurisdição na infantaria do presidio d'aquella praça, acabou com patente de tenente general ad honorem, e foi pessoa de tratamento, cabedaes, e respeito, que encapellou os bens a capella de Nossa Senhora das Neves, cuja administração e herança do usufructo d'estes bens, que se compoem de moradas de casas, numerosa escravatura, e fazendas copiosas de gados vaccuns nos campos geraes da Coritiba, deixou a D. Maria Gomes Palheira, mulher do Dr. Gaspar da Rocha Pereira, que tinha sido juiz de fóra, orphãos, e provedor dos ausentes, da mesma villa de Santos, e acabou intendente da real casa dos quintos de Minas Geraes na comarca do Rio das Mortes. (uma caixa, por cuja marca devia pagar os 480 rs. como fica referido.) Considerando José Pinheiro, que o novo provedor, e juiz da alfandega era um menino pelos seus poucos annos, e se achava ausente em S. Paulo, com resolução de despotismo tirou a caixa, que pelo seu limitado volume podia caber debaixo do braço, e não quiz pagar os 480 rs. D'este procedimento deu o escrivão conta ao provedor Timotheo Corrêa de Goes, e considerada esta acção com as circumstancias que se deviam acautelar para o futuro, por sua mãe D. Angela de Siqueira, que pela sua grande prudencia e capacidade podia ter voto na materia, e tomando a si as providencias do caso seu padrasto o capitão mór Pedro Taques de Almeida, mandou o provedor ao escrivão e meirinho, que recolhessem á enxovia da cadeia de Santos ao culpado José Pinheiro. Executou-se a ordem, porém o preso era protegido de seu compadre Diogo Pinto de Rego, pessoa da maior autoridade d'aquella villa (n'ella se achava casado, e estabelecido com grandes cabedaes, e applaudido de igual respeito, não só pela distincta qualidade e nobreza, mas também revestido dos merecimen-



tos de ter sido capitão-mór governador da capitania, em cujo posto tinha vindo provido por Sua Magestade, a quem havia servido nas tropas das fronteiras do reino, por patente datada em 2 de Janeiro do anno de 1677, de que fazemos larga menção em título de Guerras), que arrebatado para a protecção não discorreu no attentado, que executava. Foi em pessoa á cadeia, e mandou ao carcereiro d'ella, que abrisse as portas do carcere, e pozesse em liberdade ao preso José Pinheiro, que o mandou para casa.

Este procedimento assáz escandaloso pelo despotismo, accendeu os animos não só do capitão-mór Pedro Teques de Almeida, em attenção ao seu enteado o provedor Timotheo Corrêa, mas aos parentes do mesmo provedor, entre os quaes eram os irmãos de seu avô materno os mais poderosos e potentados, como Fernão Paes de Barros, Pedro Vaz de Barros, Antonio Pedroso de Barros, e outros, que unidos faziam uma grande roda. Entre todos se considerou com seria reflexão o ponto, e se assentou, que o provedor, como de tenros annos, não ficava bem, se esta injuria se supportasse sem a necessaria demonstração de justiça, que merecia a culpa commettida. Determinaram que passada a festa da paschoa, baixasse o provedor a Santos, acompanhado do proprio padraсто, e parentes de autoridade, que lhe sustentassem a jurisdicção, e o respeito, e fesses castigados os réos conforme o direito.

D'esta determinação teve promptos avisos o capitão-mór Diogo Pinto do Rego, que discorrendo lhe ficava abandonado o respeito e autoridade, tomou a resolução de declarar-se com animo constante a sustentar um rompimento, sem lhe embarçar as circumstancias funestas, que se originavam do seu inconsiderado desacordo. As casas da sua morada, que eram de sobrado com quatro salas de largura, tinham a frente para a rua, que corre do Carmo até

o lugar a que chamam Quatro Cantos, e os fundos acabavam no Campo da Misericórdia em lugar aberto e raso, que se estende até o sitio das fraldas do Montserrate, onde hoje se vê a fonte do Sororão, obra do governador Manoel Gomes Barbosa, que serve com suas excellentes, e diureticas aguas para remedio e pasto de todos os moradores. N'ellas se fortificou o capitão-mór Diogo Pinto, fazendo abrir nas paredes da frente, e dos fundos varias troneiras, em que introduziu arcabuzes para disparar quando os paulistas intentassem cercal-o. Forneceu-se de todo o necessario com agua e mantimentos para sustentar um largo assedio, cuja demora servisse de total remedio para os contrarios levantarem o sitio, e retirarem-se com a injuria de não conseguirem o menor effeito. Sendo recolhido a esta casa forte muita polvora e bala, com fartura de vive-res, e sustento de carnes seccas, e tudo quanto discorreu poderia carecer sem necessidade de abrir as portas para fornecer-se da praça; chegando os avisos do dia certo em que o provedor com as armas do seu grande partido, estaria na villa de Santos, se recolheu Diogo Pinto do Rego a sua nova Olivença, com sua filha herdeira D. Anna Pinto da Silva, com todos os seus apaniguados, mulatos escravos e pretos, de que tinha numero grande, e homens seus aggregados, destros na pontaria das escopetas e arcabuzes, e com o réo José Pinheiro seu compadre, causa total d'esta indiscreta resolução, cuja teima, não como filha do valor, sim como producto da barbaridade, pode vir a acabar em funesta ruina; em muito mais quando o dito capitão-mór cego, e surdo aos ecos de tantos amigos, parentes e religiosos, que lhe aconselhavam outro meio decbroso ao seu respeito, para tranquillidade da paz, em que já trabalhavam os interessados d'ella, se conservava teimoso a não ceder do destinado projecto, ou

para vencer com elle sustentando o cerco, ou para acabar a vida com todos os fortificados, se os contrarios por força d'armas, e multidão de gente o conseguissem.

Não se ignorava em S. Paulo a constante resolução do capitão-mór Diogo Pinto do Rego, e o fim que pretendia, fortificado em suas casas proprias, só por não sujeitar a prisão do seu companheiro José Pinheiro, a quem tinha posto em liberdade, com injuria da jurisdicção do provedor, que o havia mandado prender na cadeia publica d'aquella praça. Sem embargo da contingencia de vir a ficar bem, ou mal o provedor Timotheo Corrêa, por si, e com o partido de seu padraсто, tios, parentes e amigos poderosos em armas, e copioso numero de indios administrados, sahiu de S. Paulo um troço de mais de 500 homens, com um trem que formava na estrada e caminho de Santos um corpo de mais de mil pessoas. As primeiras eram o provedor Timotheo Corrêa na companhia de sua mai D. Angela de Siqueira e seu padraсто o capitão-mór Pedro Taques de Almeida com uma guarda de mais de 100 homens armados, Fernão Paes de Barros, com seus irmãos Pedro Vaz de Barros, Antonio Pedroso de Barros, que eram tios do provedor, por serem irmãos inteiros do capitão de infantaria Luiz Pedroso de Barros, de quem era filha D. Angela de Siqueira, mãe de Timotheo Corrêa de Goes; os briosos Pires Almeidas, como sobrinhos direitos do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, e eram elles Francisco de Almeida Lara, João Pires Rodrigues de Almeida, José Pires de Almeida, e Salvador Pires de Almeida e Pedro Taques Pires. A este corpo fazia grande numero de homens de valor, e resolução os sobrinhos direitos de D. Angela de Siqueira, Luiz Pedroso de Almeida, Antonio Pompêo Taques, José Pompêo de Almeida, Maximiano de Goes e Siqueira, Lourenço Castanho Taques, todos ir-

mãos. Avultava entre tanta gente o soccorro das armas, que marchavam a custa do grande Guilherme Pompéo de Almeida, escolhidos soldados da melhor nobreza da villa da Parnahyba, debaixo do commando do capitão-mór Pedro Frazão de Brito, filho do commendador Manoel de Brito Nogueira cunhado do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, por sua mulher D. Anna de Proença, irmã direita do dito capitão-mór. Todos estes paulistas eram capazes para uma facção digna de credito, se o valor de cada um d'elles se houvesse de disputar em batalha contra inimigos da corôa: porém n'esta occasião a mesma vaidade se quiz acreditar n'esta ostentação para fazerem ver ao capitão-mór Diogo Pinto do Rego com todos os do seu partido, que Timotheo Corrêa de Goes, ainda que menino nos annos, tinha parentes para lhe sustentarem o respeito pelo caracter, que tinha de ministro da Magestade como provedor da sua real fazenda.

Chegou em fim ao porto do Cubatão este grande troço de armas, e embarcaram para a villa de Santos no espaço de tres dias, com tres noites, as pessoas principaes d'elle, seguindo o caminho de terra pela villa de S. Vicente, por cuja estrada se recolheram a Santos todo o mais corpo de soldados e trem. Formaram-se barracas cobertas de palha ao pé do Montserrate, que seguiram a figura de tres linhas, que principiavam a estender-se do lugar e sitio, que hoje é a fonte do Sororôo até a fonte de S. Jeronimo em comprimento de tiro de mosquete. Este acampamento tinha a frente para os fundos da casa forte do capitão-mór Diogo Pinto do Rego, que com o animo bellico, posto que menos catholico, tinha a sua casa forte disposta com barris de polvora, para no caso de se ver rendido antes d'este vencimento fazer dar fogo a tudo, arrasarem-se casas, e todos quantos n'ella estivessem, com estrago geral

de todas as vidas. Forte barbaridade ! Os moradores da villa de Santos que estavam scientes d'esta indisculpavel resolução, sentindo o futuro damno alheio e proprio, procuraram pelos religiosos da maior autoridade capacitar ao capitão-mór Diogo Pinto do Rego, com a certeza de já estar o partido do provedor Timotheo Corrêa acampado, que desistisse da sua teima entregando o réo José Pinheiro e não quizesse arruinar-se a si, a sua casa e familia, e mais parentes do seu sequito. A todas as ponderações catholicas, e filhas da honra, do temor de Deus, e da obediencia de bom vassallo as leis do soberano, se ensurdecia Diogo Pinto do Rego. O provedor, com todos os do seu partido, o capitão-mór Pedro Taques, seu padrastrô, D. Angela de Siqueira sua mãe, tios, parentes e amigos da maior autoridade, tambem não cediam, protestando que o réo José Pinheiro havia de ser conduzido a cadêa, e posto na mesma enxovia de d'onde o tirára Diogo Pinto, e sem este procedimento era impraticavel qualquer outra providencia n'este caso.

Eram passados tres dias sem o menor effeito das embaixadas em que andavam os religiosos de Nossa Senhora do Carmo, de S. Francisco, e da companhia de Jesus, com as pessoas da maior autoridade, e respeito da villa de Santos, de uma para outra parte. Todo o troço, e corpo de soldados se achava postado no campo do Sororôo, na forma referida, porém sem acção de avançada, nem outro algum movimento d'armas. Reconheciam o partido desigual pela fortificação em que se achava Diogo Pinto do Rego, e com a casa toda minada de barris de polvora ; e nem se animavam a chegar em distancia, que as armas dos sitiados empregassem os tiros com pontaria certa, e seguro emprego contra as vidas dos contrarios. N'esta inacção occorreu o remedio a Domingos Dias da

Silva, primo irmão por afinidade do provedor Timotheo Corrêa, e irmão direito do preceptor Corrêa, que das cadeiras de Coimbra foi recolhido a casa da supplicação pelos annos de 1709, e acabou conselheiro ultramarino, substituindo o lugar de presidente d'este tribunal, depois da morte do conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora a 14 de Novembro de 1726 ; e ambos eram naturaes de S. Paulo. Domingos Dias da Silva andando de passeio, entrou no forte, que ainda hoje existe pegado ao collegio dos PP. jesuitas, e vendo n'elle nove peças de artilharia de grosso calibre, cavalgadas em carretas, recolheu-se com a sua premeditada idéa, e d'ella deu conta a seu tio o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, que aprovando-a, para logo puxou por um corpo de 100 homens indios de serviço, e as costas d'esta gente, descavalgadas as peças, as fez conduzir e tambem as carretas ; e assestando esta artilharia na frente do abarracamento com pontaria para a casa forte, que de antes era segura fortaleza ao partido do capitão-mór Diogo Pinto. A este se mandou um aviso por ultimo desengano com a proposta de que ou entregar o réo José Pinheiro para ser castigado a proporção do attendado commettido, ou dar-se fogo a toda a artilharia, e arrasar-se a casa com ruina de todas as vidas dos sujeitos fortificados n'ella. N'este lance reconheceu Diogo Pinto a sua inadvertencia, que lamentava com injuria da sua disciplina militar, tendo tanta experiencia da guerra adquirida no tempo que em as fronteiras de Portugal tinha, com distincta honra, occupado o ardor dos annos. Concorria muito para lhe capacitar o animo o zelo dos religiosos interessados a evadir uma total ruina com o estrago de tantas vidas e fazendas. Persuadiu-se como catholico, e rendeu-se como vassallo temente, e obediente a jurisdicção dos ministros do rei.

Entregue o réo José Pinheiro foi mandado recolher a enxovia da mesma cadêa, da qual tinha sido posto em liberdade pelo arrojo da inconsideração; carregando um grosso grilhão de ferro, que se lhe mandou deitar nos pés. Este castigo só durou o espaço de duas horas, no fim das quaes mandou o provedor pôr em liberdade ao preso para que se recolhesse solto para sua casa. O capitão-mór Diogo Pinto protestou toda a boa harmonia, e que a fazia praticar com os creditos da amizade, que o ardor de um lance arrebatado o tinha feito apartar d'ella, tendo-a estabelecido com o capitão-mór Pedro Taques de Almeida desde o tempo do seu casamento com D. Maria de Brito e Silva, parenta em grão prohibido com D. Angela de Siqueira, mãe do provedor Timotheo Corrêa. Celebrou-se esta reconciliação com o estrondo dos repiques dos sinos das torres e campanarios da villa de Santos, e na igreja dos reverendos carmelitas se cantou o *Te Deum* em acção de graças; e publicamente na mesma igreja se abraçaram uns e outros com demonstrações de não ficarem residuos, que fermentassem o menor incendio de futuro.

Todo este movimento pôz em respeito e autoridade a Timotheo Corrêa de Goes, com realce grande dos seus poucos annos. Continuou na administração do ministerio do seu officio, até que casando em 1698, como fica dito, fez total assento e residencia firme na villa de Santos, onde falleceu com geral sentimento d'aquelles moradores, e bem merecida saudade de seus irmãos e parentes de S. Paulo a...de....de 1732. Foi filho de Sebastião Fernandes Corrêa, natural de Refoyos de Ponte de Lima, freguezia de S. Eulalia, primeiro provedor e contador da fazenda real, proprietario da capitania de S. Paulo por mercê do Sr. rei D. João IV no anno de 1664, em remuneração dos relevantes serviços; e de sua mulher D. Anna Ribeiro,



natural de S. Paulo (Cartorio de Orphãos da villa de Santos, maço de inventarios, letra S, o de Sebastião Fernandes Corrêa com testamento ; e falleceu n'osta villa a 27 de Junho de 1658) Em titulo de Freitas,  $\approx$  2º n. 1—2. E pela parte materna, neto de Luiz Pedroso de Barros e de sua mulher D. Leonor de Siqueira, natural da cidade da Bahia; em titulo de Pedrosos Barros, § 5º no n.2—6 : neto de D. Luzia Leme.

E teve onze filhos nascidos na villa de Santos.

6—1 José de Godoy Moreira, herdeiro do officio de seu pai e avós, e foi quarto provedor e contador da fazenda real, proprietario, juiz da alfandega, auditor e vedor geral do presidio da praça de Santos, e conservador dos contratadores do sal e das baléas, foi familiar do santo officio, cuja medalha foi a que rompeu o véo a funebre impureza com que a maledicencia inimiga quiz ofuscar a pureza de sangue do padre José de Godoy Moreira com a macula de infecto. Sempre abandonou os casamentos que se lhe propuzeram, e elevado da teima do seu genio acabou solteiro com idade de mais de sessenta annos, vindo por este modo a vagar para a corôa um officio de tanta autoridade, e dependencia que andava na casa desde o anno de 1644 como fica referido.

6—2 D. Lucrecia Leme, casou com Bento de Oliveira Leitão, da nobre familia d'este appellido, que teve origem na capitania de S. Paulo em Antonio de Oliveira, cavalleiro fidalgo e primeiro capitão-mór governador locotenente do donatario Martim Affonso de Sousa pelos annos de 1538, e de sua mulher D. Genebra Leitão de Vasconcellos, com quem veiu já de Portugal, para um dos nobres povoadores da villa de S. Vicente, que foi a primeira que fundou na sua capitania o dito donatario d'ella Martim Affonso em 1531. Sem geração.

6—3 D. Gertrudes de Araujo Leme, falleceu solteira.

6—4 D. Francisca de Siqueira e Araujo, existe em 1767 solteira, maior de cincoenta annos.

6—5 D. Angela Maria de Siqueira e Araujo, foi casada com Domingos Fernandes Fortes, na matriz de Santos, natural da Ilha Terceira. E teve dois filhos.

7—1 O padre Domingos de Siqueira e Araujo, presbytero de S. Pedro.

7—2 João Francisco Regis, que seguindo os estudos de grammatica e philosophia, tomou o grão de mestre em artes, se conserva na capitania de Villa Boa de Goyazes, solteiro.

6—6 Francisco Xavier Corrêa, falleceu em S. Paulo, solteiro.

6—7 D. Leonor de Siqueira e Araujo, casou na matriz da villa de Santos, com o governador da praça d'ella João dos Santos Ala, cavalleiro professo da ordem de Santiago, e mestre de campo de um terço do presidio da cidade da Bahia. Não teve filhos.

6—8 D. Maria Leme, casou na matriz de Santos com José Galvão de Moura e Lacerda, moço fidalgo, capitão de infantaria da praça de Santos, natural da cidade de Lisboa, de onde tinha vindo em posto de ajudante da dita praça : falleceu de parto. E teve filho unico.

7—» José Pedro Galvão, que segue o real serviço.

6—9 Ignacio Xavier de Araujo, falleceu de bexigas, tendo acabado os estudos de philosophia do curso do padre mestre Nicoláo Tavares, no collegio de S. Paulo : mallogrou a morte as bem fundadas esperanças em que a todos tinha posto a grande viveza e engenho raro, com um memorião desmarcado de Ignacio Xavier de Araujo.

6—10 D. Isabel Caetano de Araujo, casou na matriz da villa de Santos com Diogo Pinto do Rego, cavalleiro fidalgo da casa real, mestre de campo dos auxiliares de S. Paulo, e proprietario do officio de escrivão da ouvidoria e correição da comarca da cidade de S. Paulo : em titulo de Guerras. E teve filha unica.

7—» D. Anna Maria Pinto da Silva, casou em S. Paulo com Antonio Fortes de Bustamante Sá Leme, doutor de capello e oppositor que foi ás cadeiras de Coimbra, de quem já temos tratado na descendencia do governador Fernão Dias Paes.

6—11 João de Goes e Araujo, existe tenente de infantaria do presidio da praça de Santos, casado em 1746 na matriz de S. Paulo com sua parenta D. Anna Ribeiro Pedroso Leite, filha de Antonio da Fonseca Paes e de sua mulher D. Maria Pedroso Leite : em titulo de Mirandas ou na geração de D. Leonor Leme, mulher de Simão Borges Cerqueira, moço da camara d'el-rei. E teve filhos.

7—1 D. Anna Euphrasia.

7—2 José Joaquim.

7—3 João de Goes.

7—4 Francisco Manoel.

7—5 D. Maria Joaquina.

4—5 D. Sebastiana Paes Leme, (filha de D. Isabel Paes e de seu segundo marido o capitão Simão Ferreira Delgado, do n. 3—7) casou com Antonio do Rego de Sá, natural da ilha de S. Miguel, em quem temos fallado retro no n. 4—2 de D. Potencia Leite, meia irmã d'esta D. Sebastiana Paes Leme, que falleceu em 1709 sem filhos, indo para a ilha de S. Miguel com seu marido.

4—6 D. Anna Ferreira Tourinho, falleceu solteira em S. Paulo com avançada idade, que passou de seculo. Ti-

nha sido tratada para casar com o capitão-mór Jeronymo Tavares de Arruda, irmão direito de Antonio do Rego de Sá, e não teve effeito este contrato, porque D. Anna Ferreira tinha feito eleição do estado de celibato. O grande cabedal, que tinha no cofre dos orphãos da cidade da Bahia, esta senhora como herdeira por seu pai de D. Maria Braz Reis, sua avó, outorgou procuração bastante geral, e especial a seu cunhado Antonio Corrêa de Sá para o receber na Bahia do juizo de orphãos : assim se verificou ; e como Antonio do Rego de Sá embarcou para a ilha de S. Miguel logo levou comsigo o grande cabedal de sua cunhada D. Anna Ferreira, e nunca jamais ajustou esta conta, que com o tempo e pela distancia se perdeu tudo, e falleceu Antonio do Rego com este encargo se não é que declarando-o em testamento, faltou a satisfação o seu testamenteiro, como actualmente assim acontece aos que deixam as restituições para seus testamenteiros cumprirem.

3-7 D. Potencia Leite, (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5º) cuja infeliz morte, com todas as circumstancias d'ella, temos tratado em titulo de Taques Pompêos, § 1.º Segunda vez casou com Manoel Carvalho de Aguiar, irmão inteiro do capitão de infantaria Francisco Barbosa de Aguiar, cuja nobreza, seus empregos e brazão de suas armas, temos tratado em titulo de Moraes Antas, § 3º, na descendencia do n. 2-2 ao n. 3-5 para o n. 4-5. E teve nascidos em S. Paulo quatro filhos.

4-1 João Carvalho da Silva Aguiar.

4-2 D. Isabel Barbara da Silva.

4-3 Manoel Carvalho de Aguiar.

4-4 D. Maria Leite, mulher do capitão-mór Manoel Bueno da Fonseca.

4-1 João Carvalho da Silva, cidadão de S. Paulo que occupou os cargos da sua republica, foi sargento-mór do

terço de auxiliares ; teve as estimações que soube conseguir a sua docilidade, e a gradação do seu distincto nascimento. Possuiu os bens da fortuna, sem inveja aos opulentos do seu tempo ; porém na variedade que o mesmo tempo costuma produzir, encontrou os efeitos do destino, que no Brasil anda annexo aos homens nobres pela desigualdade dos empregos para com o negocio e commercio augmentar-se a fazenda. Estimulado da grandeza do ouro das novas minas do Cuyabá, se dispóz com numerosa escravatura para a extracção do mesmo ouro ; porém n'esta jornada a mais arriscada pelo precipicio das grandes cachoeiras, que ha nos rios d'esta navegação, voltou-se a roda a que chamamos da fortuna, e emborçando-se-lhe algumas canôas da sua conducta, lamentou antes de chegar ás minas, castigada a resolução que tomára de deixar o estabelecimento da patria para passar á minas ainda não estabelecidas no anno 1721. O golpe foi grande por ser muito avultado o prejuizo. Emfim chegou ao Cuyabá, onde a peste que ateou pelo veneno da inundação d'aquelles rios, que no tempo das aguas cobrem as suas dilatadas vargens, perdeu quasi todos os escravos, e se impossibilitou para com o serviço d'elles, lucrosos thesouros que o conduziram a aquelles sertões a custa de tão excessiva despeza, ricos de vida e tolerancia das incommodidades, além da contingencia dos assaltos dos barbaros gentios de diversas nações, a cujas forças tem perecido tantas vidas, quantos até hoje lamentam muitas casas, que se destruíram á violencia d'estes inimigos. Já n'este tempo era viuvo o sargento-mór João Carvalho de Silva, com a felicidade de não ter filhos, que lhe occupassem a memoria sobre o estado que lhes devia dar com correspondencia a qualidade d'elles. Casou na matriz de S. Paulo a 15 de Abril de 1697 com D. Maria Bueno, irmã

inteira de Manoel da Fonseca Bueno, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór governador da capitania de S. Paulo : em titulo de Buenos, na descendencia do § 1º n. 2—8. Acabou-se-lhe a descendencia.

4—2 D. Isabel Barbara da Silva, casou com o mestre de campo Domingos da Silva Bueno: em titulo de Buenos, cap. 1º do § 4º n. 3—5, com sua descendencia.

4—3 Manoel Carvalho de Aguiar, foi cidadão de S. Paulo, onde muitas vezes occupou os cargos da republica, e o de juiz ordinario e orphãos. Falleceu no anno de 1752 na cidade de S. Paulo com avançada idade. Foi casado com D. Francisca da Silva Teixeira, que falleceu de bexigas no anno de 1731, natural da villa de Santos, filha do capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo : em titulo de Buenos, cap. 1º § 4º no n. 3—6. E teve dez filhos naturais de S. Paulo.

5—1 D. Potencia Leite de Aguiar, casou tres vezes ; a primeira, com Raphael Carvalho. Sem geração. A segunda, com Braz Martins de Andrade, de quem teve filha unica, natural da villa de Santos, chamada D. . . . . que casou nas minas de Goyazes. A terceira vez casou na cidade de S. Paulo com o sargento-mór Antonio Sarmenha. Sem geração.

5—2 D. Maria da Silva Leite, que ainda existe em 1766 : casou duas vezes ; a primeira com Gaspar de Mattos, na matriz de S. Paulo a . . . de . . . . de 17 natural da villa de Aguiar. O dito Gaspar de Mattos, foi filho de Sebastião de Mattos, natural do lugar de Parada, freguezia de Santiago de Sotela, e de sua mulher Isabel de Araujo, da freguezia de Nozedeo, como consta do assento do seu casamento na matriz de S. Paulo ; e muito melhor nos autos de *genere* de seu filho o reverendo Dr. Bento Casetano, de quem abaixo fazemos menção ; e dos

autos de *genere* do padre Antonio Xavier de Mattos, ambos na camara episcopal de S. Paulo. Segunda vez casou D. Maria da Silva Leite na matriz da mesma cidade com José da Silva Ferraz, que acabou cavalleiro professo da ordem de Christo, cidadão de S. Paulo, onde occupou os cargos da republica, e foi juiz ordinario duas vezes : era irmão inteiro de Bernardo da Silva Ferraz, professo da ordem de Christo, que acabou tenente-general da capitania da Villa-Rica, que era casado com uma irmã do Exm. e Rmo. bispo de Ariopoli, D. João de Rixas, religioso beneditino da provincia do Brasil. E teve.

Do 1.º matrimonio.

- 6—1. D. Escolastica Maria de Mattos.
- 6—2. D. Francisca Xavier Maria de Mattos.
- 6—3. Bento Caetano Leite.
- 6—4. Gaspar de Mattos.
- 6—5. D. Maria Caetana da Assumpção e Mattos.
- 6—6. F. e R., que falleceram meninos de tenra idade.

Do 2.º matrimonio.

- 6—7. Antonio Bernardo da Silva Ferrão.
- 6—8. João José da Silva Ferrão.
- 6—1. D. Escolastica Maria de Macedo, casou na matriz de S. Paulo a . . . de . . . . . de 1730 com Manoel de Macedo, natural de . . . . .
- 5—3. D. Isabel Ribeiro de Aguiar, existe em 1766, moradora da villa de Santos, foi casada com Antonio Gonçalves Figueira, natural da mesma praça. Pela carta patente, que teve de capitão de infantaria da ordenança dos moradores do sitio e barra da fortaleza da Bertioga, datada em



5 de Maio de 1729, registrada na secretaria do governo, e capitania de S. Paulo, no liv. 3.º do registro geral fl. 120 v. consta, que o dito capitão é das principaes familias da dita capitania, e que havia servido a S. Magestade em praça de soldado, e alferes de infantaria do terço, que se formou em S. Paulo no anno de 1689, do qual fôra mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e que por ordem real passára para o sertão e campanha do Rio Grande do districto de Pernambuco a castigar o barbaro gentio pelas mortes e insultos, que executavam contra os moradores d'aquelle vasto sertão, levando doze arcabuzeiros, dos mais destros no manejo das armas de fogo, seus escravos; e com elles acudiu em pessoa em todas as occasiões que se offereceram com grande valor, e igual obediencia. Que passando com o seu terço para o Rio Jaguariba, tendo o mestre de campo noticia, de que o gentio era muito numeroso, de sorte que bastava a multidão para se perder victoria, pela total desigualdade do campo inimigo; estendeu-se até a capitania do Ceará, que assás gemia opprimida dos mesmos barbaros, querendo a um tempo acudir com limitadas forças, onde era mais evidente o perigo, se viu precisado a dividir-se, e foi bastante esta necessidade para o gentio inimigo dar um assalto formidavel contra o nosso campo, em que victorioso matou soldados e escravos; porem, que com a valorosa resistencia do Alferes Antonio Gonçalves Figueira, que n'aquella occasião fez vezes do mais destro e destemido cabo, recebêra o mesmo gentio um grande estrago. Que fôra mandado de soccorro á ordem do governador João Amaro Maciel Parente ao Ceará, onde assistiu até retirar-se por ordem do seu mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e que fazendo uma entrada ao gentio bravo da campanha do rio em 12 de Novembro de 1693, o obrigára a recolher-se depois

com grande utilidade d'aquellas povoações , que em toda esta campanha desde o anno de 1689 até 25 de Abril de 1694, em que se retirou o dito mestre de campo Almeida, n'ella se portára sempre Antonio Gonçalves Figueira com honra, satisfação e valor. Elle foi o primeiro que levantou engenho no Rio de S. Francisco do sertão da Bahia, no sitio chamado Brejo Grande. Foi de animo tão forte, que só com nove pessoas conquistou duas nações de barbaros indios no sertão do Rio Pardo, supprindo as poucas forças com astucias e estratagemas, filhas da sua disciplina, em que foi soldado de fama ; e tão vigilante, que no decurso de cinco annos de campanha sempre dormiu calçado, para ser o primeiro que se achasse prompto na hora de qualquer rebate. Descobriu a sua custa os dois sertões e ribeiras do Rio Verde e Rio Pardo ; este no districto das Minas Novas do Fanado, e aquelle no serro do Frio, que estão povoados com mais de cem fazendas e curraes de gados vaccuns, bestas cavallares, e alguns engenhos. Na Ribeira do Rio Verde, foi senhor da fazenda da Iahiba, Olho d'agua e Montes Claros. Abriu caminho do rio de S. Francisco para a Ribeira, afim de que este sertão ficasse povoado com fazendas de gados em distancia de mais de sessenta leguas, tudo a sua custa. Descobertas as Minas Geraes fez transito de mais de quarenta de sertão da Ribeira para ditas minas do Rio das Velhas; e com este beneficio ficou estabelecida a communicação e commercio com grandes utilidades dos reaes direitos na capitania de Geraes. Foi dotado de móres virtudes, como as da honra, verdade e fidelidade, e limpeza de mãos ; e n'esta foi tão exacto, que já em avançada idade de annos costumava affirmar, que se não acordava de dever restituir a alguem, nem ainda um só real. Na sua patria serviu todos os cargos da republica: foi senhor da grande fazenda chamada Curuguatetá, que hoje

se conhece com a nomenclatura de Cárutara. Ainda se conservam as paredes de uma antiga casa forte, que os primeiros conquistadores d'aquella costa construíram com pedra e cal, janellas, portas e ninho de tijolo, com canhoneiras e setias para de dentro se defenderem do barbaro inimigo gentio : a fortaleza d'esta obra ainda se reconhece no presente tempo, porque criando-se em cima das paredes grandes arvores, não as têm opprimido o peso d'ellas, e existem como padrões que acreditam esta fortificação contra os annos, rigor dos invernos ha mais de dois seculos ; e a mesma obra se conservára illeza, se as innundações de um rio, que passa ao pé d'ella, não excavára os cimentos, que fez deitar abaixo a face, que corresponde ao dito rio. Com liberalidades sem competencia dispensou avultado cabedal na capella da ordem terceira do Carmo da villa de Santos, onde jubiloou com o character de prior d'ella successivamente muitos annos.

Foi o capitão Antonio Gonçalves Figueira, filho de Manoel Affonso Gaya, natural da villa de Santos, e de sua mulher Maria Gonçalves Figueira, natural da villa da Conceição de Itanhaë, que foi filha de Antonio Gonçalves Figueira e de sua mulher Ignez Lomim, os quaes foram sogros de Pedro de Figueiredo, moço da camara d'el-rei D. João III, como consta no cartorio da provedoria da fazenda no livro de registros de sesmarias, titulo 1609 fl. 7. E camara episcopal de S. Paulo, autos de genere de Manoel Affonso Gaya. O dito Manoel Affonso Gaya, foi capitão dos moradores da villa de Santos. Em tempo que ainda não era praça d'armas com presidio de infantaria paga ; e assim consta no archivo da camara d'ella no liv. 1.º de registros fl. 82. Serviu repetidas vezes os cargos da republica e o de juiz ordinario. Foi senhor de engenho na sua fazenda do Pirayquiguaçu. Em serviços da corôa, fez

varias entradas ao sertão de Parnaguá. Teve grande respeito e igual veneração, não só dos moradores da praça, mas tambem dos paulistas da primeira nobreza. Este merecimento fez conseguir pelo seu ardente zelo, que os padres da companhia de Jesus, que tinham sido lançados do collegio de S. Paulo em 13 de Julho de 1640 (Este successo e expulsão dos jesuitas temos tratado em titulo de Moraes), não passassem do seu collegio da villa de Santos; cujos religiosos reconhecendo o beneficio, o gratificaram com uma obrigação por escripto, para que o seu protector Manoel Affonso Gaya e seus legitimos descendentes tivessem jazigo proprio n'aquella igreja e suffragios como religiosos; e cedeu a furia dos paulistas ás rogativas do capitão Gaya, em cuja contemplação não foram logo embarcados os ditos reverendos, que depois vieram tambem a largar aquelle collegio. Este capitão Manoel Affonso Gaya, foi irmão inteiro do padre Pedro Nunes de Siqueira, que foi clérigo coadjutor da igreja matriz da villa de Santos, e de D. Catharina de Mendonça, mulher do Francisco Barbosa Sotto-Maior, cavalleiro professo da ordem de Christo, cuja nobreza e pureza de sangue consta nos autos de genere de seu filho Antonio Barbosa de Mendonça, na camara episcopal de S. Paulo, maço letra A: e foram filhos de outro Manoel Affonso Gaya, em quem teve principio a familia d'este appellido na villa de Santos, e de sua mulher Maria Nunes de Siqueira, da nobre e antiga familia dos Siqueiras Mendonças, da mesma villa, da qual são descendentes os Oliveiras Leitões por allianças de casamentos, e da mesma foi a mulher de Luiz Dias Leme, d'este titulo § 5º n. 2—7: como mostramos e consta tambem no cartorio dos orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra S, o de Salvador Nunes, filho do sobredito Manoel Affonso Gaya e Maria Nunes de Si-

queira, a qual foi filha de Pedro Nunes de Siqueira, nobre povoador da villa de Santos.

E teve de seu matrimonio n'esta villa de Santos, nove filhos.

6—1 Manoel Angelo Figueira, existe morador em Santos, onde tem servido varias vezes os cargos da republica e de juiz de fóra, como vereador mais velho : é sargento-mór das ordenanças d'aquella marinha por carta patente dos governadores da capitania do Rio de Janeiro, que succederam ao Exm. conde de Bobadella, governador e capitão general d'aquella capitania, e da de S. Paulo, datada no Rio de Janeiro no anno de 1763. Casou duas vezes : a primeira com sua tia em terceiro grão, D. Isabel Caetana Leite de Azevedo. Sem geração. Em titulo de Buenos : segunda vez casou com D. Rosa Jacintha da Silva, de quem já tem fructo.

6—2 D. Francisca Angela Xavier da Silva, foi casada com o ajudante Isidoro José, natural de Lisboa. Sem geração.

6—3 D. Maria Ignacia da Silva, mulher de Manoel de Andrada de Almada, natural da villa de Chaves, alferes de infantaria da praça de Santos, em cujo posto continúa o real serviço, destacado nas fronteiras do Rio Pardo e Rio Grande de S. Pedro do Sul, n'este anno de 1766. Com geração.

6—4 Miguel Gonçalves de Siqueira.

6—5 D. Domingas, falleceu solteira.

6—7 D. Rita, falleceu solteira.

6—8 José Antonio Gonçalves Figueira, continua o real serviço no presidio da praça de Santos, em praça de sargento do numero n'este anno de 1766. Solteiro.

6—9 D. Cordula Maria de Jesus, casou duas vezes : primeira com Luiz Ribeiro de Mendonça, de quem se ex-

tinguiu a geração : segunda vez casou com Salvador Gomes Ferreira, capitão das ordenanças da praça de Santos, e tem já filhos.

5—4. D. Catharina Magdalena Leonor de Aguiar, (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, n.º 4—3), casou na matriz de S. Paulo a 6 de Março de 1728 com o coronel Francisco do Amaral Coutinho, natural da cidade do Rio de Janeiro, cuja nobre qualidade é bem conhecida : falleceu em Villa Boa de Goyazes no anno de 17. . . , e nas ditas minas ficou até hoje sua mulher e filhos, por conta do grande estabelecimento em que se achava de lavras mineiras, e numerosa escravatura. Foi filho de Diogo Bravo de Menezes, e de sua mulher D. Brites de Azeredo Coutinho. Neto pela parte paterna de Bartholomeu Figueira da Silva; em titulo de Figueiras de Braga (irmão o dito Bartholomeu do doutor Diogo Bravo, que foi ouvidor de Bragança, e corregedor da comarca da Guarda; e irmão tambem do doutor Gaspar da Fonseca de Sousa, que foi ouvidor de Braga, provedor da Torre de Moncorvo e de Lamego; e irmão tambem de Simão Freire de Sousa, que foi servir a India; e de Francisco Figueira abbade de S.Christina, tudo em titulo de Figueiras de Braga); e de sua mulher D. Ursula do Amaral, natural da cidade do Rio de Janeiro; e bisneto de Geraldo Figueira da Silva, fidalgo da casa real, (irmão de Francisco de Figueira, provedor da comarca da Guarda, e de João da Guarda Figueira, e de Fernão Figueira da Silva), e de sua mulher D. Anna Bravo Coutinho. Ter-neto de Dom Diogo Figueira, que foi deão da sé de Braga pela renuncia, que n'elle fez seu primo D. Carlos; quarto-neto de Fernão Figueira, (irmão de Isabel Figueira, mulher de Heitor de Barros de Braçamonte, e de Diogo Figueira, commendador da ordem de Christo, e secretario do duque de Bragança D. Jaime), e de sua mu-

Iber Leonor Tomirronquilha, que era sobrinha do proto-notario Dom João da Guarda. Quinto neto de Lopo Figueira, natural da cidade de Toledo, que com sua mulher se passou a Portugal em 1486, e assentou casa em Braga : el-rei D. João II o houve por natural de Portugal, por carta passada em Santarem a 6 de Junho de 1486; e a sua mulher Isabel Dias Lamaya, natural da cidade de Toledo, filha de Affonso Dias Lamayo, mordomo-mór de D. João Manoel, que foi filho do infante D. Manoel, e neto d'el-rei D. Fernando VI, o qual foi pai d'el-rei D. Affonso o sabio. Tem o seu solar na villa de Lamayo; como tudo se vê melhor em titulo de Figueira de Braga: e vem a ser o dito coronel Francisco do Amaral Coutinho, sexto neto d'este Affonso Dias Lamayo, mordomo-mór de D. João Manoel acima referido. Por sua bis-avó dita D. Anna Bravo Coutinho, ter-neto de Simão Freire de Sousa, que foi capitão em Braga em tempo d'elrei D. Sebastião, e ficou captivo na infeliz batalha de Alcaçarquibir em 4 de Agosto de 1587 com os 80 fidalgos, que curtiram o mesmo destino; e de sua mulher D. Antonia de Fonseca, que foi legitimada, a qual era filha illegitima de Antonio da Fonseca Coutinho, arcediogo de Fonte-Arcada, filho de Dom Francisco da Fonseca: o dito capitão Simão Freire de Sousa, foi filho de Gregorio da Costa Sousa, que era filho de João Pereira de Andrade: tudo se vê melhor em titulo de Figueiras de Braga.

E teve o coronel Francisco do Amaral Coutinho duas filhas:

6—1 D. Brites Leonor Magdalena Coutinho e Aguiar.

6—2 D. Anna Joaquina do Amaral Coutinho.

6—1. D. Brites Leonor Magdalena Coutinho e Aguiar, casou em Villa Boa de Goyazes, com João Leite Alvarres Fidalgo, natural de S. Paulo, que n'aquella villa



tem servido os cargos da republica, e o de juiz ordinario, thesoureiro da real fazenda, em quem fallamos n'este § 5.º na descendencia do n.º 2—5 ao n.º 3—7, e d'elle ao n.º 4—3 ao n.º 5—12, nos netos de D. Leonor Corrêa de Abreu.

6—2. D. Anna Maria Joaquina de Jesus Menezes Coutinho, casou na Villa Boa dos Goyazes, com o doutor Antonio Mendes d'Almeida, estando servindo de intendente do ouro da real casa da fundição, e provedor da fazenda real d'aquella capitania, para cujo emprego veio provido, tendo acabado o lugar de ouvidor da villa do Crato; é natural da freguezia de Nossa Senhora do Pilar de Villa Rica, professo na ordem de Christo, filho de Ventura Rodrigues Velho, natural da cidade do Porto da freguezia de S. Nicoláo, e de sua mulher Cecilia Mendes de Almeida, natural de S. Paulo. Neto pela parte paterna de Manoel de Mesquita, natural da Villa Real, da rua de S. Margarida, freguezia de S. Pedro Velho, e de sua mulher Catharina Rodrigues, natural da freguezia de Santiago de Morquim, termo da villa de Barcellos; e pela parte materna, é neto de Manoel Mendes de Almeida, natural de Figueiró dos Vinhos, que foi capitão-mór das ordenanças da cidade de S. Paulo, feito por D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general de S. Paulo no anno de 1740; e de sua mulher Maria Gomes de Sá, natural da freguezia da Acuthia, termo de S. Paulo, (como se vê na camara episcopal de S. Paulo, autos de *genere* de Antonio Rodrigues de Almeida, sentenciados de *puritate* em 1752), que foi filha de Manoel Gomes de Sá; em titulo de Lopes Silvas, cap. 3.º

5—5. D. Anna Joaquina de Aguiar Silva, (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, n.º 4—3), existe moradora em Villa Boa de Goyazes; casou tres vezes: a primeira com João Ferreira dos Santos, natural e cidadão de S. Paulo, na

matriz da mesma cidade. Sem geração. Segunda vez, na mesma matriz com Antonio Xavier Garrido. Sem geração. Terceira vez na matriz de Villa Boa com Manoel de Araujo Vianna. Sem geração.

5—6. D. Escolastica Magdalena de Aguiar, casou na matriz de S. Paulo com o doutor Dom Manoel Garcez e Gralha, natural da cidade do Rio de Janeiro; sem geração: e se conserva no estado de viuva em Villa Boa de Goyazes, onde falleceu seu marido Dom Manoel Garcez, e ella tambem alli falleceu.

5—7. D. Gertrudes Maria de Aguiar e Silva, casou em Villa Boa de Goyazes com Manoel da Silva, natural da cidade do Rio de Janeiro, formado em medicina pela universidade de Coimbra, filho de . . . . .

5—8. Bento Carvalho Leite de Aguiar, falleceu de bexigas em 1731, mallogrando-se na flor dos annos as grandes esperanças, que havia dado pela docilidade do genio, e excellente grammatico latino : era o mimo dos seus naturaes e estranhos, porque de todos tinha adquirido um applauso affectuoso, que para isso convidavam as prendas de que era adornado. Teve gentil presença, com perfeita symetria de corpo, que no mesmo aspecto lhe inculcava uma alma nobre. Dos escolasticos do seu tempo nenhum o igualou, quanto mais exceder. A sua morte foi geralmente sentida, porque a estimação que havia conseguido era sem excepção de pessoa.

5—9. João Leite da Silva e Aguiar, falleceu de bexigas, mallogrando-se com a morte os estudos, em que já se achava adiantado, não só com perfeição da lingua latina, mas consummado philosopho, em cuja faculdade se não graduou de mestre em artes, porque a morte lhe atalhou estes e outros maiores empregos, que se esperavam da sua grande applicação e religioso procedimento, sem pagar tributo ao

ocio da mocidade, sendo aliás bem figurado, que não desmerecia os applausos de gentil.

5—10 Gaspar Teixeira de Azevedo, falleceu de bexigas, cujo mal em todos os tempos foi sempre venenoso para os filhos de Manoel Carvalho de Aguiar, e D. Francisca da Silva Teixeira, em quem principiou o damno no anno de 1731, como fica referido; e do mesmo contagio acabaram tres filhos, e tem acabado varios netos de um e outro sexo, como iremos vendo no decurso d'esta genealogia.

4—4 D. Maria Leite (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, e D. Potencia Leite do n. 3—7 :) casou com Manoel Bueno da Fonseca, natural da cidade de S. Paulo, professo da ordem de Christo, sem geração; em titulo de Buenos.

3—8 D. Veronica Dias Leite (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º n. 2—5: do cap. 5), casou com Manoel Ferraz de Araujo, natural da cidade do Porto da nobre familia dos Ferrazes Araujos, da capitania de S. Paulo, que são vindos da cidade do Porto, o qual foi irmão de João de Araujo Cabral, professo na ordem de Christo, que veio a S. Paulo pelos annos de 1656, em que seu irmão R. P. prégador geral fr. Jeronymo do Rosario, monge do patriarcha S. Bento; era presidente do mosteiro de S. Paulo, e subiu a D. abbade do mesmo mosteiro, sabindo eleito no triennio do Revm. D. abbade geral fr. Vicente Rangel no anno de 1659, como consta na secretaria da congregação do mosteiro de Tibães, no tom. 3.º dos livros, que chamam Bezerras. Estes tres irmãos foram filhos de Lourenço de Araujo Ferraz, e de sua mulher Brites Ribeiro da freguezia do Paço de Sousa. Netos por parte paterna de Jeronymo Ferraz, nobre cidadão da cidade do Porto, que foi filho de Domingos Ferraz; e pela parte materna, netos

de Bento Ribeiro, e de sua mulher Maria Moreira, e bisnetos de Manoel Fernandes Ribeiro, nobre cidadão do Porto. No livro velho dos assentos do noviciado de Tibães do anno de 1630 a fl. 11 consta, que a 24 de Julho de 1636, pelas 7 horas da tarde, sendo geral o Revm. padre fr. Manoel de Santa Cruz, tomára o habito fr. Jeronymo do Rosario. Tudo isto assim referido, veio por Memoria, que nos remetteu de Tibães o padre secretario d'aquella congregação. E pelos exames, que mandamos fazer na cidade do Porto consta, que Lourenço de Araujo Ferraz, foi alli vereador em 1690 com Miguel Pereira de Mello, com Miguel Alvo Brandão, Gonçalo Pinto Monteiro, e José Pinto Pereira, sendo escrivão do senado Manoel Pereira Guedes, Jeronymo Ferraz (pai de Lourenço de Araujo Ferraz); foi provedor da casa da Misericordia da cidade do Porto no anno de 1583. Manoel Fernandes Ribeiro (vis-avô de fr. Jeronymo do Rosario, e seus irmãos já referidos); foi vereador do senado do Porto em 1563, e 1565. Emfim da nobre familia dos Ferrazes Araujos, e Ribeiros, consta dos *Nobiliarios*, e de quem faz uma diffusa menção, deduzindo a origem d'esta familia, o padre Antonio Carvalho, na sua obra, titulo, *Corographia Portugueza*, em um dos seus tres tomos.

Em S. Paulo, como fica referido, casou Manoel Ferraz de Araujo com D. Veronica Dias Leite. E teve tres filhos.

4—1 Pedro Dias Leite.

4—2 Antonio Ferraz de Araujo.

4—3 Jeronymo Ferraz de Araujo.

4—1 Pedro Dias Leite, casou duas vezes: a primeira com Isabel de Campos; em titulo de Campos, cap. 11, com sua descendencia: segunda vez casou com Antonia de Arruda; em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1.º, §. . com sua descendencia.

4—2 Antonio Ferraz de Araujo, casou com Maria Pires Bueno, natural da villa de Parnahyba, irmã direita de Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, capitão-mór conquistador e descobridor das novas minas da Villa Boa de Goyazes. Em titulo de Buenos, cap. 2.<sup>o</sup>, § 2.<sup>o</sup>, n. 3—7. E teve nove filhos, naturaes da villa de Parnahyba.

5—1 Maria Pires de Araujo.

5—2 José Ferraz.

5—3 Isabel Cardoso Leite.

5—4 Manoel Ferraz de Araujo.

5—5 Veronica Dias Leite.

5—6 João de Araujo Ferraz.

5—7 Antonio Ferraz de Araujo.

5—8 Maria Leite de Araujo.

5—9 Domingos Leme da Silva.

3—9. D. Sebastiana Leite da Silva, (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.<sup>o</sup> d'este cap. 5.<sup>o</sup>) foi casada com Bento Pires Ribeiro, natural e cidadão de S. Paulo, que falleceu em 1669. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1.<sup>o</sup> de inventarios, letra B. n.<sup>o</sup> 20, inventario de Bento Pires Ribeiro) filho do capitão Salvador Pires, e de sua mulher a matrona D. Ignez Monteiro: em titulo de Alvarengas, § 2.<sup>o</sup>. Em titulo de Pires, § 5.<sup>o</sup>. Falleceu Sebastiana Leite da Silva em 1680.

E teve sete filhos nacionaes de S. Paulo.

4—1. Francisco Pires Ribeiro.

4—2. Bento Pires.

4—3. Paschoal Leite da Silva.

4—4. D. Ignez Monteiro da Silva.

4—5. D. Maria Leite, casou em Itú. Vide casamentos n.<sup>o</sup> 386.

4—6. Salvador Pires.

4—7. José Pires.

4 —1. Francisco Pires Ribeiro, tendo occupado os cargos da republica como cidadão de S. Paulo, fez varias entradas ao sertão a conquistar indios barbaros, e reduzil-os ao gremio da igreja. Adquiriu sciencia militar contra a guerra dos gentios. Foi muito celebre o ardil com que conseguiu nma grande redução, com credito da sua disciplina, utilidade propria e augmento da fé. Tendo posto em cerco uma populosa aldêa de gentios, fez vir ao cacique d'aquella nação (com antecedencia havia disposto em varias vasilhas a agua ardente de canna, da qual ainda os gentios não tinham conhecimento algum) a sua presença, e como pratico no idioma, lhe fez um efficaz arrasado com rogativa amorosa, para que aceitasse a sua amizade, e se recolhesse com os seus vassallos, ao gremio da igreja, capacitando-o, que isto queria praticar a sua benevolencia por affecto, pois tinha poder para o conquistar não só a sua nação, como a todos os mais d'aquelle sertão, abraçando-lhe os campos, matos e rios com fogo, que dominava, e para que o cacique inteiramente se capacitasse d'este fingido poder, pediu uma luz, e introduzindo-a nas tinas de agua ardente, que o gentio estava vendo, ardeu o espirito d'este licor como costuma, fazendo as labaredas tão horrorosa vista ao simples cacique, que capacitado do poder de Francisco Pires Ribeiro, ficou como extatico e confuso, pedindo que contra elle e sua nação não empregasse as iras, porque se recolhia á sua povoação, e vinha com todos os seus vasallos procurar a sua amizade, para seguir a transmigração que lhe propunha. Assim se verificou promptamente, vencendo com este engano uma redução de muito credito e conveniencia. Recolheu-se d'esta conquista sem desembainhar a espada, fazendo applaudido o seu nome entre os mais antigos sertanistas. Com esta redução augmentou muito o seu estabelecimento,



e se fez potentado com a administração, que ficou tendo em seu serviço d'esta gente.

Empenhado o governador Fernando Dias Paes Leme para a entrada do sertão das Esmeraldas, um dos parentes, que o acompanhou com grande tropo foi Francisco Pires Ribeiro, como sobrinho muito amante de seu tio dito governador, cujo successo temos referido n'este cap. 5.º § 5.º. Casou com D. Maria de Arruda : em titulo de Botellos Arrudas, cap. 1.º § 3.º Com sua descendencia.

4—2 Bento Pires Ribeiro, (filho de D. Sebastiana Leite, do n.º 3—9.) Supponho que não casou, porque lhe não descobrimos certeza d'este estado.

4—3 Paschoal Leite da Silva. Falleceu solteiro.

4—4 D. Ignez Monteiro da Silva, (filha de D. Sebastiana Leite, do n.º 3—9) casou com José de Campos Bicudo, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Campos, cap. 5.º com sua descendencia.

4—5 D. Maria Leite Ribeiro, falleceu em Itú, onde casou a 14 de Junho de 1689 com João de Siqueira, natural de Itú, filho de Paulo de Anhaya, e de sua mulher Mecia Nunes de Siqueira,

4—6 Salvador Pires. Falleceu solteiro.

4—7 José Pires. falleceu solteiro em 1683, e foram herdeiros do seu cabedal os irmãos que se acharam vivos, como consta do inventario dos bens, no cartorio de orph. de S. Paulo, maço 2.º da letra I, titulo inventario de Isabel Collaça.

2—6 D. Luiza Leme, (filha de D. Lucrecia Leme, e Fernando Dias Paes, do cap. 5.º § 5.º) foi casada com Pedro Vaz de Barros. Em titulo de Pedrosos Barros, com sua descendencia.

2—7 Luiz Dias Leme, (filho de D. Lucrecia Leme, e de Fernando Dias Paes, do cap. 5.º) fez assento e estabeleci-



mento nas villas de Santos, e de S. Vicente. N'estas republicas foi este paulista de tanta autoridade e respeito, que nem antes, nem depois d'elle se conheceu outro, que o excedesse. Foi muito venerado geralmente de todos pelas suas grandes virtudes de magnanimidade, prudencia, rectidão, affabilidade, e caridade. Teve sempre o peso da governança, com o primeiro voto em todas as assembleas da villa capital de S. Vicente. Pela sua grande autoridade teve a honra de ser eleito para ser elle que acclamasse ao Sr. Rei D. João IV, estando n'aquelle tempo a capitania fortificada de castelhanos de respeito, que fulminavam corpo tumultuoso, que não chegou a vencer o seu depravado intento de quererem conservar a capitania de S. Vicente e S. Paulo com a voz de Castella. Esta materia temos referido quando tratamos de Amador Bueno, em titulo de Rendons, cap. 1.ª; cuja lealdade foi mais estimada então em Portugal, do que é hoje applaudida em a cidade de S. Paulo, porque o segredo do tempo fez consumir aquella acção digna de se perpetuar com um padrão que sempre lhe accusasse a heroicidade; mas até para este descuido concorreu muito o destino occulto de ser paulista Amador Bueno. A estimação, que conciliou o respeito de Luiz Dias Leme não se conservou só entre os moradores de S. Paulo, S. Vicente e Santos; porque passou a cidade capital do Estado do Brasil, de cujo governador geral e primeiro vice-rei D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, teve carta, em que com expressões muito honrosas lhe dava conta da feliz acclamação do Sr. Rei D. João IV, dizendo-lhe que a elle, como pessoa de maior autoridade e fidalguia, pertencia fazer na villa capital de S. Vicente esta acclamação; assim o executou com aquelle alvoroço, que se devia esperar do jubileo da ventura dos portuguezes, vendo-se livres do captivo, que tinham soffrido 60 annos

no poder dos reis de Castella. Foi Luiz Dias Leme, capitão da villa de S. Vicente por carta patente datada em 27 de Dezembro de 1633, registrada nos livros do archivo da camara da mesma villa, titulo 1659. Elle aperfeiçoou como segundo fundador a capella de S. Anna, que havia principiado Alonço Pellaes ao tempo, que fez mudança para o sitio da Bertioga, termo da villa de Santos, cuja fervorosa devoção deixou por herança a seus filhos e netos. Nesta capella fez em todo o tempo da sua vida festejar a gloriosa Santa, e depois do seu fallecimento continuou com a mesma grandeza sua mulher D. Catharina Pellaes, que fallecendo deixou (em o codicillo que fez) ordenado aos filhos, que não se acabassem as festas da gloriosa S. Anna na sua propria capella; e herdaram elles e mais descendentes tanto esta devoção, que o neto *Francisco Tavares Cabral, de quem fazemos abaixo menção, erigiu outra capella a S. Anna, que ainda hoje existe, applaudindo-se n'ella esta Santa alternadamente, pelo cordeal affecto da matrona D. Anna de Siqueira e Mendonça, que ainda existe na villa de Santos. N'ella falleceu Luiz Dias Leme a 16 de Julho de 1639. (Livro 1.º de Obitos da matriz de Santos, titulo 1659 fl. Cartorio de orph. da villa de S. Vicente, maço de inventarios, o de Luiz Dias Leme com testamento). N'este anno estava mandando fabricar em Santos um navio, que se não acabou, porque a morte atalhou o curso d'esta construcção; avaliou-se o tal navio no estado em que se achava por 400\$000. Foi sepultado na igreja dos terceiros de S. Francisco como irmão professo n'ella, tendo jazigo proprio na igreja dos religiosos franciscanos. Foi casado com D. Catharina Pellaes, natural de S. Vicente, filha de Alonço Pellaes, cavalheiro castelhano, e de sua mulher D. Luzia de Siqueira e Mendonça, natural de S. Vicente, na nobre familia de seus appellidos, pelos pri-*

meiros povoadores da villa de Santos, onde ainda hoje se conservam os da familia dos Siqueiras e Mendonças, que se tem derramado por muitas partes da capitania de S. Paulo. Foi o cavalheiro Alonço Pellaes sujeito de grande autoridade e estimação na villa de S. Vicente, onde teve o seu primeiro estabelecimento, e foi d'esta capitania ouvidor, de que tomou posse na camara capital d'ella aos... de..... do anno de 16.... Elle foi o primeiro fundador da capella de S. Anna no termo da villa de S. Vicente, com a gloria de ser esta capella a primeira que no Brasil se erigiu para culto e veneração d'esta prodigiosa Santa. Dizem que movidos marido e mulher da lição de um livro, em que acharam, que quem festejasse a gloriosa S. Anna não teria detrimento no credito, nem fallencia nos bens da fortuna; de tal sorte cresceu a devoção n'estes primeiros fundadores, que ficando como por herança a seus herdeiros, veio com o tempo a erigir-se segunda capella a mesma Santa. Casando D. Anna de Siqueira e Mendonça, neta de Alonço Paes com o capitão-mór governador Gypriano Tavares, erigiu nova capella no lugar da Vargea. Enquanto existiu a primeira, era S. Anna festejada annualmente duas vezes; em dia do Apostolo Santiago na capella de cima por D. Catharina Pellaes, viuva de Luiz Dias Leme, que a sua grande devoção lhe facilitava um tal regozijo, que a nobre matrona obrava acções pueris em applauso de S. Anna. No testamento com que falleceu, e codicillo feito poucas horas antes do seu transito diz assim: « Peço a meu filho, filhas e genros, que sustentem a igreja de S. Anna, e lhe façam sua festa no seu dia, como até agora se fez; e isto lhes peço muito encarecidamente, e que sejam seus devotos. » (Cartorio da villa de S. Vicente, testamento e codicillo de D. Catharina Pellaes). Falleceu Catharina Pellaes em S. Vicente com testamento

a 16 de Julho de 1667. A outra festa era no dia proprio da Santa na segunda capella da erecção do capitão-mór governador Cypriano Tavares, marido de D. Anna de Siqueira e Mendonça. Correndo o tempo, já depois da morte dos fundadores, foi esta segunda capella da Vargea, acrescentada por Francisco Tavares Cabral, filho do dito capitão-mór governador Cypriano Tavares; no estado em que até hoje existe sustentada, e paramentada pela administradora a matrona D. Anna de Siqueira e Mendonça, cuja devoção lhe vem por herança de seus nobres ascendentes, primeiros fundadores da capella de S. Anna em todo o Brasil, como fica referido. Chegou a tanto merecimento a decencia e culto d'esta capella, e depois de augmentada por Francisco Tavares Cabral, que os Illms. Bispos D. Francisco de S. Jeronymo e D. Fr. Antonio de Guadalupe, lhe concederam o privilegio de n'ella se enterrarem os escravos dos administradores, casarem e serem n'ella baptizados. Este indulto acabou com o primeiro Exm. e Rev. Bispo que leve a cidade de S. Paulo D. Bernardo Rodrigues Nogueira, que se serviu annexas esta capella á igreja matriz da villa de S. Vicente. A festa porem da gloriosa S. Anna se tem executado sem a minima falta annualmente pela administradora, protectora D. Anna de Siqueira e Mendonça.

Do matrimonio de Luiz Dias Leme e de D. Catharina Pellaes, nasceram como consta dos testamentos e inventarios do marido e da mulher os filhos, que são os seguintes :

3—1. D. Anna de Siqueira e Mendonça.

3—2. José Dias Paes.

3—3. D. Maria Leme.

3—4. D. Isabel Paes.

3—5. D. Catharina de Siqueira (30).

3—6. Affonso Pellaes, falleceu solteiro, existindo ainda no anno de 1637.

Outros filhos houveram que voaram para o ceo em tenros annos conforme o testamento de Catharina Pellaes, que só declarou os filhos que eram vivos.

3—1. D. Anna de Siqueira e Mendonça, filha de Luiz Dias Leme, do § 7.º, casou com Cypriano Tavares, natural de Pernambuco, onde tendo seguido o real serviço até a restauração da sua patria, veio para Santos, e foi em capitão-mór governador da capitania de S. Vicente, e S. Paulo, por despacho de 31 de Dezembro de 1661. Fez pleito e homenagem nas mãos de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, governador do Rio de Janeiro no 1º de Janeiro do anno de 1662. Tomou posse na camara capital de S. Vicente a 29 de Janeiro do mesmo anno, o que tudo consta no archivo da camara da cidade de S. Paulo, liv. de registros n.º 8.º titulo 1662 a fl. 7 e fl. 39 e seg. Este capitão-mór e governador Cypriano Tavares foi filho de Balthasar Rodrigues Mendes, natural de Belem da cidade de Lisboa, e de sua mulher Isabel Cabral, que casou em a cidade de Olinda, para onde veio na companhia de seu pai Manoel Tavares Cabral, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher N. de Paiva, natural da mesma ilha, da nobre familia do seu apellido, que teve origem em o seu descobridor, e primeiro donatario Gonçalo Velho Cabral, commendador do castello de Amurol, como temos já tratado n'este cap. 5.º § 5º onde copiamos o brasão d'armas dos Cabraes, Velhos, Mellos, e Travaços. Do matrimonio d'esta Isabel Cabral nasceram em

(30) Cartorio da villa de S. Vicente, inventario de Luiz Dias Leme, e inventario de Catharina Pellas.

Olinda, não só o filho Cypriano Tavares, mas também Valentim Tavares, que foi governador do Rio Grande, ou Parahyba do Norte. Viuvendo Isabel Cabral, do seu primeiro marido Balthazar Rodrigues Mendes, casou segunda vez em Olinda com João Rodrigues, e foram pais do reverendo Gonçalo Cabral, que foi vigário de Itamaracá. Também Manoel Tavares Cabral (pai de Isabel Cabral) que veio viuvo de S. Miguel, para Pernambuco, casou com uma filha de Nuno Dias Thovar, de quem teve unica filha D. Catharina, que deixou nobre geração em Pernambuco.

Em Santos se estabeleceu, e ficou alli melhor o capitão môr governador Cypriano Tavares. Em todo o tempo da sua vida gozou um respeito igual ao seu character; esta veneração foi tão nobremente adquirida, que não só por seus merecimentos, mas também pela grande roda de parentes, pela sua alliança, que tinha em S. Paulo, foi o seu nome sempre applaudido. Falleceu D. Anna de Siqueira em Santos a 5 de Outubro de 1693, (Obitos ,fl. 37) e já seu marido era fallecido.

E leve nacionaes da villa de Santos cinco filhos, que foram :

- 4—1 D. Antonia Tavares Cabral.
- 4—2 Estevão Tavares.
- 4—3 José Tavares de Siqueira.
- 4—3 Miguel Tavares.
- 4—5 Francisco Tavares Cabral.

4—1 D. Antonia Tavares Cabral, não quiz casar; e acabou com 95 annos de idade, para lograr a felicidade de palma e capella, com que se adornou o seu cadaver; nasceu a 8 de Abril em que Deus a recebeu na sua igreja, e foram seus padrinhos Alonço Pellaes, seu tio, e Catharina da Silva de Mendonça, e ministro do Sacramento o padre Antonio de Amorim, jesuita do collegio de Santos.

4—2 Estevão Tavares da Silva, foi sacerdote do habito de S. Pedro, e n'este estado tomou a rounpeta de jesuita, e estando feito superior da aldêa de S. José, termo da villa de Jacarahy da comarca de S. Paulo, falleceu na mesma aldêa, onde jaz sepultado. Tinha sido habilitado de *genere* pela camara episcopal do Rio de Janeiro no anno de 1684 (Camara episcopal de S. Paulo, autos de *genere* letra E n. 2, os de Estevão Tavares de Silva).

4—3 José Tavares de Siqueira, baptizou-se em Santos a 20 de Novembro de 1639 pelo padre Manoel Nunes, jesuita, foram seus padrinhos Jeronymo Dias Vareiro, e sua mulher Isabel Paes; tendo occupado cargos da republi- ca da praça de Santos, foi capitão da fortaleza da Itapemba da mesma praça com 40\$000 de soldo, até passar a sargento-mór da comarca com 80\$000 de soldo, com cujo posto acabou a vida, por patente d'El-rei D. Pedro, registrada na vedoria da praça de Santos. Fez estabelecimento no sitio de Santa Anna, de cuja capella, e suas festas annuaes temos feito menção. Descobertas as Minas-Geraes, com nome de Cataguazes, por serem assim chamados os barba- ros indios habitadores d'este sertão; convidado da gran- deza do ouro d'estas Minas, passou a ellas, e falleceu na jornada. Trasladados os ossos para a praça de Santos, foram sepultados na igreja da ordem terceira de S. Francisco, e os irmãos d'ella souberam não esquecer-se das funeraes de- monstrações praticadas com os que são ministros da ordem terceira na forma de suas actas. Foi a sua morte geral- mente sentida pelo merecimento que tinha adquirido da commum estimação dos povos, e igualmente dos grandes. Casou em a matriz da praça de Santos a 16 de Junho de 1691, com D. Isabel Maria da Cruz, natural da villa de Vianna do Minho, irmã direita do Revm. padre mestre fr. João Baptista da Cruz, monge benedictino, qualificador do



santo officio, que foi D. abbade provincial do mosteiro da cidade da Bahia no triennio de 1720, e D. abbade do mosteiro da Bahia no triennio de 1731; varão que se fez commendavel com grandes mercimentos, e igual nome na sua religião, em seculo, por ser adornado de letras e virtudes. Falleceu no mosteiro da praça de Santos, que elegeu para no silencio d'elle exercitar a vida contemplativa a 5 de Maio de 1740. Foram filhos de Domingos de Araujo, natural da villa de Ponte de Lima, familiar do santo officio, e sargento-mór da capitania de S. Vicente (irmão inteiro de Gaspar Gonçalves de Araujo, que foi provedor da fazenda real da mesma capitania, e marido de D. Margarida Corrêa : em titulo de Freitas. Tambem foi irmão inteiro da mãe de Estevão Luiz, que instituiu um morgado em Ponte de Lima, como tratamos em titulo de Bayoens, e de sua mulher D. Filippa da Cruz, que foi filha de Domingos Coelho, e de sua mulher Catharina Rodrigues, ambos naturaes da villa de Monção.

Do matrimonio do sargento-mór José Tavares, nasceram na praça de Santos cinco filhos.

5—1 D. Anna de Siqueira e Mendonça.

5—2 D. Maria Isabel da Cruz.

5—3 D. Catharina Baptista de Jesus.

5—4 João Tavares.

5—5 D. Josepha Maria da Cruz.

5—1 D. Anna de Siqueira e Mendonça, baptizada em Santos aos 22 de Abril de 1692, fl. 85 do livro, ainda existente n'este anno de 1767, casou na villa de Santos a 6 de Julho de 1712 com Domingos Teixeira de Azevedo, natural da mesma villa, filho do capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo, e de D. Maria da Silva : em titulo de Buenos, cap. 1.<sup>o</sup>, § 5.<sup>o</sup> n. 3—6 e seg. Foi superintendente das

minas dos Cataguazes e provedor da real casa da fundição da villa de Parnaguá, e coronel das ordenanças da praça de Santos e villa de S. Vicente. Em título de Buenos, cap. 1.º § 5.ª n. 3—6, seguindo ao n. 4—5. E teve seis filhos, nacionaes da villa de Santos.

6—1 D. Isabel Maria da Cruz.

6—2 Gaspar Teixeira de Azevedo.

6—3 José Tavares de Siqueira.

6—4 João Baptista de Azevedo.

6—5 Miguel Teixeira de Azevedo.

6—6 D. Anna Maria de Siqueira.

6—1 D. Isabel Maria da Cruz, existe religiosa professa no convento de Nossa Senhora da Ajuda da cidade do Rio de Janeiro, uma das doze primeiras fundadoras do dito convento, onde entrou no anno de 1750, sendo abbadessa a religiosa fundadora vinda da cidade da Bahia, que existindo prelada até se recolher ao seu convento no anno de 1761, sahio eleita em abbadessa D. Isabel Maria da Cruz, que sendo a segunda prelada na ordem do numero, foi a primeira na ordem da profissão. As suas grandes prendas lhe adquiriram a pluridade dos votos para ficar com o pezo d'aquella clausura. Foi esta eleição geralmente applaudida por toda a cidade pelo grande conceito que tinha adquirido a religiosa vida da madre D. Isabel Maria da Cruz. Não faltaram a obsequial-a os primeiros grandes do governo ecclesiastico e secular, o Exm. e Revm. bispo D. fr. Antonio do Desterro, o Illm. e Exm. conde de Bobadella Gomes Freire de Andrade, governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, S. Paulo, e de Minas-Geraes. Desempenhou a expectação em que havia posto a todos as grandes virtudes moraes da madre D. Isabel Maria da Cruz. Dotada de affabilidade, pruden-

cia e humildade conseguiu lentamente uma total reforma na sua clausura, lançando d'ella tudo quanto era superfluo e indecente nos moveis, com que as religiosas adornavam as cellas, em muitas das quaes haviam cadeiras de damasco, cortinados, e pannos de bofete da mesma sêda. Fez lançar tambem para fóra o excesso de criados mulatos, com que se serviam as religiosas com tanta superfluidade, como indecencia. Emfim suspendamos a penna em formar o caracter d'esta religiosa e prelada, porque as linhas do sangue nos embaraçam os periodos, por não ficarmos sujeitos a emulação dos que nos quizerem constituir affastados da pureza, e singeleza com que escrevemos a nossa Historia-Generalogica. Falleceu a madre abbadesa no seu mosteiro da Ajuda, aos . . . de . . . de 1768.

6—2 Gaspar Teixeira de Azevedo, tendo-se applicado com desvelo (igual aos estimulos da honra com que o adornou a natureza por tantos costados de nobre sangue) a lingua latina, entrou monge beneditino, recebendo no mosteiro da Bahia a illustre cogula do seu Santo Patriarcha em 15 de Agosto de 1732, e fez profissão com o nome de fr. Gaspar da madre de Deus. Continuou os estudos da philosophia, theologia, em que fez tão grande progresso, que se constituiu digno para lhe darem a cadeira de mestre no mosteiro da cidade do Rio de Janeiro, onde duas vezes leu philosophia, com gloria de ter sido o primeiro, que na sua provincia dictou philosophia moderna. No mesmo mosteiro se doutorou, tomando a borla de doutor. No anno de 1752 sahio eleito D. abbade do mosteiro da cidade de de S. Paulo, que renunciou. No anno de 1763 sahio eleito D. abbade do mosteiro da cidade do Rio de Janeiro, que acabou o triennio com grande satisfação dos seus subditos, e com igual applauso de todos os grandes ecclesiasticos e seculares da mesma cidade. D'este emprego de D. abbade

sahiu eleito em provincial do Estado, e provincia da Bahia no anno de 176. em que se espera da sua grande litteratura, inteireza e religiosa observancia, grandes creditos, e utilidade da provincia.

6—3 José Tavares de Siqueira, familiar do santo officio, foi destinado para herdeiro da casa de seus pais; e tendo-se dado muito ao cuidado de augmentar os bens patrimoniaes d'ella, assim nas grossas fazendas dos campos geraes da Coritiba, como nas que fez estabelecer no sitio da Bocayna do caminho do Rio de Janeiro, com excellentes pastos para n'elles engordarem as boiadas que descem para o talho d'esta cidade, falleceu solteiro em 1758 a 6 de Dezembro nas suas fazendas dos Campos Geraes; jaz sepultado na capella de Santa Barbara de Pitanguy, termo da villa de Coritiba, que fôra da administração dos padres jesuitas do collegio de Parnaguá.

6—4 João Baptista de Azevedo, seguiu os estudos, e nos pateos do collegio de S. Paulo, tomou o grão de mestre em artes. Ordenou-se de clérigo secular, e passou a ser vigario da igreja, e da vara da villa de S. Francisco do Sul, onde falleceu em 3 de Junho de 1754 com a mesma occupação: jaz sepultado na igreja matriz, da qual era actualmente parochio.

6—5 Miguel Teixeira de Azevedo, entrou monge beneditino, e professou no mosteiro de S. Bento da cidade da Bahia, e ficou chamando-se fr. Miguel Archanjo da Anunciação. Foi presidente do mosteiro da villa de Santos, e commissario de todos os mosteiros da capitania de S. Paulo.

6—6 D. Anna Maria de Siqueira, que na profissão de religiosa no convento da Ajuda da cidade do Rio de Janeiro tomou o nome de D. Maria do Sacramento: n'elle viveu com exemplar vida, e tendo sido uma das doze primeiras fundadoras, tambem foi a primeira que para o

ceo deu este convento, fallecendo a madre D. Maria do Sacramento a 12 de Agosto de 1760.

5—2. D. Maria Isabel da Cruz, baptizada a 4 de Abril de 1693, fl. 87 do livro velho, (filha do sargento-mór José Tavares de Siqueira, do n.º 4—3) professou no convento de S. Anna de Vianna do Minho, onde existe.

5—3. D. Catharina Baptista de Jesus, baptizada a 13 de Novembro de 1695, fl. 96 (filha do sargento-mór José Tavares, do n.º 4—3): existe professa no mosteiro de S. Anna de Vianna do Minho.

5—4. João Tavares, falleceu solteiro na idade de 15 ou 16 annos, tendo nascido a 1.º de Janeiro de 1697, fl. 98 do livro velho.

5—5. D. Josepha Maria da Cruz, baptizada aos 26 de Agosto de 1699, livro fl. 110 (filha ultima do sargento-mór José Tavares de Siqueira, do n.º 4—3) casou na capella de S. Anna com licença do R. doutor José Rodrigues França, parcho da praça de Santos aos 25 de Setembro de 1724 com Antonio de Brito Ferreira, fidalgo da casa real, natural da villa de Vianna do Minho, irmão direito do mestre de campo João da Costa Ferreira de Brito, governador que foi da praça de Santos, e de Thomaz da Costa Ferreira, de quem temos tratado n'este cap. 5.º § 3.º na descendencia de Estevão Raposo Bocarro, no n.º 5—2; filhos de André da Costa, fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo, e morgado de Alcami, em Vianna, e de sua mulher D. Anna Maria Ferreira, netos de João da Costa Ferreira, fidalgo da casa real. E teve nascidos na villa de Santos tres filhos:

6—1. D. Isabel, que falleceu de 11 para 12 annos.

6—2. André da Costa, que foi servir a el-rei a Mossambique, e não sabemos se é vivo ou não. Se este unico ramo acabou no estado de solteiro, em que passou para

Mossambique, ficou extincta a descendencia do sargento-mór José Tavares de Siqueira.

6—3. José da Costa de Brito, tomou o habito de carmelita calçado na provincia do Rio de Janeiro, existe.

4—4. Miguel Tavares, (filho do capitão-mór Cypriano Tavares, do n.º 3—1); falleceu solteiro de idade de 16 annos pouco mais ou menos.

4—5. Francisco Tavares Cabral, (ultimo filho do capitão-mór e governador Cypriano Tavares, do n.º 3—1); falleceu sendo protector da capella de S. Anna, depois da morte de seu irmão o sargento-mór José Tavares de Siqueira. No seu tempo foi a gloriosa S. Anna applaudida com grandeza, não só no culto da igreja, mas tambem nos festejos de comedias e banquetes, que se executavam com toda a abundancia de iguarias; e que eram convidados os da primeira nobreza das villas de Santos e de S. Vicente. Casou Francisco Tavares Cabral duas vezes, como fazemos menção abaixo. Tendo decahido da opulencia em que se achava, passou com muita parte da sua familia para as minas dos Goyazes, já com avançada idade, atrahido das amorosas rogativas de sua filha D. Francisca Xavier Tavares, que se achava n'ella com grande estabelecimento de lavras mineraes e numerosa escravatura, e n'esta jornada falleceu. Foi casado primeira vez com D. Isabel da Silva, natural da praça de Santos, irmã direita de Domingos Teixeira de Azevedo, e filhos do capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo, de quem temos retro tratado. Casou segunda vez com D. Ignez Corrêa de Castro, natural da villa de Santos, filha de D. Isabel da Silva, e de seu segundo marido Domingos de Castro Corrêa, natural da villa de Vianna do Minho: em titulo de Buenos, cap. 1.º § 5.º a n. 3—7.

E teve do :



4.º matrimonio oito filhos.

- 5—1 Francisco Tavares Cabral.
- 5—2 Bento Tavares Cabral.
- 5—3 D. Maria da Silva Tavares.
- 5—4 D. Francisca Xavier Tavares.
- 5—5 D. Anna Maria Tavares.
- 5—6 D. Marianna Tavares.
- 5—7 D. Antonia Tavares.
- 5—8 D. Escolastica Maria Tavares.

Do segundo matrimonio teve cinco filhos.

- 5—9 D. Isabel Corrêa da Silva.
- 5—10 D. Josepha Maria Tavares.
- 5—11 D. Maria da Silva Tavares.
- 5—12 D. Escolastica Maria Tavares.
- 5—13 D. Theresa Maria Tavares.

5—1. Francisco Tavares Cabral, é religioso do patri-archa S. Francisco da provincia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro. Já depois de professo, fugindo das virtudes, e apertos da clausura, passou a viver apostata pelos sertões do Rio de S. Francisco. D'elles se passou para a comarca de Villa Boa de Goyazes, a tempo que já suas irmãs se achavam n'estas minas, que fazendo assento no arraial de Nossa Senhora do Pilar, sitio da Papuaá, a elle veio fr. Francisco. Alli o prendeu o sargento-mór Antonio Ribeiro Leal, sendo juiz ordinario, como amante da justiça e da rectidão, pelos estímulos de varias queixas, que muitos offendidos articulavam contra o apostata, que remettido em ferros ao seu prelado, foi castigado conforme as leis indispensaveis de tão santo instituto. Com o de-



curso dos annos se consumou a pena do castigo, e foi posto em liberdade fóra dos carcereos em que se tinha conservado, quando já o culpado réo a não pôde gozar com socago de espirito, porque reflectindo nos erros da vida passada cahiu na infelicidade de ficar leso do discurso, e vive como pateta possuido de um temor panico, que lhe tem introduzido a maior humildade que se pôde considerar: com tudo segue os actos de religião, sem liberdade para sabir á rua acompanhando a qualquer outro religioso. Altos são os juizos de Deus!

5—2 Bento Tavares Cabral, seguiu os estudos de grammatica latina com destino do estado sacerdotal, porém abandonando este acerto, passou para as minas de Goyazes na conducta da casa toda de seus pais: vive solteiro, fazendo companhia as suas irmãs em as ditas minas no arraial do Pilar.

5—3 D. Maria da Silva Tavares, casou na praça de Santos com o juiz de fóra d'ella o Dr. Mathias da Silva e Freitas, natural da cidade de Olinda de Pernambuco: foi ouvidor e corregedor da comarca de S. Paulo, por ausencia do proprietario, conforme as reaes determinações: foi ouvidor da cidade de S. Luiz do Maranhão, em cujo lugar esteve muitos annos, e d'elle sahio tão pobre, que não teve com que poder na côrte de Lisboa tratar-se e seguir o seu despacho. Recolheu-se á companhia de sua mulher na villa de Santos, e por melhorar de fortuna passou ás minas de Goyazes, e fez estabelecimento no arraial do Pilar, onde existe já com avançados annos. E teve unico filho, natural de Santos, que é Mathias da Silva e Freitas, que solteiro vive na companhia de seus pais.

5—4 D. Francisca Xavier Tavares, casou na praça de Santos com Francisco Xavier Pissarro, natural da villa de

Chaves, professo da ordem de Christo, estando em patente régia de capitão-mór da villa da Coritiba. Foi irmão inteiro do R. Dr. José Nogueira Ferraz, protonotario apostolico, e vigario collado da igreja de S. José do Rio das Mortes, da capitania de Villa Rica de Minas Geraes; e do padre João Mourão, da companhia de Jesus, que tendo passado missionario á China, acabou martyr no dia 24 de Agosto de 1726; e de D. Francisca da Conceição, que com opinião de santidade acabou religiosa no convento de Chaves, no anno de 1718. Passando o capitão-mór Francisco Xavier Pissarro, para as minas de Villa Boa de Goyazes no principio de sua grandeza, se estabeleceu com lavras mineraes, e numerosa escravatura no sitio chamado do Ferreiro, e até que extinctas as terras, ou já enfraquecidas de pinta rica, passou para as minas de Pilar, onde fez estabelecimento de lavras mineraes, das quaes os seus escravos extrahiram muita grandeza d'ouro. D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general d'aquella capitania, que ainda então era sujeita á de S. Paulo, creando as tropas de infantaria e cavallaria auxiliar, passou patente de coronel a Francisco Xavier Pissarro, e n'ella se tem conservado. Depois da morte de sua mulher D. Francisca Xavier Tavares no anno de 1752, se ausentou para a cidade do Rio de Janeiro, onde existe, e alli é cidadão da republica d'ella, gozando os privilegios, que são os mesmos concedidos aos cidadãos da cidade do Porto. E' filho de Bartholomeu Nogueira Ferraz, e de sua mulher D. Margarida Cardoso Pissarro, da Villa de Chaves. Neto pela parte paterna de Balthasar Alves Pimenta, natural de Torgueda, comarca de Villa Real, e de sua mulher Helena Rodrigues Ferraz, da villa de Chaves, por quem é bisneto de Domingos Nogueira, e de Catharina Rodrigues, ambos da villa de Chaves. E pela parte materna é neto

de João Cardoso Pissarro, fidalgo da casa real, que foi commissario geral da cavallaria em Traz-os-Montes, e governador das ilhas de Cabo Verde, que em D. Antonia Gomes, natural da villa de Chaves, teve a filha D. Margarida Cardoso Pissarro, a Paulo Cardoso Pissarro, que foi tenente-coronel da cavallaria em Cabo Verde; a João Cardoso Pissarro, que tambem serviu nas mesmas ilhas em posto de sargento-mór, e foi legitimado, e a Antonio Cardoso Pissarro, capitão de infantaria, e sargento-mór da praça de Chaves no anno de 1719, e fidalgo da casa real, como escreve em titulo de Pissarros José Freire Montarroi Mascarenhas, a quem agora seguimos inteiramente para adiantarmos a ascendencia do coronel Francisco Xavier Pissarro. Este por seu avô materno dito João Cardoso Pissarro, é bisneto de Paulo Cardoso de Vargas, que foi cavalleiro professo da ordem de Christo, e governador da Ilha Terceira, e de sua mulher D. Margarida Deniz. Terno de D. Brites de Vargas Pissarro, que succedeu nos bens e serviços de seu pai; casada com o capitão Antonio Cardoso Machado, natural da cidade d'Angra da Ilha Terceira, e pessoa de muita nobreza, de quem o capitão-mór da mesma cidade Manoel do Canto e Castro, fidalgo da casa real, e mui conhecido n'aquella ilha, declara, e jura ser parente, em uma certidão, que passou a seu filho D. Diogo Pissarro no anno de 1610.

Quarto neto de D. Diogo Pissarro de Vargas, que estudou algum tempo na universidade de Salamanca; porém sendo mais inclinado ás armas, do que ás letras, commetteu alguns crimes, e fez algumas travessuras, que o precisaram a deixar os estudos, e retirar-se para a cidade de Truxilhos, d'onde era natural. Seu pai irritado pela repetição de tantas extravagancias, o não quiz ver mais, e elle mandou dar 500 ducados por Affonso Pissarro de Torres, seu pa-

rente, com a condição de que não voltasse a Truxilhos ; o que elle fez, e passou a servir no sítio da Galleta contra os turcos, quando elles tomaram aquella praça no anno de 1574. Depois passou a Portugal ; serviu e viveu na Ilha Terceira na cidade de Angra, onde Manoel Corte Real, senhor de parte d'aquella ilha, e parente muito chegado do marquez de Castello Rodrigo, e seus filhos, o tratavam por fidalgo, passeavam com elle, e se assentavam juntos na igreja ao sermão. Em Lisboa tratavam por parente muito chegado D. Diogo de Sottomaior, bisavô de D. Lourenço de Sottomaior, e seu filho D. Diniz de Almeida. Casou D. Diogo Pissarro de Vargas em Lisboa com D. Joanna Rodrigues, que dizem ser de castelhanos, natural de Robleda, e prima segunda de fr. Christovão de Espinhoza, sacerdote do habito de S. Pedro, freire da ordem de S. Bento de Aviz, capellão d'El-rei, e administrador do hospital de S. Filippe S. Thiago de Lisboa, que vivia ainda no anno de 1615, em que foi testemunha na inquirição de D. Diogo Pissarro, que era neto de sua prima, e declarou ser de idade de 60 annos.

Por seu quarto avô dito D. Diogo de Pissarro de Vargas, é quinto neto de D. Fernando Pissarro, que foi um fidalgo muito conhecido na cidade de Truxillos. Sexto neto de D. Diogo Fernandes Pissarro, que foi progenitor das casas dos marquezes de las Charcas, conforme escreve Garcilazo de la Vega, e casou com D. Brites de Vargas, da familia d'este appellido, notoriamente nobre na provincia da Extremadura. Setimo neto de D. Sancho Martins de Anhasso Pissarro, que viveu na cidade de Truxilhos com estimação de nobreza pela sua antiguidade, e pelas muitas casas e morgados, que ha n'ella, e na villa de Caceres, que todos descendem do mesmo tronco ; como escreve Karo — *Nobiliarcho*, parte 2.<sup>a</sup> liv. 10 cap. 45.

Diz o mesmo genealogico Montarroyo no titulo que escreveu de Pizarros, que esta familia é uma das mais illustres da Extremadura, e mui conhecida pela sua antiguidade e nobreza na cidade de Truxilhos, onde possui varios morgados, por haverem tido repartição n'ella seus antepassados, como seus conquistadores, e já estes eram descendentes de outros, e dos que conquistaram Toledo, onde tambem haviam sido herdados. Gonçalo Pissarro estando proximo ao supplicio, que padeceu em Indias de Hespanha (Nós lemos nos *Elementos de historia*, do abbade de Vallemont, tomo 1.<sup>o</sup> pag. 496 até 497, que Gonçalo Pissarro fora o aggressor tyranno da morte de um filho do Almagro, que tanta havia concorrido para a conquista do Perú na companhia de Francisco Pissarro, e Fernando Pissarro, irmãos do dito aggressor Gonçalo Pissarro no anno de 1523, em que o tal Francisco Pissarro cruel e perfidamente mandou enforcar a Atabalida rei do Perú; e por este homicidio e outros muitos insultos, mandou Carlos V ao jurisconsulto Pedro Gasca, o qual fez enforcar a Gonçalo Pissarro no anno de 1546), vendo que se não tinha attenção a sua nobreza, disse ao presidente: Que desde o tempo que os godos entraram em Hespanha eram os Pissarros, cavalleiros e fidalgos de solar conhecido: como escreve Garcilazo.

Tem esta familia produzido illustres varões em armas. Bastavam só para illustral-a os grandes heroes D. Francisco Pissarro, progenitor dos marquezes de las Charcas; e Fernão Cortez Pissarro, que é dos duques de Terra Nova; o primeiro conquistador do reino do Perú, e o segundo da Nova Hespanha, que é o imperio do Mexico, filhos de Martin Cortez de Monroy, e de sua mulher D. Catharina Pissarro Altamirano, da villa de Medelhim na Extremadura, como traz Solis, liv. 1.<sup>o</sup> cap. 8.<sup>o</sup> pag. 31. Foram os antigos

Pissarros, alcaides-môres de varias cidades ; foram revestidos da dignidade de cavalleiros de varios ordens militares de Hespanha. O appellido d'esta familia teve origem na fortaleza e constancia incontestavel do seu primeiro ascendente, a quem deram o cognome, ou epiteto de Pissarro. Karo diz allegando Gracia Rei, e outros autores, que dois cavalheiros d'esta linhagem se acharam na restauração de Hespanha com el-rei D. Pelayo, mostrando no valor com que obravam os grandes espiritos, que infundira nos seus corações o generoso sangue de seus avós. Em sua memoria ajuntaram sem duvida ao seu escudo, duas piçarras.

São as primitivas armas dos Pissarros, em campo de prata, um pinheiro verde com pinhas douradas, e dois ussos da sua côr natural em pé arrimados a arvore comendo, ou arrancando o fructo ; e ao pé do escudo de cada parte d'ella; uma pissarra parda, sobre os quaes estão subidos os ussos. Assim se acham esculpidos em varios partes da cidade de Truxilho nas casas antigas dos ascendentes do marquez de las Charcas D. Francisco Pissarro, cujos descendentes os trazem acrescentadas na forma seguinte : « Por mercê, que o famoso imperador Carlos V fez ao dito marquez em memoria dos heroicas acções que obrou na conquista da Nova Hespanha, a saber : O escudo partido em mantel ; a parte do lado direito partida em faxa ; no quartel superior, em campo d'ouro, uma aguia negra coroada, estendida e armada entre duas columnas com esta letra *Plus ultra*. No quartel inferior, em campo negro, uma cidade de prata sobre ondas do mar, e toda esta parte orlada com oito camellos de prata em campo verde ; a parte esquerda do escudo formada em mantel, se divide em tres quartéis ; no primeiro em campo negro, uma cidade fundada em um ilheo tudo de prata, e a torre



mais alta coroada com uma corôa imperial d'ouro ; no segundo, um leão d'ouro ; e no terceiro, que forma o vão do mantel, um leão coroado, cujos côres Alonço Lopes de Kero não refere. Ao pé do escudo, em campo vermelho, Atabalida rei do Perú coroado, e preso ; e por orla em campo azul, uma cadêa d'ouro com sete cabeças de índios. Toda a fabrica d'este escudo se acha orlada com uma cadêa d'ouro, em campo azul, e n'ella pegados oito grifos também d'ouro, cada um com uma bandeira de duas pontas na garra direita. Este escudo foi approvado em Velholid pelo imperador Carlos V em 22 de Dezembro de 1537, e contrasignado por João Vasques de Molina, seu secretario.

D. Francisca Xavier Tavares, do n. 5—4, teve filha unica D. Eufrazia Maria Xavier Pissarro, que na matriz do arraial das minas do Pilar casou com o licenciado Francisco Gomes Tissão, natural da villa de Ponte de Lima, pelos annos de 1753.

5—5. D. Anna Maria Tavares, falleceu nas minas do Pilar em 1752, para onde se tinha passado na companhia de seus irmãos ; ia no estado de viuva do seu marido Fernando Pereira de Castro, natural de Vianna do Minho, onde a qualidade de sua nobreza é bem conhecida. Casou na matriz da villa de Santos, sendo ajudante de infantaria d'aquelle presidio. Sem geração. Foi irmão inteiro do coronel Faustino Pereira da Silva, bem conhecido em Minas Geraes pelas suas virtudes moraes, e grande casa que alli teve, e de quem temos feito menção na descendencia de Pedro Leme, do cap. 1.º d'este titulo no § 2.º

5—6 D. Marianna Tavares, casou com Mathias Cardoso, senhor de varias fazendas de gados vaccuns no sertão do Rio de S. Francisco. Sem geração.

5—7 D. Antonia Tavares, casou com Antonio Alves Cal-



vão, que ainda existe morador no seu engenho de assucar no termo das minas de Meia-Ponte.

5—8 D. Escolastica Maria Tavares, casou em Villa Boa de Goyazes com Antonio Luiz Lisboa, que então occupava o peso do importante officio de fiscal da real casa da intendencia do ouro da capitação, como intendente d'ella o doutor Sebastião Mendes de Carvalho, que pelos seus merecimentos foi escolhido, e despachado para a criação d'esta casa, quando no anno de 1737 foi estabelecida pelo mesmo methodo, com que lhe deu a norma em Minas Geraes, Martinho de Mendonça de Pinna e de Proença, que da corte tinha sido mandado para este effeito pelo Sr. rei D. João V, o magnanimo, que lhe soube conhecer a alta comprehensão e esphera grande, de que foi adornado este rocommendavel vassallo. Antonio Luiz Lisboa, foi igualmente lembrado para o officio de fiscal, pela intelligencia, e sciencia arithmetica, em que era bem instruido—e com desêmbaço, actividade, e zelo para o diario exercicio de mover a penna escrevendo nos livros da matricula dos escravos, e censo do negocio mercantil. N'esta casa foi conservado até se extinguir o methodo da real capitação, e laborar o das casas de fundição, e passar para intendente da fundição das minas de S. Felix com o mesmo ordenado, que percebiam os membros régios. N'este mesmo emprego acabou a vida em S. Felix no anno de 1763. E teve nascidos em Villa Boa de Goyazes dois filhos machos e uma femêa; porque fallecendo de parto sua mulher D. Escolastica Maria Tavares em dita Villa Boa deixou estes fructos. O dito Antonio Luiz Lisboa passou á segundas nupcias com D. Maria Joanna Leite d'Andrade, como tratamos n'este titulo, no cap. 5.º § 5.º n.º 3—5, e. seg

FILHOS DO 2.º MATRIMONIO DE FRANCISCO TAVARES CABRAL.

5—9 D. Isabel Corrêa da Silva, foi casada com Antonio Pereira do Lago, um dos mais opulentos mineiros, por chegar a escravatura da sua fabrica de minerar quasi a duzentos pretos da costa da Mina: occupou sempre honrosos postos, assim da republica, como da justiça e milicia. Foi muitas vezes juiz ordinario, provedor dos defuntos e ausentes, guarda-mór da repartição das terras, e aguas mineraes, sargento mór do regimento das ordenanças, e o primeiro intendente commissario da real companhia das minas do Pilar, e das de Nossa Senhora da Conceição de Crixás, que creou e estabeleceu o grande zelo e actividade do conde d'Arcos, primeiro governador, e capitão-general positivo da capitania de Goyazes, onde chegou em Novembro do anno de 1749, passando de Pernambuco, onde estava tambem por governador e capitão-general d'aquella capitania Antonio Pereira do Lago, foi convidado para a creação d'esta nova intendencia pelo mesmo conde, cujas excellentes virtudes, limpeza de mãos, affabilidade e prudencia, o fizeram adorado de todos os subditos, vencendo com estes dotes da natureza, todos os empenhos, em que entendeu fazia serviço ao rei, e augmentava a capitania; e por isso aceitou o onus de intendente sem ordenado algum, passando a sua liberalidade, e amor de honrado vassallo a dar as suas casas para servirem de intendencia, privando-se do socego e tranquillidade do retiro de sua fazenda, distante do arraial meia legua, onde antes se achava, vindo sómente ao dito arraial aos domingos e dias santos. Para expedição d'este grande trabalho se lhe deu para seu adjunto, com o character de fiscal, escrivão, e thesoureiro da real intendencia a Pedro Taques de Almeida Paes Leme, autor d'estas memorias,

que no mesmo anno de 1750 se achava morador em Villa Boa, onde convidado pelo conde general não duvidou fazer aceitação d'este laborioso emprego, para cujo exercicio se transmigrou com mulher e filhos, e os seus escravos para o arraial do Pilar, transitando por sertões despovoados mais de 50 leguas a custa da propria fazenda, sem a menor ajuda de custo do real, com provisão tambem da provedoria dos defuntos e ausentes dos dois arraiaes Pilar, e Crixás, que ajudado do amor que mereceu a todos aquellos moradores, conseguiu, que no primeiro anno da sua capitação tivesse El-rei 19,892 oitavas d'ouro, quando nos preteritos desde o de 1737, em que se estabeleceu a capitação de Goyazes, nunca os arraiaes de Pilar e Crixás produziram mais de 7,500 oitavas, cobrando o real quinto os juizes ordinarios com seus tabelliães. Nos livros que se acham no archivo da provedoria da fazenda real de Villa Boa, que tiveram uso durante a capitação, consta melhor esta verdade, e fortuna da nossa feliz occupação.

Falleceu D. Isabel Corrêa da Silva, sem geração.

5—10 D. Josepha Maria Tavares, que nasceu de um parto com a irmã D. Isabel, vive casada em Pilar com Antonio dos Santos Silva, sobrinho direito do Dr. Mathias da Silva e Freitas, natural tambem de Pernambuco, que tem servido os cargos da republica, e de provedor dos defuntos e ausentes d'aquellas minas, ha muitos annos desde o de 1752 em que entrou n'esta occupação.

5—11 D. Maria da Silva Tavares, existe solteira n'este anno de 1767 em minas do Pilar.

5—12 Escholastica Maria Tavares, casou na matriz do Pilar com José Pereira do Lago, capitão de infantaria da ordenança das ditas minas, e da sua republica, onde tem servido de juiz ordinario: é sobrinho direito do sargento-mór Antonio Pereira do Lago.

5—13 D. Thereza Maria Tavares, casou na matriz das minas do Pilar com José dos Santos Silva, irmão direito de Antonio dos Santos Silva, do n. retro 5—10 : está estabelecido com lavras mineraes e numerosa escravatura : é da governança da republica d'aquellas minas onde tem servido de juiz ordinario : é sargento-mór das ordenanças por patente do conde de S. Miguel, sendo governador e capitão-general da capitania de Goyazes.

3—2 José Dias Paes, falleceu sem testamento em S. Paulo a 13 de Junho de 1691 (Cart. 2.º de Not. de S. Paulo, inventario de José Dias Paes), e foi filho de Luiz Dias Leme, do § 7.º retro. Casou a primeira vez com a filha de Maria Betineque, sem geração ; consta do testamento supra ; e casou segunda vez na cidade de S. Paulo com D. Catharina Ribeiro de Moraes, filha de Vitto Antonio de Castro-Novo, e de sua mulher D. Sebastiana Ribeiro de Moraes ; em titulo de Moraes, cap. 3.º, § 2.º, n. 3 -5. Com sua descendencia ; foram dois filhos. O padre José Dias Paes, que tendo tomado a roupeta, foi expulso da companhia, e acabou clérigo de S. Pedro em sua patria S. Paulo. O padre Manoel Pedroso, que acabou religioso da companhia, e professo do quarto voto, e um grande barrete nas cadeiras de philosophia e theologia.

3—3 D. Maria Leme de Mendonça (filha de Luiz Dias Leme, d'este § 6.º), casou em vida de seus pais com Francisco Machado de Aguiar, natural da Ilha Terceira, e pelos seus serviços de almoxarife proprietario da fazenda real da villa de Santos, falleceu pelos annos de 16... E teve tres filhos.

4—1 N. que falleceu de tenros annos.

4—2 D. Anna de Aguiar, falleceu solteira.

4—3 D. Catharina de Aguiar, casou com Philippe de Almada, natural da Ilha. . . . . E teve só um filho que foi João de Aguiar Machado, e falleceu solteiro.

3—4 D. Isabel Paes, casou em vida de seus pais com Jorge da Costa Ferreira, natural de Pernambuco. Sem geração.

3—5 D. Catharina de Siqueira de Mendonça, ficou solteira quando falleceu sua mãe D. Catharina Pellaes de Mendonça em 1667. Casou depois com Raphael Carvalho, natural da cidade Lisboa, que fez estabelecimento no termo da villa de S. Vicente. E teve filha unica D. Margarida Carvalho da Silva, que sendo pedida por Manoel Vieira Collaça, nobre cidadão republicano da villa de S. Vicente, se lhe não concedeu sem mais demerito, que não ser do agrado, por então, dos pais darem estado de casada a sua filha D. Margarida. Porém o Collaça fazendo d'esta repulsa o maior desprezo de sua pessoa, pretendeu com o estrondo das armas despicar-se da imaginada injuria, que lhe formava na idéa a propria desconfiança. Foi o seu desafogo uma insolencia. Formou dos seus parentes um corpo de armas, e sem mais conselho, que o nescio ardor de animo desesperado, marchou no silencio da noite, e pôz em cerco a casa de Raphael Carvalho, que sem presumir, nem ter noticia d'este attentado, se achava entregue, no seu natural descanso ao somno. Os escravos da fazenda que não eram poucos deram aviso ao senhor, que sabiu a receber ao corpo da rebellião com as armas, que tinha em cabide, como moveis indispensaveis n'aquelle tempo a qualquer varão de nobreza e respeito. Disparadas as armas de um e outro partido, pereceram algumas pessoas até o numero de nove, a tempo que já D. Catharina e sua filha D. Margarida estavam postas a salvamento na casa do capitão-mór Cypriano Tavares, que não ficava muito distante. Promptamente acudiu este com soccorro de gente armada, a livrar a vida do cunhado Raphael Carvalho ; mas quando chegou já o Collaça estava em reti-

rada, tendo havido as nove mortes executadas ao furor do primeiro rompimento. Foi seguido, porém inutilmente, porque além de ser a noite não muito clara, era a vereda por trilho fóra da estrada.

Manoel Vieira Collaça, tinha n'este tempo as rédeas do governo ordinario da villa de S. Vicente, e ficou com tal paixão d'alma, que cahiu em demencia, tendo lucidos intervallos. Brotou a sua dôr na ruína, que experimentou o grande cartorio do archivo da camara d'aquella villa, porque deu ao fogo todos os livros e papeis antigos, que como monumentos para a posteridade alli se conservavam como villa capital, e a villa que teve o Brasil, fundada pelo Sr. donatarios Martim Affonso de Sousa. Entre aquelles (hoje bem necessarios) excellentes moveis, reduzidos á cinzas, só lamentamos o livro grande chamado *Tombo*, porque n'elle se achava escrito com pureza da verdade, o dia, mez, e anno da fundação d'aquella villa, a chegada do seu primeiro fundador dito donatario Martim Affonso de Sousa, com as forças, que trouxêra do reino para a conquista dos barbaros indios habitantes dos sertões do sul, o numero dos navios, em que com elle tinham passado os primeiros e nobres povoadores, fazendo-se menção dos merecimentos e qualidades de cada um d'elles, e dos sujeitos que vinham já casados, e sem familias, attrahidos do reino de Portugal pelo convite do donatario Sousa, que tinha conseguido esta transmigração com o real aggrado do Sr. Rei D. João III, de cujos creados, com o fôro de cavalleiros fidalgos, vieram muitos sujeitos, que propagaram familias nobres em S. Vicente, derramados por S. Paulo, depois que houve de serra acima a primeira villa chamada de S. André da Borda do Campo, erecta em 8 de Setembro de 1553, por Antonio de Oliveira, loco-tenente do dito Martim Affonso, cavalleiro fidalgo da casa



real, que tinha passado ao Brasil com sua mulher D. Genebra Leitão, e por Braz Cubas, cavalleiro fidalgo, que da cidade do Porto tinha passado com o mesmo donatario no estado de viuvo, trazendo um filho Pedro Cubas, e sua irmã D. Catharina Cubas, que casou com..... Ferreira, e então era o dito Braz Cubas provedor da fazenda real, e alcaide-mór da capitania de S. Vicente na villa de Santos, que fundou o dito Braz Cubas. Foram os primeiros camaristas da nova villa de S. André, juiz ordinario João Pires o gago, vereador Paulo de Proença, procurador do conselho Alvaro Martins e tabellião escrivão da camara Gaspar Nogueira .....

Esta villa se transmigrou para o sitio de Piratininga com a vocação de S. Paulo do campo de Piratininga, porque no mesmo anno de 1553 a 24 de Janeiro celebrou-se a primeira missa, que por ser o da conversão de S. Paulo, ficou dando nome a villa que em o dito sitio se fundou em 1553, hoje cidade episcopal de S. Paulo, porque em o anno de 1558 finalisou o caderno das vereações da villa de S. André.

Esta D. Margarida de Carvalho da Silva casou com Domingos da Silva Monteiro, que acabou sem geração a vida no Rio Grande da navegação do Cuyabá, estando provedor dos reaes direitos em 1723 em titulo de Buenos cap. 1.º § 4.º n.º 3—7.

3—6 Alonço Pellaes (filho ultimo de Luiz Dias Leme, do § 7.º), falleceu solteiro, e existia em Santos pelos annos de 1637, quando serviu de padrinho a sua sobrinha D. Antonia Tavares Cabral, na pia baptismal da matriz da villa de Santos.



## GODOIS.

Esta nobre familia principiou na capitania de S. Paulo em Balthazar de Godoy, cavalheiro castelhano, que por tal sempre foi estimado; e assim consta nos autos de *genere* de seu neto Joaquim de Godoy processados em 1679 (Camara episcopal de S. Paulo, *generes*, letra I maço 1.º n. 13). Passou-se ao Brasil no tempo, que os reis de Castella eram tambem de Portugal. Em S. Paulo casou este cavalheiro com D. Paula Moreira, filha de Jorge Moreira (Segundo cart. de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Alves Couceiro, fl. 28 v.) natural do Rio Tinto do Porto, que foi capitão mór governador e ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e de sua mulher Isabel Velha, natural da cidade do Porto (Cart. primeiro de tabelião de S. Paulo, nota do anno de 1613, n. 36, pag. 18, 33. — Nota do anno 1616, pag. 16. — Nota de 1593, n. 10, pag. 15. — Nota de 1608, pag. 10), a qual Isabel Velha era irmã dos padres Gabriel, e Jorge Rodrigues clérigos de S. Pedro; de Francisco Rodrigues Velho, marido de Brizida Machado, em S. Vicente; de Antonio Rodrigues, marido de Joanna de Castilho; de Garcia Rodrigues Velho, marido de Catharina Dias; de Maria Rodrigues, mulher de Salvador Pires, viuva; em titulo de Garcias Velhos: e todos estes irmãos vieram da cidade do Porto, onde eram moradores, para a villa de S. Vicente em 1540 na companhia de seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velha (Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de reg. de Sesmarias, titulo 15, pag. 11 v.). Do matrimonio de Balthazar de Godoy e D. Paula Moreira (Cartorio segundo de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Alves, pag. 28) nasceram em S. Paulo, seis filhos.

- Cap. 1.º Belchior de Godoy.
- Cap. 2.º Balthazar de Godoy.
- Cap. 3.º Gaspar de Godoy Moreira.
- Cap. 4.º João de Godoy Moreira.
- Cap. 5.º Maria de Godoy.
- Cap. 6.º Sebastião Gil de Godoy.

## CAPITULO I

1—1 Belchior de Godoy, casou na matriz de S. Paulo a 28 de Abril de 1629 com Catharina de Mendonça, filha de Francisco de Mendonça, e de sua mulher Maria Diniz : em título de Mendonças, cap. 2.º Falleceu Belchior de Godoy em S. Paulo com testamento em 1649 (Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 4.º de inventarios letra B. n. 42). E teve dez filhos.

- § 1.º Maria Diniz de Mendonça.
- § 2.º Francisco de Godoy Moreira.
- § 3.º Antonio de Godoy Moreira.
- § 4.º Belchior de Godoy.
- § 5.º Paula Moreira.
- § 6.º Domingos.
- § 7.º Isabel.
- § 8.º Balthazar de Godoy Mendonça.
- § 9.º Beatriz, falleceu solteira.
- § 10. Lucrecia, falleceu solteira.

### § 1.º

2—1 Maria Diniz de Mendonça, casou com Antonio Pedroso de Lima, natural de S. Paulo, que falleceu em 1651 (Orphãos de S. Paulo, Inv. letr. A, maço 4.º, n. 33, filho de João Pedroso de Moraes e Maria de Lima; em título de Moraes, cap. 3.º, § 1.º, n. 32 : sem geração.

§ 2.º

2—2 Francisco de Godoy Moreira, casou com Thomazia Rodrigues, natural de S. Paulo, filha de João Pires e Mecia Rodrigues; em título de Pires, cap. 6.º, § 7.º, com geração. Foi capitão da Atibaia e Nazareth até 1703, em que se mudou para Taubaté, onde falleceu com 91 annos de idade.

§ 3.º

2—3 Antonio de Godoy Moreira, falleceu com testamento a 25 de Novembro de 1724 (Cart. da ouvidoria de S. Paulo, testamentos, letr. A.) Foi casado tres vezes: primeira com Joanna de Medeiros. . . de quem teve quatro filhos; segunda, com D. Mecia Rodrigues, natural de S. Paulo, filha de João Pires Rodrigues, e D. Branca de Almeida. Em título de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 9.º, n. 3—4: com sua descendencia: terceira com Lucrecia Veigas, de quem teve tres filhos.

Primeiro matrimonio.

3—1 Mathias de Godoy, que já era fallecido em vida de seu pai.

3—2 Antonio de Godoy e Medeiros.

3—3 Balthasar de Godoy, fallecido em vida de seu pai.

3—4 Catharina do Prado, fallecida em vida de seu pai, e tinha sido casada com Francisco Vaz Moniz, natural de S. Paulo, filho de Pedro Vaz Moniz, natural do lugar do Lavradio (filho de Francisco Vaz Moniz, e de sua mulher Leonor Pereira), que falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Maio de 1669, e de sua mulher Joanna Simoens, viuva de João Rodrigues Lopes (Orphãos de S. Paulo, maço 4.º de inventario, letr. P.).

Terceiro matrimonio (\* o do segundo está em título de Taques, cap. 3.<sup>o</sup>, § 9.<sup>o</sup>)

3—5 Vicente Veigas.

3—6 Belchior de Godoy.

3—7 Maria Veigas, mulher de José de Siqueira Vaz.

§ 4.<sup>o</sup>

2—4 Belchior de Godoy, casou com Maria Ribeiro, natural de S. Paulo (\* o A. na lista dos §§ retro tendo posto alli este casamento de Belchior de Godoy, riscou e pôz assim,—casou com Francisca Cordeiro a 18 de Novembro de 1688 em Jundiaby—; em título de Cordeiros, cap. 1.<sup>o</sup>, § 5.<sup>o</sup>, n. 3—6: mas aqui acha-se o que o mesmo que vai copiado), filha de Salvador de Miranda, que falleceu em S. Paulo a 22 de Dezembro de 1668 (Orphãos de S. Paulo inventarios, letr. I, n. 46), e de sua mulher Antonia Ribeiro (viuva de Gaspar Vaz Guedes), a qual falleceu em S. Paulo com testamento a 14 de Maio de 1681 (Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 1.<sup>o</sup>, letr. A. n. 3), e era irmã dita Maria Ribeira de Antonio de Almeida de Miranda, que casou com Catharina Dias, e de Miguel de Miranda: em título de Prados, cap. 7.<sup>o</sup>, § 7.<sup>o</sup> n. 3—3. (Belchior de Godoy falleceu em S. Paulo, e teve cinco filhos. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letr. B. n. 34.)

3—1 Gaspar de Godoy que na matriz de S. Paulo a 18 de Julho de 1696 casou com Anna Maria Pedroso, filha de Christovão da Cunha, e de D. Maria de Barros de Moraes. Em título de Cunhas, cap. 1.<sup>o</sup>, § 1.<sup>o</sup>, n. 3—7. Com geração que foram.

4—1 Belchior Pedroso de Moraes.

4—2 Gaspar de Godoy da Cunha.

4—3 João de Godoy Cunha.

4—4 Christovão de Godoy Moreira.

4—5 José de Moraes.

4—6 D. Anna Pedroso de Moraes, casada com o coronel Fernando da Silva.

4—7 Anna Maria de Moraes.

3—2 Maria de Godoy, mulher de Antonio Pires da Silva.

3—3 Anna Maria de Godoy, falleceu em Nazareth a 24 de Janeiro de 1731, e foi casada com Miguel Fragoso de Mattos, de quem teve dois filhos.

4—1 João Fragoso.

4—2 Ignez Corrêa, mulher de Antonio Rodrigues da Cunha (Resid. de S. Paulo, testamento, n. 30, letr. A).

3—4 Antonia Ribeiro.

3—5 Domingos Moreira.

§ 5.º

2—5 Paula Moreira, casou com Braz Cubas, que falleceu em 1678 (Orphãos de S. Paulo, inventarios, B, n. 36). E teve tres filhos.

4—1 Isabel.

4—2 Mathias.

4—3 Lucrecia.

§§ 6.º e 7.º

2—6 Domingos.

2—7 Isabel.

§ 8.º

2—8 Balthazar de Godoy Mendonça, casou com Marianna Bueno de Amaral que falleceu em S. Paulo com testamento, a 20 de Outubro de 1683, filha de Antonio Bueno, e de Maria do Amaral de Sampaio (Cart. de or-

phãos de S. P., maço 1.<sup>o</sup> letr. M., n. 7.) Em título de Buenos, cap. 1.<sup>o</sup>, § 3.<sup>o</sup>, n. 3—3. E teve dois filhos.

3—1 Antonio.

3—2 Francisca.

§§ 9.<sup>o</sup> e 10.

2—9 Beatriz, falleceu solteira.

2—10 Lucrecia, falleceu solteira.

## CAPITULO II.

4—2 Balthazar de Godoy, casou na matriz de S. Paulo a 24 de Novembro de 1630 com Antonia Preta, filha do capitão Manoel Preto, e Agueda Rodrigues: em título de Pretos, cap. 1.<sup>o</sup>, § 1.<sup>o</sup> Falleceu Antonia Preta em S. Paulo com testamento a 9 de Junho de 1632 (Orphãos, maço 2.<sup>o</sup> de Inv. letr. A). segunda vez casou dito Balthazar de Godoy com Maria Jorge, natural de S. Paulo, filha de Francisco Jorge, natural da Granja, (filho de Jorge Pires, e de sua mulher Violanta Cabral, que foi irmã de fr. Anselmo de Jesus, que estando D. abbade geral dos bentos, falleceu no mosteiro de S. Tirço), que falleceu em S. Paulo com testamento a 8 de Novembro de 1647 (Cart. do primeiro tabellião de S. Paulo, maço de Inv. antigos, o de Francisco Jorge), e de sua mulher Isabel Rodrigues, que falleceu em S. Paulo com testamento ao 1.<sup>o</sup> de Novembro de 1662, e tinha sido viuva de Lourenço Gomes Ruxaque, e filha de Francisco Martins Bonilha, o castelhano, e de sua mulher Antonia Gonçalves, tambem castelhana, e ambos vieram a Santos na armada do general Diogo Flores de Bardez, que era seu cunhado, e ella

Antonia Gonçalves, era natural da cidade de Sevilha, e seu marido: em titulo de Bonilhas, cap. 3.º (Cart. de orphãos, maço 2.º de Inv. letr. I) Balthazar de Godoy, falleceu na villa de Mogy das Cruzes, com testamento a 11 de Novembro de 1679 (Orphãos de Mogy, maço 1.º de Inv., Letr. B). E do primeiro matrimonio teve uma filha, e do segundo teve treze filhos, todos naturaes de S. Paulo.

Primeiro matrimonio.

§ 1.º Antonia Preta.

Segundo matrimonio.

§ 2.º Fernando.

§ 3.º Antonio.

§ 4.º Balthazar Velho.

§ 5.º Manoel Velho de Godoy.

§ 6.º Placido.

§ 7.º Jorge Moreira Garcia.

§ 8.º Francisco Jorge.

§ 9.º Thomaz Moreira Velho.

§ 10 João de Godoy Moreira.

§ 11 Leonor Jorge.

§ 12 Maria Jorge.

§ 13 Paula Moreira.

§ 14 Isabel Rodrigues.

§ 1.º

2—1 Antonia Preta, casou duas vezes: primeira com Nuno Bicudo de Mendonça; em titulo de Bicudos: segunda vez casou com Isidoro Pinto da Silva, na matriz de S. Paulo (filho de Jacomo Pinto, e de sua mulher Catharina da Silva), que falleceu em 1707; (Cart. de orphãos de Parn. letr. I., n. 435) e tinha sido casado com Innocencia da Costa, da freguezia de Santo Amaro, na matriz de



S. Paulo a 20 de Maio de 1644, de quem teve quatro filhos. Nuno Bicudo de Mendonça, falleceu em S. Paulo, em 1649 (Orphãos de S. Paulo, letr. N. n. 1). E d'este matrimonio teve Antonia Preta, nascidos em S. Paulo, dois filhos; e do segundo matrimonio com Isidoro Pinto, teve oito filhos: e por todos dez filhos.

Primeiro matrimonio.

3—1 Balthazar de Godoy Bicudo. Foi capitão da villa de Parnahyba, e de grande respeito e veneração: alli falleceu com testamento a 8 de Novembro de 1718 (Orphãos de Parn., Inv. letr. B., n. 19), casou com Ignez Dias de Alvarenga, que falleceu na Parnahyba com testamento, a 19 de Agosto de 1733, natural da mesma villa, filha de Pedro de Alvarenga, e de sua mulher Benta Dias de Proença, a qual foi filha do capitão Balthazar Fernandes: em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 1.<sup>a</sup>, § 4.<sup>o</sup> (Cart. de orphãos de Parn. Inv. letr. I, n. 576. E letr. B. n. 506). Esta Ignez Dias de Alvarenga, collocou no mosteiro de S. Bento da villa de Parnahyba uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, para cujo patrimonio deu 400\$000 em dinheiro (com todos os paramentos necessarios para o altar), para se porem a juros, e fazer-se annualmente a festa da Senhora; e deu mais 200\$000 ao mosteiro e um escravo por nome Adão para tratar do asseio do dito altar, sendo presidente do dito mosteiro o padre fr. Antonio da Luz, o que tudo melhor consta do testamento da doadora. E teve

4—1 Pedro Corrêa de Godoy, foi para as minas de Cuyabá, onde existe em 1733.

4—2 Fr. Francisco Preto de S. Maria, carmelita calçado: teve 200\$000 a juros para seus alimentos em vida.

4—3 Isabel de Proença Varella, casou em Itú a 4 de

Fevereiro de 1698 com Antonio João Ordonho, natural da ilha de S. Sebastião, filho de Antonio Gonçalves e de sua mulher Isabel Sobral: E são pais de Antonio João Ordonho, e José Corrêa Ordonho.

4—4 Joanna de Godoy Bicudo, mulher de João Gomes de Escobar.

4—5 Benta Dias de Proença, mulher de Bernardo de Campos: Em titulo de Campos, cap. 6.<sup>o</sup>, com toda a sua descendencia.

4—6 Balthazar de Godoy, falleceu solteiro.

3—2 Nuno Bicudo, falleceu solteiro em Parnahyba.

Segundo matrimonio.

3—3 O padre Isidoro Pinto de Godoy, clérigo de S. Pedro, foi vigário collado da matriz da villa de Parnahyba por carta de collação do Senhor Rei D. Pedro II, datada a 5 de Outubro de 1691, tendo sido provido na dita igreja pelo Exm. bispo D. José de Barros e Alarcão em 2 de Outubro de 1690; como tudo consta no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro 7.<sup>o</sup>, n. 4, titulo 1686, pag. 50 v. E livro 8.<sup>o</sup>, n. 5, titulo 1693, pag. 2.

3—4. José Velho Moreira, casou com Taribia de Almeida Naves, filha de João de Almeida Naves e de sua mulher Maria da Silva. Em titulo de Almeidas Naves. Falleceu José Velho Moreira na Parnahyba com testamento a 26 de Dezembro de 1728, e sua mulher falleceu na mesma villa com testamento a 20 de Janeiro de 1734. (Cartorio de orph. de Parnahyba, Inventarios, letra S n. 557. Letra T. n. 580.) E teve quatro filhos naturaes de Parnahyba.

4—1. Isidoro Pinto Velho de Godoy, morador em 1769 em Mogy-mirim, e casado com D. Anna Bueno da Silva, natural das Minas Geraes, filha do capitão-mór Pedro Fração de Brito, e de.....: em titulo de Taques.

E teve nascidos em Mogy guaçu onze filhos.

- 5—1 Pedro Frazão de Brito.
- 5—2 Francisco Xavier Ignacio.
- 5—3 João de Godoy Moreira.
- 5—4 José Velho Moreira.
- 5—5 Joaquim de Godoy Moreira.
- 5—6 Alexandre de Godoy Moreira.
- 5—7 D. Maria de Godoy.
- 5—8 D. Mecia Bueno da Silva.
- 5—9 D. Isabel Bueno da Silva.
- 5—10 D. Anna Bueno da Silva.
- 5—11 D. Barbara Bueno da Silva.

4—2 Antonio de Almeida Velho, existe em Mogy-mirim casado com Maria de Araujo: em titulo de.....

E teve oito filhos, nascidos em Mogy guaçu.

- 5—1 Ignacio de Almeida.
- 5—2 José de Almeida.
- 5—3 Salvador de Almeida.
- 5—4 João de Almeida.
- 5—5 Bento de Almeida Navas.
- 5—6 Antonio de Almeida.
- 5—7 Joaquim de Almeida.
- 5—8 Maria de Araujo.

4—3 Maria Velha, casada com Francisco de S. Payo, passou de Parnahyba para Cuyabá.

4—4 Antonia Preta, casada com Marcos da Silva, moradores de Itú, com filha unica chamada Maria.

3—5 Angelo Preto, falleceu nas Minas Geraes, onde era morador.

3—6 Francisco Preto de Godoy, falleceu nas Minas Geraes, onde era morador. Casou em Itú a 30 de Março de 1704 com Maria de S. Payo, filha de André de S. Payo, e

de sua mulher D. Anna de Quadros, em título de Arru-  
das, n. .... cap. ....

3—7 Anna Maria de Godoy, natural de Parnahyba, falle-  
ceu com testamento a 25 de Maio de 1739, solteira. (Rez.  
eccles. de S. Paulo, testamentos A, maço 1.º n. 35).

3—8 Maria José, falleceu solteira na Parnahyba.

3—9 Isabel Velha de Godoy, casou com Antonio Cor-  
rêa, ella falleceu com testamento em 1699. (Resid. de  
S. Paulo da ouvidoria, testamento de Isabel Velha de Go-  
doy). E teve tres filhas. Isidora Pereira, Maria de Godoy  
e Benta Dias.

3—10 João de Godoy, casou com Luzia Leme, que fal-  
leceu na Parnahyba a 21 de Dezembro de 1699 (filha de  
Aleixo Leme de Alvarenga, e de sua mulher Anna de Pro-  
ença). Ouvidoria de S. Paulo, testamento de Luzia Leme.  
E teve cinco filhos.

4—1 Aleixo Leme.

4—2 João de Godoy Pinto, falleceu na Parnahyba com  
testamento a 25 de Fevereiro de 1743, casado com Catha-  
rina Leite. (Orph. de S. Paulo, inventarios, letra F n. 646.

4—3 João de Godoy.

4—4 .... casada com Sebastião Francisco.

4—5 N....

## § 2.º

2—2 Fr. Fernando, religioso franciscano da provincia  
da Conceição do Rio de Janeiro, foi baptizado na matriz de  
S. Paulo a 3 de Fevereiro de 1641.

## §§ 3.º e 4.º

2—3 Antonio, baptizado a 24 de Maio de 1643, e falle-  
ceu logo.

2—4 Balthasar Velho de Godoy, foi baptizado em 1644.

§ 5.º

2—5 Manoel Velho de Godoy, foi baptizado no 1.º de Setembro de 1646. Foi casado com Estefania de Quadros, filha de Balthasar de Quadros: em título de Quadros, cap. 3.º § 8.º, e em título de Lemes, cap. 2.º § 6.º Manoel Velho falleceu com testamento em 1671 a 26 de Dezembro, na Parnahyba. (Orph. letra B n. 227.)

§§ 6.º 7.º 8.º

2—6 Fr. Placido, religioso beneditino na provincia do Brasil.

2—7 O padre Jorge Moreira de Godoy, clérigo, foi vigario da villa de Mogy das Cruzes.

2—8 Francisco Jorge, casou...

§ 9.º

2—9 Thomé Moreira Velho, fez assento na villa Mogy das Cruzes, onde sempre teve as redeas do governo politico da republica gozando uma igual veneração e respeito, não só d'aquelles moradores, mas tambem de todos os ministros e generaes, que passavam por aquella villa. Foi sargento-mór do terço dos auxiliares do mestre de campo Domingos da Silva Bueno pelo general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com o qual posto marcha em 16 de Setembro de 1711 para a villa de Santos, sendo governador alli Manoel Gomes Barbosa, que se achava ameaçada dos francezes. Falleceu na villa de Mogy com testamento a 26 de Outubro de 1728, e foi casado com Natária Gomes, natural da villa de Santos, que falleceu com testamento a 31 de Outubro de 1719. (Cartorio de orph. de Mogy, maço 1.º de inventarios, letra N n. 3, letra T n. 4),

filha de João Gomes Villas Boas, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Jacome, natural de Santos legitima descendente de Gonçalo Pires Pancas, que na villa de Santos foi progenitor tambem por dita Maria Jacome dos PP. Sebastião Alvez, Claudio Gomes, e Paschoal Gomes, jesuitas, todos irmãos, e de Fr. Paschoal de Encarnação, franciscano, filhos de Antonio Alves e de sua mulher Maria Gomes, a qual era irmã direita de Natária Gomes, mulher de Thomé Velho Moreira. (A. 312.)

E teve nascidos em Mogy dez filhos.

3—1 João de Godoy Moreira, casou em S. Paulo a 28 de Agosto de 1695 com Urbana Pereira, filha de Francisco Pereira do Faro, e de Anna Maria de Oliveira.

3—2 Francisco de Godoy, casou com Adriana Barreto : em titulo de Moraes, cap. 2.<sup>o</sup> § 3.<sup>o</sup> n. 3—3, 4—5.

3—3 Florentino de Godoy, casou.

3—4 Antonio Moreira Villas Boas, casou com Maria de Jesus : em titulo de Pires, cap. 5.<sup>o</sup> § 8.<sup>o</sup>, n. 3—2.

3—5 Balthasar de Godoy Moreira, casou com Anna Pinheiro : em titulo de Pires, cap. 5.<sup>o</sup> § 8.<sup>o</sup> n. 3—2.

3—6 Maria Jacome, casou em Mogy com Antonio Portes d'El-Rey. Casamentos de Mogy. n. 41.

3—7 Maria Moreira, mulher de Placido Cordeiro de Vasconcellos.

3—8 Domingas Moreira, mulher de Verissimo Cordeiro D. 19 Mogy.

3—9 Thomé Moreira Velho, foi sargento-mór, casado com Maria Gomes. E teve entre outros filhos.

4—1 Thomé Moreira, que falleceu em S. Paulo em Setembro de 1731, e foi casado com Branca das Neves, irmã do padre João Martins Bonilha : em titulo de Moraes, cap. 2.<sup>o</sup> § 6.<sup>o</sup> n. 3—3 e seg., a qual tinha fallecido em Agosto do

mesmo anno de 1731, (Orph. de S. Paulo, letra T, n. 1.º)  
E teve dez filhos :

5—1 D. Isabel Barbosa, mulher de Estanislão de Toledo Piza.

5—2 Branca das Neves.

5—3 Angela.

5—4 Maria.

5—5 Rosa.

5—6 Miguel de Godoy Moreira.

5—7 Lourenço.

5—8 Francisco de Godoy.

5—9 Thomé Moreira.

5—10 João.

3—10 Veronica, muda, falleceu solteira.

§§ 10 e 11

2—10 João de Godoy Moreira. Falleceu solteiro.

2—11 Leonor Jorge, casou com Sebastião da Fonseca Pinto, de qualificada nobreza, natural da villa de Figueira, junto da foz do Rio Mondego, filho de Manoel Martins, e de sua mulher Maria da Fonseca. Falleceu com testamento em Mogy a 28 de Outubro de 1719. (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos testamentos do reziduo, o de Sebastião da Fonseca Pinto.) E teve sete filhos :

3—1 Fernando de Godoy Moreira.

3—2 Sebastião da Fonseca Pinto.

3—3 Manoel da Fonseca, casou com Marianna de Freitas : em titulo de Camargos, cap. 7.º § 1.º n. 3—1.

3—4 Marco da Fonseca Pinto, casou com Victoria Gomes, natural da villa de Santos, pais do P. M. Fr. Sebastião, carmelita.—M. n. 83.

3—5 Martinho da Fonseca.



3—6 Anna de Godoy Moreira, casou em Mogy a 3 de Setembro de 1679 com Domingos Freire de Figueiredo (Casamentos de Mogy n. 19), natural de Ponte de Lima, filho de Gonçalo Freire, e de Domingas de Figueiredo. (Mogy D. 18.—S. Paulo 135).

3—7 Isabel da Fonseca, mulher de João Portes d'el-Rey, e teve duas filhas:

4—1 Anna, casou com Antonio Fernandes.

4—2 Isabel, casou com João Fernandes.

2—12 Maria Jorge, casou com Antonio Leite Ferreira, natural de. . .

3—1 Luzia Moreira, natural de Parnahyba, falleceu em Mogy a 7 de Maio de 1739; foi casada com Antonio de Siqueira Caldeira, que falleceu com testamento no 1.º de Junho de 1726, natural de S. Paulo filho de Antonio de Siqueira Caldeira, e de sua mulher Anna de Goes, E teve seis filhos. (Mogy A 24—L. 25.

4—1 Amaro Leite.

4—2 Apparicio Leite.

4—3 João Leite.

4—4 Domingos Leite.

4—5 José Leite.

4—6 Manoel Moreira.

4—7 Maria Moreira.

### § 13.º

2—13 Paula Moreira, foi casada com Luiz Mendes de Vasconcellos, que falleceu em Mogy em Julho de 1716. (Cartorio de orph. maço 4.º do inventarios, letra L n. 4.º). Com testamento que se acha na ouvidoria de S. Paulo, e por elle consta mandar se sepultar em jazigo proprio, que tinha na capella-mór da igreja dos religiosos do convento

do Carmo da villa de Mogy por escriptura celebrada em 1683. Foi natural do Porto, filho mais velho de Diogo de Araujo Ferraz, cidadão do Porto, e de sua mulher Marianna Freire de Vasconcellos; moradores em casas proprias na rua chã, senhores da quinta de Palhares na freguezia de S. Maria de Penha Longa, conselho de Bemviver, pelo Douro acima; e fallecendo sua mãe Marianna Freire em 1676 se repartiu a fazenda com o testador Luiz Mendes e seu irmão o doutor João de Araujo Ferraz, e dois irmãos mais. E teve onze filhos.

3—1 João de Araujo Ferraz, casou com Mauricia da Silva.

3—2 Diogo de Araujo, morador em Jacarehy, onde falleceu. Com geração.

3—3 Balthazar de Godoy Moreira, morador na Conceição, onde falleceu. Com geração.

3—4 Luzia Moreira.

3—5 Maria Jorge.

3—6 Anna do Monte Carmelo.

3—7 Isabel, falleceu solteira em Mogy.

3—8 Josepha de Araujo, casou com Thomé Pimenta de Abreu, natural de Mogy, filho de. . .

E teve nascidos em Mogy :

4—1 Thomé Pimenta de Abreu, sargento-mór das ordenanças de Mogy por patente do general D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão em 1767, casado com . . . em titulo de Quadros Cunhas Gagos.

4—2 N. . . mulher de Manoel Rodrigues da Cunha, capitão-mór da villa de Mogy,

4—3 Escolastica de Godoy de Araujo, [foi casada com Manoel Carvalho Pinto, natural da Granja de Biocas, freguezia de S. Thomé de Covellas, bispado de Lamego, filho do Manoel de Magalhães Pinto, e de sua mulher Theresa

de Seixas de Carvalho, natural da mesma Granja de Biocas. Neto pela parte paterna de Belchior de Magalhães Pinto, assistente na sua quinta do Bairal freguezia de Antade, natural de Couvellos, conselho de S. Marinho de Mouros; (filho de Belchior Pinto, senhor da quinta do Bairal, conselho de Aregos, e de sua mulher Maria Leitão de Magalhães da quinta do Barral), e de sua mulher Maria Pinto de Seixas, filha unica; pela qual é bisneto de Paulo Machado Pinto, (filho de Gaspar Pinto Machado, senhor da quinta do Barral e de sua mulher Agueda Cardoso Botelho, moradora da sua quinta do Bairal) e de sua mulher Maria de Seixas Pinto; filha de Antonio Pinto de Seixas, natural da villa do Paço, e de sua mulher Joanna de Almeida, natural da Villa Real. (\* Esta narração é de uma arvore formada pelo A, á qual remette para se ver, pois só tinha posto o nome de Manoel Carvalho Pinto.) E teve :

3— Bartholomeu de Carvalho Pinto.

4—4 N . . . . mulher de Verissimo João de Carvalho.

3—9 Barbara Sanhuda, falleceu com testamento a 11 de Abril de 1722, (Ouvidoria de S. Paulo, testamento de Barbara Sanhuda.)

3—10 Marianna Freire de Vasconcellos, casou com Jorge da Costa Pinna, natural de Setubal. (Mogy, I, 52) caz. n. 30.

3—11 Luiz, falleceu menino.

§ 14º ultimo.

2—14 Isabel Rodrigues, casou em S. Paulo com Lucas de Camargo, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Camargos, cap. 1.º § 6.º Com geração.

CAPITULO III

1—3 Gaspar de Godoy Moreira, natural e cidadão de S. Paulo, e capitão em 1647, falleceu alli com testamento a 30 de Abril de 1658 (Cart. de orphãos, maço 1.º de inventarios, letra G.), e foi casado duas vezes: primeira na matriz de S. Paulo a 30 de Abril de 1634 com Anna de Alvarenga, que falleceu com testamento a 18 de Abril de 1698 (Orphãos, maço 3.º de inventarios, letra A.), filha de Pedro da Silva, e de sua mulher Anna de Alvarenga: em titulo de Alvarengas, cap. 6.º, § 1.º: segunda vez casou com Anna Lopes Moreira, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 7 de Janeiro de 1679, Orphãos, maço 1.º, letra A.), filha de Gaspar Gonçalves Ordonho, natural de Itanhaen, e de sua mulher Anna Moreira, natural de S. Paulo, que falleceu a 9 de Março de 1692, e foram pais do padre Cosme Gonçalves Moreira, clérigo de S. Pedro. Neta pela parte paterna de Diogo Gonçalves, e de sua mulher Anna Lopes, ambos naturaes de Itanhaen, e elle foi filho do fundador e povoador d'esta villa João Rodrigues Castelhanos em 1549; e ella foi filha tambem do povoador e fundador da mesma villa Christovão Gonçalves; como tudo se vê no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de registros de sesmarias, titulo 1.º, pag. 144. E livro 1562, pag. 151, na sesmaria concedida em Itanhaen a João Rodrigues Castelhanos, para fundar e povoar villa em Itanhaen. E pela parte materna foi neta de Jorge João, natural de Portugal, que veio ao Brasil em praça de alferes da companhia do capitão Diogo Gonçalves Laço, que a S. Paulo chegou (vindo da Bahia mandado por D. Francisco de Sousa, setimo governador do Estado a descobrimentos de ouro, e prata), em 1598, e o dito alferes estava já casado com Maria Moreira em 1599,

como temos mostrado em título de Moreiras, n. 1, cap. 4.º,  
§ 1.º, com a sua descendencia, e ascendencia de sua  
mulher Maria Moreira. E teve dez filhos.

Do primeiro matrimonio.

- § 1.º Gaspar de Godoy Moreira.
- § 2.º Ignacio Moreira de Godoy.
- § 3.º Balthazar de Godoy Moreira.
- § 4.º Anna Ribeiro de Alvarenga.
- § 5.º Paula Moreira.

Do segundo matrimonio.

- § 6.º Gaspar Gonçalves Moreira.
- § 7.º Jorge Moreira de Godoy.
- § 8.º José de Godoy.
- § 9.º O padre Joaquim de Godoy Moreira.
- § 10 Anna Moreira.

§ 1º

2—1 Gaspar de Godoy Moreira o *Tavaymana* de alcunha, que quer dizer cara frangida, foi cidadão de S. Paulo e da villa de Parnahyba, e pessoa de muita autoridade, falleceu com testamento a 13 de Outubro de 1693 (Cart. de orphãos de Parnahyba, maço de Inv. letra G., n. 369) casou duas vezes: primeira com Custodia Moreira, irmã direita do padre Cosme Gonçalves Moreira, de quem já tratamos n'este mesmo capitulo terceiro, natural de S. Paulo. E teve oito filhos: segunda vez com Maria Barbosa, natural de S. Paulo, filha de Francisco Barbosa Rebello, natural de Vianna, que falleceu em S. Paulo, com testamento a 31 de Julho de 1685 (Orphãos de S. Paulo, Inv. maço 2.º, letr. F., n. 37) e de sua mulher Catharina Moniz, natural

da villa de S. Vicente, neta por parte paterna de Thomé Rebello Carneiro, e de sua mulher Catharina Barbosa: e pela materna, neta de Pedro de Sousa Moniz, e de sua mulher Catharina Vieira, como consta do testamento de Francisco Barbosa Rebello já citado. Este casou segunda vez com Francisca da Silva, filha de Gonçalo Lopes, e de Catharina da Silva, em S. Paulo, de quem teve cinco filhos. E do segundo matrimonio teve cinco filhos: e por todos treze filhos.

#### Primeiro matrimonio

3—1 Fr. Gaspar do Espirito Santo, carmelita calçado, occupou o lugar de prior de alguns conventos, e está sepultado na cidade de S. Paulo.

3—2 Fr. José Moreira de Godoy, foi carmelita calçado com grande veneração na sua provincia, e occupou o lugar de prior em alguns conventos. Passou a Minas Geraes, de onde se recolheu com cabedal, que soube empregar nos ricos ornamentos de tella branca de ouro, que ainda hoje existem no convento de S. Paulo, onde jaz sepultado.

3—3 João de Godoy Moreira, falleceu na Parnahyba, solteiro (Cart. de orphãos, inv. letr. I. n. 393).

3—4 D. Maria Gomes Moreira, casou com o capitão de infantaria Bartholomeu Paes de Abreu; sem geração. E o dito capitão casou segunda vez com D. Leonor de Siqueira, filha do capitão mór governador e alcaide mór Pedro Taques de Almeida.

3—5 Balthazar de Godoy Moreira, falleceu solteiro na Parnahyba. Inv. I. n. 393.

3—6 D. Anna Moreira de Godoy, baptizada em S. Paulo a 12 de Março de 1661, casou com o coronel Pedro de Moraes Raposo, natural de S. Paulo, morador de S. João

d'El-Rei, onde falleceu. Em titulo de Moraes, cap. 3.º, com geração.

3—7 Antonio de Godoy, falleceu solteiro : orphãos de Parn. letr. I., n. 393.

3—8 Catharina de Godoy Moreira, casou com Manoel Monteiro Chassim, natural de S. Paulo: em titulo de Chassins, cap. 4.º, com geração.

Segundo matrimonio.

3—9 Isabel da Silva.

3—10 Francisco Barbosa, falleceu solteiro nas minas de Gorapiranga em 1722, sendo vigario o padre Guilherme da Silva Nogueira, que lhe fez o officio de corpo presente.

3—11 Pedro da Silva.

3—12 Januario de Godoy Moreira, casou em Parnahyba com D. Theresa Leite da Silva, filha do guarda-mór João Leite da Silva Ortiz, descobridor das minas de Goyazes : em titulo de Lemes, cap. 5.º § 5, n. 5—3, com geração.

3—13 Maria da Silva.

§ 2º e 3º

2—2 Ignacio Moreira de Godoy.

2—3 Balthasar de Godoy Moreira, e depois Fr. Balthasar do Monte Carmelo, carmelita calçado, e vigario de S. João da Atibaya, tendo sido antes coadjutor da matriz de S. Paulo.

§ 4º

2—4 Anna Ribeiro de Alvarenga, casou com Bernardino de Chaves Cabral, (foi senhor da fazenda no caminho dos Pinheiros, que passou a ser de Margarida de Oliveira.)



natural e cidadão de S. Paulo onde falleceu com testamento, que existe no cartorio ecclesiastico ; foi irmão de Isabel da Costa, mulher de Tristão de Oliveira, de Beatriz Diniz, mulher de Alberto Lobo, e de outros; e todos foram filhos de Manoel da Costa do Pino, que falleceu na Parnahyba em 1653, e de Antonia de Chaves, que falleceu a 23 de Dezembro de 1639, filha de Domingos Dias, o moço, e de Clara Diniz. (Parnahyba A 7, M 5.) Clara Diniz foi filha do almoxarife Christovão Diniz, e Maria Camacho. Domingos Dias o moço foi filho de Domingos Dias, (Testamentos de S. Paulo, letra D.) E teve, naturaes de S. Paulo, oito filhos.

3—1 Bernardo de Chaves Cabral, casou com D. Maria Garcia, natural de Parnahyba, irmã direita do guarda-mór Maximiano de Oliveira Leite, professo da ordem de Christo: em titulo de Lemes, cap. 5.º §. . na descendencia do governador Fernão Dias Paes Leme. Antes de casar teve uma filha havida em mulher solteira de qualidade, da familia dos Cerqueiras Tavares, e se chamou Joanna de Godoy Moreira, que se creou em casa de sua tia a beata Anna do Espirito Santo, e casando com João Mendes, (irmão do padre Paschoal Mendes, e de Filippe Mendes, e de José de Passos) teve dois filhos. Bernardo Mendes da Silva, que existe casado com Antonia Luiza : em titulo de Pachecos Jorges, cap. 3.º § 7.º, e Maria Mendes, mulher de Francisco Gomes, que já falleceu.

3—2 João de Godoy Moreira, casou com D. Barbara Paes de Queiroz, irmã do sobredito guarda-mór Maximiano de Oliveira Leite. Em titulo de Lemes, cap. 5.º na descendencia do governador Fernão Dias Paes, e alli com oito filhos.

3—3 Isabel Rodrigues Cabral, casou na matriz de S. Paulo a 16 de Fevereiro de 1697 com Francisco de Barros: em titulo de Freitas, cap. 5.º § 1.º n. 3—1.

3—4 Paula Moreira, falleceu solteira.

3—5 Anna do Espirito Santo, falleceu, beata carmelita, em S. Paulo, senhora das casas, qua ao presente são de José da Costa.

3—6 Ignacio Moreirs de Alvarenga, morador no sitio dos Pinheiros de S. Paulo, casado com Anna Barreto de Almeida: em titulo de Alvarengas, cap. 5.º § 1.º n. 3—16 4—1, 5—1.

3—7 Joanna de Godoy, casou em S. Paulo a 19 de Abril de 1700 com Luiz de Barros Freire, filho de Luiz de Barros Freire: em titulo de Freitas, cap. 5.º § 1º n. 3—2. Com geração.

3—8 Antonia de Godoy, falleceu solteira em S. Paulo.

2—5 Paula Moreira, baptizada a 12 de Outubro de 1647, casada com Luiz Rodrigues Cavallinho. Sem geração.

2—6 Gaspar Gonçalves Moreira, foi paulista de uma grande veneração e igual respeito por suas virtudes moraes, e tratamento que teve, como potentado e abundante de cabedaes, que os soube despende com utilidade do bem publico e particular de muitas casas pobres, que soccorria. Fez o seu estabelecimento no sitio de Araçari-guama na sua fazenda de culturas. Casou com D. Custodia Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme, de quem não teve filhos: em titulo de Lemes, cap. 5.º § . . . Falleceu com testamento a 30 de Maio de 1727, e deixou em dinheiro varias legados ás irmandades de Parnahyba, e o remanescente a uma filha de seu sobrinho direito o sargento-mór José Moreira da Silva, de quem fazemos menção adiante. A sua fazenda de cultura ficou ao mosteiro de S. Bento de Parnahyba, por morte de D. Custodia Paes.

2—7 Jorge Moreira de Godoy, baptizado a 30 de Março de 1657. Foi de grande respeito e veneração, que sempre teve as redeas do governo da republica assim da patria, como da villa de Parnahyba : acabou com patente de coronel do regimento das ordenanças de S. Paulo e villas da sua jurisdicção. Falleceu com testamento em 1725, tendo sido casado com D. Isabel Paes, filha do governador Fernando Dias Paes Leme, em titulo [de Lemes, cap. 5.º § . . . a qual havia já fallecido a 30 de Novembro de 1716. (Cartorio de orph. de Parnahyba, inventarios letra I n. 502.) E teve nascidos em Parnahyba quatro filhos.

3—1 Pedro Dias Paes.

3—2 José Moreira da Silva, que do posto de sargento-mór passou a coronel do regimento das mesmas ordenanças de que era major, Teve um grande respeito na patria e fóra d'ella, e correndo os annos se passou de casa mudada para as Minas Geraes, e fez assento em Gorapiranga, onde falleceu, a alli tem geração das filhas, que levou de Parnahyba.

3—3 D. Anna da Silva, casou primeira vez com Francisco Carvalho Soares, capitão de infantaria do presidio da cidade do Rio de Janeiro, e ella falleceu na villa de Parnahyba. (Cartorio de orph. inventarios, letra A n. 532.) E teve tres filhos do primeiro matrimonio. Casou segunda vez com João de Godoy e Almeida, seu parente, de quem só teve uma filha ; era filho do capitão Antonio de Godoy Moreira, e de sua mulher D. Anna de Lima, irmão do R. doutor Guilherme Pompêo : em titulo de Taques, cap. 2.º § 3.º n. 3—3. E teve de ambos os matrimonios quatro filhos.

1º matrimonio.

4—1 Francisco de Carvalho Soares.

4—2 Jorge Moreira de Godoy.

4—3 D. Isabel Paes, mulher de Lourenço Corrêa de Lemos.

2º matrimonio.

4—4 D. Rita de Godoy, mulher de João de Mattos Raposo.

3—4 D. Maria Garcia, não sabemos que estado teve.

§ 8º

2—8 José de Godoy Moreira, nasceu a 4 de Abril de 1653, seguiu os estudos de grammatica latina, porque seus pais o destinavam para clérigo, Casou-se com D. Lucrecia Leme, que falleceu em S. Paulo em 1681, (Cartorio de orph. inventarios, maço 1.º, letra L. n. 32), filha de Simão Ferreira Delgado, natural da Bahia, e capitão de infantaria d'aquelle presidio, professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Isabel Paes da Silva, irmã do governador Fernão Dias Paes, em titulo de Lemes, cap. 3.º § . . . E teve filha unica, D. Maria Leme das Neves, que na matriz de S. Paulo em 8 de Abril de 1698 casou com Timotheo Corrêa de Goes, provedor proprietario da fazenda real e contador d'ella, vedor da gente de guerra da praça de Santos e juiz da alfandega: em titulo de Lemes, cap. 5º § . . . Com sua descendencia, José de Godoy Moreira depois de viuvo, ordenou-se de presbytero de S. Pedro na cidade da Bahia, e achando n'ella uma aceitação de applauso e estimação, fez n'ella assento, e fundou uma opulenta fazenda na villa de Cachoeira, de cujos redditos

tirou grande cabedal, que herdou sua filha D. Maria Leme das Neves.

§ 9º e 10

2—9 Joaquim de Godoy, ordenou-se de presbytero de S. Pedro. (Camara episcopal de S. Paulo, *generes*, letra I.

2—10 Anna Moreira, baptizada ao 1.º de Novembro de 1654, foi casada com Simão de Vasconcellos da Silva, alferes de infantaria da praça de Santos, que falleceu de um tiro em 1675 em S. Paulo; sem geração. Cartorio do 1.º tabellião maço de inventarios, letra I.

CAPITULO IV.

1—2 João de Godoy Moreira, foi um cidadão que em S. Paulo sua patria teve sempre o primeiro voto no politico e civil governo da republica como pessoa de grande autoridade, respeito e veneração. Viveu abundantissimo em cabedaes, e com uma fazenda de culturas, onde as vinhas lhe davam o vinho com muita fartura. Falleceu com testamento a 20 de Março de 1665. (Cartorio de orph. maço 1.º de inventarios, letra I n. 5). Foi casado com Eufemia da Costa Motta, natural da villa de S. Vicente, como temos por mais seguro, irmã direita do capitão-mór e governador de Ilanhsen (sendo capitania) Vasco da Motta, pelos annos de 1639, e do R. Antonio Roposo, que passou a Roma, a absolver-se da irregularidade pela morte, que fez a um seu freguez, sendo parochó collado da igreja da villa de S. Vicente, da qual havia tomada posse a 9 de Julho de 1611; e tendo feitos distinctos serviços ao Sr. rei D. Pedro II sendo principe regente (o mandou da côrte de Lisboa ao Maranhão a encontrar-se com a tropa dos pau-

listas, que commandava Sebastião Paes de Barros, que de S. Paulo tinha penetrado o sertão até o rio Tocantins, pelos annos de 1674, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino, no livro titulo Registo das cartas do Rio de Janeiro 1673 pag. 5), lhe fez mercê da abbadia de S. Maria Magdalena de Chavians no Minho que tinha vagado por morte do abbade Francisco de Lira de Castro, por alvará de apresentação datado em 19 de Julho de 1681, que se acha registrado no livro de apresentações da casa de Bragança a fl. 46 do livro da Chancel., titulo 1632 pag. 417, o qual alvará se acha nos autos de *genere* do padre Lobo Rodrigues Velho na camara episcopal letra L. E renunciando depois esta abbadia se recolheu a chorar peccados na religião dos carmelitas descalços, em Portugal, onde acabou com grande opinião. Esta Eufemia da Costa foi filha de Athanasio da Motta que levou em dote de casamento os officios de escrivão da fazenda real e alfandega da villa de Santos, de que era proprietario seu sogro, e de sua mulher Luzia Machado, natural da villa de Santos. Neta pela parte paterna de Vasco Pires da Motta, natural de Portugal, (filho do doutor Aniceto Vaz da Motta, e de sua mulher D. Filippa de Sá), e de sua mulher Filippa Gomes da Costa, natural da villa de S. Vicente, e por ella bisneta de Estevão da Costa, natural de Barcellos, senhor da quinta da Costa, e de sua mulher D. Isabel Lopes de Sousa, filha não legitima do fidalgo Martim Affonso de Sousa, donatario da capitania de S. Vicente com cem leguas de Costa. E pela parte materna neta de Simão Machado, um dos primeiros e nobres povoadores da villa de S. Vicente, vindo com o fidalgo Martim Affonso de Sousa em 1531; e el-rei D. João III lhe fez mercê de propriedade para seu filho ou filha dos officios de escrivão da fazenda real e alfandega com orde-

nado, e de sua mulher Maria da Costa, natural de S. Vicente, e por ella bisneta de Martim da Costa, natural da villa de Barcellos, e de sua mulher Maria Colaço, natural de S. Vicente, e por ella ter-neta de Pedro Colaço, natural da villa de Vianna do Minho, que foi capitão-mór e governador da capitania de S. Vicente pelos annos de 1561 até 1563, e de sua mulher Brisida Machado, que foi natural de S. Vicente, e filha de Ruy Dias, que veio em 1531 com o sobredito fidalgo Martim Affonso, e de sua mulher Círcia Rodrigues. Toda esta ascendencia aqui referida de Eufemia da Costa Motta consta dos autos de *genere* na camara episcopal de S. Paulo, letra A. os de Antonio de Godoy Moreira, e letra P, os de Pedro de Godoy Moreira, e letra A, os de Angelo de Siqueira. Falleceu em S. Paulo dita Eufemia da Costa Motta com testamento a 27 de Fevereiro de 1678. (Cartorio de orph. maço 1.<sup>o</sup> de inventarios, letra E, n. 3.) E teve nascidos em S. Paulo, doze filhos :

- § 1.<sup>o</sup> Jorge Moreira.
- § 2.<sup>o</sup> Fr. Balthazar do Rosario, carmelita.
- § 3.<sup>o</sup> Antonio de Godoy Moreira.
- § 4.<sup>o</sup> O padre Pedro de Godoy, clérigo.
- § 5.<sup>o</sup> Balthazar de Godoy.
- § 6.<sup>o</sup> O padre João de Godoy Moreira, clérigo.
- § 7.<sup>o</sup> O padre Francisco de Godoy, clérigo.
- § 8.<sup>o</sup> Fernando de Godoy.
- § 9.<sup>o</sup> Maria Colaço.
- § 10. D. Isabel de Godoy.
- § 11. Gaspar de Godoy Colaço, tenente de general.
- § 12. Sebastiana de Godoy.

§ 1.<sup>o</sup>

2—1 Jorge Moreira, cidadão de S. Paulo e um dos seus respeitadros republicanos. Falleceu com testamento em 2



de Agosto de 1711 (Ouvidoria de S. Paulo, rezid., testamento de Jorge Moreira), e foi casado com Isabel Garcez de Siqueira, natural de S. Paulo, irmã direita do licenciado o padre Mathews Nunes de Siqueira, protonotario apostolico, vigario da vara de S. Paulo e visitador do bispado pelos annos de 1677, fundador da capella do Senhor Bom Jesus, sita na sé da cidade de S. Paulo; e se destruiu a dita capella com a construcção da nova igreja por diversa symetria, em que estava a antiga, e por isso ficou a sagrada imagem collocada em um altar, e é o primeiro a entrada do templo da parte da epistola: filha de Aleixo Jorge, natural da Arrifana de Sousa, e de sua mulher Maria de Siqueira Nunes, natural de S. Paulo. Falleceu dita Isabel Garcez com testamento ao 1.º de Dezembro de 1712. (Cartorio de orph. maço 4.º de inventarios, letr. I, E rezid. de S. Paulo, o testamento de Isabel Garcez.) E teve, naturaes de S. Paulo, sete filhos.

3—1 João de Godoy Garcez, falleceu solteiro com testamento em S. Paulo a 12 de Março de 1716 como consta no cartorio dos orph. maço 4.º de inventarios, letra I, n. 12.

3—2 Aleixo Jorge Moreira, falleceu solteiro em muito avançada idade em 7 de Dezembro de 1720. (1.º cartorio de notas de S. Paulo, maço de inventarios, letr. I.

3—3 Jorge Moreira Garcez, casou duas vezes, primeira com Anna de Lima: em titulo de Barbosas Limas: segunda com Anna das Neves, filha de Lourenço Corrêa de Moraes, e de sua mulher Maria Freire. Em titulo de Moraes. E teve:

1º matrimonio.

2º matrimonio.

4—2 Ignacio.

4—3 Maria.

3—4 Pedro de Godoy Moreira, falleceu solteiro estuporado em avançada idade, em 1724.

3—5 Maria de Godoy de Siqueira, falleceu em S. Paulo com testamento a 30 de Junho de 1690, casada com Manoel Garcia Bernardes. (Orph. de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letr. M n. 18). E teve :

4—» Jorge Garcia de Siqueira, que casou em Nazareth.

3—6 Isabel Garcez Moreira, falleceu em S. Paulo com testamento a 20 de Maio de 1702, e casou duas vezes ; primeira com Antonio de Miranda, o qual falleceu em S. Paulo em 1697. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 4.º de inven. letr. I. E maço 1.º letr. A, n. 47.) Segunda vez com Marcelino Ribeiro Cardoso, que falleceu no Atibaia a 7 de Janeiro de 1724, natural de S. Paulo, filho de Francisco Pinheiro Gordi, e de sua mulher Maria Vaz Cardoso. (Orph de S. Paulo, maço 3.º letr. M n. 37.) E teve :

1º matrimonio.

4—1 Maria de Miranda de Godoy, mulher de Manoel da Costa de Oliveira. Com geração.

4—2 Isabel Garcez de Godoy, casou com Gaspar Ribeiro Salvago, natural de S. Paulo. Com geração.

4—3 João de Miranda de Godoy, casou com Catharina Ribeiro, irmã de Gaspar Ribeiro Salvago acima. Com geração.

2º matrimonio.

4—4 Francisco Pinheiro Garcez, casou em S. João do Atibaia.

3—7 Anna Moreira de Godoy, casou na matriz de S. Paulo a 11 de Abril de 1695 com Christovão da Cunha Rodrigues, natural de S. Paulo, filho de Manoel Rodrigues Lopes, (irmão de João Rodrigues, e de Sebastião Rodrigues, marido de Anna Gordilho; e de Maria de..... mulher de em Rodrigues Lopes, cap 1.º § unico), e de sua mulher Domingas da Cunha, natural de S. Paulo, que falleceu com testamento a 18 de Junho de 1716. que era irmã inteira de Catharina de Onhatte, mulher de Antonio Lopes de Medeiros: em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.º § 4.º n. 3—12. E ahí mesmo os tres filhos, que foram:

4—1 Gregorio Garcez da Cunha, casado com D. Branca de Toledo, filha do capitão-mór D. Simão de Toledo: em titulo de Toledos, cap. 2.º, § Elle falleceu no arraial do Pilar de Goyazes.

4—2 João de Godoy Moreira, casou com Antonia Furtado Pinheiro, filha de João Pinheiro do Prado, e de sua mulher Juliana Maciel. João de Godoy, falleceu com testamento em S. Paulo, no 1.º de Janeiro de 1734 (Orphãos, maço 5.º, letr. I.). E teve cinco filhos.

5—1 Anna Maria.

5—2 Catharina.

5—3 Christovão.

5—4 João.

5—5 Angelo.

4—3 Aleixo Garcez da Cunha, que existe em 1769, casado com Catharina Pedroso, natural de S. Paulo, filha do capitão João Vaz dos Reis, e de sua mulher Anna Maria da Cunha: em titulo de Prados, cap. 6.º, § 2.º,

ns. 3—10, 2—3, 5—7. E teve tres filhos, naturaes de S. Paulo. (\* Eu copio estes tres numeros, e os dos filhos do titulo de Cunhas.)

5—1 João de Godoy dos Reis, que falleceu no arraial de Meia Ponte da comarca de Villa-Boa de Goyazes. Foi casado com Maria Franca da Cunha, filha do tenente-coronel Antonio da Cunha de Abreu, e de sua mulher Maria Franca : em titulo de Cunhas Abrens : e em titulo de Pires, cap. 6.<sup>o</sup>, §. . . .

5—2 Christovão Garcez, que depois de presbytero secular é conhecido pelo padre Christovão Cezar Constantino, administrador proprietario da instituição da capella do Senhor Bom Jesus, sitio de Tayassupeva, termo da villa de Mogy das Cruzes ; e se ordenou em Buenos-Ayres.

5—3 O padre Timotheo Garcez, foi para a Italia com os mais jesuitas, em cuja sociedade se achava. (\* Existe em S. Paulo, em 1795 em casa do seu sobrinho.

§ § 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup>

2—2 Fr. Balthazar do Rosario, carmelita caçado, foi à côrte de Lisboa tomar ordens por não haver bispo no Estado do Brasil.

2—3 Antonio de Godoy Moreira, casou duas vezes : a primeira com Sebastiana Leite, filha de Bento Pires Ribeiro, e de sua mulher Maria Forquim : em titulo de Forquim, § 8.<sup>o</sup>. Neta de Bento Pires Ribeiro, e de D. Sebastiana Leite : em titulo de Pires, cap. 5.<sup>o</sup>, § 7.<sup>o</sup> ou em Lemes, cap. 5.<sup>o</sup>, § 3.<sup>o</sup>. E teve quatro filhas. Casou segunda vez com D. Anna de Lima, irmã inteira do Rev. Dr. Guilherme Pompêo de Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 2.<sup>o</sup>, § 3.<sup>o</sup> Com toda a sua descendencia

d'este segundo matrimonio. E do primeiro matrimonio teve quatro filhos.

3—1 Antonio Leite.

3—2 José Leite.

3—3 Eulenia da Costa, casou tres vezes: primeira, com José Peres; segunda, com Francisco de Almeida; terceira, com João de Almeida.

3—4 N., falleceu menino.

§ 4º

2 4 O padre Pedro de Godoy, clérigo, foi ordenar-se á côrte por mandado de seus pais, que como abastados não reparavam na grossa despeza que fizeram com os quatro filhos, que foram tomar ordens a Lisboa. Foi vigário da matriz de S. Paulo por provisão de 3 de Outubro de 1682 do bispo D. José de Barros e Alarcão.

§ 5º

2—5 Balhazar de Godoy, baptizado a 11 de Abril de 1648, foi paulista, que se fez recommendavel pelas suas moraes virtudes, que se fizeram dignas de geral applauso nas Minas Geraes, que as governou quanto a repartição das terras, como guarda-mór, que foi d'ellas no principio do seu descobrimento, e provedor dos reaes quintos. Casou no Rio de Janeiro com D. Violante Barbosa de Gusmão, irmã inteira do padre Alexandre de Gusmão, que foi reitor do collegio da villa de Santos, e jaz sepultado no de S. Paulo; filha de Gongalo Ribeiro Barbosa, natural de Vianna, professo da ordem de Christo, proprietario do officio de escrivão da ouvidoria e correição do Rio de Janeiro e S. Paulo, onde se achou com o

Dr. ouvidor geral Pedro de Mestre Portugal no anno de 1660: em titulo de Camargos, cap. 2.<sup>o</sup>, no auto de união entre Fernão Dias Paes, Henrique da Cunha Gago, e José Ortiz de Camargo; e de sua mulher D. Urbana de Gusmão, natural da freguezia de S. Julião da cidade de Lisboa; irmã inteira do venerando padre Alexandre de Gusmão, fundador do seminario de Belém na Bahia, em cujo collegio falleceu com grande opinião de santidade a 14 de Março de 1724 com 95 annos de idade, e 78 de companhia. E teve nascidos em S. Paulo.

3—4 D. Francisca de Godoy Gusmão, que falleceu em 1761 em Juquiry, viuva de João de Macedo: em titulo de Arrudas, n. 1, cap. 6.<sup>o</sup> Com sua descendencia.

3—2 D. Joanna de Gusmão, casou com Bartholomeu Bueno da Silva, capitão-mór regente das minas dos Goyazes, e seu primeiro descobridor. Em titulo de Lemes, cap.... §.... Com geração.

§ § 6.<sup>o</sup>, 7.<sup>o</sup> 8.<sup>o</sup>

2—6 O padre João de Godoy Moreira, tendo-se ordenado em Lisboa, alli falleceu de hexas antes de voltar para a patria com seus irmãos.

2—7 O padre Francisco de Godoy, ordenou-se em Lisboa com seus irmãos.

2—8 Fernando de Godoy, supomos, que falleceu solteiro.

§ 9.<sup>o</sup>

2—9 Maria Colaço, falleceu com testamento na Parnahyba em 1690; casou duas vezes: primeira com Antonio Delgado da Silva, que falleceu em S. Paulo com

testamento a 22 de Setembro de 1664, (Orph. de S. Paulo maço 5.º de inventarios letra A. E cartorio 1.º de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Delgado da Silva), natural de Setubal, filho de Bartholomeu Delgado, e de Maria Vieira de Girão sua mulher, herdeiro da capella do Alcochete, cujos rendimentos vencidos deixou o testador á sua mãe por fallecer sem herdeiros. Casou segunda vez com Antonio Garcia da Silva. (Cartorio de notas de Parnahyba, livro n. 34 fl. 68, o testamento de Maria Colaço). Sem geração.

§§ 10. e 11.

2—10 D. Isabel de Godoy, baptizada a 23 de Junho de 1652, casou com Diogo de Lara, irmão inteiro do capitão mór governador Pedro Taques de Almeida. Em título de Taques Pompéos, cap. 3.º § 5.º Com geração.

2—11 Gaspar de Godoy Colaço, foi tenente general por patente do Sr. rei D. Pedro II estando principe regente, quando entrou para a conquista do sertão de Vaccaria, que fica além do Camapuã até a serra do rio do Paraguay. Foi este paulista tão benemerito, que fazendo-se muito distincio no real serviço, mereceu uma honrosa carta firmada pelo Sr. rei D. Pedro datada em 20 de Outubro de 1698, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino, no livro título das cartas do Rio de Janeiro, anno 1673 fl. 5 e seg. Falleceu na Parnahyba com testamento a 9 de Dezembro de 1713. (Orph. de Parnahyba, inventarios da letra G, n. 467). Foi casado com D. Sebastiana Ribeiro de Moraes, natural de S. Paulo filha de Francisco Ribeiro de Moraes, e de sua mulher Anna Lopes, que era viuva de Gaspar de Godoy Moreira, de quem tratamos aqui no cap. 3.º Em título de Moraes, cap. 3.º § 2.º n.



3—5 ao n. 4—6. Com a descendencia do tenente general cujos serviços estão registrados em Parnahyba. Com geração.

§ 12 ultimo

2—12 Sebastiana de Godoy, casou em vida de seus pais com Antonio Cardoso, como consta dos testamentos dos ditos seus pais. Supponos que falleceu sem geração.

CAPITULO V.

1—3 Maria de Godoy, foi casada com o capitão João Fernandes Saavedra, natural de S. Paulo, (irmão de Constantino de Saavedra, que falleceu em S. Paulo em 1662, casado com Catharina de Candêa, de quem teve oito filhos; que compoem o titulo de Saavedras, que temos escripto); foi pessoa de tanta autoridade e bom conceito, que havendo grandes duvidas entre o povoador de Parnahyba. e fundador d'esta villa, André Fernandes, e os indios da aldêa Maruyri sobre terras do patrimonio da dita aldêa, mandou o governador geral do Estado do Brasil D. Hyeronimo de Ataide, conde de Atouguia por provisão sua datada na Bahia a 23 de Junho de 1656, que o capitão João Fernandes Saavedra fosse juiz da causa, pelas grandes informações que tinha da sua qualidade e merecimentos. (Camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1658 pag. 34). Falleceu na Parnahyba com testamento a 13 de Fevereiro de 1677 (Orph. maço de inventarios, letra I, n. 266). E teve nascidos em S. Paulo sete filhos;

§ 1.º Balthazar de Godoy Saavedra.

§ 2.º João de Saavedra.

- § 3.º Luiz de Saavedra.
- § 4.º Maria de Saavedra.
- § 5.º Isabel de Saavedra.
- § 6.º Paula Moreira.
- § 7.º Catharina de Saavedra.

§ 1.º

2—1 Balthazar de Godoy Saavedra, casou na matriz de S. Paulo a 21 de Maio de 1643 com Isabel Paes, filha de Pedro Paes, e de sua mulher Anna de Brito.

§§ 2.º e 3.º

2—2 João de Saavedra, confirmado o testamento de seu pai, sabemos, que casou, e foi muito contra a vontade do pai, porem não declara quem fora mulher de seu filho João Saavedra.

2—3 Luiz de Saavedra.

§ 4.º

2—4 Maria de Saavedra, casou na matriz de S. Paulo a 9 de Janeiro de 1637 com Antonio Preto, filho de Sebastião Preto, e de sua mulher Maria Gonçalves. Em titulo de Pretos, cap . . . § . . . É teve :

3—1 Juliana Antunes, que falleceu em S. Paulo, com testamento, a 17 de Março de 1682, casada com Manoel da Fonseca Osorio, o qual falleceu em 1681, (Orphãos de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra I, n. 33). E teve cinco filhos.

4—1 Maria da Fonseca, mulher de Mathias Rodrigues Silva.

4—2 Catharina da Fonseca Osorio, casou com

Aleixo do Amaral, filho, em titulo de Saavedras, cap. 4.

§ 1.º Com geração.

4—3 Isabel Antunes.

4—4 Antonio da Fonseca Osorio, morador em a villa de Mogy.

4—5 Manoel da Fonseca Osorio.

§ 5.º

2—5 Isabel de Saavedra, casou na matriz de S. Paulo, a 7 de Julho de 1640, com André Mendes Ribeiro (filho de Braz Mendes e de sua mulher Catharina Ribeiro). Falleceu em S. Paulo André Mendes, com testamento a 2 de Novembro de 1642 (Orphãos, maço 2º de inventarios, letra A). E teve cinco filhos.

3—1 Victoria.

3—2 Maria.

3—3 Catharina.

3—4 Veronica.

3—5 Sebastião.

§ 6.º

2—6 Paula Moreira, casou na matriz de S. Paulo a 23 de Agosto de 1639, com João Ribeiro de Proença, natural de S. Paulo, filho de Francisco de Proença e de sua mulher D. Isabel Ribeiro. Este Francisco de Proença, teve o fôro de cavalleiro fidalgo da casa real, como se vê no segundo cartorio de notas de S. Paulo nos autos de inventario de Francisco de Proença. Foi filho de Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, duque da Guarda, e de sua mulher D. Maria Castanho, que foi filha de Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo : em titulo de Almeidas Castanhos. Isabel Ribeiro, foi fi-

lha de Estevão Ribeiro e de sua mulher Maria Duarte. Em título de Almeidas Castanhos, cap. 2º § 1º n. 3—1. Falleceu dito João Ribeiro de Proença, em S. Paulo com testamento a 18 de Agosto de 1670 (Orphãos, inventarios, maço 1º letra I, n. 20). Isabel Ribeiro falleceu a 5 de Maio de 1627 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios, letra I, n. 36). E teve nascidos em S. Paulo, dez filhos.

3—1 Isabel Ribeiro, casou com João Dias Diniz.

3—2 Anna Ribeiro, casou com Hilario Domingues, natural de S. Paulo, irmão inteiro de frei João de Christo, carmelita, de Ignez Ribeiro, que fôí mãe do veneravel padre Belchior de Pontes, jesuita, e outros; filhos de Pedro Domingues e de sua mulher Maria Mendes, a qual falleceu com testamento a 30 de Maio de 1680 (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, maço 2º n. 29 o de Maria Mendes). Neto por parte paterna de Pedro Domingues, irmão de Diogo Domingues de Faria, de Braz Domingues, de André Mendes Vidigal e outros; e de sua mulher Maria Mendes, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 30 de Maio de 1680 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, maço 2º n. 28). Bisneto de Amaro Domingues (filho de Pedro Domingues e de sua mulher Clara Fernandes) que falleceu com testamento a 13 de Fevereiro de 1638, e de sua mulher Catharina Ribeiro, que falleceu com testamento em S. Paulo a 21 de Maio de 1690 (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra C, maço 1º n. 17). E teve.

4—1 João Domingues Moreira, casou com D. Anna de Barros. Em título de Freitas, cap. 5º § 1º n. 3—6. Com toda a sua descendencia,

4—2 Isabel Domingues, falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Outubro de 1697, e foi casada com Do-

mingos Gonçalves, de quem teve filha unica, Anna. (Cartorio de S. Paulo, maço 2º, letra I, n. 21.)

3—3 Sebastiana Ribeiro, casou com Gonçalo da Motta.

3—4 Joanna Ribeiro.

3—5 Maria Ribeiro.

3—6 Catharina Ribeiro, mulher de Manoel Pacheco de Albuquerque, irmão do padre Francisco de Albuquerque.

3—7 Francisco de Proença, casou com...

3—8 João Ribeiro de Proença.

3—9 Manoel Ribeiro de Proença.

3—10 Martinho.

#### § 7.º e ultimo

2—7 Catharina de Saavedra, (filha ultima do cap. 5º).

#### CAPITULO VI ULTIMO

4—6 Sebastião Gil de Godoy (ultimo filho do tronco), casou na matriz de S. Paulo a 4 de Fevereiro de 1636, com D. Isabel da Silva, filha de Pedro da Silva e de sua segunda mulher D. Anna de Alvarenga. Em titulo de Alvarengas, cap. 6º § 2º. Falleceu D. Isabel da Silva em a villa de Parnahyba com testamento a 28 de Abril de 1705, e foi sepultada no mosteiro de S. Bento, no jazigo de seu marido (Ouvidor. de S. Paulo, resid. o testamento de D. Isabel da Silva. E cartorio de orphãos de Parnahyba, inventarios, letra I, n. 427). Falleceu Sebastião Gil de Godoy na Parnahyba, com testamento a 26 de Maio de 1682 (Cartorio de Parnahyba, orphãos, letra S, n. 314). Nesta villa fez assento Sebastião Gil, e d'ella foi cap it

e uma das primeiras pessoas do governo d'aquella república. E teve nascidos em S. Paulo doze filhos.

§§ 1º, 2º, 3º, 4º e 5º.

2—1 O padre Pedro de Godoy da Silva, presbytero secular.

2—2 Sebastião Gil de Godoy, falleceu menino.

2—3 Alberto, idem.

2—4 Joaquim de Godoy, falleceu solteiro.

2—5 O capitão Balthazar de Godoy da Silva.

§ 6º

2—6 Jorge Moreira Velho, baptizado a 20 de Maio de 1652, falleceu na Parnahyba com testamento a 20 de Abril de 1705, natural de Parnahyba, casado com Luzia de Abreu (Orphãos, inventariô, letra I, n. 428. E Ouvidor testamentos, o de Jorge Moreira Velho). E teve doze filhos.

3—1 Manoel.

3—2 Sebastião de Godoy Moreira, casou.

3—3 Amaro.

3—4 Raymundo.

3—5 José.

3—6 Francisco.

3—7 Ursulo.

3—8 Alberto.

3—9 Ignacio.

3—10 Antonio.

3—11 Maria.

3—12 Joanna.

§ § 7.º 8.º 9.º

2—7 O capitão Sebastião de Godoy da Silva.

2—8 Paula Moreira, baptizada em S. Paulo a 24 de Março de 1641. Casou em vida de seu pai, com Miguel Garcia ; depois segunda vez com João de Siqueira, como consta do inventario dos bens de seu pai o capitão Sebastião Gil.

2—9 Anna Moreira de Alvarenga, baptizou-se em S. Paulo a 26 de Março de 1648. Casou com Manoel de Siqueira, falleceu ella na Parnahyba com testamento a 28 de Janeiro de 1689 (Orphãos, inventarios, letra A, n. 334). E teve.

3—1 Luzia de Siqueira, mulher de Antonio Pedroso de Alvarenga.

3—2 Manoel de Silveira Cortez.

3—3 Sebastião de Siqueira Cortez.

3—4 Hyeronimo Dias.

3—5 João de Siqueira Cortez.

3—6 Isabel de Siqueira Cortez.

3—7 Maria de Siqueira.

3—8 Anna de Siqueira.

§ § 10, 11.

2—10 Maria de Godoy, casou em vida de seu pai com Gregorio Antunes.

2—11 Isabel da Silva, baptizada em S. Paulo a 27 de Agosto de 1645, foi casada com Sebastião Gonçalves de Aguiar ; ella falleceu na Parnahyba com testamento a 5 de Agosto de 1695. E teve tres filhos, dois varões e uma femea, que não declara seus nomes no testamento (Ouvidor. de S. Paulo, testamento de Isabel da Silva).

2—12 João de Godoy da Silva.

(*Continúa*).



**REVISTA TRIMENSAL**  
DO  
**INSTITUTO HISTORICO**  
**GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL**

---

3.° TRIMESTRE DE 1872

---

**NOBILIARCHIA PAULISTANA**

**GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO**

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(Continuada do 2°. trimestre pag. 384)

---

**BICUDOS, CARNEIROS, MENDONÇAS**

Os Bicudos da capitania de S. Paulo trazem a sua origem da ilha de S. Miguel. D'ella vieram para S. Paulo no principio da sua povoação dois irmãos, que foram Antonio Bicudo e Vicente Bicudo, como se vê de um requerimento que estes dois irmãos fizeram á camara de S. Paulo, pedindo ambos 300 braças de terra em quadra, partindo pelo rio Carapucuhya, em 9 de Outubro de 1610; e n'este requerimento declararam que havia muitos annos que tinham vindo para esta terra, onde sempre ajudaram, com suas pessoas e armas, ao bem publico, achando-se nas guerras que contra os portuguezes da villa actualmente moviam os barbaros indios gentios que infestavam a terra, e que eram casados e tinham filhos (Archivo da camara de S. Paulo, caderno de registros, Maio de 1607, fl. 44 v).

A cada um d'estes dois irmãos vêremos nos numeros seguintes :

Antonio Bicudo	N. 1.*
Vicente Bicudo	N. 2.*

N. 1.

Antonio Bicudo Carneiro, foi da governança da terra, porque n'ella serviu sempre os cargos da republica. Foi ouvidor da comarca e capitania pelos annos de 1585, em que mandou levantar pelourinho na villa de S. Paulo em Janeiro do dito anno de 1585 (Archivo da camara de S. Paulo, caderno 1585 á fl. 31 v.). Foi casado com Isabel Rodrigues, como se mostra do requerimento que fez aos officios da camara de S. Paulo, pedindo chãos para fazer casas com seu quintal no anno de 1598; e n'este requerimento declarou que tinha dois filhos e quatro filhas (Archivo da camara de S. Paulo, caderno de 1598, fl. 16), e que era seu genro Miguel de Siqueira. Tambem se prova que fôra casado com Isabel Rodrigues pelo testamento com que em 4 de Dezembro de 1650 falleceu seu filho Antonio Bicudo, de quem fazemos menção no cap. I, porque n'elle declarou que era filho de Antonio Bicudo, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher Isabel Rodrigues, natural da villa de S. Paulo. Não descobrimos o anno em que falleceram Antonio Bicudo e sua mulher Isabel Rodrigues. D'este matrimonio nasceram em S. Paulo seis filhos :

Antonio Bicudo.....	Cap. I.
Domingos Nunes Bicudo	Cap. II.
Maria Bicudo.....	Cap. III.
Martha de Mendonça. .	Cap. IV.
Hyeronima de Mendonça	Cap. V.
Guilomar Bicudo.....	Cap. VI.

# CAPITULO I

1—1. Antonio Bicudo, fez o seu estabelecimento na mesma fazenda de Carapicuhya, que fôra de seus pais. Fez varias entradas ao sertão, e reduzindo muitos indios gentios, depois de instruidos nos sagrados dogmas, se fizeram catholicos, e com elles se serviu, com o caracter de administrados, para todo o genero de serviço, assim no trabalho da cultura, como na extracção de ouro de faisqueiras em diversas partes da serra de Jaraguá e ribeirão de Santa-Fé. Falleceu com testamento aos 4 de Dezembro de 1650, declarando n'elle os nomes e as naturalidades de seus pais, e a mulher com quem fôra casado (Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventarios, n. 93, o de Antonio Bicudo, com testamento). Foi casado com Maria de Brito, filha de Diogo Pires e de sua mulher Isabel de Brito; o qual Diogo Pires foi filho de Salvador Pires e de sua mulher N... em titulo de Pires, n. 2.º E Isabel de Brito falleceu com testamento a 2 de Maio de 1650 (Cartorio segundo de notas de S. Paulo, maço antigo de inventarios, o de Isabel de Brito). E teve treze filhos :

2— 1. Margarida Bicudo de Brito.....	§ 1.º
2— 2. Isabel Bicudo de Brito.....	§ 2.º
2— 3. Maria Bicudo de Brito.....	§ 3.º
2— 4. João Bicudo de Brito.....	§ 4.º
2— 5. Antonio Bicudo de Brito.....	§ 5.º
2— 6. Francisco Bicudo.....	§ 6.º
2— 7. Domingos Bicudo de Brito.....	§ 7.º
2— 8. Marianna Bicudo.....	§ 8.º
2— 9. Hyeronima de Mendonça Furtado	§ 9.º
2—10. Fernando Bicudo de Brito.....	§ 10.
2—11. Margarida de Brito.....	§ 11.
2—12. Manoel Pires de Brito.....	§ 12.
2—13. Francisco de Brito.....	§ 13.

(\* O autor emendou muito estes nomes, assim como todo o titulo, que ficou custoso de perceber).

§ 1.º

2—1. Margarida Bicudo de Brito, casou com Braz Esteves Leme, filho de Pedro Leme e de sua mulher Helena do Prado. Em titulo de Lemes, cap. I, § 2.º E teve :

- 3—1. Maria Leme Bicudo.
- 3—2. Antonio Bicudo Leme.
- 3—3. Braz Esteves Leme.
- 3—4. Helena do Prado da Silva.
- 3—5. Helena da Silva.
- 3—6. Margarida Bicudo.

3—1. Maria Leme Bicudo, casou com Gomes Freire de Oliveira, que falleceu com testamento aos 2 de Agosto de 1650, com geração (Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventarios, letra G., n. 13, o de Gomes Freire de Oliveira). E teve 4—1.

3—2. Antonio Bicudo Leme, natural e cidadão de S. Paulo, que fez o seu estabelecimento nas villas de Taubaté e de Pindamonhangaba, onde se fez recommendavel pelas suas acções e cabedal, que adquiriu da grandeza das Minas-Geraes dos primeiros annos do seu descobrimento. Foi pessoa de um geral respeito e igual estimação. Praticou virtudes moraes, com amor da justiça e da rectidão, nos empregos que teve com os cargos da republica. Foi devotissimo do santo exercicio da via-sacra, que praticava todos os dias do anno, quando se achava na villa de Pindamonhangaba, onde fez levantar as cruzes para este pio exercicio, que tambem o executava quando residia na sua fazenda fóra da villa. Teve character de varão santo, e foi conhecido, e ainda hoje existe pelo cognome de Via-Sacra. Falleceu na dita villa de Pindamonhangaba com testamento em 6 de Junho de 1716, e ordenou no dito testamento que o seu cadaver fosse sepultado ao pé das tres cruzes da via-

sacra, dentro dos muros da igreja de Nossa Senhora do Bom-Successo de Pindamonhangaba, de cuja villa foi Antonio Bicudo Leme, com seu irmão, genros, filhos e parentes, o fundador, porque aos seus requerimentos attendeu el-rei D. João V para permittir a criação d'esta villa, contra a opposição efficaz e vigorosa que faziam os moradores da villa de Taubaté, que jámais quizeram consentir que aquella povoação se erigisse em villa.

Foi casado tres vezes: a primeira com D. Francisca Romeiro Velho Cabral, que falleceu em Guaratinguetá em 1674, a 27 de Agosto (Cartorio de Guaratinguetá, inventarios, letra F., n. 5), a qual era irmã inteira de Manoel da Costa Cabral, filhos de Manoel da Costa Cabral, natural da ilha de S. Miguel, legitimo descendente da illustrissima casa dos senhores de Belmonte, de d'onde era legitimo neto Fr. Gonçalo Velho Cabral, commendador do castello do Almeiral, senhor das villas das Pias, Bezelga e Cardiga, descobridor das ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, e seu primeiro donatario e povoador das ditas ilhas, como escreve o Dr. Gaspar Fructuoso, a quem seguiu o padre Antonio Cordeiro no seu livro de folio *Historia Insulana*, impresso em Lisboa em 1717. E tambem José Soares da Silva, academico da Academia Real da Historia Portugueza, nas *Memorias de el-rei D. João I*, 1º tomo, n. 521, pag. 455. E melhor que estes autores o brazão de armas passado em Lisboa em 23 de Janeiro de 1709 a Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de Santa Maria, registrado na camara de S. Paulo no livro 5º de registro geral, á fl. 65, em 26 de Outubro de 1762, do qual era tio o dito Manoel da Costa Cabral, e primo direito do Exm. bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de S. Hyeronimo, cuja nobilissima ascendencia consta do mesmo brazão de armas já citado. Este Manoel da Costa Cabral casou

com Francisca Cardoso, natural de Mogy, filha de Gaspar Vaz Guedes e de sua mulher Francisca Cardoso, que foi filha de Braz Cardoso, natural de Mesão-Frio, fundador e padroeiro da matriz da villa de Mogy de Sant'Anna das Cruzes da comarca de S. Paulo. Em titulo de Vaz Guedes, § 1.º

Segunda vez casou Antonio Bicudo Leme com Luzia Machado (que falleceu em Pindamonhangaba com testamento a 26 de Junho de 1707, existente no cartorio da ouvidoria de S. Paulo), natural de S. Paulo, filha de Domingos Machado Jacome, natural da ilha Terceira e de sua mulher D. Catharina de Barros, neta pela parte paterna de Pedro Jacome Vieira, natural da Ilha Terceira, (filho de Sebastião Vieira, e de sua mulher Joanna Jacome, em titulo de Vieiras da Ilha Terceira), e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, filha de Gonçalo de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, a rica; em titulo de Machados Toledos da Ilha Terceira. E pela parte materna de Dom Jorge de Barros Fajardo, natural de Pontevedra do reino de Galiza, que falleceu em S. Paulo no anno de 1615, e de sua mulher D. Anna Maciel, natural da villa de Vianna do Minho. Em titulo de Alvares Sousas, da capitania de S. Paulo. Terceira vez casou com Anna Cabral da Silva, sem geração. E do seu primeiro matrimonio teve oito filhos, que constam do inventario de sua mãe no cartorio de Guaratinguetá, letra F, n. 5º os quaes oito filhos vão descriptos em titulo de Cabraes, cap. 1º § 2º, e são os seguintes :

1º matrimonio (1)

4—1 Margarida Bicudo Romeiro.

4—2 Maria Bicudo Cabral.

(1) Em titulo de Cabraes com suas descendencias.

4—3 D. Francisca Romeiro Velho Cabral,

4—4 D. Helena do Prado Cabral.

4—5 Isabel Bicudo de Brito.

4—6 Fr. Serafino de S. Rosa, antes chamado Braz Esteves.

4—7 Antonio Bicudo de Brito.

4—8 Manoel da Costa Leme.

2º matrimonio

4—9 Domingos Machado, que foi jesuita.

4—10 Pedro Machado, e depois Fr. Pedro de Jesus, beneditino, o qual tem a sua inquirição de *genere* no mosteiro de S. Paulo tirada a 17 de Abril de 1692, onde consta dos avós paternos e maternos.

4—11 José de Barros Bicudo, com geração. Em titulo de Taques, cap. 3º § 1º n. 3—8.

3—3 Braz Esteves Leme (pag. 8), foi natural de S. Paulo, e morador em Pindamonhangaba, sendo ainda termo da villa de Taubaté. Foi um dos paulistas, que se fez potentado em cabedae e tratamento. Gozou respeito e igual estimação. Foi alcaide-mór por el-rei D. Pedro II, e falleceu em a villa de Pindamonhangaba com testamento a 27 de Abril de 1702. (Cart. dos Rezid. da ouvidoria de S. Paulo, maço dos testamentos, letra B. o do alcaide-mór Braz Esteves Leme). Foi morador nas suas terras de Iguamiranga, que havia comprado por escriptura a Maria Leme D. viuva do capitão João do Prado Martins. Casou duas vezes: a primeira com D. Maria Raposo Barbosa Rego, natural de S. Paulo, filha de Diogo Barbosa Rego, falleceu em Guaratinguetá a 23 de Agosto de 1661. (Inventario letra D. n. 1º), e de sua mulher Branca Raposo. Em titulo de Raposos Goes, cap. 9º. E segunda vez casou com D. Maria da Luz Corrêa.



E do seu primeiro matrimonio teve nove filhos, cinco varões, e quatro femeas, porém não consta do testamento os nomes d'estes filhos ; e só descobrimos de alguns, que foram :

4—1 Diogo Barbosa Rego.

4—2 Braz Esteves Leme, Casou com Maria Velho.

4—3 Martinho Leme. Casou com Guimar Antunes

4—4 Pedro de Brito. Casou com Maria da Veiga.

4—5 José da Silva.

4—6 D. Margarida Bicudo, sogra do capitão Pedro da Motta Paes, a quem deu em dote 200 braças de terra por escriptura de 16 de Junho de 1707 na nota do tabellião de Taubaté Manoel de Andrade Caldas.

4—7 D. N.

4—8 D. N.

4—9 D. N.

Do segundo matrimonio teve cinco filhos :

4—10 Salvador Corrêa Leme, casou com Maria de Faria Ribeiro, natural de Pindamonhangaba, filha de Francisco Jorge Paes, natural da Ilha Grande e de sua mulher..... de Faria, muito parente do mestre de campo Sebastião Ferreira Albernaz.

4—11 Francisco Corrêa Leme, casou com Marianna Bicudo Leite.

4—12 D. Maria de Brito, casou com Domingos da Silva Ferreira.

4—13 D. Francisca Leme, casou com Domingos de Amores, em título de Mayas.

4—14 D. N.

3—4 Helena do Prado da Silva (pag.8), falleceu em Guara-tinguetá com testamento a 17 de Julho de 1733. Foi casada

com Estevão Raposo Barbosa, filho de Diogo Barbosa Rego, e de sua mulher Branca Raposo, natural de S. Paulo (2). Em titulo de Raposos Goes, cap. 9<sup>o</sup>. Teve 11 filhos, mas quando falleceu só eram vivos dois, que foram :

4—1 Antonio Raposo Barbosa.

4—2 Branca Raposo.

3—5. Helena da Silva (pag.8), casou com Manoel da Cruz, natural de Aveiro (filho de João Ribeiro da Silva e de sua mulher Isabel da Cruz); falleceu em Taubaté em 1722. No seu testamento declara que primeiro casára em Lisboa, sem geração. Na Bahia segunda vez, sem geração. Terceira vez em Taubaté com Helena da Silva. E quarta vez, na mesma villa, com Margarida da Veiga (Orphãos de Taubaté, inventarios, letra M, n. 35). E teve dois filhos :

4—1. Braz.

4—2. Isabel.

3—6. Margarida Bicudo (pag.8), que teve terras em Igua miranga e foi casada com.... de cujo matrimonio foi genro o capitão Pedro da Motta Paes, que era morador em Taubaté em 1707 (\* O autor enganou-se n'este lugar ou no n. 4—6 da pagina anterior, onde acha-se o mesmo que aqui. N'aquelle lugar vê-se ser a escripta accrescentada depois, e a d'aqui parece ser um primeiro apontamento em letra muito miuda. Eu puz na lista o n. 3—6 á fl. 2 (pag. 8), por vêr aqui descripto debaixo do mesmo numero o nome de Margarida Bicudo, pois o autor foi seguindo os numeros com suas successões, mas eu os puz na dita pagina segunda, juntos, para maior clareza, como o mesmo autor faz em outras occasiões).

(2) Orphãos de Guaratinguetá, letra E, n. 4.\*

§ 2.º

2—2. Isabel Bicudo de Brito, (pag. 7), casou na matriz de S. Paulo aos 30 de Julho de 1634 com Sebastião Fernandes Camacho, filho de Sebastião Fernandes Camacho e de sua mulher Maria Affonso (Orphãos de Guaratinguetá, inventarios, letra I, n. 8º). Ella falleceu em Guaratinguetá a 22 de Novembro de 1667. E teve quatro filhos :

- 3—1. Sebastião Fernandes Camacho.
- 3—2. Manoel Fernandes Camacho.
- 3—3. Antonio Bicudo Camacho.
- 3—4. Maria de Brito Bicudo.

§ 3.º

2—3. Maria Bicudo de Brito (pag. 7), casou com Antonio Pedroso de Alvarenga, morador na Parnahyba: em titulo de Alvarengas, cap. III, § 5.º E teve dois filhos :

- 3—1. Paschoal Pedroso (Em titulo de Cerqueiras,
- 3—2. Antonio Pedroso. } cap. VIII, § 3º, com geração.

§ 4.º

2—4. João Bicudo de Brito, casou na matriz de S. Paulo a 11 de Outubro de 1632 com Anna Ribeiro, filha de Francisco de Alvarenga e de sua mulher Luzia Leme: em titulo de Alvarengas, cap. III, § 1º, e em titulo de Lemes, cap. III, § 1º, com a sua descendencia.

§ 5.º

2—5. Antonio Bicudo de Brito (pag. 7), casou na matriz de S. Paulo a 19 de Abril de 1635, primeira vez com Maria Leme de Alvarenga, filha de Francisco de Alvarenga e de sua mulher Luzia Leme; em titulo de Alvarengas, cap. III, § 8º, com sua descendencia (Itú, inventarios, A

n. 2, de Antonio Bicudo de Brito em 1662). Segunda vez casou com Vicencia da Costa, da Parnahyba. E teve filho unico:

3—» Joaquim Bicudo, casado em Itú.

§ 6.º

2—6. Francisco Bicudo (pag. 7), casou com Thomazia Ribeiro, filha de Francisco de Alvarenga e de sua mulher Luzia Leme. Em titulo de Alvarengas, cap. III, § 9, com sua descendencia.

§ 7.º

2—7. Domingos Bicudo de Brito, casou com Francisca Leme de Alvarenga, filha de Francisco de Alvarenga e de Luzia Leme. Em titulo de Alvarengas, cap. III, § 2.º E teve:

3—» Antonio Bicudo de Alvarenga, natural da villa de Parnahyba, e falleceu na de Guaratinguetá, com testamento, a 9 de Outubro de 1725 (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos testamentos do residuo, o de Antonio Bicudo de Alvarenga), e foi casado duas vezes, ambas sem geração. Da primeira vez com Ignez de Andrade Souto-Maior; da segunda com Margarida da Cunha Rodrigues. Sem geração.

§ 8.º

2—8. Marianna Bicudo (pag. 7), casou com Henrique Tavares, como consta no inventario de Margarida de Brito, irmã da dita Marianna Bicudo.

§ 9.º

2—9. Hyeronima Bicudo de Mendonça (pag. 7), casou com o capitão Raphael de Sousa.

§ 10.

2—10. Fernando Bicudo de Brito, morador de Guaratinguetá, onde falleceu a 3 de Maio de 1688, e foi casado com Luzia Leme de Alvarenga, com geração (Cartorio de Guaratinguetá, letra F., n. 4.º) E teve um filho : Roque Bicudo Leme.

§ 11.

2—11. Margarida de Brito, falleceu solteira em S. Paulo, cujos bens herdaram os irmãos (Orphãos de S. Paulo; inventarios, maço 4º, letra M, n. 150).

§ 12.

2—12. Manoel Pires de Brito.

§ 13.

2—13. Francisco de Brito.

CAPITULO II

1—2. Domingos Nunes Bicudo (filho de Antonio Bicudo e Isabel Rodrigues, n. 1º), falleceu em 1637 e foi casado com Paula Gonçalves, filha de Manoel Rodrigues (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º, letra D, inventario de Domingos Bicudo). E teve, naturaes de S. Paulo, seis filhos :

2—1. Maria de Mendonça.	§ 1.º
2—2. Vicente Bicudo.....	§ 2.º
2—3. Sebastião Bicudo...	§ 3.º
2—4. Gaspar .....	§ 4.º
2—5. Isabel .....	§ 5.º
2—6. Hyeronima .....	§ 6.º

§ 1.º

2—1. Maria de Mendonça, foi casada na matriz de S. Paulo ao 1º de Outubro de 1635 com Diogo Fernandes, filho de Manoel Fernandes e de sua mulher Catharina Gomes.

§ 2.º

2—2. Vicente Bicudo.

§ 3.º

2—3. Sebastião Bicudo, casou na matriz de S. Paulo com Maria Leme, filha de Domingos Leme : em titulo de Lemes, cap. II, § 7º, e de sua mulher Maria da Costa, filha de João da Costa Mirrinhão : em titulo de Carvoeiros, cap. III, § 8.º E teve seis filhos :

3—1. Domingos Leme.

3—2. Manoel de Chaves.

3—3. Ignez da Silva Leme, casou com Onofre Jorge : vide titulo de Jorge Velhos ?

3—4. Marianna Leme, casou primeira vez com Jacques Rolim ; segunda vez com Manoel Fernandes.

3—5. Maria Leme, casou com Sebastião Bicudo, *filho de Manoel de Siqueira e Mecia Bicudo : em titulo de Bicudos, cap. II, § 1º* (\* Aqui ha engano, e ha de ser : n'este titulo n. 2º, cap. VIII, § 1º ; mas n'este § 1º pôz o autor a Sebastião Bicudo, casado com outra mulher, como se verá adiante em o dito N.º 2º, cap. III, e é certo que o mesmo autor acrescentou depois o que vai acima sublinhado). Foram de morada para Coritiba, e são os pais dos irmãos chamados Guarinos, como foi Manoel da Cunha Leme, descobridor d'aquellas minas, que tomaram o alcunha do seu descobridor, e foi guarda-mór d'ellas em 1734.

3—6. Maria da Costa, casou com Alberto Nunes de Bulhões. Vide villa de Mogy.

§§ 4.º, 5.º e 6.º

2—4. Gaspar.

2—5. Isabel.

2—6. Hyeronima.

### CAPITULO III

1—3. Maria Bicudo (filha do N.º 1.º), falleceu com testamento a 16 de Janeiro de 1639 (Orphãos da Parnatyba n. 212, inventario de Maria Bicudo). Foi casada com o capitão Manoel Pires: em título de Pires N.º 1.º, o qual falleceu em S. Paulo, onde foi capitão que governou e regeu os seus moradores, como pessoa de muita autoridade e respeito, e teve um estabelecimento de muitos administrados, que, sendo gentios barbaros, foram conquistados no sertão, e reduzidos ao gremio da igreja pelo sagrado baptismo. Praticou virtudes moraes, com os quaes soube lucrar excellente nome, e mereceu que Deus lhe abençoasse a sua geração, que toda tem sido de admiraveis produções; e conseguiu casamentos de autoridade e respeito com sujeitos de bom nome. Este casal teve jazigo proprio na igreja do Carmo de S. Paulo, como se vê do testamento de seu neto Salvador Bicudo de Mendonça, filho de outro Salvador Bicudo de Mendonça, § 4.º Do seu feliz matrimonio teve em S. Paulo nove filhos:

2—4. Estevão Rodrigues..... § 1.º

2—2. Gonçalo Pires Bicudo..... § 2.º

2—3. Nuno Bicudo de Mendonça..... § 3.º

2—4. Salvador Bicudo de Mendonça.. § 4.º



2—5. Isabel Bicudo de Mendonça....	§ 5.º
2—6. D. Anna Bicudo de Mendonça..	§ 6.º
2—7. Margarida Bicudo.....	§ 7.º
2—8. D. Beatriz Furtado de Mendonça	§ 8.º
2—9. Maria Bicudo.....	§ 9.º

§ 1.º

2—1. Estevão Rodrigues, foi religioso da companhia de Jesus na provincia do Brasil; falleceu no collegio da Bahia tão adornado de letras, como de virtudes, acreditando não só a patria, mas a mesma provincia.

§ 2.º

2—2. Gonçalo Pires Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 12 de Junho de 1634 com Juliana Antunes Cortez, filha de Innocencio Fernandes Preto a de sua mulher Catharina Cortez.

§ 3.º

2—3. Nuno Bicudo de Mendonça, conforme o inventario de sua mãe Maria Bicudo, casou com Maria de Sousa, filha de Antonio de Sousa, que falleceu a 20 de Junho de 1652, e de sua mulher Isabel de Oliveira. E neta pela parte paterna de Gonçalo de Sousa e de sua mulher Maria Vaz Couto, moradores do conselho de Lousada, freguezia de Santiago de Sennandelo, junto a S. Miguel, e eram quatro irmãos, que alli tiveram todos boa herança (Cartorio de orphãos da Parnahyba, inventario n. 52, o de Antonio de Sousa Couto). E teve:

3—1. Maria Bicudo, que falleceu a 19 de Maio de 1719, casada duas vezes (Orphãos de Parnahyba, inventario n. 493, o de Maria Bicudo).

§ 4.º

2—4. Salvador Bicudo de Mendonça, falleceu com testamento a 15 de Junho de 1672, e foi casado com D. Maria de Moraes, filha ultima de Pedro de Moraes Madureira, e de sua mulher e sobrinha D. Anna Pedroso de Moraes : em titulo de Moraes, § 1.º, n. 2—5 (Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 15, o de Salvador Bicudo). E teve filho unico :

3—1. Salvador Bicudo de Mendonça, que, casando com D. Anna de Quevedo Rendon, não teve filhos. Falleceu em S. Paulo, com testamento, a 15 de Junho de 1697, e se mandou sepultar no jazigo de seus avós na igreja do Carmo de S. Paulo (Cartorio do segundo tabellião de S. Paulo, maço de inventarios antigos, o de Salvador Bicudo de Mendonça, com testamento).

§ 5.º

2—5. Isabel Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 19 de Fevereiro de 1635 com Bartholomeu de Quadros, natural de S. Paulo e filho de Bernardino de Quadros, natural de Sevilha e de sua mulher Cicilia Ribeiro : em titulo de Quadros, cap. III, com a geração de dita Isabel Bicudo.

§ 6.º

2—6. D. Anna Bicudo de Mendonça, casou na matriz de S. Paulo a 23 de Outubro de 1639 com Christovão de Aguiar Girão, pessoa muito principal, filho de Christovão de Aguiar Girão, cavalheiro castelhano, e de sua mulher D. Luzia Netto, a qual falleceu com testamento aos 17 de

Novembro de 1667 (Orphãos da villa de Mogy, maço de inventarios, letra L, o de D. Luzia Netto). Foi neto pela parte materna de Alvaro Netto, natural da freguezia de S. Martinho, termo da villa de Vianna, que falleceu em 1636, e de sua mulher Mecia da Penna, natural da villa de Santos, que falleceu em S. Paulo, com testamento, em 1635, em cuja igreja do collegio dos jesuitas foram sepultados em honroso jazigo, porque eram irmãos bemfeitores da companhia, como se vê dos seus testamentos no cartorio de orphãos de S. Paulo, maço quarto de inventarios letra M, o de Mecia da Penna, e nos mesmos autos o de Alvaro Netto.

§ 7.<sup>o</sup>

2—7. Margarida Bicudo, casou na matriz de S. Paulo, aos 9 de Agosto de 1643 com Filippe de Campos, natural de Lisboa: em titulo de Campos, com sua descendencia.

§ 8.<sup>o</sup>

2—8. D. Beatriz Furtado de Mendonça, falleceu em 1632 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, letra B, maço 1<sup>o</sup>). Casou com Antonio Raposo Tavares, natural de S. Miguel de Beja, em Alentejo, de d'onde veio na companhia de seu pai Fernão Vieira Tavares, que sahiu despachado em capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, no triennio que acabou em 1622, succedendo-lhe no lugar o capitão-mór governador João de Moura Fogaça. O dito Antonio Raposo Tavares, occupando os honrosos cargos da republica, acabou em mestre de campo pago do terço, que se formou em S. Paulo para a restauração de Pernambuco do poder dos holandezes em 1640, com o caracter

de governador d'esta recruta. Em titulo de Raposos Tavares, da capitania de S. Paulo, § 1.º E teve dois filhos :

3—1. Fernando Raposo Tavares.

3—2. D. Maria Raposo.

3—1. Fernando Raposo Tavares, que casou na ilha de Cabo-Verde com D. Catharina de Sousa, como consta do testamento com que falleceu na dita ilha em casa do capitão Miguel Rodrigues Bittencourt, e foi sepultado no jazigo do capitão Cyprião Alves de Almada, que era bis-avô de D. Catharina de Sousa, aos 13 de Novembro de 1658, sem geração, como consta do dito testamento, que, remetido a S. Paulo por ser sua herdeira a avô Maria Bicudo, porque os pais já eram fallecidos, se acha no cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 212.

3—2. D. Maria Raposo (filha do mestre de campo Antonio Raposo Tavares, § 8º), casou com Carlos de Moraes Navarro, que falleceu em 1672 (Orphãos de Parnahyba, n. 234, o de Carlos de Moraes Navarro). E teve do seu matrimonio tres filhos e tres filhas, e, como n'este inventario foram tantas as dividas d'este casal, que os filhos ficaram sem herança, houve o indesculpavel descuido de se não declarar os nomes dos ditos herdeiros ; comtudo sabemos que entre os ditos seis filhos foi o mais velho natural de S. Paulo.

4—1. Pedro de Moraes Raposo, assás bem conhecido pela alta qualidade de seu sangue e grande estabelecimento que teve nas minas dos Rios das Mortes, villa de S. João de El-Rei, de cujas ordenanças foi coronel, e acabou ha poucos annos n'este mesmo posto. Foi neto por parte paterna de Pedro de Moraes Madureira e de sua primeira mulher e sobrinha D. Anna Pedroso de Moraes : em titulo

de Moraes, § 1.º n. 2—5. O dito coronel Pedro de Moraes Raposo foi casado com D. Anna Moreira, irmã direita de Fr. Jorge Moreira de Godoy e de Fr. Gaspar de Godoy, ambos carmelitas calçados da provincia do Rio de Janeiro, e foram religiosos de autoridade pelos cargos que occuparam na sua religião. Em titulo de Godoys, § 3º, n. 2—1. E teve filhos naturaes da villa de S. João de El-Rei.

5—1. D.... que casou com Manoel da Costa Gouvêa, que acabou ha poucos annos, sendo capitão-mór de S. João de El-Rei, e foi irmão inteiro de D. Valerio da Costa Gouvêa, arcebispo de Lacedemonia. E deixou filhos, entre os quaes é:

6—1. José Joaquim da Costa Gouvêa, guarda-mór das terras e aguas mineraes, que casou com D. Rosa Felicia de Vallois, em titulo de Freitas. cap. V, §1º, n. 7—5.

5—2. Antonio de Moraes Raposo, falleceu solteiro no Rio das Mortes.

#### § 9.º

2—9. Maria Bicudo, casou com Diogo da Costa Tavares, irmão inteiro do mestre de campo Antonio Raposo Tavares do § 8º retro. Serviu os honrosos cargos da republica de S. Paulo, e, como pessoa de grande autoridade, foi lembrado por D. Jorge Mascarenhas, conde de Castello-Novo, marquez de Montalvão, vice-rei e capitão-general de mar e terra do Estado do Brasil, para lhe mandar passar a patente de capitão de infantaria do theor seguinte :

\* D. Jorge Mascarenhas, etc. Porquanto convem ao serviço de Sua Magestade que da infantaria, terço que mando levantar nas capitancias de S. Vicente e S. Paulo, e nas mais do sul, pelo governador Antonio Raposo Tavares, se formem companhias e se pròvam n'ellas pessoas de valor,

satisfação, sufficiencia e boas partes, tendo consideração a que estas e outras muitas concorrem em vós Diogo da Costa Tavares: hei por bem, pelo que tendes servido a Sua Magestade nas occasiões em que vos tendes achado, tive por bem de vos eleger e nomear, como em virtude da presente o faço, por capitão de uma companhia de picas de infantaria hespanhola da gente que levantardes nas ditas capitánias, para que como tal o sejais, useis e exerçais, com todas as outras graças, franquezas e liberdades que, vos tocam por razão do dito cargo; ordeno e mando a todos os officiaes e soldados vos obedeçam, e guardem as ordens que vós derdes por escripto ou palavra, como minhas proprias; e ao governador Antonio Raposo Tavares ordeno vos metta de posse do dito cargo, com o qual haveis os quarenta escudos de soldo ao mez, que vos tocam e haveis de gozar desde o dia da dita data todo o tempo que servirdes á dita capitania, para cujo effeito vos mandei passar a presente, de que tomará relação o escriptivo da fazenda nos livros do seu cargo. Dada n'esta cidade da Bahia sob meu signal e sello de minhas armas, referendado do infrasi do meu secretario, aos 19 de Novembro do anno de 1640. — *O marquez de Montalvão, etc.* » (Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros n. 4.º, 1658, fl. 16 v). (\* Continúa o autor a narrar como foi o embarque em Santos e na Bahia, e o successo da expedição até a volta por terra de Pernambuco, o que deixo de copiar por já estar narrado este facto em titulo de Rendons, Nº. 2º e em titulo de Barros, cap. I.) Recolhido a S. Paulo o capitão Diogo da Costa Tavares, ainda gozou do descanso e abundancias de sua casa, estabelecida no sitio do rio Acutia, que ao presente é freguezia, onde falleceu em 1659 (Cartorio de orphãos de l'arnabyba, inventario n. 150, o do capitão Diogo da Costa Tavares). E teve oito filhos:

- 3—1. Maria Bicudo Tavares.
- 3—2. Fernão Vieira Tavares.
- 3—3. Anna Bicudo Tavares.
- 3—4. Isabel da Costa Tavares.
- 3—5. Diogo da Costa Tavares.
- 3—6. Antonio Vieira Tavares.
- 3—7. Catharina Bicudo Tavares.
- 3—8. Maria de Mendonça Tavares.

3—1. Maria Bicudo Tavares, casou com Diogo de Sousa Lima, que falleceu em 1681 (Orphãos de Parnahyba, inventarios, n. 303, o de Diogo de Sousa). E teve tres filhos :

- 4—1. Maria.
- 4—2. Francisca.
- 4—3. Anna.

3—2. Fernão Vieira Tavares, casou com Maria Rodrigues. E teve :

4—1. Antonio Vieira Tavares, que falleceu em Itú com testamento ao 1.º de Junho de 1740, e foi casado com Maria Soares, filha de Francisco Affonso Vidal e de sua mulher Maria Soares. Sem geração.

3—3. Anna Bicudo Tavares, casou com Manoel da Cunha, que falleceu em 1679 (Orphãos de Parnahyba, inventario n. 272). E teve dois filhos :

- 4—1. Maria da Cunha.
- 4—2. Manoel da Cunha.

3—4. Isabel da Costa Tavares, casou com Simão Borges Cerqueira, natural e cidadão de S. Paulo, filho de Francisco Barreto e de sua mulher D. Maria Borges Cerqueira. Em titulo de Borges Cerqueiras, § 6.º E teve sete filhos.

4—1. Luzia Leme, casou na matriz de S. Paulo a 17 de Setembro de 1695 com Francisco Ribeiro, filho de Antonio Ribeiro Roxo e de sua mulher Isabel Dias.

4—2. Leonor Leme Borges Cerqueira, casou com



Antonio de Barros Freire, filho de Luiz de Barros Freire. Em titulo de Freitas, cap. V, § unico, n. 3—8. Com a descendencia de Leonor Leme Borges.

4—3. Catharina Borges Cerqueira, falleceu em 1727. Foi casada duas vezes. Primeira com Antonio Pereira Themudo, e segunda vez com Manoel Monteiro, natural de S. Vicente, que foi morador na quinta, chamada da Samambaia, junto á do capitão Bartholomeu Paes de Abreu, pelos annos de 1734. E do primeiro matrimonio teve duas filhas: 5—1 Maria Borges, que foi de morada para Itú com seu marido Sebastião Ribeiro de Almeida, e 5—2 Anna Borges, que casou com José Valente. E do segundo matrimonio teve sómente a Guilherme Borges Monteiro, que casou indignamente e se lhe extinguiu a geração.

4—4. Maria Leme, casou duas vezes: a primeira com José Nogueira, irmão de Aleixo do Amaral. E segunda vez na matriz de S. Paulo a 24 de Agosto de 1700 com Antonio de Freitas de Oliveira, filho do capitão Pedro de Oliveira e de sua mulher Maria Rodrigues, naturaes de Jundiaby. Em titulo de Cordeiros, cap. I, § 2º, n. 3—2. E do seu primeiro matrimonio teve quatro filhos:

5—1. Luiz Nogueira.

5—2. Simão de Godoy Nogueira.

5—3. José Nogueira.

5—4. Domingos Leme, casou. ..

4—5. Theresa Borges, e foi de morada para Jundiaby.

4—6. Ignacio Borges, que matou a seu cunhado José Nogueira do n. 4—4 supra, e depois foi morto por um filho bastardo d'este.

4—7. Fernão Borges Cerqueira, casou em Itú, onde foi morador e lá falleceu.

3—5. Diogo da Costa Tavares (filho do capitão Diogo da

Costa Tavares, pag. 25), baptizou-se na matriz de S. Paulo a 29 de Março de 1643. Foi morador na villa de Itú, onde falleceu com testamento a 3 de Fevereiro de 1722 (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço de residuos, testamento de Diogo Tavares). Foi casado duas vezes : a primeira com Anna Rodrigues Cabral, de quem sómente (vide o casamento nos inventarios de Itú n. 222) lhe ficou um filho, chamado Diogo. Segunda vez casou aos 4 de Novembro de 1699 (vide nos mesmos inventarios, n. 220) com Maria Leite, de quem teve, naturaes da villa de Itú, oito filhos :

4—1. André.

4—2. Luiz.

4—3. Cypriano.

4—4. Manoel.

4—5. Domingos.

4—6. Lucrecia.

4—7. Catharina.

4—8. Joanna.

3—6. Antonio Vieira Tavares, pag. 25. Casou primeira vez com Maria Leite. Sem geração. Casou segunda vez com Josepha de Almeida, natural da freguezia de Irajá, termo da cidade do Rio de Janeiro, filha de Manoel Antunes de Carvalho e de sua mulher Anna de Almeida, que foram moradores da praça de Santos, e tiveram fazenda de grande estabelecimento na paragem chamada Mondúba. Em titulo de Proenças. Antonio Vieira Tavares foi instituidor da capella de Nossa Senhora do Monserrate da villa de Itú, onde falleceu, e foi sepultado na capella-mór da igreja dos religiosos franciscanos da villa de Itú (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço de residuos, o testamento de Antonio Vieira Tavares. E camara episcopal de S. Paulo, autos de *genere* do padre José de Almeida Paes). E teve do segundo matrimonio :

4—1. Fr. Antonio do Monte-Carmello, chamado por antonomasia o *Baroco*: é religioso que merece todo o bom conceito pelas suas virtudes: existe conventual na villa de Itú n'este anno de 1767.

4—2. Braz Carvalho Paes, casou na villa de Santos com Maria Pedroso Leme, de cujo matrimonio é filho o padre José de Almeida Paes, que foi para o Cuyabá, onde existe em 1767.

4—3. Fr. Manoel Antunes, religioso leigo do Carmo, que no seculo era Manoel Antunes de Carvalho e tinha sido capitão de uma das companhias da ordenança de Itú.

4—4. Francisco Xavier Paes, mestre em artes em philosophia pelo collegio da companhia de S. Paulo, e existe solteiro.

4—5. Maria Ribeiro, casou com Salvador Vieira de Brito, natural da villa de Itú, de cujas ordenanças foi sargento-mór, e filho de....

E teve filha unica:

5—: D. Maria Ribeiro, que casou na Sé de S. Paulo em 1762 com Antonio de Toledo Lara, natural e cidadão da mesma cidade, filho do sargento mór Simão de Toledo Piza Castelhanos: em titulo de Taques Pompeus, § 3º, n. 2—10, e falleceu dito Antonio de Toledo em 1769. Sem geração.

3—7. Catharina Bicudo Tavares, cujo estado não descobrimos.

3—8. Maria de Mendonça Tavares. Casou duas vezes: a primeira com Domingos Gonçalves Malio, a segunda com Pedro Martins Pereira. Sem geração. Teve do primeiro matrimonio dois filhos, como consta do testamento com que falleceu ella a 23 de Maio de 1681, no cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario n. 304, o de Maria Tavares.

4—1. João Gonçalves.

4—2. Paschoa.

1 — 4 Martha de Mendonça, casou com Domingos Gonçalves, um dos principaes povoadores da villa de S. Paulo que da ilha da Madeira sua patria veio já casado com sua primeira mulher Isabel de Goes, (que veio com seus pais Domingos de Goes, e Catharina de Mendonça), por morte da qual passou á segundas nupcias em S. Paulo com Mecia Rodrigues, filha de Garcia Rodrigues, e de sua mulher Isabel Velho, cujo casal veio do Minho ou cidade do Porto com filhos para a villa de S. Vicente no principio da sua povoação pelos annos de 1536; e se passaram depois para a villa de S. Paulo, onde esta familia foi a primeira nobreza da dita villa pelos casamentos nobres, que tiveram as filhas, a que tão bem conduzia o respeito do padre Garcia Rodrigues Velho, que era filho d'este casal, e foi vigario da villa de S. Paulo. Por morte d'esta Mecia Rodrigues casou Domingos Gonçalves terceira vez com Martha de Mendonça. Domingos Gonçalves falleceu em S. Paulo com testamento a 30 de Abril de 1627. (Cartorio de orph. de S. Paulo, uação 2ª de inventarios, letra D, o de Domingos Gonçalves). E teve sete filhos:

2—1 Isabel Bicudo de Mendonça...	§ 1ª
2—2 Hyeronima de Mendonça.....	§ 2ª
2—3 Antonio Gonçalves de Mendonça.....	§ 3ª
2—4 Vicente Bicudo.....	§ 4ª
2—5 Manoel Gonçalves.....	§ 5ª
2—6 Maria Bicudo.....	§ 6ª
2—7 Sebastião Gonçalves.....	§ 7ª

#### § 1º

2—1 Isabel Bicudo de Mendonça, casou na matriz de S. Paulo aos 15 de Maio de 1636 com Antonio Jorge Pereira, natural de Lisboa da freguezia de S. Julião, filho de João Fernandes Pereira, e de sua mulher Maria Jorge.

§ 2º

2—2 Hyeronima de Mendonça casou na matriz de S. Paulo a 26 de Janeiro de 1633 com Braz Dias Mendes, filho de Braz Mendes, e de sua mulher Catharina Ribeiro.

§ 3º

2—3 Antonio Gonçalves de Mendonça casou na matriz de S. Paulo aos 31 de Janeiro de 1644 com Catharina Domingues, filha de Pedro Domingues, e de sua mulher Maria Mendes.

§ 4º

2—4 Vicente Bicudo.

§ 5º

2—5 Manoel Gonçalves.

§ 6º

2—6 Maria Bicudo, que pelo inventario dos bens de seu pai Domingos Gonçalves consta que casou com João Pereira em Jundiashy; falleceu já viuva a 28 de Março de 1675, sepultada na mesma cova em que fôra seu marido. (Obitos de Jundiashy, liv. 1º)

§ 7º

2—7 Sebastião Gonçalves, falleceu em Taubaté a 24 de Maio de 1688 com testamento em que declarou seus pais, e que era natural de S. Paulo. (Cartorio de orph. de Taubaté, inventarios, letra S,n. 16 o de Sebastião Gonçalves.)

Casou com Helena de Torres, de quem teve filhos bastantes, que os não expressu no testamento, e muito apenas encontramos com a filha :

3—1 Sebastiana de Torres, falleceu em Taubaté com testamento a 29 de Fevereiro de 1681, e foi casada com Gabriel de Goes. E teve cinco filhos :

4—1 Paschoal.

4—2 Isabel.

4—3 Joanna.

4—4 Catharina.

4—5 Sebastiana de Torres, casou com Manoel de Figueiredo, e foram pais de .

5—1 Catharina de Torres, que falleceu em Taubaté a 21 de Agosto de 1735, casada com Domingos de Oliveira. (Inventarios de Taubaté, letra C n. 15). Natural de Jundiaby, filho de Antonio de Oliveira e Maria das Neves Gil; e falleceu com testamento em Taubaté a 24 de Setembro de 1732. (Cartorio de orph. de Taubaté, letra D, inventario de Domingos de Oliveira.) E tiveram:

6—1 Roberto de Macedo, casado com Martha de Miranda.

6—2 Archangelo de Oliveira.

6—3 Gabriel, falleceu solteiro.

6—4 Antonio de Oliveira.

#### CAPITULO V.

1—5 Hyeronima de Mendonça, casou com Matheus Neto, (filho de Alvaro Netto, natural da freguezia de S. Maria, termo da villa de Vianna do Minho, e de sua mulher Mecia da Penna, natural da villa de Santos, que era irmã de Matheus Luiz.) Este casal fez testamento de mão commum. Alvaro Netto falleceu em S. Paulo em 1636, e foi enterrado

na igreja dos padres jesuitas, como irmão que era da companhia de Jesus. Falleceu Mecia da Penna com testamento em 1635, e foi também sepultada na mesma igreja. (Cart. de orph. de S. Paulo, maço 4º de inventarios, letra M, o de Mecia da Penna, e nos mesmos autos o de seu marido Alvaro Netto.) E tiveram em S. Paulo cinco filhos :

2—1 Alvaro Neto Bicudo	§ 1º
2—2 Antonio Bicudo Furtado	§ 2º
2—3 Luzia de Mendonça	§ 2º
2—4 Sebastião Bicudo	§ 4º
2—5 Maria de Mendonça Bicudo	§ 5º

§ 1º

2—1 Alvaro Netto Bicudo, presbytero secular, e vigario collado da igreja matriz da villa de Parnahyba, onde falleceu com testamento a 29 de Janeiro de 1633.

§ 2º

2—2 Antonio Bicudo Furtado, casou na matriz de S. Paulo a 10 de Agosto de 1542, com Maria Ribeiro, filha de Januario de Ribeiro, e de sua mulher. . . . . Falleceu Antonio Bicudo com testamento a 4 de Setembro de 1651 (Cartorio de orph. de Parnahyba, n. 5º o de Antonio Bicudo Furtado.) E teve tres filhos :

3—1 N.

3—2 Antonio.

3—3 Maria Bicudo de Mendonça. E teve quatro. — Isabel de Proença de Abreu, que foi mãe de cinco. — Balthasar de Godoy Moreira que casou com sua prima Francisca de Almeida no § 3º seg. n. 3—12 a n. 4—4.

§ 3º

2—3 Luzia de Mendonça, casou na matriz de S. Paulo a 22 de Janeiro de 1635, com João Gonçalves de Aguiar,



natural da cidade do Rio de Janeiro, filho de Vicente Gonçalves e de sua mulher N. Falleceu João Gonçalves em Parnahyba em posto de capitão da ordenança com testamento a 10 de Novembro de 1668. (Orphãos de Parnahyba inventario n. 210 o do capitão João Gonçalves de Aguiar.) E teve quatorze filhos :

3—1. Vicente Gonçalves de Aguiar, casou com D. Catharina de Almeida; em titulo de Laras, cap. 7º § 6º com a sua descendencia.

3—2. Antonio de Aguiar.

3—3. João Gonçalves.

3—4. Sebastião Gonçalves de Aguiar, casou com Isabel da Silva de Godoy, que falleceu em 1695. (Orphãos de Parnahyba, inventarios, n. 380, o de Isabel da Silva.) Em titulo de Godoy. E teve tres filhos :

4—1. José de Aguiar da Silva.

4—2. Francisco de Godoy.

4—3. Sebastião Gonçalves.

3—5. Alvaro Neto.

3—6. Salvador Gonçalves de Aguiar, casou com Marianna Fernandes Bicudo, filha unica de Domingos Fernandes da Costa, (irmã do capitão Thomé Fernandes da Costa), e de sua mulher Isabel Bicudo, como consta do testamento com que a 29 de Julho de 1694 falleceu o dito Domingos Fernandes o qual era filho de Thomé Fernandes da Costa e de sua mulher Acensa de Pinna. (Cartorio de Parnahyba, inventario n. 368 o de Domingos Fernandes da Costa.)

3—7. Manoel Gonçalves de Aguiar, casou com Maria Pedroso : em titulo de Taques, cap. 5º § 4º com sua descendencia.

3—8. Fr. Francisco do Rosario, da ordem de S. Francisco.

3—9. Hyeromina de Mendonça, casou com Luiz Nobre Pereira, como consta do inventario de seu pai o capitão João Gonçalves de Aguiar ; e supomos, que casou ella segunda vez com João da Rocha Marinho ; e falleceu em 1673 como consta no cartorio de orphãos da Parnahyba, inventario n. 237, o de Hyeronima de Mendonça. E teve seis filhos :

- 4—1. Isabel Bicudo.
- 4—2. Maria Bicudo do Rosario.
- 4—3. Luzia Bicudo.
- 4—4. Catharina Bicudo.
- 4—5. Sebastiana Bicudo.
- 4—6. Antonio Rodrigues Bicudo.

3—10. Anna Fernandes, que, conforme o inventario de seu pai, casou com Antonio da Silva de Faria.

3—11. Maria de Aguiar, casou com Joaquim de Lara e Moraes. Em titulo de Laras, cap. VII, § 2.º Com a sua descendencia.

3—12. Isabel de Aguiar e Mendonça, falleceu com testamento a 9 de Setembro de 1685, e foi casada com José Fogaça de Almeida, que falleceu com testamento a 22 de Setembro de 1693, natural de Lisboa, filho de Luiz de Almeida Fogaça e de Angela dos Santos (Cartorio de Parnahyba n. 376, inventario de José de Almeida Fogaça, o qual segunda vez casou com Ignez Dias do Rego, filha de Bento do Rego Barregão, e casou terceira vez com Marianna de Moraes, filha do capitão Manoel de Moraes, cap. II, §... (o fallecimento de Isabel de Aguiar consta do seu inventario no cartorio de Parnahyba n. 285). E teve quatro filhas :

- 4—1. Maria Fogaça.
- 4—2. Anna.
- 4—3. Hyeronima.

4—4. Luzia de Mendonça, casou com Sebastião Sutil. E teve :

5—1. Francisca de Almeida, casou com seu parente Balthazar de Godoy Moreira (Cartorio da vara ecclesiastica da villa de Santos, autos de dispensa de Balthazar de Godoy Moreira com Francisca de Almeida).

3—13. Luiza de Mendonça, casou com Timotheo Leme.

3—14. Esmeria da Silva.

§ 4.º

2—4. Sebastião Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 21 de Janeiro de 1635 com Margarida da Costa, natural de S. Paulo, filha de João da Costa Lima, o *Mirrinhão* de alcunha, e de sua mulher Ignez Camacho: em título de Carvoeiros, cap. III, § 13. O dito Sebastião Bicudo falleceu em S. Paulo, com testamento em 1643, que está no cartorio do primeiro tabellião, maço de inventarios antigos. Sem geração.

§ 5.º

2—5. Maria de Mendonça Bicudo, falleceu em S. Paulo em 1630, e foi casada com Custodio Nunes Pinto. Sem geração.

CAPITULO VI

1—6. Guiomar Bicudo, casou com Antonio Luiz Grou. E teve, nascidos em S. Paulo.

2—1. Catharina Bicudo.....	§ 1.º
2—2. Hyeronima de Mendonça.	§ 2.º
2—3. Sebastiana Bicudo.....	§ 3.º
2—4. Miguel Nunes Bicudo....	§ 4.º
2—5. Luzia Bicudo.....	§ 5.º

§ 1.º

2—1. Catharina Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 2 de Outubro de 1637 com Gaspar Vaz Madeira (filho de Pedro Madeira e de sua mulher Violante Cardoso)(3), que foi para o sertão do gentio *Iratens* na tropa de Antonio Raposo Tavares, e ficou dito Pedro Vaz Madeira no Grão-Pará, de d'onde não tinha vindo mais até o anno de 1686, nem se tinha noticia d'elle. Sua mulher Catharina Bicudo falleceu com testamento em Taubaté a 6 de Outubro do dito anno de 1686, declarando no testamento a sua naturalidade e de quem era filha. E teve :

3—1. Pedro Madeira.

3—2. Sebastião Bicudo.

3—3. Gaspar Vaz.

3—4. Maria Bicudo, casou com Manoel Rodrigues Moreira, e foram pais de :

4—1. Catharina Bicudo, que falleceu em Taubaté sua patria a 27 de Fevereiro de 1703, casada com João Portes del-Rei. (Taubaté, orph., letra C, n. 22) o qual falleceu na mesma villa. (Idem cartorio letra I, inventario n. 39) a 12 de Junho de 1707. E tiveram dois filhos : 5—1 Thomé e 5—2 Margarida Bicudo, que falleceu em Taubaté, casada com Miguel Pinheiro, e são pais do padre José Pinheiro coadjutor da villa de Mogy em 1767.

3—4. Isabel Bicudo, mulher de Antonio Alvarenga.

(3) Em titulo de Dias Teveriças, cap. II, § 1º, n. 3—4.

§ 2º

2—3. Hyeronima de Mendonça, casou duas vezes na matriz de S. Paulo, a primeira a 8 de Abril de 1630 com Pedro Alves de Oliveira, (filho de Balthasar Rodrigues e de sua mulher Maria Alvares), a segunda a 21 de Janeiro de 1636 com João Paes Ferreira, natural da cidade do Porto, freguezia de S. Nicoláo, filho de Manoel Ferreira Paes e de sua mulher Antonia de Castro.

§ 3º

2—3. Sebastiana Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 19 de Outubro de 1642 com Jorge Madeira, filho de Pedro Madeira, e de sua primeira mulher Violante Cardoso : em titulo de Dias Teveriças, cap. 2º § 1º n. 3—5.

§ 4º

2—4. Miguel Nunes Bicudo casou na matriz de S. Paulo a 23 de Maio de 1638 com Brites Gomes, filha de Gaspar Gomes e de sua mulher Isabel Nunes.

§ 5º

2—5. Luzia Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 5 de Agosto de 1634 com Romão Freire, que era viuvo, e foram de morada para a villa de Jundiáhy, onde falleceu dita Luzia Bicudo a 8 de Novembro de 1696. (Livro de obitos, titulo 1646 o assento do de Luzia Bicudo.)

VICENTE BICUDO

Vicente Bicudo, natural da Ilha de S. Miguel, irmão de Antonio Bicudo do N. 1º. Casou em S. Paulo com Anna Luiz (irmã de Hilaria Luiz mulher de Belchior Carneiro, de Matheus Luiz, e de Antonio Luiz, que todos viviam em 1609. Notas do primeiro tabellião de S. Paulo, n. 27, anno 1609 na procuração de Hilaria Luiz D. viuva de Belchior Carneiro), de quem teve filhos; e achando-se ella viuva de Vicente Bicudo casou segunda vez com Hyeronimo Brito, o qual falleceu na Parnahyba com testamento a 14 de Dezembro de 1644 sem geração; e dita Anna Luiz já havia fallecido com testamento a 15 de Janeiro do mesmo anno. E teve naturaes de S. Paulo oito filhos:

Antonio Bicudo.....	Cap. 1º Sem geração.
Francisco Bicudo Furtado....	Cap. 2º
Vicente Annes Bicudo.....	Cap. 3º
Domingos Nunes Bicudo.....	Cap. 4º Sem geração.
Mecia Bicudo.....	Cap. 5º
Maria Bicudo.....	Cap. 6º
Antonio Carneiro.....	Cap. 7º
Mecia Bicudo.....	Cap. 8º

CAPITULO I

1—1. Antonio Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 3 de Julho de 1629 com Anna Pires, filha de Salvador Pires e de Mecia Fernandes: em titulo de Pires, cap. 5º § 1º. Sem geração.

## CAPITULO II

1—2. Francisco Bicudo Furtado, foi morador da villa de Parnahyba, onde ficou possuindo a mesma fazenda de Hyeronimo de Brito seu padraito, o qual ordenou no seu testamento com que falleceu a 14 de Dezembro de 1644. (Cartorio de Parnahyba, inventario n. 24 o de Hyeronimo de Brito), o seguinte—Hei por bem e por meu gosto e vontade de boa benevolencia substituir, e constituir por meus herdeiros universaes em toda a fazenda que se achar ser minha, e por alguma via ou maneira me pertencer, a meus filhos Francisco Bicudo Furtado, Vicente A nnes Bicudo, e Domingos Nunes Bicudo, que supposto são meus enteados, por serem filhos da dita minha mulher Anna Luiz, por mim não foram enteados, se não filhos, e sem pre me tiveram muito respeito e me amaram como pai, e me serviram como filhos, e me ajudaram a grangear a fazenda, que lhes deixo, e é bem que elles gozem pois a gaubaram, ajudando-me em tudo a grangeal-a ; assim lhes deixo toda, a carga serrada, com condição que serão obrigados a sustentar as imagens, que tenho n'esta villa, Nossa Senhora da Conceição, e S. Hyeronimo, fazendo-lhes nos seus dias com a solemnidade que puderam (\* a sua festa) para mais serviço de Deus e louvor de seus santos. Casou com Magdalena de Pinha, filha de Braz de Pinha, como consta do testamento com que este falleceu em S. Paulo em 1630 ; e de sua mulher Isabel Lopes, como consta do testamento com que falleceu João de Pinha irmão de Magdalena de Pinha, a 12 de Junho de 1645. (Cartorio de Parnahyba, inventario n. 37 o de João de Pinha). O dito Francisco Bicudo falleceu em 1651. (Cartorio de Parnahyba, inventario n. 50 o de Francisco Bicudo Furtado. E teve só dois filhos natu-  
roes de Parnahyba :



- 2—1. Hyeronimo de Brito..... § 1º  
2—2. Anna Bicudo Furtado..... § 2º

§ 1º

2—1. Hyeronimo Bicudo Cortez, que antes se chamou Hyeronimo de Brito, casou com Victoria Ribeiro, e falleceu em 1678, (como consta no cartorio da Parnahyba, inventario n. 270 o de Hyeronimo Bicudo.) Sem geração.

§ 2º

2—2. Anna Bicudo Furtado....

CAPITULO III

1—3. Vicente Annes Bicudo, casou com..... filha de Alberto Lobo.

CAPITULO IV

1—4. Domingos Nunes Bicudo, (filho do n. 2º), casou com Anna da Costa, filha do capitão Christovão Diniz, e de sua mulher Isabel da Costa, a qual foi filha do capitão Povoador Domingos Fernandes, e de sua mulher Anna da Costa, (Cartorio de orph. de Parnahyba, inventario n. 41 o de Christovão Diniz, e n. 74 o de Domingos Nunes Bicudo, que falleceu com testamento a 16 de Julho de 1650). Sem geração. Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 4º § 1º n. 3—6.

CAPITULO V

1—3. Mecia Bicudo, casou com Francisco de Proença, que teve o foro de cavalleiro, natural de S. Paulo (filho

de Antonio de Proença, natural da villa de Belmonte, moço da camara do infante D. Luiz: em titulo de Proenças, cap. 1.<sup>o</sup> do segundo matrimonio). D. Mecia Bicudo falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Dezembro de 1631. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 3.<sup>o</sup>, letra M, inventario de D. Mecia Bicudo.) E teve natural de S. Paulo.

#### § UNICO

2—: D. Anna de Proença, que falleceu em 1644, como se vê do cartorio de orphãos de S. Paulo, maço terceiro, letra A, inventario de D. Anna de Proença, que foi casada com Salvador Pires, natural e cidadão de S. Paulo, filho do capitão Salvador Pires e de sua mulher Mecia Fernandes. Em titulo de Pires, cap. V, § 9.<sup>o</sup> E teve quatro filhos que falleceram meninos: D. Ignez, D. Anna, Salvador, D. Mecia.

#### CAPITULO VI

1—6. Maria Bicudo, casou na matriz de S. Paulo a 14 de Fevereiro de 1635 com João Mendes Giraldo ou Giraldes, filho de João Fernandes Giraldo, natural da ilha da Madeira, e de sua primeira mulher Hylaria Rodrigues (Cartorio de orphãos de Parnahyba n. 32, inventario de João Fernandes, o Velho, anno de 1639). Neto de Manoel Fernandes Giraldo e de sua mulher Joana Fernandes, da ilha da Madeira, como consta do testamento supra referido.

#### CAPITULO VII

1—7. Antonio Dias Carneiro, falleceu em S. Paulo em 1639, como consta do inventario dos seus bens, feito no dito anno no juizo de orphãos de S. Paulo, maço terceiro, letra A, inventario de Antonio Dias Carneiro, casado com

Felicia de Pinha, a qual depois foi mulher de Lourenço Cubas Justiniano, como consta do dito inventario referido, e foi filha de Braz de Pinha e de Isabel Lopes, os mesmos de que já fallámos n'este n. 2º, cap. II. E teve unica filha :

§ UNICO

2—» Isabel....

CAPITULO VIII

1—8. Mecia Bicudo de Mendonça (filha ultima de Vicente Bicudo, n. 2º), casou com Manoel de Siqueira natural da villa de Santos (irmão de Antonio de Siqueira e de Luzia de Siqueira de Mendonça, a qual foi mulher de Manoel Corrêa de Lemos, que falleceu em S. Paulo em 1693, como se vê do cartorio de orphãos de S. Paulo, maço quarto de inventarios, letra M, n. 40, onde tambem se vê que Manoel de Siqueira, marido de Mecia Bicudo, falleceu em S. Paulo em 1614, declarando no seu testamento a sua naturalidade. E teve oito filhos :

- 2—1. Sebastião Bicudo de Siqueira. § 1.º
- 2—2. Antonio ..... § 2.º
- 2—3. Manoel de Siqueira..... § 3.º Parece que casou com Mecia Nunes: filha de Pedro Nunes: em titulo de Nunes Siqueiras e de Góes.
- 2—4. Francisco Bicudo de Siqueira § 4.º Casou com Maria Ribeiro, filha de João Maciel e Maria Ribeiro, em titulo de Bayão, cap. V, § 3º, n. 3—9.
- 2—5. Vicente, que falleceu menino § 5.º
- 2—6. João..... § 6.º
- 2—7. Salvador..... § 7.º
- 2—8. Custodio ..... § 8.º

§ 1.º

2—1. Sebastião Bicudo de Siqueira, casou na matriz de S. Paulo a 23 de Janeiro de 1639 com Isabel Ribeiro (filha de João Maciel e de sua mulher Maria Ribeiro, a qual foi mãe de Estevão Ribeiro Bayão Parente (em título de Bayão Ribeiro Parente, cap. V, § 3º, n. 3—8), governador do exercito que se formou em S. Paulo para destruição dos reinos dos barbaros indios do sertão da Bahia, cuja expedição temos escripto em título de Camargos, cap. VIII, onde se póde lêr. E teve: (\*)

(\*) No original falta inteiramente a filiação a que o autor se refere, notando-se algumas folhas em branco naturalmente destinadas a futuras pesquisas que não puderam ser feitas,

## PEDROSOS, BARROS, VAZES

POR PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

Pedro Vaz de Barros e seu irmão Antonio Pedroso de Barros vieram ao Brasil. Foram estes irmãos pessoas de qualificada nobreza, e vieram providos Antonio Pedroso em capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e o irmão Pedro Vaz de Barros em ouvidor da mesma capitania, com clausula que, fallecendo Antonio Pedroso, fosse capitão-mór governador e tambem ouvidor o irmão Pedro Vaz, e, fallecendo este, fosse Antonio Pedroso o capitão-mór governador e tambem ouvidor. Tudo o referido se vê melhor da carta patente passada em Lisboa aos 21 de Novembro de 1605, pela qual tomou posse Antonio Pedroso na camara de S. Vicente aos 26 de Dezembro de 1607, que se acha registrada no archivo da camara de S. Paulo no caderno, titulo 1606 á fl. 22 v. e fl. 24.

Porém Pedro Vaz de Barros já tinha vindo a S. Paulo muito antes d'quellas épocas, pois consta que era capitão-mór governador da dita capitania pelos annos de 1602 (Cartorio da provedoria da fazenda real, livro de registros das sesmarias n. 2º, tit. 1602 até 1617, pag. 184 v.). Tambem do archivo da camara de S. Paulo, no caderno de vereanças, tit. 1601, á fl. 49, se verifica esta verdade, e se vê que, para se tomar um assento em camara sôbre a vinda de quatro soldados hespanhoes da Villa-Rica do Espirito-Santo da provincia do Paraguay, foi n'este acto presidente Pedro Vaz de Barros, como capitão-mór governador que governava S. Paulo. Além de que no dito archivo da mesma camara, no caderno de registros, capa de couro de veado, n. 1º, tit. 1623, n'elle, á fl. 18, consta

que Pedro Vaz de Barros tinha sido capitão-mór governador da capitania de S. Vicente, e que pela sua grande autoridade e merecimento de sua pessoa fôra encarregado de governar a gente da villa de S. Paulo e seu termo no anno de 1624.

No cartorio do tabellião da villa de S. Vicente se acham uns autos de justificação de *nobilitate probanda*, titulo—o capitão Valentim de Barros, anno 1643, e escrivão d'elles o tabellião Antonio Madeira Salvadores. E tambem os autos de justificação do capitão Fernão Paes de Barros, anno de 1678, escrivão d'elles o mesmo tabellião Salvadores. D'estes dois autos consta que Pedro Vaz de Barros viêra á capitania de S. Vicente em serviços da corôa, e que, voltando ao reino, tornára para a mesma capitania, provido em capitão-mór governador d'ella. Que seu irmão Antonio Pedroso viêra á villa de S. Vicente, onde chegára com o tratamento de homem nobre, trazendo criados brancos que o serviam, e casára na dita villa com uma filha de Hyeronimo Leitão, que tinha sido capitão-mór governador da dita capitania de S. Vicente, em cuja villa ficára sendo morador dito Antonio Pedroso de Barros. D'este matrimonio ha descendencia na villa de S. Vicente, conhecida nos Pedrosos Barros d'ella.

Estes dois irmãos Antonio Pedroso e Pedro Vaz de Barros (pelos autos de justificação referidos no cartorio de S. Vicente) eram naturaes do reino do Algarve, de d'onde passaram a ser moradores de Lisboa. Nesta côrte tiveram um primo direito, que foi o licenciado Antonio de Barros, presbytero secular e capellão que foi de el-rei. Este padre Antonio de Barros teve duas irmãs: D. Helena de Mendonça e D. Maria de Mendonça, que foram casadas com pessoas cavalheiras: ellas fundaram na villa de Alameda o convento de Nossa Senhora da Piedade, onde se recolhe-

ram ditas fundadoras, que tambem foram irmãs de Hyeronimo Lobo e de Antonio Lobo, que, seguindo o real serviço na milicia, foram ambos despachados para a India. D'estes mesmos foi tambem irmão Fr. José de Jesus Maria, religioso da Cartuxa, o que tudo consta dos referidos autos, dos quaes se deu instrumento a Fernão Paes de Barros, que temos em nosso poder, e o mandamos registrar na camara de S. Paulo, anno de 1762.

O capitão-mór governador Pedro Vaz de Barros falleceu com testamento em 1644. Foi casado com D. Luzia Leme (em titulo de Dias Paes, § 6º, e em titulo de Lemes, cap. V, § 6º), que falleceu com testamento aos 22 de Novembro de 1655, como se vê dos autos de inventario do cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra L, o de Luzia Leme, e n'elle o de Pedro Vaz de Barros. E teve oito filhos, naturaes de S. Paulo :

Valentim de Barros.....	Cap. I
Antonio Pedroso de Barros.....	Cap. II
Luiz Pedroso de Barros.....	Cap. III
Pedro Vaz de Barros.....	Cap. IV
Fernão Paes de Barros.....	Cap. V
Sebastião Paes de Barros.....	Cap. VI
Hyeronimo Pedroso, que falleceu solteiro.	Cap. VII
D. Lucrecia Pedroso de Barros.....	Cap. VIII

1—1. Valentim de Barros, sahio de S. Paulo a soccorrer Pernambuco, possuido dos inimigos holandezes no anno de 1639 em posto de alferes de infantaria pago da companhia do mestre de campo Antonio Raposo Tavares. Tinha pedido este soccorro a S. Paulo o conde da Torre no sobredito anno, mandando levantar companhias de infantaria de oitenta homens com soldo os capitães de quarenta escudos por mez, cuja recruta foi encarregada ao fidalgo D. Francisco Rendon de Quevédo, que se achava casado,



e morador em S. Paulo. Tudo consta da camara de S. Paulo, liv. de registros, titulo 1636 a fl. 96, 99 v e 104. E liv. ... n. 4, anno 1658 a fl. 16 v. E caderno de registros, titulo 1640 a fl. 18, tudo do dito archivo. E depois se encarregou a mesma recruta a Antonio Raposo Tavares, com o character de governador com todo pleno poder para formar as compenhas, como se vê da sua mesma carta patente de governador (vide em titulo de Raposo Tavares). Chegando Valentim de Barros a cidade da Bahia n'ella se embarcou na armada com o conde de Castello-Novo, e marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas, contra os holandezes. E porque estes já se tinham apoderado do centro da cidade de Pernambuco e seus contornos, voltou por terra com as armas em actual exercicio contra o inimigo até se recolher a cidade da Bahia na companhia do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, (\* o A. conta este successo muito por extenso, e com alguma pequena differença no titulo de Rendons, n. 2). Servindo com distincção de valoroso soldado o alferes Valentim de Barros, com sua pessoa e os seus indios, que levou de S. Paulo : e na Bahia o marquez vice-rei o melhorou de patente, passando-lhe a de capitão de infantaria. Tudo o referido se vê melhor no seu instrumento de que temos feito menção, cujos autos originaes se processaram na villa de S. Vicente em 1643, como fica referido. Casou o capitão Valentim de Barros na cidade da Bahia com D. Catharina de Goes e Sequeira, natural da mesma cidade (irmã inteira de João Goes de Araujo, que foi ouvidor do civil da relação d'aquella cidade pelos annos de 1666, e de quem se serviu el-rei D. Affonso VI encarregando-lhe varias negociações, entre as quaes foi a fabrica de fragatas de alto bordo no Estado do Brasil por carta firmada do seu real pulso de 16 de Dezembro de 1666, que o mesmo senhor mandou participar aos

officiaes da camara de S. Paulo para communicarem com o dito desembargador as materias dos interesses da capitania de S. Paulo, o que melhor se vê no lugar á margem citado)(1). Esta D. Catharina foi filha de Jorge de Araujo de Góes e de sua mulher D. Angela de Siqueira, ambos naturaes da cidade da Bahia. Neta por parte paterna de Gaspar de Araujo, natural da villa de Ponte de Lima, e de sua mulher D. Catharina de Góes, natural de Lisboa. E pela materna neta de Sebastião Pedroso Barbosa, natural da villa de Vianna do Minho, e de sua mulher D. Leonor de Siqueira, natural da cidade da Bahia. Tudo se vê das inquirições de *puritade et nobilitate probanda* do desembargador João de Góes de Araujo, para lêr no paço, em Lisboa. Jorge de Araujo de Góes, pai de D. Catharina e do desembargador João de Góes, foi irmão inteiro de Simão de Araujo de Góes, que serviu na Bahia por espaço de quarenta annos, em que fez na guerra varios serviços, especialmente no anno de 1624, e foi pai de Ignacio de Araujo de Góes, que falleceu na guerra em 1638, defendendo a Bahia; de Antonio de Araujo de Góes, que foi alferes de infantaria na mesma cidade desde 1633 até 1641, e de Francisco de Góes de Araujo, que teve mercê do habito de Christo, com 40\$ de pensão em commenda, cujo padrão se acha registrado no livro de 1647 da chancellaria da ordem, á fl. 82 v. e á fl. 192, e se lhe mandou pagar 20\$ do contrato das balêas da Bahia. São as mercês de 10 de Março e 6 de Abril do dito anno, e do padrão d'ellas consta todo o referido.

Fallecendo em S. Paulo o capitão-mór governador Pedro Vaz de Barros pelos annos de 1644, como fica refe-

(1) Camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1664, n. 4.<sup>o</sup> á fl. 52.

rido, se resolveu o capitão Valentim de Barros largar a Bahia e vir morar a S. Paulo, sua patria, trazendo comsigo sua mulher D. Catharina, á qual tambem acompanhou a irmã D. Leonor de Siqueira, de quem faremos menção no cap. III d'este titulo, e o irmão André de Góes de Siqueira, que veio depois provido em provedor e contador da fazenda real da capitania de S. Vicente e S. Paulo, por provisão de D. Vasco Mascarenhes, conde de Obidos e vice-rei do Estado, passada na Bahia aos 30 de Março de 1666, que se acha registrada no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, no livro quarto de registros, á fl. 42.

Falleceu o capitão Valentim de Barros em S. Paulo, com testamento, aos 18 de Janeiro de 1651 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra V, o de Valentim de Barros). E teve dois filhos, que foram:

Fernando, de nove annos quando falleceu o pai.

João, de sete annos no dito tempo.

A viuva D. Catharina passou a segundas nupcias em 1654, com o fidalgo D. João Matheus Rendon, que tambem se achava viuvo de sua primeira mulher D. Maria Bueno de Ribeira, e se ausentaram de S. Paulo a viver na comarca do Rio de Janeiro, e fizeram assento na Ilha-Grande, onde já residiam pelos annos de 1656, o que tudo se vê no inventario acima citado. Na companhia da mãe foram os dois filhos de D. Catharina para o Rio de Janeiro, e ignoramos se falleceram solteiros ou o estado que tiveram.

## CAPITULO II

1—2. Antonio Pedroso de Barros, que igualmente cavalheiro pelo nascimento e acções, como potentado pela

grandeza de seiscentos indios, que possuiu para cultura das suas fazendas, foi casado na matriz de S. Paulo aos 3 de Outubro de 1639 com D. Maria Pires de Medeiros (filha de Salvador Pires e de sua mulher a matrona D. Ignez Monteiro). Em titulo de Alvarengas, § 2.º. Falleceu no 1º de Maio de 1651 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço primeiro, letra A, inventario de Antonio Pedroso de Barros). E teve do seu matrimonio quatro filhos, naturaes de S. Paulo :

2—1. Pedro Vaz de Barros.	§ 1.º
2—2. Antonio Pedroso de Barros.	§ 2.º
2—3. D. Ignez Pedroso de Barros.	§ 3.º
2—4. D. Luzia Leme de Barros.	§ 4.º

§ 1.º

2—1. Pedro Vaz de Barros, cuja grandeza de cabedaes e tratamento de sua casa foi igual á de seu pai e avós. Foi morador no sitio de que faz menção o padre-mestre Manoel da Fonceca na *Vida do padre Belchior de Pontes*, cap. XXII, pag 126 usq pag. 131. A sua fazenda do Lutaúna era como uma villa, pelo grande numero de casarias, e bem arruadas, que n'ella havia, com uma capella, onde se officiam os sacramentos por se compôr aquella fazenda de mais de seiscentas almas. Soube antes de morrer lucrar a bemaventurança, como se póde vêr no já citado livro *Vida do padre Pontes*. Falleceu com testamento aos 22 de Março de 1695. Foi casado com D. Maria Leite de Mesquita. Em titulo de Mesquitas, e n'elle toda a sua descendencia (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço primeiro de inventarios, letra P, o de Pedro Vaz de Barros.

§ 2.º

2—2. Antonio Pedroso de Barros, que no baptismo teve o nome de Salvador. Falleceu com testamento aos 24 de Outubro de 1677. Foi casado com D. Maria Leite de Proença, filha de Pedro Dias Leite e de D. Anna de Proença. Em titulo de Taques. § 3º, n. 2—8 (Cartorio de orphãos da villa de Parnahyba, n. 238, inventario de Antonio Pedroso de Barros). E teve filha unica :

3—1. Maria Pires da Silva, que casou com Nuno de Campos, em titulo de Campos, cap. VII, e ahi a sua descendencia.

§ 3.º

2—3. D. Ignez Pedroso de Barros, falleceu solteira a tempo que seus pais a tinham contratado para casar com Estanslão de Campos, excellente estudante de grammatica latina, o qual, vendo morta sua futura esposa, tomou a roupeta da companhia, onde foi o maior barrete da provincia.

§ 4.º

2—4. D. Luzia Leme de Barros, foi casada com Manoel de Campos Bicudo, que falleceu em S. Paulo com testamento aos 16 de Maio de 1722 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço setimo de inventario, letra M, o de Manoel de Campos). Foi este abastado de cabedaes, e tão gordo, que até o seu tempo não teve parelha com outrem na corpulencia. E teve cinco filhos : em titulo de Campos, cap. III.

CAPITULO III

1—3. Luiz Pedroso de Barros, que, não devendo regeitar as occasiões do real serviço, foi um dos cavalheiros de

S. Paulo, que (com os muitos indios que possuia em grande numero) passou de soccorro para a Bahia, e d'aquella cidade para a de Pernambuco, feito já capitão de infantaria, em cujo posto sahiu de S. Paulo na mesma occasião da recruta que se formou por ordem do conde da Torre, como já dissemos no cap. I, tratando de seu irmão Valentim de Barros. Casou na cidade da Bahia com D. Leonor de Siqueira, que era irmã inteira de D. Catharina, como fica referido no dito capitulo. Passou da Bahia para S. Paulo, sua patria, trazendo sua mulher. E não contente com os annos que consumiu na guerra, em serviço da real corôa, ainda passou ás Indias de Hespanha, ao sertão do reino do Perú, chamado dos Serranos, onde falleceu em 1662, como se vê do inventario feito dos seus bens em dito anno, no juizo de orphãos da villa de Parnahyba, n. 170. Sua mulher D. Leonor de Siqueira sobreviveu muitos annos, e foi a que concorreu com muita parte do seu cabedal para se fazer de pedra e cal a torre da igreja do collegio dos jesuitas de S. Paulo, em tempo do reitor o padre Antonio Rodrigues, varão de acreditada virtude. Para applicar esta obra, com sua presença ia muitas vezes D. Leonor estimular aos mestres e officiaes, que com effeito em sua vida teve o gosto de a vêr completamente acabada, e é uma das obras (até como primeira d'esta natureza) mais excellentes que ha na cidade de S. Paulo pela sua eminencia e construcção. Na mesma cidade falleceu D. Leonor de Siqueira, com testamento, a 9 de Dezembro de 1703 (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos residuos, letra L, o testamento de D. Leonor de Siqueira). E teve do seu matrimonio só duas filhas, que foram :

2—1. D. Maria de Araujo... § 4.º

2—2. D. Angela de Siqueira § 2.º



§ 1.º

2—1. D. Maria de Araujo, foi baptizada na matriz de S. Paulo aos 20 de Agosto de 1645. Foi casada com Lourenço Castanho Taques, § 3º, n. 2—1, e ha ahí sua descendencia.

§ 2.º

2—2. D. Angela de Siqueira, que na matriz de S. Paulo recebeu o sagrado baptismo ao 1º de Julho de 1648, casou duas vezes: a primeira com Sebastião Fernandes Corrêa, segundo provedor e contador proprietario da fazenda real da capitania de S. Paulo. Em titulo de Freitas, cap.... E teve unico filho:

3—1. Timotheo Corrêa de Góes, terceiro provedor e contador proprietario da fazenda real da capitania de S. Paulo, em titulo de Godoy. Com sua descendencia.

Segunda vez casou D. Angela de Siqueira com Pedro Taques de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa real, capitão-mór governador. Em titulo de Taques, cap. III, § 3º, n. 2—3. Com sua descendencia.

CAPITULO IV

1—4. Pedro Vaz de Barros, fundador e padroeiro da capella de S. Roque, termo da villa de Parnahyba, que depois foi erecta em freguezia. N'esta sua capella teve Pedro Vaz de Barros a sua maior assistencia. Foi a sua casa e fazenda uma povoação tal, que bem podia ser villa, e ainda hoje as casas, que foram da sua residencia, servem de pa-



drão que lhe accusam a maior magnificencia, como obra d'aquelle tempo. Teve muito grande tratamento, correspondente aos grossos cabedaes que possuia, entre cujos moveis teve uma copa de prata de muitas arrobas. A sua casa era diariamente frequentada de grande concurso de hospedes, parentes, amigos e estranhos, que todos concorriam gostosos a fazer-lhe uma obsequiosa assistencia. Todos eram agasalhados com grandeza d'aquella mesa, na qual com muita profusão havia pão e vinho da propria lavoura, e as iguarias eram vitellas, carneiros e porcos, além das caças terrestres e volateis, das quaes os seus caçadores actualmente conduziã com fartura, e por isso de tudo havia com abundancia, e com tanta prevenção, que, a qualquer hora da tarde que chegavam novos hospedes, estava a mesa prompta, como se para estes fôra conservada. Foi cognominado Grande, chamando-se-lhe assim pelo idioma brasilico: Pedro Vaz *Guassú*, que quer dizer grande. Teve honrosissimas cartas de el-rei D. Affonso VI e de el-rei D. Pedro II, sendo principe regente, para se descobrirem e examinares as minas de ouro, prata e cobre, no termo da villa de Sorocaba, insinuadas a el-rei pelo capitão-mór Luiz Lopes de Carvalho, a quem acompanharam o alcaide-mór Hyacinto Moreira Cabral e seu irmão o coronel Paschoal Moreira Cabral, mandando Sua Magestade, por carta de 2 de Maio de 1682, expedida ao governador do Rio de Janeiro, que esta diligencia se encarregasse a Fr. Pedro de Sousa, o qual havia de ser auxiliado de Pedro Vaz de Barros, a quem o mesmo Senhor escreveu para este effeito em 2 de Maio de 1682. Tudo o referido consta na secretaria do conselho ultramarino, no livro das cartas do Rio de Janeiro, que principia em 28 de Março de 1673, á fl. 30 e seg.

O seu nome foi respeitado em todo o Brasil com vene-

ração. Governando a cidade da Bahia Alexandre de Sousa Freire, escreveu este a Pedro Vaz de Barros em 15 de Novembro de 1669, expondo-lhe os damnos e hostilidades que experimentavam os moradores do reconcavo da Bahia dos barbaros indios, que, em repetidos assaltos, iam acabando aos ditos moradores, pedindo-lhe quizesse ir de soccorro para conquistar os reinos dos ditos barbaros. e fazer n'isto particular serviço a Sua Magestade, e resgatar a Bahia da infecção d'estes indios. Teve effeito este soccorro no mez de Maio de 1671, em que na villa de Santos se embarcou a recruta d'esta gente, que, chegando a salvamento á Bahia, penetraram o sertão, onde conseguiram tão feliz victoria contra os barbaros, que o governador geral se antecipou a dar conta d'ella em 1673 aos officiaes da camara de S. Paulo para que applaudissem a gloria dos seus naturaes, que inteiramente tinham destruido os principaes reinos e aldéas, que havia muitos annos infeccionavam aquelle Estado. Foi tão grande esta victoria, que a relação do mesmo Estado e a camara d'aquella cidade escreveram tambem á de S. Paulo, agradecendo todo este particular serviço. Destruídos os inimigos, morreram dos prisioneiros acima de oitocentos homens, no mesmo sertão, de uma quasi peste, e só chegaram á cidade mil e quinhentos, os quaes foram repartidos pelos soldados e cabos de guerra, da qual foi encarregado, com o character de governador, Estevão Ribeiro Bayão Parente, na fórma do assento que antes d'esta guerra se havia tomado em relação sobre o captiveiro d'estes inimigos, com presidencia do governador geral do mesmo Estado, depois de ouvidos os theologos que na materia deram o seu voto (\* Tal era a moral e o direito das gentes d'aquelle tempo! Mas sem o interesse do serviço dos indios não teriam feito os paulistas tão dilatadas e pasmosas jornadas pelo sertão, que occa-

sionaram os descobrimentos que hoje estão povoados). Tudo o referido se vê melhor no archivo da camara de S. Paulo, no livro de registros das cartas n. 4º, título 1674, desde fl. 64 até fl. 96 v. (\* Em meu poder existe um documento, pelo qual consta que este capitão Pedro Vaz de Barros tinha mais de mil e duzentos indios e indias, além da sua familia, na sua fazenda de S. Roque, que hoje é freguezia.)

Não casou Pedro Vaz de Barros, mas teve varios filhos bastardos, havidos em diversas mulheres, que por todos foram nove, que são os seguintes: Braz Leme de Barros; Joanna, que casou com João da Silva Ferreira, e Maria, todos havidos em Justina, mulher *mameluca* (em S. Paulo assim chamam as que são netas de india de quatro costados com homem branco); Isabel, havida em Catharina; Lourença, havida em Theresa; Margarida, havida em Rufina; Marianna, havida em Maria; Paschoa e Leonor, ambas havidas em Barbara, como tudo consta do inventario do capitão Pedro Vaz de Barros, que falleceu com testamento a 30 de Agosto de 1676 (Cartorio de orphãos da villa de Parnahyba, inventarios, n. 396, o do capitão Pedro Vaz de Barros).

Ao sobredito filho bastardo Braz Leme de Barros fez herdeiro do seu grande cabedal, quando o casou com Ignacia Paes, que era filha mulata de seu irmão Fernão Paes de Barros, do cap. V adiante, e lhe deixou a administração da capella de S. Roque, com pensão de cinco missas cada anno pela sua alma, com substituição aos filhos do mesmo Braz Leme, e na falta d'estes a algum genro mais idoneo. O dito Braz Leme teve um filho de sua mulher Ignacia Paes, que foi Pedro Vaz de Barros, chamado o coxo, que casou com Catharina do Prado e ficou sendo o administrador da capella de S. Roque. Sem geração.

CAPITULO V

1—5. Fernão Paes de Barros tambem foi um dos cava-lheiros do maior respeito e tratamento. Para credito do grande ardor, que sempre conservou, zeloso do serviço da real corôa, basta só a honrosissima carta que lhe escreveu o principe D. Pedro, firmada pelo seu real pulso em 12 de Novembro de 1678, cuja copia é a seguinte :

« Fernão Paes de Barros.—Eu o principe vos enviu saudar. O governador D. Manoel Lobo vos ha de dar conta de um negocio do meu serviço, que, pondo-se em effeito, redundará em augmento de meus vassallos, principalmente dos que vivem n'essa repartição do sul. E porque estou inteirado do zelo com que vos haveis em varios particulares de meu serviço, espero que n'este ajudeis a D. Manoel Lobo com a vossa pessoa, escravos e mais o que a vossa possibilidade der lugar, para que se consiga o que se pretende, e me ficará em lembrança para vos fazer mercê. Escrip'ts em Lisboa a 12 de Novembro de 1678.  
—*Principe*.—Para Fernão Paes de Barros. »

A natureza dos seus serviços constam dos autos de justificação, que fez d'elles em S. Paulo aos 13 de Agosto de 1685, sendo escrivão o tabellião Roque Mendes da Silva e juiz ordinario Diogo Barbosa Rego. D'estes autos consta que Fernão Paes de Barros assistira sempre com sua pessoa, fazenda, criados e escravos, e acudira a todos os rebates da praça de Santos em tempo que os holandezes infestavam a costa. Vindo a S. Paulo o Dr. Damião de Aguiar, corregedor da capitania, a prender a Manoel Coelho da Gama, regulo facinoroso, como com effeito o prendeu, intentaram os sequazes do mesmo regulo tiral-o em caminho, matando ao dito corregedor, e para se evitar

este risco foi Fernão Paes de Barros acompanhar até á villa de Santos o dito Dr. desembargador, escoltando-o á sua custa com um grosso corpo de armas, que para isso formou. Achando-se em S. Paulo o corregedor Sebastião Cardoso de S. Paio, o acompanhou tres leguas a pé para se destruir uma casa forte, guarnecida de criminosos réos em culpa capital, para cuja acção levou Fernão Paes de Barros muitos dos seus parentes, criados e escravos. Escrevendo-lhe o principe D. Pedro em 27 de Setembro de 1664 que desse ajuda e favor ao governador Agostinho Barbalho Bezerra, que vinha enviado para o descobrimento das minas das esmeraldas, lhe deu Fernão Paes de Barros da sua fazenda mil varas de panno de algodão, armas e mantimentos para a jornada que fazia dito Barbalho, com sessenta arrobas de carnes de porco, que tudo consta assim da certidão que do conteúdo se lhe passou em 9 de Agosto de 1666. Quando chegou a S. Paulo o tenente-general Jorge Soares de Macedo, e apresentou em camara, aos 30 de Novembro de 1678, as reaes ordens que trazia para a diligencia, a que vinha de ir a Montevidéo a descobrimento de minas de prata, por se achar a real fazenda da provincia de Santos sem dinheiro algum; communicando Jorge Soares esta materia com Fernão Paes de Barros, este entregou aos officiaes da camara de S. Paulo 300\$ em moeda corrente, offerecendo tambem toda a prata da sua copa para que se vendesse, fundisse ou empenhasse, de sorte que por falta de dinheiro não perecesse o real serviço na diligencia para que vinha destinado dito Jorge Soares. D'esta acção se lavrou termo na camara de S. Paulo, que existe no livro de vereanças, titulo 1673, á fl. 63 v. E á fl. 69 consta mais que o mesmo Fernão Paes dera tres homens do gentio da terra, bons sertanistas, para acompanhar dito Soares na jornada, para a qual fez grande

despeza, sem fructo algum, a qual consta do dito livro, de fl. 62 até fl. 75 (\* O autor faz aqui a denomeração das pessoas e generos que levou o dito Jorge, que embarcou em Santos em Janeiro de 1679). No sobredito livro, á fl. 82 consta mais que Fernão Paes andava no real serviço gastando a maior parte da sua fazenda.

Quando se estabeleceu a paz de Hollanda em cinco milhões, e o casamento da infanta de Portugal D. Catharina em dois milhões, pediu el-rei D. Pedro aos seus vassallos um donativo para pagamento dos sete milhões (vide *America Portuguesa*), e Fernão Paes de Barros se distinguio entre os mais paulistas, dando para o dito chapim em moeda corrente 600\$. Vindo a S. Paulo o fidalgo D. Manoel Lobo em 1679, pelo qual o mesmo principe D. Pedro escreveu a Fernão Paes de Barros a carta de que já acima fizemos menção, o hospedou todo o tempo que D. Manoel Lobo esteve em S. Paulo, com tanta grandeza, como se vê da carta que elle escreveu da Nova Colonia, com data de 25 de Fevereiro de 1680, que se acha registrada no archivo da camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1675, á fl. 74 v. E como o mesmo D. Manoel Lobo ia fundar a sobredita colonia do Sacramento lhe deu Fernão Paes de Barros, para ajuda dos gastos, 100\$ em dinheiro e tres cavallos dos melhores que tinha na sua cavalherice.

Querendo passar da villa de Santos para S. Paulo D. Rodrigo de Castello-Branco, superintendente-geral dos descobrimentos das minas do ouro e prata, lhe faltavam, para conduzir a fabrica de Sua Alteza, os indios das aldêas do real padroado, e a tudo suppriu Fernão Paes de Barros, mandando para o Cubatão á sua custa o troço de gente, que bastou para a conducção do dito D. Rodrigo e fabrica que trazia, pertencente á fazenda real, á cuja provedoria poupou Fernão Paes o melhor de 100\$, como consta das

certidões dos seus serviços. Querendo que se descobrissem minas de prata ou de ouro, em que tanto se interessava o real erário, mandou á sua custa e com grande despesa (distante de S. Paulo mais de trinta leguas) fazer uma feitoria de Tabatinga para assim conseguir-se o desejado fim do pretendido descobrimento.

N'isto se empregava Fernão Paes de Barros, em cuja casa e fazenda do sitio de Araçariguama fundou a capella de Santo Antonio, ornando o altar da capella-mór da igreja de excellente talha, toda dourada, cuja administração e padroado se conserva ainda hoje na familia de João Martins Claro, que foi seu genro pelo casamento de sua filha mulata Ignacia Paes, viuva de Braz Leme de Barros, em quem fallámos no cap. IV precedente. Foi casado na cidade do Rio de Janeiro com D. Maria de Mendonça, que, conduzida para esta cidade de S. Paulo, teve o tratamento que merecia, como esposa de tão nobre cavalheiro, e fazendo-se conduzir em cadeira de telhadilho, a primeira que até aquelle tempo appareceu em S. Paulo. Não teve fructo algum do seu matrimonio, porque, tendo justificada causa para o divorcio ou repudio, por haver bastante prova contra a pureza de sangue d'esta senhora, ficou ella gozando sempre as estimações e tratamento de legitima mulher de Fernão Paes de Barros; mas este se apartou totalmente de fazer com ella vida marital. E assim falleceu sem deixar filhos; e sobrevivendo muitos annos seu marido veiu este a acabar a vida aos 30 de Março de 1709, com testamento, no qual resplandecem as obras pias do seu fidalgo animo.

No estado de solteiro teve Fernão Paes de Barros de uma crioula de Pernambuco uma filha, que foi Ignacia Paes, que, dispensada no impedimento de segundo grão de consanguinidade, casou com seu primo direito Braz Leme de



Barros, de quem fallámos no capitulo retro ; e, fallecendo este poucos annos depois de casado, deixou a sua mulher por herdeira universal, e juntando-se este grande cabedal ao que possuia Fernão Paes de Barros, conseguiu este o grande casamento (que facilitou o interesse) com João Martins Claro, sargento-mór que havia sido das ordenanças em Miranda do Douro, sua patria, que passou a S. Paulo acompanhando em real serviço ao governador D. Manoel Lobo, acima mencionado, e observando a grandeza com dito governador Lobo fôra hospedado em casa de Fernão Paes todo o tempo, que foram muitos mezes que se demorou em S. Paulo, se deixou vencer do avultado dote para casar, como casou, com Ignacia Paes, de cujo matrimonio houveram filhas, que todas casaram muito bem, de que hoje ha ramos, que, com honroso procedimento, têm conciliado estimações de toda a nobreza. Ainda existe em 1762 D. Luzia Leme, mulher de Christovão Monteiro de Carvalho, natural de Freixo de Espada á Cinta, e não duvidou o Exm. Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e de S. Paulo servir de padrinho na pia do primeiro filho, que em vida de Fernão Paes de Barros nasceu da dita D. Luzia Leme, o qual, em memoria de tão illustre padrinho, tomou o nome de Arthur.

## CAPITULO VI

1—6. Sebastião Paes de Barros. Achou-se em qualidade de cabo em Tocantins, e el-rei lhe escreveu a seguinte carta.... (\*)

(\*) Faltta no manuscrito.

(Nota da redacção)

Achou-se tambem no Maranhão com o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Foi casado com D. Catharina Tavares, filha de Francisco de Miranda e de sua mulher D. Isabel Paes, que são Cerqueiras. D. Catharina Tavares falleceu em 1671, e seu marido Sebastião Paes de Barros falleceu com testamento aos 22 de Março de 1674. Tiveram varios filhos, dos quaes eram vivos para herdeiros da fazenda cinco (Cartorio de orphãos da villa de Parnahyba, n. 243, inventario do capitão Sebastião Paes de Barros. E n. 219, inventario de Catharina Tavares).

2—1. D. Maria Pedroso.....	§ 1.º
2—2. Antonio Pedroso Leme, falleceu solteiro.....	§ 2.º
2—3. D. Lucrecia Pedroso.....	§ 3.º
2—4. D. Leonor Leme.....	§ 4.º
2—5. D. Luzia Leme.....	§ 5.º

#### § 1.º

2—1. D. Maria Pedroso de Barros, casou com o capitão João Coelho da Fonseca, natural da villa de Santos, e falleceu na de S. Vicente a 15 de Dezembro de 1686, filho de Constantino Coelho Leite, natural da villa de Pinhel, e de sua mulher Maria da Fonseca, natural de S. Vicente. Este Constantino Coelho Leite serviu nas guerras de Pernambuco até a sua restauração contra os hollandezes, em posto de alferes. Foi despachado em capitão da fortaleza da Barra Grande de Santos, que serviu alguns annos, e, dando baixa, se passou para a villa de S. Vicente, onde deixou nobre e dilatada familia. Do matrimonio de D. Maria Pedroso com o capitão João Coelho houveram cinco filhos, naturaes de S. Vicente :

- 3—1. Catharina Paes de Miranda.
- 3—2. Lucrecia Coelho da Fonceca.
- 3—3. Sebastiana Pedroso.
- 3—4. Maria de Miranda Tavares.
- 3—5. Leonor Pedroso.

3—1. Catharina Paes de Miranda, foi casada com Antonio de Castro Vieira, natural de Lisboa; foi morador da villa de Itú, tendo sido antes da de S. Vicente, onde teve fazenda de cultura, com 330 braças de terra, no sitio chamado Piticuára. Falleceu na villa de Itú a 20 de Fevereiro de 1721, como consta do seu testamento no residuo da ouvidoria de S. Paulo, maço letra A. E teve nove filhos :

- 4—1. Antonio de Castro Vieira.
- 4—2. João Coelho.
- 4—3. Francisco Martins.
- 4—4. Manoel de Castro.
- 4—5. José.
- 4—6. Sebastião.
- 4—7. Maria Pedroso de Góes, mulher de Pedro da Silva Ferreira.
- 4—8. Catharina Paes de Miranda.
- 4—9. Marianna de Castro.

(Vide Antonio Affonso, de alcunha o Padre Eterno : casou com uma d'estas filhas. Outra casou com o sargento-mór Bento José, que são os pais de José Caetano, chamado o Tatuira, que foi para Coimbra.

3—2. Lucrecia Coelho da Fonceca (filha de Maria Pedroso, § 1º). Casou com José de Araujo Guimarães, natural da freguezia de S. Sebastião da villa de Guimarães, filho de Antonio Alves e de sua mulher Catharina de Araujo, Falleceu na villa de S. Vicente em 1758, sendo capitão da ordenança da dita villa onde sempre occupou os postos da

republica, e foi pessoa de estimação e respeito. E teve oito filhos, naturaes da dita villa de S. Vicente.

4—1. Sebastião Alves de Araujo, que casou na villa da Conceição de Itanhaem. Sem geração.

4—2. João Coelho da Fonceca, casou nas minas do Cuyabá com.... filha de Isabel de Campos e Pedro Corrêa de Godoy, em titulo de Campos, cap. VII, § 6º, n. 3—3.

4—3. Prudente Coelho de Araujo.

4—4. Josepha Maria da Conceição.

4—5. Antonia Tavares de Araujo, casou com Placido Lopes. Sem geração.

4—6. Alexandre Coelho de Araujo, casado na villa de S. Vicente com Theresa de Jesus Rangel, natural da mesma villa, filha de José Pereira Botelho, natural da villa de Alcoentre, e de sua mulher Maria Rangel, natural da villa de Santos, filha de João Pinto Rangel, natural da capitania do Espirito-Santo, e de sua mulher Catharina Pantoja da Rocha. E teve dois filhos :

5—1. José da Annunciação Coelho, habilitando de *genere*.

5—2. Maria Flora da Conceição, solteira em 1767.

4—7. Carlos Pedroso de Araujo, casou na villa de Parnahyba com Paschoa Leite Forquim, filha de Bernardino dos Santos Forquim e de sua mulher Maria do O' Lara. Em titulo de Taques, cap. III, § 8º, n. 3—2.

4—8. Catharina de Araujo, casou em S. Vicente com José da Fonceca Calaça, seu primo em terceiro grão, em cujo impedimento foram dispensados, filho de Manoel da Fonceca Calaça e de sua mulher Helena Dias, natural de S. Paulo, filha de Garcia Rodrigues Betink e de sua mulher Joanna Corrêa: em titulo de Betink.

3—3. Sebastiana Pedroso (filha de Maria Pedroso do § 1º). Casou em S. Vicente com Antonio de Faria Villas-

Boas, natural de Lisboa. Sem geração. Porém, estando ausente seu marido dito Villas-Boas, adulterou com seu eunuho Ignacio da Costa de Siqueira, alferes de infantaria da praça de Santos, da companhia de seu pai o capitão de infantaria Luiz da Costa de Siqueira, de quem fazemos abaixo menção no n. 3—4. D'esto incesto teve Sebastiana Pedroso tres filhas, que foram expostas em diversas casas, e foram:

4—1. Rita Maria de Araujo, exposta em casa do capitão Martinho de Oliveira Leitão e de sua mulher D. Apolonia de Araujo. Foi criada com estimações e amor de verdadeira filha, até que a dotaram e a fizeram herdeira de muita parte dos seus bens. Casou na matriz da villa de Santos em 1737 com Domingos Moreira, natural da freguezia de S. Thiago da Carreira, no bispado do Porto, filho de Miguel Moreira e de sua mulher Anna Maria, ambos da mesma freguezia. Tem servido na republica da camara de Santos repetidas vezes. E teve cinco filhos, naturaes de Santos:

5—1. Fr. José Braz de Sant'Anna, carmelita calçado da provincia do Rio de Janeiro.

5—2. Maria Francisca.

5—3. Anna Leonisa.

5—4. Antonio Francisco Moreira, que foi para Coimbra em 1767.

5—5. Rita Silveria.

4—2. Anastacia Francisca (filha de Sebastiana Pedroso n. 3—3), foi exposta na villa de Santos em casa de João Francisco Espinheiro, que a criou com amor de verdadeira filha, e a casou com Bartholomeu Bueno Cacunda, que dizem fôr filho de um José Tavares de Ledesma e de sua mulher Maria Bueno, meia irmã por parte de pai do Rev. D. abbade do mosteiro de S. Paulo Fr. Bartholomeu da

Conceição, filho de Bartholomeu Bueno, o qual, sendo solteiro, teve de uma mulher branca a esta filha Maria Bueno. E teve seis filhos, naturaes de S. Paulo :

5—1. Bernardino José Bueno, foi morto de um tiro que lhe deu um *Carijó* em 1758.

5—2. Maria Theresa.

5—3. Isabel.

5—4. Anna.

5—5. Bartholomeu Bueno.

5—6. José.

4—3. Maria Leme de Siqueira (terceira filha de Sebastiana Pedroso, n. 3—3), existe solteira em Santos em 1770.

3—4. D. Maria de Miranda Tavares, casou em S. Vicente com Ignacio da Costa de Siqueira, natural da villa de Setubal, alferes de infantaria da praça de Santos, da companhia de seu pai Luiz da Costa de Siqueira, capitão de infantaria da mesma praça e primeiro commandante da fortaleza de S. Amaro da Barra Grande, em tempo do governador Jorge Soares de Macedo e de sua mulher D. Luiza da Cruz, ambos naturaes da villa de Setubal. E teve quatro filhos, naturaes da villa de S. Vicente :

4—1. Luiz da Costa de Siqueira.

4—2. Ignacio da Costa de Siqueira, soldado da praça de Santos.

4—3. Francisco de Miranda Tavares.

4—4. D. Maria de Miranda Tavares, mulher de José Luiz Favacho, natural de Itanhaem.

3—5. Leonor Pedroso (filha do § 1°). Casou com Balthazar Ribeiro Garcia, natural de S. Paulo, filho de Antonio Ribeiro e de Isabel Garcia. E teve dois filhos :

4—1. Antonio Ribeiro, falleceu solteiro.

4—2. Maria Ribeiro, moradora em Itanhaem.

§ 2.º

2—2. Antonio Pedroso Leme, falleceu solteiro.

§ 3.º

2—3. D. Lucrecia Pedroso, foi casada com Miguel Soares, e fizeram doação de todos os bens ao Hospicio dos religiosos carmelitas da villa de Itú. Sem geração.

§ 4.º

2—4. D. Leonor Leme, casou tres vezes : primeira com Diogo Bueno, segunda com Francisco da Fonseca Falcão, terceira com Miguel Garcia, todas sem geração.

§ 5.º

2—5. D. Luzia Leme, foi casada com... Leitão da Fonseca. Sem geração.

CAPITULO VII

1—7. Hyeronimo Pedroso, falleceu solteiro.

CAPITULO VIII, ULTIMO

1—8. D. Lucrecia Pedroso de Barros, foi casada com Antonio de Pimentel, sujeito de conhecida nobreza, pela qual teve em S. Paulo e na Bahia grandes estimações Era



natural de Portugal, mas ignoramos a sua patria. Depois de viuvo passou Antonio de Almeida para a cidade da Bahia, onde casou segunda vez e deixou filhas, dos quaes houve descendencia, que existe alli bem conhecida pela sua qualidade, e na Sé cathedral d'aquelle arcebispado se acharam memorias dos muitos conegos que n'ella tem occupado as suas cadeiras. Passou depois o mesmo Antonio de Almeida para o reino de Angola, onde falleceu em 1653. Sua primeira mulher D. Lucrecia Pedroso havia fallecido em S. Paulo em 1648, como consta do cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios, letra U, no de Valentim de Barros, em que por appenso se acham os autos de inventario de Antonio Pimentel, que do seu primeiro matrimonio teve em S. Paulo filha unica.

§ UNICO

2—1. D. Maria de Almeida Pimentel, que na matriz de S. Paulo foi baptizada aos 4 de Outubro de 1648. Esta senhora casou com o capitão-mór Thomé de Lara e Almeida, morador em Sorocaba, onde ambos falleceram. Em titulo de Taques, cap. III, § 4º, e ahi toda a sua descendencia.

---

PRIMEIRA ADDENDA A' FAMILIA RENDON

*A' paginas 147 do tomo 34 parte segunda deve-se acrescentar o seguinte :*

3—1. Pedro Taques de Almeida, que, sendo oppositor muitos annos na universidade de Coimbra, n'ella soube estabelecer um perpetuo louvor pelo merecimento da litteratura, com que se fez estimado entre os oppositores de seu tempo. Nas ostentações de 1735 obteve honorissimas informações dos vogaes ; porém, podendo mais que o merecimento proprio a respeito, ficou preterido, assim como outros muitos benemeritos oppositores que se seguiram depois d'elle, sendo Taques o mais antigo entre todos (\*O autor se estende muito nos seus elogios e nas circumstancias que houveram ; a substancia do mais é o seguinte : veiu o Dr. Taques á Lisboa ; fallou ao primeiro ministro de Estado, o cardeal la Motta, que o recebeu benignamente e lhe deu esperanças. Sendo, porém, despachado outro para a cadeira que lhe pertencia, por patrocínio de Fr. Gaspar Moscoso, representou esta injustiça ao cardeal, que, instruido da magoa da queixa que lhe assistia, assegurou-lhe que Sua Magestade lhe conferia a mercê de beca para a Bahia ; que a aceitasse, beijando a mão a Sua Magestade pela mercê. Porém Pedro Taques, que já se achava com avançados annos, reflectindo bem n'esta materia, achou que era melhor o asylo de uma religião. Assim destinou o céo, porque, no mesmo dia em que S. Ex. lhe havia segurado a mercê de beca, recebeu pelo correio uma honorissima carta do Rev. D. abbade geral de Thibaens, em que lhe offercia a illustre cogula do patriarcha S. Bento. Abraçou este acaso o Dr. Taques, e, por não faltar á politica

foi se despedir de S. Ex., que, com apparencias de sentimento, lhe quiz voltar a resolução. Immediatamente partiu para Thibaens, onde recebeu o habito, e depois de professo, e ordenado logo de presbytero, foi mandado residir no mosteiro de S. Bento da Saude da côrte de Lishoa. N'ella passou alguns annos, como sacrificio de sua obediencia, porque a sua austera e bem religiosa vida se não accommodou com o estrondo da grandeza d'aquelles claustros. Pediu e conseguiu o Rev. Dr. Pedro Taques, digo Dr. Fr. Pedro da Conceição, a mudança para Thibaens onde se lhe conferiu o pesado ministerio de pedagogo de noviços. No tempo de oppositor em Coimbra foi admittido para familiar da santa inquisição de Lisboa, na qual obteve sentença para se lhe passar a carta pelos annos de 1725 ou 26. Já n'este tempo estava religioso bento, e se duvidou n'aquelle tribunal passar-se carta de familiar a quem já estava clausurado, e devia ser esta a de commissario ou a de qualificador.)

3—2. D. Francisco Taques Rendon, que, aproveitando os estudos de grammatica latina e philosophia em S. Paulo no mesmo tempo de seu irmão Pedro Taques de Almeida, pôz em desprezo o progresso das letras por querer fazer fiel companhia a seu pai D. Francisco Matheus Rendon, que então assistia nas Minas-Geraes. Recolhido para S. Paulo, sua patria, desfructou n'ella as estimações que lhe conciliavam as qualidades, não só do sangue, mas tambem as de suas prendas, entre as quaes merecia os applausos na arte de andar a cavallo, além da bella figura que tinha. Foi destro no tirar das lanças e igualmente nas escaramuças, para cujo exercicio o convidou a naturalidade do genio, por força do qual nunca reparou em preço para deixar de possuir bons e excellentes cavallos. Trajou sempre com luzimento e acompanhado de criados escravos, mula-

tos claros, Nunca admittiu pratica de casamento, que, considerando com mais reflexão nos perigos da alma no estado de solteiro, o venceram as rogativas de sua mãe, que foi de uma vida escrupulosa e penitente. Casou, com acerto da eleição, com sua prima D. Maria de Almeida Lara, que n'aquelle tempo era uma das senhoras que na freguezia da Penha de Araçáriguama merecia os applausos de mais formosa, e dotada de grandes virtudes, a que fazia, para merecimento de pretendida, concurso grande o dote que seus pais lhe destinavam. Venceu-se D. Francisco, e, conseguida a dispensação do parentesco, casou com sua prima dita D. Maria de Almeida Lara. Sem geração.

3 - 3. D. Maria de Araujo da Ascensão, que elegendo o estado de celibato falleceu de bexigas, com avançada idade, no anno de 1762.

---

SEGUNDA ADDENDA A' FAMILIA PAES LEME

*A' pagina 7 do tomo 35 parte primeira deve-se acrescentar o seguinte :*

N. 4

D. Catharina Leme e João Rodrigues Paes, contador-mór. E teve :

D. Maria Paes, mulher de D. Antonio de Almeida, conta-lor-mór. E teve, entre outros filhos :

3.—D. Diogo de Almeida, capitão de Dio, casou com D. Leonor Coutinho, filha de D. Filippe Lobo, trinchante, e de D. Joanna, filha de D. Luiz Coutinho. E teve :

4.—D. Maria Coutinho, mulher de Rui Lourenço de Tavora, vice-rei da India, filho de Lourenço Pires de Tavora, camareiro-mór do infante D. Duarte (filho de Christovão de Tavora, mordomo-mór da infanta D. Guimar Coutinho e de D. Francisca, filha de Fernão de Sousa Camello, senhor de Rolaz) e de D. Catharina de Tavora, filha de Ruy Lourenço de Tavora, eleito vice-rei da India, e de D. Joanna da Cunha, filha de D. Jayme Ferrer, governador de Valença. E teve :

5.—Alvaro Pires de Tavora, casou com D. Maria de Lima, filha de D. Lourenço de Brito, visconde de Villa-Nova, e de sua mulher D. Luiza de Tavora. Neta paterna de Luiz de Brito, sexto visconde de Villa-Nova (bisneta de Luiz de Brito Nogueira, senhor dos morgados de Santo Estevão de Beia e de S. Lourenço de Lisboa, e D. Antonia de Castro, filha do regedor João da Silva). A viscondessa D. Leonor de Lima, filha de D. Francisco de Lima, quinto visconde, e D. Brites, filha de D. Pedro de Alcaçova, conde

da Idanha. E pela materna neta de D. Luiza de Tavora, filha de Luiz de Alcaçova Carneiro, commendador da Idanha (bisneta de D. Pedro de Alcaçova, conde da Idanha, e D. Catharina, filha de D. Diogo de Sousa, alcaide-mór de Thomar), D. Antonia de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora, etc., e D. Catharina de Tavora, etc. E teve :

6.—D. Brites de Lima, casou com Jorge Furtado de Mendonça, filho de Lopo Furtado de Mendonça e de D. Isabel de Moura. Neto paterno de Jorge Furtado de Mendonça (bisneto de Lopo Furtado de Mendonça, filho de Jorge Furtado de Mendonça, camareiro-mór do Sr. D. Jorge, e de D. Maria, filha de Nuno de Sousa, vedor da casa da rainha D. Leonor). D. Luiza da Silva, filha de Jorge Barreto, commendador de Castro-Verde, e D. Joanna da Silva, filha de Fernão de Albuquerque, senhor de Villa-Verde, dito avô. Jorge Furtado de Mendonça, casou com D. Maria Telles, filha de D. Miguel Pereira, o chita (filho de D. Alvaro Pereira e de D. Maria, filha de Francisco Pestans, juiz da balança). D. Margarida de Castilho, filha de João de Castilho e Maria de Quintanilha. Neto pela parte materna de Christovão de Almada (bisneto de Fernão Rodrigues de Almada, provedor da casa da Índia, que foi filho de Ruy Fernandes de Almada, feitor em Flandres, onde houve em Isabel Caiada) e de D. Isabel de Tavora, filha de D. Luiz de Moura, estribeiro-mór do infante D. Duarte, e de sua segunda mulher D. Brites de Tavora. Dito Christovão de Almada casou com D. Luiza de Mello, senhora de Carvalhaes, filha de André Pereira de Miranda, senhor de Carvalhaes e Verdeminho (filho de Ruy Pereira de Miranda, senhor de Carvalhaes e Verdeminho. D. Anna da Cunha). D. Filippa de Mello, filha de Ruy de Mello, commendador de Ribas, e de sua segunda mulher D. Filippa Prestrelo. E teve :

7.—Lopo Furtado de Mendonça, conde de Rio-Grande, que casou com Maria Francisca. D. Antonia de Sá, filha de Francisco Barreto, governador-geral do Brasil e governador de Pernambuco no tempo da restauração d'esta cidade, e de D. Maria Francisca de Sá, sua primeira mulher, filha de Francisco de Sá, conde de Penaguião, camareiro-mór de el-rei D. João IV, e de D. Brites de Lima, sua segunda mulher, filha de D. Luiz Lobo da Silveira (filho de D. Rodrigo Lobo e de D. Maria de Noronha, filha herdeira de Fernão da Silveira, senhor de Sartedos, e de D. Guimar de Noronha). D. Joanna de Lima, filha de D. Diogo de Lima (filho de D. Antonio de Lima e D. Maria Bocanegra). D. Maria Coutinho, filha de Martim Affonso de Sousa, senhor de Gouvêa, e D. Joanna de Tovar.

O mesmo Alvaro Pires de Tavora do mesmo n. 5 retro e D. Maria de Lima tiveram mais uma filha, que foi:

6.—D. Joanna de Lima, mulher de Alexandre de Sousa Freire, do conselho de guerra, governador de Mazagão e geral do Estado do Brasil. E teve:

7.—D. Maria de Lima, mulher de seu tio Bernardim de Tavora.

Alexandre de Sousa Freire foi filho de Luiz Freire de Sousa e D. Maria de Aiala, sua primeira mulher. Neto paterno de Alexandre de Sousa Freire e de D. Maria de Aragão, filha de Luiz Carneiro, senhor da ilha do Principe. e D. Mecia, filha de Garcia de Sousa Chichorro). D. Leonor de Athayde, filha de D. Rodrigues Manoel, senhor de Atalia, e D. Maria, filha de Nuno Fernandes de Athayde. Bisneto de João Freire (filho de Gomes Freire, senhor de Sousa, e D. Joanna, filha de João de Sousa, o Romanizlo. Pela parte materna neto de Christovão de Mello, porteiro-mór, e de D. Helena de Calatant, filha de João de



Calatant (filho de João de Calatant e D. Alonsa Soares, camareira da rainha D. Maria), D. Maria de Azevedo. Bisneto de João de Mello, porteiro-mór (filho de Christovão de Mello, alcaide-mór de Serpa, D. Francisca da Cunha, filha de Alvaro Tello Barreto). D. Ignez de Castro, filha de D. Fernando de Castro e D. Maria de Aiala, filha de D. Pedro de Castro, conde de Monsanto.

De Ruy Lourenço de Tavora e D. Maria Coutinho, n. 4 retro

Teve mais :

5.—D. Leonor Coutinho, mulher de D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira. Filho de D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, almirante da India, e de D. Maria de Athayde. Neto paterno de D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira (filho de D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, e D. Catharina, filha de Alvaro de Athayde, alcaide-mór de Alvor). D. Guimar de Vilhena, filha de D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, e D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Telles de Menezes, senhor de Unhão, mordomo-mór da rainha D. Maria, e pela parte materna neto de D. Antonio de Athayde, conde de Castanheira (filho de D. Alvaro de Athayde, senhor da Castanheira, e D. Violante de Tavora, filha de Pedro de Sousa de Seabra). D. Anna de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, senhor do Regadouro. D. Joanna da Silva, filha de D. Affonso de Vasconcellos, conde de Penela. E teve :

6.—D. Theresa de Alencastre, mulher de D. Jorge Manoel, filho de D. Hyeronimo Manoel, o Bacalhau, e de D. Maria de Mendonça. Neto paterno de D. Jorge Manoel (filho de D. Nuno Manoel e D. Leonor de Milão, filha de D. Jayme de Milão, conde de Albaida, e dito D. Nuno Manoel foi filho de Fr. João Sobrinho, bispo de Ceuta).

D. Leonor de Brito, filha de Gaspar de Brito (filho de Jorge de Brito, copeiro-mór de el-rei D. Manoel, e D. Violante, filha de Martim Vaz Pacheco). D. Branca Freire, filha de Luiz de Antas, alcaide-mór do Landroal, e D. Leonor, filha de Nuno Fernandes Freire. E pela materna neto de Manoel Telles Barreto, governador do Brasil, commendador de Aveiro (filho de Henrique Moniz Barreto, filho de Affonso Telles Barreto e Grimaneza Pereira, filha de Henrique Moniz, alcaide-mór de Silves). D. Maria de Mendonça, filha de João de Mendonça Cação e D. Filippa de Mello, filha de Vasco Fernandes de S. Paio, senhor de Villa Flôr. Dito Manoel Telles Barreto foi casado com D. Joanna da Silva filha de Pedro Barreto, commendador de Almada (filho de Jorge Barreto de Castro, commendador de Almada, e D. Joanna da Silva filha de Fernão de Albuquerque, senhor de Villa-Verde). D. Paula de Brito, filho de Nuno Martins da Mina, commendador de Panoias. D. Violante, filha de Estevão de Brito, alcaide-mór de Beia.

4.—Ruy Lourenço de Tavora e D. Maria Coutinho teve mais a

5.—Alvaro Pires de Tavora, casou com D. Maria de Lima, filha de D. Lourenço de Lima, visconde (filho de Luiz de Brito Nogueira e D. Joanna da Lima), e D. Luiza de Tavora, filha de Luiz de Alcaçova e D. Antonia de Tavora. E teve :

6.—D. Luiza de Tavora, casou com Luiz Francisco de Oliveira, morgado de Oliveira, filho de Martim Affonso de Oliveira e Miranda e de D. Helena de Alencastre. Neto paterno de Joanna Mendes de Oliveira e Miranda (filho de Martim Affonso de Oliveira e Miranda e D. Maria de Athayde). D. Brites de Vilbena, filha de Luiz Alvares de

Tavora e D. Filippa de Vilhena. E pela materna neto de D. João da Silveira (filho de D. Diogo da Silveira, conde da Sortelha, e D. Maria de Menezes). D. Margarida de Alencastre, filha de D. Luiz de Alencastre, commendador-mór de Aviz e de D. Margarida de Granada. E teve :

7.—D. Ignez, mulher de João de Saldanha e Sousa, mestre de campo, governador de Setubal, filho de Fernão de Saldanha, governador da ilha da Madeira, e de D. Ignacia de Noronha. Neto paterno de João de Saldanha, capitão-mór das naos da India, e de D. Maria de Noronha. Bisneto de Antonio de Saldanha (filho de Diogo de Saldanha e D. Maria de Bobadilha) e de D. Joanna de Mendonça, filha de Ayres de Sousa e D. Violante de Mendonça. Por sua avó bisneto de Fernão Telles, senhor de Unhão (filho de Manoel Telles, senhor de Unhão, e D. Margarida de Vilhena). D. Maria de Castro, filha de Jeronymo de Noronha e de Isabel de Castro. E pela parte materna neto de D. Manoel de Sousa e D. Leonor Zuzarte, bisneto de D. Antonio de Sousa (filho de D. Martinho de Sousa e D. Isabel Pereira) e D. Leonor de Noronha, filha de D. Fernando de Noronha e D. Margarida Corrêa. Bisneto de Christovão Zuzarte (filho de João Zuzarte e D. Leonor Pacheco) e D. Joanna de Castro, filha de Manoel Velho e D. Filippa de Castro. E teve :

8 —Antonio Luiz de Saldanha e Oliveira, casou com sua prima direita, filha de D. Diogo de Menezes.

3.—D. Diogo de Almeida e D. Leonor Coutinho.

4.—D. Maria Coutinho, mulher de Ruy Lourenço de Tavora, governador do Algarve e vice-rei da India, filho de Lourenço Pires de Tavora (filho de Christovão de Tavora e D. Francisca de Sousa). D. Catharina de Tavora, filha de

Ruy Lourenço de Tavora, vice-rei da Índia, e D. Joanna da Cunha. E teve:

5.—Alvaro Pires de Tavora, casou com D. Maria de Lima, filha de D. Lourenço de Lima, visconde, presidente do desembargo do paço, e de D. Luiza de Tavora, neta de Luiz de Brito Nogueira, visconde (filho de Luiz de Brito Nogueira e D. Antonia de Castro). D. Ignez de Lima, filha de D. Francisco de Lima, visconde, e da viscondeza D. Brites. E pela materna neta de Luiz de Alcaçova Carneiro (filho de Pedro de Alcaçova Carneiro, conde da Idanha, e D. Catharina de Sousa). D. Antonia de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora e D. Catharina de Tavora. E teve:

6.—D. Catharina de Lima, mulher de D. Antonio da Silveira e Albuquerque, filho de D. Jeronymo da Silveira e D. Brites de Albuquerque. Neto de D. Alvaro da Silveira e D. Brites Mexia, filha de Jeronymo Mexia (filho de Affonso Mexia, vedor da fazenda da Índia, e D. Brites de Almada). D. Francisca Thibáo, filha de Francisco Thibáo e D. Leonor Malarote. Neto de Jorge de Albuquerque, do conselho ultramarino em 1616, e de D. Isabel de Sousa. Bisneto de Fernão de Albuquerque, governador da Índia (filho de Estevão de Brito, commendador da ordem de Christo, e D. Guimar da Silva). D. Maria de Miranda, filha de Marcos Fernandes de Vargas e D. Ignez de Miranda. Por D. Isabel de Sousa bisneto de Pedro Lopes de Sousa, capitão de Malaca e de Ceylão (filho de Diogo Lopes de Sousa e D. Isabel de Sousa). D. Brites de Athayde, filha de D. Diogo de Athayde, capitão de Góa e Basaim, e D. Paula Pereira Antunes. Bisneto de D. Diogo da Silveira, conde da Sortelha, guarda-mór de el-rei D. Sebastião (filho de D. Luiz da Silveira, primeiro conde da Sortelha, guarda-mór de el-rei D. João III, e D. Brites de Noronha). D. Maria de Menezes,

filha de João Rodrigues de Sá, alcaide-mór do Porto, D. Camilla de Noronha. E teve :

7.—D. Alvaro da Silveira, casou com filha de D. Diogo de Menezes.

7.—D. Maria de Tavora, mulher de Christovão de Sousa Coutinho, senhor de Baião.

FIM DA NOBILIARCHIA PAULISTANA.